

Compêndio de Teologia ASCÉTICA E MÍSTICA

Como Progredir na Vida Espiritual



Pe. Adolphe Tanquerey

Nova Tradução - Edição Atualizada

COMPÊNDIO DE TEOLOGIA ASCÉTICA E MÍSTICA

Pe. Adolphe Tanquerey

NOVA TRADUÇÃO

Edição Atualizada

2016

À VIRGEM-MÃE QUE, DANDO-NOS
JESUS, DEU-NOS TUDO, E QUE NOS
CONDUZ A DEUS POR JESUS,
OFERECEMOS ESTE LIVRO COMO
PROVA DE AMOR FILIAL

APRESENTAÇÃO DO TRADUTOR

O primeiro questionamento que nos vêm à mente ao sermos apresentados a uma obra editada pela primeira vez em 1924, é a sua utilidade para os dias atuais. Questionamento claramente justificável, pois sabemos que, embora Deus seja imutável, a doutrina evolui e ganha novos contornos com o passar dos anos.

Nesse pensar, podemos afirmar: a busca pela santidade não muda, porque Deus é santo e ordenou: “*sede santos, como Eu sou santo*” (I Pe 1, 16). Porém, a forma, o método, a maneira de buscá-la, e talvez até o próprio conceito de santidade, pode mudar. Contudo, nos dias atuais, pouco, pouquíssimo se fala de buscar a santidade e muito menos de métodos e formas de alcançá-la.

Em determinada ocasião, em uma reunião de catequistas, defendemos que a vida do cristão deve estar sustentada por um tripé, e este tripé é a oração, a mortificação e a vida sacramental. Logo a seguir, uma catequista manifestou-se e perguntou: o que é mortificação? Não a culpamos, pois, afinal de contas, quantas vezes nos últimos anos ouvimos, em alguma pregação ou sermão de missa, um sacerdote falar sobre mortificação e penitência. Pior, se a palavra “ascese” for empregada, cremos que mais de 90% dos católicos não sabem o que ela significa. E porque não se fala disso nas igrejas? Duas razões: primeiro porque na maioria dos seminários o estudo da ascética e da mística foi abolido e, em segundo lugar, porque a ascese é pouco praticada. Sendo então desconhecida e não vivenciada, logicamente cai no esquecimento.

Por outro lado, vivemos em tempos de pentecostalismo. A ação do Espírito Santo é, graças a Deus, cada vez mais propagada. Manifestam-se os carismas e são, em certa medida, vivenciados os dons do Espírito Santo. Não temos dúvida de que se trata da ação de Deus vindo em socorro do seu povo. E porquê? Por que o mundo e até mesmo grande parcela da Igreja, vem perdendo a perspectiva do sobrenatural. Viemos de Deus e para Deus voltaremos. Tudo na terra é passageiro, efêmero e útil apenas na medida que contribui para aproximar-nos de Deus. O derramamento do Espírito Santo vem para corrigir essa situação. Arrancar as pessoas do pecado, dar a perspectiva do sobrenatural e da vida eterna.

Contudo, nem mesmo os que pertencem ao movimento carismático sabem que a Igreja Católica possui uma doutrina sólida, concreta, sedimentada ao longo dos séculos, que traça um caminho seguro para conduzir as pessoas à santidade. Como há pouquíssimos para ensiná-los, poucos progridem e muitos se perdem pelo caminho. As consolações e os enlevos espirituais são buscados e estão muito presentes. Não é de estranhar, pois a própria doutrina confirma que Deus muitas vezes concede tais graças aos recém-convertidos. Mas o tempo passa e em muitos a fé não cria raízes, as consolações diminuem e pouco a pouco o fervor desaparece. Vem a tibieza e, por fim, vários acabam novamente abandonando a Cristo e sua Igreja, caindo no pecado. Com alguns acontece pior: sem convicções profundas das verdades da fé, desviam-se, aderindo a outras crenças.

Já no final dos anos 80, tivemos a felicidade de conhecer uma líder da Renovação Carismática que gostava muito dos livros de São João da Cruz. Paralelamente, questionava-se porque Nossa Senhora vem se manifestando ao mundo, em diversos lugares e épocas, para dar-nos mensagens que, embora não contradigam a espiritualidade pentecostal, enfatizam muito mais a oração e a penitência do que os carismas e os dons do Espírito Santo. Por muito tempo esse questionamento também nos causou inquietação.

Porém, em 2011, participamos de uma peregrinação, durante a qual tivemos a graça de pensar do seguinte modo: se pedimos para fazer a vontade de Deus e Jesus envia sua Mãe ao mundo para que nos fale de oração, penitência e vida sacramental, é evidente que, antes de tudo, esta é a vontade de Deus a nosso respeito. A partir de então começamos a vivenciar esses conselhos e muita coisa mudou.

Veio então o contato com os livros de ascética e mística. Na realidade sempre gostamos dos livros de espiritualidade, mas, como a grande maioria dos católicos, desconhecíamos a existência de uma doutrina sólida de ascética e mística. E a conclusão que chegamos foi esta: Nossa Senhora não está apenas falando de conversão, fala também de ascética. Enquanto o Espírito Santo é derramado sobre as pessoas para arrancá-las do pecado, terem contato com o sobrenatural e orientarem suas vidas para Deus, Nossa Senhora, ao estimular a oração e a penitência, introduz o fiel na via ascética, fortalecendo-o na fé, fazendo-o progredir na vida espiritual.

Outra questão é que ao ler as biografias dos santos, constata-se que a forma como os dons do Espírito Santo neles se manifesta é sensivelmente

diferente da verificada nos ambientes pentecostais. O estudo da mística também dá luz a essa situação. O recém-convertido, que recebeu a efusão do Espírito Santo, embora nem sempre concorde, apenas iniciou sua caminhada na fé. Todas as suas inclinações naturais para o mal: orgulho, inveja, preguiça, ira, gula, luxúria, avareza, em suma, os pecados capitais e seus derivados, estão ainda nele presentes e ativos. Assim, as manifestações do Espírito Santo misturam-se a esses defeitos humanos, causando muitas vezes inúmeros problemas, o que, definitivamente, não acontece com os santos, que mortificaram suas paixões e não estão mais sob o domínio da carne. Essa situação é claramente evidenciada por São Paulo em I Coríntios 3, 1-3: “A vós, irmãos, não vos pude falar como a homens espirituais, mas como a carnis, como a criancinhas em Cristo. Eu vos dei leite a beber, e não alimento sólido que ainda não podíeis suportar. Nem ainda agora o podeis, porque ainda sois carnis. Com efeito, enquanto houver entre vós ciúmes e contendas, não será porque sois carnis e procedeis de um modo totalmente humano?” Importa frisar que São Paulo não está falando para não convertidos, para pagãos, ele fala para a comunidade carismática de Corinto; pessoas convertidas, que já tinham recebido a efusão do Espírito Santo. Seria isso diferente em nossos dias? Estamos convencidos de que não.

Mencionamos as más inclinações, os pecados capitais, mas quantas vezes nos últimos anos temos ouvido falar destes temas? Certamente pouquíssimas e, das formas de combater e mortificar essas más inclinações, menos ainda. Contudo, combatê-las e mortificá-las é essencial para que, fazendo uso do modo de expressar-se de São Paulo, transformemo-nos de homens carnis, criancinhas em Cristo, em homens espirituais que podem suportar alimento sólido.

Que dizer então das virtudes? Antes de ter contato com a Teologia Ascética e Mística jamais havíamos sequer refletido sobre as diferenças entre virtudes “infusas” e “adquiridas”. Todavia, o exercício das virtudes é outro elemento essencial no progresso espiritual, pois, afinal de contas, a maior delas, a caridade, é o vínculo da perfeição.

O que ficou dito já seria suficiente para despertar o desejo de conhecer melhor a Teologia Ascética e Mística, mas muitos outros temas importantes fazem parte do seu objeto: o progresso na oração até chegar à oração contemplativa, o exercício da presença de Deus, a conformidade com a vontade divina, os dons do Espírito Santo, os estados místicos, etc.

Em que pese esta obra estar direcionada principalmente para Sacerdotes e, sobretudo, para diretores espirituais, não temos dúvida da sua altíssima utilidade para leigos. É até mesmo imprescindível para quem deseja progredir na perfeição. Porque? Simplesmente porque um dos elementos importantes no progresso espiritual é a orientação de um diretor espiritual. Porém, aquele que começa a progredir espiritualmente, cedo enfrenta uma triste realidade: quanto mais progride, mais difícil torna-se encontrar diretores espirituais experientes. Não queremos dizer que não existam, apenas que são poucos. A menos que tenhamos a felicidade de encontrar algum, resta-nos socorrer-nos dos livros. Evidentemente não é a melhor forma, mas é a que normalmente se dispõe.

Além disso, embora tenhamos abordado a questão dos pentecostais, certamente esta obra não é proveitosa apenas para eles. É também muito útil para qualquer pessoa que se determinou a buscar a Deus e, por conseguinte, a santidade. A graça de Deus é soberana e age como, quando e onde quer. O Espírito Santo habita em cada cristão batizado e pode agir em todos, desde que haja abertura de coração. Este é o ponto central para colher frutos desta obra: a vida deve estar orientada para Deus e as coisas de Deus, e deve existir o desejo de santidade.

Pelo exposto, em que pese ter sido publicada pela primeira vez há quase um século, o conteúdo da presente obra, pela sua abrangência e finalidade, continua sendo de altíssima relevância. Destarte, esta obra do Pe. Adolphe Tanquerey, quando comparada com outras do mesmo gênero, apresenta a vantagem, em nossa modesta opinião, de ser a mais prática e didática e a menos volumosa. Além disso, são raros os livros editados em português sobre o mesmo tema e, os existentes, normalmente foram também escritos há várias décadas.

Julgamos pertinente, no entanto, fazer algumas observações. A primeira diz respeito à noção de Teologia Mística. Tanto o Pe. Tanquerey como outros autores restringem o seu objeto ao estudo do “estado místico”, ou seja, àquele a partir do qual a alma entra na via contemplativa. Não obstante, é certo que, *latu sensu*, a mística está presente na alma do cristão desde o seu batismo. Não há como excluir o aspecto sobrenatural de qualquer sacramento ou graça recebida. Assim, em sentido amplo, a mística pode ser entendida como a ação santificadora de Deus na alma do cristão, e a ascese, a resposta da alma a essa ação sobrenatural da graça, com vistas à perfeição.

A questão da graça é outro aspecto muito relevante. Quando se entra no estudo da ascese, enfatiza-se muito a questão do esforço pessoal, a tal ponto que se corre o risco de esquecer da ação preponderante da graça. É ela que nos dá a energia sobrenatural necessária para envidar os esforços que as penitências e mortificações exigem. Se a graça não nos acompanhar, a luta será muito mais árdua e infrutífera: “Sem mim, nada podeis fazer” (Jo 15, 5). Daí a importância absoluta da oração e da vida sacramental. Todo cuidado é pouco para não perder esse ponto de vista, ou seja, que a ascese é uma resposta à ação da graça e com ela anda de braços dados.

O terceiro aspecto diz respeito à divisão compartimentalizada das características dos três estágios da vida espiritual. Embora o autor advirta sobre isso, cumpre enfatizar que tais características são apenas preponderantes, pois podem manifestar-se, e de fato se manifestam, em estágios diferentes. Assim, por exemplo, os dons do Espírito Santo sobressaem-se na via unitiva dos perfeitos, mas nem por isso não se manifestam nos estágios anteriores, mesmo nos principiantes. Em sentido contrário, o combate ao pecado é o que caracteriza a via purgativa (dos principiantes) mas nem por isso deixa de existir nas posteriores. A consciência desse imbricamento das características tem efeito prático importante, pois a alma em progresso, mesmo que tenha experimentado alguma graça que é mais característica de um estágio superior, nem por isso deve apressar-se em concluir que já se encontra naquele estágio.

Pelo vasto conteúdo, pensamos que não basta uma única leitura se quisermos ter bom proveito. Sugerimos uma leitura completa e continuada para ter-se uma visão geral do assunto e, a seguir, um estudo mais aprofundado, meditando-se em poucos tópicos a cada dia. Porém, o que proporcionará maiores frutos é colocar em prática os ensinamentos. Afinal de contas, a santidade é uma realidade prática e não teórica. Além disso, se a obra for lida apenas por curiosidade, pensamos que o proveito será mínimo, ou até mesmo nulo. Corre-se até mesmo o risco de entendê-la muito pouco e inclinar-se a ridicularizá-la, considerá-la exagerada. Tenhamos presente que aqueles que vivem no espírito do mundo não compreendem as coisas espirituais. Pior, afetados pelo orgulho, por vezes pensam que entendem aquilo que, por não vivenciarem, é-lhes vedado compreender, mas nem por isso deixam de emitir opiniões, que certamente estarão equivocadas.

Com relação a atualizações, fizemos o esforço de apresentar uma nova tradução, baseada no original em francês e nas traduções em espanhol, inglês e português. Isso não significa que a obra como um todo não tenha ficado muito parecida com a da versão em português de 1948. Esse fato decorre da origem latina do idioma francês, a mesma do português, que sempre induz a traduções semelhantes e até idênticas em muitas situações. Entretanto, procuramos inovar, sempre buscando ao máximo preservar o pensamento do autor, mas utilizando uma linguagem mais conforme o nosso tempo. Além disso, as citações dos autores mais famosos, como Santo Tomás de Aquino, São João da Cruz e Santa Teresa de Jesus, entre outros, tiveram atualizadas as suas redações conforme edições mais recentes de suas obras. Ainda, com poucas exceções, foram praticamente eliminadas as citações em latim, que abundavam na versão de 1948, facilitando a leitura dos que não conhecem esse idioma.

Por fim, acrescentamos diversas notas de rodapé, que por vezes trazem alguma atualização doutrinária ou pastoral, ou algum outro comentário que entendemos relevante. Destarte, todas as notas de rodapé consideradas relevantes, e que não são simples citações, tiveram a sua numeração identificada por um asterisco (*) quando fazem parte da obra original e, pelas letras NT, quando acrescentada nesta edição. Com isso, o leitor saberá que o conteúdo de uma determinada nota contém alguma informação julgada importante. A razão dessa diferenciação é a quantidade de notas de rodapé, pois somam mais de mil.

Pensamos ter esclarecido as razões e as convicções que temos sobre a importância desta nova edição. Os que de algum modo buscam a perfeição cristã, tenham a certeza de que possuem em mãos um livro precioso, que muito pode ajudá-los nesse objetivo.

Não podemos deixar de registrar as palavras do Papa Francisco no discurso proferido no dia 4 de junho de 2016 aos participantes da Assembleia das Pontifícias Obras Missionárias (POM)^{[1]NT}, onde afirmou: **“Sem mística, a vossa missão não é nada”**. Perguntamos então a razão de tão forte afirmação. Muito se poderia dizer a respeito e sem dúvida encontraremos abundantes respostas nesta obra, mas pensamos que a razão principal é porque *a vida do cristão deve ser uma vida vivida por Cristo, com Cristo e em Cristo*, e isso é profundamente místico.

Louvados sejam os nomes de Jesus e de Maria!

Dalton César Zimmermann – tradutor.

PREFÁCIO

Como o próprio título indica, a presente obra não é um tratado completo; apenas um *compêndio* que pode servir de guia para estudos mais minuciosos e profundos. Todavia, para evitar a aridez própria dos compêndios, consideramos importante desenvolver, utilizando reflexões adequadas para fomentar a piedade, os pontos essenciais que fundamentam a vida interior, tais como: a habitação do Espírito Santo na alma; a nossa incorporação em Cristo; o papel da Virgem Maria na obra da santificação dos homens; a natureza da perfeição e a necessidade de buscá-la. Do mesmo modo, quando adentramos no estudo das *três vias*, enfatizamos aquilo que pode levar as almas à confiança, ao amor e à prática das virtudes.

Persuadidos de que o *dogma* é a base da Teologia Ascética, e de que o conhecimento do que Deus fez e continua a fazer por nós é o mais poderoso estímulo para a verdadeira devoção, tivemos o cuidado de recordar brevemente as verdades da fé sobre as quais se fundamenta a vida interior. Assim, nosso tratado é, em primeiro lugar, *doutrinal*, pois há um esforço para mostrar que a perfeição cristã é uma consequência lógica dos dogmas, principalmente do dogma central da Encarnação. Contudo, a obra é também *prática*, pois uma fé viva e esclarecida é de suma importância para estimular a realização dos esforços constantes e árduos, necessários para a mudança de nós mesmos e para o exercício das virtudes. Desse modo, já na primeira parte procuramos extrair as conclusões práticas que naturalmente decorrem das verdades reveladas, explicando os meios gerais de perfeição e incentivando os leitores a colocar em prática aquilo que leram: “*Sede cumpridores da palavra e não apenas ouvintes*” (Tg 1, 22).

A segunda parte é eminentemente *prática*. Nela, constantemente nos apoiamos nas conclusões a respeito dos dogmas, expostas na primeira, sobretudo o da nossa *incorporação em Cristo* e o da *habitação do Espírito Santo* na alma. Não se alcança a perfeita purificação da alma sem nos incorporar em Cristo, fonte de toda pureza. Por outro lado, a prática positiva das virtudes cristãs é sempre mais fácil quando habita em nós Aquele que as possui em plenitude e que ardentemente as deseja transmitir. Destarte, não se realiza plenamente a união íntima e habitual com Deus, sem que vivamos

na presença e sob a governança da Santíssima Trindade que habita em nós. Desse modo, o nosso progresso no decorrer das três grandes jornadas da vida espiritual ocorre, paralelamente, com a nossa incorporação progressiva em Jesus Cristo, e com a ação do Espírito Santo, que pouco a pouco vai tomando posse de nós.

Essa adesão progressiva e contínua ao Verbo Encarnado e ao seu divino Espírito, longe de excluir a ascese, a requer de maneira muito ativa. São Paulo, que de modo perfeito pôs em evidência a nossa incorporação em Cristo e a nossa união com Deus, nem por isso deixa de insistir na necessidade de luta contra as inclinações do homem velho, contra o mundo e demônio. Por essa razão, quando tratamos das três vias, muitas vezes falamos de *combate espiritual, de esforços enérgicos, de mortificação, de tentações, de quedas e soerguimentos*, tanto para os principiantes, como até mesmo para as almas adiantadas. Há que se atentar sempre às realidades, e, mesmo ao declarar a união íntima com Deus e a paz que a acompanha, lembrar, como o fez Santa Teresa, que o combate espiritual não termina até que a morte nos encontre.

Mas essas lutas intermináveis, essas alternâncias entre consolações e provas, não assustam as almas generosas, que estão sempre unidas a Deus, tanto na tempestade quanto na bonança.

Esse trabalho é direcionado primeiramente aos seminaristas e sacerdotes, mas esperamos que seja útil também para as *comunidades religiosas*, e até mesmo para os numerosos *leigos* que hoje cultivam a vida interior e desejam ser mais eficazes no apostolado.^[2]

A exposição dos temas concentra-se principalmente nas doutrinas *certas* ou *comumente admitidas* e pouquíssimo espaço foi dado às questões controvertidas. Na realidade, muitas e diversas são as escolas de espiritualidade. Todavia, as pessoas ponderadas dessas várias escolas não divergem nos temas verdadeiramente importantes para a direção das almas. Essa doutrina comum é a que será exposta, e planejamos apresentá-la, tanto quanto possível, em ordem lógica e psicológica. Em algumas ocasiões demonstramos certa preferência pela espiritualidade da Escola Francesa do século XVII, baseada nos ensinamentos de São Paulo e São João, e em perfeita sintonia com a doutrina clássica de Santo Tomás. No entanto, com sinceridade afirmamos que temos a mais alta consideração pelas outras escolas e muito nos valeremos das suas riquezas, colocando-as em evidência muito mais para mostrar a similitude do que a divergência.

Ao Verbo Encarnado e à sua Mãe Santíssima, sede da divina Sabedoria, devotamos humildemente este modesto trabalho, tendo-nos por felizes se, com esse amparo, pudermos contribuir para a glória da Santíssima e adorável Trindade:

Ut in omnibus honorificetur Deus per Iesum Christum.^[3]

Cumpre registrar neste momento os mais cordiais agradecimentos a todos que contribuíram para o aperfeiçoamento deste Compêndio.

Deserto d'Issy (Sena), França, festa da Imaculada Conceição da SS. Virgem, 8 de dezembro de 1924.

Adolphe Tanquerey

BIBLIOGRAFIA CRONOLÓGICA E METODOLÓGICA

Em vez de apresentar a bibliografia em ordem alfabética, pareceu-nos mais proveitoso para os leitores, fornecer uma lista que fosse ao mesmo tempo cronológica e metodológica, indicando, a partir da Idade Média, a escola a que pertencem os autores. Todavia, citamos somente os principais, ou pelo menos os que assim nos pareceram.^[4]

I – A IDADE PATRÍSTICA

Nesta idade é que se elaboraram os materiais que erguerão o edifício da ciência da espiritualidade. Já encontramos nela duas sínteses: a de Cassiano, no Ocidente, e a de São João Clímaco, no Oriente.

1º - DURANTE OS TRÊS PRIMEIROS SÉCULOS

- **São Clemente**, Epístola à Igreja de Corinto (c. 95) recomendando a união, a humildade e a obediência, P. G., I, e ed. Hemmer-Lejay;
- **Hermas**, O Pastor (140 – 155), P. G., II, 891 – 1012, expõe longamente as condições de retorno a Deus pela penitência.^[5] Ed. Hemmer-Lejay, com tradução francesa por A. Lelong, com introdução e notas;
- **Clemente de Alexandria**, *Pædagogus* (depois de 195), P. G., IX, 247 – 794, e ed. *Berolinensis*, descreve como o verdadeiro gnóstico chega à contemplação por meio da ascese;^[6]
- **São Cipriano** (200 – 258), *De habitu virginum*, *de dominicâ oratione*, *De opere et eleemoosynis*, *de bono patientiæ*, *de zelo et livore*, *de lapsis*, P. L., IV. A melhor edição é a de Hartel, Viena, 1868 – 1871.^[7]

2º - DO QUARTO AO SÉTIMO SÉCULO

A) Na Igreja do Ocidente:

- **Santo Ambrósio** (333 – 397), *De officiis ministrorum*, *De virginibus*, *De viduis*, *De virginitate*, P. L., XVI, 25 – 302, e a edição de Viena;
- **Santo Agostinho** (354 – 430), *Confissões*, *Soliloquia*, *De doctrinâ christianâ*, *Cidade de Deus*, *Epístola CCXI*, etc., P. L., XXXII, XXXIV, XLI. Das obras do Santo Doutor pode-se extrair uma teologia ascética e mística que completa e corrige Cassiano.^[8]
- **Cassiano** (360 – 435). *Instituta Cænobiorum*, *Collationes*, P. L. XLIX – L; e especialmente a edição de Viena de Petschenig, 1886 – 1888. Essas colações ou conferências resumem toda a espiritualidade monacal dos quatro primeiros séculos e nenhum dos escritores posteriores deixou de beneficiar-se delas;
- **São Leão** (Papa, 440 – 461), *Sermones*, P. L., LIV. Tão plenos de doutrina e piedade são os seus sermões sobre as festas de Nosso Senhor que a Igreja faz uso de muitos deles em seus ofícios litúrgicos;
- **São Bento** (480 – 543), *Regula*, P. L. LXVI, 215 – 932; edição crítica de Butler, 1912. Essa regra foi, desde o século VIII até o XIII, a de quase todos os monges do ocidente, e é muito recomendável pela sua discrição e facilidade em adaptar-se a todos os tempos e regiões;
- **São Gregório Magno** (540 – 604), *Expositio in librum Job*, *sive Moraliū libri XXXV*; *Liber regulæ pastoralis*;^[9] *Dialogorum libri quatuor* P. L., LXXV – LXXVII.

B) Na Igreja do Oriente;

- **Santo Atanásio** (297 – 373), *Vita S. Antonii*, na qual descreve a vida e, como consequência, a espiritualidade do patriarca dos monges e dos cenobitas, P. G., XXVIII, 838 – 976;
- **São Cirilo de Jerusalém** (315 – 386), cujas admiráveis *Catequeses* nos dão um retrato do verdadeiro cristão, P. G. XXXIII, e edição Reischl.
- **São Basílio** (330 – 379), *De Spiritu Sancto*, P. G. XXXII, onde se expõe a ação do Espírito Santo na alma regenerada; *Regulæ fusius*

tractatae, Regulæ brevius tractatae, P. G., XXX, que nos fazem conhecer a disciplina monástica do Oriente.

- **São João Crisóstomo** (344 – 407), cujas *Homilias* constituem um repertório completo de moral e ascética, P. G., XLVIII – LXIV; o seu pequeno tratado *De Sacerdotio* enaltece a excelência do sacerdócio, P. G., XLVIII;
- **São Cirilo de Alexandria** (+444), *Thesaurus de sanctâ et consubstantiali Trinitate*, P. G., LXXV, obra em que se podem estudar as relações entre a alma e a Santíssima Trindade;
- **Pseudo-Dionísio** (c. 500), *De divinis nominibus, De ecclesiasticâ hierarchiâ, De mysticâ theologiâ*, P. G., III; em sua doutrina sobre a contemplação inspiraram-se quase todos os autores posteriores;
- **São João Clímaco** (+649), *Scala Paradisi* (Escada para o céu), P. G. LXXXVIII, 632 – 1164: compêndio de ascética e mística para os monges do oriente, similar ao de Cassiano para os do ocidente;
- **São Máximo, Confessor** (580 – 662) completou e esclareceu a doutrina de Pseudo-Dionísio sobre a contemplação, relacionando-a com o Verbo Encarnado que veio ao mundo para deificar-nos; ver suas obras: *Escólios* sobre Dionísio, P. G., IV; *Libro Ascético*, P. G., XC, 912 – 956; *Mystagogía*, P. G., XCI, 657 – 717;

N. B. Não relacionamos nenhum autor do VIII ao XI, porque não agregaram nada importante ao edifício da espiritualidade.

II – A IDADE MÉDIA

Na Idade Média formaram-se as escolas que elaboraram e sintetizaram os elementos de espiritualidade dispersos pelas obras dos Santos Padres. Assim, citaremos os autores das principais escolas.

1º - A ESCOLA BENEDITINA

Na abadia de Bec, na Normandia: **Santo Anselmo** (1033 – 1109), cujas Meditações e Orações estão plenas de piedade, tanto dogmática como afetiva, P. L. CLVIII, 109–820, 85–1016; *Cur Deus homo*, P. L., CLVIII, 359–432, onde encontram-se profundas reflexões sobre a ofensa infinita que o pecado inflige a Deus e sobre o poder satisfatório de Cristo.

Na abadia de Cister: **São Bernardo** (1090 – 1153). Sua piedade afetiva e prática exerceu imensa influência sobre toda a Idade Média: *Sermones de tempore, de Santis, de diversis, in Cantica Canticorum; de Consideratione; Tr. de gradibus et humilitatis et superbiæ; Liber de diligendo Deo* P. L., CLXXX-IV.

No mosteiro de Rupertsberg, perto de Bingen: **Santa Hildegarda** (+ 1179), *Liber divinorum operum* P. L., CXCVII.^[10]

No mosteiro de Helfta, na Saxônia: **Santa Gertrudes Magna** (1256 – 1301), **Santa Matilde de Hackeborn** (+1298), e **Matilde de Magderburgo** (+1280); as Revelações, que se distinguem por uma piedade simples e afetiva, mostram uma terna devoção ao Sagrado Coração de Jesus.^[11]

No mosteiro de Alvastra, na Suécia: **Santa Brígida** (1302 – 1373), suas revelações descrevem de maneira muito viva e realista os mistérios e, especialmente, a paixão de Cristo Senhor Nosso (ed. de Roma em 1628).

No mosteiro de Castel, Alto-Palatinado: **João de Castel**, *De adhærendo Deo*, por muito tempo atribuído a Santo Alberto Magno: *De lumine increato*, 1410.^[12]

Na Itália, **São Lourenço Justiniano**, (1380 – 1455), reformador das congregações italianas e do clero secular, escreveu muitos tratados de espiritualidade prática: *De compunctione et complactu christianæ perfectionis; De vita solitariâ; De contemptu mundi; De obedientiâ; De humilitate; De perfectionis gradibus; De incendio divini amoris; De regimine prælatorum* (*Opera Omnia*, t. II, Venesa, 1751).

Na Espanha, **Garcia de Cisneros** (+ 1510), que no seu *Ejercitatorio de la vida espiritual* traça um plano de vida espiritual.

2º - A ESCOLA DE SÃO VITOR

Os principais representantes são:

Hugo (+1141), *De sacramentis christianæ fidei, De vanitate mundi, Soliloquium de arrhâ animæ, De laude caritatis, De modo orandi, De amore sponsi ad sponam, De meditando* (P. L., CLXXVI).

Ricardo (+1173), *Benjamin minor seu præparatione ad contemplationem, Benjamin major seu de gratiâ contemplationis, Expositio in Cantica Canticorum* (P. L., CXCVI);

Adão (+ 1177), *Sequentiæ* (P. L., CXCVI), o poeta dessa Escola.

Todos os três partem do simbolismo do universo, para chegarem a Deus pela contemplação.

3º - A ESCOLA DOMINICANA^[13]

Espiritualidade fundamentada na teologia dogmática e moral, que com elas forma um conjunto. Concilia a oração litúrgica e a contemplação com a ação e o apostolado.

São Domingos (1170 – 1221), fundador da Ordem dos Pregadores, escreveu as suas *Constituições* baseando-se na dos *Premonstratenses*, com a finalidade de formar pregadores sábios, que pudessem defender a religião contra os mais eruditos adversários;

Santo Alberto Magno (1206 – 1280), *Commentarii in Dionysium Areopagitam, In quatuor libros Sentent., Summa theologiæ, De sacrificio missæ*,^[14]

São Tomás de Aquino, o Doutor Angélico, (1225 – 1274) em seus diversos escritos, com excelência tratou de todas as questões importantes de ascética e mística, sobretudo na *Suma Teológica*,^[15] nos *Comentários Sobre São Paulo*, sobre o *Cântico dos Cânticos*, sobre os Evangelhos, no opúsculo *De perfectione vitæ spiritualis*, e no *Ofício do SS. Sacramento*, tão cheio de piedade doutrinal e afetiva. Esses diversos textos foram dispostos em ordem lógica por **Tomás De Vallgornera**, *Mystica theologia D. Thomæ*, Barcinone, 1665, et *Augustinæ Taurinorum*, 1889 et 1911;

São Vicente Ferrer (1346 – 1419), *De vitâ spirituali*, obra-prima, que São Vicente de Paulo lia continuamente;

Santa Catarina de Sena (1347 – 1380), *O Diálogo; Cartas*. A santa enaltece a misericórdia divina, que nos criou, santificou e manifesta-se até nos castigos, cujo fim é purificar-nos. A melhor edição das Obras completas, em italiano, é a de Girolamo Gigli, Sena, 1707;^[16]

Mestre Eckart, O.P. (+1327). Das suas obras conservam-se apenas fragmentos com os quais não é possível reconstruir sua doutrina. Muitas das suas proposições foram condenadas, depois de sua morte, por João XXII (Denzinger, nº 501 – 529);

Tauler (+1361), autor de Sermões. Sua elevada doutrina com riqueza de comparações causou grande impacto em seus contemporâneos; tradução latina de L. Súrrio, tradução francesa do Padre Noel, O. P., em 8 volumes, Tralin, Paris; edição crítica alemã de Vetter, 1910. As Instituições não foram redigidas por ele, mas contêm um resumo da sua doutrina;

Beato Henrique Suso, O. P. (+1365). Suas obras foram publicadas em alemão pelo Padre Denifle: *Die Schriften des heiligen H. Suso*, e em francês pelo Padre Thriot: *Œuvres mystiques de H. Suso*, Gabalda, Paris, 1899.

4º - A ESCOLA FRANCISCANA

Simultaneamente afetiva e especulativa, parte do amor de Jesus crucificado para conduzir-nos ao amor e à prática alegre das virtudes mortificantes, sobretudo da pobreza.

São Francisco de Assis (1181 – 1226), *Opuscula*, edição crítica de Quarracchi, 1904;

São Boaventura (1221 – 1274), além de suas obras teológicas, compôs muitos tratados ascéticos e místicos, recolhidos no volume VIII da edição de Quarracchi, em particular: *De triplici viâ* (chamado também *Incendium amoris*), *Lignum vitæ*, *Vitis mystica: o Itinerarium mentis ad Deum* e o *Breviloquium*, são consideradas obras teológicas (t. V edição de Quarracchi) e contêm excelentes ensinamentos ascéticos e místicos.

O autor desconhecido da obra *Meditationes vitæ Christi*, por muito tempo atribuída a São Boaventura, mas escrita por um de seus discípulos, teve grande influência na Idade Média, expondo de maneira afetiva os mistérios de Nosso Senhor Jesus Cristo, sobretudo os de sua Paixão;

David de Augsburg (+1271), *Formula novitiorum de exterioris, hominis reformatione, - de interioris hominis reformatione*, edição Quarracchi, 1899;

Santa Ângela de Foligno (+1309), O Livro das Visões e Instruções, traduzido por E. Hello, nova ed., Paris, Tralin, 1914; descreve

principalmente a transcendência de Deus e os tormentos de Jesus;

Santa Catarina de Bolonha (1413 – 1463) em *As Sete Armas Espirituais Contra os Inimigos da Alma*, fornece meios muito práticos para vencer as tentações.

5º - A ESCOLA MÍSTICA FLAMENGA

Fundada por:

Beato João Ruysbroeck, (1293 – 1381), obras traduzidas do flamengo pelos beneditinos da Abadia de São Paulo de Wisques; as principais são: *Le Miroir du Salut eternal*, *Le livre des sept clôtures*, ou das renúncias, *L'Ornement des nocces spirituelles*: um dos principais doutores místicos, profundo e afetivo, cuja linguagem, por vezes obscura, precisa ser interpretada.^[17]

Podemos considerar como seus discípulos os Irmãos da Vida Comum e os Cônegos Regrantes de Windeshein, monges especulativos, porém mais práticos e claros que o mestre. Entre eles estão os seguintes:

Gerard Groot (+ 1384), autor de diversos opúsculos de piedade;

Florêncio Radewijns (+ 1400), *Tractatulus devotus de extirpatione vitiorum et de acquisitione verarum virtutum*;

Gerardo de Zutphen (1367 – 1398), *De ascencionibus*; *De reformatione virium animæ*, 1493;

Gerlac Peters (1378 – 1411), cuja obra principal é o *Soliloquium*, impresso em Colônia em 1916 com o título de *Ignitum cum Deo colloquium*; tradução francesa recente por Dom E. Assemaine, com o título *Soliloque enflammé*, St. Maximimn. Sua doutrina é similar à da Imitação de Cristo;

Tomás de Kempis (1379 – 1471), autor de diversos opúsculos muito piedosos,^[18] que contêm ideias e até mesmo frases da Imitação de Cristo: *Soliloquium animæ*, *Hortulus rosarum*, *Vallis liliorum*, *Cantica*, *De elevatione mentis*, *Libellus spiritualis exercitii*, *de tribus tabernaculis*. Hoje a maior parte dos autores atribuem-lhe a paternidade da Imitação de Cristo, “é o livro mais belo que já saiu da mão de um homem, posto que o Evangelho não é obra humana”; tal opinião parece-nos provável;

João de Mombaer ou Mauburne, autor de *Rosetum exercitiorum spiritualium* (1494) onde aborda as principais questões de espiritualidade e,

em particular, dos métodos de meditação.^[19]

6º - A ESCOLA CARTUSIANA

Destacam-se seis autores principais:

Hugo de Balma (ou de **Palma**), que viveu durante a segunda metade do séc. XIII, com muita probabilidade é o autor da *Theologia mystica*, por muito tempo atribuída a São Boaventura;

Ludolfo de Saxônia ou o **Cartusiano** (1300 – 1370) compôs a Vida de Nosso Senhor, que influenciou sobremaneira a piedade cristã; é antes um livro de meditação que histórico, pleno de piedosas reflexões extraídas dos Santos Padres;

Dionísio Cartusiano, o Doutor Extático (1402 – 1471), compôs numerosos livros (44 volumes em 4º, nova edição começada em 1896 pelos Cartuxos de Montreuil-sur-mer), entre os quais, os tratados ascéticos: *De arctâ viâ salutis et contempto mundi*, *De gravitate et enormitate peccati*, *De conversione peccatoris*, *De remediis tentationum*, *Speculum conversionis*, e os tratados místicos: *De fonte lucis et semitis vitæ*, *De contemplatione*, *De discretione spiritum*, sem incluir entre estes a obra Comentários sobre São Dionísio;

João Lanspérgio (+ 1539), célebre por sua devoção ao Sagrado Coração de Jesus, sua principal obra, *Alloquium Christi ad animam fidelem*, faz lembrar a Imitação de Cristo. Os Cartuxos de Montreuil reeditaram a *Opuscula spiritualia*, de sua autoria;

L. Súrrio (1522 – 1578), aperfeiçoou a obra de A. Lipomani sobre as vidas dos santos, e publicou seis volumes *in-fólio*. *De probatis Sanctorum historiis*, onde manifesta mais piedade do que crítica histórica;

Molina Cartusiano (1560 – 1612), *Instrucción de Sacerdotes*, da qual se acham numerosas edições e traduções; *Exercícios espirituales ...*, que versa sobre a excelência e a necessidade da oração mental.

7º - FORA DESSAS ESCOLAS

Pedro d'Ailly (1350 – 1420), *De falsis prophetis* (t. I. de *Opera omnia* de Gerson), ed. Ellies du Pin, Anvers, 1706;

Gerson (1363 – 1429), abordou quase todas as questões de ascética e mística de maneira simultaneamente doutrinal e afetiva: *Le livre de la vie spirituelle de l'âme*; *Des passions de l'âme*; *Les tentations*; *La conscience scrupuleuse*; *La prière*; *La communion*; *La Montagne de la Contemplation*; *La Théologie mystique spéculative et pratique*; *La perfection du cœur*, etc. Há ainda um pequeno e precioso tratado: *De parvulis ad Christum trahendis e Considérations sur S. Joseph*. Gerson foi um dos primeiros que promoveu a devoção a São José;

W. Hilton (+1396), *Scala perfectionis*, tradução inglesa, *The Scale of Perfection*, por R. P. Guy;

Juliana de Norwich, Inglaterra (+1422), *Revelations of Divine Love* (Revelações do Amor Divino, nova edição, Londres, 1907);

Santa Catarina de Gênova (1447 – 1510): Diálogo Entre a Alma e o Corpo, o Amor-próprio, o Espírito e a Humanidade de Cristo Senhor Nosso; *Traité du Purgatoire*, muito digno de consideração, tradução de Bussière, Paris, Tralin.

III – A IDADE MODERNA

As escolas antigas continuam a aperfeiçoar a sua doutrina. Porém, surgem outras novas, que promovem uma renovação da espiritualidade sob a influência do Concílio de Trento e da Reforma Católica iniciada por ele. Desse fato, algumas vezes afloram conflitos sobre pontos acidentais, mas a base doutrinal permanece a mesma e aperfeiçoa-se pela discussão.

III.I – AS QUE CONTINUARAM A DESENVOLVER-SE

Três escolas antigas continuam se aperfeiçoando: a *beneditina*, a *dominicana* e a *franciscana*.

1º - A ESCOLA BENEDITINA

Preserva suas tradições de piedade afetiva e litúrgica, mas agrega precisões doutrinárias.

Luís de Blois (1505 – 1566), publicou inúmeros opúsculos espirituais, dos quais o principal é *Institutio Spiritualis*, uma síntese ascética e mística que encerra a substância dos outros. Além da edição de Anvers, 1632, que contém todas as obras, pode-se consultar: *Manual Vitæ Spiritualis continens Ludovici Bloisii opera spiritualia selecta*, Herder, Friburgo, 1907: Infelizmente esta edição omitiu a *Institutio Spiritualis*; a melhor tradução francesa é a dos beneditinos de São Paulo de Wisques, *Œuvres spirituelles du V. L. de Blois*, 2 vol., Mame.^[20]

João de Castaniza (+1598), *De la perfección de la vida cristiana; Institutionum divinæ pietatii libri quinque*;

D. A. Baker (1575 – 1641), compôs diversos tratados que foram resumidos por S. Cressy em um livro chamado *Sancta Sophia*, que é uma pequena obra sobre contemplação, nova edição, Londres, Burns & Oates;

Cardeal Bona (1609 – 1674), geral dos cistercienses reformados: *Manuductio ad cælum; Principia et documenta vitæ christianæ; De sacrificio missæ; De discretione spiritum*, etc. Numerosas edições, em especial a de Veneza, 1752 – 1764; extratos, Herder, Friburgo, *Opuscula ascética selecta*, 1911;

Schram (1658 – 1720), *Institutiones theologiæ mysticæ*, obra didática sobre ascética e mística, com excelentes conselhos para os diretores espirituais; nova edição, Paris, 1868;

W. B. Ullathorne (1806 – 1889), *The Endowments of Man* (Dons Concedidos ao Homem); *Groundwork of the Christian Virtudes* (Fundamento das Virtudes Cristãs); *Christian Patience* (Paciência Cristã); esta última foi traduzida em francês, e faz parte da coleção Pax (Desclée);

Dom Guéranger (1805 – 1875), restaurador da Ordem Beneditina na França, prestou um inestimável serviço às almas com a sua obra *L'Année liturgique*, da qual compôs os nove primeiros volumes. Foi concluída pelos seus discípulos e resumida no *Catbéchisme liturgique de Dom Leduc*, complementado por Dom Baudot, 1921, Mame;

Dom Vital Lheodey, Abade de N. D. Grâce, *Les Voies de l'oraison mentale*, 1908; *Le Saint Abandon*, 1909; *Directoire spirituel à l'usage des Cisterciens réformés*, 1910; obras que se destacam pela clareza, precisão e segurança doutrinal;

L'Abbesse de S.^{te} Cécile (C. Bruyère), *La vie spirituelle et l'oraison*, nova edição, 1922;

Dom Columba Marmion, *Le Christ vie de l'ame; Le Christ dans ses mystères; Le Christ idéal du moine* (Abbaye de Maredsous, e Paris, Desclée).^[21]

Hedley, *The Holy Eucharist*, tradução em francês por Roudière; *La Sainte Eucharistie; Retreat*, tradução em francês por F. Bruneau; *Retrait*, Lethielleux;

Cardeal Gasquet, *Religio Religiosi*, essência e fim da vida religiosa, Desclée, Roma, 1919;

Dom J. B. Chautard, *A Alma de Todo Apostolado*, 5ª edição, 1915;

Dom G. Morin, *L'Idéal monastique et la vie chrétienne des premiers jours*, coleção Pax.

2º - A ESCOLA DOMINICANA

Profundamente aderida à doutrina de Santo Tomás, explica e sintetiza, com clareza e método, os seus ensinamentos sobre ascese e contemplação.

Tomás de Caetano (1469 – 1534). Comentário sobre a Suma de Santo Tomás, muito preciso e profundo.

Luís de Granada (1504 – 1588). Não escreveu sobre teologia ascética, mas abordou com solidez e unção tudo o que se relaciona com a perfeição cristã: Guia de Pecadores; Tratado da Oração e da Meditação; Memorial da Vida Cristã. Estas e outras obras foram traduzidas em francês por Girard, Paris, 1667.

Beato Frei Bartolomeu dos Mártires (1514 – 1590), arcebispo de Braga, *Compendium doctrinæ spiritualis*, 1582, resumo muito substancioso da vida espiritual.

João de Santo Tomás, (1589 – 1644), Curso de Teologia, onde comenta Santo Tomás e aborda brilhantemente a respeito dos dons do Espírito Santo;

Tomás de Vallgornera, (+1665), *Mystica Theologia D. Thomæ*, Barcelona, 1662, Turín, 1890, 1911, que recolhe e classifica toda a doutrina de Santo Tomás sobre as três vias.

V. Contenson, (1641 – 1674), *Theologia Mentis et cordis*, em que, no fim de cada tema extraem-se conclusões ascéticas;

A. Massoulié, (1632 – 1706), *Traité de l'Amour de Dieu; Traité de la véritable oraison; Méditations sur les trois voies*. Surgiram novas edições: Goemare, Bruxelas; Lethielleux e Bonne Presse, Paris. O autor dedica-se em expor a doutrina de Santo Tomás contra os erros quietistas;

A. Piny, (1640 – 1709), *L'Abandon à la volonté de Dieu; L'oraison du cœur; La clef du pur amour; La présence de Dieu; Le plus parfait*, etc.; a ideia central de todos esses livros é que a perfeição consiste na conformidade com a vontade de Deus e no santo e total abandono a Deus. Edições recentes: Lethielleux, Téqui;

R. P. Rousseau, *Avis sur les divers états d'oraison*, 1710; nova edição, 1913, Lethielleux;

C. R. Billuart, *Summa S. Thomas hodiernis academiarum moribus accommodata*, 1746 – 1751;

H. Lacordaire (1802 – 1861), *Lettres à un jeune homme sur la vie chrétienne; Lettres à des jeunes gens*;

A. M. Meynard, *Traité de la vie intérieure*, pequena Suma Teológica, Ascética e Mística, segundo o espírito e os princípios de Santo Tomás, adaptada da obra de Vallgornera, Clermont-Ferrand e Paris, 1884 e 1899;

B. Froget, *De l'habitation du S. Esprit dans les âmes justes*, Lethielleux, 1900, estudo teológico muito substancioso;

M. J. Rousset, *Doctrine spirituelle*, Lethielleux, 1902, onde aborda a vida espiritual e a união com Deus, segundo a Tradição Católica e o espírito dos Santos;

Pe. Cormier, *Instruction des novices*, 1905; *Retraite ecclésiastique d'après l'Evangile et la vie des Saints*, Roma, 1903;

Pe. Gardeil, *Les dons du S. Esprit dans les Saints dominicains*, Lecoffre, 1903, e um artigo sobre a mesma matéria em *Dictionnaire de Théologie*;

Pe. E. Hugueny, *Psaumes et Cantiques du Bréviaire Romain*, Bruxelas, 1921 – 1922;

P. M. A. Janvier, *Exposition de la Morale catholique*; Conferências de Notre Dame de Paris, Lethielleux, onde versa com grande eloquência sobre moral e ascese cristãs;

R. P. Joret, *La contemplation mystique*, 1923;

Rev. Garrigou-Lagrange, *Perfection chrétienne et contemplation*, 1923.

La vie Spirituale, revista ascética e mística, fundada em 1919.

La vida sobrenatural, fundada na Espanha em 1921. ^[22]

3º - A ESCOLA FRANCISCANA

Preserva o caráter de simplicidade evangélica, pobreza alegremente suportada, e de afetuosa devoção a Jesus Menino e Jesus Crucificado.

Francisco de Osuna (1497-1540), *Abecedário Espiritual*, 1528 e ss., cujo 3º volume foi por muito tempo um guia para Santa Teresa;

São Pedro de Alcântara (+1562), um dos diretores de Santa Teresa, *La oración y meditación*, pequeno tratado sobre a oração que foi traduzido em quase todos os idiomas;

Afonso de Madrid (+1529), *L'art de servir Dieu*, publicado primeiramente em espanhol, Alcalá, 1526, e traduzido em muitos idiomas;

João de Bonilla (+1580), *Traité de al paix de l'âme*, Alcalá, 1580, Paris, 1912;

Matias Bellintani de Salo (1534 – 1611), *Pratique de l'oraison mentale*, Brescia, 1573;

João dos Anjos, *Obras Místicas*, especialmente *Los trionfos del amor de Dios*, 1590, nova edição, Madrid, 1912 – 1917.

José de Tremblay (1577 – 1638) (*l'Eminence grise*). *Introducción à la vie spirituelle par une facile méthode d'oraison*, 1626.

Maria de Agreda (1602 – 1665), *La mystique cité de Dieu*, 1670; tradução francesa por Crozet, 1696;

Ivo de Paris (+1685), *Progrés de l'amour divin*, 1642; *Miséricordes de Dieu*, 1645;

Bernardino de Paris (+1672), *L'esprit de S. François*, 1660;

Pedro de Poitiers (+1680), *Le jour mystique*, Paris, 1671;

Luís Fr. d'Argentan (1615 - 1680), *Conférences sur les Grandeurs de Dieu; Exercices du Chrétien intérieur*;

Brancati de Laurea (1612 – 1693), *De oratione christianâ*, 1687, tratado de oração e contemplação, muitas vezes citado por Bento XIV;

Bonifacius Maés (1627 – 1706), *Theologia Mystica*, 1669;

Tomás de Bérnago (+1631), *Fuoco d'amore*, Augsburg, 1681;

Ambrósio de Lombez (1708 – 1778), *Traité de la Paix intérieure*, 1757; obra clássica, muito útil para curar escrupulosos. Edições recentes;

Diego da Mãe de Deus (+1713) *Ars Mystica*, Salamanca, 1713;

Ludovico de Bess (1831 – 1910), *La science de la prière*, Roma, 1903; *La science du Pater*, 1904; *Eclaircissements sur les œuvres mystiques de S. Jean de la Croix*, 1895;

Adolphus a Denderwindeke O. M. C. (1863 – 1925). *Compendium Theologiæ asceticæ ad vitam sacerdotalem et religiosam rite instituendam*, Convento dos Capuchinhos, Hérenthals (Bélgica), 1921, obra muito documentada. No tomo II cita-se uma abundante bibliografia sobre cada questão tratada.

III.II – AS QUE SURGIRAM NA IDADE MÉDIA

Entre as escolas surgidas na Idade Média, cinco merecem destaque.

1º - A ESCOLA INACIANA

Espiritualidade ativa, enérgica, prática, que objetiva formar a vontade com vistas à santificação pessoal e ao apostolado.

Santo Inácio, (1491 - 1556), fundador da Companhia de Jesus: Os *Exercícios Espirituais*,^[23] são um método de trabalho para reformar e transformar uma alma, conformando-a com o divino modelo, Jesus Cristo. Diz o Padre Watrigant^[24], “condensa um vasto movimento de alma e de ideias, lentamente desenvolvido no curso dos séculos precedentes. Nascimento de uma profusão de vida espiritual que, desde o século XVI, amplia constantemente sua abrangência. Ao mesmo tempo, traz uma confluência de diversas correntes espirituais que perpassaram a Idade Média, e cujas origens remontam às do Cristianismo.”

Para conhecer inteiramente o seu espírito, ler também as suas Constituições e Cartas,^[25] bem como a Narração do Peregrino.^[26]

São Pedro Fabro (1506 – 1546), o *Memorial*, relato minucioso de um ano da sua vida, de junho de 1542 a julho de 1543: “uma das joias da literatura ascética”.

Álvarez de Paz, (1560 – 1620), *De vitâ spirituali ejusque perfectione*, 3 vol., in-fólio, Lyon, 1602 – 1612, tratado completo de espiritualidade para uso dos religiosos.

Suárez (1548 – 1617), *De Religione*, que encerra um tratado quase completo de espiritualidade, com tópicos sobre a oração, votos, e obediência às regras.

Léssio (1554 – 1623), *De summo bono, De perfectionibus moribusque divinis; de divinis nominibus*.

São Roberto Belarmino (1542 – 1621). *De ascensione mentis in Deum per scalas creaturarum; De æterna felicitate sanctorum; De gemitu columbæ, sive de bono lacrymarum; De septem verbis a Christo in cruce prolatis; De arte bene moriendi*.

Le Gaudier (+1622), *De perfectione vitæ spiritualis*; tratado completo de espiritualidade, 3º volumes, edição recente, 1857.

Afonso Rodríguez (+1616), *Exercícios de perfeição e virtudes cristãs*, obra excelente que, abandonando toda especulação, versa somente sobre o lado prático das virtudes: inúmeras edições.

Santo Afonso Rodríguez (+1617), Irmão da Companhia de Jesus, alçado à altíssima contemplação. Publicaram-se recentemente dois opúsculos extraídos das suas obras (Desclée, Lille): *De l'union et de la transformation de l'âme em Dieu; Explicatiôn des demandes du Pater*.

Luis de la Puente (+1624), *Guia espiritual; De la perfección del Christiano em todos los estados; Meditaciones de los misterios de la fé; Vida del Padre Baltasar Álvarez*, um dos diretores de Santa Teresa e também contemplativo.

Et. Binet (1569 – 1639), *Les atraits tout-puissants de l'amour de Jésus Christ; Le grand chef-d'œuvre de Dieu et les souveraines perfections de la S.te Vierge*.

J. B. de Saint-Jure (1588 – 1657), *De la connaissance et l'amour de Jésus Christ; Le livre des Elus ou Jésus crucifié; L'União avec N. S. Jésus Christ; L'homme spirituel*. Nestas duas últimas obras, o autor muito se aproxima da doutrina da Escola Francesa do século XVII.

Miguel Godinez (ou Wading), (1591 – 1644), *Práctica de la Teologia mística: Praxis Theologiæ mysticæ*, traduzida para o latim por Ignatio de la Reguera, nova edição, Paris Lethielleux, 1920.

Nouet, (1605 -1680), *Conduite de l'homme d'oraison dans les voies de Dieu*, 1674.

São Cláudio Colombière (+1682), *Journal de ses retraites*, nova edição Desclée, 1897, sobretudo a *Grande retraite*, onde são descritas as graças e luzes que Deus lhe comunicou nos seus exercícios de 1674.

Bourdaloue (1632 – 1704), *Sermones*, onde se expõe amplamente e com solidez a moral e a ascese cristãs; *Retraite*.

F. Guilleré (1615 – 1684), *Maximes spirituelles pour la conduite des âmes; Les Secrets de la Vie spirituelle*.^[27]

J. Galliffet, *De l'excellence de la dévotion au Cœur adorable de J. C.*, Lyon, 1733.

Petit-Didier (+1756), *Exercitia spiritualia, tertio probationis anno a Patribus Societatis obeunda*; muitas edições, em especial, Clermont, 1821. Um dos melhores comentários dos Exercícios Espirituais.

C. Judde (1661 – 1735), *Retraite de trente jours*. Comentário muito consistente dos Exercícios; numerosas edições, em especial a de Lonoir-Duparc, 1833.

A. Bellecius (1704 – 1752), *Virtutis solidæ præcipua impedimenta, subsidia et incitamenta; Medulla asceseos*.

Pe. Lallemant^[28] (+1635), *La doctrine spirituelle*, obra breve e profunda, publicada pelo Pe. Rigoleus. Mostra que através da frequente e afetuosa recordação da presença de Deus vivo em nós, pela pureza de coração e docilidade ao Espírito Santo, pode-se chegar à contemplação.

J. Surin (+1665), *Catéchisme spirituel; Les fondemenis de la vie spirituelle; La Guide spirituelle*; etc.; onde desenvolve-se a doutrina do Pe. Lallemant; mas a tradução italiana do *Catéchisme* foi posta no *Index*.

J. Crasset, *La vie de M.^{me} Hélyot*, 1683; *Considérations chrétiennes pour tous les jour de l'année*.

V. Huby,^[29] *Retraite*, 1690; *Motifs d'aimer Dieu; Motifs d'aimer Jésus Christ*.

Pe. de Cassaude (1693 – 1751), *Abandon à la divine Providence; Instructions spirituelles sur les divers états d'oraison*, obra reimpressa em 2 volumes, 1892 – 1895, Lecoffre.

Pe. Segneri, *Accord du travail et du repôs dans l'oraison*, 1680, contra os erros quietistas de Molinos.

J. P. Pinamonti (1632 – 1703), *Il direttore della perfezione Cristiana; La via del cielo* (Opere, Veneza, 1762) traduzido em francês: *Le directeur dans les voies du salut*, 1728.

Scarameli (1687 – 1752), *Direttorio ascético*, traduzido em francês por Pascal: *Guide ascétique* (Vivès); *Direttorio místico*, traduzido pelo Pe. Catoire, *Directoire mystique*, (Casterman), um dos tratados mais completos sobre mística, mas considera graus distintos de contemplação as várias formas de um mesmo grau.

J. N. Grou (1731 – 1813), *Maximes spirituelles; Méditations en forme de retraite sur l'amour de Dieu; Retraite spirituelle*, sobre o conhecimento e amor de N. S. Jesus Cristo, edição com notas do Pe. Watrigant, Lethielleux, 1920; *Manuel des âmes intérieures*; a doutrina exposta nessas obras é similar à do Pe. Lallemant.

Pe. Picot de Clorivière, restaurador da Companhia na França, *Considérations sur l'exercice de la prière*, 1862, breve exposição sobre a oração ordinária e extraordinária.

H. Ramière (1821 – 1884), cuja obra *Divinisation du chrétien* destaca um retorno às doutrinas tradicionais que fundamentam a espiritualidade.

Pe. Olivaint, *Journal de ses retraites anneulles*, 8ª edição, 1911, Téqui, Paris.

B. Valuy, *Les vertus religieuses: Les Directoire du prêtre*; nova edição, Tralin, 1913.

J. B. Terrien, *La grâce et la gloire*, 1901, Lethielleux; *La Mère de Dieu et la Mère des hommes*, Lecoffre, 1900.

R. de Maumigny, *Pratique de l'oraison mentale, ordinaire et extraordinaire*; numerosas edições, Beauchesne, Paris.

A. Poulain, *Des Grâces d'oraison*, tratado de Teologia mística, última edição com notas do Padre Bainvel, 1922.

Bucceroni, *Exercices spirituels à l'usage des prêtres, des religieux et des religieuses*; traduzido do italiano pelo Pe. Mazoyer, Lethielleux, 1916.

Ch. de Smedt, *Notre vie surnaturelle, son principe, ses facultes, les conditions de sa pleine activité*, Bruxellas, 1913.

Longhaye, *Retraite annuelle de huit jours, notes, plans, cadres, développements*, Casterman, 1920.

A. Eymieu, *Le gouvernement de soi-même*, Paris, Perrin, 1911-1921.

J. V. Bainvel, *La dévotion au Sacré-Coeur de Jésus*, doutrina, história, 4ª edição, 1917; *Le Saint Cœur de Marie*, vida íntima da SS.

Virgem, 1918; *La vie intime du catholique*, 1916.

R. Plus, *Dieu em nous; Vivre avec Dieu; Dans le Christ Jésus*, 1923. Adaptação das doutrinas fundamentais da Escola Francesa do século XVII.

Revue d'Asctique et de Mystique: publica-se trimestralmente em Tolosa, desde 1º de janeiro de 1920, sob a direção do Pe. F. de Guibert, para estudar em seus três aspectos: histórico; doutrinal e psicológico, as questões mais importantes da Ascética e Mística.

2º - A ESCOLA TERESIANA OU CARMELITANA

Espiritualidade baseada no tudo de Deus e o nada da criatura, ensina o desapego completo para chegar, se for vontade de Deus, à contemplação e à prática do apostolado pela oração, o exemplo e o sacrifício.

Santa Teresa (1515 – 1582), modelo de altíssima santidade e doutora, cuja doutrina a Igreja nos convida a estudar e praticar. Suas obras fornecem um precioso acervo sobre os estados místicos, e a mais viva e bem ordenada classificação; foram traduzidas em quase todos os idiomas.^[30]

São João da Cruz (1543 – 1591), discípulo de Santa Teresa, suas quatro obras formam um tratado completo de mística: *Subida do Monte Carmelo* mostra os estágios que devem ser percorridos para chegar à contemplação; *Noite Escura* descreve as provações passivas que a acompanham; *Chama Viva de Amor* expõe os seus maravilhosos efeitos; *Cântico Espiritual* resume, de forma lírica, a doutrina das outras obras. Suas obras também foram traduzidas em muitos idiomas.^[31]

João de Jesus Maria (1546 – 1615). *Disciplina claustralis*, 4 vol., in-fólio, onde se encontram vários tratados ascéticos, entre outros: *Via vitæ*; *Theologia mystica*, reeditada em 1911 por Herder; *Instructio novitiorum*, tradução em francês pelo Pe. Berthold Ignace de Sante Anne, Dessain, Malines, 1883; *De virorum ecclesiasticorum perfectione*, etc.

José de Jesus Maria (1562 – 1626), *Subida del alma a Dios*, Madrid, 1656.

Beata Maria da Encarnação (Madame Acarie) não deixou escritos, mas sua doutrina e virtudes foram expostas no livro de André Duval, *La vie admirable de M.^{lle} Acarie*, 1621; nova edição, 1893.

Beata Ana de São Bartolomeu (+1626), *Autobiographie*, nova edição, Bonne Presse.

Margarida Acarie, *Conduite chrétienne et religieuse selon les sentiments de la V. M. Marguerite ... par le P. J. M. Vernon*, 2ª ed., 1691.

Tomás de Jesus (1568 – 1627), *De contemplatione divinâ, libri VI, vol. II*, ed. de Colônia, 1684.

Nicolau de Jesus Maria, Bossuet considerava-o o mais sábio intérprete de São João da Cruz, *Phrasium mysticæ Theologiæ Ven. P. Joannis a Cruce ... elucidatio*, tradução francesa em *Etudes Carmélitaines*, 1911 – 1914.

Felipe da Santíssima Trindade (+1671), *Summa theologiæ mysticæ*, obra clássica que expõe com clareza e método as três vias da perfeição. Nova edição em Bruxelas e Paris, em 1874.

Antônio do Espírito Santo, *Directorium mysticum*, publicado em 1677, manual do mesmo gênero que o anterior, porém mais curto, em um só volume; nova edição, Paris, 1904.

A Teologia de Salamanca (1631 – 1679), um dos comentários mais fidedignos da Suma Teológica, esclarece muitas questões que fundamentam a espiritualidade.

Honorato de Santa Maria (1651 – 1729), *Tradition des Pères et des auteurs ecclésiastiques sur la contemplation*, obra histórica muito importante nessa matéria.

José do Espírito Santo, *Cursus theologiæ mystico-scholasticæ*, Sevilha, 1710 – 1740, em reimpressão, Beyaert, Brugues.

Elisabeth de la Trinité (1880 – 1906), *Souvenirs, Réflexions et Pensées*, Dijon e Paris, libr. S. Paul.

Santa Teresa do Menino Jesus (1873 – 1897), *História de Uma Alma*,^[32] *Lettres, Poésies*.

Desde 1911 a revista trimestral *Études Carmélitaines*, sob a direção do Pe. Marie Joseph, publica artigos interessantes sobre diversas questões ascéticas e místicas, visando melhor esclarecer a doutrina de Santa Teresa e de São João da Cruz.

3º - A ESCOLA SALESIANA

Concentra-se quase completamente no seu fundador, **São Francisco de Sales** (1567 – 1622), que teve o grande mérito de mostrar que a devoção, e até mesmo a santidade, pode ser praticada em todos os estados de vida. Humanista devoto, perfeito cavalheiro, apóstolo e diretor de almas, soube dar um enfoque amável à piedade, sem nada retirar da sua austeridade.

A Introdução à Vida Devota é, de fato, um verdadeiro tratado de ascética que introduz as almas nas vias purgativa e iluminativa; o Tratado do Amor de Deus eleva-as à via unitiva. Nesta obra o autor descreve a contemplação com ciência de teólogo e psicologia de quem a praticou. Os Verdadeiros Colóquios Espirituais são dirigidos, em especial, às Religiosas da Visitação, mas fazem muito bem a todas as almas. As suas inúmeras Cartas aplicam os princípios gerais expostos em seus livros a cada alma em particular. Nelas constatamos uma apurada psicologia, uma prudência maravilhosa, muita franqueza e simplicidade.^[33] A melhor edição de suas obras é a publicada pelas Religiosas do primeiro mosteiro de Annecy.^[34]

J. P. Camus, amigo de São Francisco de Sales, autor prolixo; é suficiente ler: *L'Esprit du B. Fr. de Sales*, 1639 – 1641; *La Charité, ou le portrait de la vraie Charité; Catéchisme spirituel*, 1642.

Santa Joana de Chantal, *Sa vie et ses œuvres*, Paris, Plon, 7 volumes, 1877 – 1893.

Madre de Chaugy, *Mémoires sur la vie et les vertus de S.^{te} Jeanne de Chantal*, Paris, Plon, 1893.

Santa Margarida Maria, *Œuvres* publicadas por Mgr. Gauthey, Poussielgue.

Pe. Tissot, *L'Art d'utiliser ses fautes d'après S. Fr. de Sales*, 3ª edição, Paris, Beauchesne, 1918; *La vie intérieure simplifiée*^[35]* (livro escrito por um Cartuxo).

Pe. Million, *Manrèze Salésien*, meditações extraídas das obras de São Francisco de Sales.

L'Abbé H. Chaumont (1838 – 1896), fundador de três sociedades salesianas, publicou, diretamente ou através de outros, certo número de opúsculos repletos da doutrina de São Francisco de Sales, para uso dos membros das três comunidades que fundou.

3º - A ESCOLA FRANCESA DO SÉCULO XVII^[36]*

A sua espiritualidade deriva dos dogmas da fé e, em especial, do dogma da Encarnação. Incorporados a Cristo pelo batismo e recebendo, a partir de então, o Espírito Santo que passa a habitar em nossa alma, devemos, em união com o Verbo Encarnado, glorificar a Deus que vive em nós e imitar as virtudes interiores de Jesus, mortificando fortemente as inclinações contrárias da carne ou do homem velho: “*hoc enim sentile in vobis quod et in Christo Jesu ... expoliantes vos veterem hominem et induentes novum,*” ou seja, deixe esse espírito estar em você como esteve em Jesus Cristo, ... libertando-se do homem velho e incorporando o novo.

A essa Escola, cujo fundador é o Cardeal de Bérulle, pertencem não somente o Oratório, mas também São Vicente de Paulo, M. Olier e São Sulpício, São João Eudes e os Eudistas, São Luis Maria Grignon de Montfort e São João Batista de la Salle, o Venerável Libermann e os Padres do Espírito Santo, de Renty, de Bernières, Boudon, Gay.

Cardeal de Bérulle (1575 – 1629), fundador do Oratório da França, (*Œuvres complètes*, publicadas pelo Padre Bourgoing, 2ª edição, Paris, 1657, outra edição, Migne, Paris, 1856); a sua principal obra é *Discours de l'Etat et des Grandeurs de Jésus*, mas é necessário ler os seus opúsculos para inteirar-se completamente de sua doutrina. Foi o apóstolo do Verbo Encarnado, ao qual devemos unir-nos, fazendo-o viver em nós com as suas virtudes e desprendendo-nos das criaturas e de nós mesmos.

C. de Condren (1588 – 1641), *Œuvres complètes*, publicadas depois da sua morte, primeiro em 1668, depois em 1857 por Abbé Pin, especialmente, *L'Idée du sacerdoce et du sacrifice e Lettres*. É um complemento de Bérulle no que se refere a doutrina do sacerdócio e do sacrifício: Jesus Cristo, constituído único adorador do Pai, oferece-lhe pelo seu aniquilamento um sacrifício digno do Criador, ao qual nos unimos, aniquilando-nos com Ele.

F. Bourgoing (1585 – 1662), *Vérites et excellences de Jésus-Christ ... disposées en méditations*; 3ª edição, pelo Padre Ingold, Paris, Téqui, 1892.

São Vicente de Paulo (1576 – 1660), fundador dos Sacerdotes da Missão (Lazaristas) e das Irmãs da Caridade: *Correspondance, Entretiens, Documents*, edição publicada e anotada pelo Pe. Coste, 1920 e seg. Discípulo de Bérulle, todavia original, pois tornou-se mestre, com uma prudência e sagacidade que o elevaram à categoria de gênio.^[32]

Jean-Jacques Olier (1608 – 1657), fundador da Companhia de São Sulpício: “Somente ele nos apresenta a doutrina comum (da Escola Francesa) em toda a extensão dos seus princípios e aplicações.”^[38] Além de numerosos manuscritos, deixou-nos: *Catéchisme Chrétien pour la vie intérieure*, onde mostra como, pela prática das virtudes mortificantes, chega-se à união íntima e habitual com Jesus; *l’Introduction à la vie et aux vertus chrétiennes*, onde explica em minúcias as virtudes que aperfeiçoam essa união; *Journée chrétienne*, série de considerações para exercitarmos aquela união em todos os atos e circunstâncias da vida; *Traité des Ss. Ordres*, para preparar o seminarista para ser o religioso de Deus, pela sua transformação em Jesus, Sumo Sacerdote, sacrificador e vítima; as Cartas (*Lettres*) completam essa doutrina, aplicando-a à direção das almas; *Pietas Seminarii S. Sulpitii* oferece uma síntese de todas as devoções sulpicianas. Para compreender com proveito o que se pode extrair dos dogmas sob o aspecto da piedade, ler *Esprit de M. Olier*, que resume seus manuscritos, do qual M. G. Letourneau traz um pequeno resumo, com o título: *Pensées choisies de M. Olier*, Gabalda, 2ª Edição, 1922.^[39]

J. Blando (1617 – 1657), *L’enfance chrétienne*, que é uma participação do espírito e da graça do divino Menino Jesus, Verbo Encarnado; edição recentes, Lethielleux.

A. de Bretonvillieres (1620 – 1676), *L’Esprit d’un directeur des âmes*, obra extraída das práticas espirituais e da vida de M. Olier; *Journal spirituel*, manuscrito em 3 volumes.

Ch. de Lantages, *Catéchisme de la foi et des mœurs chrétiennes; Instructions ecclésiastiques* sobre a dignidade e santidade do estado clerical, 1762; *Œuvres complètes*, publicadas por Migne, 1857.

E. Tronson (1622 – 1700), *Forma cleri, secundum exemplar quod Ecclesiæ, Sanctisque Patribus a Christo Domino Summo Sacerdote monstratum est*, 1727, 1770, etc.; *Examens particuliers sur divers sujets propres aux ecclésiastiques et à toutes la pernonnes que veulent s’avancer dans la perfection*, obra esboçada por M. Olier e M. de Pousseé, e completada por L. Tronson; uma das mais práticas de espiritualidade, traduzida em italiano, latim e inglês; as últimas edições foram revistas e corrigidas por L. Branchereau; vários tratados sobre a obediência e a humildade; *Manuel du Séminariste*; *Esprit de M. Olier*, manuscrito, completado por M. Goubin, 2 vol., litografados em 1896. *Œuvres complètes* foram editadas por Migne, 2 vol., 1857.

J. Planat, *Schola Christi: purgativa seu exspoliatio veteris hominis, illuminativa seu novi hominis renovatio, perfectiva seu christiformitas, unitiva seu deiformitas*.

J. de la Chétardye (1636 – 1714), *Retraite pour les Ordinands*, 1709; *Entretiens ecclésiastiques*, 1711; *Œuvres complète*, 2 volumes, edição de Migne.

J. B. la Sausse (1740 – 1826). *Cours de méditations ecclésiastiques; Vie sacerdotale e pastorale; La dévotion aux mystères de Jésus et de Marie*; traduziu em francês a *Schola Christi* de J. Planat.

J. A. Emery (1732 – 1811), *L'Esprit de Sante Thérèse*, 1775, *Œuvres*, editadas por Migne, 1857.

J. B. M David (1761 – 1841), *The true piety* (A verdadeira piedade); *A spiritual retreat of eight days* (Um retiro espiritual de oito dias), obra editada por M. J. Spalding, Louisville, 1864.

J. Vernet, *Népotien* ou o aluno do santuário, 1837.

A. J. M. Hamon (1795 – 1874), *Méditations à l'usage du Clergé et des Fidèles*, 1872, muitas vezes reimpressa, Paris, Gabalda.

G. Renaudet (1794 – 1880), *Le mois de Marie à l'usage des Séminaires*, 1833; numerosas edições, Paris, Letouzey; *Sujets d'oraison a l'usage des prêtres*, 1874 e 1881.

N. L. Bacuez (1820 – 1892), *S. François de Sales modèle et guide du prêtre*, 1861; *Du sait office ... au point de vue de la piété*, Paris, 1867; última edição, revisada e completada por M. Vigourel; *Du divin sacrifice et du prêtre quei le célèbre*, 1888 e 1895.

H. J. Icard (1805 – 1893), *Vie intériure de la T. S. Vierge*, obra extraída dos escritos de M. Olier, 1875 e 1880; *Doctrine de M. Olier*, explicada pela sua vida e pelos seus escritos, 1889 e 1891, Paris, Lecoffre; *Traditions de la Cie de S. Sulpice*.

M. J. Ripert. *La Mystique divine distinguée des contrefaçons diaboliques et des analogies humaines*, Paris, Poussielgue, 1879; *L'Ascétique chrétienne*, 3ª edição, 1902, *Les Vertus et les Dons dans la Vie chrétienne*, 1901.

J. M. Guilhemon, *La Vie chrétienne*, 1894.

J. Guilbert, *Contribution à l'éducation des cleres*, Beauchesne, 1914.

Ch. Sauvé, *Dieu intime; Jésus intime; L'Anje intime; L'homme intime*, etc.; considerações dogmáticas sobre os nossos dogmas, com

numerosos textos dos melhores autores; *Etats mystiques*.

J. Mauviel, *Traité de Théologie ascétique et mystique*,^[40] 1912.

C. Belmon, *Manuel du Séminariste soldat*, Paris, Roger, 1904.

L. Garriguet, *La Vierge Marie*, 1916, *Le Sacré-Cœur de Jésus*, 1920, Paris, Bloud: estudo histórico e doutrinal.

V. Many, *La Vraie Vie*, Gabalda, 1922.

São João Eudes (1601 – 1680), discípulo de Bérulle e de Condren, fundador da Congregação de Jesus e de Maria (Eudistas) e da Ordem de Nossa Senhora da Caridade, assimilou perfeitamente a espiritualidade beruliana, expondo-a de modo claro, popular e prático. Soube estabelecer tão bem o elo entre as virtudes interiores e as devoções aos Sagrados Corações de Jesus e de Maria, que na bula de sua beatificação é chamado pai, doutor e apóstolo da devoção a esses Sagrados Corações. De suas obras reeditadas em 12 volumes, Paris, 1905, as principais são: *La vie et le royaume de Jésus dans les âmes chrétiennes*, onde explica que a vida cristã é a vida de Jesus em nós e como podemos fazer todas as obras em Jesus e por Jesus; *Le contrat de l'homme avec Dieu par le saint baptême*; *Le Cœur admirable de la mère de Dieu*, cujo livro XII aborda a devoção ao Coração de Jesus e é sua principal obra. *Le Mémorial de la vie ecclésiastique*; *Règles et Constitutions de la Congrégation de Jésus et Marie*; as Regras são compostas de textos bíblicos logicamente agrupados, e as Constituições são o seu comentário prático.

Pe. Le Doré, *Le Padre Eudes, premier Apôtre des SS. Cœurs de Jésus et de Marie*, 1870; *Les sacrés Cœurs et le Vén. J. Eudes*, 1899; *La dévotion au Sacré-Cœur et le V. J. Eudes*, 1892.

Pe. Boulay, *Vie du Vén. J. Eudes*, 4 em 8º, 1905, onde encontramos também uma síntese de sua espiritualidade.

Ch. Lebrun, *La dévotion au Cœur de Marie*, estudo histórico e doutrinal, Lithielleux, 1917.

P. E. Lamballe, *La Contemplation o Principes de Théologie Mystique*, Tequi, 1922.

São Luiz Grignon de Montfort (1673 -1716), fundador dos Missionários da Companhia de Maria e das Filhas da Sabedoria, foi iniciado na espiritualidade beruliana no Seminário de São Sulpício, expondo-a de forma clara e popular nas obras: *Tratado da Verdadeira Devoção à Santíssima Virgem*; *O Segredo de Maria*; e na *Carta Circular aos Amigos da Cruz*; muitas edições, inclusive em Português.

Pe. Lhoumeau, *La vie spirituelle à l'école du B. Grignon* Paris, 1913.

São João Batista de la Salle (1651 - 1719), fundador dos irmãos das Escolas Cristãs, formado em São Sulpício, adotou a espiritualidade beruliana no Instituto dos Irmãos. As suas principais obras são: *Les Règles et Constitutions*; *Méditations pour les dimanches et fêtes*; *Méditations pour le temps de la retraite*; *L'Explication de la méthode d'oraison*; *Recueil de petits traités à l'usage des Frères*.

V. F. M. – Pe. Libermann (1803 – 1852), fundador da Congregação do Sagrado Coração de Maria que um pouco depois foi unida à Sociedade do Espírito Santo. Formado no Seminário de São Sulpício, retratou a espiritualidade beruliana nos seus escritos sobre oração, oração afetiva, vida interior, santa virtude da humildade, e sobretudo nas suas Cartas, das quais foram publicados três volumes, Poussielgue.

Também podemos considerar pertencentes a essa escola outros quatro autores célebres:

M. de Renty (+ 1649), cuja doutrina se encontra na biografia escrita pelo *Padre de Saint Jure*, 1652.

João de Bernières (1602 – 1659), *Le Chrétien intérieur*, e outras obras publicadas depois de sua morte em 1659. A tradução italiana foi colocada no *Index* em razão de certas tendências quietistas.

Venerável Boudon, arcebispo d'Evreux (1624 – 1702), *Le Règne de Dieu em l'oraison mentale*, e outras obras de piedade reimpressas, por Migne, 1856.

Mgr. Gay (1816 – 1892), formado também em São Sulpício, escreveu várias obras repletas tanto da doutrina sulpiciano como salesiana. As principais são: *De la vie et des vertus chrétiennes*; *Conférences aux Mères chrétiennes*, traduzido para o espanhol; *Elévations sur la vie et la doctrine de N. S. Jésus-Christ*; *Lettres de direction*: numerosas edições, Oudin e Mame.

5º - A ESCOLA LIGORIANA

Distingue-se pela piedade simples, afetiva e prática, baseada no amor de Deus e do Redentor. Aconselha, como meios para alcançar esse fim, a oração e a mortificação.

Santo Afonso de Liguori (1696 – 1787) é um dos escritores mais fecundos. Além de obras de dogmática e moral, escreveu tratados ascéticos sobre quase todos os assuntos. Sobre a perfeição em geral: *Les maximes éternelles*; *La voie du salut*; *Pratique de l'Amour envers Jésus-Christ*; *Réflexions sur la Passion*; *Les Gloires de Marie*; *Visites au S. Sacrement*; *Manière de converser familièrement avec Dieu*; *Le grand moyen de la prière*. Sobre a perfeição dos religiosos: *La véritable épouse du Christ, ou la Religieuse sanctifiée* (tratado ascético). Sobre a perfeição sacerdotal: *Selva*, ou compilação de temas para um retiro eclesiástico; *Du sacrifice de Jésus-Christ*.

Essas obras foram publicadas muitas vezes em italiano, em Nápoles, 1840; em francês pelos Padres Dujardin e Jules Jacques, Ratisbona, 1869; em inglês pelo Padre Grimm, Baltimore, 1887; também em português.

Pe. Desurmont, Provincial dos Redentoristas, *La Charité sacerdotale*, ou ensinos elementares de teologia pastoral, Paris, 1899, 1901, *Le Credo et la Providence*; *La vie vraiment chrétienne*, etc. Paris, II, rue Servandoni.

Pe. Saint-Omer, *Pratique de la perfection d'après S. Alphonse*, Tournai, 1896.

P. J. Dosda, *L'Union avec Dieu, ses commencements, ses progrès, as perfection*, 1912.

Jos. Schryversm, *Les Principes de la vie spirituelle*, Bruxelas, 1913, 1922; *Le Don de soi*; *Le Divin ami*, considerações para retiros, 1923.

F. Bouchage, *Pratique des vertus*; *Introduction à la vie sacerdotale*; *Catéchisme ascétique et pastoral des jeunes cleres*, 1916, Beauchesne.

6º - FORA DESSAS ESCOLAS

L. Scupoli (1530 – 1610), *O Combate Espiritual*, São Francisco de Sales o considerava um dos melhores tratados de espiritualidade. Traduzido também para o português.

Beata Maria da Encarnação (1599 – 1672), *Autobiographie*, da obra de D Claude, *La vie de la V. M. Marie de l'Incarnation*, 1677, extraída de suas cartas e escritos; *Lettres de la Vén M. Marie...* 1681; *Méditations et retraits ... avec une exposition succinte du Cantique des Cantiques*.

Bossuet (1627 – 1704), além das obras de crítica ao quietismo e dos *Sermons*, que poderia servir para compor um tratado ascético, publicou muitos valiosos tratados e opúsculos. Entre eles: *Instruction sur les états d'oraison*, sobre princípios comuns da oração cristã, obra inédita publicada por E. Levesque, Paris, 1897; *Les Elévations sur les Mystères*; *Méditations sur l'Evangile*; *Tr. de al Concupiscense*; opúsculos sobre o total abandono a Deus (*l'Abandon*), a oração de simplicidade, etc., reunidos na obra *Doctrine spirituelle de Bossuet*, extraída das suas obras. Téqui, 1908.

Fénelon (1651 – 1715), além de *Maximes des Saints* e da sua polêmica na questão do quietismo, escreveu vários opúsculos de piedade, reunidos no t. XVIII das suas Obras, ed. Lebel, 1823. Várias das suas Cartas de direção (*Lettres de direction*) foram publicadas por M. Cognac, 1902. Um resumo da sua espiritualidade foi publicado por Druon: *Doctrine spirituelle de Fénelon, extraite de seu œuvres*, Lethielleux.

Courbon, *Instructions familières sur l'oraison mentale*, Paris, 1685, 1871.

Eusébio Amort (1692 – 1755), *De revelationibus ... Regulæ tutæ*, obra erudita, mas um pouco confusa.

Bento XIV (P. Lambertini), (1675 – 1758), *De servorum Dei beatificatione et beatorum canonizatione*, Veneza, 1788, que regula o processo a ser seguido para reconhecer as virtudes heroicas, os milagres e as revelações dos santos.

J. H. Newman (1801 – 1890), além dos seus Sermões que contêm muitas excelentes considerações sobre a vida cristã, e a sua “Resposta a Pussey” sobre o culto à SS. Virgem, inserida nas *Difficulties of Anglicans* (Dificuldades dos Anglicanos), deixou um livro de piedade, publicado em 1895, com o título *Meditations and devotions*, traduzido para o francês por Pératé: *Méditations et prières*, Bloud.

H. E. Manning (1808 – 1892), *The internal mission of the Holy Ghost* (estudo sobre a graça e os dons do Espírito Santo); *The glories of the Sacred Heart*, tradução em francês: *Les glories du Sacré-Cœur* (Cattier); *The Eternal Priesthood*, tradução em francês: *Le sacerdoce eternal* (Aubanel e Casterman); *Sin and its consequence*, tradução em francês: *Le Péché et ses conséquences* (Aubanel).

F. W. Faber (1814 – 1863), escreveu muitos tratados de piedade, que se destacam pela sua unção e apurada psicologia: *All for Jesus*; *Bethlehem*; *The Blessed Sacrament*; *The precious blood*; *The foot of the*

Cross; Creator and Creature; Growth in holiness; Spiritual conferences. Traduções em francês: *Tout pour Jésus; Bethléhem* (o mistério da encarnação); *Le Saint Sacrement; Les Précieux Sang; Le pied de la Croix; Créateur et créatures; Le Progrès de l'âme*, que resume sua espiritualidade; Paris, Téqui.

Reverendo A. Devine, *A Manual of Ascetical Theology*. Londres, 1902; *A Manual of Mystical Theology*, 1903; tradução em francês por C. Maillet: *Manuel de Théologie Ascétique; Manuel de Théologie Mystique*, Aubanel, Avignon.

J. Card. Gibbons, *The Ambassador of Christ*, Baltimore, 1896, trad. em francês por G. André: *L'Amabassadeur du Christ*, Lethielleux.

L. Beaudenom (1840 – 1916), *Pratique progressive de al confesion et de la direction; Les Sources de la Piété; Formation à l'humilité; Formation religieuse et morale de la jeune fille; Méditaios affectives*, (Librairie S. Paul, Paris).

A. Saudreau, *Les degrés de la vie spirituelle*, 5ª ed., 1920; *La voie que mène à Dieu, La vie d'union à Dieu*, 3ª ed. 1921; *L'État mystique, sa nature, ses phases et les faits extraordinaires de la vie spirituelle*, 2ª ed. 1921.

Mgr. Lejeune, *Manuel de théologie mystique*, 1897; *Introduction a la vie mystique*, 1899; *L'oraison rendue facile*, 1904; *Vers la ferveur* (Lethielleux).

Mgr. Waffelaert, *Meditations théologiques*, 1919, Bruges, Paris, Lethielleux; *L'Union de l'âme aimante avec Dieu; La Colombe spirituelle*, ou as três vias do caminho da perfeição, 1919, Desclée.

Cardeal Mercier, *A mes Séminaristes; La vie intérieure, appel aux âmes sacerdotales*, 1919, Bruxelas e Paris, Beauchesne.

Mgr. Gouraud, *Directoire de vie sacerdotale*.

Mgr. Lelong, *Le Saint Prêtre*, conferências sobre as virtudes sacerdotais, 1901, *Le Bon Pasteur*, sobre as obrigações do cargo pastoral, 1893, Téqui.

Beato Antônio Chevrier, *Le prêtre selon l'Evangile ou le Véritable disciple de N. S. Jésus-Christ*, Lyon, Paris (Vitte) 1922.

Mgr. A. Farges, *Les Phénomènes mystiques distingués de leurs contrefaçons humaines et diaboliques*, Paris, Bonne Presse, 1920; *Réponses aux Controverses de la Presse*, 1922.

Mgr. Landrieux, bispo de Dijon, *Sur les pas de S. Jean de la Croix dans le désert et dans la nuit; Le divin Méconnu ou les dons du Saint Esprit.*

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO DO TRADUTOR

PREFÁCIO

BIBLIOGRAFIA CRONOLÓGICA E METODOLÓGICA

I – A IDADE PATRÍSTICA

1º - DURANTE OS TRÊS
PRIMEIROS SÉCULOS

2º - DO QUARTO AO
SÉTIMO SÉCULO

II – A IDADE MÉDIA

1º - A ESCOLA
BENEDITINA

2º - A ESCOLA DE SÃO
VITOR

3º - A ESCOLA
DOMINICANA

4º - A ESCOLA
FRANCISCANA

5º - A ESCOLA MÍSTICA
FLAMENGA

6º - A ESCOLA
CARTUSIANA

7º - FORA DESSAS
ESCOLAS

III – A IDADE MODERNA

III.I – AS QUE
CONTINUARAM A
DESENVOLVER-SE

1º - A ESCOLA
BENEDITINA

2º - A ESCOLA
DOMINICANA

3º - A ESCOLA
FRANCISCANA

III.II – AS QUE SURGIRAM
NA IDADE MÉDIA

1º - A ESCOLA
INACIANA

2º - A ESCOLA
TERESIANA OU

CARMELITANA

3º - A ESCOLA
SALESIANA

3º - A ESCOLA
FRANCESA DO SÉCULO

XVII*
5º - A ESCOLA
LIGORIANA
6º - FORA DESSAS
ESCOLAS

INTRODUÇÃO

I - O OBJETO PRÓPRIO DA TEOLOGIA ASCÉTICA E MÍSTICA É A PERFEIÇÃO DA VIDA CRISTÃ

II. NATUREZA DA TEOLOGIA ASCÉTICA

II.I - SEUS DIFERENTES NOMES

II.II – SEU LUGAR NA TEOLOGIA

II.III – SUAS RELAÇÕES COM O DOGMA E A MORAL

II.IV – DIFERENÇA ENTRE ASCÉTICA E MÍSTICA

III – FONTES DA TEOLOGIA ASCÉTICA E MÍSTICA

III.I – A SAGRADA ESCRITURA

III.II - A TRADIÇÃO

III.III – A RAZÃO ILUMINADA PELA FÉ E PELA EXPERIÊNCIA

IV – O MÉTODO A SER SEGUIDO

V – EXCELÊNCIA E NECESSIDADE DA TEOLOGIA ASCÉTICA

V.I - EXCELÊNCIA DA TEOLOGIA ASCÉTICA

V.II – NECESSIDADE DA TEOLOGIA ASCÉTICA

V.II.I – Necessidade da Teologia Ascética Para o Sacerdote.

V.II.II – Utilidade da Teologia Ascética Para os Leigos

V.II.III - Maneira de Estudar Esta Ciência

VI - DIVISÃO DA TEOLOGIA ASCÉTICA E MÍSTICA

VI.I – DIVERSOS PLANOS ADOTADOS PELOS AUTORES

VI.II - O NOSSO PLANO

PRIMEIRA PARTE – OS PRINCÍPIOS

CAPÍTULO I - ORIGENS DA VIDA SOBRENATURAL

Art. I – A VIDA NATURAL DO HOMEM

Art. II – ELEVAÇÃO DO HOMEM AO ESTADO SOBRENATURAL

II.I – NOÇÃO DO SOBRENATURAL.

II.II – DONS PRETERNATURAIS CONFERIDOS A ADÃO

II.III – PRIVILÉGIOS SOBRENATURAIS

Art. III – A QUEDA E O CASTIGO

III. I – A QUEDA

III.II – O CASTIGO

Art. IV – A REDENÇÃO E SEUS EFEITOS

IV.I – SUA NATUREZA

IV.II – EFEITOS DA REDENÇÃO

CAPÍTULO II – NATUREZA DA VIDA CRISTÃ

Art. I – FUNÇÃO DE DEUS NA VIDA CRISTÃ

I.I – FUNÇÃO DA SANTÍSSIMA TRINDADE

I.I.I - A Habitação do Espírito Santo na Alma

I.I.I.I - Como as Divinas Pessoas habitam em nós

I.I.I.II - Deveres para com a SS. Trindade que habita em nós

I.II – O ORGANISMO DA VIDA CRISTÃ

I.II.I – A Graça Habitual

I.II.I.I - Definição

I.II.I.II - União entre a nossa alma e Deus

I.II.II - Virtudes e Dons ou Faculdades da Ordem Sobrenatural

I.II.II.I - Existência e natureza

I.II.II.II - As virtudes infusas

I.II.II.III - Os dons do Espírito Santo

I.II.III – A Graça Atual

I.III – FUNÇÃO DE JESUS NA VIDA CRISTÃ

I.III.I – Jesus Causa Meritória da Vida Espiritual

I.III.II – Jesus Causa Exemplar da Nossa Vida.

I.III.III - Jesus Cabeça do Corpo Místico ou Fonte da Vida.

I.IV - FUNÇÃO DA SS. VIRGEM, DOS SANTOS E ANJOS NA VIDA CRISTÃ

I.IV.I – Função de Maria na Vida Cristã

I.IV.II – Função dos Santos na Vida Cristã

I.IV.III – Função dos Anjos na Vida Cristã

Art. II – FUNÇÃO DO HOMEM NA VIDA CRISTÃ

II.I – LUTA CONTRA OS INIMIGOS ESPIRITUAIS

II.I.I – Luta Contra a Concupiscência

II.I.I.I – Concupiscência da carne

II.I.I.II - Concupiscência dos olhos (curiosidade e avareza)

II.I.I.III – Soberba da vida

II.I.II – Luta Contra o Mundo.

II.I.III – Luta Contra o

Demônio

II.II – CRESCIMENTO DA VIDA ESPIRITUAL PELO MÉRITO

II.II.I – Natureza do Mérito

II.II.I.I - O que é o mérito

II.II.I.II - Como os atos meritórios aumentam a graça e a glória

II.II.II – Condições Que Aumentam o Nosso Mérito.

II.II.II.I - Condições advindas do próprio sujeito.

II.II.II.II - Condições do objeto ou do ato em si mesmo.

II.III – CRESCIMENTO ESPIRITUAL PELOS SACRAMENTOS

II.III.I - A Graça Sacramental

II.III.II - Disposições Exigidas Para Bem Receber os Sacramentos

II.III.III - Disposições Para o Sacramento da Penitência.

II.III.III.I - Da confissão

II.III.III.II – Da contrição

II.III.IV - Disposições Para o Sacramento da Eucaristia.

II.III.IV.I - Do sacrifício da Missa como meio de santificação

II.III.IV.II – Da Comunhão como meio de santificação

CAPÍTULO III – PERFEIÇÃO DA VIDA CRISTÃ

Art. I – FALSAS NOÇÕES DE PERFEIÇÃO

Art. II – A VERDADEIRA NOÇÃO DE PERFEIÇÃO

II.I - A CARIDADE É A ESSÊNCIA DA PERFEIÇÃO

II.I.I - Provas da Tese

II.II - A CARIDADE NA TERRA SUPÕE O SACRIFÍCIO

II.III - AMOR E SACRIFÍCIO: FUNÇÕES NA VIDA CRISTÃ

II.IV - A PERFEIÇÃO CONSISTE NOS PRECEITOS
OU NOS CONSELHOS?

II.V – OS DIVERSOS GRAUS DE PERFEIÇÃO

II.V.I – Os Principais Graus de
Perfeição

II.V.II – Os Limites da
Perfeição na Terra.

CAPÍTULO IV – OBRIGAÇÃO DE TENDER À PERFEIÇÃO

Art. I – OBRIGAÇÃO DOS CRISTÃOS EM GERAL

I.I - A OBRIGAÇÃO PROPRIAMENTE DITA

I.I.I – Argumento de
Autoridade

I.I.II – Argumento de Razão

I.II – RAZÕES QUE TORNAM ESSE DEVER MAIS
FÁCIL

Art. II – OBRIGAÇÃO DOS RELIGIOSOS

II.I – DEVER DERIVADO DOS VOTOS

II.II – DEVER DERIVADO DAS CONSTITUIÇÕES E
REGRAS

Art. III – OBRIGAÇÃO DOS SACERDOTES

III.I – A DOUTRINA DE JESUS CRISTO E DE SÃO
PAULO

III.II – AUTORIDADE DO PONTIFICAL

III.III - AS FUNÇÕES SACERDOTAIS EXIGEM A
SANTIDADE

III.III.I – O Sacerdote,
Religioso de Deus, Deve Ser
Santo

III.III.II - O Sacerdote Não
Tem Sucesso em Salvar Almas se
Não Busca a Santidade Pessoal.

CAPÍTULO V – MEIOS GERAIS DE PERFEIÇÃO

Art. I – MEIOS INTERIORES DE PERFEIÇÃO

I.I – O DESEJO DE PERFEIÇÃO

I.I.I – Natureza Desse Desejo

I.I.II – Sua Necessidade e
Eficácia

I.I.III – O Desejo de Perfeição
Requer Qualidades

I.I.IV – Meios de Estímulo ao
Desejo de Perfeição

I.II – O CONHECIMENTO DE DEUS E DE NÓS
MESMOS

I.II.I – O Conhecimento de
Deus

I.II.I.I – O que devemos
saber sobre Deus

I.II.I.II – Meios para
adquirir o conhecimento de
Deus

I.II.II – O Conhecimento de Nós Mesmos

I.II.II.I – Necessidade do autoconhecimento

I.II.II.II – Objeto do autoconhecimento

I.II.II.III – Meios capazes de proporcionar esse conhecimento

I.III – CONFORMIDADE COM A VONTADE DE DEUS

I.III.I – Natureza da Conformidade Com a Vontade de Deus

I.III.I.I – A vontade significada de Deus

I.III.I.II – Conformidade com a vontade divina de beneplácito

I.III.I.III – Graus de conformidade com a vontade de Deus

I.III.II – Sua Eficácia Santificadora

I.IV – A ORAÇÃO

I.IV.I – Natureza da Oração

I.IV.I.I – O que é a oração

I.IV.I.II – As diversas formas de oração

I.IV.I.III – O Pai-Nosso

I.IV.II – Eficácia da Oração Como Meio de Perfeição

I.IV.III – Como Transformar Nossas Ações em Oração

Art. II – MEIOS EXTERIORES DE PERFEIÇÃO

II.I – A DIREÇÃO ESPIRITUAL

II.I.I – Necessidade Moral da Direção Espiritual

II.I.I.I – Prova de autoridade

II.I.I.II – Prova baseada na natureza do progresso espiritual

II.I.II – Regras Para Assegurar o Fruto da Direção

II.I.II.I – Objeto da direção

II.I.II.II – Deveres do diretor e do dirigido

II.II – O REGRAMENTO DE VIDA

II.II.I – Utilidade do
Regramento de Vida

II.II.II – Qualidades do
Regramento de Vida

II.II.III – Da Maneira de
Guardar o Regramento de Vida.

II.III – AS LEITURAS E CONFERÊNCIAS ESPIRITUAIS

II.III.I – Utilidade das Leituras
e Conferências Espirituais.

II.III.II – Como Ter Proveito
nas Leituras e Pregações
Espirituais.

II.IV – SANTIFICAÇÃO DAS RELAÇÕES SOCIAIS

II.IV.II.I – Do
relacionamento cristão entre
marido e mulher

II.IV.II.II – Dos deveres
dos filhos para com os pais

II.IV.III – Santificação das
Amizades

II.IV.III.I – As
verdadeiras amizades

II.IV.III.II – As falsas
amizades

II.IV.III.III – Amizades a
um só tempo sobrenaturais
e sentimentais

II.IV.IV – Santificação das
Relações Profissionais

II.IV.V – Santificação das
Relações de Apostolado

SÍNTESE GERAL DA PRIMEIRA PARTE

SEGUNDA PARTE – AS TRÊS VIAS

I. OBSERVAÇÕES PRELIMINARES

I.I – FUNDAMENTO DA DISTINÇÃO DAS TRÊS
VIAS

I.II – MODO PRÁTICO DE EMPREGAR
SABIAMENTE ESSA DISTINÇÃO

I.III – IMPORTÂNCIA DO ESTUDO DAS TRÊS VIAS

LIVRO I – A VIA PURGATIVA

INTRODUÇÃO

I – O QUE SE DEVE ENTENDER POR PRINCIPIANTE.

II – O FIM QUE SE PRETENDE

Divisão do Primeiro Livro

CAPÍTULO I – A ORAÇÃO DOS PRINCIPIANTES

Art. I – NECESSIDADE E CONDIÇÕES DA ORAÇÃO

I.I – NECESSIDADE DA ORAÇÃO

I.II – CONDIÇÕES ESSENCIAIS DA ORAÇÃO

I.II.I – Condições Por Parte do Objeto da Oração

I.II.I – Condições Por Parte do Sujeito

Art. II – OS EXERCÍCIOS DE PIEDADE DOS PRINCIPIANTES

Art. III – A ORAÇÃO MENTAL DOS PRINCIPIANTES

III.I – NOÇÕES GERAIS

III.II – CONVENIÊNCIA E NECESSIDADE DA ORAÇÃO MENTAL

III.II.I – Conveniência

III.II.II – Necessidade

III.III – CARACTERÍSTICAS GERAIS DA MEDITAÇÃO NOS PRINCIPIANTES

III.III.I – Quais os Assuntos que Devem Meditar os Principiantes

III.IV – PRINCIPAIS MÉTODOS DE ORAÇÃO MENTAL

III.IV.I – Pontos Comuns a Todos os Métodos de Oração Mental

III.IV.II – Método de Santo Inácio

III.IV.III – Método de São Sulpício

CAPÍTULO II – PENITÊNCIA

Art. I – MOTIVOS PARA DESTESTAR E EVITAR O PECADO

I.I – PECADO MORTAL

I.I.I – O Que é o Pecado Mortal Perante Deus

I.I.II – O Que é Pecado Mortal em Si Mesmo

I.I.III – Os Efeitos do Pecado Mortal

I.II – O PECADO VENIAL DELIBERADO

I.II.I – Malícia do Pecado Venial Deliberado

I.II.II – Efeitos do Pecado Venial Deliberado

Art. II – MOTIVOS E MEIOS PARA EXPIAR O PECADO

II.I – MOTIVOS DE PENITÊNCIA

II.I.I – Dever de Justiça para com Deus

II.I.II – Dever Decorrente da Nossa Incorporação a Jesus Cristo

II.I.III – Dever de Caridade

II.II – A PRÁTICA DA PENITÊNCIA

II.III – AS OBRAS DE PENITÊNCIA

CAPÍTULO III – A MORTIFICAÇÃO

Art. I – NATUREZA DA MORTIFICAÇÃO

I.I – DIVERSOS NOMES ATRIBUÍDOS À MORTIFICAÇÃO

I.I.I – Termos Usados nas Escrituras para Designar a Mortificação

I.I.II – Expressões Modernas para Designar a Mortificação

I.II – DEFINIÇÃO DE MORTIFICAÇÃO

Art. II – NECESSIDADE DA MORTIFICAÇÃO

II.I – NECESSIDADE PARA A SALVAÇÃO

II.II – NECESSIDADE PARA A PERFEIÇÃO

II.II.I – Da Parte de Deus

II.II.II – Da Parte de Jesus Cristo

II.II.III – Necessidade para a Nossa Santificação

Art. III – A PRÁTICA DA MORTIFICAÇÃO

III.I – MORTIFICAÇÃO DO CORPO E DOS SENTIDOS EXTERIORES

III.I.I – Sua Finalidade

III.I.II – A Modéstia do Corpo

III.I.III – A Modéstia dos Olhos

III.I.IV – Mortificação dos Ouvidos e da Língua

III.I.V – Mortificação dos Demais Sentidos

III.II – MORTIFICAÇÃO DOS SENTIDOS INTERIORES

III.II.I – Princípio

III.II.II – Regras a Serem Seguidas

III.III – MORTIFICAÇÃO DAS PAIXÕES

III.III.I – Psicologia das Paixões

III.III.II – Efeitos das Paixões

III.III.III – O Bom Uso das Paixões

III.III.III.I – Princípios psicológicos a serem aplicados

III.III.III.II – Como
combater as paixões
desordenadas

III.III.III.III – Como
direcionar as paixões para o
bem

III.III.III.IV – Como
moderar as paixões

III.IV – Mortificação das Faculdades Superiores

III.IV.I – Mortificação ou
Disciplina do Intelecto

III.IV.II – Mortificação ou
Disciplina da Vontade

CAPÍTULO IV – LUTA CONTRA OS PECADOS CAPITAIS

Art. I - O ORGULHO E OS VÍCIOS RELACIONADOS

I.I – O ORGULHO EM SI MESMO

I.I.I – As Principais Formas de
Orgulho

I.I.II – Defeitos que Nascem do
Orgulho

I.I.III – A Malícia do Orgulho

I.I.IV – Os Remédios Contra o
Orgulho

I.II – A INVEJA

I.II.I – Natureza da Inveja

I.II.II – Malícia da Inveja

I.II.III – Remédios Contra a
Inveja

I.III – A IRA

I.III.I – Natureza da Ira

I.III.II – Malícia da Ira

I.III.III – Remédios Contra a
Ira

Art. II – OS PECADOS QUE PROCEDEM DA SENSUALIDADE

II.I – A GULA

II.I.I – Natureza da Gula

II.I.II – Malícia da Gula

II.I.III – Remédios Contra a
Gula

II.II – A LUXÚRIA

II.II.I – Natureza da Luxúria

II.II.II – Gravidade dos
Pecados da Luxúria

II.II.III – Remédios Contra a
Luxúria

II.III – A PREGUIÇA

II.III.I – Natureza da Preguiça

II.III.II – Malícia da Preguiça

II.III.III – Remédios Contra a
Preguiça

Art. III – A AVAREZA

III.I – NATUREZA DA AVAREZA

III.II – MALÍCIA DA AVAREZA

III.III – REMÉDIOS CONTRA A AVAREZA

CAPÍTULO V – LUTA CONTRA AS TENTAÇÕES

Art. I – DA TENTAÇÃO EM GERAL

I.I – OS FINS PROVIDENCIAIS DA TENTAÇÃO

I.II – A PSICOLOGIA DA TENTAÇÃO

I.II.I – Frequência das Tentações

I.II.II – As Três Fases da Tentação

I.II.III – Os Sinais e os Graus de Consentimento

I.III – NOSSA ATITUDE EM RELAÇÃO À TENTAÇÃO

I.III.I – Precaver-se da Tentação

I.III.II – Resistir à Tentação

I.III.III – Depois da Tentação

Art. II – AS PRINCIPAIS TENTAÇÕES DOS PRINCIPIANTES

II.I – ILUSÕES ACERCA DAS CONSOLAÇÕES

II.I.I – As Consolações

II.I.II – A Aridez

II.II – INCONSTÂNCIA DOS PRINCIPIANTES

II.III – ARDOR EXCESSIVO DOS PRINCIPIANTES

II.IV – OS ESCRÚPULOS

II.IV.I – Natureza do Escrúpulo

II.IV.II – O Objeto do Escrúpulo

II.IV.III – Inconvenientes e Vantagens dos Escrúpulos

II.IV.IV – Remédios Contra os Escrúpulos

LIVRO II – A VIA ILUMINATIVA

INTRODUÇÃO

I – A QUEM CONVÉM A VIA ILUMINATIVA

II – PROGRAMA A SER SEGUIDO NA VIA ILUMINATIVA

III – DUAS CATEGORIAS DE ALMAS EM PROGRESSO

CAPÍTULO I – A ORAÇÃO AFETIVA

Art. I – NATUREZA DA ORAÇÃO AFETIVA

Art. II – VANTAGENS ORAÇÃO AFETIVA

Art. III – OBSTÁCULOS E PERIGOS DA ORAÇÃO AFETIVA

Art. IV – MÉTODOS DE ORAÇÃO AFETIVA

IV.I – MÉTODOS DE SANTO INÁCIO

IV.I.I – A Contemplação Inaciana

IV.I.II – A Aplicação dos Cinco Sentidos

IV.I.III – O Segundo Modo de Orar

IV.II – MÉTODO DE SÃO SULPÍCIO

CAPITULO II – AS VIRTUDES MORAIS

NOÇÕES PRELIMINARES SOBRE AS VIRTUDES INFUSAS

I – AS VIRTUDES INFUSAS EM GERAL

1º – Natureza das Virtudes Infusas

2º - A Intensificação das Virtudes Infusas

3º - A Debilitação das Virtudes Infusas

4º - O Relacionamento Entre as Virtudes

II – AS VIRTUDES MORAIS

Art. I – A VIRTUDE DA PRUDÊNCIA

I.I – NATUREZA DA PRUDÊNCIA

I.II – NECESSIDADE DA PRUDÊNCIA

I.III – MEIOS DE APERFEIÇOAR A PRUDÊNCIA

Art. II – A VIRTUDE DA JUSTIÇA

II.I – A JUSTIÇA PROPRIAMENTE DITA

II.I.I – Natureza da Justiça

II.I.II – Principais Regras para Praticar a Justiça

II.II – A VIRTUDE DA RELIGIÃO

II.II.I – Natureza da Virtude da Religião

II.II.II – Necessidade da Virtude da Religião

II.II.III – Prática da Virtude da Religião

II.III – A VIRTUDE DA OBEDIÊNCIA

II.III.I – Natureza e Fundamento da Obediência

II.III.II – Graus de Obediência

II.III.III – Qualidades da Obediência

II.III.IV – Excelência da Obediência

Art. III – A VIRTUDE DA FORTALEZA

III.I – NATUREZA DA FORTALEZA

III.I.I - Definição de Fortaleza

III.I.II – Graus da Virtude da Fortaleza

III.II – VIRTUDES CONEXAS COM A FORTALEZA

III.II.I – A Magnanimidade

III.II.III – A Paciência

III.II.IV – A Constância

III.III – COMO OBTER OU APERFEIÇOAR A FORTALEZA

Art. IV – A VIRTUDE DA TEMPERANÇA

IV.I – A CASTIDADE

IV.I.I – A Castidade Conjugal

IV.I.II – A Continência e o Celibato

IV.I.II.I – A humildade, guardiã da castidade

IV.I.II.II – A mortificação, guardiã da castidade

IV.I.II.III – A dedicação aos estudos e deveres de estado.

IV.I.II.IV – O amor ardente para com Jesus e sua santa Mãe

IV.II – A HUMILDADE

IV.II.I – Natureza da Humildade

IV.II.II – Diversos Graus de Humildade

IV.II.III – Excelência da Humildade

IV.II.IV – Prática da Virtude da Humildade

IV.III – A MANSIDÃO

IV.III.I – Natureza da Mansidão

IV.III.II – Excelência da Mansidão

IV.III.III – Prática da Virtude da Mansidão

CAPÍTULO III – AS VIRTUDES TEOLOGAIS

Art. I – A VIRTUDE DA FÉ

I.I – NATUREZA DA FÉ

I.II – FUNÇÃO SATIFICADORA DA FÉ

I.III – PRÁTICA DA VIRTUDE DA FÉ

Art. II – A VIRTUDE DA ESPERANÇA

II.I – NATUREZA DA ESPERANÇA

II.II – O PAPEL DA ESPERANÇA EM NOSSA SANTIFICAÇÃO

II.III – PRÁTICA PROGRESSIVA DA ESPERANÇA

Art. III – A VIRTUDE DA CARIDADE

III.I – O AMOR DE DEUS

III.I.I – Natureza do Amor de Deus

	<u>III.I.II – Função Santificadora do Amor de Deus</u>
	<u>II.I.III – Prática Progressiva do Amor de Deus</u>
<u>III.II – A CARIDADE PARA COM O PRÓXIMO</u>	
	<u>III.II.I – Natureza da Caridade Fraterna</u>
	<u>III.II.II – Função Santificadora da Caridade Fraterna</u>
	<u>III.II.III – Prática da Caridade Fraterna</u>
<u>III.III – SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS – MODELO E FONTE DE CARIDADE</u>	
<u>CAPÍTULO IV – NOVOS ATAQUES DO INIMIGO</u>	
<u>Art. I – RETORNO DOS SETE PECADOS CAPITAIS</u>	
	<u>I.I – A INCLINAÇÃO PARA O ORGULHO</u>
	<u>I.II – OS PECADOS DA SENSUALIDADE</u>
	<u>I.III – A AVAREZA ESPIRITUAL</u>
<u>Art. II – A TIBIEZA</u>	
	<u>II.I – NATUREZA DA TIBIEZA</u>
	<u>II.II – PERIGOS DA TIBIEZA</u>
	<u>II.III – REMÉDIOS CONTRA A TIBIEZA</u>
<u>APÊNDICE: REGRAS RELATIVAS AO DISCERNIMENTO DOS ESPÍRITOS NA VIA ILUMINATIVA.</u>	

LIVRO III – A VIA UNITIVA

CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES

<u>I – O FINALIDADE DA VIA UNITIVA</u>
<u>II – CARACTERÍSTICAS DISTINTIVAS DA VIA UNITIVA</u>
<u>III – NOÇÃO GERAL DE CONTEMPLAÇÃO</u>
<u>IV – DIVISÃO DO TERCEIRO LIVRO</u>

CAPÍTULO I – A VIA UNITIVA SIMPLES

Art. I – OS DONS DO ESPÍRITO SANTO

<u>I.I – OS DONS DO ESPÍRITO SANTO EM GERAL</u>
<u>I.I.I – Natureza dos Dons do Espírito Santo</u>
<u>I.I.II – Excelência dos Dons</u>
<u>I.I.III – Cultivo dos Dons do Espírito Santo</u>
<u>I.I.IV – Classificação dos Dons do Espírito Santo</u>
<u>I.II – CADA UM DOS DONS EM PARTICULAR</u>
<u>I.II.I – O Dom de Conselho</u>
<u>I.II.II – O Dom de Piedade</u>
<u>I.II.III – O Dom de Fortaleza</u>
<u>I.II.IV – O Dom de Temor</u>
<u>I.II.V – O Dom de Ciência</u>

I.II.VI – O Dom de Entendimento

I.II.VII – O Dom de Sabedoria

I.III – FUNÇÃO DOS DONS NA ORAÇÃO E NA CONTEMPLAÇÃO

I.IV – FRUTOS DO ESPÍRITO SANTO E BEATITUDES

I.IV.I – Frutos do Espírito Santo

I.IV.II – As Bem-Aventuranças

Art. II – A ORAÇÃO DE SIMPLICIDADE

II.I – NATUREZA DA ORAÇÃO DE SIMPLICIDADE

II.II – VANTAGENS DA ORAÇÃO DE SIMPLICIDADE

II.III – MODO DE PRATICAR A ORAÇÃO DE SIMPLICIDADE

II.IV – RELAÇÃO ENTRE ORAÇÃO DE SIMPLICIDADE E CONTEMPLAÇÃO INFUSA

CAPÍTULO II – DA CONTEMPLAÇÃO INFUSA

Art. I – NOÇÕES GERAIS SOBRE A CONTEMPLAÇÃO INFUSA

I.I – NATUREZA DA CONTEMPLAÇÃO INFUSA

I.I.I - Definição

I.I.II – Função de Deus na Contemplação

I.I.III – Papel da Alma

I.II – VANTAGENS DA CONTEMPLAÇÃO

I.III – PROXIMIDADE DO CHAMADO À CONTEMPLAÇÃO

I.III.I – A Quem Deus Concede a Contemplação?

I.III.II – Sinais da Proximidade do Chamado à Contemplação

Art. II – AS DIVERSAS FASES DA CONTEMPLAÇÃO

II.I – A ORAÇÃO DE QUIETUDE

II.I.I – A Quietude Árida ou Noite dos Sentidos

II.I.I.I – Elementos Constitutivos Dessa Provação

II.I.I.II – Provações Que Acompanham Essa Primeira Noite

II.I.I.III – Proveitos Dessa Purificação

II.I.II – A Quietude Suave

II.I.II.I – O Recolhimento Passivo

II.I.II.II – A Quietude Propriamente Dita

II.I.II.III – O Sono das
Potências

II.II – ORAÇÃO DE UNIÃO PLENA

II.II.I – Natureza da Oração de
União

II.II.II – Efeitos da Oração de
União

II.III – A UNIÃO EXTÁTICA (DESPOSÓRIOS
ESPIRITUAIS)

II.III.I – A União Extática
Suave

II.III.I.I – Natureza da
União Extática

II.III.I.II – As Três Fases
da União Extática

II.III.I.III – Principais
Efeitos da União Extática

II.III.II – A Noite do Espírito

II.III.II.I – Razão de Ser
da Noite do Espírito

II.III.II.II – Provações
da Noite do Espírito

II.III.II.III – Felizes
Resultados da Purificação
do Espírito

II.IV – UNIÃO TRANSFORMANTE OU
MATRIMÔNIO ESPIRITUAL

II.IV.I – Natureza da União
Transformante

II.IV.II – Efeitos da União
Transformante

APÊNDICE: O FALSO MISTICISMO OU QUIETISMO

I – O Quietismo de Molinos

II – O Quietismo Mitigado de
Fénelon

III – Tendências Semiquietistas

CAPÍTULO III – FENÔMENOS MÍSTICOS EXTRAORDINÁRIOS

Art. I – FENÔMENOS DIVINOS EXTRAORDINÁRIOS

I.I – REVELAÇÕES PRIVADAS

I.I.I – Natureza das Revelações
Privadas

I.I.II – Regras para
Discernimento das Revelações

I.I.II.I – Regras
Relativas à Pessoa
Favorecida por Revelações

I.I.II.II – Regras
Relativas à Matéria das
Revelações

I.I.II.III – Regras
Relativas aos Efeitos das
Revelações

I.I.II.IV – Regras de
Discernimento das
Revelações Privadas.

I.II - AS GRAÇAS GRATUITAMENTE DADAS

Art. II – FENÔMENOS PSICO-FISIOLÓGICOS

II.I – A LEVITAÇÃO

II.II – EFLÚVIOS LUMINOSOS

II.III – EFLÚVIOS ODORÍFEROS

II.IV – ABSTINÊNCIA PROLONGADA

II.IV – A ESTIGMATIZAÇÃO

Art. II – FENÔMENOS DIABÓLICOS

II.I – A OBSESSÃO

II.I.I – Natureza da Obsessão

II.I.II – Conduta do Diretor

Espiritual

II.II – A POSSESSÃO

II.II.I – Natureza da Possessão

II.II.II – Remédios Contra a

Possessão

CAPÍTULO IV – QUESTÕES CONTROVERTIDAS

I – A NATUREZA DA CONTEMPLAÇÃO

II – O CHAMAMENTO UNIVERSAL À
CONTEMPLAÇÃO

III – O MOMENTO EM QUE COMEÇA A
CONTEMPLAÇÃO

APÊNDICES

I – A ESPIRITUALIDADE DO NOVO TESTAMENTO

I.I – A Espiritualidade dos Sinóticos

I.II – A Espiritualidade de São Paulo

I.III – A Espiritualidade de São João

II – O ESTUDO DOS CARÁTERES

II.I – Bases da Divisão dos Caráteres

II.II – Diversos Caráteres em Relação à Sensibilidade

II.III – Caráteres Diversos Relativos às Faculdades
Espirituais

II.IV – Caráteres Diversos Relativos aos Relacionamentos

ÍNDICE ALFABÉTICO

INTRODUÇÃO^[41]

I - O OBJETO PRÓPRIO DA TEOLOGIA ASCÉTICA E MÍSTICA É A PERFEIÇÃO DA VIDA CRISTÃ

1. Além de nossa vida natural, dignou-se a bondade divina dar-nos uma *vida sobrenatural*, a *vida da graça*, que é uma participação da vida do próprio Deus, conforme demonstramos em nosso *Tr. da Gratiâ*.^[42] Como essa vida foi-nos dada em razão dos méritos infinitos de Nosso Senhor Jesus Cristo e, sendo ele a causa exemplar mais perfeita, com razão a chamamos *vida cristã*.

Sempre haverá necessidade de aperfeiçoar a vida e, quanto mais ela se aproximar do seu fim último, mais perfeita será. A perfeição *absoluta* é a *consecução* desse fim, que somente no céu será alcançado. No céu possuiremos a Deus pela visão beatífica e pelo amor puro, e nossa vida atingirá o seu pleno desenvolvimento. Só então seremos verdadeiramente semelhantes a Deus, pois o veremos tal como ele é (I Jo 3, 2).

Na terra podemos alcançar somente uma perfeição *relativa*, que é conquistada com o crescimento constante de nossa união íntima com Deus, que por sua vez prepara-nos para a visão beatífica. Essa perfeição relativa é o objeto de nosso estudo. Depois de expor os princípios gerais sobre a *natureza* e a *perfeição* da vida cristã, da *obrigação* de tender a essa perfeição e dos meios gerais para alcançá-la, trataremos sucessivamente das três vias, *purgativa*, *iluminativa* e *unitiva*, percorridas pelas almas generosas, ávidas de progresso espiritual.

Porém, antes será necessário, em uma breve introdução, tratar de algumas questões preliminares:

2. Nessa introdução abordaremos cinco questões:

I – A *natureza* da teologia ascética;

II – Suas *fontes*;

III – Seu *método*;

IV – Sua *excelência e necessidade*;

V – Sua *divisão*.

II. NATUREZA DA TEOLOGIA ASCÉTICA

Para explicar melhor o que é a Teologia Ascética, vamos expor sucessivamente: 1º - os *principais nomes* que lhe têm sido atribuídos; 2º - a sua *posição* nas ciências teológicas; 3º - as suas *conexões* com o Dogma e a Moral; 4º - a *diferença* entre Ascética e Mística.

II.I - SEUS DIFERENTES NOMES

3. Atribuem-se à Teologia Ascética diversas denominações:

a) Chama-se *ciência dos santos*, e com razão, porque deles *procede*. Eles ensinaram-na e, sobretudo, viveram-na. Também porque é destinada a *fazer santos*, pois nos explica em que consiste a santidade e quais os meios para atingi-la;

b) Outros a denominam *ciência espiritual*, porque forma espirituais, isto é, homens interiores, animados pelo espírito de Deus;

c) Todavia, como é uma ciência *prática*, chamam-na também de *arte da perfeição*, uma vez que seu objetivo é levar as almas à perfeição cristã; ou ainda, a *arte das artes*, porque não existe arte mais excelente que a de aperfeiçoar uma alma na mais excelsa das vidas, a vida sobrenatural;

d) Contudo, a denominação atual mais frequente é *Teologia Ascética e Mística*.

1º O termo “*ascética*” vem do grego “*ἀσκησις*” (exercício, esforço) e designa toda espécie de exercício trabalhoso que tenha relação com a educação física ou moral do homem. Sabemos que a perfeição cristã requer esforços, que São Paulo bem compara com os rigorosos treinamentos a que se submetiam os lutadores para alcançar a vitória. Portanto, foi natural a denominação de “*ascese*” aos esforços de uma alma cristã que luta para alcançar a perfeição. Com esse título a designaram Clemente de Alexandria,^[43]* Orígenes^[44]* e, depois deles, um grande número de Padres. Assim, não surpreende que se tenha dado o nome de *ascética* à ciência que trata dos esforços necessários para alcançar a perfeição cristã.

2º Apesar disso, durante muitos séculos, o nome que prevaleceu para designar essa ciência foi o de Teologia Mística (*μύσσης*, misterioso, secreto, e especialmente, segredo religioso), porque ela explicava os segredos da perfeição. Mais tarde, houve época em que se empregaram os dois termos com o mesmo sentido, mas prevaleceu o uso de restringir ao nome *Ascética* somente à parte da ciência espiritual que trata dos primeiros graus da perfeição, até atingir o limiar da contemplação, e o nome de *Mística* ao que tem por objeto a contemplação e a via unitiva.

e) Seja como for, o que se deduz de todas essas noções é que a ciência que estudaremos é, sem dúvida, *a ciência da perfeição cristã*, o que nos permitirá estabelecer o lugar que lhe compete no plano geral da Teologia

II.II – SEU LUGAR NA TEOLOGIA

4. Ninguém melhor que Santo Tomás entendeu e expôs a unidade orgânica existente na ciência teológica. Ele dividiu a sua *Suma Teológica* em três partes. Na primeira falou sobre *Deus como primeiro princípio*. Estuda-o *em si mesmo*, na Unidade de natureza e Trindade de pessoas, e *nas obras* que criou, conserva e governa com sua providência. Na segunda, aborda *Deus como último fim*, para o qual todos os homens devem tender, orientando para ele todos os seus atos, conforme o ensino da *lei* e o impulso da *graça*, praticando as virtudes teologais e morais, e cumprindo os deveres próprios de cada estado. A terceira apresenta-nos o *Verbo Encarnado* fazendo-se *nosso caminho* para ir a Deus, instituindo os *sacramentos*, pelos quais nos comunica a *graça*, para com isso conduzir-nos à vida eterna.

Dentro desse plano, a Teologia Ascética e Mística pertence à segunda parte da *Suma*, sem, contudo, deixar de apoiar-se nas outras duas.

5. A partir de então, sem desrespeitar sua unidade orgânica, dividiu-se a teologia em três partes: a *dogmática*, a *moral* e a *ascética*.

a) O *Dogma* nos ensina o que devemos crer: sobre Deus; sobre *a vida divina*; sobre a comunicação dessa vida que outorgou às criaturas racionais, em especial ao homem; sobre a perda dessa vida pelo pecado original e sua restauração pelo Verbo Encarnado; sobre a sua ação na alma regenerada e sua difusão por meio dos sacramentos; e sobre a sua consumação na glória.

b) A *Moral* nos ensina como devemos corresponder ao amor de Deus, fomentando a vida divina, que Ele dignou-se tornar-nos partícipes, e como devemos evitar o pecado, praticar as virtudes e cumprir os preceitos relativos aos deveres de estado.

c) Mas, se quisermos aperfeiçoar essa vida, ir além do que é puro mandamento e progredir metodicamente na prática da virtude, recorreremos à Ascética, cujas regras orientam o caminho da perfeição.

II.III – SUAS RELAÇÕES COM O DOGMA E A MORAL

6. A Ascética é, portanto, uma parte da Moral cristã, a parte mais nobre, aquela que almeja transformar-nos em cristãos perfeitos. Ainda que se tenha tornado um ramo especial da Teologia, permanecem as íntimas relações que guarda com o Dogma e a Moral.

1º - *O seu fundamento está no Dogma.* Quando deseja expor a natureza da vida cristã, recorre às luzes da dogmática. Na realidade, a vida cristã é uma participação da própria vida de Deus e, por isso, faz-se necessário elevar-se até a SS. Trindade para lá encontrar o princípio e a origem dessa vida, percorrer os seus caminhos e ver como, logo depois de outorgada a nossos primeiros pais, foi perdida por culpa deles e restaurada por Cristo Redentor. E mais, descobrir qual é o seu organismo e o modo de operar em nossa alma, por quais misteriosos canais chega até nós e faz-nos crescer, e como transforma-se em visão beatífica no céu.

Todas essas questões são estudadas pela Teologia Dogmática e não se deve considerá-las como pressupostas. Se não forem lembradas em uma síntese breve e vivificante, a Ascética parecerá sem fundamento. Sacrifícios duríssimos serão exigidos das almas, sem que se possa justificá-los por meio de uma explicação do quanto Deus fez por nós. Portanto, é bem verdadeiro afirmar que o Dogma é, segundo a bela expressão do Cardeal Manning, a fonte da devoção.

7. 2º - *Apoia-se também na Teologia Moral,* que explica os preceitos que devemos guardar para adquirir e conservar a vida divina. A Teologia Ascética, por sua vez, completa a Teologia Moral, fornecendo-nos os meios para aperfeiçoá-la e, evidentemente, pressupõe o conhecimento e a prática dos mandamentos. Seria perigosa ilusão negligenciar o cumprimento dos preceitos sob pretexto de exercitar os conselhos evangélicos, e querer

praticar as mais elevadas virtudes antes de ter aprendido a resistir às tentações e a evitar o pecado.

8. 3º - Não obstante, a Teologia Ascética é, sem sombra de dúvida, um *ramo distinto* da Teologia Dogmática e Moral. Possui objeto próprio, pois extrai do ensino de Nosso Senhor, da Igreja e dos Santos, tudo quanto se refere à *perfeição da vida cristã*: sua natureza, obrigação e meios para alcançá-la. Em seguida, coordena todos esses elementos de maneira que formem uma verdadeira ciência. 1) *Distingue-se da Teologia Dogmática*. Esta propõe-nos verdades que devemos crer, enquanto a Ascética, fundamentada nessas verdades, orienta-as para a *prática*, utilizando-as para fazer-nos compreender, adquirir gosto e realizar a perfeição cristã. 2) *Distingue-se da Teologia Moral*, porque a Ascética, embora relembre os mandamentos de Deus e da Igreja, fundamento de toda a vida espiritual, propõe-nos, adicionalmente, os conselhos evangélicos e, para cada virtude, apresenta-nos um grau mais elevado do que o estritamente obrigatório. Portanto, é certamente *a ciência da perfeição cristã*.

9. Disso provém o seu duplo caráter de ciência ao mesmo tempo *especulativa* e *prática*. De fato, contém uma doutrina especulativa, haja vista que recorre ao Dogma para explicar a natureza da vida cristã; mas é sobretudo *prática*, porque investiga os *meios* que devem ser empregados para cultivar essa vida.

Além disso, nas mãos de um sábio diretor torna-se *verdadeira arte*, cujo dom consiste em aplicar com discernimento e dedicação os princípios gerais a cada alma em particular. É a arte mais excelente e difícil de todas. Os princípios e regras aqui expostos visam formar bons diretores.

II.IV – DIFERENÇA ENTRE ASCÉTICA E MÍSTICA

O que acima dissemos sobre Ascética aplica-se igualmente à Teologia Mística.

10. A) Para distingui-las, podemos definir a *Teologia Ascética* como: a parte da ciência espiritual que tem por objeto próprio a teoria e a prática da perfeição cristã, *desde os seus princípios até o limiar da contemplação infusa*. Iniciamos o caminho da perfeição quando temos um sincero desejo de avançar na vida espiritual, e a Teologia Ascética, a partir de então, conduz a alma através das vias *purgativa* e *iluminativa*, até a contemplação *adquirida*.

11. B) A Teologia Mística, por sua vez, é a parte da ciência espiritual que tem por objeto próprio a teoria e a prática da *vida contemplativa*, que começa com a chamada primeira *noite* dos sentidos, descrita por São João da Cruz, e a oração da *quietude*, descrita por Santa Teresa, e vai até o *matrimônio espiritual*.

a) Evitamos, com a nossa definição, apresentar a Teologia Ascética como o estudo das vias *ordinárias* da perfeição, e a Teologia Mística como o estudo das vias *extraordinárias*. A razão é que atualmente se reserva o termo “extraordinário” para uma categoria especial de fenômenos místicos, que são graças *gratuitamente* dadas que acompanham a contemplação, como os êxtases e as revelações.

b) A contemplação é uma *intuição* ou *olhar simples e afetuoso de Deus ou das coisas divinas*: chama-se *adquirida*, quando é fruto da *nossa atividade ajudada pela graça*; ou *infusa*, quando, indo além da adquirida, a contemplação é *operada por Deus com o nosso consentimento* (nº 1299).

c) Assim, por essas razões é que reunimos em um só e mesmo tratado a Teologia Ascética e a Teologia Mística.

1º Entre elas, sem dúvida, há *profundas diferenças* que teremos o cuidado de apontar mais adiante. Todavia, há também entre os dois estados, ascético e místico, uma certa *continuidade*, de forma que um seja uma espécie de preparação para o outro, isto é, quando Deus *julga conveniente*, utiliza as disposições generosas do asceta para elevá-lo aos estados místicos.

2º De todo modo, o estudo da Mística irradia muita luz sobre a Ascética e vice-versa, porque os caminhos de Deus são harmônicos. Todavia, a ação pujante que Ele exerce sobre as almas místicas, pela força como se revela, é mais perceptível que a exercida sobre os principiantes, bem menos vigorosa. Assim, as *provações passivas*, descritas por São João

da Cruz, servem para compreendermos melhor as securas ordinárias padecidas nos estados inferiores. Do mesmo modo, as vias místicas são melhor compreendidas quando observamos o grau de docilidade, brandura e maleabilidade que uma alma atinge, depois de longos anos de entrega aos árduos trabalhos da ascese. Portanto, essas duas partes de uma mesma ciência, de modo natural, reciprocamente se iluminam, sendo mais proveitoso não as separar.

III – FONTES DA TEOLOGIA ASCÉTICA E MÍSTICA

12. Posto que a ciência espiritual é um dos ramos da Teologia, é evidente que suas fontes são idênticas às dos demais ramos. Primeiramente consideraremos as que constituem ou interpretam a verdade revelada, quais sejam, a *Escritura* e a *Tradição*; em seguida, as fontes secundárias, ou seja, todos os conhecimentos que advêm da *razão* iluminada pela *fé* e pela *experiência*. Assim, compete-nos salientar como essas fontes são aplicadas na Teologia Ascética.

III.I – A SAGRADA ESCRITURA

Evidentemente não encontramos nas Sagradas Escrituras síntese alguma de qualquer doutrina espiritual, mas somente riquíssimos documentos dispersos, tanto no Antigo como no Novo Testamento, sob a forma de *doutrinas, preceitos, conselhos, orações e exemplos*.

13. 1º - **Doutrinas especulativas** sobre Deus: sua natureza, atributos, imensidão que tudo penetra, sabedoria infinita, bondade, justiça, misericórdia, sua ação providencial exercida sobre todas as criaturas, mas especialmente sobre os homens, para salvá-los. Encontramos ainda doutrinas a respeito da vida íntima de Deus, da misteriosa geração da Eterna Sabedoria ou do Verbo, da processão do Espírito Santo, vínculo mútuo do Pai e do Filho. Por fim, encontramos as obras de Deus, em especial as que fez pelo homem para torná-lo participante da sua vida divina, para restaurá-lo depois da queda através da Encarnação do Verbo e da Redenção, para santificá-lo pelos sacramentos e, por fim, para preparar-lhe no céu o gozo eterno da visão beatífica e do puro amor. Evidentemente essa doutrina tão sublime, tão elevada, é um poderoso estímulo para que em nós cresça o amor de Deus e o desejo de perfeição.

14. 2º - Uma doutrina moral composta de *preceitos* e *conselhos* que incluem: o *Decálogo*, que pode ser resumido no amor a Deus e ao próximo, e, por decorrência, no culto divino e no respeito dos direitos alheios; os ensinamentos tão elevados dos *Profetas* que, relembrando constantemente a bondade, a justiça e o amor de Deus pelo seu povo, afastam-no do pecado e principalmente das práticas idólatras, inculcando-lhe respeito e amor a Deus, justiça, equidade, bondade para com todos, mas sobretudo para com os fracos e oprimidos; os conselhos tão sensatos dos *livros sapienciais* que contêm, por antecipação, uma exposição completa das virtudes cristãs. Além disso e acima de tudo, a admirável *doutrina de Jesus*, a síntese ascética resumida no *Sermão da Montanha*, a doutrina ainda mais elevada encontrada nos discursos transmitidos e comentados por *São João* nas Epístolas. Finalmente, a teologia espiritual de *São Paulo*, tão rica em bases dogmáticas e aplicações práticas. O breve resumo, acrescentado no apêndice desta obra, procura mostrar-nos que o Novo Testamento é um verdadeiro código de perfeição.

15. 3º - Orações para alimentar a piedade e a vida interior. Por acaso há orações mais belas que os Salmos? A Igreja julgou-as tão apropriadas para glorificar a Deus e santificar-nos que as transportou para a Liturgia, para o Missal e o Breviário. Há ainda outras, dispersas pelos livros históricos ou sapienciais. Porém, acima de tudo está o Pai Nosso, a oração mais bela, mais simples, mais completa que é possível encontrar, em que pese sua brevidade. Além disso, temos a oração *sacerdotal* de Nosso Senhor, sem mencionar as doxologias que encontramos nas Epístolas de São Paulo e no Apocalipse.

16. 4º - Exemplos que nos movem a praticar a virtude: **a)** O Antigo Testamento apresenta-nos uma série de patriarcas, profetas e outras personalidades marcantes que, apesar de suas fraquezas, foram dotadas de virtudes que mereceram o louvor de São Paulo (Hb 11, capítulo inteiro) e foram descritas em pormenores pelos Santos Padres, que recomendam que as imitemos. De fato, quem não admira a piedade de Abel e de Henoc, a virtude de Noé, que praticou o bem no meio de uma geração corrompida, a fé e a confiança de Abraão, a castidade e a prudência de José, a coragem, a sabedoria e a constância de Moisés, o arrojo, a piedade e a sabedoria de

David, a vida austera dos Profetas, a bravura dos Macabeus e tantos outros exemplos, muito numerosos para serem mencionados. **b)** No Novo Testamento, primeiramente, o modelo ideal de santidade apresentado é Jesus. A seguir, Maria e José, seus fiéis imitadores; os Apóstolos que, no princípio imperfeitos, entregaram-se de corpo e alma à pregação do Evangelho e ao exercício das virtudes cristãs e apostólicas, de tal modo que nos falam mais eloquentemente com seus exemplos do que com suas palavras: “*sejam meus imitadores, como eu sou de Cristo*” (I Cor 4, 16). Ainda que vários desses santos tenham tido suas fraquezas, o modo como as repararam dá muito mais valor aos seus exemplos, pois mostraram-nos como podemos reparar as nossas faltas pela penitência.

Para dar uma ideia das riquezas ascéticas que encontramos na Sagrada Escritura, no *Apêndice* faremos uma síntese da espiritualidade dos *Sinóticos*, de *São Paulo* e de *São João*.

III.II - A TRADIÇÃO

17. A Tradição *completa* a Sagrada Escritura, porque nos transmite as verdades que nesta não estão contidas e, além disso, *interpreta-a* de modo autêntico. A Tradição é transmitida pelos magistérios *solene* e *ordinário*.

1º - O *magistério solene*, formado principalmente pelas definições dos Concílios e dos Sumos Pontífices, raramente se ocupou de questões propriamente ascéticas e místicas, mas, muitas vezes, interveio para esclarecer e dar precisão às verdades que formam a base da espiritualidade, como por exemplo: a vida divina considerada na sua fonte; a elevação do homem ao estado sobrenatural; o pecado original e suas consequências; a redenção; a graça comunicada ao homem regenerado; o mérito que faz crescer em nós a vida divina; os sacramentos que conferem a graça; o santo sacrifício da missa, em que são aplicados os frutos da redenção. No decorrer desse trabalho precisaremos utilizar todas essas definições.

18. 2º - O *magistério ordinário* é exercido de modo *teórico* e *prático*.

A) O *ensino teórico* nos é comunicado: de modo *negativo*, por meio da condenação das proposições dos falsos místicos; de modo *positivo*, pela

doutrina comum dos Santos Padres e Teólogos ou pelas conclusões deduzidas das vidas dos santos.

a) Houve, em diversas épocas, falsos místicos que distorceram o verdadeiro conceito da perfeição cristã. Entre eles os Encratitas e os Montanistas nos primeiros séculos, os Fraticelos e os Quietistas nos tempos modernos. Ao condená-los, a Igreja nos mostra os obstáculos a serem evitados e, por conseguinte, o caminho a seguir.

19. b) Por outro lado, pouco a pouco foi sendo formada uma *doutrina comum* sobre todas as questões fundamentais da espiritualidade, que se constitui numa espécie de comentário vivo dos ensinamentos bíblicos. É a doutrina comum dos Santos Padres, Teólogos e autores espirituais. Quem os estuda fica maravilhado com a *unanimidade* de opinião em todos os pontos vitais que se referem à natureza da perfeição, aos meios necessários para alcançá-la e às principais etapas que devemos percorrer. Sem dúvida, restam alguns pontos controversos, mas versam sobre questões acessórias. Destarte, a discussão desses pontos somente realça a unanimidade moral que se estabeleceu sobre os demais. A aprovação tácita que a Igreja confere a esse ensino comum representa uma garantia segura da verdade.

20. B. O ensino *prático* extrai-se, sobretudo, dos *processos de canonização* dos santos, que ensinaram e praticaram o conjunto dessas doutrinas espirituais. Sabe-se quão minucioso é o cuidado tomado na revisão dos seus escritos e no exame das suas virtudes. É fácil extrair, do estudo dos documentos desses processos, os princípios de espiritualidade sobre a natureza e os meios de perfeição que exprimem o pensamento da Igreja. Convencemo-nos disso ao ler a bem documentada obra de Bento XIV, *De Servorum Dei Beatificatione et Canonizatione*, ou alguns dos processos de canonização, ou, enfim, biografias de santos, escritas segundo as regras de uma prudente crítica.

III.III – A RAZÃO ILUMINADA PELA FÉ E PELA EXPERIÊNCIA

21. A razão natural é um dom de Deus absolutamente necessário para que o homem conheça a verdade, seja natural ou sobrenatural. Por isso, ela desempenha um papel muito importante no estudo da espiritualidade e em todos os outros ramos da ciência eclesiástica. Mas, quando as verdades reveladas estão em questão, há necessidade de que a razão seja guiada e aperfeiçoada pelas *luzes da fé* e, para que se apliquem às almas os princípios gerais, deve ainda apoiar-se na *experiência psicológica*.

22. 1º - A sua primeira tarefa deve ser reunir, interpretar e sistematizar os dados da Escritura e da Tradição, que estão dispersos por diversos livros, e precisam ser agregados para formar um todo. Destarte, as palavras sagradas foram pronunciadas em determinadas circunstâncias, em diversas questões particulares e em ambientes distintos. O mesmo deve ser dito dos textos da Tradição, que muitas vezes foram motivados pelas circunstâncias do momento ou em razão das pessoas.

a) Para compreender o sentido é necessário situá-los em seu ambiente, compará-los com ensinamentos similares, depois agrupá-los e interpretá-los à luz de todo o conjunto das verdades cristãs.

b) Concluído esse primeiro trabalho, já é possível *extrair conclusões* desses princípios, mostrar sua solidez e aplicabilidade aos milhares de detalhes da vida humana, nas mais variadas situações.

c) Por fim, os princípios e as conclusões serão coordenados em uma *ampla síntese*, formando uma verdadeira ciência.

d) Com efeito, compete também à razão *defender* a doutrina ascética contra os seus detratores. Muitos atacam-na em nome da razão e da ciência, e enxergam somente ilusão onde há sublimes realidades. Responder a essas críticas, com base na filosofia e na ciência, é exatamente o papel da razão.

23. 2º - A espiritualidade é uma ciência *vivida*, pelo que, é importante mostrar historicamente *como foi colocada em prática*. Para isso é preciso ler biografias de santos, antigos e modernos, de diversas condições e regiões, para averiguar como as regras ascéticas foram interpretadas e adaptadas aos diversos tempos e às diferentes nações, bem como aos deveres de cada estado em particular. E, como na Igreja nem todos são santos, é preciso estudar bem quais são os obstáculos que dificultam a

prática da perfeição e os meios empregados para superá-los. Portanto, impõem-se estudos psicológicos, e à leitura deve-se agregar a observação.

24. 3º - Cabe ainda à razão, iluminada pela fé, *aplicar os princípios e regras gerais a cada pessoa em particular*, considerando seu caráter, temperamento, idade, sexo, condição social, deveres de estado, bem como as atrações sobrenaturais da graça, considerando também as regras sobre discernimento dos espíritos.

Para cumprir essa tríplice função é necessário, não somente uma inteligência penetrante, mas também juízo reto, muito tato e discernimento. Some-se a isso o estudo da psicologia prática, dos temperamentos, das doenças nervosas e dos estados mórbidos, que muito influem no espírito e na vontade. E, pelo fato de ser uma ciência *sobrenatural*, não se deve esquecer que a *luz da fé* exerce o papel principal, e que os *dons do Espírito Santo* a completam maravilhosamente. Entre estes, particularmente se destacam: o *dom de ciência*, que do conhecimento das coisas humanas eleva-nos para Deus; o *dom de entendimento*, que nos faz penetrar mais profundamente nas verdades reveladas; o *dom de sabedoria*, que nos faz discerni-las e saboreá-las; o *dom de conselho*, que nos permite aplicá-las a cada um em particular.

Portanto, são os *santos*, que se deixam guiar pelo Espírito de Deus, os que melhor compreendem e aplicam os princípios da vida espiritual, pois possuem uma certa *conaturalidade* para as coisas divinas, que os capacita a melhor compreendê-los e saboreá-los: “*porque escondeste estas coisas aos sábios e entendidos e as revelaste aos pequenos*” (Mt 11, 25).

IV – O MÉTODO A SER SEGUIDO^[45]

Qual método devemos *utilizar* para tirar maior proveito das fontes que acabamos de enumerar? O método *experimental*, chamado *descritivo*, o método *dedutivo*, ou a combinação de ambos? Que *objetivo* deverá reger a sua utilização?

25. 1º. O método *experimental*, descritivo ou psicológico, consiste em observar, classificar e coordenar, em si ou nos outros, os fenômenos ascéticos ou místicos, para deles extrair os sinais ou notas características de cada estado, as virtudes ou disposições que convêm a cada um. Isto sem se preocupar com a natureza ou a causa de tais fenômenos e sem cogitar se procedem das virtudes, dos dons do Espírito Santo, ou de graças miraculosas. Esse método, em seu lado positivo, é muito proveitoso, pois precisamos conhecer bem os fatos antes de explicar a sua natureza e causa.

26. Mas, se for o *único método* empregado:

a) A Teologia Ascética não poderia ser considerada uma verdadeira ciência. O método experimental, sem dúvida, fornece os fundamentos para a ciência, ou seja, os fatos e as induções imediatas que deles se podem extrair; pode até determinar quais são os meios práticos normalmente mais eficazes. Não obstante, enquanto não se chegar à essência e a causa desses fatos, será antes psicologia do que teologia. Destarte, se alguém apenas descreve com detalhes os meios de praticar uma virtude em particular, não revelará suficientemente a força interior propulsora do seu exercício.

b) Desse modo ficamos expostos a opiniões mal fundamentadas. Se na contemplação não se faz distinção entre o que é miraculoso, como o êxtase e a levitação, e aquilo que constitui o seu elemento essencial, isto é, o olhar prolongado e afetuoso a Deus sob a moção de uma graça especial, facilmente poderíamos concluir que toda a contemplação é *milagrosa*, o que é contrário à doutrina comum.

c) Muitas das controvérsias sobre os estados místicos seriam atenuadas se as descrições desses estados fossem analisadas em conjunto

com as distinções e esclarecimentos que o estudo teológico fornece. Assim, a diferenciação entre contemplação *infusa* e *adquirida* nos ajuda a compreender melhor certos estados de alma muito reais, e a conciliar algumas opiniões que, num primeiro olhar, parecem contraditórias. Mesmo na contemplação *passiva* há muitos *graus*: em alguns, basta o uso aperfeiçoado dos dons; noutros, Deus precisa intervir para organizar nossas ideias e ajudar-nos a chegar a conclusões surpreendentes; por fim, outros que dificilmente se explicam, a não ser por conhecimentos infusos. Todas essas distinções são resultado de longas e pacientes investigações, ao mesmo tempo especulativas e práticas. Se outras mais fossem realizadas, diminuiria o número de divergências que separam as diversas escolas.

27. 2º. O método *doutrinal* ou *dedutivo* consiste em estudar cuidadosamente o que nos ensina a Escritura, a Tradição, a Teologia e, em especial, a Suma Teológica de Santo Tomás, sobre a vida espiritual e, de tudo isso, extrair conclusões sobre a natureza e a perfeição da vida cristã, sobre a obrigação de rumar para ela e os meios a serem utilizados. Nesse método, não há muita preocupação com os fatos psicológicos, o caráter, o temperamento e as inclinações dos dirigidos, e com os efeitos produzidos sobre determinada alma ou por algum meio em particular. Também não se estuda em detalhes os fenômenos místicos vividos e descritos pelos santos, como Santa Teresa, São João da Cruz, São Francisco de Sales, etc., ou, pelo menos, não são considerados suficientemente. Como estamos expostos a equívocos em nossas deduções, sobretudo se forem muitas, é prudente submetê-las ao controle dos fatos. Por exemplo, ao constatar-se que a contemplação infusa é muito rara, deve-se aplicar certas restrições à tese, sustentada por algumas escolas, de que todos são chamados aos mais elevados graus da contemplação.^[46]*

28. 3º- *União dos dois métodos*. A) Pelo exposto, é necessário combinar harmonicamente os dois métodos. De fato, é o que faz a maioria dos autores, restando entre eles esta única diferença: que uns se apoiam mais nos *fatos* e outros nos *princípios*.^[47] Procuraremos conservar o meio termo, sem a pretensão de sucesso.

a) Os *princípios* da Teologia Mística, deduzidos pelos grandes mestres com base nas verdades reveladas, ajudarão a observar melhor os fatos,

analisá-los de modo mais abrangente, ordená-los de maneira mais metódica e interpretá-los com maior critério. Por certo, levaremos em consideração que os místicos, ao descreverem suas impressões, muitas vezes não desejavam sequer explicar a sua natureza. Assim, os princípios servirão também para investigar, à luz das verdades já conhecidas, a causa dos fatos, e a coordená-los de modo a constituírem uma verdadeira ciência.

b) Por outro lado, o *estudo dos fatos* ascéticos e místicos corrigirá o que há de excessivamente rígido e absoluto nas conclusões puramente dialéticas, pois não pode haver oposição absoluta entre princípios e fatos. Se, pois, a experiência mostra que o número dos místicos é restrito, não se deve concluir apressadamente que isso se deve somente à resistência à graça. Também é útil perguntar por que, nas causas de canonização, julga-se a santidade muito mais pela prática das virtudes heroicas do que pelo gênero de oração ou de contemplação. Com efeito, esses fatos podem mostrar que, nem sempre e nem necessariamente, o grau de santidade está relacionado com o gênero e o grau de oração.

29. B) Como esses dois métodos podem ser combinados?

a) Em primeiro lugar é necessário *estudar a verdade revelada*, tal qual nos foi transmitida pela Escritura e pela Tradição, incluindo o magistério ordinário da Igreja. Então, com o auxílio dessa doutrina, pelo método *dedutivo*, determinar: o que é a vida e a perfeição cristã; quais são os seus diferentes graus, o caminho normalmente trilhado para progredir e chegar à contemplação, passando pela mortificação e pelo exercício das virtudes morais e teologais; em que consiste a contemplação, tanto em seus elementos essenciais como nos fenômenos extraordinários que por vezes a acompanham.

30. b) Ao estudo doutrinal deve ser agregado o método da *observação*: 1) examinar com atenção as almas: qualidades e defeitos; características peculiares; inclinações e repugnâncias; os movimentos da natureza e da graça que nelas se produzem. Estes conhecimentos psicológicos ajudarão a determinar, com maior precisão, os meios de perfeição mais adequados, as virtudes que mais precisam e aquelas para as quais a graça as inclina, a correspondência a essa graça, os obstáculos que encontram e os meios mais eficazes para superá-los. 2) Para ampliar o campo da experiência deve-se

ler a *vida dos santos*, em especial aquelas que mostram: de que maneira combateram progressivamente os seus defeitos, sem, contudo, escondê-los; como e por que meios praticaram as virtudes; se vivenciaram a passagem da via ascética para a via mística, como e sob quais influências. 3) O estudo dos diversos fenômenos da contemplação também se baseia na própria *vida dos contemplativos*, desde os primeiros passos indecisos até os mais elevados cumes, incluindo: os *efeitos de santidade* que tais graças produziram, as *provações* por que passaram, as *virtudes* que praticaram. Tudo isso servirá para completar e por vezes corrigir os conhecimentos teóricos antes adquiridos.

31. c) Com a ajuda dos princípios teológicos e dos fenômenos místicos bem estudados e classificados, poderemos facilmente ir além, até o estudo da *natureza* da contemplação: suas *causas*; suas *espécies*; diferenciar o que nela há de normal e de extraordinário. 1) Poderemos arguir até que ponto os *dons do Espírito Santo* são princípios formais da contemplação e, para alcançá-la, como cultivá-los para que a alma adquira as disposições interiores favoráveis. 2) Examinaremos se os fenômenos, devidamente constatados, se explicam todos pelos *dons de Espírito Santo*, ou se alguns requerem *espécies infusas* e como estas agem na alma, ou ainda, se esses estados de alma são produzidos pelo amor, sem novos conhecimentos. 3) Com isso poderemos ver melhor em que consiste o *estado passivo* e até que ponto a alma nele permanece ativa, o que é obra de Deus e da alma na contemplação infusa, o que é ordinário e o que se considera extraordinário e preternatural nesse estado. Tudo isso permitirá estudar melhor o problema da vocação ao estado místico e da quantidade, maior ou menor, dos verdadeiros contemplativos.

Com esse proceder, com mais probabilidade chegaremos à verdade e a conclusões práticas para a direção das almas. Um estudo desse gênero é tão atraente quanto santificante.

32. 4º. *Com que atitude devemos seguir esse método?* Seja qual for o método empregado, é preciso estudar esses difíceis problemas com muita *calma e ponderação*, com o objetivo de *conhecer a verdade*, e não para que triunfe, a qualquer custo, o sistema de nossa preferência.

a) Portanto, importa destacar e evidenciar tudo o que é *certo* ou *amplamente admitido* e relegar para segundo plano o que é controverso. A direção espiritual que as almas precisam *não depende das questões controvertidas*. As doutrinas normalmente aceitas são suficientes. Todas as escolas são unânimes em reconhecer que caridade e abnegação, amor e sacrifício, são necessários a todas as almas e em todas as vias, e que a combinação harmônica desses dois elementos depende muito do caráter das pessoas dirigidas. Todos concordam: que nunca deve cessar o exercício do espírito de penitência, não obstante ele assumir formas diferentes, de acordo com os diversos graus de perfeição; que, para chegar à via unitiva, é preciso praticar as virtudes teologais e morais de modo cada vez mais perfeito e; que os dons do Espírito Santo, zelosamente cultivados, conferem à alma uma flexibilidade que a faz dócil às inspirações da graça, e preparam-na para a contemplação, se para ela for chamada por Deus. Também concordam entre si sobre os seguintes pontos importantes: que a contemplação infusa é essencialmente *gratuita* e Deus a concede a quem quer e quando quer; que, portanto, ninguém consegue chegar, por si mesmo, ao estado passivo, e que os sinais da proximidade do chamado a esse estado são os que bem descreve São João da Cruz; que, quando chegam à contemplação, as almas devem progredir na perfeita conformidade com a vontade de Deus, no santo abandono e, sobretudo, na humildade, virtudes estas que Santa Teresa recomenda constantemente. Portanto, pode-se com prudência dirigir as almas, mesmo aquelas que são chamadas à contemplação, independentemente da solução das questões controvertidas ainda vigentes entre os autores contemporâneos.

33. b) Também nos parece que, se esses problemas forem abordados com *espírito de conciliação*, atendo-se mais àquilo que aproxima do que ao que divide, possivelmente as controvérsias não seriam eliminadas, mas certamente suavizadas e atenuadas. Tal atitude permitiria ver o fundo de verdade que cada sistema contém. Isso está ao nosso alcance aqui na terra. No mais, devemos aguardar as luzes da visão beatífica para resolver os casos realmente difíceis.

V – EXCELÊNCIA E NECESSIDADE DA TEOLOGIA ASCÉTICA

O pouco que falamos sobre a natureza, fonte e método da Teologia Ascética já nos permite ter ideia da sua *excelência e necessidade*.

V.I - EXCELÊNCIA DA TEOLOGIA ASCÉTICA

34. A excelência se deduz do seu objeto, que é um dos mais nobres que se pode estudar. Com efeito, trata-se de uma participação da vida divina comunicada à alma e por esta cultivada com ardor incansável. Ao analisarmos esta noção, perceberemos quão digno de atenção é esse ramo da Teologia.

1º - Nele estudamos, primeiramente, *Deus nas suas mais íntimas relações com a alma*, isto é, a SS. Trindade habitando e vivendo em nós, comunicando-nos uma participação da sua vida divina, cooperando com nossas boas obras, e assim, ajudando-nos a desenvolver, sem cessar, essa vida sobrenatural. Esse mesmo Deus Trino também nos ajuda a purificar a alma, a embelezá-la pela prática das virtudes, e a transformá-la até que esteja apta para a visão beatífica. Pode alguém imaginar algo mais sublime e excelente do que essa ação transformadora de Deus sobre as almas, para uni-las e torná-las semelhantes a Ele mesmo, e de modo tão perfeito?

2º - A seguir, estudamos *a própria alma em sua colaboração com Deus*, purificando-se pouco a pouco dos seus defeitos e imperfeições, cultivando as virtudes cristãs, esforçando-se em imitar as perfeições de seu divino Modelo, apesar dos obstáculos que encontra dentro e fora de si mesma, cultivando os dons do Espírito Santo, desenvolvendo uma maravilhosa docilidade em responder aos menores impulsos da graça, aproximando-se assim, dia a dia, do Pai celestial. Nos dias atuais consideram-se as questões relativas à *vida* como as mais dignas de atenção. Que dizer então de uma ciência que trata da vida sobrenatural, de uma participação na vida do próprio Deus, que nos fala de suas origens, de seus progressos e de seu completo desenvolvimento na eternidade? Não seria o mais nobre objeto de estudo? E igualmente o mais necessário?

V.II – NECESSIDADE DA TEOLOGIA ASCÉTICA

Para falar com mais precisão de matéria tão delicada, vamos expor:
1º - Sua *necessidade para o sacerdote*; 2º - Sua enorme *utilidade para os leigos*; 3º - O *modo prático* de estudá-la.

V.II.I – Necessidade da Teologia Ascética Para o Sacerdote.

35. O sacerdote tem o dever de santificar tanto a si mesmo como os seus irmãos. Por esta dupla razão, é obrigado a estudar a ciência dos santos.

A) Demonstraremos adiante, com as razões de Santo Tomás, que o sacerdote está obrigado não somente a aspirar à perfeição, mas também a possuí-la em maior grau que o *simples religioso*. Com efeito, conhecer a vida cristã e os meios que contribuem para aperfeiçoá-la é *normalmente* necessário para alcançar essa perfeição, pois nada é desejado sem ser antes conhecido.

a) O conhecimento inflama e estimula o desejo. Saber o que é a santidade, sua sublimidade, sua obrigação, seus maravilhosos efeitos na alma, sua fecundidade, já é *desejá-la*. O conhecimento de um bem move-nos a desejá-lo: não podemos fixar por muito tempo o olhar em uma fruta apetitosa, sem que nasça o pensamento de saboreá-la. O desejo, especialmente quando ardente e prolongado, já é um início de ação; movimenta a vontade, impulsionando-a a possuir o bem apreendido pelo intelecto; fornece-lhe ardor e energia para alcançá-lo e sustenta-lhe o esforço para o conquistá-lo. Se considerarmos os obstáculos que dificultam o nosso progresso espiritual, tudo isso será ainda mais necessário.

b) Conhecer em detalhes as *numerosas etapas* a serem percorridas para alcançar a perfeição, os contínuos esforços feitos pelos santos para vencer as dificuldades e avançar, sem cessar, em direção ao fim almejado, inflama os ânimos, mantém o ardor no meio da luta, previne o relaxamento e a tibieza, principalmente se, ao mesmo tempo, forem considerados os auxílios e consolos que Deus tem preparado para as almas de boa vontade.

c) Esse estudo é ainda mais necessário em nossos tempos. “*Efetivamente, vivemos numa atmosfera de dissipação, de racionalismo, de*

naturalismo, de sensualismo, que penetra, de forma até inconsciente, numa multidão de almas cristãs, e invade até mesmo o santuário.”^[48]

Os dois ou três anos que os jovens seminaristas passam no quartel, fazem-nos participar desse espírito deplorável, que afeta sobretudo aqueles que não receberam, no seio da família, uma educação profundamente cristã. Haverá melhor meio de reagir contra essas tendências funestas do nosso tempo, que viver em companhia de Nosso Senhor e dos santos, pelo estudo continuado e metódico dos princípios de espiritualidade, que se opõem diretamente à tríplice concupiscência?

36. B) Para a santificação das almas que lhe são confiadas.

a) Mesmo no caso de *pecadores*, o sacerdote precisa conhecer a Teologia Ascética para ensiná-los a evitar as ocasiões de pecado, combater as paixões, resistir às tentações e praticar as virtudes opostas aos vícios que se devem evitar. Sem dúvida a Teologia Moral trata brevemente desses assuntos, mas a Ascética os sintetiza e desenvolve.

b) Destarte, em quase todas as paróquias há *almas escolhidas*, chamadas por Deus à perfeição. Se forem bem dirigidas, ajudarão o sacerdote no exercício do apostolado, com suas orações, bons exemplos e numa infinidade de pequenos trabalhos. Além disso, sempre será possível formar algumas dessas almas, selecionando-as entre as crianças da catequese ou do patronato. Para que haja bom êxito nesta obra tão importante, é preciso que o sacerdote seja um bom diretor, que conheça a fundo as regras ditadas pelos santos, contidas nos livros de espiritualidade. Sem isso, não terá nem gosto, nem as aptidões necessárias para essa arte tão difícil de formar almas.

37. c) Com muito maior razão é necessário o estudo das vias espirituais para a direção das *almas fervorosas*, chamadas à santidade, que muitas vezes são encontradas até nos menores recônditos. Para conduzi-las até a oração da simplicidade e à contemplação ordinária, é necessário que o diretor espiritual conheça não somente a *Ascética*, mas também a *Teologia Mística*, sob pena de cometer erros e colocar obstáculos no progresso dessas pessoas. É o que afirma Santa Teresa: “*Por isso, é muito importante que o mestre seja inteligente, isto é, de bom entendimento e experiente. ... sempre tive a opinião de que todo cristão deve procurar ter relações com quem a*

tenha (boas letras), se puder, e quanto mais melhor; e os que seguem o caminho da oração têm mais necessidade disso, e tanto maior quanto mais espirituais forem. ... Tenho para mim que a pessoa de oração que se relaciona com letrados não será enganada pelas ilusões do demônio, se não quiser se enganar; creio eu, os demônios temem muito a instrução humilde e virtuosa, sabendo que serão descobertos e prejudicados.”^[49] São João da Cruz opina do mesmo modo: “Tais mestres espirituais (ignorantes das vias místicas) não compreendem as almas empenhadas nesta contemplação quieta e solitária ... forcem-nas a retomar o caminho da meditação e do trabalho da memória, a fazer atos interiores em que as sobreditas almas não encontram mais que aridez e distração ... Advirtam-no todos bem: àquele que se engana por ignorância, quando o seu ministério lhe impõe o dever de adquirir os conhecimentos indispensáveis, não escapará a um castigo que será segundo à medida do mal produzido.”^[50]

Ninguém o diga: quando encontrar tal alma, deixá-la-ei aos cuidados do Espírito Santo, para que a guie. O Espírito Santo responderia que lha confiou e que é preciso cooperar com Ele na sua direção. Por certo Ele pode conduzi-la por si mesmo, mas, para evitar qualquer perigo de ilusão, quer que essa direção seja submetida à aprovação de um diretor humano.

V.II.II – Utilidade da Teologia Ascética Para os Leigos

38. Dizemos *utilidade* e não *necessidade*, porque os fiéis leigos podem deixar-se guiar por um diretor instruído e experiente e, portanto, não estão, em absoluto, obrigados a estudar Teologia Ascética. Não obstante, tal estudo será para eles muito útil por três razões principais:

a) Para estimular e manter o *desejo* de perfeição e para obter algum *conhecimento* sobre a natureza da vida cristã e os meios que nos permitem aperfeiçoá-la. Não há desejo sem conhecimento e a leitura de livros espirituais estimula ou aumenta o desejo sincero de praticar o que se leu. Quantas almas, por exemplo, depois de terem lido a Imitação de Cristo, o Combate Espiritual, a Introdução à Vida Devota, ou a Prática do Amor de Deus, sentiram-se fortemente impulsionadas no caminho da perfeição?

b) Destarte, mesmo que haja um guia espiritual, a leitura de um bom tratado de Teologia Ascética *facilita e completa a direção*. Obtém-se um melhor conhecimento do que se deve dizer na confissão ou na direção. Além disso, compreende-se e grava-se melhor os conselhos do diretor quando estes são encontrados em um livro que se pode reler. O diretor, por seu turno, não precisa entrar numa infinidade de pormenores; depois de alguns avisos essenciais, basta-lhe mandar o dirigido ler algum tratado onde encontrará os esclarecimentos e complementos necessários. Com isso a direção torna-se mais breve, sem prejuízo do dirigido. O livro continuará e completará a ação do diretor.

c) Por fim, a leitura de um tratado de vida espiritual poderá *suprir*, até certo ponto, a *direção espiritual* que se tornou inviável por falta de guia, ou quando ela é muito espaçada. Explicaremos adiante que a direção espiritual é, sem dúvida, o meio *normal* para formar a alma na perfeição. Mas quando, por alguma razão, não se consegue encontrar um bom diretor, Deus em sua infinita bondade supre essa falta por diversos meios e, um deles, é exatamente um desses livros que, com precisão e método, mostram o caminho que se deve trilhar para alcançar a perfeição. ^[51]

V.II.III - Maneira de Estudar Esta Ciência

39. Para se obter os conhecimentos necessários para dirigir as almas há três requisitos: um *manual*, a leitura dos *grandes mestres* e a *prática*.

A) *O estudo de um manual*. É fato que as leituras espirituais realizadas nos seminários, a prática da direção e, sobretudo, o progresso gradual nas virtudes, ajudam muito o seminarista a adquirir formação na difícil arte de dirigir as almas. Não obstante, é também necessário agregar o estudo de um bom manual. 1 – As leituras espirituais são, antes de tudo, um exercício de piedade, uma série de instruções, conselhos e exortações sobre a vida espiritual, mas é muito raro que nelas se tratem de maneira metódica e completa *todas as questões de espiritualidade*. 2 – Ocorre que, se o seminarista não tiver um manual, em que possa organizar logicamente os diversos conselhos que recebe, e que possa reler de tempos em tempos, rapidamente esquecerá o que ouviu e não possuirá a ciência necessária. No entanto, São Pio X diz com razão que essa ciência é uma daquelas que o

jovem clérigo deve adquirir no seminário, ou seja, “a ciência da prática e da piedade cristã, chamada Teologia Ascética”.^[52]*

40. B. *O estudo profundo dos mestres espirituais*, especialmente dos autores canonizados ou daqueles que, sem o serem, viveram como santos.

a) Com efeito, o contato com eles faz com que: o *coração* se inflame; a *inteligência*, iluminada pela fé, entenda com mais clareza e saboreie melhor que num livro didático os grandes princípios da vida espiritual; a *vontade*, ajudada pela graça, sinta-se arrastada ao exercício das virtudes tão vivamente descritas pelos mesmos que heroicamente as praticaram. Se a esses livros juntarmos a *leitura da vida dos santos*, compreenderemos melhor as razões e a maneira de imitá-los. Além disso, a influência irresistível dos seus exemplos acrescentará nova força aos seus ensinamentos: “*As palavras comovem, os exemplos arrastam.*”

b) O estudo, iniciado no seminário, deve *continuar* e se *aperfeiçoar* durante o ministério. Com a experiência na direção das almas ele se tornará mais prático. Assim como um bom médico aperfeiçoa constantemente o seu conhecimento com a prática do ofício, e este, por sua vez, com novos estudos, também um prudente diretor completará: os seus conhecimentos teóricos ao interagir com as almas e; a arte da direção com novos estudos que tenham relação com as necessidades particulares das almas que lhe são confiadas.

41. C. *O exercício das virtudes cristãs e sacerdotais*, sob o prudente estímulo de um diretor. Para compreender bem as diferentes etapas da perfeição, não há meio mais eficaz do que vivenciá-las por si mesmo. O melhor guia de montanhas acaso não é aquele que as percorreu em todas as direções? Quem teve uma boa direção, em igualdade de circunstâncias, é também mais capacitado para dirigir os outros, porque sabe por experiência como se aplicam as regras aos casos particulares.

Combinando essas três condições, o estudo da Teologia Ascética será de grande proveito, tanto para nós como para os outros.

42. Solução de algumas dificuldades. **A)** Muitas vezes critica-se a Teologia Ascética de *falsear as consciências* ao revelar-se muito mais

exigente que a Teologia Moral e pretender das almas uma perfeição irrealizável. A crítica teria fundamento se a Ascética não fizesse distinção entre *preceito* e *conselho*, entre as almas chamadas à mais alta perfeição e as que não o são. Mas não é assim, pois enquanto instiga as almas de eleição para elevá-las a alturas inacessíveis aos cristãos comuns, diferencia os mandamentos dos conselhos e as condições essenciais para a salvação das requeridas pela perfeição. Não obstante, também sabe que, para guardar os mandamentos, é necessário observar alguns conselhos.

43. B) Destarte, acusam-na de favorecer o *egoísmo* ao colocar acima de tudo a santificação pessoal. – É ensinamento de Nosso Senhor que a salvação da nossa alma deve ser a primeira das nossas preocupações: “*Que servirá a um homem ganhar o mundo inteiro, se vem a prejudicar a sua vida? Ou que dará um homem em troca de sua vida?*” (Mt 6, 26). Nisso, porém, nada há de egoísmo, pois uma das condições essenciais da salvação é a caridade para com o próximo, que se manifesta por obras tanto corporais como espirituais. Além disso, a perfeição requer que amemos o próximo a ponto de sacrificar-nos por ele, como Jesus fez por nós. Se isso for egoísmo, devemos reconhecer que há pouco a temer. Basta ler a vida dos santos para ver que eles foram os menos egoístas e os mais caridosos dos homens.^[53]

C) As críticas insistem. A Teologia Ascética impele as almas para a contemplação e isso afasta-as da vida ativa. – É ignorar totalmente a história afirmar que a contemplação prejudica a ação. “*Os verdadeiros místicos, diz M. Montmorand,^[54] são pessoas práticas e ativas, não de raciocínio e teoria; têm o dom da organização e do comando e mostram-se muito dispostos para os negócios. As obras fundadas por eles revelam-se viáveis e perduram. Na concepção e direção das suas empresas, demonstram prudência, audácia e bom tino para julgar as possibilidades que caracterizam o bom senso. De fato, bom senso parece ser a sua qualidade marcante: bom senso que não se perturba com exaltações de qualquer espécie, nem com desordens da imaginação, e que, ao contrário, é acompanhado de um raro poder de penetração.*” De fato, ao lermos a História da Igreja, constatamos que, em sua maioria, os santos que escreveram sobre a vida espiritual foram ao mesmo tempo homens de ciência e ação. Testemunham isso: Clemente de Alexandria, São Basílio, São Crisóstomo, Santo Ambrósio, Santo Agostinho, São Gregório, Santo

Anselmo, São Bernardo, Santo Alberto Magno, Santo Tomás, São Boaventura, Gerson, Santa Teresa, São Francisco de Sales, São Vicente de Paulo, o Cardeal Bèrulle, M.^{me} Acarie e muitos outros cuja enumeração seria por demais longa. A contemplação, longe de ser um obstáculo à ação, ilumina-a e dirige-a.

Assim, nada mais nobre, mais importante e mais útil que a Teologia Ascética bem compreendida.

VI - DIVISÃO DA TEOLOGIA ASCÉTICA E MÍSTICA

VI.I – DIVERSOS PLANOS ADOTADOS PELOS AUTORES

Primeiramente enumeraremos os vários planos geralmente seguidos pelos autores. Então, apresentaremos aquele que nos parece mais adequado ao nosso fim. Diferentes pontos de vista podem ser adotados ao traçar-se uma divisão lógica da ciência espiritual.

44. 1º - Alguns a consideram, principalmente, como uma ciência *prática*, afastando-se de todas as verdades especulativas sobre as quais se fundamenta, e limitam-se a coordenar, o mais metodicamente possível, as regras da perfeição cristã. Adotaram esse proceder, entre os Santos Padres, Cassiano em suas *Conferências*, São João Clímaco, em sua *Escada Mística* e, nos tempos modernos, Rodriguez em *Prática da Perfeição Cristã*. A vantagem desse método é entrar de imediato no estudo dos meios práticos que conduzem à perfeição. Os inconvenientes são não proporcionar às almas os *estímulos* que nos são dados pela reflexão sobre aquilo que Deus e Jesus Cristo fizeram por nós, e ainda fazem, e não fundamentar a prática das virtudes em *convicções profundas* e gerais, que se adquirem com a meditação das verdades dogmáticas.

45. 2º - Por isso, os Padres mais ilustres, gregos e latinos, Santo Atanásio e São Cirilo, Santo Agostinho e Santo Hilário, e os grandes teólogos da Idade Média, Ricardo de São Vitor, Santo Alberto Magno, Santo Tomás e São Boaventura, tiveram o cuidado de fundamentar sua doutrina espiritual sobre os dogmas da fé e relacioná-los com as virtudes, das quais expõem a natureza e os graus. Particularmente, foi o que fez a Escola Francesa do século XVII, com Bèrulle, Condren, Olier, São João Eudes.^[55] Seu grande mérito consiste em buscar a iluminação do entendimento e o fortalecimento das convicções, para mover-nos a melhor praticar as austeras virtudes que propõe. Às vezes, porém, censuram essa metodologia por ser

demasiadamente especulativa e pouco prática. Unir essas tendências é o ideal e vários fizeram com êxito essa experiência.^[56]

46. 3º - Entre aqueles que procuram unir esses dois elementos essenciais, alguns seguem a ordem *ontológica* das virtudes, enquanto outros preferem a ordem *psicológica* em que se desenvolvem essas mesmas virtudes no decorrer das três vias, *purgativa, iluminativa e unitiva*.

A) Entre os primeiros encontra-se Santo Tomás, que na *Suma* trata sucessivamente das virtudes teologais e morais e dos dons do Espírito Santo, os quais relaciona com cada virtude. Foi seguido pelos principais autores da Escola Francesa do século XVII e por outros escritores.^[57]

B) Entre os que preferem a ordem psicológica encontram-se aqueles que, visando formar diretores espirituais, descreveram sucessivamente o progresso da alma ao longo das três vias, acrescentando, porém, no início de seus tratados, uma curta introdução sobre a natureza da vida espiritual. Tais são Tomás de Vallgornera, O. P., *Mystica Theologia Divi Thomae*, Filipe da Santíssima Trindade, C. D., *Summa Theologiae Mysticae*, Schram, O. S. B., *Institutiones Theologiae Mysticae*; Scaramelli, S. J. *Direttorio Ascetico*, e, em nossos dias, A. Saudreau, *Les degrés de la vie spirituelle*.

47. 4º - Por fim, outros, como o Pe. Álvarez de Paz e o Pe. Le Gaudier, S. J., combinaram os dois métodos. Começam expondo longamente, sob o ponto de vista dos dogmas, tudo o que diz respeito à natureza da vida espiritual e aos principais meios de perfeição. A seguir, aplicam esses princípios gerais às três vias. Pareceu-nos, para sermos coerentes com o fim visado de *formar diretores espirituais de almas*, ser esse o método mais conveniente a adotar. Sem dúvida, essa metodologia recai em algumas repetições e, por vezes, apresenta a doutrina em parcelas. Contudo, qualquer outra divisão da matéria também apresenta inconvenientes. No método escolhido, podemos remediá-los fazendo referências a tópicos já tratados ou que serão desenvolvidos mais tarde.

VI.II - O NOSSO PLANO

48. Dividiremos nossa Teologia Ascética em duas partes. Na *primeira*, que será sobretudo *doutrinal* e que intitulamos “Os Princípios”, exporemos a *origem* e a *natureza* da vida cristã, a *perfeição* dessa vida, a *obrigação* de buscá-la e os *meios gerais* para alcançá-la. Na *segunda*, que consistirá na aplicação dos princípios às diversas classes de almas, percorreremos os contínuos progressos da alma que, estimulada pelo desejo da perfeição, trilha sucessivamente as três vias, *purgativa*, *iluminativa* e *unitiva*. Essa segunda parte, em tudo baseada na doutrina, será principalmente ordenada segundo a *ordem psicológica* do desenvolvimento espiritual.

A primeira parte *iluminará* nossa caminhada, mostrando-nos o plano divino da santificação, e *estimulará* os nossos esforços ao recordar a generosidade de Deus para conosco e ao delinear os grandes rumos que devemos seguir para corresponder a essa generosidade, com a entrega total de nós mesmos. A segunda *guiará* nossos passos, expondo em detalhes os estágios sucessivos a serem percorridos, com a ajuda de Deus, para chegar ao fim. Dessa forma, entendemos, estarão reunidas e conciliadas as vantagens das outras formas de apresentação da Teologia Ascética.

PRIMEIRA PARTE – OS PRINCÍPIOS

Finalidade e Divisão da Primeira Parte

49. Esta primeira parte visa recordar brevemente os principais dogmas em que se apoia a nossa vida sobrenatural, expor a natureza e perfeição dessa vida, assim como os meios gerais que conduzem à perfeição. Seguiremos nela a ordem *ontológica*, deixando para a segunda parte a utilização da ordem *psicológica*, que normalmente seguem as almas ao pôr em prática esses diversos meios.

DIVISÃO DOS CAPÍTULOS

- I.** *As origens* da vida sobrenatural: elevação do homem ao estado sobrenatural, queda e redenção.
- II.** *Natureza* da vida cristã: função de Deus e da alma.
- III.** *Perfeição* dessa vida: o *amor* a Deus e ao próximo levado até o sacrifício.
- IV.** *Obrigações* dos fieis leigos, religiosos e sacerdotes, de buscar a perfeição.
- V.** *Meios gerais*, interiores e exteriores, para alcançar a perfeição.

50. A razão dessa divisão é facilmente percebida. O *primeiro* capítulo expõe as origens da vida sobrenatural, ajudando-nos a compreender melhor sua natureza e excelência.

O *segundo* trata da natureza da vida cristã no homem renegado; a função desempenhada por Deus ao *dar-se a nós*, quer em si mesmo, quer por meio de seu Filho, ou ajudando-nos através da SS. Virgem e dos santos;

a função desempenhada pelo *homem*, dando-se a *Deus* por meio de uma cooperação generosa e constante com a graça.

O *terceiro* mostra que, essencialmente, a perfeição desta vida consiste no amor a Deus e ao próximo por Deus, mas que na terra esse amor não pode ser praticado sem *generosos sacrifícios*.

No *quarto* determina-se a obrigação de *buscar* essa perfeição e em que extensão estão obrigados leigos, religiosos e sacerdotes.

No *quinto*, resta somente especificar quais os meios gerais que nos ajudam a chegar mais perto da perfeição, meios comuns a todos, mas com graus diversos, que serão vistos na segunda parte ao tratarmos das três vias.

CAPÍTULO I - ORIGENS DA VIDA SOBRENATURAL

51. Este capítulo tem por objetivo fazer-nos compreender melhor o que há de gratuito e excelente na vida sobrenatural, como também o que há de nobre e fraco no homem, a quem essa vida foi concedida. Para melhor compreensão, veremos:

- I. O que é a *vida natural* do homem;
- II. Sua *elevação* ao estado sobrenatural;
- III. Sua *queda*;
- IV. Sua *restauração* pelo divino Redentor.

Art. I – A VIDA NATURAL DO HOMEM

52. Incumbe-nos aqui descrever a condição do homem tal como teria sido no estado de pura natureza, como o relatam os filósofos. Importa lembrar, ainda que resumidamente, o que a reta razão nos ensina sobre esse ponto, porque a vida sobrenatural, enquanto preserva e aperfeiçoa nossa vida natural, é nesta enxertada.

1º - O homem é um conjunto misterioso de *corpo* e *alma*, de *matéria* e *espírito* que se unem intimamente para formar uma única natureza e pessoa. É, por assim dizer, o ponto de junção, o elo de ligação entre os espíritos e os corpos, um compêndio das maravilhas da criação, um pequeno mundo que resume todos os mundos, e manifesta a sabedoria divina que soube unir duas coisas tão dessemelhantes.

53. Esse pequeno mundo é *pleno de vida*. Conforme observa São Gregório Magno, distinguem-se nele três vidas, a *vegetativa*, a *animal* e a *intelectual*: “*Homo habet vivere cum plantis, sentire cum animantibus, intelligeri cum angelis.*”^[58] Como *planta*, o homem nutre-se, cresce e reproduz-se; como *animal*, conhece os objetos sensíveis e a eles se inclina em razão do apetite sensitivo, com suas emoções e paixões, e move-se com movimento espontâneo; como *anjo*, embora em grau inferior e de modo diferente, conhece intelectualmente o ser suprassensível e a verdade, enquanto sua vontade inclina-se livremente para o bem racional.

54. 2º - Essas três vidas não se sobrepõem, mas *interpenetram-se*, coordenam-se e subordinam-se para concorrerem a um mesmo fim, que é a perfeição de todo o ser. É lei, tanto racional como biológica, que em todo ser composto não é possível conservar e desenvolver a vida sem coordenar, e, por conseguinte, subordinar seus diversos elementos ao elemento principal, subjugando-os para deles servir-se. Portanto, no homem, as faculdades inferiores, vegetativas e sensitivas, deverão ser submetidas à razão e à vontade. Esta condição é absoluta. Na medida em que isso não ocorre, a vida enfraquece ou desaparece. Na realidade, quando cessa a

subordinação, começa a dissociação dos elementos, o enfraquecimento do sistema e por fim a morte.^[59]

55. 3º - Assim, a vida é uma *luta*. Nossas faculdades inferiores inclinam-se com ardor para o prazer, enquanto as superiores tendem para o bem honesto. Porém, entre o prazer e o bem honesto muitas vezes há conflito. O que nos agrada, o que é útil, ou ao menos parece-nos ser, nem sempre é moralmente bom. Assim, é preciso que a razão, para impor a ordem, reprima as tendências contrárias e vença-as. É uma *luta do espírito contra a carne*, da vontade contra a paixão. Essa luta é por vezes penosa: assim como na primavera a seiva sobe pelas árvores, por vezes, *violentos impulsos* para o prazer sensível erguem-se na parte sensitiva da alma.

56. Todavia, eles não são *invencíveis*. A vontade, ajudada pela inteligência, exerce sobre esses movimentos passionais um quádruplo poder: 1) poder de *previdência*, que consiste em *prever* e *prevenir*, por meio de sábia e constante vigilância, muitas imaginações, impressões e emoções perigosas; 2) poder de *inibição* ou de *moderação*, pelo qual detemos, ou pelo menos moderamos, os movimentos violentos que se erguem em nossa alma. Por exemplo, pode-se impedir: que os olhos se fixem em algum objeto perigoso; que a imaginação mantenha imagens lascivas e; pode-se conter um movimento repentino de cólera; 3) poder de *estimulação*, que incita ou intensifica, por meio da vontade, movimentos passionais; 4) poder de *direção*, que nos permite direcionar esses movimentos para o bem e, desse modo, afastá-los do mal (ver nº 811).

57. Além dessas lutas interiores, pode haver outras *entre a alma e o seu Criador*. Sem dúvida, a reta razão mostra-nos que devemos nos submeter totalmente àquele que é nosso soberano Senhor. Todavia, essa obediência custa-nos. Há em nós um anseio por independência e autonomia que nos inclina a não aceitar a autoridade divina. É o orgulho, que somente pode ser vencido pelo humilde reconhecimento: de nossa indignidade e impotência; dos direitos imprescritíveis do Criador sobre a sua criatura.

Portanto, mesmo no estado de natureza teríamos que lutar contra a *tríplice concupiscência*.

58. 4º - Quando o homem, sem ceder às suas más inclinações, faz o que deve, pode com toda a justiça esperar uma *recompensa* e esta será, para a sua alma imortal: em conformidade com a sua natureza, um *conhecimento*, analítico e discursivo, mais amplo e profundo da verdade e de Deus e; um *amor* mais puro e duradouro. Se, pelo contrário, viola livremente a lei em matéria grave e não se arrepende antes de morrer, não atinge o seu fim e merece um castigo, que será a privação de Deus e os tormentos proporcionais à gravidade de suas culpas.

Essa teria sido a condição do homem no estado que chamamos de *natureza pura*, que, todavia, nunca existiu, porque o homem foi elevado ao estado sobrenatural no momento da sua criação, como diz Santo Tomás, ou, conforme São Boaventura, imediatamente após.

Em sua infinita bondade, Deus não se satisfaz em outorgar dons naturais ao homem. Destarte, desejou elevá-lo a um estado superior, conferindo-lhe dons preternaturais e sobrenaturais.

Art. II – ELEVAÇÃO DO HOMEM AO ESTADO SOBRENATURAL ^[60]

II.I – NOÇÃO DO SOBRENATURAL.

59. Recordemos brevemente que a teologia distingue duas espécies de sobrenatural: o absoluto ou *por essência*; o *relativo* ou quanto ao modo.

1º - O sobrenatural absoluto ou *por essência* (*quoad substantiam*) é um dom divino outorgado à criatura inteligente, que a transcende absolutamente, ou seja, por ela não pode ser produzido e sequer pode ser postulado, exigido ou merecido. Portanto, ultrapassa não somente todas as suas capacidades ativas, mas também todos os seus direitos e exigências. É algo *finito*, por ser um dom outorgado a uma criatura, mas, ao mesmo tempo é algo *divino*, posto que só o divino pode ultrapassar as exigências de toda a criatura. É divino, mas comunicado, participado de um modo finito. Assim, evitamos cair no panteísmo. Na realidade há somente duas formas de sobrenatural por essência: a *Encarnação* e a *graça santificante*.

A) Na Encarnação, Deus se une à humanidade na pessoa do Verbo, de modo que a natureza humana de Jesus tem por sujeito pessoal a segunda Pessoa da Santíssima Trindade. Não obstante, a natureza humana não é alterada. Assim, Jesus, homem por natureza humana, é verdadeiramente Deus quanto à sua personalidade. Essa união é substancial; não transforma duas naturezas em uma só, apenas une-as conservando-lhes a integridade. É, pois, uma união *pessoal* ou *hipostática*. É o grau mais elevado de sobrenatural por essência.

B) A *graça santificante* é um grau menor desse mesmo sobrenatural. Ela, sem dúvida, preserva a personalidade própria do homem. Todavia, embora acidentalmente, modifica-a, ao modo divino, em sua natureza e capacidade de ação. Certamente não a transforma em Deus, mas torna-a deiforme, isto é, semelhante a Deus, *divinæ consors naturæ*, capaz de esperar a posse de Deus *diretamente* pela visão beatífica, quando a graça for transformada em glória, e de vê-lo face a face, como Ele se vê a si mesmo. Evidentemente, esse privilégio ultrapassa as exigências das mais perfeitas

criaturas, posto que nos faz partícipes da vida intelectual de Deus, da sua própria natureza.

60. 2º - O sobrenatural *relativo* ou quanto ao modo (*quoad módum*) é em si algo que não transcende as capacidades ou exigências das criaturas, mas somente de alguma natureza em particular. Desse gênero, por exemplo, é a ciência infusa, que supera a capacidade ativa do homem, mas não a dos anjos.

Deus comunicou ao homem essas duas espécies de sobrenatural. De fato, outorgou aos nossos primeiros pais o *dom de integridade* (*sobrenatural quoad modum*) que, completando-lhes a natureza, dispõe-na a receber a graça e, ao mesmo tempo, conferiu-lhes a própria *graça, dom sobrenatural* (*quoad substantiam*). O conjunto desses dois dons forma o que se chama *justiça original*.

II.II – DONS PRETERNATURAIS CONFERIDOS A ADÃO

61. O *dom da integridade* aperfeiçoa a *natureza* do homem, sem a elevar à ordem divina. É seguramente um dom *gratuito, preternatural*, que transcende as suas exigências e forças, mas não chega a ser o *sobrenatural por essência*. Encerra três grandes privilégios que, sem alterarem a natureza humana em sua essência, conferem-lhe uma perfeição que ela não tinha direito algum. Esses privilégios são a *ciência infusa*, o *domínio das paixões*, ou ser livre da concupiscência, e a *imortalidade do corpo*.

62. A) A ciência infusa. Por natureza não temos direito a uma ciência que é privilégio dos anjos. Só gradualmente e com dificuldade é que, segundo as leis psicológicas, conquistamos a ciência. Mas, para que mais facilmente o primeiro homem cumprisse seu ofício de cabeça e educador do gênero humano, Deus gratuitamente lhe concedeu o conhecimento infuso de todas as verdades que precisava saber e uma certa facilidade para adquirir a ciência experimental. Com isso, aproximava-se aos anjos.

63. B) O domínio das paixões ou a imunidade dessa concupiscência tirânica que torna tão difícil o exercício da virtude. Dissemos que, por sua própria constituição, há no homem uma luta terrível entre o desejo sincero do bem e o apetite desordenado pelos prazeres e pelos bens sensíveis. Além disso, há uma inclinação acentuada para o orgulho. Em resumo, isso é o que chamamos de tríplice concupiscência. Para remediar essa imperfeição natural, Deus outorgou aos nossos primeiros pais um certo *domínio das paixões* que, sem os tornar impecáveis, facilitava-lhes a prática da virtude. Não havia em Adão a *tiranía da concupiscência* que inclina violentamente para o mal, mas tão somente uma certa tendência para o prazer, subordinado à razão. Como a sua vontade estava sujeita a Deus, as faculdades inferiores estavam submetidas à razão e o corpo à alma. Isso era a ordem, a retidão perfeita.

64. C) A imortalidade corporal. Por natureza o homem está sujeito à enfermidade e à morte. Todavia, para que com maior liberdade a alma pudesse aplicar-se no cumprimento dos seus deveres mais elevados, o homem, por especial providência, foi preservado dessa dupla fraqueza.

Mas esses privilégios destinavam-se a tornar o homem mais apto para receber e utilizar um dom muito mais precioso, completa e absolutamente sobrenatural, o da *graça santificante*.

II.III – PRIVILÉGIOS SOBRENATURAIS

65. A) Por natureza o homem é *servo* de Deus, sua propriedade. Por insigne bondade, da qual nunca seremos suficientemente gratos, Deus quis torná-lo parte de sua família, adotá-lo por filho, constituí-lo como herdeiro presumido, reservando-lhe um lugar no seu reino. E, para que essa adoção não fosse uma mera formalidade, comunicou-lhe uma participação da sua vida divina. Esta participação é, certamente, uma qualidade criada, mas também real. Ela permitia que o homem desfrutasse, na terra, das luzes da fé, muito superiores às da razão, e no céu, possuísse a Deus pela visão beatífica e com um amor proporcional à claridade dessa visão.

66. B) A essa graça habitual, que aperfeiçoava e divinizava, podemos dizer, a própria substância da alma, foram acrescentadas *virtudes infusas e dons do Espírito Santo*, que divinizavam as suas faculdades, e uma *graça atual* que, pondo em ação todo esse organismo sobrenatural, permitia-lhe realizar atos sobrenaturais, deiformes e meritórios da vida eterna.

Essa graça é *substancialmente* a mesma que nos é concedida pela justificação. Assim, por ora não a descrevemos em detalhes, pois pretendemos fazê-lo mais tarde, quando falarmos do homem regenerado.

Com exceção da ciência infusa, todos esses privilégios não foram recebidos por Adão como bens pessoais, mas como um *patrimônio de família* que deveria ser transmitido a toda sua posteridade, contanto que se mantivesse fiel a Deus.

Art. III – A QUEDA E O CASTIGO^[61]

III. I – A QUEDA

67. Não obstante todos esses privilégios, o homem permanecia *livre* e foi submetido a uma *prova* para que, com o auxílio da graça, pudesse merecer o céu. Essa prova consistia no cumprimento das leis divinas e, em particular, de um *preceito positivo* adicionado à lei natural, que é expresso no livro do Gênesis sob a forma de proibição de comer do fruto da árvore da *ciência do bem e do mal*. A Sagrada Escritura descreve como o demônio, sob a forma de serpente, tentou os nossos primeiros pais, suscitando em suas mentes dúvidas sobre a legitimidade dessa proibição. Tenta persuadi-los de que, se comerem do fruto, além de não morrer, serão como deuses, sabendo por si mesmos o que é bom e o que é mal, sem necessidade de recorrer à lei divina: “*sereis como deuses, conhecedores do bem e do mal*” (Gn 3, 5). Era uma tentação de orgulho, de rebelião contra Deus. O homem rende-se a ela e comete formalmente um ato de *desobediência*, como observa São Paulo (Rm 5), inspirado pelo *orgulho* e imediatamente seguido por outras faltas. Era uma falta grave porque significava recusar submissão à autoridade divina, uma espécie de negação do seu domínio supremo e da sua sabedoria, posto que o preceito era um meio de provar a fidelidade do primeiro homem. O pecado foi ainda mais grave porque os primeiros pais conheciam a infinita generosidade de Deus para com eles, os seus direitos imprescritíveis e a gravidade do preceito, expressada pela gravidade da punição em caso de desobediência. Além disso, como não eram impulsionados pela impetuosidade das paixões, tiveram tempo de refletir sobre as terríveis consequências do seu ato.

68. O caso ainda sugere a seguinte questão: como é que eles puderam pecar se não estavam pressionados pela força da concupiscência? Para compreender é preciso lembrar que nenhuma criatura livre é imune ao pecado. O livre arbítrio lhe dá a faculdade de desviar os olhos do bem verdadeiro e dirigi-los para o bem aparente, apegar-se a este e preferi-lo

àquele. O pecado consiste precisamente nessa preferência. Como observa Santo Tomás, o único que não peca é aquele cuja vontade confunde-se com a lei moral, o que é privilégio exclusivo de Deus.

III.II – O CASTIGO

69. O *castigo* veio rápido: castigo pessoal e da posteridade.

A) O castigo pessoal de nossos primeiros pais é descrito no Gênesis. Mas a bondade de Deus revela-se também aqui. Ele poderia aplicar-lhes imediatamente a pena de morte, mas por misericórdia não o fez. Limitou-se a privá-los dos privilégios especiais que lhes havia outorgado, isto é, do dom da integridade e da graça habitual, mas conservou-lhes a natureza e os privilégios naturais. Sem dúvida, a vontade enfraqueceu-se quando comparada ao que era quando possuíam o dom da integridade. Todavia, não há evidência conclusiva que se tenha tornado mais fraca do que teria sido no estado natural puro. De qualquer modo, a vontade permaneceu livre para poder optar entre o bem e o mal. Deus até mesmo aquiesceu em deixar-lhes a fé e a esperança e, de imediato, fez brilhar em seus olhos desencorajados a esperança de um libertador, saído da própria raça humana, que um dia iria triunfar sobre o demônio e restaurar o homem decaído. Ao mesmo tempo, pela graça atual moveu os seus corações ao arrependimento e, no tempo oportuno, perdoou-lhes o pecado.

70. B) Mas qual a condição da *posteridade* advinda dos primeiros pais? Foi também privada desde o instante da concepção, da *justiça original*, ou seja, da *graça santificante* e do *dom da integridade*. Esses dons puramente gratuitos, que eram, por assim dizer, um *patrimônio familiar*, somente seriam transmitidos à posteridade de Adão se ele permanecesse fiel a Deus. Como a condição não foi cumprida, nasceu o homem privado da justiça original. Quando pela penitência os primeiros pais recobram a graça, esta foi-lhes concedida privativamente, ou seja, como graça particular. Não puderam, pois, transmiti-la à posteridade. Estava reservado ao Messias, o novo Adão, que desde esse momento tornou-se cabeça do gênero humano, expiar nossos pecados e instituir o sacramento da *regeneração*, para transmitir a cada batizado a graça perdida por Adão.

71. Portanto, os filhos de Adão nascem *privados da justiça original*, isto é, da graça santificante e do dom da integridade. A privação dessa graça constitui o que se chama *pecado original*, pecado em sentido lato, que não supõe algum ato culpável de nossa parte, mas apenas um *estado de degradação*. Considerando ainda o fim sobrenatural a que continuamos destinados, é também uma *privação*, a falta de uma qualidade essencial que deveríamos possuir e, por conseguinte, uma *mancha*, ou *deformidade moral*, que nos exclui do reino dos céus.

72. E, como o *dom da integridade* foi igualmente perdido, a concupiscência atormenta-nos; se firmemente não lhe opomos resistência, arrasta-nos para o pecado atual. Portanto, em comparação com o estado primitivo, encontramos-nos *decaídos e feridos*, sujeitos ao erro, inclinados ao mal, fracos para resistir às tentações. A experiência demonstra que a concupiscência não é igual em todos os homens. De fato, nem todos têm o mesmo temperamento e caráter e, por conseguinte, a mesma efervescência das paixões. Posto que desapareceu o freio da justiça original que reprimia as paixões, estas, conforme Santo Tomás,^[62] recobrando a liberdade, serão mais violentas em uns e mais moderadas em outros.

73. Devemos ir além e admitir, junto com a Escola Agostiniana, uma certa *diminuição intrínseca* das nossas faculdades e energias naturais? Não existe necessidade e nada prova esse fato.

Será preciso admitir, como fazem certos tomistas, uma *diminuição extrínseca* de nossas energias, baseada no fato de que temos *mais obstáculos* a vencer, especialmente a tirania que o demônio exerce sobre os que conquistou e a carência de certos auxílios naturais que Deus nos havia concedido no estado de natureza pura? É possível e muito provável. Mas, para sermos justos, há que se reconhecer que esses obstáculos são abundantemente compensados pelas graças atuais que Deus, na sua bondade, concede-nos em razão dos merecimentos do seu Filho e pela proteção dos anjos bons, sobretudo dos anjos da guarda.

74. **Conclusão.** O que podemos afirmar é que, pela queda original, o homem *perdeu o justo equilíbrio* que Deus lhe havia dado e que, em

comparação com o estado primitivo, está *ferido* e *desequilibrado*, como demonstra o estado atual de nossas faculdades.

A) Sobretudo, isso é bem evidente em nossas *faculdades sensitivas*.

a) Nos *sentidos exteriores*. Por exemplo: na visão os olhos lançam-se com avidez para o que atia a curiosidade; na audição, os ouvidos estão sempre prontos a satisfazer o desejo de novidades; o tato busca sensações agradáveis. Tudo isso sem preocupação com as regras morais.

b) O mesmo se diga dos *sentidos interiores*. A imaginação retrata-nos as mais variadas cenas, mais ou menos sensuais; as paixões inclinam-nos fortemente, até com violência, para o bem sensível ou sensual, sem se preocupar com o aspecto moral, buscando levar a vontade a consentir. Essas inclinações, contudo, não são irresistíveis, porque as faculdades ficam, em certa medida, submetidas ao império da vontade. Porém, quanto esforço e estratégia requer-se para submeter esses súditos rebeldes!

75. B. Também as faculdades *intelectuais*, o intelecto e a vontade, que constituem o homem propriamente dito, foram afetadas pelo pecado original.

a) Não há dúvida de que nosso intelecto continua apto a conhecer a verdade e, à custa de um trabalho paciente, adquirir, mesmo sem ajuda da revelação, o conhecimento de um certo número de verdades fundamentais de ordem natural. Mas como as fraquezas humilham! 1) Em vez de subir espontaneamente para Deus e para as coisas divinas, em vez de elevar-se das criaturas ao Criador, como havia feito no estado primitivo, tende a absorver-se no estudo das coisas criadas, sem voltar-se para a sua causa, a concentrar a atenção no que satisfaz a curiosidade e a negligenciar o que diz respeito ao seu fim. Os cuidados temporais muitas vezes o impedem de pensar na eternidade. 2) E com que *facilidade cai no erro*! Os muitos preconceitos a que somos propensos, as paixões que agitam nossa alma e lançam um véu entre ela e a verdade, infelizmente muitas vezes desviam-nos do caminho até nas questões mais vitais, das quais depende toda a nossa vida moral.

b) Já a nossa vontade, em vez de submeter-se a Deus, quer ser *independente*. Custa-lhe obedecer a Deus e principalmente aos seus representantes na terra. Então, ao querer vencer os obstáculos que se opõem à realização do bem, quanta fraqueza e inconstância revelam-se! Quantas

vezes ela não se deixa arrastar pelo sentimento e pelas paixões! São Paulo descreveu em termos claríssimos essa lamentável fraqueza: *“Eu não faço o bem que quero, mas faço o mal que não quero ... Porque me deleito na lei de Deus, segundo o homem interior; vejo, porém, nos meus ombros outra lei que luta contra a lei do meu espírito, e me torna cativo da lei do pecado, que está nos meus membros. Homem infeliz que eu sou! Quem me livrará do corpo desta morte? Graças a Deus, por Jesus Cristo Nosso Senhor.”* (Rm 7, 19-25). Portanto, a solução para esse estado lamentável, conforme nos diz o Apóstolo, é a *graça da Redenção*, da qual falaremos a seguir.

Art. IV – A REDENÇÃO E SEUS EFEITOS^[63]

76. Maravilhosa obra é a Redenção. Obra-prima de Deus, que *refaz* o homem desfigurado pela culpa, colocando-o, de certo modo, em um estado mais excelente que o anterior à queda, a tal ponto que a Igreja, na sua liturgia, não hesita bem-dizer a culpa que nos propiciou um Redentor como o Homem-Deus: “*Ó feliz culpa que nos fez merecer tão grande Redentor.*”

IV.I – SUA NATUREZA

77. Deus, que desde a eternidade previu a queda do homem, também desde a eternidade preparou um Redentor dos homens na pessoa de seu Filho. Este, decidiu fazer-se homem para tornar-se cabeça da humanidade. Desse modo, poderia expiar perfeitamente o nosso pecado, restituindo-nos, com a graça, todos os direitos ao céu. Portanto, soube tirar o bem do mal e harmonizar os direitos da *justiça* com os da *bondade*.

Não estava obrigado a satisfazer plenamente todos os direitos exigidos pela justiça. Bem podia ter perdoado o homem, contentando-se com a reparação imperfeita que este lhe poderia oferecer. Todavia, julgou ser mais digno de sua glória e proveitoso para o homem, colocá-lo num estado em que poderia reparar completamente a sua culpa.

78. A) A justiça perfeita exigia uma reparação *adequada, igual à ofensa*, oferecida por um *representante legítimo* da humanidade. Foi o que Deus realizou plenamente por meio da Encarnação e da Redenção.

a) Assim, Deus encarnou o seu Filho e o constituiu chefe da humanidade, cabeça de um corpo místico, cujos membros somos nós. Portanto, o Filho tem direito de fazer obras e de reparar em nome de seus membros.

b) Tal reparação não é somente *igual* à ofensa, mas imensamente a *supera*, por ter *valor moral infinito*, pois, como o valor moral de uma ação provém, antes de tudo, da dignidade da pessoa, todas as ações do Homem-

Deus têm valor infinito. Assim, uma só de suas obras seria suficiente para reparar adequadamente todos os pecados dos homens. Contudo, Jesus fez inumeráveis atos de reparação, inspirados por seu puríssimo amor, e finalizou-os com o mais sublime e heroico: a imolação total de si mesmo em sua dolorosa Paixão e sobre o Calvário. Desse modo, satisfez abundante e superabundantemente. “*Onde abundou o pecado, superabundou a graça*” (Rm 5, 20).

c) Essa reparação é do mesmo gênero que a culpa. Adão pecou por *desobediência e orgulho*. Jesus expia por meio da *humilde obediência*, inspirada pelo *amor*, que foi até a morte, e morte de cruz (Fl 2, 8). E, assim como na queda interveio uma mulher para arrastar Adão ao pecado, também na Redenção intervém uma mulher com seu poder de intercessão e por seus méritos.^[64]* É Maria, a Virgem Imaculada, a Mãe do Salvador, que com ele coopera na obra reparadora, embora secundariamente. Assim, a *justiça* foi plenamente satisfeita e mais ainda a *bondade*.

79. B) Com efeito, as Escrituras atribuem a Redenção à infinita misericórdia de Deus e ao excessivo amor que Ele tem por nós. Diz São Paulo: “*Deus, que é rico em misericórdia, impulsionado pelo grande amor com que nos amou, ... deu-nos a vida juntamente com Cristo*” (Ef 2, 4-5).

As três pessoas divinas concorrem na obra da redenção e, cada uma delas, com um amor que parece verdadeiramente chegar ao excesso.

a) O Pai tem somente um Filho, igual a si próprio, que ama como a si mesmo e por quem é infinitamente amado. Esse Filho único ele nos dá, sacrificando-o por nós, para restituir-nos a vida que havíamos perdido pelo pecado. “*Com efeito, de tal modo Deus amou o mundo, que lhe deu seu Filho único, para que todo o que nele crer não pereça, mas tenha a vida eterna*”(Jo 3, 16). Acaso o Pai poderia ser mais generoso, dar mais que seu próprio Filho? E não nos deu todas as coisas com Ele? “*Aquele que não poupou seu próprio Filho, mas que por todos nós o entregou, como não nos dará também com ele todas as coisas?*” (Rm 8, 32).

80. b) O Filho aceita jubilosa e generosamente a missão que lhe é confiada. Desde o primeiro momento da Encarnação, oferece-se ao Pai como *vítima* para substituir todos os sacrifícios da antiga Lei. Sua vida inteira será um contínuo sacrifício, culminado pela imolação no Calvário.

Sacrifício que nasce do amor que nos tem. “*Progredi na caridade, segundo o exemplo de Cristo, que nos amou e por nós se entregou a Deus como oferenda e sacrifício de agradável odor*” (Ef 5, 2).

81. c) Para completar sua obra envia-nos o Espírito Santo, o amor consubstancial do Pai e do Filho, que além de derramar em nossas almas a graça e as virtudes infusas, especialmente a caridade, dá-se a si mesmo para que possamos desfrutar, não somente da sua presença e de seus dons, mas também da sua própria pessoa. “*Porque o amor de Deus foi derramado em nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado*” (Rm 5, 5).

Portanto, a Redenção é por excelência obra do amor e esse fato permite-nos antever os seus efeitos.

IV.II – EFEITOS DA REDENÇÃO

82. Além de reparar, com a satisfação, a ofensa feita a Deus e de reconciliar-nos com Ele, Jesus *mereceu-nos* todas as graças que havíamos perdido pelo pecado e outras mais. Primeiramente, restitui-nos os *bens sobrenaturais* perdidos pelo pecado:

a) A *graça habitual*, acompanhada do conjunto das virtudes infusas e dons do Espírito Santo e, para melhor acomodar-se à natureza humana, instituiu os *sacramentos*, sinais sensíveis que nos conferem a graça nas circunstâncias importantes da vida, dando-nos, desse modo, mais segurança e confiança;

b) *Graças atuais*, de tal modo abundantes que podemos considerá-las mais abundantes que no estado de inocência, em razão das palavras de São Paulo: “*Mas onde abundou o pecado, superabundou a graça*” (Rm 5, 20).

83. É incontestável que o *dom de integridade* não nos é restituído de uma única vez, mas *progressivamente*. A graça da regeneração não retira de nós as inclinações da tríplice concupiscência (nº 63) nem nos livra de todas as misérias da vida, mas dá-nos a força necessária para vencê-las; faz-nos mais humildes, vigilantes e ativos para prevenir e vencer as tentações; fortalece-nos na virtude e dá-nos ocasião de conquistar maiores *merecimentos*. Os

exemplos de Jesus, que tão bravamente levou a sua cruz e a nossa, quando postos diante de nossos olhos, estimulam nosso ardor na luta e mantêm nossa constância no esforço. As *graças atuais*, que Ele nos mereceu e concede com santa prodigalidade, notavelmente facilitam os esforços e as vitórias. À medida que lutamos, dirigidos e apoiados pelo Divino Mestre, a concupiscência diminui e aumenta a nossa capacidade de resistência. Chega o momento em que algumas almas privilegiadas são de tal modo confirmadas na virtude que, não obstante conservarem a liberdade de pecar, já não cometem qualquer falta venial de propósito deliberado. A vitória definitiva só ocorre quando chegamos ao céu, mas será tanto mais gloriosa quanto mais custosos tiverem sido os nossos esforços. Por isso, podemos dizer com razão: *O felix culpa!*

84. d) A esses auxílios interiores Nosso Senhor acrescentou outros *exteriores*, particularmente a *Igreja visível*. Fundou-a e organizou-a para: iluminar os intelectos com a luz de sua autoridade doutrinal; sustentar as vontades com o seu poder legislativo e judicial; santificar as almas com os sacramentos, sacramentais e indulgências. Acaso tudo isso não constitui um poderoso auxílio, pelo qual devemos dar graças a Deus? *O felix culpa!*

85. e) Enfim, não há certeza de que haveria Encarnação se não existisse o pecado original. A Encarnação é um bem preciosíssimo, por si só suficiente para justificar e explicar o cântico da Igreja: *O felix culpa!*

Em vez de um líder com grandes dotes, mas sem dúvida falível e pecador, temos por cabeça o Filho eterno de Deus, que, revestido da nossa natureza, é tão verdadeiro homem quanto verdadeiro Deus. É o *mediador ideal*, mediador de *religião* e de *redenção*, que adora o Pai não somente em nome próprio, mas também em nome da humanidade inteira e, ainda mais, em nome dos anjos, que têm a ventura de louvar a Deus por Ele (*per quem laudant Angeli*).^[65] É o *sacerdote perfeito*, que por sua natureza divina tem livre acesso a Deus e com compaixão inclina-se para os homens, agora seus irmãos, aos quais trata com indulgência, pois está cercado das mesmas fraquezas que eles: “*Sabe compadecer-se dos que estão na ignorância e no erro, porque também ele está cercado de fraqueza*” (Hb 5, 2).

Com Ele e por meio dele podemos render a Deus as honras infinitas a que tem direito. Com Ele e por meio dele podemos alcançar todas as

graças que precisamos para nós e para nossos irmãos. Quando adoramos, é Ele quem adora em nós e por nós; quando pedimos auxílio, é Ele quem apoia nossos pedidos. Por isso é que tudo o que pedimos ao Pai em seu nome, é-nos liberalmente concedido.

Portanto, devemos regozijar-nos por termos um tal Redentor, um tal Mediador, e depositar nele toda a nossa confiança.

CONCLUSÃO

86. Esse resumo histórico, acima exposto, destaca maravilhosamente a *excelência* da vida sobrenatural, assim como a *grandeza* e a *fraqueza* daquele que dela é beneficiário.

1º - A vida sobrenatural é excelente porque:

a) Tem sua origem em um *pensamento afetuoso de Deus*, o qual desde toda eternidade nos amou e quis unir-nos a Si numa doce intimidade: “*amo-te com eterno amor, e por isso a ti estendi o meu favor*” (Jr 31, 3).

b) É uma *participação real*, ainda que finita, da *natureza* e da *vida* de Deus, “*divinæ consortes naturæ*”. (Ver nº 106)

c) É valorizada por Deus a tal ponto que, para no-la conceder, o Pai sacrificou seu único Filho, o Filho imolou-se completamente e o Espírito Santo desceu às nossas almas para transmiti-la.

Portanto, dentre todos é o bem mais precioso (*temos entrado na posse das maiores e mais preciosas promessas (II Pe 1, 4)*), que acima de tudo devemos estimar, preservar e cultivar com o máximo zelo: vale tanto quanto Deus!

87. 2º - Contudo, trazemos esse tesouro em um vaso frágil. Nossos primeiros pais, mesmo dotados do dom da integridade e cercados de toda a sorte de privilégios, desventurosamente o perderam. E não somente eles perderam, mas toda a sua posteridade. Então, quanto não devemos temer nós que, malgrado a nossa regeneração espiritual, continuamos sujeitos à *tríplice concupiscência*? Sem dúvida há em nós *tendências nobres e generosas* que procedem do que existe de bom em nossa natureza e, principalmente, da nossa incorporação em Cristo e das forças sobrenaturais

que nos são dadas em razão dos seus méritos. Todavia, continuamos a ser *fracos e inconstantes*^[66]* se não nos apoiarmos naquele que é nosso braço direito e que, ao mesmo tempo, é também nossa cabeça. O segredo de nossa força não repousa em nós, mas em Deus e em Jesus Cristo. A história dos nossos primeiros pais e da lamentável queda mostra-nos que o maior mal, o único mal neste mundo, é o *pecado*. Portanto, devemos permanecer em constante *vigilância* para rechaçar, imediata e vigorosamente, os primeiros ataques do inimigo, venham de onde vierem, de fora ou de dentro. Destarte, estamos bem armados para enfrentá-los, como se demonstrará no capítulo a seguir, sobre a natureza da vida cristã.

CAPÍTULO II – NATUREZA DA VIDA CRISTÃ

88. Por ser uma participação da vida de Deus em razão dos méritos de Jesus Cristo, a vida sobrenatural por vezes é definida como “*a vida de Deus em nós*” ou “*a vida de Jesus Cristo em nós*”. Estas expressões estão corretas contanto que sejam bem explicadas, de modo a evitar-se qualquer vestígio de panteísmo. Na realidade, não temos uma vida *idêntica* à de Deus ou à de Jesus Cristo, mas apenas uma *semelhança*, uma *participação finita* dessa vida, embora seja real.

Portanto, podemos defini-la como “*uma participação da vida divina, conferida pelo Espírito Santo que habita em nós, em virtude dos méritos de Jesus Cristo, a qual devemos cultivar e defender contra as tendências opostas.*”

89. Facilmente se observa que nessa vida sobrenatural Deus exerce o papel *principal* e nós o *secundário*. É Deus, o Deus da SS. Trindade (também chamado de Espírito Santo), que pessoalmente vem nos conferir essa vida, pois somente Ele pode tornar-nos coparticipantes da sua própria vida. Ele no-la comunica em razão dos merecimentos de Jesus Cristo (nº 78), que é a causa meritória, exemplar e vital da nossa santificação. Embora seja verdadeiro que *Deus vive em nós*, que *Jesus vive em nós*, a nossa vida espiritual não é idêntica à de Deus ou à de Nosso Senhor. É distinta delas, mas assemelha-se a uma e outra. – A *nossa vida* consiste em fazer uso dos dons divinos para viver em Deus e para Deus, para viver em união com Jesus, imitando-o. Posto que persiste em nós a tríplice concupiscência (nº 83), devemos combatê-la contínua e esforçadamente para conservar essa vida sobrenatural em nós. Por outro lado, como Deus nos dotou de um organismo sobrenatural, incumbe a nós desenvolvê-lo por meio de *atos meritórios* e da fervorosa recepção dos sacramentos.

A definição acima (nº 88) deve ser compreendida no sentido que acabamos de expor. Todo esse capítulo versará somente sobre a explicação e o desenvolvimento dessa vida, o que permitirá extrair conclusões práticas sobre a devoção à SS. Trindade, sobre a devoção e união com o Verbo

Encarnado, e até mesmo sobre a devoção à SS. Virgem e aos Santos, que decorrem das relações com o Verbo Encarnado.

A ação de Deus e da alma na vida cristã desenvolve-se, por assim dizer, paralelamente. Assim, para maior clareza, trataremos o tema em dois artigos sucessivos: a *função de Deus* e a *função do homem* na vida cristã.

Deus Opera em Nós

- **Por Si mesmo**
 - Habita em nós. Logo: devoção à SS. Trindade
 - Dota-nos de um organismo sobrenatural
- **Pelo seu Verbo Encarnado que é principalmente:**
 - Causa meritória da nossa vida
 - Causa exemplar da nossa vida
 - Causa vital da nossa vida
 - Logo: devoção ao Verbo Encarnado
- **Por Maria que é secundariamente:**
 - Causa meritória da nossa vida
 - Causa exemplar da nossa vida
 - Causa distribuidora de graças
- **Pelos Santos e Anjos**
 - Imagens vivas de Deus: venerá-los
 - Intercessores: invocá-los
 - Modelos: imitá-los

Nós Vivemos e Operamos Para Deus

- **Lutando contra:**
 - A concupiscência
 - O mundo
 - O demônio
- **Santificando as nossas ações**
 - Seu tríplice valor

- Condições de mérito
- Meio de tornar os nossos atos mais meritórios
- **Recebendo dignamente os Sacramentos**
 - A graça sacramental
 - A graça especial da Penitência
 - A graça especial de Eucaristia

Art. I – FUNÇÃO DE DEUS NA VIDA CRISTÃ

Deus opera em nós, quer por si mesmo, pelo Verbo Encarnado, ou através da SS. Virgem, dos anjos e dos santos.

I.I – FUNÇÃO DA SANTÍSSIMA TRINDADE

90. O primeiro princípio, a *causa eficiente principal* e a *causa exemplar* da vida sobrenatural em nós é a SS. Trindade, ou, por apropriação, o Espírito Santo. Na realidade, embora seja obra comum das três Pessoas divinas, por ser uma obra *ad extra*, a vida da graça é atribuída de modo especial ao Espírito Santo, por ser uma obra de amor.

A SS. Trindade concorre para a nossa santificação de duas maneiras: vem *habitar* a nossa alma e nela *produzir um organismo sobrenatural* que a sobrenaturaliza, permitindo-lhe praticar atos deiformes.

I.I.I - A Habitação do Espírito Santo na Alma^[67]

91. Como a vida cristã é uma participação da própria vida de Deus, é evidente que só Ele nos pode comunicá-la. E assim o faz ao vir habitar em nossas almas e ao dar-se inteiramente a nós, para que possamos render-lhe nossas homenagens, desfrutar de sua presença e deixar-nos guiar por Ele com docilidade, para exercitar-nos nas disposições e virtudes de Jesus Cristo.^[68]* É o que os teólogos chamam de “*graça incriada*”. Assim, veremos: 1º - como as três divinas Pessoas vivem em nós; 2º - qual a nossa atitude diante delas.

I.I.I.I - Como as Divinas Pessoas habitam em nós

92. Conforme Santo Tomás,^[69]* Deus está naturalmente nas criaturas de três modos diferentes: *por potência*, porque todas as criaturas estão sujeitas ao seu império; *por presença*, porque tudo vê, até os pensamentos mais secretos da nossa alma: “*Tudo é nu e descoberto aos olhos daquele a quem havemos de prestar contas*” (Hb 4, 13); e *por essência*, porque em toda parte está em ato, em toda parte é a plenitude do ser e a causa primeira de tudo quanto há de real nas criaturas, comunicando-lhes sem cessar, não somente o movimento e a vida, mas também o próprio ser: “*porque é nele que temos a vida, o movimento e o ser*” (At 17, 28).

Porém, a presença de Deus em nós pela *graça* é de ordem muito superior e íntima. Não é somente a presença do Criador e do Conservador que mantém os seres que criou, mas a presença da Santíssima e Adorável Trindade que a fé nos revela. O *Pai* vem a nós e continua a gerar em nós o Verbo. Com Ele recebemos o *Filho*, inteiramente igual ao Pai, sua imagem viva e substancial, que incessante e infinitamente ama o Pai, assim como pelo Pai é amado. Desse mútuo amor procede o *Espírito Santo*, pessoa igual ao Pai e ao Filho, laço mútuo que une os dois e, no entanto, distinto de ambos. Quantas maravilhas renovam-se numa alma em estado de graça!

O que caracteriza essa presença é que Deus não apenas está em nós, mas *dá-se* a nós para que dele possamos fruir. Segundo a maneira de falar da Sagrada Escritura, podemos dizer que, pela graça, Deus *se dá* a nós como *pai*, como *amigo*, como *colaborador*, como *santificador*, e que, portanto, Ele é verdadeiramente o próprio princípio da vida interior, sua *causa eficiente e exemplar*.

93. A) Na *ordem da natureza*, Deus está em nós como *Criador e soberano Senhor* e nós somos apenas seus *servos, propriedade e coisa* sua. Porém, na *ordem da graça*, Ele se dá a nós como *Pai* e somos seus *filhos adotivos*; privilégio maravilhoso que é o fundamento da nossa vida sobrenatural. São Paulo e São João repetem continuamente essa verdade: “*Porquanto não recebestes um espírito de escravidão para viverdes ainda no temor, mas recebestes o espírito de adoção pelo qual clamamos: Aba! Pai! O Espírito mesmo dá testemunho ao nosso espírito de que somos filhos de Deus.*” (Rm 8, 15-16). Assim, Deus nos adota como filhos seus, e de um modo muito mais perfeito do que os homens fazem pela adoção legal. Nesta, pode-se certamente transmitir aos filhos adotivos o nome e os bens,

mas não o sangue e a vida. Diz com razão o Cardeal Mercier:^[20] “A adoção legal é uma ficção. O filho adotivo é considerado pelos pais adotantes como se fosse seu filho e recebe deles a mesma herança a que tem direito os filhos biológicos. A sociedade admite essa ficção e sanciona os seus efeitos. Todavia, o objeto da ficção não altera a realidade ... A graça da adoção divina não é uma ficção, ... é uma realidade. Deus outorga àqueles que creem no seu Verbo a filiação divina. Diz São João: ‘Mas a todos aqueles que o receberam, aos que creem no seu nome, deu-lhes o poder de se tornarem filhos de Deus’ (Jo 1, 12). Essa filiação não é nominal, é efetiva: ‘Considerai com que amor nos amou o Pai, para que sejamos chamados filhos de Deus. E nós o somos de fato.’ (I Jo 3, 1). Entramos na posse da natureza divina: ‘temos entrado na posse das maiores e mais preciosas promessas, a fim de tornar-vos por este meio participantes da natureza divina’ (II Pe 1, 4).”

94. Sem dúvida, essa vida divina é somente uma *participação*, “*consortes*”, uma semelhança, uma assimilação que não faz de nós *deuses*, mas *deiformes*. Todavia, isso não significa que ela seja uma ficção. De fato, ela é uma *realidade*, uma *vida nova*, não igual, mas semelhante à de Deus, e que, segundo o que consta nas Escrituras, supõe uma *nova geração* ou *regeneração*: “*quem não renascer da água e do Espírito não poderá entrar no Reino de Deus*” (Jo 3, 5); “*ele nos salvou mediante o batismo da regeneração e renovação, pelo Espírito Santo*” (Tit 3, 5); “*ele nos fez renascer pela ressurreição de Jesus Cristo dentre os mortos, para uma viva esperança*” (I Pe 1, 3); “*Por sua vontade é que nos gerou pela palavra da verdade*” (Tg 1, 18). Todos esses textos mostram que a nossa adoção não é puramente nominal, mas *verdadeira e real*, porém muito distinta da filiação do Verbo Encarnado. Por essa razão, de pleno direito tornamo-nos herdeiros do reino dos céus, coerdeiros daquele que é o mais velho entre nossos irmãos: “*herdeiros de Deus e coerdeiros de Cristo, ... a fim de que este seja o primogênito entre uma multidão de irmãos*” (Rm 8, 17 e 29). Bem podemos, então, repetir as palavras tão comoventes de São João: “*Considerai com que amor nos amou o Pai, para que sejamos chamados filhos de Deus. E nós o somos de fato*” (I Jo 3, 1).

Portanto, Deus tem para conosco a dedicação e a ternura de um pai. Ele mesmo compara-se a uma mãe que jamais esquece o seu filhinho:

“Pode uma mulher esquecer-se daquele que amamenta? Não ter ternura pelo fruto de suas entranhas? E mesmo que ela o esquecesse, eu não te esqueceria nunca.” (Is 49, 15). Isso ficou plenamente demonstrado quando, para salvar seus filhos perdidos, Ele não hesitou em dar e sacrificar seu Filho Unigênito: *“Com efeito, de tal modo Deus amou o mundo, que lhe deu seu Filho único, para que todo o que nele crer não pereça, mas tenha a vida eterna”* (Jo 3, 16). Este mesmo amor é que o move a dar-se por inteiro a seus filhos adotivos, habitando em seus corações desde já e de modo permanente: *“Se alguém me ama, guardará a minha palavra e meu Pai o amará, e nós viremos a ele e nele faremos nossa morada”* (Jo 14, 23). Portanto, Deus habita em nós como o Pai mais amável e dedicado.

95. B) Porém, dá-se também a nós com o título de *amigo*. Às relações entre pai e filho a amizade agrega uma certa igualdade, uma certa intimidade, uma reciprocidade que conduz à dulcíssimas comunicações. São exatamente desse gênero as relações que a graça estabelece entre Deus e nós. Por certo, tratando-se de relação entre Deus e o homem, não se pode falar em *igualdade real*; apenas de uma certa semelhança, que é suficiente para estabelecer uma *verdadeira intimidade*. Com efeito, Deus confia-nos seus segredos, fala-nos não apenas pela sua Igreja, mas também interiormente, pelo seu Espírito: *“o Espírito Santo, ... ensinar-vos-á todas as coisas e vos recordará tudo o que vos tenho dito”* (Jo 14, 26). Destarte, na última ceia Jesus declara a seus Apóstolos que daquele momento em diante já não os chamará de servos, mas de amigos, porque não havia mais segredos para eles: *“Já não vos chamo servos, porque o servo não sabe o que faz seu senhor. Mas chamei-vos amigos, pois vos dei a conhecer tudo quanto ouvi de meu Pai”* (Jo 15, 15). Assim, uma doce familiaridade permeará o trato entre eles, a mesma que existe entre amigos que se encontram para conversar à mesa de uma ceia: *“Eis que estou à porta e bato: se alguém ouvir a minha voz e me abrir a porta, entrarei em sua casa e cearemos, eu com ele e ele comigo”* (Ap 3, 20). Admirável intimidade que jamais ousaríamos ambicionar se o Amigo Divino não a tivesse antecipado. Todavia, essa amizade é um fato e realiza-se a cada dia, não somente com os santos, mas também naquelas almas interiores que consentem abrir a porta ao Hóspede divino. O autor da Imitação de Cristo testemunha esse fato quando descreve as frequentes visitas do Espírito Santo às almas

interiores, os doces colóquios que com elas mantêm, as consolações e carícias com que as preenche, a paz que lhes infunde, a estupenda familiaridade com que as trata.^[21] Destarte, a vida dos místicos contemporâneos, tais como Santa Teresa do Menino Jesus, Sórora Isabel da Trindade, Santa Gemma Galgani e tantos outros, provam-nos que tais palavras da Imitação de Cristo verificam-se todos os dias. Portanto, não há dúvidas que Deus vive em nós como um amigo íntimo.

96. C) Mas Deus não permanece inativo em nós; age em nossa alma como o mais poderoso dos *colaboradores*. Sabendo muito bem que, por nossas próprias forças, não podemos nutrir essa vida sobrenatural que nos foi dada, vem em auxílio à nossa fraqueza, colaborando conosco pela graça atual. Precisamos *de luz* para perceber as verdades da fé que hão de guiar nossos passos? Ele, o Pai das luzes, iluminará nosso entendimento para compreendermos o nosso fim último e quais os meios para atingi-lo. Inspirará bons pensamentos em nossas almas, que nos moverão para as boas ações. Precisamos de *força* para ter o desejo sincero de orientar a vida para o nosso fim, para desejá-lo enérgica e constantemente? Quem dela nos proverá é Ele, cuja ajuda sobrenatural nos permitirá formar e cumprir os nossos propósitos: “*Porque é Deus quem, segundo o seu beneplácito, realiza em vós o querer e o executar*” (Fl 2, 13). Quando precisamos *combater ou subjugar nossas paixões, vencer as tentações* que por vezes nos assediam, é também Ele que nos dá a força necessária para resistir-lhes e disso tirar proveito para fortalecer nossa virtude: “*Deus é fiel: não permitirá que sejais tentados além das vossas forças, mas com a tentação ele vos dará os meios de suportá-la e sairdes dela*” (I Cor 10, 13). Quando, cansados de praticar o bem, inclinamo-nos ao *desânimo* e às quedas, Ele se aproxima de nós para sustentar-nos e assegurar a perseverança: “*Estou persuadido de que aquele que iniciou em vós esta obra excelente lhe dará o acabamento até o dia de Jesus Cristo*” (Fl 1, 6). Em suma, jamais estaremos a sós, mesmo que, privados de consolação, pareça-nos termos sido abandonados. A graça de Deus estará sempre conosco, contanto que permitamos cooperar com ela: “*Mas, pela graça de Deus, sou o que sou, e a graça que ele me deu não tem sido inútil*” (I Cor 15, 10). Apoiando-nos nesse poderoso colaborador, seremos invencíveis, pois tudo podemos naquele que nos conforta (Fl 4, 13).

97. D) Além de colaborador é também *santificador*. Ao vir habitar nossa alma, transforma-a num *templo santo*, embelezado por todas as virtudes: “*Porque o templo de Deus é sagrado - e isto sois vós*” (I Cor 3, 17). De fato, o Deus que vem a nós pela graça não é meramente o Deus da natureza, mas o Deus vivo, a SS. Trindade, fonte infinita de vida divina, que ardentemente deseja fazer-nos partícipes da sua santidade. Essa habitação, por *apropriação*, muitas vezes é atribuída ao Espírito Santo, por ser uma obra de amor. Porém, como é uma obra *ad extra*, é *comum* às três Pessoas divinas. Por essa razão é que São Paulo nos chama indistintamente templos de Deus e templos do Espírito Santo: “*Não sabeis que sois o templo de Deus, e que o Espírito de Deus habita em vós?*” (I Cor 3, 16).

Assim, nossa alma torna-se *templo* do Deus vivo, recinto sagrado reservado a Deus, trono de misericórdia, local onde lhe agrada distribuir seus favores celestes e que adorna com todas as virtudes. Logo a seguir falaremos sobre o organismo sobrenatural com que nos enriquece. Porém, a presença do Deus três vezes santo em nós, tal como acabamos de descrever, é evidentemente *santificadora* e, a Adorável Trindade, vivendo e operando em nós, é, sem dúvida, o *princípio* da nossa santificação, a *fonte* da nossa vida interior. Também é a sua *causa exemplar*, posto que, como filhos de Deus por adoção, devemos imitar o nosso Pai. Compreende-se melhor isso quando estudamos como devemos nos conduzir diante das três divinas Pessoas que habitam em nós.

I.I.I.II - Deveres para com a SS. Trindade que habita em nós

98. Quando alguém possui em si um tesouro tão precioso como a Santíssima Trindade, deve meditar muitas vezes nele (*ambulare cum Deo intus* – *caminhar intimamente com Deus*). Este pensamento faz brotar três sentimentos principais: a adoração, o amor e a imitação.^[72]

99. A) O primeiro sentimento que do coração brota espontaneamente é o de *adoração*: “*Glorificai, pois, a Deus no vosso corpo*” (I Cor 6, 20). Com efeito, como não glorificar, bendizer, dar graças ao hóspede divino que faz de nossa alma um verdadeiro santuário? A partir do momento em que Maria Santíssima recebeu em seu casto ventre o Verbo Encarnado, sua vida

tornou-se um ato perpétuo de adoração e gratidão: “*Minha alma glorifica ao Senhor, ... porque realizou em mim maravilhas aquele que é poderoso e cujo nome é Santo*” (Lc 1, 46-19). Uma alma, que tem plena consciência de que nela habita o Espírito Santo, possui esses mesmos sentimentos, embora em menor grau. Compreende que, sendo templo de Deus, deve oferecer-se continuamente como *hóstia de louvor* em honra das três Pessoas divinas.

a) Ao iniciar cada uma de suas ações, faz o sinal da cruz *em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo*, consagrando-as todas. Ao terminá-las, reconhece que tudo o que fez de bom deve ser atribuído a *glória ao Pai, do Filho e do Espírito Santo*.

b) Gosta de repetir as *preces litúrgicas* que celebram os louvores à SS. Trindade: o *Glória in excelsis Deo*, que expressa tão bem os sentimentos de religião para com as Pessoas divinas, especialmente para com o Verbo Encarnado; o *Sanctus*, que proclama a santidade divina; o *Te Deum*, que é o hino de ação de graças.

c) Diante desse hóspede divino, sem dúvida tão bondoso, mas que nem por isso deixa de ser Deus, humildemente reconhece que dele *depende inteiramente*, que Ele é o seu primeiro princípio e o último fim e que é incapaz de louvá-lo como merece. Com esse sentimento, a alma une-se ao Espírito de Jesus, o único que pode dar a Deus o louvor que Ele merece: “*Outrossim, o Espírito vem em auxílio à nossa fraqueza; porque não sabemos o que devemos pedir, nem orar como convém, mas o Espírito mesmo intercede por nós com gemidos inefáveis*” (Rm 8, 26).

100. B) Depois de adorar a Deus e proclamar o próprio nada, a alma deixa-se invadir por afetos do mais confiante *amor*. Não obstante sua infinitude, Deus rebaixa-se até nós como o mais amoroso dos pais para seu filho, convida-nos a amá-lo e a entregar-lhe o nosso coração: “*Meu filho, dá-me teu coração*” (Pr 23, 26). Ele tem total direito de exigir de nós esse amor, mas prefere pedir doce e afetuosamente, para que correspondamos, por assim dizer, com maior espontaneidade, e para que recorramos a Ele com maior confiança filial. Como não corresponder a tão delicadas finezas, a solitudes tão maternais, com um amor confiante? Esse amor será *penitente*, para expiar as nossas muitas infidelidades do passado e do presente; será de *reconhecimento*, para dar graças a tão insigne redentor e dedicado colaborador, que continuamente opera em nossa alma; sobretudo,

será amor de *amizade*, que nos moverá a tratar docemente com o mais fiel e generoso dos amigos, a abraçar todos os seus interesses, a buscar sua glória e a tornar bendito o seu santo nome. Assim, não será simples sentimento afetuosos; será amor *generoso*, que chega ao sacrifício, ao esquecimento de si mesmo e até à renúncia da própria vontade por meio da submissão aos preceitos e aos conselhos divinos.

101. C) Desse modo, esse amor nos conduzirá à *imitação* da SS. Trindade, dentro do limite compatível com a fraqueza humana. Cientes de que somos Filhos adotivos de um Pai santíssimo e templos vivos do Espírito Santo, compreendemos melhor a necessidade de respeitar nosso corpo e nossa alma. Essa conclusão S. Paulo ensinava aos seus discípulos: “*Não sabeis que sois templo de Deus e que o Espírito Santo habita em vós? Se alguém destruir o templo de Deus, Deus o destruirá. Porque o templo de Deus é sagrado - e isto sois vós.*” (I Cor 3, 16-17). Mostra a experiência que não há razão mais poderosa do que essa para que as almas generosas se afastem do pecado e pratiquem a virtude. Ademais, não deveríamos purificar e adornar continuamente um templo onde habita o Deus três vezes santo? Além disso, quando Jesus nos propôs o ideal de perfeição, não o fez fora da SS. Trindade. Disse ele: “*Portanto, sede perfeitos, assim como vosso Pai celeste é perfeito*” (Mt 4, 48). Esse ideal parece, em princípio, muito elevado. Contudo, quando lembramos que somos filhos adotivos do Pai, e que Ele vive em nossa alma para nela imprimir sua imagem e colaborar na nossa santificação, compreendemos a obrigação que essa nobreza impõe, ou seja, que é um dever aproximar-nos continuamente das divinas perfeições.

Em especial, é para praticar a *caridade fraterna* que Jesus pede que tenhamos sempre presente este modelo perfeito, que é a unidade indivisível das três Pessoas divinas: “*Para que todos sejam um, assim como tu, Pai, estás em mim e eu em ti, para que também eles estejam em nós*” (Jo 17, 21). Pedido comovente, que logo ecoará em S. Paulo, quando roga aos seus amados discípulos que não esqueçam que, sendo só corpo e um só espírito e tendo somente um único e mesmo Pai, que habita em todos os justos, devem conservar a unidade do espírito pelo vínculo da paz.^[23]*

Em resumo, podemos concluir que a vida cristã consiste, antes de tudo, numa união íntima, afetuosos e santificante com as três Pessoas

divinas, que nos conserva no espírito de religião, de amor e sacrifício.

I.II – O ORGANISMO DA VIDA CRISTÃ^[74]

102. As três Pessoas divinas, que habitam no santuário da nossa alma, alegram-se em enriquecê-la de dons sobrenaturais e comunicam-lhe uma vida semelhante à sua, que se chama vida da graça ou vida deiforme.

Em todo o gênero de vida deve-se considerar três elementos: o *princípio vital*, que é, por assim dizer, a fonte da vida; as *faculdades*, que permitem produzir atos vitais; e por fim os *atos*, que são a manifestação das faculdades, contribuindo para desenvolvê-las. Na ordem sobrenatural, Deus, vivendo em nós, produz em nossas almas esses mesmos elementos.

a) Primeiramente nos comunica a *graça habitual*, que desempenha a função de *princípio vital sobrenatural*.^[75]* Ela diviniza, podemos dizer, a própria substância da nossa alma, dispondo-a, ainda que remotamente, para a visão beatífica e para os seus atos preparatórios.

103. b) Dessa graça decorrem as *virtudes infusas*^[76]* e os *dons do Espírito Santo*, que aperfeiçoam as nossas faculdades e nos dão o poder imediato de praticar atos deiformes, sobrenaturais e meritórios.

c) Para pôr essas faculdades em exercício, concede-nos *graças atuais* que iluminam nosso entendimento, fortalecem a vontade e ajudam-nos a praticar atos sobrenaturais e com isso aumentar o manancial de graça habitual que nos foi concedido.

104. Embora distinta da vida natural, essa vida da graça não apenas a sobrepõe, mas *penetra-a inteiramente*, transforma-a e diviniza. Incorpora tudo que há de bom em nossa natureza, a educação e os hábitos adquiridos. Aperfeiçoa e sobrenaturaliza todos esses elementos, orientando-os para o último fim, ou seja, para a posse de Deus pela visão beatífica e para o amor que desta resulta.

Compete a essa vida sobrenatural governar a vida natural, em virtude do princípio geral, já exposto no nº 54, de que os seres inferiores estão subordinados aos superiores.^[77] De fato, ela não pode perdurar nem se

desenvolver se não *dominar* e manter sob sua *influência* os atos da inteligência, da vontade e das outras faculdades. Esse domínio não destrói nem diminui a natureza, antes a eleva e aperfeiçoa. Isso é o que demonstraremos ao estudar sucessivamente os seus três elementos.

I.II.I – A Graça Habitual^[78]

105. Deus, na infinita bondade, quer elevar-nos até si e, dentro dos limites permitidos pela nossa débil natureza, dá-nos *um princípio vital sobrenatural, deiforme*. É a *graça habitual*, que se chama *criada*,^[79]* em contraposição à *graça incriada*, que consiste na habitação do Espírito Santo em nós. Essa graça faz-nos *semelhantes a Deus* e *une-nos* a Ele de maneira muito próxima: “*Essa deificação consiste, na medida do possível, em uma semelhança e união com Deus.*”^[80] Vamos expor esses dois aspectos, fornecendo a *definição tradicional* e estabelecendo com precisão a natureza da união entre a nossa alma e Deus, produzida pelo efeito graça.

I.II.I.I - Definição

106. A graça habitual é geralmente definida como: *uma qualidade sobrenatural inerente à nossa alma, que nos faz participar da natureza e vida divinas de um modo real e formal, embora accidental*.

a) Portanto, é uma *realidade* de ordem sobrenatural, mas não uma substância, porque nenhuma substância criada pode ser sobrenatural. É um *modo* de ser, um *estado* de alma, uma *qualidade inerente* à substância da nossa alma, que a transforma e eleva acima de todos os seres naturais, mesmo os mais perfeitos. É uma qualidade *permanente*, que subsiste na alma enquanto não a expulsarmos pelo cometimento voluntário de algum pecado mortal. Diz o Cardeal Mercier,^[81] baseando-se em Bossuet: “*É a qualidade espiritual que Jesus derrama em nossa alma; que penetra o mais íntimo da nossa substância; que se grava no recôndito mais secreto de nossa alma e espraia-se (pelas virtudes) por todas as suas potências e faculdades. Tomando posse dela interiormente, a graça torna-a pura e*

agradável aos olhos do divino Salvador; faz dela santuário, templo, tabernáculo divino, enfim, seu lugar de delícias.”

107. b) Essa qualidade nos torna, de acordo com a enérgica expressão de São Pedro: “*participantes da natureza divina*” (II Pe 1, 4). Conforme São Paulo, faz-nos entrar em “*comunhão com o Espírito Santo*” (II Cor 13, 13) e, acrescenta São João, juntamente com o Pai e o Filho (I Jo 1, 3). Certamente não nos torna iguais a Deus, apenas *deiformes*, semelhantes a Ele. A graça não nos dá a vida divina em si mesma, que é essencialmente incomunicável, mas uma vida *semelhante* à de Deus. Isso é o que vamos explicar, limitados pelo que a inteligência humana é capaz de compreender.

108. b.1) A vida própria de Deus consiste em ver-se *diretamente* e amar-se infinitamente. Nenhuma criatura, por mais perfeita que seja, pode por si mesma contemplar a essência divina “*que habita em luz inacessível*” (I Tm 6, 16). Mas Deus, por um privilégio completamente gratuito, chama o homem a contemplar essa divina essência no céu. Como o homem por si mesmo é incapaz disso, Deus o eleva, dilata e fortalece sua inteligência com a *luz da glória*. Então, diz São João, seremos semelhantes a Deus porque o veremos como Ele é em si mesmo (I Jo 3, 2). Acrescenta São Paulo que já não o veremos através do espelho das criaturas, mas face a face, sem intermediários, sem nuvem, com uma claridade luminosa.^[82]* Portanto participaremos, ainda que de modo *finito*, da *própria vida de Deus*, pois o conheceremos como Ele se conhece e o amaremos como Ele se ama. Os teólogos explicam isso dizendo que a essência divina se unirá no mais íntimo de nossa alma, e servirá de *espécie impressa* para nos permitir vê-lo sem mediação de algo criado, nem de qualquer imagem.

109. b.2) Contudo, por si mesma, a graça habitual já é uma preparação para a visão beatífica, como que um gozo antecipado desse favor. É o botão que já contém a flor dentro de si, ainda que se abra só mais tarde. Portanto, é do mesmo gênero da própria visão beatífica e participa de sua natureza.

Tentaremos uma comparação, ainda que imperfeita. De três modos podemos conhecer um artista: pelo estudo das suas obras; pela sua descrição, feita por um amigo íntimo; ou, enfim, por relações diretas que

temos com ele. O primeiro deles é o conhecimento que temos de Deus pela contemplação de suas obras. É um conhecimento *indutivo*, muito imperfeito, porque suas obras, embora manifestem a sua sabedoria e o seu poder, nada dizem sobre sua vida interior. O segundo retrata muito bem o conhecimento que a fé nos dá. Com base no testemunho dos escritores sagrados e, sobretudo, no Filho de Deus, cremos no que Deus agradou-se em revelar-nos, já não somente sobre suas obras e atributos, mas também sobre a sua vida íntima. Cremos que desde a eternidade o Pai gera um verbo que é seu Filho, o qual ama e é por ele amado, e que desse amor mútuo procede o Espírito Santo. Sem dúvida não compreendemos e muito menos vemos, mas cremos com certeza inabalável e essa fé faz-nos participar de modo velado e obscuro, mas real, do conhecimento que Deus tem de si mesmo. Apenas mais tarde, pela visão beatífica, é que se realizará o terceiro modo de conhecimento. Porém, pode-se ver facilmente que o segundo é no fundo da mesma natureza do terceiro e certamente muito superior ao conhecimento racional.

110. c) Essa participação da vida divina não é apenas *virtual*, mas também *formal*. Uma participação virtual significa possuir uma qualidade de um *modo diferente* do encontrado na causa principal. Nesse sentido, a razão é uma participação virtual da inteligência divina, porque nos faz conhecer a verdade, mas de modo bem diferente de como Deus a conhece. Não acontece assim com a visão beatífica e, guardadas as proporções, com a fé, pois ambas fazem-nos conhecer a Deus como ele se conhece a si mesmo, certamente não com o mesmo grau, mas da mesma maneira.

111. d) Essa participação não é *substancial*, mas *acidental*. Nesse sentido, distingue-se da geração do Verbo, que recebe *toda* a substância do Pai, bem como da união hipostática, que é uma união substancial das naturezas humana e divina na única Pessoa do Verbo. De fato, conservamos nossa personalidade e a nossa união com Deus não é substancial. Essa é a doutrina de Santo Tomás:^[83] “*E porque a graça está acima da natureza humana, não pode ser substância ou forma substancial. Mas é forma accidental da alma.*” Para melhor explicar seu pensamento, acrescenta que, aquilo que está *substancialmente* em Deus é-nos dado *acidentalmente* e faz-nos participar da sua divina bondade.

Com essas restrições evita-se o risco do panteísmo e ao mesmo tempo concebe-se uma ideia altíssima da natureza da graça, que se revela como uma *divina semelhança* gravada por Deus em nossa alma: “*Façamos o homem à nossa imagem e semelhança*” (Gn 1, 26).

112. Para ajudar-nos a compreender essa divina semelhança, os Santos Padres empregaram várias comparações: **1)** A nossa alma, dizem, é uma imagem viva da SS. Trindade, uma espécie de retrato em miniatura, porque o próprio Espírito Santo imprime-se nela, como um sinete sobre cera branda, e assim grava a sua divina semelhança.^[84] Com isso, concluem que a alma, em estado de graça, é de uma beleza extraordinária, porque o artista, o próprio Deus, que nela grava essa imagem, é infinitamente perfeito: “*Eis aí tua semelhança, ó homem, veja tua bela semelhança, feita pelo teu Deus, o Grande Artista, o Pintor-Mestre.*”^[85] Então deduzem com razão que, em vez de destruir ou manchar essa imagem, devemos torná-la cada dia mais semelhante. Também comparam nossa alma com certos corpos transparentes que, ao receberem e serem invadidos pela luz do sol, adquirem um brilho incomparável que imediatamente espalham em torno de si.^[86] Assim também nossa alma, semelhante a um globo de cristal iluminado pelo sol, recebe a luz divina, brilha com vivos resplendores, e reflete sobre os objetos que o cercam.

113. 2) Para mostrar que essa semelhança não é apenas superficial, mas penetra até o mais íntimo da nossa alma, utilizam a comparação do ferro e do fogo. Dizem eles: assim como uma barra de ferro posta em fogo ardente adquire rapidamente o brilho, o calor e a maleabilidade do fogo, também nossa alma, imersa na fornalha do amor divino, desembaraça-se das escórias e torna-se brilhante, ardente e dócil às inspirações divinas.

114. 3) Um autor contemporâneo, para expressar a ideia de que a graça é uma vida nova, compara-a a um enxerto divino introduzido na árvore silvestre da nossa natureza, que se agrega à nossa alma para nela constituir um princípio vital novo e, por conseguinte, uma vida muito superior. Contudo, assim como o enxerto não comunica à árvore toda a essência da sua vida original, mas somente algumas das suas propriedades vitais, também a graça santificante não nos dá toda a natureza de Deus, mas

alguma coisa da sua vida, que para nós constitui uma vida nova. Portanto, participamos da vida divina, mas não a possuímos na sua plenitude.^[87]

Essa divina semelhança prepara evidentemente a nossa alma para uma união muito mais íntima com a SS. Trindade que nela habita.

I.II.I.II - União entre a nossa alma e Deus

115. Do que foi exposto sobre a habitação da SS. Trindade em nossa alma (nº 92), conclui-se que entre nós e o hóspede divino há uma união *moral* muito íntima e santificante. Mas não haverá algo a mais, algo de *físico*,^[88]* nessa união?

116. a) As comparações utilizadas pelos Santos Padres parecem indicar que sim.

a.1) Muitos deles dizem que a união de Deus com a alma assemelha-se à da alma com o corpo. Santo Agostinho afirma: “*Há duas vidas em nós, a vida do corpo e da alma; a vida do corpo é a alma, a vida da alma é Deus.*”^[89] Evidentemente que se trata somente de analogias, mas veremos a verdade que elas encerram. A união entre o corpo e a alma é *substancial*, de tal modo que formam uma única e mesma natureza, uma única e mesma pessoa. Porém, o mesmo não ocorre na união entre a nossa alma e Deus. Conservamos sempre a nossa natureza e personalidade, permanecendo essencialmente distintos da divindade. Porém, assim como a alma dá ao corpo a vida que este desfruta, também Deus, sem ser a forma da alma, dá-lhe sua vida sobrenatural, vida não igual, mas *verdadeira* e *formalmente* semelhante à sua. Essa vida constitui uma união *muito real* de nossa alma com Deus; supõe uma realidade concreta que Deus nos comunica e que é elo de união entre Ele e nós. Certamente essa nova relação nada acrescenta a Deus, mas aperfeiçoa a nossa alma, tornando-a deiforme. Desse modo, o Espírito Santo não é causa formal, mas causa *eficiente* e *exemplar* da nossa santificação.

117. a.2) Essa mesma verdade emerge da comparação, feita por alguns autores,^[90] entre a *união hipostática* e a união da nossa alma com Deus. Não

resta dúvida que as duas são essencialmente diferentes. A união hipostática é *substancial e pessoal*, pois as naturezas divina e humana, ainda que perfeitamente distintas, formam em Jesus Cristo uma única e mesma Pessoa. Já a união da alma com Deus pela graça, não exclui nossa própria personalidade, que é essencialmente distinta da personalidade divina, e une-nos a Deus apenas de um modo accidental. “*De fato, essa união ocorre por intermédio da graça santificante, um ‘acidente’ agregado à substância da alma. Na linguagem escolástica, a união de um acidente com uma substância chama-se ‘união accidental’.*”^[91]

Nem por isso deixa de ser verdade que a união da alma com Deus é uma união de *substância a substância*,^[92]* que o homem e Deus estão em contato tão íntimo como o ferro e o fogo que o envolve e penetra, ou como o cristal e a luz. Resumindo em poucas palavras, a união hipostática faz um Homem-Deus, a união da graça faz *homens divinizados*. Assim como as ações de Cristo são divino-humanas ou teândricas, as do justo são *deiformes*, realizadas conjuntamente por Deus e por nós e, por essa razão, meritórias da vida eterna, que fundamentalmente é uma união direta com a divindade. Portanto, pode-se dizer como o Padre Smedt:^[93] “*que a união hipostática é o tipo e figura de nossa união com Deus pela graça e que esta é a imagem mais perfeita da união hipostática que uma mera criatura pode reproduzir em si.*”

Concluimos, com o mesmo autor, que a união pela graça não é puramente moral, mas contém um elemento físico que nos permite chamá-la *físico-moral*. “*A natureza divina está, verdadeiramente e em seu próprio ser, unida à substância da alma por um laço especial, de tal modo que a alma justa possui em si a natureza divina como algo seu. Por conseguinte, possui um caráter divino, uma perfeição de ordem divina, uma beleza divina, infinitamente superior à toda possível perfeição natural, em qualquer criatura existente ou que possa vir a existir.*”^[94]

118. b) Se, deixando as comparações, considerarmos o *aspecto doutrinal* do problema, chegaremos à mesma conclusão.

b.1) *No céu*, os eleitos veem a Deus face a face, sem intermediário, pois é a própria essência divina que age como princípio de conhecimento ou, como é chamada, *espécie impressa*.^[95] Portanto, há entre eles e Deus uma união verdadeira, real, que pode chamar-se *física*, porque Deus não

pode ser visto e possuído se não estiver presente no espírito dos eleitos pela sua essência; não pode ser amado se não estiver efetivamente unido à vontade deles como objeto de amor: “*o amor é mais unitivo que o conhecimento.*”^[96] Assim, a graça é somente um começo, uma semente da glória: “*a graça não é outra coisa senão um início de glória em nós.*”^[97]*

Portanto, a união iniciada na terra entre a nossa alma e Deus pela graça é, em si, do mesmo gênero que a união da glória: real e, em certo sentido, física como esta última. Essa é a conclusão do Padre Froget no seu belo livro de *L’Habitation du Saint-Esprit* (p. 159). Apoiado em muitos textos de S. Tomás, afirma: “*Assim, verdadeira, física e substancialmente, Deus está presente no cristão em estado de graça; e não é mera presença material, mas verdadeira posse, juntamente com um princípio de fruição.*”

b.2) A mesma conclusão também se extrai da *análise da graça em si mesma*. Segundo a doutrina do Doutor Angélico, baseada nos próprios textos da Escritura que citamos, a graça habitual nos é dada para que gozemos não somente dos dons divinos, mas também das próprias Pessoas divinas: “*O dom da graça santificante aperfeiçoa a criatura racional para que, com liberdade, não somente use o dom criado, mas ainda frua da própria Pessoa divina.*”^[98] Um discípulo de São Boaventura acrescenta que, para se gozar de alguma coisa, requer-se a sua presença. Assim também, para gozar do Espírito Santo é preciso que esteja presente, juntamente com o dom criado que a Ele nos une.^[99] Como a presença do dom criado é *real e física*, não deveria ser do mesmo gênero a do Espírito Santo?

Portanto, baseando-nos tanto nas deduções da fé como nas comparações dos Santos Padres, podemos dizer que a união da nossa alma com Deus pela graça não é puramente moral, mas também não é substancial em sentido próprio. Contudo, a tal ponto é real que se pode chamá-la *físico-moral*. Como é ao mesmo tempo velada e obscura e também *progressiva* (no sentido de que quanto mais cultivarmos a fé e os dons do Espírito Santo, mais percebemos os seus efeitos), as almas fervorosas, que aspiram pela união divina, sentem-se cada dia mais fortemente movidas a avançar no exercício das virtudes e dos dons.

I.II.II - Virtudes e Dons ou Faculdades da Ordem Sobrenatural

Depois de havermos considerado a sua *existência* e *natureza*, falaremos sucessivamente das *virtudes* e dos *dons*.

I.II.II.I - Existência e natureza

119. Para que opere e se desenvolva, a vida sobrenatural, inserida em nossa alma pela graça habitual, requer faculdades de ordem sobrenatural, que com liberalidade e generosidade Deus nos outorga com o nome de *virtudes infusas* e *dons do Espírito Santo*. Diz Leão XIII: “O homem justo, que vive da vida da graça e opera por meio das virtudes, que nele exercem o papel de faculdades, também precisa dos sete dons do Espírito Santo.”^[100] Com efeito, convém que as nossas faculdades naturais, que por si mesmas somente podem produzir atos da mesma ordem, sejam aperfeiçoadas e divinizadas por hábitos infusos que as *elevem* e *ajudem* a operar sobrenaturalmente. Em razão da sua grande liberalidade, Deus nos concede duas espécies de hábitos: as *virtudes* que, governadas pela *prudência*, permitem-nos operar sobrenaturalmente com a ajuda da graça atual; e os *dons* que, por uma espécie de *instinto divino*, tornam-nos tão dóceis à ação do Espírito Santo que nos movem, por assim dizer, a ser governados por esse mesmo Espírito. Porém, é necessário alertar que esses dons, que nos são dados juntamente com as virtudes e a graça habitual, não atuam de modo *frequente* e *intenso*, a não ser nas almas mortificadas, que, por um prolongado exercício das virtudes morais e teológicas, adquirem aquela *maleabilidade sobrenatural* que as torna inteiramente dóceis às inspirações do Espírito Santo (ver nº 841).

120. A *diferença* essencial existente entre as virtudes e os dons consiste no modo como operam em nós. No caso das virtudes, a graça torna-nos *ativos* sob influência da prudência. No uso dos dons, quando estes chegam ao *pleno desenvolvimento*, mais se exige de nós docilidade do que atividade, como explicaremos adiante ao tratar da vida unitiva. Não obstante, uma comparação nos ajudará a compreender melhor. Quando uma mãe ensina o filho a andar, algumas vezes contenta-se em guiar seus passos, impedindo-o de cair. Em outras, toma-o nos braços para ajudá-lo a superar

obstáculos ou dar-lhe algum descanso. O primeiro caso assemelha-se à graça *cooperante* das virtudes; o segundo, à graça *operante* dos dons.

Segue-se que, normalmente, os atos realizados sob a moção dos dons são mais perfeitos que os praticados somente sob a influência das virtudes, precisamente porque, no caso dos dons, a ação do Espírito Santo é mais ativa e fecunda.

I.II.II.II - As virtudes infusas

121. Conforme o Concílio de Trento, é certo que no mesmo momento da justificação recebemos as virtudes infusas da fé, esperança e caridade.^[101] A doutrina comum, confirmada pelo *Catecismo do Concílio de Trento*,^[102] é que também no mesmo instante recebemos as virtudes morais da *prudência, justiça, fortaleza e temperança*. Lembremos que essas virtudes não nos dão a facilidade, mas o *poder sobrenatural próximo* de praticar atos sobrenaturais. Há necessidade da repetição dos atos para se alcançar a facilidade que o hábito adquirido proporciona. Vejamos agora de que maneira essas virtudes sobrenaturalizam nossas faculdades.

a) Algumas são *teologais*, porque tem a Deus por objeto material e algum atributo divino por objeto formal. **1)** A *fé* une-nos a Deus, suprema verdade, e ajuda-nos a ver e apreciar tudo sob a divina luz. **2)** A *esperança* une-nos a Deus, fonte de nossa felicidade, sempre disposto a derramar sobre nós os tesouros de sua bondade, para levar a termo a obra da nossa transformação e a ajudar-nos, com o seu poderoso auxílio, a praticar atos de confiança absoluta e filial abandono. **3)** A *caridade* eleva-nos a Deus sumamente bom em si mesmo. Movidos por ela, regozijamo-nos nas perfeições infinitas de Deus, mais do que se fossem nossas; desejamos que sejam conhecidas e louvadas; passamos a ter com Ele uma estreita e santa amizade, uma doce familiaridade, assemelhando-nos, assim, cada vez mais a Ele. Portanto, as três virtudes *teologais* unem-nos diretamente a Deus.

122. b) As virtudes *morais* têm por objeto um bem honesto e distinto de Deus e, em razão da própria honestidade desse objeto, favorecem e fazem perdurar a união com Deus. Nossas ações são tão bem reguladas pelas virtudes morais que, apesar dos obstáculos existentes dentro e fora de nós,

tendem sem cessar para Deus. Assim, a *prudência* leva-nos a optar pelos meios mais adequados para o nosso fim sobrenatural. A *justiça* move-nos a dar ao próximo o que lhe é devido e santifica as nossas relações com ele, fazendo-nos aproximar mais de Deus. A *fortaleza* dá energias à alma nas provações e lutas, faz-nos *suportar* os sofrimentos com paciência e *empreender* com santa audácia os mais árduos trabalhos pela glória de Deus. E, para que o prazer pecaminoso não nos afaste desse objetivo, a *temperança* modera nossa ânsia por ele, sujeitando-o à lei do dever. Portanto, todas essas virtudes têm a função de remover obstáculos, proporcionando também meios positivos que nos conduzam a Deus.^{[103]*}

I.II.II.III - Os dons do Espírito Santo

123. Mais adiante abordaremos detalhadamente os dons do Espírito Santo. No momento, basta mostrar a correlação deles com as virtudes.

Os dons, ainda que menos perfeitos que as virtudes teologais, sobretudo a da caridade, *aperfeiçoam o exercício de todas elas*. Assim, o dom de *entendimento* faz-nos penetrar mais intimamente nas verdades da fé, desvelando tesouros escondidos e harmonias misteriosas. O dom de *ciência* faz-nos considerar as coisas criadas nas suas relações com Deus. O dom de *temor* fortalece a *esperança*, desapegando-nos dos falsos bens da terra, que poderiam levar-nos ao pecado e, com esse intuito, aumenta em nós o desejo dos bens celestes. O dom de *sapiência*, fazendo-nos *saborear* as coisas divinas, aumenta nosso *amor para com Deus*. A *prudência* é muito aperfeiçoada pelo dom de *conselho*, pelo qual conhecemos, nos casos particulares e difíceis, o que convém fazer ou deixar de fazer. O dom de *piiedade* aperfeiçoia a virtude da *religião*, que se relaciona com a *justiça*, fazendo-nos ver a Deus como um pai que temos a felicidade de glorificar por amor. O dom de *fortaleza* complementa a virtude de mesmo nome, movendo-nos a praticar o que há de mais heroico na paciência e na ação. Por fim, o dom de *temor* que, além de fortalecer a esperança, aperfeiçoia a temperança, aumentando em nós o medo do castigo e dos males que resultam do amor ilegítimo dos prazeres.

Desse modo, desenvolvem-se, paralela e harmonicamente em nossa alma, as virtudes e os dons, sob o influxo da *graça atual*, da qual nos resta ainda dizer algumas palavras.

I.II.III – A Graça Atual^[104]

Assim como na ordem da natureza necessitamos do concurso de Deus para passar da potência ao ato, também na ordem sobrenatural não podemos pôr em ação as nossas faculdades sem a ajuda da graça atual.

124. Vamos expor: 1º - sua *noção*; 2º - seu *modo de operar*; 3º - sua *necessidade*.

A) Noção. A graça atual é um auxílio sobrenatural e transitório que Deus nos dá para iluminar nosso entendimento e fortalecer a vontade na produção dos atos sobrenaturais.

a) Portanto, age *diretamente* sobre as nossas faculdades *espirituais*, o intelecto e a vontade, não somente para *elevá-las* à ordem sobrenatural, mas para pô-las em exercício e fazê-las produzir atos sobrenaturais. Por exemplo: *antes* da justificação, ou infusão da graça habitual, a graça atual ilumina-nos sobre a malícia e os terríveis efeitos do pecado, para fazer-nos detestá-lo; *depois* da justificação, mostra-nos, à luz da fé, a beleza infinita de Deus e a sua bondade misericordiosa, para fazer-nos amá-lo com todo o coração.

b) Porém, ao lado dessas graças *interiores*, há outras chamadas *exteriores* que, atuando diretamente sobre os *sentidos e faculdades sensoriais*, indiretamente atingem as nossas faculdades espirituais, especialmente porque muitas vezes são acompanhadas de verdadeiros auxílios interiores. Assim, a leitura das Sagradas Escrituras ou de uma obra cristã, a atenção a um sermão, a escuta de uma música religiosa, uma conversa edificante, são graças *exteriores*. Em si mesmas, elas não fortalecem a vontade, mas produzem em nós *impressões* favoráveis que movem o intelecto e a vontade, inclinando-os para o bem sobrenatural. Por outro lado, muitas vezes Deus lhes acrescenta *moções interiores* que, iluminando a inteligência e fortalecendo a vontade, poderosamente ajudam na nossa conversão ou aperfeiçoamento. Isso é o que podemos concluir das palavras dos Atos dos Apóstolos, que nos mostram o Espírito Santo abrindo o coração de uma mulher chamada Lídia, para que preste atenção à pregação de São Paulo (At 16, 14).^[105] Enfim, Deus, sabendo que nos elevamos das coisas sensíveis às espirituais, adapta-se à nossa fraqueza e vale-se de coisas visíveis para levar-nos à virtude.

125. B) Seu modo de ação.

a) A graça atual age sobre nós *moral e fisicamente*. Moralmente por meio da *persuasão* e da *atração*, como uma mãe que, para ajudar seu filho a andar, carinhosamente o chama e atrai, prometendo-lhe uma recompensa. *Fisicamente*^[106] agregando novas forças às nossas faculdades, muito débeis para operarem por si mesmas, como a mãe que toma o filho nos braços e o ajuda não somente com a voz, mas também com o gesto, a dar alguns passos à frente. Todas as Escolas Teológicas admitem que a graça operante atua fisicamente, produzindo em nossa alma movimentos *indeliberais*. Porém, tratando-se da graça *cooperante*, há opiniões divergentes entre as diversas Escolas que, contudo, na prática são de pouca importância. Como não desejamos basear nossa espiritualidade em questões controvertidas, não abordaremos essas discussões.

b) Sob outra ótica, a graça *previne* nosso livre consentimento, ou *acompanha-o* na realização do ato. Assim, é uma graça *preveniente* um bom pensamento que Deus põe em nós, quando este, por exemplo, sugere-nos praticar um ato de amor de Deus sem que tenhamos feito qualquer coisa para suscitar-lo. Se o acolho bem e esforço-me para realizar esse ato de amor, faço-o com o auxílio da graça *adjuvante* ou *concomitante*. Essa distinção é similar à da graça *operante*, pela qual Deus atua em nós, sem nós, e a da graça *cooperante*, pela qual Deus atua em nós e conosco, isto é, com a nossa livre cooperação.

126. C) Sua necessidade.^[107] O princípio geral é que a graça atual é necessária para todo ato *sobrenatural*, porque deve haver correlação entre o efeito e sua causa.

a) Desse modo, para a *conversão*, isto é, a transição do estado de pecado mortal para o de graça, há necessidade de uma graça sobrenatural para que sejam feitos os atos preliminares de fé, esperança, penitência e amor, ou melhor, essa graça é necessária até mesmo para aquele piedoso desejo de crer, que é um princípio de fé, o primeiro passo da mudança.

b) É também pela graça atual que *perseveramos* no bem durante a vida e até na *hora da nossa morte*. Para isso: 1) é preciso resistir às *tentações* que atormentam até mesmo as almas justas e que, às vezes, são tão fortes e persistentes que não se consegue vencer sem o auxílio de Deus. Por isso, Nosso Senhor aconselha seus Apóstolos, até mesmo no discurso

depois da última ceia, que vigiem e orem, isto é, que não se apoiem apenas nos próprios esforços, mas na graça, para não sucumbirem à tentação (Mt 26, 41); 2) Mas também é mister cumprir todos os nossos *deveres*. Porém, a energia e constância no esforço, requerida para isso, não é possível obter sem o auxílio da graça. O Único que pode levá-la a bom termo é Aquele que começou em nós a obra da perfeição (Fl 1, 6): “*O Deus de toda graça, que vos chamou em Cristo à sua eterna glória, depois que tiverdes padecido um pouco, vos aperfeiçoará, vos tornará inabaláveis, vos fortificará*” (I Pe 5, 10).

127. Sobretudo isso é verdadeiro com relação à *perseverança final*, que é um dom muito *grande e especial*.^[108] Morrer em estado de graça, não obstante todas as tentações que assolam no último momento, ou livrar-se dessa luta por meio de uma morte repentina ou serena, em que a alma adormece no Senhor, é, segundo o dizer dos Concílios, a graça das graças, que nunca pediremos o suficiente e, estritamente falando, sequer podemos merecer, mas que pode ser alcançada pela oração e pela fiel cooperação com a graça.^[109]

c) Contudo, se além de perseverar, desejarmos *crescer* cada dia em santidade, evitar os *pecados veniais* deliberados e reduzir o número das faltas por fragilidade, teremos também constante necessidade dos favores divinos. Crer que podemos viver muito tempo sem cometer pecado algum que retarde o nosso progresso espiritual, é ir contra a experiência das melhores almas que tão amargamente deploram as próprias faltas. É também contradizer São João, que nos declara que se enganam aqueles que imaginam não ter pecado: “*Se dizemos que não temos pecado, enganamos a nós mesmos, e a verdade não está em nós*” (I Jo 1, 8). É contradizer ainda o Concílio de Trento, que condena os que afirmam que o homem justificado pode evitar, durante toda a sua vida, os pecados veniais, sem privilégio especial de Deus.^[110]

128. Assim, precisamos da graça atual mesmo depois da justificação. Por isso que a Sagrada Escritura é tão insistente sobre *a necessidade de oração*, com a qual podemos alcançá-la da misericórdia divina, como explicaremos adiante. Também podemos obtê-la pelos nossos atos meritórios, ou seja, pela nossa livre cooperação com a graça. Na verdade, quanto mais fiéis

formos em corresponder às graças atuais que recebemos, mais Deus se sentirá inclinado a conceder-nos novas outras (ver nº 840).

CONCLUSÃO

129. 1º - Portanto, devemos ter o maior apreço pela vida da graça. É uma vida *nova*, uma vida que nos une e torna-nos semelhantes a Deus, que a concede juntamente com todo o organismo necessário para desenvolvê-la. É uma vida muito mais perfeita que a vida natural. Assim como a vida intelectual está muito acima da vida vegetativa e sensitiva, a vida cristã supera infinitamente a vida simplesmente racional. Esta, o homem tem direito desde que Deus resolveu criá-lo, enquanto a vida da graça está acima de todas as obras e méritos das mais perfeitas criaturas. Destarte, quem poderia alguma vez reivindicar o direito de tornar-se filho adotivo de Deus e templo do Espírito Santo, ou o privilégio de ver a Deus face a face, como Ele se vê a si mesmo? Assim, devemos estimar essa vida mais que qualquer bem criado e reputá-la como o *tesouro escondido* que devemos adquirir a qualquer preço, sem hesitar vender tudo o que temos.

130. 2º - Quem já possuir esse tesouro deve estar disposto a *sacrificar tudo* para não se arriscar a perdê-lo. Tal é a conclusão do papa São Leão: “Entendam, Ó Cristãos, qual é a vossa dignidade! Feitos participantes da natureza divina, não retorneis, com uma vida indigna, ao vosso anterior estado de miséria.”^[11] Ninguém deve *respeitar-se a si mesmo* mais do que o cristão, evidentemente não por merecimentos próprios, mas em razão da vida divina da qual é partícipe e por ser templo do Espírito Santo, templo sagrado, cuja formosura não devemos manchar. “A vossa casa, Senhor, é santa na duração dos séculos” (Sl 92, 5).

131. 3º - Além disso, obviamente devemos *utilizar* e cultivar esse organismo sobrenatural que nos foi dado. Uma vez que aprouve à divina Bondade elevar-nos a um estado superior ao original, conceder-nos com abundância virtudes e dons que aperfeiçoam as nossas faculdades naturais, oferecendo-nos a cada instante o seu auxílio para fazê-las frutificar, então,

rejeitar esses dons, praticar somente atos naturalmente bons, ou produzir apenas frutos imperfeitos na vinha da nossa alma, seria reconhecer muito mal a sua liberalidade. Quanto maior a generosidade do doador, mais espera que a nossa colaboração seja ativa e fecunda. Isso ficará ainda mais claro depois de estudarmos o *papel ativo de Jesus na vida cristã*.

I.III – FUNÇÃO DE JESUS NA VIDA CRISTÃ ^[112]

132. São as três pessoas da Santíssima Trindade que nos dão essa participação da vida divina que acabamos de descrever. Contudo, fazem-no em razão dos méritos e satisfações de Jesus Cristo que, por esse motivo, realiza uma função tão essencial na nossa vida sobrenatural, que ela passou a chamar-se *vida cristã*.

Segundo a doutrina de São Paulo, Jesus Cristo é a cabeça da humanidade regenerada, assim como, em suas origens, foi Adão da raça humana, mas de um modo muito mais perfeito. Pelos seus *méritos*, Jesus resgatou nossos direitos à graça e à glória; com seus *exemplos*, mostrou-nos como devemos viver para santificar-nos e merecer o céu. Porém, antes de tudo, Ele é a *cabeça* de um corpo místico cujos membros somos nós. Portanto, Jesus é a causa *meritória*, *exemplar e vital* da nossa santificação.

I.III.I – Jesus Causa Meritória da Vida Espiritual

133. Ao dizer que Jesus é a *causa meritória* da nossa santificação, empregamos o termo em sentido lato, incluindo tanto a *satisfação* como o *mérito*. “*Em razão da grandíssima caridade com que nos amou na santa paixão da cruz, Ele nos mereceu a justificação e cumpriu a satisfação.*”^[113]

Logicamente a satisfação precede o mérito, no sentido de que é necessário primeiro reparar a ofensa feita a Deus para alcançar o perdão dos nossos pecados e com isso merecer a graça. Na realidade, porém, todos os atos livres de Nosso Senhor eram *ao mesmo tempo* satisfatórios e meritórios; todos tinham um valor moral infinito, como dissemos no nº 78. Dessa verdade cumpre-nos tirar algumas conclusões:

A. Não há pecado imperdoável, desde que, contritos e humilhados, peçamos humildemente perdão. Isso é o que fazemos *no santo tribunal da penitência*, onde por intermédio do ministro de Deus, a virtude do sangue de Jesus Cristo nos é aplicada. Também é o que fazemos *no santo sacrifício da Missa*, onde, pelas mãos do sacerdote, Jesus continua a oferecer-se como vítima propiciatória, suscitando profundos sentimentos de contrição em nossas almas, fazendo-nos propício a Deus, obtendo-nos perdão cada vez mais perfeito dos nossos pecados e remissão mais abundante da pena que deveríamos sofrer para purgá-los. Podemos acrescentar que *todos os nossos atos cristãos*, unidos aos sofrimentos de Jesus, têm valor satisfatório para nós e para as almas pelas quais oferecemos.

134. B) Jesus também *mereceu* para nós todas as graças que precisamos para atingir nosso fim sobrenatural e cultivar em nós a vida cristã: “*Bendito seja Deus, Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, que do alto do céu nos abençoou com toda a bênção espiritual em Cristo*” (Ef 1, 3). Assim, em Cristo, abençoou-nos com toda a sorte de bênçãos espirituais: graças de conversão, de perseverança, graças para resistir às tentações, para tirarmos proveito das provações, de consolação no meio das provações, graças de renovação espiritual, de segunda conversão, da perseverança final. Todas mereceu-nos Jesus Cristo e assegurou que tudo que pedirmos ao Pai em seu nome, ou seja, apoiando-nos em seus merecimentos, será concedido.

Para inspirar-nos maior confiança, instituiu os sacramentos; sinais visíveis que nos conferem graça em todas as ocasiões importantes da nossa vida, e dão-nos direito a graças atuais concedidas em tempo oportuno.

135. C) Ainda fez mais: desejando que nos associássemos a Ele, como causas secundárias, deu-nos o *poder de satisfazer e merecer*, tornando-nos obreiros da nossa própria santificação. A esse respeito, deu-nos um preceito, condição essencial de nossa vida espiritual: “*Se alguém quiser vir comigo, renuncie-se a si mesmo, tome sua cruz e siga-me*” (Mt 16, 24). Levou sua cruz para que o seguíssemos levando a nossa. Assim compreenderam os Apóstolos. Diz São Paulo: “*contanto que soframos com ele, para que também com ele sejamos glorificados*” (Rm 8, 17); São Pedro acrescenta que Cristo sofreu por nós para deixar-nos um exemplo para que sigamos os seus passos (I Pe 2, 21). Além disso, assim como S. Paulo, as

almas generosas sentem-se impelidas a sofrer alegremente, em união com Cristo, pelo seu corpo místico que é a Igreja (Cl 1, 14). Desse modo, essas almas têm parte na eficácia redentora da Paixão de Cristo e cooperam secundariamente na salvação dos seus irmãos. **Quão mais verdadeira, mais nobre, mais consoladora é essa doutrina, do que a inacreditável afirmação de certos protestantes, que têm a triste ousadia de afirmar que, havendo Cristo padecido suficientemente por nós, temos somente que gozar dos frutos da sua redenção, sem beber o seu cálice!** Pretendem dessa forma render homenagem à plenitude dos merecimentos de Cristo, quando na realidade essa plenitude da redenção é mais realçada com a nossa faculdade de merecer. Com efeito, não é mais honroso para Cristo manifestar a fecundidade das suas satisfações, habilitando-nos a unir-nos a Ele, ainda que de modo secundário, em sua obra redentora, e capacitando-nos a colaborar com ela pela imitação dos seus exemplos?

I.III.II – Jesus Causa Exemplar da Nossa Vida.

136. Jesus Cristo não se satisfaz em merecer por nós; desejou ser *causa exemplar*, modelo vivo da nossa vida sobrenatural.

Havia grande necessidade de um modelo desse gênero. Para fomentar uma vida que é uma participação da própria vida de Deus, precisamos estar o mais próximo possível da vida divina. Santo Agostinho bem observa que as pessoas postas diante de nós eram muito imperfeitas para servir de modelo e Deus, que é a própria santidade, parecia estar muito distante. Foi então que o Filho eterno, imagem viva de Deus, fez-se homem para mostrar com o seu exemplo como, mesmo na terra, é possível aproximar-se da perfeição divina. Como Filho de Deus e filho de homem, viveu uma vida verdadeiramente *deiforme*, que lhe permitiu afirmar: “*Quem me vê, vê o Pai*” (I Jo 14, 9).

Havendo manifestado nas suas obras a santidade divina, teve autoridade para dizer-nos que a imitação das divinas perfeições é possível: “*Portanto, sede perfeitos, assim como vosso Pai celeste é perfeito*” (Mt 5, 48). O Pai também propõe o Filho como modelo. Na transfiguração e no batismo aparece aos discípulos e diz-lhes: “*Eis meu Filho muito amado em quem ponho minha afeição*” (Mt 3, 17; 17, 5). Ora, se nele tem toda a sua afeição, é claro que deseja que o imitemos. Também Nosso Senhor nos diz

com toda a confiança: “*Eu sou o caminho, ... ninguém vem ao Pai senão por mim*” (Jo 14, 6). ... “*porque eu sou manso e humilde de coração*” (Mt 11, 29), ... “*Dei-vos o exemplo para que, como eu vos fiz, assim façais também vós*” (Jo 13, 15). Em suma, o Evangelho é, basicamente, a narração dos feitos e ensinamentos de Nosso Senhor, propostos para que os imitemos: “*Toda a sequência das ações e dos ensinamentos de Jesus*” (At 1, 1). Que é o cristianismo senão a imitação de Jesus Cristo? Tanto é assim que São Paulo resume todos os deveres cristãos no de imitar Nosso Senhor: “*Tornai-vos os meus imitadores, como eu o sou de Cristo*” (I Cor 4, 16; 11, 1; Ef 5, 1). Vejamos então quais são as qualidades desse modelo.

137. a) Jesus é o modelo *perfeito*. Até mesmo aqueles que não creem na sua divindade admitem que ele é o exemplo mais completo de virtude que já surgiu na terra. Praticou as virtudes em grau heroico e com as mais perfeitas *disposições interiores*: religião para com Deus, amor ao próximo, abnegação total, horror ao pecado e a tudo que a ele possa levar.^[114] Todavia, é modelo *imitável* e *universal*, *totalmente atrativo*, cujos exemplos são altamente *eficazes*.

138. b) É modelo que *todos podem imitar*, pois quis assumir as nossas misérias e fraquezas, submeter-se às mesmas tentações e em tudo ser semelhante a nós, exceto no pecado. “*Porque não temos nele um pontífice incapaz de compadecer-se das nossas fraquezas. Ao contrário, passou pelas mesmas provas que nós, com exceção do pecado.*” (Hb 4, 15). Durante trinta anos viveu uma vida comum, *oculta* e humilde, obedecendo a Maria e a José, trabalhando como aprendiz e operário: “*o filho do carpinteiro*” (Mt 13, 55). Dessa maneira tornou-se um modelo perfeito para a maioria dos homens que somente têm deveres humildes a cumprir e que devem se santificar em meio as ocupações mais comuns. Contudo, Jesus também viveu uma *vida pública*. Praticou o apostolado para um grupo escolhido, formando seus Apóstolos, e para o povo, evangelizando as massas. Teve cansaço e fome. Desfrutou da amizade de alguns e teve que suportar a ingratidão de outros. Teve êxitos e revezes. Em resumo, viveu as contrariedades pelas quais passa todo homem que se relaciona com amigos e com o público. Sua vida de *sofrimento* é para nós exemplo da mais heroica paciência em meio a tormentos físicos e morais, que padeceu não

somente sem se queixar, mas rogando pelos seus verdugos. Não é correto dizer que, por ser Deus, sofreu menos, pois também era *homem*, dotado de aguda sensibilidade. Por isso sentiu mais fortemente que nós a ingratidão dos homens, o desamparo dos amigos, a traição de Judas. Também provou tão grandes sentimentos de tédio, tristeza e pavor, que não pode deixar de orar para que, se possível, fosse dele afastado o cálice da amargura. Na cruz, demonstrando a profundidade de suas agonias, lançou o grito de aflição: “*Meu Deus, meu Deus, porque me abandonaste?*” (Mt 27, 46; Mc 15, 4). Portanto, foi um modelo *universal* (ver 813).

139. c) Revela-se também *totalmente atrativo*. Havia predito que quando fosse elevado da terra (fazendo alusão ao suplício da Cruz), atrairia todos a Si: “*E quando eu for levantado da terra, atrairei todos os homens a mim*” (Jo 12, 32).

Cumpriu-se essa profecia. Ao ver o que Jesus fez e sofreu por eles, os corações generosos são tocados de amor pelo divino Crucificado e, em decorrência, pela cruz. ^[115]* Apesar das repugnâncias da natureza, eles levam corajosamente suas cruzes interiores e exteriores, seja para parecer-se mais com o seu divino Mestre, ou para demonstrar-lhe o seu amor, sofrendo com Ele e por Ele, ou ainda para participar com mais abundância dos frutos da redenção e colaborar com Ele na santificação de seus irmãos. Observa-se isso na vida dos santos, que correm atrás das cruzes com mais avidez que os mundanos atrás dos prazeres.

140. d) Essa atração é tão mais intensa quanto mais eficaz é a graça. Todas as ações de Jesus *antes da sua morte* eram meritórias. Por isso, mereceu-nos a graça de praticar outras semelhantes. Quando consideramos a sua humildade, pobreza, mortificação e demais virtudes, sentimo-nos atraídos a imitá-lo, não somente pela força persuasiva dos seus exemplos, mas também pela eficácia das graças que nos mereceu ao praticar tais virtudes e que nos concede desde então.

141. Há certos feitos de Nosso Senhor que, por serem mais importantes, por conterem graças mais abundantes, devem nos unir de modo especial. São os seus *mistérios*. Entre eles, o da Encarnação mereceu-nos uma graça

de renúncia de nós mesmos e de união com Deus, porque nela Jesus ofereceu, além de si próprio, todos nós, consagrando-nos todos ao Pai; o da Crucificação mereceu-nos a graça de crucificar nossa carne e as suas más inclinações; o da Morte, de morrer ao pecado e às suas causas, etc. ^[116] Compreenderemos isso melhor quando considerarmos Jesus como cabeça do corpo místico cujos membros somos nós.

I.III.III - Jesus Cabeça do Corpo Místico ou Fonte da Vida. ^[117]

142. Essa doutrina, em substância, já está contida naquelas palavras de Nosso Senhor: “*Eu sou a videira; vós, os ramos*” (Jo 15, 5). Efetivamente, Jesus afirma que recebemos dele a nossa vida como os ramos recebem a vida do caule ao qual estão unidos. Essa comparação ressalta a *comunidade de vida* existente entre nós e Nosso Senhor. A partir disso, facilmente chegamos à ideia de *corpo místico*, no qual Jesus, como cabeça, transmite a vida a seus membros. São Paulo é quem mais insiste sobre essa doutrina tão fecunda em resultados.

Em um corpo requer-se uma *cabeça*, uma *alma* e *membros*. Estes são os três elementos que estudaremos, seguindo a doutrina do Apóstolo.

143. 1º - A cabeça exerce uma tríplice função no corpo humano: de *preeminência*, por que é dele a parte principal; de *centro de unidade*, porque interliga e governa todos os membros; de *influxo vital*, porque dela procede o movimento e a vida. É exatamente essa tríplice função que Jesus desempenha na Igreja e sobre as almas.

a) A *preeminência* de Jesus sobre todos os homens é indubitável. Ele, sendo Homem-Deus, é o primogênito de toda a criatura, o objeto das complacências divinas, o modelo acabado de todas as virtudes, a causa meritória da nossa santificação. Ele que, em razão de seus próprios méritos, foi elevado acima de toda criatura e diante do qual todo o joelho se dobrará, no céu, na terra e nos infernos.

b) Na Igreja, é Ele o *centro de unidade*. Duas coisas são essenciais para um organismo perfeito: a *variedade* dos *órgãos* e funções que estes exercem e a *unidade* deles em torno de um princípio comum. Sem esses dois elementos haveria somente uma massa inerte ou um agregado de seres

vivos sem conexão orgânica. Essa função é exercida por Jesus que, depois de estabelecer na Igreja uma variedade de órgãos, com uma hierarquia instituída, continua sendo *centro de unidade*, porque, como chefe invisível, mas real, comunica aos chefes hierárquicos a direção e o movimento.

c) Também é Ele o *princípio do influxo vital* que anima e vivifica todos os membros. Ainda enquanto homem, recebeu a plenitude da graça para no-la comunicar: “*a glória que o Filho único recebe do seu Pai, cheio de graça e de verdade. ... Todos nós recebemos da sua plenitude graça sobre graça.*” (Jo 1, 14-16). De fato, não é Ele a causa meritória de todas as graças que recebemos e que são distribuídas pelo Espírito Santo? O Concílio de Trento não hesita em afirmar a existência dessa ação, desse influxo vital de Jesus sobre os justos: “*Pois o mesmo Cristo ... infunde virtudes naqueles que foram justificados ... como a cabeça para os seus membros.*”^[118]

144. 2º - Todo corpo precisa não somente de uma cabeça, mas também de uma *alma*. O Espírito Santo (isto é, a SS. Trindade identificada pelo nome da terceira Pessoa) é a alma do corpo cuja cabeça é Jesus. De fato, é Ele que derrama nas almas a *caridade* e a *graça* que nos mereceu o Senhor: “*Porque o amor de Deus foi derramado em nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado*” (Rm 5, 5). Por essa razão Ele é chamado Espírito que vivifica: “*Credo in Spiritum ... vivificantem.*” Também por isso Santo Agostinho nos diz: “*o que a nossa alma é para o corpo, o Espírito Santo é para o corpo de Cristo que é a Igreja.*”^[119] Ademais, essa expressão foi consagrada por Leão XIII na sua Encíclica sobre o Espírito Santo.^[120] Também é esse divino Espírito que distribui os diversos *carismas*: a uns a *palavra de sabedoria* ou a *graça de pregar*, a outros o *dom dos milagres*, a estes o *dom da profecia*, àqueles o *dom das línguas*, etc.: “*Há também diversas operações, mas é o mesmo Deus que opera tudo em todos*” (I Cor 12, 6).

145. Essas duas ações, de Cristo e do Espírito Santo, longe de gerar conflitos, completam-se. O Espírito Santo nos vem por Jesus Cristo. Ele o possuiu em plenitude enquanto viveu sobre a terra. Pelas suas ações e sobretudo pelo seu sofrimento e morte, *mereceu* que esse Espírito nos fosse comunicado. Assim, devemos a Ele a graça do Espírito Santo que nos vem

comunicar a vida e as virtudes de Cristo, fazendo-nos semelhantes a Ele. Então, tudo se explica: Jesus, por ser homem, é o único apto a ser a cabeça de um corpo místico composto de homens, uma vez que a cabeça e os membros devem ter a mesma natureza. Mas, enquanto homem, não pode por si mesmo conferir a graça necessária à vida de seus membros. O Espírito Santo vem supri-lo, exercendo esse ofício. Porém, como o faz em razão dos merecimentos de Cristo, pode-se afirmar que *o influxo vital* procede de Jesus até alcançar os seus membros.

146. 3º - Quais são, então, os membros desse corpo místico? Todos os batizados. Com efeito, é pelo batismo que somos incorporados em Cristo, diz São Paulo: “*Em um só Espírito fomos batizados todos nós, para formar um só corpo*” (I Cor 12, 23). Por isso ele acrescenta que fomos batizados em Cristo e que pelo batismo nos revestimos de Cristo (Rm 6, 3; Gl 3, 27), isto é, participamos das disposições interiores de Cristo. O *Decreto aos Armênios* explica isso ao dizer que pelo batismo nos tornamos membros de Cristo e do corpo da Igreja.^[121]

Consequentemente, todos os batizados são membros de Cristo, mas em graus diversos. Os *justos* estão unidos a Ele pela graça habitual e por todos os privilégios que a acompanham. Os *pecadores*, pela fé e esperança. Os *bem-aventurados*, pela visão beatífica.

Os *infiéis* não são membros desse corpo místico. Todavia, enquanto vivem na terra são *chamados* a sê-lo. Somente os condenados estão para sempre excluídos desse privilégio.

147. 4º - **Consequências desse dogma.** A) A *comunhão dos santos* baseia-se nessa incorporação em Cristo. São parte do corpo místico os justos na terra, as almas do Purgatório e os santos do Céu. Todos participam da sua vida, recebem o seu influxo e devem amar-se e ajudar-se mutuamente, como membros de um mesmo corpo, pois diz-nos São Paulo: “*Se um membro sofre, todos os membros padecem com ele; e se um membro é tratado com carinho, todos os outros se congratulam por ele*” (I Cor 12, 26).

148. B) Pela mesma razão é que todos os *cristãos são irmãos*: “*Pois não há distinção entre judeu e grego, porque todos têm um mesmo Senhor*” (Rm 10, 12). Portanto, somos todos *solidários* e o que é bom para um, é bom para os demais, seja qual for a diversidade dos dons e ofícios. Todo o corpo lucrará com o que de bom houver em cada um de seus membros, assim como cada um de seus membros, por sua vez, aproveita-se dos bens do corpo inteiro. Em razão dessa doutrina entende-se porque Nosso Senhor pode dizer: o que fizeres ao menor dos meus, é a mim que fazes. Ou seja, a cabeça identifica-se com os membros.

149. C) Por conseguinte, segundo a doutrina de São Paulo, os Cristãos são complemento de Cristo. Com efeito, Deus “*o constituiu chefe supremo da Igreja, que é o seu corpo, o receptáculo daquele que enche todas as coisas sob todos os aspectos*” (Ef 1, 22-23).

Embora perfeito em si mesmo, o fato é que, para formar seu corpo místico, Jesus precisa de um complemento. Sob esse aspecto, não se basta a si mesmo, precisa de membros para exercer todas as funções vitais. M. Olier conclui:^[122] “*Entreguemos as nossas almas ao Espírito de Jesus Cristo, para que Ele cresça em nós. Se encontrar pessoas dispostas, Ele dilata, aumenta e difunde-se em seus corações, unge-as e perfuma-as com a unção espiritual da qual Ele mesmo está ungido.*” Dessa maneira, podemos e devemos completar a Paixão do nosso Salvador Jesus, sofrendo como Ele sofreu, para que essa Paixão, tão completa em si mesma, complete-se também em seus membros através do tempo e do espaço: “*O que falta às tribulações de Cristo, completo na minha carne, por seu corpo que é a Igreja*” (Cl 1, 24). Como se percebe, não há doutrina mais fecunda do que essa sobre o corpo místico de Jesus.

CONCLUSÃO: DEVOÇÃO AO VERBO ENCARNADO^[123]

150. De tudo que dissemos sobre o papel de Jesus na vida espiritual conclui-se que, para cultivar essa vida, devemos viver unidos íntima, afetuosa e habitualmente com Ele. Em outros termos, praticar a *devoção ao Verbo Encarnado*: “*Quem permanecer em mim e eu nele, esse dá muito fruto*” (Jo 15, 5). A Santa Igreja enfatiza esse ensinamento quando, ao final

do Cânon da Missa, recorda-nos que é por Ele que recebemos todos os bens espirituais, que somos santificados, vivificados e abençoados, por Ele, com Ele e nele. Também nele devemos render toda honra e glória a Deus Pai todo-poderoso, na unidade do Espírito Santo.^[124]* É uma síntese completa de vida espiritual: tendo recebido tudo de Deus por Cristo, é por Cristo que devemos *glorificar* a Deus, por Cristo que devemos *pedir novas graças*, e com Cristo e em Cristo devemos *praticar todas as nossas ações*.

151. 1º - Jesus é o perfeito adorador do Pai, ou, como diz M. Olier, o religioso de Deus, o único que pode render-lhe homenagem infinita. Obviamente, portanto, para cumprir os nossos deveres para com a SS. Trindade, o melhor a fazer é unir-nos intimamente a Ele sempre que realizarmos atos de religião e adoração. Isso não é difícil, porque Jesus, sendo cabeça do corpo místico cujos membros somos nós, adora o Pai não somente em seu nome, mas em nome de todos aqueles que são nele incorporados, e põe à nossa disposição as homenagens que rende a Deus, permitindo-nos torná-las nossas, para oferecê-las à SS. Trindade.

152. 2º - Também é com Ele e por Ele que podemos, com mais eficácia, *pedir novas graças*, pois Jesus, Sumo Sacerdote, não cessa de rogar por nós: “*porque vive sempre para interceder em seu favor*” (Hb 7, 25). Ainda que tenhamos a infelicidade de ofender a Deus, Ele defende a nossa causa com grande eloquência, porque oferece ao mesmo tempo o seu sangue vertido por nós. “*Filhinhos meus, isto vos escrevo para que não pequeis. Mas, se alguém pecar, temos um intercessor junto ao Pai, Jesus Cristo, o Justo*” (I Jo 2, 1). Destarte, ele realça tanto o valor das orações que, aquele que pede algo em seu nome, isto é, apoiando-se em seus méritos infinitos, tem a certeza de ser ouvido. “*Em verdade, em verdade vos digo: o que pedirdes ao Pai em meu nome, ele vo-lo dará*” (Jo 16, 23). De fato, o valor dos seus méritos é comunicado aos seus membros e Deus não pode recusar nada a seu Filho: “*e foi atendido pela sua piedade*” (Hb 5, 7).

153. 3º - Por fim, é em união com Ele que devemos *praticar todas as nossas ações*, tendo habitualmente, conforme a bela expressão de M. Olier,^[125] Jesus diante dos olhos, no coração e nas mãos: *diante dos olhos*, isto é,

considerando-o como o modelo que devemos imitar e perguntando-nos, como fazia São Vicente de Paulo, “*que faria Jesus se estivesse em meu lugar?*”; *no coração*, buscando possuir as suas disposições interiores, a mesma pureza de intenção, o mesmo fervor, para praticar as nossas ações com o mesmo ânimo; *nas mãos*, realizando com generosidade, energia e constância, as boas inspirações que Ele sugere.

Se assim o fizermos, nossa vida se transformará e viveremos a vida de Cristo: “*Eu vivo, mas já não sou eu; é Cristo que vive em mim*” (Gl 2, 20).

I.IV - FUNÇÃO DA SS. VIRGEM, DOS SANTOS E ANJOS NA VIDA CRISTÃ

154. É inquestionável que há um só Deus e um só Mediador necessário, Jesus Cristo: “*Porque há um só Deus e há um só mediador entre Deus e os homens: Jesus Cristo*” (I Tm 2, 15). Mas aprouve à sabedoria e bondade divinas dar-nos protetores, intercessores e modelos que estejam, ou ao menos pareçam estar, mais perto de nós. São os santos, que, havendo reproduzido em si mesmos as perfeições divinas e as virtudes de Nosso Senhor, fazem parte do seu corpo místico e se interessam por nós, que somos seus irmãos. Ao honrá-los, honramos neles o próprio Deus, pois refletem as suas perfeições; ao invocá-los, em última análise, invocamos a Deus, pois pedimos aos Santos que sejam nossos intercessores perante Ele; ao imitar as suas virtudes, imitamos a Jesus Cristo, porque eles mesmos somente foram santos na medida em que reproduziram em si as virtudes do divino Modelo. A devoção aos santos, longe de prejudicar o culto a Deus e ao Verbo Encarnado, apenas o confirma e completa. Contudo, como entre os santos a Mãe de Jesus ocupa um lugar especial, primeiramente abordaremos a sua função e depois a dos outros santos e dos anjos.

I.IV.I – Função de Maria na Vida Cristã^[126]

155. 1º - Fundamento da sua função. A função de Maria repousa no fato da sua íntima união com Jesus ou, dito de outro modo, do dogma da

maternidade divina, e tem como consequência a sua excelsa dignidade e seu ofício de mãe dos homens.

A. No dia da Encarnação Maria torna-se Mãe de Jesus, Mãe do Filho-Deus, Mãe de Deus. Quando olhamos com atenção o diálogo entre o anjo e a Virgem Maria, vemos que Maria não somente é mãe de Jesus como indivíduo, pessoa *privada*, mas também enquanto *Salvador e Redentor*. “*O anjo não fala somente das grandezas pessoais de Jesus, mas propõe a Maria a maternidade do Messias esperado, do Rei eterno da humanidade regenerada. ... Toda a obra redentora depende do Fiat de Maria e disso ela tem plena consciência. Sabe o que Deus lhe propõe; consente no que Deus lhe pede sem qualquer restrição ou condição. O seu Fiat responde à magnitude da proposta divina e alcança toda a obra redentora.*”^[127]* Portanto, Maria é *mãe do Redentor* e, por sê-lo, está associada à obra redentora. Ocupa, na ordem da redenção, o lugar que Eva teve no da nossa ruína espiritual, como observam os Santos Padres, seguindo Santo Irineu.

Por ser mãe de Jesus, Maria tem relação muito íntima com as três Pessoas divinas. É a *filha muito amada do Pai* e associada na obra da Encarnação. É a *Mãe do Filho*, com direito a dele ter respeito, amor e, na terra, até mesmo obediência. Em razão do papel que exerceu nos seus mistérios, *secundário* mas real, é colaboradora na obra da salvação e santificação dos homens. Enfim, *é o templo vivo, o santuário privilegiado do Espírito Santo* e, em sentido analógico, a sua *Esposa*, posto que com Ele, e dependendo Dele, contribui na regeneração das almas para Deus.

156. B) No mesmo dia da Encarnação Maria também tornou-se *mãe dos homens*. Como dissemos (nº 142), Jesus é o chefe da humanidade regenerada, a cabeça de um corpo místico cujos membros somos nós, e como tal, ou seja, *em sua completude*, Maria o gerou. Além disso, gera também todos os membros do corpo místico de Jesus, todos aqueles que Lhe serão incorporados, todos os regenerados ou aqueles que serão chamados a sê-lo. Portanto, ao tornar-se Mãe de Jesus segundo a carne, tornou-se simultaneamente Mãe dos membros de Jesus segundo o espírito. O episódio do calvário somente confirma essa verdade. No exato momento em que nossa redenção estava para ser consumada pela morte do Salvador, este diz a Maria, referindo-se a São João e, por ele, a todos os seus discípulos presentes ou futuros: *Eis aí o teu filho*; e ao próprio João: *Eis aí*

tua Mãe. Isso foi, conforme a tradição que remonta até Orígenes, declarar que todos os regenerados eram filhos espirituais de Maria.

Deste duplo título, *Mãe de Deus* e *Mãe dos homens*, é que se origina o papel que Maria exerce em nossa vida espiritual.

157. 2º - Maria causa meritória da graça. Já vimos (nº 133) que, em *sentido próprio*, Jesus é a causa meritória *principal* de todas as graças que recebemos. Maria, sua colaboradora na obra da nossa santificação, mereceu todas essas mesmas graças, mas apenas *secundariamente*, ou seja, na dependência de seu Filho e porque este lhe deu o poder de merecer por nós; e somente de *côngruo*, ^[128]* isto é, com mérito de conveniência. Mereceu-as, inicialmente no dia da Encarnação, no momento em que deu o seu *fiat*. A Encarnação é a Redenção começada e, portanto, cooperar na Encarnação é cooperar na Redenção, nas graças que são fruto dela e, por conseguinte, em nossa salvação e santificação.

158. Maria, cuja vontade é em tudo conforme a de Deus e de seu Filho, ao longo de toda a sua vida associa-se à obra redentora. É ela que cria e educa Jesus, alimenta-o e prepara-o para a imolação como vítima no calvário. Tomando parte nas suas alegrias e tribulações, em seu humilde trabalho na casa de Nazaré, em suas virtudes, une-se, com generosíssima compaixão, à paixão e morte de seu Filho, reiterando o seu *fiat* ao pé da cruz e consentindo na imolação daquele que ama muito mais que a si mesma. Nesse momento, seu amoroso coração é transpassado por uma espada de dor: “*E uma espada transpassará a tua alma*” (Lc 2, 35). Quantos méritos não conquistou com tão perfeita imolação!

E em razão do longo martírio que padeceu depois da ascensão de seu Filho ao céu, continuou a aumentá-los. Privada da presença daquele que era a sua felicidade, ansiava ardentemente pelo momento em que se uniriam para sempre, e aceitava amorosamente essa provação para cumprir a vontade de Deus e contribuir para edificar a Igreja nascente. Com isso, Maria acumulou para nós inumeráveis merecimentos. Suas obras são tão mais meritórias porque: foram praticadas com a mais perfeita pureza de intenção. “*Minha alma glorifica ao Senhor.*” (Lc 1, 46); e cumprem, em sua integridade, a vontade de Deus, com o mais intenso fervor e a mais estreita

união com Jesus, fonte de todo mérito. *“Eis aqui a serva do Senhor. Faça-se em mim segundo a tua palavra”* (Lc 1, 38).

Sem dúvida esses merecimentos, que eram principalmente para Ela mesma, aumentavam o seu manancial de graça e os seus direitos à glória. Mas, em razão da função que exercia na obra redentora, Maria merecia também, de *côngruo*, para todos e, conforme a expressão de São Bernardo: ^[129] *“aquela que era cheia de graça, deixou transbordar essa graça sobre nós.”*

159. 3º - Maria causa exemplar. Depois de Jesus, Maria é o mais belo modelo que podemos imitar. O Espírito Santo que habitava em Maria em razão dos merecimentos do seu Filho, fez dela uma imagem viva das virtudes de Jesus. Jamais cometeu a mínima falta ou teve a mínima resistência à graça, levando à letra o *“seja feito conforme a tua vontade”*. Por isso os Santos Padres, sobretudo Santo Ambrósio e o Papa São Libério, apresentam-na como modelo perfeito de todas as virtudes, *“caritativa e atenciosa com todas as suas companheiras, sempre pronta a servi-las, não dizendo ou fazendo coisa alguma que pudesse desgostá-las, amando todas e sendo por todas amada”*.^[130]

É suficiente indicar as virtudes constantes no próprio Evangelho: 1) a sua profunda *fé*, que a fez crer sem vacilar nas coisas que o anjo da parte de Deus lhe anuncia. Por essa fé Isabel, inspirada pelo Espírito Santo, a congratulou: *“Bem-aventurada és tu que creste, pois se hão de cumprir as coisas que da parte do Senhor te foram ditas!”* (Lc 1, 45); 2) a sua *virgindade*, revelada na resposta ao anjo, *“Como se fará isso, pois não conheço homem?”* (Lc 1, 34), mostra sua determinação de permanecer virgem, mesmo que isso significasse sacrificar a dignidade da Mãe do Messias; 3) a sua *humildade* é evidenciada na perturbação que experimenta diante dos elogios do anjo, na declaração de ser escrava do Senhor no mesmo instante em que é proclamada Mãe de Deus, na oração do *Magnificat*, que já foi chamado o êxtase da humildade, no amor que mostra pela vida oculta, apesar de ter, na qualidade de Mãe de Deus, o direito a todas as honras; 4) o seu *recolhimento interior* a fez guardar em silêncio e meditar tudo o que se relacionava com o divino Filho. *“Maria conservava todas estas palavras, meditando-as no seu coração.”* (Lc 2, 19); 5) o seu *amor para com Deus e o próximo*, que generosamente a fez aceitar todas as

provações de uma longa vida, principalmente a imolação de seu Filho no calvário e a longa separação desse Filho tão amado, desde a Ascensão até o momento de sua morte.

160. Esse modelo tão perfeito é, ao mesmo tempo, *inteiramente atrativo*. Maria é uma simples criatura como nós, uma irmã, uma Mãe que nos convida a imitá-la, ainda que seja somente para manifestar-lhe nossa gratidão, veneração e amor. Destarte, é um modelo fácil de imitar, no sentido de que Maria santificou-se na vida comum, no cumprimento de seus deveres de jovem e de mãe, nos humildes trabalhos domésticos, na vida oculta, nas alegrias e nas tristezas, na exaltação e nas mais profundas humilhações.

Portanto, temos a certeza de estar trilhando caminho seguríssimo quando imitamos a Santíssima Virgem. É o melhor meio de imitar a Jesus e de alcançar a sua poderosa mediação.

161. 4º - Maria medianeira universal da graça. São Bernardo formulou essa doutrina há muito tempo, num texto muito conhecido: “*É da vontade de Deus que recebamos todas as graças através de Maria.*”^[131] É importante esclarecer como deve ser entendido. É certo que Maria, ao dar-nos Jesus, autor e causa meritória da graça, deu-nos também, de maneira *mediata*, todas as graças. Contudo, além disso, segundo o ensino cada vez mais comum,^[132] *não há uma só graça* concedida aos homens, que não venha *imediatamente* por Maria, isto é, sem a sua intercessão. Portanto, trata-se de uma mediação *imediate*, *universal*, mas *subordinada* à de Jesus.

162. Para dar mais precisão a essa doutrina, acompanhamos o Pe. De la Broise,^[133] que diz: “*a atual ordenação dos decretos divinos dispõe que todos os bens sobrenaturais, concedidos ao mundo, sejam outorgados com o concurso de três vontades e nenhum sem essa condição. A primeira é a vontade de Deus, que confere todas as graças. Depois, a vontade de Nosso Senhor Jesus Cristo, mediador, que as merece por si mesmo, obtendo-as por estrita justiça. Por fim, a vontade de Maria, mediadora secundária, que as merece e obtém por conveniência, através de Nosso Senhor.*” Essa mediação é *imediate*, no sentido de que, para cada graça dada por Deus,

Maria intervém pelos seus méritos passados ou pelas suas presentes súplicas. Porém, tal fato não implica que, quem as recebe, *deva pedi-las necessariamente* através de Maria, pois ela pode intervir sem que ninguém o peça. Essa mediação é *universal*, abrangendo todas as graças concedidas ao homem desde a queda de Adão. Contudo, está subordinada à mediação de Jesus, porque Maria não pode merecer ou obter graça alguma senão pelo seu divino Filho. Desse modo, a mediação de Maria somente realça o valor e a fecundidade da mediação de Jesus.

Essa doutrina foi confirmada pelo Ofício e a Missa dedicados à honra de *Maria Medianeira*, concedidos pelo Papa Bento XV às igrejas da Bélgica e a qualquer outra que pedir, de toda a cristandade.^[134]* Portanto, a doutrina é segura, pode ser utilizada na prática e move-nos a uma grande confiança em Maria.

CONCLUSÃO: DEVOÇÃO À SANTÍSSIMA VIRGEM

163. Por ser tão importante o papel de Maria em nossa vida espiritual, devemos dedicar-lhe muitíssima devoção. Essa palavra *dedicação* quer dizer *entrega voluntária* de si mesmo. Seremos, pois, devotos de Maria, se nos entregarmos completamente a Ela e, por Ela, a Deus. Isso somente nos fará imitar o próprio Deus, que se entregou por nós e também nos deu o seu Filho por intermédio de Maria. Entregaremos o nosso *entendimento* com a mais profunda veneração; a nossa *vontade* com confiança absoluta; o nosso *coração* com um amor terníssimo de filho; *inteiramente todo o nosso ser* com a imitação mais perfeita possível de suas virtudes.

164. A) Veneração profunda. Essa veneração funda-se na dignidade de Mãe de Deus e nas consequências que dela derivam. Com efeito, jamais poderemos honrar em excesso aquela que o Verbo Encarnado venera como Mãe, que o Pai contempla amorosamente como Filha muito amada e que o Espírito Santo considera seu templo predileto. O *Pai* trata-a com sumo respeito ao enviar-lhe um anjo para saudá-la como cheia de graça e pede-lhe o consentimento na obra da Encarnação, à qual deseja associá-la intimamente. O *Filho* venera-a, ama-a como sua mãe e é-lhe obediente. O *Espírito Santo* desce sobre ela e nela tem as suas complacências. Portanto,

ao venerar Maria apenas nos associamos às três divinas Pessoas, estimando o que elas estimam.

Não há dúvida que há excessos que devemos evitar, especialmente todo aquele que tenda a fazê-la igual a Deus ou torná-la a fonte da graça. Todavia, enquanto a considerarmos criatura, que em si mesma não tem grandeza, nem santidade, nem poder, a não ser na medida em que recebe de Deus, não há razão para temer o excesso: é Deus que veneramos nela.

Essa veneração deve ser maior que a dedicada aos anjos e aos outros santos, precisamente porque pela dignidade de Mãe de Deus, pelo ofício de mediadora, pela santidade, Maria está acima de todas as criaturas. Por isso, o seu culto, que é culto de *dulia* e não de *latria*, é com razão chamado culto de *hiperdulia*, pois é superior ao que se dedica aos anjos e santos.

165. B) Confiança absoluta, baseada no *poder* e *bondade* de Maria. **a)** Este *poder* não procede de si mesma, mas do *poder de intercessão*, porque Deus não quer negar nada de legítimo Àquela que ama e venera acima de todas as criaturas. Nada mais justo. Tendo Maria dado a humanidade a Jesus, com a qual Ele pode merecer, e colaborado com Ele na redenção por meio de suas obras e dores, era conveniente que fosse partícipe na distribuição dos frutos dessa redenção. Assim, Jesus não lhe negará nada que peça de legítimo e por isso podemos dizer que Ela é onipotente pelas suas súplicas (*omnipotentia supplex*); **b)** Com relação à *bondade*, é aquela pela qual a Mãe nos transmite, como membros de Jesus Cristo, o afeto que dedica ao seu Filho; uma Mãe que, tendo-nos dado à luz na dor, em meio às angústias do Calvário, tanto mais nos amará quando mais lhe custarmos. Portanto, nossa confiança nela deve ser *inabalável* e *universal*.

1) *Inabalável*, em que pese nossas misérias e pecados. Maria é Mãe de misericórdia, cuja função não é ocupar-se com a justiça; foi escolhida antes de tudo para exercer a compaixão, a bondade, a condescendência. Sabendo que estamos expostos aos ataques da concupiscência, do mundo e do demônio, tem compaixão de nós, que não deixamos de ser seus filhos, ainda que caiamos em pecado. Assim, basta que manifestemos um mínimo de boa vontade e o desejo de voltar a Deus para que ela bondosamente nos acolha. Muitas vezes é ela que, antecipando-se a esses bons propósitos, alcança-nos graças que os suscitam em nossa alma. Compreendendo muito bem essa doutrina a Igreja instituiu, em certas dioceses, uma festa com um título que

à primeira vista parece estranho, mas que no fundo é perfeitamente justificável. Trata-se da festa do *Coração Imaculado de Maria, refúgio dos pecadores*. Justamente por ser Imaculada e jamais ter cometido a menor falta é que Maria tem mais compaixão dos seus pobres filhos, que não têm, como ela, o privilégio de ser livre da concupiscência.

2) *Universal*, ou seja, abrange todas as graças que precisamos; graças de conversão, de progresso espiritual, de perseverança final, graças de proteção no meio dos perigos, das angústias, das mais graves dificuldades que se possam apresentar. Essa é a confiança que tão encarecidamente São Bernardo recomenda: ^[135] “*Se as tempestades das tentações se levantam, se estiveres no meio dos perigos das tribulações, lança os olhos para a estrela do mar, invoca Maria em teu auxílio; se és agitado pelas ondas da soberba, da ambição, da maledicência, da inveja, olha para a estrela, invoca Maria; se a cólera, a avareza, os prazeres da carne agitam a barca da tua alma, olha para Maria; se, perturbado pela grandeza dos teus crimes, confuso pelo estado miserável da tua consciência, horrorizado pelo pensamento do juízo, comesas a afundar no abismo da tristeza e do desespero, pensa em Maria. No meio dos perigos, das angústias, das incertezas, não se afaste o seu nome dos teus lábios, nem o coração do pensamento dela e, para obteres mais seguramente o auxílio de tuas súplicas, não descuides de imitar os seus exemplos. Seguindo-a, não te extravias; suplicando-a, não te desesperas; pensando nela, não te perdes. Enquanto ela te levar pela mão, não cairás; sob sua proteção, não terás nada a temer; sob o seu governo, não te fatigarás; com o seu favor, chegarás certamente ao termo.*” Como continuamente precisamos de graça para vencer os nossos inimigos e progredir na virtude, devemos-nos dirigir frequentemente Àquela que tão acertadamente é chamada *Nossa Senhora do Perpétuo Socorro*.

166. C) O amor filial, cheio de candura, simplicidade, generosidade e ternura, deve ser unido à confiança. Seguramente Maria é a *mais amável* das mães, pois Deus, havendo-a escolhido para ser Mãe do seu Filho, deu-lhe todas as qualidades que tornam amável uma pessoa: delicadeza, prudência, bondade e dedicação de mãe. É a *mais amante*, pois o seu coração foi criado especificamente para amar um Filho-Deus, e amá-lo o mais perfeitamente possível. Esse mesmo amor que tinha por Jesus, tem também por nós que somos membros vivos do seu divino Filho, seu

prolongamento e complemento. E esse amor brilha mais forte: no mistério da Visitação, quando correu pressurosa para levar à sua prima Isabel aquele Jesus que recebeu em seu seio e que, só pela sua presença, santificou toda a casa; nas bodas de Caná onde, atenta a tudo o que se passava, intercedeu junto a seu Filho para evitar uma triste humilhação aos recém-casados; no Calvário, onde aceita sacrificar o que tem de mais precioso para nos salvar; no Cenáculo, onde exercita o seu poder de intercessão, para obter para os Apóstolos uma maior abundância de dons do Espírito Santo.

167. Sendo Maria a mais amável e a mais amante das mães, deve ser também a mais *amada*. Este é um de seus mais gloriosos privilégios. Onde quer que Jesus seja conhecido e amado, Maria também o é. Não se pode separar a Mãe do Filho e, nunca esquecendo a diferença entre um e outro, temos o mesmo afeto por ambos, ainda que em grau diferente: ao Filho tributa-se o amor devido a Deus, a Maria, o devido à Mãe de um Deus: amor terno, generoso, devotado, mas subordinado ao amor de Deus.

É amor de *complacência*, que se deleita nas grandezas, virtudes e privilégios de Maria, meditando amiúde nessas qualidades, admirando-as, comprazendo-se nelas e felicitando-a por ser tão perfeita. Porém, também é amor de *benevolência*, que sinceramente deseja que o nome de Maria seja cada vez mais conhecido e amado; ora para que se expanda a sua influência sobre as almas e, à essa oração, agrega a palavra e a ação. É amor *filial*, cheio de confiança e simplicidade, de ternura e devoção, que chega até àquela respeitosa intimidade que uma mãe consente ao filho. Por fim e sobretudo, é amor de *conformidade*, que se esforça para submeter a sua vontade à de Maria em todas as coisas e, desse modo, à de Deus, posto que a união das vontades é o sinal mais autêntico de amizade. Isso é o que nos leva a imitar a Santíssima Virgem.

168. D) A imitação é, com efeito, a homenagem mais delicada que lhe podemos oferecer; é proclamar não somente com palavras, mas também com atos, que Ela é um modelo perfeito que muito nos alegra tentar imitar. Já dissemos (nº 159) como Maria, que é um retrato vivo de seu Filho, dá-nos exemplo de todas as virtudes. Aproximar-se dela é aproximar-se de Jesus. Portanto, nada melhor podemos fazer que estudar suas virtudes, meditar frequentemente nelas e esforçar-nos para reproduzi-las em nós.

Para melhor atingir esse objetivo, o mais eficaz é praticar todas e cada uma das nossas ações por *Maria, com Maria e em Maria* (*per Ipsam et cum Ipsa, et in Ipsa*).^[136]* *Por Maria*, isto é, por sua intercessão pedir as graças necessárias para imitá-la, indo por Ela para ir a Jesus (*ad Jesum per Mariam*). *Com Maria*, isto é, considerando-a como *modelo e colaboradora* e perguntando-nos sempre: O que Maria faria se estivesse no meu lugar? Então humildemente lhe pedimos auxílio para conformar nossas ações com os seus desejos. *Em Maria*, ou seja, submissos a ela, aderindo ao seu modo de ver e às suas intenções e realizando as nossas ações como Ela, isto é, para glorificar a Deus (*Minha alma glorifica ao Senhor*).

169. Com essas disposições interiores é que devemos recitar em honra à nossa Mãe: a *Ave Maria* e o *Ângelus*, que nos recordam a Anunciação e o seu título de Mãe de Deus; o *Sob a Vossa Proteção*, que é um ato de confiança naquela que nos protege de todos os perigos; o *Ato de Consagração a Maria*, que é um ato de total entrega em suas mãos, pelo qual lhe confiamos nosso ser, nossas ações e méritos; sobretudo, o *Santo Rosário* que, unindo-nos aos mistérios gozosos, luminosos,^[137]^{NT} dolorosos e gloriosos, permite-nos santificar em união com Maria e com Jesus, as nossas alegrias, tristezas e glórias. O *Pequeno Ofício da Santíssima Virgem* equivale ao Breviário para as pessoas que podem recitá-lo. Faz com que muitas vezes ao dia lembremo-nos da grandeza, santidade e da obra santificadora dessa boa Mãe.

ATO DE CONSAGRAÇÃO TOTAL A MARIA^[138]

170. Natureza e extensão desse ato. É um ato de consagração que encerra todos os demais. Foi proposto por São Grignion de Montfort e consiste em entregar-se inteiramente a Jesus por Maria, abrangendo dois elementos: um *ato de consagração*, que se renova de tempos em tempos, e um *estado habitual*, pelo qual vivemos e operamos subordinados a Maria. O ato de consagração, diz São Grignion, “*consiste em dar-se inteiramente, na qualidade de escravo, a Maria e a Jesus, por meio de Maria*”. Não nos deve scandalizar o termo *escravo*, do qual devemos excluir todo sentido pejorativo, isto é, toda a ideia de *opressão*. Longe de implicar *opressão*,

esse ato é manifestação do mais puro amor. Devemos dar atenção somente ao elemento positivo, conforme explica o Santo: um simples servo, que recebe seu salário, é livre para deixar o patrão, ao qual não dá mais do que o seu trabalho. Não lhe dá a sua pessoa, seus direitos pessoais, seus bens. Um escravo concorda livremente em trabalhar sem salário, confiando que seu senhor lhe dará sustento e abrigo. Dá-se para sempre, com todos os seus recursos, sua pessoa e seus direitos, para viver inteiramente sob a dependência dele.

171. Aplicando agora essa doutrina ao contexto espiritual, o perfeito escravo de Maria dá a esta Senhora e, por ela, a Jesus:

a) *Seu corpo*, com todos os seus sentidos, conservando-lhe somente o uso, e comprometendo-se a servir-se dele somente na medida em que agrada a SS. Virgem ou o seu Filho. De antemão aceita todas as disposições da Providência referentes à saúde, enfermidade, vida e morte;

b) *Todas as posses terrenas*, utilizando-as somente sob a dependência de Maria, para sua glória e de Deus;

c) *A alma* com todas as suas *faculdades*, consagrando-as ao serviço de Deus e das almas, sob a condução de Maria, e renunciando a tudo quanto possa pôr em risco a salvação e a santificação;

d) *Todos os bens interiores e espirituais*, seus méritos, satisfações e o valor impetratório das boas obras, na medida em que esses bens forem *alienáveis*. Esclareçamos este último ponto:

1. Nossos méritos propriamente ditos (*de condigno*), pelos quais merecemos aumento de graça e de glória para nós mesmos, são inalienáveis. Quando os entregamos a Maria, é para que ela os conserve e aumente e não para aplicá-los a outros. Porém, deixamos Maria dispor livremente dos méritos de simples conveniência (*de congruo*), que podem ser oferecidos por intenção de outras pessoas.
2. O valor *satisfatório* das nossas obras, incluindo as indulgências, é alienável e entregamo-lo à Santíssima Virgem para que ela o aplique.
[\[139\]](#)
3. O valor *impetratório*, isto é, as nossas orações e boas obras, posto que se reveste do mesmo valor, pode ser oferecido, e de fato o é, por esse ato de consagração.

172. Após realizado o ato, não mais podemos dispor desses bens sem a permissão da SS. Virgem, mas *podemos* e por vezes *devemos* pedir-lhe que se digne, segundo sua vontade, utilizá-los em favor de pessoas com as quais temos obrigações particulares. Para harmonizar tudo, o melhor é oferecer-lhe simultaneamente com a nossa pessoa e os nossos bens, todos os nossos entes queridos (*Eu sou todo Teu, tudo o que é meu é Teu*).^[140] Assim, a SS. Virgem empregará nossos bens e, sobretudo, os seus tesouros e os de seu Filho, em favor dessas pessoas que, desse modo, nada perdem com a nossa consagração; pelo contrário, ganham muito.

173. A excelência desse ato. É um ato de santo abandono, excelente por si mesmo, mas que, além disso, abarca atos das mais belas virtudes:

1. Um ato de profunda *religião* para com Deus Pai, Jesus e Maria. Por ele reconhecemos concretamente o soberano domínio de Deus, o nosso próprio nada, e proclamamos de todo o coração os direitos que Deus concedeu a Maria sobre nós.
2. Um ato de *humildade*, pelo qual reconhecemos o nosso nada e a nossa impotência, despojamo-nos de tudo que Deus nos deu, devolvendo-lhe pelas mãos de Maria, de quem, depois dele e por Ele, tudo recebemos.
3. Um ato de *amor confiante*, posto que o amor é o dom de si mesmo e, para doar-se, é preciso confiança perfeita e fé viva.

Portanto, podemos dizer que se este ato de consagração for bem feito, renovado de coração com frequência e colocado em prática, é mais excelente que o *ato heroico* em que cedemos apenas o valor satisfatório dos nossos atos e as indulgências que lucramos.

174. Os frutos dessa devoção decorrem da sua própria natureza. 1) É um modo perfeito de glorificar a Deus e a Maria, pois damos-lhe tudo o que somos e temos, sem restrição e sem volta. E fazemos isso da maneira mais agradável a Deus, conforme a ordem estabelecida pela sua sabedoria, isto é, retornando a Ele pelo mesmo caminho que Ele seguiu para vir a nós.

175. 2) Destarte, desse modo asseguramos *nossa própria santificação*. Na realidade, Maria, ao ver que lhe entregamos o nosso ser e nossos bens, sente-se fortemente movida a ajudar e santificar aqueles que são, por assim dizer, propriedade sua. Obterá para nós graças muito abundantes, com as quais poderemos aumentar nosso pequeno tesouro espiritual que é seu, conservá-lo e fazê-lo frutificar até o fim da nossa vida. Para isso, Ela se servirá tanto do seu poder de intercessão junto a Deus como da superabundância dos seus méritos e satisfações.

3) Por fim, desse modo são beneficiadas a *santificação do próximo* e, sobretudo, as almas a nós confiadas. Colocando nas mãos de Maria a distribuição dos nossos méritos e satisfações, conforme o seu agrado, estaremos seguros de que tudo será feito da maneira mais sábia. Ela é mais prudente, providente e dedicada que nós. Portanto, os nossos parentes e amigos só têm a ganhar.

176. Sem dúvida, pode-se argumentar que desse modo alienamos todo o nosso haver espiritual, sobretudo nossas obras satisfatórias, indulgências e sufrágios, que poderiam ser oferecidos por nós e que, desse modo, poderíamos ficar muitos anos no purgatório. Não deixa de ser verdade, mas é uma questão de *confiança*. Afinal, temos ou não mais confiança em Maria que em nós mesmos e em nossos amigos? Se sim, não há o que temer; ela cuidará da nossa alma e dos nossos interesses melhor que nós. Se não, devemos evitar esse ato de consagração total, pois poderíamos nos arrepender mais tarde. De qualquer modo, não convém fazê-lo senão depois de madura reflexão e de acordo com o diretor espiritual.

I.IV.II – Função dos Santos na Vida Cristã

177. Os santos, que já possuem a Deus no céu, estão interessados na nossa santificação e ajudam-nos a progredir na prática das virtudes com sua poderosa *intercessão* e pelos *nobres exemplos* deixados. Portanto, devemos *venerá-los*. Como são poderosos *intercessores*, devemos *invocá-los*. Como são modelos, devemos *imitá-los*.

178. 1º - Ao *venerá-los*, é a Deus e a Jesus Cristo que veneramos neles. Tudo o que neles há de bom é realmente obra de Deus e do seu divino Filho. O ser *natural* dos santos é somente um reflexo das perfeições divinas. As suas qualidades *sobrenaturais* são obra da graça divina merecida por Jesus Cristo, incluídos os seus atos meritórios. Estes, apesar de serem bens de sua propriedade, na medida em que pelo seu livre consentimento colaboraram com Deus, são também e, principalmente, dom Daquele que é sempre a sua causa primeira e eficaz (*Coroando nossos méritos, não fazes mais que coroar os Teus dons. – Sto. Agostinho*).

Assim, honramos os Santos como: **a)** *santuários vivos da Santíssima Trindade*, que se dignou habitá-los, ornar suas almas com virtudes e dons, inspirar suas faculdades para livremente produzirem atos meritórios, e conceder-lhes a graça insigne da perseverança; **b)** *filhos adotivos do Pai*, singularmente amados por ele, envolvidos por sua paternal solicitude, a qual souberam corresponder aproximando-se pouco a pouco da sua santidade e perfeição; **c)** *irmãos de Jesus Cristo*, seus membros fiéis que, incorporados ao seu corpo místico, dele receberam a vida espiritual, que cultivaram com amor e constância; **d)** *templos e agentes dóceis do Espírito Santo*, que se deixaram guiar por ele e pelas suas inspirações, em vez de seguirem cegamente as inclinações da natureza corrompida.

Mons. Olier expressa bem esses pensamentos:^[141] “*Por isso, podeis adorar com profunda veneração a vida de Deus derramada em todos os Santos: honrareis a Jesus Cristo que anima a todos e consuma-os na graça pelo seu divino Espírito, para fazer deles uma só coisa consigo ... É Ele quem canta nos santos os louvores divinos; Ele é que lhes põe nos lábios os cânticos que entoam; por Ele é que todos os santos o louvarão por toda a eternidade.*”

179. 2º - Devemos *invocá-los*, porque com sua poderosa intercessão alcançaremos mais facilmente as graças que precisamos. Não há dúvida de que somente há necessidade da mediação de Jesus, que é plenamente suficiente por si mesma. Mas, precisamente por que são membros de Jesus ressuscitado, os santos juntam suas preces às Dele. Desse modo, todo o corpo místico do Salvador ora e faz doce violência ao coração de Deus. Assim, orar com os santos é unir as nossas orações às de todo o corpo místico, assegurando a eficácia. Por outro lado, os santos se regozijam ao

interceder por nós: “*Eles nos amam como irmãos, filhos do mesmo Pai, e compadecem-se de nós. Ao verem nosso estado, recordam-se do que eles foram e entendem que nossas almas, como as deles, devem contribuir para a glória de Jesus Cristo. Quanta alegria não sentem ao encontrar almas que se juntam a eles para tributar louvores a Deus, ajudando-os a satisfazer o desejo ardente de glorificá-lo, com centenas de milhares de bocas, se as tivessem!*”^[142] Desse modo, o poder e a bondade dos santos devem inspirar-nos grande confiança.

Particularmente, devemos invocá-los nos dias em que se celebram as suas festas. Assim, faremos parte da corrente litúrgica da Igreja, comungando das virtudes que cada um deles praticou de modo particular.

180. 3º - Sobretudo, devemos *imitar suas virtudes*. Todos os santos se esforçaram para reproduzir os traços do divino modelo e, assim, podem repetir as palavras de São Paulo: “*Tornai-vos os meus imitadores, como eu o sou de Cristo*” (I Cor 11, 1). Todavia, cultivavam destacadamente uma virtude específica, que acabava sendo a virtude característica do santo. Uns aplicaram-se na integridade da fé, outros na confiança ou no amor; uns no espírito de sacrifício, humildade e pobreza, outros na prudência, fortaleza, temperança ou castidade. Assim, podemos acomodar nossos pedidos aos santos que se sobressaíram na virtude conexas com a graça que precisamos, confiantes de que são especialmente agraciados para nos obtê-la.

181. Por essa razão, nossa devoção deve dirigir-se principalmente aos santos que viveram em condição semelhante à nossa, ocuparam empregos parecidos e praticaram a virtude que temos mais necessidade.

Sob outro ponto de vista, devemos também ter devoção particular aos nossos *santos padroeiros*, considerando a escolha que deles foi feita um arranjo providencial que devemos aproveitar.

Contudo, se por razões especiais a graça nos inclina para um santo em particular, cujas virtudes se harmonizam melhor com as necessidades de nossa alma, não há inconveniente algum em dedicar-nos a imitá-lo, seguindo o conselho de um sábio diretor.

182. Compreendida desse modo, a devoção aos santos é extremamente proveitosa. Os exemplos daqueles que tiveram paixões semelhantes às nossas, sofreram as mesmas tentações e, favorecidos pelas mesmas graças, alcançaram a vitória, são um poderoso estímulo que envergonha nossa dignidade, faz-nos formar enérgicos propósitos e fazer contínuos esforços para colocá-los em prática, sobretudo quando recordamos as palavras de Santo Agostinho: “*Tu não podes fazer o que estes têm feito?*”^[143] As orações deles completarão a obra e nos ajudarão a seguir os seus passos.

I.IV.III – Função dos Anjos na Vida Cristã

A função dos anjos na vida cristã se deduz das suas relações com *Deus* e com *Jesus Cristo*.

183. 1º - Eles representam primeiramente a grandeza e os atributos de Deus. “*Cada um em particular assinala um atributo do Ser infinito, ao qual é especialmente consagrado. Em uns admiramos o poder de Deus, em outros o amor, em outros a constância. Cada um deles é a reprodução de uma beleza do original divino; cada um o adora e louva na perfeição de que é imagem.*”^[144] Portanto, é o próprio Deus que honramos nos anjos, que são “*espelhos reluzentes, puros cristais, brilhantes refletores que imitam os traços e perfeições do Todo infinito.*”^[145] Elevados à ordem sobrenatural, participam da vida divina e, tendo saído vitoriosos da provação, desfrutam da visão beatífica. Diz Nosso Senhor: “*Guardai-vos de menosprezar um só destes pequenos, porque eu vos digo que seus anjos no céu contemplam sem cessar a face de meu Pai que está nos céus*” (Mt 18, 10).

184. 2º - Quanto às relações com *Jesus Cristo*, não é inteiramente certo que recebam dele a graça. Todavia, é certo que no céu eles se unem a Jesus mediador de religião, para louvar, adorar e glorificar a majestade divina, felizes por poder, desse modo, aumentar o valor das próprias adorações: “*a quem os Anjos louvam, as Dominações adoram e as Potências tremem diante de Sua Majestade.*”^[146] Assim, ao unir-nos a Jesus para adorar a Deus, unimo-nos também aos anjos e santos e tal concerto harmonioso somente

glorificará mais perfeitamente a divindade. Portanto, podemos repetir com Mons. Olier: *“Que todos os guardiões do céu, todas as virtudes poderosas que os movem, supram, em Jesus Cristo, os nossos louvores. Que eles vos deem graças por todos os benefícios que de vossa bondade temos recebido, tanto na ordem da natureza como na da graça.”*^[147]

185. 3º - Considerando esses dois aspectos e como os anjos são nossos irmãos na ordem da graça, já que, como eles, participamos da vida divina e somos, em Jesus Cristo, religiosos de Deus, conclui-se que se interessam muito pela nossa salvação e desejam que nos juntemos a eles no céu para glorificar a Deus e participar da mesma visão beatífica.

a) Por essa razão é que aceitam com alegria as missões que Deus lhes confia para trabalhar em nossa santificação. Diz o salmista: *“porque aos seus anjos ele (Deus) mandou que te guardem em todos os teus caminhos. Eles te sustentarão em suas mãos, para que não tropeces em alguma pedra.”* (Sl 90, 11-12). São Paulo acrescenta que: *“são todos os anjos espíritos ao serviço de Deus, que lhes confia missões para o bem daqueles que devem herdar a salvação”* (Hb 1, 14). Com efeito, tudo o que desejam é encontrar eleitos que ocupem os lugares que ficaram vagos com a queda dos anjos rebeldes, e adoradores que glorifiquem a Deus no lugar deles. Como venceram os demônios, querem muito nos proteger contra esses pérfidos inimigos. Por isso, é particularmente conveniente invocá-los quando queremos vencer tentações diabólicas.

b) Os anjos oferecem a Deus nossas orações (Tb 12, 12), ou seja, recomendam-nas e adicionam-lhes as suas próprias súplicas. Portanto, é muito proveitoso invocá-los, principalmente nos momentos críticos e especialmente na hora da morte, para que nos protejam contra os últimos ataques do inimigo e levem a nossa alma ao paraíso.^[148]*

186. Os anjos da guarda. Dentre os anjos há aqueles que foram encarregados de cuidar de cada alma em particular: *são os anjos da guarda*. Ao instituir uma festa em sua homenagem, a Igreja consagrou a doutrina tradicional dos Santos Padres, baseada em textos da Sagrada Escritura e apoiada em sólidos motivos. Tais motivos emergem das nossas relações com Deus: somos seus *filhos*, *membros* de Jesus Cristo e *templos* do Espírito Santo. Mons. Olier^[149] nos diz que, *“por sermos seus filhos, Deus*

nos dá, para que nos governem, príncipes de sua corte. Consideram-se muito honrados com esse ofício, por termos a dignidade de estar muito próximos de Deus. Por sermos membros de Jesus Cristo, Deus quer que esses mesmos espíritos que o servem, estejam sempre junto a nós para prestar-nos inumeráveis ofícios. Por sermos templos em que Ele mesmo habita, deseja que tenhamos anjos cheios de devoção religiosa para com Ele, ao modo das suas imagens que colocamos em nossas igrejas; quer que ali estejam para render-lhe perpetuamente homenagem de adoração, suprindo o que deveríamos fazer e chorando pelas irreverências que contra Ele cometemos.” Deseja também, acrescenta, unir intimamente a Igreja do céu com a da terra. “Assim, Ele faz descer à terra esse corpo misterioso dos anjos para juntarem-se nós e, unindo-nos a eles, passemos a pertencer a sua própria milícia, para sermos um só corpo na Igreja, tanto a do céu como a da terra.”

187. Portanto, por intermédio do nosso anjo da guarda estamos em comunicação permanente com o céu. Para sermos mais beneficiados, o melhor que podemos fazer é dirigir-lhe frequentemente o pensamento, manifestando-lhe nossa *veneração, confiança e amor*.

a) Nossa *veneração*, saudando-o como um dos que continuamente contemplam a face de Deus e que representam nosso Pai celeste junto a nós. Portanto, nada faremos que lhe possa desagradar ou contristar; pelo contrário, faremos esforços para expressar-lhe nosso respeito, procurando imitar sua fidelidade no serviço de Deus, o que é uma maneira tocante de demonstrar-lhe nossa estima;

b) Nossa *confiança*, reconhecendo o *poder* de proteção que ele tem sobre nós e a *bondade* que nos dedica, porque fomos-lhe confiados pelo próprio Deus. Devemos invocá-lo especialmente: nas tentações do demônio, pois ele está acostumado a frustrar as artimanhas desse pérfido inimigo; nas ocasiões de perigo, pois sua vigilância e destreza podem nos ajudar muito nessas oportunidades; na questão da vocação, pois ninguém como ele conhece melhor os desígnios de Deus a nosso respeito. Destarte, em qualquer assunto importante a ser tratado com o próximo, é importante invocar os anjos da guarda de nossos irmãos, para que inspirem neles boas disposições para o caso em questão;

c) Nosso *amor*, dizendo-lhe que ele sempre foi e ainda é para nós um excelente amigo, que nos tem prestado e está sempre pronto a prestar excelentes serviços. Só no céu poderemos conhecer a quantidade e grandeza desses favores. Porém, pela fé podemos ter uma boa noção e isto basta para manifestar-lhe nosso agradecimento e amor. Particularmente, quando nos atinge a solidão, podemos lembrar-nos de que jamais estamos a sós, pois temos junto a nós um amigo dedicado e generoso, com quem podemos conversar familiarmente.

Por fim, não esqueçamos que honrar esse anjo é honrar o próprio Deus, de quem ele é representante aqui na terra. Portanto, unamo-nos a ele muitas vezes para melhor glorificar a Deus.

SÍNTESE DA DOCTRINA EXPOSTA

188. Assim, na obra de nossa santificação Deus exerce uma enorme função. Vem habitar em nossa alma para dar-se a nós e santificar-nos. Para permitir que nos elevemos até Ele, dá-nos um organismo sobrenatural completo: a *graça habitual* que, penetrando na própria substância da nossa alma, transforma-a, fazendo-a semelhante a Deus (deiforme); *as virtudes e os dons* que, aperfeiçoando as nossas faculdades com auxílio da *graça atual* que as põe exercício, permitem-nos praticar atos sobrenaturais meritórios da vida eterna.

189. Mas o seu amor não se satisfaz com isso: enviou-nos seu *Filho único* que, fazendo-se homem como nós, tornou-se o *modelo perfeito* que serve de parâmetro no exercício das virtudes que nos levam à perfeição e ao céu. Jesus Cristo nos *merece* a graça necessária para percorrer os seus caminhos, em que pese as dificuldades que enfrentamos dentro e fora de nós. Para convencer-nos a segui-lo decididamente, *incorpora-nos* a Si e transmite-nos, pelo seu divino Espírito, a vida plena que possui. Por essa incorporação nossas menores ações adquirem um valor incomensurável. Na realidade, essas ações, uma vez unidas às de Jesus, nossa cabeça, têm um valor semelhante às dele, pois num corpo tudo se torna comum entre a cabeça e os membros. Assim, com Ele e por Ele podemos glorificar a Deus

como ele realmente merece, alcançar novas graças, aproximar-nos desse Pai celestial e reproduzir em nós as suas divinas perfeições.

Maria, *mãe de Jesus* e sua *colaboradora*, embora secundariamente, na obra da Redenção, também intervém na distribuição das graças que Ele nos mereceu. Por Maria vamos a Jesus e por Ela pedimos graças. Como mãe a veneramos e amamos e esforçamo-nos por imitar suas virtudes.

Como Jesus não é somente nosso rei, mas também rei dos *santos* e dos *anjos*, põe a nossa disposição esses poderosos auxiliares para proteger-nos dos assaltos do demônio e das fraquezas da nossa natureza. Os seus *exemplos* e *intercessão* são para nós um poderoso auxílio.

Poderia Deus fazer mais por nós? Havendo-se dado a nós com tanta liberalidade, quanto nós não devemos fazer para corresponder a esse amor, e para cultivar essa participação da vida divina, que tão generosamente nos prodigalizou?

Art. II – FUNÇÃO DO HOMEM NA VIDA CRISTÃ

190. É óbvio que, se Deus realizou tantos prodígios para comunicar-nos uma participação na sua vida divina, é dever nosso corresponder aos seus favores, receber com gratidão essa vida que nos deu, cultivá-la e assim preparar-nos para a bem-aventurança eterna, que será a coroação de nossos esforços na terra. A *gratidão* nos obriga a isso. Na realidade, a melhor forma de agradecer um benefício é utilizá-lo na finalidade para a qual nos foi concedido. O nosso próprio *bem espiritual* exige-o, porque seremos recompensados segundo os nossos méritos e a nossa glória no céu será proporcional ao grau de graça que houvermos conquistado pelas nossas boas obras: “*O que planta ou o que rega são iguais; cada um receberá a sua recompensa, segundo o seu trabalho*” (I Cor 3, 8). Por outro lado, por justiça Deus se verá obrigado a castigar com severidade os que, resistindo voluntariamente à divina providência, houverem abusado da graça, pois diz-nos o Apóstolo: “*O terreno que recebe chuvas frequentes e fornece ao agricultor boas searas, é abençoado por Deus. O que produz só espinhos e abrolhos, é abandonado, não demora que será amaldiçoado e acabará sendo incendiado*” (Hb 6, 7-8). Certamente Deus, que nos criou livres, respeita a nossa liberdade e não nos santificará contra a nossa vontade, mas continuamente nos exorta a fazer bom uso das graças que com tanta liberalidade concede: “*Na qualidade de colaboradores seus, exortamos-vos a que não recebais a graça de Deus em vão*” (II Cor 6, 1).

191. Mas, para corresponder à graça, devemos antes de tudo praticar aquelas *grandes devoções* que expusemos no artigo precedente: devoção à SS. Trindade, devoção ao Verbo Encarnado, devoção à SS. Virgem, aos anjos e santos. Nelas encontraremos *poderosas razões* que nos moverão a dar-nos inteiramente a Deus, em união com Jesus e sob a proteção de poderosos intercessores. Também encontraremos *modelos de santidade* que nos indicarão o caminho a seguir e, além disso, forças e *energias sobrenaturais* que nos farão aproximar gradativamente do ideal de santidade proposto como modelo a ser imitado. No entanto, alertamos que a exposição das devoções foi feita na ordem *ontológica* ou de dignidade. Em

geral, não é a devoção à SS. Trindade que os iniciantes praticam. Costumam começar pela devoção a Nosso Senhor e à SS. Virgem e, somente mais tarde, elevar-se à SS. Trindade.

192. Mas isso não é suficiente. Precisamos *pôr em exercício* todo esse *organismo sobrenatural* que recebemos e aperfeiçoá-lo em nós, apesar dos obstáculos interiores e exteriores que se opõem ao seu desenvolvimento. 1º - Posto que a *tríplice concupiscência* (nº 63), instigada continuamente pelo mundo e pelo demônio, continua arraigada em nós, inclinando-nos sem cessar para o mal, o primeiro passo é com vigor combatê-los todos, ela e seus poderosos auxiliares. 2º - Visto que o organismo sobrenatural nos foi dado para realizar atos *deiformes*, meritórios da vida eterna, devemos *multiplicar nossos méritos*. 3º - Como a Bondade divina agradou-se em instituir os *sacramentos*, que produzem em nós a graça conforme a medida de nossa cooperação, é necessário aproximar-nos deles e recebê-los com as melhores *disposições* possíveis. Tudo isso nos fará conservar a vida da graça que, além disso, crescerá indefinidamente.

II.I – LUTA CONTRA OS INIMIGOS ESPIRITUAIS

Os inimigos são a *concupiscência*, o *mundo* e o *demônio*. A *concupiscência*, inimigo interior que trazemos sempre conosco. O *mundo* e o *demônio*, inimigos exteriores, que atizam o fogo da concupiscência.

II.I.I – Luta Contra a Concupiscência^[150]

São João descreveu a concupiscência neste célebre texto: “*Porque tudo o que há no mundo - a concupiscência da carne, a concupiscência dos olhos e a soberba da vida - não procede do Pai, mas do mundo*” (I Jo, 2, 16). Sobre este versículo é que falaremos a seguir.

II.I.I.I – Concupiscência da carne

193. *A concupiscência da carne é o amor desordenado dos prazeres dos sentidos.*

A) O mal. O prazer não é mal em si. Deus o permite, ordenando-o a um fim superior que é o bem honesto. Une o prazer a certos atos bons para que se tornem mais fáceis e, assim, atrair-nos ao cumprimento do dever. Gozar do prazer com moderação, ordenando-o ao seu fim próprio, que é o bem moral e sobrenatural, não é um mal. É até mesmo um ato bom, pois tende a um fim bom, que em última análise é o próprio Deus. Porém, desejar o prazer sem se ater ao fim que o legitima; querê-lo, portanto, como *um fim em si mesmo*, desconectado da sua finalidade, é desordem, porque é ir contra a ordem sapientíssima estabelecida por Deus. E essa desordem traz consigo outra: quem age somente pelo prazer fica exposto a amá-lo em excesso, porque já não é guiado pelo fim, que impõe limites ao desejo imoderado do prazer que existe em cada um de nós (ver nº 869).

194. Assim, em sua sabedoria Deus quis dar algum gosto nos alimentos para estimular-nos a refazer as forças do corpo. Mas, como diz Bousset,^[151] *“os homens ingratos e carnis aproveitaram-se desse prazer para afeiçoar-se mais ao corpo que a Deus, que o fez ... O prazer pelo alimento os seduz: em vez de comerem para viver, parece que, como diziam os antigos e mais tarde Santo Agostinho, vivem só para comer. Contudo, há aqueles que sabem moderar o apetite e sentam-se à mesa pela necessidade da natureza. Porém, iludidos pelo prazer e arrastados para além do conveniente pelos seus atrativos, ultrapassam os justos limites. Sem perceber, deixam-se vencer pelo apetite e nunca se dão por inteiramente satisfeitos à necessidade enquanto o comer e o beber lhes dão gosto.”* Nascem, assim, muitos excessos opostos à temperança. E que dizer do prazer da volúpia, ainda mais perigoso, *“dessa chaga profunda e vergonhosa da natureza, dessa concupiscência que amarra a alma ao corpo com laços tão doces e tão fortes, que tanto custam romper e que causam tão espantosas desordens no gênero humano?”*^[152]

195. O prazer sensual é mais perigoso porque *todo o corpo* é afetado por ele. A *visão* contagia-se, haja vista que é pelos olhos que se começa a sorver o veneno do amor sensual. Também os *ouvidos* são afetados: conversas perigosas e músicas cheias de sensualidade acendem ou nutrem

as chamadas do amor impuro e aquela propensão secreta que temos para os gozos sensuais. O mesmo se diga dos outros sentidos. O que aumenta o perigo é que todos esses prazeres sensuais estimulam-se uns aos outros. Se não ficamos sempre alerta, aqueles que parecem mais inocentes acabam abrindo o caminho para os mais culpáveis. Há até uma certa moleza e delicadeza espalhada em todo o corpo que, levando-nos a buscar descanso no bem sensível, despertam a concupiscência e avivam o seu ardor. Ama-se o corpo com um apego que faz esquecer a alma. O cuidado excessivo com a saúde faz-nos cortejar o corpo em tudo. Todas essas inclinações são somente outros ramos da concupiscência da carne.^[153]

196. B) O remédio para tamanho mal é a mortificação do prazer sensual, conforme nos diz São Paulo: *“Pois os que são de Jesus Cristo crucificaram a carne, com as paixões e concupiscências”* (Gl 5, 24). Crucificar a carne, diz M. Olier,^[154] *“é atar, garrotar, sufocar interiormente todos os desejos impuros e desordenados que sentimos em nossa carne”*. Ademais, é mortificar os *sentidos exteriores* que nos põem em contato com o exterior e excitam em nós desejos perigosos. A razão fundamental, que nos obriga a praticar essa mortificação, são as *promessas do batismo*.

197. Pelo *batismo*, que nos faz morrer ao pecado e incorpora-nos em Cristo, somos obrigados a praticar a mortificação do prazer sensual. Segundo o Catecismo: *“já não somos devedores da carne, para vivermos segundo a carne (Rm 8, 12), mas somos obrigados a viver segundo o espírito; e, se vivemos pelo espírito, caminhemos segundo o espírito, que imprime em nosso coração a lei da cruz e a força para levá-la.”*^[155]

O batismo de imersão, pelo seu simbolismo, mostra-nos a verdade dessa doutrina. Imerso na água, o catecúmeno morre para o pecado e suas causas e, ao ser retirado, participa de uma vida nova, a vida de Jesus ressuscitado. Tal é a doutrina de São Paulo: *“Nós, que já morremos ao pecado, como poderíamos ainda viver nele? Ou ignorais que todos os que fomos batizados em Jesus Cristo, fomos batizados na sua morte? Fomos, pois, sepultados com ele na sua morte pelo batismo para que, como Cristo ressurgiu dos mortos pela glória do Pai, assim nós também vivamos uma vida nova.”* (Rm 6, 2-4). Assim, pois, a *imersão batismal* significa a morte ao pecado e a obrigação de lutar contra a concupiscência que nos inclina ao

pecado. O sair da água representa a vida nova, pela qual participamos da vida do Salvador ressuscitado.^[156]* Portanto, o batismo nos obriga a mortificar a concupiscência que habita em nós e a imitar Nosso Senhor Jesus Cristo que, ao crucificar sua carne, mereceu-nos a graça de crucificar a nossa. Os pregos, com os quais a crucificamos, são precisamente os diferentes atos de mortificação que praticamos.

Essa obrigação de mortificar o prazer é tão imperativa que disso depende a nossa salvação e nossa vida espiritual: “*De fato, se viverdes segundo a carne, haveis de morrer; mas, se pelo Espírito mortificardes as obras da carne, vivereis*” (Rm 8, 13).

198. Para que a vitória seja completa não basta renunciar aos prazeres *maus* (o que é de preceito), é preciso também sacrificar os prazeres *perigosos* que nos levam quase infalivelmente ao pecado, em razão daquele princípio: “*Quem ama o perigo, nele perecerá.*” É preciso ainda privar-se de alguns prazeres lícitos para fortalecer nossa vontade contra os atrativos dos prazeres proibidos. Com efeito, aquele que saboreia todos os deleites permitidos, sem restrição, está a um passo de cair nos que não são.

II.I.I.II - Concupiscência dos olhos (curiosidade e avareza)

199. A) O Mal. A concupiscência dos olhos compreende duas coisas: a *curiosidade doentia* e o *amor desordenado dos bens terrenos*.

a) A *curiosidade* em questão é o desejo imoderado de ver, ouvir, de saber o que se passa no mundo, como, por exemplo, as secretas intrigas que nele se tramam, sem intuito de obter algum proveito espiritual, mas para gozar de um frívolo conhecimento. Abrange também os tempos passados, quando revolvemos a história, não para extrair dela exemplos úteis para a vida humana, mas somente para satisfazer a imaginação com o que lhe é agradável. Contempla especialmente todas as falsas ciências *divinatórias*, pelas quais pretende-se saber coisas secretas ou futuras, cujo conhecimento Deus reservou a si. “*Isso é intrometer-se nos direitos de Deus, é destruir a confiança no abandono à sua vontade.*”^[157] Essa curiosidade alcança até as ciências verdadeiras e úteis, quando as buscamos excessivamente, ou fora do tempo, em detrimento de obrigações mais importantes, como acontece

com aqueles que leem todo tipo de novelas, comédias ou poesias. “Tudo isso é somente intemperança, doença, desordem do espírito, entibiamiento do coração, miserável cativo, que não nos deixa tempo para pensar em nós, enfim, uma fonte de erros.”^[158]

200. b) A segunda forma dessa concupiscência é o amor *desordenado* do dinheiro. Algumas vezes ele é considerado instrumento para adquirir outros bens, por exemplo, prazeres ou honras. Outras vezes o coração apega-se ao dinheiro em si mesmo, para contemplá-lo, apalpá-lo, sentindo na sua posse uma certa segurança para o futuro: é a avareza propriamente dita. Nos dois casos o homem se expõe a cometer muitos pecados, porque esse desejo imoderado é fonte de muitas fraudes e injustiças.

201. B) O remédio. a) Para combater a *vã curiosidade* é preciso lembrar que fomos criados para a imortalidade e tudo que não é eterno não merece que fixemos ou prendamos nossa atenção. A figura deste mundo passa, somente uma coisa permanece: Deus e o céu, que é a eterna posse de Deus. Assim, grande interesse somente devemos ter pelas coisas eternas, pois o que não é eterno, nada é. Certamente, podem e devem interessar-nos os acontecimentos presentes e passados, mas somente na medida em que contribuem para a glória de Deus ou salvação dos homens. Quando Deus criou o mundo e tudo que existe, teve um único fim: comunicar a sua vida divina às criaturas inteligentes, aos anjos e aos homens, e recrutar eleitos. Tudo o mais é secundário e somente deve ser objeto de estudo na medida em que nos ajude a ir a Deus e ao céu.

202. b) Em relação ao *amor desordenado dos bens da terra*, devemos ter presente: que as riquezas não são fim, mas *meio* que a Providência nos dá para fazer frente às nossas necessidades; que Deus continua a ser o único Senhor das riquezas; que delas somos apenas administradores e; que prestaremos contas do seu uso: “*Presta contas da tua administração*” (Lc 16, 2). Portanto, é prudente separar uma grande parte do que nos sobra para empregá-la em esmolas e boas obras. Desse modo realizamos a vontade de Deus que deseja que os ricos sejam, por assim dizer, os tesoureiros dos pobres. Faremos, assim, no banco do céu, um depósito, que nos será

restituído em cem vezes quando entrarmos na eternidade. *“Ajuntai para vós tesouros no céu, onde não os consomem nem as traças nem a ferrugem, e os ladrões não furtam nem roubam”* (Mt 6, 20). Por esse meio desapegaremos o coração dos bens terrestres, elevando-o até Deus, pois Nosso Senhor acrescenta: *“Porque onde está o teu tesouro, lá também está teu coração”* (Mt 6, 21). Busquemos, pois, primeiramente o reino de Deus e a santidade e o restante virá por acréscimo.

Para que o homem alcance a perfeição, deve ir além. Precisa praticar a pobreza evangélica: *“Bem-aventurados os pobres de espírito”* (Mt 5, 3). Conforme as inclinações e possibilidades de cada um, isso pode ser feito de três maneiras: 1) vender todos os seus bens e dá-los aos pobres (*Vendei o que possuíis e dai esmolas* (Lc 12, 33)); 2) pôr tudo em comum, como costumam fazer algumas congregações; 3) conservar a propriedade sem usufruir, não dispondo de nada senão conforme a orientação de um prudente diretor.^[159]

203. Seja como for, é preciso que o coração esteja desapegado das riquezas para poder voar para Deus. É bem isso o que recomenda Bossuet: *“Felizes os que, recolhidos humildemente na casa do Senhor, deleitam-se com a desnudez de suas pequenas celas e com os pobres utensílios que necessitam nesta vida, que não são mais que uma sombra de morte, para em tudo isso verem somente a sua fraqueza e o jugo pesado que sobre eles impôs o pecado. Bem-aventuradas as virgens sagradas que não querem ser mais espetáculos do mundo e desejam esconder-se de si mesmas sob o véu sagrado que as cobre. Bendita a doce restrição que fazem aos olhos, para que não vejam as vaidades e digam com Davi, ‘Não permitais que meus olhos vejam a vaidade’ (Sl 118, 37). Ditosos os que, vivendo no mundo conforme o seu estado ..., não se mancham com ele e passam por ele sem apegar-se a coisa alguma, ... dizendo como Ester de seu diadema: ‘Conheceis tudo, ... como abomino a insígnia da dignidade que está sobre minha cabeça nos dias em que devo aparecer em público. ... Jamais, desde o dia de sua elevação até hoje, vossa serva não experimentou alegria a não ser em vós, Senhor, Deus de Abraão’ (Es 14, 14-18).”*

II.I.I.III – Soberba da vida

204. A) O mal. Diz Bossuet:^[160] “O orgulho é uma depravação muito profunda: por ele o homem, cheio de si mesmo, considera-se o seu próprio Deus, levado pelo excesso de amor próprio” (ver nº 820). Esquecendo-se que Deus é o seu primeiro princípio e último fim, o homem tem excesso de autoestima, considera as suas qualidades, reais ou supostas, como unicamente suas, sem *referi-las* a Deus. Disso decorre: um espírito de *independência* ou de autonomia que o leva a subtrair-se à autoridade de Deus ou dos seus representantes; um *egoísmo* que o inclina a obrar para si mesmo como se fosse o próprio fim; uma *vã complacência* que se deleita na própria excelência, como se dela não fosse Deus o autor, e compraz-se em suas boas obras, como se elas não fossem, principalmente e antes de tudo, o resultado da ação divina; uma *tendência* a exagerar as próprias qualidades a atribuir-se outras que não possui, a preferir-se aos demais, até por vezes desprezando-os, como fazia o fariseu.

205. O orgulho vem acompanhado da *vaidade*, pela qual busca-se desordenadamente a estima, a aprovação, o louvor dos outros. É o que se chama *vanglória*. Como diz Bousset:^[161] “se esses louvores são falsos ou injustos, quão grande é meu erro em neles tanto me comprazer! Se são verdadeiros, ainda erro, pois deleito-me menos com a verdade que com o testemunho que me prestam os homens.” De fato, é coisa estranha mais valorizar a estima dos homens que a virtude em si mesma e mais envergonhar-se de um erro público do que de uma falta secreta. Quem se deixa dominar por esse defeito, não tarda produzir outros: a *jactância*, que nos inclina a falar de nós mesmos e de nossos êxitos; a *ostentação*, que procura atrair a atenção pública pelo luxo e pelo fausto; a *hipocrisia*, que procura exteriorizar virtude sem a possuir interiormente.

206. Os *efeitos* do orgulho são deploráveis; é o maior inimigo da *perfeição*. Primeiro porque rouba de Deus a sua glória e, por isso, priva-nos de muitas graças e méritos, pois Deus não quer ser cúmplice da nossa soberba: “Deus resiste aos soberbos” (Tg 4, 6). Segundo porque é *fonte de numerosos pecados*. Pecados de *presunção*, punidos com lamentáveis quedas e vícios odiosos; de *desânimo*, quando se conscientiza de que caiu muito baixo; de *dissimulação*, porque lhe é difícil admitir suas desordens; de *resistência aos superiores*, de *inveja* e *ciúme* do próximo, etc.

207. B) O remédio é: a) *referir tudo a Deus*, reconhecendo-o como o autor de todo bem e, sendo o *primeiro princípio* das nossas ações, deve ser também o *último fim*. Isso é o que sugere São Paulo (I Cor 4, 7): “*Que é que possuis que não tenhas recebido? E, se o recebeste, por que te glorias, como se o não tivesses recebido?*” Disso conclui que todas as nossas ações devem ser para a glória de Deus: “*Portanto, quer comais quer bebais ou façais qualquer outra coisa, fazei tudo para a glória de Deus*” (I Cor 10, 31). E para dar maior valor a tudo o que fazemos, devemos fazer em nome e na virtude de Jesus Cristo: “*Tudo quanto fizerdes, por palavra ou por obra, fazei-o em nome do Senhor Jesus, dando por ele graças a Deus Pai*” (Cl 3, 17), (ver nº 838).

208. b) Porém, como nossa natureza inclina-nos constantemente a buscar a nós mesmos, é preciso, para reagir a essa tendência, lembrar que somos somente *nada e pecado*. Há em nós, por certo, boas qualidades *naturais e sobrenaturais*, pelas quais devemos ter alto apreço e cultivá-las. Contudo, não deveremos dar glória a Deus por elas, já que elas procedem de Deus? Quando o pintor produz uma obra-prima, a quem devemos elogiar? À tela ou seu autor?

Nós próprios não somos mais que nada. Diz Mons. Olier: “*Isso o somos desde toda eternidade. O ser, com o qual Deus nos revestiu, não é nosso, mas de Deus. Embora tenha-nos sido dado, não deixa de ser, por esse motivo, dom de Deus, pelo qual Deus deseja ser louvado.*”^[162]

Nós próprios somos também *pecado*, porquanto pela concupiscência *inclinamo-nos ao pecado*, de tal modo que, conforme Santo Agostinho,^[163] se não cometemos certos pecados, devemos isso à graça de Deus: “*Devo à tua graça também todo mal que não pratiquei. A que ponto não poderia ter chegado, eu que amei o pecado por si mesmo, sem motivo?*” M. Olier^[164] explica isso da seguinte maneira: “*O que posso dizer, a esse respeito, é que não há tipo de pecado que se possa conceber, não há imperfeição nem desordem, não há erro nem confusão, de que a carne não esteja repleta. Por isso, não há tipo de levandade, insensatez ou loucura, que a carne não seja capaz de cometer a qualquer hora.*” É certo que a nossa natureza não está totalmente corrompida, como dizia Lutero, e pode realizar algum bem, natural ou sobrenatural,^[165]* com a ajuda de Deus, e muitas vezes o faz,

como vemos na vida dos santos. Mas, como Deus é sempre a causa primeira e principal, é a Ele que são devidas as graças (ver nº 838).

209. Assim, concluímos como Bossuet:^[166] *“Não presumais ser coisa alguma por vós mesmos, porque isso é o princípio de todo pecado ... Não desejeis a glória dos homens, porque já teríeis recebido a recompensa e somente restaria esperar verdadeiros suplícios. Não louveis a vós mesmos, pois tudo quanto atribuíres a vós de vossas boas obras, roubareis de Deus, que é o seu autor e vos poreis no lugar dele. Não sacudais o jugo da disciplina do Senhor. Não digais dentro de vós mesmos, como um soberbo orgulhoso, ‘não servirei’, porque, se não servis à justiça, sereis escravos do pecado e filhos da morte. Não digais ‘não estou manchado’ e não creiais que Deus tenha esquecido vossos pecados, só porque vós mesmos os esquecesteis, pois o Senhor vos despertará dizendo: ‘Vede vossos caminhos neste vale secreto, Eu vos segui por toda parte e contei todos os vossos passos.’ Não resistais aos sábios conselhos e não vos enfadeis quando vos repreendem, porque o cúmulo do orgulho é rebelar-se contra a verdade, quando ela vos adverte, e recalcitrar contra o aguilhão.”*

Agindo desse modo seremos mais fortes na luta contra o mundo, o segundo dos nossos inimigos espirituais (Sobre a tríplice concupiscência, ver também nº 818 e ss.).

II.I.II – Luta Contra o Mundo.

210. O mundo a que nos referimos não é o conjunto das pessoas que vivem na terra, entre as quais se acham a um só tempo almas escolhidas e ímpios. É o conjunto daqueles que se opõem a Jesus Cristo e são escravos da tríplice concupiscência. São pois: 1 – os *incrédulos*, hostis à religião, precisamente porque ela condena o seu orgulho, a sua sensualidade, o seu desejo imoderado de riquezas; 2 – os *indiferentes*, que não desejam uma religião que os obrigaria a sair da sua indolência; 3 – os *pecadores impenitentes*, que amam o pecado e o prazer e não querem renunciá-los; 4 – os *mundanos*, que creem e até praticam a religião, mas combinam essa prática com o amor dos prazeres, do luxo e do bem-estar e, por vezes, escandalizam os irmãos, dando-lhes oportunidade de afirmar que a religião

tem pouca influência sobre a vida moral. Todos esses formam o mundo que Jesus amaldiçoou por causa dos seus escândalos: “*Ai do mundo por causa dos escândalos!*” (Mt 18, 7), e do qual São João disse: “*o mundo todo jaz sob o Maligno*” (I Jo 5, 19).

211. 1º - Os perigos do mundo. O mundo, que penetra nas famílias cristãs e nas comunidades pelas visitas, feitas ou recebidas, pelos livros ou jornais mundanos, pela correspondência, é um grande obstáculo à salvação e à perfeição. ^{[167]NT} Reaviva e atíça em nós o fogo da concupiscência, *seduz-nos e atemoriza-nos*.

212. A) Seduz-nos pelas suas *máximas*, pela *exibição de suas vaidades* e pelos seus *maus exemplos*.

a) Pelas suas *máximas*, que estão em franca oposição com as máximas evangélicas. Com efeito, o mundo exalta a felicidade dos ricos, dos fortes ou até dos violentos, dos arrogantes, dos ambiciosos, dos que sabem gozar a vida. Em alta voz prega o amor ao prazer: “*Coroemo-nos de rosas, antes que elas murchem*” (Sb 2, 8); e diz que é necessário aproveitar a mocidade, gozar a vida, que muitos assim o fazem e que Deus, que é tão bom, não vai condenar todos; que, afinal de contas, é preciso ganhar a vida e que, se fôssemos escrupulosos nos negócios, jamais enriqueceríamos.

b) Pela *exibição de suas vaidades e de seus prazeres*. Quase todas as reuniões mundanas não têm outro fim senão exaltar a curiosidade, a sensualidade e até mesmo a voluptuosidade. Para tornar o vício atraente dissimula-o sob a forma de divertimentos que se dizem inofensivos. Contudo, não deixam de ser perigosos, como os trajes sensuais e os bailes. Alguns destes, em especial, parecem ter como única finalidade favorecer olhares lascivos e abraços sensuais. Não fogem dessa regra a maior parte das representações teatrais, dos espetáculos públicos e dos livros licenciosos expostos em toda parte.

c) Os *maus exemplos*, infelizmente, somente aumentam o perigo. Ao vermos tantos jovens que se divertem, tantos casados infiéis aos seus deveres, tantos comerciantes e empresários que enriquecem por meios pouco escrupulosos, é forte a tentação de deixar-nos levar por desordens semelhantes. Destarte, o mundo é tão indulgente para com as fraquezas humanas, que parece incentivá-las. Um sedutor é um homem galante; um

empresário ou comerciante, que enriquece por meios pouco honestos, é um esperto; um livre-pensador, é um homem sem preconceito, que segue a luz da sua consciência. Quantos são encorajados ao pecado depois de apreciações tão benignas!

213. B) Quando não consegue seduzir, o mundo tenta nos *atemorizar*.

a) Algumas vezes há uma verdadeira *perseguição* organizada contra os fiéis. Em certas administrações são privados de promoções quando cumprem publicamente seus deveres religiosos, ou colocam seus filhos em escolas católicas.

b) Outras vezes o mundo, pelo escárnio, afasta os tímidos da prática religiosa. Refere-se a eles como carolas, ingênuos que ainda acreditam em dogmas anacrônicos, zombando das mães de família que persistem em vestir modestamente suas filhas, perguntando-lhes ironicamente se é assim que esperam casá-las. De fato, quantos, vencidos pelo respeito humano, não obstante os protestos da consciência, deixam-se escravizar pela tirania da moda que não respeita o pudor!

c) Em outras circunstâncias serve-se de *ameaças*: “se testemunhares desse modo a tua religião não há lugar para ti em nossa empresa; se és tão puritano, é inútil vir às nossas reuniões; se és tão escrupuloso, não te posso dar emprego, pois é necessário fazer como todo mundo e enganar o público para ganhar dinheiro.”

É muito fácil render-se à sedução e ao medo, pois o mundo encontra um aliado no nosso próprio coração, na inclinação natural que temos para ocupar bons postos e desfrutar de honras e riquezas.

214. 2º - O remédio.^[168] Para resistir a essa pressão tão perigosa é necessário encarar de frente a eternidade e olhar o mundo à luz da fé. Então o mundo se revelará como um *inimigo de Cristo*, contra o qual é preciso lutar energicamente para salvar a alma e como *lugar de nosso testemunho*, para onde devemos levar as máximas do Evangelho (ver nº 813).

215. A) Sendo o mundo *inimigo de Jesus Cristo*, devemos adotar posição contrária às suas máximas e exemplos, repetindo o dilema de São Bernardo:

^[169] “*Ou Cristo se engana, ou o mundo erra, mas é impossível que a*

Sabedoria divina se engane.” Sendo tão manifesta a oposição entre o mundo e Jesus Cristo, é absolutamente necessário fazer a escolha, porque não podemos servir a dois senhores. Jesus Cristo é a Sabedoria infalível; somente ele tem palavras de vida eterna. Logo, o mundo é que está enganado. Não devemos, portanto, hesitar na escolha nem por um instante, porquanto nos diz São Paulo: “*Nós não recebemos o espírito do mundo, mas sim o Espírito que vem de Deus*” (I Cor 2, 12). Quem quer agradar o mundo, acrescenta, desagrada a Jesus Cristo: “*Se quisesse ainda agradar aos homens, não seria servo de Cristo*” (Gl 1, 10). E São Tiago afirma: “*Todo aquele que quer ser amigo do mundo constitui-se inimigo de Deus*” (Tg 4, 4). Assim, extraímos as seguintes conclusões práticas:

a) *Ler e reler o Evangelho*, persuadindo-nos de que a verdade eterna fala através dele, e pedir Àquele que o inspirou, que nos dê entendimento para compreender e saborear as suas máximas e colocá-las em prática. Dessa maneira é que seremos verdadeiramente cristãos e discípulos de Jesus Cristo. Quando, pois, depararmos-nos com máximas contrárias às do Evangelho, digamos corajosamente a nós mesmos: *é falso*, pois é oposto à infalível verdade;

b) Evitar as *ocasiões perigosas*, que abundam no mundo. De fato, aqueles que não vivem nos claustros, são obrigados, até certo ponto, a conviver com o mundo. Contudo, devem preservar-se do *espírito do mundo*, vivendo no mundo como se a ele não pertencessem. Jesus pediu ao Pai: “*Não peço que os tires do mundo, mas sim que os preserves do mal*” (Jo 17, 15). São Paulo, por sua vez, quer que usemos do mundo como se não usássemos: “*os que usam deste mundo, como se dele não usassem*” (I Cor 7, 31).

c) De modo especial isso deve ser observado pelos *eclesiásticos*. De fato, devem estar aptos a dizer, como São Paulo, que estão crucificados para o mundo, assim como o mundo está crucificado para eles: “*o mundo está crucificado para mim e eu para o mundo*” (Gl 6, 14). O mundo, sede da concupiscência, não os pode atrair; deve inspirar-lhes somente aversão, assim como ele tem aversão aos eclesiásticos, porque o caráter e a veste (hábito) destes são uma condenação aos vícios do mundo. Portanto, devem evitar as relações *puramente mundanas*, nas quais ficam deslocados. Saiba-se que eles precisam fazer ou receber visitas de cortesia, de negócios, e sobretudo de apostolado, mas estas deverão ser sempre breves. Devem ter em mente o que está dito de Nosso Senhor depois da ressurreição, nas

poucas aparições que fez a seus discípulos. Eram apenas para completar a formação deles e para falar-lhes do Reino de Deus: “*E a eles se manifestou vivo depois de sua Paixão, com muitas provas, aparecendo-lhes durante quarenta dias e falando das coisas do Reino de Deus*” (At 1, 3).

216. Assim, o mundo servirá somente para o exercício, direto ou indireto, do *apostolado*, isto é, para levar-lhe as *máximas e os exemplos do Evangelho*. **a)** O sacerdote não deve esquecer que é a luz do mundo (Mt 5, 14). Por isso, sem transformar suas conversas em uma espécie de pregação (o que muitas vezes seria inconveniente), apreciará tudo, pessoas, acontecimentos e situações, à luz do Evangelho. Em vez de proclamar felizes os ricos e poderosos, afirmará com toda a simplicidade: que há outras fontes de felicidade, diferentes da riqueza e do sucesso; que já na terra a virtude é recompensada; que as alegrias puras provadas no seio da família são mais saborosas; que a satisfação do dever cumprido consola muitos desafortunados; e que a paz da consciência é infinitamente mais valiosa que os inebriamentos do prazer. Essas afirmações são melhor compreendidas quando são citados alguns fatos em concreto. Mas, é sobretudo o *exemplo de vida* do sacerdote que edifica. Quando tudo nele transpira simplicidade: o porte, o falar, a cordialidade, a alegria saudável, a caridade, ou, numa palavra, a santidade, produz-se uma profunda impressão naqueles que o veem ou escutam. Não se pode deixar de admirar os que vivem conforme suas convicções e aprecia-se uma religião que inspira virtudes tão sólidas. Portanto, coloquemos em prática o que diz Nosso Senhor: “*Assim, brilhe vossa luz diante dos homens, para que vejam as vossas boas obras e glorifiquem vosso Pai que está nos céus*” (Mt 5, 16). Não só os sacerdotes podem exercer esse tipo de apostolado. Também os verdadeiros fiéis obtêm êxito, que será mais eficaz na medida em que aqueles os que veem estejam desprevenidos contra a influência dos seus bons exemplos.

217. b) A essas almas escolhidas e aos sacerdotes é que incumbe inspirar nos cristãos mais tímidos a coragem de lutar contra a *tiranía* do respeito humano, da moda e da perseguição legal. Um dos melhores meios é formar ligas ou associações, compostas de cristãos influentes e corajosos que não tenham medo de falar e agir conforme suas convicções. Foi assim que

alguns santos reformaram os costumes de seu tempo.^[170]* Foi assim que se formaram, em nossas universidades e até no parlamento, pequenos grupos que sabem fazer com que suas práticas religiosas sejam respeitadas e com isso arrastar os hesitantes. Quando esses grupos se multiplicarem, não somente nas cidades, mas também nos campos, estará muito próximo o fim do respeito humano e a verdadeira piedade, se não for praticada por todos, será pelo menos respeitada.

218. Portanto, na prática, *nada de compromissos* com o mundo no sentido que definimos, nada de concessões para agradar-lhe ou atrair a estima. Diz com razão São Francisco de Sales:^[171] “*procedamos como quisermos, o mundo sempre nos fará guerra ... Abandonemos este mundo cego, Filoteia; grite ele quanto quiser, como uma coruja, para inquietar os passarinhos do dia. Sejam firmes em nossos propósitos, invariáveis em nossas resoluções, e a constância mostrará que a nossa devoção é séria e sincera.*”

II.I.III – Luta Contra o Demônio^[172]

219. 1º - Existência e razão de ser da tentação diabólica. Como já visto (nº 67), o demônio, com inveja da felicidade de nossos primeiros pais, incitou-os ao pecado, e suas tentações malignas foram bem-sucedidas. O livro da Sabedoria declara que: “*É por inveja do demônio que a morte entrou no mundo*” (Sb 2, 24). A partir desse momento não cessou mais de fazer guerra aos descendentes de Adão e de preparar-lhes armadilhas. Embora depois da vinda de Nosso Senhor ao mundo e do seu triunfo sobre Satanás, o poder desse inimigo tenha diminuído muito, não deixou de ser verdade que devemos lutar não somente contra a carne e o sangue, mas também contra o poder das trevas e os espíritos malignos. São Paulo nos assegura: “*Pois não é contra homens de carne e sangue que temos de lutar, mas contra os principados e potestades, contra os príncipes deste mundo tenebroso, contra as forças espirituais do mal (espalhadas) nos ares*” (Ef 6, 12).^{[173]INT} São Pedro compara o demônio a um leão que ruge ao nosso redor, para nos devorar: “*Vosso adversário, o demônio, anda ao redor de vós como o leão que ruge, buscando a quem devorar*” (I Pe 5, 8).

220. A Providência permite esses ataques em razão do princípio geral de que Deus governa as almas não só diretamente, mas também por meio de causas segundas, deixando às criaturas certa liberdade de ação. Ademais, Ele nos previne para que estejamos alerta e envia os seus anjos bons, em particular o nosso anjo da guarda, para nos socorrer e proteger (nº 186 e ss.), sem mencionar a ajuda que Ele mesmo nos dá, diretamente ou por meio de seu Filho. Valendo-nos desse auxílio, vencemos o demônio, confirmamo-nos na virtude e alcançamos méritos para o céu. Esse tão admirável proceder da Providência faz-nos entender melhor a grande importância que devemos dar à nossa salvação e santificação, posto que nelas tanto o céu como o inferno estão interessados. Com efeito, em torno de nossa alma e até mesmo dentro dela, travam-se lutas ferozes entre as potestades celestes e infernais, onde está em jogo a nossa vida eterna. Para que possamos sair vitoriosos é importante saber como age o demônio.

221. 2º - A tática do demônio. A) O demônio não pode agir *diretamente* sobre as nossas faculdades superiores, quais sejam, a inteligência e a vontade. Deus reservou-as para si como seu santuário. Só ele pode penetrar no centro de nossa alma e mover as energias de nossa vontade, sem nos fazer violência.

Porém, o demônio pode influir diretamente sobre o corpo, sobre os sentidos exteriores e interiores, em particular sobre a imaginação e a memória, assim como sobre as paixões que residem no apetite sensitivo. Dessa maneira, pode agir *indiretamente* sobre a vontade. Os diversos movimentos da sensibilidade pressionam a vontade a dar consentimento. Contudo, como nota Santo Tomás, ela permanece sempre livre para consentir ou rechaçar esses movimentos passionais.^[174]

B) Por outro lado, embora o poder do demônio alcance as faculdades sensitivas e o corpo, essa ação é *limitada* por Deus, que não permite que sejamos tentados além de nossas forças: “*Deus é fiel: não permitirá que sejais tentados além das vossas forças, mas com a tentação ele vos dará os meios de suportá-la e sairdes dela*” (I Cor 10, 13). Quem se apoia em Deus com humilde confiança pode ficar certo da vitória.

222. C) Não se deve crer, diz Santo Tomaz,^[175] que todas as tentações que nos sobrevêm são obra do demônio. A nossa concupiscência, nutrida por

hábitos passados e imprudências presentes, é a causa de um grande número delas: “*Cada um é tentado pela sua própria concupiscência, que o atrai e alicia*” (Tg 1, 14). Porém, dizer que o demônio não tem nenhuma influência sobre as nossas tentações seria temerário e contrário à doutrina manifesta da Escritura e da Tradição. O ódio que ele tem dos homens e o desejo de escravizá-los explicam bem o porquê da sua intervenção. ^[176]

Então, como reconhecer uma tentação diabólica? É difícil, porque nossa concupiscência é suficiente para tentar-nos fortemente. No entanto, se a tentação é repentina, violenta e demasiadamente duradoura, pode-se dizer que grande parte dela é obra do demônio. Essa suposição é mais forte, em especial, quando a tentação lança na alma uma perturbação profunda e duradoura, ou sugere o desejo de coisas espetaculares, de mortificações extraordinárias e visíveis e, sobretudo, quando induz uma forte inclinação a ocultar tudo ao seu diretor e a desconfiar dos superiores. ^[177]*

223. 3º - Remédios contra a tentação diabólica. Os remédios são recomendados pelos santos, especialmente por Santa Teresa. ^[178]

A) O primeiro deles é a *oração humilde e confiante*, para que ao nosso lado estejam Deus e os seus anjos. Se Deus estiver conosco, quem será contra nós? Quem pode ser comparado a Deus: “*Quem como Deus?*”

A oração deve ser *humilde*, pois não há nada que faça fugir mais rapidamente o anjo rebelde. Ele, que se revoltou por orgulho, jamais soube praticar a humildade. Humilhar-se diante de Deus e reconhecer ser incapaz de vencer sem seu socorro, desfaz os planos do anjo soberbo. Além disso, a oração deve ser *confiante*, pois, como a glória de Deus está interessada em nosso triunfo, podemos ter total confiança na eficácia da sua graça.

Do mesmo modo é bom invocar São *Miguel Arcanjo* que, tendo infligido ao demônio uma grande derrota, ficará feliz por completar a vitória em nós e por nós. O nosso *Anjo da Guarda* de boa vontade o ajudará, se confiarmos nele. Todavia, acima de tudo não se deve esquecer de rezar à Virgem Imaculada, que continuamente esmaga a cabeça da serpente com o seu pé virginal e infunde mais medo no demônio que um exército em ordem de batalha.

224. B) O segundo meio é valer-se com muita confiança dos *sacramentos e sacramentais*. A confissão, por ser um ato de humildade, põe

e demônio em fuga. A absolvição que se segue, aplica-nos os méritos de Jesus Cristo e torna-nos invulneráveis às investidas do inimigo. A santa comunhão, que traz ao nosso coração Aquele que venceu Satanás, inspira-lhe verdadeiro terror.

Os próprios *sacramentais*, o sinal da cruz e as orações litúrgicas feitas com espírito de fé, em união com a Igreja, são também um precioso auxílio. Santa Teresa recomenda muito a água benta,^[179] talvez porque seja humilhante para o demônio ver que um meio tão simples pode impedir a sua ação.

225. C) O último meio é um *desprezo absoluto do demônio*. Mais uma vez é Santa Teresa que nos diz: “*São tantas as ocasiões em que esses malditos me atormentam, e tão pouco medo que agora tenho deles, por saber que eles não podem se mexer se o Senhor não lhes der licença. ... Saibam que quanto mais os desprezamos, tanto menor fica a sua força e tanto mais senhora de si fica a alma. ... De nada valem suas forças se ele não vê almas entregues e covardes, pois só assim mostra seu poder.*”^[180]

De fato, é de intolerável humilhação para esses espíritos soberbos verem-se desprezados por seres inferiores. Se, pois, como já dissemos, apoiarmo-nos humildemente em Deus, teremos o direito e o dever de desprezá-los. Se Deus é por nós, quem será contra nós? Podem ladrar, mas não podem morder-nos, salvo se, por imprudência ou orgulho, colocarmos-nos em seu poder.

Portanto, a luta que devemos travar contra o demônio, assim como contra o mundo e a concupiscência, fortalece-nos na vida sobrenatural e até mesmo nos dá possibilidade de nela progredir.

CONCLUSÃO

226. 1º - Pelo exposto, vemos que a vida cristã é uma *luta*. Uma luta penosa, com várias vicissitudes, que somente termina com a morte. Luta de extrema importância, pois o que está em jogo é a vida eterna. Como ensina São Paulo, há em nós *dois homens*: **a)** o homem *regenerado*, o homem *novo*, com inclinações nobres, sobrenaturais e divinas, produzidas em nós pelo Espírito Santo, em razão dos méritos de Cristo, da intercessão da SS.

Virgem e dos santos. Procuramos corresponder a essas inclinações colocando em ação, sob o influxo da graça atual, o organismo sobrenatural que Deus nos deu; **b)** Contudo, paralelamente há em nós o homem *natural*, o homem *carnal*, o homem *velho*, com más inclinações, cujas raízes o batismo não arrancou de nossa alma. É a *tríplice concupiscência*, que herdamos dos primeiros pais, e que o mundo e o demônio avivam e intensificam. É uma inclinação habitual que nos leva ao amor desordenado dos prazeres sensuais, da nossa própria excelência e pelos bens terrenos.

Esses dois homens fatalmente entram em conflito. A *carne*, ou o homem velho, deseja e busca o prazer sem ater-se à moralidade. O *espírito* faz lembrar que há prazeres proibidos e perigosos que, por dever e porque é vontade de Deus, deve-se renunciar. Porém, como a carne persiste em seus desejos, a vontade, ajudada pela graça, fica obrigada a mortificá-la e, se for preciso, a crucificá-la. Assim, o cristão é um soldado (II Tim 2, 1), ^[181]* um atleta que combate até a morte por uma coroa imortal.

227. 2º - Essa luta é *ininterrupta* porque, por mais que nos esforcemos, jamais poderemos nos libertar inteiramente do *homem velho*. Podemos sim enfraquecê-lo, acorrentá-lo, e ao mesmo tempo fortalecer o *homem novo* contra os seus ataques. No início a luta é mais aguda, mais intensa, e as contraofensivas do inimigo são mais numerosas e violentas. Mas, à medida que, com esforços enérgicos e constantes, vamos triunfando, o inimigo vai enfraquecendo, as paixões se acalmam e, salvo em certos momentos de provas enviadas por Deus para alçar-nos a um grau mais elevado de perfeição, desfrutamos de relativo sossego, presságio da vitória final. *Devemos a vitória à graça de Deus*. Não esqueçamos, porém, que as graças concedidas são graças de combate e não de descanso, pois somos lutadores, atletas, ascetas, e devemos, como São Paulo, lutar até o fim para merecer a nossa coroa: “*Combati o bom combate, terminei a minha carreira, guardei a fé. Resta-me agora receber a coroa da justiça, que o Senhor, justo Juiz, me dará naquele dia.*” (II Tm 4, 7–8). Esse é o caminho para aperfeiçoar-se na vida cristã e adquirir muitos méritos.

II.II – CRESCIMENTO DA VIDA ESPIRITUAL PELO MÉRITO^[182]

228. A luta contra os nossos inimigos faz-nos progredir. Contudo, progredimos ainda mais pelos atos meritórios que fazemos a cada dia. Qualquer bom ato, feito livremente pela alma em estado de graça e com intenção sobrenatural, contribui para o progresso espiritual, pois possui um tríplice valor: *meritório, satisfatório e impetratório*.

a) Valor *meritório*: significa que aumentamos em nós a graça santificante e, com isso, os nossos direitos à glória celeste: voltaremos a este ponto logo a seguir;

b) Valor *satisfatório*, que compreende três elementos: 1) a *propiciação*, pois a contrição e a humildade de coração torna-nos propício a Deus, inclinando-o a perdoar as nossas faltas; 2) a *expição*, ou seja, a infusão da graça apaga a falta; 3) a *satisfação* que, pelo caráter de penitência que acompanha nossas boas obras, cancela, total ou parcialmente, a reparação devida pelo pecado. Não somente as ações propriamente ditas produzem esse feliz resultado, mas também a aceitação voluntária das tribulações e sofrimentos desta vida, como ensina o Concílio de Trento,^[183] que acrescenta que isso é um grande sinal do amor divino. De fato, não há nada mais consolador do que ser capaz de aproveitar todas as adversidades para purificar a alma e uni-la mais perfeitamente a Deus.

c) Enfim, esses mesmos atos têm ainda um valor *impetratório*, posto que agregam um pedido de novas graças dirigida à infinita misericórdia de Deus. Com razão Santo Tomás observa que se faz oração não somente quando de modo *explícito* pedimos graças a Deus, mas também quando, por um impulso do coração ou pela ação, tende-se para Ele, pelo que está sempre em oração aquele que orienta toda a sua vida para Deus: “*O homem ora sempre que age em pensamento, palavras e ações com a intenção voltada para Deus; assim, se estiver totalmente ordenada para Deus, a vida é uma constante oração*”.^[184] Portanto, esse impulso da alma para Deus é uma oração, uma elevação da alma para ele e um meio muito eficaz de obter dele o que desejamos para nós e para os outros.

Para o fim que visamos será suficiente expor a doutrina sobre o mérito: 1º - a sua natureza; 2º - as condições que aumentam o seu valor.

II.II.I – Natureza do Mérito

É importante que compreendamos bem duas coisas: 1º - O que é o mérito; 2º - Como são meritórias as nossas ações.

II.II.I.I - O que é o mérito

229. A) Mérito, genericamente, é um direito a uma recompensa. Assim, o mérito sobrenatural, do qual estamos tratando, é o direito a uma recompensa sobrenatural, isto é, a uma participação na vida de Deus, à graça e à glória. Porém, como Deus não está obrigado a fazer-nos partícipes de sua vida, deve existir uma promessa de sua parte, que nos confira um verdadeiro direito a tal recompensa. Portanto, pode-se definir o mérito sobrenatural: *um direito a uma recompensa sobrenatural que resulta de uma obra sobrenaturalmente boa, feita livremente por amor a Deus, e de uma promessa divina que assegure essa recompensa.* ^{[185]NT}

230. B) Há duas espécies de mérito: **a)** o mérito *propriamente dito* (chamado de *condigno*), pelo qual a recompensa é devida por justiça, porque há certa igualdade ou proporção real entre a obra e a retribuição; **b)** o mérito *de conveniência* (de *côngruo*), em que existe uma desproporção muito grande entre a obra e o prêmio recebido, que é muito maior. Portanto, nesse caso, a recompensa não se fundamenta na estrita justiça, mas na sua grande conveniência. Para se obter uma ideia mais próxima dessa diferença entre os dois méritos, pode-se exemplificar com o caso de um soldado que se comporta valentemente no campo de batalha. Por justiça estrita ele tem direito apenas ao soldo de guerra, mas por mérito de conveniência poderá receber uma citação na ordem do dia ou uma condecoração.

C) O Concílio de Trento ensina que as obras do homem justificado merecem verdadeiramente um aumento de graça, a vida eterna e, se morrer em estado de graça, a consecução da glória. ^{[186]NT}

231. D) Recordemos brevemente as *condições gerais* do mérito. **a)** A obra, para ser meritória, há de ser *livre*, porque, quando obramos por coação ou necessidade não somos responsáveis por nossos atos; **b)** Deve ser *sobrenaturalmente boa*, para haver proporção com a recompensa; **c)**

tratando-se do mérito propriamente dito, deve ser praticada *em estado de graça*, visto que é esta graça que faz Cristo habitar e viver em nós e que nos torna participantes dos seus méritos; **d)** Deve ser feita *durante nossa vida mortal*, enquanto caminhamos para o céu; porque Deus sabiamente determinou que, após um período de provação em que podemos merecer e desmerecer, cheguemos ao termo onde ficaremos para sempre fixados no estado em que morremos. A essas condições da parte do homem junta-se a promessa da parte de Deus, que nos dá um verdadeiro direito à vida eterna. Com efeito, diz-nos São Tiago: “*Porque, depois de sofrer a provação, receberá a coroa da vida que Deus prometeu aos que o amam*” (Tg 1, 12).

II.II.I.II - Como os atos meritórios aumentam a graça e a glória

232. À primeira vista parece difícil compreender como atos tão simples, tão comuns e essencialmente transitórios, podem merecer a vida eterna. Essa dificuldade seria insolúvel se esses atos fossem produzidos somente por nós. Na realidade, porém, eles são *obra de dois*, o resultado da *cooperação* de Deus e da *vontade humana*, e é isso que explica a sua eficácia. Ao coroar nossos méritos, Deus também coroa seus dons, porque sua parte nesses mesmos méritos é muito mais significativa. Entenderemos melhor a eficácia dos atos meritórios quando explicarmos a participação de Deus e a do homem nesses mesmos atos.

A) Deus é a *causa principal e primária* dos nossos méritos. Diz São Paulo: “*tenho trabalhado mais do que todos eles; não eu, mas a graça de Deus que está comigo*” (I Cor 15, 10). De fato, foi Ele quem criou as nossas faculdades, quem as elevou ao estado sobrenatural e as aperfeiçoou com as virtudes e dons do Espírito Santo. É Ele que, pela sua graça atual, preveniente e auxiliadora, move-nos e ajuda-nos a fazer o bem. Portanto, é Ele a *causa primária* que põe em movimento a nossa vontade e comunica-lhe novas energias que lhe permitem operar sobrenaturalmente.

233. B) Mas a nossa *livre vontade*, aderindo às moções divinas, opera sob o influxo da graça e pelas virtudes. Assim torna-se *causa secundária*, mas real e eficiente, de nossos atos meritórios, porque colaboramos com Deus. Sem livre consentimento, não há mérito. Por isso, no céu já não

mereceremos, porque não poderemos deixar de amar a Deus, que veremos claramente ser a bondade infinita e a fonte de nossa beatitude.^{[187]INT} Além disso, a nossa própria cooperação é *sobrenatural*: pela graça habitual somos divinizados em nossa substância; pelas virtudes infusas e pelos dons, em nossas faculdades; pela graça atual, até em nossos atos. Por tornarem-se *deiformes*, há proporção real entre as nossas ações e a graça, que em si é uma vida deiforme, ou entre elas e a glória, que é o pleno desenvolvimento dessa mesma vida. Esses atos certamente são transitórios, e a glória é eterna. Mas, se na ordem natural os atos que passam produzem hábitos e estados de alma duradouros, é justo que o mesmo aconteça na ordem sobrenatural e, assim, os atos de virtude, que produzem na alma uma disposição habitual de amor a Deus, sejam agraciados com uma recompensa que perdure. Como nossa alma é imortal, *convém* que essa recompensa permaneça para sempre.

234. C) Sem dúvida, pode-se argumentar que, apesar dessa proporção, Deus não é obrigado a dar-nos recompensa tão nobre e duradoura como a graça e a glória. Concordamos sem hesitar com a objeção e reconhecemos que Deus, por sua infinita bondade, dá-nos mais do que merecemos. Por certo não estaria obrigado a fazer-nos partícipes da eterna visão beatífica, se não o tivesse prometido. No entanto prometeu com o próprio fato de nos haver destinado a um fim sobrenatural. Essa promessa é repetida mais de uma vez na Sagrada Escritura, onde a vida eterna nos é apresentada como recompensa *prometida* aos justos como *coroa de justiça*: “*Feliz o homem que suporta a tentação. Porque, depois de sofrer a provação, receberá a coroa da vida que Deus prometeu aos que o amam.*” (Tg 1, 12); “*Resta-me agora receber a coroa da justiça, que o Senhor, justo Juiz, me dará naquele dia, e não somente a mim, mas a todos aqueles que aguardam com amor a sua aparição*” (II Tm 4, 8). Por essa razão é que o Concílio de Trento declara que a vida eterna é a um só tempo *graça*, *prometida* misericordiosamente por Jesus Cristo, e *recompensa*, que, em virtude da promessa de Deus, é fielmente concedida às boas obras e aos méritos.^[188]

235. Em razão dessa promessa pode-se deduzir que o mérito de *condigno* é algo *pessoal*. É *para nós* e não para os outros, que merecemos a graça e a vida eterna, porque a promessa divina não vai além disso.

Completamente diferente é o caso de Nosso Senhor Jesus Cristo que, por haver sido constituído cabeça moral da humanidade, e em razão disso, mereceu, em sentido estrito, para cada um de seus membros.

Podemos, de fato, merecer também para os outros, mas por *mérito de conveniência*. Isso é muito consolador, porque ao mérito com que merecemos para nossos irmãos adiciona-se o que merecemos para nós mesmos e, por isso, podemos ao mesmo tempo, trabalhar para a nossa santificação e cooperar com a de nossos irmãos. Vejamos, então, quais as condições necessárias para aumentar o valor dos atos meritórios.

II.II.II – Condições Que Aumentam o Nosso Mérito.

236. Essas condições derivam, obviamente, das diversas causas que concorrem para a produção de atos meritórios, ou seja, *de Deus* e *de nós mesmos*. Com a liberalidade de Deus, tão pródigo em seus dons, sempre poderemos contar. Então, a atenção deve estar voltada sobretudo para as nossas disposições. Vejamos, pois, o que se pode fazer para melhorá-las, tanto em relação à *pessoa* que merece como à própria *obra* meritória.

II.II.II.I - Condições advindas do próprio sujeito.

237. Quatro são as principais condições que contribuem para aumentar os nossos méritos: **a)** o grau de graça habitual e de caridade; **b)** a união com Jesus Cristo; **c)** a pureza de intenção; **d)** o fervor.

a) O grau de graça santificante. Para merecer *de condigno* é preciso estar em estado de graça. Assim, *em igualdade de circunstâncias*, quanto mais graça habitual possuímos, mais poderemos merecer. Alguns teólogos negam esse efeito, alegando que a quantidade de graça nem sempre influencia os nossos atos, no sentido de torná-los melhores, e que há almas santas que as vezes agem com negligência e imperfeição. Porém, a doutrina comum é a que mantemos, pelas razões a seguir:

1. Com efeito, o valor de um ato, mesmo em assuntos humanos, depende muito da *dignidade* da pessoa que o realiza e do *conceito* de que goza diante daquele que há de recompensá-la. Ora, o que faz a

dignidade do cristão e torna-o agradável ao coração de Deus é o grau de graça ou de vida divina a que está elevado. Por esse motivo é que os santos, tanto do céu como da terra, possuem um poder de intercessão muito grande. Assim, se possuímos um grau de graça mais elevado, mais seremos valorizados diante de Deus e mais o agradaremos. Por essa razão, nossas ações serão mais dignas, mais agradáveis a Deus e, portanto, mais meritórias.

2. Destarte, *geral e ordinariamente* esse grau de graça mais elevado influirá benéficamente na perfeição de nossos atos. Vivendo de modo mais abundante uma vida sobrenatural, amando a Deus com amor mais perfeito, somos movidos a fazer melhor as nossas ações, a pôr nelas mais caridade, a ser mais generosos em nossos sacrifícios. Todos estão de acordo que essas disposições certamente aumentam o valor dos nossos méritos. Portanto, argumentar que às vezes sucede o contrário é sustentar-se na *exceção* e não na regra geral e, além disso, esse fato é levado em consideração quando se acrescenta: *em igualdade de circunstâncias*.

“Quão *consoladora* é essa doutrina!” Ao multiplicar nossos atos meritórios, aumentamos a cada dia o nosso acervo de graça e esse mesmo acervo faz com que coloquemos mais amor em nossas obras, e estas, com isso, aumentam em valor, fazendo crescer nossa vida sobrenatural: “*Quem justo é, justificado será.*”

238. b) O grau de união com Nosso Senhor. É evidente que Jesus Cristo é fonte do nosso mérito, o autor da nossa santificação, a causa meritória principal de todos os bens sobrenaturais, a cabeça do corpo místico cujos membros somos nós. Quanto mais perto estamos da fonte, mais bebemos da sua plenitude. Quanto mais nos aproximamos do autor de toda a santidade, mais graça recebemos. Quanto mais unidos estamos à *cabeça*, mais dela recebemos o movimento e a vida. É justamente isso que Nosso Senhor quis dizer naquela bela comparação da videira? “*Eu sou a videira; vós, os ramos. Quem permanecer em mim e eu nele, esse dá muito fruto*” (Jo 15, 5). Assim como os ramos ao caule, quanto mais habitual, atual e estreitamente estivermos unidos a Jesus, mais *seiva divina* receberemos. Por essa razão, as almas fervorosas, ou as que desejam sê-lo, buscam continuamente uma

união cada vez mais íntima com o Senhor Jesus Cristo. Por isso a Igreja nos pede que façamos as nossas ações por Ele, com Ele e Nele. Por Ele, *per Ipsum*, porque “ninguém vai ao Pai sem passar por Ele” (Jo 14, 6); com Ele, *cum Ipso*, operando com Ele, posto que se digna ser nosso colaborador; Nele, *in Ipso*, isto é, na sua virtude, na sua força, e sobretudo nas suas intenções, não tendo outras além das dele.

Então Jesus viverá em nós, inspirando os nossos pensamentos, desejos e ações, de tal modo que poderemos dizer como São Paulo: “*Eu vivo, mas já não sou eu; é Cristo que vive em mim*” (Gl 2, 20). As ações praticadas sob o influxo e a ação vivificante de Cristo, com a sua onipotente colaboração, por certo têm valor incomparavelmente maior que se fossem feitas unicamente por nós. Portanto, na prática, devemos-nos unir com frequência a Nosso Senhor e às suas intenções tão perfeitas, especialmente ao começar alguma boa obra, com plena consciência da nossa incapacidade de realizar, por nós mesmos, qualquer coisa boa, e da inabalável confiança de que Ele pode remediar a nossa fraqueza.

239. c) *A pureza de intenção ou a perfeição do motivo* que nos leva a obrar. Dizem muitos teólogos que, para que nossas ações sejam meritórias, basta que sejam inspiradas por um motivo sobrenatural de temor, esperança ou caridade. Por certo, Santo Tomás diz ser exigível que, pelo menos *virtualmente*, elas sejam influenciadas pela caridade, em razão de algum ato de amor de Deus anteriormente feito e cujo influxo ainda se conserve. Acrescenta, porém, que essa condição é preenchida por todos aqueles que, em estado de graça, praticam algum ato lícito: “*Para aqueles que estão em estado de graça, todo ato é meritório ou demeritório.*”^[189] Na realidade, todo ato bom deriva de uma virtude e toda virtude, da caridade, pois ela impera sobre todas as virtudes, assim como a vontade reina sobre todas as faculdades. A caridade, sempre ativa, direciona para Deus todas as nossas boas obras, dá vida e orienta todas as nossas virtudes.

Contudo, se quisermos que nossas obras sejam meritórias ao máximo, é necessário que venham acompanhadas de uma *pureza de intenção*, atual e mais perfeita possível. A intenção é o mais importante em nossos atos; é o *olho* que os ilumina e dirige para a finalidade, a *alma* que os inspira e lhes dá o valor que possuem diante de Deus. “*Se teu olho é são,*

todo o teu corpo será iluminado” (Mt 6, 22). Portanto, há três elementos que dão às nossas intenções valor especial.

240. 1) Sendo a *caridade a rainha* e a alma de todas as virtudes, todo ato inspirado por *amor a Deus e ao próximo* será muito mais meritório que o inspirado pelo temor ou pela esperança. Portanto, é importante que todas as nossas ações sejam feitas *por amor*, para que até mesmo as mais ordinárias (como comer e recrear-se) convertam-se em obras de caridade, e participem do mérito dessa virtude, sem perder o seu próprio. Comer para restaurar as forças é um ato honesto e, em um cristão em estado de graça, é também meritório. Mas, restaurar as forças para poder trabalhar com mais afinco por Deus e pelas almas, é uma razão de caridade muito superior, que realça a obra e lhe dá um valor meritório muito maior.

241. 2) Como os atos de virtude informados pela caridade não perdem o seu valor próprio, deduz-se que um ato realizado por diversos motivos simultâneos será mais meritório. Assim, um ato de obediência aos superiores, praticado por dupla razão: respeito à autoridade e, ao mesmo tempo, amor a Deus, a quem se vê na pessoa do superior, terá o duplo mérito da obediência e da caridade. Portanto, um mesmo ato pode ter o valor triplicado ou quadruplicado. Ao detestar os meus pecados porque ofendem a Deus, posso desejar praticar ao mesmo tempo penitência, humildade e amor a Deus. Assim, o ato terá mérito triplo. Conclui-se que é muito proveitoso ter várias razões sobrenaturais. Contudo, deve-se evitar o excesso e não andar ansioso em busca de multiplicidade de intenções, porque isso pode perturbar a alma. Contentemo-nos com as que nos ocorrem espontaneamente, subordinando-as à divina caridade. Este é o modo de incrementar os méritos sem perder a paz da alma.

242. 3) Como a vontade do homem é mutável, é preciso *explicitar e atualizar* frequentemente as nossas intenções sobrenaturais. De outro modo, pode acontecer que um ato, iniciado por amor a Deus, seja mais tarde influenciado pela curiosidade, sensualidade ou amor próprio, e assim perde parte de seu valor. Digo *parte*, porque as intenções subsequentes não destroem completamente a primeira, ou seja, o ato não deixa de ser

sobrenatural e meritório no seu conjunto. Em um navio, que zarpa de Brest rumo a Nova Iorque, é preciso corrigir o leme várias vezes para apontar a proa para o destino planejado, pois a maré, os ventos e as correntezas tendem a desviar o navio da rota. O mesmo acontece com a nossa vontade. Não basta orientá-la uma única vez, nem mesmo todos os dias, para Deus. As paixões humanas e as influências externas rapidamente a desviam do caminho reto. É preciso, por atos explícitos, reconduzi-la frequentemente para Deus e para a caridade. Desse modo, nossas intenções permanecerão sempre sobrenaturais e serão até perfeitas e muito meritórias, especialmente se adicionarmos fervor à ação.

243. d) *A intensidade* ou o *fervor* com que obramos. Ao praticar o bem, podemos proceder com desleixo, pouco esforço ou, ao contrário, com entusiasmo e com toda a energia de que somos capazes, utilizando toda a graça atual disponível. Obviamente que nesses dois casos o resultado será bem diferente. Se agimos com *desleixo*, adquirimos pouco mérito e, por vezes, poderemos até ser culpados de algum pecado venial que, aliás, não destrói inteiramente o mérito. Se, ao contrário, oramos, trabalhamos e nos sacrificamos com *toda a alma*, cada ação merecerá um grande aumento de graça habitual. Sem nos intrometer em hipóteses discutíveis, podemos dizer com certeza que, como Deus dá “cem por um” a tudo que se faz por seu amor, uma alma fervorosa adquire a cada dia muitos graus de graça e, desse modo, torna-se em pouco tempo *muito perfeita*, segundo o livro da Sabedoria: “*Tendo chegado rapidamente ao termo, percorreu uma longa carreira*” (Sb 4, 13). Que precioso estímulo ao fervor, e como é importante renovar frequentemente os esforços, com energia e perseverança!

II.II.II.II - Condições do objeto ou do ato em si mesmo.

244. Não somente as disposições do sujeito aumentam o mérito, mas também todas as circunstâncias que contribuem para tornar a ação mais perfeita. Quatro são as principais:

a) *A excelência do objeto* ou do ato praticado. Há uma hierarquia nas virtudes. As *virtudes teologais* são mais perfeitas que as *morais* e, por esse motivo, os atos de fé, esperança e, sobretudo, caridade, são mais meritórios

que os de prudência, justiça, temperança, etc. Contudo, como já dissemos, estes últimos podem ser convertidos, pela intenção, em atos de amor e, desse modo, participar do valor especial da caridade. Também os atos de *religião*, que se referem diretamente à glória de Deus, são mais perfeitos que os que visam diretamente a nossa santificação;

b) Para *certas ações*, a *quantidade* pode influir no mérito. Assim, em igualdade de circunstâncias, uma doação generosa de R\$ 1.000,00 é mais meritória do que de uma de R\$ 10,00. Todavia, a quantidade é relativa. O óbolo da viúva que doa o que lhe é necessário, moralmente vale mais do que a rica oferta de alguém que doa apenas o que está sobrando;

c) A *duração* também aumenta o mérito da ação. Orar ou sofrer durante uma hora vale mais que por 5 minutos, pois esta maior duração exige maior esforço e amor.

245. d) A *dificuldade do ato*, não em si mesmo, mas quando requer maior amor a Deus, *esforço mais enérgico e constante* e não decorre de uma imperfeição atual da vontade, também faz aumentar o mérito. Assim, resistir a uma *violenta* tentação é mais meritório que resistir a uma *leve*. Para aquele que possui um temperamento *colérico* e é submetido por outros a frequentes provocações, praticar a *mansidão* é mais difícil e meritório do que para quem é naturalmente dócil e tímido e vive entre pessoas benevolentes.

Contudo, não devemos concluir que a facilidade, adquirida pela repetição de muitos atos de virtude, diminui necessariamente o mérito. Quando essa facilidade é utilizada para manter e até mesmo aumentar o esforço sobrenatural, contribui para a *intensidade* ou o *fervor* do ato, aumentando o mérito, como acima explicamos. Assim como um *bom empregado* aperfeiçoa-se em suas tarefas para evitar perda de tempo, material e energia, e com menos esforço produz mais, um cristão, que aprendeu a utilizar melhor os instrumentos de santificação, evita perdas de tempo e muitos esforços inúteis, e, com menos trabalho, tem mais méritos. Os santos que, tendo se exercitado nas virtudes, praticam com mais facilidade que os outros, atos de humildade, obediência e religião, não têm menos merecimento. Justo o contrário, pois praticam o amor de Deus com mais facilidade e frequência e, ademais, continuam se esforçando e fazendo sacrifícios quando necessários. Em suma, a dificuldade aumenta o mérito,

não enquanto obstáculo a ser vencido, mas na medida em que suscita *mais entusiasmo e amor*.^[190]

É preciso acrescentar que essas condições *objetivas* somente têm real influência sobre o mérito quando são aceitas livremente e repercutem no aperfeiçoamento das nossas disposições interiores.

CONCLUSÃO

246. A conclusão óbvia é a *necessidade de santificar todas as nossas ações*, mesmo as mais comuns. Como já dissemos, todas podem ser *meritórias* se forem feitas com fim sobrenatural e em união com o Operário de Nazaré, que, trabalhando na sua oficina, não cessava de merecer por nós. Sendo assim, quanto não podemos progredir em um único dia! Desde o despertar até irmos dormir, nossa alma, estando recolhida e sendo generosa para com Deus, pode praticar *centenas* de atos meritórios. Isso porque, não somente cada uma de nossas ações, mas também, quando estas se prolongam, cada um dos esforços adicionais que envidamos para fazê-las melhor, são também meritórios. Por exemplo: esforços para repelir as distrações durante a oração, para atender com mais afinco ao trabalho, para evitar uma palavra pouco caridosa, para prestar ao próximo algum favor, por menor que seja. Cada palavra inspirada pela caridade, cada bom pensamento que aproveitamos, em resumo, todos os movimentos interiores da alma, dirigidos livremente para o bem são outros tantos atos meritórios que fazem crescer a graça de Deus em nós.

247. Verdadeiramente se pode dizer que não há meio mais *eficaz*, mais *prático*, nem mais ao *alcance de todos* para santificar-se, que sobrenaturalizar cada uma de nossas ações. Ele é, por si só, suficiente para elevar-nos em pouco tempo a um alto grau de santidade. Desse modo, cada ato é um gérmen de *graça*, porque a faz brotar e crescer em nossa alma, e um princípio de *glória*, porque ao mesmo tempo aumenta nossos direitos à bem-aventurança celestial.

248. O *modo prático* de converter todos os nossos atos em méritos é *recolher-se* um instante antes de cada ação, *renunciar positivamente* a qualquer intenção natural ou má, *unir-se* a Nosso Senhor, modelo e mediador, reconhecendo a própria incapacidade, e *oferecer a ação, por meio Dele*, a Deus, *para a sua glória e para o bem das almas*. Entendido dessa forma, o oferecimento frequentemente renovado das nossas ações é um ato de *abnegação, humildade, amor a Nosso Senhor, amor a Deus e ao próximo*; é, de fato, um *atalho* para chegar à perfeição.^[191]* Para alcançá-la com mais eficácia, temos ainda os *Sacramentos* à nossa disposição.

II.III – CRESCIMENTO ESPIRITUAL PELOS SACRAMENTOS^[192]

249. Crescemos em graça e perfeição não somente pelos atos meritórios praticados a cada instante, mas também por meio da frequente recepção dos sacramentos. Sendo sinais sensíveis instituídos por Nosso Senhor Jesus Cristo, os sacramentos *significam e produzem* a graça em nossas almas. Sabendo que o homem deixa-se dominar pelas coisas exteriores, Deus, em sua infinita bondade, quis vincular sua graça a coisas e ações sensíveis. É de fé que os sacramentos *contêm* a graça que *significam* e a conferem a todos os que não lhes opõem obstáculo,^[193] e isto *não unicamente* em razão das disposições do sujeito, mas *ex opere operato*, como causas instrumentais da graça, sendo sempre Deus, evidentemente, a *causa principal*, e Jesus a *meritória*.

250. Cada um dos sacramentos produz, além da graça habitual ordinária, outra que lhe é própria, chamada graça *sacramental*, que não é especificamente distinta da primeira. Contudo, segundo Santo Tomás e sua Escola, agrega-lhe um *vigor especial*, destinado a produzir efeitos em relação a cada um dos sacramentos, ou pelo menos, todos estão de acordo, *confere um direito a graças atuais especiais* que, em tempo oportuno, serão concedidas para que com mais facilidade sejam cumpridos os deveres impostos pela recepção dos sacramentos. Assim, por exemplo, o Sacramento da Confirmação dá-nos direito a receber graças atuais especiais

de fortaleza sobrenatural, para lutar contra o respeito humano e testemunhar nossa fé diante de todos.

Quatro questões merecem consideração especial: 1º - a *graça sacramental* própria de cada um dos sete sacramentos; 2º - as *disposições necessárias* para termos maior proveito ao recebê-los; 3º - as disposições especiais para o *Sacramento da Penitência*; 4º - as requeridas para a *Sagrada Eucaristia*.

II.III.I - A Graça Sacramental

Os sacramentos conferem graças especiais que correspondem às diversas fases de nossas vidas.

251. a) O *Batismo* nos confere uma graça de regeneração espiritual, que nos purifica do pecado original, faz-nos nascer para a vida da graça e cria em nós o *homem novo*, o homem regenerado que vive a vida de Cristo. Segundo a bela doutrina de São Paulo, pelo batismo somos sepultados com Jesus Cristo (era o que o batismo de imersão antigamente representava) e ressuscitamos com Ele para viver uma vida nova: “*Fomos, pois, sepultados com ele na sua morte pelo batismo para que, como Cristo ressurgiu dos mortos pela glória do Pai, assim nós também vivamos uma vida nova*” (Rm 6, 3 – 6). Portanto, a graça especial ou sacramental que nos é concedida é: 1) graça de *morrer para o pecado*, de *crucifixão espiritual*, que nos permite combater e subjugar as más tendências do homem velho; 2) uma graça de *regeneração* que nos incorpora a Jesus Cristo, faz-nos partícipes da sua vida e permite-nos viver em conformidade com os seus sentimentos e exemplos e, dessa maneira, alcançar a perfeição cristã. Como decorrência, surge o dever de combater o pecado e suas causas, de aderir a Jesus Cristo e imitar suas virtudes.

252. b) A *Confirmação* torna-nos *soldados* de Cristo. Adiciona à graça batismal uma graça especial de *fortaleza*, para que possamos professar generosamente a fé diante de todos os inimigos e, especialmente, contra o respeito humano, que é causa de tão grande número de homens deixar de

praticar os deveres religiosos. É para isso que nesse momento os dons do Espírito Santo, que já haviam sido recebidos no Batismo, são-nos conferidos de modo especial, para iluminar a nossa fé, para fazê-la mais viva e penetrante, e também para fortalecer a nossa vontade contra todas as quedas. Disso deriva a necessidade de cultivar os dons do Espírito Santo, especialmente os que nos fazem cristãos militantes.

253. c) A *Eucaristia nutre* nossa alma, que, como o corpo, tem necessidade de alimento, para viver e fortalecer-se. Porém, para sustentar uma vida divina é preciso um *alimento divino* e este é o Corpo e o Sangue de Jesus Cristo, sua alma e divindade, que nos transforma em outros Cristos, comunicando-nos o seu modo de ser, seus sentimentos e virtudes, e especialmente seu amor a Deus e aos homens (nº 285).

254. d) Se tivermos a infelicidade de perder a vida da graça pelo pecado mortal, o *Sacramento da Penitência* lavará as nossas faltas no Sangue de Jesus Cristo, cuja virtude nos é aplicada pela absolvição, contanto que estejamos sinceramente contritos e resolvidos a romper com o pecado, como explicaremos logo a seguir (nº 262).

255. e) Quando a morte bate a nossa porta, temos necessidade de consolo diante das angústias e temores que trazem as lembranças das faltas passadas, diante das enfermidades presentes e dos juízos de Deus. A *Unção dos Enfermos*, ao derramar o óleo santo sobre os nossos principais sentidos, derrama também na alma uma graça de *alívio e conforto espiritual*, que nos livra do que restou do pecado, reanima a confiança e arma-nos contra os últimos assaltos do inimigo, fazendo-nos participar dos sentimentos de São Paulo que, depois de ter combatido o bom combate, alegrava-se ao pensar na coroa que lhe estava reservada. Portanto, é importante pedir a tempo esse sacramento, tão logo alguém se sinta seriamente enfermo, para que ele possa produzir todos os seus efeitos e, até mesmo, se Deus entender conveniente, restituir-lhe a saúde. É cruel a atitude daqueles que assistem o doente, quando dissimulam a gravidade do seu estado e postergam para o último momento a recepção de um sacramento tão consolador.

Esses sacramentos são suficientes para santificar o indivíduo na sua vida privada. Há ainda outros dois que os santificam nas suas relações com a *sociedade*: a Ordem, que dá à Igreja dignos ministros, e o Matrimônio, que santifica a família.

256. f) A *Ordem* confere aos ministros da Igreja não somente *poderes* maravilhosos para consagrar a Eucaristia, administrar os sacramentos e pregar a doutrina evangélica, mas também a graça de *exercê-los santamente*. Em especial, dá-lhes um ardente amor para com o Deus da Eucaristia e para com as almas e, ainda, uma vontade firme de imolar-se e consumir-se inteiramente por essas duas nobres causas. Mais adiante falaremos sobre o grau de santidade a que devem aspirar.

257. g) Para santificar a família, célula primordial da sociedade, o sacramento do *Matrimônio* dá aos cônjuges as graças que mais necessitam: a da fidelidade absoluta e constante, tão difícil para o coração inconstante do homem; a da santidade do leito conjugal, apesar das solicitações contrárias da concupiscência; a de se consagrarem com inalterável devoção à educação cristã dos filhos.

258. Assim, pois, um aumento maravilhoso de graça santificante é-nos conferido para cada circunstância importante da vida, para cada dever individual ou social. E, para que essa graça surta seus efeitos, cada sacramento nos dá direito a *graças atuais*, que nos moverão ao exercício das virtudes que devemos praticar e nos darão energias sobrenaturais para fazê-lo. Cabe a nós, pois, corresponder-lhes com as melhores disposições.

II.III.II - Disposições Exigidas Para Bem Receber os Sacramentos

Como a graça produzida pelos sacramentos será mais ou menos abundante, dependendo *tanto de Deus como de nós*^[194], vejamos o que podemos fazer para aumentá-la, seja de uma parte como de outra.

259. A) Certamente Deus é livre na distribuição de seus dons; assim, através dos sacramentos, pode conceder-nos mais ou menos graça, conforme os propósitos de sua sabedoria e bondade. Contudo, há leis que Ele mesmo estabeleceu, às quais voluntariamente se submete. Por exemplo, disse-nos muitas vezes que nada negará à *oração* bem-feita (*Pedi e se vos dará. Buscai e achareis. Batei e vos será aberto.* (Mt 7, 7)), sobretudo se ela for baseada nos merecimentos infinitos de Jesus: “*Em verdade, em verdade vos digo: o que pedirdes ao Pai em meu nome, ele vo-lo dará*” (Jo 16, 23). Portanto, se orarmos com humildade e fervor e em união com Jesus Cristo, para alcançar maior abundância de graça ao receber algum sacramento, certamente seremos atendidos.

260. B) De *nossa parte*, duas são as disposições que nos ajudam a receber com maior abundância a graça sacramental: *santos desejos* antes de receber os sacramentos e *fervor* no momento da recepção.

a) O *desejo ardente* de receber um sacramento, com todos os seus frutos, abre e dilata a alma. Esta é uma aplicação do princípio geral estabelecido por Nosso Senhor: “*Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque serão saciados!*” (Mt 5, 6). Ter fome e sede da comunhão, da confissão e da absolvição, é abrir amplamente a alma às comunicações divinas; então Deus saciará essas almas famintas: “*Saciou de bens os indigentes*” (Lc 1, 53). Portanto, sejamos como Daniel, homem de desejos, e suspiremos pelas fontes de água viva que são os sacramentos.

b) O *fervor* fará dilatar ainda mais a nossa alma, pois, afinal de contas, o fervor é somente uma disposição generosa de nada recusar a Deus, de deixá-lo agir com a plenitude da sua virtude e de colaborar com Ele com todas as forças. Essa disposição aprofunda e dilata a nossa alma, torna-a mais apta às efusões da graça, mais dócil à ação do Espírito Santo, mais pronta a corresponder-lhe. Dessa mútua colaboração brotam frutos abundantes de santificação.

261. Além disso, convém lembrar que todas as condições que tornam as obras mais meritórias (ver nº 237), também aperfeiçoam as disposições que devemos trazer quando recebemos os sacramentos e, portanto, aumentam as graças que nos são conferidas. Compreenderemos melhor esse princípio depois que o aplicarmos aos sacramentos da confissão e da comunhão.

II.III.III - Disposições Para o Sacramento da Penitência.^[195]

O sacramento da Penitência, como já dito, purifica a alma no sangue de Jesus Cristo, com a condição de que estejamos bem-dispostos, de que a *confissão* seja autêntica e a *contrição* verdadeira e sincera.

II.III.III.I - Da confissão

262. A) Breve comentário sobre os pecados graves. Faremos aqui apenas uma sucinta exposição sobre a acusação de *faltas graves*, das quais tratamos longamente em nossa Teologia Moral.^[196] Se uma alma, que aspira à perfeição, por infelicidade, cai em pecados mortais em um momento de fraqueza, é preciso acusá-los com toda a sinceridade e clareza, desde o princípio da confissão, sem os dissimular entre os pecados veniais. Deve-se relatar com precisão o *número e as espécies* e, com honestidade e humildade, procurar indicar as *causas* das quedas e pedir encarecidamente os remédios necessários para a cura. Sobretudo, é indispensável revestir-se de *profunda contrição*, com *firme propósito* de no futuro evitar, não somente os pecados em si, mas as *ocasiões* e as *causas* que levaram ao abismo. Uma vez perdoados os pecados, deve-se ainda conservar na alma um *vivo e habitual sentimento de penitência*, um coração contrito e humilhado, com o desejo sincero de *reparar* o mal cometido por meio de uma vida austera e mortificada e por um amor ardente e generoso. Um pecado grave isolado, imediatamente reparado, não é um obstáculo duradouro ao progresso espiritual, pois deixa apenas vestígios na alma.

263. B) Das faltas veniais de propósito deliberado. As faltas *veniais* são de duas espécies distintas: as cometidas com *propósito deliberado*, cientes de que desagradamos a Deus, mas preferindo naquele momento o prazer egoísta ao invés da vontade divina e; as cometidas por *surpresa, inconstância, fragilidade, falta de vigilância ou de coragem*, as quais lamentamos rapidamente, com firme propósito de não as repetir. As *primeiras* são obstáculo muito sério à perfeição, sobretudo quando forem frequentes e existir apego. Por exemplo, manter deliberadamente *pequenos*

rancores, o hábito de juízos temerários, de maledicência, de alimentar afetos naturais ou sensíveis, de apego ao próprio juízo e à própria vontade. Todas essas faltas são *amarras* que nos prendem à terra, impedindo nosso voo para o amor divino. De fato, quem deliberadamente nega a Deus o sacrifício dos próprios gostos e vontades, dificilmente receberá as graças de eleição, sem as quais não se pode aspirar pela santidade.

Portanto, custe o que custar, esse gênero de faltas deve ser corrigido. Para obter maior sucesso, é preciso tratar sucessivamente as diferentes *espécies* ou *categorias*. Por exemplo, primeiro as faltas contra a caridade, depois as faltas contra a humildade, contra a virtude da religião, etc. Devemos acusar detalhadamente aquilo que percebemos em nós, sobretudo as faltas que mais nos humilham e as *causas* que nos fazem cair nesses pecados, determinando-nos evitá-las totalmente. Deste modo, cada confissão será um passo adiante na perfeição, especialmente se houver o cuidado de estimular bem a *contrição*, como falaremos logo a seguir.

264. C) Dos pecados de fragilidade. Depois de vencidos os pecados de propósito deliberado, a luta volta-se contra os de *fragilidade*, não para evitá-los completamente (o que não é possível), mas para *diminuir-lhes o número*. Também aqui devemos lançar mão da *divisão do trabalho*. Podemos, sem dúvida, confessar em conjunto as faltas que lembramos, mas rapidamente, pois é importante enfatizar um gênero de faltas em particular. Cuidaremos sucessivamente, por exemplo, das distrações nas orações, das faltas contrárias à pureza de intenção, das faltas contra a caridade.

No exame de consciência e na confissão não nos devemos dar por satisfeitos em dizer: tive distrações na oração (pois isso tem pouco significado e não é novidade para o confessor). Diremos então: estive muito distraído ou negligente em tal exercício de piedade e a causa foi que não me recolhi devidamente antes de começar, ou, não tive ânimo para rechaçar enérgica e rapidamente as primeiras divagações, ou ainda, não fui constante e perseverante no esforço. Em outras situações poderemos acusar-nos de distração por longo tempo, em razão de pequenos apegos ao estudo ou a um companheiro, ou por causa de algum pequeno ressentimento que não combatemos, etc. A indicação do motivo desvela a causa do mal, sugere o *remédio* e a *resolução* que se deve tomar.

265. Para *garantir bons frutos da confissão*, a acusação dos pecados deve ser encerrada, quer sejam deliberados ou não, com um firme *propósito* durante a semana ou quinzena, de combater energicamente a causa das distrações, da afeição, ou do gênero de preocupação. Na confissão seguinte relataremos os esforços envidados: com relação ao meu propósito, fui fiel durante tantos dias ou em tal medida, mas falhei nesse ou naquele ponto. Uma confissão, realizada desse modo, certamente não se tornará rotineira; antes será um passo adiante. A graça da absolvição, ao confirmar a resolução tomada, não só aumentará a graça habitual que há em nós, mas multiplicará nossas energias, permitindo-nos evitar, no futuro, certo número de pecados veniais e adquirir mais facilmente as virtudes.

II.III.III.II – Da contrição

266. Os que se confessam com frequência devem insistir na *contrição* e no *bom propósito* que delas são efeitos necessários. Importa pedir a contrição com insistência e estimulá-la com a consideração dos motivos sobrenaturais, que, não obstante serem substancialmente os mesmos, variarão um pouco conforme as almas e as faltas que as afetam.

Os motivos sobrenaturais gerais para a contrição estão tanto em *Deus* como *na alma*. Vamos indicá-los brevemente.

267. A) Em *relação a Deus*, o pecado, por menor que seja, é uma ofensa, uma resistência à sua vontade, uma ingratidão para com o pai e benfeitor mais amante e mais amável, ingratidão que o fere ainda mais por sermos seus amigos privilegiados. Por isso Ele se volta para nós e diz-nos: “*Se o ultraje viesse de um inimigo, eu o teria suportado ... Mas eras tu, meu companheiro, meu íntimo amigo, com quem me entretinha em doces colóquios.*” (Sl 54, 13–15). Ouçamos essa censura bem merecida e deixemo-nos preencher de humilhação e confusão. Ouçamos também a Jesus e reconheçamos que nossos pecados amargaram ainda mais o cálice que lhe foi apresentado no Horto das Oliveiras e intensificaram a sua agonia. Então, do fundo da nossa miséria, peçamos humildemente perdão: “*Tende piedade de mim, Senhor, segundo a vossa bondade. E conforme a imensidade de vossa misericórdia, apagai a minha iniquidade...*” (Sl 50).^[197]

268. B) Por *parte da alma*, o pecado venial, sem diminuir em si a graça santificante, afeta a intimidade com Deus. Que perda não é a dessa intimidade! Paralisa ou ao menos entorpece consideravelmente a atividade espiritual, empoeirando o delicado mecanismo da vida sobrenatural, *reduz as energias* para o bem e aumenta o amor do prazer. Sobretudo, no caso de faltas deliberadas, *predispõe para o pecado mortal*, porque em muitos assuntos, mormente no que toca à pureza, é tão imperceptível e tênue a linha de separação entre o pecado mortal e venial e tão forte a atração para o mau prazer, que o limite é ultrapassado muito facilmente. Considerando tão lastimosos efeitos, não é difícil arrepender-se sinceramente de tais negligências e recobrar o desejo de evitá-las no futuro.^[198] Para dar precisão a esse bom propósito, é oportuno rever as medidas que se devem tomar para diminuir as recaídas, como acima indicamos (nº 265).

269. Contudo, para mais nos assegurar de que não houve falta de contrição, convém acusar-se de um pecado grave da vida passada, do qual estamos certos de que houve contrição, especialmente se for um pecado da mesma espécie das faltas veniais que lamentamos. Destarte, devemos evitar dois defeitos: a *rotina* que pode converter a confissão em uma fórmula vazia, sem verdadeiro sentimento de contrição; e a *negligência*, que pode fazer com que não nos preocupemos com o arrependimento das faltas veniais acusadas na atual confissão.

Praticada com esse espírito, a confissão, juntamente com os conselhos de um prudente diretor e, sobretudo, com a *virtude purificadora da absolvição*, é um meio poderoso para a alma libertar-se do pecado e progredir na virtude.

II.III.IV - Disposições Para o Sacramento da Eucaristia.^[199]

270. A Eucaristia é, simultaneamente, *sacramento e sacrifício*. Esses dois elementos têm íntima conexão, posto que é durante o sacrifício que se consagra a vítima que comungamos. Conforme a doutrina comum, a comunhão não é parte *essencial* do sacrifício, mas *integrante*, haja vista que é por meio dela que participamos dos sentimentos da vítima e dos frutos do sacrifício.

A diferença essencial entre eles consiste em que o sacrifício *se refere diretamente à glória de Deus* e o sacramento tem por *fim direto a santificação da nossa alma*. Mas, como esses dois fins são na realidade um único, haja visto que conhecer e amar a Deus é glorificá-lo, ambos contribuem para o nosso progresso espiritual.

II.III.IV.I - Do sacrifício da Missa como meio de santificação^[200]

271. A) Seus efeitos. a) Antes de tudo, o sacrifício da missa glorifica a Deus e o faz de modo perfeito, porque Jesus, por intermédio do sacerdote, novamente oferece ao Pai todos os atos de adoração, de ação de graças e amor que ofereceu outrora ao imolar-se no Calvário, atos estes de valor moral infinito. Ao oferecer-se como vítima, afirma de modo eloquente o supremo domínio de Deus sobre todas as coisas: *esta é a adoração*. Ao dar-se a si mesmo a Deus como gratidão pelos benefícios recebidos, rende-lhe um louvor igual a esses benefícios: *é a ação de graças ou culto eucarístico*. Por isso, nada pode impedir a realização desse efeito, nem mesmo a indignidade do ministro;^[201]* porque o valor do sacrifício, em sua essência, não depende daquele que secundariamente o oferece, mas do preço da vítima oferecida e da dignidade do sacerdote principal, que é o próprio Jesus Cristo. Exatamente isso é o que ensina o Concílio de Trento, quando declara: que essa oferenda puríssima não pode ser manchada pela indignidade ou malícia daqueles que a oferecem; que nesse divino sacrifício está presente e é imolado, de modo incruento, o mesmo Cristo que no altar da cruz se ofereceu de modo cruento. Acrescenta o Concílio de Trento que a vítima é a mesma e aquele que se oferece agora por meio do ministério dos sacerdotes também é o mesmo que outrora se ofereceu na cruz. A diferença é apenas no modo de oferecer-se.^[202] Portanto, quando se assiste à santa Missa e, mais ainda, quando se celebra, rende-se a Deus toda a honra que lhe é devida e do modo mais perfeito possível, porque tornamos nossas as honras dadas por Jesus-vítima. – E não se diga que isso não diz respeito à nossa santificação. De fato, quando glorificamos a Deus, Ele se inclina amorosamente para nós e, quanto mais nos ocupamos em dar-lhe glória, mais Ele se ocupa de nossos interesses espirituais. Assim, muito ajuda a nossa santificação cumprir nossos deveres para com Ele, unidos à Vítima que renova a sua imolação sobre o altar.

272. b) Porém, além do exposto, o divino sacrifício tem por si mesmo um efeito *propiciatório* (*ex opere operato*, como dizem os teólogos), no seguinte sentido: O sacrifício, rendendo a Deus a honra que lhe é devida e sendo uma justa compensação pelo pecado, move-o a conceder-nos, não a graça santificante diretamente (o que é efeito próprio do sacramento), mas a *graça atual* e o dom da penitência e ainda, se estivermos contritos e arrependidos, a perdoar nossos pecados, até mesmo os mais graves.^[203] Ao mesmo tempo é também *satisfatório*, pois *infalivelmente* indulge aos pecadores arrependidos ao menos uma parte da *pena temporal* devida por suas culpas, em proporção com as disposições mais ou menos perfeitas com que assistem ao santo sacrifício. Por essa razão, acrescenta o Concílio de Trento, ele pode ser oferecido não somente pelos pecados, satisfações e necessidades espirituais dos vivos, mas também pelos que morreram em Cristo, sem terem expiado suficientemente seus pecados.^[204] Facilmente se observa como esse duplo efeito, propiciatório e satisfatório, contribui para o progresso na vida cristã. O maior obstáculo à união com Deus é o pecado. Assim, obter o perdão e apagar os seus últimos vestígios, é abrir caminho para unir-se mais intimamente a Deus: “*Bem-aventurados os puros de coração, porque verão Deus!*” (Mt 8, 8). Grande consolo é para os pobres pecadores ver derrubado, desse modo, o muro de separação que os impedia de fruir da vida divina.

273. c) A missa é *impetratória*, do mesmo modo que é propiciatória, pois obtém de Deus, pelo próprio sacrifício (*ex opere operato*), todas as graças necessárias para nos santificar. O sacrifício é uma *oração em ação*, e quem roga por nós sobre o santo altar com gemidos inefáveis é Aquele mesmo cujas preces sempre são atendidas (“*e foi atendido pela sua piedade*” (Hb 5, 7). Assim, a Igreja, intérprete autêntico do pensamento divino, roga constantemente, em união com Jesus, sacerdote e vítima (*per Dominum nostrum Jesum Christum*), para pedir para seus membros todas as graças necessárias para a saúde da alma e do corpo, para a salvação e o progresso espiritual, solicitando aos fiéis, sobretudo na *Colecta*, a graça especial relativa à cada festividade. Quem quer que entre nessa corrente de orações litúrgicas, com as disposições apropriadas, pode ficar seguro de obter graças mais abundantes, tanto para si como para os que tem interesse.

Portanto, percebe-se que o santo sacrifício da missa contribui, por todos os seus efeitos, para a nossa santificação. Essa eficácia é ainda mais certa porquanto não oramos sozinhos, mas unimo-nos à Igreja inteira e sobretudo ao seu Chefe invisível, Jesus sacerdote e vítima que, renovando seu sacrifício do calvário, pede, em virtude do seu sangue e pelas suas súplicas, que nos sejam aplicadas as suas satisfações e méritos.

274. B) Disposições para ouvir com proveito a santa Missa. Afinal, com que disposições devemos participar do santo sacrifício para que nos seja mais eficaz esse poderoso meio de santificação? A disposição fundamental, que encerra todas as demais, é *unir-nos* aos sentimentos expressos pela vítima divina, com humildade e confiança, *comungar* deles, torná-los nossos, cumprindo assim o que o Pontifical ordena aos sacerdotes: “*Compreenda o que faz, e imite a Vítima que você oferece.*” Destarte, a isso é que nos convida a Igreja na sua santa Liturgia. ^[205]

275. a) A santa liturgia da *missa dos catecúmenos*, até o início do Ofertório, move-nos a sentimentos de penitência e contrição (*Confiteor, Aufer a nobis, Oramus te, Kyrie eleison*), de adoração e ação de graças (*Gloria in excelsis*), de fervorosas petições (*Colecta*) e de fé sincera (*Epístola, Evangelho, Credo*).

b) Segue-se o grande drama: 1. - *O oferecimento da vítima no Ofertório* pela salvação de todo o gênero humano, “*para a nossa salvação e do mundo inteiro*”, e a oferenda do povo cristão em união com a vítima principal: “*Nós vos suplicamos, ó Senhor, em espírito de humildade e com o coração contrito*”. Segue-se uma oração à SS. Trindade para que abençoe e aceite a oferenda de todo o corpo místico de Cristo. 2. - *O prefácio* anuncia a oblação propriamente dita. No *Cânon*, em que se renova a *imolação mística* da vítima, a Igreja convida-nos a unir-nos aos Anjos e Santos, mas sobretudo ao Verbo encarnado, para dar graças a Deus, exaltar sua santidade, implorar o seu auxílio para a própria Igreja, para o seu Chefe visível, seus bispos e fiéis, em particular para os presentes e para todos os que nos são mais caros. Então o sacerdote, unindo-se à SS. Virgem, aos Santos Apóstolos, aos Mártires e a todos os santos, transporta-se em espírito para a Última Ceia, fazendo-se um com o Sumo Sacerdote, e com Ele pronuncia uma vez mais as palavras ditas por Jesus no Cenáculo. Obediente

à sua voz, o Verbo encarnado desce sobre o altar, com seu corpo e sangue, e silenciosamente adora e ora em seu nome e no nosso. O povo cristão inclina-se em adoração à vítima divina, une-se aos seus sentimentos, adorações e súplicas, e procura imolar-se com Ele oferecendo alguns pequenos sacrifícios, “*por Ele, com Ele, e Nele*”.

3. - Com o *Pai-Nosso* começa a preparação para a *Comunhão*. Como membros do corpo místico de Cristo, repetimos a oração que Ele mesmo nos ensinou, o *Pai-Nosso*, pelo qual lhe rendemos culto e fazemos nossas humildes súplicas, pedindo-lhe em particular o pão eucarístico que nos livrará de todos os males e dará, com o perdão dos nossos pecados, a paz da alma e a união permanente com Jesus: “*Nunca permitas que eu me separe de Vós*”. Então, reconhecendo a nossa indignidade, como fez o centurião, e pedindo humildemente perdão, o sacerdote e, após ele, o povo fiel, come e bebe o corpo e o sangue do Salvador. Une-se, assim, no mais íntimo da alma, totalmente, a Jesus e aos seus sentimentos mais profundos e, por Ele, ao próprio Deus e à SS. Trindade. Consuma-se o mistério da união; somos uma só coisa com Jesus e, como o Pai e o Filho são uma só coisa, cumpre-se a oração sacerdotal de Jesus na Última Ceia: “*eu neles e tu em mim, para que sejam perfeitos na unidade*” (Jo 17, 23).

276. Resta somente dar graças a Deus por tão imenso benefício, o que fazemos no *Postcommunio* e nas orações seguintes. A bênção do sacerdote comunica-nos os tesouros da SS. Trindade. O último Evangelho recorda-nos as glórias do Verbo Encarnado, que uma vez mais habitou entre nós e que levamos conosco pleno de graça e de verdade, para beber dele como fonte da vida que é, e viver uma vida semelhante à sua. ^{[206]NT}

É fácil perceber que assistir à santa Missa ou rezá-la com essas disposições, é certamente santificar-se e cultivar do modo mais perfeito possível a vida sobrenatural que há em nós. O que se dirá a seguir sobre a sagrada Comunhão deixará isso ainda mais evidente.

II.III.IV.II - Da Comunhão como meio de santificação ^[207]

277. A) Seus efeitos. A Eucaristia, como sacramento, pela sua própria virtude, produz diretamente em nós, *ex opere operato*, um aumento de graça habitual. Na realidade, a Comunhão foi instituída para ser o *alimento* das nossas almas: “POIS A MINHA CARNE É VERDADEIRAMENTE UMA COMIDA E O MEU SANGUE, VERDADEIRAMENTE UMA BEBIDA” (Jo 6, 55). Portanto, os seus efeitos são análogos aos do alimento material: sustenta, aumenta e repara as nossas forças espirituais, causando-nos uma alegria real, embora nem sempre sensível. O próprio Jesus Cristo é nosso alimento. Jesus inteiro, Corpo, Sangue, Alma e Divindade, une-se a nós para transformar-nos em Si mesmo. Essa união é, ao mesmo tempo, *física e moral, transformadora* e, por natureza, *permanente*. Tal é a doutrina de São João, que o Pe. Lebreton^[208] resume deste modo: “*Na Eucaristia consuma-se a união de Cristo com o fiel e também o seu fruto, que é transformação vivificadora. Já não é somente uma adesão a Cristo pela fé nem a incorporação em Cristo pelo batismo; é uma nova união, muito real e ao mesmo tempo muito espiritual. Pode-se dizer que quem se une ao Senhor por ela, além de um só espírito com Ele, é também uma só carne. Tamanha é a intimidade que Jesus não receia afirmar: ‘Como eu vivo pelo Pai, também quem me come viverá por mim’ (Jo 6, 57). Sem dúvida trata-se de uma analogia, mas, mesmo assim, para respeitá-la, é preciso entender que há não somente uma união moral, baseada em uma comunhão de sentimentos, mas uma união física real, que traz consigo uma mescla de duas vidas, ou melhor, uma participação do cristão na própria vida de Cristo.*” A seguir, tentaremos explicar essa união.

278. a) A união é *física*. É matéria de fé, segundo o Concílio de Trento, que a Eucaristia contém verdadeira, real e substancialmente o Corpo e o Sangue de Jesus Cristo, com sua Alma e Divindade, ou seja, Jesus Cristo inteiramente.^[209] Portanto, ao comungar sacramentalmente recebemos, real e fisicamente, ocultos sob as sagradas espécies, o Corpo e Sangue do Senhor, com sua Alma e Divindade. Assim, não somente somos *sacrários*, mas também *cibórios*, onde Jesus habita e vive, onde os anjos vêm adorá-lo e onde as nossas adorações devem unir-se às deles. Mais ainda, entre nós e Jesus há uma união semelhante àquela existente entre o alimento e o corpo que o assimila. A diferença é que Jesus nos transforma em Si mesmo e não nós que o transformamos em nossa substância. De fato, o ser superior é que

assimila o inferior.^[210]* Essa união tende a fazer nossa carne mais submissa ao espírito e mais casta, e deposita nela uma semente de imortalidade: “*Quem come a minha carne e bebe o meu sangue tem a vida eterna; e eu o ressuscitarei no último dia*” (Jo 6, 54).

279. b) A essa união física agrega-se uma união *espiritual*, muito íntima e *transformadora*. 1) É uma união muito *íntima* e *santificadora*. De fato, a alma de Jesus une-se à nossa, tornando-se com ela *um só coração e uma só alma*. A *imaginação* e a *memória* dele, tão disciplinadas e santas, unem-se à nossa imaginação e nossa memória, para discipliná-las e orientá-las para Deus e para as coisas divinas, direcionando as suas atividades para a recordação dos benefícios de Deus, da sua beleza arrebatadora, da sua inesgotável bondade. O *intelecto* de Jesus, verdadeiro sol das almas, ilumina nossas mentes com as luzes da fé, faz-nos ver e apreciar tudo à luz de Deus. Então, vemos com clareza a vaidade dos bens do mundo e a loucura das suas máximas. Passamos a saborear as máximas evangélicas, antes tão obscuras, porque contrárias aos nossos instintos naturais. A sua *vontade*, tão forte, tão constante e generosa, ao comunicar-nos suas divinas energias, corrige as nossas fraquezas, inconstâncias, o nosso egoísmo, de tal modo que podemos dizer como São Paulo: “*Tudo posso naquele que me conforta*” (Fl 4, 13). Os esforços já não nos parecem custosos, as tentações nos encontram inabaláveis, a perseverança no bem já não mais nos assusta, porque não estamos sós, mas agarrados a Cristo como a hera ao carvalho, e compartilhamos assim da sua força. O seu *coração*, tão abrasado de amor por Deus e pelas almas, vem aquecer o nosso, tão frio para com Ele e tão terno para as criaturas. Como os discípulos de Emaús, dizemos a nós mesmos: “*Não se nos abrasava o coração, quando ele nos falava pelo caminho*” (Lc 24, 32). Assim, sob ação desse fogo divino sentimos, algumas vezes, *impulsos* quase irresistíveis para o bem; noutras, uma vontade sóbria, mas firme, para tudo fazer e tudo sofrer por Deus, sem nada lhe recusar.

280. 2) Fica claro que essa união é verdadeiramente *transformadora*.

1) Aos poucos os nossos pensamentos, ideias, convicções e juízos vão se modificando. Em vez de avaliar as coisas seguindo as máximas do mundo, passamos a ter os pensamentos e juízos de Jesus, abraçamos com

amor as máximas evangélicas, perguntando-nos constantemente: Que faria Jesus se estivesse no meu lugar?

2) O mesmo se diga dos nossos *desejos*, do nosso *querer*. A partir da compreensão de que ambos, *o mundo* e *nós mesmos*, estão no erro, e que só Jesus, a eterna Sabedoria, está na verdade, desejamos somente o que Ele deseja: a glória de Deus, a nossa salvação e a de nossos irmãos; não queremos senão o que Ele quer (não a minha vontade, mas a Tua seja feita). Mesmo que essa vontade seja crucificante, aceitamo-la de todo o coração, seguros de que ela é para o nosso bem espiritual e do próximo.

3) Gradualmente o coração liberta-se do seu egoísmo mais ou menos consciente, dos seus afetos naturais e sensíveis, para amar com mais ardor, generosidade e paixão, a Deus e as almas em Deus. Passamos a amar não mais as consolações divinas, por mais doces que sejam, mas o próprio Deus; já não atrai tanto o prazer de estar com os que amamos, mas sim o bem que lhes podemos fazer. Assim, vivemos uma vida nova, mais intensa e, sobretudo, mais sobrenatural e mais divina que a do passado. Já não é *o eu*, *o homem velho*, que vive, pensa e age; é o próprio Jesus, é o seu espírito que vive em nós e vivifica o nosso: “*Eu vivo, mas já não sou eu; é Cristo que vive em mim*” (Gl 2, 20).

281. c) Essa união *espiritual* perdura pelo tempo que quisermos, de acordo com o testemunho do próprio Jesus Cristo: “*Quem come a minha carne e bebe o meu sangue permanece em mim e eu nele*” (Jo 6, 56). Ele não deseja outra coisa senão habitar para sempre em nós. Portanto, com a graça que nos dá, depende de nós permanecer sempre unidos a Ele.

Mas como se *perpetua* essa união? Alguns autores pensaram, como o Pe. Schram,^[211] que a alma de Jesus se duplica, por assim dizer, no centro de nossa alma, para nela permanecer constantemente. Seria um milagre absolutamente extraordinário, pois a alma de Jesus permanece sempre unida ao seu corpo e este corpo desaparece com as espécies sacramentais. Portanto, não podemos aceitar essa opinião, haja vista que Deus não multiplica milagres desse gênero sem necessidade.

Contudo, embora a alma humana de Cristo, juntamente com o seu corpo, retire-se de nós, a sua divindade permanece enquanto estivermos em estado de graça. Além disso, a sua *santa humanidade*, unida à sua divindade, mantém com a nossa alma uma união especial, que pode ser

teologicamente explicada da seguinte maneira: o Espírito de Jesus, ou, em outros termos, o Espírito Santo, que vive *na alma humana de Jesus*, permanece em nós, em virtude da mesma afinidade especial obtida pela Comunhão sacramental, e produz em nós disposições interiores similares às de Nosso Senhor. Em resposta às súplicas de Jesus, que não cessa de interceder por nós, o Espírito Santo nos concede graças atuais mais abundantes e eficazes: preserva-nos com especial cuidado das tentações, produz em nós moções de graça, dirige a nossa alma e as suas faculdades, fala ao coração, fortalece a vontade, aviva o amor e, desse modo, em nossa alma permanecem os efeitos da comunhão sacramental. Mas, para gozar desses privilégios, obviamente é preciso viver interiormente recolhido, escutar atentamente a voz de Deus e estar disposto a executar os seus menores desejos. Assim, a comunhão *sacramental* completa-se com uma *comunhão espiritual*, que faz perdurar os seus abençoados efeitos.

282. d) Essa comunhão acarreta *uma união especial com as três divinas Pessoas da SS. Trindade*,^[212] porque, em razão da circumincessão (habitação das divinas Pessoas uma na outra), o Verbo não vem sozinho à nossa alma; vem com o Pai, que não cessa de gerar o Filho em seu seio, e com o Espírito Santo, que sempre procede do amor mútuo do Pai e do Filho: “*Se alguém me ama, guardará a minha palavra e meu Pai o amará, e nós viremos a ele e nele faremos nossa morada*” (Jo 14, 23). De fato, as três divinas Pessoas já estão em nossa alma pela graça, mas, no momento da Comunhão passam a estar presentes de outra maneira, com título especial. Como ela nos une fisicamente ao Verbo Encarnado, Nele e por Ele as Pessoas divinas se unem e amam-nos como uma extensão dele, de quem somos membros. Possuindo Jesus em nosso coração, possuímos também o Pai e o Espírito Santo. Assim, a comunhão é um céu antecipado e, se tivéssemos fé viva, perceberíamos a verdade contida nas palavras da Imitação de Cristo, que estar com Jesus já é o paraíso na terra: “*Estar com Jesus é suave paraíso.*”^[213]

283. B) Disposições para obter muito fruto da comunhão. Haja vista que o fim da Eucaristia é unir-nos a Jesus e a Deus de um modo íntimo, transformador e permanente, tudo o que contribui para essa união, seja na *preparação* ou na *ação de graças*, intensifica os seus ditosos efeitos.

a) Assim, a *preparação* deverá ser uma espécie de *união antecipada* com Nosso Senhor. Partimos do pressuposto de que a alma já está unida a Deus pela graça santificante, sem o que a comunhão seria um sacrilégio.^[214]*

1. Antes de tudo, devemos buscar *cumprir perfeitamente, em união com Jesus e para agradá-lo, todos os nossos deveres de estado*. Por certo esse é o meio mais eficaz de atraí-lo a nós, pois sua vida inteira resumiu-se na obediência filial ao Pai, para agradá-lo. “*Porque faço sempre o que é do seu agrado*” (Jo 8, 29). Essa prática já explicamos no nº 229.
2. Deve haver *sincera humildade*, por um lado baseada na grandeza e santidade de Nosso Senhor e, por outro, na nossa baixeza e indignidade: “*Senhor, eu não sou digno ...*” Essa disposição cria, por assim dizer, um vácuo em nossa alma, esvaziando-a do egoísmo, do orgulho, da presunção. Mas, é no vazio de si mesmo que se opera a união com Deus. Quanto mais estivermos vazios de nós mesmos, mais preparada estará a alma para que Deus a habite e possua.
3. A humildade deve vir acompanhada de um *desejo ardente* de nos unir ao Deus da Eucaristia. Buscando sentir vivamente nossa impotência e pobreza, suspiramos pelo Único que pode fortalecer a nossa fraqueza, enriquecer-nos com seus tesouros e preencher o vazio do coração. Esse desejo dilata a alma e abre-a pouco a pouco para Aquele que quer dar-se pessoalmente a nós: “*Tenho desejado ardentemente comer convosco esta Páscoa*” (Lc 22, 15).

284. b) A melhor *ação de graças* é aquela que prolonga a nossa união com Jesus.

1. Deverá começar com um ato de *adoração* silenciosa, de aniquilamento e de *entrega total* de nós mesmos a Jesus que, sendo Deus, dá-se inteiramente a nós.^[215]* “*Oh! Deus escondido, devotamente Te adoro ... De joelhos dobrados, inclino meu coração para Ti.*”^[216] Diante da Majestade divina e em união com Maria, sua mais perfeita adoradora, nos aniquilaremos para bendizer, louvar e dar graças, primeiramente ao Verbo Encarnado e, depois, com Ele e por Ele, à SS. Trindade: “*Minha alma glorifica ao Senhor, ... porque realizou em mim maravilhas aquele que é poderoso e cujo nome é Santo.*” (Lc 1, 46 e ss). Nada é mais eficaz para que Jesus penetre até íntimo da nossa

alma do que esse ato de aniquilamento de nós mesmos. É o meio que nós, pobres criaturas, temos para dar-nos Àquele que é tudo. Tudo o que há de bom em nós lho daremos e isso é apenas uma *restituição*, pois tudo vem dele e não deixa de pertencer-lhe. Também lhe ofereceremos nossas misérias, para que as consuma no fogo do seu amor e substitua-as pelas suas perfeitas disposições. Que maravilhosa troca fazemos!

285. 2. Depois, seguem-se doces *colóquios* entre a alma e o hóspede divino: *“Falai Senhor, que o vosso servo vos escuta. ...Dai-me entendimento para que eu conheça os vossos ensinamentos. Inclinaí o meu coração às palavras de vossa boca...”*^[217] Escutamos atentamente o Mestre, o Amigo. Falamos com Ele respeitosa, singela e afetuosamente. Abrimos a alma às comunicações divinas, porque é nesse momento que Jesus transmite às nossas almas suas disposições interiores e suas virtudes. Precisamos não somente recebê-las, mas também atraí-las a nós, saboreá-las, assimilá-las. *“Abro a boca para aspirar, num intenso amor de vossa lei”* (Sl 118, 31). Para que esses colóquios não caiam na rotina, convém variar o assunto da conversa. Se não for possível a cada comunhão, ao menos periodicamente, tomando por tema ora uma virtude, ora outra, ou atendo-nos ternamente a alguma passagem do Evangelho, rogando que Nosso Senhor nos faça bem compreendê-la, saboreá-la e pô-la em prática.

286. 3. Não devemos esquecer de agradecer a Deus pelas luzes que se digna comunicar-nos, pelos piedosos afetos e também pelas obscuridades e securas que nos envia esporadicamente. Mesmo dessas últimas devemos tirar proveito para humilhar-nos, reconhecer-nos indignos dos favores divinos e aderir com mais frequência, pela vontade, Àquele que, mesmo durante a nossa aridez, não deixa de infundir em nós, de forma secreta e misteriosa, sua vida e suas virtudes. Peçamos que Ele prolongue em nós a sua ação e sua vida: *“Ó Jesus que vive em Maria, venha e viva nos teus servos.”*^[218]; que receba o pouco bem que há em nós para transformá-lo: *“Toma, Senhor, e aceita minha liberdade.”*^[219]

287. 4. A seguir, prontificar-se a fazer os *sacrifícios necessários* para reformar e transformar a vida, especialmente sobre algum *ponto específico*. Cientes de nossa fraqueza, peçamos instantemente a graça de levá-los a termo.^[220] Este ponto é de capital importância: cada comunhão deve ser feita com o propósito de progredir em alguma virtude específica.

288. 5. O momento também é propício para *pedir* por todas as pessoas que estimamos, por todos os grandes interesses da Igreja, pelas intenções do Papa, pelos Bispos e Sacerdotes. Não tenhamos tornar a nossa oração tão universal quanto possível, pois, de fato, é o melhor meio de sermos ouvidos. Enfim, terminaremos pedindo, sob uma forma ou outra, que Nosso Senhor nos dê a graça de permanecer Nele, como Ele permanece em nós, de praticar todas e cada uma de nossas ações em união com Ele, em espírito de ação de graças. Destarte, confiemos à SS. Virgem aquele Jesus que ela tão bem guardou, para que nos ajude a fazê-lo crescer em nosso coração. Assim, fortalecidos pela oração, passaremos à ação.

CONCLUSÃO

289. Portanto, temos em mãos três meios muito eficazes para conservar e aumentar em nós a vida cristã, que Deus tão prodigamente nos infunde, e de nos dar generosamente a Ele, como Ele se dá a nós.

1. *Lutando* sem descanso e sem desanimar. Com a ajuda de Deus e de todos os protetores que nos deu, estaremos certos de alcançar a vitória contra os inimigos espirituais e de consolidar em nós a vida sobrenatural.
2. *Santificando* todas as nossas ações, mesmo as mais comuns. Renovando frequentemente o oferecimento delas a Deus, obtemos muitos méritos, aumentamos significativamente, a cada dia, o nosso manancial de graça e os nossos direitos ao céu, enquanto ao mesmo tempo reparamos e expiamos as nossas faltas.
3. Os *sacramentos*, recebidos com boas e fervorosas disposições, acrescentam aos nossos méritos pessoais uma abundância excepcional de graças que vêm dos próprios méritos de Jesus Cristo. Portanto, confessando com frequência e comungando todos os dias, está em

nossas mãos ser santos, se quisermos. Jesus veio, e ainda vem, a nossas almas, para comunicar-nos sua vida com abundância: “*Eu vim para que as ovelhas tenham vida e para que a tenham em abundância*” (Jo 10, 10). Cumpre-nos abrir, dilatar as nossas almas, para recebê-la, cultivá-la, fazendo-a crescer por meio das mesmas disposições, virtudes e os mesmos sacrifícios de Jesus. Assim, chegará o momento em que, transformados nele, não tendo outros pensamentos, afetos ou propósitos além dos dele, poderemos repetir as palavras de São Paulo: “*Eu vivo, mas já não sou eu; é Cristo que vive em mim*” (Gl 2, 20).

SÍNTESE DO CAPÍTULO SEGUNDO

290. Tendo chegado ao fim desse capítulo, que é o mais importante dessa primeira parte, podemos agora compreender melhor a natureza da vida cristã.

1. Verdadeiramente ela é uma *participação da vida de Deus*, posto que Deus vive em nós e nós vivemos nele. Ele realmente *vive em nós* na Unidade de sua natureza e na Trindade das suas Pessoas e não permanece inativo. Cria em nossa alma um organismo sobrenatural completo, que nos permite viver uma vida, não igual à sua, mas semelhante, uma vida deiforme. Mais, Ele mesmo põe em movimento essa vida por meio de sua graça atual, ajuda-nos a praticar atos meritórios e ainda nos recompensa por esses mesmos atos, através de uma nova infusão de graça habitual. *Vivemos nele* e para Ele, porque somos seus colaboradores. Auxiliados por sua graça, aceitamos livremente o impulso divino, cooperamos com Ele. Desse modo, triunfamos sobre os nossos inimigos, adquirimos méritos e preparamo-nos para a abundante efusão de graças que os sacramentos nos conferem. Porém, não devemos esquecer que até o nosso consentimento é obra da sua graça e, por essa razão, devemos atribuir-lhe o mérito das nossas boas obras, vivendo *para Ele*, bem como *por Ele e Nele*.

291. 2. Essa vida é também uma *participação da vida de Jesus*, porque Jesus vive em nós e nós nele. Ele *vive em nós* não somente enquanto Deus,

com a mesma dignidade do Pai, mas também como *Homem-Deus*. Com efeito, Ele é a *cabeça de um Corpo místico* cujos membros somos nós e dele recebemos o movimento e a vida. Vive em nós de maneira ainda mais misteriosa, porque pelos seus méritos e súplicas faz com que o Espírito Santo opere em nós disposições semelhantes às que esse mesmo Espírito operava em sua alma. Vive em nós real e fisicamente no momento da sagrada comunhão e, pelo seu divino Espírito, comunica às nossas almas os seus afetos e virtudes. Também vivemos nele e, incorporados nele, livremente recebemos dele os movimentos que nos animam; livremente nos esforçamos para imitar suas virtudes, tendo presente que somente o conseguiremos por meio da graça que Ele nos mereceu; e livremente aderimos a Ele, como os ramos ao caule, abrindo nossa alma à seiva divina que Ele nos dá com tanta liberalidade. Como tudo recebemos dele, é *por Ele e para Ele* que vivemos, muitíssimo felizes em dar-nos a Ele como Ele se dá a nós, apenas condoendo-nos de fazê-lo de modo tão imperfeito.

292. 3. A vida cristã, em certa medida, é também uma *participação da vida de Maria*, ou, como diz M. Olier, a *vida de Jesus que vive em Maria*. Com efeito, Jesus, desejando que sua santa Mãe seja de si uma imagem viva, pelos seus méritos e súplicas comunica-lhe o seu divino Espírito, que a faz participar, em grau supereminente, das suas disposições e virtudes. Assim, Jesus *vive em Maria* e, como deseja que sua Mãe seja também nossa, quer que Ela nos gere espiritualmente. Ora, Maria, ao gerar em nós a vida espiritual (como causa secundária, conforme explicado), faz-nos participar não somente da vida de Jesus, mas também da sua própria. Portanto, temos parte na vida de Maria ao mesmo tempo que na vida de Jesus, ou, em outros termos, na vida de Jesus que vive em Maria. Este pensamento foi tão bem expressado naquela bela oração do Pe. de Condren, completada pelo Mons. Olier: “*Ó Jesus, que vives em Maria, vem e vive em teus servos.*”

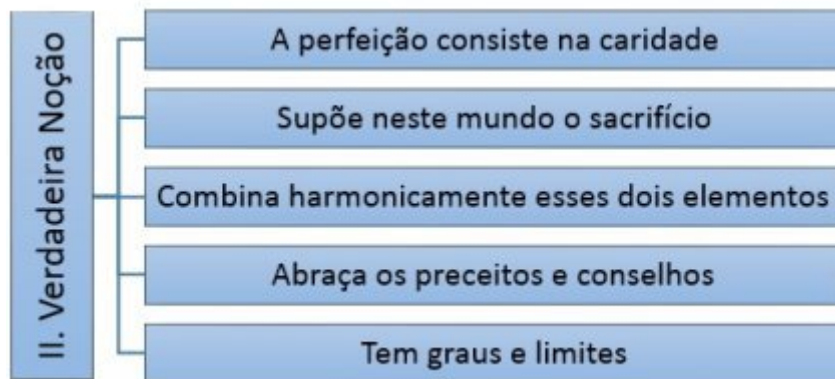
293. 4. Por fim, essa vida é uma *participação na vida dos Santos do céu e da terra*. Como vimos, o corpo místico de Cristo compreende, na realidade, todos os que foram a ele incorporados pelo batismo e, de modo particular, todos os que desfrutam da graça e da glória. Todos os membros desse corpo místico participam dessa mesma vida, que recebem da cabeça,

e que se difunde em suas almas pelo mesmo Espírito Santo. Portanto, somos verdadeiramente todos irmãos. Recebemos do mesmo Pai, que é Deus, pelos méritos do mesmo Redentor, uma participação da mesma vida espiritual, cuja plenitude reside em Jesus Cristo: “*Todos nós recebemos da sua plenitude graça sobre graça*” (Jo 1, 16). Assim, os Santos do céu e da terra estão interessados em nosso progresso espiritual e ajudam-nos em nossa luta contra a carne, o mundo e o demônio.

294. Quão consoladoras essas verdades! Neste mundo, é fato, a vida espiritual é uma luta. Todavia, ainda que o inferno lute contra nós e encontre no mundo aliados, sobretudo a tríplice concupiscência, o Céu combate a nosso favor. E o Céu não é apenas o exército dos anjos e dos santos, é Cristo vencedor de Satanás, é a Trindade Santíssima que vive e reina em nossas almas. Portanto, se desconfiarmos de nós mesmos e colocarmos nossa confiança sobretudo em Deus, podemos e devemos viver cheios de esperança, certos da vitória: “*Tudo posso naquele que me conforta*” (Fl 4, 13).

CAPÍTULO III – PERFEIÇÃO DA VIDA CRISTÃ

295. Todo tipo de vida deve aperfeiçoar-se, mas, sobretudo, a vida cristã, que por natureza é essencialmente *progressiva* e somente atingirá o seu termo no céu. Portanto, precisamos verificar *em que consiste essa perfeição*, para que assim possamos nos orientar nos caminhos que a ela conduzem. Posto que há erros e ideias mais ou menos incompletas sobre esse ponto tão fundamental, começaremos por eliminar as *falsas noções* de perfeição cristã, para em seguida expor a sua *verdadeira natureza*.



Art. I – FALSAS NOÇÕES DE PERFEIÇÃO

As falsas noções são encontradas entre os *incrédulos*, *mundanos* e *falsos devotos*.

296. 1º - Aos olhos dos *incrédulos*, a perfeição cristã é apenas um *fenômeno subjetivo* que não corresponde a uma realidade concreta.

A. Muitos deles somente estudam com preconceitos destrutivos o que denominam fenômenos místicos, sem distinguir os verdadeiros dos falsos místicos. Entre eles citamos Max Nordau, J. H. Leuba, E. Murisier^[221]. Afirmam que a pretensa perfeição dos místicos não é mais que um fenômeno mórbido, uma espécie de psicose, de exaltação do sentimento religioso e até mesmo uma forma de amor sexual, como revelam os termos desposório, matrimônio espiritual, beijo, abraço, carícias divinas, tantas vezes encontrados em seus escritos.

Esses autores, evidentemente, conhecem apenas o amor profano e nada compreendem do amor divino. A esses poderiam ser aplicadas as palavras de Nosso Senhor: “*Não atireis aos porcos as vossas pérolas*” (Mt 7, 6). Contudo, outros psicólogos, como W. James, alertam aos primeiros que o instinto sexual nada tem a ver com a santidade; que os verdadeiros místicos praticaram a pureza heroica; alguns nada ou quase nada provaram das fraquezas da carne; outros, por meios heroicos, venceram tentações violentas, por exemplo, revolvendo-se entre espinhos. Se, pois, utilizaram uma linguagem que retrata o amor humano, é porque não encontraram outra mais apropriada para exprimir analogicamente as ternuras do amor divino.

^[222] Destarte, mostraram em toda a sua conduta, pelas grandes obras que empreenderam e concluíram com êxito, que eram pessoas sábias e prudentes, e que, em todo caso, somente podemos bendizer as “neuroses” que nos deram Tomás de Aquino e Boaventura, Inácio de Loyola e Francisco Xavier, Teresa de Jesus e João da Cruz, Francisco de Sales e Joana de Chantal, Vicente de Paulo e Mademoiselle Legras, Bérulle e Olier, Afonso de Liguori e Paulo da Cruz.

297. B. Outros incrédulos fazem justiça aos nossos místicos, ainda que duvidando da realidade objetiva dos fenômenos que estes descrevem: tais são William James e Máximo de Montmorand.^[223] Reconhecem que o sentimento religioso produz nas almas efeitos maravilhosos, um impulso invencível para o bem, uma dedicação sem limites para com o próximo, que o suposto egoísmo deles é, no fundo, uma caridade eminentemente social, que tem uma influência muito benéfica, que a sede de sofrimento não os impede de gozar de inefáveis delícias e de derramar um pouco de felicidade ao seu redor. Porém, questionam se tais místicos não são vítimas de autossugestão ou de alucinação. A estes respondemos que efeitos tão salutares somente podem advir de uma causa proporcional a esses resultados; que no seu conjunto, o bem real e duradouro só pode ter origem na verdade e que, se apenas os místicos cristãos praticaram as virtudes em grau heroico e produziram obras sociais proveitosas, então a contemplação e o amor de Deus, que as inspiraram, não são alucinações, mas realidades vivas e operantes: “*Pelos seus frutos os conhecereis*” (Mt 7, 20).

298. 2º - Os *mundanos*, mesmo quando conservam a fé, muitas vezes possuem falsos conceitos sobre a perfeição, a que chamam *devoção*.

A. Alguns veem os *devotos* como hipócritas que, sob um manto de piedade, escondem vícios odiosos ou projetos políticos ambiciosos, como o desejo de dominar as consciências para com isso governar o mundo. Essa falácia é confundir a coisa em si com o *abuso*. Ao longo desse estudo veremos que a simplicidade, a lealdade e a humildade são as verdadeiras características da *devoção*.

299. B. Outros consideram a piedade como uma *exaltação da sensibilidade* e da imaginação, uma espécie de emotividade, boa, quando muito, para mulheres e crianças, mas indigna de homens que se querem guiar pela razão e pela vontade. Contudo, quantos homens aparecem no catálogo dos Santos, que se distinguiram por um notável bom senso, uma inteligência superior, uma vontade enérgica e constante? Ou seja, também aqui essas pessoas confundem a caricatura com o retrato.

300. C. Finalmente, há aqueles que afirmam que a perfeição é uma *utopia irrealizável* e, por isso mesmo, *perigosa*. Entendem que basta observar os mandamentos e especialmente socorrer o próximo, sem perder o tempo em práticas minuciosas ou à busca de virtudes extraordinárias. Para comprovar-se o equívoco, basta ler a vida dos Santos, onde evidencia-se que a perfeição pode realizar-se na terra, e que a prática dos conselhos, longe de prejudicar a observância dos preceitos, somente a torna mais fácil.

301. 3º - Mesmo entre *devotos*, há quem se engane sobre a verdadeira natureza da perfeição, concebendo-a “*segundo a sua paixão e fantasia*”.^[224]

A. Muitos, confundindo *devoção* com *devoções*, pensam que a perfeição consiste em rezar muitas orações e pertencer a muitas confrarias, até mesmo em detrimento dos deveres de estado, que às vezes relegam para fazerem um ou outro piedoso exercício, ou com dano à virtude da caridade para com as pessoas de casa. Isso é substituir o principal pelo acessório, é sacrificar o fim pelos meios.

302. B. Outros dedicam-se a *jejuns* e *austeridades* a ponto de esgotar as forças do corpo, tornando-o incapaz de bem cumprir os deveres de estado, crendo que com isso estão dispensados praticar a caridade para com o próximo. Não ousam sequer tocar com a ponta da língua no vinho, mas não hesitam “mergulhá-la no sangue do próximo com a maledicência e a calúnia”.^[225] Também isso é não compreender a essência da perfeição, é negligenciar o dever principal da caridade, trocando-o por práticas boas, sem dúvida, mas de menor importância. O mesmo raciocínio aplica-se ao erro daqueles que dão *generosas esmolas*, mas recusam-se a perdoar os inimigos, ou perdoam, mas não pensam em pagar as próprias dívidas.

303. C. Alguns confundem *consolações espirituais* com fervor. Acreditam-se perfeitos quando sentem a alma inundada de alegria e oram com facilidade e, por outro lado, veem-se relaxados quando são invadidos por securas e distrações. Esquecem que o importante diante de Deus é o *esforço generoso* e constantemente renovado, em que pese os aparentes insucessos.

304. D. Outros, aficionados por ações e *obras exteriores*, descuidam da vida interior para dedicar-se mais intensamente ao apostolado. Esquecem que *a alma de todo apostolado* é a oração habitual, que atrai a graça divina e traz fecundidade às ações.

305. E. Por fim, alguns, depois de lerem livros místicos ou biografias de santos, em que se descrevem êxtases e visões, imaginam que a perfeição consiste nesses fenômenos extraordinários e fazem esforços mentais e imaginativos para experimentá-los. Não entenderam que os próprios místicos testemunham que esses fenômenos são secundários, que não constituem a santidade e não devem ser cobiçados, e que o caminho da conformidade com a vontade de Deus é muito mais seguro e prático.

Tendo aparado as arestas, ou seja, entendido o que não é perfeição, estamos mais aptos a compreendê-la em sua verdadeira essência.

Art. II – A VERDADEIRA NOÇÃO DE PERFEIÇÃO^[226]

306. Estado da questão. Para bem solucionar esse problema, vamos primeiramente fixar com precisão o estado da questão.

1º - Na ordem natural, um ser é perfeito (*per-fectum*) quando está terminado, pronto, ou seja, quando atinge o seu fim. “*Cada um é considerado perfeito quando atinge seu fim próprio, que é a sua última perfeição.*”^[227] Esta é a perfeição *absoluta*. Porém há outra, *relativa e progressiva*, que consiste em ir se aproximando desse fim por meio do desenvolvimento de todas as faculdades e do exercício de todos os deveres, segundo os ditames da lei natural manifestada pela reta razão.

307. 2º - Mesmo na ordem natural o *fim do homem* é Deus: 1) criados por *Ele*, somos necessariamente criados *para Ele*, porque Deus não pode, obviamente, encontrar um fim mais perfeito do que Ele mesmo, porque Ele é a plenitude do ser. Por outro lado, seria indigno dele criar algo para um fim imperfeito. 2) Destarte, sendo Deus a perfeição infinita e, portanto, a fonte de toda a perfeição, o homem é tão mais perfeito quanto mais próximo estiver de Deus e participar das suas divinas perfeições. Por essa razão, jamais ele encontrará nas criaturas algo que o satisfaça em suas legítimas aspirações: “*O fim último do homem é o bem incriado, ou seja, Deus, que é o único capaz, por sua infinita bondade, de satisfazer completamente a vontade humana.*”^[228] Portanto, é preciso orientar para Deus todas as nossas ações; conhecê-lo, amá-lo e servi-lo, e com isso glorificá-lo: essa é a finalidade da vida e a fonte de toda a perfeição.

308. 3º Essa verdade é ainda mais evidente na ordem *sobrenatural*. Elevados gratuitamente por Deus a um estado que supera todas as nossas exigências e possibilidades; chamados a um dia a contemplá-lo pela visão beatífica e já o possuindo pela graça; dotados de um completo organismo sobrenatural para unir-nos a Ele pela prática das virtudes cristãs, **somente poderemos nos aperfeiçoar, evidentemente, se nos aproximarmos dele sem cessar.** E, como essa aproximação só é possível através da união com

Jesus Cristo, que é o caminho necessário para ir ao Pai, a nossa perfeição consiste *em viver para Deus em união com Jesus Cristo*: “*Viver totalmente para Deus, por Jesus Cristo.*”^[229] Fazemos isso ao praticar as *virtudes cristãs*, teologais e morais, pois o fim de todas é, direta ou indiretamente, unir-nos a Deus, fazendo-nos imitar Nosso Senhor Jesus Cristo.

309. 4º Ergue-se aqui o seguinte questionamento: Há entre essas virtudes alguma que resuma e abarque todas as demais, que seja, por assim dizer, *a essência da perfeição*? Resumindo a doutrina das Sagradas Escrituras e a dos Santos Padres, Santo Tomás responde que sim e ensina que a perfeição consiste essencialmente no *amor de Deus e do próximo* por Deus. “*Por si mesma e essencialmente a perfeição cristã consiste na caridade; primordialmente no amor de Deus e, depois, secundariamente, no amor do próximo.*”^[230] Porém, como na vida presente não se consegue praticar o amor de Deus sem renunciar ao amor desordenado de si mesmo, ou seja, à tríplice concupiscência, na prática é necessário juntar o sacrifício ao amor. Sobre isso trataremos a seguir, mostrando: 1) como o amor de Deus e do próximo constitui a essência da perfeição; 2) porque esse amor deve chegar até o sacrifício; 3) como se combinam esses dois elementos; 4) como a perfeição requer a observância tanto dos preceitos como dos conselhos; 5) quais os graus de perfeição e qual seu ápice na terra.

II.I - A CARIDADE É A ESSÊNCIA DA PERFEIÇÃO

310. Primeiramente explicaremos o *sentido da tese*. O amor de Deus e do próximo, de que tratamos, é *sobrenatural* tanto no seu *objeto* como no seu *motivo* e no seu *princípio*. O Deus que amamos é aquele que a *revelação* nos manifesta, isto é, o Deus Trindade. Amamo-lo porque a fé apresenta-o como *infinitamente bom e amável*. Amamo-lo com a *vontade* aperfeiçoada pela virtude da *caridade* e ajudada pela *graça atual*. Portanto, é um amor que não é mero *sentimento*. Como o homem é composto de corpo e alma, não há dúvida que muitas vezes um elemento sensível mistura-se com os mais nobres afetos. Porém, esse sentimento por vezes inexistente e, de qualquer modo, é absolutamente acessório. A essência própria do amor é a dedicação, a vontade firme de dar-se e, se necessário for, de

imolar-se totalmente por Deus e pela sua glória, preferindo o seu agrado antes do nosso e o das criaturas.

311. O mesmo pode-se dizer do amor ao próximo, guardadas as devidas proporções. É o próprio Deus que amamos nele, porque ele é imagem e reflexo das divinas perfeições. Portanto, a razão que nos leva a amá-lo é a bondade divina, que é nele manifestada, expressa e irradiada. Em termos mais concretos, o que vemos e amamos em nossos irmãos são almas habitadas pelo Espírito Santo, adornadas pela graça divina, resgatadas pelo preço do sangue de Cristo. Ao amá-los, desejamos-lhes o bem sobrenatural, o aperfeiçoamento das suas almas e a eterna salvação.

Pelo exposto, não há duas virtudes de caridade, uma para com Deus, outra para com o próximo. Há somente uma, que compreende ao mesmo tempo o amor a Deus, que amamos por si mesmo, e ao próximo, que amamos por Deus. Com essas noções, será fácil compreender que a perfeição consiste na virtude da caridade.

II.I.I - Provas da Tese

312. 1º Vejamos o que nos diz a **Sagrada Escritura: A)** Tanto no Antigo como no Novo Testamento, o que domina e resume toda a Lei é o grande preceito da caridade; caridade para com Deus e para com o próximo. Assim, quando um doutor da lei perguntou a Nosso Senhor o que é preciso para ganhar a vida eterna, o divino Mestre respondeu-lhe simplesmente: Que diz a Lei? E o doutor, sem hesitar, menciona o texto do Deuteronômio: *“Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma, de todas as tuas forças e de todo o teu pensamento (Dt 6,5); e a teu próximo como a ti mesmo (Lv 19,18).”* E Jesus aprovou a resposta dizendo: *“Faze isto e viverás” (Lc 10, 25–29).* Além disso, acrescenta em outro local que esse duplo mandamento do amor a Deus e ao próximo, encerra toda a Lei e os Profetas (Mt 22, 39-40). O mesmo declara São Paulo, em outros termos, quando, depois de relembrar os principais mandamentos do Decálogo, acrescenta que a plenitude da Lei é o amor: *“Portanto, a caridade é o pleno cumprimento da lei” (Rm 13, 10).* Portanto, o amor a Deus e ao próximo é, ao mesmo tempo, a síntese e a plenitude da Lei. Ora, a perfeição cristã só

pode ser o cumprimento perfeito e integral da Lei, porque a Lei é o que Deus quer e, afinal, o que há de mais perfeito que a santíssima vontade de Deus?

313. B) Outra prova extrai-se da doutrina de *São Paulo* sobre a caridade, do capítulo 13 da 1ª Epístola aos Coríntios. Nesta passagem, em linguagem lírica, ele descreve a excelência da caridade, a sua superioridade sobre os carismas ou graças gratuitamente dadas e sobre as outras virtudes teologais: a fé e a esperança. Além disso, diz que ela resume e contém eminentemente todas as virtudes e, mais ainda, que é o conjunto de todas elas: *“A caridade é paciente, a caridade é bondosa. Não tem inveja. A caridade não é orgulhosa. Não é arrogante. Nem escandalosa. Não busca os seus próprios interesses, não se irrita, não guarda rancor. ...”* Conclui o texto dizendo que os carismas passarão, que desaparecerão a fé e a esperança, mas que a caridade é eterna. Não está ele ensinando que ela, além de ser a rainha e a alma das virtudes, é também tão excelente que basta para tornar um homem perfeito, comunicando-lhe todas as virtudes?

314. C) *São João*, o apóstolo do amor divino, dá-nos a razão fundamental dessa doutrina. Deus, diz ele, *“Deus é amor”* (Jo 4, 8 e 16); esta é, por assim dizer, sua nota característica. Se, pois, quisermos parecer com Ele, ser perfeitos como o Pai celeste, devemos amá-lo como Ele nos amou, *“porque Ele nos amou primeiro”* (I Jo 4, 10). Como não podemos amá-lo, sem amar o próximo, devemos amar o querido próximo até o sacrifício: *“Também nós outros devemos dar a nossa vida pelos nossos irmãos”* (I Jo 3, 16). *“Caríssimos, amemo-nos uns aos outros, porque o amor vem de Deus, e todo o que ama é nascido de Deus e conhece a Deus. Aquele que não ama não conhece a Deus, porque Deus é amor. ... Nisto consiste o amor: não em termos nós amado a Deus, mas em ter-nos ele amado, e enviado o seu Filho para expiar os nossos pecados. Caríssimos, se Deus assim nos amou, também nós nos devemos amar uns aos outros. ... Deus é amor, e quem permanece no amor permanece em Deus e Deus nele.”*^[231] Não se poderia afirmar mais claramente que toda a perfeição consiste no amor a Deus e ao próximo por Deus.

315. 1º Se perguntarmos a esse respeito à *razão* iluminada pela *fé*, quer analisemos a *natureza da perfeição*, ou a *natureza da caridade*, chegaremos à mesma conclusão.

A. A perfeição de um ser, já dissemos, consiste em alcançar o seu fim ou em aproximar-se dele o mais possível (nº 306). Ora, o fim do homem, na ordem sobrenatural, é possuir a Deus para sempre pela visão beatífica e pelo amor que dele emana, e na terra, é aproximar-se desse fim, vivendo já em união íntima com a SS. Trindade que habita em nós e com Jesus, o Mediador necessário para ir ao Pai. Portanto, quanto mais unidos estamos com Deus, nosso último fim e fonte de nossa vida, mais perfeitos somos.

316. Entre as virtudes cristãs, a mais *unitiva*, a que une a alma inteira a Deus, é a divina caridade. As demais virtudes nos *preparam* para essa união, ou até dão-lhe *início*, mas *não podem consumá-la*. As virtudes morais, prudência, fortaleza, justiça, temperança, etc., não nos unem *diretamente* a Deus. Limitam-se a remover ou diminuir os obstáculos que dele nos afastam, aproximando-nos dele pela conformidade com a reta ordem. Assim, a temperança, combatendo o uso imoderado do prazer, atenua um dos mais fortes obstáculos ao amor de Deus; a humildade, minorando o orgulho e o amor-próprio, predispõe-nos à prática da divina caridade. Além disso, essas virtudes, fazendo-nos observar a ordem ou a justa medida, subordinam a nossa vontade à de Deus, aproximando-nos dele. Quanto às virtudes *teológicas*, que não a caridade, unem-nos sem dúvida a Deus, mas de maneira incompleta. A *fé* nos une a Deus, verdade infalível, e faz-nos ver as coisas à luz divina, mas não é incompatível com o pecado mortal, que nos separa de Deus. A *esperança* eleva-nos a Deus, enquanto um bem para nós, e faz-nos desejar os bens celestes, mas pode coexistir com pecados graves, que nos afastam do nosso fim.

317. Somente a caridade une-nos inteiramente à Deus. Ela pressupõe a fé e a esperança, mas ultrapassa-as. Apodera-se *totalmente de nossa alma*; inteligência, coração, vontade, energia, e entrega-a sem reservas a Deus. *Exclui o pecado mortal*, esse inimigo de Deus, e faz-nos gozar da amizade divina: “*Se alguém me ama, guardará a minha palavra e meu Pai o amará*” (Jo 14, 23). A amizade é a união, a fusão de duas almas numa só: “*um coração e uma alma, ... os mesmos gostos e aversões.*” É a união completa

de todas as nossas faculdades: união do *intelecto*, que faz com que nosso pensar se amolde ao de Deus; da *vontade*, que nos faz abraçar a vontade divina, como se fosse nossa; de *coração*, que nos move a dar-nos inteiramente a Deus, como Deus se dá a nós, “*Meu bem-amado é para mim e eu para ele,*” (Ct 2, 16); das *forças ativas*, em razão da qual Deus coloca o seu divino poder a serviço da nossa fraqueza, para permitir-nos executar nossos bons propósitos. Portanto, a caridade une-nos a Deus, nosso fim, a Deus infinitamente perfeito, e é o elemento essencial de nossa perfeição.

318. B) Se considerarmos a *natureza da caridade*, chegaremos à mesma conclusão. De fato, como nos mostra *São Francisco de Sales*, a caridade encerra em si todas as virtudes e comunica-lhes uma perfeição especial.^[232]

a) *A caridade abarca todas as virtudes.* Certamente a perfeição consiste em possuir as virtudes: quem possuir todas, não somente de modo incipiente, mas em grau elevado, será evidentemente perfeito. Porém, quem possuir a caridade, possuirá todas as virtudes em grau perfeito: *a fé*, sem a qual não se pode conhecer nem amar a infinita bondade de Deus; *a esperança*, que, inspirando-nos confiança, nos conduz ao amor. Também todas as *virtudes morais*, por exemplo: a *prudência*, sem a qual a caridade não poderia manter-se, nem crescer; a *fortaleza*, com a qual vencemos os obstáculos que se erguem contra o exercício da caridade; a *temperança*, que refreia a sensualidade, inimiga implacável do amor de Deus.

Com muita razão acrescenta São Francisco de Sales: “o *grande Apóstolo (I Cor 13, 4)* não diz somente que a caridade nos dá paciência, benignidade, constância, simplicidade; mas diz que ela própria é paciente, benigna, constante”, porque abarca em si a perfeição de todas as virtudes.

319. b) Comunica-lhes também uma *perfeição* e um valor especial, pois segundo a expressão de Santo Tomás^[233] ela é a *forma* de todas as virtudes. Diz São Francisco de Sales que: “As *virtudes separadas da caridade* são sempre imperfeitas, não podem atingir o seu fim, que é tornar o homem feliz. ... Não repugna, nem eu nego que, sem a caridade, elas possam gerar-se e crescer até certo ponto. Porém, para que elas tenham a perfeição necessária para se chamarem virtudes formadas, completas, é necessária a caridade, que lhes dá a força de ascenderem a Deus, e recolherem da

misericórdia divina o mel do verdadeiro mérito e da santificação dos corações em que se encontra.

A caridade está para as virtudes na mesma proporção em que o sol está para as estrelas: distribui por todas a sua claridade e beleza. A fé, a esperança, o temor de Deus, a penitência, vêm geralmente antes dela, a preparar-lhe nas almas morada e alojamento; mas desde que ela chega, obedecem-lhe e servem-na com as demais virtudes, e a todas a caridade anima, embeleza e vivifica com a sua presença.”^[234] Dito em outros termos, a caridade, ao orientar nossa alma diretamente para Deus, suprema perfeição e último fim, comunica às demais virtudes, que se ordenam sob o seu comando, a mesma direção e, por isso, o mesmo valor. Assim, um ato de obediência e de humildade, além do seu valor próprio, quando feito para *agradar a Deus*, recebe da caridade um valor muito maior, porque então converte-se em um ato de amor, ou seja, em um ato da mais perfeita das virtudes. Outrossim, esse ato torna-se mais *fácil* e *atrativo*, pois obedecer e humilhar-se custa muito à nossa orgulhosa natureza, mas quando estamos convictos de que, ao praticar tal ato, amamos a Deus e rendemos-lhe glória, facilitamos muito a sua consecução.

Portanto, a caridade não é somente a *síntese*, mas a *alma* de todas as virtudes, e une-nos a Deus de maneira tão perfeita e direta como nenhuma outra. Assim, a caridade é a própria essência da perfeição.

CONCLUSÃO

320. Posto que a essência da perfeição consiste no amor de Deus, segue-se que o caminho de *atalho* para alcançá-la é amar muito, amar generosa e intensamente e, sobretudo, com amor puro e desinteressado. Logo, não somente amamos a Deus quando rezamos um ato de caridade, mas também a cada vez que fazemos a sua vontade ou cumprimos algum dever, por menor que seja, com intenção de agradá-lo. Portanto, cada uma de nossas ações, mesmo as mais comuns, pode transformar-se em um ato de amor e fazer-nos progredir na perfeição. O progresso será tanto mais real e acelerado quanto mais intenso e generoso for esse amor e, por conseguinte, quanto mais *enérgico* e *constante* for o nosso esforço, pois o que importa diante de Deus é a vontade, o esforço, independentemente de toda emoção sensível.

E, como o amor sobrenatural ao próximo é também um ato de amor a Deus, todos os serviços que prestamos a nossos irmãos, vendo neles um reflexo das perfeições divinas ou, o que dá no mesmo, contemplando neles a Jesus Cristo, convertem-se em atos de amor que nos fazem progredir na santidade. Portanto, amar a Deus e ao próximo por Deus, este é o segredo da perfeição, desde que, na terra, associemos a esse amor, o sacrifício.

II.II - A CARIDADE NA TERRA SUPÕE O SACRIFÍCIO

321. No céu amaremos sem necessidade de nos imolar, mas na terra as coisas são bem diferentes. No estado atual da natureza decaída, é *impossível* amar a Deus com amor verdadeiro e efetivo, sem nos sacrificar por Ele. Isto é o que se conclui do que acima dissemos (nº 74 e 75) sobre as inclinações da natureza corrompida, que permanecem no homem regenerado. Não podemos amar a Deus sem combater e mortificar essas inclinações. Esse combate, que inicia com o despertar da razão, termina somente com o último suspiro. Sem dúvida há momentos de trégua, em que a luta é menos intensa. Porém, mesmo nesses períodos não podemos largar as armas sem nos expor à contraofensiva do inimigo. Prova-se esse fato pelo *testemunho da Sagrada Escritura*.

1. **A Sagrada Escritura** deixa claro a necessidade absoluta do sacrifício ou da abnegação para amar a Deus e ao próximo.

322. A) A todos os seus discípulos Nosso Senhor dirige este convite: “*Se alguém quer vir após mim, renegue-se a si mesmo, tome cada dia a sua cruz e siga-me.*”^[235]* Para seguir e amar Jesus, é condição essencial renunciar a si mesmo, ou seja, às más inclinações da natureza: egoísmo, orgulho, ambição, sensualidade, luxúria, amor desordenado do bem-estar e das riquezas. Levar a cruz é aceitar os sofrimentos, as privações, as humilhações, os revezes da fortuna, as fadigas, as doenças, em suma, todas essas cruces providenciais que Deus nos envia para provar-nos, firmar-nos na virtude e facilitar a expiação de nossos pecados. Então, e só então, seremos seus discípulos e avançaremos no caminho do amor e da perfeição.

Esse ensinamento é confirmado pelo *próprio exemplo* de Nosso Senhor. Ele, que desceu do céu com o propósito de mostrar-nos o caminho

da perfeição, não percorreu outro senão o da cruz: *A vida inteira de Cristo foi cruz e martírio*. Da manjedoura ao calvário, seu caminho foi uma longa série de privações, humilhações, fadigas, trabalhos apostólicos, que culminaram com as angústias e tormentos de sua dolorosa Paixão. Eloquentemente comentário é este: “*Se alguém quer vir após mim*”, pois, se houvesse outro caminho mais seguro, certamente nos mostraria. Porém, sabendo que não há outro, trilhou-o à nossa frente, para sermos atraídos a segui-lo: “*E quando eu for levantado da terra, atrairei todos os homens a mim*” (Jo 12, 32). Os Apóstolos assim o compreenderam e, como São Pedro, repetem-nos que Cristo padeceu por nós para que fôssemos atraídos a segui-lo: “*Também Cristo padeceu por vós, deixando-vos exemplo para que sigais os seus passos*” (I Pe 2, 21).

323. B) São Paulo traz-nos a mesma doutrina. Pare ele, a perfeição cristã consiste em despojar-nos do homem velho, para revestir-nos do novo: “*Vós vos despistes do homem velho com os seus vícios, e vos revestistes do novo*” (Cl 3, 9-10). O homem velho é o complexo das más inclinações que herdamos de Adão, é a tríplice concupiscência que deve ser combatida e refreada pelo exercício da mortificação. Destarte, diz ele claramente que os que querem ser discípulos de Cristo devem crucificar os vícios e concupiscências: “*Pois os que são de Jesus Cristo crucificaram a carne, com as paixões e concupiscências*” (Gl 5, 24). Tão essencial é essa condição, que o próprio Apóstolo sente-se compelido a castigar o seu corpo e refrear a concupiscência, para não arriscar ser reprovado: “*Castigo o meu corpo e o mantenho em servidão, de medo de vir eu mesmo a ser excluído depois de eu ter pregado aos outros*” (I Cor 9, 27).

324. C) São João, o apóstolo do amor, não é menos categórico. Ele ensina que, para amar a Deus, é preciso guardar os mandamentos e combater a *tríplice concupiscência* (nº 192 - 63) que reina como senhora no mundo. Acrescenta ainda que, aquele que ama o mundo e o que há no mundo, isto é, a tríplice concupiscência, não possui o amor de Deus: “*Não ameis o mundo nem as coisas do mundo. Se alguém ama o mundo, não está nele o amor do Pai.*” (I Jo 2, 15). Contudo, para odiar o mundo e as suas seduções, é evidentemente necessário praticar o espírito de sacrifício, privando-se dos prazeres maus e perigosos.

325. 2. Destarte, essa necessidade de sacrifício é consequência do *estado da natureza decaída*, como o descrevemos no nº 74, e da *tríplice concupiscência* (nº 193 e ss.). De fato, é impossível amar a Deus e ao próximo sem sacrificar generosamente tudo o que se opõe a esse amor. Tal é o caso da tríplice concupiscência, como já explicamos. Portanto, é mister combatê-la sem trégua nem descanso se quisermos progredir na caridade.

326. Daremos alguns exemplos. Os nossos *sentidos exteriores* tendem com ânsias ao que lhes agrada, pondo em perigo a nossa própria virtude. Que deveremos fazer para não nos deixar arrastar? Nosso Senhor no-lo diz na sua enérgica linguagem: “*Se teu olho direito é para ti causa de queda, arranca-o e lança-o longe de ti, porque te é preferível perder-se um só dos teus membros, a que o teu corpo todo seja lançado na geena*” (Mt 5, 29). Isso quer dizer que devemos, por meio da mortificação, preservar os olhos, os ouvidos e todos os sentidos do que é ocasião de pecado. Sem isso não pode haver salvação, nem perfeição. O mesmo se diga dos *sentidos interiores*, em particular da imaginação e da memória. Ficamos expostos a muitos males se desde o início não reprimimos as suas fantasias.

As próprias faculdades superiores, o *intelecto* e a *vontade*, estão sujeitos a muitos desvios: curiosidade, independência, orgulho. Para trazê-las ao jugo da fé e da humilde submissão à vontade de Deus e de seus representantes, requer-se trabalho incessante e esforço.

Forçoso é reconhecer que, se queremos amar a Deus e ao próximo por Deus é preciso mortificar o egoísmo, a sensualidade, o orgulho, o amor desordenado das riquezas e, por isso, o sacrifício impõe-se como condição essencial do amor de Deus na terra.

Não é diferente o que nos diz Santo Agostinho, com estas palavras: “*Dois amores fundaram, pois, duas cidades a saber: o amor-próprio levado ao desprezo de Deus, a terrena; o amor a Deus, levado ao desprezo de si próprio, a celestial.*”^[236] Em outros termos: ninguém pode amar verdadeiramente a Deus sem desprezar-se a si mesmo, isto é, sem combater as más inclinações. Quanto ao que há de bom em nós, devemos render as homenagens ao primeiro autor e desenvolvê-lo com constantes esforços.

327. Impõe-se a **conclusão** de que, para a perfeição, é necessário multiplicar tanto os atos de amor como os *atos de sacrifício*, pois que neste

mundo ninguém pode amar sem imolar-se. Em resumo, pode-se dizer que todas as nossas boas obras são ao mesmo tempo atos de amor e atos de sacrifício. Enquanto nos desapegam das criaturas e de nós mesmos, são sacrifícios; enquanto nos unem a Deus, são atos de amor. Resta ver como harmonizam-se esses dois elementos.

II.III - AMOR E SACRIFÍCIO: FUNÇÕES NA VIDA CRISTÃ

328. Posto que o amor e o sacrifício exercem funções na vida cristã, qual será o papel de cada um desses dois elementos? Nessa matéria há pontos em que todos concordam, mas há também divergências. Porém, na prática os homens ponderados das diversas escolas chegam a conclusões que são sensivelmente as mesmas.

329. 1º - Todos admitem que, na ordem *ontológica* ou de *dignidade*, o amor em si ocupa o primeiro lugar. Ele é o *termo* e o *elemento essencial* da nossa perfeição, como provamos na primeira tese, nº 312. Assim, é o amor que deve ser considerado antes de tudo e buscado sem descanso, pois é ele que dá significado e constitui-se no valor principal do sacrifício. Portanto, deve-se falar dele desde o início da vida espiritual, salientando-se que o amor de Deus facilita singularmente o sacrifício, mas nunca pode dispensá-lo.

330. 2º - Quanto à *ordem cronológica*, todos admitem que esses dois elementos são *inseparáveis* e devem ser, por conseguinte, cultivados simultaneamente e até mesmo unidos, pois **não há na terra amor verdadeiro sem sacrifício**, e o sacrifício feito por Deus é um dos melhores sinais de amor.

Em suma, toda a questão se reduz a esta: na *ordem cronológica*, sobre qual *elemento* devemos *insistir*, no amor ou no sacrifício? Sobre isso encontramos duas tendências de duas escolas distintas.

331. A) São Francisco de Sales, apoiando-se em muitos representantes da Escola Beneditina e Dominicana, e confiando nos recursos que a

natureza humana regenerada oferece, põe em primeiro lugar o amor de Deus, para que melhor aceitemos e pratiquemos o sacrifício, sem, contudo, excluí-lo. Pelo contrário, pede à sua *Filoteia* muita abnegação e sacrifício. Se o faz de forma muito cuidadosa e delicada, é para atingir melhor o seu propósito. Percebe-se isso desde o primeiro capítulo da *Introdução à Vida Devota*: “A verdadeira devoção, *Filoteia*, pressupõe o amor de Deus, ou melhor, ela mesma é o mais perfeito amor de Deus ... E como a devoção consiste essencialmente num amor acendrado, ela nos impele e nos incita não somente a observar os mandamentos da lei de Deus, pronta, ativa, e diligentemente, mas também a praticar boas obras, que são apenas conselhos ou inspirações divinas.” Ora, observar os mandamentos, seguir os conselhos e inspirações da graça, é seguramente praticar um alto grau de mortificação. Destarte, o santo exige que *Filoteia* comece a purificar-se não somente dos pecados mortais, mas também dos veniais, da afeição às coisas inúteis e perigosas e das más inclinações. E, quando fala das virtudes, não esquece o seu aspecto mortificante. O que de fato ele deseja é que tudo seja temperado com o amor a Deus e ao próximo.

332. B) Por outro lado, a Escola Inaciana e a Francesa do século XVII, sem olvidar que o amor de Deus é o fim a ser atingido e que deve animar todas as ações, colocam em primeiro lugar, sobretudo para os principiantes, a abnegação, o amor à cruz ou a crucificação do homem velho, como o meio mais seguro de chegar ao amor verdadeiro e afetivo.^[237] Parecem reear que, se no princípio não se der ênfase a esse aspecto, muitas almas cairão na ilusão, julgando-se já muito avançadas no amor de Deus, quando de fato sua piedade é muito mais sensível e aparente do que real, e isso dá origem, quando surgem as tentações graves e a aridez, a lamentáveis quedas. Além disso, o sacrifício corajosamente aceito por amor a Deus, conduz a uma caridade mais generosa e constante, e o exercício habitual do amor a Deus coroa o edifício espiritual.

333. Conclusão prática. Sem almejar dirimir a controvérsia, indicamos algumas conclusões admitidas *pelos mais ponderados* de cada uma das escolas.

A. *Dois excessos* devem ser evitados: **a)** o de prematuramente querer lançar as almas no que se chama *via do amor*, sem as exercitar ao mesmo

tempo nas práticas austeras da abnegação quotidiana. Como dito, isso abre portas para ilusões e quedas muitas vezes deploráveis. Quantas almas que, ao saborear consolações sensíveis que Deus concede aos principiantes, julgam-se fortes na virtude, e por isso expõem-se a ocasiões de pecado, cometem imprudências e acabam caindo em faltas graves?! Um pouco mais de mortificação, de humildade verdadeira, de desconfiança de si mesmo, uma luta mais corajosa contra as paixões, evitaria essas quedas.

b) Outro excesso é falar somente de abnegação e mortificação, sem esclarecer que são, ou apenas meios para chegar ao amor de Deus, ou manifestações desse mesmo amor. Por essa razão, algumas almas de boa vontade que ainda não estão fortalecidas, sentem repulsa e até desanimam. Teriam mais ardor e energia, se fosse enfatizado que esses sacrifícios tornam-se muito mais fáceis quando feitos por amor a Deus: “*Onde há amor, não há labor*” (*Ubi amatur, non laboratur*).^{[238]NT}

334. Evitando esses excessos, o diretor irá escolher para o seu penitente o caminho mais adequado ao seu caráter e às inspirações da graça.

a) Há almas *sensíveis* e *afetuosas* que somente são atraídas pela mortificação depois de se exercitarem durante algum tempo no amor de Deus. É bem verdade que esse amor é muito imperfeito, mais ardoroso e sensível que abnegado e duradouro. Porém, se houver o cuidado de valer-se desses fervores iniciais para mostrar-lhes que **o verdadeiro amor, sem sacrifício, não persevera**, e conseguir que, por amor a Deus, pratiquem alguns atos de penitência, reparação e mortificação, em particular os mais necessários para evitar o pecado, gradualmente terão a virtude robustecida e a vontade fortalecida, até chegar o momento em que compreendem que o sacrifício e o amor de Deus caminham de mãos dadas.

b) Por outro lado, se forem pessoas de caráter enérgico, acostumadas a agir por dever, pode-se, sem deixar de conscientizá-las de que a união com Deus é o fim último, insistir desde o princípio na abnegação como *pedra de toque* da caridade, levando-os a exercitar-se na penitência, humildade e mortificação, temperando sempre essas virtudes austeras com algo do amor de Deus ou de zelo pelas almas.

Com isso nunca separaremos o amor do sacrifício e mostraremos que esses dois elementos mutuamente se combinam e aperfeiçoam.

II.IV - A PERFEIÇÃO CONSISTE NOS PRECEITOS OU NOS CONSELHOS?

335. 1º - Estado da questão. Vimos que essencialmente a perfeição consiste no amor a Deus e ao próximo, levado até o sacrifício. Contudo, em relação ao amor e ao sacrifício, existem *preceitos e conselhos*. Os *preceitos mandam-nos* fazer alguma coisa, ou abster-se, sob pena de pecar. Os *conselhos convidam* a fazer por Deus mais do que é mandado, sob pena de imperfeição voluntária ou de resistência à graça. Nosso Senhor refere-se a isso ao dizer ao jovem rico: “*Se queres entrar na vida, observa os mandamentos. ... Se queres ser perfeito, vai, vende teus bens, dá-os aos pobres e terás um tesouro no céu. Depois, vem e segue-me!*” (Mt 19, 17–21). Portanto, basta, por exemplo, observar as leis da justiça e caridade em matéria de propriedade, para entrar no céu; mas, se quisermos ser perfeitos, precisaremos vender os bens, dar o valor aos pobres e, desse modo, praticar a pobreza voluntária. São Paulo também nos ensina que a *virgindade é um conselho* e não um preceito; que casar-se é bom, mas permanecer virgem é ainda melhor (I Cor 7, 25 - 40).

336. 2º - A solução. Em razão do exposto, alguns autores concluíram que a vida cristã consiste na *observância dos preceitos*, e a perfeição na dos *conselhos*. Esse é um modo muito superficial de ver as coisas e, mal compreendido, poderia levar a consequências funestas. Na realidade, *a perfeição requer* em primeiro lugar o *cumprimento dos preceitos* e, secundariamente, *a observância de um certo número de conselhos*.

Esse é certamente o ensinamento de Santo Tomás.^[239] Depois de demonstrar que a perfeição consiste no amor a Deus e ao próximo, conclui que na prática ela reside *essencialmente nos preceitos*, dos quais o principal é o da caridade, e *secundariamente nos conselhos* que também se referem todos à caridade, pois removem os obstáculos que se opõem ao seu exercício. Explicaremos a seguir essa doutrina.

337. A) A perfeição exige, em primeiro lugar e imperiosamente, o *cumprimento dos preceitos*. É muito importante imprimir fortemente esse conceito em certas pessoas que, por exemplo, sob pretexto de devoção, negligenciam os deveres de estado ou, para dar esmolas com mais alarde,

retardam indefinidamente o pagamento de suas dívidas, ou, em suma, a todos aqueles que desprezam algum preceito do Decálogo, pensando em buscar uma maior perfeição. É evidente que a violação de um preceito *grave*, como o de pagar as próprias dívidas, destrói em nós a caridade, e que o pretexto de dar esmolas não justifica a violação dessa lei natural. Do mesmo modo, a infração voluntária de um preceito em matéria leve, é um pecado venial que, embora não destrua a caridade, dificulta em maior ou menor grau o seu exercício e, sobretudo, ofende a Deus e diminui nossa intimidade com Ele. Isso é bem evidente em relação aos pecados veniais *deliberados e frequentes*, que criam em nós apegos desordenados, impedindo o progresso na perfeição. Portanto, para ser perfeito é necessário, antes de tudo, observar os mandamentos.

338. B) Mas essa observância deve ser acompanhada da *observância dos conselhos*, ou pelo menos de alguns deles, especialmente daqueles necessários para cumprir os nossos deveres de estado.

a) Assim, os *Religiosos*, que por voto obrigaram-se a praticar os três grandes conselhos evangélicos, de pobreza, castidade e obediência, por certo não alcançarão a santidade sem fidelidade à essa promessa. Destarte, essa observância facilita muito o amor de Deus, porque desapega a alma dos principais obstáculos que se erguem contra a caridade divina. A *pobreza*, despojando do amor desordenado das riquezas, liberta o coração para Deus e para os bens celestes. A *castidade*, privando dos prazeres da carne, até mesmo daqueles autorizados pelo santo estado do matrimônio, oportuniza um amor indiviso a Deus. A *obediência*, combatendo o orgulho e o espírito de independência, submete nossa vontade à de Deus. A obediência, se verificarmos bem, é um genuíno ato de amor.

339. Quanto àqueles que não fazem votos, para alcançar a perfeição, cada qual segundo a sua condição, devem observar o espírito desses votos, as inspirações da graça e os conselhos de um prudente diretor. Assim, praticarão: o *espírito de pobreza*, privando-se de muitas coisas inúteis, para empregar as economias em esmolas e obras de zelo apostólico; o *espírito de castidade*, mesmo casados, usando com moderação e algumas restrições os prazeres legítimos do matrimônio, sobretudo evitando com cuidado tudo que é proibido ou perigoso; o *espírito de obediência*, submetendo-se com

docilidade aos superiores, os quais considerarão como representantes de Deus, e às inspirações da graça, sob a orientação de um sábio diretor.

Portanto, amar a Deus e ao próximo por Deus, e sacrificar-se para melhor cumprir esse duplo preceito e os conselhos a eles relacionados, cada qual segundo o seu estado, eis a verdadeira perfeição.

II.V – OS DIVERSOS GRAUS DE PERFEIÇÃO

A perfeição tem *graus e limites* neste mundo, pelo que surgem duas questões: 1) quais são os principais *graus*; 2) quais os seus limites na terra?

II.V.I – Os Principais Graus de Perfeição

340. Os graus percorridos pela alma até a perfeição são numerosos. Não pretendemos enumerar todos, mas assinalar as principais etapas. A doutrina comum, exposta por Santo Tomás, segundo o objetivo principal visado, distingue três estágios principais, geralmente chamados de três vias: a dos *principiantes*, a das almas em *progresso*, e a dos *perfeitos*.

341. a) No *primeiro estágio*, a principal preocupação dos principiantes é não perder a caridade que possuem e, para isso, fazem esforços para *evitar o pecado*, sobretudo o *mortal*, e para vencer as más inclinações, as paixões e tudo que possa fazê-los perder o amor de Deus.^[240] É a via *purgativa*, porque seu fim é purificar a alma de seus pecados.

342. b) No *segundo estágio* pretende-se *avançar na prática positiva das virtudes* e fortalecer a caridade. Já purificado, o coração está mais aberto à luz e ao amor de Deus. Seguir Jesus e imitar suas virtudes é o que deseja e agrada a alma e, como segui-lo é caminhar na luz, essa via chama-se *iluminativa*.^[241] A alma empenha-se em evitar não somente o pecado mortal, mas também o venial.

343. c) No *terceiro estágio*, os perfeitos têm um único objetivo: *unir-se a Deus e ter nele as suas delícias*. Por buscarem continuamente a união com

Deus, diz-se que estão na *via unitiva*. O pecado lhes causa horror, porque temem desagradar e ofender a Deus. As virtudes os atraem, sobretudo as teologais, por serem meios de uni-los a Deus. O mundo lhes parece um desterro e, como São Paulo, anseiam pela morte para unirem-se a Cristo.^[242]

Tais características são apenas leves noções que serão desenvolvidas na segunda parte deste Compêndio, onde acompanharemos o progresso de uma alma desde o primeiro estágio, que é o da purificação, até à união transformadora que a prepara para a visão beatífica.

II.V.II – Os Limites da Perfeição na Terra.

344. Quando lemos a vida dos santos, especialmente a dos grandes contemplativos, ficamos maravilhados ao constatar a altura sublime que uma alma generosa, que nada recusa a Deus, pode elevar-se. Contudo, a nossa perfeição na terra tem *limites*, que não se deve desejar ultrapassar, sob pena de voltar-se a um nível inferior, ou até mesmo cair em pecado.

345. 1º - É certo que não podemos amar a Deus *tanto quanto Ele merece*. Deus é infinitamente digno de ser amado e, como o nosso coração é finito, somente pode amá-lo, até mesmo no céu, com um amor limitado. Todavia, pode uma alma esforçar-se para amá-lo sempre mais e, segundo São Bernardo, a medida do amor a Deus é amá-lo sem medida. Porém, devemos lembrar que o amor verdadeiro consiste menos em piedosos sentimentos que em atos de vontade, e que o melhor meio de amar a Deus é conformar a nossa vontade à dele, conforme explicaremos adiante ao tratarmos da conformidade com a vontade divina.

346. 2º Na terra não se pode amar a Deus ininterruptamente ou sem falhas. Por uma graça especial, que jamais é negada às almas de boa vontade, poderemos certamente evitar todo o *pecado venial de propósito deliberado*, mas não todos os originados da fragilidade. Na terra jamais seremos impecáveis. A Igreja já declarou isso em diversas ocasiões.

A. Na idade média, os *Begardos* chegaram a sustentar que “o homem, na vida presente, é capaz de adquirir tal grau de perfeição que se torna

absolutamente impecável e não possa crescer mais em graça.”^[243] Por isso concluíram que aquele que atingiu tal grau de perfeição não precisa jejuar nem orar, porque nesse estado a sensualidade está de tal modo submetida ao espírito e à razão, que se pode conceder ao corpo tudo o que lhe agrada; já não há obrigação de guardar os preceitos da Igreja, de obedecer aos homens, nem sequer de praticar atos de virtude, porque isso é próprio do homem imperfeito. Essas doutrinas são perigosas e acabam levando à imoralidade. Quando alguém se julga impecável e já não se exercita nas virtudes, em pouco tempo é presa das piores paixões. Foi o que aconteceu com os Begardos e, por isso, o Concílio de Viena, em 1311, com toda razão condenou-os.

347. B) No século XVII, Molinos ressuscitou esse erro ao ensinar que *“pela contemplação adquirida chega-se a um tal grau de perfeição que já não se cometem pecados, nem mortais, nem veniais”*. Todavia, o seu exemplo claramente demonstrou que seguindo tais máximas, que parecem tão elevadas, fica-se exposto a desordens escandalosas. Com justiça ele foi condenado por Inocêncio XI, em 19 de novembro de 1687. Quando se leem as proposições que ele ousou defender, espantamo-nos com as terríveis consequências a que essa pretensa impecabilidade pode levar.^[244] Sejamos pois, mais modestos, e contentemo-nos em emendar-nos dos pecados de propósito deliberado e em diminuir o número de faltas por fragilidade.

348. 3º - Neste mundo, não é possível amar a Deus *constante e habitualmente*, com amor perfeitamente puro e desinteressado, que *exclua qualquer ato de esperança*. Seja qual for o grau de perfeição a que se tenha chegado, há obrigação de fazer, de tempos em tempos, atos de esperança. Não podemos, de modo absoluto, permanecer indiferentes à nossa salvação. É fato que houve santos que, durante as *provações passivas*, conformaram-se momentaneamente com uma reprovação condicional, isto é, caso Deus a determinasse. Contudo, ainda assim protestavam que não queriam deixar de amar a Deus. Essas hipóteses devem ser descartadas, posto que Deus deseja a salvação de todos os homens.

Porém, pode-se, *de vez em quando*, realizar atos de amor puro, sem voltar-se de nenhum modo para si e, portanto, sem esperar ou desejar o céu *naquele momento*. Damos, como exemplo, este ato de amor de Santa

Teresa:^[245] “Não me move a querer-te, Senhor, o que me tendes prometido; nem me move o inferno tão temido, para por isso deixar de ofender-te. Tu me moves, Senhor, move-me ao ver-te cravado numa cruz e escarnecido; move-me ver teu corpo ferido; move-me tuas afrontas e tua morte. Move-me, enfim, teu amor, a tal ponto que ainda que não houvesse céu, amar-te-ia, e ainda que não houvesse inferno, temer-te-ia. Não tens que me dar algo para que te ame, pois, ainda quando não esperava o que espero, amava-te como te amo.”

349. Normalmente, nosso amor a Deus é uma *mistura de amor puro e de amor de esperança*, o que significa que amamos a Deus por Si mesmo, porque é infinitamente bom e também porque é a fonte da nossa felicidade. Esses motivos não são mutuamente excludentes, pois Deus quer que encontremos nossa felicidade ao amá-lo e glorificá-lo. Portanto, essa mistura de afetos não nos deve inquietar e, ao pensarmos no céu, fixemo-nos somente no fato de que a nossa felicidade consistirá em possuir a Deus, em vê-lo, amá-lo e glorificá-lo. Assim, o desejo e a esperança do céu não impedem que o motivo dominante de nossas ações seja verdadeiramente o amor de Deus.

CONCLUSÃO

350. Assim, *amor e sacrifício* constituem toda a perfeição cristã. Ora, com a graça de Deus, quem não pode realizar essa dupla condição? Será por acaso tão difícil amar Aquele que é infinitamente amável e amante? O amor que Ele nos pede não é algo extraordinário; é o amor-abnegação, o dom de si mesmo; especialmente, é a conformidade com a vontade divina. Portanto, querer amar é amar. Observar os mandamentos por Deus, é amar. Orar é amar. Cumprir os deveres do próprio estado para agradar a Deus, é também amar. Mais ainda, recrear-se, tomar as refeições, com essa mesma intenção, é amar; servir ao próximo por Deus, é amar. Então, com a graça de Deus, nada é mais fácil que praticar continuamente a divina caridade e, assim, progredir sem cessar na perfeição.

351. Sem dúvida o *sacrifício* parece mais difícil. Porém, não se requer que o amemos por si mesmo, basta amá-lo por Deus, ou, dito de outro modo, compreender que na terra não se pode amar a Deus sem renunciar a tudo o que se opõem ao seu amor. Então o sacrifício torna-se, inicialmente tolerável e, logo a seguir, amável. Por acaso uma mãe, que passa longas horas à cabeceira da cama de um filho doente, não aceita alegremente suas fadigas quando tem esperança e, sobretudo, certeza de salvar-lhe a vida? Assim, também, ao aceitar livremente, por amor a Deus, os sacrifícios que Ele deseja, temos não só esperança, mas certeza de que o agradamos, de que buscamos a sua glória e, ao mesmo tempo, de que trabalhamos para a salvação da nossa alma. E, para ajudar-nos, não temos os exemplos e auxílios do Homem-Deus? Não padeceu muito mais que nós pela glória do Pai e salvação de nossas almas? E nós, seus discípulos, incorporados a Ele pelo batismo, alimentados pelo seu Corpo e Sangue, hesitaríamos em sofrer em união com Ele, por amor a Ele e por suas mesmas intenções? Não é verdade que a cruz tem suas vantagens, especialmente para os corações que amam? Diz a Imitação de Cristo:^[246] “*Na cruz está a salvação, na cruz a vida, na cruz a proteção contra os nossos inimigos. Da cruz dimanam as suavidades celestes.*” Portanto, concluamos com as palavras de Santo Agostinho: “*Para os que amam não há trabalhos excessivamente penosos; encontra-se neles até mesmo deleite, como ocorre com os que amam a caça, a pesca, as vindimas, os negócios ... Porque, quando se ama, ou não se sofre, ou ama-se o sofrimento.*”^[247]

Apressemos-nos, então, em seguir pela via do sacrifício e do amor para chegar à perfeição, haja vista que este é o nosso dever.

CAPÍTULO IV – OBRIGAÇÃO DE TENDER À PERFEIÇÃO^[248]

352. Depois de haver exposto a *natureza* da vida cristã e a sua *perfeição*, é preciso examinar se existe uma verdadeira *obrigação* de nela progredir, ou se basta guardá-la preciosamente como quem guarda um tesouro. Para responder de forma mais precisa, examinaremos a questão em relação às três categorias de pessoas: 1º - Os simples *fiéis* ou *cristãos*; 2º - Os *religiosos*; 3º - Os *sacerdotes*, dando mais ênfase a este último ponto, em razão do fim especial a que nos propomos.

Art. I – OBRIGAÇÃO DOS CRISTÃOS EM GERAL

Veremos: 1º - a obrigação em si mesma; 2º - as razões que tornam essa tarefa mais fácil.

I.I - A OBRIGAÇÃO PROPRIAMENTE DITA

353. Em assunto tão delicado é importante sermos precisos ao máximo. É certo que para salvar-se é necessário e suficiente morrer em estado de graça. Assim, parece não haver para os *fiéis* outra obrigação além de preservar esse estado. Contudo, a questão mais exata é saber se, sem esforços para progredir na santidade, podemos nos conservar em estado de graça por muito tempo. Como veremos, a *autoridade* e a *razão iluminada pela fé* mostram-nos que, no estado de natureza decaída, não se consegue permanecer muito tempo em estado de graça se não houver *esforços* para progredir na vida espiritual e sem que se pratique, de vez em quando, alguns dos conselhos evangélicos.

I.I.I – Argumento de Autoridade

354. 1º - A *Sagrada Escritura* não aborda diretamente essa questão. Embora estabeleça o princípio geral de distinção entre preceitos e conselhos, em geral não esclarece o que há de obrigatório, ou não, nas exortações de Nosso Senhor. Todavia, insiste tantas vezes na santidade que deve revestir os cristãos, põe diante de nossos olhos um ideal tão elevado de perfeição, prega tão claramente, a *todos*, a necessidade de renúncia e de caridade, que são os elementos essenciais da perfeição, que, quem quer que a leia com imparcialidade, ficará convencido de que para salvar-se deverá necessariamente, em certos momentos, fazer mais do que o estritamente obrigado e, portanto, esforçar-se em progredir na santidade.

355. A) Nosso Senhor nos apresenta como ideal de santidade a mesma perfeição do nosso Pai celestial: “*Sede perfeitos como vosso Pai celeste é perfeito*” (Mt 5, 48). Portanto, *todos* os que têm a *Deus por Pai*, devem aproximar-se da perfeição divina, o que evidentemente não é possível sem algum progresso. No fundo, todo o sermão da montanha é um comentário sobre o desenvolvimento desse ideal. O caminho a seguir, para isso, é o da abnegação, o da imitação de Nosso Senhor Jesus Cristo e do amor a Deus: “*Se alguém vem a mim e não odeia seu pai, sua mãe, sua mulher, seus filhos, seus irmãos, suas irmãs e até a sua própria vida, não pode ser meu discípulo*” (Lc 14, 26; Mt 10, 37–38). Portanto, é necessário, em certos casos, preferir Deus e a vontade divina ao amor dos pais (esse é o sentido do texto), da mulher, dos filhos, e da própria vida, sacrificando tudo por Jesus. Isso supõe uma coragem heroica, que não possuiremos no momento necessário, se antes não nos houvermos preparado com sacrifícios que vão além da obrigação estrita. Sem dúvida, esse caminho é estreito e difícil, e muito poucos o seguem, mas Jesus quer que façamos sérios esforços para entrar pela porta estreita: “*Procurai entrar pela porta estreita; porque, digo-vos, muitos procurarão entrar e não o conseguirão*” (Lc 13, 24). Não queria dizer com isso que devemos buscar a perfeição?

356. B) Os Apóstolos não utilizam linguagem diversa. São Paulo repete muitas vezes aos fiéis: “*nos escolheu nele antes da criação do mundo, para sermos santos e irrepreensíveis, diante de seus olhos*” (Ef 1, 4). Porém, não é possível ser santo e irrepreensível sem despojar-se do homem velho e revestir-se do novo, isto é, sem mortificar as más inclinações da natureza e sem esforço para reproduzir as virtudes de Jesus Cristo. São Paulo acrescenta que isso é impossível sem lutar para chegar “*à medida do completo crescimento da plenitude de Cristo*” (Ef 4, 10-16); o que significa que, incorporados a Cristo, somos o seu *complemento*, e cumpre-nos, pelo progresso na imitação das suas virtudes, fazê-lo crescer, completá-lo. São Pedro quer também que todos os seus discípulos sejam santos como aquele que os chamou à salvação: “*A exemplo da santidade daquele que vos chamou, sede também vós santos em todas as vossas ações*” (I Pe 1, 15). Acaso poderão sê-lo se não avançarem na prática das virtudes cristãs? São João, no último capítulo do Apocalipse, exorta aos justos que não cessem

de praticar a justiça e aos santos que sejam cada vez mais santos: “*Mas o justo faça a justiça e o santo santifique-se ainda mais*” (Ap 22, 11).

357. C) O mesmo se deduz também da *natureza da vida cristã* que, segundo Nosso Senhor Jesus Cristo e seus discípulos, é uma *luta* em que a vigilância, a oração, a mortificação e o exercício positivo das virtudes são necessários para alcançar a vitória: “*Vigiai e orai para que não entreis em tentação*” (Mt 26, 41). A luta que travamos não é somente contra a carne e o sangue, ou seja, contra a tríplice concupiscência, mas também contra os demônios que a ela nos instigam. Por isso, precisamos de armas espirituais e de um enérgico combate. Todavia, em uma luta prolongada, é quase inevitável a derrota daquele que se mantém sempre na defensiva. Portanto, é preciso recorrer aos contra-ataques, ou seja, à prática positiva das virtudes, à vigilância, à mortificação, ao espírito de fé e de confiança. Esta é exatamente a conclusão de São Paulo quando, depois de descrever a luta que havemos de sustentar, declara que precisamos estar armados dos pés à cabeça, como um soldado romano: “*Ficai alerta, à cintura cingidos com a verdade, o corpo vestido com a couraça da justiça, e os pés calçados de prontidão para anunciar o Evangelho da paz. Sobretudo, abraçai o escudo da fé, com que possais apagar todos os dardos inflamados do Maligno. Tomai, enfim, o capacete da salvação e a espada do Espírito, isto é, a palavra de Deus*” (Ef 6, 14-17). Com isso, mostra-nos que, para vencer nossos adversários, é necessário fazer mais do que o estritamente prescrito.

358. 2º - A *Tradição* confirma essa doutrina. Os Santos Padres, enfatizando que todos têm necessidade da perfeição, dizem que nunca permanecemos parados no caminho que leva a Deus e à salvação: ou avançamos, ou retrocedemos. Por isso, Santo Agostinho, mostrando que a caridade é ativa, adverte-nos que não devemos parar no caminho, justamente porque parar é recuar: “*No caminho de Deus, não avançar é recuar.*”^[249] A evidência desse princípio é tal que até mesmo seu adversário, Pelágio, admitia-o. Também o último dos Santos Padres, São Bernardo, expõe a mesma doutrina em estilo vivo e penetrante: “*Não queres progredir? – Não. – Então queres recuar? – Muito menos. – Que queres então? – Quero viver de tal modo que fique no grau em que cheguei ... – Queres o impossível, pois neste mundo nada permanece no mesmo estado*

...”^[250] E em outra parte acrescenta: “*É imperioso subir ou descer, pois quem tenta parar, cai infalivelmente.*”^[251] Também o Papa Pio XI, na Encíclica de 26 de janeiro de 1923, sobre São Francisco de Sales, declara abertamente que todos os cristãos, sem exceção, devem tender à santidade.^[252]

I.I.II – Argumento de Razão

A razão fundamental pela qual devemos aspirar à perfeição é, sem dúvida, a mesma que nos deram os Santos Padres.

359. 1º - A vida, por ser um movimento, é essencialmente progressiva, no sentido de que quando para de crescer, começa a debilitar-se. A razão disso é que em todo o ser vivo há forças de desagregação que, se não forem controladas, acabam causando a doença e a morte. O mesmo acontece na vida espiritual: ao lado das tendências que nos levam para o bem, há outras, muito ativas, que nos inclinam fortemente para o mal. Para combatê-las, o único meio eficaz é aumentar em nós as forças vivas do amor a Deus e das virtudes cristãs. Com isso, as más tendências vão enfraquecendo. Mas, se os esforços para avançar forem relegados, os vícios acordam, recobram forças e voltam a atacar-nos com mais vigor e frequência. Se não despertarmos do nosso torpor, vamos cedendo gradativamente, até chegar o momento de cairmos em pecado mortal.^[253] Infelizmente essa é a história de muitas almas, que os diretores experientes conhecem muito bem.

Uma comparação nos fará compreender melhor. Para alcançar a salvação temos que vencer uma correnteza mais ou menos forte: a das paixões desordenadas que nos levam ao mal. Enquanto remamos para fazer o nosso barco avançar, conseguimos vencê-la ou ao menos contrabalançá-la. Porém, se pararmos de remar, seremos arrastados por ela e recuaremos até o oceano, onde nos aguardam as tempestades, isto é, as tentações graves e talvez quedas lamentáveis.

360. 2º - Há preceitos graves que, em determinadas ocasiões, somente através de atos heroicos conseguimos guardar. Porém, de acordo com as leis psicológicas, em geral não somos capazes de praticá-los sem que

previamente nos tenhamos preparado com alguns sacrifícios, ou, dito de outro modo, com atos de mortificação. Para tornar essa verdade mais palpável, exemplificamos. Tomemos o preceito da *castidade* e vejamos os esforços generosos, por vezes heroicos, necessários para observá-lo por toda a vida. Até o matrimônio (muitos jovens permanecem solteiros até os 28 ou 30 anos) é preciso praticar a *continência absoluta*, sob pena de pecado mortal. Porém, em quase todos, as tentações graves iniciam-se nos anos da puberdade, quando não antes. Para resistir vitoriosamente é preciso orar, abster-se de leituras, de espetáculos ou relacionamentos perigosos, fazer penitência pelas menores capitulações e valer-se das próprias quedas para reerguer-se de imediato e com novo ânimo. Tudo por um longo período da vida, o que supõe esforços mais que ordinários e requer algumas obras de supererrogação. Contraído o matrimônio, ninguém fica imune às tentações graves. Há períodos em que é forçoso guardar a continência conjugal, mas para fazê-lo, é preciso coragem heroica, o que só se adquire com uma longa e habitual prática da mortificação do prazer sensual e pela assiduidade à oração.

361. Passemos agora às leis da *justiça* nas transações financeiras, comerciais e industriais, e pensemos na infinidade de ocasiões com que nos deparamos para violá-las e como é difícil manter a perfeita honestidade em um ambiente em que a concorrência e a ganância fazem subir os preços além dos limites permitidos. Concluiremos que é necessário abnegação e forças espirituais maiores que as comuns para simplesmente manter-se honesto. Porventura será capaz desses esforços quem se acostumou a respeitar somente as prescrições graves, ou cuja consciência pactuou com compromissos de honestidade duvidosa, em princípio leves, depois mais sérios e, por fim, pecaminosos? Para evitar esse perigo, não será necessário fazer um pouco mais do que o estritamente ordenado, para que a vontade, fortalecida por esses atos generosos, esteja forte o suficiente para não se deixar arrastar por atos de injustiça?

Assim, por qualquer ângulo que se analise, confirma-se a lei moral de que, para não cair em pecado, é preciso evitar o perigo por meio de atos generosos não diretamente atrelados a um preceito. Em outros termos, para garantir a meta é preciso almejar mais alto; para não perder a graça, é

necessário fortalecer a vontade contra as tentações perigosas por meio de obras de supererrogação, ou seja, aspirar a uma certa perfeição.

I.II – RAZÕES QUE TORNAM ESSE DEVER MAIS FÁCIL

As muitas razões que podem mover os simples fiéis a buscar a perfeição, resumem-se em três principais: 1º - o *bem da própria alma*; 2º - a *glória de Deus*; 3º - a *edificação do próximo*.

362. 1º - O *bem da própria alma* é, sobretudo, a segurança da salvação, a multiplicação dos méritos e, por fim, as alegrias da consciência.

A. A grande obra que devemos realizar na terra, a obra necessária, em verdade a única necessária, é a *salvação da nossa alma*. Se a salvamos, ainda que percamos todos os bens da terra, parentes, amigos, reputação, riqueza, tudo é salvo, porque encontraremos no céu, centuplicado, tudo o que perdemos, e para toda a eternidade. Ora, o meio mais eficaz para assegurar a salvação da alma é buscar a perfeição, cada qual segundo o seu estado. Quanto mais aproximar-nos dela, com sabedoria e constância, mais nos afastaremos do pecado mortal, a única coisa que pode condenar-nos. De fato, sabe-se que quando há esforço sincero para ser perfeito, evita-se, por essa razão, as ocasiões de pecado e fortalece-se a vontade, prevenindo-a contra as surpresas que a espreitam. Quando vem o momento da tentação, a vontade, já fortalecida pelo esforço para alcançar a perfeição, acostumada a orar para assegurar a graça de Deus, repele com horror qualquer pensamento de pecado grave: “*Antes morrer que pecar.*” Por outro lado, quem se deixa levar por tudo o que não é falta grave, expõe-se a cair quando acometido por uma tentação longa e violenta. Habitado a ceder ao prazer em coisas menos graves, é de temer que, impelido pela paixão, acabe sucumbindo, do mesmo modo que alguém que constantemente está à margem de um abismo, acaba caindo nele.

Para termos segurança de não ofender a Deus gravemente, o melhor meio é afastar-nos das margens do precipício, fazendo mais do que é de preceito, esforçando-nos em progredir na perfeição. Quanto mais progredirmos, com prudência e humildade, mais segurança teremos da salvação eterna.

363. B) Desse modo, dia a dia também *aumentamos os graus de graça habitual que possuímos* e os *de glória* que nos estão reservados. Com efeito, já vimos que todo ato sobrenatural, feito por Deus, por uma alma em estado de graça, redundando em um aumento de mérito. Quem não se importa com a perfeição e cumpre seus deveres com desleixo, alcança poucos méritos, como dissemos no nº 243. Contudo, alcançará muitos se buscar a perfeição e esforça-se por avançar. Assim, cada dia aumentam as suas graças e a glória que lhe está reservada; seus dias são cheios de mérito. Cada esforço é recompensado com um aumento de graça na terra e, mais tarde por “*um peso eterno de glória.*” (II Cor 4, 17).

364. C) Quem quiser saborear um pouco de *felicidade* aqui na terra, nada melhor que a *piedade*. Como diz São Paulo, ela “*é útil para tudo, porque tem a promessa da vida presente e da futura*” (I Tm 4, 8). A paz da alma, a alegria da boa consciência, a felicidade de estar unido a Deus, de crescer em seu amor, de chegar a uma maior intimidade com Nosso Senhor Jesus Cristo, são algumas das recompensas que Deus concede desde agora aos seus servos fiéis no meio de suas tribulações, juntamente com a esperança tão reconfortante da felicidade eterna.

365. 2º - A glória de Deus. Considerando o que Deus fez e continua a fazer por nós, nada mais *nobre* e mais justo que buscá-la. Uma alma perfeita dá mais glória a Deus do que mil almas comuns (que apenas cumprem o obrigatório). Com efeito, ela multiplica diariamente os seus atos de amor, gratidão e reparação; orienta toda a sua vida nesse sentido, oferecendo repetidamente suas ações ordinárias, glorificando, desse modo, a Deus, desde a manhã até a noite.

366. 3º - A edificação do próximo. Para fazer o bem em torno de nós, converter alguns pecadores e incrédulos e confirmar no bem as almas vacilantes, nada há de mais eficaz que o esforço que fazemos para melhor praticar o cristianismo. Enquanto o cristão medíocre atrai críticas sobre a religião por parte dos que não creem, uma verdadeira santidade move-os a admirar uma religião que produz esse efeito: “*Pelos frutos conhecereis a árvore*” (Mt 7, 20). A melhor *apologética* é a do exemplo, quando a este se

junta a observância de todos os deveres sociais. É também um excelente estímulo para os medíocres, que dormem na indolência se o progresso das almas fervorosas não os tiram do torpor.

Muitas almas hoje em dia são movidas por esse motivo. Neste século de proselitismo, os leigos compreendem melhor que outrora a necessidade de defender e propagar a fé pela palavra e pelo exemplo. Compete aos sacerdotes fomentar esse movimento, formando ao seu *entorno grupos de cristãos esforçados* que, não satisfeitos com uma vida medíocre e vulgar, trabalham diariamente para progredir no cumprimento de todos os deveres, religiosos em primeiro lugar, mas também civis e sociais. Serão excelentes *colaboradores*, que penetram em meios pouco acessíveis aos religiosos e sacerdotes, ajudando-os eficazmente no exercício do apostolado.

Art. II – OBRIGAÇÃO DOS RELIGIOSOS^[254]

367. Entre os cristãos, há aqueles que movidos pelo desejo de se dar mais perfeitamente a Deus e assegurar mais eficazmente a salvação de suas almas, tornam-se religiosos. Segundo o *Código de Direito Canônico*:^[255]NT “A vida consagrada pela profissão dos conselhos evangélicos (pobreza, castidade e obediência) é uma forma estável de viver, pela qual os fiéis, seguindo mais de perto a Cristo sob a ação do Espírito Santo, consagram-se totalmente a Deus sumamente amado, para assim, dedicados por título novo e especial a sua honra, à construção da Igreja e à salvação do mundo, alcançarem a perfeição da caridade no serviço do Reino de Deus e, transformados em sinal preclaro na Igreja, preanunciarem a glória celeste.”

Os teólogos unanimemente ensinam que os religiosos são obrigados, em razão do seu estado, a *buscar a perfeição*, e o código reforçou essa doutrina, afirmando que: “*Todos os membros, porém, devem ... tender assim à perfeição de seu estado.*”^[256] Essa obrigação é tão grave que Santo Afonso de Ligório não hesita em dizer que “*peca mortalmente um religioso que forma propósito firme de não buscar a perfeição, ou de não fazer caso dela*”.^[257] Isso porque, ao agir assim, negligencia gravemente o seu dever de estado, que é precisamente o de buscá-la. Por esse mesmo motivo é que o estado religioso chama-se *estado de perfeição*, isto é, um estado reconhecido pelo Direito Canônico como *situação estável* em que, aquele que o abraça, obriga-se a aspirar à perfeição. Contudo, não há necessidade de tê-la alcançado antes de entrar no estado religioso, mas a perfeição é justamente o objetivo, como observa Santo Tomás.^[258]

A obrigação dos religiosos de buscar a perfeição baseia-se em duas razões principais: 1º - nos seus votos; 2º - nas suas *constituições e regras*.

II.I – DEVER DERIVADO DOS VOTOS

368. O propósito de alguém que entra para a vida religiosa é dar-se, consagrar-se mais perfeitamente a Deus, e para isso são feitos os três votos.

Assim, esses votos obrigam a atos de virtude que não são de preceito e que então serão mais perfeitos, pois os votos agregam ao seu valor intrínseco, o mérito da virtude da religião. Destarte, os votos têm a vantagem de suprimir, ou pelo menos minorar, alguns dos grandes obstáculos à perfeição, o que entenderemos melhor ao examiná-los em detalhes.

369. 1º Pelo voto da *pobreza* renuncia-se aos *bens exteriores* possuídos ou que poderiam ser adquiridos. Se o voto é *solene* renuncia-se ao próprio direito de propriedade, de modo que qualquer ato de propriedade que se quisesse praticar seria canonicamente inválido, como diz o Código, can. 668, § 5º (antigo 579). Se o voto é *simples*, não se renuncia ao direito de propriedade em si, mas ao *exercício livre* desse direito, ou seja, depende da permissão dos superiores e dos limites que estes estabelecem.

Esse voto ajuda-nos a vencer um dos maiores obstáculos à perfeição, o amor imoderado das riquezas e os cuidados exigidos pela administração dos bens temporais. Portanto, é um meio muito eficaz de progresso espiritual. Ademais, impõe duros *sacrifícios*: perde-se a segurança e a autonomia que a disposição dos próprios bens nos dão; por vezes suporta-se certas privações que a vida em comum impõe; é difícil e humilhante ter que recorrer ao superior sempre que precisamos de algum recurso indispensável. Assim, o religioso se obriga, pelo voto de pobreza, a muitos atos de virtude, que não somente o fazem tender à perfeição, mas dela aproximam-no.

370. 2º - Pelo voto de *castidade* triunfamos sobre outro obstáculo à perfeição: a concupiscência da carne. Ele nos torna livres dos cuidados e preocupações da vida de família. Por isso São Paulo afirma: “*O solteiro cuida das coisas que são do Senhor, de como agradar ao Senhor. O casado preocupa-se com as coisas do mundo, procurando agradar à sua esposa. Está portanto dividido.*” (I Cor 7, 32-34). Porém, o voto de castidade não elimina a concupiscência e, a graça dada para guardá-lo, não é graça de repouso, mas de luta. Para permanecer continente a vida inteira é preciso vigiar e orar, isto é, mortificar os sentidos exteriores e a curiosidade, reprimir as divagações da imaginação e da sensibilidade, viver uma vida de trabalho e, sobretudo, dar o coração inteiramente a Deus por meio do exercício da caridade, buscando manter-se em união íntima e afetuosa com

Nosso Senhor, como veremos ao falar da castidade. Ora, agir assim é, obviamente, buscar a perfeição; é renovar continuamente o esforço para vencer-se a si mesmo e dominar uma das mais fortes inclinações da natureza corrompida.

371. A *obediência* vai ainda mais longe, pois submete não somente a Deus, mas às Regras e aos superiores, o que temos de mais caro: nossa vontade própria. Com efeito, pelo voto de obediência o religioso compromete-se a obedecer às ordens do seu legítimo superior, em tudo que tenha relação com a observância dos votos e das Constituições. Trata-se de uma ordem *formal* e não apenas de um simples conselho, que se reconhece pelas fórmulas empregadas pelo superior. Por exemplo: se ele manda *em nome da santa obediência*, em nome de Nosso Senhor, citando algum *preceito formal* ou empregando qualquer outra expressão equivalente. Certamente há limites nesse poder dos superiores. É preciso que mandem segundo a regra, “*cingindo-se ao que formal ou implicitamente ela encerra: tais são as constituições, os estatutos legitimamente promulgados para buscar a observância das regras, as penitências impostas para punir as transgressões e prevenir a reincidência, tudo o que diz respeito ao modo de cumprir bem os ofícios e uma boa e reta administração*”.^[259]*

Não obstante essas restrições, permanece a verdade de que o voto de obediência é um dos que mais custam à natureza humana, precisamente porque temos muito apego à vontade própria. Para bem observá-lo é necessário humildade, paciência, mansidão; é preciso mortificar a fortíssima inclinação que temos de criticar os superiores, de antepor nosso juízo ao deles, de preferir os nossos gostos e, às vezes, nossos caprichos. Vencer essas tendências, render respeitosamente a nossa vontade à dos superiores, vendo neles Deus, é certamente rumar para a perfeição, pois é cultivar uma das virtudes mais difíceis. Como a verdadeira obediência é o melhor sinal de amor, praticá-la é, de fato, crescer na virtude da caridade.

372. Portanto, pode-se ver que a fidelidade aos votos compreende não somente o exercício das três grandes virtudes da pobreza, castidade e obediência, mas também o de muitas outras necessárias para bem guardar as primeiras. Além disso, comprometer-se a observá-las é seguramente

obrigar-se a um grau de perfeição incomum. É justamente esse o resultado do dever de observar as Constituições.

II.II – DEVER DERIVADO DAS CONSTITUIÇÕES E REGRAS

373. Quem entra no estado religioso, compromete-se a observar as Regras e Constituições, que são explicadas no decurso do noviciado, antes da profissão. Seja qual for a congregação que se ingresse, não há uma só que não tenha por fim a santificação dos seus membros e que não determine, por vezes com muitas minúcias, as *virtudes* que se devem praticar e os *meios* que facilitam o seu exercício. Então, sendo sincero o religioso, está obrigado a observar, ao menos no seu conjunto, esses vários regulamentos e, portanto, a elevar-se a um certo grau de perfeição. Mesmo que pratique as regras somente em seu conjunto, oferecem-se ainda inúmeras oportunidades de mortificação em coisas que não são de preceito; e o esforço que alguém aplica nesse sentido, é um esforço para a perfeição.

374. Surge aqui a questão: as faltas contra as regras religiosas são *pecado* ou somente imperfeição? Para responder devidamente, é preciso fazer várias distinções.

a) Há regras que exigem fidelidade às virtudes de preceito, ou aos votos, e outras que regulam os meios *necessários* para guardá-los, como a clausura para as comunidades claustrais. Essas regras obrigam em consciência, pois o que fazem é justamente *promulgar* um dever que resulta dos próprios votos. Com efeito, quem faz os votos compromete-se a guardá-los e, portanto, a tomar as medidas necessárias para isso. Essas regras obrigam, sob pena de pecado grave ou leve, conforme a matéria seja grave ou de pouca importância; são, pois, *de preceito*. Há congregações que as indicam clara e diretamente, ou indiretamente pela aplicação de uma sanção grave, que supõe uma falta também grave.

375. b) Por outro lado, há regras que explícita ou implicitamente são dadas como *meras orientações*. 1) Infringi-las sem razão é seguramente imperfeição moral, mas, *em si*, não se comete pecado, nem sequer venial,

pois não há violação de alguma lei ou preceito. 2) Todavia, Santo Tomás^[260] adverte com razão que se pode pecar gravemente contra a regra se for violada *por desprezo* (desprezo da regra ou desprezo dos superiores), ou levemente, se a falta for por negligência voluntária, paixão, sensualidade, cólera, ou qualquer outro motivo pecaminoso. Nesse caso, o motivo é que faz da falta um pecado. Acrescente-se, com Santo Afonso de Ligório, que a falta pode chegar a ser grave quando as violações são frequentes e deliberadas, seja em razão do escândalo resultante, que traz consigo um gradual e notável relaxamento da disciplina, seja porque expõe o infrator a ser despedido da comunidade, com grave prejuízo para sua alma.

376. Conclui-se disso que os superiores estão obrigados, por dever de estado, a zelar pela observância das regras na comunidade. Quem descuida de reprimir as transgressões, ainda que leves, quando tendem a se tornar frequentes, pode estar cometendo pecado grave, porque favorece o relaxamento progressivo, o que é uma grave desordem numa comunidade. Essa doutrina é a de Lugo, de Santo Afonso de Ligório, de Schram^[261] e de muitos outros teólogos.

Destarte, o verdadeiro religioso não procura fazer essas distinções, pois cumpre a regra o mais perfeitamente que pode; sabe que é o melhor modo de agradar a Deus: “*Quem vive pela regra, vive para Deus.*” Tampouco se satisfaz em guardar estritamente os votos; pratica o espírito destes, esforçando-se em progredir a cada dia na perfeição, conforme diz São João: “*Aquele que é santo, santifique-se ainda mais*” (Ap 22, 2); e então cumpre-se nele o que São Paulo diz: “*A todos que seguirem esta regra, a paz e a misericórdia*” (Gl 6, 16).

Art. III – OBRIGAÇÃO DOS SACERDOTES^[262]

377. Os sacerdotes, em razão do ministério e da missão de santificar as almas que lhes foi confiada, estão obrigados a uma *santidade interior mais perfeita* que a dos simples religiosos que não foram elevados ao sacerdócio. Essa é a doutrina de Santo Tomás, confirmada pelos documentos eclesiásticos mais autorizados: “*Pela ordem sagrada, o clérigo é consagrado aos ministérios mais dignos que existem, nos quais ele serve a Cristo no Sacramento do altar, o que exige uma santidade interior muito maior do que a exigida no estado religioso.*”^[263] Nos Concílios, em particular no de Trento,^[264] os Santos Pontífices, especialmente Leão XIII^[265] e Pio X,^[266] insistem de tal modo na *necessidade de santidade* do sacerdote, que negar a nossa tese é pôr-se em flagrante contradição com essas autoridades irrefutáveis. Basta lembrar que São Pio X, por ocasião do quinquagésimo aniversário do seu sacerdócio, publicou uma carta dirigida ao clero católico, em que demonstra a *necessidade da santidade* para o sacerdote e indica com precisão os meios necessários para alcançá-la, os quais, diga-se de passagem, são exatamente os que ensinamos em nossos seminários. Depois de haver descrito a santidade interior, declara que *somente* essa santidade fará o sacerdote conformar-se ao que *exige* a sua vocação divina, ou seja, ser homem crucificado ao mundo, revestido do homem novo, que não deseja senão os bens celestes e se esforça, por todas as formas possíveis, para incutir nos outros os mesmos princípios.

378. O Código sancionou essas ideias de São Pio X, insistindo, mais do que a legislação anterior, sobre a necessidade da santidade para o sacerdote e os meios de alcançá-la. Declara abertamente que “*Em seu modo de viver, os clérigos são obrigados por especial razão a procurar a santidade, já que consagrados a Deus por novo título na recepção da ordem, são dispensadores dos mistérios de Deus a serviço de seu povo*”. Para se encaminharem a essa perfeição, acrescenta, entre outras obrigações, que “*são solicitados a se dedicarem regularmente à oração mental, a se aproximarem com frequência do sacramento da penitência, a cultuarem com especial veneração a Virgem Mãe de Deus e a usarem outros meios de*

santificação, comuns e particulares. São igualmente obrigados a participar dos retiros espirituais, de acordo com as prescrições do direito particular.”^[267]

Destarte, a necessidade do sacerdote de buscar a perfeição prova-se: 1º - pela *autoridade* de Nosso Senhor Jesus Cristo e de São Paulo; 2º - pelo *Pontifical*; 3º - pela própria natureza das *funções sacerdotais*.

III.I – A DOUTRINA DE JESUS CRISTO E DE SÃO PAULO

379. 1º - Nosso Senhor Jesus Cristo ensina eloquentemente, pelas palavras e pelo exemplo, ser necessária a santidade do sacerdote.

A. Ele dá **o exemplo**. Desde o princípio, ele, que era cheio de graça e verdade, quis submeter-se, dentro do possível, à lei do progresso. Diz São Lucas: “*E Jesus crescia em estatura, em sabedoria e graça, diante de Deus e dos homens*” (Lc 2, 52). Durante trinta anos preparou-se para o ministério público pelo exercício da vida oculta, com tudo o que ela encerra: oração, mortificação, humildade e obediência. Três palavras resumem esse tempo da vida do Verbo Encarnado: “*era-lhes submisso*” (Lc 2, 51). Para ter mais eficácia em sua pregação sobre as virtudes, começou praticando-as: “*contei toda a sequência das ações e dos ensinamentos de Jesus*” (At 1, 1). E o fez de tal modo que poderia dizer, de todas elas, o que disse sobre a mansidão e a humildade: “*porque eu sou manso e humilde de coração*” (Mt 11, 29). Por isso, no final da vida ele declara, com toda a simplicidade, que se santifica e sacrifica (a palavra *sanctifico* tem esse duplo sentido), para que seus apóstolos e sacerdotes, seus sucessores, santifiquem-se em toda a verdade: “*Santifico-me por eles para que também eles sejam santificados pela verdade*” (Jo 17, 19). Ora, o sacerdote é o representante do Senhor na terra, é outro Cristo: “*desempenhamos o encargo de embaixadores em nome de Cristo*” (II Cor 5, 20). Logo, os sacerdotes também devem buscar incessantemente a santidade.

380. B) Também é isso que se conclui dos *ensinamentos* de Nosso Senhor. Durante os três anos da vida pública sua grande obra foi a *formação dos Doze*: era a sua ocupação habitual. A pregação às multidões era apenas

um apêndice, poderíamos dizer, um modelo de como os discípulos deveriam pregar. Disso derivam as seguintes conclusões:

a) Os ensinamentos tão sublimes sobre a bem-aventurança, a santidade interior, a abnegação, o amor a Deus e ao próximo, a prática da obediência, da humildade, da mansidão e de todas as demais virtudes, tantas vezes reiteradas no Evangelho, sem dúvida são endereçadas a todos os cristãos que aspiram à perfeição, mas, acima de tudo aos *Apóstolos* e a seus *sucessores*. Com efeito, são eles os incumbidos de ensinar aos simples fiéis esses grandes deveres, mais pelo exemplo do que pela palavra. Isso é o que o *Pontifical* lembra aos diáconos: “*mostrai em vossas obras a palavra de Deus que pregais com os lábios*”.^[268] Todos reconhecem que esses ensinamentos formam um *código de perfeição* muito elevada. Portanto, os sacerdotes são obrigados, por dever de estado, a aproximar-se da santidade.

381. b) Dirigem-se, sobretudo aos *Apóstolos* e aos *sacerdotes*, as exortações para uma maior perfeição, encontradas em várias páginas do Evangelho: “*Vós sois o sal da terra. ... Vós sois a luz do mundo*” (Mt 5, 13-14). Essa luz, aqui referida, não é somente a ciência, mas acima de tudo, o *exemplo*, que ilumina e atrai mais que o conhecimento: “*Assim, brilhe vossa luz diante dos homens, para que vejam as vossas boas obras e glorifiquem vosso Pai que está nos céus*” (Mt 5, 16). De modo especial, é também a eles que se aplicam os conselhos da *pobreza* e da *continência*, porque, em razão da vocação, eles têm obrigação de seguirem Jesus Cristo mais de perto, e até o fim.

382. c) Enfim, há uma série de ensinamentos que são reservados, *direta e explicitamente*, aos *Apóstolos* e a seus *sucessores*.^[269] são aqueles que o Senhor dá aos Doze e aos Setenta e Dois quando os envia a pregar na Judeia e os que pronunciou na última ceia. Esses discursos encerram um código de perfeição sacerdotal tão elevado que permitem deduzir o dever absoluto dos sacerdotes de buscar continuamente a perfeição. Com efeito, deverão praticar o *desapego absoluto*, o espírito de *pobreza*, e pobreza efetiva, contentando-se com o necessário, o *zelo*, a *caridade*, a *dedicação* absoluta, a *paciência*, a *humildade* no meio das perseguições que os esperam, a *fortaleza* para testemunhar Cristo e pregar o Evangelho a todos e contra

todos. Deverão desapegar-se do mundo e da família, aprender a amar a cruz em total abnegação (Mt, cap. 10 e 11; Lc, cap. 9 e 10, etc.).

383. Na *Última Ceia* (Jo, 14 a 17) dá-lhes o novo mandamento, que consiste em amar os irmãos como Ele os amou, ou seja, até a imolação completa. Recomenda-lhes: uma fé viva; absoluta confiança na oração feita em seu nome; o amor de Deus manifestado pelo cumprimento dos mandamentos; a paz da alma, para receber e saborear os ensinamentos do Espírito Santo; a união íntima e habitual com o próprio Jesus, condição essencial de santificação e apostolado; paciência em meio as perseguições do mundo, que os odiará como odiou o Mestre; docilidade ao Espírito Santo, que os consolará nas tribulações; firmeza na fé e recorrência à oração quando forem provados; em resumo, as condições essenciais do que agora chamamos de vida interior ou vida de perfeição. E encerra com aquela *oração sacerdotal*, tão cheia de ternura, na qual pede ao Pai que guarde os seus discípulos como Ele mesmo os guardou durante sua vida mortal; que os preserve do mal no meio deste mundo que eles devem evangelizar; e que os *santifique em toda verdade*. Essa oração não a fez somente pelos Apóstolos, mas também por todos os que nele haveriam de crer, para que permanecessem sempre unidos pelo vínculo da caridade fraterna, como unidas estão as três divinas pessoas, e para que todos fossem um em Deus e em Cristo, “*para que o amor com que me amaste esteja neles, e eu neles*” (Jo 17, 26).

Não é isso tudo um programa completo de perfeição, traçado de antemão pelo Sumo Sacerdote, cujos representantes na terra somos nós? Não é consolador saber que Ele orou para que possamos realizar esse ideal?

384. 2º - Também *São Paulo* se inspira nesses ensinamentos de Jesus, quando, por sua vez, enumera as virtudes apostólicas. Depois de afirmar que os sacerdotes são dispensadores dos mistérios de Deus, que são seus ministros, embaixadores de Cristo, mediadores entre Deus e os homens, enumera nas Epístolas Pastorais as virtudes que devem adornar os diáconos, presbíteros e bispos. Não é suficiente haver recebido a graça da ordenação. Devem *ressuscitá-la*, fazê-la reviver, para que não perca o vigor: “*Por esse motivo, eu te exorto a reavivar a chama do dom de Deus que recebeste pela imposição das minhas mãos*” (II Tm 1, 6). Os diáconos devem ser castos,

modestos, sóbrios, desinteressados, discretos e leais; devem saber governar a sua casa com prudência e dignidade. Ainda mais perfeitos devem ser os presbíteros e bispos.^[270]* Suas vidas devem ser tão puras que sejam irrepreensíveis; devem combater com cuidado o orgulho, a ira, a intemperança, a cobiça, e cultivar as virtudes morais e teológicas, a humildade, a sobriedade, a continência, a santidade, a bondade, a hospitalidade, a paciência, a mansidão e, sobretudo a piedade, que é útil a tudo, a fé e a caridade.^[271]* Devem também dar *exemplo* dessas virtudes e, portanto, praticá-las em grau elevado: “*mostra-te em tudo modelo de bom comportamento*” (Tit 2, 7). Todas essas virtudes supõem não somente um certo grau de perfeição já adquirido, mas também um esforço generoso e constante para a perfeição.

III.II – AUTORIDADE DO PONTIFICAL

385. Seria fácil demonstrar que os Santos Padres, em seus comentários sobre o Evangelho e as Epístolas, desenvolveram e determinaram com precisão esses ensinamentos. Poderíamos até acrescentar que escreveram Cartas e Tratados inteiros sobre a dignidade e santidade do sacerdócio.^[272] Porém, para não sermos demasiado longos, limitar-nos-emos a recorrer à autoridade do *Pontifical*, que é como o Código sacerdotal da Nova Lei, e contém o resumo do que a Igreja Católica exige dos seus ministros. Esta simples exposição mostrará o alto grau de perfeição demandado dos que vão se ordenar e, com maior razão, dos sacerdotes em seu ministério.^[273]

386. 1º- Ao jovem *tonsurado* exige a Igreja o *desprendimento universal* de tudo o que é obstáculo ao amor de Deus e à *união íntima* com Nosso Senhor, para combater as inclinações do homem velho e revestir-se com as disposições do novo. O *Dominus pars*, que ele deve rezar todos os dias, lembra-o que *Deus*, e só *Deus*, é sua recompensa, sua herança, e que tudo o que não possa ser referido a Deus deve ser calcado aos pés. O *Induat me* mostra-lhe que a vida é um *combate*, uma luta contra as más inclinações da natureza, um esforço para cultivar as virtudes sobrenaturais plantadas em nossa alma no dia do batismo. Portanto, desde o início, o *amor de Deus* lhe

é proposto como *fim* e o *sacrifício* como *meio*, com a obrigação de desenvolver essas duas disposições para avançar do clericato.

387. 2º - Com as *Ordens Menores*,^{[274]NT} recebe o clérigo um *duplo poder*: sobre o corpo eucarístico de Jesus e sobre o seu corpo místico, isto é, sobre as almas. Mas, além do desprendimento, exige-se dele um duplo amor: *amor ao Deus do sacrário* e *às almas*. Ambos supõem o *sacrifício*.

Assim, como *porteiro*, livra-se das ocupações domésticas para ser constituído guarda titular da casa de Deus e velar pela decência do lugar santo e dos ornamentos sagrados. Como *leitor*, afasta-se dos estudos profanos para aprofundar a leitura dos Livros Sagrados e deles absorver aquela doutrina que o ajudará a santificar-se a si mesmo e aos outros. Como *exorcista*, despoja-se do pecado e dos seus resquícios, para escapar com mais segurança do império do demônio. Como *acólito*, desapega-se dos *prazeres sensuais*, para desde já guardar aquela pureza requerida pelo serviço do altar. Ao mesmo tempo, o seu *amor para com Deus* vai se fortalecendo: ama o Deus do Sacrário, do qual é guardião, ama o Verbo, oculto sob o véu das letras da Sagrada Escritura, ama Aquele que impera sobre os espíritos malignos, ama Aquele que se imola no altar. Desse amor floresce o *zelo*: ama as *almas* e, por isso, sente-se feliz em conduzi-las a Deus pela palavra e pelo exemplo, em edificá-las com suas virtudes, purificá-las com seus exorcismos e santificá-las com sua especial participação no Santo Sacrifício. Desse modo, pouco a pouco vai progredindo na perfeição.

388. 3º- O *subdiácono*,^[275] ao consagrar-se definitivamente a Deus, imola-se por seu amor, como um dia fez a SS. Virgem, como prelúdio do sacrifício mais elevado, que oferecerá mais tarde no santo altar. Imola seu corpo pelo voto de *continência* e a alma pela obrigação de rezar todos os dias a *oração pública*. A continência supõe mortificação dos sentidos externos e internos, do espírito e do coração; a reza do Ofício requer espírito de recolhimento e oração, esforço contínuo para viver unido a Deus. Não se consegue cumprir fielmente esses deveres sem um *ardente amor a Deus*, o único que pode proteger o coração das atrações do amor sensível e abrir a alma à oração e ao recolhimento interior. *Sacrifício e amor*, portanto, mais uma vez é o que a Igreja requer do subdiácono; *sacrifício mais profundo* do que havia feito

até então, porque a prática da continência durante toda a vida exige, em certos momentos, esforços heroicos e habitualmente vigilância constante, humilde desconfiança de si mesmo e mortificação. Destarte, é um sacrifício *irrevogável*: “*Mas se receberes essa Ordem, não terás mais a liberdade de retroceder de tua resolução, e serás obrigado a servir a Deus perpetuamente, pois servir a Deus é reinar.*”^[276] Para que esse sacrifício seja possível e duradouro, deve vir acompanhado de muita caridade: só um intenso amor a Deus e às almas pode preservar-nos do amor profano e fazer-nos saborear as delícias da oração perpétua, orientando os pensamentos e afetos para o Único que pode firmá-los. Por isso, o Pontífice invoca sobre ele os sete dons do Espírito Santo, para que possa cumprir os árduos deveres que lhe são impostos.

389. 4º - Aos *diáconos*, que são cooperadores do sacerdote na oblação do Santo Sacrifício e “*têm por missão ajudar o Bispo e o seu presbitério no serviço da palavra, do altar e da caridade*”, o Pontifical exige pureza ainda mais perfeita: “*apresentai-vos irrepreensíveis e puros diante de Deus e dos homens*”. Como também pregam o Evangelho, requer-se que o façam mais com o exemplo que com as palavras: “*mostrai em vossas obras a palavra de Deus que pregais*”. Portanto, as suas vidas devem ser uma *tradução viva* do Evangelho e, por isso, uma imitação constante das virtudes de Nosso Senhor Jesus Cristo. Assim, ao orar para que o Espírito Santo desça sobre eles com todos os seus dons, sobretudo o da *fortaleza*, o Pontífice dirige a Deus esta bela oração: “*Brilhem neles as virtudes evangélicas, a caridade verdadeira, a solicitude pelos doentes e pelos pobres, a autoridade modesta, a retidão perfeita, a docilidade à disciplina espiritual.*” Não é isso pedir-lhes o exercício das virtudes que levam à santidade? Na oração final o Bispo pede efetivamente que eles sejam adornados com todas as virtudes: “*Revestidos de todas as virtudes.*”

390. 5º - O Pontifical requer ainda mais do *sacerdote*. Pelo fato de oferecer o *Santo Sacrifício da Missa*, ele deve ser ao mesmo tempo *sacerdote* e *vítima*, e será *vítima* ao *imolar suas paixões* (*Tomai, pois, consciência do que fazeis, imitai o que realizais. Celebrando o mistério da morte e da ressurreição do Senhor, esforçai-vos por fazer morrer em vós todo o mal e por caminhar na vida nova.*)^[277] e ao renovar constantemente

em si o *espírito de santidade*: “Renovai em seus corações o espírito de santidade.”^[278] Nesse sentido, meditará dia e noite a lei de Deus, para ensiná-la aos outros e para que ele mesmo a pratique, dando assim exemplo de todas as virtudes cristãs: “Crê o que lês, ensina o que crês, e vive o que ensinas.”^[279] Como deve *consumir-se pelas almas*, praticará a caridade fraterna sob a forma de dedicação: “Receba a vestimenta sacerdotal pela qual a caridade é assumida.” Assim como São Paulo, consagrar-se-á inteiramente pelas almas: “De mui boa vontade darei o que é meu, e me darei a mim mesmo pelas vossas almas” (II Cor 12, 15). Destarte, é isso que se deduz das *funções sacerdotais* que explicaremos a seguir.

391. Assim, o Pontifical exige, mais virtude, mais amor e sacrifício, a cada novo passo em direção ao sacerdócio. Quando este é alcançado, como diz Santo Tomás,^[280]* para que o sacerdote possa oferecer dignamente o santo sacrifício e santificar as almas que lhe são confiadas, é a *santidade* que o Pontifical reclama. O ordinando é livre para ir adiante; mas, se recebe as Ordens, claramente aceita as condições que tão explicitamente exige o Pontifical, ou seja, a obrigação de buscar a perfeição, obrigação que, longe de ser diminuída pelo exercício do ministério sagrado, torna-se mais premente, como veremos a seguir.

III.III - AS FUNÇÕES SACERDOTAIS EXIGEM A SANTIDADE

392. Segundo o testemunho do Apóstolo São Paulo, o sacerdote é *mediador* entre o homem e Deus, entre a terra e o céu. Escolhido *entre os homens* para ser seu representante, deve ser *aprovado* por Deus, chamado por Ele, para que possa colocar-se em sua presença, oferecer-lhe as homenagens dos homens e obter seus favores: “Em verdade, todo pontífice é escolhido entre os homens e constituído a favor dos homens como mediador nas coisas que dizem respeito a Deus, para oferecer dons e sacrifícios pelos pecados. ... Ninguém se apropria desta honra, senão somente aquele que é chamado por Deus, como Aarão.” (Hb 5, 1-4). As suas funções podem se reduzir a duas principais: é o *Religioso de Deus*,^[281]* encarregado de glorificá-lo em nome de todo o povo cristão; é um *Salvador*, um *Santificador de almas*, ou seja, tem a missão de cooperar com Jesus

Cristo para salvá-las e santificá-las. Logo, por esse duplo título, deve ser *santo*^[282]* e, portanto, buscar sem cessar a perfeição, posto que jamais alcançará a plenitude da santidade que as suas funções requerem.

III.III.I - O Sacerdote, Religioso de Deus, Deve Ser Santo

393. Em razão da sua missão, o sacerdote deve *glorificar a Deus* em nome de todas as criaturas e, de modo especial, do povo cristão. Portanto, pela própria razão do sacerdócio, conforme instituído por Nosso Senhor, ele é verdadeiramente o “*Religioso de Deus*”: “... *constituído a favor dos homens como mediador nas coisas que dizem respeito a Deus, para oferecer dons e sacrifícios ...*” (Hb 5, 1). Essa obrigação é cumprida, sobretudo, pelo *santo sacrifício da Missa* e pela *reza do Ofício Divino*. Porém, *todas as suas ações*, mesmo as mais comuns, podem ajudar nesse sentido, como acima dissemos, se forem feitas para agradar a Deus. Contudo, ministério tão elevado somente pode ser bem exercido por um *sacerdote santo*, ou, pelo menos, que esteja decidido a sê-lo.

394. A) Que santidade não se requer para o *Santo Sacrifício*! Os sacerdotes da Antiga Lei, quando queriam aproximar-se de Deus, deveriam ser *santos* (na época, era principalmente a santidade legal), sob pena de serem castigados: “*Também os sacerdotes, que são autorizados e se aproximar do Senhor, santifiquem-se, para que o Senhor não os fira*” (Ex 19, 22). Também deveriam ser santos para oferecerem o incenso e os pães destinados ao altar: “*Serão santos para o seu Deus e não profanarão o seu nome, porque oferecem ao Senhor os sacrifícios consumidos pelo fogo, o pão de seu Deus. Serão santos*” (Lv 21, 6).

Quão mais santos, agora de santidade *interior*, não devem ser aqueles que oferecem, já não sombras e figuras, mas o sacrifício por excelência, a vítima infinitamente santa? Tudo é santo nesse divino sacrifício: *a vítima e o sacerdote principal*, que é o próprio Jesus Cristo, que no dizer de São Paulo é “*santo, inocente, imaculado, separado dos pecadores e elevado além dos céus*” (Hb 7, 26); *a Igreja*, em nome da qual o sacerdote oferece a santa Missa e que Jesus santificou com o seu sangue: “*como Cristo amou a Igreja e se entregou por ela, ... para apresentá-la a si*

mesmo toda gloriosa, sem mácula, sem ruga, sem qualquer outro defeito semelhante, mas santa e irrepreensível” (Ef 5, 25 – 27). O fim para o qual tal oferta é realizada é glorificar a Deus e produzir nas almas frutos de santidade; as *orações e cerimônias*, que recordam o sacrifício do Calvário e os efeitos de santidade por ele merecidos; sobretudo, a *comunhão*, que nos une à fonte de toda a santidade. Portanto, é indispensável que o *sacerdote*, como representante de Jesus Cristo e da Igreja, que oferece esse magnífico sacrifício, esteja revestido de santidade. Como poderá ele representar dignamente Jesus Cristo, a ponto de ser “*outro Cristo*”, se levar uma vida medíocre, sem aspirar à perfeição? Como poderá ser ministro da Igreja imaculada, a Esposa sem mancha de Cristo, se sua alma, presa aos pecados veniais, não faz caso do progresso espiritual? Como dará glória a Deus, se o seu coração estiver vazio de amor e sacrifício? Como santificará as almas, se ele mesmo não tiver desejo sincero de santificar-se?

395. Como ousaria ele subir ao santo altar e recitar as orações da missa, que emanam os mais puros sentimentos de penitência, fé, religião, amor, abnegação, se sua alma é estranha a tudo isso? Como se atreveria a oferecer-se como a *vítima divina*, “*com o coração contrito e espírito humilhado possamos ser recebidos por Ti, oh! Senhor*”^[283], se tais sentimentos estivessem em contradição com sua vida? Como ousaria pedir ser participante da divindade de Jesus se a sua vida fosse toda humana? Como poderia repetir este protesto de inocência: “*Quanto a mim, tenho andado na minha inocência (retidão)*” (Sl 25, 11), se não fizesse esforço algum para sacudir a poeira de muitos pecados veniais deliberados? Como ousaria recitar o *Sanctus*, no qual se proclama a santidade de Deus, e consagrar, fazendo-se um com Jesus, autor de toda a santidade, se não houvesse esforço para tornar-se santo com Ele e por Ele? Como rezar o *Pai Nosso*, sem lembrar que deve ser perfeito como nosso Pai celestial? E o Cordeiro de Deus (*Agnus Dei*), sem ter um coração contrito e humilhado? E as belas orações preparatórias para a comunhão: “*Faça-me sempre apegado aos Teus mandamentos, e nunca permitas que me separe de Ti.*”^[284], se o coração está longe de Deus, de Jesus? E como *comungar* todos os dias o Deus de toda santidade sem desejar sinceramente participar dessa santidade, sem se aproximar dela um pouco a cada dia, por um esforço progressivo? Não seria isso flagrante contradição, falta de lealdade, provocação, abuso da

graça, infidelidade à vocação? Portanto, medite o sacerdote e aplique à sua vida todo o capítulo V, do livro IV, da Imitação de Cristo: “*Da Dignidade do Sacramento e do Estado Sacerdotal - Ainda que tiveras a pureza dos anjos e a santidade de São João Batista, não serias digno de receber nem de administrar este Sacramento. ... Não se te diminui o encargo, ao contrário; estás agora mais apertadamente ligado aos vínculos de disciplina e obrigado à maior perfeição e santidade.*”

396. B) O que dissemos da santa Missa aplica-se, de certo modo, à reza do *Ofício Divino*. Em nome da *Igreja*, em união com *Jesus*, o Religioso de Deus por excelência, e *por todo o povo cristão*, é que nos colocamos sete vezes ao dia na presença de Deus, para adorá-lo, dar-lhe graças, e para dele obter as muitas graças necessárias às almas. Se orarmos só como os lábios e não com o coração, não mereceremos a censura que Deus dirigiu aos judeus?: “*Este povo me honra com os lábios, mas o seu coração está longe de mim*” (Mt 15, 8; Is 19, 13). Porventura serão concedidas em abundância as graças que, com o coração distante, pedimos à misericórdia divina?

397. Destarte, para transformar nossas ações ordinárias em *sacrifícios* agradáveis a Deus, não deverão ser realizadas com as disposições de amor e sacrifício já comentadas (nº 309)? – Assim, por qualquer ângulo que se encare o tema, a mesma conclusão se impõe: como Religioso de Deus, o sacerdote deve buscar a santidade e, essa mesma força impositiva também existe se ele quiser salvar almas.

III.III.II - O Sacerdote Não Tem Sucesso em Salvar Almas se Não Busca a Santidade Pessoal. ^[285]*

398. A) Santificar e salvar almas é *dever de estado* do sacerdote. Jesus escolheu os Apóstolos para torná-los *pescadores de homens*: “*Vinde após mim e vos farei pescadores de homens*” (Mt 4, 19); e para que produzissem, em si mesmo e nos outros, *frutos abundantes de salvação*: “*Não fostes vós que me escolhestes, mas eu vos escolhi e vos constituí para que vades e produzais fruto, e o vosso fruto permaneça*” (Jo 15, 16). Para isso devem

pregar o Evangelho, administrar os sacramentos, dar bom exemplo e orar com fervor.

É artigo de fé que é *a graça de Deus* que converte e santifica as almas. Não somos mais que *instrumentos* que Deus se digna servir-se e que somente produzem fruto na medida do grau de união que estamos com a causa principal. Essa é a doutrina de São Paulo: “*Eu plantei, Apolo regou, mas Deus é quem fez crescer. Assim, nem o que planta é alguma coisa nem o que rega, mas só Deus, que faz crescer*” (I Cor 3, 6-7). Também é certo que se obtém essa graça principalmente de duas formas: *pela oração e pelo mérito*. Em ambos os casos alcançaremos tanto maiores graças quanto *mais formos santos*, fervorosos e unidos a Nosso Senhor (nº 237). Portanto, se é dever de estado do sacerdote santificar as almas, segue-se que deve primeiramente santificar-se a si mesmos: “*Santifico-me por eles para que também eles sejam santificados pela verdade*” (Jo 17, 19).

399. B) Chegaremos à mesma conclusão se considerarmos os principais *meios de zelo*, a saber, a palavra e a ação, o exemplo e a oração.

a) A *palavra* somente produz efeitos de salvação quando falada em nome e no poder de Deus, “*é Deus mesmo que exorta por nosso intermédio*” (II Cor 5, 20). É o que faz um sacerdote *fervoroso*: antes de falar, *ora* para que a graça dê vida às suas palavras. Ao falar, não busca agradar aos homens, mas instruí-los, fazer-lhes o bem, convencê-los, persuadi-los. Como o seu coração está intimamente unido ao de Jesus, Jesus comunica à sua voz uma emoção, uma força de persuasão que magnetiza os ouvintes. Ao *esquecer-se de si*, *atrai o Espírito Santo*, e assim as almas são tocadas pela graça, convertidas ou santificadas. Um sacerdote medíocre, pelo contrário, ora apenas com os lábios e, como busca-se a si mesmo, cansa-se inutilmente, e muitas vezes é apenas um bronze que soa ou címbalo que retine: “*sou como o bronze que soa, ou como o címbalo que retine*” (I Cor 13, 1).

400. b) Um sacerdote que não cuida do seu progresso espiritual não pode dar *bom exemplo*. Quem, pelo contrário, tem esse cuidado e esforça-se para imitar Cristo, pode com toda a confiança, como São Paulo, convidar os fiéis a imitá-lo: “*Tornai-vos os meus imitadores, como eu o sou de Cristo*” (I Cor 11, 1). Ao ver sua piedade, bondade, pobreza e mortificação, os fiéis

reconhecerão que ele *pratica o que prega*, que é um *santo*, o respeitarão e se sentirão movidos a imitá-lo: *as palavras comovem, os exemplos arrastam*. Um sacerdote medíocre pode ser estimado como um bom homem, todavia dele dirão: cumpre seu ofício como nós cumprimos o nosso. Assim, o seu ministério será pouco ou nada frutífero.

401. c) No tocante à *oração*, que é e sempre será o meio de zelo mais eficaz, quanta diferença entre o sacerdote santo e o sacerdote medíocre! O primeiro *ora habitual e constantemente*, porque as suas ações, feitas por Deus, são em si oração. Nada faz, nem sequer dá um conselho, sem reconhecer a sua incapacidade e rogar a Deus que se digne supri-lo com a sua graça. E Deus a concede abundantemente: “*Deus resiste aos soberbos, mas dá sua graça aos humildes*” (Tg 4, 6), e com isso o seu ministério é muito frutuoso. O sacerdote medíocre ora pouco e mal e, por essa razão, o seu ministério é inócuo.

Portanto, quem quiser ter eficácia no trabalho pela salvação das almas deve esforçar-se em progredir cada dia na perfeição: *a santidade é a alma de todo apostolado*.

CONCLUSÃO

402. De tudo e que se disse, conclui-se que o sacerdote tem o dever de alcançar, antes mesmo de ser ordenado, um certo grau de santidade e, depois da ordenação, de continuar buscando uma perfeição mais elevada.

1º - Dos textos citados do *Pontifical* decorre que, para entrar no sacerdócio, é preciso ter já alcançado certo grau de perfeição. Se do tonsurado já se exige o desapego do mundo e de si mesmo para se unir a Deus e a Jesus Cristo, e se a Igreja prescreve *intervalos* entre as diferentes Ordens, é para que o jovem clérigo tenha tempo de adquirir sucessivamente as virtudes correspondentes a cada uma delas. O Pontifical afirma isso com clareza:^{[286]NT} “*Assim, deixemo-los avançar de uma Ordem para outra, para que enquanto crescem em idade, possam também crescer na probidade de vida e na doutrina.*” Destarte, por isso é que se exige uma virtude *posta à prova*: “*no lugar da idade avançada, melhor para eles é a virtude provada.*”^[287] Todavia, esta virtude provada não se adquire senão pelo

exercício constante dos deveres de estado e das virtudes que o Pontifical tem cuidado de assinalar ao Ordinando, em cada uma das Ordens conferidas. Essa virtude deve ser tão *sólida* que se pareça com a dos anciãos que, à custa de longos e penosos esforços, adquiriram a maturidade e a constância próprias de sua idade.

403. A virtude que se requer para o bom exercício das funções eclesiásticas não é uma qualquer, diz Santo Tomás, mas uma virtude superior: “*Para o digno exercício das Ordens Sagradas, uma bondade comum não é suficiente, requer-se uma virtude superior.*”^[288] Já vimos como o *Pontifical* exige dos Ordinandos a prática de uma fé robusta e ativa, uma grande confiança em Deus, um amor a Ele e ao próximo capaz de todos os sacrifícios, sem contar as virtudes morais de prudência, justiça, religião, humildade, temperança, fortaleza e constância. Estas virtudes devem ser praticadas em grau elevado, posto que o Pontífice invoca sobre eles os dons do Espírito Santo, que completam as virtudes e aperfeiçoam a sua prática. Assim, não basta ser um desses *principiantes* ainda expostos a recair em faltas graves; é preciso, depois de purificada a alma de seus pecados e apegos, confirmá-la nas virtudes que constituem a via *iluminativa* e tender a uma união cada vez mais íntima com Deus.

404. 2º - Uma vez que se alcançou o *sacerdócio*, não é o momento de parar, mas de avançar dia a dia, de virtude em virtude. Esse é o ensinamento da Imitação de Cristo: “*Não se te diminui o encargo; ao contrário, estás agora mais apertadamente ligado aos vínculos da disciplina e obrigado à maior perfeição e santidade. O sacerdote deve estar ornado de todas as virtudes e dar aos outros o exemplo de uma vida santa.*”^[289] Além do fato de que não avançar é recuar, (n^{os} 358 e 359) há, como demonstramos ao falar das funções sacerdotais (n^{os} 392 e ss.), uma tal obrigação de conformar-se a Jesus Cristo e de edificar o próximo que, apesar de todos os esforços, sempre se fica abaixo do ideal estabelecido pelo Evangelho e pelo Pontifical. Portanto, todos os dias o sacerdote deve repetir a si mesmo que ainda tem muito a fazer para alcançar esse ideal: “*Tens um longo caminho a percorrer*” (I Re 19, 7).

405. Por outro lado, os sacerdotes vivem no meio do mundo e dos seus perigos, enquanto os religiosos são protegidos por suas regras e todas as vantagens da vida em comum. Então, se os religiosos são obrigados a buscar sem cessar a perfeição, não estariam os sacerdotes ainda mais obrigados do que eles? Se não têm, para proteger a virtude, as barreiras externas que os defenderiam, não deveriam buscar suprir essa falta com uma maior força interior que, evidentemente, somente se pode adquirir por meio de esforços continuamente renovados para aperfeiçoar a vida? O mundo, ao qual são forçados a se misturarem, sempre tende a menosprezar o ideal do sacerdote. Portanto, é preciso elevá-lo constantemente, pela consideração frequente do espírito sacerdotal.

O que faz desse progresso um dever premente é que, do grau de santidade do sacerdote, depende a salvação e santificação das almas que lhes são confiadas. Pela lei ordinária da Providência sobrenatural, tanto maior bem fará um sacerdote quanto mais santo for, conforme acima demonstramos (nº 398 e ss). Portanto, estaria em desconformidade com o ministério de *santificadores de almas*, parar no meio do caminho, ou até mesmo no começo, quando tantas almas, em perigo de se perder, gritam de todos os lados pedindo-lhes ajuda: “*Passa à Macedônia, e vem em nosso auxílio!*” (At 16, 9). A esse clamor por socorro, a única resposta digna de um sacerdote, evidentemente, é a de Nosso Senhor: “*Santifico-me por eles para que também eles sejam santificados pela verdade*” (Jo 17, 19).

406. Não examinaremos aqui a questão de perquirir se o sacerdote, obrigado a uma perfeição interior maior que a do simples religioso, encontra-se no *estado de perfeição*. Essa questão, que pertence ao Direito Canônico, é comumente resolvida em sentido negativo, porque o sacerdote, embora seja pastor de almas, não tem a *estabilidade* que canonicamente se requer para o estado de perfeição.

Quanto ao que é ao mesmo tempo sacerdote e religioso, é óbvio que além das obrigações do sacerdócio, tem as dos seus votos. Contudo, a regra lhe traz auxílios mais abundantes para tornar-se santo. Nesse caso, não deverá esquecer que o *sacerdócio* o obriga a uma maior perfeição que a do estado religioso.

Assim, tanto o clero secular como o regular, sem nunca alimentar invejas um do outro, hão de se estimar e sustentar mutuamente, já que

possuem um único e mesmo fim: glorificar a Deus, conquistando-lhe tantas almas quando possível. Para isso, considerarão as virtudes e sucessos, que veem em seus irmãos, um estímulo para nobres emulações: “*Olhemos uns pelos outros para estímulo à caridade e às boas obras*” (Hb 10, 24).

CAPÍTULO V – MEIOS GERAIS DE PERFEIÇÃO

407. Estando já profundamente convictos de que devemos buscar a perfeição, resta-nos estudar e pôr em prática os *meios* que nos aproximam desse objetivo. Trataremos aqui dos meios *gerais*, comuns a todas as almas que querem progredir. Na *segunda parte* falaremos dos meios *especiais*, condizentes com os diferentes graus da vida espiritual.

Esses meios são *internos* e *externos*. Os primeiros são disposições ou atos da própria alma que gradualmente a elevam a Deus; os segundos incluem, além desses mesmos atos, auxílios *exteriores*, que ajudam a alma nessa ascensão. É importante apresentá-los em uma visão sintética.

408. I. Dos meios *internos*, quatro merecem a nossa atenção:

1º - o *desejo de perfeição*, que é o primeiro passo para ir adiante e que dá o impulso necessário para superar os obstáculos;

2º - O *conhecimento de Deus e de nós mesmos*. Posto que o objetivo é unir a alma a Deus, quanto maior for o conhecimento desses dois termos, mais fácil será aproximá-los: “*Que eu possa conhecê-lo, ó Senhor, para que possa amá-lo. Que eu possa conhecer a mim mesmo, para que possa desprezar-me.*”; ^[290]

3º - A *conformidade com a vontade de Deus*, pois, a submissão da nossa vontade à divina é o sinal mais autêntico de amor e o meio mais eficaz de nos unir à fonte de toda a perfeição: “*um desejo, uma vontade.*”;

4º - A *oração*, em sentido amplo, ou seja, adoração ou petição, mental ou vocal, privada ou pública, “*qualquer elevação da alma para Deus*”. Através dela unimos a Deus todas as nossas faculdades interiores, memória e imaginação, entendimento, vontade, e até os nossos atos externos enquanto expressão do nosso espírito de oração.

II. Os meios *externos* podem também reduzir-se a quatro principais:

1º - A *direção*. Assim, como Deus instituiu uma autoridade visível para governar externamente a sua Igreja, também quis que, interiormente,

as almas fossem conduzidas por um guia espiritual experiente, que as previna dos obstáculos, anime-as e direcione os seus esforços.

2º - *Um regulamento de vida* que, aprovado pelo diretor, amplie a influência deste sobre as almas;

3º - *Conferências, exortações e leituras espirituais*. Quando bem escolhidas, põem-nos em contato com a doutrina e os exemplos dos santos e arrastam-nos a segui-los;

4º - *A santificação das relações sociais*, com parentes, amigos, ou nos negócios. A finalidade é orientar para Deus não somente os exercícios de piedade, mas todas as nossas ações, sobretudo os deveres de estado.

MEIOS DE PERFEIÇÃO

- **INTERNOS**

- Desejo de perfeição
- Conhecimento de Deus e de nós mesmos
- Conformidade com a vontade de Deus
- Oração

- **EXTERNOS**

- Direção Espiritual
- Regulamento de Vida
- Leituras e conferências espirituais
- Santificação das relações sociais

Art. I – MEIOS INTERNOS DE PERFEIÇÃO

I.I – O DESEJO DE PERFEIÇÃO^[291]

409. O primeiro passo para a perfeição é desejá-la com sinceridade, ardor e constância. Para melhor entender esse desejo, consideraremos: 1º- sua *natureza*; 2º- sua *necessidade e eficácia*; 3º- suas *qualidades*; 4º- os *meios de alimentá-lo*.

I.I.I – Natureza Desse Desejo

410. 1º - O desejo, *em geral*, é um movimento da alma para um *bem ausente*. Difere, pois, do gozo, que é a satisfação de possuir o *bem presente*. Pode ser dividido em duas espécies: o desejo *sensível*, ou o impulso apaixonado para o bem sensível ausente; o desejo *racional*, que é um ato da vontade que se inclina com ardor para um bem espiritual. Às vezes esse desejo repercute sobre a sensibilidade, misturando-se com o sentimento. Na ordem sobrenatural, os bons desejos são influenciados pela graça divina, como acima dissemos.

411. 2º - Então, o desejo da perfeição pode ser definido como: *um ato de vontade que, sob a influência da graça, aspira sem cessar ao progresso espiritual*. Esse ato é por vezes acompanhado de emoções e piedosos afetos que intensificam o desejo,^[292]* mas esses elementos não são necessários.

412. 3º - Esse desejo surge da ação conjunta da *graça* e da *vontade*. Desde toda a eternidade Deus nos ama e, por isso, deseja unir-se a nós: “*amo-te com eterno amor, e por isso a ti estendi o meu favor*” (Jr 31, 3). Com amor incansável busca-nos, segue-nos, como se precisasse de nós para ser feliz. Por outro lado, quando a nossa alma, iluminada pela fé, volta-se para si mesma, sente um vazio imenso que nada pode preencher, exceto o

infinito, o próprio Deus: “Fizeste-nos para Ti, e inquieto está o nosso coração enquanto não repousa em Ti.”^[293] Por isso, ela anseia por Deus, pelo amor divino, pela perfeição, como a corsa sedenta pela fonte de água viva: “Como a corsa anseia pelas águas vivas, assim minha alma suspira por vós, ó meu Deus” (Sl 41, 2) ... “Minha alma está sedenta de vós” (Sl 62, 2). Como na terra esse desejo jamais é saciado, porque sempre haverá caminho a percorrer em direção à união com Deus, conclui-se que, se não opormos obstáculos, nunca deixará de crescer.

413. 4º - Infelizmente muitos são os obstáculos que tendem a sufocar ou ao menos enfraquecer esse desejo: a tríplice concupiscência, da qual já tratamos (nº 193); o horror das dificuldades a serem superadas; a renovação constante e imprescindível dos esforços para corresponder à graça e progredir. Portanto, devemos estar bem convencidos da sua necessidade e servir-nos dos meios para reavivá-lo.

I.I.II – Sua Necessidade e Eficácia

414. 1º - **Necessidade.** O desejo é o *primeiro passo* em direção a perfeição, a condição *sine qua non* para alcançá-la. O caminho da perfeição é *árido* e requer esforços enérgicos e constantes, pois, como já dito, não há progresso no amor de Deus sem sacrifício, sem lutar contra a tríplice concupiscência e a lei do menor esforço. *Ninguém* inicia um caminho difícil e íngreme sem ter um desejo ardente de alcançar a meta e, mesmo que comece, logo abandona-o se seus esforços não forem sustentados por esse impulso para a perfeição.

A. Na Sagrada Escritura tudo aponta para estimular esse desejo. Tanto nos Evangelhos como nas Epístolas, são constantes as exortações à perfeição, como já mostramos quando falamos da obrigação de buscá-la. Os textos que consignam essa necessidade visam estimular nosso desejo de progredir. Apresentam as divinas perfeições como *ideal* e propõem como *modelo* o próprio Jesus Cristo; referem-se às suas virtudes e estimulam-nos a imitá-las. Não seria isso despertar em nós o desejo de perfeição?

415. B) A *Sagrada Liturgia* não procede de outra forma. Ao reproduzir, no curso do ano, as diferentes fases da vida de Nosso Senhor, faz-nos exprimir os *mais ardentes desejos*: de que Jesus venha reinar sobre as almas, durante o tempo do Advento; do crescimento desse reino nos corações, no tempo do Natal e da Epifania; de obras de penitência, que nos preparam para as graças da Ressurreição, no período da Septuagésima até à Páscoa; de união íntima com Deus, no tempo pascal; dos dons do Espírito Santo, a partir de Pentecostes. Assim, ao longo de todo o ano litúrgico, a Igreja busca continuamente estimular, de um modo ou de outro, o nosso desejo de progresso espiritual.

416. C) A *experiência* adquirida pela leitura da vida dos santos, ou como diretor espiritual de almas, mostra-nos que, sem desejo de perfeição frequentemente renovado, as almas não avançam nos caminhos espirituais. Bem isso é o que diz Santa Teresa:^[294] “*Devemos ter grande confiança, porque convém muito não reduzir os desejos, confiando em Deus que, se nos esforçar-nos, poderemos chegar – pouco a pouco, embora não logo – ao ponto alcançado por tantos santos com o Seu favor; se estes nunca se determinassem a desejá-lo e a passar gradativamente à prática, não teriam atingido tão alto estado. ... Causa-me forte impressão a grande importância que tem nesse caminho procurar grandes coisas.*” A própria Santa é disso um exemplo marcante: enquanto não se determinou a romper todos os laços que retardavam o seu impulso para os cumes da perfeição, arrastou-se penosamente na mediocridade; a partir do momento em que decidiu dar-se inteiramente a Deus, fez progressos maravilhosos.

417. A *prática* da direção espiritual confirma o ensino dos Santos. Quando encontramos almas generosas, com desejo humilde e constante de progredir nos caminhos do espírito, vemos que gostam e praticam os meios de perfeição que lhes são sugeridos. Se, pelo contrário, falta-lhes esse desejo, ou ele é fraco, percebe-se rapidamente que as mais vivas exortações produzem pouco efeito. O alimento espiritual, assim como o do corpo, só traz benefício aos que dele têm fome e sede. Deus enche de bens os que se mostram famintos, mas não os dá, senão parcamente, aos que deles não fazem caso: “*Saciou de bens os indigentes e despediu de mãos vazias os ricos*” (Lc 1, 53). O mesmo acontece com a *eficácia* do desejo.

418. 2º - Eficácia do desejo de perfeição. Esse desejo é uma verdadeira força que nos faz avançar para uma vida melhor.

a) Com efeito, a *psicologia* mostra que a *ideia*, quando é profunda, tende a produzir o ato correspondente. Isso ainda é mais verdadeiro quando o pensamento é acompanhado pelo *desejo*, pois o *desejo* já é um ato de vontade que põe em movimento as nossas faculdades executoras. Portanto, desejar a perfeição é tender a ela; e tender é um começo de realização. Desejar amar a Deus, já é amá-lo, pois Deus vê o fundo do nosso coração e considera todas as nossas intenções. Nesse sentido são aquelas profundas palavras de Pascal: “*Tu não me procurarias se não me tivesses encontrado.*” Desejar é procurar e quem procura encontra: “*Quem busca, acha. A quem bate, abrir-se-á*” (Mt 7, 8).

419. b) Além disso, na ordem sobrenatural, o desejo é uma oração, uma elevação da alma a Deus, uma espécie de comunhão espiritual com Ele, que a Ele eleva nossa alma e O atrai a nós. Agrada a Deus ouvir as nossas preces, especialmente quando visam a nossa santificação, que é o que o seu coração mais deseja: “*Esta é a vontade de Deus: a vossa santificação*” (I Ts 4, 3). Por isso, no Antigo Testamento, Deus nos exorta a ir em busca e obter a sabedoria, ou seja, a *virtude*; faz as mais belas promessas aos que ouvem a sua voz e concede-a abundantemente aos que a desejam: “*Assim implorei e a inteligência me foi dada, supliquei e o espírito da sabedoria veio a mim*” (Sb 7, 7; Pr 1, 20-23). No Evangelho convida-nos a saciar nossa sede espiritual: “*Se alguém tiver sede, venha a mim e beba*” (Jo 7, 37).^[295]* Portanto, quanto mais ardentes forem os desejos, mais abundantes serão as graças recebidas, pois a fonte de água viva é inesgotável.

420. c) Enfim, o desejo, *dilatando* a nossa alma, prepara-a melhor para as comunicações divinas. Há em Deus uma tal plenitude de graça e de bondade, que a abundância que no-las concede é muito superior à nossa capacidade de receber. Assim, quanto mais dilatamos a alma por meio de sinceros e ardentes desejos, mais ela torna-se apta a receber a plenitude divina: “*Abro a boca para aspirar, num intenso amor de vossa lei. ... Basta abrires a boca e te satisfarei*” (Sl 118, 131; Sl 80, 11).

I.I.III – O Desejo de Perfeição Requer Qualidades

Para que produza esses felizes efeitos, o desejo de perfeição deve ser *sobrenatural, predominante, progressivo e prático*.

421. 1º - Deve ser *sobrenatural* no seu *motivo* e no seu *princípio*.

a) No seu *motivo*, isto é, deve apoiar-se nas razões que a fé nos dá, conforme já exposto: a natureza e excelência da vida cristã e da perfeição, a glória de Deus, a edificação do próximo, o bem da nossa alma, etc.

b) No seu *princípio*, ou seja, deve ser concebido por ação da graça. Somente a graça pode dar-nos *luz* para compreender e saborear esses motivos e a *fortaleza* necessária para agir em conformidade com nossas convicções. Como a graça se alcança através da *oração*, devemos pedir com insistência que Deus aumente em nós esse desejo de perfeição.

422. 2º - Deve ser *predominante*, ou seja, mais intenso do que qualquer outro desejo. Posto que a perfeição é efetivamente o tesouro escondido, a pérola preciosa que devemos comprar, custe o que custar, e que cada grau de perfeição corresponde a um grau de glória, de visão beatífica e de amor, é preciso desejá-la e buscá-la acima de todas as coisas: “*Buscai em primeiro lugar o Reino de Deus e a sua justiça*” (Mt 6, 33).

423. 3º - *Constante e progressivo*. Como a perfeição é um trabalho de longo prazo, que exige perseverança e progresso, é preciso *renovar* constantemente o desejo de melhorar. Por essa razão é que Nosso Senhor diz que não se deve olhar para trás, para ver o caminho já percorrido, ou deter-se com complacência sobre os esforços realizados: “*Aquele que põe a mão no arado e olha para trás, não é apto para o Reino de Deus*” (Lc 9, 62). Ao contrário, precisamos olhar para frente, como diz-nos São Paulo, para ver o caminho que ainda resta percorrer, e redobrar as energias, como o corredor que estende os braços para chegar antes à meta: “*Consciente de não a ter ainda conquistado, só procuro isto: prescindindo do passado e atirando-me ao que resta para a frente, persigo o alvo, rumo ao prêmio celeste, ao qual Deus nos chama, em Jesus Cristo*” (Fl 3, 13-14). Mais

tarde, Santo Agostinho voltará a insistir nessa mesma verdade. Diz ele: parar é recuar, deter-se em contemplar o progresso realizado, é perder o ardor. O lema da perfeição é ir sempre adiante, melhorar continuamente: “*Não hesitar no caminho, não se desviar dele ... sempre esforçar-se, sempre caminhar, sempre avançar.*”^[296]

Portanto, não devemos contemplar o bem já feito, mas o que ainda há por fazer. Não deter a atenção naqueles que não procedem tão bem quanto nós, mas nos que são melhores, nos fervorosos, nos santos, e sobretudo no Santo por excelência, o próprio Jesus, nosso verdadeiro modelo. Desse modo, quanto mais avançamos, mais longe nos sentimos do objetivo, porque reconhecemos quão elevado ele é.^[297]*

Contudo, nossos desejos nunca deverão ser excessivamente ansiosos ou febris e, muito menos, presunçosos. Esforços violentos não perduram. Os presunçosos rapidamente desanimam depois dos primeiros fracassos. O que nos faz avançar é o desejo calmo, refletido, baseado em convicções, fundado na onipotência da graça e continuamente renovado.

424. 4º - Então, o desejo torna-se *prático* e *eficaz*, porque, considerando os *meios* que estão ao nosso alcance, não almeja um ideal impossível. Há almas que têm um magnífico ideal, mas puramente especulativo; aspiram a uma elevada santidade, mas negligenciam os meios para alcançá-la. Nasce um duplo perigo desse equívoco: por sonhar ser perfeito, pode-se crer já sê-lo e ensoberbecer-se com isso; ou pode-se parar e retroceder. Portanto, é preciso ter sempre em mente o lema: quem quer os fins, quer os meios, e lembrar que a *fidelidade às coisas pequenas* é que garante a fidelidade às grandes: “*aquele que é fiel nas coisas pequenas será também fiel nas coisas grandes*” (Lc 16, 10). Assim, é preciso imediatamente aplicar o desejo de perfeição à ação presente, por menor que seja. Desejar a perfeição e deixar o esforço para o dia seguinte, querer santificar-se nas grandes ocasiões e desprezar as pequenas, é uma dupla ilusão, que mostra falta de sinceridade, ou ao menos de psicologia. Sem dúvida, um *ideal elevado* é essencial, mas também o é a *realização* imediata e progressiva.

I.I.IV – Meios de Estímulo ao Desejo de Perfeição

425. 1º - Baseado em convicções sobrenaturais, o desejo de perfeição nasce e cresce, principalmente, pela *meditação* e pela *oração*. Portanto, antes de tudo é preciso *refletir* sobre as grandes verdades descritas nos capítulos precedentes, tais como a natureza e a excelência da vida que Deus nos comunica, a formosura e a riqueza de uma alma que cultiva essa vida, as delícias que Deus lhe reserva no céu, e também sobre a vida dos santos, cujo progresso foi tanto maior quanto mais ardente e constante foi o desejo que tiveram de se aproximar, cada dia, do ideal de perfeição. A meditação, para ser mais proveitosa, deve ser acompanhada de *oração*, pois esta, atraindo a graça, faz as convicções penetrarem no mais íntimo da alma.

426. 2º - Porém, há *circunstâncias muito favoráveis* em que a ação da graça é mais vivamente sentida. Um diretor espiritual experiente saberá valer-se delas para estimular desejos de perfeição em seus penitentes.

a) Assim, desde o primeiro despertar da razão, Deus convida a criança a entregar-se a ele. É muito importante que os pais e os confessores aproveitem esses momentos para estimular e dirigir os impulsos desses jovens corações para Deus! O mesmo se diga do dia da primeira comunhão, privada ou solene, do momento em que surge a vocação, quando se elege o estado de vida, ao entrar num colégio, seminário ou noviciado, ou ao contrair o matrimônio. Em todas essas ocasiões Deus concede graças especiais e é muito importante corresponder generosamente.

427. b) Também no momento dos *retiros espirituais*. Os prolongados períodos de recolhimento, as instruções ouvidas, as leituras feitas, juntamente com exames de consciência e orações e, principalmente, as graças abundantes recebidas nesses dias, contribuem para fortalecer as convicções, para conhecer melhor o estado da nossa consciência e detestar com mais sinceridade nossos pecados e suas causas. Com isso, os retiros movem-nos a propósitos mais práticos e generosos e dão novo impulso em direção à perfeição. Por isso, nos últimos anos, os *exercícios fechados* têm sido frequentes para formar, tanto no clero como entre os leigos, pessoas escolhidas cuja única ambição é progredir na vida espiritual. Os diretores de seminários também sabem quão maravilhosos efeitos são produzidos na juventude clerical pelos retiros realizados no início de cada ano e no momento das ordenações. Nessas oportunidades é que nascem, renovam-se

ou intensificam-se propósitos generosos de levar uma vida melhor. É importante aproveitar essas oportunidades para corresponder ao chamado de Deus e iniciar uma mudança de vida, ou aperfeiçoá-la.

428. c) *Provações providenciais*, físicas ou morais, como doenças, lutos de família, angústias da alma, reveses da fortuna, costumam vir acompanhadas de graças interiores que impulsionam a uma vida mais perfeita. Se a alma aproveitar essas provações para voltar-se para Deus, esses fatos ajudam-na a desapegar-se das coisas terrenas, purificam-na pelo sofrimento e inspiram-lhe desejos do céu e de perfeição, que é o seu caminho.

429. Enfim, há momentos em que o Espírito Santo produz nas almas *movimentos interiores*, inclinando-as a uma vida mais perfeita. Ele as ilumina sobre a vaidade das coisas humanas, sobre a felicidade de se dar mais inteiramente a Deus, e impele-as a esforços mais enérgicos. É óbvio que precisamos aproveitar essas graças interiores para acelerar o progresso.

430. 3º - Há, por fim, *práticas espirituais* que por sua natureza tendem a avivar o nosso desejo de perfeição. Por exemplo:

a) O *exame particular* diário, que nos obriga a voltar-nos para nós mesmos sobre algum ponto específico, não somente para constatar nossas falhas ou progressos, mas também e sobretudo para renovar a nossa vontade de avançar na prática de alguma virtude em particular (nº 468).

b) A *confissão bem feita*, para corrigir-nos de algum defeito (nº 262).

c) Os *retiros mensais e anuais*, que renovam o desejo de melhorar.

CONCLUSÃO

431. Valendo-nos desses diversos meios manteremos a vontade constantemente, ou ao menos habitualmente, orientada para o progresso espiritual. Então, sustentados pela graça de Deus, venceremos mais facilmente os obstáculos. Sem dúvida, por vezes haverá tropeços, mas,

impulsionados pelo desejo de progredir, retomaremos corajosamente nossa marcha. As derrotas parciais servirão apenas para exercitar-nos na humildade e, com isso, aproximar-nos mais de Deus.

I.II – O CONHECIMENTO DE DEUS E DE NÓS MESMOS

432. Posto que a perfeição consiste na união da alma com Deus, é evidente que, para alcançá-la, é preciso antes de tudo conhecer os dois polos da união, Deus e a alma. O conhecimento de Deus nos levará diretamente ao amor: *Que eu possa conhecer-Te para que possa amar-Te*. O *autoconhecimento* nos faz apreciar o que Deus colocou de bom em nós e com isso estimula-nos a ver e reconhecer nossas misérias e defeitos. Desse modo, conceberemos um justo desprezo de nós mesmos, o que produzirá diretamente a humildade (*Que eu possa conhecer-me para que possa desprezar-me*) e, conseqüentemente, o amor divino, porque é no vazio de nós mesmos que se opera a união com Deus.

I.II.I – O Conhecimento de Deus^[298]

433. Para amar a Deus é necessário primeiramente conhecê-lo. Quanto mais nos aplicamos ao estudo das suas perfeições, mais o coração se abrasa de amor para com Ele, pois nele tudo é amável. Ele é a plenitude do ser, da beleza, da bondade e do amor: *Deus é caridade*, e isto é evidente. Resta-nos apenas determinar: 1º - o que devemos saber sobre Deus para amá-lo; 2º - como alcançar esse afetuoso conhecimento.

I.II.I.I – O que devemos saber sobre Deus

De Deus precisamos saber tudo aquilo que nos mova a admirá-lo e amá-lo, ou seja, sua existência, natureza, atributos e obras, mas sobretudo sua *vida íntima* e suas *relações conosco*. Nada relativo à divindade é estranho à devoção; as verdades mais abstratas têm um aspecto afetivo que

muito contribui com a piedade, o que mostraremos com alguns exemplos extraídos da filosofia e da teologia.

434. A) Verdades filosóficas. a) As provas metafísicas da existência de Deus parecem muito abstratas. Não obstante, são uma fonte de preciosas reflexões que conduzem ao amor divino. Deus, *primeiro motor* imóvel, ato puro, é a fonte de todo movimento. Logo, somente posso mover-me nele e por Ele, e Ele é que deve ser o primeiro princípio de todas as ações. E, sendo destas o princípio, deve ser também o último fim: “*Eu sou princípio e o fim.*” Deus é a *causa primeira* de todos os seres, de tudo que há de bom em nós, das nossas faculdades e atos. Portanto, a Ele somente, toda honra e toda glória! Deus é o *ser necessário*, o único necessário; logo, o único bem a ser buscado: tudo o mais é contingente, acessório, transitório, e somente pode ser útil na medida em que nos conduz ao único necessário. Deus é a *perfeição infinita* e as criaturas são somente um pálido reflexo de sua formosura. Ele é, pois, o ideal a ser perseguido: “*Sede perfeitos, como vosso Pai do céu é perfeito*” (Mt 5, 48).^[299] Portanto, não devemos colocar qualquer limite à nossa perfeição. Dizia Deus a Santa Catarina de Sena: “*Eu sou infinito e ando à procura de obras infinitas, isto é, de um sentimento infinito de amor.*”^[300]

435. b) Se passarmos a analisar a *natureza divina*, o pouco que dela sabemos basta-nos para desapegar-nos das criaturas e de nós mesmos, para elevar-nos a Deus. Ele é a plenitude do ser: “*Eu sou Aquele que sou.*” Logo, o meu ser é apenas uma existência emprestada, incapaz de subsistir por si mesmo, e deve reconhecer a *absoluta dependência* do Ser divino. Isso é o que Deus queria ensinar a Santa Catarina de Sena, quando lhe disse:^[301] “*Sabes, minha filha, o que és tu, o que sou eu? ... Tu és aquela que não é, e Eu sou Aquele que é!*” Que lição de humildade e amor!

436. c) O mesmo acontece com os *atributos divinos*: não há um só deles que, bem meditado, não sirva para de alguma maneira avivar nosso amor. A *simplicidade divina* move-nos a praticar aquela simplicidade ou pureza de intenção que nos leva diretamente a Deus, excluindo a desordenada intenção que se volta para nós mesmos. A sua *imensidade*, que nos envolve

e penetra, é a base do exercício da presença de Deus, tão desejável e benéfica para as almas piedosas. A sua *eternidade* desapega-nos de tudo que é passageiro, lembrando-nos de que tudo que não é eterno, nada é. A sua *imutabilidade* ajuda-nos a manter, no meio das vicissitudes humanas, aquela serenidade tão necessária à união íntima e duradoura. A sua infinita *atividade* estimula a nossa e impede-nos de cair na indiferença ou numa espécie de quietismo perigoso. A sua *onipotência*, posta a serviço da sua *infinita sabedoria* e da sua *misericordiosa bondade*, inspira-nos filial confiança, que muito facilita a oração e o santo abandono. A sua *santidade* nos faz odiar o pecado e amar aquela pureza de coração que conduz à união íntima com Deus: “*Bem-aventurados os puros de coração, porque verão a Deus.*” A sua *infalível verdade* é o fundamento mais sólido da nossa fé. A sua *beleza, bondade e amor* arrebatam o nosso coração e suscitam nele impulsos de amor e reconhecimento. Por tudo isso, as almas santas deliciam-se em perder-se na contemplação dos atributos divinos. Ao admirar e adorar as perfeições divinas, de certo modo as almas atraem algo delas para si.

437. B) Mas, sobretudo, deleitam-se na contemplação das **verdades reveladas**, que se resumem todas à *história da vida divina*: sua fonte na SS. Trindade; suas *primeiras comunicações* com a criação e a santificação do homem; sua *restauração* através da Encarnação; sua *atual difusão* pela Igreja e pelos sacramentos; sua *consumação final* na glória. Cada um desses mistérios arrebatava e inflama as almas de amor por Deus, por Jesus, pelas outras almas, por todas as coisas divinas.

438. a) A vida divina em sua *fonte* é a SS. Trindade. Deus, que é a plenitude do ser e da caridade, contempla-se desde toda a eternidade. Nessa contemplação, dá origem ao Verbo e este Verbo é seu Filho, distinto dele e, não obstante, perfeitamente igual a Ele, sua imagem viva e substancial. Ele ama esse Filho e por Ele é amado. Desse amor mútuo procede o Espírito Santo, distinto do Pai e do Filho e perfeitamente igual a um e outro. Dessa vida é que participamos!

439. b) Por ser infinitamente bom, Deus quer comunicar-se a outros seres e o faz por meio da *criação* e, sobretudo, pela *santificação*. Pela criação somos servos de Deus, o que para nós já é uma grande honra. Na realidade, já é digno de admiração, reconhecimento e amor, que Deus tenha pensado em mim desde toda a eternidade, que me haja escolhido entre bilhões de seres possíveis, para dar-me existência, vida e inteligência. Todavia, não é o máximo da caridade que, além disso, Ele tenha-me chamado a participar da sua vida divina, adotado-me por filho, destinado-me à clara visão da sua essência e ao Seu amor indiviso? Não será também tudo isso um poderoso motivo para amá-lo sem reserva?

440. c) Em razão do pecado de nossos primeiros pais, havíamos perdido o direito à vida divina e, por nós mesmos, éramos incapazes de reavê-lo. Mas ao ver nossa lastimável condição, eis que o *Filho de Deus* se faz *homem* como nós, tornando-se assim cabeça de um corpo místico, cujos membros somos nós. Então, expia os nossos pecados pela sua dolorosa paixão e morte de cruz, reconciliando-nos com Deus e fazendo fluir novamente em nossas almas uma participação da vida que Ele hauriu no seio do Pai. Haverá algo mais eloquente para fazer-nos amar o Verbo Encarnado, para unir-nos estreitamente a Ele e, por Ele, com o Pai?

441. d) Para facilitar essa união Jesus permanece entre nós por meio de sua *Igreja*, que nos transmite e expõe sua doutrina. Permanece pelos seus *Sacramentos*, canais misteriosos da graça que nos comunicam a vida divina. Permanece, sobretudo, pela *Eucaristia*, pela qual perpetua a sua presença, a sua ação benfazeja e o seu sacrifício: o seu *sacrifício* pela Santa Missa, que renova de modo misterioso a sua imolação; a sua *ação benfazeja* pela Comunhão, com a qual aperfeiçoa nossa alma e comunica-lhe suas virtudes, com todos os tesouros da graça; a sua *presença permanente*, fazendo-se como que prisioneiro voluntário, dia e noite no sacrário, onde podemos visitá-lo, conversar com Ele, com Ele glorificar a adorável Trindade, encontrar nele a cura para as nossas feridas espirituais e o consolo para as nossas aflições e desalentos: “*Vinde a mim, vós todos que estais aflitos sob o fardo, e eu vos aliviarei*” (Mt 11, 28).

442. e) E tudo isso é apenas o prelúdio daquela *vida consumada em Deus*, que fruiremos eternamente. Face a face o veremos, tal como Ele se vê a si mesmo, e com amor perfeito o amaremos. Veremos e amaremos nele tudo o que é grande e nobre. Saídos Dele pela criação, voltaremos a Ele pela glorificação e, ao glorificá-lo, encontraremos a felicidade perfeita.

Assim, o dogma é a fonte da verdadeira devoção e o seu alimento. Cumpre-nos, então, dizer como servir-se dele com essa finalidade.

I.II.I.II – Meios para adquirir o conhecimento de Deus

443. Dispomos de três meios principais para adquirir esse amoroso conhecimento de Deus: 1º- o *estudo piedoso* da filosofia e da teologia; 2º- a *meditação* ou a *oração*; 3º- o hábito de *ver* a Deus em todas as coisas.

A. O *estudo piedoso da teologia*. Pode-se estudar filosofia e teologia de duas maneiras: *apenas com a mente*, como se estuda qualquer outra ciência, ou *com a mente e o coração* ao mesmo tempo. Esta última maneira é que gera a piedade. Quando Santo Tomás mergulhava no estudo profundo das grandes questões filosóficas e teológicas, fazia-o, não com um sábio da Grécia, mas como um discípulo, um amante de Cristo. Por isso, com suas próprias palavras diz-nos que a teologia trata das coisas divinas e dos atos humanos na medida em que nos conduzem ao perfeito conhecimento de Deus e, desse modo, ao amor: “*Ela considera estes últimos, enquanto, por eles, o homem é ordenado ao pleno conhecimento de Deus, no qual consiste a bem-aventurança eterna.*”^[302] Por isso é que a sua piedade era ainda maior que o seu conhecimento. O mesmo se diga de São Boaventura e dos grandes teólogos. A maioria deles, de fato, não nos deixou piedosas reflexões sobre os grandes mistérios da nossa fé. Limitaram-se a expô-los e prová-los. Contudo, a piedade brota justamente do fundo dessas verdades e, quem quer que estude com *espírito de fé*, não poderá deixar de admirar e amar Aquele cuja grandeza e bondade a Teologia nos revela. Isso é especialmente verdadeiro em relação aos que sabem fazer uso dos dons de *ciência* e *entendimento*: o primeiro nos eleva das criaturas a Deus, revelando-nos as suas relações com a divindade; o segundo faz-nos penetrar no âmago das verdades reveladas, para que compreendamos as suas maravilhosas harmonias.

Com auxílio dessas luzes, o teólogo saberá elevar-se das verdades mais especulativas a atos de adoração, admiração, reconhecimento e amor, que espontaneamente brotam do estudo dos dogmas cristãos. Esses atos não paralisam a atividade intelectual; pelo contrário, aperfeiçoam e estimulam-na, pois estuda-se melhor, com mais atividade e constância, aquilo que se ama. Descobrem-se então profundezas que a inteligência por si só não penetraria; deduzem-se consequências que ampliam o campo da teologia, fomentando a piedade.

444. B) Porém, juntamente com o estudo é necessária a *meditação*. Não meditamos suficientemente os dogmas cristãos, ou meditamos apenas em seus aspectos acessórios. Não devemos temer tomá-los diretamente e em profundidade, como tema de nossas meditações.^[303] Desse modo, sob a luz da fé e a moção do Espírito Santo, a alma subirá às alturas e penetrará nas profundezas que a inteligência, por si só, não consegue captar. Podemos provar isso pelos escritos que almas simples, elevadas à contemplação, deixaram sobre Deus, Jesus Cristo, sua doutrina e os sacramentos. São exposições que rivalizam com as dos melhores teólogos. O próprio *Santo Tomás* afirmou que aprendeu muito mais na escola do seu crucifixo que nos livros dos doutores. Isso deve-se ao fato de que, no silêncio e repouso da oração, Deus fala mais facilmente ao coração, e de que sua palavra, ao ser melhor compreendida, ilumina a mente, abrasa o coração e põe a vontade em movimento. É também então que o Espírito Santo se digna comunicar, além dos dons de ciência e entendimento, o de *sabedoria*, que nos faz *gostar*, amar e praticar as verdades da fé, criando assim uma união muito íntima entre a alma e Deus. Bem descreveu essa situação o autor da *Imitação*: “*Bem-aventurada a alma que ouve, em si mesma, a voz do Senhor, e recebe de seus lábios palavras de consolação.*”^[304]

A lembrança frequente e afetuosa de Deus durante o dia prolonga e complementa os bons efeitos da oração. Ao pensar em Deus, mais o amamos, e o amor refina ainda mais o nosso conhecimento.

445. C) Com isso, mais facilmente a alma adquire o hábito de elevar-se das criaturas ao Criador e de ver a Deus em todas as suas obras: nas *coisas*, *pessoas e acontecimentos*.

O fundamento desse exercício é o *exemplarismo divino*, ensinado por Platão, aperfeiçoado por Santo Agostinho e Santo Tomás, evidenciado pela Escola de São Vítor e revivido pela Escola de espiritualidade francesa do século XVII.^[305] Todos os seres existiram no pensamento de Deus antes de serem criados: Ele os concebeu em seu intelecto antes de produzi-los exteriormente. Desejava que todos fossem, em graus diversos, reflexos das divinas perfeições. Assim, se contemplarmos as coisas criadas não apenas com os olhos do corpo, mas também com os da alma, à luz da fé, veremos:

a) Que todas as criaturas, de acordo com o seu grau de perfeição, são vestígio, imagem ou semelhança de Deus; que todas nos mostram que têm a Deus por autor e convidam-nos a louvá-lo, posto que todo o ser que nelas há, toda beleza e bondade, é apenas uma participação criada e limitada do ser divino;

b) Em especial, que as criaturas *intelectuais*, elevadas à ordem sobrenatural, são imagens, semelhanças vivas de Deus, que participam da sua vida intelectual, embora de modo finito. Sendo todos os batizados membros de Cristo, Cristo é que devemos ver neles: *Cristo em todos*;

c) Que na mente divina todos os *acontecimentos*, felizes ou infelizes, são destinados a aperfeiçoar a vida sobrenatural que nos foi dada e a facilitar o recrutamento dos eleitos, de tal modo que, para santificar-nos, de tudo possamos tirar proveito.

Porém, acrescentamos que, na ordem *cronológica*, as almas vão primeiro a Jesus Cristo e, por Jesus Cristo, ao Pai, e que, chegadas a Deus-Pai, não deixam de permanecer intimamente unidas a Jesus.

CONCLUSÃO: O EXERCÍCIO DA PRESENÇA DE DEUS^[306]

446. O conhecimento afetivo de Deus nos leva ao santo *exercício da presença de Deus*, cujo *fundamento, prática e vantagens* vamos expor brevemente.

A. O *fundamento* é a doutrina da *onipresença de Deus*. Deus está em toda a parte, não só pela sua ciência e ação, mas também pela sua substância. Como disse São Paulo aos atenienses, “*é nele que temos a vida, o movimento e o ser*” (At 17, 28); e isso é verdadeiro tanto na ordem natural como sobrenatural. Como *Criador*, é Ele que, depois de nos ter dado o ser e a vida, mantém-nos e põe em movimento as nossas faculdades, com seu

auxílio; como *Pai*, gera em nós a vida sobrenatural, que é uma participação da sua própria vida, coopera conosco, como *causa principal*, na sua preservação e crescimento, e assim acha-se intimamente presente em nós, no centro da nossa alma, sem deixar, contudo, de ser distinto de nós. E, como acima dissemos (nº 92), é a SS. Trindade que vive em nós, o *Pai* que nos ama como filhos, o *Filho* que nos trata como irmãos e o *Espírito Santo* que nos dá não apenas os seus dons, mas até mesmo a sua Pessoa.

B. A prática. Para encontrar Deus, não precisamos ir procurá-lo no céu. Podemos encontrá-lo: **a)** muito perto de nós, *nas criaturas* que nos rodeiam. Nelas é que em princípio devemos procurá-lo; todas nos mostram alguma das perfeições divinas, sobretudo as dotadas de inteligência, que possuem em si o Deus vivo (nº 92); todas são como que degraus para elevar-nos a Deus; **b)** pela oração confiante, pois Deus está muito perto dos que confiantemente o invocam: “*O Senhor está perto de todos os que o invocam*” (Sl 114, 18); e nossa alma compraz-se em invocá-lo, seja por meio de simples jaculatórias, seja por orações mais longas. **c)** sobretudo, devemos lembrar que as três pessoas divinas habitam em nós e que o nosso coração é um tabernáculo vivo, um céu onde desde já Elas se dão a nós. Basta, pois, entrar em nós mesmos ou, como dizia Santa Catarina de Sena, na nossa *cela interior*, e contemplar com os olhos da fé o hóspede divino, que se digna ali habitar. Viveremos então sob o seu olhar e sua ação, adorando-o colaborando com Ele na santificação da nossa alma.

447. C) Facilmente percebemos as *vantagens* desse exercício no que diz respeito à nossa *santificação*.

a) Faz-nos *evitar cuidadosamente o pecado*. Pois, quem ousaria ofender a Majestade divina depois que reconhece que ela habita em sua alma, com a sua *santidade* infinita que não é compatível com a menor mancha, com a sua *justiça* que O obriga a punir as menores faltas, com o seu *poder* que lhe arma o braço contra o culpado e, principalmente, com a sua *bondade* que pede de nós amor e fidelidade?

b) *Estimula nosso ardor* pela perfeição. Um soldado em combate, quando vigiado pelo seu comandante, sente-se estimulado a multiplicar proezas. Assim, também nós nos sentimos dispostos aos mais duros trabalhos, aos esforços mais generosos, quando temos consciência de que combatemos não somente vigiados por Deus, mas que contamos com sua

ajuda sempre vitoriosa. Além disso, somos estimulados pelo prêmio da imortalidade que Ele nos promete e, sobretudo, pelo maior amor que Ele nos dá como recompensa.

c) Que *confiança* esse pensamento nos dá! Quaisquer que sejam as nossas provações, tentações, fadigas e fraquezas, não estaremos seguros da vitória final quando lembramos que Aquele que é a onipotência, a quem nada resiste, vive em nós e põe suas divinas energias a nosso serviço? Sem dúvida podemos experimentar reveses parciais, provar angústias dolorosas, mas temos a certeza de que, apoiando-nos nele, triunfaremos, e que até mesmo nossas cruces serão úteis para amá-lo ainda mais e para multiplicar os nossos méritos.

d) Enfim, é para nós grande *alegria* pensar que já possuímos Aquele que é a felicidade dos escolhidos e que um dia veremos face a face, que podemos gozar da sua presença e conversar com Ele durante todo o dia!

Assim, são muitíssimo santificantes o conhecimento e a lembrança frequente de Deus. O mesmo se diga do conhecimento de nós mesmos.

I.II.II – O Conhecimento de Nós Mesmos

O conhecimento de Deus leva-nos *diretamente* a amá-lo, haja vista que Ele é infinitamente amável. Já, o autoconhecimento conduz-nos ao mesmo amor *de modo indireto*, pois mostra-nos a necessidade absoluta que temos dele para aperfeiçoar as *qualidades* que nos deu e para remediar as nossas profundas misérias. Portanto, veremos a seguir: 1º- a *necessidade* desse conhecimento; 2º- o seu *objeto*; 3º- os *meios* de alcançá-lo.

I.II.II.I – Necessidade do autoconhecimento

Poucas palavras bastam para convencer-nos dessa necessidade.

448. A) Aperfeiçoar-se é moralmente impossível para aquele que não conhece a si mesmo. A razão é que manterá *ilusões* sobre a sua condição e cairá, conforme o caráter ou as mudanças de humor, ora num *otimismo*

presunçoso, que o faz acreditar que já é perfeito, ora no *desalento*, que o leva a exagerar as suas faltas e defeitos. Nos dois casos o resultado é praticamente o mesmo: a inação, ou ao menos a ausência de esforços enérgicos e perseverantes, e o relaxamento. Por outro lado, como poderá corrigir defeitos que não conhece ou que conhece mal, cultivar virtudes e qualidades, se destas tem apenas uma noção vaga e confusa?

449. B) Pelo contrário, o conhecimento claro e sincero da nossa alma estimula-nos à perfeição: as boas *qualidades* que descobrimos em nós, movem-nos a *agradecer* a Deus, o que demonstramos correspondendo mais generosamente à graça; nossos *defeitos* e a consciência do nosso nada, mostram-nos que ainda há muito por fazer e que importa não perder ocasião alguma de progredir. Assim, pois, aproveitamos todas as ocasiões para erradicar, ou ao menos enfraquecer, mortificar e dominar os próprios vícios, e para cultivar e desenvolver as boas qualidades. Conscientes da própria incapacidade, humildemente pedimos a Deus a graça de progredir a cada dia e, apoiados na confiança, esperamos e desejamos o triunfo. Tudo isso estimula e dá constância ao nosso esforço.

I.II.II.II – Objeto do autoconhecimento

450. Advertências gerais. Para que esse conhecimento seja mais eficaz é preciso que abarque *tudo o que há em nós*, qualidades e defeitos, dons naturais e sobrenaturais, inclinações e repugnâncias, e também a história da nossa vida: faltas, esforços e progressos. Tudo isso estudado sem pessimismo, mas com imparcialidade, com uma consciência reta, iluminada pela fé.

a) Portanto, devemos reconhecer sinceramente, sem falsa modéstia, todas as *boas qualidades* que o bom Deus nos concedeu, certamente não para glorificar-nos, mas para expressar nossa gratidão ao seu autor e para cultivá-las cuidadosamente, pois são talentos que Ele nos confiou e dos quais pedirá contas. O campo a ser explorado é, pois, vastíssimo, haja vista que compreende tanto os dons *naturais* como os *sobrenaturais*: os recebidos mais diretamente de Deus, os recebidos pela educação de nossos pais e os adquiridos pelos próprios esforços sustentados pela graça.

451. B) Mas também precisamos corajosamente encarar nossas *misérias* e *pecados*. Tirados do nada, para o nada tendemos sem cessar. Não podemos subsistir nem agir sem o concurso incessante de Deus. Inclínados ao mal pela tríplice concupiscência (nº 195 e ss.), fortalecemos essa tendência com os nossos pecados atuais e pelos hábitos que deles resultam. É preciso reconhecê-los humildemente e, com a graça divina, sem desanimar, começar a trabalhar para curar essas feridas com o exercício das virtudes cristãs, para deste modo aproximar-nos da perfeição do nosso Pai celestial.

452. Aplicações práticas. Para fazer esse exame com ordem, podemos percorrer sucessivamente os nossos dons *naturais* e *sobrenaturais*, seguindo uma espécie de questionário que facilitará a tarefa.

A. Em relação aos **dons naturais** podemos perguntar-nos, na presença de Deus, quais são as *principais tendências* que parecem caracterizar as nossas faculdades, seguindo uma ordem não estritamente filosófica, mas simplesmente prática. ^[302]

453. a) Em relação à **sensibilidade**: é ela que nos domina, ou é a razão e a vontade? Em todos nós há uma combinação desses elementos, mas nunca na mesma proporção. Nosso amor é governado mais pelo sentimento ou pela vontade e dedicação? Dominamos nossos sentidos externos ou somos seus escravos? Que domínio exercemos sobre a *imaginação* e a *memória*? Acaso elas não são demasiadamente inconstantes, sempre ocupadas em devaneios inúteis? E nossas paixões, estão bem orientadas e moderadas? Não predominam sobre elas a sensualidade, o orgulho, a vaidade? Somos *apáticos*, indolentes, desleixados preguiçosos? Se somos lentos, pelo menos somos constantes nos esforços?

454. b) Quanto ao **entendimento**: é vivo e claro, mas superficial, ou lento e penetrante? Somos intelectuais, especulativos, ou pessoas práticas, que estudam para amar e agir? Como cultivamos o intelecto? Com desleixo ou energia? Com constância ou de tempos em tempos? Que resultados alcançamos? Quais são os nossos métodos de trabalho? Não poderíamos aperfeiçoá-los? Somos *apaixonados* em nossos juízos, *obstinados* pelas

nossas opiniões? Sabemos ouvir os que não pensam como nós e concordar com eles quando argumentam com razoabilidade?

455. c) A **vontade** é fraca e inconstante, ou forte e perseverante? O que fazemos para educá-la? Ela deve *reinar sobre as nossas faculdades*, mas só pode exercer esse império com muita prudência e energia. Que fazemos para assegurar o seu senhorio sobre os sentidos externos e internos, sobre o exercício das nossas faculdades intelectuais, para dar à própria vontade mais energia e constância? Temos convicções? Renovamo-las muitas vezes? Exercitamos a vontade nas pequenas coisas, nos pequenos sacrifícios de cada dia?

456. d) O **caráter** é de suma importância nas nossas relações com o próximo: um *bom caráter*, que se dispõe a adaptar-se ao dos outros, é um poderoso auxílio no apostolado. Um *mau caráter* é um dos maiores obstáculos ao bem. Uma *pessoa de caráter* é aquela que possui fortes convicções e se esforça com firmeza e perseverança para conduzir-se em conformidade com o que crê. O *bom caráter* é uma mistura de bondade e firmeza, de doçura e força, de franqueza e prudência, que faz com que a pessoa seja estimada e amada pelos que com ela se relacionam. O *mau caráter* é aquele que, por falta de franqueza, bondade, prudência ou firmeza, ou por deixar-se dominar pelo egoísmo, é rude nas suas maneiras, tornando-se desagradável e às vezes até odioso ao próximo. Portanto, o caráter é um elemento capital, que deve ser estudado.

457. e) Os **hábitos** nascem da repetição de atos e facilitam de certo modo a prática, com prontidão e prazer, de atos análogos. Assim, é importante estudar os que já adquirimos, para fortalecê-los se são bons, ou erradicá-los, se são maus.

O que vamos expor na segunda parte desta obra, sobre os pecados capitais e as virtudes, ajudará nessa investigação.

458. B) Nossos dons sobrenaturais. Como todas as nossas faculdades estão impregnadas do sobrenatural, o conhecimento de nós mesmos não

seria completo se não déssemos atenção aos dons sobrenaturais que Deus nos deu. Já os descrevemos acima (nº 119 e ss.), mas como a maneira de operar da graça de Deus varia muitíssimo (*multiformis gratia Dei*), é importante estudar a sua ação particular em nossa alma.

a) A *inclinação* que a graça nos comunica para alguma *vocação*, para esta ou aquela *virtude*. A nossa santificação depende da docilidade com que correspondemos a esses movimentos da graça.

1. Há *momentos decisivos* na vida em que a voz de Deus se faz mais forte e incisiva: escutá-la e segui-la é então de capital importância;
2. Devemo-nos perguntar se, entre as atrações que sentimos, há alguma *dominante*, mais recorrente e forte que as outras, que nos inclina a determinado gênero de vida, a algum modo de orar ou à determinada virtude: esta será a *via especial* que Deus quer que sigamos. É muito importante caminhar por ela para acompanhar a corrente da graça.

459. b) Devemos também examinar, além das inclinações, as nossas *resistências à graça*, nossas *fraquezas* e *pecados*, para que haja arrependimento sincero, para repará-los e evitá-los no futuro. É um estudo penoso e humilhante, sobretudo se for feito com honestidade e minúcia, mas sobremaneira proveitoso, pois ajuda-nos a praticar a humildade e, além disso, faz com que nos lancemos confiantemente nas mãos de Deus, o único que pode curar nossas fraquezas.

I.II.II.III – Meios capazes de proporcionar esse conhecimento

460. Observemos primeiramente que um perfeito autoconhecimento é algo *difícil*.

a) Atraídos, como somos, pelas *coisas exteriores*, não nos agrada entrar em nosso interior para examinar esse pequeno mundo invisível; *orgulhosos*, gostamos ainda menos de identificar os nossos defeitos.

b) Esses atos *interiores são muito complexos*. Há dois homens em nós, como diz São Paulo, e entre eles, muitas vezes, um turbulento conflito. Para distinguir o que procede da natureza ou da graça, o que é voluntário do que não é, precisamos muita atenção, perspicácia, lealdade, coragem e

perseverança. O discernimento é conquistado gradualmente, passo a passo: um conhecimento leva a outro, e este prepara o caminho para outro ainda mais profundo.

461. Haja vista que chegamos ao conhecimento de nós mesmos por meio de *exames de consciência*, para exercitá-los mais facilmente, daremos agora algumas *regras gerais*, proporemos um *método* e indicaremos os *sentimentos* que devem acompanhá-los.

462. A) Regras gerais.

a) Para examinar-nos bem, antes de tudo é preciso pedir as *luzes do Espírito Santo*, que sonda os rins e os corações, para que nos mostre os recessos mais profundos da nossa alma e conceda-nos o *dom da ciência*, que, entre outras funções, ajuda-nos nesse conhecimento de nós mesmos para levar-nos a Deus.

b) A seguir devemos nos colocar na *presença de Jesus*, modelo perfeito cuja imitação deve ser maior a cada dia, adorando e admirando não somente os seus atos exteriores, mas também e acima de tudo as suas disposições interiores. Com isso visualizaremos muito mais claramente nossos defeitos e imperfeições; perceberemos o contraste que há entre nós e o Divino Modelo. Contudo, isso não nos levará ao desalento, pois Jesus é também médico de almas, cujo maior desejo é tratar e curar nossas feridas. Confessarmo-nos com Ele, por assim dizer, pedindo-lhe perdão com humildade, é um excelente exercício.

463. Então chega o momento de entrar no mais profundo de nossa alma. Dos atos *exteriores* volveremos para as disposições interiores que os inspiram e são sua causa-raiz. Assim, por exemplo, ao falharmos na caridade, devemos investigar se foi por leviandade, inveja ou ciúme, para mostrar-nos engraçados ou por falar demais.

Para avaliar devidamente o caráter moral do ato, ou seja, a nossa responsabilidade, examinaremos se foi *voluntário em si* ou na sua *causa*, feito com *plena* consciência da sua malícia ou com semiadvertência, com pleno consentimento ou semiconsentimento. No princípio, tudo isso é obscuro, mas gradualmente vai se tornando mais claro.

Para sermos mais imparciais em nossos juízos, é útil colocar-nos diante do Soberano Juiz e ouvi-lo dizer com muita bondade, mas também com autoridade: “*Presta contas da tua administração*” (Lc 16, 2). Então tentaremos responder com a mesma sinceridade que haveremos de fazer no último dia.

464. Às vezes é útil, especialmente para os *principiantes*, fazer esse exame *por escrito*, para fixar mais a atenção e comparar melhor os resultados de cada dia e de cada semana. Todavia, se assim for feito, é preciso atenção para evitar tudo que tenda à autovalorização, ou a qualquer pretensão literária, e tomar as precauções necessárias para que essas notas não caiam em mãos profanas. Se for usado um quadro com sinais convencionais, importa muito precaver-se contra a rotina ou exames superficiais. Em todo o caso, normalmente chega o momento em que é melhor abandonar esse método e habituar-se a uma maior simplicidade nesse autoexame diante de Deus, fazendo-o logo depois das principais ações e, no fim do dia, uma revisão.

465. Nisso, como aliás em tudo, devemos seguir os conselhos de um prudente diretor espiritual, a quem pediremos ajuda para chegar a esse autoconhecimento. Um observador desinteressado e experimentado, com frequência vê melhor que nós o fundo da nossa consciência, e avalia com maior imparcialidade o verdadeiro valor dos nossos atos.

466. B) Métodos para examinar a consciência. Todos reconhecem que eles foram muito aperfeiçoados por *Santo Inácio*. Nos seus *Exercícios Espirituais*, ele distingue cuidadosamente o exame *geral* do *particular*: o primeiro refere-se a *todas* as ações do dia; o segundo a *algum ponto determinado*, como um defeito a ser corrigido ou uma virtude a ser cultivada. Ambos, porém, podem ser feitos no mesmo momento. Neste caso, para o exame geral, basta um olhar sobre o conjunto das ações do dia para descobrir as principais falhas. Na continuidade, passa-se para o exame particular, que é bem mais importante que o primeiro.

467. A) Santo Inácio^[308] ensina que o exame geral, que todo bom cristão deve fazer para conhecer-se e corrigir-se, contém cinco pontos:

1. “*O primeiro é dar graças a Deus Nosso Senhor pelos benefícios recebidos.*” Este é um excelente exercício, que simultaneamente consola e santifica, pois prepara para a contrição ao dar destaque à nossa ingratidão, e faz com que coloquemos nossa confiança em Deus;
^[309]*
2. “*O segundo, pedir graça para conhecer os pecados e libertar-se deles.*” Desejamos conhecer-nos para corrigir-nos e qualquer dessas duas coisas somente conseguimos com a ajuda da graça de Deus.
3. “*O terceiro, pedir conta à alma, desde a hora em que se levantou até o exame presente, hora por hora, ou período por período; primeiro dos pensamentos, depois das palavras, e depois das obras, pela mesma ordem que se disse no exame particular.*”
4. “*O quarto, pedir perdão a Deus Nosso Senhor das faltas.*” Efetivamente, é importante não esquecer que a contrição é o *elemento principal* do exame, e que ela é, sobretudo, obra da graça de Deus.
5. “*O quinto, propor emenda, com sua graça. Pai Nosso.*” Esse propósito, para ser prático, deverá ater-se *aos meios* de emenda, porque quem quer os fins, quer os meios. A reza do *Pai Nosso*, pondo-nos diante dos olhos a glória de Deus que devemos buscar e unindo-nos a Jesus Cristo, para pedir o perdão das nossas faltas e a graça de evitá-las no futuro, encerra esse exame de modo excelente.

468. O exame particular, conforme Santo Inácio, é mais importante que o exame geral e até mesmo que a própria meditação, porque nos permite encarar de frente os defeitos, um após outro, facilitando assim o triunfo sobre eles. Outrossim, ao examinar-nos a fundo sobre alguma virtude importante, não adquirimos apenas ela, mas todas as demais que com ela têm conexão. Assim, progredir na obediência é ao mesmo tempo exercitar a humildade, a mortificação, o espírito de fé; do mesmo modo, adquirir humildade é também aperfeiçoar-se na obediência, no amor a Deus e na caridade, haja vista que o orgulho é o principal obstáculo à prática dessas virtudes. Mas para isso é necessário observar algumas regras na *escolha da matéria* do exame e *no modo* de fazê-lo.

469. Escolha da matéria. 1. Em geral é preciso atacar o *defeito predominante*, esforçando-se para praticar a virtude oposta. Esse defeito é, na realidade, o maior obstáculo, o chefe maior do exército inimigo. Ao vencê-lo, colocamos todo o exército em fuga.

2. Escolhida a matéria, começamos reprimindo as manifestações *exteriores* desse defeito, para eliminar o que ofende ou escandaliza o próximo. Por exemplo, considerando a caridade, iniciaremos diminuindo e suprimindo palavras ou atos contrários a essa virtude;

3. Contudo, sem demora devemos ir adiante, à *causa interior* das nossas faltas. Por exemplo, o sentimento de inveja, o desejo de brilhar nas conversas, etc., podem ser a origem daquelas manifestações exteriores;

4. É importante não se restringir ao lado negativo das virtudes ou à luta contra os defeitos, mas cultivar cuidadosamente a *virtude oposta*: na realidade, supprime-se somente o que se substitui.

5. Enfim, para progredir com maior segurança, deve-se dividir com cuidado a matéria do exame, em conformidade com os graus das virtudes, de modo a não abranger toda a amplitude de uma virtude, mas somente a algumas ações que atendam melhor às nossas necessidades particulares. Por exemplo, no caso da humildade, exercitaremos primeiro o que se pode chamar de *autonegação*, ou esquecimento de si mesmo, falando pouco, dando aos outros, por meio de perguntas discretas, a oportunidade de falar, amando a obscuridade, a vida oculta, etc. ^[310]*

470. Modo de fazer. Contém em si, diz Santo Inácio, três momentos (ou tempos) e dois exames de consciência a cada dia.

1. “O primeiro tempo é que, pela manhã, logo ao levantar, deve o homem propor precaver-se com diligência daquele pecado particular ou defeito que se quer corrigir e emendar.” É de curta duração: 2 ou 3 minutos enquanto nos vestimos.

2. “Segundo tempo. Depois da refeição do meio-dia, pedir a Deus nosso Senhor o que se quer, a saber, graça para se recordar de quantas vezes caiu naquele pecado particular ou defeito e para se emendar no futuro. Em seguida, faça o primeiro exame, pedindo conta à sua alma daquele ponto particular proposto de que se quer corrigir e emendar,

percorrendo hora por hora ou tempo por tempo, começando desde a hora em que se levantou até à hora e momento do presente exame; e faça, na primeira linha do g = tantos pontos quantas forem as vezes que tenha incorrido naquele pecado particular ou defeito; e depois, proponha, de novo, emendar-se até o segundo exame que fará.” O tempo que geralmente dedicado a esse exame pelas almas fervorosas é de quinze minutos.

3. *“Terceiro tempo. Depois da refeição da noite, fará o segundo exame, também de hora em hora, começando desde o primeiro exame até ao segundo, e fará, na segunda linha do mesmo g= tantos pontos quantas as vezes que tenha incorrido naquele pecado particular ou defeito.”*

471. *Procede-se o exame particular conforme o método explicado para o exame geral. Mas, além disso, apontam-se as faltas para lembrar delas com mais facilidade quando, mais tarde, forem feitas as comparações de que fala Santo Inácio nas adições que se seguem: “- Conferir o segundo dia com o primeiro, a saber: os dois exames do dia presente com os outros dois exames do dia passado, e verificar se, de um dia para o outro, se emendou. - Conferir uma semana com a outra, e verificar se se emendou, na semana presente, em comparação com a semana passada.” A utilidade dessas comparações é estimular o ardor. Ao fazê-las a pessoa sente-se inclinada a redobrar esforços para aumentar os *ganhos* e diminuir as *perdas*.*

Também para obter o mesmo efeito é que Santo Inácio aconselha que, a cada vez que incidirmos numa falta relativa a um exame particular, levemos a mão ao peito, estimulando a contrição interior. Com efeito, é óbvio que essa atenção em reparar imediatamente as menores faltas certamente vai acelerar a reforma da nossa vida.

472. *Esse método, em princípio, pode parecer um pouco complexo, mas a prática revela que não. Se não for possível dedicar-lhe muito tempo, pode-se condensar o essencial desses atos em tempo mais reduzido, por exemplo, dez minutos à noite. Se antevemos que à noite não será possível, podemos utilizar uma parte do tempo da visita ao SS. Sacramento.*

473. C) Disposições *que devem acompanhar esse exame. Para que o exame de consciência, geral ou particular, seja eficaz em unir-nos*

intimamente a Deus, deve ser integrado por sentimentos ou disposições que são, por assim dizer, a alma do exercício. Assinalamos os principais: *gratidão, contrição, bom propósito e oração*.

a) Primeiramente, um sentimento de *viva gratidão* para com Deus, que ao longo de todo o dia envolveu-nos com sua paternal Providência, protegeu-nos das tentações e guardou-nos de muitos pecados, pois, sem o auxílio da sua graça teríamos caído em inúmeras faltas. A gratidão deve transbordar, principalmente de modo *efetivo*, colocando em prática, da melhor maneira possível, os dons divinos que recebemos.

474. b) Esse sentimento produzirá em nós uma *contrição* sincera, que será tão mais profunda quanto maiores forem os benefícios recebidos e o abuso que deles fizemos, ofendendo a um Pai tão bom e misericordioso. Disso brotará uma sincera *humildade*, que nos fará ver, por experiência própria, nossa fragilidade, impotência e indignidade. Aceitaremos então com alegria o *constrangimento* que sentimos ao reconhecer nossas faltas tantas vezes repetidas, felizes por poder proclamar a infinita misericórdia de um Pai sempre propenso a perdoar, e alegrando-nos pelo fato de que nossa miséria serve para realçar a perfeição infinita de Deus. Essas disposições não serão momentâneas; perdurarão através do espírito de penitência, que muitas vezes colocará nossos pecados diante dos olhos: “*Diante de mim está sempre o meu pecado*” (Sl 50, 5).

475. c) Nascerá então uma firme *vontade de expiá-los e emendar-nos*. *Expiá-los* pelas obras de penitência, algumas das quais teremos o cuidado de impor-nos para mortificar o amor do prazer, fonte de nossos pecados. *Emendar-nos*, especificando *os meios* a serem empregados para diminuir o número das nossas faltas. Deveremos estar atentos para que essa vontade exclua a *presunção*, pois esta, fazendo-nos confiar demais na nossa boa-vontade e energia, priva-nos de muitas graças e expõe-nos a novas imprudências e quedas. Deverá, então, apoiar-se com *confiança* na onipotência e bondade infinita de Deus, sempre disposto a acudir-nos quando reconhecemos nossa incapacidade.

476. d) Para implorar por essa ajuda divina, concluiremos com uma *oração*, tão mais humilde e fervorosa quanto mais tivermos perdido a confiança em nós mesmos em razão da consciência de nossos pecados. Sabendo que, por nós mesmos, somos incapazes de evitar o pecado e, menos ainda, de elevar-nos a Deus pela prática das virtudes, do fundo da nossa miséria, apoiados nos merecimentos infinitos de Jesus, suplicaremos a Deus que se digne vir a nós, para erguer-nos do atoleiro em que afundamos, desapegar-nos do pecado e suas causas, e elevar-nos até Ele. Mais que o exame minucioso das faltas, são essas boas disposições que fazem, pouco a pouco, nossa alma transformar-se sob a ação da graça.

CONCLUSÃO

477. Portanto, o autoconhecimento, combinado com o conhecimento de Deus, somente pode favorecer a íntima e afetuosa união entre a nossa alma e Deus. Ele é a infinita perfeição e nós a extrema indigência; há, pois, entre ambos, certa *conaturalidade* e proporção. Nele encontramos tudo o que nos falta. Ele inclina-se até nós para dar-nos seu amor e cumular-nos de benefícios. Nós tendemos para Ele, como o Único capaz de suprir nossa *deficiência*, de corrigir nossa irremediável fraqueza. Sedentos de felicidade e amor, nele encontramos um e outro. Por amor Ele satisfaz todos os desejos do nosso coração e, ao mesmo tempo, dá-nos perfeição e felicidade. Assim, repitamos estas palavras já conhecidas: “*Que eu possa conhecê-lo, ó Senhor, para poder amá-lo, que eu possa conhecer-me, para poder desprezar-me.*”

I.III – CONFORMIDADE COM A VONTADE DE DEUS^[311]

478. O conhecimento de Deus não só une o nosso intelecto ao divino pensamento, mas também faz tendê-lo ao amor, porque tudo em Deus é amável. O autoconhecimento, mostrando-nos a necessidade que temos de Deus, faz-nos suspirar ardentemente por Ele e lança-nos em seus braços. Porém, a *conformidade com a vontade de Deus* nos une ainda mais direta e intimamente com Aquele que é a fonte de toda a perfeição. Como a vontade

é a rainha de todas as nossas faculdades, ao submeter-se e unir-se à de Deus, põe todas as demais a serviço do Supremo Senhor de todas as coisas. Para uma melhor compreensão dessa doutrina, exporemos: 1º - a *natureza* dessa conformidade; 2º - a sua *função santificadora*.

I.III.I – Natureza da Conformidade Com a Vontade de Deus

479. Por conformidade com a vontade divina entendemos a completa e amorosa submissão da nossa vontade à de Deus, que abrange a vontade *significada* e a vontade de *beneplácito*.

Com efeito, a vontade de Deus manifesta-se de dois modos: **a)** é a *regra moral* de nossas ações, *significando* claramente o que devemos fazer, por meio dos *mandamentos* e *conselhos*; **b)** *governa* todas as coisas com sabedoria, dirigindo os acontecimentos para fazê-los convergir para a sua glória e para a salvação dos homens. Por conseguinte, manifesta-se pelos *acontecimentos providenciais* que ocorrem em nós e fora de nós.

A primeira chama-se vontade *significada*, porque claramente nos diz o que devemos fazer. A segunda denomina-se vontade de *beneplácito*, no sentido de que os acontecimentos providenciais nos dizem qual é o beneplácito de Deus.

Exporemos, pois: 1º - o que é a vontade *significada* de Deus; 2º - o que é a vontade de *beneplácito*; 3º - quais são os *graus* de submissão a esta última.

I.III.I.I – A vontade significada de Deus

480. A conformidade com a **vontade significada** de Deus consiste em querer tudo o que Deus nos manifesta ser sua intenção. Diz São Francisco de Sales,^[312] “a doutrina cristã propõe-nos claramente as verdades que Deus quer que acreditemos, os bens que devemos esperar, as penas que havemos de temer, as coisas que é preciso amar, os mandamentos que temos de observar e os conselhos que deseja que sigamos. Chama-se a tudo isso a vontade de Deus significada, porque Ele manifestou e deixou expresso o

que quer e determina que tudo isso seja acreditado, esperado, temido, amado e praticado.”

Segundo o mesmo doutor,^[313] a vontade significada compreende quatro coisas: os mandamentos de Deus e da Igreja, os conselhos, as inspirações da graça e, nas comunidades, as Constituições e Regras.

481. a) Deus, que é nosso Senhor Soberano, tem direito a comandar-nos. Como é infinitamente sábio e bom, nada nos manda que não seja ao mesmo tempo útil para a sua glória e para a nossa felicidade. Portanto, devemos, com toda simplicidade e docilidade, submeter-nos às suas leis, sejam naturais ou divinas positivas, eclesiásticas ou civis justas. Destarte, como diz São Paulo, toda a autoridade legítima vem de Deus. Assim, obedecer aos superiores, que exercem sua autoridade dentro dos limites de sua competência, é obedecer a Deus e, do mesmo modo, resistir-lhes é resistir ao próprio Deus: *“Cada qual seja submisso às autoridades constituídas, porque não há autoridade que não venha de Deus; as que existem foram instituídas por Deus. Assim, aquele que resiste à autoridade, opõe-se à ordem estabelecida por Deus; e os que a ela se opõem, atraem sobre si a condenação.”* (Rm 13, 1-2). Não convém aqui examinar os casos em que a desobediência às diferentes leis constitui falta grave ou leve, pois já o fizemos em nossa *Teologia Moral*. É suficiente saber que, sob o ponto de vista da perfeição, quanto mais *fiel e cristãmente* observarmos as leis, mais nos aproximaremos de Deus, posto que a lei é a expressão da sua vontade. Apenas acrescentamos que os *deveres de estado* pertencem à categoria dos mandamentos: são como *preceitos particulares* que devemos cumprir em razão da vocação especial e das funções que Deus nos atribui. Portanto, a santificação é impossível sem que se guardem os mandamentos e os deveres de estado. Negligenciá-los sob pretexto de dedicar-se a obras de supererrogação é ilusão perigosa, uma verdadeira aberração. É evidente que o preceito prevalece sobre o conselho.

482. b) A observância dos conselhos *não é em si necessária para a salvação* e não cai sob mandamento direto e explícito. Porém, quando tratamos da obrigação da perfeição (nº 353), já dissemos que, para manter-se em estado de graça, é preciso às vezes fazer algumas obras de

supererrogação e, portanto, praticar alguns conselhos. Esta é uma obrigação indireta, baseada no princípio: quem quer os fins, quer os meios.

Porém, quando se trata de *perfeição*, já demonstramos (nº 338) que é impossível tender a ela, com sinceridade e eficácia, sem praticar alguns conselhos compatíveis com a nossa condição. Uma pessoa casada, por exemplo, não pode praticar os conselhos que se opõem ao cumprimento dos deveres para com o cônjuge ou os filhos; um padre diocesano não pode viver como um cartuxo. Mas, para almejar a perfeição, é preciso determinar-se a ir além do estritamente ordenado: quanto maior for a generosidade com que a alma se entrega à prática dos conselhos compatíveis com os seus deveres de estado, mais se aproximará de Nosso Senhor e da perfeição divina, haja vista que esses conselhos são uma expressão da sua vontade a nosso respeito.

483. c) Deve-se dizer o mesmo das *inspirações da graça* depois de expô-las e submetê-las com clareza à apreciação de um diretor espiritual. Podemos considerar, nesse caso, que se tratam de *conselhos específicos* dirigidos a alguma alma em particular.

É certo que se deve ter o cuidado de submetê-las, em sua totalidade, ao juízo de um diretor espiritual, sob pena de facilmente cair-se em alguma ilusão. Almas ardentes e *apaixonadas*, dotadas de imaginação viva, são propensas a persuadir-se de que Deus lhes fala, quando na realidade são suas paixões que sugerem uma ou outra prática muito perigosa. Almas *meticulosas* ou escrupulosas são tentadas a considerar inspiração divina o que é simplesmente manifestação de sua imaginação exaltada ou sugestão diabólica, para levá-las ao desalento. Sobre esse assunto Cassiano traz vários exemplos em suas Colações sobre a discrição.^[314] Os diretores espirituais experimentados sabem que a imaginação, ou o demônio, sugere por vezes coisas moralmente impossíveis, contrárias aos deveres de estado, dissimulando-as sob a aparência de inspirações divinas. Essas sugestões produzem perturbação: aquele que as obedece torna-se ridículo, perde ou faz perder um tempo precioso; quando lhes opõe resistência, julga-se rebelar-se contra Deus, desanima e acaba caindo no relaxamento. Portanto, é necessário um certo controle e a regra a ser seguida é esta: caso trate-se de coisas *ordinárias*, que as pessoas fervorosas da mesma condição normalmente praticam e que não perturbam a alma, que se façam sem

hesitação e, oportunamente, leve-se ao conhecimento do diretor. Por outro lado, se forem coisas um tanto *extraordinárias*, que as almas boas não costumam praticar, deve-se consultar o diretor espiritual antes de levá-las a termo, conservando, contudo, a paz, e cumprindo com zelo os deveres do próprio estado.

484. Feita essa restrição, é claro que a alma que aspira à perfeição deve estar atenta à voz do Espírito Santo que lhe fala interiormente: “*Escutarei o que diz o Senhor Deus*” (Sl 84, 9); e fazer prontamente e sem restrição o que Ele nos pede: “*Eis que venho para fazer a tua vontade*” (Hb 10, 9). Com efeito, isso é corresponder à graça e esta correspondência dócil e constante é precisamente o que nos torna perfeitos: “*exortamo-vos a que não recebais a graça de Deus em vão*” (II Cor 6, 1). O caráter distintivo das almas perfeitas é precisamente ouvir e pôr em prática as inspirações divinas: “*porque faço sempre o que é do seu agrado*” (Jo 8, 29).

485. d) Quanto às pessoas que vivem em comunidade, em igualdade de circunstâncias, quanto mais se aplicarem em obedecer às *regras e constituições*, mais perfeitas serão. As regras e constituições são meios de perfeição, aprovados explícita ou implicitamente pela Igreja, que aquele que entra na comunidade compromete-se a observar. Como expusemos acima (nº 375), não há dúvida de que falhar, por fraqueza, em pequenos detalhes de algumas regras, não constitui em si pecado. Porém, além do fato de que, muitas vezes, essas negligências voluntárias ocultam algum motivo mais ou menos pecaminoso, é certo que ao falhar, ainda que por fraqueza, a alma priva-se da ocasião preciosa de adquirir méritos. Sempre será verdade que guardar a regra é um dos meios mais seguros de fazer a vontade de Deus e de viver para Ele: “*Aquele que vive pela regra, vive para Deus*”; e também que, faltar a ela voluntariamente e sem motivo, é abusar da graça.

Assim, pois, a obediência à vontade de Deus *significada* é o meio ordinário de chegar à perfeição.

I.III.I.II – Conformidade com a vontade divina de beneplácito

486. Essa conformidade consiste em submeter-se a todos os acontecimentos providenciais, desejados ou permitidos por Deus para o nosso maior bem, especialmente para a nossa santificação.

a) Baseia-se no seguinte *fundamento*: nada acontece sem a vontade ou a permissão de Deus. Ademais, Deus, sendo infinitamente sábio e bom, não quer nem permite nada que não seja para o nosso bem, ainda que não o percebamos. Tobias, no meio de suas aflições e em resposta às censuras de sua mulher, assim dizia: “*Vós sois justo, Senhor! ... , e vossa conduta é toda misericórdia, verdade e justiça.*” (Tb 3, 2). Isso é o que proclamava a Sabedoria: “*Mas sois vós, Pai, que o governais pela vossa Providência, ... Ela estende seu vigor de uma extremidade do mundo à outra e governa todas as coisas com felicidade.*” (Sb 14, 3; 8, 1). Sobretudo, também é o que São Paulo nos afirma: “*sabemos que todas as coisas concorrem para o bem daqueles que amam a Deus*” (Rm 8, 28).

Contudo, para compreender essa doutrina, é preciso colocar-se à luz da fé e da eternidade, da glória de Deus e da salvação dos homens. Se visualizamos apenas a vida presente e a felicidade terrena, não poderemos compreender os desígnios de Deus, que quis submeter-nos a provas aqui na terra para recompensar-nos no céu. Tudo está subordinado a esse fim. Os males presentes são apenas meios de purificação da nossa alma, para confirmá-la na virtude e para fazer-nos obter méritos, tudo isto para a glória de Deus, que é o fim último de toda a criação.

487. Portanto, é nosso dever submeter-nos a Deus em todos os acontecimentos, felizes ou infelizes, nas calamidades públicas ou nos infortúnios privados, no rigor das estações, nas misérias e sofrimentos, nos lutos ou alegrias que nos sobrevenham, na distribuição desigual dos dons naturais e sobrenaturais, na pobreza ou na riqueza, tanto nas adversidades como nos triunfos, aridezes ou consolações, doença ou saúde, e também na morte, com os sofrimentos e incertezas que a acompanham. Como dizia o santo Jó: “*Aceitamos a felicidade da mão de Deus; não devemos também aceitar a infelicidade?*” (Jó 2, 10). São Francisco de Sales^[315] admira-se da beleza dessas palavras e diz: “*Ó meu Deus, quanto amor não encerram essas palavras! Ele pondera, Teótimo, que foi da mão de Deus que recebeu os bens, provando assim que não os prezava tanto por serem seus, como por procederem da mão do Senhor; e disto concluiu que tinha de aceitar*

com o mesmo agrado as adversidades, porque lhe vinham igualmente da mão do Senhor, tão amável quando nos envia as tribulações, como quando nos liberaliza alegrias e confortos.” Certamente as tribulações nos dão oportunidade de *melhor testemunhar o nosso amor a Deus*, pois é fácil amá-lo quando Ele nos cumula de bens; mas, somente um amor perfeito aceita receber os males da Sua mão, pois que estes somente são amáveis em razão Daquele que os dá.

488. A submissão ao beneplácito de Deus nos acontecimentos adversos é dever de *justiça e obediência*, posto que Deus é nosso Supremo Senhor e tem toda a autoridade sobre nós; é dever de *sabedoria*, porque seria *estultícia* querer escapar da ação da Providência, quando só na humilde resignação encontramos a *paz*; é dever de *interesse*, pois que a vontade de Deus não nos prova senão para o nosso bem, para exercitar-nos na virtude e fazer-nos obter méritos; sobretudo, é dever de *amor*, porque o amor é o dom de si mesmo até a imolação.

489. c) Contudo, para aquelas almas que estão sendo provadas, mas que ainda não alcançaram o amor à cruz, indicamos alguns meios para suavizar o padecer e, com isso, *tornar mais fácil* a submissão à vontade divina. Dois remédios podem aliviá-lo, um *negativo* e outro *positivo*. 1) O primeiro é *não o agravar* empregando maneiras equivocadas. Há os que juntam todos os males passados, presentes e futuros e formam com eles um fardo pesadíssimo, que lhes parece insuportável. Deve-se fazer o oposto: “*basta a cada dia o seu cuidado*” (Mt 6, 34). Em vez de reabrir as chagas do *passado*, já cicatrizadas, é necessário não voltar a pensar nelas ou recordá-las apenas para ver os benefícios que delas extraímos: os méritos obtidos, o crescimento na virtude produzido pela paciência, o acostumar-se a sofrer. Desse modo, a dor atenua-se, porque o mal não nos afeta senão quando lhe damos atenção: a maledicência, a calúnia, o insulto, magoam-nos somente quando os ruminamos com amargura.

Por outro lado, é loucura preocupar-se com os males do *futuro*. Sem dúvida, é prudente prevê-los para que, na medida do possível, estejamos preparados. Porém, antes que ocorram, afligir-se ao pensar neles e entristecer-se com isso, é empregar tempo e energia em vão, pois afinal pode ser que eles nunca venham a acontecer. Quando e se sobrevierem, será

então oportuno suportá-los com auxílio da graça, que nos será dada para aliviá-los. No momento atual não a temos e, entregues às nossas próprias forças, acabamos sucumbindo sob o peso do fardo que impusemos a nós mesmos. Não é mais prudente abandonar-nos nas mãos do nosso Pai celestial e banir completamente, como maus e perversos, os pensamentos ou imagens de sofrimentos passados ou futuros?

490. 2) O remédio *positivo* é pensar nos grandes benefícios advindos dos momentos de sofrimento. O sofrimento é um *educador* e uma fonte de *méritos*. Um educador, ou seja, *ilumina* e *fortalece*. Lembra-nos de que na terra estamos em um exílio, a caminho da pátria, e que não devemos nos divertir colhendo as flores das consolações, porque somente no céu encontra-se a verdadeira felicidade. Ora, como disse o poeta:

“Quando o exílio é muito agradável, fazemos dele nossa pátria.”

O sofrimento também *fortalece*: o hábito do prazer relaxa a atividade, debilita as energias e abre caminho a vergonhosas capitulações. De modo diverso, o sofrimento, não por si mesmo, mas pela reação que provoca, intensifica e aumenta as energias e torna-nos aptos a virtudes varonis, como vimos no decorrer da grande guerra.

491. O sofrimento é também uma *fonte de méritos* para si mesmo e para os outros. Quando pacientemente suportado, por Deus e em união com Jesus Cristo, o sofrimento merece-nos um peso eterno de glória, como São Paulo sempre repete aos primeiros cristãos: *“Tenho para mim que os sofrimentos da presente vida não têm proporção alguma com a glória futura que nos deve ser manifestada (Rm 8, 18). ... A nossa presente tribulação, momentânea e ligeira, nos proporciona um peso eterno de glória incomensurável”* (II Cor 4, 17). Para as almas generosas, acrescenta que, ao sofrerem com Jesus, completam a sua paixão e contribuem com Ele para o bem da Igreja: *“O que falta às tribulações de Cristo, completo na minha carne, por seu corpo que é a Igreja”* (Cl 1, 24). Na verdade, isso é o que se deduz da doutrina sobre nossa incorporação a Cristo (nº 142 e ss.). Sem dúvida, pensar assim não nos livra do sofrimento, mas torna-o muito menos amargo, porque nos faz ter experiência da sua fecundidade.

Portanto, tudo nos convida a conformar nossa vontade com a de Deus, ainda que no meio das provações. Veremos agora os graus dessa

conformidade.

I.III.I.III – Graus de conformidade com a vontade de Deus

492. São Bernardo distingue três graus dessa virtude, que correspondem aos três graus da perfeição cristã: “O *principiante*, movido pelo temor, suporta a cruz de Cristo com *paciência*; o *proficiente*, impulsionado pela esperança, leva-a com *certa alegria*; o *perfeito*, consumado na caridade, abraça-a ardorosamente.”^[316]

A. Os *principiantes*, sustentados pelo *temor* de Deus, não amam o sofrimento e procuram evitá-lo. Todavia, preferem antes sofrer que ofender a Deus e, ainda que gemendo sob o peso da cruz, suportam-na com paciência: são resignados.

B. Os *proficientes*, apoiados pela esperança e pelo desejo dos bens celestes, e cientes de que cada sofrimento faz merecer um peso eterno de glória, ainda não buscam a cruz, mas levam-na de boa-vontade, com certa alegria: “Na ida, caminham chorando, os que levam a semente a espargir. Na volta, virão com alegria, quando trouxerem os seus feixes” (Sl 125, 6).

C. Os perfeitos, guiados pelo amor, vão além. Para glorificar a Deus, que amam, e para conformar-se mais perfeitamente a Jesus Cristo, vão ao encontro das cruzes, desejam-nas, abraçam-nas com ardor. Não que elas sejam amáveis em si mesmas, mas por serem um meio de testemunhar nosso amor a Deus e a Jesus Cristo. Assim como os Apóstolos, regozijam-se de serem considerados dignos de ultrajes pelo nome de Jesus e, como São Paulo, transbordam de alegria nas tribulações. (II Cor 7, 4). Esse último grau chama-se *santo abandono* a Deus. Mais tarde, ao tratar do amor de Deus, voltaremos a falar dele.^[317]

I.III.II – Sua Eficácia Santificadora

493. Pelo que foi exposto fica claro que a conformidade com a vontade de Deus é evidentemente santificadora, pois une nossa vontade e, como consequência, as demais faculdades, Àquele que é a fonte de toda a

santidade. Para que isso seja mais eficaz, vejamos como ela *purifica*, *reforma* e *conforma-nos* a Jesus Cristo.

494. 1º - Essa conformidade com a vontade de Deus nos *purifica*. Já na Antiga Aliança, Deus disse muitas vezes que está disposto a perdoar todos os pecados e a restaurar a esplendorosa candura da pureza primitiva da alma, se ela mudar o coração e a vontade: “*Lavai-vos, purificai-vos. Tirai vossas más ações de diante de meus olhos. Cessai de fazer o mal, aprendei a fazer o bem. ... Se vossos pecados forem escarlates, tornar-se-ão brancos como a neve!*” (Is 1, 16-18). Conformer nossa vontade com a de Deus é certamente mudar de coração, deixar de fazer o mal, aprender a fazer o bem. Também é esse o significado daquela passagem tantas vezes repetida: “*Eu quero a misericórdia, e não o sacrifício*” (Os 6, 6; Mt 9, 13; Mt 12, 7). Na Nova Lei, Nosso Senhor nos mostra desde o momento em que veio ao mundo, que pela *obediência* é que Ele substituirá todos os sacrifícios da Antiga Lei: “*Holocaustos e sacrifícios pelo pecado não te agradam. Eis que venho ... ó Deus, para fazer a tua vontade (Sl 39,7ss).*” (Hb 10, 6-7). E de fato redimiu-nos pela obediência, levada até a imolação de si mesmo durante a vida e, sobretudo, no Calvário: “*Tornando-se obediente até a morte, e morte de cruz*” (Fl 2, 8). Também pela obediência e aceitação voluntária das provações que a Providência nos envia é que, em união com Jesus, expiaremos nossos pecados e purificaremos nossa alma.

495. 2º - A conformidade nos *reforma*. A nossa deformação decorreu do amor desordenado do prazer, ao qual cedemos por *malícia* ou *fraqueza*. A conformidade com a vontade divina cura-nos dessas duas causas.

a) Cura-nos da *malícia*, que resulta do apego às criaturas e, especialmente, ao próprio juízo e à vontade. A reforma ocorre porque, ao conformar nossa vontade com a de Deus, aceitamos os seus juízos como baliza para os nossos e, os seus mandamentos e conselhos, como regra para a nossa vontade. Assim, desprendemo-nos das criaturas e de nós mesmos e, por conseguinte, da malícia procedente desses apegos.

b) Restaura-nos da *fraqueza*, origem de tantas faltas. Deixando de confiar em nós mesmos, tão frágeis criaturas, pela obediência passamos a apoiar-nos em Deus que, sendo onipotente, compartilha conosco sua força, com a qual resistimos às mais graves tentações: “*Tudo posso naquele que*

me fortalece” (Fl 4, 13). Quando fazemos a sua vontade, agrada-lhe fazer a nossa, e então ouve as nossas orações e sustenta a nossa fraqueza.

Assim, libertos da nossa malícia e fraqueza, já não ofendemos a Deus deliberadamente e pouco a pouco reformamos a nossa vida.

496. 3º - Desse modo, a nossa vontade vai se tornando uma só com a de Nosso Senhor Jesus Cristo.

a) A conformidade mais real, mais íntima e profunda, é a existente entre duas vontades. Pela conformidade com a vontade de Deus, nossa vontade é submetida e unida à de Jesus, cujo alimento era fazer a vontade de seu Pai (Jo 4, 34). Como Jesus e com Jesus, queremos somente o que o Pai quer, durante o dia inteiro. Fundem-se duas vontades numa só. Somos então um com Ele, identificando-nos com seus pensamentos, sentimentos e vontades: *“Tende em vós o mesmo sentimento de Cristo Jesus”* (Fl 2, 5), e em pouco tempo poderemos tornar nossas estas palavras de São Paulo: *“Eu vivo, mas já não sou eu; é Cristo que vive em mim”* (Gl 2, 20).

497. b) Como todas as demais faculdades estão sob o império da vontade, ao submetê-la, submetemo-las e unimo-las também a Deus. Por conseguinte, a alma como um todo, pouco a pouco vai se conformando com os sentimentos, vontades e desejos de Nosso Senhor Jesus Cristo. Assim, vai adquirindo sucessivamente todas as virtudes do seu divino Mestre. O que dissemos sobre a caridade, nº 318, pode-se dizer da conformidade com a vontade divina, que é a sua mais autêntica manifestação. Portanto, assim como a caridade, ela encerra em si todas as virtudes. No dizer de São Francisco de Sales:^[318] *“O santo abandono a Deus é a virtude das virtudes; é o néctar da caridade, o perfume da humildade, o mérito (ao que parece) da paciência, e o fruto da perseverança. Por essa razão Nosso Senhor dá os ternos nomes de irmão, irmã e mãe, àqueles que fazem a vontade do Pai: ‘Todo aquele que faz a vontade de meu Pai que está nos céus, esse é meu irmão, minha irmã e minha mãe’* (Mt 12, 50).”

CONCLUSÃO

498. A conformidade com a vontade divina é, pois, um dos principais meios de santificação e, por isso, a melhor forma de encerrar o tema é repetir estas palavras de Santa Teresa:^[319] “*Todo o empenho de quem começa a ter oração – e não vos esqueçais, pois tem grande importância – deve ser trabalhar, determinar-se e dispor-se, com toda a diligência possível, a amoldar sua vontade à de Deus. ... Nisso consiste a maior perfeição a que se pode chegar no caminho espiritual, ... Quem mais se amoldar à vontade do Senhor, mais receberá Dele e mais adiantado estará nesse caminho.*” Santa Teresa ainda acrescenta que ela mesmo tinha desejado viver nesse caminho da conformidade, sem ser elevada aos arrebatamentos e êxtases, tão convencida estava de que essa via é suficiente para alcançar a mais alta perfeição.

I.IV – A ORAÇÃO^[320]

499. A oração resume e completa todos os atos precedentes: é um *desejo de perfeição*, pois que ninguém oraria sinceramente se não quisesse tornar-se melhor; supõe um certo *conhecimento de Deus e de nós mesmos*, porque estabelece relação entre os dois; *conforma a nossa vontade* com a de Deus, visto que toda boa oração contém explícita ou implicitamente um ato de submissão ao Supremo Senhor de todas as coisas. Ela aperfeiçoa todos esses atos, prostrando-nos diante da Majestade divina, para adorá-la e para implorar por novas graças que nos habilitem progredir na perfeição. Então, vamos expor: 1º - a *natureza* da oração; 2º - sua *eficácia*; 3º - como transformar nossa vida em *oração habitual*.

I.IV.I – Natureza da Oração

500. Utilizaremos aqui o termo *oração* no seu sentido mais amplo, como elevação da alma para Deus. Exporemos: 1º - a sua *noção*; 2º - suas diversas *formas*; 3º - a oração perfeita do *Pai-Nosso*.

I.IV.I.I – O que é a oração

501. Encontramos nos Santos Padres três definições de oração que se completam mutuamente. 1 – Na sua acepção mais ampla, diz São João Damasceno,^[321] *é uma elevação da alma para Deus*. Antes dele, Santo Agostinho havia escrito que a oração é uma *intenção afetuosa da alma para Deus*.^[322] 2 – Em sentido mais estrito, define-se como *a petição a Deus de coisas convenientes*.^[323] 3 – Para expressar as relações mútuas que a oração estabelece entre Deus e a alma, pode-se dizer que *é uma conversa com Deus*.^[324] Juntando esses pontos de vista, todos verdadeiros, pode-se definir a oração como: *uma elevação da alma para Deus, para render-lhe as homenagens devidas e pedir-lhe graças, e com isso crescer em santidade para glorificá-lo*.

502. O termo *elevação* é apenas uma metáfora, significando o esforço que fazemos para desprender-nos das criaturas e de nós mesmos para pensar em Deus, que não somente nos cerca de todos os lados, mas habita nas profundezas da nossa alma. Como somos muito propensos a dispersar nossas faculdades por uma infinidade de objetos, é preciso esforço para desapegá-las desses bens fúteis e sedutores, recolhê-las e concentrá-las em Deus. Essa elevação chama-se *colóquio*, porque a oração, quer tome a forma de adoração ou de súplica, pede uma resposta de Deus. Portanto, implica em uma espécie de conversa com Ele, ainda que seja muito breve.

Nesse colóquio nosso primeiro ato deve ser, obviamente, cumprir os deveres de *religião*, do mesmo modo que cumprimentamos a pessoa com quem vamos falar quando iniciamos uma conversa. Somente depois de satisfazer esse dever elementar é que poderemos expor as nossas petições. Muitos esquecem de agir assim e esta é uma das razões porque suas petições não são tão bem atendidas. Além disso, mesmo quando pedimos graças de santificação ou de salvação, devemos ter presente que o fim principal da oração é a *glória de Deus*. Por isso é que acrescentamos estas últimas palavras na nossa definição: “*para glorificá-lo*”.

I.IV.I.II – As diversas formas de oração

503. A) Considerando a dupla *finalidade* visada pela oração, podemos classificá-la em *oração de adoração* ou de *petição*.

a) A adoração. Essa oração inclui: a *adoração propriamente dita*, porque Deus é nosso Soberano Mestre; a *ação de graças*, porque Ele é

também nosso benfeitor; e a *reparação* dos ultrajes por tê-lo ofendido.

1. O primeiro sentimento que se impõe quando elevamos nossa alma para Deus é a *adoração*, isto é, “*reconhecer em Deus a mais elevada soberania e, em nós, a mais profunda dependência*”.^[325] A seu modo, toda a natureza adora Deus, mas uma parte dela carece de sentimento e razão e não tem um coração para amá-lo, nem inteligência para compreendê-lo. Por isso, satisfaz-se em expor-nos a sua harmonia, suas diversas atividades e sua beleza: “*ela não pode ver, mostra-se; não pode adorar, move-nos à adoração. Esse Deus, que ela não entende, não nos permite ignorá-lo. ... Mas o homem, animal divino, cheio de razão e inteligência, capaz de conhecer a Deus por si mesmo e por meio de todas as criaturas, por estas e por si mesmo, é constrangido a render-lhe adoração. Por isso é que o homem, sendo um microcosmo do mundo, foi posto no meio deste para que, contemplando o universo inteiro e, por assim dizer, recolhendo-o em si mesmo, possa referir todas as coisas e a si mesmo unicamente a Deus. Tanto é assim que o homem contempla as coisas visíveis da criação somente para ser adorador da Existência Invisível, que pela sua onipotência fez surgir do nada todas as coisas.*”^[326] Em outros termos, o homem é o *pontífice* da criação, encarregado de glorificar a Deus em seu nome e em nome de todas as criaturas. Faz isso ao reconhecer “*que Deus é uma natureza: perfeita, logo, incompreensível; soberana; benfazeja ... Somos naturalmente inclinados a reverenciar o que é perfeito ... a depender do que é soberano ... a aderir ao que é bom.*”^[327]

504. Por essa razão é que se deleitam os místicos em adorar o poder, a majestade, a beleza, a atividade e a fecundidade de Deus, ocultos nas criaturas: “*Meu Deus, eu Vos adoro em todas as vossas criaturas; adoro-Vos, verdadeiro e único mantenedor de todo o mundo; sem Vós nada seria, sem Vós nada subsiste. Amo-Vos, ó meu Deus, e louvo a vossa Majestade que se manifesta no exterior de todas as criaturas. Tudo que meus olhos veem, ó meu Deus, é somente expressão da vossa formosura, secreta e desconhecida aos olhos dos homens ... Adoro vosso esplendor e vossa majestade, mil vezes mais belos que os do sol. Adoro vossa fecundidade, mil vezes mais admirável do que a manifestada nos astros ...*”^[328]

505. 2) À adoração segue-se a *ação de graças*, porque Deus não é somente soberano Senhor, mas também insigne *benfeitor*, a quem devemos tudo que somos e temos, tanto na ordem da natureza como na da graça. Por isso Ele tem direito à nossa perpétua gratidão. Ademais, continuamente recebemos dele novos benefícios. Por essa razão, a Igreja diariamente nos convida, antes do solene momento do Cânon, a dar graças a Deus por todos os seus benefícios, especialmente por aquele que resume todos, o benefício eucarístico: “*Demos graças ao Senhor Nosso Deus. É verdadeiramente digno e justo, correto e bom dar-vos graças ...*” Pelo mesmo motivo a Igreja nos sugere sublimes fórmulas de ação de graças: “*Nós Vos damos graças por vossa imensa glória.*”^[329] Ao agir assim ela apenas segue os exemplos de Jesus, que muitas vezes rendeu graças ao Pai, e as lições de São Paulo, que nos convida a agradecer a Deus por todos os seus benefícios: “*Em todas as circunstâncias, dai graças, porque esta é a vosso respeito a vontade de Deus em Jesus Cristo*” (I Ts 5, 18) ... “*Graças sejam dadas a Deus pelo seu dom inefável!*” (II Cor 9, 15). Destarte, os bons cristãos não precisam ser lembrados desse dever, pois a memória dos benefícios divinos constrange-os a expressar constantemente a gratidão que transborda em seus corações.

506. 3) Mas em razão do estado de *natureza decaída* há ainda um terceiro dever: o de *expição e reparação*. Muitas vezes ofendemos a Majestade divina com nossos pecados, fazendo uso dos próprios dons que ela nos deu para ultrajá-la. Esta injustiça exige a mais perfeita reparação que se possa fazer e consiste em três atos principais: humilde *confissão* de nossas faltas; *contrição* sincera; *aceitação corajosa* das provações que Deus nos queira enviar; e, se quisermos ser generosos, juntaremos a isso o *oferecimento de nós mesmos* como vítimas de expiação, em união com a vítima do calvário. Então poderemos humildemente implorar e esperar o perdão e também suplicar por novas graças.

507. b) **A oração de petição.** Pedir a Deus por algo que necessitamos é por si mesmo uma homenagem prestada a Deus, ao seu poder, à sua bondade, à eficácia da graça; é um ato de confiança que honra aquele a quem se dirige.^[330] O *fundamento* da petição é, por um lado, o amor de Deus para com as suas criaturas e seus filhos e, por outro, a necessidade urgente que temos do seu socorro. Fonte inesgotável de todos os bens, Deus anseia

comunicá-los às almas: “*a bondade tende a difundir-se.*” Sendo nosso Pai, o que mais deseja é comunicar sua vida e fazê-la crescer em nós. Para melhor atingir esse propósito, envia à terra o seu Filho, seu único Filho, que surge cheio de graça e de verdade, precisamente para nos cumular com os seus tesouros. Mais ainda, convida todos a pedir suas graças e promete concedê-las: “*Pedi e se vos dará. Buscai e achareis. Batei e vos será aberto*” (Mt 7, 7). Portanto, podemos ter certeza que agradamos a Deus ao apresentar-lhe nossas súplicas.

508. Destarte, temos *urgente necessidade*. Somos pobres; é extrema a nossa indigência, tanto na ordem da natureza quanto na da graça. Dependendo essencialmente de Deus, mesmo na ordem da natureza, não podemos nem mesmo conservar a existência que Ele nos deu, pois para isso dependemos das causas físicas que também lhe obedecem. É inútil dizer que temos cérebro, braços, e que podemos, com nossas forças, tirar das entranhas da terra o necessário para subsistência. O cérebro e os braços são mantidos por Deus e não fazem coisa alguma se não houver o seu concurso. A terra não produz frutos se Deus não a regar com as chuvas e fecundar com o calor do sol. Ademais, muitos acontecimentos imprevistos podem destruir os campos em tempo de colheita. Muito maior é a nossa dependência de Deus na ordem *sobrenatural*. Precisamos de luz para guiarnos e quem a dará senão o Pai das luzes? E somente o Todo-poderoso poderá nos dar a *coragem* e a *força* necessárias para seguir essa luz. Portanto, somente nos resta implorar o auxílio Daquela que apenas aguarda nossos pedidos para socorrer-nos?

509. Não se diga que em sua onisciência Deus tenha conhecimento de tudo que nos é necessário e útil. Sem dúvida, responde Santo Tomás, por pura liberalidade, Deus nos dá muitas coisas sem que as peçamos. Porém, há outras que Ele não quer conceder senão pela oração e isso para o nosso bem, “*para que coloquemos nossa confiança nele e o reconheçamos por autor dos nossos bens*”.^[331] De um lado, quando oramos passamos a ter mais confiança de ser ouvidos; por outro, ficamos menos propensos a esquecer de Deus. Se já é frequente esse esquecimento, como seria se nunca tivéssemos necessidade de recorrer a Ele em nossas aflições? Assim, por boas razões Deus quer que oremos sob forma de petição.

510. B) Se considerarmos as diversas *formas ou variedades* da oração, podemos classificá-la em oração *mental* e *vocal*, *privada* e *pública*.

a) Em relação ao modo de *expressar-se*, a oração é *mental* ou *vocal*, segundo seja feita apenas interiormente, ou expresse-se exteriormente.

1. A oração *mental* é, portanto, uma espécie de conversa interior com Deus, ou seja, não se manifesta exteriormente: “*Orarei com o espírito, mas orarei também com o entendimento*” (I Cor 14, 15). Todo ato interior que vise unir-nos a Deus por meio do conhecimento e do amor, como o são o recolhimento, a consideração, a reflexão, o exame, o olhar afetoso, a contemplação, o voo do coração para Deus, pode chamar-se oração mental. De fato, todos esses atos nos elevam a Deus, incluindo as reflexões sobre nós mesmos, e visam tornar nossa alma menos indigna daquele que nela habita. Todos servem para aumentar as nossas convicções, fazer-nos praticar as virtudes e são como um aprendizado da vida no céu, que é uma afetuosa e eterna visão de Deus. Essa oração é também o sustento e a alma da oração vocal.^[332]

511. 2. A oração vocal se exprime por *palavras e gestos*. Muitas vezes é mencionada nas Escrituras, que nos convidam a empregar nossa voz, nossa boca, nossos lábios, para proclamar os louvores de Deus: “*Apenas elevei a voz para o Senhor* (Sl 3, 5)... *Senhor, abri meus lábios, a fim de que minha boca anuncie vossos louvores*” (Sl 50, 17). Mas qual a razão de manifestar desse modo os nossos sentimentos, se Deus os lê na profundidade dos nossos corações? Para render a Deus homenagem, não somente com a nossa alma, mas também com nosso corpo e, sobretudo, com a *linguagem* que Ele nos deu para expressar os pensamentos. Basicamente é esse o ensino de São Paulo, quando, depois de expor que Jesus morreu por nós fora da cidade de Jerusalém, convida-nos a sair de nós mesmos e a unir-nos ao nosso Mediador de religião, para oferecer a Deus um sacrifício de louvor, a homenagem dos nossos lábios: “*Por ele ofereçamos a Deus sem cessar sacrifícios de louvor, isto é, o fruto dos lábios que celebram o seu nome* (Os 14,2)” (Hb 13, 15). A oração vocal também é útil para estimular nossa devoção através do som da nossa própria voz: “*pela palavra pronunciada o homem pode despertar-se para a oração devota.*”^[333] De fato, a psicologia mostra que o gesto intensifica o sentimento interior. Enfim, a oração vocal

serve para *edificação do próximo*, porque ao ver e ouvir as orações dos outros, aumentamos a nossa própria devoção.

512. b) A oração vocal pode ser *privada* ou *pública*, conforme se faça em nome *individual* ou da *sociedade*. Demonstramos alhures que a *sociedade*, como tal, deve render a Deus homenagens sociais, pois também ela deve reconhecê-lo como soberano Senhor e Benfeitor. Por essa razão São Paulo exortava os primeiros cristãos a juntar-se, não somente em um só coração, mas também em uma só voz, para glorificar a Deus com Jesus Cristo: “*para que, com um só coração e uma só voz, glorifiquéis a Deus, Pai de nosso Senhor Jesus Cristo*” (Rm 15, 6). Antes disso, Nosso Senhor já havia convidado os discípulos a reunirem-se para orar, prometendo-lhes vir ao meio deles para apoiá-los em suas súplicas: “*Porque onde dois ou três estão reunidos em meu nome, aí estou eu no meio deles*” (Mt 18, 20). Se isso é verdade em relação a duas ou três pessoas, muito mais será quando se reúne um grande número para oficialmente dar glória a Deus. Santo Tomás nos diz que então a eficácia é irresistível: “*É impossível que as preces de muitos não sejam ouvidas, quando elas se unem em uma só.*”^[334] Com efeito, assim como um pai que resiste às solicitações de um único filho, deixa-se enternecer quando os vê todos unidos na mesma petição, também nosso Pai do céu não pode resistir à doce violência que lhe faz a oração comum de um grande número de seus filhos.

513. Portanto, é muito importante que os cristãos se reúnam muitas vezes para adorar e orar em comum. Por isso a Igreja convoca-os, nos domingos e festas, para o santo sacrifício da missa, que é a oração pública por excelência, e para os ofícios religiosos.

514. Mas, como não pode convocá-los todos os dias e, contudo, Deus merece ser glorificado todos os dias, a Igreja encarrega os *sacerdotes e religiosos* de cumprir com este grande dever da oração pública várias vezes ao dia. E eles o fazem por meio do *Ofício divino*, que rezam, não em nome próprio, mas em nome de toda a Igreja e por todos os homens. Assim, importa muito que se unam com o Sumo Religioso de Deus, o Verbo

Encarnado, para glorificar a Deus com Ele, por Ele e nele, e para ao mesmo tempo pedir todas as graças que o povo cristão necessita.

I.IV.I.III – O Pai-Nosso

515. Entre as preces que rezamos em particular ou em público, não há mais bela que o *Pai-Nosso*, que o próprio Senhor nos ensinou.

A. Em seu início, encontramos uma *introdução cativante*, que nos lança na presença de Deus e estimula nossa confiança: *Pai nosso que estais no céu*. O primeiro passo a ser dado quando oramos, é aproximar-nos de Deus. Ora, a palavra Pai põe-nos imediatamente na presença daquele que é Pai por excelência, Pai do Verbo, por geração, e nosso Pai, por adoção. Portanto, deparamo-nos como o Deus da SS. Trindade, que nos envolve com o mesmo amor com que envolveu o próprio Filho. Como esse Pai está nos céus, ou seja, é onipotente, é o manancial de todas as graças, sentimo-nos movidos a invocá-lo com absoluta confiança filial, haja vista que somos da família de Deus, todos irmãos, filhos de Deus (*Pai nosso*).

516. B) A seguir vem o *objeto* da oração: pedimos *tudo* o que podemos desejar e *na ordem* que devemos desejar: **a)** antes de tudo, o *fim principal*, a glória de Deus: “*Santificado seja o vosso nome*”, isto é, reconhecido, proclamado santo; **b)** então vem o *fim secundário*, o aumento do reino de Deus em nós, que prepara a nossa entrada no reino do céu: “*venha a nós o vosso reino*”; **c)** a seguir, o *meio essencial* para obter esse duplo fim, que é a conformidade com a vontade divina: “*seja feita a vossa vontade assim na terra como no céu*.” Chegamos então aos *meios secundários* que formam a segunda parte do Pai-Nosso; **d)** o meio *positivo*, “*o pão nosso de cada dia*”, pão do corpo e pão da alma, pois ambos são necessários para subsistir e crescer; **e)** enfim os meios *negativos*, que incluem: 1) a *remissão do pecado*, o único mal verdadeiro, que é perdoado na medida em que nós perdoamos: “*perdoai-nos as nossas ofensas, assim como nós perdoamos a quem nos tem ofendido*”; 2) a *remoção das provas e tentações*, que nos poderiam fazer sucumbir; 3) enfim, a *remoção dos males físicos*, das misérias da vida, na medida em que são obstáculo à nossa santificação: “*mas livrai-nos do mal. Amém!*”

Oração sublime, posto que nela tudo refere-se à glória de Deus e, no entanto, tão simples e ao alcance de todos, pois, enquanto glorificamos a Deus, pedimos tudo o que para nós há de mais útil. Por isso os Santos, Padres e Doutores, compraziam-se em comentá-lo,^[335] e o Catecismo do Concílio de Trento dela nos dá uma explicação longa e muito sólida.

I.IV.II – Eficácia da Oração Como Meio de Perfeição

517. Tão eficaz é a oração para santificar-nos, que os Santos repetem à porfia este adágio: “*Sabe bem viver quem sabe bem orar.*” A oração, de fato, produz três maravilhosos efeitos: 1º- *desapega-nos* das criaturas; 2º- *une-nos* totalmente a Deus; 3º- *transforma-nos* progressivamente em Deus.

518. 1º - A oração *desapega-nos das criaturas*, na medida em que são obstáculo à nossa união com Deus. Esse efeito deriva do seu conceito, pois, para elevar-nos a Deus, antes é preciso libertar-nos das amarras das criaturas. Atraídos por elas e pelos prazeres sedutores que nos oferecem, e também dominados pelo egoísmo, não conseguimos vencer esse duplo apego senão quebrando os laços que nos prendem à terra. Nada é mais eficaz, para produzir esse feliz resultado, que a elevação da alma a Deus pela oração. Para pensar nele e na sua glória, para amá-lo, é imperioso sair de nós mesmos e esquecer as criaturas com seus pérfidos encantos. E, uma vez perto de Deus, unidos a Ele por íntimos colóquios, as suas infinitas perfeições e amabilidades e a visão dos bens celestes completam em nossa alma o desprendimento necessário: “*Como me é desagradável a terra quando contemplo os céus.*”^[336] Repugnamos com cada vez mais vigor: o *pecado mortal*, que nos separa inteiramente de Deus; o *pecado venial*, que retarda nosso progresso para Deus; e gradualmente, até mesmo as *imperfeições voluntárias*, que diminuem a intimidade com Ele. Também aprendemos a combater com mais energia as inclinações desordenadas que remanescem no fundo da nossa natureza, porque vamos melhor compreendendo que elas tendem a afastar-nos de Deus.

519. 2º - Assim vai se aperfeiçoando nossa *união com Deus*, que se torna cada dia *mais completa e perfeita*.

A. Mais *completa*, porque a oração apodera-se de todas as nossas faculdades para uni-las a Deus: **a)** das *faculdades superiores*, isto é, da *inteligência*, absorvendo-a no pensamento das coisas divinas; e da *vontade*, orientando-a para a glória de Deus e o proveito das almas. Também do coração, permitindo-lhe derramar-se Naquele coração sempre aberto, amante e compassivo, e produzindo afetos que são sempre santificantes; **b)** das *faculdades sensíveis*, ajudando-nos a fixar em Deus e Nosso Senhor, nossa imaginação, memória, emoções e paixões, no que elas têm de bom; **c)** do *próprio corpo*, ajudando-nos a mortificar os sentidos exteriores, fontes de tantas divagações, e a regular nossa postura segundo os ditames da modéstia.

B. Mais *perfeita*. A oração, como já explicamos, efetivamente produz na alma atos de religião, inspirados pela *fé*, sustentados pela *esperança* e vivificados pela *caridade*: “A *fé* crê, a *esperança* e o amor oram, mas estes não poderiam existir sem *fé*. Portanto, a *fé* também ora.”^[337] Que haverá de mais nobre e santificante do que esses atos de virtudes teológicas? A oração também agrega e pressupõe atos de humildade, obediência, fortaleza e constância, pelo que não é difícil concluir que por meio desse santo exercício nossa alma une-se a Deus de modo perfeitíssimo.

520. 3º- Portanto, não surpreende que através da oração a alma seja *gradualmente transformada* em Deus. A oração nos faz, por assim dizer, comungar com Ele. Ao render-lhe humildes louvores e apresentar-lhe súplicas, Deus inclina-se a nós e comunica-nos as suas graças, que, por sua vez, produzem em nós tão ditosa transformação.

A. A simples consideração das divinas perfeições, o fato de admirá-las e de comprazer-se nelas legitimamente, faz com que, pelo desejo que temos de partilhar delas, sejam atraídas a nós. Pouco a pouco, nossa alma, imersa nessa afetuosa contemplação, sente-se totalmente impregnada e penetrada daquela simplicidade, bondade, santidade e serenidade, que Deus tanto deseja comunicar-nos.

521. **B)** Então Deus inclina-se até nós para ouvir as nossas preces e conceder-nos graças abundantes: quanto mais o honramos cumprindo os

nossos deveres, mais Ele cuidará de santificar-nos, pois trabalhamos pela sua glória. Podemos pedir muito, desde que o façamos com humildade e confiança. Ele nada pode negar às almas humildes, que se preocupam mais com os interesses de Deus do que com os próprios. Ele as ilumina com a sua luz, para mostrar-lhes o vazio, o nada das coisas humanas. Atraindo-as a Si, revela-se como Bem Supremo, fonte de todos os bens; dá-lhes a vontade, a força e a constância necessárias para que desejem e amem somente o que é digno de desejo e amor. Assim, não podemos concluir melhor do que com as palavras de São Francisco de Sales:^[338] “*Por meio dela (a oração) falamos a Deus e Deus reciprocamente nos fala, aspiramos a Ele e respiramos n’Ele, e mutuamente Ele nos inspira e em nós vive.*” Que feliz troca! Totalmente vantajosa para nós, posto que somente visa transformar-nos em Deus, fazendo-nos participar dos seus pensamentos e perfeições. Veremos agora como todas as nossas ações podem ser transformadas em oração.

I.IV.III – Como Transformar Nossas Ações em Oração

522. Sendo a oração um meio de perfeição tão eficaz, é evidente que devemos orar com muita frequência e perseverança, como Nosso Senhor nos diz: “*é necessário orar sempre sem jamais deixar de fazê-lo*” (Lc 18, 1); o que São Paulo confirma pelos seus conselhos e exemplos: “*Orai sem cessar*” (I Ts 5, 17), e “*Não cessamos de dar graças a Deus por todos vós, e de lembrar-vos em nossas orações.*” (I Ts 1, 2). Mas, como orar sem cessar sendo ao mesmo tempo fiéis aos nossos deveres de estado? Não seria isso impossível? Veremos que não é quando ordenamos a nossa vida de modo conveniente. Para tanto é necessário: 1º - *praticar* um certo número de *exercícios espirituais* em consonância com os nossos deveres de estado; 2º - *transformar em oração* as ações ordinárias.

523. 1º - **Os exercícios de piedade.** Para fomentar a vida de oração é necessário primeiro praticar certos exercícios espirituais, cujo número e duração variam conforme os deveres de estado. Falaremos aqui apenas dos exercícios que convêm aos *sacerdotes* e *religiosos*, deixando aos diretores espirituais a tarefa de adaptar esse programa aos fiéis.

Três categorias de exercícios educam a alma do sacerdote na oração: as orações da manhã, incluída a santa Missa, traçam o *ideal* a ser perseguido e ajudam a realizá-lo; o Ofício divino, as leituras piedosas e as devoções essenciais mantêm na alma o *hábito da oração*; os exames de consciência da noite farão com que ele *constate e repare* suas faltas.

524. A) Os *exercícios da manhã* são algo sagrado, do qual nenhum sacerdote ou religioso pode dispensar-se sem abdicar dos cuidados com a perfeição. **a)** O primeiro de todos é a *oração, colóquio afetoso* com Deus, para lembrá-lo do *ideal* que constantemente deve ter diante de si e que deve *perseguir* com todas as forças. Esse ideal não é outro senão aquele que nos traçou o divino Mestre: “*Portanto, sede perfeitos, assim como vosso Pai celeste é perfeito*” (Mt 5, 48). Assim, deve colocar-se na *presença de Deus*, fonte e modelo de toda perfeição e, mais concretamente, na presença de Nosso Senhor Jesus Cristo, que na terra realizou esse ideal de perfeição e mereceu-nos a graça de imitá-lo em suas virtudes. Depois de oferecer-lhe os devidos louvores, buscará atraí-lo a si e comungar dos seus pensamentos por meio de profundas reflexões sobre a virtude especial que deseja praticar e de fervorosas orações para obter a graça de praticá-la. Então, humildemente, mas determinado, cooperará com essa graça, formando *propósito decidido* sobre tal virtude, que procurará pôr em prática ao longo do dia.^[339] **b)** A santa Missa confirma-o nessas disposições, pondo-lhe diante dos olhos, nas mãos e à sua disposição, a vítima santa que deve imitar. Pela comunhão a vítima faz chegar até a alma do sacerdote os seus pensamentos, sentimentos, disposições interiores, suas graças e seu divino espírito, que permanecerá com ele durante todo o dia. Assim, estará pronto para a ação, que, desse modo vivificada por Ele, será uma oração contínua.

525. B) Mas, para que de fato seja assim, é preciso renovar de tempos em tempos os exercícios que estimulam a união com Deus. **a)** O primeiro deles é a reza do *Ofício divino*, que São Bento tão acertadamente chama *opus divinum* (obra de Deus) onde, em união com o Perfeito Adorador do Pai, o sacerdote o glorificará e pedirá graças para si e para toda a Igreja. É o ato mais importante de todo o dia, excluída a santa Missa. **b)** Em seguida virão as *leituras piedosas* da Sagrada Escritura, dos livros e biografias dos santos, que o colocam novamente em intimidade com Deus e seus santos. **c)**

Por fim virão as *devoções essenciais* que devem nutrir sua piedade: a visita ao SS. Sacramento, que na realidade não é outra coisa que uma conversa direta com Jesus; e a reza do Rosário, ou ao menos o Terço, com o qual fala com Maria e revive no coração os seus mistérios e virtudes.

526. À noite fará os *exames geral e particular*, que converterá em uma espécie de confissão humilde e sincera ao Sumo Sacerdote. Esses exames o farão ver como realizou durante o dia o ideal concebido pela manhã. Ai de nós! Sempre se encontram discrepâncias entre as suas resoluções e o seu cumprimento. Porém, sem perder o ânimo, corajosamente recomeçará a luta e, com sentimentos de confiança e abandono à divina vontade, descansará um pouco para melhor trabalhar no dia seguinte.

A *confissão* a cada semana ou, o mais tardar, a cada quinzena, e o *retiro mensal*, em que, de forma mais sintética, revisará a vida por um período maior, completam o controle da alma e dão oportunidade de renovar-se espiritualmente.

527. 2º - Esse é o conjunto de exercícios espirituais que não deixará perder de vista a presença de Deus por muito tempo. Mas o que fazer para preencher os períodos entre os diversos exercícios e transformar em oração todas as nossas ações? Santo Agostinho e Santo Tomás nos dão o princípio da solução. O primeiro nos diz que devemos fazer de toda a nossa vida: ações, negócios, refeições, o próprio sono, um hino de louvor à glória de Deus: “*Deixa que a harmonia da vida sempre se eleve como uma canção, de modo que não pares de louvar ... Se louvas ou cantas, que não seja somente com os lábios, mas também com o saltério das boas obras; louva quando ages, quando comes e bebes, quando descansas e quando dormes; dá louvor mesmo quando te calas.*”^[340] O segundo condensa deste modo o pensamento do primeiro: “*O homem ora na medida em que ordena toda a sua vida para Deus.*”^[341]

A caridade é que orienta toda a nossa vida para Deus. O meio prático de dar essa orientação a todas as nossas ações é, antes de iniciá-las, oferecê-las à Santíssima Trindade, em união com Jesus que vive em nós e de acordo com as suas intenções (nº 248).

528. M. Olier explicou-nos muito bem quão importante é praticar nossas ações *em união com Jesus*. Antes disso, comenta como Jesus está em nós para santificar-nos:^[342] “*Não habita em nós somente pela sua imensidade, como Verbo, ...; mas também como Cristo, pela sua graça, para tornar-nos participantes da sua unção e da sua vida divina ... Jesus Cristo está em nós para santificar, tanto a nós mesmos como nossas obras, e para preencher de Si todas as nossas faculdades: quer ser a luz das nossas mentes, o amor e o fervor dos nossos corações, a força e a virtude de todas as nossas potências, para que nele possamos conhecer, amar e cumprir a vontade de Deus, seu Pai, quer para operar em sua honra, quer para sofrer e suportar todas as coisas para a sua glória.*” Em seguida explica como as ações que fazemos em nós mesmos e para nós mesmos, são defeituosas:^[343] “*Em razão da nossa natureza corrompida, nossas intenções e pensamentos tendem ao pecado; e, se viermos a fazer alguma coisa por nós mesmos, deixando-nos guiar pela inclinação dos nossos sentimentos, obraremos no pecado.*” Assim, a conclusão é que devemos renunciar às próprias intenções, para unir-nos às de Jesus: “*Dessa forma, podemos ver quanto cuidado devemos ter em renunciar, ao iniciar qualquer obra, a todos os sentimentos, desejos, aos próprios pensamentos e vontades, para entrar, segundo as palavras de São Paulo, nos sentimentos e intenções de Jesus Cristo: ‘Tende em vós o mesmo sentimento que houve também em Cristo Jesus’ (Fl 2, 5).*”

Quando as ações são mais demoradas, é útil renovar o oferecimento por meio de um olhar afetuoso para o crucifixo ou, melhor ainda, para Jesus vivo em nós, e elevar o coração a Deus através de frequentes jaculatórias.

Assim nossas ações, mesmo as mais comuns, serão uma oração, uma ascensão da alma para Deus, e cumprimos o ensinamento de Jesus: “*é necessário orar sempre sem jamais deixar de fazê-lo*” (Lc 18, 1).

529. São esses os quatro meios interiores de perfeição. Todos têm por fim tanto glorificar a Deus como aperfeiçoar a nossa alma. O desejo de perfeição é, de fato, o primeiro impulso para Deus, o primeiro passo para a santidade. Conhecer a Deus o atrai para nós e ajuda a entregar-nos a Ele por amor. O autoconhecimento mostra-nos a necessidade que temos de Deus e estimula em nós o desejo de recebê-lo para preencher o nosso vazio. A conformidade com sua vontade transforma-nos em Deus. A oração nos eleva para Deus e também atrai para nós as suas perfeições, fazendo-nos

participantes delas e, desse modo, tornando-nos mais semelhantes a Ele. Portanto, tudo leva-nos a Deus, porque tudo vem de Deus.

Veremos agora como os meios *exteriores* tendem ao mesmo fim.

Art. II – MEIOS EXTERIORES DE PERFEIÇÃO

530. Esses meios podem ser reduzidos a quatro principais: a *direção espiritual*, que nos dá um guia seguro; a *regra de vida* que continua e complementa a ação do guia; as *leituras e conferências espirituais*, que nos apresentam um ideal a ser seguido; a *santificação das relações sociais*, que nos permite sobrenaturalizar todas as nossas relações com o próximo.

II.I – A DIREÇÃO ESPIRITUAL ^[344]

Abordaremos dois aspectos: 1º - a *necessidade moral* da direção; 2º - os *meios* para assegurar o seu bom êxito.

II.I.I – Necessidade Moral da Direção Espiritual

A direção espiritual, embora não sendo absolutamente necessária para a santificação das almas, é, entretanto, o *meio normal* de progresso espiritual. Tanto a *autoridade* como a *razão* fundamentada na *experiência* demonstram esse fato.

II.I.I.I – Prova de autoridade

531. A) Deus, que estabeleceu a Igreja como sociedade hierárquica, quis que as almas, em seu aspecto externo, fossem santificadas pela submissão ao Papa e aos Bispos, e no interno, aos confessores. Quando Saulo se converteu, Jesus, em vez de manifestar-lhe diretamente os seus desígnios, enviou-o a Ananias, para que da boca deste soubesse o que deveria fazer. Neste fato é que se apoiam Cassiano, São Francisco de Sales e Leão XIII, para mostrar a necessidade de direção. Diz Leão XIII: “*Encontramos nas próprias origens da Igreja uma célebre manifestação dessa lei. Embora*

Saulo, que respirava ameaças e morte, ao ouvir a voz de Jesus Cristo, tenha-lhe perguntado: ‘Senhor, que quereis que eu faça?’ – foi enviado a Damasco, a Ananias: ‘Entra na cidade, e lá ser-te-á dito o que te cumpre fazer?’ (At 9, 6).” E acrescenta: “Essa tem sido a prática constante da Igreja; é a doutrina que professaram unanimemente todos aqueles que no curso dos séculos brilharam pela ciência e santidade.”^[345]

532. B) Não sendo possível citar todas as autoridades tradicionais, vamos mencionar apenas algumas testemunhas consideradas autênticas representantes da teologia ascética. *Cassiano*, que havia passado longos anos entre os monges da Palestina, da Síria e do Egito, deixou registrada a doutrina destes, e a sua própria, em duas obras. Na primeira, o *Livro das Instituições*, exorta vivamente os jovens cenobitas a abrirem o coração ao ancião encarregado de dirigi-los, a manifestar-lhe sem falsa vergonha os pensamentos mais secretos e a confiar inteiramente na sua decisão sobre o discernimento do que é bom ou mau.^[346] Volta a tratar desse assunto nas suas *Colações* e, depois de expor os perigos a que se sujeitam os que não consultam os anciãos, conclui que o melhor meio de superar as tentações mais perigosas, é revelá-las a um prudente conselheiro. Baseia essa doutrina na autoridade de Santo Antão e do Abade Serapião.^[347]

O mesmo ensinamento de Cassiano aos monges do ocidente, São João Clímaco ensina aos monges do oriente, na *Escada do Paraíso*. Aos *principiantes* adverte que, se quiserem sair do Egito e dominar as paixões desordenadas, precisam de um Moisés que lhes sirva de guia. Aos *proficientes*, declara que, para seguir Jesus Cristo e desfrutar da santa liberdade dos filhos de Deus, é necessário confiar humildemente o cuidado da própria alma a alguém que represente o divino Mestre e escolhê-lo bem, porque deverá obedecê-lo com simplicidade, em que pese os pequenos defeitos que nele se possam perceber, pois o único perigo a temer é seguir o próprio juízo.^[348]

533. Na Idade Média basta citar duas autoridades. São Bernardo quer que os noviços na vida religiosa tenham um guia, um pai nutrício que os instrua, guie, console e anime.^[349] Aos mais avançados, como, por exemplo, ao cônego regular Ogier, declara que quem se constitui mestre ou diretor de si mesmo, torna-se discípulo de um tolo, e acrescenta: “*ignoro o que os*

outros pensam de si mesmo a esse respeito; eu, porém, falo por experiência e afirmo que me é mais fácil e seguro dirigir muitos outros que guiar a mim mesmo.”^[350] No século XIV, São Vicente Ferrer, o eloquente pregador dominicano, depois afirmar que a direção espiritual foi sempre praticada pelas almas que querem progredir, apresenta este argumento: *“aquele que tem um diretor, a quem obedece sem restrição e em todas as coisas, chegará muito mais fácil e rapidamente do que o poderia fazê-lo sozinho, ainda que tenha uma inteligência vivíssima e livros muito bons em matéria espiritual.”*^[351]

534. Não somente nas comunidades, mas também no mundo, sente-se a necessidade de um guia espiritual. As cartas de São Jerônimo, de Santo Agostinho e de muitos outros Padres a viúvas, virgens e seculares, são prova suficiente.^[352] Por isso, com razão Santo Afonso, ao explicar os deveres do confessor, diz que um dos principais é *dirigir* as almas piedosas.^[353] Enfim, a própria razão, iluminada pela fé e pela experiência, demonstra a necessidade de um diretor para progredir na perfeição.

II.I.I.II – Prova baseada na natureza do progresso espiritual

535. A) O progresso espiritual é uma subida longa e penosa, por uma estrada íngreme, rodeada de precipícios. Aventurar-se a segui-la sem um guia experimentado seria grave imprudência, posto que é muito fácil enganar-se a respeito do próprio estado. Não conseguimos ver com perfeita clareza as coisas a nosso respeito, diz São Francisco de Sales, e nem ser juízes imparciais nas causas próprias, em razão de certa complacência que *“anda tão secreta e imperceptível que é preciso olhos perspicazes para percebê-la, e aqueles mesmos que estão por ela contagiados não as notam se não houver quem que lhes mostre”*.^[354] Disto ele conclui que precisamos de um médico espiritual para diagnosticar imparcialmente o nosso estado de alma e prescrever os remédios mais eficazes: *“Por que arvorar-se em ser diretor espiritual de nós mesmos no que respeita ao espírito, quando não o somos em relação ao corpo? Por acaso não sabemos que os médicos, quando doentes, consultam outros médicos para opinarem sobre o tratamento que lhes convêm?”*

536. B) Para entender melhor essa necessidade, precisamos apenas expor brevemente os principais obstáculos que suscitam equívocos em cada uma das três vias que conduzem à perfeição.

a) Os *principiantes* devem temer as recaídas e, para evitá-las, requer-se uma longa e laboriosa penitência, proporcional ao número e gravidade dos seus pecados. No entanto, alguns esquecem rapidamente o passado e querem entrar imediatamente na via do amor. Esta presunção é logo seguida pela interrupção das consolações sensíveis, pelo desânimo e novas quedas. Outros excedem-se nas mortificações exteriores e nelas têm uma vã complacência. Comprometem a saúde e, sob pretexto de cuidarem dela, deixam a penitência e caem no relaxamento. Assim, é importante que um diretor experimentado busque manter os primeiros no espírito e na prática da penitência e acalme o ardor intempestivo dos últimos.

Outra armadilha é a *aridez espiritual* que se segue às consolações sensíveis. A alma teme ter sido abandonada por Deus, desleixa dos exercícios de piedade que lhes parecem estéreis e cai na tibieza. Somente um prudente diretor poderá evitar esse perigo, prevenindo-as de que as consolações não duram para sempre. Além disso, quando sobrevier-lhes a aridez, irá consolá-las, tranquilizá-las e fortalecê-las, mostrando-lhes que não há nada melhor para confirmar a virtude e purificar o amor?

537. b) Na *via iluminativa* continua sendo necessário um guia para discernir as *virtudes* principais, adequadas a esta ou àquela pessoa, os meios de praticá-las e o método apropriado para um frutuoso autoexame dos progressos e fracassos. E, quando se manifesta a sensação de *cansaço* que se prova em determinado momento, quando se conclui que o caminho da perfeição é mais longo e trabalhoso do que se imaginava, somente a afeição paternal de um diretor, capaz de reconhecer essa dificuldade, pode impedir que essa impressão degenera em tibieza. Sua ação prevenirá o desalento, consolará o penitente, o estimulará a novos esforços e o fará antever os frutos dessa prova corajosamente suportada.

538. c) Ainda mais necessária é a direção na *via unitiva*. Para nela entrar é preciso cultivar os dons do Espírito Santo através de uma docilidade generosa e constante às inspirações da graça. Mas, para discernir entre as inspirações divinas e as que procedem da natureza ou do demônio, muitas

vezes é mister recorrer ao parecer de um conselheiro sábio e desinteressado. O diretor é ainda mais indispensável quando surgem as primeiras *provações passivas*, quando as securas, os enfados, os temores da justiça divina, o assédio das tentações, a incapacidade de meditar de maneira discursiva e as contradições que vêm de fora, desabam todas sobre a pobre alma, colocando-a em profunda perturbação. Claramente se vê a grande necessidade de um guia que reboque esse navio à deriva. O mesmo deve-se dizer quando se provam as doçuras da contemplação: esse estado requer tanta descrição, humildade, docilidade e, sobretudo, tanta prudência para saber harmonizar a *passividade* com a *atividade*, que é moralmente impossível não se desviar do caminho sem os conselhos de um guia muito experiente. Por isso é que Santa Teresa, com tanta simplicidade, abria sua alma aos diretores, e São João da Cruz insiste sempre na necessidade de tudo manifestar ao diretor. Diz ele: “*Deus tanto deseja que o homem se submeta à direção de outro homem que, de modo algum, quer que demos plena fé às verdades sobrenaturais que Ele mesmo manifesta, sem antes terem passado pelo canal de uma boca humana.*”^[355]

539. Para sumarizar o que dissemos, nada melhor do que as palavras do Padre Godinez: “*De mil almas que Deus chama à perfeição, apenas dez correspondem, e de cem que chama à contemplação, noventa e nove não correspondem ao chamamento ... É preciso reconhecer que uma das principais causas é a falta de mestres espirituais ... Eles são, depois da graça de Deus, os pilotos que guiam as almas por este mar desconhecido da vida espiritual. E, sendo certo que não há ciência ou arte, por simples que seja, que se aprenda bem sem um mestre que a ensine, muito menos pode alguém aprender esta sublime sabedoria da perfeição evangélica, em que mistérios tão profundos se encontram ... Por essa razão é que tenho por algo moralmente impossível que, sem milagre ou sem mestre, uma alma possa atravessar, por longos anos, o que há de mais elevado e árduo na vida espiritual, sem correr perigo de perder-se.*”

540. Portanto, pode-se dizer que o *caminho ordinário* para progredir na vida espiritual é seguir os conselhos de um sábio diretor. De fato, a maior parte das almas fervorosas compreendem isso e buscam a direção no santo tribunal da penitência. Quando, nos últimos anos, desejou-se formar um

escol, o melhor meio encontrado foi a direção intensamente praticada, tanto nos patronatos como nas colônias de férias e, sobretudo, nos retiros fechados. Assim, nada mais eficaz para santificar as almas que a direção espiritual, desde que se observem as *regras* que a seguir relembremos.

II.I.II – Regras Para Assegurar o Fruto da Direção

Para que a direção seja proveitosa é necessário: 1º - *determinar* bem o seu objeto; 2º - assegurar a mútua colaboração entre *diretor* e *dirigido*.

II.I.II.I – Objeto da direção

541. A) Princípio Geral. O objeto da direção espiritual é tudo o que interessa à formação espiritual das almas. A confissão limita-se à acusação das faltas; a direção vai muito além. Volta-se para as *causas* do pecado, para as inclinações profundas, ao temperamento, ao caráter, aos hábitos adquiridos, às tentações, às imprudências. Tudo isso para poder descobrir os *remédios* apropriados, aqueles que atacam a raiz do mal. Para melhor combater os defeitos, ocupa-se das *virtudes* opostas: as *comuns* a todos os cristãos e as *especiais* para cada classe de pessoas. Ocupa-se também dos meios para melhor praticá-las, dos *exercícios espirituais* que, assim como a oração, o exame particular, as devoções ao SS. Sacramento, ao Sagrado Coração de Jesus e à SS. Virgem, fornecem armas espirituais para avançar na prática das virtudes. Trata da *vocação* e, quando esta já está resolvida, dos deveres particulares de cada estado. Portanto, fica claro que o seu objeto é muito amplo.

542. B) Aplicações. a) Para dirigir melhor uma alma, o diretor deve saber dela as principais coisas da *vida passada*, suas faltas mais usuais, os esforços que fez para tentar corrigi-las, os resultados obtidos. Com isso poderá apreciar melhor o que há ainda por fazer. Depois, deverá conhecer as *disposições presentes*, as inclinações, as repugnâncias, o tipo de vida que leva, as tentações que padece, o método que emprega para superá-las, as

virtudes que mais carece, os meios empregados para adquiri-las. Tudo isso com a finalidade de dar conselhos mais apropriados.

b) Com essas informações o diretor terá mais facilidade para traçar um *programa de direção*, que será *maleável*, adaptado ao estado atual do penitente, visando o seu aperfeiçoamento. Com efeito, não é acertado guiar todas as almas da mesma forma; verificado o nível espiritual em que se encontram, deve-se ajudá-las a subir gradualmente o caminho íngreme da perfeição, sem queimar etapas. Além disso, umas são mais ardorosas e generosas, outras mais calmas e lentas. Ademais, nem todas são chamadas ao mesmo grau de perfeição.

543. No entanto, há uma *ordem progressiva* a seguir, que permite dar uma certa uniformidade na direção. Daremos alguns exemplos.

1. Desde o princípio é importante ensinar e enfatizar que as almas devem *santificar todas as suas ações ordinárias*, oferecendo-as a Deus, em união com Nosso Senhor Jesus Cristo (nº 248). É uma prática que deve ser mantida a vida toda e que o diretor deve insistir muitas vezes, buscando fazê-la brotar do *espírito de fé*, tão necessário neste tempo de naturalismo.
2. A *purificação da alma*, pela *penitência* e *mortificação*, nunca deve parar completamente. É preciso voltar muitas vezes a esse ponto com os dirigidos, levando-se em consideração o seu estado de alma para variar os exercícios dessas virtudes.
3. A *humildade* é uma virtude fundamental que deve ser incutida nos penitentes e muitas vezes lembrada, quase desde o princípio e em todos os estágios da vida espiritual.
4. Como a *caridade para com o próximo* é frequentemente violada, até mesmo por pessoas devotas, deve-se insistir nela como objeto dos exames de consciência e das confissões.
5. A *união habitual com Nosso Senhor*, nosso modelo e colaborador, sendo um dos meios mais eficazes de santificação, deve ser recomendada, sem receio, muitas vezes.
6. A *força de caráter*, baseada em profundas convicções, é particularmente necessária nos dias atuais. Assim, deve ser cultivada com zelo, adicionando-lhe a honradez e a lealdade, que dela são inseparáveis.

7. O *apostolado* impõe-se como particularmente necessário numa época de proselitismo como a nossa e o diretor deve ter em vista formar almas capacitadas, que possam ajudar o sacerdote nos inúmeros pormenores necessários para evangelizar as almas.

Quanto ao mais, é suficiente levar em consideração o que diremos ao explicar as três vias.

II.I.II.II – Deveres do diretor e do dirigido

A direção espiritual somente produzirá resultados eficazes se diretor e dirigido colaborarem, mutuamente e de boa vontade, nessa obra conjunta.

II.I.II.II.I – Os deveres do diretor

544. São Francisco de Sales diz que o diretor espiritual deve possuir três qualidades principais:^[356] “*deve ser cheio de caridade, ciência e prudência: se faltar uma destas três qualidades, a escolha será arriscada.*”

A. A *caridade* necessária é uma afeição *sobrenatural* e *paterna*, que faz considerar os dirigidos como filhos espirituais, confiados ao diretor pelo próprio Deus, para que este faça crescer naqueles Jesus Cristo e as suas virtudes: “*Filhinhos meus, por quem de novo sinto dores de parto, até que Cristo seja formado em vós*” (Gl 4, 19).

a) Assim, o diretor envolve a todos com a mesma solicitude e dedicação, fazendo-se tudo para todos, para santificá-los, aplicando seu tempo e seus cuidados, desgastando-se para formar neles as virtudes cristãs. Sem dúvida, apesar de todos os esforços, poderá sentir-se mais atraído para uns do que para outros. Porém, pela vontade reagirá contra essas simpatias ou antipatias naturais e evitará, o máximo possível, essas afeições sensíveis. Elas tendem a criar apegos, inocentes no início, mas depois absorventes e até perigosos, tanto para a reputação como para a virtude. Desejar o afeto dos corações criados para amar a Deus é uma espécie de traição, como diz, com razão, M. Olier: “*Havendo-os escolhido Nosso Senhor (fala dos diretores de almas) para conquistar reinos, isto é, os corações dos homens*

que lhe pertencem, que conquistou com o sangue derramado e nos quais deseja estabelecer seu império, em vez de entregá-los Àquele que é o seu legítimo soberano, tomam-nos para si mesmos e fazem-se deles senhores e donos! ... Oh! Que ingratidão, que infidelidade, que afronta, que perfídia!”^[357] Destarte, isso seria criar um obstáculo quase insuperável, tanto para o progresso espiritual dos dirigidos como ao dele próprio, pois Deus não quer um coração dividido.

545. b) Contudo, essa bondade não deve converter-se em fraqueza; pelo contrário, há de estar acompanhada de *firmeza e franqueza*. O diretor espiritual deverá ter coragem de fazer admoestações paternais, de apontar e combater os defeitos dos seus penitentes e de *não permitir ser dirigido por eles*. Há pessoas muito hábeis e gentis, que querem um bom diretor, mas com a condição de que este adapte-se aos seus gostos e caprichos. O que buscam é antes a aprovação da sua conduta do que propriamente uma direção. Para resguardar-se contra abusos desse tipo, que poderiam pesar sobre a sua consciência, o diretor não deve deixar-se envolver pelas manobras deste ou daquele penitente. Consciente de que representa o próprio Jesus Cristo, decidirá firmemente, em conformidade com as regras de perfeição e não com os desejos dos dirigidos.

546. c) Sobretudo com as *mulheres* é que se deve ser reservado e firme. Um homem de grande experiência, o Padre Desurmont escreveu a esse respeito: “*Nada de palavras afetuosas, nem de frases ternas, nada de conversas particulares que não sejam indispensáveis, nada de expressar sentimentos pelos modos ou gestos, nem sequer sombra de familiaridade; não prolongar as conversas além do estritamente necessário; em matéria de relações que extrapolam as questões de consciência, só as de propósito sério. Tanto quanto possível, nada de direção fora do confessionário e nada de cartas.*” Em que pese o interesse demonstrado por sua alma, deve-se ocultar o que se tem pela sua pessoa: “*elas sequer devem ser capazes de suspeitar de que se está ocupado ou preocupado com a sua pessoa. A psicologia das mulheres é tal que, se pensam ou sentem que há uma estima particular ou afeição, quase irresistivelmente descem ao plano natural, seja por vaidade ou por carinho.*” E acrescenta: “*Geralmente é bom que elas praticamente ignorem quem as dirige. As mulheres têm o defeito conexo*

com sua qualidade: são piedosas por instinto, mas também instintivamente orgulhosas da sua piedade. Os adornos da alma as afetam tanto como os do corpo. Saber que há alguém que deseja orná-las de virtudes é geralmente perigoso para elas.” Portanto, deve-se dirigi-las sem torná-las conscientes disso, dando-lhes conselhos de perfeição como se tratassem de algo comum para o bem das almas.

547. B) Na direção espiritual o conhecimento da teologia ascética, isto é, a *ciência*, deve acompanhar a dedicação, tão necessária ao confessor, como já explicado (nº 36). Assim, os autores espirituais devem ser lidos e relidos, para que os conceitos destes sirvam de parâmetro para corrigir os próprios. Também deve comparar o seu proceder com o dos santos.

548. C) Sobretudo, o diretor espiritual necessita de muita *prudência e perspicácia* para dirigir as almas, não de acordo com as próprias ideias, mas conforme os movimentos da graça, o temperamento e o caráter dos penitentes e as suas *inclinações sobrenaturais*.^[358]

a) O Pe. Libermann com razão salientava que o diretor é apenas um instrumento a serviço do Espírito Santo e,^[359] portanto, deve primeiramente aplicar-se em conhecer, por meio de perguntas discretas, a ação desse divino Espírito na alma. Diz ele: “*Considero crucial, em matéria de direção, discernir as disposições existentes em cada alma ... o que o estado interior da alma pode suportar; deixar a graça agir com grande liberdade, distinguir as falsas inspirações das verdadeiras e impedir que as almas se extraviem ou se excedam nessas inspirações*”. Noutra carta acrescenta: “O diretor, depois de perceber e discernir que Deus está agindo em uma alma, não tem mais outra função além de guiá-la para que siga a graça e lhe seja fiel ... Jamais deverá querer inspirar nessa alma os seus próprios gostos e atrativos, nem a conduzir segundo a sua maneira de agir ou ver as coisas. Se um diretor agisse assim, muitas vezes afastaria as almas da direção de Deus, contrariando a graça divina que nelas está agindo.”

No entanto, acrescenta que esse modo de direção aplica-se apenas às almas que estão determinadas no caminho para a perfeição. Para as *frouxas e túbias*, a iniciativa compete ao diretor, que através de exortações, conselhos, repreensões e por todas as formas que o seu zelo lhe sugira, deve esforçar-se para arrancá-las da letargia espiritual.

549. b) A prudência em questão é a *sobrenatural*, fortalecida pelo *dom de conselho*, que o diretor deve pedir sem cessar ao Espírito Santo. Em especial, irá invocá-lo nos casos difíceis, rezando com o coração um *Vinde Espírito Santo* antes de decidir coisas importantes. Tendo consultado o Espírito Santo, buscará ouvir a resposta com atenção e docilidade de criança, para transmiti-la ao dirigido: “*Julgo como ouço; e o meu julgamento é justo, porque não busco a minha vontade, mas a vontade daquele que me enviou*” (Jo 5, 30). Desse modo, verdadeiramente o diretor será um instrumento do Espírito Santo e o seu ministério será frutuoso.

Contudo, esse cuidado de tomar o conselho de Deus não o impedirá de servir-se de todos os meios que a prudência sugere para conhecer bem o dirigido. Não se baseará apenas no que diz o dirigido, mas observará a sua conduta, ouvirá aqueles que o conhecem e, sem subscrever os seus juízos a todos, irá ponderá-los de acordo com as regras de prudência.

550. c) A prudência deve orientá-lo não somente nos conselhos que dá, mas também em todas as *circunstâncias* relacionadas à direção. **1.** Assim, não dedicará mais tempo que o necessário para esse ministério, por mais importante que seja. Nada de longas conversas, nem conversa fiada, nada de perguntas indiscretas. Deverá limitar-se ao essencial, ao que é realmente útil ao bem das almas: um conselho preciso, um exercício claramente exposto, é suficiente para manter uma alma ocupada por uma quinzena ou um mês. Além disso, a direção será enérgica. O diretor vai esforçar-se para conduzir os dirigidos de modo que possam, depois de algum tempo, não ser autossuficientes na direção, mas ao menos ficar satisfeitos com uma direção mais breve e resolver sozinhos as dificuldades ordinárias, através dos princípios gerais que o diretor lhes incutiu.

2. A direção dos jovens e homens pode ser feita em qualquer lugar, até mesmo durante um passeio em um pátio de recreio. Com as mulheres, porém, requer-se maior reserva. De modo geral, devem ser recebidas somente no confessionário, não dirigidas senão em confissão, brevemente, e sem as deixar entrar em pormenores inúteis. O sacerdote diretor pertence a todos e, como seu tempo é muito limitado, importa não o desperdiçar. Não há dúvida que é preciso ser paciente e dar a cada alma todo o tempo necessário, mas sempre lembrando que há outras almas que também precisam desse ministério.

II.I.II.II.II – Os deveres do dirigido

551. O dirigido deverá ver o próprio Jesus Cristo na pessoa do diretor. Com efeito, se é verdade que toda a autoridade vem de Deus, isso é ainda mais verdadeiro quando se trata da autoridade que o sacerdote exerce sobre as consciências. O poder de ligar e desligar, de abrir e fechar as portas do céu, de conduzir as almas pelos caminhos da perfeição, é o mais divino de todos os poderes e, portanto, somente pode existir em um representante oficial, embaixador de Cristo: *“Portanto, desempenhamos o encargo de embaixadores em nome de Cristo, e é Deus mesmo que exorta por nosso intermédio”* (II Cor 5, 20). Desse princípio decorrem todos os deveres para com o diretor: *respeito, confiança, docilidade.*

552. A) Deve ser respeitado como representante de Deus, revestido da autoridade divina no que ela tem de mais íntimo e digno de honra. O pensamento não deve ater-se aos defeitos que porventura nele houver, mas atentar somente para a sua autoridade e missão. Assim, deverão ser evitadas, com todo o cuidado, as *críticas* ásperas que fazem perder ou diminuir o respeito filial que se deve ter para com o diretor. Também se evitarão as *familiaridades* excessivas, dificilmente compatíveis com o verdadeiro respeito. Esse respeito será temperado pela *afeição*, afeição simples e cordial, mas respeitosa, como a de um filho com seu pai; afeição que exclui o desejo de ser amado particularmente e as pequenas invejas que por vezes disso decorrem. *“Numa palavra, esta amizade deve ser forte e doce, toda santa, toda sagrada, toda divina, toda espiritual.”*^[360]

553. B) O respeito será acompanhado de uma *total confiança filial* e *grande abertura de coração*. Disse São Francisco de Sales: *“Deves ouvi-lo como a um anjo que vem do céu para te dirigir. Ajunta a esta confiança uma sinceridade a toda prova, tratando-o franca e abertamente e deixando-lhe ver em tua alma todo bem e o mal que aí se encontram: o bem será mais certo e o mal menos profundo; a tua alma será mais forte nas adversidades e mais moderada nas consolações. Um religioso respeito também deves ajuntar à confiança, de tal forma que o respeito não diminua a confiança, nem a confiança o respeito.”*^[361] Assim, é com plena confiança que devemos

abrir o coração e confiar-lhe as nossas tentações e fraquezas, para que nos ajude a vencê-las ou curá-las, nossos desejos e resoluções, para submetê-los à sua aprovação, o bem que tencionamos fazer, para que o confirme, nossos projetos para o futuro, para que avalie e sugira-nos meios de realizá-lo. Em suma, tudo o que tenha relação com o bem da nossa alma. Quanto melhor nos conhecer, mais capacitado estará para dar-nos sábios conselhos, encorajar-nos, consolar-nos, fortalecer-nos, de modo a podermos repetir, ao final da direção, as palavras dos discípulos de Emaús: “*Não se nos abrasava o coração, quando ele nos falava ...*” (Lc 24, 32).

554. Há pessoas que embora queiram ter essa perfeita abertura, por uma certa timidez ou reserva, não sabem como expor o estado de sua alma. Devem então conversar sobre isso como o diretor, que as ajudará com algumas perguntas oportunas, ou então, se necessário, emprestando-lhes algum livro que lhes permita conhecer-se e analisar-se melhor. Uma vez quebrado o gelo, a comunicação se tornará mais fácil.

Outras, pelo contrário, são propensas a falar demais e transformar a sessão de direção em um bate-papo piedoso. Nesse caso, cumpre lembrá-las que o tempo do sacerdote é limitado, que outros estão esperando pela vez e podem ficar impacientes com a demora. Portanto, é preciso estabelecer limites e deixar alguma coisa para a próxima sessão.

555. C) A franqueza deve vir acompanhada de grande *docilidade* em ouvir e seguir os conselhos do diretor. Nada mais prejudicial para o bem da nossa alma e nada menos sobrenatural do que querer fazê-lo pensar e sentir como nós, pois, nesse caso, não é a vontade de Deus que se busca, mas a própria, com o agravante de que se abusa de um meio divino para um fim egoísta. Nosso único desejo deve ser conhecer a vontade divina por intermédio do diretor, e não o induzir a aprovar, por métodos mais ou menos habilidosos, o que desejamos. Podemos enganar o diretor, mas não enganamos Aquele que ele representa.

Sem dúvida, é dever nosso expor-lhe nossos gostos e repugnâncias e, se tivermos dificuldades ou certa impossibilidade de pôr em prática um conselho recebido, devemos dizê-lo com toda simplicidade. Porém, depois de colocá-lo a par, só nos resta obedecer. A rigor, o diretor espiritual pode enganar-se. Nós, porém, nunca nos enganamos ao obedecê-lo, exceto,

obviamente, se ele aconselhar alguma coisa contrária à fé ou aos bons costumes. Nesse caso, deve-se mudar de diretor.

556. D) Somente por razões graves e após madura reflexão é que se deve *buscar outro diretor*. É importante que haja certa continuidade na direção espiritual, o que não existirá quando as trocas forem frequentes.

a) Algumas pessoas cansadas de ouvir os mesmos conselhos, especialmente quando estes recaem sobre coisas desagradáveis à natureza, ou levadas pela *curiosidade*, trocam com o objetivo de saber como será a maneira de dirigir de um novo diretor. Outras, por *inconstância*, consideram impossível perseverar por muito tempo nos mesmos exercícios. Há aquelas que, movidas pela *vaidade*, desejam ter um diretor com maior reputação ou mais famoso, ou um que as lisonjeie. Algumas trocam em razão de uma espécie de *inquietação*, que faz com que nunca se sintam satisfeitas com o que tem e vivam sonhando com uma perfeição imaginária. Outras ainda têm um *desejo desordenado de manifestar seu interior a diversos confessores*, para que estes se interessem por elas ou para se sentirem mais seguras. Por fim, algumas por *falsa vergonha*, para esconder de seus confessores regulares alguma fraqueza humilhante. Evidentemente, esses motivos não são suficientes e devem ser rechaçados se quisermos fazer progressos consistentes na vida espiritual.

557. Por outro lado, devemos lembrar que a Igreja insiste muito em *preservar a liberdade* que se deve ter na escolha de um confessor. Se, pois, houver justas razões para mudar, não se deve hesitar em fazê-lo. E quais são as principais razões? 1) Se, apesar de todos os nossos esforços, não conseguimos ter para com o diretor o respeito, a confiança e a franqueza de que falamos acima. Mesmo que haja pouco ou nenhum fundamento para esses sentimentos,^[362]* devemos mudar, pois, nesse caso, não colheríamos frutos dos seus conselhos. 2) Com maior razão, se houver fundado temor de que o diretor espiritual esteja nos desviando ou retendo no caminho da perfeição, em razão de seu modo muito natural de ver as coisas, ou porque manifesta em algumas ocasiões uma afeição demasiado forte e sensível para conosco. 3) Se detectarmos claramente que ele carece de ciência, de prudência ou da discrição necessárias.

Tais casos são raros, é verdade, mas podem acontecer e, por isso, devemos ter sempre em mente que a direção espiritual não é proveitosa se não existir, entre diretor e dirigido, colaboração e mútua confiança.

II.II – O REGRAMENTO DE VIDA ^[363]

558. Uma regra de vida tem o objetivo de prolongar a influência do diretor, conferindo ao penitente princípios e regras que lhe permitam santificar todas as suas ações pela obediência e estabelecer uma norma de conduta prudente e segura. Assim, falaremos sobre: 1º- Sua *utilidade*; 2º- Suas *qualidades*; 3º- A *maneira* de guardá-la.

II.II.I – Utilidade do Regramento de Vida

Útil até mesmo para os fiéis que buscam santificar-se no meio no mundo, uma regra de vida é ainda mais importante para os membros de comunidades religiosas e para os sacerdotes em seu ministério. Ela é proveitosa de igual modo para nossa santificação *pessoal* como para a santificação *do próximo*.

559. Sua utilidade como meio de santificação pessoal. Para que haja progresso na santidade, precisamos fazer *bom uso do tempo*, *sobrenaturalizar* as nossas ações e seguir um *programa de perfeição*. Uma regra de vida bem elaborada, construída com a ajuda de nosso diretor espiritual, dá-nos essa tripla vantagem.

A. Permite que *empreguemos melhor o tempo*. Basta comparar a vida de uma pessoa que segue uma regra de vida com a de outra que não o faz, para convencer-mos disso.

a) Aquele que vive sem uma regra inevitavelmente desperdiça muito tempo: 1) *Hesita* sobre a melhor coisa a fazer. O tempo é gasto em deliberar, em sopesar razões contrárias e favoráveis e, como em muitos casos não há razões decisivas para um dos lados, quedamos na incerteza. Então as inclinações naturais ganham força e corre-se o risco de deixar-se

levar pela curiosidade, pelo prazer ou pela vaidade; 2) *Negligencia* certo número de deveres. Por não haver *previsão* nem *determinação* do momento e do lugar favorável ao seu cumprimento, e não encontrando tempo para cumprir todos, alguns são deixados de lado; 3) Essa negligência propicia a *inconstância*. Algumas vezes faz-se enérgicos esforços para recuperar o que se perdeu, mas outras vezes deixa-se levar pela indolência natural. A razão disso é justamente porque não há uma regra fixa que corrija as inconstâncias da nossa natureza.

560. b) Por outro lado, aquele que mantém uma *regra de vida bem definida* otimiza o tempo: 1) Não titubeia: sabe exatamente o que deve fazer e em que momento. Mesmo que não consiga estabelecer horários com rigor matemático, pelo menos fixa certos parâmetros e princípios em relação aos exercícios de piedade, ao trabalho, às recreações, etc.; 2) O *imprevisto torna-se exceção* e, mesmo quando algo não usual ocorra, já houve prévia determinação de quais exercícios podem ser abreviados e como podem ser supridos por outros. De qualquer modo, tão logo deixem de existir as circunstâncias imprevistas, retorna-se imediatamente para a regra; 3) Do mesmo modo, a *inconstância acaba*. A regra sempre estimulará a cumprir o prescrito; a cada dia e nas principais horas do dia. Desse modo formam-se hábitos que vão dando continuidade à vida, assegurando a perseverança; os dias tornam-se completos, cheios de boas obras e merecimentos.

561. B) A regra de vida possibilita *sobrenaturalizar* todas as nossas ações.

a) As ações são executadas por *obediência* (à regra estabelecida), e o mérito especial dessa virtude é acrescido ao mérito próprio de cada ação virtuosa. Nesse sentido é que se diz que viver pela regra é viver para Deus, porque então estaremos cumprindo constantemente a Sua santa vontade. A fidelidade à regra tem, além disso, um *valor educativo* inegável: em vez do capricho e da desordem que tendem a prevalecer em uma vida sem disciplina, passam a predominar o dever e a força de vontade e, com isso, a ordem e a organização. A vontade se submete a Deus e as faculdades inferiores curvam-se em obediência à vontade, o que redundará numa volta gradual ao estado de justiça original.

b) Uma regra de vida facilita fazer com que todas as ações tenham *intenções sobrenaturais*. O mero fato de vencer nossos gostos e caprichos já coloca ordem em nossa vida e direciona nossas ações para Deus. Além disso, uma boa regra deve prever um momento de recolhimento antes de cada uma das principais ações e sugerir as intenções mais sobrenaturais para bem realizá-las. Assim, cada uma delas é explicitamente santificada, tornando-se um ato de amor. Quem poderá avaliar os méritos que desse modo se acumulam a cada dia?

562. C) Uma regra de vida nos proporciona um *programa de perfeição*.

a) O que acima descrevemos já constitui um programa e, segui-lo, é progredir na perfeição: trata-se da via da conformidade com a vontade de Deus, tão exaltada pelos santos (n^{os} 493 a 498).

b) Além disso, todas as regras de vida indicam, de acordo com condição de vida e estado da alma de cada penitente, as virtudes a serem praticadas. Obviamente esse pequeno programa por vezes precisa ser modificado em razão do surgimento de novas necessidades, mas tudo deve ser feito de acordo com o diretor espiritual. Essas eventuais alterações passarão a fazer parte da regra que nos guia.

563. 2º - A regra de vida também é benéfica para a **santificação do próximo**. Para santificar os outros, devemos associar a *oração* com a *ação*, *aproveitar bem o tempo* dedicado ao apostolado e dar *bom exemplo*. Isso é exatamente o que faz aquele que é fiel à sua regra de vida.

A. Estando a vida bem disciplinada, encontra-se meios práticos de harmonizar a oração com a ação. Ciente de que a alma de todo apostolado é a vida interior, quem estabelece uma regra de vida reserva o tempo necessário para a oração, a santa Missa, a ação de graças e outros exercícios necessários para alimentar espiritualmente sua alma (nº 523). Isso não o impede de dedicar *um tempo considerável* ao apostolado. Tendo aprendido a distribuir bem o seu tempo (nº 560), encontra maneira de fazer tudo com ordem e método. Reserva tempo para as diversas obras paroquiais, para as confissões e para a administração dos sacramentos. Com isso, os fiéis, conhecendo essa organização, ficam felizes em saber o momento exato em

que o sacerdote se encontra à sua disposição, contanto que se lhes dedique o tempo necessário.

564. B) Além disso, os fiéis também são edificados pelos exemplos de *pontualidade e regularidade* que observam no sacerdote. Acabam se convencendo e propagando que ele é um homem cumpridor dos deveres, sempre fiel às regras determinadas pelas autoridades eclesiásticas. Assim, quando o escutam falar no púlpito ou no confessionário sobre a obediência às leis de Deus e da Igreja, sentem-se mais atraídos pela força do seu exemplo do que pelas suas palavras, e tornam-se mais fiéis na observância dos mandamentos.

Portanto, o sacerdote que observa sua regra de vida santifica tanto a si mesmo quanto aos demais. O mesmo também é verdadeiro para os leigos que se dedicam ao apostolado.

II.II.II – Qualidades do Regramento de Vida

Para que produza tão felizes resultados, a regra de vida deve ser *elaborada* de comum acordo com o *diretor espiritual*. Deverá ser ao mesmo tempo *flexível* e *rígida* e *hierarquizar* os *deveres* de acordo com a sua importância relativa.

565. 1º - Deve ser *elaborada em conjunto com o diretor espiritual*. A *prudência* e a *obediência* requerem isso: **a)** Prudência porque, para elaborar uma regra de vida que seja prática, faz-se necessário muita discricção e experiência para avaliar, não somente o que é bom em si mesmo, mas também o que é bom para o indivíduo em particular: o que lhe é aconselhável, o que está dentro de suas possibilidades e o que está além das suas forças, o que lhe é conveniente e o que nunca será, levando-se em conta o meio em que vive. Há pouquíssimas pessoas que sabem ajustar sabiamente essas coisas; **b)** Destarte, uma das vantagens da regra de vida é dar-nos ocasião de praticar a *obediência*, o que não é possível se cada um a estabelecer por si só, sem submetê-la a uma autoridade legítima.

566. 2º - A regra deve ser *rígida* o bastante para manter firme a vontade, e também *flexível* o suficiente para adaptar-se às várias circunstâncias que se apresentam na vida real, que as vezes desconcertam nossas previsões.

a) Será *rígida* se contiver tudo o que é necessário para estabelecer, ao menos em princípio, o tempo e a maneira de executar os exercícios espirituais, de cumprir os deveres de estado e de praticar as virtudes condizentes com o gênero de vida.

567. b) Será *flexível* se, após terem sido estabelecidas todas essas coisas, deixar-se certa liberdade de ação, como mudanças de horário e substituição de práticas não essenciais por outras equivalentes e mais adequadas às circunstâncias, e também para abreviar certos exercícios, quando exigir a caridade ou algum dever indispensável, procurando completá-lo em outra ocasião.

Essa maleabilidade aplica-se principalmente, conforme o sábio ensinamento de São João Eudes,^[364] a formas de oração e à maneira de oferecer nossas ações a Deus: “*Rogo-vos que noteis bem que o exercício dos exercícios, o segredo dos segredos, a devoção das devoções, é não ter apego a prática alguma ou exercício particular de devoção. Por outro lado, deveis ter grande cuidado, em todos os exercícios e obras, de dar-vos por inteiro ao Espírito Santo, e dar-vos com humildade, confiança e desprendimento de todas as coisas, para que, estando desapegados do próprio espírito e das próprias devoções e afeições, Ele possa ter plenos poderes e liberdade de ação, como Ele deseja, e de pôr em vós os afetos e sentimentos de devoção que Ele quer, conduzindo-vos, desse modo, por caminhos que Lhe agradam.*”

568. Por fim, a regra deverá dar, a cada uma de nossas obrigações, a *importância que lhe corresponda*, pois há uma certa hierarquia de deveres.

a) Evidentemente a Deus compete o primeiro lugar. A seguir, a salvação de nossa alma e, por fim, a santificação do próximo. Seguramente não há nenhum conflito real entre esses deveres; ao contrário, se desejarmos, podem ser perfeitamente harmonizados, pois, glorificar a Deus é, em suma, conhecê-lo e amá-lo, ou seja, santificar-se, e também é fazê-lo conhecido e amado do próximo. Contudo, se alguém empregar todo o seu tempo no

apostolado, descuidando do importantíssimo dever da oração, negligencia evidentemente o meio mais eficaz do zelo apostólico. Do mesmo modo, é evidente que se alguém descuida da própria santificação, em pouco tempo não terá o verdadeiro zelo para santificar os demais. Assim, se tivermos o cuidado de primeiro dar a Deus a parte do tempo que lhe devemos consagrar e, a seguir, reservar o necessário para trabalhar, por meio de exercícios essenciais, na nossa santificação, podemos ficar seguros de exercer o apostolado do modo mais fecundo. Desse modo, os primeiros e também os últimos momentos de cada dia devem ser reservados para Deus e para nossa alma. Então, poderemos nos dedicar às ações, interrompendo-as, porém, de tempos em tempos, para elevar a mente e o coração para Deus. Assim, nossa vida será distribuída entre a oração e o apostolado.

b) Contudo, em circunstâncias urgentes poderemos ser guiados por outro princípio: o de que o mais necessário deve vir primeiro. Um exemplo disso ocorre quando o sacerdote é chamado para atender um moribundo: deve deixar tudo para ir logo. Todavia, durante o caminho, deve esforçar-se para ocupar sua mente com santos pensamentos, o que suprirá o exercício de piedade que deveria estar fazendo.

II.II.III – Da Maneira de Guardar o Regramento de Vida.

569. Para que a regra de vida nos santifique deve ser guardada *integral e cristãmente*.

1. Integralmente, ou seja, em todas os seus detalhes e com pontualidade. Porque, se observarmos alguns pontos e outros não, sem motivo justificável, guardaremos os menos desagradáveis e omitiremos os mais difíceis. Perderemos com isso as principais vantagens decorrentes da exata observância da regra, pois até mesmo nos pontos que guardamos, corremos o risco de deixar-nos levar pelo capricho, ou, pelo menos, pela própria vontade. Então, a regra deve ser observada em sua totalidade e à letra, tanto quanto possível. Se por alguma razão grave não o for, deve-se então guardar o espírito da regra, fazendo, moralmente falando, tudo que estiver dentro das nossas possibilidades.

570. Há dois defeitos que se devem evitar: o *escrúpulo* e a *tibieza*. 1) *Não tenhamos escrúpulos*: se houver alguma razão grave para deixar de observar algum ponto da regra de vida, ou adiá-lo, ou substituí-lo por outro equivalente, deve-se fazê-lo com tranquilidade. Uma obrigação urgente de nosso estado, a visita a um enfermo, por exemplo, dispensa-nos da visita ao SS. Sacramento se não houver mais tempo posteriormente. Supriremos a falta trazendo conosco o pensamento em Nosso Senhor ao longo do caminho. Do mesmo modo, a mãe de família, se não puder conciliar o dever de cuidar dos filhos com a comunhão planejada em sua regra de vida, pode dispensá-la. No caso, a comunhão espiritual suprirá a sacramental. 2) *Não nos deixemos levar pela tibieza*: a falta de mortificação, o mero desejo de prolongar conversas desnecessárias, a curiosidade, etc., não são razões suficientes para adiar um exercício, com o risco de omiti-lo por completo. Igualmente, se não for possível cumprir algumas das obrigações da forma usual, procuraremos fazê-lo de outra maneira. Assim, o sacerdote que precisa levar o viático na hora marcada para a sua oração, tentará suprir esse dever com uma espécie de oração afetiva, oferecendo a honra devida ao Deus da Eucaristia que naquele momento leva sobre o peito.^[365]*

571. A pontualidade é parte da observância integral do regulamento: não iniciar um exercício precisamente no tempo demarcado, sem haver razão justificável, já é resistir à graça, que não admite atrasos; é expor-se ao risco de omitir ou, pelo menos, abreviar o exercício em razão do tempo. Se for questão de um exercício público do ministério, um atraso frequente significa consideráveis inconvenientes para os fiéis. Se for um professor, a falta de pontualidade representa para os alunos um mau exemplo, que eles ficam muito inclinados a imitar.

572. Cristãmente, ou seja, com intenção sobrenatural de fazer a vontade de Deus e demonstrar-lhe, assim, o nosso amor de modo mais autêntico. Essa pureza de intenção é a *alma* da regra de vida: dá a cada uma de nossas obras o seu valor verdadeiro, transformando-a em ato de caridade e obediência. Para estimulá-la, antes de cada ato devemos nos recolher por um momento, perguntar-nos o que nossa regra de vida requer naquele momento e, então, conformar nossa conduta a essa exigência com o fim de agradar a Deus: “*Faço sempre o que lhe agrada*”. A observância da regra

de vida, dessa maneira, permitirá que vivamos continuamente para Deus: “*Quem vive pela regra, vive para Deus*”.

II.III – AS LEITURAS E CONFERÊNCIAS ESPIRITUAIS^[366]

573. As leituras e conferências espirituais completam e prolongam a direção espiritual. Um livro espiritual é, na realidade, uma direção espiritual escrita; uma pregação é uma direção espiritual oral, feita para várias almas simultaneamente. Falaremos então sobre: 1) sua *utilidade*; 2) as *disposições* necessárias para tirar proveito delas.

II.III.I – Utilidade das Leituras e Conferências Espirituais.

574. A) A leitura da Sagrada Escritura. Em primeiro lugar está, é óbvio, a leitura dos *Livros Sagrados* e, sobretudo, do *Novo Testamento*.

a) As almas verdadeiramente piedosas põem suas delícias nos *Santos Evangelhos*. 1) Neles elas encontram os *ensinamentos* e *exemplos* de Nosso Senhor. Não há coisa melhor para formá-las em uma piedade sólida, nem mais eficaz para movê-las à imitação do divino Mestre.

Por acaso poderíamos compreender em que consiste a humildade, a mansidão, a paciência, a tolerância para com as injúrias, a virgindade, a caridade fraterna levada ao sacrifício de si mesmo, se não houvéssemos lido e meditado os exemplos e ensinamentos de Nosso Senhor sobre essas virtudes? É certo que os filósofos pagãos, em particular os estoicos, haviam escrito belas páginas sobre algumas delas, mas quão distantes estão esses esboços literários do tom persuasivo do Divino Mestre? Com efeito, nos primeiros vemos a arte da retórica e, com frequência, a soberba de um moralista que se coloca acima do vulgar. Já em Nosso Senhor nos deparamos com uma simplicidade perfeita, que se coloca no nível das multidões; destarte, pratica o que ensina e busca, não a sua glória, mas a Daquele que o enviou.

2) Mas, além disso, as almas devotas consideram que cada afirmação e cada obra do Mestre encerra uma graça especial, que torna mais fácil o exercício das virtudes relacionadas com o que leem. Ao ler os

Evangelhos, tais almas adoram o Verbo Encarnado, oculto sob a exterioridade das letras; rogam-lhe que as ilumine, que lhes conceda compreender e apreciar esses ensinamentos e, por fim, colocá-los em prática. A leitura feita desse modo é uma meditação, um piedoso colóquio com Jesus, que faz com que as almas, ao terminarem o exercício, estejam mais decididas que nunca a seguir Aquele que admiram e amam.

b) Os *Atos dos Apóstolos e as Epístolas* proporcionam um excelente alimento para a piedade. São os ensinamentos de Jesus vividos por seus discípulos, expostos, comentados e adaptados às necessidades dos fiéis, por aqueles a quem Ele confiou a continuidade de sua obra. Nada mais comovente e estimulante do que esse primeiro comentário do Evangelho.

575. c) No *Antigo Testamento*: **1)** Há partes, como os Salmos, que devem estar nas mãos de todos. Escreve Lacordaire:^[367] “*O Saltério era o manual de piedade dos primeiros Padres; era visto tanto sobre a mesa do pobre como sobre o genuflexório dos reis. Ainda hoje é um tesouro na mão do sacerdote, de onde extrai inspirações que o conduzem ao altar, a arca de refúgio que o acompanha na defesa dos perigos do mundo e da terra deserta da meditação.*” É o livro de oração por excelência. Nele encontramos expressos, num linguajar pleno de vida, que nunca envelhece, os mais belos sentimentos de admiração, adoração, temor filial, gratidão e amor, juntamente com as mais ardentes súplicas, no meio das mais variadas situações e provações: o apelo do justo à justiça divina quando assediado pela perseguição, o clamor de arrependimento do pecador contrito e humilhado, a esperança de perdão e de misericórdia e a promessa de uma vida melhor. Ler, reler e meditar os salmos, e fazer com que esses sentimentos sejam também os nossos, é algo muito santificante.^{[368]*}

2. Também os livros *sapienciais* podem ser lidos com proveito pelas almas piedosas. Neles encontramos, além dos apelos urgentes da Sabedoria Incrída, que nos convida a levar uma vida mais perfeita, a descrição das virtudes principais que devemos praticar no trato com Deus, com o próximo e com nós próprios.

3. Quanto aos livros *históricos e proféticos*, para lê-los com proveito requer-se uma certa preparação. Devemos ver neles, acima de tudo, a ação providencial de Deus sobre o povo escolhido para preservá-lo da idolatria e reconduzi-lo sempre, apesar dos seus desvios do culto do verdadeiro Deus,

à esperança do Libertador, à prática da justiça, da equidade e da caridade, especialmente para com os pequenos e oprimidos. Tendo esse preparo inicial, encontraremos nesses livros passagens sublimes. Compreenderemos que quando são mencionadas as fraquezas dos servos de Deus, e também as suas boas obras, é para que melhor consideremos a fragilidade humana e admiremos a divina misericórdia, que perdoa sempre os pecadores arrependidos.

576. B) Dos escritores espirituais. Se escolhermos os melhores, especialmente entre os santos, serão para nós *mestres e conselheiros*.

a) São *mestres* que, por possuírem e terem praticado a ciência dos santos, fazem-nos compreender e saborear os princípios e as regras de perfeição. Eles fortalecem em nós a convicção sobre a obrigação de buscar a santidade, indicam os meios que devemos empregar e mostram a eficácia destes em nossas vidas, pois eles mesmos os puseram em prática. Além disso, eles exortam, animam e induzem-nos a seguir os seus passos.

São utilíssimos, posto que estão sempre à *nossa disposição*. Com a ajuda de nosso diretor espiritual, poderemos escolher aqueles que melhor se adaptam ao estado de nossa alma, entretendo-nos com eles *pelo tempo* que desejarmos. Encontramos excelentes autores para cada um dos estados de alma e que respondem às necessidades de cada momento. O importante é fazer uma boa escolha e ler com o sincero desejo de obter frutos.

577. b) Eles são também os mais benevolentes *conselheiros*, que revelam nossos defeitos com grande discrição e suavidade. Fazem isso pondo diante de nós o *ideal* a seguir, permitindo-nos reconhecer, à luz desse *espelho espiritual*, nossas boas qualidades e defeitos, o caminho percorrido e o que nos resta caminhar para chegar à perfeição. Desse modo, somos facilmente conduzidos ao autoexame e a generosos propósitos.

Assim, não deve causar espanto que a leitura de livros espirituais, entre os quais devemos incluir as biografias dos santos, haja produzido conversões tão famosas, como as de Santo Agostinho e de Santo Inácio de Loyola, e tenham conduzido almas aos mais altos graus de perfeição, que de outro modo não teriam passado dos limites da mediocridade.

578. C) Das conferências espirituais. Essas conferências possuem duas vantagens sobre as leituras: **a)** *adaptam-se* melhor às necessidades específicas dos ouvintes, haja vista que foram elaboradas para eles; **b)** são mais *penetrantes* e, em igualdade de circunstâncias, mais *comoventes* que os livros e mais propensas a produzir o convencimento das almas. O olhar, o tom de voz, o gesto, em suma, a arte oratória, dão maior realce ao que se diz. Mas, para que assim seja, é certamente necessário que aquele que fala tenha embebido sua alma nas águas das mais puras fontes, que esteja profundamente convencido do que diz e que peça a Deus para abençoar e vivificar suas palavras. Também é necessário que os ouvintes estejam abertos à graça.

II.III.II – Como Ter Proveito nas Leituras e Pregações Espirituais. ^[369]

579. A leitura espiritual tem por fim dar sustentação ao espírito de oração. É uma forma de meditação, de falar com Deus, cujo intérprete é o autor espiritual.

580. 1º - Para extrair real proveito dessas leituras e conferências requer-se um grande **espírito de fé**, fazendo-nos ver o próprio Deus no escritor ou no pregador: “*é Deus mesmo que exorta por nosso intermédio*” (II Cor 5, 20). Essa disposição será fácil de conseguir se, quem escreve ou fala, está totalmente impregnado da doutrina evangélica e pode dizer, com toda verdade, que a sua doutrina não é sua, mas de Jesus Cristo: “*A minha doutrina não é minha, mas daquele que me enviou*” (Jo 7, 16).

De toda maneira, os leitores ou ouvintes devem fazer uma oração, a mais fervorosa possível, na qual peçam ao Senhor que lhes fale ao coração pelo Espírito Santo. Depois, devem prevenir-se: da *curiosidade*, que mais deseja saber novidades do que aquilo que edifica; da *vaidade*, que quer conhecer as coisas espirituais para se habilitar a falar delas e, desse modo, ganhar reputação; da *espírito de crítica*, que, em vez de tirar proveito dos ensinamentos, ouve-os apenas para criticar a matéria ou a forma literária dos discursos. O único fim deve ser o proveito espiritual.

581. 2º - O segundo requisito é o **desejo sincero de santificar-nos**. O fato é que obtemos proveito das leituras e conferências espirituais apenas na medida em que buscamos nelas a nossa própria santificação. Assim, precisamos:

a) Ter fome e sede de perfeição e escutar ou ler com *atenção ativa*, que busca com avidez a palavra de Deus, que aplica a *si próprio* e não aos outros, o que lê ou ouve, que ruma para melhor digerir e pôr em prática. Desse modo, qualquer que seja o assunto tratado, encontraremos abundante alimento para a nossa alma, porque todas as coisas estão de algum modo conectadas na vida espiritual. O que se aplica diretamente aos principiantes pode ser facilmente adaptável para o proveito dos mais adiantados. O que é dito para estes, serve como ideal para aqueles, e o que se refere ao futuro permite-nos formar propósitos no presente, preparando-nos, desse modo, para bem cumprir os deveres que mais tarde recairão sobre nós. Assim, a vitória sobre futuras tentações está preparada pela vigilância que exercitamos aqui e agora. Sempre poderemos tirar proveito, no presente, de tudo que lemos ou ouvimos, principalmente se dermos ouvidos ao *pregador interior*, que fala no fundo da alma sempre que queremos escutá-lo: “*Escutarei o que diz o Senhor Deus*” (Sl 84, 9).

582. Esta é a razão pela qual devemos ler *vagarosamente*, como nos adverte São João Eudes:^[370] “*Pare para considerar, ruminar, meditar e saborear as verdades que mais comovem, para mais profundamente guardá-las na tua alma e para delas suscitem atos e afetos.*” Quando assim fazemos, as leituras e conferências espirituais tornam-se oração. Quanto melhor penetrarmos nas razões e afetos que lemos ou ouvimos, mais desejamos e rogamos pela graça de colocar tudo isso em prática (Ver nº 808.2).

583. 3º - O terceiro requisito é esforçar-se seriamente para *começar a praticar* o que é lido ou ouvido. Isso é o que São Paulo recomendava aos leitores quando lhes escrevia que justos não são os que ouvem a lei, mas os que a cumprem: “*Porque diante de Deus não são justos os que ouvem a lei, mas serão tidos por justos os que praticam a lei*” (Rm 2, 13). O que São Paulo faz é apenas comentar as palavras de Nosso Senhor, que na parábola

do semeador declara que a Palavra de Deus somente frutifica naqueles “*que ouvem a palavra com coração reto e bom, retêm-na e dão fruto pela perseverança*” (Lc 8, 15).

Devemos, pois, fazer como Santo Efrén, do qual é dito que: “*Ele reproduzia em sua vida o que tinha lido nas páginas sagradas.*”^[371] A luz somente nos é dada para a ação. Assim, nosso primeiro ato deve ser um esforço para viver em conformidade com os ensinamentos recebidos: “*Sede cumpridores da palavra e não apenas ouvintes*” (Tg 1, 22).

II.IV – SANTIFICAÇÃO DAS RELAÇÕES SOCIAIS

584. Até o presente momento não temos falado senão das relações da alma com Deus, sob a orientação do diretor espiritual. Todavia, é evidente que nossas relações se estendem a muitas outras pessoas: parentes, amigos, colegas de profissão e de apostolado. Todos esses relacionamentos podem e devem ser santificados para contribuírem no fortalecimento da vida espiritual. Com esse propósito, começaremos expondo os *princípios gerais* que devem orientar essas relações e, a seguir, falaremos sobre a *aplicação* desses princípios aos relacionamentos mais comuns.

II.IV.I – Princípios Gerais

585. 1º - No plano inicial de Deus, as criaturas eram destinadas a levar-nos para Deus, trazendo à nossa consideração aquele que é o *Autor* e a *Causa Exemplar* de todas as coisas. Porém, depois da queda, elas nos atraem de tal forma que, se não estivermos atentos, afastam-nos de Deus ou, pelo menos, atrasam nossa jornada para ele. Portanto, devemos reagir a essa inclinação e, com espírito de fé e de sacrifício, fazer com que as pessoas e as coisas sejam apenas *meios* para ir a Deus.

586. 2º - Entre os relacionamentos que temos com outras pessoas, há aqueles que são *desejados* por Deus, tais como os de família ou os que nos são impostos pelas obrigações de estado. Essas relações devem ser

conservadas e sobrenaturalizadas. Não nos tornamos livres das nossas obrigações porque aspiramos à perfeição; ao contrário, estamos obrigados a cumpri-las melhor que os demais. Mas devemos *sobrenaturalizá-las*, referindo-as ao nosso fim último que é Deus. O melhor modo de fazer isso é considerar essas pessoas como filhas de Deus e irmãos em Cristo, respeitá-las e amá-las porque possuem qualidades, que são reflexo das divinas perfeições, e porque estão destinadas a compartilhar da vida divina e da glória do céu. Dessa maneira estimamos e amamos a Deus nelas.

587. 3º - Por outro lado, há relacionamentos *perigosos* e *maus*, cujo fim é fazer-nos cair em pecado, seja por despertarem em nós o espírito mundano, seja pelo apego às criaturas, decorrente do prazer sensível ou sensual que sentimos em sua companhia e no qual corremos o perigo de consentir. Na medida do possível, devemos fugir dessas ocasiões. Sendo impossível evitá-las, cabe-nos *alijá-las moralmente*, fortalecendo nossa vontade contra essas afeições desordenadas. Agir de outra maneira é colocar em grave risco a própria santificação e salvação, pois “*quem ama o perigo, nele perecerá*” (Eclo 3, 27). Quanto maior for o desejo de perfeição, mais devemos fugir das ocasiões perigosas, conforme veremos mais tarde ao tratarmos da fé, da caridade e das demais virtudes.

588. 4º - Por último, há relacionamentos que não são bons nem maus em si mesmos, mas apenas *indiferentes*, que podem ser úteis ou nocivos conforme as circunstâncias e intenções, tais como as visitas, as conversações e as diversões. Pela *pureza de intenção* e pela *moderação* que põe em todas as coisas, a alma que busca a perfeição converterá esses relacionamentos em bons. Primeiro, buscará somente aqueles realmente *úteis* para a glória de Deus, o bem das almas ou o relaxamento que a saúde do corpo e da mente requerem. Então, ao desfrutar delas, exercitará a prudência, a modéstia e a temperança, para conformá-las todas à ordem disposta por Deus. Assim, nada de longas conversas ociosas, que são uma perda de tempo e ocasião para faltar com a humildade e com a caridade; longe de nós as diversões prolongadas e imoderadas, que cansam o corpo e deprimem a alma.^[322] Em suma, devemos ter sempre diante de nós a regra do Apóstolo: “*Tudo quanto fizerdes, por palavra ou por obra, fazei-o em nome do Senhor Jesus, dando por ele graças a Deus Pai*” (Cl 3, 17).

II.IV.II – Santificação das Relações de Família

589. A natureza não é destruída pela graça, mas aperfeiçoada. Os laços de família foram instituídos por Deus, que quis que a espécie humana se propagasse pela união legítima e indissolúvel do homem e da mulher e que essa união fosse fortalecida pela descendência. Daí procedem as relações tão íntimas e afetuosas entre marido e mulher, entre pais e filhos, que a graça do sacramento do matrimônio ajuda a sobrenaturalizar.

II.IV.II.I – Do relacionamento cristão entre marido e mulher^[323]

590. Ao assistir às bodas de Caná e ao elevar o matrimônio cristão à dignidade de sacramento, Nosso Senhor mostrou aos esposos que a sua união podia ser santificada e, com esse propósito, mereceu-lhes a graça.

A) Antes do matrimônio, o verdadeiro amor cristão, amor terno e ardente, casto e sobrenatural, une os corações e prepara-os para suportar com ânimo os deveres de família. Seguramente o demônio e a carne tentarão introduzir nesse afeto um elemento sensual, que pode ameaçar a virtude. Porém, os noivos, sustentados com a frequência aos Sacramentos, aprendem a dominar tais influências e a sobrenaturalizar o mútuo amor, tendo presente que todos os afetos nobres procedem de Deus e a Ele devem ser referidos.

591. B) A graça do sacramento, unindo seus corações com laço indissolúvel, aperfeiçoará e purificará esse amor. Deve-se sempre ter em mente aquelas palavras de São Paulo, que afirma que essa união é imagem daquela outra misteriosa que existe entre Cristo e a Igreja: *“As mulheres sejam submissas a seus maridos, como ao Senhor, pois o marido é o chefe da mulher, como Cristo é o chefe da Igreja, seu corpo, da qual ele é o Salvador. Ora, assim como a Igreja é submissa a Cristo, assim também o sejam em tudo as mulheres a seus maridos. Maridos, amai as vossas mulheres, como Cristo amou a Igreja e se entregou por ela, para santificá-la, purificando-a pela água do batismo com a palavra, para apresentá-la a si mesmo toda gloriosa, sem mácula, sem ruga, sem qualquer outro defeito*

semelhante, mas santa e irrepreensível. Assim os maridos devem amar as suas mulheres, como a seu próprio corpo. ... Em resumo, o que importa é que cada um de vós ame a sua mulher como a si mesmo, e a mulher respeite o seu marido.” (Ef 5, 22-33). Portanto, deve existir entre marido e mulher *respeito e amor mútuo*, o mais próximo possível do amor de Cristo pela Igreja. A mulher deve *obedecer* ao marido em tudo o que seja legítimo. O marido deve *dedicar-se* à mulher e *protegê-la*. Esses são os deveres delineados pelo Apóstolo para os esposos cristãos.

592. C) Quando Deus os abençoa com filhos, eles os recebem como um sagrado depósito, amando-os, não apenas como uma parte de si mesmos, mas também como *filhos de Deus, membros de Jesus Cristo* e futuros *cidadãos do céu*. Devem sempre rodeá-los de *abnegados cuidados* e de contínua solicitude, dando-lhes *educação cristã*, com a intenção de formar neles as mesmas virtudes de Nosso Senhor. Para tanto, exercem a autoridade que Deus lhes comunicou, com prudência e delicadeza, com força e doçura. Não devem perder de vista que, sendo representantes de Deus, devem evitar a excessiva brandura, que prejudica os filhos, e o egoísmo, que quer aproveitar-se deles sem acostumá-los ao trabalho e à virtude. Com a ajuda de Deus e dos educadores, que devem ser escolhidos com muito cuidado, farão deles pessoas cristãs, exercendo uma espécie de sacerdócio no seio da família. Dessa forma gozarão das bênçãos de Deus, e da gratidão dos filhos.

II.IV.II.II – Dos deveres dos filhos para com os pais

593. A) A graça, que santifica as relações entre os esposos, também aperfeiçoa e eleva à ordem sobrenatural os deveres de *respeito, amor e obediência* que os filhos devem ter para com os pais.

a) Pela graça vemos nossos pais como *representantes de Deus* e da autoridade divina. Depois de Deus, é a eles que devemos a vida, a sua conservação e a educação cristã. Assim, o *respeito* para com eles chega a converter-se em veneração. *Reverenciamos* neles uma participação na paternidade divina, “*ao qual deve a sua existência toda família no céu e na*

terra” (Ef 3, 15), e também da autoridade e das perfeições de Deus e o próprio Deus.

b) A abnegação, bondade e solicitude deles para conosco, parecerão ser um reflexo da providência e da bondade divinas. Nosso *amor filial* torna-se assim mais puro e intenso, chegando a uma devoção tão perfeita que somos capazes de nos sacrificar em favor deles e, se preciso for, dar nossa vida para salvar a deles. Ademais, dentro das nossas possibilidades, prestamos-lhes toda a assistência corporal e espiritual que necessitam.

c) Vendo neles os representantes da autoridade divina, não vacilamos em *obedecer-lhes* em tudo, a exemplo de Nosso Senhor que, durante trinta anos, esteve sujeito a Maria e a José (Lc 2, 51). Essa obediência não tem limites, a não ser os que o próprio Senhor estabeleceu: que a obediência a Deus está acima da dos homens e, como consequência, naquilo que diz respeito ao bem da nossa alma e especialmente em relação à nossa *vocação*, não devemos obedecer outro que não seja o nosso confessor tão logo o coloquemos a par de nossa situação familiar. Nisso também seguiremos o exemplo de Nosso Senhor que, ao ser questionado por sua Mãe porque Ele os deixara (tinha permanecido em Jerusalém), respondeu: “*Não sabíeis que devo ocupar-me das coisas de meu Pai?*” (Lc 2, 49). Desse modo, os direitos e obrigações de cada um são resguardados.

594. B) Ao entrar no *estado clerical* abandona-se o mundo e, em certo sentido, a família, para então fazer parte da grande família eclesiástica, consagrando-se daí por diante, acima de tudo, à glória de Deus, ao bem da Igreja e das almas. Os sentimentos interiores de amor e respeito pelos pais não são suprimidos; ao contrário, aperfeiçoam-se. Porém, a manifestação exterior de agora em diante fica subordinada aos deveres de estado. Para agradar aos pais, não se deve fazer coisa alguma que atrapalhe o ministério. O primeiro dever é ocupar-se com as coisas de Deus. Contudo, se o modo de ver deles, suas palavras e exigências, forem opostas às exigências do serviço pelas almas, com doçura e amabilidade, mas firmemente, deve-se fazê-los entender que, naquilo que diz respeito aos deveres de estado, a subordinação é a Deus e aos superiores eclesiásticos.^[374] Todavia, nem por isso se deixa de honrá-los, amá-los e assisti-los em tudo que for compatível com os deveres de estado. Esses princípios aplicam-se, com maior razão, àqueles que entram em uma ordem religiosa ou congregação.^[375]

II.IV.III – Santificação das Amizades

As amizades podem ser um meio de santificação ou um sério obstáculo à perfeição, conforme seu caráter seja sobrenatural ou meramente natural e sentimental. Assim, trataremos: 1º - Das *verdadeiras* amizades; 2º - Das *falsas* amizades; 3º - Das amizades em que há *mistura* do *sobrenatural* com o *sentimental*.

II.IV.III.I – As verdadeiras amizades^[376]

Explicaremos a sua *natureza* e o seu *valor*:

595. A) Sua Natureza. a) A amizade, sendo uma interação, uma comunicação mútua entre duas pessoas, extrai sua característica da variedade das comunicações em si mesmas e da diversidade das coisas comunicadas. Isso é muito bem explicado por São Francisco de Sales:^[377] “Ó *Filoteia*, ama a todos os homens com um grande amor de caridade cristã, mas não traves amizade senão com aquelas pessoas cujo convívio te pode ser proveitoso; e quanto mais perfeitas forem essas relações, tanto mais perfeita será a tua amizade. Se a relação é de ciências, será honesta e louvável; o será muito mais ainda se a relação for de virtudes morais, como prudência, justiça e fortaleza. Mas, se for a religião, a devoção, o amor de Deus e o desejo da perfeição, o objeto da comunicação mútua e doce entre ti e as pessoas que amas, ah!, então tua amizade é preciosíssima. É excelente porque vem de Deus; excelente porque Deus é o laço que a une; excelente, enfim, porque durará eternamente em Deus. Ah! Quanto é bom amar já na terra o que se amará no céu, e aprender a amar aqui essas coisas, como as amaremos eternamente na vida futura.”

Assim, a amizade verdadeira é, em geral, um relacionamento próximo entre duas almas, com o propósito de benefício mútuo. Se os bens mutuamente compartilhados pertencem à ordem *natural*, a amizade será simplesmente honesta. Todavia, a amizade *sobrenatural* é de ordem muito superior. É um relacionamento próximo de duas almas que se amam em Deus e por Deus, com o propósito de se ajudarem reciprocamente no

aperfeiçoamento da vida divina que possuem. A glória divina é o seu fim último e o progresso na vida espiritual, o imediato, e Jesus é o laço de união entre os dois amigos. Pensava assim o Beato Etelredo: “*Somos dois, você e eu, e acredito que um terceiro está conosco, Cristo.*”, o que Lacordaire entendia desse modo: “*Já não posso amar ninguém sem considerar a alma que há por detrás do coração, e tendo Jesus no meio de nós.*”^[328]

596. b) Dessa maneira, a amizade sobrenatural, longe de ser apaixonada, absorvente e exclusiva, como a amizade sensível, distingue-se pela *tranquilidade, moderação e confiança mútua*. É um afeto *tranquilo*, moderado, precisamente porque está fundamentado no amor de Deus e compartilha dessa virtude. Pela mesma razão é um afeto *constante*, que cresce continuamente, ao contrário do amor apaixonado, que tende a enfraquecer. É também acompanhado de *moderação*, pois, em vez de andar a procura de familiaridades e carícias, como a amizade sentimental, está cheio de respeito e reserva, pois busca somente o bem espiritual. Essa reserva, porém, não atrapalha a *confiança*, porque há mútua estima e porque um vê no outro o reflexo das perfeições divinas. Essa mútua admiração eleva grandemente a confiança, que é recíproca e traz consigo um relacionamento muito próximo, porque um não deseja senão comungar dos dons sobrenaturais do outro. Assim, pois, os amigos comungam pensamentos, planos e desejos de perfeição. E, como ambos mutuamente desejam a perfeição, não temem mostrar os seus respectivos defeitos, ajudando-se mutuamente a corrigi-los. Essa confiança recíproca que um tem no outro impede que a amizade seja inquieta, absorvente e exclusiva. Um não considera ruim que o outro tenha outros amigos; pelo contrário, alegra-se por sua causa e pela do próximo.

597. B) É evidente que uma tal amizade apresenta grandes *vantagens*. **a)** Com frequência a Sagrada Escritura a louva: “*Um amigo fiel é uma poderosa proteção: quem o achou, descobriu um tesouro. Nada é comparável a um amigo fiel, o ouro e a prata não merecem ser postos em paralelo com a sinceridade de sua fé. Um amigo fiel é um remédio de vida e imortalidade.*” (Eclo 6, 14-16). Jesus mesmo nos deixou o exemplo de sua amizade por São João, que ficou conhecido como “*o discípulo que Jesus amava*” (Jo 13, 23). São Paulo teve amigos aos quais era profundamente

ligado, sofria com a ausência deles e tinha o mais doce consolo quando os encontrava novamente. Destarte, mostrou-se desconsolado porque, ao contrário do que esperava, não conseguiu encontrar Tito: “*o meu espírito não teve sossego, porque não achei o meu irmão Tito*” (II Cor 2, 13). Ele se regozija ao encontrá-lo novamente: “*Deus, porém, que consola os humildes, confortou-nos com a chegada de Tito; ... o que nos deixou sobremaneira contentes foi a alegria de Tito*” (II Cor 7, 6 e 13). Também vemos o afeto que sentia por Timóteo; o quanto sua presença fazia-lhe bem e ajudava-o a fazer o bem para os outros. Por isso, ele o chama de “*meu cooperador*” (Rm 16, 21), “*meu filho muito amado*” (I Cor 4, 17), “*irmão*” (II Cor 1, 1), e de “*verdadeiro filho na fé*” (I Tm 1, 2). A antiguidade cristã também nos oferece claros exemplos do mesmo gênero. Uma das mais célebres amizades foi a de São Basílio com São Gregório Nazianzo. ^[379]

598. B) Pelo exposto deduzimos três razões que nos mostram a utilidade das amizades cristãs, especialmente para o sacerdote em seu ministério.

1. Um amigo é uma proteção para a virtude, uma *forte defesa*. Temos necessidade de manifestar o fundo de nosso coração a um confidente íntimo. Às vezes nosso diretor espiritual atende a esse propósito, mas nem sempre; sua amizade *paternal* é de natureza diferente da amizade fraternal que desejamos. Temos necessidade de um *igual* a quem possamos nos manifestar com perfeita liberdade. Se não o encontramos, corremos o perigo de confiar segredos delicados a pessoas que não merecem confiança e as confidências que lhes fazemos podem ser danosas para elas e para nós mesmos.

2. Um amigo é também um *conselheiro* íntimo, a cujo parecer de boa vontade submetemos nossas dúvidas e dificuldades, para que nos ajude a resolvê-las. Do mesmo modo é alguém que nos *admoesta* com prudência e afeto. Ao ver como nos portamos e ciente do que é dito a nosso respeito, nos dirá a verdade, impedindo que cometamos muitas imprudências.

3. Por fim, um amigo é um *consolador*, que escutará com carinho o relato de nossas dores e encontrará em seu coração as palavras de conforto e encorajamento que precisamos.

599. Existe a discussão se é apropriado fomentar essas amizades no seio das *comunidades*. Teme-se que possam ser um dano para o afeto, que deve

unir todos os membros, e que sejam causa de invejas e ciúmes. É certo que se deve zelar para que tais amizades não prejudiquem a caridade comum e sejam, não somente sobrenaturais, mas que se mantenham nos limites estabelecidos pelos superiores. Atendidos esses requisitos, tais amizades mantêm as mesmas vantagens descritas acima, porque também os religiosos precisam de um conselheiro, de um consolador, de alguém que os admoeste e, ao mesmo tempo, seja um amigo. Contudo, nas comunidades, mais que em qualquer outro lugar, deve-se precaver contra as falsas amizades com todo o zelo possível.

II.IV.III.II – As falsas amizades

Com relação às falsas amizades, falaremos de sua *natureza*, dos *perigos* e dos *remédios* a serem aplicados.

600. A) Sua Natureza. a) Falsas amizades são aquelas que estão baseadas em qualidades sensíveis ou frívolas, com o propósito de fruir da presença ou dos dotes naturais do amigo em questão. Basicamente são uma espécie de egoísmo disfarçado, porque se quer o amigo pelo prazer que sua companhia proporciona. Sem dúvida estamos prontos a servi-lo, mas visando o prazer que experimentamos ao mantê-lo próximo a nós.

b) São Francisco de Sales distingue três classes de falsas amizades: as *carvais*, cujo fim é o prazer voluptuoso; as *sensuais*, que atraem principalmente pelas qualidades exteriores e sensíveis, “*como o prazer de contemplar a beleza da pessoa, de ouvir sua voz doce, de tocá-la, e outros semelhantes.*”;^[380] as *frívolas*, baseadas em qualidades vãs, que as mentes superficiais designam como virtudes e perfeições, tais como dançar bem, jogar bem todos os jogos, vestir-se bem, cantar bem, ser simpático, ser atraente, etc.

601. c) Essas várias classes de amizade normalmente começam na adolescência e nascem da necessidade instintiva, que então se experimenta, de amar e ser amado. Frequentemente são um tipo de desvio do amor sexual. Fora das congregações religiosas, tais amizades surgem entre

jovens, homens e mulheres, e quando vão além, chamam-se namoro.^[381] Nas comunidades de claustro, dão-se entre pessoas do mesmo sexo e chamam-se amizades particulares. Tais afeições às vezes duram até a idade avançada. Há homens que sentem essas afeições sentimentais por jovens, em razão da própria juventude, da aparência atrativa de caráter franco e modos cativantes.

602. d) Os sinais característicos dessas amizades sentimentais podem ser reconhecidos pela sua *origem*, pelo seu *desenvolvimento* e pelos seus *efeitos*.

1. *Originam-se* de forma *repentina* e *veemente*, porque nascem de uma simpatia natural e instintiva. Baseiam-se em qualidade exteriores e vistosas, ou que, pelo menos assim aparentam. São acompanhadas de emoções fortes e por vezes apaixonadas.

2. O *desenvolvimento* é alimentado: por conversas sem importância, mas afetuosas e, às vezes, muito íntimas e perigosas; por troca de olhares frequentes, que nas comunidades equivalem às conversas particulares; por carícias e apertos de mão, às vezes fortes e expressivos, etc.

3. Quanto aos seus *efeitos*, são agudos, absorventes e exclusivos. Tem-se a ilusão de que durarão para sempre, mas uma separação, seguida de outras afeições, acarreta muitas vezes um fim bem repentino.

603. B) Os **perigos** de tais amizades são notórios.

a) São um dos maiores obstáculos para o progresso espiritual. Deus, que não quer corações divididos, começa fazendo advertências interiores e, se a alma não lhe der ouvidos, pouco a pouco aparta-se dela, privando-a de sua luz e de suas consolações interiores. À medida que cresce o apego, perde-se o recolhimento interior, a paz da alma, o gosto pelos exercícios espirituais e pelo trabalho.

b) Então seguem-se as consideráveis *perdas de tempo*: o pensamento, com muita frequência, busca o amigo ausente, o que acaba sendo obstáculo à dedicação, de corpo e alma, às coisas sérias e à piedade.

c) Tudo isso termina em desgosto e *desânimo*. O sentimento toma o controle da vontade, que por sua vez torna-se fraca e frouxa.

d) Então se apresentam os perigos para a pureza. Desejam, tais amigos, manter-se nos limites da honestidade, mas fantasiam que a amizade

lhes confere certos direitos e permitem-se familiaridades cada vez mais questionáveis. A ladeira é escorregadia e, quem se expõe ao perigo, acaba nele perecendo.

604. O remédio é combater essas falsas amizades *desde o começo, com vigor e medidas positivas*.

a) *Desde o começo.* No início é muito mais fácil, porque o coração ainda não está profundamente enraizado. Com alguns esforços enérgicos rompem-se os laços, especialmente se houver coragem de mencionar todo o caso a um confessor, acusando-se das mínimas faltas. Se se deixa o tempo passar, o processo de desapareço se tornará muito mais difícil.^[382]

b) Mas para que haja sucesso, medidas *radicais* são necessárias: “*cortai, despedaçai, quebrai; é preciso não perder tempo em descoser essas amizades loucas, é preciso rasgá-las e despedaçá-las; não se hão de desatar os nós, é preciso parti-los ou cortá-los.*”^[383] Assim, não é suficiente evitar encontrar-se com uma pessoa que amamos desse modo; não devemos sequer pensar nela deliberadamente. Caso seja impossível evitar totalmente o contato, o trato com ela nessas ocasiões será cortês e caridoso; contudo, sem permitir qualquer confiança nem demonstrar qualquer afeto especial.

c) Para obter-se um sucesso mais efetivo devemos empregar *medidas positivas*, procurando, por exemplo, absorver-se o mais possível no cumprimento dos deveres de estado. E quando, apesar de tudo, a pessoa afeiçoada apresentar-se à mente, deve-se aproveitar a ocasião para erguer um ato de amor a Deus, dizendo algo parecido com isto: “*Somente Tu, Jesus, é meu escolhido, meu amor eterno.*”^[384] Assim, a própria tentação dá-nos oportunidade de amar mais o único digno de possuir o nosso coração.

II.IV.III.III – Amizades a um só tempo sobrenaturais e sentimentais

605. Ocorre, vez ou outra, que em nossas amizades há uma *mistura* do *natural* com o *sobrenatural*. Desejamos realmente o bem sobrenatural do amigo, mas, ao mesmo tempo, queremos desfrutar de sua presença, de sua conversa, e sofremos muito com sua ausência. São Francisco de Sales descreveu isso muito bem:^[385] “*Começa-se por um amor virtuoso; mas, se não se tomarem precauções prudentes, o amor frívolo vai-se misturando, e*

depois vem o amor sensual, e por fim o amor carnal. Sim, mesmo no amor espiritual não se está livre de perigo, se não se sabe premunir-se de desconfiança e vigilância, conquanto o engano aqui não seja tão fácil, porque a inocência perfeita do coração descobre imediatamente tudo o que se pode ajuntar aí de impuro, assim como as manchas aparecem mais sobre o branco. Eis a razão porquê, quando o demônio quer corromper um amor todo espiritual, o faz com mais astúcia, tentando ver se pode sugerir primeiro algumas disposições menos favoráveis à pureza.”

606. Assim, também aqui deve-se vigiar o coração e empregar *meios eficazes* para não escorregar na perigosa ladeira.

a) Se o elemento *sobrenatural* é o que *predomina*, pode-se conservar e manter a amizade, mas *purificando-a*. Para isso é importante abster-se, primeiramente, de tudo quanto possa favorecer a parte sensível, tais como frequentes conversas afetuosas, familiaridades, etc. De vez em quando é também importante privar-se de estar com o amigo, mesmo que não haja nada de mau nisso, e encurtar conversas que deixaram de ser proveitosas. Com isso adquirimos certo domínio sobre a sensibilidade e evitamos as ocasiões perigosas.

b) Porém, se é o elemento *sentimental* que *predomina*, é necessário renunciar, por um período considerável, todo e qualquer relacionamento particular que não seja estritamente necessário com esse amigo. Quando for necessário o contato, deve-se evitar qualquer termo afetoso. Desse modo, arrefecemos a sensibilidade, aguardando para restabelecer o relacionamento quando o sossego novamente reinar sobre a alma. O relacionamento adquire então outra característica; mas, se assim não for, deve ser suprimido para sempre.

c) Seja como for, é importante aproveitar essas ocasiões de provação para fortalecer o nosso amor a Jesus Cristo, professando que não queremos amar senão nele e por Ele. Devemos também ler com frequência os capítulos VII e VIII do Livro II da *Imitação de Cristo*. Dessa maneira as tentações serão ocasião de novos triunfos.

II.IV.IV – Santificação das Relações Profissionais

607. As relações profissionais são um meio de santificação ou um obstáculo para progredir na virtude, conforme sejam consideradas e se cumpram as obrigações próprias de cada estado. Na realidade, os deveres impostos pela nossa profissão são, em si, conforme a vontade de Deus. Se como tais forem cumpridos, com intenção de obedecer a Deus e de governar-nos segundo as leis da prudência, da justiça e da caridade, contribuirão para a nossa santificação.^[386]* Se, ao contrário, outro interesse não houver que obter honras e riquezas, com desprezo às leis da consciência, essas relações tornam-se fonte de pecados e escândalos.

A. A primeira obrigação é *aceitar*, como manifestação da vontade de Deus, a profissão a que fomos conduzidos pela Divina Providência, e perseverar nela, salvo se houver motivos razoáveis para mudar. Deus quis a diversidade de artes, ofícios e profissões, e se, por uma série de acontecimentos providenciais, exercemos alguma delas, podemos concluir que essa é, para nós, a vontade de Deus. Faz-se exceção quando, por razões prudentes e legítimas, pareça-nos razoável mudar de ocupação, pois tudo que é conforme à reta razão entra nos planos da Providência. Assim, quer sejamos empregadores ou empregados, industriais ou comerciantes, lavradores ou financistas, nosso dever é exercer essa profissão, submetendo-nos à vontade divina, conforme os ditames da justiça, da equidade e da caridade. Afinal de contas, nada impede que santifiquemos todas as nossas obras, *dirigindo-as ao último fim*, o qual não exclui o *fim secundário* de ganhar o dinheiro necessário para o nosso sustento e de nossa família. Na realidade, já surgiram santos em todas as condições de vida.

608. B) Todavia, numerosas atividades e relacionamentos são muito *absorventes* e, por tal motivo tendem a afastar nosso pensamento de Deus. Por isso, é necessário esforço constante para oferecer a Deus as ações que em si mesmo são profanas, sobrenaturalizando-as, conforme explicamos acima, nº 248.

609. C) Além disso, como vivemos em um mundo *pouco honesto*, no qual as pessoas lutam fortemente por honras e lucros, desprezando as leis da equidade, importa muito ter sempre presente que primeiramente temos que buscar o reino de Deus e a sua justiça, não usando, para alcançar nossos fins, senão *meios legítimos*. O melhor *critério* para discernir o que é

permitido do que não é, é ver como se portam os homens honrados e cristãos da mesma profissão. Há *regras de ética* em cada profissão. Não podemos eximir-nos de cumpri-las, sob pena de causar aos outros e a nós mesmos, danos consideráveis.

Padrões normalmente utilizados por bons cristãos da mesma profissão podem ser seguidos até que, de comum acordo, mudanças para o bem comum sejam efetivadas, sem comprometer os interesses legítimos de todos.^[387]* Mas, de modo contrário, devemos guardar-nos de seguir a prática e os conselhos dos comerciantes e industriais *sem consciência*, que querem enriquecer-se a todo custo, mesmo em detrimento da justiça. Os seus resultados proveitosos jamais justificam a má-fé e o uso de meios ilícitos. Devemos buscar primeiramente o reino de Deus e a sua justiça, e tudo o mais nos será dado por acréscimo (Mt 6, 36). Um cristão que os imitasse seria causa de escândalo.

610. D) Entendidos e praticados desse modo, os deveres profissionais ajudam muito no nosso progresso espiritual, posto *que tomam a maior parte do nosso tempo e da atividade diária*. Pelo seu exemplo, Nosso Senhor mostrou que mesmo as atividades mais simples, como os trabalhos manuais, podem contribuir tanto para a nossa santificação como para a de nossos irmãos. Além disso, se um operário ou um homem de negócios observa as regras da prudência, da justiça, da fortaleza, da temperança, da equidade e da caridade, terá todos os dias múltiplas oportunidades de exercitar-se em todas as virtudes cristãs, de adquirir muitos méritos e, se quiser, de edificar seus irmãos, ajudando-os com seus exemplos e conselhos na obra da salvação. Isso é o que fizeram no passado e o que fazem ainda hoje os cristãos, pais e mães de família, patrões e empregados, jovens e homens maduros. Pela honestidade no trabalho e nos negócios, fazem com que seja estimada a religião que professam e valem-se dessa influência para exercer o apostolado.

II.IV.V – Santificação das Relações de Apostolado

611. Facilmente pode-se concluir que as obras de apostolado podem e devem ser para nós um meio de santificação. Não obstante, para alguns elas

se tornam indiretamente uma fonte de dissipação, enfraquecimento espiritual e até mesmo ocasião de pecado e fonte de condenação. Recordemos o que disse um homem de vida ativa a Dom Chautard: “*Foi a dedicação que me perdeu.*”^[388] De fato, há aqueles que se deixam *absorver* de tal modo pelas obras exteriores, que sequer têm tempo para fazer os exercícios mais essenciais da piedade. Como consequência, ocorre um abatimento moral que dá lugar ao *reflorescimento de paixões*, abrindo o caminho para quedas lamentáveis. Ao amor sobrenatural pelas almas, imperceptivelmente vai se misturando um elemento natural e sensível. Sob o pretexto de que, afinal de contas, o que principalmente desejam é fazer o bem ou recebê-lo, tranquilizam as próprias consciências e, cometendo imprudências, atrevem-se até mesmo a certas familiaridades, cujo fim é desastroso. Seja como for, onde há carência de vida interior, poucos méritos são alcançados para si mesmo e as ações exteriores produzem poucos resultados, porque a graça de Deus não pode frutificar num ministério em que a oração quase desapareceu. Importa muito, pois, dar vida às obras exteriores por meio do *espírito de oração*. Para melhor obter resultados, os principais meios são os expostos a seguir.

612. A) Primeiramente devemos lembrar que há uma *hierarquia entre as obras de apostolado* e que as mais efetivas são a oração, o sacrifício e o exemplo; somente depois, a palavra e a ação. O *exemplo de Nosso Senhor* é suficiente para convencer-nos disso. Sua vida inteira foi contínua oração e sacrifício. Ele começou praticando o que mais tarde ensinaria aos outros, passando oculto trinta anos de sua vida, antes de empregar três anos em seu ministério público. Não esqueçamos o *proceder dos apóstolos*, que se desembaraçaram de certas obras de caridade, as quais encarregaram aos diáconos, para se dedicarem mais assiduamente à oração e à pregação do Evangelho: “*Portanto, irmãos, escolhei dentre vós sete homens de boa reputação, cheios do Espírito Santo e de sabedoria, aos quais encarregaremos este ofício. Nós atenderemos sem cessar à oração e ao ministério da palavra.*” Deixemos as palavras de São Paulo ressoarem em nossos ouvidos: “*Assim, nem o que planta é alguma coisa nem o que rega, mas só Deus, que faz crescer*” (I Cor 3, 7).

Assim, na mencionada hierarquia, o primeiro lugar em nossa vida cabe à *oração* (nº 470). Jamais deveremos sacrificar os exercícios

essenciais da oração, da ação de graças, da reza piedosa do ofício divino, do exame de consciência, do oferecimento explícito das principais obras. Estejamos inteiramente persuadidos de que desse modo estaremos fazendo muito mais pelas almas do que se nos dedicássemos inteiramente às obras de apostolado. O pastor de almas há de ser, como disse São Bernardo, um *reservatório* e não somente um *canal*. Um canal somente transmite o que recebe, sem ficar com nada. O reservatório, primeiro torna-se cheio e, depois, reparte de sua plenitude sem danos para si mesmo: “*Se tens sabedoria, tens uma fonte jorrante, e não um canal.*”^[389]

613. B) Outro meio de não abandonar a vida interior é *tentar formar um grupo escolhido*, sem com isso descuidar do povo. Não teremos sucesso nessa meta se não formos homens de vida interior. Os estudos ascéticos que fazemos, os conselhos que damos aos outros e os exercícios de virtude que recomendamos, conduzem-nos necessariamente à vida de oração e sacrifício. Mas para isso é preciso que estejamos dispostos *a fazer aquilo mesmo que aconselhamos aos demais*. Então não haverá perigo de cair no relaxamento e na tibieza. De fato, muitos sacerdotes entraram pelos caminhos da vida interior pelo cuidado que puseram em formar um grupo de *almas escolhidas*.

614. C) Nas explanações da doutrina aos fiéis, devemos seguir um plano determinado que apresente o conjunto dos dogmas e das virtudes cristãs. Ao preparar as instruções, nutrimos a nossa devoção, porque pregamos aos outros o que esperamos praticar.

615. D) Por fim, no *exercício habitual* do ministério paroquial, nas ocasiões de batizados, casamentos, funerais, visitas a enfermos e de condolências, e mesmo nas de simples cortesia, devemos ter sempre presente que somos sacerdotes e apóstolos, isto é, servidores das almas. Assim, pois, logo após poucas palavras de cortesia, não devemos hesitar em elevar as almas e os corações para Deus. A conversa do sacerdote sempre deverá sugerir o mais elevado, as nobres coisas da vida.

Com essas medidas conservaremos e progrediremos em nossa vida interior. Nosso ministério, vivificado pela graça, dará frutos cem-por-um:

“Quem permanecer em mim e eu nele, esse dá muito fruto” (Jo 15, 5).

Dessa maneira, pois, todas as nossas relações com o próximo podem e devem ser elevadas à ordem sobrenatural. Todas se tornam, então, ocasião de maior crescimento na virtude e de desenvolvimento da vida divina em nós, da qual recebemos abundante participação.

SÍNTESE GERAL DA PRIMEIRA PARTE

616. Aqui termina a primeira parte de nosso trabalho: *Os Princípios da Vida Sobrenatural*. Tudo quanto dissemos deduz-se logicamente dos dogmas de nossa fé. Tudo se reduz à unidade, ou seja, *a Deus, nosso fim, e a Jesus Cristo nosso mediador*. A vida cristã revela-se como *Deus dando-se à alma e a alma dando-se a Deus*.

1. *É um dom de Deus à alma*. Desde a eternidade a SS. Trindade nos amou e predestinou à vida sobrenatural, que é uma participação da vida divina. Essa mesma adorável Trindade, vivendo em nossa alma, é também a *causa eficiente e exemplar* dessa vida, ou seja, é dela a obra do organismo espiritual que nos permite executar ações deiformes.

Porém, o *Verbo Encarnado* é a causa *meritória* e também o *modelo* perfeitíssimo de nossa vida sobrenatural. Adaptado às nossas fraquezas, Ele é homem como nós, sem deixar de ser Deus. Ele é nosso amigo, irmão e, mais do que isso, a cabeça do corpo místico cujos membros somos nós. E Maria, haja vista ter sido associada à obra da redenção, não pode separar-se de seu Filho e surge como o primeiro degrau para ir a Jesus, assim como Jesus é o mediador necessário para ir ao Pai. Os anjos e os santos, que também compõem a grande família de Deus, ajudam-nos com suas orações e exemplos.

617. **2.** Para corresponder a tantos favores divinos, *damo-nos inteiramente a Deus*, cultivando a vida divina que tão liberalmente nos foi outorgada. E para desenvolvê-la: lutamos contra a concupiscência que ainda remanesce em nós; praticamos atos sobrenaturais que, além de nos merecerem um aumento da vida divina, fazem-nos adquirir bons hábitos e virtudes; recebemos os sacramentos, que acrescentam sobre os nossos méritos uma virtude santificadora que procede do próprio Deus.

A essência da perfeição é o *amor de Deus* levado até a *imolação de nós mesmos*. Lutar contra o homem velho e aniquilá-lo dentro de nós, para que viva Jesus Cristo, é a missão que nos compete. Com esse intuito, valendo-nos dos *meios de perfeição*, *tendemos constantemente para Deus, por meio de Jesus Cristo*.

O desejo de perfeição é, fundamentalmente, a resposta generosa da alma ao amor terno que previamente Deus lhe dedicou. Esse desejo nos leva a *conhecer* e *amar* aquele que é todo amor: “Deus é amor”; a *conhecer a nós mesmos*, para que mais profundamente sintamos a necessidade de Deus e lancemo-nos em seus braços misericordiosos. Esse amor é demonstrado pela *conformidade*, a mais perfeita possível, com a *vontade de Deus*, manifestada nas leis e conselhos divinos e também nos acontecimentos felizes ou adversos, pois todos nos ajudam a amá-lo ainda mais. Esse amor também é demonstrado pela *oração*, que, tornando-se habitual e constante, eleva constantemente nossa alma para Deus. Também os meios *exteriores* conduzem-nos a Deus, porque a direção espiritual, o regramento de vida e as leituras piedosas, submetem-nos à divina vontade. Do mesmo modo, os relacionamentos que temos com os nossos semelhantes, nos quais vemos um reflexo das divinas perfeições, também nos levam até Ele, que é o centro de todas as coisas. Ao servir-nos de todos esses meios, tendo Jesus, nosso divino modelo, nosso colaborador e nossa vida, continuamente diante de nossos olhos, vamos nos transformando nele, pois um verdadeiro cristão é outro Cristo.

Dessa maneira realiza-se gradualmente o ideal de perfeição delineado por Mons. Olier aos seus discípulos na introdução de “*Pietas Seminarii*”: viver por Deus e para Deus em grau máximo, incorporando-nos a Jesus Cristo de tal modo que o seu próprio modo de viver penetre no mais íntimo de nossa alma e torne-se também o nosso.

FIM DA PRIMEIRA PARTE

SEGUNDA PARTE – AS TRÊS VIAS

I. OBSERVAÇÕES PRELIMINARES ^[390]

618. Os princípios gerais, que foram expostos na primeira parte, aplicam-se a todas as almas e já constituem um complexo de *razões e meios* eficazes para conduzir as almas à mais alta perfeição. Todavia, como acima dissemos (nº 340 - 343), há na vida espiritual *diversos graus, diferentes jornadas* a percorrer. Por isso, convém distingui-los e *adaptá-los aos princípios gerais e às necessidades particulares das almas*, levando-se em consideração não somente o caráter, inclinações e vocação, mas também o grau de perfeição em que se encontram, para que o diretor espiritual possa guiá-las de modo mais conveniente.

O *propósito* dessa segunda parte será, pois, percorrer com a alma a sua ascensão gradual, desde o primeiro momento em que deseja com sinceridade progredir na vida espiritual, até os mais altos cumes da perfeição: caminho longo e trabalhoso, mas durante o qual a alma também goza de dulcíssimos consolos.

Antes de adentrar na descrição das *três vias*, exporemos: 1º - O *fundamento* dessa distinção; 2º - O *modo prático* de utilizá-la sabiamente; 3º - A *importância* do estudo das três vias.

I.I – FUNDAMENTO DA DISTINÇÃO DAS TRÊS VIAS

619. Fizemos uso da expressão “*três vias*”, para sermos coerente com a terminologia tradicional. Todavia, devemos observar que não estamos falando de três vias *divergentes* ou *paralelas*, mas sim de três *fases* distintas ao longo do mesmo caminho, ou seja, três *degraus principais* da vida espiritual percorridos pelas almas que generosamente correspondem à graça de Deus. Por sua vez, cada uma das vias possui muitas *etapas* que os

diretores espirituais devem considerar, das quais trataremos apenas das mais importantes. Além disso, há muitas *formas* e *variações* que dependem do caráter, da vocação e da missão providencial de cada alma.^[391]* Porém, como já dissemos, seguindo Santo Tomás, podemos reduzir a *três* os graus de perfeição, conforme a alma *inicia*, *avança*, ou *alcança o termo* da vida espiritual neste mundo (n^{os} 340 a 343). É *nesse sentido genérico* que se faz essa tríplice divisão, com fundamento na *autoridade* e na *razão*.

620. 1º - Baseia-se na autoridade das Escrituras e da Tradição.

A. Sem dúvida, muitos textos que sugerem essa tríplice divisão podem ser encontrados no Antigo Testamento.

Assim, Álvarez da Paz apoia-se no seguinte texto para fundamentá-las: “*Aparta-te do mal e faz o bem, busca a paz e vai ao seu encalço*” (Sl 33, 15). *Afasta-te do mal*, evita o pecado: é o que caracteriza a purificação da alma ou via *purgativa*. *Faze o bem*, pratique a virtude: esta é a via *iluminativa*. *Busca a paz*, a qual não se poderá alcançar senão na íntima união com Deus: temos aqui a via *unitiva*. Essa interpretação do texto é criativa, mas não precisamos tê-la como uma prova conclusiva.

621. B) No Novo Testamento: **a)** Entre outras, podem ser citadas aquelas palavras de Nosso Senhor que resumem a espiritualidade cristã, conforme descritas nos Evangelhos Sinópticos: “*Em seguida, dirigiu-se a todos: Se alguém quer vir após mim, renegue-se a si mesmo, tome cada dia a sua cruz e siga-me*” (Lc 9, 23). A abnegação ou a renúncia, “*renegue-se a si mesmo*”, pertence ao primeiro grau. *Levar a cruz* já supõe o exercício positivo das virtudes, ou o segundo grau. *Siga-me* é, em suma, a união íntima com Jesus, união com Deus e, portanto, a via unitiva. Novamente temos aqui a base de uma distinção real, mas não uma prova cabal dos três estágios.

622. b) Tampouco São Paulo faz explicitamente uma distinção das três vias. Todavia, descreve três estados de alma que mais tarde deram origem a essa classificação.

1. Recordando o que fazem os atletas para alcançar uma coroa perecível, compara-se a eles, pois diz que do mesmo modo esforça-se em

correr e lutar, mas, em vez golpear o ar, castiga seu corpo e o reduz à servidão, para que não peque e, por isso, seja rejeitado: *“Assim, eu corro, mas não sem rumo certo. Dou golpes, mas não no ar. Ao contrário, castigo o meu corpo e o mantenho em servidão, de medo de vir eu mesmo a ser excluído depois de eu ter pregado aos outros.”* (I Cor 9, 26 – 27). Estão bem descritos aqui os exercícios da penitência e da mortificação, movidos juntamente pelo temor saudável, a fim de subjugar a carne e purificar a alma. Muitas vezes ele relembra aos cristãos que é preciso despojar-se do homem velho, crucificando a carne com seus vícios e concupiscências. Isso corresponde ao que chamamos de *via purgativa*.

2. Escrevendo aos Filipenses, ele declara que ainda não alcançou a perfeição, mas que segue o seu Mestre, esforça-se com ardor para alcançá-la e, sem olhar para trás, segue adiante, rumo à meta: *“Não pretendo dizer que já alcancei (esta meta) e que cheguei à perfeição. Não. Mas eu me empenho em conquistá-la, uma vez que também eu fui conquistado por Jesus Cristo. Consciente de não a ter ainda conquistado, só procuro isto: prescindindo do passado e atirando-me ao que resta para a frente, persigo o alvo, rumo ao prêmio celeste, ao qual Deus nos chama, em Jesus Cristo.”* (Fl 3, 12 – 14). Acrescenta ainda que do mesmo modo devem proceder aqueles que buscam a perfeição: *“Nós, mais aperfeiçoados que somos, ponhamos nisto o nosso afeto; e se tendes outro sentir, sobre isto Deus vos há de esclarecer. Contudo, seja qual for o grau a que chegamos, o que importa é prosseguir decididamente. Irmãos, sede meus imitadores, e olhai atentamente para os que vivem segundo o exemplo que nós vos damos.”* (Fl 3, 15 – 17). Essas são precisamente as características da *via iluminativa*, cuja principal ocupação é a imitação de Nosso Senhor Jesus Cristo.

3. No que se refere à *via unitiva*, São Paulo a descreve sob duas formas: a via unitiva *simples*, pelo constante esforço para que Jesus viva nele: *“Eu vivo, mas já não sou eu; é Cristo que vive em mim.”* (Gl 2, 20); e a via unitiva *extraordinária*, acompanhada de êxtases, visões e revelações: *“Conheço um homem em Cristo que há catorze anos foi arrebatado até o terceiro céu. Se foi no corpo, não sei. Se fora do corpo, também não sei; Deus o sabe.”* (II Cor 12, 2).

Assim, nas Epístolas de São Paulo há um fundamento real para a distinção das três vias, que a Tradição vai estabelecer com maior precisão.

623. A **Tradição** gradualmente foi dando maior precisão a essa distinção das três vias, fundamentando-a, por vezes, na diferença existente nas três virtudes teologais e, em outras, nos vários graus de caridade.

a) São Clemente de Alexandria foi um dos primeiros autores a expor o primeiro método. Para tornar-se um gnóstico ou homem perfeito é preciso passar por diversos estágios: abster-se do mal por *temor* e mortificar as paixões; então, sob influência da *esperança*, fazer o bem e praticar as virtudes; por fim, fazer o bem por *amor de Deus*.^[392] Cassiano, sob o mesmo ponto de vista, distinguiu os três graus da ascensão da alma para Deus: o *temor*, que é próprio dos *escravos*, a *esperança*, que se adapta aos mercenários que trabalham pela recompensa, e a *caridade*, que é peculiar aos *filhos de Deus*.” (Confér., XI, 6-8).

b) Santo Agostinho adota outra perspectiva. Pelo fato da perfeição consistir na *caridade*, diferencia quatro graus na prática dessa virtude: a caridade *iniciante*, a caridade que *progride*, a caridade *desenvolvida*, a caridade dos *perfeitos*.^[393] Como os dois últimos estágios referem-se à via unitiva, sua doutrina não difere, fundamentalmente, daquela dos que o precederam. São Bernardo também distingue três graus no amor de Deus. Depois de demonstrar que a gênese do amor no homem é o amor de si mesmo, acrescenta que, reconhecendo sua própria insuficiência, começa pela fé a buscar a Deus e amá-lo em razão de seus *benefícios*. Depois, esse relacionamento constante eleva-o, e passa a amá-lo não só pelos benefícios, mas também por *Deus mesmo*. Por fim, acaba por amá-lo com amor inteiramente *desinteressado* (Epist. XI, nº 8, P. L.). Finalmente, Santo Tomás, aperfeiçoando o ensinamento de Santo Agostinho, demonstra claramente que na virtude da caridade há três graus, que correspondem às três vias ou estágios (n^{os} 340 a 343).

624. 2º - A **razão** mostra a legitimidade dessa divisão.

A. É evidente que, antes de chegar a uma íntima união com Deus, a alma precisa primeiramente ser purificada de suas faltas passadas e prevenir-se contra as futuras.

A *pureza de coração*, conforme a autoridade de Nosso Senhor, é a primeira condição essencial para ver a Deus, tanto para vê-lo claramente na outra vida, como para entrevê-lo e unir-se a Ele já nesta vida: “*Bem-aventurados os puros de coração, porque verão Deus!*” (Mt 5, 8). Mas a

pureza de coração supõe: a expiação das faltas passadas por meio de uma sincera e austera penitência; uma séria e incansável luta contra as más tendências que levam ao pecado; a prática da oração, da meditação e dos exercícios espirituais necessários para fortalecer a vontade contra as tentações. Em resumo, todos os meios que tendem a purificar a alma e confirmá-la na virtude. Ao conjunto desses meios é que se dá o nome de *via purgativa*.

625. B) Realizada a purificação e reforma da alma, ela precisa *ser adornada com as virtudes Cristãs de caráter positivo*, que a tornarão mais semelhante a Jesus Cristo. Assim, aplica-se em segui-lo passo a passo e a reproduzir progressivamente as suas disposições interiores, praticando simultaneamente as virtudes *morais* e *teologais*. As primeiras suavizam e fortalecem a alma; as últimas iniciam o processo de uni-la positivamente com Deus. Ambas são praticadas *paralelamente*, de acordo com as necessidades do momento e os impulsos da graça. Para melhor atingir esse fim, a alma aperfeiçoa sua oração, que se torna cada vez mais *afetiva*, e esforça-se para amar e imitar Jesus Cristo. Desse modo avança na *via iluminativa*, pois seguir Jesus é caminhar na luz: “*Eu sou a luz do mundo; aquele que me segue não andarás em trevas* (Jo 8, 12).”

626. C) Chega o momento em que a alma, purificada de suas faltas, fortalecida e tendo-se tornado dócil às inspirações do Espírito Santo, não deseja outra coisa senão uma *íntima união com Deus*. Ela busca-o em todos os lugares, mesmo no meio das mais absorventes ocupações; une-se a Ele e desfruta da sua presença. A oração simplifica-se cada vez mais; torna-se um olhar afetuoso e quase contínuo sobre Deus e as coisas divinas, sob a moção, ora latente, ora manifesta, dos *dons do Espírito Santo*. Essa é a *via unitiva*.^[394]*

Nesses três grandes estágios, sem dúvida há muitos outros graus e diversidades: “*diversas graças de Deus*” (I Pe 4, 10). Descreveremos alguns. Quanto aos demais, poderão ser conhecidos pelo estudo da vida dos santos.

I.II – MODO PRÁTICO DE EMPREGAR SABIAMENTE ESSA DISTINÇÃO

627. Para utilizar corretamente essa distinção, além de grande tato e perspicácia, é necessário estudar os princípios que serão expostos e, de modo particular, *cada alma*, com seus traços característicos, levando em consideração a ação especial que o Espírito Santo exerce sobre ela. Não serão inúteis algumas recomendações para auxiliar o diretor espiritual nesse aspecto.

628. **A)** A distinção das três vias não tem nada de absoluto ou matemático. **a)** A alma passa imperceptivelmente de uma fase para outra, pois não há linhas divisórias claramente estabelecidas entre elas. Assim, pois, como haveremos de saber se a alma está no fim da via purgativa ou no início da iluminativa? Em ambas há uma parte comum, cujos limites exatos não são determináveis. **b)** Além disso, o progresso não é sempre constante, é um movimento vital que tem diversas alternâncias, fluxos e refluxos, avanços e retrocessos e, em certos momentos, parece haver estagnação, ou seja, não há um progresso perceptível.

629. **B)** Há também em cada uma das vias muitos e diferentes graus. **a)** Entre os *iniciantes*, há aqueles que devem purgar uma vida passada desastrosa e os que conservaram a inocência batismal. É evidente que, sendo iguais as demais circunstâncias, os primeiros deverão fazer muito mais penitência que os últimos. **b)** Além disso, há diferenças de temperamento, de atividade, de energia e constância. Há almas que abraçam seriamente as práticas penitenciais, enquanto outras, ao contrário, fazem-no com muita relutância. Algumas são generosas e nada recusam a Deus, enquanto outras não correspondem senão com muita parcimônia aos movimentos da graça. Evidentemente em pouco tempo haverá entre essas almas, que ainda estão na via purgativa, diferenças marcantes. **c)** Ademais, entre os que se exercitaram *poucos meses* na purificação da alma e os que já lhe dedicaram *vários anos* e estão às portas da via iluminativa, há uma considerável diferença. **d)** Do mesmo modo e, especialmente, deve-se ter em conta a *ação da graça*. Algumas almas parecem recebê-la em tal

abundância que se pode prever que subirão rapidamente aos cumes da perfeição. Outras a recebem em medida muito menor e o progresso é mais lento. O diretor espiritual deverá ter em mente que a sua ação deve estar subordinada à do Espírito Santo (nº 548).

Não devemos pensar que existem *moldes rígidos* nos quais todas as almas podem ser enquadradas. Pelo contrário, devemos observar que cada alma tem as suas peculiaridades, que devem ser observadas, e que as classificações idealizadas pelos autores espirituais devem ser muito maleáveis para ajustarem-se a cada caso.

630. C) Na direção das almas há um duplo perigo a ser evitado. Há algumas que querem *queimar as etapas*, isto é, passar muito rapidamente pelos graus inferiores para chegar o quanto antes ao amor divino. Outras, ao contrário, ficam *marcando passo* e, por sua própria culpa, por falta de generosidade ou de método, permanecem muito tempo nos graus inferiores. O diretor espiritual deve frequentemente relembrar às *primeiras* que o amor de Deus é, de fato, algo excelente, mas que não se alcança um amor puro e afetivo, exceto através da autonegação e da penitência (nº 321); às *últimas*, deve encorajar e aconselhar, procurando estimular-lhes o ardor, para que aperfeiçoem os métodos de oração ou de autoexame.

631. D) Quando algum autor de espiritualidade fala de uma *virtude* em particular como sendo própria desta ou daquela via espiritual, tal assertiva deve ser tomada com muita cautela e reserva. A verdade é que todas as virtudes fundamentais pertencem a cada uma das três vias, variando apenas em seu grau. Assim, os *iniciantes* seguramente devem exercitar-se de modo especial na virtude da *penitência*, mas não poderão fazer isso sem praticar as virtudes teologais e cardeais, embora de modo diferente daquelas almas mais avançadas. Os iniciantes praticam essas virtudes com o propósito principal de purificar a alma por meio da abnegação e das virtudes mortificantes. Essas mesmas virtudes devem ser praticadas na *via iluminativa*, mas em grau diferente e de modo mais positivo, com a finalidade de assemelhar-se cada vez mais ao Divino Modelo. O mesmo deve ser feito na *via unitiva*, mas em grau elevado, como manifestação do amor a Deus e sob a moção dos dons do Espírito Santo.

Por outro lado, os *perfeitos*, não obstante preponderantemente se aplicarem ao amor de Deus, não cessam de purificar suas almas pela penitência e pela mortificação. Porém, seus exercícios de penitência são agora temperados com um amor puríssimo e muito intenso e, por isso, muito mais eficazes.

632. E) Advertências semelhantes devem ser feitas no que se refere aos diversos *gêneros de oração*. Assim, de modo geral, a meditação discursiva é mais apropriada para os iniciantes; a oração afetiva, às almas proficientes; a oração da simplicidade e a contemplação amoldam-se à via unitiva. Todavia, a experiência mostra que *o grau de oração nem sempre corresponde ao grau de virtude*. Dependendo do temperamento, educação ou hábito, algumas pessoas permanecem muito tempo na prática da oração discursiva, mesmo estando unidas íntima e habitualmente a Deus. Outras, ao contrário, de alma mais intuitiva e coração mais afetuoso, entram espontaneamente na oração da simplicidade sem ainda terem atingido o grau de virtude que a via unitiva requer.

Portanto, desde o início é muito importante estar atento a essas advertências, para não erguer entre as virtudes muros de separação que não existem. Por isso, na exposição de cada virtude, tomaremos muito cuidado em assinalar os graus que convém aos principiantes, aos proficientes e aos perfeitos.

I.III – IMPORTÂNCIA DO ESTUDO DAS TRÊS VIAS

O que dissemos acima demonstra quão útil e necessário é o estudo criterioso das três vias.

633. 1º - Os primeiros que têm necessidade dele são os *diretores espirituais*. É óbvio “que os *iniciantes* devem ser dirigidos de maneira diferente dos *perfeitos*”^[395]; porque, acrescenta o Pe. Grou,^[396] “a *graça dada aos iniciantes não é a mesma conferida aos adiantados, nem a dos adiantados é a mesma daqueles que estão consumados na perfeição*”.

Assim, pois, a meditação discursiva, que é necessária para os principiantes, paralisaria os esforços das almas mais adiantadas. O mesmo ocorre em relação às virtudes: há um modo de exercitá-las que corresponde à via purgativa, outro à iluminativa e outro à via unitiva. Portanto, o diretor espiritual, que não tenha se aprofundado nessas questões, correrá o perigo de dirigir quase todas as almas de uma mesma maneira e de aconselhar cada uma de acordo com o resultado obtido consigo mesmo. Por exemplo, se ele tira muito proveito da oração afetiva simplificada, será tentado a aconselhar esse mesmo método a todos os seus penitentes, esquecendo-se que, em regra, somente gradualmente se alcança esse nível de oração; se encontra na prática habitual do amor de Deus tudo quanto necessita para a sua santificação, ficará inclinado a recomendar a via do amor como a mais curta e eficaz, esquecendo que um passarinho que ainda não tem asas não pode voar a essas alturas. Outro ainda, que nunca tenha praticado a oração que consiste em um duradouro e amoroso pensamento em Deus, chamada oração de simples olhar, tenderá a afirmar aos que nela se exercitam, que se trata apenas de preguiça espiritual. Por outro lado, o diretor espiritual que tenha cuidadosamente estudado as ascensões progressivas das almas fervorosas, saberá adequar seus conselhos e direção ao estado real de seus penitentes, para maior proveito dessas almas.

634. 2º - Os próprios *fiéis leigos* terão proveito no estudo desses vários estágios da vida espiritual. Por certo deverão deixar-se guiar por seus diretores espirituais. Todavia, se através de leituras bem escolhidas começam a compreender – pelo menos na essência – as diferenças que existem entre as três vias, entenderão melhor as orientações recebidas, extraindo delas maior proveito. ^{[397]NT}

Assim, estudaremos sucessivamente as *três vias*, tendo em mente, contudo, que não há divisões rígidas e que cada uma admite muitas variações e formas.

LIVRO I – A VIA PURGATIVA

PURIFICAÇÃO DA ALMA DOS PRINCIPIANTES

INTRODUÇÃO^[398]

635. A característica da *via purgativa*, ou o *estado dos principiantes*, é a *purificação da alma* com o objetivo de atingir a *íntima união com Deus*.

Vamos, pois, primeiramente, explicar: 1º - O que entendemos por *principiantes*; 2º - O *fim* para o qual eles devem tender.

I – O QUE SE DEVE ENTENDER POR PRINCIPIANTE.

636. 1º - Características Essenciais. Na vida espiritual, *principiantes* são aqueles que habitualmente vivem em estado de graça e têm um certo desejo de perfeição, mas ainda estão apegados aos pecados veniais e expostos a cair de vez em quando em faltas graves. Explicaremos essas três características:

a) *Vivem habitualmente em estado de graça*: conseqüentemente, em geral têm sucesso na luta contra as tentações graves. Dessa categoria estão excluídos os que cometem frequentemente pecados mortais e não evitam as ocasiões de pecar, pois embora possam ter uma fraca vontade de converter-se, falta-lhes resolução firme e eficaz. Estes sequer entraram no caminho da perfeição. São pecadores, mundanos, que primeiramente devem desapegar-se do pecado mortal e evitar as ocasiões de cometê-lo.^[399]*

b) *Têm um certo desejo de perfeição* ou de progresso, mesmo que esse desejo seja ainda fraco e imperfeito. Com isso excluimos aqueles *mundanos*, infelizmente tão numerosos, cujo propósito é escapar do pecado mortal, mas sem o menor desejo sincero de progredir. Como acima demonstramos, nº 414, o desejo é o primeiro passo para a perfeição.

c) Contudo, conservam *algum apego a pecados veniais deliberados* e, como conseqüência, caem neles com frequência. Essa circunstância os distingue das almas que já avançaram no caminho da perfeição, que procuram desvencilhar-se de qualquer apego a faltas veniais, embora esporadicamente ainda cometam algumas. A existência desses apegos deve-se ao fato de que suas paixões ainda não estão bem dominadas, donde procedem frequentes e consentidos movimentos de sensualidade, soberba,

vaidade, ira, inveja, ciúmes, palavras e atos contrários à caridade, etc. Quantas pessoas, tidas por devotas, conservam ainda esses afetos, que fazem com que cometam deliberadamente pecados veniais, que por sua vez deixam-nas expostas a cair de quando em quando em faltas graves!

637. 2º - Categorias Distintas. Há diversas categorias de principiantes:

a) *Almas inocentes* que desejam crescer na vida espiritual: crianças, jovens e pessoas do mundo, não contentes em somente evitar os pecados mortais, desejam fazer algo a mais por Deus e aperfeiçoar-se. O número seria maior se os sacerdotes fossem mais ativos em despertar o desejo de perfeição nos catecismos, pastorais e demais atividades paroquiais. Leia-se novamente que havemos dito anteriormente (n^{os} 409 a 430).

b) Os *convertidos* que, depois de terem pecado gravemente, retornam de coração sincero para Deus e, para afastar-se do abismo com mais eficácia, querem ir adiante nas sendas da perfeição. Também nesse caso podemos dizer que o número seria muito maior se os confessores cuidassem de lembrar aos penitentes que, para não voltar atrás, deve-se avançar, e que o único meio eficaz de evitar o pecado mortal é tender à perfeição (conf. n^{os} 354 a 361).

c) Os *tíbios*. Aqueles que depois de se entregar a Deus e até mesmo ter avançado no caminho da perfeição, caem no relaxamento e na tibieza. Esses, mesmo que em algum momento tenham alcançado a via iluminativa, precisam retornar às práticas austeras da via purgativa e começar novamente a reconstrução do caminho da perfeição. Para ajudá-los em seus esforços, é necessário preveni-los cuidadosamente dos perigos do relaxamento e da tibieza e ensiná-los a combater as causas, que geralmente são negligência ou inconstância, apatia ou falta de energia.

638. 3º - Duas classes de principiantes. Alguns mostram *grande generosidade*, outros *menos*. Por essa razão Santa Teresa divide-os em duas classes.

a) Na *primeira morada* do Castelo Interior, ela traz a descrição daquelas almas que, embora ainda embrenhadas no mundo, têm bons desejos, rezam algumas vezes, mas têm seu espírito preso a milhares de ocupações que absorvem seus pensamentos. Mesmo presas a essas ocupações, esforçam-se ocasionalmente para libertar-se delas. Assim,

entram na primeira e mais baixa morada do Castelo. Porém, junto com elas também entram uma infinidade de animais daninhos (suas próprias paixões) que não lhes deixam ver a formosura do castelo e lá sossegarem. Contudo, embora essa seja a primeira morada, já é de grande valor, mas são terríveis os ardis e maquinações empregadas pelo demônio para impedi-las de avançar. Ainda estão impregnadas do mundo, que as atrai com seus prazeres e honras e, assim, são facilmente vencidas. Não obstante, desejam evitar o pecado e até praticam boas obras.^[400] Em outras palavras, essas almas querem *harmonizar a piedade com a vida do mundo*. Sua fé não está suficientemente iluminada e a vontade não é firme e decidida o bastante para renunciar, não somente o pecado, mas às diversas ocasiões perigosas. Não compreendem suficientemente a necessidade da oração frequente, nem da rigorosa penitência ou mortificação. Ainda assim, querem não somente trabalhar pela salvação, mas também progredir no amor a Deus, fazendo alguns sacrifícios.

639. b) A outra classe de iniciantes é descrita pela santa na *segunda morada*. São almas que já se entregam à oração e entendem melhor a necessidade de sacrifício para progredir. Contudo, por falta de coragem, às vezes voltam à primeira morada, expondo-se novamente às ocasiões de pecado. Ainda amam os prazeres do mundo e suas seduções e ainda caem ocasionalmente em algumas faltas graves, mas erguem-se rapidamente porque ouvem a voz de Deus que as chama ao arrependimento. Apesar dos contínuos apelos do mundo e do demônio, meditam sobre a futilidade dos bens terrenos e sobre a morte que em breve os levará. Com isso vão crescendo no amor de Deus, de quem também recebem muitas provas de amor. Reconhecem que fora de Deus não podem encontrar paz nem segurança, e querem evitar a vida errante do filho pródigo. É um estado de muita *luta* em que padecem muitas e fortes tentações que os assaltam, mas no qual também Deus as conforta e fortalece. Agindo em conformidade com a vontade de Deus, que é o meio de perfeição por excelência, acabarão saindo dessas primeiras moradas, nas quais rondam os animais pestilentos, e passam para a próxima, já fora do alcance das suas mordeduras.^[401]

640. Não trataremos separadamente essas duas classes de almas porque para ambas os meios sugeridos são praticamente os mesmos, mas o diretor

espiritual deverá tê-las presente quando der conselhos particulares. Para as da primeira classe, chamará a atenção para as consequências do pecado, a necessidade de evitar suas ocasiões, e procurará suscitar vivos desejos de oração, penitência e mortificação. As da segunda classe devem ser aconselhadas a dar mais tempo à meditação e a lutar contra os pecados capitais, ou seja, contra aquelas fortes inclinações que são a origem de todos os nossos pecados.

II – O FIM QUE SE PRETENDE

641. Já afirmarmos, nº 309, que a perfeição consiste essencialmente na *união com Deus por meio da caridade*. Mas, como Deus é a própria santidade, somente podemos nos unir a Ele por meio da *pureza de coração*, a qual supõe duas coisas: *a expiação das culpas passadas e o desapego do pecado e das ocasiões que possam nos levar ao pecado no futuro*.

Assim, a **purificação da alma** é a primeira tarefa que devem empreender os iniciantes.

Podemos ainda acrescentar que quanto mais pura e despegada for a alma, mais intimamente se unirá a Deus. A perfeição da purificação será maior ou menor, conforme as *motivações* que a inspiram e os *efeitos* que produzem.

A. Será *imperfeita* a purificação se ela for movida apenas por razões de *temor* e de *esperança*: temor do inferno e esperança do céu e dos bens celestes. Os resultados serão incompletos: é certo que ela renuncia ao pecado mortal que a privaria do céu, mas não se desapega dos pecados veniais, nem sequer dos de propósito deliberado, porque estes não são impedimento para a salvação eterna.

B. Para que a purificação seja *mais perfeita*, sem excluir o temor e a esperança, deve ter como principal motivo o amor de Deus, o desejo de agradá-lo e, portanto, o de evitar tudo quanto possa ofendê-lo, mesmo que levemente. Aqui se cumpre o que Nosso Senhor disse à mulher pecadora: *“Por isso te digo: seus numerosos pecados lhe foram perdoados, porque ela tem demonstrado muito amor”* (Lc 7, 47). Essa é a purificação que as almas devem almejar. Todavia, o diretor espiritual deve ter presente que muitos dos que começam não são capazes de elevar-se de imediato até esse nível espiritual. Então, juntamente com a grande insistência no amor de Deus,

não deixará de incutir os motivos de temor e esperança, que costumam causar impressões mais fortes nessas almas.

Divisão do Primeiro Livro

642. Esclarecido o *fim*, devemos expor os meios necessários para atingi-lo. Fundamentalmente eles podem ser reduzidos a dois: a **oração**, por meio da qual obtemos a graça; e a **mortificação**, que é modo de corresponder à graça. Mas a mortificação recebe nomes diferentes de acordo com o ponto de vista que a consideramos. Chama-se: *penitência*, quando através dela expiamos as faltas passadas; *mortificação propriamente dita*, quando combate o amor do prazer com o objetivo de reduzir o número de pecados veniais do presente e do futuro; *luta contra os pecados capitais*, quando combate as profundas inclinações que nos arrastam ao pecado; *luta contra as tentações*, quando enfrenta os ataques dos nossos inimigos espirituais. Daqui surgem cinco capítulos:

Capítulo I – A oração dos principiantes.

Capítulo II – A penitência para expiar o passado.

Capítulo III – A mortificação para perseverar no futuro.

Capítulo IV – A luta contra os pecados capitais.

Capítulo V – A luta contra as tentações.

Todos esses meios certamente supõem o exercício das virtudes *teologais* e *morais* em seu *primeiro grau*. É impossível orar, fazer penitência e mortificar-se sem crer firmemente nas verdades reveladas, sem esperar os bens celestes, sem amar a Deus, sem exercitar a prudência, a justiça, a fortaleza e a temperança. Abordaremos essas virtudes ao tratar da *via iluminativa*, pois é nesta fase que atingem o pleno desenvolvimento.

CAPÍTULO I – A ORAÇÃO DOS PRINCIPIANTES ^[402]

643. Já falamos sobre a *natureza* e a *eficácia* da oração (n^{os} 499 - 521). Depois de lembradas essas noções, os principiantes precisam ser: 1^o - instruídos sobre a *necessidade* e as *condições* da oração; 2^o - formados, pouco a pouco, na prática dos *exercícios espirituais* próprios de sua condição; 3^o - ensinados a *meditar*.

Artigo I – A Oração em Geral

I.I – Necessidade da Oração

I.II – Condições da Oração

Artigo II – Principais Exercícios Espirituais

Artigo III – Da Meditação

III.I – Noções Gerais

III.II – Vantagens e Necessidade

III.III – A Meditação dos Principiantes

III.IV – Os Principais Métodos

Art. I – NECESSIDADE E CONDIÇÕES DA ORAÇÃO

I.I – NECESSIDADE DA ORAÇÃO

644. O que já dissemos sobre a dupla finalidade da oração, a *adoração* e a *petição* (n^{os} 503 - 509), mostra-nos claramente a sua necessidade. É evidente que, como criaturas e como cristãos, estamos obrigados a glorificar a Deus através da adoração, ação de graças e amor, e que, enquanto pecadores, devemos oferecer-lhe reparação (n^o 506). Todavia, aqui vamos considerar a oração principalmente enquanto *petição*, sua absoluta necessidade como meio de salvação e perfeição.

645. A necessidade da oração é baseada na *necessidade da graça atual*. É verdade de fé que sem essa graça somos totalmente incapazes de obter a salvação e, com ainda maior razão, de atingir a perfeição (n^o 126). Por nós mesmos, por melhor que usemos a nossa liberdade, não podemos dispor-nos positivamente para a conversão, nem perseverar por muito tempo, muito menos até a morte: “*Sem mim nada podeis fazer. ... Não que sejamos capazes por nós mesmos de ter algum pensamento, como de nós mesmos. Nossa capacidade vem de Deus. ... Porque é Deus quem, segundo o seu beneplácito, realiza em vós o querer e o executar.*”^[403]

Assim, pois, desconsiderada a primeira graça, que nos é dada gratuitamente sem que a peçamos, pois ela é o próprio princípio da oração, é verdade imutável que a oração é o meio *normal*, *eficaz* e *universal*, através do qual Deus deseja que obtenhamos todas as graças atuais. Essa é a razão pela qual Nosso Senhor admoesta com frequência sobre a necessidade da oração: “*Pedi e se vos dará. Buscai e achareis. Batei e vos será aberto. Porque todo aquele que pede, recebe. Quem busca, acha. A quem bate, abrir-se-á.*” (Mt 7, 7 – 8). Quase todos os comentaristas acrescentam que isso é como se Ele dissesse: se não pedires, não receberás, se não buscares, não acharás. Essa necessidade de oração é realçada sobretudo quando for questão de resistir às tentações: “*Vigiai e orai para que não entreis em tentação. O espírito está pronto, mas a carne é fraca.*” (Mt 26, 41). Santo

Tomás afirma que confiança não baseada em oração, é presunção, porque Deus, que por justiça não nos deve qualquer graça, somente pela oração prometeu-nos que no-la daria. Deus, seguramente, conhece as nossas necessidades espirituais sem que lhas manifestemos. Todavia, quer que nossas orações sejam a chave que abre as portas da sua misericórdia, para que assim reconheçamos que Ele é o Autor dos bens que nos concede. ^[404]

646. Do mesmo modo isso foi entendido pela Tradição. O Concílio de Trento, adotando como sua a doutrina de Santo Agostinho, diz-nos que Deus não nos pede o impossível; manda-nos fazer o que está ao nosso alcance, pedir-lhe ajuda para aquilo que não está e, além disso, com sua graça, ajuda-nos a pedir (Sessão VI, cap. II). Isso claramente implica que há coisas que, sem a oração, são impossíveis. Essa conclusão é a que chega o Catecismo Romano: *“A oração é o instrumento indispensável que nos foi dado por Deus para alcançar o que desejamos: de fato, há coisas que não podemos conseguir sem a ajuda da oração.”*^[405]

647. Advertência ao diretor espiritual. Deve-se enfatizar essa verdade aos principiantes. Muitos, sem o saber, influenciados pelo pelagianismo ou semipelagianismo, imaginam que com vontade e energia podem conseguir tudo. Porém, em pouco tempo a experiência mostra-lhes que os melhores propósitos não se realizam, apesar de todos os esforços. O diretor deve valer-se dessas ocasiões para sem descanso lembrá-los que somente através da graça e da oração poderão chegar a cumpri-los. A experiência pessoal confirma e fortalece as convicções sobre a necessidade da oração e também mostra as condições necessárias para a sua eficácia.

I.II – CONDIÇÕES ESSENCIAIS DA ORAÇÃO

648. Tendo já sido demonstrada a necessidade da *graça atual* para todas as obras necessárias para a salvação (n^{os} 126-127), podemos deduzir que ela também é indispensável para a boa oração. Claramente assim o entende São Paulo, pois diz: *“porque não sabemos o que devemos pedir, nem orar como convém, mas o Espírito mesmo intercede por nós com gemidos inefáveis”*

(Rm 8, 26). Cumpre acrescentar que essa graça é oferecida a todos, até mesmo aos pecadores. Portanto, todos são capazes de orar.

Embora não seja requisito para orar, o *estado de graça aumenta muito o valor da oração*, haja vista que nos torna amigos de Deus e membros vivos de Jesus Cristo.

Veremos agora as condições requeridas pela oração: 1º - por parte do seu objeto; 2º - por parte daquele que ora.

I.II.I – Condições Por Parte do Objeto da Oração

649. A mais importante condição relativa ao objeto da oração é pedir somente aqueles bens que nos conduzem à vida eterna: primeiramente pelas *graças sobrenaturais*; somente depois, na medida em que sejam úteis para a salvação, pediremos os *bens temporais*. Essa regra foi estabelecida pelo próprio Senhor: “*Buscai em primeiro lugar o Reino de Deus e a sua justiça e todas estas coisas vos serão dadas em acréscimo*” (Mt 6, 33). Como dissemos anteriormente, n^{os} 307 e 308, tanto a felicidade quanto a perfeição do homem consistem na posse de Deus e, portanto, nas graças necessárias a esse fim. Assim, não devemos pedir nada que esteja em desarmonia com esse objetivo.

1º - Os bens *temporais em si mesmos* são muito inferiores, muito aquéns de satisfazer as aspirações de nossos corações e de trazer-nos a verdadeira felicidade. Portanto, não podem ser o *principal objeto* de nossas orações. Contudo, para preservar a vida e assegurar a nossa salvação precisamos de alguns bens temporais. Por isso, podemos pedir o pão de cada dia, tanto para o corpo como para a alma, subordinando o primeiro ao último. Ocorre às vezes que um bem que julgamos licitamente desejável, como a riqueza, é na realidade um risco para a nossa salvação. Então, não devemos pedi-lo, exceto se subordinados aos bens eternos.

650. 2º - Mesmo quando seja questão desta ou daquela *graça particular*, não convém pedi-la senão em conformidade com a vontade divina. Deus, em sua infinita sabedoria, sabe muito melhor que nós o que é apropriado para cada alma, de acordo com suas condições e grau de perfeição. Como São Francisco de Sales corretamente observa, devemos desejar nossa

salvação como Deus a quer e, assim, querer as graças que Ele nos dispensa, abraçando-as de modo absoluto e resolutivo, para que nossa vontade se harmonize com a Dele.^[406] Quando for questão de uma graça particular, como uma ou outra forma de oração, tal ou tal consolação ou provação, etc., não se deve pedir nada de forma absoluta, mas submeter tudo à vontade de Deus.^[407]* Deus concede-nos suas graças de consolação ou aridez, de paz ou de luta, de acordo com os desígnios de Sua sabedoria e com as necessidades da alma. Compete-nos, pois, somente deixar em Suas mãos a escolha das graças que mais nos convém. É certo que nos é permitido expressar nossos desejos, mas em humilde submissão à vontade de nosso Pai celestial, que sempre nos escutará se pedirmos corretamente. Em vez do que pedimos, por vezes dá-nos graças maiores e melhores; longe de queixar-nos, devemos agradecê-lo e bendizê-lo por isso.^[408]*

I.II.I – Condições Por Parte do Sujeito

As condições mais importantes para assegurar a eficácia das nossas orações são: *humildade, confiança e atenção*, ou pelo menos um esforço sério para permanecer atento.

651. 1º - **A humildade** se deduz da própria natureza da oração. Posto que a graça é essencialmente gratuita e, por isso, não lhe temos direito algum, somos, no dizer de Santo Agostinho, *mendigos* em relação a Deus, e devemos implorar por misericórdia o que não podemos alcançar por justiça. Assim orava Abraão, considerando-se apenas pó e cinza na presença da Divina Majestade: “*Não leveis a mal, se ainda ousar falar ao meu Senhor, embora seja eu pó e cinza*” (Gn 18, 27). Também Daniel, quando pedia pela libertação do povo judeu, orava apoiando-se, não em seus méritos e virtudes, mas na abundância da misericórdia divina: “*Não é em nome dos nossos atos de justiça que depositamos a vossos pés nossas súplicas, mas em nome de vossa grande misericórdia*” (Dn 9, 18). Assim orava o publicano que foi atendido: “*Ó Deus, tem piedade de mim, que sou pecador!*” (Lc 18, 30). Por outro lado, a oração do soberbo fariseu foi rejeitada e o próprio Jesus disse a razão: “*Pois todo o que se exaltar será humilhado, e quem se humilhar será exaltado*” (Lc 18, 14). Seus discípulos

entenderam muito bem essa condição. São Tiago insiste que: “*Deus resiste aos soberbos, mas dá sua graça aos humildes*” (Tg 4, 6). A justiça exige isso, pois o soberbo atribui a si mesmo a eficácia da sua oração, enquanto o humilde a atribui a Deus. Acaso poderíamos esperar ser ouvidos por Deus em detrimento de sua própria glória, para alimentar e sustentar a nossa própria vaidade? O humilde, pelo contrário, sinceramente confessa haver recebido de Deus tudo o que possui. Sabe que, quando Deus o atende, é para sua própria glória que o faz e, ao mesmo tempo, para o bem daquele que ora.

652. 2º - Dessa maneira, a verdadeira humildade gera **confiança**, que por sua vez não se baseia nos próprios méritos, mas na *infinita bondade de Deus* e nos *méritos de Jesus Cristo*.

a) A fé nos ensina que Deus é *misericordioso* e que, por essa razão, compadece-se de nós com tanto maior amor quanto mais confessamos nossas misérias, porque a miséria atrai a sua misericórdia. Invocá-lo com confiança é, em última análise, honrá-lo, é proclamar que Ele é a fonte de todos os bens, os quais não deseja senão conceder-nos. Por isso, a Sagrada Escritura nos diz incontáveis vezes que Ele escuta os rogos dos que nele esperam: “*Pois que se uniu a mim, eu o livrarei; ... Quando me invocar, eu o atenderei; na tribulação estarei com ele.*” (Sl 90, 14 – 15).^[409]* O Senhor nos convida a orar com confiança e, para mover-nos a isso, serve-se não somente das mais insistentes exortações, mas também das mais comovedoras parábolas. Depois de assegurar-nos de que aquele que pede, recebe, acrescenta: “*Quem dentre vós dará uma pedra a seu filho, se este lhe pedir pão? ... Se vós, pois, que sois maus, sabeis dar boas coisas a vossos filhos, quanto mais vosso Pai celeste dará boas coisas aos que lhe pedirem.*” (Mt 7, 7 – 11). Volta ao mesmo ponto na última ceia: “*E tudo o que pedirdes ao Pai em meu nome, vo-lo farei, para que o Pai seja glorificado no Filho. Qualquer coisa que me pedirdes em meu nome, vo-lo farei.*” (Jo 14, 13 – 14). E ainda: “*Naquele dia pedireis em meu nome, e já não digo que rogarei ao Pai por vós. Pois o mesmo Pai vos ama, porque vós me amastes e crestes que saí de Deus.*” (Jo 16, 26 – 27). Assim, não ter confiança à toda prova na oração, equivale a desconfiar de Deus e de suas promessas e menosprezar os méritos de Jesus Cristo e de sua toda-poderosa mediação.

653. b) É verdade que as vezes parece que Deus fecha os ouvidos às nossas súplicas; quer que nossa confiança seja *perseverante* e que mais profundamente reconheçamos a nossa miséria e o valor da graça. Todavia, mostra-nos com o exemplo da cananeia que, mesmo quando parece repelir-nos, agrada-lhe a nossa doce insistência (Mt 15, 24 – 28). Uma mulher de Canaã vem e pede a Jesus que liberte sua filha atormentada pelo demônio, mas este nada lhe responde. Então recorre aos discípulos, importunando-os aos gritos, e eles pedem ao Senhor que intervenha. Jesus volta-se então para ela e responde que sua missão não vai além dos filhos de Israel. Sem desanimar, a pobre mulher prostra-se aos pés de Jesus e diz-lhe: “*Senhor, ajuda-me!*”. E Jesus responde-lhe com aparente aspereza: “*Não convém jogar aos cachorrinhos o pão dos filhos.*” E ela diz: “*Certamente, Senhor, replicou-lhe ela; mas os cachorrinhos ao menos comem as migalhas que caem da mesa de seus donos...*” Vencido por tão humilde e inabalável confiança, Jesus concede-lhe o que deseja: “*Ó mulher, grande é tua fé! Seja-te feito como desejas. E na mesma hora sua filha ficou curada.*” (Mt 15, 24 – 28). Poderia o Senhor ter escolhido exemplo melhor para fazer-nos entender que, apesar do aparente insucesso, se perseverarmos com humildade e confiança, podemos ter a certeza de ser atendidos?

654. 3º - A essa perseverança confiante é preciso acrescentar a atenção, ou pelo menos um sério esforço para pensar sobre o que dizemos a Deus. *Distrações involuntárias* não constituem um obstáculo à oração na medida em que nos esforçamos para superá-las ou para reduzir sua frequência, porque o próprio esforço mantém nossa alma orientada para Deus. Todavia, as distrações *voluntárias*, que admitimos deliberadamente, ou que rechaçamos frouxamente, e cujas causas não queremos suprimir, são, nas orações de *preceito*, pecados veniais e, nas demais, descuidos e falta do devido respeito para com Deus, que fica menos disposto a escutar-nos. A oração é uma audiência que o nosso Criador se digna conceder-nos; uma conversa que mantemos com nosso Pai celestial, onde suplicamos-lhe que nos escute e atenda aos nossos pedidos: “*Senhor, ouvi minhas palavras, escutai meus gemidos. Atendei à voz de minha prece, ó meu rei, ó meu Deus.*” (Sl 5, 2 – 3). Assim, ao mesmo tempo que rogamos que nos escute e fale conosco, não devemos ter o cuidado de prestar atenção ao que dizemos e estar também atentos às divinas inspirações? A desatenção não seria

incoerência e pecado contra a religião? Não mereceríamos a censura que o Senhor fez aos fariseus: “*Este povo somente me honra com os lábios; seu coração, porém, está longe de mim.*” (Mt 15, 8).

655. Precisamos, pois, esforçar-nos *seriamente* para repelir *pronta e firmemente* as distrações que se apresentam à nossa mente, e humilhar-nos quando elas ocorrem, procurando renovar nossa união com Jesus e orar com Ele. Devemos também procurar reduzir o número de distrações lutando vigorosamente contra as suas causas: habitual dissipação, divagação constante, preocupações e apegos que absorvem a mente e o coração. Precisamos ainda acostumar-nos pouco a pouco a andar na presença de Deus, por meio do oferecimento de nossas obras e através de fervorosas orações jaculatórias. Uma vez empregados esses meios, não nos devem causar preocupação as distrações involuntárias que rondam a nossa mente e perturbam a imaginação. Elas são provações, não pecados, e se soubermos delas tirar proveito, aumentam nossos méritos e o valor de nossas orações.

656. A atenção que colocamos em nossas orações pode ser de três tipos: 1) Quando nos aplicamos a pronunciar corretamente as palavras, damos atenção *verbal*, que pressupõe um esforço para pensar no que dizemos; 2) Se tentamos entender o significado das palavras, nossa atenção é chamada *literal ou intelectual*; 3) Se, desconsiderando o significado literal, a alma se eleva a Deus para adorá-lo, bendizê-lo, e para unir-se a Ele, ou para entrar no significado do mistério que se considera, a atenção torna-se *espiritual ou mística*. Esta última não é muito própria dos principiantes, sendo mais adequada às almas mais adiantadas. As duas primeiras devem ser recomendadas àqueles que começam a desfrutar de oração, conforme a maneira de ser de cada um, suas inclinações e as circunstâncias em que se encontra.

Art. II – OS EXERCÍCIOS DE PIEDADE DOS PRINCIPIANTES

657. A oração é um dos grandes meios de salvação. Por isso, o diretor espiritual deve gradualmente iniciar os principiantes na prática dos exercícios de piedade que constituem a teia de uma vida seriamente cristã, considerando a idade, a vocação, os deveres de estado, as características, as inclinações sobrenaturais e o progresso que fazem.

658. 1º - O objetivo é formar gradualmente nas almas o hábito ou a prática habitual da oração, de tal maneira que a vida delas seja, em certa medida, uma vida de oração (nº 522). Evidentemente é preciso muito tempo e constantes esforços para se chegar a esse ideal, que não está ao alcance dos que começam, mas que o diretor espiritual deve conhecer para melhor guiar os seus penitentes.

659. 2º - Além das orações da manhã e da noite, que bons cristãos não deixam de fazer, os principais exercícios espirituais que tornam a nossa vida uma constante oração são os mencionados a seguir.

A. A *meditação* da manhã, da qual trataremos em breve, e a *Santa Missa* com a Comunhão, mostram-nos o ideal que devemos perseguir e ajudam-nos a atingi-lo (nº 524). Contudo, há pessoas que, devido aos deveres de estado, estão impedidas de assistir diariamente ao Santo Sacrifício. Nesse caso, devem remediar essa falta com a comunhão espiritual, que poderá ser feita no fim da meditação ou até mesmo enquanto engajados em trabalhos manuais. Em todo caso, devem ser ensinados a tirar bom proveito da Santa Missa e do recebimento da Santa Comunhão, quando puderem ouvi-la e recebê-la. O diretor espiritual fará isso procurando adaptar a capacidade dessas almas ao que já dissemos (nºs 271 a 289). Também devem ser ensinados a participar com proveito dos serviços litúrgicos dos domingos e dias santos. A sagrada liturgia, bem compreendida, é uma das melhores escolas da perfeição.

660. B) No decorrer do dia é importante aconselhar o *oferecimento a Deus, renovado muitas vezes*, das *ações* de maior importância e de algumas *orações jaculatórias*. Também são aconselháveis as *leituras piedosas*, adequadas ao estado da alma, sobre as verdades fundamentais, o fim do homem, o pecado, a mortificação, a confissão e o exame de consciência, juntamente com algumas biografias de santos, célebres pela prática da virtude da penitência. Tudo isso será luz para o entendimento, estímulo para a vontade e excelente facilitador da meditação. A recitação de algumas dezenas do *Rosário*, com a meditação dos mistérios correspondentes, fará crescer a devoção à Santíssima Virgem e o hábito de união com Nosso Senhor. A visita ao Santíssimo Sacramento, cuja duração variará conforme as ocupações, reavivará o espírito de piedade. Com proveito pode-se servir da *Imitação de Cristo*, especialmente do Livro IV, e das *Visitas ao Santíssimo Sacramento*, de Santo Afonso Maria de Ligório.

661. C) À noite, um *exame de consciência* bem feito, seguido do *exame particular*, ajudará os principiantes a conhecer as próprias fraquezas, a prever os remédios e a renovar a vontade de firme propósito de emenda, evitando que caiam no relaxamento ou tibieza. Será então necessário trazer à memória o que dissemos anteriormente sobre o exame de consciência (n^{os} 460 a 476) e sobre a confissão (n^{os} 262 a 269), lembrando que o exame dos principiantes deve ater-se principalmente aos pecados veniais deliberados. Essa vigilância é o melhor meio de evitar, ou de reparar imediatamente, os pecados mortais cometidos em algum momento de descuido.

662. 3º - Conselhos para o diretor espiritual. A) O diretor deverá cuidar para que seus penitentes não se sobrecarreguem de exercícios de piedade, que poderiam impedi-los de cumprir os deveres de estado ou tornar-se obstáculo à verdadeira devoção. Certamente é bem melhor orar menos, mas fazê-lo com maior atenção e piedade. Nosso Senhor mesmo nos dá esse conselho: “*Nas vossas orações, não multipliqueis as palavras, como fazem os pagãos que julgam que serão ouvidos à força de palavras. Não os imiteis, porque vosso Pai sabe o que vos é necessário, antes que vós lho peçaís.*” (Mt 6, 7 – 8). Depois de dizer essas palavras, ele ensina a seus discípulos aquela curta e abrangente oração, que engloba tudo quanto podemos desejar, o *Pai-Nosso* (n^{os} 515 e 516). Há principiantes que

imaginam que serão tanto mais piedosos quanto mais multiplicarem suas orações vocais. Será de grande utilidade relembrar-lhes esse ensinamento do Mestre, mostrando-lhes que uma oração curta e atenta é muito mais valiosa que outra com o dobro do tempo, mas que transcorreu repleta de distrações mais ou menos voluntárias. Para ajudá-los a fixar a atenção, o diretor espiritual deve lembrá-los que alguns segundos despendidos em se colocar na presença de Deus e em unir-se a Nosso Senhor, ajudarão singularmente na eficácia da oração.

663. B) Quando se devem repetir muitas vezes as mesmas orações, convém, para não cair na rotina, ensinar-lhes um *método* fácil e simples de reter a atenção. Por exemplo, na recitação do Rosário eles podem meditar nos mistérios com a dupla intenção de honrar a Santíssima Virgem e de alcançar a virtude especial correspondente ao mistério meditado. Desse modo a oração converte-se em uma espécie de breve meditação. Porém, nesse caso é bom lembrar que, genericamente falando, não podemos ao mesmo tempo estar atentos ao sentido literal das palavras da *Ave-Maria* e ao significado do mistério, e que, qualquer um dos dois é suficiente.

Art. III – A ORAÇÃO MENTAL DOS PRINCIPIANTES^[410]

Explicaremos: 1º - Algumas *noções gerais* relativas à meditação; 2º - Suas *vantagens e necessidade*; 3º - As *características que distinguem* a meditação dos principiantes; 4º - Os principais *métodos* de meditação.

III.I – NOÇÕES GERAIS

664. Definição e Elementos Constitutivos da Oração Mental. Já dissemos (nº 510) que há dois tipos de oração: a *vocal*, expressada por palavras ou gestos, e a *mental*, que é realizada no interior da alma. Esta última é definida como *uma elevação e uma aplicação silenciosa da nossa mente e de nosso coração a Deus, para render-lhe homenagens, promovendo a sua glória pelo nosso progresso na virtude*.

Nela estão compreendidos cinco elementos principais: 1) *Deveres de religião* que são tributados a Deus, a Nosso Senhor Jesus Cristo ou aos santos; 2) *Considerações* acerca de Deus e de nossa relação pessoal com Ele, para aprofundar e fortalecer nossas convicções sobre as virtudes cristãs; 3) *Exames de consciência*, para verificar em que grau nos encontramos na prática das virtudes; 4) *Oração* propriamente dita, onde pedimos a Deus as graças necessárias para mais perfeitamente nos exercitar em alguma virtude em particular; 5) *Propósito* de melhorar no futuro. Esses vários elementos não precisam seguir a ordem descrita, nem é necessário que todos estejam presentes na mesma oração. Todavia, a meditação deve *prolongar-se* por um período suficiente para merecer esse nome e diferenciar-se das simples jaculatórias.

Na medida em que as almas avançam na perfeição e adquirem convicções, que em breve tempo renovam suficientemente, gradualmente vão despendendo menos tempo nas considerações e exames, e dando maior espaço às petições e ao afeto. A oração torna-se cada vez mais simples e às vezes a meditação consiste num simples olhar afetuoso a Deus, como mais tarde explicaremos.

665. A Origem da Meditação. Deve-se fazer cuidadosa distinção entre *meditação em si mesma* e os *métodos* de meditação.

A. A meditação, ou oração mental, de uma forma ou outra sempre foi praticada. Os livros dos Profetas, os Salmos e os livros Sapienciais estão repletos de meditações que nutriam a devoção dos israelitas. Nosso Senhor, ao insistir na adoração a Deus em espírito e verdade, ao passar noites em oração e ao orar longamente no Calvário e no Jardim das Oliveiras, preparou o caminho das almas interiores, que ao longo dos séculos se refugiariam no santuário interior dos seus corações, para ali orarem a Deus em segredo. Os livros de Cassiano e de São João Clímaco, sem falar nas obras dos Santos Padres, tratam explicitamente da meditação e da oração, mesmo em seus graus mais elevados, como a contemplação. Pode-se considerar que o tratado de São Bernardo, *De Consideratione*, é na realidade um tratado sobre a necessidade da reflexão e da meditação. A Escola de São Vítor enfatiza muito a necessidade da meditação para que se alcançar a contemplação,^[411] e sabemos quão fortemente Santo Tomás recomendou a meditação como meio de dar-se inteiramente a Deus e de progredir em seu amor.^[412]

666. B) A meditação, como uma oração *metódica*, data do século XV. Encontramo-la explicada no *Rosetum* of John Mauburnus^[413] e em autores beneditinos da mesma época. Santo Inácio, nos *Exercícios Espirituais* traz muitos métodos de meditação, precisos e variados. Santa Teresa descreve melhor que ninguém os diversos tipos de oração e seus discípulos traçaram as regras da oração metódica.^[414] São Francisco de Sales não deixa de indicar um método de meditação para a sua Filoteia. A Escola Francesa do século XVI logo teve o seu próprio método, aperfeiçoado por Mons. Olier e Mons. Tronson, chamado hoje em dia de método de São Sulpício.

667. Diferença entre meditação e oração. Os termos *meditação* e *oração* são usados indistintamente. Quando diferenciados, reserva-se ao primeiro àquela forma de oração mental em que predomina a consideração e o raciocínio (discurso mental), e que por essa razão é chamada *meditação discursiva*. O segundo nome é aplicado principalmente àquelas formas de oração mental em que predominam os afetos piedosos e atos da vontade. Contudo, a meditação discursiva por si mesma já contém afetos e a oração

afetiva geralmente é precedida ou acompanhada de algumas considerações, exceto quanto a alma é arrebatada pela luz da contemplação.

668. O tipo de oração normalmente adequado aos principiantes é a *meditação* discursiva. Eles precisam delas para adquirir convicções ou fortalecê-las. Contudo, há algumas almas que, quase desde o princípio, adaptam-se e dão ênfase aos afetos. Todavia, todas devem saber que a melhor parte da oração mental consiste nos atos da vontade.

III.II – CONVENIÊNCIA E NECESSIDADE DA ORAÇÃO MENTAL

III.II.I – Conveniência

669. A meditação, conforme descrita, é muito importante para a salvação e para perfeição.

1. *Faz-nos desapegar do pecado e de suas causas.* Na realidade, quando pecamos, fazemo-lo *por falta de reflexão e por fraqueza de vontade.* A meditação corrige essas duas coisas.

a) *Faz-nos ver claramente a malícia do pecado e suas temerosas consequências, mostrando-nos isso na luz de Deus, da eternidade e pelo que Jesus fez para expiá-lo.* Diz o Pe. Crasset^[415] que: “*é a meditação que nos guia (pelo pensamento) aos sagrados desertos, onde encontramos Deus somente, na paz, na calma, no silêncio e no recolhimento. Leva-nos espiritualmente ao inferno, para que lá vejamos o que nos espera; ao cemitério, para contemplar a nossa última morada; ao céu, para ver o nosso trono de glória; ao vale de Josafá, para ver o nosso Juíz; a Belém, para ver o nosso Salvador; ao Monte Tabor, para ver o nosso amor; e ao Calvário, para ver o nosso modelo.*” Do mesmo modo, a meditação nos desapega do *mundo* e dos *falsos prazeres*. Recorda-nos a fragilidade dos bens temporais, a preocupação que eles nos trazem, o vazio e fastio que deixam na alma. Também nos previne contra a falsidade e a corrupção do mundo e faz-nos reconhecer que somente Deus pode dar-nos felicidade. Acima de tudo, ela nos desapega de nosso orgulho e de nossa sensualidade,

colocando diante dos olhos, Deus, que é a plenitude do ser, e o nosso nada, fazendo-nos compreender que os prazeres sensuais nos levam a um nível abaixo dos animais irracionais, enquanto as alegrias divinas nos enobrecem e elevam para Deus.

b) A meditação *fortalece nossa vontade*, não meramente provendo-nos de fortes convicções, como dissemos, mas também gradualmente curando nossa languidez, covardia e inconstância. Somente a graça de Deus, com a ajuda dos nossos esforços, pode curar-nos dessas fraquezas. Quanto mais, através da meditação, reconhecemos nossa impotência, mais insistentemente pedimos essa graça. Paralelamente, os atos de contrição, de arrependimento e de firme propósito de emenda, que concebemos durante a meditação, juntamente com as resoluções que tomamos, já constituem uma cooperação ativa com a graça.

670. 2º - A meditação também move-nos ao *exercício de todas as principais virtudes cristãs*. 1) Ilumina a nossa *fé*, colocando diante de nossos olhos as verdades eternas; mantém nossa *esperança* abrindo o caminho para Deus, para dele obtermos auxílio; estimula nossa *caridade* mostrando-nos a formosura e a bondade de Deus. 2) Torna-nos *prudentes* por meio de considerações que nos sugere antes de resolvermos agir; torna-nos *justos*, conformando nossa vontade com a de Deus; faz-nos *fortes*, porque nos faz participar do poder divino, e *temperados*, porque mitiga o ardor dos nossos desejos e paixões. Não há virtude cristã que não possamos adquirir pela meditação diária. Através dela nos apegamos à verdade, e esta, libertando-nos dos vícios, faz-nos praticar as virtudes: “*conhecereis a verdade e a verdade vos livrará*” (Jo 8, 32).

671. 3º - Dessa maneira a meditação *prepara* a nossa *união* com Deus; mais que isso, nossa *transformação* em Deus. Ela é, de fato, uma conversa com Deus que a cada dia torna-se mais íntima, mais afetuosa e mais prolongada, porque faz-se contínua ao longo do dia, até mesmo no meio de nossas atividades (nº 522). Pela força dessa relação diária com o Autor de toda a perfeição, vamos sendo embebidos, impregnados por Ele, como uma esponja pela água. Somos transformados como o ferro na fornalha que o incandesce, amolece, e o faz adquirir qualidades do fogo.

III.II.II – Necessidade

672. 1º - Para os leigos. A) A meditação metódica é um meio muito eficaz de santificação. Todavia, *não é um meio necessário de salvação para os cristãos de um modo geral*. Necessário é orar para cumprir nossos deveres para com Deus e alcançar a divina graça. Evidentemente, isso não pode ser feito sem certa atenção da mente e bons desejos do coração. Não há dúvida de que a oração deve ser acompanhada da consideração das grandes verdades, dos principais deveres cristãos e de reflexões sobre nós mesmos. Todavia, podemos cumprir isso tudo sem praticar a meditação metódica, ouvindo apenas as pregações nas igrejas, através de leituras piedosas e pelo exame de consciência.

673. B) Não obstante, a meditação é *utilíssima e muito recomendável* para a salvação e para aqueles que querem progredir na perfeição, tanto para os principiantes como para as almas avançadas. Pode-se até mesmo afirmar que é o ***meio mais eficaz de assegurar a própria salvação*** (nº 669). Esse é o ensinamento de Santo Afonso de Ligório, que apresenta a seguinte razão: enquanto pratica habitualmente outros exercícios de piedade, como o rosário, o pequeno ofício da Virgem Maria, o jejum, etc., alguém pode, infelizmente, continuar a viver em pecado mortal, mas com a prática da meditação não poderá conviver por muito tempo com o pecado grave: ou deixará a oração, ou deixará o pecado.^[416] Como poderíamos, dia após dia, colocar-nos na presença de Deus, a fonte de toda a santidade, com a plena consciência de que estamos em pecado mortal e não tomar a firme resolução, com a ajuda da graça, de romper com o pecado e buscar um confessor para alcançar o perdão, de cuja necessidade vemos claramente? Mas, se não temos um tempo fixo e um método determinado para considerar as verdades religiosas fundamentais, deixamo-nos levar pela dissipação e pelos maus exemplos do mundo, até escorregar no pecado e conviver com ele.

674. 2º - Necessidade Moral da Oração Mental para os Sacerdotes em seu Ministério. Não nos referimos aqui aos sacerdotes de *congregações religiosas*, que devota e pausadamente recitam o Ofício Divino e que, em

leituras piedosas e orações, possam encontrar algo equivalente à oração mental. Contudo, chamamos a atenção para o fato de que mesmo nas ordens religiosas onde se canta o Ofício, a regra prescreve no mínimo meia hora de oração mental, porque tem-se por certo de que a meditação é a alma de toda a oração vocal e assegura a sua fervorosa recitação. Acrescente-se ainda que, nas congregações fundadas a partir do século XVI, insiste-se ainda mais na oração mental e que o Código de Direito Canônico manda que os superiores cuidem para que todos os religiosos, salvo escusa legítima, empreguem todos os dias certo tempo à oração mental (Cânion 595).^[417]NT

Falamos, pois, aos *sacerdotes ocupados em ministérios*, absorvidos pelos trabalhos apostólicos, e afirmamos que o ***exercício habitual da oração mental, em horário determinado, é moralmente necessário para a perseverança e para a santificação***. Seus deveres são muitos, importantes, e devem ser cumpridos sob pena de pecado grave e, além disso, são muitas vezes sujeitos a sérias tentações, mesmo no exercício do ministério. Assim, para resistir a essas tentações e cumprir fielmente com seus deveres de um modo sobrenatural, precisam de profundas convicções e graças especiais que lhes sustentem, que todos devem admitir, somente são obtidas através da meditação diária.^[418]

675. A) Não nos deixemos convencer de que a Santa Missa e a recitação do Ofício Divino produzem efeitos *equivalentes* aos da oração mental. É verdade que a celebração da Missa e a recitação do Breviário, quando feitos atenta e devotamente, são meios efetivos de perseverança e progresso na vida espiritual. Todavia, a experiência mostra que, os sacerdotes absorvidos em seu ministério apostólico, não cumprem bem esses importantes deveres, salvo se desenvolverem, pela meditação diária, o espírito de oração e de recolhimento interior. Se o sacerdote descuida desse santo exercício, como poderá, em meio a tantas ocupações e incontáveis assuntos com que se depara, encontrar tempo para recolher-se e renovar o espírito do sobrenatural? Se falha nesse aspecto, prontamente será invadido por inumeráveis distrações, mesmo quando engajado em santas ocupações. Suas convicções enfraquecem, a energia diminui, aumentam as negligências e os descuidos, e a seguir vem a tibieza. E quando tentações sérias, persistentes e assediante se apresentarem, as fortes convicções necessárias para rechaçar o inimigo não mais existirão; estará exposto a cair.^[419]* Diz

Dom Chautard: “A meditação reveste-me de uma armadura invulnerável. Sem meditação, cairei numa multidão de faltas. ... “Meditação, ou risco gravíssimo de condenação para o sacerdote em contato com o mundo”, dizia o Padre Desurmont, experiente pregador de retiros sacerdotais.”^[420] Por sua vez, o Cardeal Lavigerie diz: “É necessário que nos persuadamos bem disto: para um apóstolo não há meio termo entre a santidade completa (ao menos desejada e procurada com fidelidade e coragem) e a perversão absoluta.”^[421]

676. B) Para os sacerdotes não é suficiente evitar o pecado. Para cumprir com seus deveres de *religioso de Deus* e de *salvador de almas*, é necessário que esteja habitualmente unido a Jesus Cristo, o Sumo Sacerdote, o único que glorifica e salva as almas. Mas como poderia um sacerdote estar unido a Cristo no meio de ocupações e preocupações do seu ministério, se ele não reservar tempo suficiente para renovar e intensificar essa união, para contemplar longa e afetuosamente o Divino Modelo e por meio de orações atrair a si o seu Espírito, suas disposições e sua graça? Através dessa união as energias do sacerdote são multiplicadas, a confiança aumenta e os frutos do ministério tornam-se certos, pois não é ele que fala, mas Jesus através dele (*pôs em nossos lábios a mensagem da reconciliação* (II Cor 5, 20)); não é ele que age, ele é apenas um instrumento nas mãos de Deus. Como se esforça para imitar as virtudes de Nosso Senhor, seus exemplos arrastam mais almas que as suas palavras. Se desiste da meditação, perde o espírito de recolhimento e de oração; torna-se “*como o bronze que soa, ou como o címbalo que retine*” (I Cor 13, 1).

677. Por isso, o Papa S. Pio X,^{[422]INT} de santa memória, tem proclamado em termos claros a necessidade da meditação para os sacerdotes: “*É de primeira importância que um certo tempo deve ser reservado diariamente para a meditação nas coisas da eternidade. Nenhum sacerdote pode se omitir disso sem ser culpado de sérias negligências, em detrimento das almas.*”^[423] O Código Canônico^[424] manda que os Bispos cuidem para que os sacerdotes dediquem todos os dias um tempo ao exercício da oração mental; ^{[425]INT} o mesmo devem fazer seminaristas.^{[426]INT} Não são tais prescrições a proclamação da necessidade moral da meditação para os eclesiásticos?

Assim, é falta de psicologia aconselhar que os sacerdotes absorvidos no ministério pastoral omitam a meditação para celebrar a Santa Missa e o Ofício Divino com maior fervor. A experiência demonstra que quando não se medita, torna-se quase impossível a recitação piedosa do ofício divino; reza-se como e quando se pode, com inúmeras interrupções e com a mente ocupada no que se ouviu ou se vai falar. Na realidade, é a meditação da manhã que garante uma piedosa celebração da Santa Missa e que dá o recolhimento necessário antes de iniciar a reza do Breviário.

678. O que ficou dito para os sacerdotes, pode ser também afirmado em certa medida para aqueles *homens ou mulheres* que dedicam parte de seu tempo às obras de apostolado. Se quiserem que esse apostolado dê fruto, é necessário que seja vivificado pelo espírito de recolhimento e de oração. E não se diga que se rouba das obras de apostolado o tempo que se dedica à oração. Seria aproximar-se do erro de Pelágio imaginar que a ação é mais necessária que a graça e a oração, porque verdadeiramente o apostolado é tanto mais fecundo quanto mais for movido por uma vida interior profunda, que por sua vez é alimentada pela meditação.

III.III – CARACTERÍSTICAS GERAIS DA MEDITAÇÃO NOS PRINCIPIANTES

Já dissemos anteriormente que a oração mental dos principiantes é principalmente a oração *discursiva*, e que nela predomina a razão, embora os afetos tenham o seu lugar. Explicaremos agora: 1º - Qual deve ser a *matéria comum* de suas meditações; 2º - Os *obstáculos* que encontram.

III.III.I – Quais os Assuntos que Devem Meditar os Principiantes

679. De modo geral, devem meditar em todas as verdades que lhes possam inspirar um *horror crescente* ao pecado: sobre as *causas* de suas quedas; sobre a *mortificação*, que atua como remédio; sobre os principais

deveres de estado; sobre fidelidade à graça e o seu abuso; sobre Jesus Cristo, modelo dos penitentes.

680. 1º - Com o objetivo de adquirir um *horror crescente ao pecado*, eles devem meditar: **a)** acerca do *fim* do homem e do cristão e, portanto, sobre a *criação* do homem, sua *elevação* ao estado sobrenatural, sua queda e redenção (nºs 59 a 88); sobre os *direitos* de Deus como Criador, Santificador e Redentor; sobre os *atributos divinos* úteis para inspirar o horror ao pecado, como a *imensidade* de Deus, em razão da qual está presente em todas as criaturas, especialmente nas almas em estado de graça; sobre a *santidade*, que nos constrange a odiar o pecado; a *justiça*, que pune o pecador; a *misericórdia*, que o move a perdoá-lo. Todas essas verdades tendem a fazer-nos fugir do pecado, que é o único obstáculo que impede o alcance do nosso fim, o inimigo de Deus, o destruidor da vida sobrenatural, que nos foi dada por Deus como grande prova de seu amor e que o Redentor nos devolveu à custa do seu sangue.

b) Sobre o *pecado* em si mesmo: sua origem, seu castigo, suas terríveis consequências (nºs 711 a 735); sobre as *causas* que nos levam a pecar: o mundo, a carne e o demônio (nºs 193 a 227).

c) Sobre os meios de *expiar e prevenir* o pecado: a penitência (nº 705) e mortificação de nossas diversas faculdades, de nossas más tendências e, principalmente, dos sete pecados capitais. Da meditação sobre esses pontos extrairemos a conclusão prática de que ninguém está seguro enquanto não desenraizar, ou ao menos controlar, todas essas inclinações viciosas. Adiante trataremos de todas essas questões.

681. 2º - Os principiantes também precisam meditar sucessivamente sobre cada um dos *deveres positivos dos cristãos*: 1) Deveres *gerais* de religião para com Deus, de caridade para com o próximo, de justa desconfiança de nós mesmos em razão de nossa impotência e miséria. O que causa mais impressão nos principiantes são os atos externos dessas virtudes, mas isso constitui uma preparação para as virtudes mais sólidas que praticarão na via iluminativa; 2) Deveres *particulares*, de acordo com a idade, condição, sexo e estado de vida. O cumprimento desses deveres é verdadeiramente a melhor das penitências.

682. 3º - Como a *ação da graça* desempenha um papel primordial na vida cristã, os principiantes devem ser gradualmente instruídos nessa doutrina, adaptando-se a capacidade de entendimento de cada um ao que dissemos sobre a habitação do Espírito Santo em nossa alma, sobre a nossa incorporação em Cristo, a graça habitual, as virtudes e os dons. Sem dúvida, no princípio não compreenderão senão os primeiros elementos dessas grandes verdades, mas o pouco que delas assimilarem influenciará muito em sua formação e progresso espiritual. Quando meditamos no que Deus fez e continua fazendo por nós, sentimo-nos impelidos a servi-lo com mais generosidade. Não devemos esquecer que São Paulo e São João pregaram essas mesmas verdades aos pagãos convertidos, que igualmente não passavam de principiantes na vida espiritual.

683. 4º - Depois de tudo isso será mais fácil apresentar *Jesus* como *modelo dos verdadeiros penitentes*. Jesus condenou-se a si mesmo a uma vida de pobreza, obediência e trabalho, para dar-nos exemplo dessas virtudes; Jesus fazendo penitência por nós no deserto, no Horto da Oliveiras, na sua dolorosa paixão; Jesus morrendo por nós na cruz. Esta série de meditações, que a Igreja apresenta todos os anos na liturgia, traz a vantagem de praticar-se a penitência em união com Jesus Cristo, com mais amor e generosidade e, por conseguinte, com maior eficácia.

III.III.II – Obstáculos Encontrados Pelos Principiantes

As dificuldades especiais que os principiantes encontram na meditação surgem da *inexperiência*, da *falta de generosidade*, e principalmente das muitas *distrações* a que estão sujeitos.

684. A) Com relação à *inexperiência*, são propensos a transformar a meditação em uma espécie de *tese* filosófica ou teológica, ou em uma espécie de *sermão* que fazem para si mesmos. Contudo, isso não é uma completa perda de tempo, pois, ainda que meditem desse modo, pensam nas verdades fundamentais da religião e fortalecem suas convicções. Todavia,

teriam muito maior proveito se procedessem de modo mais *prático e sobrenatural*.

É o que lhes deve ensinar um bom diretor espiritual. Deve mostrar-lhes que: **a)** todas essas considerações, para que sejam práticas, devem ser pessoais, aplicáveis a eles mesmo, e devem ser seguidas de um exame para ver em que extensão essas verdades estão sendo aplicadas nas suas vidas e o que precisa ser feito para que sejam vividas no curso do dia; **b)** a parte mais importante da meditação são os atos da vontade: atos de adoração, ação de graças e amor a Deus; atos de humilhação, de arrependimento e de firme propósito de emenda; atos de petição para ter a graça de corrigir as faltas; e, por fim, resoluções firmes e continuamente renovadas de agir melhor durante o dia.

685. B) *A falta de generosidade* os expõe ao desânimo quando já não se sentem sustentados pelas consolações sensíveis, que Deus lhes havia dado gratuitamente no princípio, para atraí-los a Si. As dificuldades e as primeiras securas os abatem e, crendo-se desamparados por Deus, acabam relaxando. Portanto, deve-se procurar fazê-los compreender que é o *esforço* que Deus nos pede e não o *bom êxito*, que o mérito está em perseverar na oração, apesar das dificuldades, e que, sendo Deus tão bom para conosco, recuar diante do esforço requerido, é covardia. Essas orientações devem ser temperadas com muita delicadeza e acompanhadas de paternais palavras de encorajamento.

686. C) Contudo, o maior obstáculo vem das *distrações*. Por estarem ainda no princípio da vida espiritual, a imaginação, a sensibilidade e as afeições estão ainda por ser dominadas, e então as imagens profanas, por vezes perigosas, os pensamentos inúteis e diversos movimentos do coração, invadem a alma no momento da meditação. Também aqui a ajuda do diretor espiritual é de capital importância.

a) Primeiramente deverá lembrá-los da diferença entre as distrações *voluntárias*^[427]* e involuntárias e advertirá os dirigidos para se preocuparem apenas com as primeiras, buscando diminuir o número. Para terem êxito nisso: 1) precisam repeli-las *pronta, vigorosa e persistentemente, tão logo as percebam*. Mesmo que essas distrações sejam muitas ou perigosas, não são culpáveis senão quando nelas nos demoramos voluntariamente. O

esforço feito para repeli-las é um ato muito meritório. Se nos atingirem vinte vezes e a todas rechaçarmos, a oração terá sido excelente e muito mais meritória do que outra em que, por termos sido sustentados pela graça de Deus, houve poucas distrações e, portanto, pouco esforço.

687. 2) Para melhor rechaçá-las, convém sobremaneira reconhecer humildemente a própria incapacidade e unir-se positivamente a Nosso Senhor Jesus Cristo, oferecendo a Deus Sua adoração e Sua súplica. Se for necessário, um livro pode ser usado para melhor fixar a atenção.

b) Não basta repelir as distrações para diminuir o seu número. É preciso *atacar as causas*. Muitas delas provêm da falta de preparação ou de uma habitual dissipação da mente. 1) Os principiantes assim acometidos por distrações devem ser orientados a preparar as meditações na noite anterior e não se contentar apenas com uma simples leitura, mas trazer o tema para o âmbito pessoal, considerando sua utilidade prática, pensando nisso antes de adormecer em vez de ocupar a imaginação com pensamentos inúteis ou perigosos. 2) Acima de tudo, é preciso ensinar os principiantes sobre os meios de controlar a imaginação e a memória, do que falaremos adiante. De fato, à medida que a alma progride na prática do recolhimento e do desprendimento habitual, as distrações tornam-se menos numerosas, o que compreenderemos melhor ao estudar os *métodos da oração mental*.

III.IV – PRINCIPAIS MÉTODOS DE ORAÇÃO MENTAL

688. Posto que a oração mental é uma arte difícil, desde sempre os santos empenharam-se em dar vários conselhos, indicando os meios para fazê-la bem. Excelentes orientações já se encontram em Cassiano, São João Clímaco e outros escritores espirituais. Contudo, somente por volta do século XV é que os *métodos* propriamente ditos foram elaborados e, desde então, têm guiado as almas nos caminhos da oração mental.

À primeira vista esses métodos parecem um pouco *complicados*. Por isso é melhor, antes de utilizá-los, preparar o principiante através do que se pode chamar de *leitura meditada*. Devem ser aconselhados a ler algum livro de piedade, tais como o primeiro livro de *Imitação de Cristo*, o *Combate Espiritual*, ou algum outro livro que contenha meditações breves e

consistentes, e orientados a perguntar a si mesmos depois dessas leituras: 1º - Estou bem convencido de que o que acabo de ler é útil e necessário para o bem de minha alma? Como posso fortalecer essa convicção? 2º - Até o presente momento tenho me exercitado nesse ponto tão importante? 3º - O que preciso fazer hoje para melhorar? Se a isso tudo for acrescentado uma súplica fervorosa, pedindo ao Senhor que conceda a graça de bem realizar os propósitos tomados, todos os elementos essenciais de uma verdadeira meditação foram cumpridos.

III.IV.I – Pontos Comuns a Todos os Métodos de Oração Mental

Em todos os métodos encontramos alguns traços comuns que são claramente os mais importantes. Portanto, ateremo-nos a eles.

689. 1º - Sempre há uma **preparação remota**, uma *próxima* e uma *imediata*.

a) A preparação *remota* não é nada mais que o esforço para fazer com que nossa vida diária harmonize-se com a oração e compreende três aspectos: 1) mortificação dos sentidos e das paixões; 2) recolhimento habitual; 3) humildade. Estas são, na realidade, excelentes disposições para uma boa meditação. No princípio elas são imperfeitas. Contudo, mesmo assim são suficientes para se meditar com algum fruto e, mais tarde, na medida em que se progride na meditação, serão aperfeiçoadas.

b) A preparação *próxima* compreende três atos principais: 1) Ler ou escutar a matéria da meditação na noite precedente; 2) Pensar nela ao despertar e estimular no coração sentimentos correspondentes; 3) Aproximar-se da meditação com ânimo, confiança e humildade, desejando dar glória a Deus e progredir na virtude. Desse modo, a alma coloca-se nas melhores disposições para tratar com Deus.

c) A preparação *imediata*, que é na realidade o início da própria meditação, consiste em colocar-se na presença de Deus que está presente em todo o lugar e, principalmente, dentro do nosso coração, reconhecendo-nos indignos e incapazes de meditar e implorando a ajuda do Espírito Santo para suprir nossa insuficiência.

690. 2º - No **corpo da meditação**, de modo mais ou menos explícito, os diferentes métodos também contêm os mesmos atos fundamentais:

a) Atos para prestar à divina Majestade os *deveres de religião* que lhe devemos;

b) *Considerações* para convencer-nos da necessidade ou da grande importância da virtude que desejamos haurir, para que possamos orar com mais fervor pela graça de praticá-la e para determinar-nos firmemente a fazer os esforços para cooperar com ela;

c) *Autoexames* e reflexões para constatar as falhas nessa matéria e o progresso que ainda precisamos fazer;

d) *Orações* ou *petições*, pedindo pela graça de progredir na mencionada virtude e de utilizar os meios que conduzem a isso;

e) *Resoluções*, pelas quais determinamo-nos a praticar, a partir daquele momento, a virtude sobre a qual se meditou.

691. 3º - A **conclusão**, que encerra a meditação, compreende: 1) Um ato de *ação de graças* pelos favores recebidos; 2) Um *breve exame* para ver como se fez a meditação, com vistas a melhorar nos próximos dias; 3) Uma *oração final* pedindo a bênção de nosso Pai celestial; 4) A escolha de algum pensamento ou máxima que nos tenha causado maior impressão, para que durante o dia a ideia principal da meditação seja reavivada, o que se chama *ramallete espiritual*.

Os diferentes métodos podem ser reduzidos a dois principais, chamados métodos de *Santo Inácio* e de *São Sulpício*.

III.IV.II – Método de Santo Inácio^[428]

692. Nos *Exercícios Espirituais*, Santo Inácio propõe sucessivamente vários métodos de oração, conforme a matéria que se medita e o fim que se pretende. O que geralmente se adapta melhor aos principiantes é o que se chama método das *três potências*, assim denominado porque consiste em exercitar as três principais faculdades da alma, a memória, o entendimento e a vontade. Ele está exposto na Primeira Semana, em conexão com a meditação sobre o pecado.

693. 1º - O início da meditação. Ele começa com uma *oração preparatória*, pela qual a alma pede a Deus que todas as suas intenções e ações sejam direcionadas somente para o serviço e louvor da divina Majestade, o que consiste num excelente direcionamento da intenção.

Seguem-se dois preâmbulos: a) o *primeiro*, que é a *composição do lugar*, tem por finalidade fixar a imaginação e prender a atenção sobre o objeto da meditação, para mais facilmente evitar as distrações. 1) se o objeto recai sobre os *sentidos*, por exemplo, um dos mistérios de Nosso Senhor Jesus Cristo, deve ser representado o mais vivamente possível, não como um evento que ocorreu num passado distante, mas como se estivéssemos testemunhando e tomando parte nos fatos, o que nos fará entendê-los muito melhor. 2) Se o objeto não recai sobre os sentidos, por exemplo, o pecado, “*a composição será ver, com a vista imaginativa e considerar estar a minha alma encarcerada neste corpo corruptível e todo o composto neste vale (isto é, o meu corpo e minha alma), como desterrado, entre brutos animais.*”, em outras palavras, considera-se o pecado em algum dos seus efeitos, para dele conceber horror.

b) O *segundo preâmbulo* consiste em pedir a Deus o que precisamos e desejamos, por exemplo, vergonha e confusão diante dos nossos pecados. Como se pode observar, o propósito prático da meditação, a resolução, já é claramente apontada desde o começo: *em todas as coisas olhe para o fim.*

694. 2º - O corpo da meditação. Nele se aplicam as três potências da alma, *memória, entendimento e vontade*, a cada ponto da meditação. Cada uma das potências é aplicada *sucessivamente* a cada ponto, salvo se um único ponto tenha matéria suficiente para toda a meditação. Assim, não é necessário, em cada meditação, realizar todos os atos indicados; o bom é deter-se nos afetos e sentimentos que a matéria sugere.

a) O exercício da *memória* é realizado relembrando o primeiro ponto da meditação, não em detalhes, mas como um todo. Assim, diz Santo Inácio: “*trazer à memória o pecado dos anjos: como sendo eles criados em graça, não querendo servir-se da sua liberdade para prestar reverência e obediência a seu Criador e Senhor, caindo em soberba, passaram da graça à perversidade e foram lançados do céu ao inferno.*”

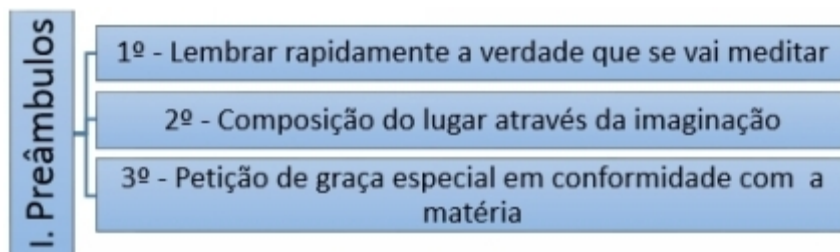
b) O exercício do *entendimento* consiste em refletir em detalhes sobre o mesmo assunto. Santo Inácio não foi além dessa explicação, mas o Padre

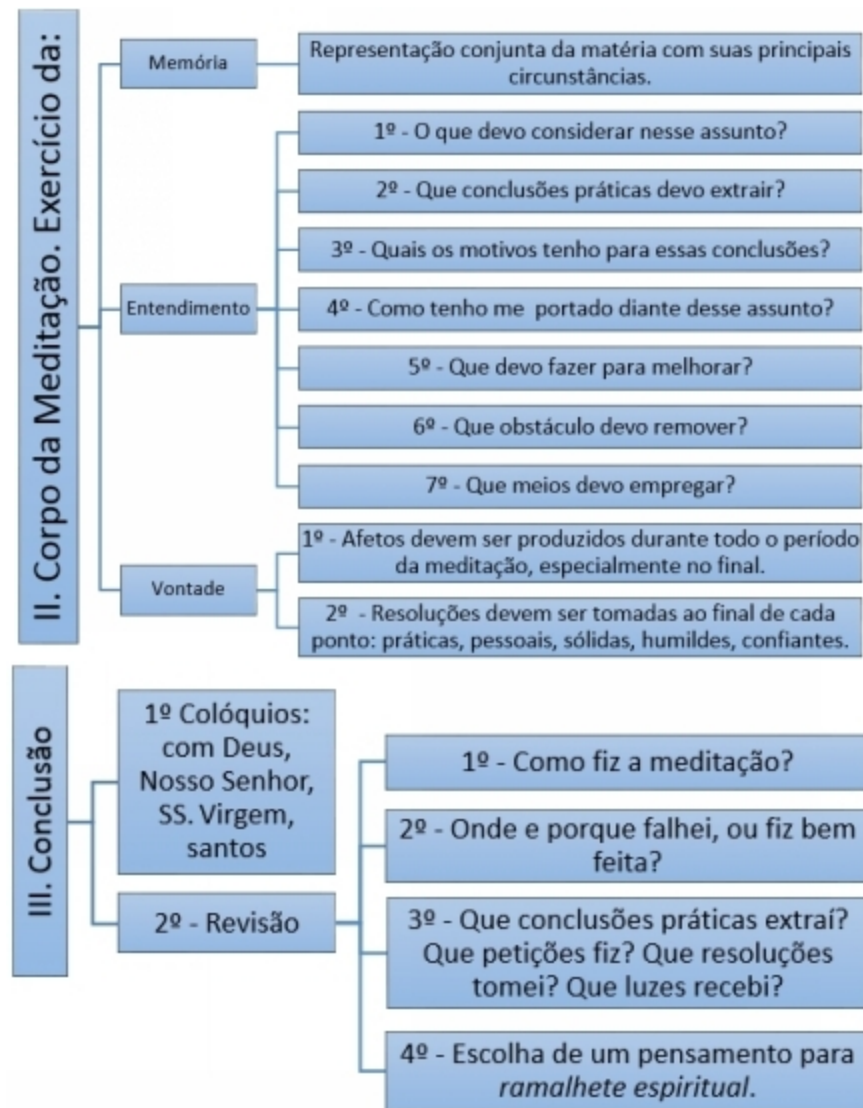
Roothaan complementa o seu ensinamento explicando que a função do *entendimento* é fazer reflexões sobre as verdades que a memória propôs, aplicá-las às necessidades da própria alma, extrair conclusões práticas, sopesar os motivos das resoluções, considerar como temo-nos portado até o presente momento com respeito às verdades que refletimos e como pretendemo-nos portar daí em diante.

c) A *vontade* tem dois deveres a cumprir: estimular em si *piedosos afetos* e formar *bons propósitos*. 1) Os *afetos*, na realidade, têm lugar em todas as partes da meditação. Devem ocorrer muito frequentemente, posto que são eles que tornam a meditação uma verdadeira oração. Mas, é principalmente no final da meditação que eles devem ser multiplicados. Não deve haver preocupação quanto à maneira de expressá-los; quanto mais simples, melhores são. Quando um bom sentimento espontaneamente se apodera da alma, é bom entreter-se com ele o tempo que for necessário, até que nossa devoção se satisfaça. 2) As *resoluções* devem ser *práticas*, próprias para aperfeiçoar nossa vida e, por isso mesmo, adequadas à nossa *presente condição*. Devem ser passíveis de execução naquele *mesmo dia*, baseadas em motivos *sólidos*. Devem ser humildes e, por conseguinte, acompanhadas de orações para se alcançar a graça de cumpri-las.

695. 3º - **A conclusão** compreende três coisas: uma *recapitulação* dos propósitos formados; piedosos *colóquios* com Deus Pai, com Nosso Senhor, com a Virgem Maria ou com algum santo; por fim, uma *revisão* da meditação, ou seja, o exame sobre como fizemos a meditação, para que as imperfeições observadas possam ser corrigidas.

Para um entendimento mais claro do método, acrescentamos a seguir o quadro sinótico dos *preâmbulos*, do *corpo* e da *conclusão* da meditação.





696. Utilidade desse método. Como se observa, esse método é altamente *psicológico e prático*.

a) Abrange todas as faculdades, inclusive a imaginação. Aplica-as, uma após outra, à matéria da meditação e, desse modo, insere um elemento de *variedade* que torna possível considerar a verdade sob seus vários aspectos, permitindo ampla reflexão, para que seja bem assimilada, para formar convicções e, acima de tudo, para disso extrair conclusões práticas para aquele mesmo dia.

b) Embora esse método dê ênfase ao *importante papel da vontade*, que age somente depois de considerar profundamente os motivos, não deixa de lado a *obra da graça*, pois a pede fervorosamente desde o princípio (nos preâmbulos) e novamente nos colóquios, ao final.

c) É mais adaptável aos *principiantes*, pois estabelece precisamente, em detalhes minudentes, o que deve ser feito desde a preparação até a conclusão, o que serve de guia e evita a dispersão das faculdades. Além disso, o método não pressupõe profundo conhecimento do dogma, basta o catecismo, o que o torna facilmente adaptável aos leigos.

d) Quando *simplificado*, esse método ajusta-se igualmente às almas *mais adiantadas*. Se forem mantidas as principais linhas traçadas por Santo Inácio, sem entrar nos detalhes acrescentados pelo Padre Roothaan, pode-se facilmente convertê-la em uma oração afetiva, que deixará amplo espaço para as inspirações da graça. O segredo está em saber servir-se dela, sob a sábia direção de um experiente diretor espiritual.

e) Críticas ocasionais acusam o método de não deixar muito espaço para tratar com Nosso Senhor. De fato, no exercício das três potências, não se fala senão incidentalmente de Jesus Cristo. Todavia, há outros métodos propostos por Santo Inácio, especialmente a contemplação dos mistérios e a aplicação dos sentidos, onde Nosso Senhor torna-se o objeto central da meditação.^[429]

Nada impede que os principiantes empreguem ambos os métodos. A objeção carece de fundamento quando se segue até o fim os métodos de Santo Inácio.

III.IV.III – Método de São Sulpício^[430]

697. A) Origem. Esse método, que surgiu depois de muitos outros, inspirou-se nos pormenores dos precedentes. Mas, a ideia-mãe e as linhas mestras vêm do Cardeal Bérulle, do Pe. Condren e do Mons. Olier, enquanto os detalhes complementares são do Mons. Tronson.

a) A ideia-mãe é a união, a adesão ao Verbo Encarnado para render a Deus os atos de religião que lhe são devidos e reproduzir em nós as virtudes de Jesus Cristo.

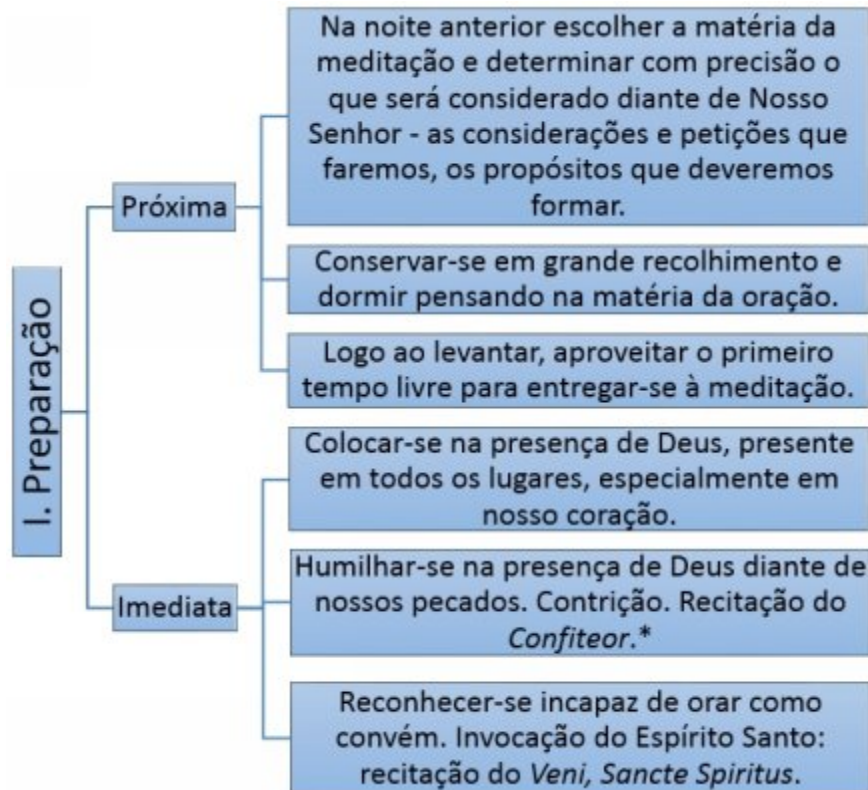
b) Os três atos essenciais são: 1) A *adoração*, por meio da qual consideramos um atributo ou perfeição de Deus, ou alguma virtude de Nosso Senhor Jesus Cristo como modelo que devemos praticar e, logo a seguir cumprimos nossos deveres de religião (adoração, admiração, louvor, ação de graças, amor, alegria ou compaixão) para com um ou outro, ou para com Deus por Jesus Cristo. Reverenciando desse modo o Autor da graça,

tornamo-lo mais disposto a ser-nos propício; 2) A *comunhão*, pela qual atraímos a nós, pela súplica, a perfeição ou a virtude que adoramos ou admiramos em Deus ou em Jesus Cristo; 3) A *cooperação*, pela qual, movidos pela graça, determinamo-nos a praticar aquela virtude, formando pelo menos um propósito que procuraremos cumprir durante o dia.

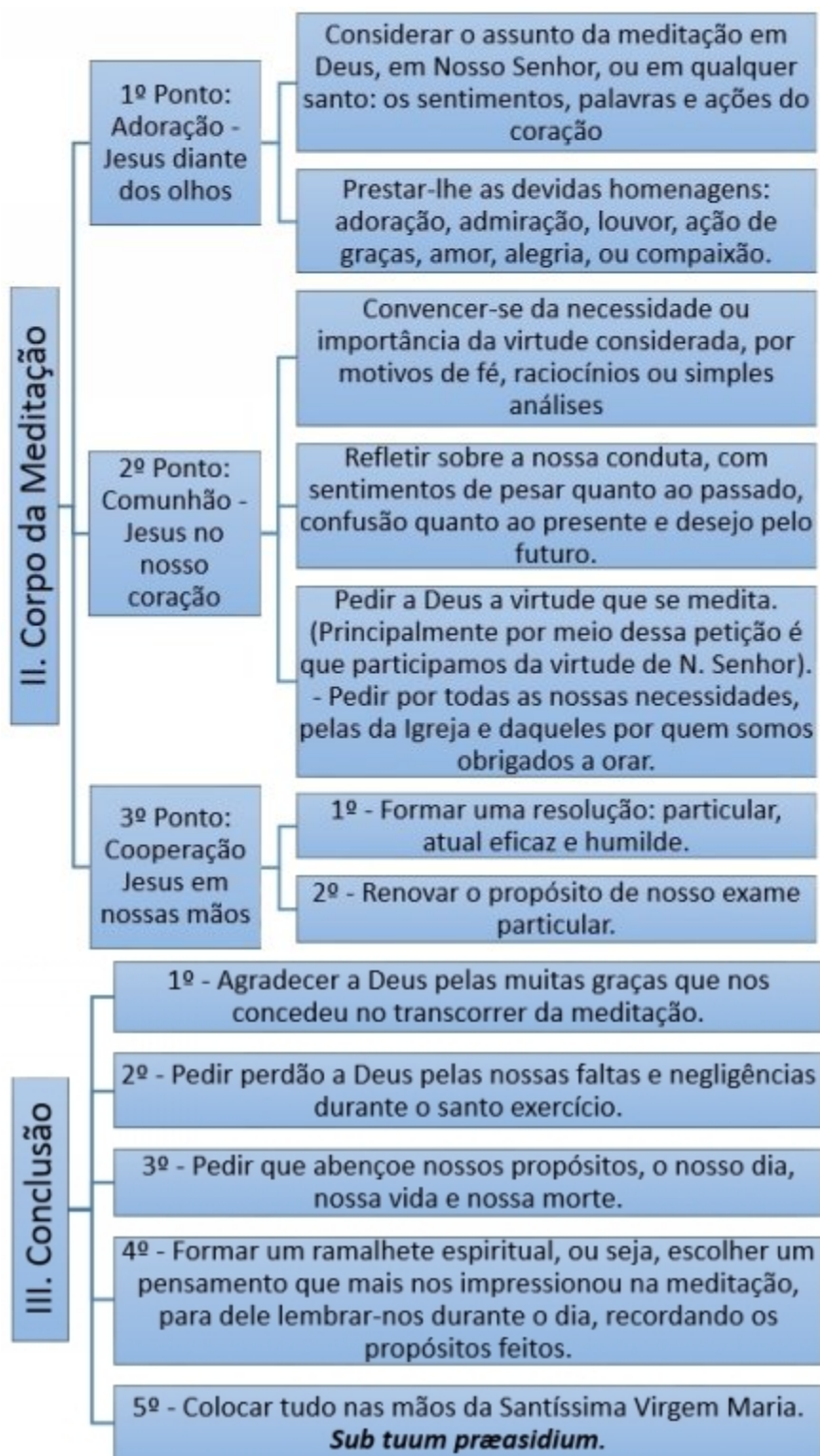
Em linhas gerais, isso é o que encontramos em Bérulle, Condren e Olier.

698. B) O complemento acrescentado pelo Mons. Tronson. É evidente que as linhas gerais, suficientes para as almas avançadas, não bastam para os *principiantes*. Percebeu-se rapidamente esse fato no seminário de São Sulpício. Assim, o Mons. Tronson, preservando o espírito e os elementos essenciais do método original, acrescentou ao segundo ponto, a *comunhão*, as *considerações* e os *exames de consciência*, tão indispensáveis para os que começam. Quando nos convencemos da importância e da necessidade de alguma virtude e reconhecemos que dela carecemos, pedimo-la com muito maior fervor, humildade e perseverança. Assim, nesse método, acentua-se a *súplica* como elemento principal da oração mental, mesmo para os principiantes. Por essa razão é que se dá ao terceiro ponto o nome de *cooperação*, para que se tenha bem presente que os bons propósitos são mais um efeito da graça do que da nossa vontade e que, por outro lado, a graça não opera sem a nossa cooperação e, além disso, que durante todo dia devemos colaborar com Jesus, esforçando-nos para reproduzir em nós aquela virtude que foi objeto da meditação.

699. C) Sumário do Método. A sinopse a seguir dará uma ideia adequada do método. Omitimos a preparação *remota* porque é a mesma exposta no nº 689.



* N.T. - *Confiteour* (Confesso): é uma oração penitencial em que, reconhecendo nossos pecados, buscamos a misericórdia e o perdão de Deus. Ela tem sua origem nos primórdios do Cristianismo. O texto abaixo é a forma completa da oração, introduzida no rito da Missa no Século XI. ORAÇÃO TRADUZIDA PARA O PORTUGUÊS: Confesso a Deus Todo-poderoso, à bem-aventurada sempre Virgem Maria, ao bem-aventurado Miguel Arcanjo, ao bem-aventurado João Batista, aos santos Apóstolos Pedro e Paulo e a todos os santos, que pequei muitas vezes, por pensamentos, palavras e ações, por minha culpa, minha máxima culpa. Por isso, peço à bem-aventurada sempre Virgem Maria, ao bem-aventurado Miguel Arcanjo, ao bem-aventurado João Batista, aos santos Apóstolos Pedro e Paulo e a todos os santos, que oreis por mim a Deus, Nosso Senhor. Amém.



700. D) Características desse método.

a) O método é baseado na doutrina da nossa *incorporação em Cristo* (n^{os} 142 a 149) e a consequente obrigação de reproduzir em nós suas

disposições interiores e virtudes. Para alcançar esse resultado, conforme Mons. Olier, precisamos ter Jesus: *diante dos olhos*, para contemplá-lo como modelo e render-lhe homenagens (adoração); *em nosso coração*, atraindo a nós os seus sentimentos e virtudes (comunhão); *em nossas mãos*, colaborando com Ele na imitação de suas virtudes (cooperação).

b) Dá-se mais importância ao *dever de religião* (reverência e amor para com Deus) que à petição: primeiramente servir a Deus! Deus não é considerado um conceito abstrato e filosófico, mas um Deus concreto, o Deus vivo dos Evangelhos, a Santíssima Trindade vivendo em nós.

c) Ao proclamar a necessidade tanto da graça quanto da vontade humana na nossa santificação, *ênfatiza a graça* e, conseqüentemente, a *oração*. Ao mesmo tempo, requer esforços enérgicos e constantes da vontade, propósitos específicos, atuais, frequentemente renovados, que são objeto do autoexame da noite.

701. d) É um método *afetivo*, baseado em *considerações*. No primeiro ponto inicia com afetos religiosos. No segundo, as considerações foram concebidas para fazer brotar do coração: atos de fé nas verdades sobrenaturais que meditamos; atos de esperança na Divina misericórdia; atos de amor a Deus infinitamente bom. Os *autoexames* devem ser acompanhados de arrependimento pelo passado, confusão pelo presente e firme propósito de emenda quanto ao futuro. O objetivo de todos esses atos é preparar uma *oração* humilde, confiante e perseverante. Para prolongar essa súplica, o método provê vários motivos, muito bem explicados e, além disso, sugere uma oração por toda a Igreja e por certas almas em particular. Os *propósitos* devem ser feitos com desconfiança de nós mesmos, com absoluta confiança em Jesus Cristo e acompanhados por uma oração para que sejamos capacitados a cumpri-los. Por fim, a conclusão é uma série de atos de gratidão, de humildade e de novas súplicas.

Com isso evita-se dar um conteúdo muito filosófico aos raciocínios e às considerações e, ao mesmo tempo, prepara-se o caminho para a oração afetiva e, mais tarde, para a oração da simplicidade. O método nos mostra que nem sempre é necessário realizar todos esses atos relativos aos deveres para com Deus, ou realizá-los na ordem prescrita; o melhor é entregar-se aos afetos que Deus suscita e repetir frequentemente aqueles que sentimos que o Espírito Santo está nos atraindo de modo particular. Sem dúvida, os

principiantes, como regra, despendem mais tempo nos raciocínios que nos demais atos. Contudo, o método constantemente os lembra que os afetos são preferíveis e, assim, gradualmente, consagram-lhes cada vez maior tempo nas suas meditações.

e) Esse método é especialmente *adaptado* aos *sacerdotes e seminaristas*; lembra-os continuamente que, como são outros Cristos pelas suas características e poderes, do mesmo modo devem ser pelas suas virtudes e disposições, e que toda a perfeição consiste em fazer Jesus viver e crescer nas suas almas.

702. Cada um desses dois métodos tem, portanto, suas excelências, de acordo com o objetivo específico visado. O mesmo pode-se dizer de todos os outros que se aproximam, ora de um, ora de outro.^[431]* É bom que haja vários, para que cada um possa escolher, seguindo o conselho de seu diretor espiritual e suas inclinações sobrenaturais, aquele que melhor se adapta.

Como diz o Pe. Poulain,^[432] esses métodos são como as numerosas regras de lógica e retórica: principiantes devem ser exercitados neles, mas a partir do momento que os aprenderam, assimilando os seus elementos e o seu espírito, precisam seguir somente suas linhas gerais e, então, sem deixar de ser ativos, tornam-se mais atentos às moções do Espírito Santo.

CONCLUSÃO: EFICÁCIA DA ORAÇÃO PARA A PURIFICAÇÃO DA ALMA

703. Pelo exposto, podemos facilmente concluir quão útil e necessário é a oração mental para a purificação da alma. a) Na *oração de adoração*, rendem-se a Deus as devidas homenagens: admiramos, louvamos, bendizemos suas infinitas perfeições: sua santidade, justiça, bondade e misericórdia. Então, Deus inclina-se amorosamente a nós para perdoar-nos, para infundir-nos profundo horror ao pecado, que o ofende, e para prevenir-nos contra novos pecados; b) Na *meditação* formamos, sob a moção das luzes divinas e de nossas reflexões, fortes convicções sobre a malícia do pecado, sobre as suas temíveis consequências nesta vida e na vida futura, sobre os meios de expiação e de como evitá-los daí em diante. Então nosso coração é preenchido com sentimentos de confusão, humilhação, amor a Deus, ódio ao pecado, juntamente com o propósito de emenda. Desse modo,

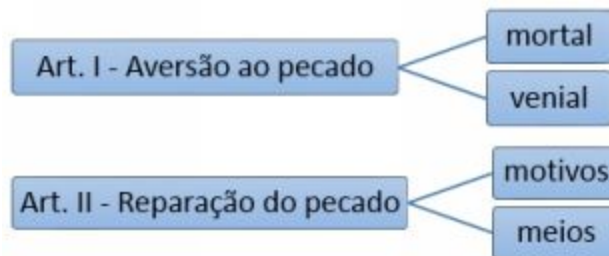
nossas faltas são cada vez mais lavadas nas lágrimas da penitência e no Sangue de Cristo. Nossa vontade é fortalecida contra as menores quedas e abraça-se generosamente à prática da penitência e da renúncia. c) A oração de *petição*, baseada nos méritos de Jesus Cristo, alcança-nos abundantes graças de humildade, penitência, confiança e amor. Estas graças concluem a limpeza da alma, fortalecem-na contra as tentações e confirmam-na na virtude, principalmente nas virtudes da penitência e da *mortificação*, que completam os bons efeitos da oração.

704. Advertências aos diretores espirituais. A meditação nunca será demasiadamente recomendada para aqueles que desejam progredir na perfeição. Os diretores espirituais devem instruí-los nessa prática o mais breve possível. Do mesmo modo, deve fazer com que os penitentes o coloquem a par das dificuldades que encontram, para podê-los ajudar a superá-las, mostrando-lhes como podem aperfeiçoar o método de meditação e, acima de tudo, como podem valer-se dele para corrigir as faltas, praticar as virtudes que lhes são contrárias e, gradualmente, adquirir o espírito de oração que, juntamente com a penitência, transformará as suas almas.

CAPÍTULO II – PENITÊNCIA

Falaremos brevemente sobre a *necessidade* e a *noção* de penitência. Então explicaremos: 1º - As razões pelas quais devemos *detestar* e *evitar* o pecado; 2º - Os *motivos* e *meios* de reparar o pecado.

Necessidade e noção do pecado.



A NECESSIDADE E A NOÇÃO DE PENITÊNCIA^[433]

705. A penitência, depois da oração, é o meio mais eficaz de purificação da alma pelas faltas passadas e até mesmo de prevenção das futuras.

1. Quando Nosso Senhor Jesus Cristo estava para começar o seu ministério público, fez com que seu precursor pregasse a **necessidade** de penitência: “*Fazei penitência porque está próximo o Reino dos céus*” (Mt 3, 2). Ele mesmo declara que veio chamar os pecadores ao arrependimento: “*Eu não vim para chamar justos, e sim pecadores para o arrependimento*”(Lc 5, 32).^{[434]INT} Essa virtude é tão necessária que, a menos que façamos penitência, pereceremos: “*E se vocês não se converterem, vão morrer todos do mesmo modo*” (Lc 13, 5). Essa doutrina foi tão bem compreendida pelos Apóstolos que, desde as primeiras pregações, ensinaram a necessidade de penitência como condição preparatória para o Batismo: “*Arrependam-se, e cada um de vocês seja batizado em nome de Jesus Cristo, para o perdão dos pecados; depois vocês receberão do Pai o dom do Espírito Santo.*” (At 2, 38).

De fato, a penitência, para o pecador, é um ato de *justiça*. Por ter ofendido a Deus e violado os direitos divinos, tem obrigação de reparar o

mal que fez e cumpre esse dever através da penitência.

706. 2. *A penitência é definida como uma virtude sobrenatural derivada da justiça que, por ser o pecado uma ofensa a Deus, inclina o pecador a detestá-lo, a formar firme propósito de evitá-lo no futuro e a repará-lo.*

Assim, a penitência compreende quatro atos principais, cujas origens e inter-relações podem ser facilmente percebidas: 1) Com a luz da razão e da fé vemos que o pecado é um mal, o maior de todos os males. Na realidade, o único mal, porque ofende a Deus e priva-nos dos bens mais preciosos; por isso detestamo-lo com toda a nossa alma: “*Tenho detestado a iniquidade.*”; 2) Além do mais, conscientes de que o mal existe em nós porque pecamos e que, mesmo tendo sido perdoados, permanecem vestígios dele em nossa alma, concebemos uma viva *tristeza*, tristeza que atormenta e esmaga a alma, uma sincera *contrição* e um profundo senso de humilhação. 3) Para evitar no futuro esse odioso mal, tomamos *firme resolução e propósito decidido* de evitá-lo, fugindo cuidadosamente de todas as ocasiões que a ele nos poderiam levar e fortalecendo nossa vontade contra as seduições dos prazeres perigosos. 4) Por fim, reconhecendo que o pecado constitui um ato de *injustiça*, determinamo-nos a *repará-lo*, a *expiá-lo* por *sentimentos* de pesar e obras de *penitência*.

Art. I – MOTIVOS PARA DETESTAR E EVITAR O PECADO^[435]

Antes de explicar os motivos para ter-se horror ao pecado,^[436]* explanaremos o que é pecado mortal e o que é pecado venial.

707. Noções e Espécies de Pecado. O pecado é uma *transgressão voluntária da lei de Deus*. Portanto, é uma *desobediência* a Deus, uma *ofensa* contra Ele, pois é uma preferência da nossa vontade à dele e uma violação aos soberanos direitos que Ele tem sobre a nossa submissão.

708. a) Pecado Mortal. Quando, com plena advertência e pleno consentimento transgredimos em matéria grave uma lei importante, necessária para a consecução de nosso fim, o pecado é *mortal*, porque nos priva da graça habitual que é a vida sobrenatural da alma (nº 105). Por isso, Santo Tomás define-o como “*um ato pelo qual nos afastamos de Deus, nosso fim último, apegando-nos livre e desordenadamente a algum bem criado*”. Pela perda da graça habitual que nos une a Deus, separamo-nos dele.

709. b) Pecado Venial. Quando a lei que violamos não é necessária para o atingimento de nosso fim, ou quando a violamos de maneira leve, ou ainda, se a lei é grave em si mesma, mas a transgredimos sem plena advertência ou sem pleno consentimento, o pecado é *venial* e não nos priva do estado de graça. Nossa alma ainda permanece em união com Deus, posto que queremos fazer Sua vontade em todas as coisas necessárias e manter Sua amizade para atingir nosso fim. Todavia, o pecado venial é verdadeiramente uma violação à lei de Deus, constituindo uma ofensa contra a Majestade, conforme adiante mostraremos.

I.I – PECADO MORTAL

710. Para julgar corretamente se um o pecado é mortal, devemos considerar: 1) O que ele é perante Deus; 2) O que ele é em si mesmo; 3)

Seus efeitos perniciosos. Se através da meditação assimilarmos bem esses ensinamentos de fé, conceberemos uma invencível aversão ao pecado.

I.I.I – O Que é o Pecado Mortal Perante Deus

Para formar uma ideia do que é o pecado mortal aos olhos de Deus, veremos como Ele o *pune* e *condena* nas Sagradas Escrituras.

711. 1) Como Deus pune o pecado mortal. A) *Nos anjos rebeldes.* Eles cometeram um único pecado, que foi interior, um pecado de orgulho. Por este pecado, Deus seu Criador e Pai, que os amava não somente como obra de suas mãos, mas como seus filhos adotivos, puniu a rebelião precipitando-os no inferno, onde por toda a eternidade permanecerão separados Dele e, com isso, privados de toda felicidade. Contudo, devemos ter em conta que Deus é justo e nunca castiga os culpados mais do que merecem. E em sua misericórdia, mesmo quando castiga, tempera o rigor da Sua justiça com Sua bondade. Assim, é evidente que, para merecer tão rigorosa sanção, o pecado deve ser algo extremamente abominável.

712. B) *Em nossos primeiros pais.* Deus lhes havia concedido toda a espécie de bens naturais, preternaturais e sobrenaturais (n^{os} 52 a 66). Mas como, do mesmo modo, cometeram um pecado de desobediência e soberba, a ponto de perder a vida da graça e os dons gratuitos com os quais haviam sido adornados, foram banidos do Paraíso terrestre e, a partir de então, transmitiram à posteridade esse pecado original, cujas tristes consequências todos nós ainda padecemos (n^{os} 69 a 75). Contudo, Deus amava nossos primeiros pais como seus filhos e permitia-os que vivessem em intimidade com Ele. Assim, se o Deus de justiça e misericórdia infligiu-lhes tão severo castigo, que atingiu até a posteridade, é porque o pecado é um mal terrível, um mal que nunca poderemos detestar em excesso.

713. C) *Na pessoa de seu Filho.* Para que o homem não perecesse eternamente e para poder conciliar a justiça com a misericórdia, o Pai

Eterno enviou seu Filho ao mundo, constituindo-o cabeça da raça humana, e encarregou-o de reparar e expiar o pecado em nosso lugar. E qual o preço dessa redenção? Trinta e três anos de humilhações e sofrimentos, que terminaram em uma agonia física e moral no Getsêmani, diante do Sinédrio, no Pretório e no Calvário. Se quisermos saber o que é o pecado, sigamos o Salvador do mundo, passo a passo, da manjedoura à cruz: na sua vida *oculta*, praticando a humildade, a obediência, a pobreza, o trabalho; na sua vida *apostólica*, com suas ocupações, seus fracassos, em meio às intrigas e perseguições de que foi vítima; na sua vida de *sofrimentos*, físicos e morais, que padeceu por parte de amigos e inimigos, pelo que com razão foi chamado *homem das dores*. Portanto, encaremos esta verdade: eis o que mereceram os meus pecados: “*Mas ele foi castigado por nossos crimes, e esmagado por nossas iniquidades; o castigo que nos salva pesou sobre ele*” (Is 53, 5). Desse modo é mais fácil compreender que o pecado é o maior de todos os males.

714. 2º - Como Deus condena o pecado. A Sagrada Escritura nos apresenta o pecado como o que há de mais abominável e criminoso.

a) É um ato de desobediência a Deus, uma violação de sua lei, que é punida com justiça e com a maior severidade, como testemunhamos em nossos primeiros pais (Gn 2, 17; 3, 11 - 19). No povo de Israel, povo escolhido por Deus, essa desobediência era considerada como uma *revolta*, uma *rebelião* (Jr 2, 4 – 8).

b) É um ato de ingratidão que se comete contra o maior dos benfeitores, uma impiedade contra o mais amante dos pais: “*Eu criei filhos e os eduquei, eles, porém, se revoltaram contra mim.*” (Is 1, 2).

c) É uma falta de fidelidade, uma espécie de *adultério*, porque Deus é o esposo de nossas almas e exige de nós, com razão, que lhe prestemos inviolável fidelidade: “*E tu, após haveres pecado com inúmeros amantes, voltarás para mim?*” (Jr 3, 1).

d) É uma *injustiça*, posto que violamos abertamente os direitos que Deus tem sobre nós: “*Todo aquele que peca transgride a lei, porque o pecado é transgressão da lei.*” (Jo 3, 4).

I.I.II – O Que é Pecado Mortal em Si Mesmo

O pecado mortal é *o mal*, na realidade *o único mal que existe*, porque todos os outros males não são senão suas consequências ou sua punição.

715. 1º - Em relação a Deus. O pecado mortal é um crime de *lesa-majestade divina*. Na realidade, é uma ofensa a Deus em todos os seus atributos, mas também e principalmente um atentado contra Aquele que é nosso *primeiro princípio*, nosso *último fim*, nosso Pai e *benfeitor*.

A. Deus, como nosso *primeiro princípio*, é nosso Criador, de quem recebemos tudo o que somos e temos e, por conseguinte, é nosso Soberano Senhor, a quem devemos absoluta obediência. Mas, pelo pecado mortal desobedecemos-lo e fazemos-lhes a afronta de antepor nossa vontade à dele, de preferir a criatura ao Criador. Mais ainda, *rebelamo-nos* contra Ele, porque pelo fato da criação, somos com muito maior razão seus súditos do que devemos ser em obediência a qualquer poder terreno.

a) Essa rebelião é ainda *mais grave* posto que esse Senhor, sendo infinitamente sábio e infinitamente bom, não nos manda nada que não nos conduza à própria felicidade e à Sua glória, enquanto a nossa vontade, bem sabemos, é fraca, frágil, sujeita ao erro. Não obstante, preferimo-la diante da vontade de Deus.

b) Essa revolta é ainda *menos escusável* porquanto certo que, pelos ensinamentos que recebemos desde a infância de nossos pais cristãos, temos conhecimento claro e preciso dos direitos de Deus sobre nós e da malícia do pecado e, portanto, sabemos bem o que fazemos. ^{[437]NT}

c) E porque razão traímos assim Nosso Senhor? Agimos assim: por um vil prazer que nos degrada e rebaixa ao nível dos animais irracionais; por uma néscia soberba, pela qual nos apropriamos de uma glória que é somente de Deus; por um sórdido interesse, um lucro passageiro, pelo qual sacrificamos um bem eterno (ver nº 844).

716. B) Deus também é nosso *último fim*. Ele nos criou somente para Si, porque não há bem maior do que Ele mesmo e, portanto, fora dele não podemos encontrar nossa perfeição nem nossa felicidade. Por outro lado, por termos saído de Deus, é muito justo e devido que retornemos a Ele. Somos pertença de Deus e, por isso, devemos reverenciá-lo, louvá-lo, servi-lo e glorificá-lo, ^{[438]*} e, sendo objeto do seu amor, devemos amá-lo com toda

a nossa alma. Adorando-o e amando-o encontraremos nossa perfeição e felicidade. Portanto Ele tem o *estrito direito* de que toda a nossa vida, todos os nossos pensamentos, desejos e ações, sejam orientados a Ele e à Sua glória.

Pelo pecado mortal, contudo, afastamo-nos voluntariamente de Deus para comprazer-nos em algum bem criado. Fazemos-lhe afronta ao preterilo em prol de uma criatura, ou melhor, de alguma satisfação egoísta, porque, no fundo, não é tanto a criatura que buscamos, mas o prazer que ela proporciona. Isso é uma flagrante *injustiça*, porque tende a privarmos Deus dos seus direitos imprescritíveis sobre nós, da glória exterior que lhe devemos. É uma espécie de *idolatria*, que ergue no santuário de nosso coração um ídolo defronte do verdadeiro Deus. É também um *desprezo* que fazemos à fonte das águas vivas, a única que pode saciar a sede de nossas almas, e damos preferência à água lodosa que se encontra no fundo das cisternas rotas, conforme a enérgica expressão do profeta Jeremias: “*Porque meu povo cometeu uma dupla perversidade: abandonou-me, a mim, fonte de água viva, para cavar cisternas, cisternas fendidas que não retêm a água.*” (Jr 2, 13).

717. C) Deus também é para nós um Pai, que nos adotou como Filhos e trata-nos com um cuidado verdadeiramente paternal (nº 93), outorgando-nos os mais preciosos benefícios, dotando-nos de um organismo sobrenatural para que vivamos uma vida semelhante à sua, e concedendo-nos abundantes graças atuais, para pôr em exercício os seus dons e fazer crescer em nós a vida sobrenatural. Mas, pelo pecado mortal desprezamos todos esses dons e até mesmo abusamos deles, remetendo-os de volta ao nosso Benfeitor e Pai, profanando suas graças e ofendendo-o no próprio momento em que no-las concede abundantemente. Não é isso uma ingratidão tanto mais culpável quanto mais recebemos de sua bondade, uma ingratidão que clama contra nós?

718. 2º - Em relação à **Jesus Cristo**, nosso Redentor, o pecado mortal é uma espécie de *deicídio*.

a) De fato, o pecado foi a causa de todos os tormentos e da morte de nosso divino Salvador: “*Também Cristo padeceu por vós* (I Pe 2, 21) ... *Àquele que nos ama, que nos lavou de nossos pecados no seu sangue*” (Ap

1, 5). Para que esse pensamento nos cause impressão, precisamos ter presente a participação que tivemos na dolorosíssima paixão de Nosso Senhor. Fui eu que traí meu Mestre com um beijo e talvez por menos de trinta moedas. Fui eu a causa de sua prisão que lhe rendeu a morte. Juntei-me à turba para gritar: *“A este não! Mas a Barrabás! ... Crucifica-o!”* (Jo 18, 40; 19, 6). Eu estava entre os soldados para açoitá-lo com minha falta de mortificação, para coroá-lo de espinhos com meus pecados interiores de sensualidade e orgulho, para deitar-lhe uma pesada cruz sobre os ombros e para crucificá-lo. Como expõe muito bem Mons. Olier,^[439] *“nossa avareza transpassa com cravos a sua caridade, nossa ira, a sua mansidão, nossas impaciências, a sua paciência, nosso orgulho, a sua humildade. Dessa maneira, com nossos pecados, torturamos, amarramos e esquartejamos a Jesus Cristo que habita em nós.”* Quão profundamente devemos detestar o pecado que tão cruelmente cravou nosso Salvador na cruz!

b) Evidentemente que no momento atual não podemos afligi-lo com novos tormentos, porque não pode sofrer, mas com nossas faltas presentes continuamos a ofendê-lo. Ao cometê-las voluntariamente, desprezamos o seu amor e os seus benefícios, tornando inútil, na parte que nos toca, o seu sangue derramado, privando-o de nosso amor, de nossa gratidão e de nossa obediência, aos quais tem direito. Não é isso contrapor ao seu amor a mais negra das ingratidões e atrair, com isso, os mais terríveis castigos?

I.I.III – Os Efeitos do Pecado Mortal

Deus quis que a lei tivesse uma sanção, que a felicidade fosse uma recompensa da virtude e, o sofrimento, o salário do pecado. Portanto, pela consideração dos efeitos do pecado podemos avaliar, de certo modo, a sua culpabilidade. Esses efeitos podem ser visualizados nesta e na outra vida.

719. 1º - Para termos ideia dos desastrosos efeitos do pecado mortal **nesta vida**, recordemos o que é uma alma em estado de graça. A SS. Trindade nela habita, adorna-a com suas graças, virtudes e dons, e tem nela suas complacências. Sob o influxo da graça atual, suas boas obras convertem-se em obras meritórias de vida eterna. Também possui a santa liberdade dos filhos de Deus, compartilha do poder da virtude divina e

goza, especialmente em certos instantes, de uma felicidade que é como uma antecipação da bem-aventurança celeste. E o que faz o pecado mortal?

a) *Expulsa Deus de nossa alma* e, como possuir a Deus é um início antecipado da eterna alegria, a perda Dele é também um prelúdio da condenação eterna. Do mesmo modo, com a perda de Deus perde-se todos os bens dos quais Ele é a fonte.

b) Ao perder a Deus, perdemos a *graça santificante*, pela qual a nossa alma vivia uma vida semelhante à de Deus. Assim, ocorre uma espécie de *suicídio espiritual*. Ao mesmo tempo, perdemos ainda o glorioso conjunto das *virtudes e dons* que acompanham a graça santificante. Embora, em sua infinita misericórdia, Deus ainda nos deixe as virtudes da fé e da esperança, elas já não são mais informadas pela caridade; permanecem em nós somente para inspirar-nos um temor salutar e um desejo ardente de remediar as culpas e de fazer penitência. Ademais, mostram-nos o triste estado de alma, movendo-a a agudíssimos remorsos (ver nº 843).

720. c) Perdemos também os *méritos passados*, acumulados à custa de tantos esforços, e somente poderemos recuperá-los com muita penitência. Destarte, enquanto estivermos em pecado mortal, não poderemos merecer coisa alguma para o céu. Que desperdício de bens sobrenaturais!

d) Além de tudo isso, precisamos acrescentar a *escravidão tirânica* que padecerá o pecador. Ao invés da “*liberdade dos filhos de Deus*” (Rm 8, 21) que gozava, torna-se escravo do pecado, das más paixões suscitadas pela perda da graça, dos hábitos perversos que rapidamente se formam após repetidas quedas – quedas tão difíceis de evitar! “*Quem comete o pecado, é escravo do pecado*” (Jo 8, 34). Pouco a pouco as forças morais vão ficando enfraquecidas, as graças atuais diminuem e, por fim, sobrevém o desalento e ocasionalmente o desespero. Essa pobre alma está perdida, a menos que Deus, por um excesso de sua misericórdia, venha acudi-la com sua graça e retirá-la do fundo do abismo.

721. 2º - Se, por infelicidade, o pecador resistir obstinadamente à graça até o fim, padecerá no inferno com todos os seus horrores.

A. Primeiramente a *pena de dano* merecida por justiça. Em nenhum momento a graça deixou de tentar resgatar o pecador. Porém, ele morreu voluntariamente em seu pecado, ou seja, voluntariamente separado de Deus

e, como suas disposições já não podem mais mudar, permanecerá para sempre separado Dele. Enquanto viveu na terra, absorvido em seus negócios ou prazeres, não dispôs de tempo para parar e refletir em sua terrível situação. Mas agora não há mais negócios nem prazeres e ele se depara constantemente com a pavorosa realidade. Pela essência de sua própria natureza, pelas aspirações de sua alma e de seu coração e com todo o seu ser, sente-se irresistivelmente atraído para Aquele que é seu primeiro princípio e último fim, a única fonte de sua perfeição e felicidade; atraído para aquele Pai amoroso, tão digno de amor, que o tinha adotado como filho; para aquele Redentor de sua alma, que tanto o amou a ponto de morrer por ele na cruz. Por outro lado, uma força insuperavelmente maior que as suas, a força de seus próprios pecados, inexoravelmente o repele de Deus. A morte o cravou, imobilizou-o nessas disposições. Tendo rejeitado a Deus no próprio momento da morte, estará eternamente separado dele. Não poderá jamais esperar felicidade ou perfeição. Permanecerá preso ao seu pecado e, pelo pecado, a tudo que é ignóbil e degradante: “*Apartai-vos de mim, malditos.*” (Mt 25, 41).

722. B) À essa pena de *dano*, a mais terrível de todas, junta-se a pena de *sentido*. O corpo, tendo sido cúmplice da alma, desta participará do suplício. O desespero eterno que atormenta a alma do réprobo, produz em seu corpo uma febre intensa, uma sede inextinguível que nada pode aplacar. Além disso, haverá também um *fogo real*, embora distinto do fogo material daqui da terra, que será o instrumento da justiça divina para castigar o corpo e os sentidos. Na realidade, é justo que cada qual seja castigado naquilo mesmo que pecou (“*para aprenderem que cada um é castigado através daquilo mesmo com que peca*” (Sb 11, 16)), e como o réprobo quis gozar desordenadamente das criaturas, nelas encontrará o instrumento do seu suplício. Esse fogo, ascendido e aplicado por uma mão inteligente, torturará as vítimas com intensidade proporcional àquela que gozaram dos prazeres perversos.

723. C) Essa dupla pena não terá fim e essa perpetuidade é que enche a medida da punição dos perdidos, pois, se pequenos sofrimentos, quando continuados, tornam-se insuportáveis, que dizer das penas dos condenados,

tão intensas já em si mesmas, que depois de milhões de séculos ainda estarão apenas no seu começo?

Contudo, Deus é justo e bom até mesmo nos castigos que se vê obrigado a impor aos condenados. Assim, para que seja castigado dessa maneira, é porque o pecado mortal é um mal abominável, o único e verdadeiro mal. Portanto, *antes morrer que manchar a alma com um só pecado mortal*. E para melhor evitá-lo, devemos detestar também o pecado venial.

I.II – O PECADO VENIAL DELIBERADO

Do ponto de vista da perfeição, há uma grande diferença entre as faltas veniais cometidas por *surpresa* e aquelas cometidas com *propósito deliberado*, com pleno consentimento da vontade.

724. Das faltas cometidas por surpresa. Até mesmo os santos cometem algumas vezes faltas por surpresa, deixando-se levar momentaneamente por irreflexão ou fraqueza de vontade, por descuido nos exercícios de piedade, por imprudências, por juízos ou palavras contrárias à caridade, por mentiras leves para desculpar-se, etc. Sem dúvida essas faltas são lamentáveis e as almas fervorosas realmente as deploram com sinceridade. Contudo, não são obstáculo para a perfeição. Deus que é tão bom e conhece as nossas fraquezas, facilmente as perdoa. Destarte, as almas fervorosas prontamente as reparam com atos de contrição, humildade e amor, que são mais duradouros e voluntários que os pecados de fragilidade que lhes deram origem.

Em relação a essas faltas, tudo o que nos cumpre fazer é reduzir o seu número e evitar o desalento. **a)** O primeiro consegue-se por meio da vigilância, procurando descobrir a causa e suprimi-la, mas sem angústia nem preocupação, confiando mais na graça divina que no esforço. Acima de tudo, é preciso esforçar-se para destruir qualquer apego ao pecado venial, pois, como diz São Francisco de Sales,^[440] “*se o coração apega-se a ele, rapidamente se perde a suavidade da devoção e até mesmo a devoção por completo.*”

725. b) Todavia, deve-se evitar com cuidado o *desalento*, o *enfado* daqueles que “*se zangam por terem se zangado, se decepcionam por terem se decepcionado*”.^[441] Esses movimentos procedem do nosso amor próprio, que se perturba e se impacienta quando se vê tão imperfeito. Para escapar desse defeito, devemos considerar as nossas faltas com benignidade, do mesmo modo como as consideramos nos outros. Devemos detestá-las, é verdade, mas com ódio tranquilo, claramente conscientes do quão fracos e miseráveis somos e, ao mesmo tempo, com vontade firme e serena de procurar fazer com que essas mesmas faltas redundem para a glória de Deus, cumprindo com mais amor e fidelidade os deveres atuais.

Porém, os pecados veniais **deliberados** são um obstáculo muito grande ao progresso espiritual e devemos lutar energicamente contra eles. Para mais nos convenceremos, consideraremos sua *malícia* e seus *efeitos*.

I.II.I – Malícia do Pecado Venial Deliberado

726. O pecado venial deliberado é um mal moral, em si, o maior de todos os males depois do pecado mortal. É verdade que ele não nos desvia de nosso último fim, mas retarda o progresso, fazendo-nos perder um tempo precioso. Sobretudo, trata-se de uma *ofensa contra Deus* e nisto consiste especialmente sua malícia.

727. É um *ato de desobediência a Deus* em matéria leve, desejado mesmo após reflexão. Aos olhos da fé é algo abominável, porque ofende a majestade infinita de Deus.

A. É uma *injúria*, um *insulto* a Deus, pois por um lado consideramos a vontade de Deus e sua glória e, por outro, cedemos ao nosso capricho, ao nosso prazer, à nossa glória, ou seja, ousamos preferir-nos a Deus. Que ultraje! Uma vontade tão infinitamente sábia e reta sacrificada pela nossa, tão sujeita ao erro e ao capricho! Diz Santa Teresa: “*É como se alguém dissesse: “Senhor, ainda que vos magoe, farei este ato. Bem convencida estou que o vedes e o não quereis, mas antes quero seguir meu capricho e apetite do que a vossa vontade. Não me parece que possa haver pouco nessa matéria, por leve que seja a culpa, senão muito, muitíssimo.*”^[442]

728. B. Como consequência resulta, por nossa culpa, uma *diminuição da glória externa de Deus*. Fomos criados para a sua glória, para uma perfeita e amorosa obediência à sua lei. Assim, quando recusamos obedecê-lo, ainda que seja em matéria leve, roubamos uma parte de sua glória. Em vez de dizer, como a Virgem Maria, que queremos glorificá-lo com todas as nossas obras, “*Minha alma glorifica ao Senhor*”, recusamo-nos a isso positivamente, neste ou naquele caso.

C. Por essa mesma razão é uma *ingratidão*. Cumulados por Deus, por sermos seus amigos, com inúmeros benefícios, e sabendo que ele exige de nós gratidão e amor, negamo-nos a sacrificar-nos por ele em coisas de pouca monta. Em vez de procurar agradá-lo em tudo, não nos importamos em dar-lhe desgosto. Obviamente que a consequência é o esfriamento da amizade. Ele nos ama sem medida e, como retorno, quer que o amemos com toda a nossa alma: “*Ama ao Senhor teu Deus com todo o teu coração, com toda a tua alma, e com todo o teu entendimento*” (Mt 22, 37). Contudo, não nos damos por inteiro; guardamos uma parte para nós e, ainda que queiramos conservar a amizade, usamos de mesquinhez, dando-lhe apenas um coração dividido. Sem dúvida isso é indelicadeza, falta de fervor e generosidade, que somente pode diminuir a nossa intimidade com Deus.

I.II.II – Efeitos do Pecado Venial Deliberado

729. 1º - Nesta vida. O pecado venial deliberado, frequentemente cometido, priva a alma de *muitas graças* e gradualmente *enfraquece o seu fervor, predispondo-a ao pecado mortal*.

A. O pecado venial não priva a alma da graça santificante nem do amor divino, mas priva-a da graça que receberia se houvesse resistido à tentação e, portanto, de um grau de glória que poderia receber por manter-se fiel, de um grau de amor que Deus queria conceder-lhe. Não é isso uma perda imensa, perda de um tesouro que vale mais que o mundo inteiro?

730. B. Também causa a *diminuição do fervor*, ou seja, da generosidade da entrega completa a Deus. Essa generosidade pressupõe um *ideal elevado* e um *esforço constante* para dele aproximar-nos. Porém, o habito do pecado venial não é compatível com essas duas disposições.

a) Nada *enfraquece tanto o nosso ideal* como o apego ao pecado. Ao invés de estarmos sempre prontos a servir a Deus em todas as coisas e a almejar o mais elevado, detemo-nos deliberadamente no meio do caminho para saborear algum gostinho proibido e com isso perdemos um tempo precioso. Deixamos de olhar para o alto para nos divertir colhendo algumas flores que logo murcharão. Começamos então a sentir o cansaço e as alturas da perfeição, a que Deus nos havia chamado, parecem-nos remotas e difíceis. Dizemos então para nós mesmos, que não é necessário almejar tão alto; que podemos obter a nossa salvação com um pouco menos de trabalho e, assim, perdemos o encanto pelo ideal antes concebido. Passamos a repetir para nós mesmos que essas pequenas complacências e gratificações sensuais, essas amizades sensíveis, essas maledicências e murmurações, são inevitáveis e que só nos resta conformar-nos com elas.

b) Com isso, o ideal *fervoroso* pelas alturas esmorece. Antes caminhávamos alegre e rapidamente, sustentados pela esperança de chegar ao fim. Agora começamos a sentir o peso do cansaço e do dia a dia e, quando pensamos retomar a subida, o apego ao pecado venial impede-nos de avançar. O pássaro preso por cordas ao chão em vão tenta voar; logo que bate as asas cai novamente ferido sobre o solo. Assim também a alma, presa por amarras que não quer renunciar, cai novamente, mais ou menos ferida pelo vão esforço da tentativa. As vezes parece recobrar o antigo fervor, mas infelizmente já está presa por outros laços e não tem a determinação necessária para cortá-los todos. Sobrevém então um esfriamento da caridade, que se torna alarmante.

731. C. Então o grande perigo é *deslizar pouco a pouco para o pecado mortal*. Nossas tendências para os prazeres proibidos ganham força, nossa vontade torna-se mais fraca e as graças de Deus diminuem; chegamos a um tal ponto que qualquer queda deve ser temida.

a) *Nossas tendências para os prazeres proibidos ganham força.* Quanto mais cedemos ao nosso inimigo, mais ele nos pede, porque é insaciável. Hoje, a preguiça faz-nos encurtar a nossa meditação em cinco minutos, amanhã, reclamará dez. Hoje, pedirá de nosso afeto sensível apenas algumas leves gratificações, amanhã, torna-se mais forte e exige mais. Em que ponto pararemos nessa descida perigosa? Tranquilizamo-nos dizendo que são apenas faltas veniais. Todavia, ai de nós! Pouco a pouco

essas faltas vão nos aproximando do pecado mortal. As imprudências se repetem e perturbam mais profundamente a imaginação e os sentidos. É como o fogo encoberto por debaixo das cinzas, que pode provocar um incêndio de um momento para o outro; é a serpente que acalentamos em nosso ventre, preparando-se para morder e envenenar sua vítima. – O perigo é tão mais iminente quanto menos o tememos e mais nos expomos à sua força. Vamos criando familiaridade com ele, deixando cair um a um os muros que defendiam a fortaleza do nosso coração, até que chega a hora em que, de assalto, o inimigo ganha entrada em nossa alma.

732. b) E isso é ainda mais temível, porque em regra as graças de Deus diminuem na proporção de nossas infidelidades.

1. É norma da Divina Providência que as graças são dadas em proporção com a nossa cooperação. Este é, em suma, o sentido das palavras do Evangelho: *“Ao que tem, se lhe dará e terá em abundância, mas ao que não tem será tirado até mesmo o que tem”* (Mt 13, 12). Ora, pelo apego ao pecado venial, indiretamente resistimos à graça, pois colocamos obstáculos à sua ação em nossa alma. Assim, recebemo-la em menor abundância. Então, como pensar que resistiremos com menos graças e forças, se com graças mais abundantes não fomos capazes de resistir às más inclinações da natureza?

2. Destarte, quando a alma que tem falta de recolhimento e de generosidade, dificilmente percebe os impulsos interiores da graça que a levam ao bem, pois rapidamente são abafados pela agitação das paixões que se levantam.

3. Por fim, a graça não nos santifica senão à custa de sacrifícios e estes são muito difíceis para aqueles que, por apego, adquiriram o hábito de gozar dos prazeres dos pecados veniais.

733. Podemos, então, concluir com o Pe. Lallemand:^[443] *“A ruína das almas decorre da multiplicação dos pecados veniais, que são causa da diminuição das luzes e das inspirações divinas, das graças e das consolações interiores, do fervor e do ânimo para vencer as insídias do inimigo. A consequência disso é a cegueira espiritual, a fraqueza, as quedas frequentes, o hábito de pecar, a insensibilidade, porque tão logo o*

apego a essas faltas concretiza-se, passamos a pecar sem o sentimento de que estamos pecando.”

734. 2º - Os efeitos do pecado venial na **outra vida**^[444]* mostram-nos o quanto devemos temê-lo. Para expiar os pecados veniais muitas almas permanecem um longo tempo no purgatório. Mas o que sofrem as almas nesse lugar de expiação?

A. Suportam o maior de todos os sofrimentos: a *privação de Deus*. Essa tortura, é verdade, não dura para sempre e isso a distingue das penas do inferno. Mas, por um tempo mais ou menos longo, proporcional à gravidade e ao número de suas faltas, essas almas, que amam a Deus e que agora estão privadas dos prazeres e distrações do mundo, que pensam em Deus constantemente e desejam ardentemente contemplar sua face, veem-se privadas de sua visão e de sua posse e, por isso, sofrem uma angústia indescritível. Entendem agora, com toda clareza, que não existe felicidade fora de Deus. Todavia, diante delas ergue-se, como uma barreira intransponível, uma multidão de faltas veniais que não foram expiadas suficientemente. Estão agora tão persuadidas da necessidade da purificação exigida para se contemplar a face Deus, que teriam vergonha de comparecer diante dele sem essa pureza e jamais desejariam entrar no céu enquanto existirem resquícios de pecado venial.^[445]* Portanto, vivem em um estado de *tortura*, que reconhecem ser muito merecido, mas nem por isso deixa de atormentá-las.

735. B) Além disso, conforme Santo Tomás, um fogo sutil penetra-as, obstruindo-lhes a atividade, o que faz com que padeçam tormentos físicos para expiarem os prazeres culpáveis que consentiram. Certamente aceitam de todo coração esses sofrimentos, porque entendem-nos como necessários para poderem unir-se a Deus.

Diz Santa Catarina de Gênova:^[446] “*Vendo que o purgatório é designado para purificá-las de suas manchas, precipitam-se nele, e consideram grande a misericórdia do Senhor em conceder-lhes um lugar para que possam libertar-se dos impedimentos que enxergam em si mesmas.*” Mas essa aceitação não impede que elas sofram muito: “*Esse contentamento das almas que estão no purgatório não alivia em nada os seus sofrimentos; longe disso, o amor que tarda causa-lhes sofrimento. E*

causa-lhes um sofrimento tanto maior, quanto maior é a perfeição de amor de que Deus as faz capazes.”

Ainda assim, Deus não é somente justo, mas misericordioso. Ama as almas com amor sincero, terno e paternal; deseja ardentemente dar-se-lhes por toda a eternidade. Só não age assim porque há uma absoluta incompatibilidade entre a sua santidade infinita e a menor mácula, o menor dos pecados veniais. Jamais será suficiente a repulsa ao pecado venial e tampouco haverá excesso no cuidado de evitá-lo e repará-lo por meio da penitência.

Art. II – MOTIVOS E MEIOS PARA EXPIAR O PECADO

II.I – MOTIVOS DE PENITÊNCIA

Três razões principais obrigam-nos a fazer penitência por nossos pecados: um dever de *justiça* para com Deus; um dever que decorre da nossa *incorporação* em Jesus Cristo; um dever de *interesse pessoal* e de *caridade*.

II.I.I – Dever de Justiça para com Deus

736. O pecado é verdadeiramente uma *injustiça*, porque rouba de Deus uma parte da glória extrínseca a que tem direito. Assim, por justiça exige uma *reparação*, que consiste em render a Deus, na medida de nossas possibilidades, a honra e a glória de que o privamos por nossa culpa. Porém, como a ofensa, objetivamente considerada, é infinita, jamais poderá ser reparada por completo. Por isso, a obrigação de expiar (purgar) os pecados abrange toda a extensão de nossa vida e é tanto maior quanto maiores tenham sido os benefícios que o Senhor nos concedeu e quanto mais graves e numerosas tenham sido as nossas faltas.

Isso é o que explica Bossuet.^[447] “*Não temos, por acaso, boa razão para temer que a bondade de Deus, tão vergonhosamente desprezada, transforme-se em uma ira implacável? Se a sua justiça é tão grande contra os gentios, a ira não deverá ser ainda mais temível contra nós, posto que um pai sente muito mais a infidelidade dos filhos perversos do que dos maus servos?*” Acrescenta ainda que devemos tomar o partido de Deus contra nós mesmos: “*Colocando-nos ao lado da justiça divina e contra nós mesmos, fazemos com que a divina misericórdia esteja do nosso lado e contra a sua justiça. Quanto mais deplorarmos a miséria em que caímos, mais nos aproximaremos do bem que perdemos. Deus, em sua bondade, aceitará o sacrifício do coração contrito que lhe oferecemos como satisfação dos nossos pecados e, sem considerar a reparação inadequada,*

muito inferior à devida pelas culpas, que lhe oferecemos, esse bom Pai olhará somente para a boa vontade com que a fazemos.” Por outro lado, será maior a eficácia da penitência se a unirmos com a de Jesus Cristo.

II.I.II – Dever Decorrente da Nossa Incorporação a Jesus Cristo

737. Pelo batismo fomos incorporados a Cristo (nº 143) e, como participamos de sua própria vida, devemos procurar imitá-lo. Jesus, ainda que não pudesse pecar, tomou sobre si, como cabeça do corpo místico, o peso e, por assim dizer, a responsabilidade de nossos pecados (*o Senhor fazia recair sobre ele o castigo das faltas de todos nós* (Is 53, 6)). Por isso Ele viveu uma vida de penitência desde o primeiro instante da sua concepção até o Calvário. Sabendo que o seu Pai não seria aplacado com os holocaustos da Antiga Lei, ofereceu-se a si mesmo como *hóstia*, para substituir todas as vítimas. Todas as suas obras foram imoladas pela espada da obediência e, depois de uma vinda inteira de contínuo martírio, morreu na cruz, vítima da obediência e do amor: *“humilhou-se ainda mais, tornando-se obediente até a morte, e morte de cruz”* (Fl 2, 8). Porém, ele quer que seus membros, para serem purificados de seus pecados, unam-se ao seu sacrifício e sejam, como Ele, vítimas de expiação: *“Para ser o Salvador do gênero humano, quis ser a vítima. Mas a unidade do corpo místico faz com que, uma vez imolada a cabeça, todos os membros, do mesmo modo, devam se tornar hóstias vivas.”*^[448] Claramente se vê que se Jesus, sendo inocente, pagou por nossos pecados com tão dura penitência, nós, que fomos os culpados, devemos nos associar a esse sacrifício com generosidade tão maior quanto maiores tenham sido os nossos pecados.

738. Para facilitar o cumprimento desse dever, Jesus penitente vem viver em nós por meio do Espírito Santo, com todas as disposições de vítima.

Assim, ao ler os Salmos, diz o Pe. Olier:^[449] *“devemos honrar em Davi o seu espírito de penitência e reverenciar, com silente devoção, as disposições interiores do Espírito de Jesus, fonte de penitência, derramadas no santo profeta. Com humildade de coração, determinação, fervor e perseverança, devemos pedir que o Espírito Santo nos conceda esse espírito de penitência, com a humilde confiança de que seremos atendidos.”*

É verdade que nem sempre sentiremos a ação do Espírito Santo, porque muitas vezes ele não atua de modo sensível, mas se pedirmos com humildade, seremos atendidos. Ele agirá em nós para conformar-nos a Jesus penitente, fazendo-nos detestar e expiar, com Ele, os nossos pecados. Desse modo, a nossa penitência terá muito maior eficácia, porque participará da virtude do próprio Salvador; já não seremos os únicos a reparar os pecados, pois Jesus os expiará em nós e conosco. Diz o Pe. Olier: *“Toda penitência exterior que não proceda do Espírito de Jesus Cristo, não é real e verdadeira. Podemos infligir-nos as mais ásperas penitências, mas se elas não procedem de Nosso Senhor penitente em nós, nunca serão penitências cristãs. Somente por Cristo podemos fazer penitência. Ele começou fazendo-a pessoalmente aqui neste mundo e continua-a em nós ...infundindo em nossa alma sentimentos interiores de aniquilamento, confusão, dor, contrição, repulsa a nós mesmos, e de ânimo para cumprir, em nós, a pena e a medida de satisfação que Deus Pai quer receber de Jesus Cristo através de nosso corpo.”* Assim, pois, essa união com Jesus penitente não nos dispensa do espírito e das obras de penitência; pelo contrário, imprime-lhes um valor muito maior.

II.I.III – Dever de Caridade

A penitência é um dever de *caridade* para conosco e também para com o próximo.

739. A) Em relação a nós mesmos. O pecado deixa na alma funestas consequências, contra as quais é necessário reagir.

a) Mesmo depois de perdoada a *culpa* do pecado, geralmente devemos suportar uma *pena*, que varia de acordo com o número e a gravidade de nossos pecados e, também, conforme o fervor da nossa contrição no momento do retorno a Deus. Essa pena deve ser expiada neste mundo ou no próximo. Porém, é muito melhor satisfazê-la nesta vida. Quanto antes e mais perfeitamente o fizemos, mais apta torna-se a nossa alma para a união com Deus. Além disso, é muito mais fácil pagá-la aqui na terra, porque a vida presente é o tempo da misericórdia. Ademais, neste mundo a expiação é mais fecunda, porque os atos de satisfação são também atos meritórios,

fontes de graça e de maior glória (nº 209). Assim, é desejar o bem a nossa alma fazer penitência pronta e generosamente.

b) Destarte, o pecado deixa em nossa alma uma lamentável facilidade para cometer novas faltas, precisamente porque faz crescer em nós o amor desordenado pelo prazer. Não há coisa melhor para corrigir essa desordem que a virtude da penitência. Ao suportar com fortaleza as penas que a Providência nos envia e inflamar o desejo de privações e austeridades compatíveis com nossa saúde, gradualmente enfraquecemos em nós o amor do prazer e, ao mesmo tempo, aumentamos o temor do pecado, que exige essas reparações. A virtude da penitência, levando-nos ao exercício de atos de virtude contrários aos nossos maus hábitos, ajuda-nos a corrigi-los, dando-nos maior segurança para o futuro.^[450] Fazer penitência, portanto, é um ato de caridade para consigo mesmo.

740. B) Penitência também é um ato de caridade para com o **próximo**.

a) Em razão da nossa incorporação em Cristo, todos somos irmãos e solidários uns dos outros (nº 148). Posto que nossas obras de expiação podem contribuir com o bem dos outros, não nos moverá a caridade a fazer penitência, não somente por nós, mas também por nossos irmãos? **Não é este o melhor meio para alcançar-lhes a conversão, ou a perseverança, se já forem convertidos?** Não é também o melhor serviço que lhes podemos prestar, de proveito muito maior que todos os bens temporais que pudermos oferecer? Assim, expiar os pecados de nossos irmãos é agir conforme a vontade de Deus, que, tendo-nos adotado como filhos, manda-nos que amemos o próximo como a nós mesmos.

741. Esse dever de reparação incumbe especialmente aos *sacerdotes*. Para eles, é um dever de estado oferecer sacrifícios não somente por eles, mas também pelas almas que lhes foram confiadas, “*primeiro pelos pecados próprios, depois pelos do povo*” (Hb 7, 27). Mas há, além dos sacerdotes, *almas generosas*, tanto no claustro como no mundo, que se sentem movidas a oferecer-se como *vítimas* para expiar os pecados dos outros. Esse é um chamado muito elevado que as associa à obra redentora de Cristo, ao qual devem corresponder generosamente, tomando o cuidado de consultar um sábio diretor espiritual para determinar as obras de reparação a que se devem entregar.^[451]

742. Digamos, para terminar, que o *espírito de penitência* não é uma obrigação imposta somente aos principiantes e por um tempo limitado. A partir do momento que compreendemos o que é o pecado e a ofensa infinita que ele produz diante da Majestade divina, temos por obrigação fazer penitência *durante toda a nossa vida*, posto que a vida inteira é muito breve para reparar tão grande ofensa. Portanto, é necessário nunca deixar de fazer penitência.

Esse ponto é tão importante que o Pe. Faber, depois de refletir por muito tempo sobre qual seria a causa que faz com que muitas almas progridam tão pouco na santidade, chegou à conclusão de que era em razão da “*ausência de uma dor constante, alimentada pela lembrança do pecado.*”^[452]* Isso é confirmado pelo exemplo dos santos que nunca cessaram de fazer penitência pelos pecados cometidos no passado, mesmo que muito leves. Do mesmo modo, esse pensar é confirmado pela maneira como o Senhor interage com as almas que deseja elevar à contemplação. Depois de haver trabalhado muitos anos em sua purificação por meio de exercícios ativos de penitência, envia-lhes *provações passivas* que descreveremos ao tratar da via unitiva. Somente os corações puros ou purificados podem alcançar as doçuras da união com Deus: “*Bem-aventurados os puros de coração, porque verão a Deus*” (Mt 5, 8).

II.II – A PRÁTICA DA PENITÊNCIA

Para praticar a penitência de um modo mais perfeito, é preciso unir-se a Jesus penitente, rogando-lhe que viva em nós com disposição de vítima (nº 738) e, depois, associar-se aos Seus *afetos* e *obras* de penitência.

743. Esses afetos encontram-se claramente expressos nos Salmos, especialmente no *Miserere*.

a) O primeiro que encontramos neles é a lembrança habitual e dolorosa de nossos próprios pecados: “*Porque eu reconheço a minha culpa, e o meu pecado está sempre à minha frente*” (Sl 50, 5). Sem dúvida, não convém recordá-los detalhadamente, pois isso poderia perturbar a imaginação e ser a fonte de novas tentações. Todavia, devemos recordá-los

em conjunto e, especialmente, fomentar com essa lembrança, sentimentos de *contrição* e de *humildade*.

Ofendemos a Deus em sua presença: “*pequei contra ti, somente contra ti*” (Sl 50, 6), a Deus que é a santidade por essência e que odeia a iniquidade, a Deus que é amor, que ultrajamos com a profanação de seus dons. Não nos resta outro recurso senão recorrer à sua misericórdia, pedindo-lhe perdão, e devemos fazer isso continuamente: “*Tende piedade de mim, Senhor, segundo a vossa bondade. E conforme a imensidade de vossa misericórdia, apagai a minha iniquidade.*” (Sl 50, 3). De fato, temos a confiança de que fomos perdoados; todavia, desejando uma pureza mais perfeita, humildemente pedimos a Deus que cada vez mais nos purifique com o sangue de seu Filho: “*Lavai-me totalmente de minha falta, e purificai-me de meu pecado*” (Sl 50, 4). Para unir-nos mais estreitamente a Ele, queremos que nossos pecados sejam aniquilados, até mesmo em seus vestígios, e desejamos que nosso espírito e nosso coração sejam renovados, e que nos seja restituída a alegria de uma boa consciência (Sl 50, 10 – 14).

744. b) Essa recordação dolorosa é acompanhada de *contínua confusão*: “*a confusão cobre o meu rosto*” (Sl 68, 8). Esta confusão que padecemos diante de Deus é semelhante à de Jesus Cristo que tomou sobre si, e diante do Pai, a vergonha de todos os nossos pecados, especialmente no momento da agonia, no horto das oliveiras e no calvário. Trazemos também essa vergonha diante dos homens ao ver-nos carregados de crimes em meio à assembleia dos santos. Mesmo dentro de nossos corações, carregamos o opróbrio e, incapazes de suportar a reprovação, de sofrer a desgraça, proferimos sinceramente as palavras do filho pródigo: “*Pai, pequei contra o céu e contra ti*” (Lc 15, 18), e como o publicano: *Ó Deus, tem piedade de mim, que sou pecador!* (Lc 18, 13).

745. c) De tudo isso nasce um *temor salutar* do pecado, um profundo horror a todas as ocasiões que a ele nos podem levar. Mas, de fato, apesar de toda boa-vontade, estamos sempre expostos a tentações e recaídas.

Adquirimos uma grande desconfiança de nós mesmos e, do fundo de nosso coração, repetimos a oração de São Felipe Neri: “*Oh! Senhor, desconfiai de Felipe, porque, do contrário, ele o atraindo*”; e depois acrescentamos: “*não nos deixeis cair em tentação.*” Essa desconfiança

torna-nos *prevenidos* contra as ocasiões que nos podem fazer cair, atentos aos meios positivos que podem assegurar-nos a perseverança e também vigilantes em evitar as menores imprudências. Também muito previne o *desalento*: quanto mais profundamente sentimos nossa incapacidade, mais colocamos nossa confiança em Deus, convencidos de que através do poder de Sua graça seremos vencedores, sobretudo se a isso juntarmos as *obras* de penitência.

II.III – AS OBRAS DE PENITÊNCIA

746. Essas obras, por penosas que sejam, tornam-se fáceis quando trazemos continuamente conosco este pensamento: estou *escapando do inferno*, estou *escapando do purgatório* e, se não fosse a misericórdia de Deus, eu estaria lá agora, suportando uma bem-merecida punição pelos meus pecados. Portanto, todas as humilhações e tormentos são ainda muito pouco. As principais obras de penitência que devemos fazer são:

747. 1º - Aceitar, no princípio com *resignação*, depois de *coração* e, por fim, com *júbilo*, todas as cruzes que a divina providência houver por bem enviar-nos. O concílio de Trento nos ensina que é uma grande prova do amor de Deus por nós dignar-se aceitar, como satisfação de nossos pecados, a paciência com que suportamos os males temporais que nos inflige.^{[453]NT} Assim, pois, quando tivermos que suportar provações físicas ou morais, como por exemplo, intempéries do clima, enfermidades, reveses de fortuna, fracassos e humilhações, em vez de nos queixarmos amargamente, conforme inclina-nos a natureza, devemos recebê-las com dócil resignação, persuadidos de que são merecidas em razão de nossos pecados, e de que a paciência nas adversidades é um dos melhores meios de expiação. Essa aceitação, no princípio é mera resignação. Depois, à medida que constatamos como essas provações mitigam os nossos sofrimentos e os tornam fecundos, são suportadas com ânimo e até alegremente. Ficamos felizes por poder abreviar com isso o nosso purgatório, tornar-nos semelhantes ao Divino Crucificado e dar glória a Deus, que havíamos ofendido. Então a paciência dará seus frutos e purificará por inteiro a nossa alma, precisamente porque transformou-se em obra de amor: “*Por isso te*

digo: seus numerosos pecados lhe foram perdoados, porque ela tem demonstrado muito amor” (Lc 7, 47).

748. 2º - Juntamente com a paciência deve caminhar, em espírito de penitência e de reparação, o fiel cumprimento de todos os *deveres de estado*. A obediência é mais agradável ao Senhor que o sacrifício: “*A obediência é melhor que o sacrifício*” (I Sm 15, 22). Os deveres de estado são uma manifestação expressa da vontade de Deus a nosso respeito. Assim, cumpri-los, com a maior perfeição possível, é oferecer a Deus o mais perfeito sacrifício, um holocausto perpétuo, pois essas obrigações nos ocupam e estendem-se desde a manhã até a noite. Isso é ainda mais verdadeiro para aqueles que vivem em comunidade, porque, ao obedecer fielmente a sua regra, geral ou particular, e cumprir com ânimo as ordens e orientações dos superiores, realizam contínuos atos de obediência, de sacrifício e de amor, e podem repetir, como São João Berchmans: “*Minha maior penitência é a vida em comum.*” Mas isso também é verdadeiro para os cristãos leigos que buscam viver cristãmente. Quantas ocasiões não se apresentam aos pais e mães de família, que cumprem com os seus deveres de esposos ou esposas e de educadores, para oferecer a Deus muitos e duros sacrifícios que servem para purificar cada vez mais as suas almas? Tudo se resume em cumprir esses deveres cristãmente, com boa vontade, por amor a Deus e com espírito de reparação e penitência.

749. 3º - Há, ademais, outras obras de penitência especialmente recomendadas pela Sagrada Escritura, como o *jejum* e a *esmola*.

A. O jejum era, na Antiga Lei, um dos grandes meios de expiação; significava “*afligir a própria alma*” (Lv 16, 29 e 31). Todavia, para alcançar o seu objetivo, o jejum deve ser acompanhado de sentimentos de compunção e misericórdia (Is 58, 3 – 7). Na Nova Lei, o jejum é uma prática de pesar e de penitência. Por isso é que os Apóstolos não jejuavam enquanto o Esposo estava com eles, mas passaram a jejuar quando este lhes foi tirado (Mt 9, 14 – 15). Nosso Senhor, desejando expiar nossos pecados, jejuou quarenta dias e quarenta noites, e ensinou aos seus Apóstolos que certos espíritos malignos não podem ser expulsos exceto através da oração e do jejum (Mt 17, 20). Fiel a esses ensinamentos, a Igreja instituiu o jejum da quaresma, das Vigílias e das Têmporas,^{[454]NT} para que os fiéis possam

expiar os seus pecados. Muitos desses pecados procedem, direta ou indiretamente, da afeição aos prazeres sensíveis, do excesso no comer e no beber, e não há maneira melhor de reparação do que privar-se do alimento, que ataca a raiz do mal, porque mortifica o amor dos prazeres da carne. Por essa razão é que os santos praticam tão frequentemente o jejum, mesmo fora dos tempos assinalados pela Igreja. Os cristãos fervorosos os imitam, ou, pelo menos, guardam em parte o jejum propriamente dito, privando-se de algum alimento em cada uma das refeições, para mortificar a sensualidade. ^[455]NT

750. B. A *esmola* é uma obra de caridade e uma privação. Por essas duas razões têm grande eficácia para expiar os nossos pecados: “*Agora lhe dou um conselho: pague seus pecados com obras de justiça e seus crimes socorrendo aos pobres*” (Dn 4, 24). Quando nos privamos de algum bem para dá-lo a Jesus na pessoa do pobre, Deus não fica para trás em generosidade e, com satisfação, redime parte das penas que merecemos por nossos pecados. Quanto mais generosos formos, cada qual segundo as suas posses, e quanto mais perfeita for a intenção com que dermos esmola, mais perfeitamente serão perdoadas as nossas dívidas espirituais. O que dissemos sobre a esmola material, com maior razão aplica-se à *esmola espiritual*, que tem por finalidade fazer bem às almas e, por conseguinte, glorificar a Deus. Essa é uma das obras de penitência que o Salmista promete realizar em reparação pelos seus pecados: “*Vou ensinar teus caminhos aos culpados, e os pecadores voltarão para ti*” (Sl 50, 15).

4. ° - Por fim, há ainda as *privações e mortificações voluntárias* que nos impomos para expiar os nossos pecados, principalmente aqueles atos que atacam a raiz do mal, castigando e disciplinando as faculdades que contribuíram para a queda. Trataremos disso no capítulo seguinte, sobre a mortificação.

CAPÍTULO III – A MORTIFICAÇÃO^[456]

751. Assim como a penitência, a mortificação ajuda na expiação das *faltas passadas*. Porém, sua finalidade primordial é precaver-nos contra as *do presente e do futuro*, diminuindo o amor do prazer, fonte de nossos pecados. Assim, explicaremos a *natureza*, a *necessidade* e a *prática* da mortificação.



Art. I – NATUREZA DA MORTIFICAÇÃO

Explicaremos os nomes *bíblicos* e *modernos* atribuídos à mortificação e, a seguir, daremos a sua definição.

I.I – DIVERSOS NOMES ATRIBUÍDOS À MORTIFICAÇÃO

I.I.I – Termos Usados nas Escrituras para Designar a Mortificação

752. Na Livros Sagrados encontramos sete expressões diferentes para designar a mortificação em seus diferentes aspectos.

1. A palavra *renúncia*: “*Do mesmo modo, portanto, qualquer de vocês, se não renunciar a tudo o que tem, não pode ser meu discípulo*” (Lc 14, 33). Aqui a mortificação é apresentada como um ato de desprendimento dos bens exteriores para seguir a Cristo. Isso é o que fizeram os apóstolos: “*deixaram tudo, e seguiram a Jesus*” (Lc 5, 11).

2. Designa-se também por *abnegação* ou *autorrenúncia*: “*Se alguém quer vir após mim, renegue-se a si mesmo, tome cada dia a sua cruz e siga-me*” (Lc 9, 23).

3. Mas a mortificação tem um aspecto positivo. É um ato que fere e atrofia as más inclinações da natureza: “*Mortificai, pois, os vossos membros no que têm de terreno*” (Cl 3, 5) ... e “*se pelo Espírito mortificardes as obras da carne, vivereis*” (Rm 8, 13).

4. Também é uma *crucificação* da carne e de suas concupiscências, através da qual cravamos, por assim dizer, nossas faculdades à lei evangélica, aplicando-as à oração e ao trabalho: “*Pois os que são de Jesus Cristo crucificaram a carne, com as paixões e concupiscências*” (Gl 5, 24).

5. Essa crucificação, se perseverante, produz uma espécie de morte e *sepultamento*, pela qual parece-nos que morremos por inteiro a nós mesmos e somos sepultados com Jesus Cristo para viver uma vida nova: “*Porque estais mortos e a vossa vida está escondida com Cristo em Deus.*” (Cl 3, 3) e “*fomos, pois, sepultados com ele na sua morte pelo batismo*” (Rm 6, 4).

6. Para expressar o significado dessa morte espiritual, São Paulo faz uso de outros termos. Como, depois do batismo, há em nós dois homens: o homem velho, que subsiste com a tríplice concupiscência, e o homem novo, ou seja, regenerado, São Paulo afirma que: “*Vós vos despistes do homem velho com seus vícios, e vos revestistes do novo*” (Cl 3, 9 – 10).

7. E, posto que isso não pode ocorrer sem esforço, diz que essa vida é uma luta: “*Combati o bom combate*” (II Tm 4, 7), e que os cristãos são pelejadores ou atletas que *castigam* o próprio corpo e o reduzem à servidão.

De todas essas expressões e de outras análogas, podemos concluir que a mortificação compreende duas coisas: um elemento *negativo*, o desprendimento, a renúncia, o despojar-se de si mesmo; e outro *positivo*, a luta contra as más inclinações, o esforço para mortificá-las ou atrofiá-las, a morte, a crucificação da carne, do homem velho com suas concupiscências, para viver a vida de Cristo.

I.I.II – Expressões Modernas para Designar a Mortificação

753. Nos dias de hoje utilizam-se preferencialmente expressões mitigadas, que enfatizam mais a *finalidade* que se quer atingir do que o esforço que se deve fazer. Assim, fala-se de *reformatar-se, governar-se a si mesmo, educar a vontade, orientar a alma para Deus*. Estas expressões estão corretas desde que se demonstre: que é impossível reformatar-se e governar-se a si mesmo sem combater e mortificar as más inclinações que existem em nós; que a educação da vontade não é possível sem mortificar e disciplinar os apetites inferiores; que não é possível orientar-se para Deus sem desapegar-se das criaturas e despojar-se dos próprios vícios. Em outras palavras, é preciso unir, como faz a Escritura, os dois aspectos da mortificação, mostrando o resultado para o nosso consolo, mas sem dissimular o esforço que se deve fazer para atingi-lo.

I.II – DEFINIÇÃO DE MORTIFICAÇÃO

754. Pode-se definir a mortificação como sendo *a luta contra as más inclinações para submetê-las à vontade, e esta a Deus*. Não é somente uma

virtude, mas um conjunto de virtudes, o primeiro degrau de todas as virtudes, que consiste em vencer os obstáculos para restabelecer o equilíbrio das faculdades e sua ordem hierárquica. Percebe-se claramente que a mortificação não é um fim, mas um meio: mortificamo-nos para viver uma vida mais elevada; desapegamo-nos dos bens materiais para melhor possuir os espirituais; renunciemos a nós mesmos para possuir a Deus; lutamos somente para gozar da paz; morremos para nós mesmos somente para viver a vida de Cristo, a vida de Deus. Assim, a união com Deus é a finalidade da mortificação, o que nos permite deduzir a sua necessidade.

Art. II – NECESSIDADE DA MORTIFICAÇÃO

Essa necessidade pode ser considerada em dois aspectos: o da *salvação* e o da *perfeição*.

II.I – NECESSIDADE PARA A SALVAÇÃO

Há mortificações que são *necessárias para a salvação*, posto que, se não as fizermos, expomo-nos a cair em pecado mortal.

755. 1º - Nosso Senhor fala disso muito claramente quando se refere às faltas contra a castidade: *“todo aquele que olha para uma mulher e deseja possuí-la, já cometeu adultério com ela no coração”* (Mt 5, 28). Assim, os olhares que procedem dos maus desejos são gravemente pecaminosos, e é necessário mortificá-los sob pena de pecado mortal. Destarte, Nosso Senhor ainda acrescentou estas enérgicas palavras: *“Se o olho direito leva você a pecar, arranque-o e jogue-o fora! É melhor perder um membro, do que o seu corpo todo ser jogado no inferno.”* (Mt 5, 29). Isso não significa que devemos arrancar os olhos; a questão é não os fixar em coisas que podem ser matéria de escândalo. São Paulo nos dá a razão de tão graves prescrições: *“De fato, se viverdes segundo a carne, haveis de morrer; mas, se pelo Espírito mortificardes as obras da carne, vivereis”* (Rm 8, 13).

Já dissemos (n^{os} 193 a 227) que a tríplice concupiscência que permanece em nós, estimulada pelo mundo e pelo demônio, muitas vezes nos arrasta para o mal, colocando em perigo a nossa salvação se não tivermos o cuidado de mortificá-la. Portanto, existe a absoluta necessidade de reprimir sem cessar as nossas más inclinações, de evitar as *ocasiões próximas* de pecado, ou seja, aquelas coisas e pessoas que sabemos, por experiência própria, que se constituem para nós um perigo real e provável de pecado, e de renunciar, pela mesma razão, aos prazeres que a natureza nos seduz.^[457] Assim, há mortificações necessárias, sem as quais cairemos em pecado mortal.

756. 2º - Outras mortificações são prescritas *pela Igreja* com o objetivo de determinar a obrigação geral de mortificar-se, da qual tantas vezes fala o Evangelho: tal é *abstinência* de carne nas sextas-feiras, o *jejum* da quaresma, das quatro Têmporas e das vigílias.^{[458]INT} Essas normas obrigam, sob pena de pecado grave, aos que não tem motivo legítimo para escusar-se. Devemos ainda fazer aqui uma importante advertência: há quem esteja dispensado dessas leis por causas justas, mas nem por isso está dispensado da norma geral da mortificação e, por isso, deve praticá-la de outra maneira. Se falhar nisso, não tardará experimentar a rebelião da carne.

757. 3º - Além das mortificações prescritas pelas leis divinas e eclesiásticas, há outras que, conforme o aconselhamento do diretor espiritual, cada um deve impor-se a si mesmo em certas circunstâncias particulares, mormente quando as tentações se tornam mais graves. Pode-se escolher entre aquelas que indicaremos adiante (nº 767 e ss.).

II.II – NECESSIDADE PARA A PERFEIÇÃO

758. Essa necessidade decorre daquilo que dissemos sobre a natureza da perfeição, que consiste no amor de Deus levado até o *sacrifício* e a *imolação* de si mesmo (nº 321 a 327), de tal modo que, conforme a Imitação de Cristo, a medida de nosso progresso espiritual depende da medida da violência que fazemos a nós mesmos: “os que fazem mais progresso na virtude são os que se esforçam, mais varonilmente, em combater tudo o que é mais contrário às suas inclinações.”^[459] Assim, bastará recordar brevemente alguns dos motivos que podem influir nossa vontade, movendo-a a cumprir esse dever. Tais motivos extraem-se da parte de *Deus*, de *Jesus Cristo* e de nossa *própria santificação*.^{[460]*}

II.II.I – Da Parte de Deus

759. Já afirmamos que a finalidade da mortificação é unir-nos a Deus. Todavia, isso nunca será possível sem antes nos desapegar do *amor*

desordenado das criaturas.

Disse com razão São João da Cruz: “O afeto e o apego da alma à criatura a torna semelhante a esta mesma criatura. Quanto maior a afeição, maior a identidade e semelhança, porque é próprio do amor fazer o que ama semelhante ao amado. ... Assim, o que ama a criatura desce ao mesmo nível que ela, e desce de algum modo, ainda mais baixo, porque o amor não somente iguala, mas ainda submete o amante ao objeto do seu amor. Deste modo, quando a alma ama alguma coisa fora de Deus, torna-se incapaz de se transformar nele e de se unir a ele. A baixeza da criatura é infinitamente mais afastada da soberania do criador do que as trevas o são da luz.”^[461] A alma que não se mortifica em pouco tempo apega-se desordenadamente às criaturas. O homem, depois do pecado original, sente-se atraído, cativado pelos encantos das criaturas; em vez de vê-las como meio para elevar-se ao Criador, compraz-se nelas, considerando-as um fim. Para romper esse encanto e libertar-se dos laços é absolutamente necessário *desapegar-se* de tudo o que não é Deus, ou, pelo menos, de tudo aquilo que não possa ser considerado um meio de chegar a Deus. Por isso o Pe. Olier,^[462] comparando a condição dos cristãos com a de Adão inocente, disse haver grande diferença: “Adão buscava a Deus, servia-o e adorava-o nas criaturas. Os cristãos, de modo diverso, precisam buscá-lo pela fé, servi-lo e adorá-lo escondido em si mesmo e na sua santidade, apartado de todas as criaturas.” Para isso recebemos a graça do batismo.

760. B) No dia de nosso batismo realizou-se entre Deus e nós um verdadeiro contrato.

a) Deus, por sua parte, purificou-nos da culpa original, adotou-nos como filhos, concedeu-nos uma participação de sua vida e comprometeu-se a conferir-nos todas as graças necessárias para conservá-la e desenvolvê-la. Sabemos com quanta liberalidade Ele cumpriu essas promessas.

b) Por seu turno, nós nos comprometemos a viver como verdadeiros filhos de Deus, esforçando-nos para aproximar-nos da perfeição do Pai celestial, alimentando essa vida sobrenatural que nos concedeu. Tudo isso, porém, não é possível sem a prática da mortificação. Porque, por um lado, o Espírito Santo que nos foi dado no batismo, “*inspira-nos a buscar o desprezo, a pobreza, os sofrimentos, mas, por outro lado, nossa carne deseja a honra, o prazer e as riquezas*”.^[463] Portanto, há em nós um conflito,

uma luta incessante; não conseguimos manter a fidelidade a Deus sem renunciar ao amor desordenado da honra, do prazer e das riquezas. Por essa razão o sacerdote, ao batizar-nos, marca-nos com duas cruzes: uma no coração, para imprimir em nós o amor à cruz; outra sobre os ombros, para dar-nos força para levá-la. Assim, seremos infiéis às promessas do batismo se não levarmos a nossa cruz, combatendo o desejo da honra com a humildade, o amor dos prazeres com a mortificação, e a sede de riquezas com a pobreza.

II.II.II – Da Parte de Jesus Cristo

761. A) Pelo batismo fomos *incorporados* a Cristo. Por esta razão, dele devemos receber o movimento e as inspirações e, com isso, tornar-nos semelhantes a Ele. Mas, como diz-nos a Imitação de Cristo: “*Toda a vida de Cristo foi cruz e martírio*”.^[464] Portanto, a nossa não pode ser uma vida de prazeres e honras, mas uma vida mortificada. Destarte, isso é o que nos diz claramente a nossa divina Cabeça: “*Se alguém quer vir após mim, renegue-se a si mesmo, tome cada dia a sua cruz e siga-me*” (Lc 9, 23).^[465]* Ora, se há alguém que deve seguir Jesus, é certamente aquele que busca a perfeição. Mas, como poderemos seguir a Jesus, que desde que veio ao mundo abraçou-se à cruz, que durante toda a sua vida suspirou por sofrimentos e humilhações, que já no presépio desposou a pobreza e teve-a por companheira até o calvário, se amamos os prazeres, as honras e as riquezas, se não levamos a cruz de cada dia, aquela que o próprio Deus nos providenciou? Diz São Bernardo que: “*é uma vergonha que debaixo de uma cabeça coroada de espinhos, sejamos membros delicados que se assustam com os menores sofrimentos*.”^[466] Para conformar-nos a Cristo e aproximar-nos da sua perfeição, é necessário levar a nossa cruz, como Ele levou a sua.

762. B) Se *aspiramos à vida de apostolado*, temos mais um motivo para crucificar a carne. Pela cruz Cristo salvou o mundo e pela cruz cooperamos com ele na salvação dos nossos irmãos. Quanto mais participamos dos sofrimentos do Salvador, mais fecundo é o apostolado. Esta convicção dava ânimo a São Paulo quando completava em sua carne a paixão de Jesus Cristo para conseguir graças para a Igreja (Cl 1, 24); também nos tempos

passados, como hoje em dia, deu forças a tantas almas que consentem ser vítimas para que Deus seja glorificado e mais almas sejam salvas. O padecer certamente é duro, mas quando contemplamos Jesus que caminha diante de nós levando sua cruz para a nossa salvação e a de nossos irmãos; quando consideramos sua agonia, sua injusta sentença de condenação, seus açoites, sua coroa de espinhos, sua crucificação; quando ouvimos as zombarias, insultos e calúnias que suportou em silêncio, como ousaremos reclamar? “*Ainda não tendes resistido até o sangue*” (Hb 12, 4). Além disso, se dermos o justo valor à nossa alma e a de nossos irmãos, será muito padecer um momento de dor por uma glória que jamais acabará e por cooperar com Nosso Senhor pela salvação daquelas almas, pelas quais derramou o seu sangue até a última gota?

Essas razões, embora muito elevadas, são bem compreendidas por algumas almas generosas desde o princípio de sua conversão. Propô-las é fazê-las avançar na obra da purificação e santificação.

II.II.III – Necessidade para a Nossa Santificação

763. A) Precisamos assegurar nossa *perseverança* e a mortificação é um dos melhores meios de preservar-nos do pecado. O que nos faz cair em tentação é o amor do prazer ou o horror ao sofrimento e da luta. Essas duas tendências, que no fundo são uma só, são combatidas pela mortificação. Ao negar a nós mesmos alguns prazeres lícitos, fortalecemos a vontade para resistir aos prazeres ilícitos, tornando mais fácil a vitória sobre a sensualidade e o amor-próprio; ou como diz Santo Inácio: “*agindo contra a vontade e o amor-próprio.*” Se, pelo contrário, cedemos sempre ao prazer sem negar nenhum dos gozos permitidos, como seremos capazes de resistir quando a sensualidade, ávida por novos deleites, perigosos ou até ilícitos, sente-se como que dominada pela força do hábito? Especialmente no caso da sensualidade, a tendência é tão forte que é muito fácil cair no abismo por força de uma espécie de vertigem. Mesmo tratando-se do orgulho, a queda é bem mais rápida que pensamos. Por exemplo, mentimos em matéria leve para escusar-nos, para livrar-nos de uma humilhação e, depois, quando nos aproximamos da confissão, por receio de confessar algo humilhante, o hábito de mentir pode levar à falta de sinceridade. Portanto, nossa

segurança requer que lutemos contra o amor-próprio, bem como contra a sensualidade e a cobiça.

764. B) Evitar o pecado não é suficiente; precisamos *progredir* na perfeição. Para isso, não há maiores obstáculos que o amor do prazer e a aversão à cruz. Se não fosse o horror ao esforço necessário para progredir e às provas que Deus envia aos seus melhores amigos, muitos desejariam melhorar, almejavam à santidade. Devemos, pois, ter sempre presente o que dizia São Paulo aos primeiros cristãos, a saber, que a vida é uma luta; que devemos ter vergonha de demonstrar menos coragem do que aqueles que lutam por uma recompensa terrena, e que, para garantir a vitória, privam-se de muitos prazeres lícitos, impondo a si mesmos duros e trabalhosos exercícios, *“e o fazem para alcançar uma coroa corruptível, enquanto nós o fazemos por uma coroa incorruptível”* (I Cor 9, 25). Temos medo do sofrimento? Pensemos então nos terríveis sofrimentos do Purgatório (nº 734) que sofreremos por muitos anos se vivermos sem mortificação, concedendo-nos todos os prazeres que lisonjeiam. Não são muito mais prudentes os homens deste século ao se sujeitarem a duros trabalhos e, por vezes, a tratamentos humilhantes, para ganhar algum dinheiro e assegurar uma aposentadoria tranquila? E nós? Não seria razoável entregar-nos à mortificação para assegurar uma aposentadoria eterna no céu?

Devemos convencer-nos, portanto, que não há possibilidade de perfeição, nem de virtude, sem mortificação. Como ser casto sem mortificar o apetite sensual que inclina tão fortemente para os prazeres perigosos e perversos? Como ter temperança, sem reprimir a gula? Como praticar a pobreza e até mesmo a justiça, sem combater a cobiça? Como ser humilde, manso e caridoso, sem dominar as paixões do orgulho, da ira, da inveja e do ciúme, que estão latentes na profundidade de cada coração humano? Não há uma só virtude, no estado de natureza decaída, que possamos colocar em prática por muito tempo sem esforço, sem luta e, portanto, sem mortificação. Bem podemos dizer, como Mons. Tronson, que *“assim como a falta de mortificação é a origem de todos os vícios e a causa de todos os nossos males, a mortificação é o fundamento de todas as virtudes e fonte de todos os bens.”*^[467]

765. C) Pode-se ainda acrescentar que a mortificação, apesar de todas as privações e sofrimentos que impõe, é, mesmo aqui na terra, fonte dos maiores bens, e que, de fato, os cristãos mortificados, em geral, são mais felizes que os mundanos que se entregam a todos os prazeres. Isso é o que ensina Nosso Senhor quando nos diz: *“E todo aquele que por minha causa deixar irmãos, irmãs, pai, mãe, mulher, filhos, terras ou casa receberá o cêntuplo e possuirá a vida eterna”* (Mt 19, 29).^[468]* São Paulo, da mesma maneira, depois de haver falado da modéstia, ou seja, da moderação em todas as coisas, acrescenta que quem a pratica goza de verdadeira paz, que está acima de toda consolação: *“E a paz de Deus, que excede toda a inteligência, haverá de guardar vossos corações e vossos pensamentos, em Cristo Jesus”* (Fl 4, 7). Ele mesmo foi um exemplo vivo do que disse. Teve muito que sofrer. Descreve longamente as terríveis provas por que passou em razão da pregação do Evangelho, bem como a luta contra si mesmo, mas acrescenta que: *“Estou cheio de consolação, transbordo de gozo em todas as nossas tribulações”* (II Cor 7, 4).

Isso ocorre com todos os santos; sempre passam por longas e penosas tribulações. Os mártires, contudo, no meio das torturas deram testemunho de que *“nunca tinham sido tão felizes.”* Destarte, quando lemos a vida dos santos duas coisas nos impressionam: as terríveis provas que padeceram e as mortificações que se impuseram; por outro lado, a paciência, a alegria, a tranquilidade que demonstravam em meio a todos esses tormentos. Desse modo, chegam a amar a cruz, não mais a temem, até suspiram por ela e consideram perdidos os dias que não tiveram sofrimentos. Esse é um fenômeno psicológico que assombra os mundanos, mas que consola as almas de boa-vontade. Evidente que não se pode exigir dos principiantes um amor à cruz semelhante. Todavia, pode-se, mostrando-lhes o exemplo dos santos, fazê-los compreender que o amor a Deus e às almas suaviza significativamente o padecer e a mortificação, e que, se de todo o coração começarem a se exercitar, oferecendo pequenos sacrifícios, dentro de suas possibilidades, logo começarão a amar a cruz, a desejá-la e a encontrar nela verdadeiras consolações espirituais.

766. O autor da Imitação de Cristo expressa esse entendimento em um texto que resume admiravelmente as vantagens da mortificação: *“Na cruz está a salvação, na cruz a vida, na cruz a proteção contra os inimigos. Da*

cruz dimanam as suavidades celestes, a fortaleza da alma e alegria do espírito. Na cruz o complemento da virtude, a perfeição da santidade.”^[469] O amor à cruz é, de fato, o amor a Deus levado até a autoimolação. Já dissemos que o amor de Deus é o compêndio de todas as virtudes, a essência da própria perfeição e, portanto, o mais poderoso escudo contra os inimigos espirituais, um manancial de força e de consolação, o melhor meio de progredir na vida espiritual e de assegurar a salvação.

Art. III – A PRÁTICA DA MORTIFICAÇÃO

767. Princípios. 1º - A mortificação deve abranger o homem como um todo, corpo e alma, porque quem não está inteiramente disciplinado torna-se para si mesmo ocasião de pecado. Na realidade, somente a vontade é que peca. Porém, ela tem por cúmplices e instrumentos o nosso corpo com seus sentidos e a alma com todas as suas potências. Portanto, o homem inteiro deve disciplinar-se e mortificar-se.

768. 2º - A mortificação combate o prazer. De fato, o prazer *em si* não é um mal; pelo contrário, é um bem enquanto subordinado ao fim para o qual Deus o criou. Foi vontade de Deus atrelar certo deleite na realização dos deveres para que fosse mais fácil cumpri-los. Assim, encontramos certo gosto no comer, no beber, no trabalho e em outros deveres desse gênero. Portanto, no plano divino, *o prazer não é um fim, mas um meio*. Por isso, desfrutar do prazer para melhor cumprir as nossas obrigações não é proibido, pois essa é a ordem estabelecida por Deus. Mas, desejar o prazer em si mesmo, como um fim, sem relação alguma com a obrigação é, quando menos, *um perigo*, porque arriscamos deslizar dos prazeres lícitos aos ilícitos. Desfrutar do prazer excluindo o dever é um pecado mais ou menos grave, porque é uma violação da ordem estabelecida por Deus. Assim, a mortificação consiste em: privar-se dos *maus* prazeres, contrários à ordem da Providência, à lei de Deus ou da Igreja; renunciar aos prazeres *perigosos*, para não se expor ao pecado; e ainda, abster-se de *alguns prazeres lícitos* para melhor assegurar o império da vontade sobre os sentidos. Com essa mesma finalidade, não somente nos privaremos de alguns deleites, mas também imporemos algumas mortificações positivas, posto que é confirmado pela experiência que não há nada mais eficaz para diminuir a inclinação ao prazer do que impor a si mesmo algum trabalho ou sofrimento de supererrogação.

769. 3º - Todavia, a mortificação deve ser praticada com *prudência e discricção*. Deve também ser condizente com as *forças físicas e morais* de

cada um e com o *cumprimento dos deveres de estado*.

1. Devemos administrar muito bem nossas forças físicas, porque, como diz São Francisco de Sales,^[470] “*estamos expostos a grandes tentações em dois estados, a saber, quando o corpo está demasiadamente nutrido, ou excessivamente abatido.*” Neste último caso, facilmente pode-se cair em neurastenia, o que exigirá delicados cuidados.

2. É necessário também administrar as forças morais, ou seja, procurar não se impor, no início, privações excessivas que não poderão ser suportadas por muito tempo e que, quando forem deixadas, levem à tibieza.

3. Importa, sobretudo, que as mortificações estejam em harmonia com os deveres de estado, porque, sendo estes obrigatórios, prevalecem sobre as obras de supererrogação. Por exemplo, não é correto uma mãe de família submeter-se a austeridades que prejudicam o cumprimento dos seus deveres para com o marido e os filhos.

770. 4º - Há uma *hierarquia* entre as mortificações: as *interiores* têm maior valor que as *exteriores*, porque atacam diretamente a raiz do mal. Todavia, não podemos perder de vista que as *exteriores* facilitam as mortificações *interiores* e, quem quiser, por exemplo, disciplinar sua imaginação sem mortificar os olhos, pouco aproveitaria, porque são estes que proporcionam as imagens sensíveis que alimentam a imaginação. **Foi um erro dos *modernistas* zombar das austeridades dos cristãos dos primeiros séculos.** Com efeito, os santos de todas as épocas, tanto os que foram beatificados nestes últimos tempos como os de outras épocas, castigaram duramente o corpo e os sentidos *exteriores*, convencidos de que, no estado de natureza decaída, o homem como um todo deve ser mortificado, para pertencer inteiramente a Deus.

Vamos, pois, descrever ordenadamente todos os gêneros de mortificação, começando pelos *exteriores* até chegar aos *interiores*, porque esta é a ordem lógica. Porém, na prática, é importante saber mesclar e graduar uns e outros.

III.I – MORTIFICAÇÃO DO CORPO E DOS SENTIDOS EXTERIORES

III.I.I – Sua Finalidade

771. **a)** Nosso Senhor recomendou aos seus discípulos a prática moderada do jejum e da abstinência, a mortificação da visão e do tato. São Paulo entendia ser tão necessária a mortificação do corpo que o castigava duramente para livrar-se do pecado e da condenação eterna: “*Ao contrário, castigo o meu corpo e o mantenho em servidão, de medo de vir eu mesmo a ser excluído depois de eu ter pregado aos outros*” (I Cor 9, 27). A própria Igreja prescreve aos fiéis certos dias de jejum e abstinência.

b) Qual a *razão* disso? Certamente o corpo, bem disciplinado, é um servidor útil e até mesmo necessário, cujas forças devem ser preservadas para colocá-las a serviço da alma. Mas no estado de natureza decaída, o corpo busca os deleites dos sentidos, sem considerar se eles são lícitos ou proibidos; tem até mesmo uma atração especial para os prazeres ilícitos e, às vezes, rebela-se contra as faculdades superiores que querem contê-los. É um inimigo muito perigoso, haja vista que está sempre conosco, seja à mesa, no leito, nos negócios, e muitas vezes encontra cúmplices prontos a estimular seus apetites e sua volúpia. Esses cúmplices, os sentidos, são outras portas abertas, pelas quais sorrateiramente entra o veneno sutil dos prazeres proibidos. Assim, é absolutamente necessário vigiá-los, dominá-los, reduzi-los à escravidão, para não nos vermos traídos por eles.

III.I.II – A Modéstia do Corpo

772. Para mortificar o corpo, precisamos começar observando bem as regras de modéstia e de bom comportamento e, sobre isso, há abundante matéria de mortificação. O princípio que nos deve dirigir é o de São Paulo: “*Não sabeis que vossos corpos são membros de Cristo? ... Ou não sabeis que o vosso corpo é templo do Espírito Santo.*” (I Cor 6, 15 e 19).

A. Devemos respeitar nosso corpo como um templo santo, como um membro de Cristo. Portanto, nada de vestir-se com vestidos pouco decentes, que foram feitos apenas para incitar a curiosidade e a volúpia. Cada um vista-se segundo a sua condição, com simplicidade e modéstia e sempre com asseio e decência.

Nessa matéria são muito apropriados os conselhos de São Francisco de Sales:^[471] *“Conserva um asseio esmerado Filoteia, e nada permita em ti rasgado ou desarranjado ... mas guarda-te cuidadosamente das vaidades e afetações, das curiosidades e das modas levianas. Observa as regras da simplicidade e modéstia, que são indubitavelmente o mais precioso ornato da beleza e a melhor escusa da fealdade. ... As mulheres vãs são colocadas em dúvida quanto à castidade. Se a têm, pelo menos não manifestam isso pelos adornos e bagatelas^[472] ... São Luís resume tudo isso numa palavra, dizendo que cada um deve vestir-se segundo o seu estado, de modo que as pessoas prudentes e a gente de bem não possam achar exagero algum e os jovens nenhuma falta de ornato e decência.”*

No que diz respeito aos religiosos e religiosas, bem como aos eclesiásticos, todos têm, acerca da forma e da qualidade do vestuário, regras que devem seguir. Não se diga que o mundanismo e a afetação deixaram completamente de fazer parte deles e que já não podem scandalizar os próprios mundanos.

773. B) *A discrição e o recato nos modos exteriores* são também uma excelente mortificação, ao alcance de todos. Evitar cuidadosamente as posturas moles e efeminadas, manter o corpo ereto, sem excessos de rigidez ou afetação, curvado ou inclinado para um lado ou para outro; não mudar de posição com muita frequência; não cruzar os pés, nem as pernas; ao sentar-se ou ajoelhar-se não se apoiar com indolência; evitar movimentos bruscos ou gestos desordenados. Todas essas coisas e muitas outras, são maneiras de mortificar-se que não causam perigo para a saúde, não chamam a atenção e dão-nos um grande domínio sobre o corpo.

774. C) Há ainda outros meios positivos de mortificação que os penitentes mais generosos gostam de empregar para macerar o corpo, temperar seus ardores intempestivos e estimular o fervor da piedade. Os mais comuns são pequenos cilícios de ferro que se apertam nos braços, correntes que se colocam em torno da cintura, cintos ou escapulários de crina, alguns bons golpes de disciplina quando podem ser feitos sem chamar a atenção.^[473]* Para tudo isso sempre deve-se ouvir o conselho do diretor espiritual, evitando tudo que insinue singularidade ou estímulo à vaidade e, obviamente, tudo quanto for contrário à higiene do corpo ou à

limpeza. O diretor espiritual só permitirá qualquer dessas coisas com muita discricção e somente por algum tempo, para experiência. Se perceber qualquer tipo de inconveniente, deverá suprimi-las.

III.I.III – A Modéstia dos Olhos

775. **A)** Há olhares *gravemente pecaminosos*, que ferem não somente o pudor, mas até mesmo a castidade (Mt 5, 28) e que, evidentemente, devemos evitar. Outros olhares são *perigosos*, quando, sem justa razão fixamos os olhos em pessoas ou objetos suscetíveis de gerar tentação. Por esse motivo, a Sagrada Escritura nos adverte que não devemos fixar os olhos em nenhuma donzela, para que sua beleza não seja para nós motivo de escândalo: “*Não detenhas o olhar sobre uma jovem, para que a sua beleza não venha a causar tua ruína*” (Ecl 9, 5). Em nossa época, onde a liberdade de exposição, a indecência no vestir-se, a imoralidade das exhibições teatrais e de alguns salões de entretenimentos, cercam-nos de perigos por todos os lados, podemos inferir o recato que devemos guardar para não cair em pecado.

776. **B)** Por isso, o verdadeiro cristão, que quer salvar sua alma custe o que custar, vai além. Para estar seguro de não se render ao deleite sensual, mortifica a *curiosidade dos seus olhos*, evitando, por exemplo, olhar pela janela para ver quem passa, conservando os olhos modestamente baixos, sem afetação, no percurso do trabalho ou nos passeios. Em vez disso, gosta de fixá-los em algum objeto ou imagem piedosa, campanário, crucifixo, estátua, para estimular o amor a Deus e aos santos.

III.I.IV – Mortificação dos Ouvidos e da Língua

777. **A)** Essa mortificação requer que não se diga nem se ouça coisa alguma que seja contrária à caridade, à pureza, à humildade ou à alguma outra virtude, porque, como diz São Paulo: “*Não vos deixeis enganar: Más companhias corrompem bons costumes*” (I Cor 15, 33). Com efeito, quantas

almas perverteram-se por terem escutado conversas desonestas ou contrárias à caridade? As palavras obscenas estimulam a curiosidade mórbida, despertam paixões, acendem o desejo e incitam ao pecado. As palavras pouco caridosas produzem discórdias, até mesmo nas famílias, desconfianças, inimizades e rancores. É preciso, portanto, ter muito cuidado em vigiar as palavras para evitar esses escândalos e fechar os ouvidos a tudo que possa perturbar a pureza, a caridade e a paz.

778. B) Mas, para ter maior sucesso, devemos por vezes mortificar a *curiosidade*, evitando fazer perguntas que a lisonjeiem, reprimindo a “coceira” para falar que nos leva a conversas intermináveis, não somente inúteis, mas também nocivas: “*Não pode faltar o pecado num caudal de palavras; quem modera os lábios é um homem prudente*” (Pr 10, 19).

C. Como os meios negativos não bastam, procuraremos levar as conversas para assuntos não somente inofensivos, mas bons, honestos e até edificantes. Todavia, sem nos fazer pesados aos demais com conversas muito sérias, que não fluam naturalmente.

III.I.V – Mortificação dos Demais Sentidos

779. O que dissemos sobre as mortificações relacionadas com os olhos, os ouvidos e a língua, aplica-se também aos sentidos não mencionados. Falaremos sobre o paladar quando tratarmos da gula; do tato, quando falarmos da castidade. Quanto ao *olfato*, basta dizer que o uso imoderado dos perfumes muitas vezes é somente um pretexto para satisfazer a sensualidade e, às vezes, estimular a luxúria. O cristão autêntico não os usa senão com muita moderação ou por motivos de grande conveniência. Os religiosos e eclesiásticos tenham como regra nunca os usar.

III.II – MORTIFICAÇÃO DOS SENTIDOS INTERIORES

Os sentidos interiores que devemos mortificar são a *imaginação* e a *memória*, que geralmente trabalham em conjunto, posto que a atividade da

memória é acompanhada de imagens sensíveis.

III.II.I - Princípio

780. A imaginação e a memória são duas faculdades importantíssimas, que não somente fornecem ao entendimento os elementos necessários para a sua operação, mas também servem para expor a verdade por meio de imagens e relações que as tornam mais compreensíveis, mais vivas e, por conseguinte, mais atrativas. Uma exposição descolorida e fria não chamaria a atenção da maioria das pessoas. A mortificação, portanto, não visa atrofiar essas faculdades, mas discipliná-las, e subordinar a atividade que exercem ao império da razão e da vontade. Outrossim, deixadas ao seu alvedrio, elas literalmente povoam a alma com um sem-número de imagens e lembranças que distraem o espírito, desperdiçam suas energias, fazem perder precioso tempo, tanto na oração como no trabalho, e constituem a fonte de milhares de tentações contra a pureza, a caridade, a humildade e outras virtudes. Por isso, faz-se necessário discipliná-las e submetê-las ao serviço das faculdades superiores.

III.II.II – Regras a Serem Seguidas

781. A) Para refrear os devaneios da memória e da imaginação, o primeiro cuidado é rechaçar, implacavelmente, desde o seu início, ou seja, desde o primeiro momento em que nos damos conta, as imagens e recordações *perigosas* que, ao trazerem à memória algum passado escabroso, ou transportar-nos a ambientes cheios de sedução, do presente ou do futuro, seriam para nós um manancial de tentações. Mas, como muitas vezes ocorre uma espécie de determinismo psicológico, pelo qual passa-se dos devaneios fúteis aos perigosos, é preciso prevenir-se contra esse encadeamento, mortificando os pensamentos *inúteis*, que em si mesmos já fazem perder tempo e, além disso, preparam o caminho para outros perigosos: *a mortificação dos pensamentos inúteis*, dizem os santos, *é a morte dos maus pensamentos*.

782. B) O melhor meio de obter sucesso é por toda a atenção da alma na obrigação presente, no nosso trabalho, no estudo, nas ocupações ordinárias. A propósito, esse também é o melhor meio de fazer bem o que fazemos, concentrando toda a nossa atividade na obra presente: *faça bem tudo o que fizer*. Os jovens devem considerar que, para progredir em seus estudos, assim como nas demais obrigações de seu estado, é preciso aplicar-se mais aos trabalhos da inteligência e do raciocínio e menos às faculdades sensíveis. Dessa maneira, enquanto asseguram o futuro, evitam os perigosos devaneios da imaginação.

783. C) Por fim, a memória e a imaginação são muito úteis para fomentar a piedade. Podemos buscar nos Livros Sagrados, nas orações litúrgicas e nos autores espirituais, os mais belos textos, as mais belas comparações e imagens, valendo-nos da imaginação para colocar-nos na presença de Deus e para representar em pormenores os mistérios de Nosso Senhor e da SS. Virgem. Dessa maneira, longe de ser atrofiada, a imaginação é preenchida com representações piedosas que ocupam o lugar das que poderiam ser perigosas, pondo-nos em situação de entender melhor as cenas evangélicas e explicá-las aos nossos ouvintes.

III.III – MORTIFICAÇÃO DAS PAIXÕES ^[474]

784. As paixões, consideradas em sentido *filosófico*, não são necessária e absolutamente más; são forças vivas, às vezes impetuosas, que podemos empregar tanto para o bem, sempre que pudermos governá-las e orientá-las a um fim elevado, como para o mal. No entanto, no linguajar *popular* e de alguns autores espirituais, são empregadas no mal sentido, para designar as paixões más. Assim, vamos: 1º - recordar as principais noções *psicológicas* acerca das paixões; 2º - assinalar seus *bons e maus efeitos*; 3º - traçar as *regras para o bom uso das paixões*.

III.III.I – Psicologia das Paixões

Recordaremos aqui apenas os ensinamentos da psicologia.

785. 1º - **Noção.** As paixões são *movimentos impetuosos do apetite sensitivo para os bens sensíveis, que são acompanhados por reações mais ou menos fortes do organismo.*

a) Em seu fundamento, a paixão traz um certo conhecimento, ao menos sensível, do bem esperado ou já alcançado, ou do mal contrário a esse bem. Desse conhecimento é que brotam os movimentos do apetite sensitivo.

b) Esses movimentos são *impetuosos* e nisto distinguem-se dos estados afetivos agradáveis ou desagradáveis, que são calmos, tranquilos, sem o ardor nem a veemência da paixão.

c) Precisamente porque *são impetuosos* e agem fortemente sobre o apetite sensitivo, produzem *reação até mesmo no organismo físico*, em razão da estreita união entre a alma e o corpo. Assim, a ira faz com que o sangue irrigue mais o cérebro, provocando tensão nervosa; o medo faz-nos empalidecer; o amor dilata o coração e o medo o contrai. Esses efeitos fisiológicos nem sempre têm a mesma graduação; dependem do temperamento de cada um e da intensidade da paixão, assim como do domínio que se adquiriu sobre ela.

786. As paixões diferenciam-se dos *sentimentos*, que são movimentos da vontade e que, portanto, supõem um conhecimento intelectual. Mesmo que sejam muito fortes, não têm a mesma violência das paixões. Assim, há um amor-paixão e um amor-sentimento, um temor passional e um temor intelectual. Além disso, no homem, por ser um animal racional, combinam-se, quase sempre em proporções variadas, as paixões e os sentimentos. É por meio da vontade, auxiliada pela graça, que ele pode transformar as paixões mais ardorosas em nobres sentimentos, subordinando-as a estes.

787. 2º - **O seu número.** Geralmente são enumeradas onze paixões, todas procedentes do amor, como muito bem demonstra Bossuet:^[475] “*Nossas paixões referem-se todas ao amor, que todas encerra e move.*”

1. O *amor* é uma paixão direcionada para a união com uma pessoa ou coisa que lhe agrada e também para possuí-la;

2. O *ódio* é uma paixão direcionada para afastar de nós aquilo que nos desagrada. Nasce do amor porque odiamos aquilo que se opõe ao que amamos. Odiamos a enfermidade simplesmente porque amamos a saúde. Somente odeio alguém quando ele é obstáculo para que eu possua o que amo;

3. O *desejo* é a busca de um bem *ausente* e nasce do amor que temos a esse bem;

4. A *aversão* (ou fuga) faz-nos repelir o *mal* que se aproxima de nós;

5. A *alegria* é apenas a fruição do *bem presente*;

6. A *tristeza*, pelo contrário, aflige-se como o mal presente e procura libertar-se dele;

7. A *audácia* (ousadia ou coragem) esforça-se por unir-se à coisa amada, cuja posse é *difícil*;

8. O *temor* leva-nos a afastar-nos de um mal difícil de evitar;

9. A *esperança* inclina-se com ardor para a coisa amada cuja posse é *possível*, ainda que *difícil*;

10. O *desespero* brota na alma quando possuir o objeto amado parece *impossível*;

11. A *cólera* rechaça violentamente o que nos causa mal e estimula o desejo de *vingança*.

As seis primeiras paixões, que nascem do apetite *concupiscível*, são geralmente chamadas pelos modernos de paixões de *gozo*; as outras cinco, que se referem ao apetite *irascível*, são chamadas paixões de *combate*.

III.III.II – Efeitos das Paixões

788. Diziam os *estoicos* que as paixões eram radicalmente más e deveriam ser aniquiladas; os *epicureus* divinizavam as paixões e proclamavam que devíamos segui-las: isso é o que os modernos *epicureus* chamam de *viver a vida*. O cristianismo guarda o meio termo entre esses extremos: nada do que Deus pôs na natureza humana é mau. O próprio Jesus Cristo teve paixões muito bem ordenadas: amou, não somente com a vontade, mas também com o coração e chorou por Lázaro e pela Jerusalém infiel; deixou-se possuir por uma santa ira, sofreu o temor, a tristeza, o desalento. Todavia, sempre manteve essas paixões sujeitas ao domínio da vontade e subordinadas a Deus. Por outro lado, quando as paixões são

desordenadas, produzem os mais perniciosos efeitos. É preciso, pois, mortificá-las e discipliná-las.

789. Efeitos das Paixões Desordenadas. Chamam-se *desordenadas* as paixões que são direcionadas a um bem sensível proibido, ou a um bem lícito, porém com muita avidez e sem referi-las a Deus. Essas paixões desordenadas:

a) Cegam a alma. A alma lança-se ao seu objeto com ímpeto, sem consultar a razão, guiando-se tão somente pela atração ou prazer. Nisto há um elemento perturbador que nos inclina a juízos equivocados e ao obscurecimento da razão. O apetite sensitivo é cego por natureza e cegará a alma que se deixar guiar por ele; em vez de deixar-se governar pelo dever, deixa-se arrebatado pelo prazer momentâneo. É como uma nuvem que oculta a verdade que está além dela. Cegado pela poeira levantada pelas paixões, a alma não enxerga claramente a vontade divina, o dever que deve cumprir; não está em condições de realizar um juízo correto.

790. b) Cansam a alma e a fazem padecer.

1. As paixões, diz-nos São João da Cruz:^[476] *“assemelham-se às criancinhas inquietas e descontentes que sempre estão pedindo à sua mãe, ora uma coisa, ora outra, e jamais se satisfazem. Como os que procuram tesouros se cansam e se fatigam pelas contínuas escavações que são obrigados a fazer, igual cansaço experimenta a alma quando procura o objeto de seus apetites. E ainda que afinal o consiga, sempre se cansa, porque nunca se contenta. ... Cansa-se e fatiga-se a alma com seus apetites porque é ferida e perturbada por eles, como a água agitada pelos ventos que a revolvem sem deixá-la sossegar.”*

2. Em razão disso segue-se que um sofrimento será tanto mais intenso quando mais vivas forem as paixões, porque elas atormentam a pobre alma até que esta as satisfaça e, assim como o apetite por comida é estimulado pelo comer, as paixões exigem cada vez mais. Se a consciência resiste, agitam-se e pedem que a vontade ceda aos seus desejos que renascem a todo instante: é um tormento indescritível.

791. c) Enfraquecem a vontade. Solicitada de diversos modos pelas paixões rebeldes, a vontade vê-se obrigada a diluir suas forças e com isso enfraquece. Cada vez que cede, as paixões robustecem as exigências e roubam-lhe ainda mais as energias. Do mesmo modo que os parasitas inúteis que brotam ao redor do tronco da árvore, os apetites não dominados desenvolvem-se e retiram as forças da alma. Chega o momento em que a alma, enfraquecida, cai no relaxamento e na tibieza, pronta a todas as capitulações.

792. d) Mancham a alma. Quando a alma, cedendo às paixões, une-se às criaturas, rebaixa-se ao nível delas e contrai suas malícias e suas manchas. Em vez de ser a imagem fiel de Deus, torna-se a imagem dos objetos do seu apego: as partículas de poeira e manchas de lodo maculam a formosura da alma e impedem a sua união perfeita com Deus.

Diz São João da Cruz:^[477] *“Uma só destas inclinações desordenadas, ainda mesmo não sendo matéria de pecado mortal, é suficiente para manchar, enfeiar e tornar a alma incapaz de chegar à união perfeita com Deus. Qual não será, pois, a fealdade de uma alma completamente dominada pelas próprias paixões e entregue a todos os seus apetites? Quão afastada estará de Deus e de sua infinita pureza? A língua não pode dizer, nem a inteligência conceber, a multiplicidade de impurezas que os diversos apetites acumulam na alma. Se fosse possível dar a entender, seria admirável, digna de compaixão, ver cada apetite apor na alma o sinal do seu caráter e aí imprimir as suas próprias manchas e fealdades, e como uma só desordem de razão pode conter inúmeras manchas de intensidades diferentes. ... a alma desordenada possui em si lamentável variedade de manchas e baixezas em relação à multiplicidade das inclinações que a fazem pender para as criaturas.”*

793. Conclusão. Se quisermos, pois, chegar à união com Deus, devemos mortificar todas as paixões, mesmo as mais insignificantes, no que possuam de voluntárias e desordenadas. A união perfeita pressupõe que não haja realmente em nós coisa alguma contrária à vontade de Deus, apego voluntário algum, tanto às criaturas como a nós mesmos. No momento em que deliberadamente nos deixamos levar por alguma paixão, já não haverá união perfeita entre a nossa vontade e a divina. Isso é verdade

principalmente quando se trata de paixões ou apegos habituais, que entibiam a vontade, mesmo quando pequenos. É o que observa São João da Cruz^[478]: “*pouco importa estar o pássaro amarrado por um fio grosso ou fino; desde que não se liberte, tão preso estará por um como por outro.*”

794. Utilidade das paixões bem ordenadas. Quando, pelo contrário, as paixões estão bem ordenadas, ou seja, orientadas para o bem, moderadas e submetidas à vontade, são muito proveitosas. Na realidade, são forças vivas, ardentes, que estimulam a inteligência e a vontade, e contribuem com elas poderosamente.

a) Agem sobre a *inteligência*, estimulando em nós o ardor pelo trabalho e o desejo de conhecer a verdade. Quando alguma coisa nos apaixona, no bom sentido da palavra, somos todos olhos e ouvidos para melhor conhecê-la, nosso espírito percebe mais claramente a verdade e a memória torna-se mais determinada em retê-la. Suponhamos, por exemplo, um inventor movido por um amoroso patriotismo: trabalha com maior ardor, tenacidade, perspicácia, precisamente porque quer servir a sua pátria. Da mesma maneira um estudante, estimulado pela nobre missão de colocar sua ciência a serviço de seus compatriotas, trabalha com maior afinho e consegue resultados mais apreciáveis. Mas, sobretudo, a alma que ama com paixão a Jesus Cristo, estuda o Evangelho com mais ardor, compreende-o e encontra nele mais sabor. As palavras do Mestre são para ele oráculos, que inundam a sua alma de luzes resplandecentes.

795. b) Agem também sobre a *vontade* para arrebatá-la e multiplicar-lhe as energias: o que se faz com amor, faz-se com mais atenção e constância e com melhores resultados. O que chega a fazer o amor de mãe para salvar o filho? Que atos heroicos inspirados pelo amor à pátria! Do mesmo modo, quando um santo tem paixão pelo amor a Deus e às almas, não retrocede diante de nenhum obstáculo, sacrifício ou humilhação, para salvar os seus irmãos. Certamente é a vontade que impera nesses atos de zelo, mas inspirada, estimulada e sustentada por uma santa paixão. Todavia, quando os apetites sensitivo e intelectual, ou, em outros termos, quando o coração e a vontade unem suas forças e trabalham na mesma direção, os resultados são por certo mais significativos e duradouros. Assim, é muito importante saber como podemos fazer bom uso das paixões.

III.III.III – O Bom Uso das Paixões

Depois de relembrarmos os princípios psicológicos que facilitarão nossa tarefa, das paixões falaremos: como resistir às más; como direcioná-las para o bem e; como moderá-las.

III.III.III.I – Princípios psicológicos a serem aplicados^[479]

796. Para dominar as paixões primeiramente devemos contar com a graça de Deus e, portanto, com a oração e os sacramentos. Porém, devemos também empregar uma *tática prudente*, fundamentada na psicologia.

a) Toda ideia tende a produzir o ato correspondente, sobretudo quando acompanhada de vivas emoções e fortes convicções. Por isso, ao pensar em um prazer sensível, representando-o vivamente na imaginação, provocamos um desejo e muitas vezes um ato sensual. Por outro lado, ao pensar em ações nobres, imaginando os bons efeitos resultantes, estimulamos a vontade a realizá-las. Isso é sobretudo verdadeiro em relação à ideia que não permanece abstrata, fria e incolor, mas, alimentada por imagens sensíveis, torna-se concreta, viva e, por isso mesmo, cativante. Nesse sentido pode-se dizer que a ideia é uma força, um impulso, um começo de ação. Se, pois, queremos dominar as más paixões, é preciso evitar cuidadosamente todo pensamento que represente o prazer como algo atrativo. Por outro lado, se desejamos fomentar as boas paixões e os bons sentimentos, devemos entreter o pensamento com imagens que mostrem o lado bom do dever e da virtude, fazendo essas reflexões da maneira mais viva e concreta que pudermos.

797. b) A influência de uma ideia perdura enquanto não for obscurecida por outra mais forte que a supere. Por isso, um desejo sensual permanece atuante enquanto não for superado por um pensamento mais nobre que se apodere da alma. Quando, pois, queremos nos desvencilhar de um desejo, devemos nos dedicar, valendo-nos de uma leitura ou de um estudo interessante, a pensamentos inteiramente diferentes ou contrários. Se, em

vez disso, desejamos intensificar um bom desejo, meditaremos sobre aquilo que o possa fomentar.

c) A influência de uma ideia cresce quando a associamos com outras que com ela guardam relação. Estas enriquecem aquela e dão-lhe maior amplitude. Desse modo, o pensamento e o desejo de salvar a nossa alma faz-se mais intenso e eficaz se o associamos com a ideia de trabalhar pela salvação das almas de nossos irmãos. A vida de São Francisco Xavier é disso um exemplo marcante.

798. d) Por fim, a ideia alcança o máximo de sua força quando se torna *habitual, absorvente*, como uma ideia *fixa* que inspira todos os pensamentos e ações. Na ordem natural, observa-se esse fato naqueles que têm uma única ideia, por exemplo, de fazer esta ou aquela descoberta; na ordem sobrenatural, naqueles que se deixam dominar tão profundamente por uma máxima evangélica, que a fazem sua regra de vida, como por exemplo, “vende tudo que tens e dá-o aos pobres” ou, “de que vale ao homem ganhar o mundo inteiro se vier a perder sua alma?”, ou ainda, “Cristo é minha vida.”

Portanto, precisamos fazer com que algumas *ideias diretrizes*, dominadoras, absorventes, enraízem-se em nossa alma; depois reduzi-las a uma baliza, ou *máxima*, de modo a concretizá-las e conservá-las continuamente no espírito, como por exemplo: “*Meu Deus e meu tudo!, Para a maior glória de Deus!, Só Deus basta!, Quem tem Jesus, tem tudo!, Estar com Jesus é o doce paraíso!*” Com uma baliza desse gênero será mais fácil superar as más paixões e fazer bom uso das boas.

III.III.III.II – Como combater as paixões desordenadas

799. Tão logo sejamos advertidos pela consciência de que em nossa alma está surgindo um movimento desordenado, devemos nos socorrer de todos os meios, naturais e sobrenaturais, para reprimi-lo e dominá-lo. ^{[480]NT}

a) Desde o início devemos fazer uso do *poder de inibição* da vontade, auxiliado pela graça, para deter o movimento. Desse modo evitam-se as ações e gestos *exteriores* que somente estimulam e intensificam a paixão. Quando sentimos que a ira apodera-se de nós, evitaremos os gestos

desordenados, as palavras intempestivas, calando-nos até que a calma retorne. Caso se trate de alguma afeição muito viva por uma pessoa, evitaremos qualquer encontro ou conversa com ela e, sobretudo, não manifestaremos, ainda que indiretamente, a afeição que lhe devotamos. Dessa maneira, a paixão vai enfraquecendo pouco a pouco.

800. b) Além disso, se o caso for de uma paixão de *prazer*, deve-se procurar esquecer o seu objeto. Para lograr sucesso: 1) A imaginação e o espírito devem ser aplicados inteiramente a qualquer ocupação honesta que possa distrair do objeto amado, ou seja, absorver-se com o estudo, na solução de algum problema, num jogo, passeios com outros, conversas, etc.; 2) Quando a calma começa a restabelecer-se, deve-se buscar socorro: em considerações de ordem moral que deem forças à vontade contra as solicitações do prazer; em razões *naturais*, como os inconvenientes, presentes e futuros, decorrentes de um vínculo perigoso ou uma amizade demasiadamente afetiva (nº 603); mas, sobretudo, considerações de ordem *sobrenatural*, como o são: a impossibilidade de progredir na perfeição enquanto presos por esses apegos, que são apenas cadeias que forjamos para nós mesmos; o perigo em que colocamos nossa salvação; o escândalo que daríamos, etc.

Tratando-se de paixões de *combate*, como a cólera e o ódio, depois de fugir delas por um momento, diminuindo-lhes o ímpeto, pode-se tomar a ofensiva, encarar a dificuldade e, por meio da razão e sobretudo pela fé, convencer-se de que deixar-se dominar pela cólera ou pelo ódio é indigno de um cristão; de que não perder a calma e conservar-se dono de si mesmo é mais nobre, mais honroso e mais conforme o Evangelho.

801. c) Enfim, procuraremos fazer *atos positivos contrários* à paixão. Diante da antipatia por alguém, buscaremos tratar essa pessoa como se quiséssemos ganhar sua amizade, faremos esforços para servi-la, ser amáveis e, principalmente, oraremos por ela. Não há nada que abrande mais um coração inimigo do que a oração sincera por ele. Se, de modo diverso, sentirmos excessivo afeto por uma pessoa, evitaremos a sua companhia, ou, se não o pudermos, tratá-la-emos com a fria cortesia e indiferença com que se tratam as pessoas de um modo em geral. Esses atos contrários acabam

por debilitar a paixão e afugentá-la por completo, especialmente quando soubermos cultivar as boas paixões.

III.III.III.III – Como direcionar as paixões para o bem

802. Já dissemos que as paixões não são más em si mesmo. Podem, sem exceção, ser direcionadas para o bem.

a) O *amor* e a *alegria* podem ser direcionados para os afetos puros e legítimos da família, para as amizades boas e sobrenaturais, mas, acima de tudo, para Nosso Senhor, que é de todos o amigo mais terno, mais generoso e mais fiel. Nesse sentido é que deve ser dirigido o nosso coração; lendo, meditando e colocando em prática aqueles dois belos capítulos da Imitação de Cristo (Livro II, caps. VII e VIII), que arrebataram e ainda arrebatam o amor de tantas almas: *Do Amor de Jesus Sobre Todas as Coisas, Da Amizade Familiar com Jesus*.

b) O *ódio* e a *aversão* devem ser dirigidos para o pecado e os vícios, e a tudo que a eles nos conduzam, para evitá-los e detestá-los: “*Odeio o mal, eu o detesto*” (Sl 118, 163).

c) O *desejo* transforma-se em ambição legítima: a ambição natural de honrar a família e a pátria; e a sobrenatural de tornar-se um santo, um apóstolo.

d) A *tristeza*, em vez de degenerar em melancolia diante das provações, que para o cristão são sementes de glória, transforma-se em *doce resignação*, ou em *terna compaixão* pelos sofrimentos de Cristo paciente e ultrajado, ou ainda pelas almas aflitas.

e) A *esperança* torna-se esperança cristã, confiança inabalável em Deus, e multiplica nossas energias para o bem.

f) O *desespero* transforma-se em uma justa desconfiança de nós mesmos, baseada em nossa insuficiência e em nossos pecados, mas temperada pela confiança em Deus.

g) O *temor*, já não será um sentimento que deprime e retira as forças da alma; será, em Cristo, uma fonte de energia. O cristão teme o pecado e o inferno, mas esse temor legítimo inspira-lhe coragem para lutar contra o mal, porque, acima de tudo, teme a Deus, teme ofendê-lo e calca aos pés o respeito humano.

h) A *cólera*, longe de fazer-nos perder o controle sobre nós mesmos, torna-se uma justa e santa *indignação*, que nos fortalece contra o mal.

i) A *audácia* converte-se em intrepidez diante das dificuldades e perigos. Quanto mais difícil for alguma coisa, mais nos parecerá digna dos nossos esforços.

803. Para alcançar tão felizes resultados, não há nada como a *meditação* acompanhada de afetos piedosos e propósitos generosos. Através dela formamos um *ideal* e enraizamos profundas convicções que de Deus nos aproximam a cada dia. O objetivo é fazer brotar e nutrir na alma *ideias e sentimentos* que estejam em conformidade com as virtudes que desejamos praticar e, por outro lado, rechaçar as imagens e impressões que conduzem aos vícios que desejamos evitar. Para isso, nada melhor que meditar todos os dias da maneira que explicamos no nº 679 e seguintes. Nesse íntimo relacionamento com Deus, infinita verdade e bondade, a virtude torna-se a cada dia mais amável e o vício mais detestável. Já a vontade, fortalecida por essas convicções, direciona as paixões para o bem, em vez de por elas deixar-se arrastar para o mal.

III.III.III.IV – Como moderar as paixões

804. a) Ainda que as paixões estejam orientadas para o bem, é preciso *moderá-las*, ou seja, sujeitá-las ao império da razão e da vontade, as quais, por sua vez, devem ser guiadas pela fé e pela graça. Se assim não for, haverá excessos, pois, por sua natureza, as paixões são muito impetuosas.

Por exemplo, o desejo de orar com fervor pode tornar-se obstáculo; ^{[481]INT} o amor a Jesus Cristo pode degenerar-se em esforços da sensibilidade que esgotam o corpo e a alma; o zelo intempestivo, em esgotamento; a indignação, em ira; a alegria, em dissipação. **Estamos especialmente expostos a tais excessos nos tempos atuais, em que o ativismo de nossos contemporâneos torna-se contagioso.** Os impulsos apaixonados, mesmo que se orientem ao bem, fatigam e desgastam o corpo e a alma e nunca serão duradouros (*a violência tem duração curta*). Contudo, o melhor esforço é o esforço perseverante.

805. b) Precisamos, pois, submeter as nossas ações ao juízo de um sábio diretor espiritual e seguir os conselhos da sabedoria.

1. *Habitualmente* devemos guardar, no cultivo de nossos desejos e paixões, certa moderação, uma espécie de tranquilidade, e evitar estar constantemente sob tensão. É preciso economizar energias para chegar ao fim da jornada e, por conseguinte, evitar a ansiedade excessiva que consome as nossas forças. Nossa frágil máquina humana não pode ficar sob permanente pressão, se não quisermos que entre em colapso.

2. Antes de um grande esforço ou depois de um considerável desgaste de energia, a prudência exige algum repouso, que devemos observar mesmo que se trate das mais legítimas ambições e do zelo mais ardente e mais puro. Nosso Senhor nos deixou exemplo disso ao convidar, de vez em quando, os seus discípulos a descansar: “*Vinde à parte, para algum lugar deserto, e descansai um pouco*” (Mc 6, 31).

Orientadas e moderadas desse modo, as paixões, longe de serem um obstáculo para a perfeição, são meios eficazes para aproximar-nos dela cada dia mais. Além disso, o domínio das paixões permitirá um melhor disciplinamento de nossas faculdades superiores.

III.IV – Mortificação das Faculdades Superiores

As faculdades superiores, a *inteligência* e a *vontade*, é que fazem do homem o que ele é, também precisam ser disciplinadas, porque também foram afetadas pelo pecado original (nº 75).

III.IV.I – Mortificação ou Disciplina do Intelecto

806. Foi-nos concedido o entendimento para conhecer a verdade e, principalmente, a Deus e as coisas de Deus. Deus é o verdadeiro sol das almas. Ilumina-nos com dupla luz: a da *razão* e a da *fé*. No estado presente não podemos alcançar a completude da verdade sem o concurso dessas duas luzes; ignorar qualquer uma delas é cegar-se a si mesmo. Disciplinar o intelecto é da maior importância porque é ele que ilumina a vontade, orientando-a para o bem. Também é ele que, sob o nome de *consciência*, é a

regra da nossa vida moral e sobrenatural. Porém, para que assim seja, é necessário mortificar suas inclinações defeituosas, sendo que as principais são: a ignorância, a curiosidade e a precipitação, o orgulho e a obstinação.

807. 1º - A **ignorância** é superada pela aplicação constante e metódica ao estudo, especialmente em tudo que se refere a Deus, nosso último fim, e aos meios de alcançá-lo. Com efeito, seria irrazoável dedicar-se a todas as ciências e negligenciar a ciência da salvação.

Na realidade, cada um deve estudar, entre as ciências humanas, aquelas que mais se relacionam com os seus deveres de estado. Entretanto, sendo nosso dever primordial conhecer a Deus para amá-lo, negligenciar o estudo da ciência divina seria inexcusável. Não obstante, quantos cristãos há que, bem versados em um ou outro ramo da ciência, têm apenas um conhecimento rudimentar das verdades cristãs, dos dogmas, da moral e da ascética! Hoje manifesta-se um certo progresso nessa matéria entre os cristãos mais cultos e há círculos de estudo onde, com vivo interesse, discutem-se todas as questões religiosas, incluindo as de espiritualidade.^[482] Louvado seja Deus por isso e oxalá se amplie esse movimento!^{[483]NT}

808. 2º - A **curiosidade** é uma doença da mente que só faz aumentar a ignorância religiosa, pois leva-nos a buscar com maior ardor os conhecimentos que causam deleite em prejuízo dos proveitosos, fazendo-nos com isso perder um tempo precioso. Muitas vezes a ela se agregam a *ansiedade* e a *precipitação*, que fazem com que sejamos absorvidos pelos estudos que alimentam a curiosidade, em detrimento dos que são de maior importância. Para vencer a curiosidade precisamos:

1. Estudar primeiro, não o que é agradável, mas o que é proveitoso e, sobretudo, o que é necessário. “*O que é necessário vem primeiro*”, disse São Bernardo. Além disso, somente devemos ocupar com outras coisas por recreação. Por conseguinte, leituras que alimentam mais a imaginação do que o entendimento, como são quase todas as novelas, publicações de novidades e rumores do mundo, como jornais e revistas, precisam ser moderadas.^{[484]NT}

2. Nessas leituras, deve-se evitar a pressa excessiva, sem querer devorar rapidamente um volume inteiro. Quando se trata de boas leituras, é

importante que se leia devagar, para melhor compreender e apreciar o conteúdo (ver nº 582).

3. Isso será muito mais fácil se estudarmos, não por curiosidade ou apenas pelo prazer do conhecimento, mas por motivo sobrenatural, para a nossa própria edificação e a dos outros: “*Que se edifiquem os outros, isso é caridade ...que se edifiquem a si mesmos, isso é prudência.*”^[485] Como diz-nos com razão Santo Agostinho, devemos colocar a ciência a serviço da caridade: “*Deixemos que o conhecimento seja usado para erigir a estrutura da caridade.*”^[486] De fato, mesmo no estudo das questões de espiritualidade, há alguns que buscam mais a satisfação da curiosidade e da soberba do que a purificação do coração e a prática da mortificação.^[487]

809. 3º - Devemos também fugir do **orgulho**, pois, como diz Scupoli,^[488] o orgulho do intelecto é mais perigoso e mais difícil superar que o orgulho da vontade.

O orgulho cria obstáculos à fé e à obediência aos superiores. Quando alguém pensa ser autossuficiente, quanto mais confiança tem no juízo pessoal, com mais relutância aceita os ensinamentos da fé ou, pelo menos, quer submetê-lo à crítica e às interpretações pessoais. Do mesmo modo, essa confiança excessiva no próprio juízo faz com que não se goste de consultar outras pessoas, especialmente os superiores. Daí nascem lamentáveis imprudências, um apego ao próprio parecer que faz condenar categoricamente as opiniões não alinhadas com as suas. Essa é uma das causas mais frequentes de divisões entre os cristãos e às vezes até mesmo entre autores católicos. Santo Agostinho, já no seu tempo, apontava essas infelizes divisões que destroem a paz, a concórdia e a caridade: “*Divisores da humanidade, inimigos da paz, sem caridade, inchados de vaidade, bem satisfeitos consigo mesmos e grandes aos seus próprios olhos.*”^[489]

810. Para curar essa soberba do intelecto:

1. É necessário, antes de tudo, submeter-se com docilidade de criança aos ensinamentos da fé. Certamente é lícito buscar o entendimento dos dogmas, o que se consegue com uma paciente e laboriosa investigação, auxiliada pelas obras dos Santos Padres e doutores, principalmente Santo Agostinho e Santo Tomás. Todavia, isso deverá ser feito com piedade e sobriedade, como nos diz o Concílio Vaticano,^[490] seguindo a máxima de

Santo Anselmo: “*A fé em busca do entendimento.*” Com isso evitamos o que chamam atitude *hipercrítica*, que atenua e minimiza os dogmas com o pretexto de explicá-los. Desse modo submetemos o nosso juízo, não apenas às verdades da fé, mas também às orientações pontifícias. Quanto às demais questões, livremente discutidas, deixaremos aos outros a liberdade devida para opinar como parecer-lhes correto e não trataremos com desdém as que são contrárias às nossas. Como isso chega-se à paz dos intelectos.

2. Nas discussões mantidas com os demais, deve-se buscar, não a satisfação do orgulho e o triunfo das próprias ideias, mas apenas a verdade. É raro que não haja, nas opiniões contrárias, algo de verdade que até então não havíamos percebido. Escutar com atenção e imparcialidade as razões dos adversários e ceder ao que de correto houver nessas opiniões, é ainda a melhor maneira de aproximar-nos da verdade e também de salvaguardar os ditames da humildade e da caridade.

Em resumo, para disciplinar o entendimento, deve-se estudar o que é mais necessário e fazê-lo com método, constância e com intenção sobrenatural, ou seja, com o desejo de conhecer, amar e praticar a verdade.

III.IV.II – Mortificação ou Disciplina da Vontade

811. 1º - Necessidade. A vontade é no homem a faculdade que domina, a que reina e governa sobre as demais faculdades. Por ser livre, comunica, não somente aos seus próprios atos (suscitados por ela), mas também aos atos das demais faculdades que lhe estão sujeitas (atos de império), a liberdade, o mérito ou o demérito. Disciplinar a vontade é disciplinar o homem por inteiro. Mas, para que a vontade esteja bem ordenada, deve ser *forte* para comandar as faculdades inferiores e muito *dócil* para obedecer a Deus: esta é a sua dupla função.

Ambas são difíceis. Muitas vezes as faculdades inferiores rebelam-se contra a vontade e somente se submetem ao seu império quando se une o jeito com a firmeza. Com efeito, a vontade não exerce um poder *absoluto* sobre as faculdades sensíveis, mas apenas uma espécie de poder moral, poder de *persuasão*, para atraí-las à obediência (nº 56).

Por essa razão, somente com dificuldade e à custa de esforços continuados consegue-se que a vontade domine as faculdades sensíveis e as paixões. Do mesmo modo, não menos esforços são exigidos para submeter

inteiramente a própria vontade à de Deus. Queremos sempre desfrutar de certa autonomia e, no entanto, a vontade de Deus, para santificar-nos, requer de nós sacrifícios. Diante desses esforços, muitas vezes recuamos e optamos pelos nossos gostos e caprichos em vez da santa vontade de Deus. Por isso, também aqui a mortificação é necessária.

812. 2º - Meios Práticos. Para bem educar a vontade, é preciso torná-la muito *dócil* na obediência à vontade de Deus em todas as coisas e *forte* o bastante para dominar o corpo e a sensibilidade. Para conseguir isso, é necessário *remover os obstáculos* e empregar *meios positivos*.

A. Dividimos os **obstáculos** em *interiores* e *exteriores*.

a) Os principais obstáculos *interiores* são: 1) a *irreflexão*. Não refletimos antes de agir e deixamo-nos levar pelo impulso do momento, seja por paixão, rotina ou algum capricho. Por conseguinte, antes de agir, devemos parar e perguntar o que Deus quer de nós; 2) a *ansiedade febril* que, ao produzir uma energia excessiva e mal orientada, consome inutilmente o corpo e a alma e muitas vezes desvia-nos para o mal. Portanto, é preciso muita calma e moderação, ainda que seja para o bem, para que se inicie um fogo duradouro e não um fogo de palha; 3) a *indiferença*, indecisão, preguiça ou falta de energia moral, que paralisam e atrofiam as forças da vontade. Portanto, precisamos fortalecer nossas convicções e energias, como a seguir falaremos; 4) o *temor do fracasso*, ou a falta de confiança, que rouba as forças. Devemos ter presente que, com a ajuda de Deus, o sucesso é garantido.

813. b) Os principais obstáculos *exteriores* são: 1) o *respeito humano*, que nos converte em escravo dos demais pelo medo das críticas e das zombarias. Isso pode ser vencido pelo autoconvencimento de que o que importa é o juízo de Deus, que sempre é justo e infalível, e não o dos homens, sempre sujeito a erros; 2) os *maus exemplos*, que nos arrastam com muita força, porque facilmente se misturam com nossa propensão natural de segui-los. Devemos sempre lembrar que o único modelo a ser imitado é o de Jesus Cristo, nosso Mestre e Senhor (nº 136 e seguintes), e que o caminho do cristão é oposto ao do mundo (nº 214).

814. B) Os **meios positivos** consistem na harmoniosa combinação do trabalho do *intelecto*, da *vontade* e da *graça*.

a) Ao intelecto incumbe fornecer *ideias que se enraízem* profundamente na alma e que servirão de guia e estímulo para a vontade. Essas ideias arraigadas farão com que a vontade se determine a escolher o que está em conformidade com a vontade de Deus. Elas podem ser resumidas a estas: - Deus é o meu fim e Jesus Cristo é o caminho que devo seguir para chegar até ele. Por isso, tudo deve ser feito por Deus em união com Jesus Cristo; - somente uma coisa opõe-se ao meu fim e é o pecado. Portanto, devo dele fugir e, se acaso por infelicidade cometê-lo, devo imediatamente repará-lo; - uma só coisa é necessária e suficiente para evitar o pecado: é fazer sempre a vontade de Deus e, para isso, esforçar-se para conhecê-la e governar-se por ela. Para ter nisso sucesso, devo ter sempre presente as palavras de São Paulo: “*Senhor, que queres que eu faça?*” (At 9, 6). À noite, durante o exame de consciência, condoer-se até mesmo das menores faltas.

815. b) Esses pensamentos profundamente arraigados agirão poderosamente sobre a *vontade*. Esta, por sua vez, agirá com *decisão*, *firmeza* e *constância*. 1) É preciso *decisão*: depois de ter refletido e orado, de acordo com o que iremos realizar, devemos tomar imediatamente a decisão, em que pese ainda persistir dúvidas; a vida é muito curta para desperdiçá-la em longas deliberações. Devemos tomar a decisão de acordo com o que nos *parecer* mais conforme à vontade de Deus, que verá nossa boa intenção e abençoará nossa obra. 2) Precisamos ter *firmeza* nessa decisão. Não é suficiente dizer: eu *queria*, eu *gostaria*, pois isso são apenas veleidades. Devemos dizer: *quero*, e *quero custe o que custar*; em seguida, pôr mãos à obra, sem esperar pelo amanhã ou por qualquer outra oportunidade. A firmeza nas pequenas ações assegura a fidelidade nas grandes. 3) Essa firmeza, no entanto, *não significa violência*; é calma, porque precisa ser duradoura. E para torná-la *constante*, devemos renovar muitas vezes os nossos esforços, sem jamais desanimar com os fracassos. Só é derrotado aquele que deixa de lutar. Apesar de algumas fraquezas e até mesmo de algumas feridas, devemo-nos considerar vitoriosos, pois, com a ajuda de Deus, somos de fato invencíveis. Se tivermos a infelicidade de cair

em algum momento, prontamente nos levantaremos: para o Divino Médico de almas, não há ferida nem enfermidade incurável.

816. c) Em última análise, é com a *graça* de Deus que devemos contar. Se pedirmos com humildade e confiança nunca nos será negada e, com isso, seremos invencíveis. Portanto, devemos renovar muitas vezes as nossas convicções sobre a absoluta necessidade da graça, particularmente quando começamos alguma obra importante. Precisamos pedi-la com insistência, em união com Nosso Senhor, para termos maior certeza de obtê-la. Devemos ter presente que Jesus Cristo não é apenas nosso *modelo*, mas também *colaborador*, e que, ao confiar em sua ajuda, temos segurança de empreender e levar a termo todas as coisas que se referem à salvação: “*Tudo posso naquele que me conforta*” (Fl 4, 13). Então nossa vontade será forte, porque participará da fortaleza do próprio Deus: “*O Senhor é minha força*” (Sl 117, 14); e será livre, pois a verdadeira liberdade não consiste em deixar-se levar pelas paixões que nos escravizam, mas em assegurar o triunfo da razão e da vontade sobre o instinto e a sensualidade.

817. Conclusão. Desse modo realizaremos o objetivo da mortificação, que é, conforme exposto, submeter os sentidos e faculdades inferiores à nossa vontade, e esta, por sua vez, à vontade de Deus.

Através disso poderemos mais facilmente combater e erradicar os sete *vícios* ou *pecados capitais*.

CAPÍTULO IV – LUTA CONTRA OS PECADOS CAPITAIS^[491]

818. Esta luta é, no fundo, somente uma espécie de mortificação.

Para completar a mortificação da alma e livrá-la de cair em pecado é necessário combater a origem do mal que está em nós, que é a tríplice concupiscência. Já a descrevemos em linhas gerais nos n^{os} 193 a 209, mas com ela é a raiz dos sete *pecados capitais*, torna-se importante conhecer e reprimir essas más inclinações. Na realidade, são antes *inclinações* do que pecados. Todavia, chamam-se *pecados* porque nos arrastam ao pecado e *capitais* porque são *fonte, origem* de muitos outros pecados.

Essas inclinações se relacionam com a tríplice concupiscência do seguinte modo: da *soberba* nascem o *orgulho*, a *inveja* e a *ira*; da *concupiscência da carne* derivam a *gula*, a *luxúria* e a *preguiça*; por fim, da *concupiscência dos olhos* procede a *avareza* ou amor desordenado das riquezas.

819. A luta contra os sete pecados capitais sempre teve lugar importante dentro da espiritualidade cristã. Cassiano, em suas *Colações e Instituições*,^[492] discorre longamente sobre eles. Divide-os em oito, porque separa o orgulho da vanglória. São Gregório Magno^[493] claramente distingue os sete pecados capitais e afirma que todos derivam do orgulho. Santo Tomás também diz que todos derivam do orgulho e mostra como podem ser classificados filosoficamente, considerando os *fins especial* que o homem busca. A vontade pode inclinar-se a um objeto por dois movimentos: a busca de um bem aparente ou a fuga de um mal aparente. Todavia, o **bem** aparente, a que se inclina a vontade, pode ser: 1) o *louvor* ou a *honra*, bens *morais*, buscados desordenadamente: este é o fim especial do *vaidoso*; 2) os bens *corporais*, que têm por fim a conservação do indivíduo ou da espécie, são buscados de modo excessivo pelos *gulosos* e *luxuriosos*; 3) os bens *exteriores*, desordenadamente desejados, são o fim especial do *avarento*. – O **mal** aparente do qual fugimos pode ser: 1) o esforço demandado para conseguir o bem, do qual foge o *preguiçoso*; 2) a diminuição do prestígio pessoal, da qual teme e foge o *invejoso* e o *colérico*, ainda que de modos

diversos. Assim, a distinção dos sete pecados capitais pode ser deduzida dos sete fins especiais para os quais tende o pecador.

Na prática, por ser mais simples, seguiremos a divisão que relaciona os pecados capitais com a tríplice concupiscência.

Art. I - O ORGULHO E OS VÍCIOS RELACIONADOS^[494]

I.I – O ORGULHO EM SI MESMO

820. O orgulho é um *desvio* daquele sentimento legítimo que nos inclina a estimar o que há de bom em nós e a procurar a estima de outros, na medida em que esta seja útil para as boas relações que mantemos com eles. Certamente, *podemos* e *devemos* estimar os bens que Deus nos concedeu, reconhecendo que ele é o *primeiro princípio* e o *último fim* de tudo. Esse sentimento honra a Deus e move-nos a respeitar-nos. Também podemos desejar que outros vejam e apreciem esses bens para que, em razão disso, rendam glória a Deus. Do mesmo modo, devemos reconhecer e estimar as boas qualidades do próximo. Esta mútua estima é importante para favorecer as boas relações entre os homens.

Mas pode haver um certo desvio ou algum excesso nessas duas tendências. Às vezes esquecemos que foi Deus que nos concedeu os bens que possuímos e *atribuímo-los a nós mesmos*, o que é uma desordem porque é negar, ao menos implicitamente, que Deus seja nosso *primeiro princípio*. Da mesma maneira, somos tentados a *obrar para nós mesmos* ou para ganhar a estima dos outros, em vez de *trabalhar para Deus* e atribuir-lhe a honra de tudo que fazemos. Isto também é uma desordem, porque é negar, pelo menos implicitamente, que Deus é nosso *último fim*. Encontramos nesse vício essas duas desordens. Portanto, podemos definir o orgulho como sendo *um amor desordenado de si mesmo, que faz o homem considerar-se, explícita ou implicitamente, o primeiro princípio e o último fim*. É uma espécie de idolatria, porque consideramo-nos como deuses de nós mesmos, como disse Bossuet (nº 204). Para combater o orgulho com mais eficácia, vamos expor: 1º - As suas *principais formas*; 2º - Os *pecados* decorrentes; 3º - Sua *malícia*; 4º - Seus *remédios*.

I.I.I – As Principais Formas de Orgulho

821. 1º - A primeira forma consiste em considerar-se, explícita ou implicitamente, o *primeiro princípio* de si mesmo.

A. São poucos os que se amam de forma tão desordenada, a ponto de *explicitamente* se consideram o primeiro princípio de si mesmos.

a) É o pecado dos *ateus* que voluntariamente rejeitam a Deus, porque não querem *nem Deus, nem Mestre*. Destes é que fala o Salmista quando escreve: “*Diz o insensato em seu coração: Não há Deus*” (Sl 13, 1).

b) De modo *análogo*, esse foi o pecado: de *Lúcifer*, que, querendo ser autossuficiente, recusou submeter-se a Deus; dos nossos *primeiros pais* que, desejando ser como deuses, queriam conhecer por si mesmos o bem e o mal; dos *hereses* que, como Lutero, negaram-se a aceitar a autoridade da Igreja fundada por Deus; dos *racionalistas* que, inchados pela própria razão, não querem submeter-se à fé; também o de alguns *intelectuais* de nossos tempos que, demasiadamente orgulhosos para admitir a interpretação tradicional dos dogmas, buscaram atenuá-los e deformá-los, para adaptá-los às exigências pessoais.

822. B) Bem maior é número dos que caem *implicitamente* nesse pecado; comportam-se como se os dons, naturais e sobrenaturais, que o Senhor lhes deu, fossem inteiramente seus. Na realidade, teoricamente confessam que Deus é o primeiro princípio, mas, na prática, estimam-se desmesuradamente, agindo como se eles mesmos fossem autores dos dons que possuem.

a) Alguns *deleitam-se* em suas qualidades e méritos como se fossem destas os autores únicos. Diz Bossuet:^[495] “*A alma, vendo sua própria formosura, deleitou-se em si mesma e deteve-se em contemplar sua própria excelência. Falhou por um instante em referir tudo o que possui a Deus; esqueceu sua própria dependência; centralizou-se em si mesma e rendeu-se a isso. Mas ao buscar ser independente de Deus e de suas leis de justiça, o homem tornou-se escravo de seu pecado.*”

823. b) Mais grave é o orgulho dos que atribuem a si mesmos a *prática da virtude*, como os estoicos; ou dos que pensam que os dons gratuitos de Deus são *fruto dos próprios méritos*; que as boas obras que fazem são mais deles do que de Deus, quando, de fato, Deus é que é causa principal; ou ainda daqueles que nelas se deleitam, como se fossem unicamente suas.^[496]

824. C) O mesmo princípio faz com que o orgulhoso *exagere suas qualidades pessoais*.

a) Fecha os olhos para não ver seus defeitos e olha com lente de aumento as próprias qualidades. Chega até mesmo a atribuir-se qualidades que não possui, ou que são apenas aparência de virtude. Por exemplo, dá esmolas por ostentação e crê ser caridoso, quando não passa de um orgulhoso; tem-se por santo porque desfruta de consolações sensíveis, ou porque escreve belos pensamentos, ou toma boas resoluções, enquanto que, na realidade, não foi além dos primeiros passos no caminho da perfeição. Há ainda aqueles que pensam possuir uma grande alma porque desprezam as pequenas regras e querem santificar-se por meios grandiosos.

b) Em razão disso, ficam a um passo de *injustamente se preferirem aos demais*; examinam com lupa os defeitos dos outros e raramente têm consciência dos seus. Veem o cisco no olho alheio e não enxergam a trave nos seus. Desse modo, muitas vezes chegam a depreciar os irmãos, como o fariseu (Lc 18, 9 – 14); outras vezes, sem ir tão longe, rebaixam injustamente o conceito deles e julgam-se melhores, quando são piores. Por essa mesma razão procuram dominá-los, buscando ser reconhecidos como superiores.

c) Para com os *superiores* o orgulho manifesta-se pelo espírito de crítica e de rebelião, que conduz o orgulhoso a vigiar os seus menores passos e gestos, para deles falar mal: tudo quer julgar e controlar. Com isso torna-se muito difícil a obediência. Com grande dificuldade submete-se a autoridades, decisões, a pedir permissões. Deseja a independência, ou seja, ser o primeiro princípio.

825. 2º - A segunda forma de orgulho consiste em considerar-se a si mesmo, implícita ou explicitamente, como *último fim*, fazendo as obras sem referi-las a Deus e desejando ser louvado como se fossem unicamente suas. Esse defeito deriva do primeiro, porque, ao considerar-se primeiro princípio, deseja-se também ser o último fim. Cumpre aqui relembrar as distinções já feitas.

A. Muito poucos, explicitamente, consideram-se a si mesmos como último fim, a não ser os ateus e os incrédulos.

B. Na prática, muitos compactuam desse erro pelo modo de agir.

a) Querem ser louvados e felicitados por suas boas obras, como se fossem delas o autor principal e tivessem o direito de agir por si mesmos, para satisfação da própria vaidade. Em vez de referi-las inteiramente a Deus, esperam congratulações pelo sucesso, como se a honra fosse toda deles.

b) Agem por *egoísmo*, pelos seus próprios interesses; pouco se importam com a glória de Deus e menos ainda com o bem do próximo. Chegam até ao extremo de pensar que os outros devem organizar suas vidas para agradá-los e servi-los. Constituem-se assim o *centro* e, por assim dizer, o fim dos demais. Não seria isso usurpar inconscientemente os direitos de Deus?

c) Sem ir tão longe, há pessoas piedosas que buscam a si mesmas em suas devoções, queixando-se com Deus quando ele não as enche de consolações, enquanto, na realidade, nosso último fim deve ser, em todas as obras, a glória de Deus, principalmente na oração e nos exercícios de piedade.

826. Portanto, é preciso reconhecer que o orgulho é, sob uma ou outra forma, até mesmo entre os que seguem o caminho da perfeição, um defeito muito comum. Mais, ele nos acompanha em todos os estágios da vida espiritual e morrerá conosco. Os iniciantes raramente têm consciência dele, porque não o estudam com profundidade suficiente. Então, é importante chamar-lhes atenção nesse aspecto, mostrando-lhes as suas manifestações mais comuns, para que sejam tomadas como tema dos exames particulares.

I.I.II – Defeitos que Nascem do Orgulho

Os principais são a *presunção*, a *ambição* e a *vanglória*.

827. 1º - A *presunção* é o desejo e a crença de que podemos fazer coisas que superam as nossas capacidades. Ela deriva de uma alta opinião sobre nós mesmos e inclui: as faculdades naturais, o saber, o poder e as virtudes.

a) Sob o ponto de vista *intelectual*, cremos que somos capazes de enfrentar e resolver as questões mais difíceis, os problemas mais árduos, ou,

quando menos, de empreender estudos que estão acima dos nossos talentos. Facilmente nos persuadimos de que somos muito bons e sábios em julgar e, em vez de aprender a duvidar, liquidamos com determinação as questões mais controvertidas.

b) Sob o aspecto *moral*, imaginamos que possuímos luz o bastante para guiarmos a nós mesmos e que não precisamos consultar um diretor espiritual. Persuadimo-nos de que, apesar de nossas culpas passadas, já não temos que temer as recaídas e colocamo-nos imprudentemente em ocasiões de pecado, nos quais caímos. Então surge o desalento, que muitas vezes é causa de novas quedas.

c) Na ordem *espiritual*, não valorizamos as virtudes ocultas e mortificantes e preferimos as reluzentes; em vez de edificar sobre o sólido fundamento da humildade, sonhamos com a grandeza da alma, com a força do caráter, com a magnanimidade, o zelo apostólico e com imaginários sucessos que vislumbramos no futuro. Mas, logo que nos deparamos com as primeiras graves tentações, damo-nos conta de quão fraca e vacilante é a nossa vontade. Por vezes também menosprezamos as orações comuns e as denominadas pequenas práticas de piedade, aspirando por graças extraordinárias enquanto estamos apenas no início da vida espiritual.

828. 2º - Essa presunção, aliada ao orgulho, gera a *ambição*, isto é, o *amor desordenado das honras, da dignidade, e da autoridade sobre os outros*. Porque presumimos demasiadamente nossas forças e porque nos consideramos superiores aos outros, queremos dominá-los, governá-los e impor sobre eles nossas ideias.

Essa desordem, diz Santo Tomás,^[497] manifesta-se de três maneiras: 1) quando buscamos honras não merecidas ou que estão acima de nós; 2) quando as buscamos para nós mesmos, para a nossa glória e não para a glória de Deus; 3) quando nos satisfazemos com as honras em si mesmas, sem utilizá-las em proveito dos demais, contrariando a ordem estabelecida por Deus, que exige que os superiores trabalhem para o bem dos inferiores.

Essa ambição estende-se a todas as áreas: 1) na ordem *política* aspiramos ao governo, muitas vezes à custa de muitas baixezas, de mil comprometimentos e inúmeras covardias, que cometemos para conseguir o voto dos eleitores; 2) na ordem *intelectual*, tentando obstinadamente impor aos demais a própria opinião, mesmo quando se trata de questões

abertamente controvertidas; 3) na vida civil, ansiamos sempre pelos primeiros postos,^[498]* os cargos de maior brilho, os aplausos da multidão; 4) até mesmo na vida *eclesiástica*, como diz Bossuet:^[499] “*quantas precauções foram necessárias para impedir nas eleições, mesmo entre eclesiásticos e religiosos, a ambição, as facções e intrigas, negociações secretas, promessas, e os mais criminosos procedimentos, os pactos simoníacos e tantas outras desordens muito comuns nesse campo? Tais salvaguardas não são motivo de orgulho, pois não desenraizaram esses abusos; a duras penas conseguiram ocultá-los ou contê-los em parte.*” E, como adverte São Gregório,^[500] não é verdade que, mesmo entre o próprio clero, há aqueles que gostam de ser chamados de doutores e anseiam pelos primeiros postos e pelos cumprimentos?

Essa falta é mais comum do que à primeira vista se acredita e guarda fortes relações com a vaidade.

829. 3º - A *vaidade* é um amor desordenado que deseja a estima dos outros. Distingue-se do orgulho que se deleita na própria excelência. Todavia, geralmente procede dele: quem se considera mais do que é, deseja naturalmente ser estimado pelos outros.

830. A) A Malícia da Vaidade. Há um desejo de ser estimado que não é desordenado: quando desejamos que as nossas qualidades, naturais ou sobrenaturais, sejam reconhecidas para que Deus seja louvado por elas e para que a nossa influência para o bem seja aumentada, não haverá nisso pecado. É da ordem racional que o que é bom deve ser estimado, contanto que reconheçamos que Deus é o autor de todo bem e que somente Ele merece ser louvado.^[501]* Contudo, cumpre alertar que é arriscado demorar-se no pensamento de desejos desse tipo, porque corremos o perigo de desejar a estima dos outros por razões egoístas.

A desordem consiste em desejar ser estimado por *si mesmo*, sem referir toda a honra a Deus, de quem procede todo o bem que há em nós; ou querer ser estimado *por coisas vãs*, que não merecem louvor; ou, ainda, desejar a estima daqueles cujos juízos carecem de valor, tais como os mundanos, que somente apreciam coisas vãs.

Ninguém descreveu melhor esse defeito do que São Francisco de Sales:^{[502]INT} “*Chamamos vanglória aquela que nos atribuímos, ou por coisas*

que não estão em nós, de todo, ou por coisas que estão em nós, mas não são nossas, nem procedem de nós, ou por muitas outras que estão em nós, são nossas, mas não merecem que delas nos gloriemos. A nobreza do nascimento, o favor dos grandes, o aplauso do povo, são coisas que estão fora de nós, em nossos antepassados, ou na estima de outros homens; por que gloriarmo-nos disso? Há pessoas que se sentem grandes por causa de suas riquezas, de seus vestidos pomposos, do brilho de sua elegante equipagem, da beleza dos seus móveis, de seus cavalos; quem não vê nisso a loucura incrível dos homens? Muitos se comprazem de uma maneira vã em si próprios, por ter belos cabelos, belos dentes ou belas mãos, ou certa habilidade no jogo, uma boa voz para cantar, uma certa elegância para dançar. Mas que baixeza de espírito e coração ir procurar a sua honra em coisas tão frívolas! Muitos outros encantam-se com sua pretensa beleza; outros, cheios de si por um pouco de ciência, unida a muita vaidade, tanto se ridicularizam aos olhos daqueles por quem se querem fazer respeitar, que o nome de pedante é todo louvor que recebem. Na verdade, tudo isso á vão, baixo e arrogante.”

831. B) Defeitos que provêm da vaidade. Da vaidade derivam muitos defeitos que são, de certo modo, a sua manifestação exterior, especialmente a *jactância*, a *ostentação* e a *hipocrisia*.

1. A *jactância* é o hábito de falar de si mesmo ou daquilo que pode redundar aumento da estima que os outros lhe dedicam. Há aqueles que falam de si mesmos, de sua família e de seus triunfos com uma candura que faz rir aqueles que os ouvem. Outros, com muita habilidade direcionam as conversas para assuntos os façam reluzir. Outros, por fim, falam timidamente de seus próprios defeitos com a esperança secreta de que irão desculpá-los, evidenciando suas boas qualidades;

2. A *ostentação* consiste em chamar a atenção pela maneira especial de portar-se, pela pomposidade na apresentação ou pelas singularidades que chamam atenção.

3. A *hipocrisia* toma a aparência exterior de virtude para encobrir vícios secretos muito reais.

I.I.III – A Malícia do Orgulho

Para apreciar devidamente a sua malícia, deve-se considerar o orgulho em *si mesmo* e em seus *efeitos*.

832. 1º - Em si mesmo: A) O orgulho *propriamente dito*, ou seja, o orgulho que consciente e voluntariamente usurpa os direitos de Deus, ainda que implicitamente, é um pecado grave, **o mais grave dos pecados**, diz-nos Santo Tomás,^[503] porque é uma recusa de submeter-se ao domínio supremo de Deus.

a) Por isso, querer ser *independente*, recusando obediência a Deus ou aos seus legítimos representantes, em matéria grave, é pecado mortal, porque é rebelar-se contra Deus, nosso legítimo soberano.

b) Também é pecado grave atribuir-se a si mesmo o que procede manifestamente de Deus, especialmente os dons da graça, porque isso é implicitamente negar que Deus é o primeiro princípio do todo bem que há em nós. Não obstante, muitos cometem essa falta ao dizer, por exemplo: eu sou filho de minhas obras.

c) Destarte, peca-se também gravemente quando fazemos *nossas obras para nós mesmos, excluindo Deus*, porque isso é negar-lhe o direito que tem de ser o nosso último fim.

833. B) No orgulho *atenuado*, ainda que se reconheça Deus como primeiro princípio e último fim, não se lhe dá tudo que é dele, roubando implicitamente uma parte de sua glória. Assim, é pecado *venial* bem caracterizado. Esse é o caso dos que se gloriam de suas boas qualidades ou virtudes, como se estivessem convencidos de que tudo pertencesse a eles somente. Essa também é a falta dos presunçosos, vaidosos e ambiciosos, enquanto não praticam nada contrário à lei divina ou humana em matéria grave. Não obstante, tais pecados podem converter-se em mortais, quando esse orgulho leva-os a cometer atos gravemente repreensíveis. Desse modo, a vaidade, que em si é somente pecado venial, converte-se em mortal quando os leva a contrair dívidas que jamais poderão pagar, ou quando busca fomentar nos outros um amor desordenado. Devemos também considerar o orgulho em seus efeitos.

834. 2º Em seus **efeitos:** **A)** O orgulho não reprimido pode conduzir a *efeitos desastrosos*. Quantas guerras não foram suscitadas pela soberba dos governantes e, por vezes, pelo próprio povo?^[504] Sem ir tão longe, quantas discórdias nas famílias, quando ódio entre particulares são decorrência desse pecado? Os Santos Padres com razão ensinam que o orgulho é a raiz de todos os outros pecados e, além disso, corrompe muitos atos virtuosos, porque faz com que sejam praticados com propósitos egoístas.^[505]

835. B) Considerando sob o ponto de vista da *perfeição*, que é o nosso objeto, pode-se afirmar que o orgulho é o seu maior inimigo, porque causa na alma uma *desoladora esterilidade* e é a *origem de muitos pecados*. **a)** Priva-nos de *muitas graças* e de *muitos méritos*:

1. De *muitas graças* porque Deus, que abundantemente dá suas graças aos humildes, nega-as aos soberbos: “*Deus resiste aos soberbos, mas dá sua graça aos humildes*” (Tg 4, 6). Avaliemos bem essas palavras: Deus resiste aos soberbos porque, diz Mons. Olier,^[506] “o soberbo ataca diretamente a Deus e quer pôr-se em seu lugar, por isso Deus resiste às suas insolentes e horríveis pretensões e, como pretende manter sua soberania, abate e destrói os que se levantam contra Ele.”

2. De *muitos méritos*: Uma das condições essenciais do mérito é a pureza de intenção. Todavia, o orgulhoso *trabalha para si* ou para agradar aos homens, em vez de trabalhar para Deus. Assim, merece a repreensão dirigida aos fariseus, que faziam suas obras com ostentação, para serem vistos pelos homens e, por essa razão, não podiam esperar recompensa de Deus: “*Guardai-vos de fazer vossas boas obras diante dos homens, para serdes vistos por eles. Do contrário, não tereis recompensa junto de vosso Pai que está no céu. ... Em verdade eu vos digo: já receberam sua recompensa.*” (Mt 6, 1 – 2).

836. b) O orgulho é também a *origem de muitas faltas*. 1) Faltas pessoais: pela *presunção* nos expomos a perigos que nos fazem cair; por *orgulho* não pedimos com a devida insistência as graças que precisamos, e por isso caímos; a seguir vem o desalento e a tentação de dissimular nossos pecados na confissão. 2) Faltas contra o próximo: por orgulho não queremos ceder, mesmo quando não temos razão; somos mordazes em nossas conversas, inclinados a discussões violentas que acarretam

discórdias e desavenças; disso procedem palavras duras e até injustas contra os rivais, para humilhá-los, críticas agudas aos superiores e recusa em obedecê-los.

837. c) Por fim, o orgulho é *causa de infelicidade* para aquele que habitualmente por ele se deixa arrastar: como quer ser o melhor em tudo e dominar seu semelhante, não tem paz nem sossego. Não se tranquiliza enquanto não triunfa sobre os rivais e, como jamais consegue fazer isso completamente, anda sempre perturbado, agitado e infeliz. Assim, é muito importante buscar remédio para vício tão perigoso.

I.I.IV – Os Remédios Contra o Orgulho

838. Já dissemos (nº 207) que o principal remédio contra o orgulho é reconhecer que Deus é a causa de todo bem e que, por conseguinte, a ele pertence toda a honra e toda a glória. *Nós mesmos somos nada e pecado*, e não merecemos outra coisa que o *esquecimento* e o *desprezo* (nº 208).

839. 1º Somos nada. Este é um princípio do qual os iniciantes devem convencer-se, o que conseguirão por meio da meditação, da lenta reflexão, sob a ajuda da luz divina, considerando os seguintes pensamentos: nada sou; nada posso; não valho.

A. Nada sou: É certo que aprouve à bondade divina escolher-me entre milhões e milhões de seres possíveis, para dar-me existência, vida, uma alma espiritual e imortal e, por isso, devo bendizê-lo e dar-lhe graças todos os dias. Todavia:

a) *Eu vim do nada* e, pela minha própria natureza, *tendo para o nada*, para onde infalivelmente retornaria se meu Criador, com sua ação incessante, não me conservasse. Minha existência, portanto, não me pertence, é inteiramente de Deus, e é a Ele que devo render homenagens.

b) Este ser, que Deus me deu, é uma realidade viva, uma dádiva imensa, pela qual nunca serão excessivos os agradecimentos. Mas, por mais admirável que seja, ainda é muito imperfeito, um nada comparado com o Ser divino: “*diante de vós minha vida é como um nada*” (Sl 38, 6). 1) É um

ser *contingente*, que poderia desaparecer sem que nada faltasse na perfeição do mundo. 2) É um ser dado por *empréstimo*, que me foi conferido com a reserva expressa do soberano domínio de Deus. 3) É um ser *frágil*, que não pode subsistir por si mesmo e que tem necessidade de ser sustentado a cada instante por Aquele que o criou. Portanto, é um ser *que depende essencialmente de Deus* e que não tem outra razão de existir que não seja dar glória ao seu Criador. Esquecer dessa dependência, agir como se nossas boas qualidades fossem inteiramente nossas e gloriarmo-nos delas, é um erro inconcebível, uma loucura e uma injustiça.

840. O que dissemos sobre o homem, na ordem da natureza, é ainda mais verdadeiro na *ordem da graça*. Essa participação na vida divina, da qual decorre todo nosso valor e grandeza, é um dom essencialmente gratuito que recebo de Deus e de Jesus Cristo. Além disso, não consigo conservá-la por muito tempo sem auxílio da graça divina, nem a desenvolver sem o concurso sobrenatural de Deus (n^{os} 127 a 128). Devemos, pois, dizer: “*Graças sejam dadas a Deus pelo seu dom inefável!*” (II Cor 9, 15). Que grave ingratidão e injustiça não será atribuir-se a si mesmo a menor parcela desse dom essencialmente divino! “*Que é que possuis que não tenhas recebido? E, se o recebeste, por que te glorias, como se o não tivesses recebido?*” (I Cor 4, 7).

841. B) Nada posso por mim mesmo. É verdade que recebi de Deus capacidades muito preciosas que me permitem conhecer e amar a verdade e o bem. Essas capacidades têm sido aperfeiçoadas pelas virtudes sobrenaturais e pelos dons do Espírito Santo.^{[507]NT} Esses dons da natureza e da graça harmonizam-se e complementam-se tão perfeitamente que jamais haverá excesso em admirá-los. Todavia, *por mim mesmo*, por minha própria iniciativa, nada posso fazer para colocá-los em ação e aperfeiçoá-los: nada na ordem *natural* sem o concurso de Deus; nada na ordem *sobrenatural* sem a graça atual, nem mesmo conceber algum pensamento salutar, um bom desejo sobrenatural. Consciente disso, como poderia vangloriar-me dessas capacidades naturais e sobrenaturais, como se fossem inteiramente minhas? Também isso seria ingratidão, loucura e injustiça.

842. C) Nada valho. Se considerar o que Deus me deu e o que realiza em mim por meio da graça, sem dúvida terei grande valor, de altíssimo preço: “*Porque fostes comprados por um grande preço. (I Cor 6, 20), ... Valho o que custei, e custei o sangue de um Deus.*” Mas a honra de minha redenção e de minha santificação deve ser conferida a mim ou a Deus? A resposta não oferece dúvida. – Todavia, nosso amor-próprio não se dá por vencido e afirma que temos alguma coisa nossa, que nos dá valor: o livre consentimento para o concurso de Deus e de sua graça. De fato, temos nisso uma participação, mas não a *principal*: o livre consentimento não é mais que o exercício das faculdades que Deus nos deu gratuitamente e, no próprio momento em que o exercitamos, é Deus que opera em nós como causa principal: “*Porque é Deus quem, segundo o seu beneplácito, realiza em vós o querer e o executar*” (Fl 2, 13). Além disso, embora tenhamos atendido, em algum momento, ao impulso da graça, quantas outras vezes resistimos, ou quantas vezes cooperamos com ela imperfeitamente? A verdade é que não há motivo algum para vangloriar-nos, mas somente para humilhar-nos.

Quando um grande pintor pinta uma obra-prima, a obra é atribuída a ele e não aos coadjuvantes que com ele colaboraram. Com maior razão devemos atribuir a Deus os nossos méritos, como causa primeira e principal. Assim, seguindo Santo Agostinho, canta a Igreja: “*Deus coroa os seus dons quando coroa os nossos méritos.*”^[508]

Assim, pois, sob qualquer ângulo analisado e por mais valor que tenham os dons que possuímos, ou mesmo os méritos, não temos direito algum de gloriar-nos, mas sim a obrigação de referi-los a Deus, dando-lhe graças por eles do fundo de nosso coração e, ao mesmo tempo, de pedir-lhe perdão pelo mau uso que deles fazemos.

843. 2º - Sou pecador e, como tal, mereço ser *desprezado* com todos os desprezos que ao Senhor aprouver submeter-me. Para convencer-nos disso basta recordar o que dissemos a respeito do pecado *mortal* e *venial*.

A. Se tive a infelicidade de cometer *um único pecado mortal*, mereço eternas humilhações porque mereci o inferno. Por certo posso ter a confiança de que Deus me perdoou, mas nem por isso deixa de ser verdade que cometi um crime de lesa-majestade divina, uma espécie de deicídio e de suicídio espiritual (nº 719). Assim, para expiar a ofensa à Majestade divina,

devo estar disposto a aceitar e desejar todas as humilhações possíveis, maledicências, calúnias, injúrias e insultos. Tudo isso é muito menos do que merece aquele que ofendeu, mesmo que uma única vez, a infinita majestade de Deus. Portanto, se o ofendi muitas vezes, qual não deverá ser minha resignação e minha alegria quando surge ocasião de expiar os meus pecados com opróbios tão passageiros?

844. B. Todos cometemos pecados veniais e, muitas vezes, com propósito *deliberado*, fazendo preponderar a nossa vontade e o nosso prazer à vontade e à glória de Deus. Isso é, como dissemos (nº 715), uma ofensa à majestade divina, que nos torna merecedores de humilhações tão profundas que, mesmo que passássemos a vida inteira praticando a humildade, jamais conseguiríamos restituir a Deus toda a glória que lhe foi injustamente usurpada. Se isso parece exagero, recordemos as lágrimas e austeras penitências daqueles santos que cometeram apenas pecados veniais e, não obstante, nunca estavam convencidos de terem feito penitência o bastante para purificar a alma e reparar os ultrajes infligidos contra a majestade divina. Com muito mais profundidade que nós, eles compreendiam essa necessidade. Se pensamos de forma diferente é porque fomos obscurecidos pelo nosso orgulho.

Portanto, enquanto *pecadores*, não somente não devemos buscar a estima dos outros, mas desprezar-nos a nós mesmos e aceitar todas as humilhações que aprover a Deus enviar-nos.

I.II – A INVEJA^[509]

845. A inveja é, ao mesmo tempo, uma *paixão* e um vício *capital*. Como *paixão*, é uma espécie de profunda tristeza que experimentamos em nossa sensibilidade quando observamos algum bem nos outros. Essa impressão vem acompanhada de uma contração do coração que lhe diminui a atividade e produz uma sensação de angústia.

Trataremos aqui, principalmente, da inveja enquanto vício capital: 1º - sua *natureza*; 2º - sua *malícia*; 3º - seus *remédios*.

I.II.I – Natureza da Inveja

846. A. A inveja é uma *tendência a entristecer-se com o bem alheio, como se fosse algo que atingisse a nossa superioridade*. Muitas vezes vem acompanhada do desejo de ver o próximo privado do bem que a provocou.

A inveja procede do *orgulho*, que não tolera superiores nem rivais. Quando alguém está convencido da própria superioridade, entristece-se ao constatar que há quem tenha boas ou melhores qualidades que as suas ou, pelo menos, alcançam maiores triunfos. Os principais focos da inveja são as qualidades reluzentes. Todavia, entre pessoas sérias também pode ocorrer com qualidades sólidas e até mesmo com virtudes.

Esse vício manifesta-se pelo pesar que se sente ao ouvir outros serem enaltecidos e, então, procura-se atenuar aqueles elogios, criticando-os.

847. B. Muitas vezes a *inveja* confunde-se com o *ciúme*. Porém, diferem-se porque o ciúme consiste em um amor excessivo do próprio bem, acompanhado do temor de ser privado dele por outros. Por exemplo, alguém era o primeiro do seu curso, mas percebeu os progressos de um colega de estudo e teve ciúmes porque temeu perder o primeiro posto. Outro alguém possui a afeição de um amigo, mas começa a temer perdê-la em razão da disputa com um rival e sente ciúmes. Outro ainda, tem uma grande clientela e receia que ela seja perdida em razão de um concorrente. Assim surge o ciúme, que muitas vezes abunda entre profissionais, artistas, literatos e, às vezes, até entre sacerdotes. Em resumo, *somos invejosos dos bens dos outros e ciumentos do nosso próprio bem*.

C. Há diferença entre a *inveja* e a *emulação*. Esta é um sentimento louvável, que nos move a imitar, igualar e, se possível, superar, por meios legítimos, as boas qualidades dos outros.

I.II.II – Malícia da Inveja

848. Podemos estudar essa malícia *em si mesma* e nos seus efeitos;

A. Em si mesma, a inveja é um *pecado mortal* por sua natureza, porque se opõe diretamente à virtude da caridade, que requer que nos alegremos com o bem alheio. Quanto mais importante for o bem invejado, mais grave é o pecado. Assim, diz São Tomás,^[510] que ter inveja dos bens espirituais do próximo, ou tristeza porque progride na virtude, ou por seus

triunfos apostólicos, é um pecado muito grave. Isso é verdadeiro somente quando esses impulsos de inveja são *plenamente consentidos*. Muitas vezes, no entanto, não passam de impressões, ou sentimentos irrefletidos, ou pelo menos pouco refletidos e pouco voluntários e, neste último caso, o pecado é apenas venial.

849. B. Em seus *efeitos* a inveja às vezes é muito culpável.

a) Suscita sentimentos de *ódio*; ficamos expostos a odiar aqueles que invejamos ou temos ciúmes e, como consequência, a falar mal deles, a denegri-los, caluniá-los e a desejar-lhes o mal.

b) Tende a semear divisões, não somente entre estranhos, mas também no seio das famílias (lembre-se da família de José, filho de Jacó), ou entre famílias próximas. Essas divisões podem chegar a extremos e ser causa de inimizades e de escândalos. Algumas vezes chegam a dividir os católicos de uma mesma nação, com grave detrimento do bem da Igreja.

c) Impulsiona a *busca imoderada de riquezas e honras*. Para superar aqueles que invejamos, entregamo-nos a trabalhos excessivos, valemo-nos de artimanhas nem sempre leais e com isso comprometemos a honestidade.

d) *Perturba a alma do invejoso*. O invejoso não tem paz nem sossego enquanto não consegue eclipsar e dominar os seus rivais e, como é muito raro que o consiga, padece de angústia perpétua.

I.II.III – Remédios Contra a Inveja

850. Alguns são *negativos* e outros *positivos*.

A. Os remédios negativos consistem: **a)** em *desprezar* os primeiros movimentos de inveja ou de ciúmes que se levantam dentro do coração, esmagá-los como algo vil, do mesmo modo que se esmaga um réptil venenoso; **b)** em *distrair o pensamento*, ocupando-o com outra coisa e, logo que a calma voltar, pensar que as boas qualidades do próximo em nada diminuem as nossas e que, antes de tudo, são um estímulo para que as imitemos.

851. B. Entre os remédios *positivos* há dois muito importantes:

a) O primeiro decorre da *nossa incorporação em Cristo*. Em virtude desse dogma, todos somos irmãos, membros de um corpo místico cuja cabeça é Cristo, e tanto as qualidades como os triunfos de um membro afetam os demais. Assim, em vez de ficar tristes com a superioridade de nossos irmãos, devemos nos alegrar, conforme a bela doutrina de São Paulo (Rm 12, 15 – 16), porque eles contribuem para o bem comum e até mesmo para o nosso bem particular. Se forem *virtudes* o que invejamos, “*em vez de ter inveja ou ciúmes, o que muitas vezes acontece por sugestão do diabo e do amor próprio, devemos nos unir ao Espírito Santo de Jesus Cristo no Santíssimo Sacramento, honrando nele a fonte dessas virtudes e pedindo-lhe a graça de ser partícipes delas e com elas comungar. Vereis então o quanto essa prática vos será útil e proveitosa.*”^[511]

852. b) O segundo meio é fomentar o louvável e cristão sentimento da *emulação*, que nos move a imitar e até mesmo superar, com a graça de Deus, as virtudes do próximo.

Para ser boa e distinguir-se da inveja, a emulação cristã deverá ser: 1) *Honesta em seu objeto*, ou seja, ter como objetivo não os triunfos, mas sim as virtudes dos outros, para imitá-las; 2) *Nobre em sua intenção*, não desejando triunfar sobre os demais, nem humilhá-los ou dominá-los, mas se possível, ser melhor, para que Deus seja mais honrado e a Igreja mais respeitada; 3) *Leal em seus procedimentos*, utilizando, para alcançar os fins, não a intriga, a astúcia, ou qualquer outro meio ilícito, mas o esforço, o trabalho e o bom uso dos dons divinos.

Entendida a emulação dessa forma, torna-se um remédio eficaz contra a inveja, porque em nada ofende a caridade e, ao mesmo tempo, é um excelente estímulo. Na realidade, colocar como modelos os melhores dos nossos irmãos para imitá-los ou até superá-los é, por outro lado, confessar nossa imperfeição e procurar remediá-la, valendo-nos dos bons exemplos que nos rodeiam. De certo modo, não é isso que São Paulo queria dizer quando convidava os seus discípulos a serem seus imitadores, como ele era de Cristo: “*Tornai-vos os meus imitadores, como eu o sou de Cristo*” (I Cor 11, 1), e também seguir os conselhos que dava aos cristãos para assistirem-se mutuamente, como forma de estímulo à caridade e às boas obras: “*Olhemos uns pelos outros para estímulo à caridade e às boas obras*” (Hb 10, 24)? Não é isso entrar no espírito da Igreja, que, ao propor-

nos imitar os santos, impulsiona-nos a uma nobre e santa emulação? Dessa maneira, a inveja pode tornar-se para nós uma oportunidade de praticar a virtude.

I.III – A IRA^[512]

A ira é um desvio de um sentimento instintivo que nos impulsiona a defender-nos quando somos atacados, repelindo a força com a força. Sobre ela falaremos da: 1º - Sua *natureza*; 2º - Sua *malícia*; 3º - Seus *remédios*.

I.III.I – Natureza da Ira

853. Há uma *ira-paixão* e um *ira-sentimento*.

1. A ira, considerada como paixão, é uma necessidade violenta de reação, motivada por um sofrimento ou contrariedade física ou moral. Essa contrariedade desencadeia uma emoção violenta que potencializa forças para vencer a dificuldade: sente-se impulsos de descarregar a ira sobre as pessoas, os animais ou as coisas.

Distingue-se em duas formas principais: a *ira vermelha* ou expansiva dos fortes e a *ira branca* ou espasmódica dos fracos. Na primeira o coração bate com violência e impele o sangue para os poros: a respiração acelera, o rosto envermelhece, o pescoço incha, as veias ficam saltadas, os cabelos eriçados, os olhos parecem saltar do rosto, as narinas dilatam, a voz se torna rouca, entrecortada e vigorosa. Cresce a força muscular: todo o corpo fica tenso, preparado para a luta, e o gesto irresistível golpeia contra o obstáculo, rompe-o ou afasta-o. Na ira branca o coração encolhe-se, a respiração torna-se dificultosa, o rosto empalidece extremamente, a fronte transpira um suor frio, apertam-se as mandíbulas e mantêm-se um impressionante silêncio. Todavia, a agitação, contida interiormente, acaba irrompendo brutalmente e descarrega golpes violentos.

854. 2º - A ira, enquanto *sentimento*, é um ardente desejo de rechaçar e castigar o agressor.

A. Há uma ira legítima, uma santa indignação, que é somente um desejo ardente, porém razoável, de impor aos culpados um justo castigo. Assim Nosso Senhor irou-se justamente contra os vendedores que, com suas negociações, maculavam a casa do Pai (Jo 2, 13 – 17). De modo contrário, o sumo sacerdote Eli foi severamente repreendido por não ter corrigido o mau comportamento de seus filhos (I Sm 2, 12 – 34).

Para que a ira seja legítima, deve ser: **a)** *justa* em seu *objeto*, não visando senão punir quem o mereça e na medida do merecimento; **b)** *moderada* em seu *exercício*, não indo além do que reclama a ofensa cometida; **c)** *caritativa* na *intenção*, não se deixando levar por sentimentos de ódio, mas procurando somente restabelecer a ordem e obter a emenda do culpado. Se faltar alguma dessas condições, haverá na ira um excesso repreensível. A ira é legítima principalmente quando se trata de superiores ou pais. Todavia, mesmo simples cidadãos têm, às vezes, o direito e o dever de se deixar levar por ela para defender os interesses da sociedade e impedir o triunfo dos maus. Em verdade, há pessoas que são insensíveis ao tratamento manso e nada temem a senão o castigo.

855. B. Todavia, a ira é um pecado capital quando se torna um desejo violento e imoderado de castigar o próximo sem levar em consideração as três condições acima expostas. Muitas vezes a ira vem acompanhada do ódio, que procura não somente repelir a agressão, mas exercer uma *vingança*. A vingança é um sentimento mais refletido, mais duradouro e, por isso, tem consequências mais graves.

856. 3º - A ira possui *graus* de intensidade: **a)** no princípio não passa de um movimento de *impaciência*: mostra-se *mau humor* à primeira contrariedade, ao primeiro insucesso; **b)** Então segue-se a *agitação*, que traz irritação desmedida, onde se manifesta o descontentamento com *gestos* desordenados; **c)** Às vezes chega à *violência* e manifesta-se, não somente com palavras, mas também por *golpes*; **d)** Pode chegar ao *furor*, que é uma espécie de loucura passageira, pois o enfurecido já não é mais senhor de si mesmo. Deixa-se levar por gestos e palavras tão desordenadas que poderíamos chamar de acesso de loucura; **e)** Por fim, degenera em um *ódio* implacável que somente respira vingança e chega a desejar a morte do adversário. Importa muito discernir o grau para avaliar a malícia.

I.III.II – Malícia da Ira

Podemos considerar a ira em *si mesma* e em seus *efeitos*.

857. 1º - Em si mesma, podemos dividi-la:

A. Quando a ira é somente um *movimento transitório da paixão*, é somente pecado venial, porque há excesso na maneira de exercitá-la, no sentido de que ultrapassa a medida. Todavia, pressupõe-se, nesse caso, que não há violação das grandes virtudes da justiça e da caridade. Há casos, no entanto, em que o excesso é tão grande que há perda do domínio de si mesmo, chegando a graves insultos contra o próximo. Quando esses movimentos, embora passionais, são deliberados e voluntários, constituem pecado grave. Porém, muitas vezes não passam de semi-voluntários.

858. B. A ira que chega até o *ódio* e o *rancor*, quando deliberada e voluntária, é *pecado mortal* por sua natureza, porque viola gravemente a caridade e muitas vezes a justiça. Neste sentido é que Nosso Senhor disse: “*Mas eu vos digo: todo aquele que se irar contra seu irmão será castigado pelos juízes. Aquele que disser a seu irmão: raca, será castigado pelo Grande Conselho. Aquele que lhe disser: louco, será condenado ao fogo da geena.*” (Mt 5, 22). Porém, se o movimento de ódio não for deliberado, ou se o consentimento é apenas imperfeito, será somente pecado venial.

859. 2º - Os efeitos da ira, quando não reprimidos, são por vezes terríveis.

A. Sêneca escreveu-os com termos expressivos. Atribui à ira muitas traições, mortes, envenenamentos, divisões de família, dissensões, lutas civis e guerras com todas as suas funestas consequências.^[513] Mesmo que não chegue a esses excessos, é origem de muitos pecados, porque nos faz perder o domínio sobre nós mesmos e, principalmente, perturba a paz das famílias e cria terríveis inimizades.

860. B. Sob a ótica da *perfeição*, a ira, conforme São Gregório,^[514] é um grande obstáculo para o progresso espiritual, porque se não a reprimimos, faz-nos perder: 1) a *prudência* ou a ponderação; 2) a *amabilidade*, que faz o encanto das relações sociais; 3) o espírito de *justiça*, porque a paixão impede que reconheçamos os direitos do próximo; 4) o *recolhimento interior*, tão necessário para a união íntima com Deus, para a paz da alma, para a docilidade e para as inspirações da graça. Portanto, é importante buscar o seu remédio.

I.III.III – Remédios Contra a Ira

Os remédios devem reprimir a *paixão* da ira e o sentimento de ódio que dela ocasionalmente resulta.

861. 1º - Para vencer a *paixão* nenhum meio deve ser desprezado.

A. Há meios *higiênicos*, que contribuem para prevenir e moderar a ira. Estes são: uma dieta correta, banhos quentes, duchas, abstenção de bebidas estimulantes, especialmente alcoólicas. Em razão da íntima união entre corpo e alma, é preciso saber moderar o próprio corpo. Todavia, como nessa matéria deve-se levar em consideração o temperamento e a saúde, a prudência exige que se consulte um médico.^[515]

862. B. Porém, os remédios *morais* são ainda melhores: **a)** Para *prevenir* a ira é bom acostumar-se a refletir antes de agir, para não nos deixar dominar pelos primeiros movimentos da paixão. É um processo longo, mas muito eficaz; **b)** Quando, apesar de tudo, apodera-se de nós a paixão, “*é melhor reprimi-la imediatamente que procurar regrá-la, pois por pouco espaço que lhe concedemos, torna-se a senhora da graça e faz como a serpente que, por qualquer buraco por onde mete a cabeça passa facilmente com todo o corpo. ... É preciso, Filoteia, que, logo ao sentires o seu primeiro ataque, concentres todas as forças de tua alma contra ela, não dum modo brusco e impetuoso, mas doce e eficazmente.*”^[516] De outro modo, se desejarmos reprimir a ira com impetuosidade, provocaremos mais perturbação; **c)** Para melhor reprimi-la, convém desviar a atenção de tudo

quanto a possa estimular: banir as recordações de injúrias recebidas, rechaçar as suspeitas, etc.; **d)** Se percebermos que estamos sendo afetados pela ira, “*significa que devemos invocar o auxílio de Deus logo que nos sentimos excitados, imitando os apóstolos no meio da tempestade; e ele por certo mandará, às nossas paixões, que se acalmem, e a tranquilidade voltará a nossa alma.*”^[517]

863. 2º - Quando a ira provoca em nós movimentos de *ódio, rancor* ou *vingança*, não é possível curá-los inteiramente senão com a caridade baseada no amor de Deus. Em tais ocasiões devemos recordar que todos somos filhos do mesmo Pai celestial, incorporados ao mesmo Cristo, chamados à mesma felicidade eterna, e que estas grandes verdades não se harmonizam com qualquer sentimento de ódio. Assim, pois: **a)** devemos lembrar das palavras do *Pai-Nosso*: perdoai as nossas ofensas assim como nós perdoamos a quem nos tem ofendido; e, com o vivo desejo de que Deus nos perdoe, perdoaremos de boa vontade os nossos inimigos; **b)** lembraremos sempre dos exemplos de Cristo, que chamou Judas de amigo no mesmo momento em que ele o entregava e, do alto da cruz, orou por aqueles que o tinham crucificado. Então, pediremos forças para esquecer e perdoar; **c)** evitaremos pensar nas injúrias recebidas e em tudo que tenha relação com elas. Os perfeitos rogam pela conversão de quem os ofendeu e nisso encontram um maravilhoso bálsamo para as feridas de suas almas.

Esses são os principais meios para triunfar sobre os três primeiros pecados capitais: o orgulho, a inveja e a ira. A seguir falaremos dos pecados que nascem dos apetites sensíveis ou da concupiscência da carne, que são a *gula, a luxúria e a preguiça*.

Art. II – OS PECADOS QUE PROCEDEM DA SENSUALIDADE

II.I – A GULA^[518]

A gula é o abuso do prazer lícito que Deus quis associar ao comer e ao beber, meios indispensáveis à sobrevivência das pessoas. Exporemos: 1º Sua *natureza*; 2º Sua *malícia*; 3º Seus *remédios*.

II.I.I – Natureza da Gula

864. A gula é o amor desordenado dos prazeres da mesa, bebida ou comida. A desordem é buscar o prazer do alimento *por si mesmo*, considerando-o, explícita ou implicitamente, como um fim, seguindo o exemplo daqueles que fazem de seu ventre um Deus: “*cujo deus é o ventre*” (Fl 3, 19); também abarca a busca da fartura em excesso, sem respeitar os ditames da sobriedade, por vezes com prejuízo da própria saúde.

865. Os teólogos apontam quatro formas de violar essas regras:

Præpropere (antes do tempo): ou seja, comer antes de sentir necessidade, fora das horas marcadas para as refeições e sem razão legítima, somente para satisfazer a gula;

Laute et studiose (suntuosamente e com cuidado): buscar pratos requintados ou delicadamente preparados para maior deleite: este é o pecado de muitos gastrônomos e afeiçoados ao vício;^{[519]NT}

Nimis (mais que o necessário): comer ou beber além dos limites do apetite ou da necessidade, fartar-se de comida ou de bebida, pondo em risco a saúde. É evidente que só o prazer desordenado pode explicar esse excesso, que o mundo denomina “gluttonaria”;

Ardenter (avidamente): comer com avidez, com ânsia, como fazem alguns animais. Esse comportamento é considerado no mundo como “falta de bons modos”.

II.I.II – Malícia da Gula

866. O mal da gula é que ela faz com que a alma se torne escrava do corpo, deixando o homem mais materialista, enfraquecendo sua vida intelectual e moral, e sutilmente prepara o caminho para os prazeres da volúpia, que, no fundo, são do mesmo gênero. Para determinar a culpabilidade é necessário fazer uma distinção.

A. A gula é pecado grave:

a) Quando atinge excessos que nos tornam, por tempo considerável, incapazes de cumprir as obrigações de nosso estado ou de obedecer às leis divinas ou eclesiásticas. Por exemplo, quando prejudica a saúde, quando é origem de gastos incontrolados que comprometem os interesses da família, quando conduz à violação das regras do jejum e da abstinência.

b) Quando se torna *causa* de outras faltas graves. Daremos alguns exemplos. Diz o Pe. Janvier:^[520] “Os excessos da gula predis põem à incontinência, que é sua filha. Incontinência dos olhos e dos ouvidos, que pedem ‘alimentos’ pouco saudáveis como shows e canções licenciosas; da imaginação, que fica perturbada; da memória, que revolve o passado na busca de recordações capazes de estimular a concupiscência; do pensamento que, desorientado, rompe com as regras e rende-se a objetos ilícitos; do coração, que busca afeições carnavais; da vontade, que abdica do seu domínio para escravizar-se aos sentidos. ... A intemperança no comer e beber conduz à intemperança da língua. Que faltas não comete a língua nos banquetes suntuosos e prolongados! Quantas inconveniências! ... Quanta falta de discrição! Revelam-se segredos de cuja guarda havia-se comprometido, tais como segredos profissionais, que são sagrados; deixa-se levar por conversas que ferem a reputação de um marido, de uma esposa, de uma mãe, a honra de uma família, quando não o futuro de uma nação. Pecados contra a justiça e a caridade: maledicências, calúnias, detrações, sob as formas mais inexcusáveis, são proferidas com uma liberdade desconcertante. ... Pecados contra a prudência: promete-se coisas que não é possível cumprir sem violar todas as leis morais ...”

867. B) A gula não é mais que *pecado venial* quando nos deixamos levar pelo deleite de comer e beber imoderadamente, mas sem cair em excessos graves e sem nos expor a violar qualquer preceito importante. Assim, pois, será pecado venial comer ou beber mais que o de costume, por prazer, para

homenagear uma boa refeição ou agradar a um amigo, sem cometer excessos notáveis.

868. C) Com relação à *perfeição* a gula é um sério obstáculo: 1) Fomenta a imortificação, que enfraquece a vontade e desenvolve o amor dos prazeres sensuais, que, por sua vez, predispõe a alma a perigosas concessões; 2) É origem de muitos pecados porque produz uma alegria excessiva que leva à dissipação, ao hábito de falar muito, a piadas de gosto duvidoso, à falta de recato e modéstia, e abre as portas da alma para os assaltos do demônio. Assim, é muito importante reprimi-la.

II.I.III – Remédios Contra a Gula

869. O princípio que nos deve orientar na luta contra a gula é a consideração de que o prazer *não é um fim*, mas um *meio*, e que, por conseguinte, deve estar subordinado à reta razão iluminada pela fé (nº 193). Destarte, a fé nos ensina que é preciso santificar os prazeres da mesa por meio da *pureza de intenção*, da *sobriedade* e da *mortificação*.

1. Antes de mais nada devemos tomar as refeições com *intenção reta e sobrenatural*. Não como os animais que somente buscam a satisfação de seu apetite, nem como o filósofo que não vai além de uma intenção honesta, mas como *cristãos*: para melhor trabalhar para a glória de Deus; com espírito de *gratidão* pela bondade de Deus, que se digna conceder-nos o pão de cada dia; com *humildade*, dizendo a nós mesmos, como fazia São Vicente de Paulo, que não merecemos o pão que comemos; com *amor*, empregando no serviço de Deus e das almas as forças que recobramos. Dessa maneira cumprimos as recomendações de São Paulo aos primeiros cristãos e que se repetem em muitas comunidades no início das refeições: “*Portanto, quer comais quer bebais ou façais qualquer outra coisa, fazei tudo para a glória de Deus*” (I Cor 10, 31).

870. 2. Essa pureza de intenção nos ajudará a comer com *sobriedade* e não ultrapassar a *justa medida*. Na realidade, se quisermos comer somente para recobrar as forças de que precisamos para cumprir os nossos deveres

de estado, evitaremos todos os excessos que podem comprometer a saúde. Peritos em saúde dizem que a “*sobriedade (ou frugalidade) é condição essencial para o vigor físico e moral. Já que comemos para viver, devemos nos alimentar saudavelmente para viver saudavelmente. Evitemos, pois, comer e beber em excesso ... O correto é levantar-nos da mesa com certa sensação de leveza e vigor, com o nosso apetite não completamente satisfeito e evitar a letargia provocada pelo excesso.*”^[521]

Não será demais advertir que a medida não é igual para todos. Alguns precisam, para evitar a tuberculose, de uma dieta mais abundante. Outros, pelo contrário, para combater a artrose, devem moderar seu apetite. Portanto, nesse ponto, o correto é seguir as orientações de um médico experiente.

871. 3. Juntamente com a sobriedade, o cristão deve praticar *algumas mortificações*.

A. Como é muito fácil escorregar e ceder aos prazeres da mesa, é recomendável privar-se, às vezes, de alguns alimentos que agradam, que são até mesmo úteis, mas não necessários. Ao privar-se de algumas satisfações legítimas, adquire-se certo domínio sobre a sensualidade, liberta-se o espírito da escravidão dos sentidos, goza-se de maior liberdade para dedicar-se à oração e ao estudo e evita-se tentações perigosas.

B. É um excelente exercício acostumar-se a **nunca** comer sem fazer alguma mortificação durante a refeição. Essas pequenas privações têm a vantagem de fortalecer a vontade sem prejudicar a saúde e, por essa razão, são geralmente preferíveis às grandes mortificações, que se podem fazer somente raras vezes. As almas generosas agregam ainda uma razão de caridade: deixam uma pequena porção para os pobres e, por conseguinte, para Jesus que vive neles. Como adverte São Vicente Ferrer, a porção que se separa não deve ser a pior, mas a melhor, por pouco que seja. Também é um bom exercício acostumar-se a comer um pouco do que não agrada.

872. C. Entre as mortificações mais convenientes devemos colocar as que se referem às *bebidas alcoólicas*. Sobre essa matéria, recordemos os seguintes princípios:

a) Em si, o consumo moderado de álcool e drinques não é um mal. Assim, não podemos censurar os seculares nem os sacerdotes que o tomam

com moderação.

b) Mas, abster-se por espírito de mortificação e para dar bom exemplo, é certamente muito digno de louvor. Por essa razão é que há sacerdotes e homens de apostolado que se privam de qualquer bebida alcoólica, para que outros mais facilmente também a deixem.

c) Há casos em que essa abstinência é moralmente necessária para evitar os excessos: 1) Quando, por herança genética, há uma certa propensão às bebidas alcoólicas. Nesse caso, mesmo o uso moderado pode criar uma inclinação quase irresistível ao abuso, do mesmo modo que uma faísca pode provocar um incêndio em um depósito de inflamáveis; 2) Se houve a infelicidade de cair no vício do alcoolismo, o único remédio eficaz é a completa abstenção.

II.II – A LUXÚRIA ^[522]

II.II.I – Natureza da Luxúria

873. Assim como Deus quis que houvesse um prazer sensível incorporado à alimentação, para que o homem conservasse a vida, também quis um prazer especial nos atos sexuais que propagam a espécie humana.

Portanto, esse prazer é lícito para os casados, sempre que se use do matrimônio para o fim nobilíssimo para o qual foi instituído, a saber, a transmissão da vida. Fora disso está rigorosamente proibido. ^{[523]NT} Apesar dessa proibição, há em nós, principalmente a partir da puberdade ou da adolescência, uma inclinação mais ou menos forte para experimentar esse prazer, mesmo fora do matrimônio legítimo. Essa inclinação desordenada chama-se *luxúria*, e é condenada em dois mandamentos do decálogo: “*Não cometerás adultério. ... não cobiçarás a mulher do teu próximo*” (Ex 20, 14 e 17).

Portanto, não são proibidos somente os atos *exteriores*, mas também os *interiores consentidos*: representações da imaginação, pensamentos e desejos. Quando alguém deliberadamente detém-se em imaginações, pensamentos desonestos ou maus desejos, os sentidos ficam perturbados e os movimentos orgânicos que então se produzem são o prelúdio de atos

contrários à pureza. Se, pois, quisermos evitar esses atos, é necessário reprimir os pensamentos e as representações perigosas da imaginação.

II.II.II – Gravidade dos Pecados da Luxúria

874. A. Quando se quer ou se busca *diretamente* o prazer mau, voluptuoso, comete-se *pecado mortal*. De fato, é uma grave desordem pôr em perigo a conservação e a propagação da espécie humana. Com efeito, se fosse aceito o princípio de que podemos licitamente buscar o prazer da carne por pensamentos, palavras e afetos, fora do contexto legítimo do matrimônio, seria impossível colocar um freio no ardor dessa paixão, cujas exigências crescem à medida que seus desejos são satisfeitos, e em pouco tempo o propósito do Criador restaria frustrado. Ademais, a experiência demonstra que há muitos jovens que se tornaram incapazes de transmitir a vida porque abusaram do seu corpo. Assim, no que se refere ao mau prazer, diretamente desejado, não pode haver abrandamento da matéria.

B. Porém, há casos em que esse prazer, mesmo sem ser diretamente procurado, ocorre como consequência de certos atos, até mesmo bons ou, quando menos, indiferentes. Se não há consentimento nesse prazer e, além disso, há razão suficiente para pôr em prática o motivo que lhe dá causa, não haverá culpa e não há porque se alarmar. Mas, quando os atos determinantes dessas sensações não são necessários, nem verdadeiramente úteis, tais como as leituras perigosas, as representações teatrais, as conversas frívolas, as danças lascivas, é evidente que há um pecado de imprudência, cuja gravidade varia de acordo com a desordem produzida e com o risco de consentir nele.

875. C. No que diz respeito à *perfeição*, não há, depois do orgulho, maior obstáculo para o crescimento espiritual que o vício da impureza.

a) Sejam solitários ou cometidos com outras pessoas, essas faltas não tardam a produzir *hábitos tirânicos* que paralisam todo impulso de perfeição e inclinam a vontade para os prazeres mais grosseiros. Perde-se o gosto pela oração e pelas virtudes austeras e desaparecem as aspirações nobres e generosas.

b) O *egoísmo* apodera-se da alma; o amor pelos pais e amigos vai enfraquecendo até o ponto de se extinguir por completo; resta somente o desejo de gozar, a qualquer custo, dos prazeres da carne: é uma verdadeira obsessão.

c) O equilíbrio das faculdades é então rompido: o corpo e volúpia passam a comandar; a vontade torna-se escrava de vergonhosa paixão, e em pouco tempo revolta-se contra Deus, porque este proíbe e castiga esses prazeres ilícitos.

d) Muito rapidamente se fazem sentir os tristes efeitos dessa abdicação da vontade: a inteligência fica entorpecida e enfraquece porque as forças vitais foram dominadas pelos sentidos; já não se acha gosto pelos estudos sérios; a imaginação ocupa-se apenas com coisas baixas; pouco a pouco o coração murcha, seca, endurece, e somente o atraem os prazeres grosseiros. ^{[524]INT}

e) Muitas vezes o próprio corpo é profundamente afetado: o sistema nervoso, superestimulado pelo abuso do prazer, irrita-se, debilita-se e “*torna-se impróprio para suas funções de regulação e defesa*”^[525]; diversos órgãos funcionam apenas de maneira imperfeita; a nutrição torna-se inadequada, as forças enfraquecem e as doenças passam a ameaçar.

É evidente que uma alma desse modo desequilibrada, que sustenta um corpo já debilitado, não pode sonhar com a perfeição; a cada dia vai se afastando mais e mais, e pode considerar-se feliz com a graça de arrepender-se a tempo de pelo menos assegurar a salvação. Portanto, é importante indicar alguns remédios para vício tão grosseiro.

II.II.III – Remédios Contra a Luxúria

876. Para resistir a paixão tão perigosa é necessário: *convicções profundas, fugir das ocasiões perigosas, mortificação, oração.*

A. Convicções profundas tanto sobre a *necessidade* de lutar contra o vício quanto sobre a *possibilidade* de vitória.

a) O que falamos sobre a gravidade do pecado da luxúria mostra o quanto é necessário evitá-lo se não quisermos ficar expostos à eterna condenação. Além disso podemos acrescentar dois motivos dados por São Paulo: 1) Somos templos vivos da Santíssima Trindade (I Cor 3, 16), templos santificados pela presença do Deus de toda a santidade e por uma

participação na vida divina (nº 98 a 107). Não há nada que manche mais esse templo que o vício da impureza, que profana tanto o corpo como a alma do batizado; 2) Somos *membros* de Jesus Cristo (I Cor 6, 15 – 20), ao qual fomos incorporados pelo batismo. Por conseguinte, devemos respeitar nosso corpo como sendo o corpo do próprio Cristo. Assim, como poderíamos profaná-lo com atos contrários à pureza? Não seria uma horrível espécie de sacrilégio buscar esse prazer grosseiro que nos rebaixa ao nível dos animais irracionais?

877. b) Muitos dizem que é impossível guardar a continência. Assim pensava Santo Agostinho antes de sua conversão. Mas, depois de convertido a Deus, sustentado pelos exemplos dos santos e pela graça dos sacramentos, compreendeu não haver coisa impossível para quem sabe orar e lutar. Isso é bem verdadeiro: por natureza somos muito fracos e o prazer por vezes é tão tentador que nos faz sucumbir; mas, apoiando-nos na graça divina e esforçando-nos energicamente, vencemos as mais fortes tentações. – E não se diga que a continência, para os jovens, represente um *perigo para a saúde*, pois os médicos conscienciosos respondem conforme o Congresso Internacional de Bruxelas:^[526] “*É necessário sobretudo ensinar à juventude masculina que a castidade e a abstinência, não somente não são nocivas, mas são virtudes até mesmo recomendáveis do ponto de vista médico e higiênico.*” Com efeito, não se têm notícia de qualquer doença que provenha da continência e, pelo contrário, há muitas que têm como causa a luxúria.

878. B) A fuga das ocasiões. É um axioma espiritual que o melhor meio de manter-se casto é fugir das ocasiões perigosas. Quando estamos convencidos de nossa fraqueza, não nos devemos expor inutilmente ao perigo. Quando as ocasiões não são *necessárias*, devem ser evitadas sob o risco de cair: “*Quem ama o perigo nele perecerá*” (Eclo 3, 27). Assim, caso se trate de leituras, visitas, encontros, espetáculos perigosos, que podemos prescindir sem grande inconveniente, não devemos hesitar: em vez de ir ao encontro, importa fugir dessas ocasiões como da vista de uma serpente venenosa. Se *não for possível evitá-las*, deve-se então fortalecer a vontade com disposições interiores que aliviem o perigo. Por isso é que São Francisco de Sales disse que, se não se puder evitar ir aos bailes, pelo

menos deve-se ir acompanhado da modéstia, da dignidade e da boa intenção e, para que essas diversões perigosas não despertem na alma maus afetos, é conveniente pensar, no decorrer do baile, que muitas almas estão ardendo no inferno pelos pecados cometidos num baile ou por causa de um baile.^[527] Hoje em dia isso ainda é mais verdadeiro, considerando as danças exóticas e lúbricas que invadem muitos salões.

879. C) Contudo, há ocasiões inevitáveis; são as que nos deparamos a cada dia em nós e fora de nós, e destas não triunfaremos senão pela **mortificação**. Já dissemos em que consiste essa virtude e como podemos exercitá-la (nº 754 a 815). Porém, importa recordar algumas de suas prescrições, mais diretamente relacionadas com a castidade.

a) Devemos mortificar muito a *visão*, porque os olhares imprudentes incendeiam os maus desejos e estes arrastam a vontade. Por isso é que Nosso Senhor diz que: “*todo aquele que lançar um olhar de cobiça para uma mulher, já adulterou com ela em seu coração*” (Mt 5, 28); e acrescenta que: “*Se teu olho direito é para ti causa de queda, arranca-o e lança-o longe de ti*” (Mt 5, 29), ou seja, deve-se afastar completamente o olhar daquilo que escandaliza. Essa modéstia dos olhos hoje em dia é ainda mais necessária posto que em toda parte encontramos pessoas ou coisas propícias para estimular as tentações.^[528]

b) O sentido do *tato* é ainda mais perigoso, porque produz impressões sensuais que facilmente conduzem aos maus prazeres. Faz-se, pois, necessário guardar-se desses toques ou carícias que nunca deixam de estimular as paixões.

c) Quanto à *imaginação* e à *memória*, recorde-se das regras já mencionadas (nº 781). No que diz respeito à vontade, deve-se torná-la forte por uma educação viril, segundo os princípios expostos nos nºs 811 a 816.

880. d) Também é necessário *mortificar o coração* por meio da luta contra as amizades sensíveis e perigosas (nºs 600 a 604). Para aqueles que se preparam para o casamento chegará o momento em que se unirão com um amor legítimo, mas deverá continuar sendo casto e sobrenatural. Deverão evitar, pois, as demonstrações de afeto que possam ser contrárias às leis da decência, tendo sempre presente que, para ser abençoada por Deus, a união deverá ser pura. Quanto aos que são demasiadamente jovens para pensar em

matrimônio, devem estar muito alertas contra as afeições sensíveis e sensuais que amolecem o coração, dispondo-o para perigosas concessões. Quem brinca com fogo se queima. Destarte, se alguém exige da pessoa que quer desposar, pureza de coração, não é justo que conserve puro também o seu?

881. e) Por fim, uma das mortificações mais eficazes é aplicar-se com constância e energia no cumprimento dos *deveres do próprio estado*. A ociosidade é má conselheira; o trabalho, pelo contrário, absorve toda a nossa atividade e afasta da nossa imaginação, de nosso espírito e de nosso coração, os objetos perigosos. Retornaremos a esse assunto no nº 887.

882. D) Oração. a) O Concílio de Trento nos ensina que Deus não nos manda nada impossível, mas quer que façamos o que podemos e peçamos a graça para fazer aquilo que por nós mesmos não conseguimos.^[529] Essa norma aplica-se sobretudo à castidade, que oferece dificuldades especiais para a maior parte dos cristãos, mesmo para os que vivem no santo estado do matrimônio. Para vencê-las é necessário orar, e orar com frequência, e também meditar sobre as verdades fundamentais. A frequente elevação da alma para Deus, pouco a pouco, vai nos desapegando dos prazeres sensuais e elevando-nos para as alegrias puras e santas.

b) A oração deve vir acompanhada da *frequente recepção dos sacramentos*. 1) Quem se confessa com frequência e acusa com sinceridade os pecados ou imprudências cometidas contra a pureza, com a graça da absolvição e os conselhos que recebe, fortalece sua vontade contra as tentações. 2) Essa graça é ainda mais robustecida com a *comunhão frequente*. A união íntima com o Deus de toda a santidade amortece a concupiscência, torna a alma mais sensível aos bens espirituais e a desapega dos prazeres grosseiros. São Felipe Neri curava os jovens, vítimas do vício da impureza, com confissão e comunhão frequente. Ainda hoje não há remédio mais eficaz tanto para conservar como para fortalecer a virtude. Se tantos jovens, rapazes e moças, não se deixam contagiar por esse vício, é porque encontram nas práticas religiosas uma arma contra as tentações que os assediam. Certamente essa arma exige coragem, energia e esforço contínuo, mas com a oração, os sacramentos e uma vontade firme, todos os obstáculos são superados.

II.III – A PREGUIÇA ^[530]

883. A preguiça está conectada com a sensualidade porque procede do amor do prazer, na medida em que nos inclina a evitar o esforço e o incômodo. Com efeito, há em todos nós uma tendência ao menor esforço, que paralisa e diminui nossa atividade. Exporemos; 1º - Sua *natureza*; 2º - Sua *malícia*; 3º - Seus *remédios*.

II.III.I – Natureza da Preguiça

884. A. A preguiça é uma *tendência à ociosidade ou, pelo menos, à negligência, ao torpor na ação*. Às vezes é uma *disposição mórbida* decorrente do mau estado de saúde. Com mais frequência é uma *doença da vontade*, que teme e recusa o esforço. O preguiçoso quer escapar de todo esforço, de tudo o que possa perturbar o sossego ou envolver fadigas. É um verdadeiro parasita, que vive às custas dos demais enquanto pode. Tranquilo e resignado enquanto ninguém o molesta, mas grosseiro e mal-humorado quando o querem tirar da sua comodidade.

B. Há *diversos graus* de preguiça: **a)** O *desleixado* ou indolente não se move a realizar sua tarefa senão com lentidão, moleza e indiferença. Tudo o que faz é mal feito. **b)** O *ocioso* não recusa inteiramente o trabalho, mas sempre atrasa, anda de um lado para outro sem fazer nada e adia indefinidamente a tarefa que havia se comprometido; **c)** o *verdadeiro preguiçoso* não quer fazer nada que canse e mostra notória aversão a qualquer trabalho sério do corpo e do espírito.

C. Quando a preguiça diz respeito a exercícios de piedade, chama-se *acídia*, que é um certo desgosto das coisas espirituais, que leva a fazê-las com negligência, encurtá-las e até mesmo omiti-las, valendo-se de vãos pretextos. É a mãe da tibieza, da qual falaremos na *via iluminativa*.

II.III.II – Malícia da Preguiça

885. A. Para entender a malícia da preguiça deve-se ter em mente que o homem foi criado para trabalhar. Quando Deus criou nossos primeiros pais, colocou-os em um paraíso de delícias para que nele trabalhassem: “O Senhor Deus tomou o homem e colocou-o no jardim do Éden para cultivá-lo e guardá-lo” (Gn 2, 15). Com efeito, o homem não é, como Deus, um ser perfeito. Tem muitas faculdades que, para se aperfeiçoarem, precisam operar. Assim, o trabalho é uma *exigência* da *natureza* humana para exercitar suas faculdades, para prover as necessidades do seu corpo e de sua alma e, desse modo, tender para o seu fim. A lei do trabalho, portanto, é anterior ao pecado original. Mas, como o homem pecou, o trabalho passou a ser não somente uma lei da natureza, mas também uma *punição*, pois tornou-se penoso e um meio de reparar sua falta. Com o suor do rosto devemos comer o pão, tanto o que nutre o espírito como o que restaura as forças do corpo: “Comerás o teu pão com o suor do teu rosto” (Gn 3, 19).

Assim, o preguiçoso falha no cumprimento dessa dupla lei, natural e positiva: comete *pecado* cuja gravidade mensura-se pela gravidade das obrigações que negligencia.

a) Quando chega a descumprir os deveres *religiosos* necessários para a sua salvação ou santificação, comete pecado *grave*. Peca do mesmo modo quando voluntariamente descuida, em matéria importante, de alguma das *obrigações do próprio estado*.

b) Na medida em que esse torpor acarreta apenas o descuido de deveres, civis ou religiosos, de menor importância, a falta é apenas *venial*. Mas a ladeira é escorregadia e, se nada for feito contra a indolência, agrava-se rapidamente, tornando-se mais danosa e culpável.

886. B. Em relação à *perfeição*, a preguiça espiritual é um dos mais fortes obstáculos, em razão dos seus danosos *efeitos*.

a) Torna nossa vida mais ou menos *estéril*. Pode-se bem aplicar à alma aquilo que a Sagrada Escritura fala a respeito do campo do preguiçoso (Prov 24, 30 – 34):

“Perto da terra do preguiçoso eu
passei,
junto à vinha de um homem
insensato:

*eis que, por toda a parte,
cresciam abrolhos,
urtigas cobriam o solo, o muro
de pedra estava por terra.
Vendo isso, refleti; daquilo que
havia visto, tirei esta lição:
um pouco de sono, um pouco de
torpor,
um pouco cruzando as mãos para
descansar
e virá a indigência como um
vagabundo,
a miséria como um homem
armado!”*

É o que acontece com a alma do preguiçoso: em vez de virtudes, nela crescem os vícios; os muros, que a mortificação tinha erguido para proteger a virtude, caem pouco a pouco, preparando o caminho para a invasão do inimigo, isto é, o pecado.

887. b) Em pouco tempo as tentações tornam-se mais fortes e assediantes, *“pois a ociosidade ensina muita malícia”* (Eclo 33, 29). Foi a preguiça, juntamente com o orgulho, que fizeram Sodoma perder-se: *“O crime da tua irmã Sodoma era este: opulência, glotoneria, indolência, ociosidade; eis como vivia ela, assim como suas filhas, sem tomar pela mão o miserável e o indigente”* (Ez 16, 49). Com efeito, o espírito e o coração do homem não podem permanecer inativos. Se não estão ocupados com estudo ou trabalho, são logo invadidos por uma infinidade de imagens, pensamentos, desejos e afetos. Como o estado de natureza decaída, quando não combatido, faz imperar no homem a tríplice concupiscência, os pensamentos que predominarão na sua alma, expondo-a ao pecado, serão os sensuais, ambiciosos, soberbos, egoístas e interesseiros. ^[531]

888. C. No entanto, não somente a perfeição da nossa alma está em jogo em razão da preguiça, mas também a *salvação eterna*. Porque, além dos pecados positivos que a ociosidade nos faz cair, somente o fato de não cumprirmos com os nossos deveres importantes já é causa suficiente de

reprovação. Fomos criados para servir a Deus e cumprir com nossos deveres de estado; somos obreiros que Deus enviou para trabalhar na sua vinha. Ora, o Senhor não exige de seus trabalhadores somente abster-se do mal, mas quer também que trabalhem. Assim, mesmo que não cometamos atos positivos contra as leis divinas, mas cruzamos os braços em vez de trabalhar, o Senhor irá censurar nossa ociosidade: “*Por que estais todo o dia sem fazer nada?*” (Mt 20, 6). A árvore estéril, pelo simples fato de não dar frutos, merece ser cortada e lançada ao fogo: “*toda árvore que não produzir bons frutos será cortada e lançada ao fogo*” (Mt 3, 10).

II.III.III – Remédios Contra a Preguiça

889. A. Para recuperar o preguiçoso é necessário primeiramente gravar em sua alma *convicções* profundas sobre a necessidade do trabalho, fazê-lo compreender que tanto ricos como pobres estão sob essa lei e que basta infringi-la para incorrer na eterna condenação. Esse é o ensinamento que Nosso Senhor nos deixou na parábola da figueira estéril. Durante três anos seguidos o dono veio colher os seus frutos e, vendo que nada encontrava, mandou o lavrador cortá-la: “*Corte-a. Ela só fica aí esgotando a terra*” (Lc 13, 7).

Ninguém diga: sou rico, não tenho necessidade de trabalhar. Se não tens necessidade de trabalhar para ti mesmo, deves trabalhar para os demais. Deus, que é teu Senhor, é que manda: se te foram dados braços, cérebro, inteligência, forças, foi para que os empregue para Sua glória e para o bem de teus irmãos. Certamente não faltam oportunidades de empregá-los: Quantos pobres precisando de socorro, ignorantes por instruir, corações feridos para consolar! Quantas empresas para fundar, que dariam trabalho e pão para os que não têm! E quem pretende criar uma família numerosa, não terá que sofrer e trabalhar para assegurar o futuro dos filhos? Tenhamos sempre presente a grande lei da solidariedade cristã, em virtude da qual o trabalho de cada um aproveita a todos, enquanto a preguiça é danosa tanto para o bem geral quanto para o particular.

890. B. A esse convencimento deve juntar-se o *esforço continuado e metódico*, aplicando-se as regras postas no nº 812 para educar a vontade.

Considerando que o preguiçoso instintivamente retrocede diante do esforço, importa muito mostrar-lhe que não há homem mais infeliz que o ocioso. Não sabendo como empregar ou, como popularmente se diz, *matar* o tempo, aborrece-se, perde o gosto de tudo e acaba tendo horror à vida. Não seria melhor fazer um esforço para ser útil e conquistar um pouco de felicidade, tentando fazer as pessoas ao seu redor felizes?

Entre os preguiçosos há aqueles que desenvolvem certas atividades, mas somente em jogos, esportes e reuniões mundanas. A estes deve-se recordar a seriedade da vida e o dever de tornar-se útil, para que direcionem a atividade para um campo mais nobre e sintam horror de serem parasitas. O matrimônio cristão, com as obrigações que a família traz consigo, é muitas vezes um excelente remédio. O pai de família sente necessidade de trabalhar para os filhos e de não pôr em mãos estranhas a administração de seus bens.

Mas o que nunca será suficientemente lembrado é a consideração do *fim da vida*.^[532] Estamos neste mundo, não para viver como parasitas, mas para conquistar, com o trabalho e a virtude, um posto no céu.^{[533]NT} E Deus não cessa de nos dizer: “*Por que estais todo o dia sem fazer nada? ... Ide vós também para minha vinha.*” (Mt 20, 6 – 7).

Art. III – A AVAREZA^[534]

A avareza está em conexão com a concupiscência dos olhos, da qual falamos no nº 199. Exporemos: 1º - Sua *natureza*; 2º - Sua *malícia*; 3º - Seus *remédios*.

III.I – NATUREZA DA AVAREZA

891. Avareza é o *amor desordenado dos bens terrenos*. Para discernir em que consiste a desordem da avareza é preciso considerar o fim para o qual o Nosso Senhor concedeu os bens temporais para os homens.

A. O fim proposto por Deus é de duas ordens: o proveito próprio e o de nossos irmãos.

a) Os bens terrenos foram dados ao homem para: acudir às suas necessidades temporais, quer do corpo, quer da alma; conservar sua vida e a dos que dele dependem e; propiciar os meios de cultivar a inteligência e as demais faculdades. Entre esses bens: 1) alguns são *necessários* no presente ou o serão no futuro: temos o dever de adquiri-los com trabalho honesto; 2) outros são *úteis* para melhorar progressivamente nossos recursos, proporcionando bem-estar, tanto a nós mesmos quanto aos outros, contribuindo para o bem público e fomentando as ciências e as artes. Não é proibido desejá-los para fins honestos, desde que se reserve uma parte para os pobres e para as boas obras.

b) Também nos foram dados para acudir aqueles nossos irmãos que estão na indigência. De certo modo, somos *tesoureiros da Providência*. Assim, devemos gastar nossos bens supérfluos no socorro dos pobres.

892. Agora já é mais fácil mostrar em que consiste a desordem do amor dos bens terrenos.

a) Muitas vezes a desordem está na *intenção*: as riquezas são desejadas como um fim em si mesmas, ou como meio para atingir metas que estabelecemos como fim último, como, por exemplo, para alcançar

prazeres e honras. Se paramos nisso, não considerando a riqueza um meio de conquistar bens mais elevados, haverá uma espécie de idolatria, um culto ao bezerro de ouro: viveremos somente para o dinheiro.

b) A desordem também se manifesta no *modo de adquirir* as riquezas. As vezes são buscadas com avidez, por todos os meios possíveis, em detrimento dos direitos do próximo, da própria saúde e da saúde dos empregados, por meio de especulações temerárias, que colocam em risco até mesmo os frutos das próprias economias.

c) Mostra-se ainda na *maneira de utilizar* as riquezas: 1) Só se gasta com muita relutância, com mesquinhez, porque se quer acumular para estar mais seguro, ou para desfrutar da influência que a riqueza proporciona; 2) Nada, ou quase nada, se dá aos pobres e para as boas obras; *capitalizar* é o fim supremo que o avarento persegue a todo custo; 3) Alguns chegam ao ponto de amar o dinheiro como um ídolo, trancando-o nos cofres, apalmando-o com amor: este é o tipo clássico de avareza.

893. C. Em geral esse pecado não é próprio dos jovens que, afoitos e imprevidentes, não pensam em reunir um capital. Contudo, há exceções entre os de caráter taciturno, preocupado ou calculista. O mais comum é manifestar-se na idade madura e na velhice, porque nesse período da vida cresce o *temor da falta*, fundamentado no medo das enfermidades e dos acidentes, que podem trazer consigo a impossibilidade ou incapacidade de trabalhar. Os celibatários, solteiros e solteiras, são particularmente vulneráveis a esse vício, pois não têm filhos que os socorram na velhice.

894. D. A civilização moderna propiciou o desenvolvimento de outra forma de amor insaciável das riquezas, a *plutocracia*, a sede de se tornar um milionário ou bilionário, não para assegurar o futuro dos seus filhos, mas para conquistar o *poder dominador* que o dinheiro proporciona. Quem dispõe de enormes somas de dinheiro, desfruta de uma influência muito grande e exerce um poder que muitas vezes é mais eficaz que o dos governantes. Há quem seja o rei do ferro, do aço, do petróleo, das finanças, que mandam tanto nos governantes como no povo. Essa dominação do ouro degenera muitas vezes em uma intolerável tirania.

III.II – MALÍCIA DA AVAREZA

895. A. A avareza é um sinal de *falta de confiança em Deus*, que prometeu velar por nós com paternal solicitude, não permitindo que nos falte o necessário, desde que tenhamos confiança nele. Convida-nos a olhar para as aves do céu, que não semeiam nem colhem, e para os lírios dos campos, que não trabalham nem fiam, certamente não para nos entregar à preguiça, mas para sossegar nossas preocupações e estimular-nos à confiança em nosso Pai celestial (Mt 7, 24 – 34). O avarento, em vez de colocar sua confiança em Deus, coloca-a na abundância de suas riquezas, ofendendo a Deus com sua desconfiança: “*Eis o homem que não tomou a Deus por protetor, mas esperou na multidão de suas riquezas e se prevaleceu de seus próprios crimes*” (Sl 51, 9). Essa desconfiança vem acompanhada de uma excessiva confiança em si mesmo e na própria atividade: o avarento pretende ser *sua própria providência* e com isso cai em uma espécie de idolatria, fazendo do dinheiro um deus. Mas ninguém pode servir ao mesmo tempo a dois senhores, a Deus e a riqueza: “*Não podeis servir a Deus e à riqueza*” (Mt 6, 24).

Assim, esse pecado, pelas razões expostas, é *grave por natureza*. Também o é: quando são infringidos deveres graves de *justiça*, ao serem empregados meios fraudulentos para adquirir ou conservar a riqueza; quando se peca contra a *caridade* ao não dar as esmolas necessárias; ou contra a *religião*, quando se deixa absorver pelos negócios a ponto de menosprezar os deveres religiosos. Porém, é apenas pecado venial quando não nos faz infringir nenhuma das principais virtudes cristãs e a nenhum de nossos deveres para com Deus.

896. B. Na ordem da *perfeição*, o amor desordenado das riquezas é um obstáculo muito grave.

a) É uma paixão que tende a *ocupar o lugar de Deus em nosso coração*. Esse coração, que é templo de Deus, é assaltado por toda sorte de desejos ansiosos pelas coisas da terra, por inquietudes e preocupações absorventes. Porém, para a união com Deus, requer-se que o coração esteja desprendido de toda criatura ou preocupação terrena. Deus quer para si “*toda a alma, todo o coração, todo o tempo e todas as forças de suas amadas criaturas*.”^[535] Sobretudo, é necessário esvaziá-lo do orgulho, mas o

apego às riquezas o faz aumentar, porque o homem passa a ter mais confiança nos bens terrenos que em Deus.

Por isso, deixar que o coração se apegue ao dinheiro é fechar a porta ao amor de Deus, pois onde estiver nosso tesouro, ali estará nosso coração (Mt 6, 21). Por outro lado, desprendê-lo desse apego é abrir essa porta: uma alma despojada das riquezas, é rica de Deus; a sua riqueza é a riqueza do próprio Deus.

b) A avareza também conduz à *imortificação* e à *sensualidade*. Quando tem e ama o dinheiro, o avarento deseja desfrutar dele e com ele adquirir muitas coisas prazerosas ou, privando-se desses prazeres, apega-se ao dinheiro em si mesmo. Em ambos os casos, o dinheiro é um ídolo que o afasta de Deus. Assim, importa muito combater esse vício.

III.III – REMÉDIOS CONTRA A AVAREZA

897. A. O principal remédio é a profunda convicção, fundamentada na razão e na fé, de que as riquezas não são um fim, mas *meios* que a Providência nos dá para atender as nossas necessidades e a de nossos irmãos; de que Deus sempre será o Senhor Soberano de todas as coisas, e que nós, em verdade, somos somente seus administradores, que ao seu tempo deveremos prestar contas ao Supremo Juiz. Destarte, são bens que *passam* e não serão levados para a outra vida e, mesmo que os levássemos, lá nada valeriam. Além disso, se formos prudentes, acumularemos bens para o céu e não para a terra: “*Não ajunteis para vós tesouros na terra, onde a ferrugem e as traças corroem, onde os ladrões furtam e roubam. Ajuntai para vós tesouros no céu, onde não os consomem nem as traças nem a ferrugem, e os ladrões não furtam nem roubam.*” (Mt 6, 19 – 20).

B. O meio mais eficaz de desapegar o coração das riquezas é *depositar os nossos bens no banco do céu*, empregando uma boa parte deles com os pobres e nas obras de misericórdia. Dar aos pobres é emprestar a Deus, é receber o cêntuplo, ainda mesmo neste mundo, e tendo por consolo fazer felizes os que estão ao nosso redor. Porém, acima de tudo, o consolo do céu, onde Jesus Cristo, que considera como dado a si mesmo o que foi dado ao menor dos seus, cuidará em restituir-nos, em bens imperecíveis, os bens temporais que por Ele sacrificamos. Assim, *prudentes* são aqueles que trocam os tesouros dessa terra pelos do céu. A prudência cristã consiste em

buscar a Deus e a santidade: “*Buscai em primeiro lugar o Reino de Deus e a sua justiça e todas estas coisas vos serão dadas em acréscimo*” (Mt 6, 33).

898. C. Os *perfeitos* vão ainda mais longe: vendem tudo o que têm para dá-lo aos pobres, ou para pô-lo em comum, se ingressam em uma congregação. Também é possível, mesmo conservando o domínio, *desprender-se dos rendimentos*, não fazendo uso deles senão conforme o conselho de um prudente diretor espiritual. Desse modo, sem deixar o estado em que a Providência nos colocou, colocaremos em prática o desapego do espírito e do coração.

CONCLUSÃO

899. Assim, pois, a luta contra os sete pecados capitais desenraiza de nós as más inclinações que decorrem da tríplice concupiscência. Certamente sempre restará em nós algumas dessas tendências, que nos farão exercitar a paciência e conscientizar-nos sempre de que devemos desconfiar de nós mesmos. Todavia, já serão menos perigosas e, com a ajuda da graça de Deus, facilmente as venceremos. Com certeza, apesar de todos os nossos esforços, surgirão ainda tentações em nossa alma, mas estas serão somente para dar-nos ocasião de novas vitórias.

CAPÍTULO V – LUTA CONTRA AS TENTAÇÕES

900. Apesar de todos os nossos esforços para desenraizar de nós os vícios, podemos e devemos esperar tentações. Os inimigos espirituais, a concupiscência, o mundo e o demônio (nº 193 a 227) não cessam de armar-nos ciladas. Por isso, é necessário falar sobre a tentação, tanto da *tentação em geral*, com das *principais tentações dos principiantes*.

Art. I – DA TENTAÇÃO EM GERAL ^[536]

901. A tentação é uma *solicitação para o mal* que provém dos nossos inimigos espirituais. Exporemos: 1º - *Os fins providenciais da tentação*; 2º - *A psicologia da tentação*; 3º - *Como devemos agir* diante da tentação.

I.I – OS FINS PROVIDENCIAIS DA TENTAÇÃO

902. Deus não nos tenta diretamente: “Ninguém, quando for tentado, diga: *É Deus quem me tenta. Deus é inacessível ao mal e não tenta a ninguém*” (Tg 1, 13). Todavia, permite que sejamos tentados por nossos inimigos espirituais, dando-nos, contudo, as graças necessárias para resistir: “*Deus é fiel: não permitirá que sejais tentados além das vossas forças, mas com a tentação ele vos dará os meios de suportá-la e sairdes dela*” (I Cor 10, 13). Deus tem boas razões para isso:

1. Quer *fazer-nos merecer o céu*. Sem dúvida, poderia conceder-nos como um *dom*, mas em sua sabedoria quis que o merecêssemos como uma *recompensa*. Quis também que a recompensa fosse proporcional ao mérito e, portanto, à dificuldade superada. Não há dúvidas de que um dos desafios mais difíceis é a tentação, que põe em perigo nossa frágil virtude. Lutar energeticamente contra ela é um dos atos mais meritórios e quando, com ajuda da graça de Deus, triunfamos, podemos dizer com São Paulo que combatemos o bom combate e que nos resta somente receber a coroa da justiça que Deus preparou para nós (I Tim 4, 7 – 8). A honra e a alegria de possuí-la será tanto maior quanto mais tivermos feito para merecê-la.

903. 2. É também um meio de *purificação*: 1) Recorda-nos que, se em outras oportunidades caímos, foi por falta de vigilância e de energia e, por isso, é uma oportunidade de renovar atos de contrição, vergonha e humildade, que contribuem para purificação de nossas almas; 2) Ao mesmo tempo, obriga-nos a esforços enérgicos e constantes para não sucumbir e, com isso, move-nos a expiar nossas covardias e capitulações com atos

contrários. Tudo isso torna nossa alma mais pura, e essa é a razão pela qual Deus, quando quer purificar mais perfeitamente uma alma para elevá-la às alturas da contemplação, permite que padeça horríveis tentações, conforme falaremos ao tratar da via unitiva.

904. 3. Por fim, é um *meio de progresso espiritual*.

a) A tentação é como uma *chicotada* que nos desperta no momento em que estamos prestes a dormir e relaxar. Faz-nos compreender a necessidade de não parar no meio do caminho e de mirar mais alto, para ficarmos mais afastados do perigo, tendo com isso maior segurança.

b) É também uma *escola de humildade*, de desconfiança de nós mesmos. Reconhecemos melhor nossa fraqueza, nossa impotência, e sentimos maior necessidade da graça e de orar com mais fervor; vemos melhor a necessidade de mortificar o amor dos prazeres, origem de nossas tentações, e abraçamos com maior generosidade as pequenas cruces de cada dia para arrefecer o ardor da concupiscência.

c) É ainda uma *escola de amor a Deus*. Para resistir à tentação com maior segurança, lançamo-nos nos braços de Deus, buscando nele força e proteção. Além disso, damos a Ele graças pelos benefícios que nunca deixa de conceder-nos, comportando-nos como um filho que em todas as suas dificuldades recorre ao mais amoroso dos pais.

Portanto, a tentação é muito proveitosa e, por isso, Deus permite que seus amigos sejam tentados: “*Mas porque eras agradável ao Senhor, foi preciso que a tentação te provasse*” (Tb 12, 13).

I.II – A PSICOLOGIA DA TENTAÇÃO

Falaremos sobre: 1º - A *frequência* das tentações; 2º - Suas *diversas fases*; 3º - Os *sinais e os graus de consentimento*.

I.II.I – Frequência das Tentações

905. A frequência e a violência das tentações variam extremamente. Há almas que são tentadas forte e continuamente; outras raramente e sequer sentem-se profundamente abaladas. Muitas são as causas que explicam essa diversidade:

a) A primeira delas é o *temperamento* e o *caráter*. Há pessoas extremamente apaixonadas e, ao mesmo tempo, de vontade fraca, que sofrem tentações frequentes e revoltam-se contra elas; outras muito enérgicas e equilibradas, que raramente são tentadas e preservam a calma diante delas.

b) A *educação* traz consigo outras diferenças. Há almas educadas no temor e amor de Deus, no cumprimento habitual de deveres austeros e que praticamente só receberam bons exemplos; outras, pelo contrário, foram educadas no amor do prazer, no medo de qualquer sofrimento, e constantemente expostas aos exemplos de vida mundana e sensual. É evidente que estes últimos serão muito mais tentados que os primeiros. ^{[537]INT}

c) Deve-se também ter em conta os desígnios da Providência. Há almas que Deus chama a um elevado grau de santidade, preservando-lhes a pureza com zeloso cuidado; outras, que também destina para a santidade, quer que passem por provas duríssimas para confirmá-las na virtude; outras ainda, que não são chamadas a tão elevado estado e que serão tentadas muitas vezes, mas nunca além de suas forças.

I.II.II – As Três Fases da Tentação

906. Segundo a doutrina tradicional, já expostas por Santo Agostinho, há três fases na tentação: a *sugestão*, o *deleite* e o *consentimento*.

a) A *sugestão* consiste na proposição de algum mal. A imaginação ou o entendimento representam, com maior ou menor intensidade, os atrativos do fruto proibido. Às vezes essa representação é tão sedutora que se sobrepõe a tudo e chega a ser uma espécie de obsessão. Por mais perigosa que seja a sugestão, não será pecado enquanto não for buscada ou livremente consentida. Não há pecado enquanto a vontade não consente.

b) À sugestão soma-se o *deleite*. Instintivamente a parte inferior da alma inclina-se para o mal sugerido e experimenta certo deleite. Diz São Francisco de Sales^[538] que “*frequentemente a parte inferior se deleita numa tentação sem o consentimento da parte superior e mesmo malgrado seu.*”

Este é justamente o combate de São Paulo, dizendo que a carne deseja contra o espírito e que há uma lei dos membros e outra do espírito, etc.” Essa deleitação da parte inferior, enquanto a vontade não tomar parte nela, não é pecado. Todavia, é um perigo, porque a vontade sente-se solicitada a aderir. Surge então a dúvida: a vontade consentirá ou não consentirá?

c) Se a vontade nega o consentimento, luta contra a tentação e a repele, sai vencedora e pratica um ato muito meritório. Se, pelo contrário, *cede* ao deleite e, *voluntaria e conscientemente*, desfruta do prazer, comete um pecado.

Assim, *tudo* depende do livre consentimento da vontade e, por essa razão, e para maior clareza, vamos indicar os sinais pelos quais podemos reconhecer se houve consentimento e *em que medida*.

I.II.III – Os Sinais e os Graus de Consentimento

907. Para melhor explicar este ponto importante, vejamos quais são os sinais do não-consentimento, do consentimento imperfeito e do pleno consentimento.

a) Podemos considerar que *não houve consentimento* se, apesar da sugestão e do prazer instintivo que a acompanha, sente-se desgosto de ver-se tentado, descontentamento, se há luta para não sucumbir e se, na parte superior da alma, sente-se um intenso horror ao mal sugerido pela tentação.

[539]*

b) Podemos ter culpa na tentação *em sua causa*, quando prevemos que determinada ação, que podemos evitar, é para nós origem de tentações: Diz São Francisco de Sales: “*Outro sabe que a conversa com uma certa pessoa lhe é ocasião de quedas; logo, se a procura, tem culpa da tentação que pode seguir-se.*” Portanto, não somos culpados senão na medida em que prevemos e, se a previsão foi somente vaga e confusa, a culpabilidade diminui proporcionalmente.

908. c) Pode-se considerar que o consentimento é imperfeito:

1. Quando não repelimos a tentação *imediatamente* após dar-nos conta de seu caráter perigoso; [540]* há nisso uma falta de prudência que, sem ser grave, expõe-nos ao perigo de consentir na tentação;

2. Quando *vacilamos* por um momento: queremos provar um pouco do prazer proibido, mas não queremos ofender a Deus, ou seja, após um momento de hesitação, repelimos a tentação. Também aqui há um pecado venial de imprudência.

3. Quando repelimos apenas *parcialmente* a tentação: resistimos-lhe, mas com frouxidão e não totalmente. Assim, é uma semi-resistência ou um semi-consentimento e, portanto, um pecado venial.

909. d) O consentimento é *pleno e completo* quando a vontade, debilitada pelas primeiras concessões, é levada a fruir voluntariamente do prazer proibido, apesar dos protestos da consciência que reconhece o mal. Então, se a matéria é grave, o pecado é mortal; é um pecado de pensamento, ou de *deleitação morosa*, como dizem os teólogos. Se ao pensamento junta-se o desejo consentido, o pecado é ainda mais grave. Por fim, se do desejo passamos para a *execução* ou, pelo menos, buscamos meios adequados para pôr em prática o nosso desejo, torna-se um pecado de *ação*.

910. Nos diversos casos expostos surgem às vezes dúvidas sobre o consentimento ou o semi-consentimento. Devemos fazer distinção entre as consciências mais *sensíveis* ao pecado e as mais *relaxadas*. No primeiro caso podemos julgar não ter havido consentimento, porque a alma não tem o hábito de consentir, enquanto no segundo, podemos formar um julgamento contrário.

I.III – NOSSA ATITUDE EM RELAÇÃO À TENTAÇÃO

Para vencer as tentações e fazê-las redundar em proveito de nossa alma, devemos buscar três coisas principais: 1º - *Precaver-se* da tentação; 2º - *Combate-la* vigorosamente; 3º - *Dar graças* a Deus depois da vitória, ou *reerguer-se* depois da queda.

I.III.I – Precaver-se da Tentação

911. Conhecemos o ditado: *melhor prevenir do que remediar*. O mesmo aconselha a sabedoria cristã. Quando Nosso Senhor levou consigo os três apóstolos ao Horto das Oliveiras, disse-lhes: “*Vigiai e orai para que não entreis em tentação*” (Mt 26, 41). Assim, vigilância e oração são as duas principais formas de prevenir a tentação.

912. *Vigiar* é estar atento aos movimentos da alma para não ser surpreendido, porque é muito fácil cair em algum momento de descuido. Essa vigilância implica em duas disposições principais: a *desconfiança de si mesmo* e a *confiança em Deus*.

a) Deve-se, pois, evitar a orgulhosa *presunção* que nos lança no meio dos perigos, sob pretexto de que somos fortes o suficiente para superá-los. Foi o pecado de São Pedro, que, no momento em que Jesus previu que seria abandonado pelos apóstolos, exclamou: “*Ainda que todos se escandalizem de ti, eu, porém, nunca!*” (Mc 14, 28). Nós, pelo contrário, devemos lembrar das palavras de São Paulo: “*Portanto, quem pensa estar de pé veja que não caia*” (I Cor 10, 12), porque, se o espírito está pronto, a carne é fraca, e a segurança somente é encontrada na humilde *desconfiança* da nossa fraqueza.

b) Mas também devemos evitar os *temores* vãos, que somente fazem aumentar o perigo. É bem verdade que, somente por nós mesmos, somos fracos, mas invencíveis Naquele que nos fortalece: “*Deus é fiel: não permitirá que sejais tentados além das vossas forças, mas com a tentação ele vos dará os meios de suportá-la e sairdes dela*” (I Cor 10, 13).

c) Essa justa *desconfiança* de nós mesmos faz com que *evitemos as ocasiões perigosas*, aquela determinada companhia, diversão, etc., em que a experiência pessoal já nos mostrou que ficamos expostos à queda. Deve-se combater a ociosidade, que é um dos fatores mais perigosos, nº 885, bem como a *indolência habitual*, que relaxa as energias da vontade, preparando-a para todas as capitulações. ^[541]* Deve-se ter horror aos sonhos vãos que povoam a alma de fantasmas e rapidamente se tornam perigosos. Em suma, deve-se praticar a mortificação nas diferentes formas já explicadas (nºs 767 a 817) e aplicar-se aos deveres de estado, à vida interior e ao apostolado. Em tão intensa vida espiritual há pouco espaço para as tentações.

d) A vigilância deve ser exercida sobretudo sobre os *pontos fracos* da alma, por que é por eles que geralmente o ataque começa. Para fortalecer

esses pontos vulneráveis deve-se recorrer ao *exame particular* e concentrar neles a atenção por um tempo considerável ou, melhor ainda, sobre as virtudes contrárias (nº 468).

913. B) À vigilância deve se acrescentar a *oração*, que põe Deus do nosso lado, tornando-nos invencíveis. Afinal de contas, Deus está interessado em nossa vitória, porque é a Ele que o demônio quer atingir quando nos ataca, é a obra Dele que o inimigo quer destruir em nós. Portanto, podemos invocá-lo com santa confiança, seguros de que tudo o que Ele deseja é socorrer-nos. Toda oração é boa contra a tentação, seja vocal ou mental, pública ou privada, sob a forma de adoração ou petição. Sobretudo é bom orar nos momentos de paz, pelos momentos das tentações futuras. Quando elas chegarem, uma breve elevação do coração a Deus bastará para resistir-lhes com mais eficácia.

I.III.II – Resistir à Tentação

914. Essa resistência será diferente de acordo com a natureza da tentação. Há algumas que são frequentes, mas *pouco graves* e, por isso, devem ser tratadas com desprezo, como muito bem explica São Francisco de Sales:^[542] “*Quanto a essas tentações miúdas de vaidade, de suspeitas, de desgosto, de ciúmes, de inveja, de amizades sensuais, e outras semelhantes tolices que, como moscas e mosquitos, vêm passar por diante de nossa vida, e agora picam-nos a face, logo mais o nariz, a melhor maneira de lhes resistir, já que é de todo impossível ficar livre dessa importunação, é não nos apoquentarmos com elas. Nada disso nos pode prejudicar, embora nos aborreça, uma vez que estejamos firmes na vontade de servir a Deus. Despreza, pois, Filotéia, esses ligeiros ataques do inimigo e não penses mais neles, assim como nas moscas que deixas voar ao redor de ti.*”

Todavia, o que nos interessa é como resistir às tentações *graves*. A estas devemos opor-nos *pronta e energicamente*, com *constância e humildade*.

A. *Prontamente*, sem discutir com o inimigo, sem qualquer vacilação. No início, quando a tentação ainda não está firmemente enraizada em nossa alma, é muito fácil rechaçá-la. Se permitirmos que crie raízes, será muito

mais difícil. Portanto, não há conversa. Busquemos associar a ideia do prazer ilícito há tudo o que é mais repugnante, a uma serpente, a um traidor que nos quer surpreender, e recordemos o que nos diz a Escritura: “*Foge do pecado com se foge de uma serpente; porque, se dela te aproximares, ela te morderá*” (Eccl 21, 2). Foge-se orando e aplicando vigorosamente o espírito em outras coisas.

915. B) *Energicamente*, não com moleza e má vontade, o que faz parecer que se quer convidar a tentação a voltar, mas com força e vigor, demonstrando o horror que lhe temos: “*para trás Satanás*” (Mc 8, 33). Mas há táticas diversas a serem utilizadas conforme o tipo de tentação. Se esta for de *prazeres sedutores*, é necessário afastar-se e fugir, aplicando fortemente a atenção em algo diferente, que absorva totalmente o nosso espírito. A resistência direta geralmente só faz aumentar o perigo. Se a tentação for *repugnância* em cumprir um dever, antipatia, ódio, respeito humano, o melhor será muitas vezes encará-la de frente, considerar abertamente a dificuldade e socorrer-se dos princípios da fé para triunfar.

916. C) *Com constância*. Às vezes ocorre que a tentação vencida por certo tempo, retorna com força, e o demônio traz do deserto sete espíritos piores do que ele. Essa obstinação do inimigo deve ser combatida com tenacidade ainda maior, porque a vitória é daquele que combate até o fim. Todavia, para ficar mais seguro da vitória, convém relatar a tentação ao diretor espiritual. Isso é o que aconselham os santos, especialmente Santo Inácio de Loyola e São Francisco de Sales:^[543] “*O silêncio é, pois, a primeira condição que o inimigo impõe àquele que quer seduzir, à semelhança do libertino que, querendo seduzir uma mulher ou uma moça, antes de tudo lhe sugere ocultar tudo ao seu marido ou ao seu pai; conduta do demônio, inteiramente oposta à de Deus, que quer que até as inspirações sejam examinadas pelo confessor e pelos superiores.*” Na verdade, parece que há uma graça especial associada a essa abertura do coração: tentação descortinada é tentação meio vencida.

917. D) *Com humildade*: Efetivamente, é ela que atrai a graça e a graça é que nos dá a vitória. O demônio, que pecou por orgulho, foge diante de um

ato sincero de humildade, e a tríplice concupiscência, que retira sua força da soberba, é facilmente derrotada quando, por assim dizer, decapitamo-la pela humildade.

I.III.III – Depois da Tentação

918. Depois da tentação é bom guardar-se de examinar minuciosamente se houve ou não consentimento, o que seria uma imprudência que poderia fazer com que a tentação voltasse e criasse novo perigo. Destarte, é fácil constatar pelo testemunho da consciência, sem necessidade de exames profundos, se fomos vitoriosos.

A. Se tivemos a felicidade de vencer, agradeçamos sinceramente Àquele que nos deu a vitória. Isso é um dever de gratidão e também a melhor maneira de obter oportunamente novas graças. Ai dos ingratos, que, atribuindo a si a vitória, não pensam em agradecer a Deus! Não tardarão em experimentar a sua fraqueza.

919. B. Se, pelo contrário, tivermos a infelicidade de *sucumbir*, não devemos perder a coragem. Lembremo-nos do acolhimento que recebeu o filho pródigo e, como ele, lancemo-nos aos pés do representante de Deus, com este grito no coração: “*Meu pai, pequei contra o céu e contra ti; já não sou digno de ser chamado teu filho*” (Lc 15, 21). Então Deus, mais misericordioso que o pai do filho pródigo, nos dará o beijo da paz e restituirá a sua amizade.

Mas, para evitar recaída, o pecador arrependido deve valer-se de seu próprio pecado para humilhar-se profundamente diante de Deus, reconhecendo sua incapacidade para fazer o bem, colocando Nele toda a sua confiança, tornando-se mais cauteloso para evitar cuidadosamente as ocasiões de pecado e voltando ao exercício da penitência. Um pecado reparado desse modo, não será um sério obstáculo à perfeição.^[544] Como bem observa Santo Agostinho, os que assim se recuperam, tornam-se mais humildes, mais prudentes, mais fervorosos.^[545]

Art. II – AS PRINCIPAIS TENTAÇÕES DOS PRINCIPIANTES

Os principiantes estão sujeitos a todos os tipos de tentações, que procedem das fontes que indicamos. Todavia, há algumas que parecem afetá-los particularmente, e são: 1º - As *ilusões* provenientes das consolações e das securas; 2º - A *inconstância*; 3º - *Prontidão excessiva*; 4º - Algumas vezes, os *escrúpulos*.

II.I – ILUSÕES ACERCA DAS CONSOLAÇÕES^[546]

920. Geralmente o bom Deus concede aos principiantes consolações sensíveis para atraí-los ao seu serviço e, depois priva-os delas por algum tempo, para testá-los e confirmá-los na virtude. Todavia, alguns acreditam ter atingido algum grau de santidade quando se veem inundados de consolações e, se elas desaparecem, dando lugar à secura e aridez, pensam que se perderam. Assim, para evitar tanto a presunção como o desânimo, é importante explicar-lhes a verdadeira doutrina sobre as consolações e as securas.

II.I.I – As Consolações

921. 1º - Natureza e procedência das consolações.

a) As *consolações sensíveis* são *emoções suaves que afetam a sensibilidade e nos fazem saborear alegria ou gozo espiritual*. O coração dilata-se, bate com mais força, o sangue circula mais rápido, o rosto fica radiante, a voz fica trêmula e, às vezes, essa alegria se manifesta por lágrimas. Essas consolações sensíveis distinguem-se das *consolações espirituais*, geralmente concedidas às almas em progresso espiritual e que são de uma ordem superior, atuando sobre o *entendimento*, iluminando-as, e sobre a *vontade*, atraindo-as à oração e à virtude. Por certo, **muitas vezes há uma certa combinação de ambas** e, por isso, o que diremos a seguir é aplicável tanto às primeiras como às últimas.

b) Essas consolações podem proceder de três fontes:

1. De *Deus*, que age em relação a nós como uma mãe para com seu filho, atraindo-nos pela doçura que encontramos no seu serviço e, com isso, tornando mais fácil o nosso desapego dos falsos prazeres do mundo.

2. Do demônio, que, agindo sobre o sistema nervoso, a imaginação e a sensibilidade, pode produzir algumas emoções sensíveis, das quais se vale para imediatamente levar a alma a austeridades indiscretas, vaidade e presunção, o que rapidamente a conduz ao desânimo.

3. Da própria *natureza*. Há temperamentos imaginativos, emotivos e otimistas que, quando engajados na piedade, encontram naturalmente o alimento para a sua sensibilidade.

922. 2º - Benefícios. Certamente as consolações têm suas vantagens.

a) *Facilitam o conhecimento de Deus.* A imaginação, ajudada pela graça, gosta de representar as amabilidades divinas, e o coração as saboreia. Desse modo, a alma passa a gostar de orar e meditar muito, e compreende melhor a bondade de Deus.

b) *Ajudam a fortalecer a vontade.* Já não encontrando, nas faculdades inferiores, obstáculos, antes pelo contrário, auxílios preciosos, a vontade desapega-se mais facilmente das criaturas, ama a Deus com mais ardor e toma resoluções enérgicas que cumpre facilmente com as graças alcançadas pela oração. Amando a Deus de modo sensível, suporta de boa vontade os pequenos sacrifícios de cada dia e até mesmo compromete-se voluntariamente com pequenas mortificações.

c) *Auxiliam na formação de hábitos* de recolhimento, oração, obediência e amor a Deus, nos quais, em certa medida, perseverarão depois de desaparecidas as consolações.

923. 3º Perigos. Essas consolações também têm os seus perigos.

a) Elas causam uma espécie de *gula espiritual*, que torna a alma mais apegada às consolações de Deus que ao Deus das consolações, a tal ponto que, quando as consolações desaparecem, negligencia as práticas piedosas e os deveres de estado. Enquanto a alma desfrutar dessas consolações sua devoção estará longe de ser sólida. Às vezes derrama lágrimas pela Paixão do Senhor e, ao mesmo tempo, recusa-lhe sacrificar uma amizade sensível ou qualquer privação. Porém, não existe virtude sólida enquanto o amor de

Deus não for até o sacrifício (nº 321). “*Não Filotéia, a devoção e as doçuras não são a mesma coisa, porque muitas almas há que, sentindo essas doçuras, não renunciam a seus vícios e, portanto, não possuem um verdadeiro amor a Deus e muito menos uma verdadeira devoção.*”^[547]

b) Favorecem muitas vezes a *soberba* de diferentes formas: 1) pela *vã complacência* de si mesmo. Quando recebemos consolações e sentimos gosto pela oração, facilmente acreditamos ser santos, quando ainda não passamos de um noviço na perfeição. 2) pela *vaidade*. Queremos contar aos outros sobre as consolações que recebemos para dar-nos importância. Em tais casos, frequentemente Deus as retira por um período considerável. 3) pela *presunção*. A pessoa sente-se forte, invencível, expondo-se às vezes ao perigo ou, quando menos, entregando-se ao relaxamento, quando deveria redobrar os esforços para ir adiante.

924. 4º - Atitude diante das consolações. Para tirar bom proveito dos consolos divinos e escapar dos perigos que acabamos de mencionar, aqui estão as regras a serem seguidas:

a) Certamente podemos desejar as consolações divinas, sob condição de que tenhamos a intenção de utilizá-las para amar a Deus e cumprir sua vontade. É por isso que a Igreja nos faz pedir, na *Colecta*^{[548]NT} do dia de Pentecostes, a graça da consolação espiritual: “*Que possamos sempre desfrutar de sua consolação.*” Na realidade, a consolação é um dom de Deus cujo fim é ajudar-nos na obra de nossa santificação e, por isso, devemos estimá-la muito e podemos pedi-la, desde que submetidos à vontade de Deus.

b) Quando tais consolações nos forem dadas, recebamo-las com *gratidão e humildade* e consideremo-nos indignos, dando todo o crédito a Deus por elas. Se Ele quiser tratar-nos como filhos mimados, louvado seja, mas devemos reconhecer que ainda somos muito imperfeitos, haja vista que precisamos do leite das crianças: “*Eu vos dei leite a beber, e não alimento sólido que ainda não podíeis suportar*” (I Cor 3, 2). Sobretudo, não nos envaideçamos por elas: essa seria a melhor maneira de perdê-las.

c) Conforme São Francisco de Sales:^[549] “*Tendo-as recebido assim humildemente, empregue-mo-las cuidadosamente segundo a intenção daquele que no-las dá. Pois essas doçuras não as dá Deus para nos fazer suaves com todos e mais amorosos para com Ele? A mãe dá uma bala ao*

filhinho para que ele a beije. Beijemos, pois, este Salvador que nos dá tantas doçuras. E beijar o Salvador é obedecer-lhe, observar os seus mandamentos, fazer a sua vontade, seguir os seus desejos, numa palavra, abraçá-lo ternamente com obediência e fidelidade.”

d) Finalmente, devemos estar convencidos de que essas consolações não irão durar para sempre e pedir humildemente a Deus a graça de servi-lo na aridez, quando quiser enviá-la. Enquanto isso, em vez de tentar prolongar as consolações com esforços mentais, devemos moderá-las, unindo-nos mais fortemente ao Deus das consolações.

II.I.II – A Aridez

Para fortalecer-nos na virtude, de tempos em tempos, Deus nos envia *aridez espiritual*. Então, explicaremos: 1º - Sua *natureza*; 2º - Seu *fim providencial*; 3º - *Como agir diante delas*.

925. 1º - Natureza. A *secura* (ou aridez) é a *privação das consolações sensíveis e espirituais* que facilitam a oração e a prática das virtudes. Apesar dos esforços muitas vezes renovados, não se sente gosto pela oração e até mesmo experimenta-se tédio, cansaço, e o tempo parece muito longo. A fé e a confiança parecem estar adormecidas e a alma, em vez de estar desperta e alegre, vive numa espécie de torpor, agindo somente pelo esforço da vontade. Certamente é um estado muito penoso, mas que também tem as suas vantagens.

926. Fim providencial.

a) O propósito de Deus ao enviar-nos *securas* é *desapegar-nos* de tudo o que é criado, até mesmo das consolações que encontramos na piedade, para que, desse modo, aprendamos a amar *só a Deus e somente por ele mesmo*.

b) Também quer *humilhar-nos*, mostrando-nos que não merecemos as consolações, que são favores essencialmente gratuitos.

c) A aridez também nos *purifica* melhor de nossas faltas passadas, de nossas afeições presentes e de toda tendência egoísta. Quando servimos a

Deus sem gosto, apenas por convicção e vontade, sofremos muito, e este padecer é expiatório e reparador.

d) Por fim, ela nos *fortalece* na virtude. Para perseverar na oração e na prática do bem, quando estamos na aridez, requer-se energia e constância da vontade e, com isso, a virtude sai fortalecida.

927. 3º - Conduta a ser seguida. a) Como às vezes as securas provêm de nossos pecados, primeiramente devemos examinar com atenção, mas sem inquietação excessiva, se não somos responsáveis por elas: 1) por movimentos, mais ou menos consentidos, de vã complacência e de orgulho; 2) por uma espécie de preguiça espiritual, ou, pelo contrário, por um prematuro esforço mental; 3) pela busca de consolações humanas, de amizades demasiadamente sensíveis, de prazeres do mundo, porque Deus não quer um coração dividido; 4) pela falta de lealdade com o diretor espiritual: “*porque, quem mente ao Espírito Santo*”, diz São Francisco de Sales, “*bem merece que lhe sejam negados os consolos.*”^[550] – Quando e se encontrarmos a causa da aridez, cumpre-nos humilhar-nos e esforçar-nos para corrigi-la.

928. Se não somos os causadores da aridez, importa muito tirar proveito dessa provação. 1) O melhor meio para isso é convencer-nos de que há mais mérito em servir a Deus sem sentir gosto ou deleite do que fazê-lo com grandes consolações; que, *desejar* de amar a Deus, é já amá-lo, e que o mais perfeito ato de amor é conformar a nossa vontade à Dele. 2) Para tornar esse ato ainda mais meritório, não há nada melhor que unir-se a Jesus que, no Jardim das Oliveiras, consentiu afligir-se e entristecer-se por nosso amor, e repetir com ele: “*Não se faça, todavia, a minha vontade, mas sim a tua*” (Lc 22, 42). 3) Acima de tudo, nunca devemos desanimar, nem subtrair qualquer dos nossos exercícios de piedade, de nossos esforços e resoluções; antes imitar Nosso Senhor que, imerso em agonia, “*orava ainda com mais instância*” (Lc 22, 44).

929. Um conselho aos diretores. Para que essa doutrina sobre as securas e consolações seja bem compreendida pelos dirigidos, é necessário relembra-la muitas vezes, porque eles frequentemente pensam que estão

bem quando tudo está de acordo com os seus desejos e mal, quando é preciso remar contra a corrente. Mas pouco a pouco vão tendo clareza e, quando compreendem que não há razões para vanglória no tempo da consolação e para desânimo no tempo da aridez, fazem progressos mais rápidos e constantes.

II.II – INCONSTÂNCIA DOS PRINCIPIANTES

930. 1º - O mal. Quando uma alma se entrega a Deus e começa a progredir nas vias espirituais, é sustentada pela graça de Deus, pelo atrativo da novidade e por um certo entusiasmo pela virtude, que facilita a superação das dificuldades. Mas chega o tempo em que a graça de Deus nos é concedida de um modo menos sensível, ou cansamo-nos de sempre recomeçar os mesmos esforços, ou ainda em que nosso ímpeto parece decair com a continuidade das mesmas dificuldades. Nesses momentos surge o perigo da inconstância e do relaxamento.

A inconstância e o relaxamento manifestam-se: 1) Nos *exercícios espirituais* que são feitos sem a mesma aplicação, abreviados ou relaxados; 2) Na *prática das virtudes*: começa-se com muito ânimo no caminho da penitência e da mortificação, mas, passando o tempo, acha-se que é muito penoso, tedioso, e diminuem-se os esforços; 3) Na *santificação habitual das ações*: no início tem-se por costume renovar muitas vezes o oferecimento das obras, para ter mais segurança de fazê-las com pureza de intenção. Agora essa prática cansa, é negligenciada, e em breve as obras começam a realizar-se por pura rotina, curiosidade, vaidade ou sensualidade. Com tais disposições é impossível progredir na virtude, porque sem esforço constante nada se consegue.

931. 2º - O remédio.

A. Devemo-nos convencer de que a obra da perfeição é um trabalho de longo prazo, que requer muita perseverança e que somente serão bem-sucedidos aqueles que incessantemente voltam ao trabalho com renovado ardor, apesar dos fracassos parciais que experimentam. É o que fazem as pessoas de negócio quando querem ter sucesso e também é o que deve fazer a alma que quer progredir espiritualmente. Todas as manhãs deve perguntar

a si mesma se não pode fazer um pouquinho *mais* e, sobretudo, ser um pouco *melhor* para Deus; todas as noites deve examinar-se com atenção para ver se cumpriu, ao menos em parte, o propósito da manhã.

B. Nada assegura mais a perseverança que a prática fiel do exame particular (nº 468). Concentrando a atenção em um ponto particular, numa única virtude, e relatando ao confessor os progressos, podemos estar seguros de avançar, mesmo que não tenhamos consciência disso.

O que dissemos sobre a educação da vontade, nº 812, é também uma ótima maneira de superar a inconstância.

II.III – ARDOR EXCESSIVO DOS PRINCIPIANTES

Muitos principiantes, cheios de boa-vontade, entregam-se a um ardor, um entusiasmo excessivo para trabalhar pela própria perfeição; acabam ficando cansados, esgotados pelos esforços inúteis.

932. 1º - As causas.

a) A causa principal desse defeito é a *substituição da atividade de Deus pela própria*: em vez de refletir antes de agir, de pedir luzes ao Espírito Santo e guiar-se por elas, precipita-se na ação com ardor febril. Age-se antes mesmo de consultar um diretor espiritual, que somente se inteira da situação depois do fato consumado. Há muita indiscrição, muito esforço desperdiçado.

b) Muitas vezes a *presunção* está presente. Pretende-se queimar etapas, ou seja, sair rapidamente dos exercícios de penitência para chegar o quanto antes à desejada união com Deus. Mas ai! Quantos obstáculos imprevistos aparecem! Então o ânimo esmorece, retrocede-se, e às vezes cai-se em graves faltas.

c) Outras vezes o que domina é a *curiosidade*. Constantemente buscam-se novos meios de perfeição, praticando-os por algum tempo, mas logo são deixados de lado, antes mesmo de poderem produzir os seus efeitos. Sem cessar faz-se novas propostas de reforma, tanto para si como para outros, e acaba-se esquecendo de pô-las em prática.

O efeito mais notório dessa atividade excessiva é a perda do recolhimento interior, a agitação e a perturbação, sem qualquer resultado

sério.

933. 2º - Os Remédios.

a) O remédio principal é submeter-se à *inteira dependência da ação de Deus*. Pensar com cuidado antes de agir, orar pedindo as luzes divinas, consultar o diretor espiritual e seguir seu parecer. Assim como na ordem da natureza, não são as forças violentas que obtêm os melhores resultados, mas as bem ordenadas, também na vida sobrenatural não são os esforços febris, mas os calmos e bem ordenados, que nos fazem progredir: quem vai devagar, vai com maior segurança.

b) Mas, para submeter-nos desse modo à ação de Deus, é necessário combater as causas desse ardor excessivo: 1) vivacidade de caráter, que impele a decisões demasiadamente rápidas; 2) presunção, que vem do excesso de autoestima; 3) curiosidade, que está sempre à procura de algo novo. Atacaremos, então, sucessivamente, esses defeitos pelo exame particular. Então Deus retomará o seu lugar na alma e a guiará com tranquilidade e doçura nos caminhos da perfeição.

II.IV – OS ESCRÚPULOS ^[551]

934. O escrúpulo é uma enfermidade física e moral, que produz uma espécie de perturbação da consciência, que faz com que a pessoa tema ter ofendido a Deus por motivos banais. Essa enfermidade não é exclusiva dos principiantes; encontra-se também em almas mais adiantadas. Assim, importa dizer algo a respeito e por isso exporemos: 1º - Sua *natureza*; 2º - O seu *objeto*; 3º - Os seus *inconvenientes*; 4º - Os seus *remédios*.

II.IV.I – Natureza do Escrúpulo

935. A palavra “escrúpulo” (do latim *scrupulus*, pedrinha) significou por longo tempo um peso minúsculo, somente perceptível pelas balanças mais sensíveis. No sentido moral, designa uma razão insignificante, da qual se preocupam somente as consciências mais delicadas. Desde então passou a

significar uma *inquietação excessiva que experimentam certas consciências, pelos motivos mais triviais, de haver ofendido a Deus*. Para melhor compreender sua natureza, explicaremos a sua *origem*, seus *graus*, e como *diferenciá-lo de uma consciência delicada*.

936. 1º - Origem. Os escrúpulos decorrem, algumas vezes, de causas *puramente naturais*, e noutras, de *intervenção sobrenatural*.

a) Sob o ponto de vista *natural* o escrúpulo é uma enfermidade física e moral. 1) A doença *física* que produz essa desordem é uma espécie de *depressão nervosa*, que torna mais difícil a reta apreciação das coisas morais e tende a produzir uma *ideia obsessiva* de que se pecou, sem, no entanto, haver razões sérias para isso. 2) Mas também existem causas *morais* que podem produzir o mesmo resultado: um espírito *meticuloso*, que se perde no meio dos mais insignificantes detalhes e que quer ter certeza absoluta em todas as coisas; um espírito *mal esclarecido*, que imagina Deus como um juiz, não somente severo, mas implacável; um espírito que *confunde*, nos atos humanos, os sentimentos com os consentimentos e pensa, em razão de impressões fortes e duradouras dos sentidos, ter pecado; um espírito *obstinado*, que antepõe o próprio juízo ao do confessor, precisamente por que se deixa levar muito mais pelas suas impressões do que pela razão.

Quando as duas causas estão presentes, a física e a moral, o mal é mais profundo e difícil de curar.

937. b) Os escrúpulos também podem ter origem em uma *intervenção preternatural de Deus* ou do *demônio*.

1. Deus permite esse tipo de obsessão, algumas vezes como *castigo*, principalmente em razão da soberba ou das nossas inclinações para vãs complacências. Outras vezes, para pôr-nos à *prova*, para que expiemos as faltas passadas, para desapegar-nos das consolações espirituais e assim elevar-nos a um maior grau de santidade. Esse é o caso principalmente daquelas almas que Deus quer preparar para a contemplação, como explicaremos ao tratar da via unitiva.

2. Sucede também que, às vezes, quando existe uma predisposição mórbida do nosso sistema nervoso, o *demônio* infiltra a sua atividade para perturbar a nossa alma. Convince-nos de que estamos em estado de pecado

mortal para impedir-nos de comungar ou atrapalhar-nos no cumprimento dos nossos deveres de estado. Sobretudo, tenta enganar-nos sobre a gravidade de determinada ação, para que pequemos *formalmente*, mesmo que não haja matéria de pecado e muito menos de pecado grave.

938. 2º - Graus. Há, obviamente, muitos graus de escrúpulo: **a)** no início não passa de uma consciência *meticulosa*, excessivamente tímida, que vê pecado onde não existe; **b)** em seguida, são escrúpulos *passageiros*, que são relatados ao diretor espiritual, cujas orientações para vencê-los prontamente aceitamos; **c)** por fim, o escrúpulo *propriamente dito*, *tenaz* e acompanhado de *obsessão*.

939. 3º - Diferença entre escrúpulo e consciência sensível. Importa distinguir entre a consciência *escrupulosa* e a *sensível ou receosa*.

a) A *motivação* não é a mesma: a consciência sensível ama a Deus fervorosamente e, para mais agradá-lo, quer evitar as menores faltas e as menores imperfeições voluntárias. O escrupuloso, no entanto, é guiado por um certo egoísmo que faz com que queira saber, com segurança e com ardor excessivo, se está em estado de graça.

b) A consciência *sensível*, posto que abomina o pecado e conhece suas próprias fraquezas, tem um *temor fundamentado*, mas não perturbado, de desagradar a Deus. O escrupuloso, por sua vez, alimenta *temores infundados* de pecar em todas as circunstâncias.

c) A consciência *receosa* sabe manter a *distinção* entre *pecado mortal* e *venial* e, em caso de dúvida, submete-se imediatamente ao juízo do diretor espiritual. O escrupuloso discute com veemência com o diretor espiritual e somente com dificuldade submete-se às suas decisões.

Assim, deve-se evitar o escrúpulo, mas não há nada mais precioso do que uma consciência sensível.

II.IV.II – O Objeto do Escrúpulo

940. 1º - Às vezes o escrúpulo é *generalizado*, abrangendo todas as matérias: antes de agir, aumenta desmesuradamente o perigo que pode ser

encontrado em determinada situação, ainda que inocente em si. Depois da ação, alimenta a alma com preocupações infundadas e facilmente persuade a própria consciência de que cometeu pecado mortal.

941. 2º - O mais comum, porém, é que o escrúpulo se refira a *matérias específicas*, tais como:

a) Sobre *confissões passadas*: mesmo depois de várias confissões gerais, o escrupuloso não fica satisfeito. Teme não ter confessado todos os pecados, ou de não ter tido a contrição necessária, e quer sempre voltar a confessá-los.

b) Sobre *maus pensamentos*: a imaginação é preenchida com representações perigosas ou obscenas e, como produzem certa impressão, teme e tem até certeza de havê-las consentido, mesmo que o tenham desagradado profundamente.

c) Sobre *pensamentos de blasfêmia*: como essas ideias cruzam a nossa mente, persuade-se de que houve consentimento, apesar de todo o horror que lhe causam.

d) Sobre a *caridade*: por ter ouvido fofocas sem protestar energicamente; por ter faltado com o dever de correção fraterna por respeito humano; por ter escandalizado o próximo com palavras indiscretas; porque viu um aglomerado de pessoas e não foi verificar se houve algum acidente no qual poderia haver alguém precisando de um sacerdote que lhe desse absolvição. Em todos esses casos, pensa que cometeu gravíssimos pecados mortais.

e) Sobre as *espécies consagradas*: teme havê-las tocado indevidamente e quer purificar as mãos e a roupa;^{[552]INT}

f) Sobre as *palavras da consagração*, a recitação integral do *ofício divino*, etc.^{[553]INT}

II.IV.III – Inconvenientes e Vantagens dos Escrúpulos

942. Quando alguém, por infelicidade, deixa-se dominar pelos escrúpulos, eles produzem no corpo e na alma efeitos deploráveis:

a) Gradualmente produzem um *enfraquecimento* e um *desequilíbrio* do sistema nervoso: os temores e as incessantes angústias exercem um

efeito depressivo sobre a saúde do corpo. Podem tornar-se uma verdadeira obsessão e provocar uma espécie de monoideísmo,^{[554]INT} que se aproxima da loucura.

b) *Cegam a mente e distorcem o juízo.* Progressivamente a faculdade de discernir entre o que é e não é pecado, entre pecado grave e leve, vai sendo perdida. A alma torna-se um barco sem leme.

c) Como consequência, *perde-se a verdadeira devoção.* Por viver em contínua agitação e desassossego, a alma torna-se terrivelmente egoísta, desconfia de todo mundo, até mesmo de Deus, a quem considera excessivamente severo. Queixa-se que Ele a deixe viver nesse estado tão lamentável e acusa-o injustamente. Resta evidente que isso torna a verdadeira devoção impossível.

d) Por fim chegam os *desânimos e quedas*. 1) O escrupuloso gasta as energias em minúcias e, quando precisa delas para lutar por coisas de maior importância, já não as têm. Não consegue fixar a atenção, com a mesma energia, em toda a linha de batalha, e disso resultam surpresas, fracassos e, às vezes, pecados graves. 2) Destarte, busca *instintivamente* alívio para os sofrimentos e, como não encontra na piedade, procura em outros lugares: em leituras e amizades perigosas que muitas vezes acarretam quedas lamentáveis, que por sua vez produzem um desânimo profundo.

943. 2º - Mas, se soubermos *aceitar os escrúpulos* como uma *provação*, e gradualmente procurar *corrigir-se deles* com a ajuda de um sábio diretor espiritual, extraem-se benefícios preciosos.

a) Servem para *purificar a alma*, porque esta aplica-se com energia para evitar as menores imperfeições voluntárias e com isso adquire-se grande pureza de coração.

b) Ajudam-nos a praticar a *humildade e a obediência*, obrigando-nos a submeter todas as dúvidas ao diretor espiritual, com toda simplicidade, e a seguir os seus conselhos com inteira docilidade, não só da vontade, mas também dos juízos.

c) Ajudam-nos a alcançar uma grande *pureza de intenção*, porque nos desapegam das consolações espirituais para apegar-nos somente a Deus, que quanto mais nos prova, mais amamos.

II.IV.IV – Remédios Contra os Escrúpulos

944. Os escrúpulos devem ser combatidos desde o início, antes que criem raízes profundas na alma. O melhor e talvez único remédio, é a plena e absoluta **obediência** a um diretor espiritual. Como a luz da consciência ficou obscurecida, outra é necessária. O escrupuloso é um navio sem leme nem bússola, que precisa ser rebocado. Por isso, o diretor deve ganhar-lhe a confiança e *exercer sua autoridade* sobre ele, para curá-lo.

945. 1º - Antes de tudo, compete ao diretor **ganhar a confiança** do escrupuloso, porque quando depositamos confiança em alguém facilmente o obedecemos. Porém nem sempre é fácil: é verdade que o escrupuloso sente instintivamente a necessidade de alguém que o guie, mas há aquele que não ousa entregar-se completamente. Quer consultar o diretor, mas também discutir as razões. Todavia, com um escrupuloso não se deve discutir; fala-se com autoridade, dizendo-lhe claramente o que deve fazer.

Para *inspirar essa confiança*, o diretor deve merecê-la por sua *competência e dedicação*.

a) Primeiramente deverá deixar que o penitente fale, intercalando apenas algumas observações para demonstrar que o está compreendendo bem. A seguir fará algumas perguntas que o escrupuloso deverá responder apenas com *sim* ou *não*, e assim conduzirá uma análise metódica da sua consciência. Então dirá: conheço o seu caso, você sofre desse e daquele modo. Já é um grande consolo para o penitente ver que está sendo bem compreendido e, às vezes, basta isso para ganhar-lhe a inteira confiança.

b) À competência deve ser agregada a *dedicação*. O diretor deve mostrar-se: *paciente*, ouvindo, sem pestanejar, as longas explicações do escrupuloso, pelo menos no princípio; *bondoso*, interessando-se pela alma e mostrando-lhe o desejo e a esperança de que se cure; *amável*, nunca falando com severidade ou aspereza, mas com bondade, ainda que precise empregar um linguajar *imperativo*. Nada é mais eficaz para ganhar a confiança do que essa mescla de firmeza e bondade.

946. 2º - Depois de haver conquistado a confiança, deve-se *exercer a autoridade* e **exigir obediência**, dizendo ao escrupuloso: se quer curar-se deve obedecer cegamente; obedecendo, estarás completamente seguro, mesmo que o diretor se equivoque, porque Deus lhe exige neste momento somente uma coisa: **obedecer**. Tanto isso é verdade, que se você achar que

não poderá obedecer-me, deve procurar outro diretor. Somente a obediência cega pode curá-lo e certamente o fará.

a) Ao dar as suas ordens o confessor deverá ser: *claro e preciso*, evitando qualquer ambiguidade; *categorico*, sem permitir condições do tipo: se isso o inquieta, não faça. Antes dirá de modo absoluto: faça isto, evite aquilo, despreze essa tentação.

b) *Quase nunca se deve dar a razão das decisões*, sobretudo no início. Mais tarde, quando o escrupuloso estiver em condições de entendê-las e sopesá-las, dará breves explicações para gradualmente formar-lhe a consciência. Porém, *jamaiz* entrará em *discussão* sobre os fundamentos da decisão: se algum obstáculo surgir que impeça a sua execução imediata, levará em consideração, mas manterá a decisão.

c) Não deve *retratar-se*. Antes de dar a ordem refletirá bem sobre ela, para não exigir coisas insustentáveis. Mas, dada a ordem, não a revogará enquanto não houver fato novo que implique na necessidade de mudança.

d) Para garantir que a ordem foi bem compreendida, pede-se ao penitente que a *repita*; então, resta somente *executá-la*. Isso é difícil, porque o escrupuloso volta atrás como o condenado antes da execução. Mas, deve-se adverti-lo claramente que deverá prestar contas sobre o cumprimento; se não fizer o que lhe foi dito, não será mais ouvido até que cumpra. Portanto, é necessário *repetir* várias vezes a mesma prescrição, até que seja bem executada. O diretor fará isso sem impaciência, mas cada vez com maior firmeza, até que o escrupuloso acabe obedecendo.

947. 3º - Quando chegar o momento, o diretor inculcará o **princípio geral** que permitirá ao escrupuloso desprezar todas as dúvidas. Se necessário, utilizará para isso a fórmula a seguir ou qualquer outra similar: “Estou devidamente consciente de que nada me obriga, enquanto não haja evidência da obrigação, ou seja, uma certeza que exclua toda dúvida, tranquila e plena, tão certa quanto dois mais dois são quatro. Portanto, não cometo pecado mortal ou venial senão quando há certeza absoluta de que o ato a ser praticado é proibido, sob pena de pecado mortal ou venial e, mesmo plenamente consciente disso, desejo ainda, apesar de tudo, praticá-lo. Assim, não darei qualquer atenção a probabilidades, por fortes que sejam, e não me considerarei obrigado senão por uma evidência clara e certa, fora da qual não há pecado.” Quando, a partir de então, o escrupuloso

vier alegar que cometeu um pecado mortal ou venial, o confessor lhe dirá: Você pode afirmar, sob juramento, que compreendeu claramente que era pecado o que iria fazer e, mesmo com essa evidência, consentiu plenamente em realizar o ato? Essa pergunta dará mais precisão ao princípio geral e fará com que seja melhor compreendido.

948. Finalmente, é preciso **aplicar esse princípio geral** às dificuldades particulares que possam surgir.

a) Em relação às *confissões gerais*, depois de permitir que se faça uma, deve-se proibir voltar aos pecados passados, exceto se houver *evidência* sobre duas coisas: 1) um pecado mortal *certamente cometido*; 2) de que esse pecado *nunca foi acusado* em qualquer confissão válida. Além disso, depois de algum tempo, o confessor advertirá o penitente que de nenhuma maneira volte ao passado, pois se algum pecado tiver sido esquecido, já foi perdoado juntamente com os demais na confissão geral.

b) Em relação aos *pecados interiores*, de pensamentos e desejos, a regra a ser dada é a seguinte: *durante as crises* deve desviar a atenção, pensando em outras coisas; *depois das crises*, não se examinar para ver se pecou (isto seria renovar a tentação), mas continuar o seu caminho, cumprindo os deveres do próprio estado e, enquanto não houver evidência de que tenha havido pleno consentimento (nº 909), comungar.

949. **c)** A *comunhão* muitas vezes é uma tortura para o escrupuloso, porque teme não estar em estado de graça e plenamente em jejum. Mas: 1) o receio de não estar em estado de graça revela incerteza a esse respeito. Logo, pode comungar; a comunhão lhe restituirá a graça se de fato a perdeu; 2) O jejum eucarístico não deve impedir o escrupuloso de comungar, salvo se houver *absoluta* convicção de que não o guardou.

d) Para ele a *confissão* é uma tortura ainda maior e, por isso, é importante simplificá-la. Então, se lhe dirá que: 1) somente há obrigação de acusar os pecados certamente mortais; 2) quanto aos *veniais*, mencionar somente aqueles que vêm à memória durante cinco minutos de exame de consciência; 3) em relação à *contrição*, dedicará sete minutos pedindo-a a Deus, deixando-se mover por ela, e será obtida. Há quem o diga: mas eu não a sinto. – Não é necessário sentir, porque a contrição é um ato da vontade que não tem relação com a sensibilidade. Em alguns casos, quando

o escrúpulo é muito intenso, pode-se prescrever aos penitentes que se contentem com a acusação geral, da seguinte maneira: Acuso-me de todos os pecados que cometi desde minha última confissão e de todos os da minha vida passada.

950. 5º - Resposta às dificuldades. Às vezes o penitente diz: “O senhor me trata como um escrupuloso e eu não sou.” Então o confessor deve responder: “Sobre isso não é você que deve julgar, sou eu. Você tem certeza de que não é escrupuloso? Você fica, depois da confissão, calmo e tranquilo como todos os outros? Não é verdade que tens dúvidas e ansiedades que a maior parte das pessoas não tem? Portanto, não é normal o seu estado de espírito, pois padece de um *desequilíbrio* físico e moral. Você precisa de um tratamento especial. Obedeça-me sem discutir e será curado, caso contrário, sua condição poderá piorar.

Através dessas medidas e outras semelhantes, e com a graça de Deus, é que se conseguirá vencer essa enfermidade dos escrúpulos.

APÊNDICE SOBRE O DISCERNIMENTO DOS ESPÍRITOS^[555]

951. Dos diversos espíritos que atuam em nós. Nas páginas anteriores falamos das *diversas moções* que nos impulsionam ao bem e ao mal. Convém saber de onde elas procedem.

Teoricamente podem originar-se de cinco fontes diferentes:^[556]

- a) De *nós mesmos*: do espírito, que nos impulsiona para o bem, e da carne, para o mal;
- b) Do *mundo*, quando atua, através de nossos sentidos, sobre as nossas faculdades interiores, para arrastá-las para o mal;
- c) Dos *anjos bons*, que suscitam em nós bons pensamentos;
- d) Dos *demônios*, que, ao contrário, atuam sobre os nossos sentidos exteriores e interiores, para arrastar-nos ao mal;
- e) De *Deus*, o único que pode penetrar no íntimo de nossa alma e que sempre nos leva para o bem.

952. Todavia, na *prática* é suficiente saber se essas moções procedem de um princípio *bom* ou *mau*. Do princípio *bom*, ou seja, de Deus, dos bons anjos ou de nosso espírito auxiliado pela graça. Do princípio *mau*, ou seja, do demônio, do mundo ou da carne. O que nos permite distinguir um do outro são as regras de *discernimento dos espíritos*. São Paulo já havia posto os seus fundamentos ao distinguir no homem a carne e o espírito e, fora dele, o Espírito Santo que nos move para o bem e os anjos decaídos que nos impelem ao mal. Desde então, os autores espirituais como Cassiano, São Bernardo, Santo Tomás, o autor da Imitação (Livro III, cap. 54 – 55), Santo Inácio, traçaram regras para discernir as moções contrárias da natureza e da graça.

953. Regras de Santo Inácio, particularmente convenientes aos principiantes. As duas primeiras referem-se às diferentes atitudes que o bom e o mau espírito têm com os pecadores e as almas fervorosas.

1. Primeira Regra. Para os *pecadores*, que dão livre curso às suas paixões, o demônio propõe prazeres e deleites aparentes, para retê-los e mergulhá-los cada vez profundamente no vício. O bom espírito, ao contrário, procura despertar na consciência inquietação e remorso, para tirá-los da triste situação.

Segunda Regra. No caso de pessoas *sinceramente convertidas*, o demônio suscita-lhes tristeza e tormentos de consciência, e procura criar todo tipo de dificuldade para desencorajá-los e impedir o progresso. O bom espírito, pelo contrário, dá-lhes coragem, força e boas inspirações, para fazê-los avançar na virtude. Assim, pelos frutos se conhece a árvore, quando nos detém no caminho da virtude, o espírito procede do demônio, quando nos ajuda a progredir, vem de Deus.

954. 2º - Terceira Regra. Refere-se às *consolações espirituais*. Procedem do bom espírito: 1) quando produzem na alma moções interiores de fervor: primeiramente uma centelha, depois uma chama e, por fim, uma fogueira ardente do amor divino; 2) quando fazem derramar lágrimas que são verdadeira expressão de remorso interior ou de amor a Nosso Senhor; 3) quando aumentam a fé, a esperança e a caridade, ou tranquilizam e pacificam a alma.

955. 3º - As regras a seguir (4ª a 9ª) referem-se às *desolações espirituais*: 1) As desolações são trevas na alma, ou inclinações da vontade para coisas baixas e terrenas, que tornam a alma preguiçosa, tibia e triste; 2) Nessas ocasiões, não se deve mudar propósitos e resoluções que já haviam sido tomados, como sugere o espírito maligno, mas permanecer firme e constante nas decisões anteriores; 3) A alma deve até mesmo tirar proveito da própria desolação para aumentar o fervor, dar mais tempo à oração, ao exame de consciência, e aumentar a penitência; 4) Deve-se ter confiança no auxílio divino que, ainda que não sentido, efetivamente nos é dado para ajudar as nossas faculdades naturais a fazer o bem. 5) Deve-se ter paciência e aguardar a volta da consolação. Destarte, pensar na possibilidade de que a desolação é um *castigo* pela tibieza, uma *prova* que o Senhor envia para que reconheçamos nossa impotência quando privados da consolação; uma *lição* para mostrar-nos que somos incapazes de produzir, por nós mesmos, qualquer consolação espiritual e, desse modo, curar-nos do orgulho.

956. 4º - A *décima primeira* regra volta a tratar das consolações para advertir-nos que precisamos munir-nos de coragem para suportar bem o tempo da desolação, bem como humilhar-nos, reconhecendo o pouco que podemos quando privados de consolação sensível, e que, por outro lado, se nos apoiarmos em Deus podemos muito, mesmo no tempo da desolação.

957. As *últimas três regras* (12ª a 14ª) explicam os astutos ardis do diabo para seduzir-nos: **a)** o demônio é como uma mulher má, fraca diante de quem lhe resiste, mas feroz e cruel com aqueles que cedem, pelo que, devemos resistir-lhe vigorosamente; **b)** age como um sedutor que exige segredo de sua vítima e, por isso, a melhor maneira de derrotá-lo é revelar tudo ao diretor espiritual; **c)** imita um guerreiro, que para tomar um castelo, ataca-o pela parte mais fraca e menos defendida. Por isso, é importante vigiar esse ponto fraco no exame de consciência.

SÍNTESE DESSE PRIMEIRO LIVRO

O fim que o principiante deve almejar é a *purificação da alma*, para que, livre dos resquícios e ocasiões de pecado, possa unir-se a Deus.

958. Para atingir esse objetivo, recorre à **oração**. Ao cumprir seus deveres de religião, Deus inclina-se a perdoar-lhe todos os pecados passados. Ao invocá-lo com confiança, em união com o Verbo Encarnado, alcança a graça da contrição e bons propósitos, que purificam ainda mais a sua alma. Desse modo, preserva-a de futuras recaídas. Esse efeito é ainda mais garantido com a *meditação*: as convicções inabaláveis adquiridas através das longas e sérias reflexões; os autoexames que mostram as misérias e pobreza; as súplicas ardentes que brotam do fundo desse pobre coração e que conduzem a propósitos que procura pôr em prática. Tudo isso purifica a alma e inspira-lhe horror ao pecado e às ocasiões propícias, tornando-a mais forte contra as tentações e mais generosa na prática da penitência.

959. Ao compreender melhor a magnitude da ofensa que se faz a Deus pelo pecado e o estrito dever de reparação, com mais determinação trilha-se o caminho da **penitência**. Em união com Jesus, que quis reparar o pecado por nós, a alma alimenta em seu coração sentimentos de vergonha, contrição e humilhação, e o pecado torna-se um contínuo opróbrio diante dela. Com esses sentimentos, ela se entrega às austeridades da penitência, aceita generosamente as cruzes providenciais que Deus lhe envia, impõe a si própria algumas privações, dá esmolas, e assim repara o passado.

Para evitar o pecado futuro, pratica a **mortificação**, disciplinando os sentidos interiores e exteriores, a inteligência e a vontade. Em suma, disciplina todas as suas faculdades para submetê-las a Deus, nada fazendo que não esteja em conformidade com a sua santíssima vontade.

Sem dúvida há nela más inclinações, profundamente enraizadas, que se chamam sete **pecados capitais**. Mas, confiando na graça de Deus, empreende a tarefa de desenraizá-los, ou pelo menos, enfraquecê-los. Luta bravamente contra cada um deles em particular, alcançando, a seu tempo, um domínio suficiente.

Apesar de tudo, surgem **tentações**, por vezes terríveis, provenientes da parte inferior da alma, estimuladas pelo demônio e pelo mundo. Porém, sem perder o ânimo, apoiada Naquele que venceu o mundo e a carne, irá

lutar, desde o início e pelo tempo necessário, contra os assaltos do inimigo. Com a graça de Deus, em sua maioria esses ataques serão somente nova ocasião de vitória. Não obstante, se ocorrer uma queda infeliz, a alma humilhada, mas confiante, se lançará nos braços da divina misericórdia, implorando o perdão. Uma queda, reparada desse modo, não será obstáculo ao progresso espiritual.

960. No entanto, é preciso acrescentar que as *purificações ativas*, de que tratamos neste primeiro livro, não bastam para purificar inteiramente uma alma. O trabalho de purificação continuará na via iluminativa, por meio do *exercício positivo das virtudes* morais e teologais, e não estará completo senão quando sobrevierem, na via unitiva, as *purificações passivas*. Estas, tão admiravelmente descritas por São João da Cruz, é que finalmente darão à alma a *pureza perfeita de coração*, normalmente exigida para a contemplação. Delas falaremos no *terceiro livro*.

LIVRO II – A VIA ILUMINATIVA

ESTADO DAS ALMAS EM PROGRESSO

961. Depois que a alma se purificou das faltas passadas através de uma longa e trabalhosa penitência, proporcional ao seu número e gravidade; quando já está fortalecida na virtude pelos exercícios da meditação, mortificação e resistência às más inclinações e às tentações, entra então na **via iluminativa**. É assim denominada porque consiste sobretudo em *imitar Nosso Senhor* por meio da *prática positiva das virtudes cristãs*. Jesus é a luz do mundo e quem o segue não anda nas trevas (Jo 8, 12).

INTRODUÇÃO^[557]

Antes de descrever as virtudes a serem praticadas pelas almas em progresso, há três questões preliminares que devem ser esclarecidas: 1º - *A quem convém a via iluminativa*; 2º - *Qual programa* devem seguir; 3º - *Qual a diferença entre as almas piedosas e fervorosas* que trilham esse caminho.

I – A QUEM CONVÉM A VIA ILUMINATIVA

962. Assim descreve Santa Teresa os que habitam na *terceira morada*, ou seja, as almas em progresso: “*Têm grande desejo de não ofender Sua Majestade. Guardam-se até dos pecados veniais. Gostam de fazer penitência e de ter suas horas de recolhimento. Gastam bem o tempo. Exercitam-se em obras de caridade para com o próximo. São corretíssimas em seu falar e vestir e no governo de sua casa, quando as têm.*”^[558]

A partir dessa descrição podemos extrair as seguintes conclusões:

963. Uma vez que a via iluminativa consiste na *imitação de Nosso Senhor Jesus Cristo*, é necessário, para nela entrar, reunir as três condições a seguir, que permitirão que sigamos o Divino Mestre no exercício positivo das virtudes, das quais Ele deu exemplo.

A. É necessário já ter alcançado certo grau de *pureza de coração* para que, sem demasiada temeridade, possa-se aspirar à união habitual com Nosso Senhor, que pressupõe a imitação de suas virtudes. Enquanto a alma estiver exposta a cair, de vez em quando, em pecado *mortal*, deve antes de tudo lutar vigorosamente contra as ocasiões de pecado, contra as más tendências da natureza e contra as tentações. Somente depois de superar essas dificuldades é que se ocupará com maior proveito da parte positiva das virtudes. Também é necessário que tenha horror ao pecado venial de propósito deliberado e, portanto, faça esforços para evitá-lo.

B. Requer-se ainda que tenha *mortificado as paixões*. Com efeito, para seguir Nosso Senhor é importante renunciar não somente ao pecado mortal, mas também ao *venial de propósito deliberado*, principalmente aquele que se comete com frequência e ao qual há apego. Quem luta bravamente contra as paixões e pecados capitais, alcança o necessário autodomínio que o habilita a praticar o lado positivo das virtudes e, assim, a aproximar-se gradualmente do Divino Modelo. De fato, somente assim pode-se levar uma vida bem regulada, ter momentos de recolhimento e empregar o tempo no cumprimento dos deveres do próprio estado.

964. C. Por fim, é necessário ter adquirido, por meio da meditação, *convicções profundas* de todas as verdades fundamentais para que se possa dedicar mais tempo aos afetos piedosos e à oração propriamente dita. Na realidade, por meio desses afetos e súplicas é que atraímos a nós as virtudes de Nosso Senhor, e assim podemos praticá-las sem muita dificuldade.

Portanto, reconhecemos que as almas estão na via iluminativa por estes dois sinais principais: 1) experimentam grande dificuldade em fazer oração *puramente discursiva*. A moção do Espírito Santo as levam a juntar muitos afetos aos raciocínios; 2) sentem um desejo ardente e habitual de unir-se a Nosso Senhor, de conhecê-lo, amá-lo e imitá-lo.

965. Pelo exposto deduzem-se as principais diferenças existentes entre as vias purgativa e iluminativa:

A. Em ambas a *finalidade* é o esforço e a luta. Mas os *iniciantes* lutam contra o pecado e suas causas, enquanto que *as almas em progresso* lutam para adornar a alma com as virtudes de Nosso Senhor. Contudo, não há *contradição* entre esses dois direcionamentos; um prepara para o outro. Romper com o pecado e suas causas já é praticar a virtude em seu primeiro grau, que é principalmente *negativo*. Por outro lado, as virtudes *positivas*, que exercitamos na via iluminativa, aperfeiçoam o desapego de nós mesmos e das criaturas. No primeiro caso, o enfoque maior está no lado negativo e, no segundo, no positivo: ambos mutuamente se completam. As almas em progresso continuam a fazer penitência e mortificar-se, mas com a enfoque principal na união e na imitação cada vez mais perfeita com Nosso Senhor Jesus Cristo.

B. Os *meios*, embora permaneçam substancialmente os mesmos, diferem quanto à aplicação. A meditação, que era *discursiva*, torna-se *afetiva*; o pensamento, que habitualmente era dirigido a Deus, concentra-se mais em Nosso Senhor, que se deseja conhecer, amar e imitar, para que se torne verdadeiramente o centro da nossa vida.

II – PROGRAMA A SER SEGUIDO NA VIA ILUMINATIVA

966. O programa resulta do que foi dito. 1º - O **objetivo** direto é *conformar* a nossa alma com a de Nosso Senhor, de modo a torná-lo o *centro de nossas vidas*.

A. Fazemos dele o **centro dos nossos pensamentos**. Gostamos de estudar sua vida e seus mistérios. O Evangelho trás para nós novos encantos; procuramos lê-lo devagar, afetuosamente, fixando-nos nas menores circunstâncias da vida de nosso Salvador, especialmente nas virtudes. Passamos a encontrar nele temas inesgotáveis de oração, amando e meditando suas palavras, analisando-as em detalhes, buscando aplicá-las a nós mesmos. Quando queremos praticar uma virtude, estudamo-la primeiramente *em Jesus*. Recordando seus ensinamentos e exemplos, descobrimos a razão maior para reproduzir em nós as suas disposições e virtudes. Ele é também o centro de nossas atenções na santa Missa e na Comunhão: as orações litúrgicas são excelente meio de estudá-lo. Por fim, através de leituras piedosas empenhamo-nos em conhecer melhor os seus ensinamentos, principalmente sua doutrina espiritual, isto é, buscamos a Jesus nos livros.

967. B. Esse conhecimento leva ao **amor** e, com isso, Jesus torna-se o **centro das nossas afeições**:

a) Como poderia alguém que, dia a dia, estudasse Aquele que é a beleza e a bondade, não se sentir ferido de amor por ele? Disse Lacordaire: “Desde que conheci Jesus Cristo nada mais pareceu belo o suficiente para que fosse objeto de meu desejo.”^[559] Se os apóstolos no Tabor, ao verem a humanidade de Nosso Senhor transfigurada, sentiram-se tão arrebatados de admiração e amor que exclamaram, “*Senhor, é bom estarmos aqui*” (Mt 17,

4), muito mais nós devemos ficar extasiados diante da formosura divina que resplandece em Jesus ressuscitado.

b) Se meditarmos frequentemente no amor que Ele nos demonstrou e continua, sem cessar, a manifestar na Encarnação, na Redenção e na Eucaristia, como não o amar? Santo Tomás resumiu em uma estrofe maravilhosamente concisa os grandes benefícios de Nosso Senhor para conosco:

*Se nascens dedit
socium,
Convescens in
edulium,
Se moriens in
pretium,
Se regnans dat in
præmium.* ^{[560]NT}

No dia do nascimento tornou-se nosso companheiro de viagem, amigo e irmão, e nunca nos deixou sós. Ao instituir a Eucaristia tornou-se nosso alimento. Nossas almas, que dele têm fome e sede, são saciadas com seu corpo, alma e divindade. Morrendo na cruz pagou o preço do nosso resgate, livrou-nos na escravidão do pecado, restituiu nossa vida espiritual e deu-nos a maior prova de amor que é possível dar aos amigos. Por último, no céu, dá-se a si mesmo em recompensa, para ser possuído por nós por toda a eternidade, e a nossa bem-aventurança será confundida com a sua glória. Por isso, jamais seremos capazes de agradecê-lo o bastante por sua infinita bondade e nem de amá-lo tanto quanto merece.

968. C. O amor leva-nos à **imitação**. Precisamente pelo fato de apreciar as virtudes de um amigo, somos atraídos para ele e desejamos reproduzi-las em nós, para assim ser um com ele, de alma e coração. Com efeito, compreendemos que essa união não será íntima e profunda se não houver o compartilhamento dos pensamentos, sentimentos e virtudes do amigo. Instintivamente imitamos aquele que amamos. Assim, Jesus torna-se o **centro de nossas ações** e de toda a nossa vida. Quando *oramos*, atraímos Jesus Cristo a nós, com seu espírito de religião, para glorificar o Pai e pedir eficazmente as graças necessárias. Quando *trabalhamos*, unimo-nos ao

divino Operário de Nazaré, para trabalhar como Ele, pela glória de Deus e salvação das almas. Quando queremos *alcançar uma virtude*, atraímos a nós Jesus, modelo perfeito dessa virtude, e com Ele procuramos praticá-la. Até mesmo nossas *recreações* são feitas em união com Jesus e no seu espírito, para depois trabalharmos melhor pelos grandes interesses de Deus e de sua Igreja.

969. 2º - Mas para alcançar esse objetivo precisamos dos meios, e esses meios são, além das orações vocais e *afetivas*, os esforços constantes no exercício daquelas virtudes cristãs que nos fazem melhor conhecer, amar e imitar o Senhor, a saber, as *virtudes teologais e morais*. Aspiramos por virtudes *sólidas*, não baseadas em emoções, mas em *convicções profundas*.

A. Essas virtudes são praticadas *paralelamente*, ou seja, não podemos exercitar-nos nas morais sem, ao mesmo tempo, praticar as teologais, e vice-versa. Por exemplo, não podemos praticar a *prudência cristã* sem sermos guiados pelas luzes da *fé*, sustentados pela *esperança* e estimulados pelo *amor* de Deus. Por sua vez a *fé* e a *esperança* supõem a prudência, a fortaleza e a temperança. O mesmo se pode dizer das demais virtudes.

No entanto, há virtudes que são mais apropriadas a determinado estágio da via iluminativa. Os que estão no início do caminho dão maior atenção a certas virtudes *morais*, porque delas sentem maior necessidade para vencer a sensualidade e o orgulho. Mais tarde, quando já dominaram esses vícios, vão dedicar-se com maior afinco às virtudes *teologais*, que nos unem mais diretamente a Deus.

970. B. Para melhor compreensão dessa doutrina, descreveremos a seguir a diferença existente entre essas virtudes.

a) As virtudes *teologais* têm o próprio Deus por *objeto direto* e algum dos atributos divinos por *motivo*. Assim, pela fé eu creio em Deus, baseado na sua autoridade divina; pela caridade amo-O por causa da sua infinita bondade. Portanto, as virtudes teologais *nos unem diretamente a Deus*. A fé nos faz compartilhar de seus pensamentos; a caridade, de seu amor.

b) As virtudes *morais* têm por *objeto direto* um bem *criado* e, por *motivo*, um bem *honesto*. Assim, a justiça tem por objeto dar a cada um o que é lhe é devido e, o motivo, é a honestidade. Essas virtudes *preparam* a nossa união com Deus, removendo os obstáculos, tais como a injustiça. Elas

até mesmo *dão início* à união, porque, sendo justo, uno-me a Deus que é a própria justiça. Todavia, são as virtudes teologais que, por serem mais diretamente *unificantes*, consumam a união.

971. C. A partir disso deduz-se que, se quisermos estudar as virtudes seguindo a ordem de *dignidade*, devemos começar pelas teologais. Mas, se pretendermos seguir a ordem *psicológica*, que vai do menos ao mais perfeito, como temos feito, devemos iniciar pelas virtudes *morais*, não esquecendo, porém, do desenvolvimento paralelo das virtudes cristãs, conforme há pouco referido.

III – DUAS CATEGORIAS DE ALMAS EM PROGRESSO

Na via iluminativa pode-se distinguir claramente várias categorias de almas, principalmente duas: as *piedosas* e as *fervorosas*.

972. 1º - As *piedosas* têm boa vontade, muitos desejos para o bem e fazem sérios esforços para evitar as faltas deliberadas. Mas ainda são vaidosas e orgulhosas e, como estão pouco acostumadas a praticar a abnegação, falta-lhes energia e constância, especialmente em tempos de provação. Disso resulta muita oscilação no proceder. Dispostas a sofrer tudo quando a provação ainda está longe, tornam-se impacientes e lamuriasas quando estão diante da dor ou da aridez. Rápidas em tomar generosas resoluções, cumprem-nas de modo imperfeito, especialmente quando surgem dificuldades inesperadas. Por isso progridem lentamente. Precisam cultivar as virtudes da fortaleza, constância e humildade.

973. 2º - As almas *fervorosas* são mais humildes e generosas. Desconfiadas de si mesmas e confiantes em Deus, já acostumadas com a abnegação cristã, têm mais energia e constância. Contudo, essa abnegação não é absoluta nem universal: elas têm um grande desejo de perfeição, mas a virtude ainda não está suficientemente solidificada pela provação. Quando recebem consolação e gozo, aceitam-nos de bom grado e neles repousam

com complacência. Ainda não possuem amor à cruz. As firmes resoluções, que pela manhã tomam, são apenas parcialmente cumpridas porque não há constância suficiente nos seus esforços. Progrediram no amor divino o suficiente para renunciar às coisas perigosas, mas **apegam-se** demasiadamente àquelas outras coisas ou pessoas que Deus lhes permite amar, tais como pais, amigos e consolações que desfrutam nos exercícios de piedade. Portanto, devem desapegar-se ainda mais perfeitamente de tudo que seja obstáculo à união com Deus.

Não trataremos separadamente essas duas categorias de almas. Porém, o diretor espiritual elegerá, dentre as virtudes que explanaremos, as mais adequadas a cada alma.

DIVISÃO DO SEGUNDO LIVRO

974. Como o *objetivo* das almas em progresso é *fazer com que Jesus seja o centro de suas vidas*: 1º - Precisam aplicar-se cuidadosamente à *oração afetiva* para adquirir o conhecimento, o amor e a imitação do Divino Modelo; 2º - Deverão também praticar, de modo especial, mas não exclusivo, as *virtudes morais*. Estas, ao remover os obstáculos que impedem a união com Deus, modelo de toda perfeição, começam a torná-la efetiva; 3º - Então será a vez das *virtudes teológicas*, que já haviam praticado na via purgativa, que se desenvolvem paralelamente com as virtudes morais e tornam-se o principal propulsor de suas vidas; 4º - Porém, como a luta ainda está longe do fim, ainda ocorrerão *novas insídias* do inimigo,^[561]* que devem ser previstas e combatidas até a vitória. Portanto, serão quatro capítulos:

CAP. I – A ORAÇÃO AFETIVA PRÓPRIA DESTA VIA

CAP. II – AS VIRTUDES MORAIS

CAP. III – AS VIRTUDES TEOLOGAIS

CAP. IV – A LUTA CONTRA AS NOVAS OFENSIVAS DO INIMIGO

CAPÍTULO I – A ORAÇÃO AFETIVA^[562]

975. As almas em progresso continuam a praticar os exercícios espirituais dos principiantes (nº 657), aumentando o seu número e sua duração, aproximando-se, desse modo, da *oração habitual* de que falamos (nº 522), que somente chega à sua perfeita realização na via unitiva. Agora aplicam-se principalmente à *oração afetiva*, que aos poucos substitui a meditação discursiva. Assim, exporemos: 1º - Sua *natureza*; 2º - As *vantagens*; 3º - As *dificuldades*; 4º - O *método* que se pode empregar.

Art. I – NATUREZA DA ORAÇÃO AFETIVA

976. 1º - Definição. Como o próprio nome sugere, a oração afetiva é aquela em que predominam os *piedosos afetos*, isto é, os *diversos atos da vontade* pelos quais expressamos nosso amor a Deus e o desejo de glorificá-lo. Nessa oração o coração ocupa-se mais do que a mente.

Como dissemos (nº 668), os *principiantes* precisam adquirir convicções. Assim, insistem nos raciocínios e dão pouco espaço aos afetos. Todavia, aos poucos, à medida em que essas convicções se fortalecem e criam raízes na alma, pouco tempo se requer para renová-las e os afetos passam a ocupar o maior espaço. Encantada pelo amor de Deus e a beleza da virtude, a alma eleva-se mais facilmente, por impulsos amorosos: ao Autor de todo bem, para adorá-lo, bendizê-lo, dar-lhe graças e amá-lo; a Nosso Senhor Jesus Cristo, seu Salvador, modelo, chefe, amigo e irmão, para oferecer-lhe os mais ternos sentimentos; à SS. Virgem, mãe de Jesus e nossa, dispensadora dos favores divinos, para manifestar-lhe o amor mais filial, mais confiante e generoso (nº 166).

Brotam espontaneamente do coração outros sentimentos: ao contemplar as próprias misérias, sentimentos de constrangimento, vergonha e humilhação; ardentes desejos de tornar-se melhor e confiantes súplicas para obter as graças necessárias; sentimentos de zelo pela glória de Deus, que a movem a orar pelo bem da Igreja e das almas.

977. 2º - Transição da meditação para a oração afetiva. Não é de imediato que se chega a esse tipo de oração. Há um período de transição, em que se mesclam, em maior ou menor proporção, as considerações e os afetos. Segue-se outro em que a alma ainda faz considerações, mas sob a forma de conversas, tais como: “Ajudai-me ó meu Deus, a compreender bem a necessidade de tal virtude.” Então reflete por alguns instantes e continua: “Obrigado meu Deus, pelas luzes que me concedeu. Grava, Senhor, por tua bondade, essas convicções no fundo de minha alma para que possam de fato influenciar minha conduta... Ajuda-me, por favor, a ver como estou longe dessa virtude e o que devo fazer para praticá-la ... hoje mesmo.” Por fim chega o momento em que os raciocínios cessam quase por

completo, ou, pelo menos, são tão breves que a maior parte da oração é despendida em piedosos colóquios. Contudo, em certos momentos sente-se a necessidade de voltar às considerações para manter a mente suficientemente ocupada. Mas, em tudo isso, deve-se seguir as inspirações da graça, depois de havê-las submetido ao exame do diretor espiritual.

978. 3º - Sinais que justificam essa transição. A) É importante reconhecer os *sinais* que indicam que é hora de passar da meditação discursiva para a oração afetiva. Não seria prudente fazê-lo *cedo demais*, pois se a alma ainda não estiver suficientemente adiantada para manter esses afetos, cairá na distração e na aridez. Por outro lado, seria lamentável fazê-lo *demasiado tarde*, posto que, segundo todos os autores espirituais, a oração afetiva é mais proveitosa que a meditação, pois é principalmente pelos atos de vontade que glorificamos a Deus e alcançamos as virtudes.

B) Os sinais são os seguintes: 1) Quando, apesar da boa-vontade, a alma sente muita dificuldade em meditar, tem pouco proveito com ela e, por outro lado, sente-se inclinada às afeições; 2) Quando as convicções estão tão profundamente enraizadas, de tal forma que, desde o princípio da oração, delas está convencida; 3) Quando o coração, já desprendido do pecado, eleva-se facilmente para Deus ou Nosso Senhor. Mas, como somos todos maus juízes em causa própria, esses sinais devem ser submetidos ao juízo do diretor espiritual.

979. 4º - Meios de fomentar os afetos. A. Os afetos são multiplicados e prolongados principalmente pelo exercício da virtude da *caridade*. De fato, eles brotam de um coração dominado pelo amor de Deus. Esse coração é que nos faz *admirar as perfeições divinas*. Iluminado pela fé, coloca diante de nossos olhos a beleza, a bondade e a misericórdia infinita de Deus. Então, nasce espontaneamente um sentimento de reverência e admiração, que, por sua vez, produz o *reconhecimento, o louvor e a complacência*. Quanto mais amamos a Deus, mais prolongam-se esses diversos atos. O mesmo ocorre com o *amor a Nosso Senhor*. Quando, como relatamos (nº 967), recordamos os seus benefícios, os sofrimentos que por nós padeceu o nosso amável Salvador e o amor que ainda hoje nos mostra através da Eucaristia, facilmente somos preenchidos por sentimentos de admiração,

adoração, gratidão, compaixão e amor, e sentimos necessidade de louvá-lo e bendizê-lo por tanto amor.

980. B. Para nutrir esse amor divino é aconselhável que as almas em progresso *meditem* com frequência nas grandes verdades que relembram o que Deus fez e continua fazendo por nós.

a) A habitação das três pessoas divinas em nossa alma e sua ação paternal (nº 93 a 130);

b) A nossa incorporação em Cristo e o seu papel em nossa vida cristã (nº 132 a 153); sua vida, seus mistérios, especialmente sua dolorosa Paixão, e o seu amor na Eucaristia;

c) O papel da SS. Virgem, dos anjos e santos na vida cristã (nº 154 a 189). Com efeito, encontramos nisso uma valiosa forma de variar nossos afetos, dirigindo-os ora à nossa Mãe do Céu, ora aos anjos, principalmente ao nosso anjo da guarda, e outra vezes aos santos, especialmente aqueles que nos inspiram maior devoção;

d) As orações vocais, tais como o *Pai-Nosso*, a *Ave-Maria*, o *hino de Santo Tomás ao Santíssimo Sacramento*, estão repletas de sentimentos de amor, gratidão e de conformidade com a vontade de Deus;

e) As principais virtudes, como a religião para com Deus, a obediência aos superiores, a humildade, a fortaleza, a temperança e, sobretudo, as três virtudes teologais. Não consideraremos essas virtudes abstratamente, mas do modo *como Nosso Senhor as praticou*, esforçando-nos por exercitá-las com o fim de assemelhar-nos a ele e demonstrar-lhe nosso amor.

f) Não deixarão de meditar sobre penitência, mortificação, pecado e sobre as últimas coisas, mas farão de maneira diferente dos principiantes. Assim, considerarão Jesus como modelo perfeito de penitência e de mortificação, sobrecarregado pelos nossos pecados e expiando-os por um longo martírio; farão esforços para atraí-lo para eles, com todas as suas virtudes. A meditação sobre a morte, o céu e o inferno, será com o objetivo de desapegar-se de todo o criado e unir-se a Jesus, o que assegurará a graça de uma boa morte e um belo lugar no céu junto a Jesus.

Art. II – VANTAGENS ORAÇÃO AFETIVA

Essas vantagens decorrem da própria natureza dessa oração.

981. 1º - A principal é uma *união mais íntima e habitual com Deus*. A multiplicação dos afetos produz em nós um aumento do amor de Deus. Portanto, os afetos são simultaneamente *causa* e *efeito*, ou seja, nascem do amor de Deus, mas também aperfeiçoam-no, porque as virtudes crescem pela repetição dos próprios atos. Pela mesma razão, eles aumentam o conhecimento das perfeições divinas. Como bem frisou São Boaventura:^[563] “*A melhor maneira de conhecer a Deus é provar a doçura do seu amor. Esse modo de conhecimento é mais excelente, mais nobre e deleitável, que buscá-lo pela via do raciocínio.*” Do mesmo modo que se avalia melhor a excelência de uma árvore ao saborear os seus frutos, também melhor apreciamos a excelência dos atributos divinos ao provar a suavidade do amor de Deus. Por sua vez, esse conhecimento aumenta nossa caridade e fervor, e dá-nos ânimo para praticar mais perfeitamente todas as virtudes.

982. 2º - Ao fazer crescer a caridade, a oração afetiva aperfeiçoa também todas as virtudes dela decorrentes: **a)** a *conformidade com a vontade de Deus*: quem ama sente-se feliz em fazer a vontade do amado; **b)** o *desejo da glória de Deus e da salvação das almas*: quem ama não consegue deixar de louvar e de buscar o louvor do objeto da sua afeição; **c)** *amor do silêncio e do recolhimento*: a alma deseja ficar a sós com Aquele que ama, para pensar mais nele e repetir-lhe que o ama; **d)** *desejo de comunhão frequente*: quem ama deseja possuir o mais perfeitamente possível o objeto do seu amor e fica feliz ao recebê-lo em seu coração, em permanecer unido a ele durante todo o dia; **e)** *espírito de sacrifício*: a alma sabe que não pode unir-se ao divino Crucificado e, por meio dele, a Deus, senão renunciando a si mesma e às suas comodidades, levando a cruz sem vacilar e aceitando todas as provações que a Providência lhe envia.

983. Muitas vezes a oração afetiva também proporciona *consolo espiritual*. Com efeito, não há alegria mais pura e suave que a encontrada na companhia de um amigo. Como Jesus é o mais terno e o mais generoso dos amigos, experimenta-se na sua presença um pouco das alegrias do céu: estar com Jesus é um doce paraíso. Verdade que, não obstante essas alegrias, há por vezes securas e provações, mas estas são aceitas com suave resignação, sem se cansar de dizer a Deus que, apesar de tudo, quer amá-lo e servi-lo. O pensamento de que está padecendo por Deus já um alívio para o sofrimento, uma consolação.

Pode-se ainda acrescentar que a oração afetiva é menos trabalhosa do que a discursiva. Nesta, a alma logo se cansa de seguir seus raciocínios, enquanto naquela, deixando-se conduzir por sentimentos de amor, de gratidão e louvor, a alma desfruta de um suave repouso, que lhe permite preservar esforços para os momentos da ação.

984. Por fim, a oração afetiva, vai simplificando-se, isto é, diminuindo o número e a diversidade dos afetos e intensificando alguns deles. Isso conduz aos poucos à *oração da simplicidade*, que já é uma contemplação adquirida e prepara a propriamente dita contemplação infusa, daquelas almas que para isso forem chamadas. Sobre ela falaremos na via unitiva.

Art. III – OBSTÁCULOS E PERIGOS DA ORAÇÃO AFETIVA

As melhores coisas têm seus inconvenientes e perigos e a oração afetiva não é exceção. Caso não se realize conforme as regras de discrição, leva a abusos, dos quais indicaremos os principais e seus remédios.

985. O primeiro é o *esforço mental*, que provoca fadiga e exaustão. Algumas pessoas, querendo intensificar seus afetos, esforçam-se de corpo e mente, agitando-se, estimulando-se violentamente para produzir atos ou suspiros de amor, nos quais a natureza desempenha um papel muito maior do que a graça. Esses esforços causam fadiga ao sistema nervoso, fazem o sangue fluir para o cérebro, e uma espécie de febre lenta consome as forças da alma, fazendo-a exaurir rapidamente. Pode também acontecer que disso decorram desordens fisiológicas, em que os piedosos afetos se misturam com sensações mais ou menos sensuais.

986. Esse é um *problema grave* que precisa ser *tratado* desde o início, seguindo os conselhos de um sábio diretor espiritual, ao qual o fato ser relatado prontamente. O remédio é convencer-se de que o verdadeiro amor de Deus concentra-se muito mais na *vontade* que na *sensibilidade*, e que a generosidade desse amor não consiste em ímpetos violentos,^[564]* mas no propósito calmo e resolutivo de nada recusar a Deus. Não devemos esquecer que o amor é um ato da vontade. Sem dúvida, muitas vezes ele se reflete sobre a sensibilidade, produzindo emoções mais ou menos intensas. Contudo, essas emoções não são a verdadeira devoção, mas apenas manifestações acidentais, que devem sujeitar-se e serem moderadas pela vontade. Se assim não for, as emoções predominam, provocam uma desordem e, ao invés de fomentar a piedade sólida, degeneram em amor sensível e, às vezes, sensual. Afinal, todas as emoções violentas são do mesmo gênero e facilmente convertem-se de uma em outra. Devemos, portanto, procurar *espiritualizar* os afetos para acalmá-los, colocando-os a serviço da vontade. Então desfrutaremos de uma paz que excede todo sentimento: “*a paz de Deus, que excede todo o entendimento*” (Fl 4, 7).

987. 2º - O segundo defeito é o *orgulho* e a *presunção*. Como a alma tem sentimentos nobres e bons, santos desejos e belos propósitos de progresso espiritual; como desfruta de fervor sensível e, nesses momentos, despreza os prazeres, os bens e as vaidades do mundo, facilmente conclui que está muito mais adiantada espiritualmente do que de fato está, e chega às vezes a perguntar-se se não está perto de alcançar os cumes da perfeição e da contemplação. Algumas vezes, durante a oração, prende a respiração à espera de comunicações divinas. Esses sentimentos mostram claramente que a alma ainda está muito longe desses ápices, pois os santos, os fervorosos, desconfiam de si mesmos, consideram-se sempre os piores e creem com sinceridade que os outros são melhores do que eles. Deve-se, portanto, voltar a desconfiar de si mesmo e praticar a humildade, tendo presente o que adiante falaremos sobre essa virtude. Destarte, quando essas manifestações de orgulho crescem, muitas vezes Deus encarrega-se de trazer essas almas de volta para os justos sentimentos de indignidade e incapacidade, privando-as de consolações e graças especiais. Então elas compreendem que se encontram ainda muito longe do fim almejado.

988. 3º - Também há algumas almas que colocam toda a sua devoção na *busca de consolações espirituais*, negligenciando os deveres de estado e o exercício das virtudes comuns. Pelo fato de fazerem belas orações, imaginam-se perfeitas. É uma grande ilusão: não há perfeição sem conformidade com a vontade divina, e esta é obedecer aos mandamentos, cumprir fielmente as obrigações do próprio estado e, depois, praticar, além das grandes, as pequenas virtudes da modéstia, doçura, condescendência, amabilidade. Crer-se santo por amar a oração e, sobretudo, as consolações, é esquecer que só é perfeito quem faz a vontade de Deus: “*Nem todo aquele que me diz: Senhor, Senhor, entrará no Reino dos céus, mas sim aquele que faz a vontade de meu Pai que está nos céus*” (Mt 7, 21).

Todavia, quando se removem os obstáculos e perigos pelos meios que indicamos, a oração afetiva é muito útil para o progresso espiritual e para o zelo apostólico. Assim, veremos os métodos mais adequados para desenvolvê-la.

Art. IV – MÉTODOS DE ORAÇÃO AFETIVA

Esses métodos podem ser reduzidos a dois: o de Santo Inácio e o de São Sulpício.

IV.I – MÉTODOS DE SANTO INÁCIO ^[565]

Entre os métodos inacianos, três são os que se relacionam com a oração afetiva: 1º - *A contemplação*; 2º - *A aplicação dos sentidos*; 3º - *A segunda maneira de orar*.

IV.I.I – A Contemplação Inaciana

989. Não se trata, aqui, da contemplação *infusa* e nem mesmo da *adquirida*, mas de um *método de oração afetiva*. Contemplar alguma coisa não é apenas olhá-la de relance, *mas fixar-lhe o olhar com gosto*, até sentir-se plenamente satisfeito; é fita-la com *admiração e amor*, como uma mãe contempla o filhinho. Essa contemplação pode versar sobre os mistérios de Nosso Senhor, ou sobre os atributos divinos.

Quando se medita sobre um mistério: 1) contemplamos as pessoas nele envolvidas, por exemplo, a SS. Trindade, Nosso Senhor, a SS. Virgem, os homens, procurando “vê-las” interior e exteriormente; 2) *escutamos suas palavras* e perguntamos a quem elas são dirigidas e o que significam; 3) *consideramos as ações*, sua natureza e circunstâncias. Tudo isso para reder homenagens a Deus, a Jesus Cristo, à Nossa Senhora, e para melhor conhecer e amar Nosso Senhor.

990. Para que essa contemplação seja mais proveitosa, consideramos o mistério, não como um evento passado, mas como se estivesse *ocorrendo agora*, diante de nossos olhos, posto que, de fato, os mistérios subsistem pela graça a eles conexas. Destarte, não devemos assisti-lo como meros

espectadores, mas *tomar parte nele ativamente*. Por exemplo, unindo-nos aos sentimentos da Virgem Maria no momento do nascimento do seu Filho divino. Além disso, buscaremos um *resultado prático*. Por exemplo, um conhecimento mais íntimo de Jesus, um amor mais generoso para com ele.

Como se vê, por esse método de oração é fácil inserir todos os afetos de admiração, adoração, gratidão, amor a Deus, e também de compunção, vergonha, arrependimento diante de nossos pecados e, por fim, todas as petições que podemos fazer por nós e pelos outros.

Para que a multiplicidade desses afetos não prejudique a paz e a tranquilidade da alma, não se deve esquecer da sábia advertência de Santo Inácio:^[566] “*No ponto da meditação em que achar o que eu quero, aí pararei sem ter ânsia de passar adiante, até que me satisfaça. Porque não é o muito saber que sacia e satisfaz a alma, mas o sentir e saborear intimamente as coisas.*”

IV.I.II – A Aplicação dos Cinco Sentidos

991. Designa-se com esse nome uma maneira de meditar muito simples e afetuada. Consiste em aplicar os cinco sentidos, de forma *imaginativa ou espiritual*, sobre algum mistério da vida de Nosso Senhor, para gravar mais profundamente na alma todas as circunstâncias desse mistério, e também para estimular em nosso coração piedosos sentimentos e bons propósitos.

A seguir damos um exemplo baseado no mistério do Natal.

1. Aplicação da visão: Vejo o pequeno infante na manjedoura, a palha sobre a qual está deitado, os panos que o envolvem... Vejo suas mãozinhas tremendo de frio; seus olhos marejados de lágrimas ... É o meu Deus; adoro-o com viva fé. – Vejo então a SS. Virgem: Quanta modéstia! Que formosura celestial! ... Vejo-a tomar o menino Jesus em seus braços, envolvê-lo nos panos, estreitá-lo ao coração e colocá-lo novamente sobre as palhas: é o seu Filho e é o seu Deus! Admiro e oro ... Penso na sagrada Comunhão: é esse mesmo Jesus que recebo ... Tenho a mesma fé e o mesmo amor de Maria?

2. Aplicação da audição. Ouço o choro do divino infante ... os gemidos suscitados pelo sofrimento ... Tem frio e padece principalmente pela ingratidão dos homens ... Ouço as palavras que saem do seu coração para o

coração de sua Mãe Santíssima e o que ela responde: resposta cheia de fé, de adoração, de humildade, de amor. Uno-me a esses sentimentos.

3. *Aplicação do olfato.* Respiro o perfume das virtudes do presépio, o bom odor de Jesus Cristo, e rogo ao meu Salvador que me conceda o sentido espiritual que me permita respirar o perfume da sua humildade.

4. *Aplicação do gosto.* Saboreio a alegria de estar com Jesus, Maria e José, a felicidade de amá-los e, para melhor desfrutar desse momento, permaneço em silêncio junto ao meu Salvador.

5. *Aplicação do tato.* Com minhas mãos e com piedoso respeito, toco o presépio e a palha onde o meu Salvador está deitado, beijo-os com amor e, se o Divino menino se dignar permitir, beijarei os seus sagrados pés.^[567]*

Termina-se com uma conversa piedosa com Jesus e com sua Mãe, pedindo a graça de amar mais generosamente o divino Salvador.

992. A meditação sobre os *atributos divinos* é feita considerando cada um deles com sentimentos de adoração, de louvor e de amor, concluindo com uma entrega total de si mesmo a Deus.^[568]

IV.I.III – O Segundo Modo de Orar

993. O segundo modo de orar consiste em percorrer lentamente uma oração vocal, como o *Pai-Nosso*, a *Ave-Maria*, a *Salve-Rainha*, etc., para considerar e saborear o significado de cada uma das palavras.

Assim, no *Pai-Nosso* consideramos a primeira palavra e dizemos: Ó meu Deus, eterno e todo-poderoso, criador de todas as coisas, adotaste-me por filho. Sois meu Pai porque comunicaste-me pelo batismo uma participação da vossa vida divina, que a cada dia fazes crescer dentro de minha alma ... Sois meu Pai porque me amais como jamais um pai ou uma mãe amou algum filho, ..., porque dedica-me a mais paternal solicitude.^[569]

Permaneceremos nessa primeira palavra enquanto encontrarmos nela significados e sentimentos que trazem alguma luz, força ou consolação. Se uma ou duas palavras fornecerem matéria suficiente para todo o tempo da oração, não devemos ir adiante. Devemos saborear as palavras e extrair delas alguma conclusão prática e rogar para que sejamos capazes de cumpri-la.

Essas são três maneiras simples e fáceis de praticar a oração afetiva.

IV.II – MÉTODO DE SÃO SULPÍCIO

Já dissemos (nº 701) que esse método é muito afetivo. Assim, as almas na via iluminativa podem utilizá-lo com muito proveito, levando em conta as seguintes observações.

994. 1º - O primeiro ponto, a *adoração*, que para os principiantes é muito breve, é agora prolongado gradativamente, chegando a ocupar mais da metade do tempo da oração. A alma, inflamada pelo amor de Deus, admira, adora, louva, bendiz e dá graças, às vezes às três Pessoas Divinas, às vezes a cada uma delas em particular, e outras vezes a Nosso Senhor, modelo perfeito da virtude que se deseja adquirir. De acordo com as circunstâncias, a alma também presta reverentes homenagens de gratidão e de amor à Santíssima Virgem e aos santos e, ao fazê-lo, sente-se movida a imitar-lhes as virtudes.

995. 2º - O segundo ponto, a *comunhão*, também se torna quase totalmente efetivo. Os poucos raciocínios que se fazem são muito breves, e mesmo assim assumem a forma de conversa com Deus e com Nosso Senhor: “Ajudai-me ó meu Deus, convencendo-me cada vez mais dessa verdade.” São acompanhadas e seguidas de efusiva gratidão pelas luzes recebidas, de ardentes desejos de praticar a virtude que se medita. Quando a alma se autoexamina nessa virtude, é sob o olhar de Jesus que o faz, comparando-se com o divino Modelo. O resultado é que enxerga muito mais claramente seus defeitos e misérias em razão do contraste entre *Jesus e nós*. Com isso, os sentimentos de humilhação e vergonha são mais profundos, e aumenta nossa confiança em Deus porque estamos diante do Médico divino das almas. Então, espontaneamente brota do coração esse grito: “*Senhor, aquele que tu amas está enfermo*” (Jo 11, 3). Também nascem: ardentes súplicas para alcançar a graça de praticar esta ou aquela virtude; orações, não somente para si mesma, mas também pelos outros e

por toda a Igreja; preces cheias de confiança, porque tendo sido a alma incorporada em Cristo, sabe que suas petições são apoiadas por Ele.

996. 3º - Até mesmo a *cooperação*, o terceiro ponto, torna-se mais afetuosa. Submetemos a resolução que firmamos a Jesus, para que ele a aprove. A alma deseja colocá-la em prática para incorporar-se mais perfeitamente a Jesus e, para isso, conta com a colaboração dele, posto que desconfia de si mesma. Agrega-se a esse propósito um ramalhete espiritual, uma piedosa invocação que se repete muitas vezes durante o dia, que ajuda não apenas a colocar a resolução em prática, mas também a recordar afetosamente Aquele que a inspirou.

997. Entretanto, há casos em que a alma, encontrando-se em tempo de *aridez*, somente com grande dificuldade pode produzir afetos desse tipo. Então, abandonando-se docemente à vontade de Deus, reafirma que quer amá-lo, permanecer-lhe fiel e manter-se em sua presença e a seu serviço, custe o que custar; reconhece humildemente a sua indignidade e incapacidade, e une-se a Cristo pela vontade, oferecendo a Deus as homenagens que Ele lhe tributa e juntado, além disso, os sofrimentos que padece por não ser capaz de fazer mais pela divina Majestade. Esses atos da vontade são ainda mais meritórios que os piedosos afetos.

Esses são os principais métodos de oração afetiva. Cada um optará pelo que melhor lhe convier e, daquele que eleger, tomará, seguindo as inspirações da divina graça, aquilo que melhor se acomode ao momento em que vive e às atrações sobrenaturais de sua alma. Dessa maneira, a alma avançará na prática das virtudes.

CAPITULO II – AS VIRTUDES MORAIS^[520]

Antes de descrever cada uma delas em particular, convém recordar brevemente as noções teológicas das *virtudes infusas*.

NOÇÕES PRELIMINARES SOBRE AS VIRTUDES INFUSAS

Falaremos primeiramente das *virtudes infusas em geral* e em seguida das *virtudes morais em particular*.

I – AS VIRTUDES INFUSAS EM GERAL ^[521]

998. Há virtudes *naturais*, isto é, bons hábitos adquiridos pela repetição frequente dos atos, que facilitam a prática do bem honesto. Por essa razão, descrentes e pagãos podem, com o concurso natural de Deus, adquirir virtudes morais de prudência, justiça, fortaleza e temperança, e aperfeiçoar-se nelas. Todavia, não falamos aqui dessas virtudes, vamos tratar das virtudes *sobrenaturais ou infusas*, que são as que existem nos cristãos.

999. Elevados ao estado sobrenatural e tendo como único fim a visão beatífica, para ela devemos tender por meio de atos praticados sob o influxo de princípios e motivos sobrenaturais, porque é necessário que haja proporção entre o fim e os atos que a ele conduzem. Portanto, as virtudes, que no mundo se denominam naturais, devem ser praticadas de modo sobrenatural. Seguindo Santo Tomás, com razão observa o Pe. Garrigou-Lagrange:^[522] “*as virtudes morais **cristãs** são **infusas e essencialmente distintas, por seu objeto formal**, das mais insignes virtudes morais adquiridas, descritas pelos maiores filósofos ... Há uma **diferença infinita** entre a temperança aristotélica, regulada somente pela reta razão, e a temperança cristã, regulada pela fé divina e pela prudência sobrenatural.*”

Tendo já demonstrado como essas virtudes nos são comunicadas pelo Espírito Santo que habita em nós (n^{os} 122 e 123) resta-nos descrever: 1º - Sua *natureza*; 2º - Como *intensificam-se*; 3º - Como *debilitam-se*; 4º - O *relacionamento* entre elas; 5º - A *ordem* que seguiremos ao expô-las.

1º – Natureza das Virtudes Infusas

1000. A) As virtudes infusas são *princípios de ação que Deus insere em nós para que desempenhem em nossa alma a função de faculdades sobrenaturais, tornando-nos, assim, capazes de praticar atos meritórios.*

Portanto, há uma diferença essencial entre as virtudes infusas e as adquiridas, sob tríplice aspecto: *origem, modo de exercício, e fim.*

a) Com relação a *origem*, as virtudes naturais são adquiridas pela repetição dos próprios atos; as virtudes sobrenaturais (ou infusas), por sua vez, procedem de Deus, que as coloca em nossa alma, juntamente com a graça habitual.

b) No que toca ao *modo de exercê-las*, as virtudes naturais, adquiridas pela repetição dos próprios atos, dão-nos a *facilidade* de praticar atos semelhantes com prontidão e alegria. As virtudes sobrenaturais, que Deus infunde em nossa alma, dão-nos o *poder* de praticar atos meritórios, com uma certa *inclinação* a produzi-los. A facilidade virá apenas mais tarde, pela repetição dos mesmos atos.

c) Sob o ponto de vista do *fim*, as virtudes naturais visam o bem honesto, orientando-nos para o Deus Criador, enquanto as virtudes infusas buscam o bem sobrenatural e conduzem-nos para o Deus Trino, tal como a fé nos revela. Por isso, os motivos que inspiram as infusas são também sobrenaturais e referem-se à amizade com Deus: pratico a prudência, justiça, temperança e a fortaleza, para estar em harmonia com Deus.

1001. Disso resulta que os atos das virtudes sobrenaturais são muito mais perfeitos que os das virtudes adquiridas.^[523] Por exemplo, nossa temperança infusa não apenas nos inclina a preservar a sobriedade necessária para salvaguardar dignidade humana, mas também às mortificações positivas, por meio das quais nos assemelhamos mais a nosso Salvador Jesus Cristo; a humildade infusa não nos move somente a evitar os excessos de soberba e de ira, contrários à honestidade, mas faz-nos também abraçar as humilhações que nos tornam mais semelhantes ao nosso divino Modelo.

Portanto, há diferenças essenciais entre virtudes adquiridas e infusas: tanto o princípio como o motivo formal não são os mesmos.

1002. B) Dissemos que a *facilidade* de exercitar as virtudes infusas é adquirida pela repetição dos seus atos, o que permite agir com maior

prontidão, facilidade e prazer. Três causas principais concorrem para esse feliz resultado:

a) O hábito *reduz os obstáculos* ou resistências da perversa natureza e, dessa maneira, com o mesmo esforço alcança-se resultados melhores;

b) *Adestra as faculdades*, aperfeiçoando-as em seu exercício e dispondo-as melhor para compreender as razões que nos movem ao bem, e mais capazes de pô-lo em prática. Destarte, experimenta-se até mesmo certa satisfação em colocar em prática faculdades tão maleáveis, como a que tem um músico ao deslizar os dedos sobre um instrumento sensível;

c) Por fim, a *graça atual*, que é outorgada com tão maior liberalidade quando mais a ela correspondemos, facilita singularmente a nossa tarefa e faz-nos amá-la.

Observe-se que essa facilidade, uma vez adquirida, não é perdida tão logo tenhamos a infelicidade de perder a virtude infusa por um pecado mortal. A facilidade, por ser efeito da repetição dos atos, perdura durante algum tempo, em razão das leis psicológicas e dos hábitos adquiridos.

2º - A Intensificação das Virtudes Infusas

1003. A) As virtudes infusas podem crescer em nossa alma e crescem na medida do crescimento da graça habitual, da qual procedem. Esse incremento vem diretamente de Deus, pois só ele pode fazer crescer em nós a vida divina e os diversos elementos que a constituem; Ele o faz quando *recebemos os sacramentos, fazemos boas obras ou oramos*.

a) Os *sacramentos*, em razão da sua instituição, produzem um aumento da graça habitual e, portanto, das virtudes infusas que a acompanham, e esse aumento é proporcional às nossas disposições (nº 259 a 261);

b) Nossas *boas obras*, merecem não apenas glória, mas também um aumento da graça habitual e, por conseguinte, das virtudes infusas, o que depende, em grande parte, do fervor de nossas disposições (nº 237).

c) A oração, além de seu valor meritório, tem valor *impetratório*, que solicita e obtém um aumento de graça e de virtude proporcional ao fervor com que rogamos. Assim, é muito importante unir-se às orações da Igreja, e pedir com ela um aumento de fé, de esperança e caridade.

B) Esse aumento ocorre, segundo Santo Tomás, não como um aumento de grau ou quantidade, mas por uma *posse mais perfeita e ativa da virtude*.

Nesse sentido é que as virtudes enraízam-se mais profundamente na alma, tornando-se mais fortes e mais ativas.

3º - A Debilitação das Virtudes Infusas

Uma habilidade que não é exercitada, ou muito pouco praticada, não tarda a debilitar-se e até mesmo a perder-se inteiramente.

1004. A) Da diminuição das virtudes. As virtudes infusas não são, de fato, passíveis de enfraquecimento, nem o é a graça santificante da qual dependem. O pecado *venial* não as pode diminuir assim como não pode diminuir a graça habitual. Mas, quando se cometem, sobretudo repetida e deliberadamente, pecados veniais, dificulta-se enormemente o *exercício* das virtudes, diminuindo a facilidade adquirida pelos atos precedentes. Com efeito, essa facilidade provém de um certo ardor e constância no esforço, e as faltas vênias deliberadas quebram o nosso ímpeto e paralisam parcialmente a nossa atividade (nº 730). Por exemplo, os pecados veniais de intemperança, sem diminuir a virtude infusa da sobriedade, fazem, contudo, perder pouco a pouco a facilidade que havíamos adquirido de mortificar a sensualidade. Além disso, o abuso das graças traz consigo uma diminuição das graças atuais que facilitavam o exercício das virtudes e, por essa razão, praticamo-la com menos fervor. Por fim, como já dissemos (nº 731), os pecados veniais deliberados preparam o caminho para os pecados graves e, conseqüentemente, para a perda das virtudes.

1005. B) Da perda das virtudes. Pode-se afirmar, em princípio, que as virtudes infusas são perdidas por qualquer ato que destrua o seu *objeto formal* ou o seu *motivo*, porque desse modo a virtude é arrancada pela raiz.

a) Assim, pois, a *caridade* é perdida por qualquer pecado mortal, seja qual for, porque ele destrói em nós o objeto formal ou o fundamento dessa virtude, pois se opõe diretamente à bondade infinita de Deus.

b) As *virtudes morais infusas* também são perdidas pelo pecado mortal. Na realidade, elas estão tão ligadas à caridade que, quando esta desaparece, aquelas também somem. Não obstante, a facilidade que se havia adquirido

de praticar atos de prudência, justiça, etc., subsiste durante algum tempo depois da perda das virtudes infusas, em razão da persistência dos hábitos adquiridos.

c) Quanto à *fé* e à *esperança*, estas permanecem na alma mesmo depois de perdida a graça pelo pecado mortal, desde que esse pecado não seja diretamente contrário a essas duas virtudes. Isso porque, excetuado este, os demais não destroem em nós o fundamento da fé e da esperança e, além disso, Deus em sua infinita misericórdia, quer que permaneçam em nós essas virtudes como uma última tábua de salvação, pois, enquanto se crê e se espera, a conversão ainda é relativamente fácil.

4º - O Relacionamento Entre as Virtudes

1006. Costuma-se dizer que todas as virtudes estão *relacionadas* e isso requer algumas explicações.

A) Em primeiro lugar a *caridade*, bem compreendida e praticada, abarca todas as virtudes. Não somente a fé e a esperança (o que é evidente), mas também as virtudes morais, como já explicamos (nº 318) referindo-nos a São Paulo: “A *caridade é paciente, a caridade é benigna ...*” Isso é verdadeiro porque, quem ama a Deus e ao próximo por amor a Deus, está disposto a praticar todas as virtudes a partir do instante que a consciência o advirte da obrigação. Não se pode querer amar a Deus sobre todas as coisas sem, ao mesmo tempo, querer guardar os seus mandamentos e até mesmo alguns conselhos. Destarte, é próprio da caridade ordenar todas as nossas ações para Deus, nosso *fim último* e, por conseguinte, regulá-las segundo as virtudes cristãs. Pode-se dizer ainda que quanto mais cresce a caridade, mais radicalmente aumentam todas as demais virtudes.

Todavia, o amor de Deus, embora incline nossa vontade para os atos das virtudes morais e facilite o seu exercício, não necessariamente concede a perfeição imediata de todas essas virtudes, por exemplo, da humildade, prudência, obediência, castidade. Suponhamos um pecador que com sinceridade converteu-se, mas somente depois de haver adquirido maus hábitos. Mesmo que pratique sinceramente a caridade, não se torna de imediato perfeitamente prudente, casto ou temperante. Para libertar-se dos hábitos antigos e formar novos, requer-se tempo e esforço.

1007. B) Sendo a caridade a forma, a perfeição última de todas as demais virtudes, estas não podem ser perfeitas sem aquela. Por isso, a fé e a esperança que permanecem na alma do pecador são, de fato, verdadeiras virtudes, mas estão *informes*, isto é, privadas daquela perfeição que as orientam para Deus como fim último. Os atos de fé e de esperança, feitos em estado de pecado mortal, não podem merecer o céu, embora sejam sobrenaturais e preparem a conversão.

1008. C) Quanto às virtudes *morais*, se possuídas em sua perfeição, ou seja, *informadas pela caridade* e em grau elevado, guardam verdadeira conexão entre si, posto que não se pode possuir uma sem as demais. Assim, todas as virtudes, para serem perfeitas, supõem a prudência. Esta, por sua vez, não pode ser praticada com perfeição sem o concurso da fortaleza, da justiça e da temperança. Um caráter fraco, inclinado à injustiça e à intemperança, faltará com a prudência em muitas ocasiões. A justiça não pode ser praticada com perfeição sem fortaleza de alma e temperança. A fortaleza deve ser moderada pela prudência e pela justiça e não subsistirá muito tempo sem a temperança, e assim por diante. ^[574]

Todavia, se as virtudes morais existem em pequeno grau, a presença de uma delas não traz consigo o exercício da outra. Assim, há pessoas que são modestas sem serem humildes, e outras que são humildes sem serem misericordiosas, ou misericordiosas, sem praticarem a justiça. ^[575]

II – AS VIRTUDES MORAIS

Explicaremos brevemente sua *natureza*, seu *número* e o seu *caráter comum*.

1009. 1º - *Sua Natureza*. Essas virtudes chamam-se morais por duas razões: **a)** para distingui-las das virtudes *puramente intelectuais*, que aperfeiçoam o nosso entendimento, mas não tem qualquer relação com a vida moral, tais como a ciência, a arte, etc.; **b)** para distingui-las das virtudes *teológicas*, que também regulam nossos *costumes*, mas, como dissemos, têm a Deus *diretamente por objeto*, enquanto as virtudes morais

têm diretamente por objeto um *bem sobrenatural* criado, por exemplo, o domínio das paixões. Todavia, não devemos esquecer que as virtudes morais também são verdadeiramente uma participação da vida de Deus, e preparam-nos para a visão beatífica. Destarte, essas virtudes, à medida que se aperfeiçoam e sobretudo quando são completadas pelos dons do Espírito Santo, aproximam-se tanto das virtudes teologais que são por elas totalmente impregnadas, transformando-se em diversas formas de manifestação da caridade que as informa.

1010. 2º - Seu número. As virtudes morais, quando consideradas em suas várias ramificações, são muito numerosas. Porém, todas podem ser reduzidas a quatro, chamadas *cardeais* (da palavra *cardines*, dobradiça), por serem como quatro dobradiças sobre as quais giram as demais virtudes.

Essas quatro virtudes respondem, efetivamente, a todas as necessidades da alma e aperfeiçoam todas as faculdades morais.

1011. A) Respondem a todas as necessidades da nossa alma.

a) Precisamos, antes de tudo, eleger os meios necessários e úteis para consecução de nosso fim sobrenatural: é o papel da *prudência*.

b) Também devemos *respeitar o direito dos demais*: é a função da *justiça*.

c) Para defender *a nossa pessoa e os nossos bens* dos perigos que nos ameaçam, sem medo e sem violência, precisamos da *fortaleza*.

d) Para usar os bens desse mundo e desfrutar dos prazeres sem nos *exceder*, precisamos da *temperança*.

Portanto, a *justiça* regula os deveres para com o próximo; a *fortaleza* e a *temperança*, os deveres para conosco mesmo, e a *prudência* governa as outras três virtudes.

1012. B) Aperfeiçoam todas as nossas faculdades morais: o intelecto é regulado pela prudência; a vontade, pela justiça; o apetite irascível, pela fortaleza; e o apetite concupiscível, pela temperança. Observemos, no entanto, que tanto o apetite irascível como o concupiscível somente se submetem à moralidade através da *vontade*. Por isso, a fortaleza e a

temperança residem tanto nessa faculdade superior como nas faculdades inferiores, que são dirigidas em suas funções pela vontade.

1013. C) Acrescentamos, por fim, que cada uma dessas virtudes pode ser considerada um gênero que contém partes *integrantes*, *subjetivas* ou *potenciais*.

a) Partes *integrantes* são complementos úteis ou necessários para o exercício da virtude, de modo que não seriam tão perfeitas sem elas. Por esse motivo, a paciência e a constância são partes integrantes da fortaleza.

b) Partes *subjetivas* são, por assim dizer, as diferentes espécies subordinadas à virtude principal. Assim, a sobriedade e a castidade são partes subjetivas da temperança.

c) Partes *potenciais* (ou anexas) mantêm com a virtude principal certa semelhança, sem, contudo, atingir plenamente todas as condições dela. Assim, a virtude da *religião* é anexa a da justiça porque visa dar a Deus o culto que lhe é *devido*, mas não pode fazê-lo com a devida perfeição em com estrita igualdade. A *obediência* presta aos superiores a submissão que lhes é devida, mas também aqui não há direito estrito, nem relação de igualdade.

Para facilitar nossa tarefa e a de nossos leitores, não enumeramos todas as divisões e subdivisões; elegemos as virtudes principais, as que importa realmente cultivar, e somente enfatizamos os elementos essenciais do ponto de vista teórico-prático.

1014. 3º - Seu caráter comum. a) Todas as virtudes morais buscam manter o *equilíbrio*, o *meio-termo* entre os excessos opostos: *in medio stat virtus*. Com efeito, elas devem seguir as *regras* traçadas pela reta razão iluminada pela fé, mas estas regras podem ser quebradas tanto pelo excesso como pela falta. Portanto, a virtude consistirá em evitar os dois extremos.

b) As virtudes teologais, *em si*, não consistem na justa medida, porque, como disse São Bernardo, a medida do amor a Deus é amá-lo sem medida. Todavia, *consideradas em relação a nós*, também deverão atender à justa medida ou, em outros termos, deverão ser regidas pela prudência, que nos informa em que circunstâncias podemos e devemos praticar as virtudes teologais. Por exemplo, é ela que nos indica o que devemos, ou não, crer, e também como evitar tanto a presunção como o desespero.

DIVISÃO DO CAPÍTULO II

1015. Neste segundo capítulo trataremos sucessivamente das quatro virtudes *cardeais* e das *principais* virtudes que com elas têm conexão.

1. Da prudência;
2. Da justiça;
 1. Da religião;
 2. Da obediência;
3. Da fortaleza;
4. Da temperança;
 1. Da castidade;
 2. Da humildade;
 3. Da mansidão;

Art. I – A VIRTUDE DA PRUDÊNCIA^[526]

Exporemos: 1º - Sua *natureza*; 2º - Sua *necessidade*; 3º - Os *meios* de aperfeiçoá-la.

I.I – NATUREZA DA PRUDÊNCIA

Para melhor compreensão, daremos sua *definição*, seus *elementos constitutivos* e suas *espécies*.

1016. 1º - Definição: é uma virtude moral e sobrenatural, que inclina a nossa inteligência a escolher os melhores meios para atingir os nossos fins, subordinando-os ao nosso fim último. Assim, não é nem a *prudência da carne*, nem a prudência *puramente humana*: é a prudência *cristã*.

A) Não é a **prudência da carne**: essa torna-nos criativos em encontrar meios de alcançar um fim maligno, de satisfazer nossas paixões, de enriquecer-nos, de conquistar honras. São Paulo a condena por ser inimiga de Deus, posto que se rebela contra a sua lei, e do homem, que ela arrasta para a morte eterna (Rm 8, 6 – 8).

Também não é a prudência **puramente humana**, que busca os meios mais adequados para obter um fim natural, sem os subordinar ao fim último, como a prudência do industrial, do comerciante, do artista, do trabalhador, que visa ganhar dinheiro ou fama, sem se preocupar com Deus ou com a felicidade eterna. A esses cumpre lembrar que é inútil ganhar o mundo inteiro se com isso vierem a perder a própria alma (Mt 16, 26).

1017. B) É a prudência **cristã**, que, fundamentada nos princípios da fé, refere todas as coisas ao fim sobrenatural, ou seja, a Deus, conhecido e amado na terra e possuído no céu. Sem dúvida, a prudência não se ocupa diretamente com esse fim que a fé lhe propõe. Todavia, tem-no sempre diante dos olhos para descobrir, por suas luzes, os meios mais adequados para orientar todas as nossas ações para ele. Assim, ela se ocupa com todos

os pormenores de nossa vida, regulando: nossos *pensamentos*, para que não se extraviem fora de Deus; nossas *intenções*, para mantê-las afastadas de tudo que possa corromper a *pureza*; nossos *afetos*, *sentimentos* e *volições*, para centralizá-los em Deus; até mesmo os nossos *atos exteriores* e a execução de nossas decisões, para direcioná-las ao nosso fim último. ^[577]*

1018. C) Falando estritamente, essa virtude **reside** no intelecto, porque julga e discerne, em cada caso particular, o mais adequado para conseguir o nosso fim. É uma *ciência de aplicação*; junta o conhecimento dos princípios com o das realidades positivas em meio às quais organiza-se a vida. ^[578]* Não obstante, a *vontade* intervém para ordenar que a inteligência se aplique na consideração dos motivos e razões que lhe permitam fazer a escolha certa e, a seguir, comandar a execução dos meios eleitos.

1019. D) A **regra** da prudência cristã não é somente a razão, mas a razão iluminada pela fé. Sua manifestação mais nobre encontra-se no *Sermão da Montanha*, onde Nosso Senhor completa e aperfeiçoa a antiga lei, livrando-a das falsas interpretações dos doutores judaicos. Assim, a prudência sobrenatural extrai a luz e a inspiração das máximas evangélicas, que são diametralmente opostas às do mundo. Para aplicá-las nas ações de cada dia, inspira-se nos exemplos dos santos, que viveram conforme o Evangelho, e nos ensinamentos da Igreja infalível, que nos guia nos casos duvidosos. Assim, temos a certeza moral de não nos desviar do caminho.

Destarte, ela emprega não somente os *meios honestos*, mas também os *sobrenaturais*, como a oração e os sacramentos, que, multiplicando as nossas energias para o bem, fazem-nos alcançar resultados bem melhores. Compreende-se melhor isso estudando os *elementos constitutivos* da prudência.

1020. 2º - Elementos constitutivos. Para agir com prudência três são as principais condições necessárias: *deliberar* com maturidade, *decidir* com sabedoria e *executar* bem.

A) A primeiro requisito é a *madura deliberação* para descobrir os meios mais aptos a atingir o fim visado. A deliberação deverá ser proporcional à

importância da decisão. Para que seja mais madura, exige-se *reflexão pessoal* e consulta a pessoas sábias.

1021. O passado, o presente e o futuro deverão ser considerados.

1. A *memória do passado* é de grande utilidade. Como a natureza humana é substancialmente a mesma ao longo dos tempos, é muito conveniente consultar a *história* para ver como nossos pais resolveram os problemas que estamos enfrentando. As experiências que fizeram para resolvê-los dão luz à nossa inexperiência, poupando-nos muitos erros. Ao ver seus acertos e equívocos, saberemos melhor os obstáculos a evitar e os meios mais indicados a adotar. Todavia, a *experiência pessoal* também deve ser considerada. Possivelmente já enfrentamos situações análogas em algum momento desde a infância. Assim, recordaremos o que deu certo e o que fracassou e diremos resolutamente: não quero me expor aos mesmos perigos nem cair nas mesmas tentações.

2. Também consideraremos o *presente* e as diferentes condições em que vivemos. Cada época e cada pessoa tem suas particularidades e até mesmo os gostos se alteram com a idade. Nesse contexto, a *inteligência* intervém para auxiliar-nos na interpretação das experiências passadas, acomodando-as às circunstâncias presentes.

3. Por fim, é prudente perquirir o *futuro*. Antes de nos decidir, convém prever o quanto possível as consequências de nossas ações, tanto para nós como para os outros. Com a memória do passado e a previsão do futuro, poderemos organizar melhor o presente.

Aplicando tudo isso a uma determinada virtude, por exemplo, a castidade, a história recordará tudo o que os santos fizeram para manterem-se puros no meio dos perigos do mundo. A experiência pessoal dirá quais foram as minhas tentações, os meios que empreguei para resistir-lhes, meus êxitos e fracassos. Com tudo isso poderei deduzir, com grande probabilidade de acerto, as consequências de um comportamento, de uma leitura, de um relacionamento, etc.

1022. b) A reflexão não é suficiente. Devemos *consultar* pessoas sábias e experientes: uma única palavra, uma advertência de um amigo, de um parente, às vezes de um criado, abre-nos os olhos e faz-nos ver as coisas de um modo diferente, que havíamos negligenciado ou esquecido. Duas

cabeças pensam melhor que uma e, da discussão, surge a luz, o que é ainda mais verdadeiro quando se trata de um diretor espiritual que nos conhece e que, por não ter interesse no caso, vê com maior clareza o que é melhor para o bem da nossa alma. Assim, deve-se consultar, com *docilidade* e cuidado, alguém sábio e experiente, o que não nos impedirá de exercer nossa própria *sagacidade*, que nos fará ver com rapidez e precisão o que há de razoável nos conselhos recebidos e nas nossas próprias observações.

Todavia, não deixaremos de recorrer ao melhor dos conselheiros, o Pai das luzes; um Vinde Espírito Santo, rezado com confiança, muitas vezes será mais útil do que muitas deliberações.

1023. B) Depois de haver deliberado, é preciso *julgar* bem, ou seja, *decidir* qual é, de fato, entre os meios sugeridos, o mais eficaz. Para obter esse resultado: **a)** devemo-nos libertar cuidadosamente dos preconceitos, paixões e impressões, que são elementos perturbadores do juízo, e decididamente nos colocaremos diante da eternidade, para apreciar tudo à luz da fé; **b)** não nos fixaremos em considerar superficialmente as razões que nos inclinam para um ou outro lado, mas elas devem ser examinadas a fundo, com *perspicácia*, sopesando bem os prós e os contras; **c)** Por fim, julgaremos *resolutamente*, sem nos entregar a hesitações excessivas. Tendo deliberado de acordo com a importância que o caso merece e decidido conforme pareceu-nos mais adequado, Deus não censurará nossa conduta, porque de nossa parte fizemos o possível para conhecer a sua vontade. Além disso, poderemos contar com sua graça para implementar as nossas resoluções.

1024. C) Não devemos tardar em *executar* o plano escolhido e, para isso, precisamos de três coisas: previsão, circunspecção e precaução.

a) Previsão: prever, nesse caso, é calcular antecipadamente o esforço que nos será exigido para alcançar o nosso intento, os obstáculos que encontraremos e os meios de superá-los. Isso permitirá estimar uma proporção entre os esforços e os resultados que esperamos obter.

b) Circunspecção: devemos estar de olhos bem abertos, considerando as coisas e as pessoas por diversos ângulos, para de tudo tirar o máximo proveito. Devemos também observar todas as circunstâncias para a elas nos adaptar, estando atentos aos acontecimentos, para deles tirar proveito se

forem favoráveis, e para prevenir as consequências indesejáveis, se forem contrários.

c) *Precaução*: “*Vigiai, pois, com cuidado sobre a vossa conduta*” (Ef 5, 15). Mesmo com todas as precauções, nem sempre as coisas acontecem como previsto, posto que nossa sabedoria é falível e limitada. Por isso, tanto na vida moral como nos negócios, devemos guardar certa reserva e cercar-nos de precauções. Conforme acima falamos, nº 900, o inimigo espiritual por vezes volta a atacar. Nesses casos, é preciso recorrer às reservas de energia, à oração, aos sacramentos e aos conselhos de um diretor espiritual. Assim, não seremos vítimas de circunstâncias imprevistas, nem desconcertados, e com a graça de Deus, alcançaremos bons resultados nesses projetos que sabiamente traçamos.

1025. 3º - As **várias espécies** de prudência. A prudência varia conforme o objeto sobre o qual é exercida. É *individual* quando regula o comportamento pessoal e é dessa que temos tratado. É *social* quando tem por objeto o bem da sociedade. Como há três tipos de comunidade, a família, o estado e o exército, diferenciam-se também três classes de prudência: a *doméstica*, que regula as relações dos esposos entre si e entre pais e filhos; a *civil*, que busca o bem público e o bom governo do Estado; e a *militar*, que se ocupa da conduta dos exércitos.

Não vamos entrar aqui em detalhes: para os fins propostos, os princípios expostos são suficientes. Aos cônjuges cristãos, aos governantes e aos chefes militares cumpre estudar a fundo a aplicação desses princípios às circunstâncias particulares.

I.II – NECESSIDADE DA PRUDÊNCIA

A prudência é necessária tanto para o nosso governo *peçoal* quanto para dirigir os *outros*.

1026. 1º - Para o nosso **governo pessoal** ou nossa santificação. De fato, é a prudência que nos permite *evitar o pecado e praticar a virtude*. **A)** *Para evitar o pecado*, como já dissemos, é necessário conhecer as suas *causas* e

as *ocasiões* e procurar servir-se bem dos *remédios*. Ora, isso é justamente o que faz a virtude da prudência, conforme se deduz do estudo de seus elementos constitutivos: com base na experiência do passado e no atual estado de nossa alma, percebe o que no futuro poderá ser ocasião de pecado. Do mesmo modo, indica-nos os meios mais aptos a serem empregados para eliminar ou atenuar essas causas, mostra-nos a melhor estratégia para vencer as tentações e até mesmo para tirar proveito delas. Sem essa prudência, quantos pecados cometeríamos! E quantos de fato se cometem por falta de prudência!

1027. B) A prudência é também necessária *para praticar as demais virtudes* e tornar mais fácil nossa união com Deus. Com razão comparam-se as virtudes com uma carruagem que nos conduz a Deus, cujo *cocheiro* é a prudência. A prudência é, por assim dizer, os olhos da alma que enxergam o caminho a seguir e os obstáculos a serem evitados.

1. Ela é necessária para o exercício de *todas* as virtudes; das *morais*, que se devem conservar em equilíbrio, evitando os excessos, e até mesmo das *teologais*, que devem ser praticadas em tempo oportuno e por meios adequados às diversas circunstâncias da vida. Assim, compete à prudência identificar: quais são os *perigos* que ameaçam a fé; os *meios* de evitá-los; como pode ser cultivada essa fé para torná-la mais prática; como conciliar a *confiança* em Deus com o temor dos juízos divinos, evitando tanto a presunção como o desespero; como a caridade pode informar todas as nossas ações sem prejudicar o cumprimento dos deveres de estado. Quanta prudência é também necessária para o exercício da caridade fraterna!

2. A prudência é ainda mais necessária para o exercício de algumas virtudes *aparentemente contraditórias*, como a justiça e a bondade, a mansidão e a fortaleza, a santa austeridade e o legítimo cuidado com a saúde, o amor ao próximo e a castidade, a vida interior e as relações sociais.

1028. 2º - Não é menos necessária a prudência quando se trata de exercer o **apostolado**.

a) No púlpito a prudência recomenda ao sacerdote o que deve dizer, o que deve calar e como deve dizer para evitar ofender os ouvintes. Também procura adaptar a palavra divina ao nível cultural das pessoas, para melhor persuadi-las, comovê-las e convertê-las. A prudência é ainda mais

necessária no *catecismo*, quando se trata de formar as crianças e de imprimir-lhes na alma um caráter que durará a vida inteira.

b) No confessorário é a prudência que faz do confessor: um *juiz* perspicaz e íntegro, que sabe discernir a culpabilidade, interrogar os penitentes com precisão e clareza, cada qual segundo a idade e condição, e levando em consideração todas as circunstâncias; um *doutor* que sabe ensinar sem escandalizar, deixando alguns em sua fé simples e esclarecendo outros, de acordo com os diferentes resultados que podem ser esperados; um *médico*, que possa investigar com sagacidade as causas da enfermidade e com isso prescrever os remédios adequados;^{[529]NT} um *pai*, dedicado o bastante para inspirar confiança e reservado o suficiente para não inspirar uma simpatia demasiadamente humana.

c) Em tudo que diz respeito a batizados, primeiras comunhões, casamentos, unção dos enfermos, funerais, quanta prudência não é necessária para conciliar os interesses das famílias com as leis divinas e litúrgicas! Nas visitas aos doentes e de apostolado, quanta discrição deve haver!

d) O mesmo se diga da *administração temporal* das paróquias: a questão das taxas das várias cerimônias, os encargos e a obtenção dos necessários recursos para a igreja, sem constranger os fiéis, causar escândalo, e sem comprometer a reputação do perfeito desinteresse que um sacerdote deve possuir.

I.III – MEIOS DE APERFEIÇOAR A PRUDÊNCIA

1029. Há um meio comum de aperfeiçoamento que se aplica a todas as virtudes, morais e teologais: **é a oração**, pela qual atraímos Jesus a nós, com todas as suas virtudes. **Mencionamos isso de uma vez por todas, para não sermos repetitivos.** A partir de agora falaremos apenas dos meios específicos de cada uma das virtudes.

1030. 1º - O **princípio geral**, que rege todos os outros e aplica-se a todas as almas, é o de *referir todos os nossos juízos e decisões ao fim último sobrenatural*. Assim aconselha Santo Inácio no início de seus *Exercícios Espirituais*, na meditação fundamental.

a) Note-se, contudo, que nem todas as almas entenderão esse princípio da mesma maneira: os principiantes, considerando o fim do homem, fixam-se principalmente na *salvação*; os perfeitos, na *glória de Deus*. Esta segunda maneira de entender, em si, é melhor, mas nem todas as almas poderão compreendê-la e saboreá-la.

b) Para concretizar esse princípio, podemos relacioná-lo com qualquer máxima que cause viva impressão em nossa mente. Por exemplo: O que importa isso para a eternidade? - Tudo o que não é eterno, nada é. - O que aproveita ao homem ganhar o mundo inteiro se vier a perder a sua alma?

Na *prática*, aprofundar a reflexão de qualquer dessas máximas e repeti-la para que se torne familiar, faz nossa vida conformar-se a ela. Esse é o caminho para estabelecer em nós as bases da prudência cristã.

1031. 2º - Munidos desse princípio, os **principiantes** aplicam-se em *livrar-se dos pecados contrários à prudência cristã*.^[580]*

a) Assim, combaterão vigorosamente a *prudência da carne*, que ansiosamente busca maneiras de satisfazer a tríplice concupiscência. Para isso mortificarão o amor do prazer, lembrando sempre que as falsas alegrias deste mundo muitas vezes são seguidas de amargas tristezas, e que, nada são, quando comparadas com as alegrias eternas.

b) Rejeitarão cuidadosamente a *astúcia*, o *dolo* e a *fraude*, mesmo quando objetivarem um fim honesto, tendo presente que a melhor política é a honradez – que o fim não justifica os meios – e que, conforme o Evangelho, deve-se aliar, à simplicidade das pombas, a prudência das serpentes. Isso é muito necessário, posto que fiéis devotos, sacerdotes e religiosos, são muitas vezes criticados por esse defeito, na maioria das vezes injustamente. Portanto, deve-se cultivar a lealdade perfeita e a simplicidade evangélica.

1032. c) Trabalharão para mortificar os *preconceitos* e as *paixões*, que são elementos perturbadores do juízo. Os *preconceitos* nos fazem tomar decisões por motivos pré-concebidos, que podem ser falsos ou sem razoabilidade. As *paixões* (orgulho, sensualidade, volúpia, excessiva atração pelos bens temporais), agitam a alma e fazem-na escolher, não o que é melhor, mas o mais prazeroso e útil aos interesses temporais. Para superar essas influências perturbadoras, deverão lembrar-se da máxima

evangélica: “*Buscai primeiro o reino de Deus e a sua justiça.*” Portanto, evitarão tomar decisões sob influência de uma forte paixão e aguardarão o retorno da serenidade. Se, contudo, houver necessidade de rápida decisão, deverão recolher-se, pelo menos por alguns instantes, colocando-se na presença de Deus, pedindo-lhe luzes, as quais seguirão fielmente.

d) Para combater a *leviandade de espírito*, a precipitação nos juízos ou a inconsideração, cuidarão de *não fazer coisa alguma sem antes ponderar*, sem se questionar por que razão o fazem e quais serão as boas ou más consequências dos seus atos, tudo do ponto de vista da eternidade. Essa reflexão será conforme a importância da decisão que se deve tomar e, em assuntos mais sérios, deverão consultar alguém sábio e experiente. Dessa forma, gradualmente adquirirão o hábito de não decidir nem fazer coisa alguma sem referi-la a Deus e ao fim último de suas vidas.

e) Enfim, para evitar a *indecisão*, a hesitação excessiva, diligentemente buscarão eliminar as causas dessa enfermidade espiritual (mente complicada em excesso ou confusa, falta de iniciativa, etc.), pedindo que um sábio diretor lhes fixe regras, com as quais decidirão prontamente nos casos ordinários; nos mais difíceis tomarão o seu conselho.

1033. 3º - No caso das **almas em progresso**, de três maneiras aperfeiçoarão a prudência.

a) Estudarão as *palavras e ações* de Nosso Senhor no Evangelho para traçar uma linha de conduta e alcançar, por meio da oração e da imitação, as boas disposições do divino Modelo.

1. Assim, admirarão a prudência do Senhor em sua *vida oculta*, durante a qual viveu por trinta anos na prática daquelas virtudes que tanto nos custam: humildade, obediência e pobreza. Ele sabia que, sem essa lição prática, não conseguiríamos exercitar essas virtudes tão necessárias. Não menos se admirará a prudência na sua *vida pública*: Jesus luta contra o demônio, frustrando-lhe os planos e confundindo-o com suas respostas, que não sofrem réplicas; adapta seus ensinamentos conforme as circunstâncias, e somente pouco a pouco revela a sua qualidade de Messias e de Filho de Deus; utiliza comparações corriqueiras para que fosse melhor entendido, ou parábolas, para velar ou revelar, conforme exigiam as circunstâncias; desmascara habilmente seus adversários e responde suas perguntas capciosas com outras que os desconcertam; pouco a pouco vai formando os

apóstolos, suportando suas falhas e adaptando o ensinamento ao nível de compreensão deles: “*mas não as podeis suportar agora*” (Jo 16, 12); não obstante, sabe dizer-lhes duras verdades, como o anúncio de sua paixão, para prepará-los para o escândalo da cruz; no meio de sua dolorosa paixão, responde com serenidade, tanto aos juízes como aos servos, sabendo calar-se no momento certo ...; em suma, soube harmonizar em todas as coisas a mais perfeita prudência com a firmeza e a fidelidade ao dever.

2. Quanto ao seu ensino, resume-se nestas palavras: “*Buscai primeiro o reino de Deus e a sua justiça*” (Mt 6, 33) ... “*Sede, pois, prudentes como as serpentes, mas simples como as pombas*” (Mt 10, 16) ... “*Vigiai e orai*” (Mc 14, 38).

Meditar nesses ensinamentos e exemplos e pedir fervorosamente ao Senhor que nos comunique um pouco de sua prudência, é a principal forma de aperfeiçoar essa virtude.

1034. b) A seguir, cultivarão os elementos constitutivos da prudência, de que falamos, ou seja: bom senso, hábito de refletir, docilidade em consultar outros, espírito de decisão, de previsão e de circunspecção.

1035. C) Por fim, adornarão sua prudência com as qualidades indicadas por São Tiago que, depois de fazer a distinção entre a verdadeira e a falsa sabedoria, acrescenta: “*A sabedoria, porém, que vem de cima, é primeiramente pura, depois pacífica, condescendente, conciliadora, cheia de misericórdia e de bons frutos, sem parcialidade, nem fingimento*” (Tg 3, 13 - 18).

Pura, velando pela pureza, do corpo e da alma, que nos une a Deus e, por conseguinte, à eterna sabedoria.

Pacífica, conservando a paz da alma, a serenidade, a moderação, a ponderação, que permitem decidir sabiamente.

Modesta, cheio de condescendência para com os outros e, portanto, *maleável*, aberta a convencimento, cedendo às boas razões, o que evita as exasperações que propiciam contendas.

Plena de misericórdia e de bons frutos: misericórdia para com os miseráveis, agradando-se em fazer-lhes o bem, posto que é uma marca da sabedoria cristã acumular tesouros no céu.

Sem julgamento, sem dissimulação, ou seja, sem parcialidade e sem hipocrisia ou duplicidade, defeitos que perturbam a alma e o correto juízo.

1036. Quanto aos **perfeitos**, praticam a prudência de modo eminente, movidos pelo dom do conselho, como explicaremos ao tratar da *via unitiva*.

Art. II – A VIRTUDE DA JUSTIÇA^[581]

Depois de recordar brevemente a doutrina teológica da *justiça*, trataremos sucessivamente das virtudes da *religião* e da *obediência*, que com ela se relacionam.

II.I – A JUSTIÇA PROPRIAMENTE DITA

Exporemos: 1º - Sua *natureza*; 2º - As principais *regras* a serem observadas para *praticá-la*.

II.I.I – Natureza da Justiça

1037. 1º - Definição. A palavra “justiça”, nas Escrituras, muitas vezes significa o conjunto das virtudes cristãs. Nesse sentido é que Nosso Senhor proclamou: “*Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça*” (Mt 5, 6), ou seja, de santidade. Contudo, em sentido estrito, como empregamos aqui, significa a *virtude moral sobrenatural que inclina a vontade a dar constantemente aos outros tudo que lhes é estritamente devido*.

A justiça reside na vontade e regula nossos *deveres estritos para com o próximo*. Nisto se diferencia da caridade, virtude teologal que nos faz considerar o próximo como irmão em Jesus Cristo e inclina-nos a prestar-lhe serviços que a estrita justiça não exige.

1038. 2º - Excelência. A justiça faz reinar a ordem e a paz tanto na vida particular como social. Pelo fato de respeitar os direitos de cada um, faz com que prevaleça a honestidade nos negócios, reprime a fraude, defende os direitos dos pequenos e humildes, põe freios à ambição e à injustiça dos fortes e assim estabelece ordem na sociedade.^[582]* Sem ela seria a anarquia, a luta entre interesses opostos, a opressão dos fortes sobre os fracos, o triunfo do mal.

Se a justiça natural já é excelente, quanto mais a justiça *cristã*, que é uma participação da justiça do próprio Deus. Quando nos é comunicada pelo Espírito Santo, penetra nas profundezas de nossa alma; torna-a inabalável, inacessível à corrupção, e imprime tanto zelo pelos direitos dos outros que, não somente a injustiça, mas até mesmo as menores indelicadezas causam horror.

1039. 3º - Principais espécies. Há duas espécies principais de justiça: a justiça *geral*, que nos exige dar à sociedade o que lhe devemos; a justiça *particular*, que nos faz dar aos indivíduos o que lhes é devido.

a) A primeira, que também é chamada justiça *legal*, porque se baseia na exata observância das leis, obriga-nos a reconhecer os grandes benefícios que recebemos da *sociedade*, a suportar os legítimos encargos que nos impõe e a prestar-lhe os serviços que ela espera de nós. Como o bem comum prevalece sobre o bem particular, há casos em que os cidadãos devem sacrificar uma parte de seus bens, de sua liberdade, e até mesmo arriscar a vida em defesa da sociedade. – Todavia, a sociedade também tem deveres para com os seus cidadãos: deve distribuir os bens sociais e os cargos, não conforme o capricho e o favor, mas segundo a capacidade de cada cidadão e tendo em conta as regras de equidade. A todos deve prestar a proteção e a assistência indispensáveis para que os direitos e interesses essenciais de cada cidadão sejam preservados. O favoritismo e a perseguição, contra ou a favor de alguns, são abusos contrários à justiça distributiva que a sociedade deve aos seus cidadãos.

1040. b) A segunda, chamada *particular*, regula os direitos e os deveres entre cidadãos. Deve respeitar não somente os direitos de propriedade, mas todos, inclusive os direitos individuais sobre os *bens do corpo e da alma*: a vida, a liberdade, a honra e a fama.

Não podemos entrar em todos os detalhes expostos em nossa Teologia Moral.^[583] Basta trazer aqui as principais regras que devem nortear a prática dessa virtude.

II.I.II – Principais Regras para Praticar a Justiça

1041. 1º - Princípio. É evidente que as pessoas piedosas, os religiosos e os sacerdotes, estão obrigadas a praticar a justiça com maior perfeição e delicadeza que as pessoas do mundo, posto que têm o dever dar bom exemplo de honradez nessa e nas demais virtudes. Portar-se de outro modo *escandaliza* o próximo e dá ocasião aos adversários de criticar a religião. Ao mesmo tempo, cria *obstáculo ao progresso espiritual*, porque o Deus de toda justiça não pode admitir em sua intimidade os que claramente violam os seus mandamentos formais sobre a justiça.

1042. 2º - Aplicações. A) Antes de tudo deve-se respeitar o direito de *propriedade* existente sobre os *bens temporais*.

a) Portanto, cuidadosamente se evitarão os *pequenos furtos* que, como uma ladeira escorregadia, muitas vezes conduzem a injustiças maiores. Desde a infância esse princípio deve ser incutido para inspirar uma espécie instintiva de horror contra as menores injustiças. Com maior razão devem-se evitar os crimes que comerciantes e industriais habitualmente cometem, *fraudando a qualidade ou a quantidade* das mercadorias, sob o pretexto de que os concorrentes fazem o mesmo, vendendo a preços exagerados ou ainda comprando a preços irrisórios, abusando da simplicidade daqueles com quem negociam. Não se deve participar de *especulações temerárias*, nem de negócios duvidosos, em que se arrisca as economias pessoais e as de outros, movido pela ambição dos grandes lucros.

b) Deve-se ter horror de contrair *dívidas* quando não há segurança de poder honrá-las. Se, contudo, houver contraído algumas, será ponto de honra quitá-las o quanto antes.

c) Quando se pede emprestado, deve-se ter um cuidado maior com a coisa alheia do que se pertencesse a nós mesmos, e não se deve esquecer de devolver assim que possível. Quantos furtos inconscientes são cometidos por negligência dessas precauções.

d) Se houve algum dano *causado voluntariamente*, por justiça estamos obrigados a repará-lo. Se *involuntário*, não há obrigação estrita, mas os que buscam a perfeição, repararão até o limite dos seus recursos.

e) Quando se recebe *em confiança* certa quantidade de dinheiro ou em valores, para boas obras, é preciso tomar todas as precauções legais e necessárias para que, em caso de morte repentina, esse montante seja empregado segundo as intenções dos doadores. Particularmente, nesse

aspecto, o *sacerdote* deve estar muito atento quando recebe estipêndios para missas ou esmolas: não somente deve ter suas contas em ordem, mas instituir, como legatário ou executor testamentário, um padre que garanta a aplicação desses valores nas referidas missas ou esmolas.

1043. B) Também é preciso respeitar a *reputação* e a *honra* do próximo.

a) Assim, serão evitados os *juízos temerários*: condenar o próximo por simples aparência ou por razões mais ou menos fúteis, sem conhecer a fundo suas intenções, é usurpar os direitos de Deus, único e supremo juiz dos vivos e dos mortos. Ao mesmo tempo é cometer injustiça, porque condena-se sem ouvi-lo, sem conhecer os motivos secretos de suas ações e influenciados, na maioria das vezes, por preconceitos ou paixões. Pelo contrário, a justiça e a caridade exigem que o cristão abstenha-se de julgar e que interprete as ações do próximo o mais favoravelmente possível.

b) Com maior razão devemos-nos abster da *difamação*, que revela aos outros as faltas ou defeitos *secretos* do próximo. Mesmo que esses defeitos sejam reais, enquanto não forem de domínio público, não temos o direito de revelá-los. Quando os revelamos: 1) entristecemos o próximo que, ao ver-se ofendido em sua reputação, sofrerá tanto mais quanto mais valorizar sua honra; 2) fazemos com que os seus semelhantes o estimem menos; 3) enfraquecemos a sua autoridade, o prestígio que possivelmente necessita para gerir os seus negócios ou exercer alguma influência legítima, e com isso causamos danos quase irreparáveis.

Não é correto argumentar que não tem direito à boa fama aquele cujos pecados divulgamos, pois conservam esse direito enquanto estes não se tornarem públicos. Além disso, devemos lembrar das palavras de Nosso Senhor Jesus Cristo: “*Quem não tiver pecado, atire a primeira pedra*” (Jo 9, 7). É digno de nota que os santos são extremamente misericordiosos e procuram de todas as maneiras salvaguardar a reputação de seus irmãos. O melhor que podemos fazer é imitá-los.

c) Dessa maneira evitaremos com maior segurança a *calúnia*, que, com imputações mentirosas, acusa o próximo de faltas que não cometeu. Seguramente há nisso injustiça, e a gravidade será maior na medida em que o ato inspirar-se na maldade ou inveja, o que muitas vezes ocorre. Quantos males a calúnia traz consigo! Quantos infelizmente a acolhem bem! Por causa da malícia humana, corre rapidamente de boca em boca e destrói a

boa fama e a autoridade das vítimas, causando-lhes às vezes consideráveis prejuízos, até mesmo nos negócios temporais.

1044. Há, pois, um *dever* estrito de reparar as *difamações* e *calúnias*. Certamente é muito difícil, pois as retratações nos custam muito e, além disso, por sincera que seja, a retratação somente abranda a injustiça cometida: a mentira, mesmo que retratada, sempre deixa marcas indeléveis. Contudo, isso não é razão para não reparar a injustiça cometida. É preciso empenhar-se com tanta energia e constância quanto maior tiver sido mal gerado. Essa dificuldade de reparação serve de estímulo para guardar-nos das ocasiões, próximas ou remotas, que nos possam fazer cair em tão grave defeito.

Por todas essas razões, os que buscam a perfeição procuram cultivar, não somente a justiça, mas também a caridade, que, fazendo-nos ver a Deus no próximo, esforça-se cuidadosamente em evitar tudo que o possa entristecer. Voltaremos a esse assunto mais adiante.

II.II – A VIRTUDE DA RELIGIÃO ^[584]

1045. Essa virtude pertence à *justiça*, porque nos inclina a dar a Deus o culto que lhe é *devido*. Todavia, como não podemos tributar-lhe as homenagens *infinitas* a que tem direito, a nossa religião não preenche todas as condições da virtude da justiça. Por essa razão, não é, em sentido estrito, um ato de justiça, mas tem com ela um relacionamento muito próximo. Explicaremos; 1º - Sua *natureza*; 2º - Sua *necessidade*; 3º - Sua *prática*.

II.II.I – Natureza da Virtude da Religião

1046. A religião é uma *virtude moral sobrenatural* que *inclina a nossa vontade a render a Deus o culto que lhe é devido, por sua excelência infinita e pelo supremo domínio que exerce sobre nós*.

a) É uma virtude especial, distinta das três virtudes teologais que têm diretamente Deus por objeto, enquanto o *objeto próprio* da religião é o *culto*

a Deus, seja interior ou exterior. Todavia, pressupõe a virtude da *fé*, que nos ilumina a respeito dos direitos de Deus e, quando alcança sua perfeição, é *informada* pela *caridade*, tornando-se tão somente a expressão e manifestação das três virtudes teologais.

b) O seu *objeto formal* ou *motivo* é reconhecer a infinita excelência de Deus, primeiro princípio e último fim, o Ser perfeitíssimo, o Criador, de quem tudo depende e para o qual tudo gravita.

c) Os *atos* a que nos inclina a religião são *interiores* e *exteriores*.

1047. Pelos atos *interiores* submetemos a Deus a nossa alma com todas as suas faculdades, principalmente o *intelecto* e a *vontade*.

1. O primeiro e mais importante desses atos é a **adoração**, que *prostra inteiramente* nosso ser diante daquele que é a plenitude do ser e a fonte de todo o bem que há na criatura. É acompanhada ou seguida pela *admiração respeitosa* que sentimos ao contemplar suas perfeições infinitas.

2. Como Ele é o autor de todos os bens que possuímos, manifestamos-lhe nossa *gratidão*.

3. Mas, ao lembrar de nossos pecados, manifestam-se sentimentos de *penitência* para reparar as ofensas cometidas contra a infinita Majestade.

4. Como continuamente precisamos do seu auxílio para fazer o bem e alcançar nosso fim, dirigimos-lhe *orações* e *súplicas*, reconhecendo, dessa forma, que Ele é a origem de todos os bens.

1048. Manifestam-se os sentimentos interiores por atos *exteriores*, que, por serem expressão dos interiores, têm maior valor, são mais perfeitos.

1. O principal desses atos é sem dúvida o **sacrifício**, *ato externo e social, pelo qual o sacerdote oferece a Deus, em nome da Igreja, uma vítima imolada, para reconhecer seu soberano domínio, reparar a ofensa feita à sua Majestade e colocar-se em comunhão com Ele*. Na Nova Lei há um único sacrifício, que é o da missa, que, renovando o sacrifício do Calvário, rende a Deus honra infinita e alcança para os homens todas as graças necessárias. Já indicamos acima os seus *efeitos* e as *disposições* requeridas para dele ter muito proveito (nº 271 a 276).

2. A esse ato principal juntam-se: as *preces públicas*, oferecidas em nome da Igreja pelos seus representantes, especialmente: o ofício divino; as bênçãos do SS. Sacramento; as *orações vocais privadas*, os *juramentos* e os

votos feitos com discrição, em honra de Deus e com todas as condições prescritas pela teologia moral; os atos sobrenaturais externos feitos para a glória de Deus, que, segundo São Pedro, são-lhe agradáveis: “*oferecer sacrifícios espirituais, agradáveis a Deus, por Jesus Cristo*” (I Pe 2, 5).

A partir disso, podemos concluir que a virtude moral da religião é a mais excelente das virtudes morais, posto que, levando-nos à prática do culto divino, aproxima-nos de Deus mais que as outras virtudes.

II.II.II – Necessidade da Virtude da Religião

Para uma exposição ordenada, demonstraremos: 1º - Que *todas as criaturas* devem dar glória a Deus; 2º - Especialmente o *homem*; 3º - Mais ainda o *sacerdote*.

1049. 1º - *Todas as criaturas devem dar glória a Deus.* Se qualquer obra deve proclamar a glória do artista que a produziu, muito mais a criatura deve proclamar a glória do seu criador. O artista, afinal de contas, somente modela sua obra e, uma vez acabada, terminou seu papel. Já, o Artista Divino, não somente modelou as criaturas, mas formou-as inteiramente a partir *do nada*, e não apenas deixou a marca da sua genialidade, mas também um reflexo das suas perfeições. Além disso, continua cuidando delas, *conservando-as*, ajudando-as com seu *concurso* e sua *graça*, de tal maneira que dependem inteiramente dele. Portanto, muito mais que as obras de um artista, as criaturas devem proclamar a glória de seu Autor. À sua maneira, é o que fazem os seres *inanimados*, que, mostrando-nos sua beleza e harmonia, convidam-nos a louvar a Deus: “*Narram os céus a glória de Deus,*” (Sl 18, 2) “*Ele nos fez, e a ele pertencemos*” (Sl 99, 3).

1050. 2º - Incumbe, pois, ao homem, glorificar a Deus *conscientemente*, emprestando seu coração e sua voz às criaturas *inanimadas*, para tributar-lhe uma homenagem racional e livre. Compete a ele, como rei da criação, contemplar todas essas maravilhas para referi-las a Deus, tornando-se assim o *pontífice* da criação. Mas, sobretudo, deve louvá-lo em seu próprio nome. Por ser mais perfeito que os seres irracionais, ter sido criado à imagem e

semelhança de Deus, e por participar da própria vida divina, deve viver em perpétua admiração, louvor, adoração, gratidão e amor para com seu Criador e Santificador. Diz isso São Paulo ao afirmar: “*Dele, por ele e para ele são todas as coisas. A ele a glória por toda a eternidade!*” (Rm 11, 36). ... “*Se vivemos, vivemos para o Senhor; se morremos, morremos para o Senhor. Quer vivamos, quer morramos, pertencemos ao Senhor.*” (Rm 14, 8). O mesmo São Paulo, recordando aos seus discípulos que nosso corpo e nossa alma são templos do Espírito Santo, acrescenta: “*Glorificai, pois, a Deus no vosso corpo*” (I Cor 6, 20).

1051. Esse dever se impõe particularmente aos *sacerdotes*. Infelizmente a maioria dos homens, absorvidos em seus negócios e lazeres, consagram muito pouco tempo à adoração. Assim, foi necessário que dentre eles fossem escolhidos alguns representantes especiais, agradáveis a Deus, que lhe rendessem, não somente em nome próprio, mas no de toda a sociedade, as homenagens religiosas que ele tem direito. Este é o principal ofício do *sacerdote* católico: escolhido dentre os homens por Deus, como mediador de religião entre o céu e a terra, encarregado de glorificá-lo, de transmitir-lhe as homenagens de todas as criaturas, atraindo para a terra uma chuva de graças e bênçãos. Este é seu dever de estado, seu *ofício*, um verdadeiro dever de justiça, como explica São Paulo: “*Em verdade, todo pontífice é escolhido entre os homens e constituído a favor dos homens como mediador nas coisas que dizem respeito a Deus, para oferecer dons e sacrifícios pelos pecados*” (Hb 5, 1). Por isso a Igreja lhe confiou dois grandes meios de praticar a virtude da religião: o *ofício divino* e a *santa missa*. Deve cumprir essa dupla obrigação com muitíssimo fervor, porque, ao glorificar a Deus, faz com que, ao mesmo tempo, Ele se torne favorável às nossas súplicas. Desse modo, trabalha na sua própria santificação e na das outras almas que lhe são confiadas (nº 393 a 401). Suas petições são muito eficazes, porque, com ele e nele, pedem a Igreja e Jesus Cristo, e as súplicas de Jesus sempre são ouvidas: “*foi atendido pela sua piedade*” (Hb 5, 7).

II.II.III – Prática da Virtude da Religião

1052. Para praticar bem essa virtude é preciso fomentar a verdadeira *devoção*, ou seja, aquela *disposição habitual da vontade que faz com que nos entreguemos pronta e generosamente a tudo é que do serviço de Deus*. No fundo, é uma manifestação do amor de Deus e é assim que a religião se une à caridade.

1053. 1º - Os **principiantes** praticam essa virtude: **a)** guardando bem as leis de Deus e da Igreja sobre a oração e a santificação dos domingos e dias santificados; **b)** evitando, por meio da luta vigilante contra a torrente de diversões mundanas e devaneios inúteis, a dissipação habitual, exterior e interior, fonte de muitas distrações na oração; **c)** recolhendo-se interiormente antes de orar, para fazê-lo com mais atenção, e praticando o santo exercício da presença de Deus (nº 446).

1054. 2º - Os **proficientes** esforçam-se por adquirir o *espírito de religião*, unindo-se a Jesus, o sumo Religioso do Pai, que, com sua vida e sua morte glorificou a Deus de modo infinito (nº 151).

a) Esse espírito de religião abrange duas disposições principais: a *reverência* e o *amor*. A *reverência* é um profundo sentimento de respeito mesclado com temor, pelo qual reconhecemos a Deus como nosso Criador e supremo Senhor e sentimos alegria em proclamar que dele somos inteiramente dependentes. O *amor* se endereça ao Pai amantíssimo e amabilíssimo, que se dignou adotar-nos como filhos, e que continuamente nos envolve com sua ternura paternal. Desses dois afetos brotam todos os demais: admiração, gratidão e louvor.

1055. **b)** É no *Sagrado Coração de Jesus* que vamos alcançar esses sentimentos de religião. O divino Mediador viveu somente para glorificar o Pai: “*Eu te glorifiquei na terra*” (Jo 17, 4). Morreu para cumprir a vontade dele, para agradá-lo inteiramente, manifestando desse modo que nada é digno de vida e existência diante de Deus. Depois de morto, continuou sua obra não somente na Eucaristia, onde adora sem cessar a SS. Trindade, mas também em nossas almas, em que, por meio do Espírito Santo, imprime disposições religiosas semelhantes às suas. Vive na alma de todos os cristãos, mas especialmente na dos sacerdotes e, por meio deles, busca a

glória do único que merece ser adorado e respeitado. Assim, devemos, por ardentes desejos, atraí-lo a nós e dar-mo-nos a Ele, para que em nós, conosco e por nós, pratique a virtude da religião.

Mons. Olier escreve:^[585] “*Ele vem a nós e põe-se nas mãos dos sacerdotes como hóstia de louvor, para tornar-nos participantes de seu espírito de vítima, mover-nos aos seus louvores e comunicar-nos interiormente os seus sentimentos de religião. Ele penetra e difunde-se em nós, envolve e plenifica nossa alma com as disposições internas de seu espírito de religião, de modo que nossa alma e a dele sejam uma única, que Ele anima com o mesmo espírito de respeito, amor, louvor e sacrifício interno e externo de todas as coisas, para a glória de Deus, seu Pai.*”

1056. c) Mas não devemos esquecer que Jesus quer a nossa *colaboração*. Considerando que Ele vem a nós para fazer-nos comungar de sua condição e de seu espírito de vítima, é necessário que com Ele vivamos em *espírito de sacrifício*, crucificando as inclinações da natureza corrompida e obedecendo prontamente às inspirações da graça. Desse modo, todas as nossas obras serão agradáveis a Deus; serão como outros sacrifícios, outros atos de religião, que louvarão e glorificarão a Deus, nosso Pai e Criador. Desse modo, reconhecemos de forma prática o tudo de Deus e o nada da criatura, uma vez que sacrificamos todas as parcelas do nosso ser e todas as nossas obras para honra e glória do nosso Soberano Senhor.

d) Faremos isso particularmente nos atos de religião em sentido estrito, como ouvir a missa, a reza das orações litúrgicas e outros, conforme dissemos nos n^{os} 274, 284 e 523.

N. B. – Os **perfeitos** praticam essa virtude sob o influxo do *dom da piedade*, do qual falaremos mais adiante.

II.III – A VIRTUDE DA OBEDIÊNCIA^[586]

Essa virtude pertence à justiça, uma vez que a obediência é uma homenagem, um ato de submissão devido aos superiores. Todavia, diferencia-se dela porque implica em desigualdade entre superiores e inferiores. Assim, exporemos: 1º - Sua *natureza e fundamento*; 2º - Os seus *graus*; 3º - As suas *qualidades*; 4º - A sua *excelência*.

II.III.I – Natureza e Fundamento da Obediência

1057. 1º - Definição. *A obediência é uma virtude moral sobrenatural, que nos inclina a submeter nossa vontade à dos superiores legítimos, enquanto representantes de Deus.* Antes de mais nada devemos explicar essas últimas palavras, porque elas são a base da obediência cristã.

1058. Fundamento dessa virtude. A obediência baseia-se no domínio soberano de Deus e na submissão absoluta que as criaturas lhe devem.

A) É claro que antes de tudo devemos obedecer a Deus (nº 481).

1. *Criados por Deus*, devemos estar sempre na dependência de sua santa vontade. Todas as criaturas o obedecem: “*porque o universo vos é sujeito*” (Sl 118, 91). Todavia, as criaturas racionais estão mais obrigadas que as outras, por terem recebido mais, especialmente o dom da liberdade, e o meio mais eficaz de reconhecer isso é submeter livremente a nossa vontade à do nosso Criador.

2. *Filhos de Deus*, devemos obedecer ao nosso Pai celestial como o próprio Jesus o fez, pois veio ao mundo por obediência e só por obediência saiu dele: “*tornando-se obediente até a morte, e morte de cruz*” (Fl 2, 8).

3. *Redimidos* da escravidão do pecado, não somos nossos, pertencemos a Jesus, que deu seu sangue para que fôssemos dele: “*Porque fostes comprados por um grande preço*” (I Cor 6, 20). Assim, devemos obedecer aos seus mandamentos.

1059. B) Pelas mesmas razões devemos obedecer aos **legítimos representantes de Deus** e isto precisa ser entendido: **a)** Como o homem, por si só, não é autossuficiente no que se refere ao seu bem-estar físico, intelectual e moral, Deus quis que ele vivesse em *sociedade*. Contudo, uma sociedade não pode subsistir sem uma *autoridade* que coordene todos os esforços de seus membros para o bem comum. Assim, Deus quer uma sociedade hierárquica, onde haja superiores com a incumbência de mandar e inferiores obrigados a obedecer. Para tornar essa obediência mais fácil, delega sua autoridade a superiores legítimos: “*Cada qual seja submisso às autoridades constituídas*” (Rm 13, 1), de tal maneira que obedecê-los é obedecer a Deus e desobedecê-los é atrair sobre si a própria condenação:

“Assim, aquele que resiste à autoridade, opõe-se à ordem estabelecida por Deus; e os que a ela se opõem, atraem sobre si a condenação” (Rm 13, 2). O dever dos superiores é exercer a autoridade somente como representantes de Deus, para buscar a glória divina e promover o bem comum da sociedade. Se não agirem desse modo, serão responsáveis por abuso de autoridade diante de Deus e de seus representantes. Não obstante, o dever dos inferiores é obedecer aos representantes de Deus, como se fossem o próprio Deus: *“Quem vos ouve, a mim ouve; e quem vos rejeita, a mim rejeita”* (Lc 10, 16). A razão disso é evidente: sem essa submissão reinaria na sociedade a desordem e a anarquia, e todos iriam sofrer.

1060. Mas *quem são os legítimos superiores?* São aqueles que foram colocados por Deus à frente das diversas sociedades.

1. Na ordem natural podemos distinguir três classes de sociedades: a *doméstica* ou *familiar*, à frente da qual estão os pais, especialmente o pai; a sociedade *civil*, governada por aqueles que detêm legitimamente a autoridade, de acordo com os sistemas de governo admitidos nas diferentes nações; a sociedade *profissional*, na qual há patrões e empregados, cujos respectivos direitos e deveres são regulados pelo contrato de trabalho. ^{[587]INT}

2. Na ordem *sobrenatural* os superiores hierárquicos são: o *Sumo Pontífice*, cuja autoridade é suprema e imediata sobre a Igreja universal; os *bispos*, que têm jurisdição em suas respectivas dioceses e, sob sua autoridade, os *párocos* e *vigários*, cada qual dentro dos limites estabelecidos pelo Código de Direito Canônico. Além disso, há na Igreja comunidades particulares aprovadas pelo Sumo Pontífice ou pelos bispos, juntamente com suas Constituições e Regras, que preveem a escolha de superiores, os quais, portanto, são autoridades legítimas. Por conseguinte, todos os que entram em uma comunidade obrigam-se a guardar as suas regras e a obedecer aos superiores naquilo que estes determinarem, dentro dos limites definidos pela regra.

1061. C) Portanto, há **limites** impostos ao exercício da autoridade.

1. Primeiramente, é evidente que não se deve nem se pode obedecer a um superior que ordene qualquer coisa manifestamente contrária às leis divinas ou eclesiásticas. Seria caso de repetir as palavras de São Pedro: *“Importa obedecer antes a Deus do que aos homens”* (At 5, 29): frase

libertadora que assegura a liberdade cristã contra toda a tirania.^[588]* O mesmo se diga caso fosse ordenado algo claramente impossível, pois *ninguém é obrigado a fazer o impossível*. Todavia, como somos propensos a equívocos, em caso de *dúvida* devemos presumir que o superior tem razão: *na dúvida, a presunção é em favor do superior*.

2. Quando um superior, ao dar ordens, extrapola suas atribuições, por exemplo, quando um pai se opõe à vocação maduramente refletida de seu filho, ultrapassa seus deveres e não há obrigação de obedecê-lo. O mesmo pode-se dizer do superior de uma comunidade que ordena coisas que ultrapassam o que é permitido pelas constituições e regras, que sabiamente estabeleceram os limites de sua autoridade.

II.III.II – Graus de Obediência

1062. 1º - Os **iniciantes** empenham-se principalmente em guardar fielmente os mandamentos de Deus e da Igreja e a submeter-se, pelo menos exteriormente, às ordens dos superiores legítimos com dedicação, pontualidade e espírito sobrenatural.

1063. 2º - As almas mais **adiantadas**:

a) Meditam cuidadosamente nos exemplos que Jesus nos deu desde o primeiro instante da sua vida, quando se ofereceu para fazer, em tudo, a vontade do Pai, até o último, em que morreu vítima da obediência. Oram para que Jesus, com seu espírito de obediência, venha habitar nelas, e procuram unir-se a Ele com o fim de se submeterem aos superiores como ele submeteu-se a Maria e a José: *“Ihes era submisso”* (Lc 2, 51).

b) Não se satisfazem com a obediência exterior; submetem *interiormente* a vontade, mesmo nas coisas custosas, contrárias às suas inclinações. E fazem-no de coração, sem reclamar, felizes com a oportunidade de poder assemelhar-se mais perfeitamente ao divino Modelo. Evitam, sobretudo, adotar estratégias para convencer o superior a querer o que eles querem, pois, adverte São Bernardo:^[589] *“se, desejando algo, buscas, às claras ou disfarçadamente, que teu pai espiritual te mande o que desejas, enganas-te pensando que és obediente, porque isso não é obediência ao superior, mas obediência do superior a ti mesmo.”*

1064. 3º - As almas **perfeitas** vão ainda mais longe: submetem o *juízo* pessoal ao do superior, sem sequer examinar as razões por que as manda.

Santo Inácio^[590] explica muito bem esse grau de obediência: “*Quem pretende fazer perfeita e inteira oblação de si mesmo, além da vontade, é preciso que ofereça o **entendimento** ... , não somente tendo um querer, mas um mesmo sentir com o seu superior, submetendo o próprio juízo ao dele, tanto quanto uma vontade já obediente pode influenciar o entendimento ...*” Assim como a vontade, o entendimento, pode desviar-se do bem, daquilo que nos convém. Para que isso não ocorra, é correto, além da nossa vontade, unir também o nosso entendimento ao do superior. Todavia, acrescenta: “*se algum entendimento diferente do superior apresentar-se à nossa mente, após consultar o Senhor em oração e parecer-nos que isso deve ser-lhe revelado, podemos fazê-lo. Contudo, se quisermos agir sem suspeitar de nosso amor-próprio e do juízo pessoal, devemos permanecer indiferentes, tanto antes quanto depois de ter-lhe revelado a opinião, sempre prontos para, não somente empreender ou abandonar o objetivo em questão, mas também para aprovar e reconhecer que, o melhor a ser feito, é o que o superior ordenar.*” – É o que se chama obediência cega, pela qual nos colocamos nas mãos do superior (como um cajado, como um cadáver).

^[591] Consideradas as reservas de Santo Inácio e as que fizemos mais acima, nada há de contrário à razão nesse tipo de obediência, pois é a Deus que submetemos a nossa vontade e o nosso entendimento, o que a seguir, ao tratar das qualidades da obediência, veremos com mais precisão.

II.III.III – Qualidades da Obediência

A obediência, para ser perfeita, deve ser: *sobrenatural* na intenção, *universal* na extensão e *integral* na execução.

1065. 1º - **Sobrenatural** na intenção. Isso significa que devemos ver o próprio Deus ou Jesus Cristo nos superiores, posto que estes não têm autoridade senão por Ele. Nada há que torne mais fácil a obediência, pois quem poderá negar-se a obedecer a Deus? Foi o que São Paulo recomendou aos servos: “*Servos, obedeci aos vossos senhores temporais, com temor e solicitude, de coração sincero, como a Cristo, não por mera ostentação, só*

para agradar aos homens, mas como servos de Cristo, que fazem de bom grado a vontade de Deus. Servi com dedicação, como servos do Senhor e não dos homens” (Ef 6, 5 – 7).

Santo Inácio traz a mesma ideia ao escrever aos seus religiosos de Portugal: *“Gostaria que todos se exercitassem em reconhecer Cristo Nosso Senhor em qualquer superior, reverenciando e obedecendo a Divina Majestade neles, com toda a devoção ... nunca olhando para a pessoa a quem se obedece, a não ser considerando nela Cristo Redentor, por quem se obedece. Com efeito, não estamos obrigados a obedecer nosso superior porque é muito prudente, ou muito bom, ou qualificado em qualquer outro dom de Deus, mas por que é nosso representante de Deus. Mesmo que nos pareça que ele carece de prudência ou sabedoria, não será motivo para deixar de obedecê-lo, pois ele representa aquele que é a Infalível Sabedoria, que suprirá o que falta ao seu ministro, seja em virtude ou qualquer outra qualidade.”*^[592]

Muito sábio esse princípio, pois se hoje obedecemos ao superior porque suas qualidades nos agradam, que faremos amanhã se tivermos um superior que nos pareça desprovido delas? E por acaso não perderíamos o mérito se nos submetêssemos a um homem que estimamos, em vez de submeter-nos ao próprio Deus? Portanto, não olhemos para as falhas de nossos superiores, que tornam mais difícil a obediência, nem tampouco suas boas qualidades, que a tornam menos meritória, mas vejamos somente Deus, que vive e comanda através deles.

1066. 2º - Universal em sua extensão, isto é, devemos obedecer a todas as ordens de nosso superior *legítimo*, sempre que mande *legitimamente*. Desse modo, a obediência, como diz São Francisco de Sales:^[593] *“submete-se amorosamente a fazer tudo o que é mandado, com inteira simplicidade, sem jamais olhar se foi bem ou mal mandado, ou o que foi ordenado, contanto que quem mandou tenha poder de mandar e o comando sirva para unir nosso espírito a Deus.”* Porém, acrescenta que, se um superior mandar alguma coisa manifestamente contrária à lei de Deus, a obrigação é de não obedecer. A obediência, nesse caso, como diz Santo Tomás,^[594] seria indiscreta: *“obediência... indiscreta, que obedece até no que é ilícito”*.

Fora dessa situação, o verdadeiro obediente não erra mesmo que o superior se engane e mande coisas menos boas do que se desejaria. Neste

caso, Deus, a quem se obedece e que vê o fundo dos corações, premiará a obediência, garantindo o bom êxito do que foi feito. Diz São Francisco de Sales^[595] ao comentar as palavras “o obediente falará de vitória”: “*O verdadeiro obediente sairá vencedor em todas as dificuldades em que a obediência o colocar, e com honra, de todos os caminhos que entrar por obediência, por perigosos que sejam.*” Dito de outra maneira: o superior ao mandar, pode equivocar-se, mas nós não erramos em obedecê-lo.

1067. 3º - Integral na execução e, portanto, *pontual, sem restrição, constante e até mesmo alegre.*

a) Pontual: porque o amor, que preside à perfeita obediência, faz-nos obedecer prontamente: “*o obediente ama o preceito e, tão logo esteja ciente dele, seja ele qual for, seja ou não do seu agrado, abraça-o, acaricia-o e ama-o ternamente.*”^[596]

Nesse mesmo sentido se expressa São Bernardo: “*o verdadeiro obediente não conhece dilações; tem horror em deixar para o dia seguinte; ignora os atrasos; adianta-se ao comando: tem os olhos fixos, o ouvido atento, a língua pronta para falar, as mãos dispostas a obrar, os pés prontos para correr; está todo atento para perceber rapidamente a vontade de quem manda.*”

b) Sem restrição: pois ficar fazendo escolhas e obedecer em algumas coisas e não em outras, é perder o mérito da obediência, é mostrar que nos submetemos apenas ao que agrada e, portanto, que essa submissão não é sobrenatural. Lembremos aquilo que nos disse Nosso Senhor: “*passará o céu e a terra, antes que desapareça um jota, um traço da lei*” (Mt 5, 18).

Requer também *constância* e este é um dos grandes méritos dessa virtude, “*porque cumprir alegremente uma única vez algo que se mandou, quando e como quiser, custa pouco. Mas, quando dizem: farás isso sempre, durante todo o tempo de sua vida, nisto está a virtude e a dificuldade.*”^[597]

c) Alegre: “*Deus ama o que dá com alegria*” (II Cor 9, 7). Se não for inspirada pelo amor, a obediência não consegue ser alegre nas coisas penosas. Na realidade, para quem ama nada é penoso, porque não pensa em seu próprio padecer, mas naquele por quem padece. Quando se vê Nosso Senhor na pessoa de quem manda, como não o amar? E como não fazer de boa vontade o pequeno sacrifício que nos pede Aquele que morreu vítima da obediência por nós? Esta é a razão pela qual é preciso sempre voltar ao

princípio geral que estabelecemos: ver a Deus na pessoa dos superiores. Desse modo compreende-se melhor tanto a excelência como os frutos da obediência.

II.III.IV – Excelência da Obediência

1068. Pelo que foi exposto deduz-se a excelência da obediência. Santo Tomás não vacila em dizer que, depois da virtude da religião, a obediência é a mais perfeita de todas as virtudes morais, porque nos une a Deus mais do que as outras, haja vista que nos desapega da vontade própria, que é o maior obstáculo à união divina.^[598] Além disso, é a mãe e guardiã das demais virtudes e transforma os nossos atos ordinários em atos virtuosos.

1069. 1º - A obediência nos *une* a Deus e faz-nos *compartilhar* habitualmente de sua vida.

a) Submete a nossa vontade diretamente à divina e, por ela, todas as demais faculdades, pois estas estão sujeitas à vontade. Essa submissão é tão mais *meritória* quanto mais *livremente* for feita. Por necessidade natural as criaturas inanimadas obedecem a Deus; já o homem, por livre escolha de sua vontade. Desse modo, presta homenagem ao seu Soberano Senhor com o que tem de mais precioso; imola a mais excelente das vítimas: “*Pela obediência nossa vontade é sacrificada.*”^[599] Com isso, entra em *comunhão* com Deus porque não tem outra vontade além da divina, e pode repetir a frase heroica de Jesus no momento de sua agonia: “*Não se faça, todavia, a minha vontade, mas sim a tua*” (Lc 22, 42). Comunhão sobremaneira meritória e santificante, porque une a vontade, o bem mais precioso que possuímos, com a vontade divina, sempre boa e santa.

b) Como a vontade é a rainha das faculdades, ao uni-la a Deus, unimos a ele também todas as potências da alma. Esse sacrifício é maior que o dos bens exteriores feito pelo voto de pobreza, que o dos bens do corpo pelo voto de castidade e pela mortificação. Certamente é o mais excelente de todos os sacrifícios: “*A obediência é melhor que o sacrifício*” (I Sm 15, 22), (I Re 15, 22)).

c) A obediência também torna essa união mais constante e duradoura. A comunhão sacramental mantém-nos unidos a Deus por breves instantes; a

obediência habitual estabelece entre a nossa alma e Deus uma espécie de comunhão espiritual permanente, pela qual habitamos nele e ele em nós, pois desejamos tudo o que Ele quer e nada que não queira: “*um desejo, uma vontade*”. Em suma, de todas, esta é a união mais real, íntima e prática.

1070. 2º - É, por conseguinte, a mãe e guardiã de todas as virtudes, conforme a bela expressão de Santo Agostinho: “*Na criatura racional, a obediência é como que a mãe e guardiã de todas as virtudes.*”^[600]

a) De fato, confunde-se com a *caridade*, porque, como ensina Santo Tomás, o amor, antes de tudo, produz a união das vontades.^[601] E não é esta a mesma doutrina de São João? Depois de dizer que quem pretende amar a Deus e não guarda seus mandamentos é mentiroso, acrescenta: “*Aquele, porém, que guarda a sua palavra, nele o amor de Deus é verdadeiramente perfeito. É assim que conhecemos se estamos nele*” (I Jo 2, 5). Também esta é a mesma doutrina do divino Mestre, que nos diz: “*Se me amais, guardareis os meus mandamentos*” (Jo 14, 15). Portanto, a obediência é, no fundo, um excelente ato de caridade.

1071. b) Também ela é que nos faz praticar as demais virtudes, na medida em que nos são mandadas ou aconselhadas: “*todos os atos das virtudes pertencem à obediência enquanto caem sob um preceito.*”^[602]

Assim, em razão dela praticamos a mortificação e a penitência, tantas vezes prescritas no Evangelho, a justiça, a religião, a caridade e todas as virtudes contidas no Decálogo. Faz-nos também imitar os *mártires*, que dão sua vida por Deus. Como diz Santo Inácio:^[603] “*a vontade e o juízo próprios, pela obediência, são sempre imolados e colocados como vítimas sobre o altar, de tal modo que, em vez do livre-arbítrio, resta no homem somente a vontade de Jesus Cristo, que no-la fez conhecida por Aquele que comanda. Não é só o desejo de viver que é sacrificado pela obediência, como acontece com os mártires, mas todos os desejos ao mesmo tempo.*” O mesmo dizia São Pacômio a um jovem religioso que desejava o martírio: “*Mais mártir é quem bem se mortifica. É maior martírio perseverar por toda a vida na obediência que morrer por um só golpe de espada.*”^[604]

1072. c) A obediência nos oferece, pois, *segurança* perfeita. Submetidos a nós mesmos, ficaríamos a perguntar a cada instante sobre o que é mais perfeito. A obediência, porém, determinando os deveres a cada momento, mostra-nos o caminho certo para a santificação. Fazendo o que ela prescreve, realizamos da forma mais plena possível a condição essencial exigida para a perfeição, ou seja, o cumprimento da vontade de Deus: *“porque faço sempre o que é do seu agrado”* (Jo 8, 29).

Disso nasce um sentimento de profunda e inalterável paz: *“Grande paz têm aqueles que amam vossa lei: não há para eles nada que os perturbe”* (Sl 118, 165). Quem somente quer cumprir a vontade de Deus manifestada pelos superiores, não se preocupa com o que irá fazer e nem com os meios a serem empregados. Basta receber as ordens daquele que está no lugar de Deus e executá-las da melhor forma possível. A Providência encarrega-se do restante. Não se exige o bom êxito, mas somente o esforço para cumprir as ordens recebidas. Destarte, pode-se ficar tranquilo quanto ao resultado final, pois é evidente que se for feita a vontade de Deus, ele se encarregará de fazer a nossa, ou seja, escutará nossas súplicas e favorecerá nossos planos. Assim, a obediência é a paz nesta vida e, no fim da jornada, será também ela que abrirá a porta do céu. Perdidos pela desobediência de nossos primeiros pais e regenerados pela de Jesus Cristo, o céu é reservado àqueles que se deixam conduzir pelos representantes desse divino Salvador. Não há inferno para os verdadeiros obedientes: *“O que Deus mais detesta ou pune que a vontade própria? Cesse a vontade própria e inferno não haverá.”*^[605]

1073. 3º - Por fim, a obediência transforma em virtudes e méritos as ações mais comuns da vida: comer, recrear-se, trabalhar, etc. Tudo o que é feito em espírito de obediência participa do mérito dessa virtude, agrada a Deus e é por Ele recompensado. De modo contrário, tudo o que é feito contra a vontade dos superiores, por mais excelente que pareça em si mesmo, é na realidade um ato de desobediência. Muitas vezes compara-se a obediência ao viajante que embarcou em um navio conduzido por um excelente comandante: a cada dia, ainda que dormindo, aproxima-se mais do porto e, dessa maneira, sem fadiga ou preocupação, chega ao destino almejado, ao porto da eterna bem-aventurança.

1074. Concluamos com as palavras que Nosso Senhor dirigiu a Santa Catarina de Sena:^[606] *“Quão doce e gloriosa é esta virtude que encerra em si todas as virtudes! Foi concebida e gerada pela caridade. Sobre ela repousa o fundamento da santa fé. ... Ela é o próprio centro da alma, que nenhuma tempestade pode atingir. ... As privações não lhe causam qualquer aflição; porque a obediência ensinou-lhe a desejar somente a mim, que posso, caso queira, realizar todos os seus desejos. ... Oh obediência, que realizas a travessia sem dificuldades e chegas sem perigo ao porto da salvação! Tu te assemelhas ao Verbo, meu Filho unigênito; navegas no barco da santíssima Cruz, pronta a tudo sofrer antes que afastar-se da obediência do Verbo e a infringir seus ensinamentos! Quão grande te faz a tua longa perseverança! Tão grande que vais da terra ao céu, porque é por ti, e somente por ti, que é possível abri-lo.”*

Art. III – A VIRTUDE DA FORTALEZA^[607]

1075. A justiça, completada pela religião e pela obediência, regula nossas relações com os outros. A fortaleza e a temperança regulam as relações conosco mesmos. Trataremos agora da fortaleza e sobre ela falaremos: 1º - Da sua *natureza*; 2º - Das virtudes a ela *relacionadas*; 3º - Dos meios de *praticá-la*.

III.I – NATUREZA DA FORTALEZA

Exporemos: 1º - Sua *definição*; 2º - Os seus *graus*.

III.I.I - Definição de Fortaleza

1076. Essa virtude, que se chama fortaleza de alma, força de caráter ou virilidade cristã, *é uma virtude moral sobrenatural que robustece a alma na busca do bem árduo, sem ser abalada pelo medo, nem mesmo pelo medo da morte.*

A) O seu **objeto** é reprimir os sentimentos de temor, que tendem a paralisar os esforços para o bem e moderar a audácia, que, sem controle, facilmente se converte em temeridade: *“Portanto a fortaleza diz respeito ao medo e à audácia na medida em que coíbe o temor e modera a coragem.”*^[608]

1077. B) Suas **ações** se reduzem a duas principais: *empreender e suportar* coisas difíceis.

a) Em primeiro lugar a fortaleza consiste em *empreender e executar* coisas *difíceis*. Há certamente, no caminho da virtude e da perfeição, muitos obstáculos difíceis de superar e que se renovam sem cessar. É preciso não ter medo e até mesmo ir ao encontro deles, empreendendo corajosamente os esforços necessários para vencê-los. Esta é a primeira ação da virtude da fortaleza. Ela supõe: 1) *decisão* para prontamente se decidir a cumprir os

deveres, custe o que custar; 2) *coragem* e generosidade para empreender todos os esforços que as peculiaridades do caso requerem; 3) *constância* para perseverar nos esforços até o fim, em que pese a persistência e os repetidos ataques do inimigo.

b) Também é preciso saber *suportar* por Deus as numerosas e difíceis provações que Ele nos envia: padecimentos, enfermidades, zombarias e calúnias de que nos fazem vítimas.

Muitas vezes isso é mais difícil do que empreender alguma coisa. “*Suportar é mais difícil que atacar*”, diz Santo Tomás,^[609] e aduz três razões do porquê: 1) Suportar firmemente supõe que somos atacados por um inimigo mais forte que nós, posto que quem ataca sente-se superior ao seu adversário; 2) Aquele que suporta o ataque já está lutando contra as dificuldades e sofrendo por causa delas, enquanto que aquele que ataca somente as prevê. Ora, um mal presente é mais temível do que o apenas previsto; 3) A atitude de suportar supõe permanecer imóvel e inflexível por tempo notável durante o embate, por exemplo, quando estamos presos ao leito em razão de uma longa doença ou quando padecemos longas e violentas tentações. Quem empreende algo difícil faz apenas um esforço momentâneo, que geralmente não dura muito tempo.

III.I.II – Graus da Virtude da Fortaleza

1078. 1º - Os **principiantes** lutam corajosamente contra os diversos temores que se opõem ao cumprimento do dever:

1. O temor das *fadigas* e *perigos*. Os principiantes recordam que o homem possui bens mais preciosos que a fortuna, a saúde, a fama e a vida. Trata-se dos *bens da graça*, que são em si somente o prelúdio da felicidade eterna. Concluem que devem sacrificar generosamente os bens terrenos para conquistar os que nunca perecem. Convencem-se de que o único e verdadeiro mal é o *pecado* e que, portanto, devem evitá-lo a todo custo, mesmo sob risco de suportar todos os males temporais que possam advir.

1079. 2. O temor das *críticas* e *ridicularizações* ou, em outros termos, o *respeito humano*, que nos leva a negligenciar o nosso dever por receio do que dirão a nosso respeito, dos escárnios que poderemos sofrer, das

ameaças que nos serão infligidas, das injúrias e injustiças de que seremos vítimas. Quantos homens intrépidos nos campos de batalha retrocedem diante dessas críticas e ameaças! Como é importante formar os jovens nesse desprezo pelo respeito humano, nesse ânimo varonil que sabe enfrentar a opinião pública e seguir as próprias convicções, sem medo, sem timidez.

3. O temor de *desagradar os amigos*. Esse medo é às vezes mais forte do que o de provocar a vingança dos inimigos. Contudo, é preciso recordar que mais vale agradar a Deus que aos homens. Aqueles que nos impedem de cumprir inteiramente o nosso dever são apenas falsos amigos e, querer agradá-los, seria perder a amizade com N. S. Jesus Cristo: “*Se quisesse ainda agradar aos homens, não seria servo de Cristo*” (Gal 1, 10). Com ainda maior razão não se deve sacrificar o próprio dever pelo desejo de *vã popularidade*. Os aplausos dos homens passam. Não há aprovação permanente e nenhuma que seja verdadeiramente digna de nós, salvo a de Deus, juiz infalível. Portanto, concluamos com São Paulo, que diz que a única glória que devemos buscar é a que procede da fidelidade a Deus e ao dever: “*Ora, quem se gloria, glorie-se no Senhor. Pois merece a aprovação não aquele que se recomenda a si mesmo, mas aquele que o Senhor recomenda.*” (II Cor 10, 17 – 18).

1080. As almas **adiantadas** praticam a virtude da fortaleza em seu aspecto *positivo*, esforçando-se em imitar a fortaleza de alma, da qual Jesus nos deu exemplo durante toda a sua vida.

1. Essa virtude manifestou-se em sua *vida oculta*. Desde o primeiro instante Nosso Senhor se ofereceu ao Pai Eterno em substituição a todas as vítimas da Antiga Lei, imolando-se pelos homens. Bem sabia que com isso sua vida inteira seria um martírio, mas opta livremente. Por essa razão, desde o seu nascimento, abraça com afã a pobreza, a mortificação e a obediência; submete-se às perseguições e ao exílio; vive durante trinta anos em completa obscuridade, a fim de nos merecer a graça de santificar nossas mais ordinárias ações e inspirar-nos o amor à humildade. Assim, ensinou-nos a praticar a fortaleza e a coragem nos mil pormenores da vida comum.

2. Manifestou-se em sua vida *pública*: No longo jejum que se impôs antes de iniciar seu ministério público; na luta vitoriosa que sustentou contra o demônio; na sua pregação que, contrariando os preconceitos dos judeus, anuncia um reino inteiramente espiritual, baseado na humildade, no

sacrifício, na abnegação, juntamente com o amor de Deus; no vigor com que fulmina o escândalo e condena as interpretações casuísticas dos doutores da lei; no zeloso cuidado com que evita uma popularidade fútil e rejeita a realzeia que lhe querem oferecer; na maneira a um só tempo mansa e forte com que forma os apóstolos, corrige seus preconceitos e defeitos e repreende aquele que escolheu como chefe do colégio apostólico; na determinação que demonstra ao dirigir-se a Jerusalém, sabendo que iria ao encontro do sofrimento, da humilhação e da morte. Em tudo isso nos dá exemplo da coragem calma e constante que devemos ter em nossas relações com o próximo.

3. Manifestou-se na sua *Paixão*: na agonia dolorosíssima em que, apesar da aridez e do esgotamento da alma, persevera em longa oração: “*Ele entrou em agonia e orava ainda com mais instância*” (Lc 22, 44); na serenidade perfeita que demonstrou no momento de sua injusta prisão e no silêncio que soube guardar em meio às calúnias e diante da curiosidade de Herodes; na dignidade que manteve diante dos juízes; na paciência heroica provada pelos injustos suplícios, que sem razão lhe impuseram, e pelas zombarias que teve que suportar; sobretudo, naquela serena resignação com que se entregou nas mãos do Pai, antes de expirar. Desse modo ensinou-nos a *paciência* em meio das mais duras provações.

Como se observa, há aqui ampla matéria de imitação e, para sermos mais bem-sucedidos, devemos pedir ao Senhor que venha viver em nós com a plenitude da sua força. Todavia, devemos cooperar com Ele no exercício dessa virtude, praticando-a não somente quando as grandes ocasiões demandarem, mas também nas inúmeras ações que compõem o nosso viver. Lembremo-nos que o exercício dessas pequenas virtudes requer um maior grau de heroísmo que o das ações reluzentes.

1081. As almas **perfeitas** cultivam não somente a virtude, mas também o *dom da fortaleza*, conforme explicaremos ao tratar da via unitiva. Essas almas mantêm uma disposição generosa de imolar-se por Deus e de padecer o martírio a *fogo lento*, que consiste em uma vontade, renovada continuamente, de tudo fazer por Deus, de tudo sofrer pela sua glória.

III.II – VIRTUDES CONEXAS COM A FORTALEZA

1082. Há quatro virtudes ligadas à virtude da fortaleza. Duas nos ajudam a praticar coisa difíceis: *magnanimidade* e *magnificência*; e duas ajudam a bem sofrer: *paciência* e *constância*. Conforme Santo Tomás, elas são ao mesmo tempo partes *integrantes* e *anexas* à virtude da fortaleza.

III.II.I – A Magnanimidade

1083. 1º - Natureza. A magnanimidade, que também se chama grandeza de alma ou nobreza de caráter, *é uma disposição nobre e generosa para realizar grandes coisas por Deus e pelo próximo*. Difere da *ambição*, que, ao contrário, é essencialmente egoísta e tende a elevar-se acima dos outros pela autoridade ou pela honra. O desinteresse é o caráter distintivo da magnanimidade, que procura sempre servir aos outros.

a) Portanto, ela pressupõe uma *alma nobre*, que possua um ideal elevado, ideias generosas; uma *alma corajosa*, que sabe harmonizar sua vida com suas convicções.

b) Manifesta-se não apenas por nobres sentimentos, mas também por *nobres ações* e em todos os segmentos; no militar, por meio de ações brilhantes; no cívico, por meio de grandes reformas ou de grandes empresas industriais, comerciais ou de outros ramos; no sobrenatural, por um ideal elevado de perfeição, constantemente perseguido por generosos esforços que fazemos para vencer-nos e superar-nos, para adquirir virtudes sólidas, praticar o apostolado em todas as suas formas, criar e dirigir obras de apostolado. Tudo isso, sem receio de comprometer as finanças, a saúde, a reputação e até mesmo a própria vida.

1084. 2º - O defeito oposto é a *pusilanimidade* que, por medo excessivo do fracasso, hesita e permanece na inação. O pensamento de evitar equívocos leva, na realidade, ao maior de todos os erros, que é não fazer nada ou quase nada, desperdiçando a vida. É evidente que é melhor expor-se a alguns erros do que viver na inação.

III.II.II – A Munificência ou Magnificência

1085. 1º - Natureza. Quando se tem uma alma nobre e um grande coração, pratica-se a magnificência ou munificência, que *nos inclina a empreender grandes obras* e, por conseguinte, a *fazer os grandes gastos* que tais obras demandam.

a) Algumas vezes essas obras são inspiradas pelo orgulho ou pela ambição; então não se trata de virtude. Todavia, quando visam somente *a glória de Deus e o bem das almas*, sobrenaturaliza-se o desejo natural de grandeza e, em vez de acumular-se cada vez mais riquezas, despende-se generosamente o dinheiro em empreendimentos grandes e nobres, tais como obras de arte, monumentos públicos, construções de igrejas, de hospitais, de escolas e universidades, ou seja, tudo que é útil para o bem público. Desse modo, torna-se uma virtude que nos faz triunfar sobre o apego natural ao dinheiro e o desejo de acumular riquezas.

1086. b) Trata-se de uma virtude *excelente*, recomendável aos ricos, pois faz com que vejam que essa é a melhor maneira de empregar as riquezas que a Providência lhes confiou, imitando assim a magnificência e liberalidade de Deus em suas obras. Quantas instituições católicas atualmente definham por falta de recursos! Por acaso não é um modo digno de empregar as riquezas que acumulamos e também de edificar uma rica morada no céu? Quantas instituições poderiam ser criadas! Cada geração traz consigo um contingente de novas necessidades, seja a construção de novas igrejas ou escolas, seja a manutenção dos ministros do culto. Por vezes deve-se acudir às calamidades públicas; noutras, são obras novas que se devem criar, tais como patronatos, sindicatos, caixas de previdência e de aposentadoria, etc.^{[610]NT} Portanto, há um vasto campo, aberto a todas as atividades e às diversas capacidades financeiras.

c) Todavia, não é requisito ser rico para praticar essa virtude. São Vicente de Paulo não era e, contudo, jamais houve no mundo alguém que, como ele, tenha praticado tanto a magnificência, verdadeiramente a modo de um rei, em todas as calamidades do seu tempo, e tenha fundado obras com resultados tão duradouros. Quando se tem uma alma generosa e nobre, surgem os recursos da caridade pública; parece que a Providência, quando nela se confia, quando se observam as leis da prudência e seguem-se as moções do Espírito Santo, põe-se a serviço dos que muito se dedicam.

1087. 2º - Os **defeitos opostos** são a *mesquinhez* e a *prodigalidade*.

a) A *mesquinhez* detém os impulsos do coração, não consegue estabelecer uma proporção entre a importância do empreendimento e o volume de gastos necessários. Assim, quando faz alguma coisa, é sempre pequena e acanhada. b) A *prodigalidade*, pelo contrário, inclina-nos a fazer gastos excessivos, a esbanjar o dinheiro sem controle, sem proporção com a obra empreendida e, às vezes, a exceder-se à própria capacidade econômica. À prudência compete guardar o meio termo entre esses dois extremos.

III.II.III – A Paciência^[611]

1088. 1º - **Natureza.** A paciência é uma *virtude cristã que nos faz suportar com serenidade de alma, por amor a Deus e em união com Jesus Cristo, sofrimentos físicos e morais*. Todos sofrem o suficiente para ser santos, desde que se saiba suportar corajosamente e por motivos sobrenaturais. Porém, muitos sofrem reclamando, resmungando e até mesmo amaldiçoando a Providência. Outros sofrem por orgulho ou ganância e com isso perdem os frutos da paciência. O verdadeiro motivo que deve inspirar-nos é a conformidade com a vontade de Deus (nº 487) e, para ajudar-nos, a esperança da recompensa eterna, que coroará nossa paciência (nº 491). Contudo, o estímulo mais poderoso é a meditação de *Jesus que sofre e morre por nós*. Se ele, que era a própria inocência, tão heroicamente suportou sofrimentos físicos e morais, tudo por amor a nós, para nos redimir e santificar, não é justo que nós, os culpados, que com nossos pecados fomos a causa dos seus tormentos, consintamos em sofrer com Ele e pelas suas intenções, cooperando na obra da nossa purificação e santificação, para ter parte na sua glória depois de haver tido nos seus sofrimentos? As almas nobres e generosas acrescentam ainda uma razão apostólica: sofrem para completar a paixão do divino Salvador e com isso cooperar com a salvação das almas (nº 149). Eis aqui o segredo da heroica paciência dos santos e do amor que eles têm pela cruz.

1089. 2º - Os **graus** de paciência correspondem aos três estágios da vida espiritual.

a) No *início* aceitamos o sofrimento como vindo de Deus, sem murmurações nem revoltas, sustentados pela esperança dos bens celestiais. Aceitamo-lo para purgar os pecados, purificar o coração e dominar as más inclinações, especialmente a tristeza e o desânimo; aceitamo-lo apesar das repugnâncias da sensibilidade. Quando pedimos que o cálice se afaste de nós, acrescentamos que, apesar de tudo, submetemo-nos à divina vontade.

1090. b) No segundo grau a alma abraça o sofrimento com determinação e ardor, em união com Jesus Cristo, para mais conformar-se ao seu divino Chefe. Aprecia percorrer com Ele o caminho doloroso que trilhou desde o presépio até o calvário. Admira-o, ama-o e louva-o em todas as situações dolorosas que vivenciou: na indigência a que voluntariamente se submeteu quando veio ao mundo, resignando-se ao humilde presépio que lhe serviu de berço, onde sofreu mais pela ingratidão dos homens do que pelo frio da estação; nos sofrimentos do exílio; nos humildes trabalhos da vida oculta; nas fadigas e humilhações de sua vida pública; mas, principalmente, nos tormentos físicos e morais de sua longa e dolorosa paixão. Fortalecida por este pensamento: *“como Cristo padeceu na carne, armai-vos também vós deste mesmo pensamento: quem padeceu na carne rompeu com o pecado.”* (I Pe 4, 1), a alma sente-se mais encorajada diante da dor ou da tristeza. Então, estende-se amorosamente sobre a cruz ao lado de Jesus e por amor a ele: *“Estou pregado à cruz de Cristo”* (Gal 2, 19). Quando mais sofre, mais lança sobre Ele um olhar compassivo e amoroso e ouve-o dizer: *“Bem-aventurados os que choram”* (Mt 5, 4) ... *“Bem-aventurados os que são perseguidos por causa da justiça”* (Mt 5, 10). A esperança de participar de sua glória no céu torna mais suportáveis as cruces que padece com Ele: *“contanto que soframos com ele, para que também com ele sejamos glorificados”* (Rm 8, 17). Por vezes, a alma chega, como São Paulo, a alegrar-se com suas próprias misérias e tribulações, sabendo que padecer com Cristo é consolá-lo e, completar sua paixão, é amá-lo com mais perfeição na terra e preparar-se para desfrutar com mais intensidade do seu amor na eternidade: *“prefiro gloriar-me das minhas fraquezas, para que habite em mim a força de Cristo”* (II Cor 12, 9) ... *transbordo de gozo em todas as nossas tribulações”* (II Cor 7, 4).

1091. c) Tudo isso nos conduz ao terceiro grau, que é o *desejo* e o *amor pelo sofrimento*, por Deus, que desejamos glorificar, e pelas almas, por cuja santificação desejamos trabalhar. Isso é aplicável aos *perfeitos*, sobretudo às almas apostólicas, aos sacerdotes e religiosos e às almas escolhidas. Essa era a vontade de Nosso Senhor quando se ofereceu ao Pai como vítima desde que veio ao mundo e que manifestou ao proclamar seu desejo de ser batizado com o doloroso batismo de sua paixão: “*Mas devo ser batizado num batismo; e quanto anseio até que ele se cumpra!*” (Lc 12, 50).

Por amor a Ele e para mais assemelhar-se a Ele, as almas perfeitas têm os mesmos sentimentos. Disse Santo Inácio:^[612] “*assim como os mundanos, que seguem os ensinamentos do mundo, amam e buscam com toda diligência as honras, a fama, e estimam um grande nome na terra, também os que avançam no caminho do espírito e seguem seriamente a Cristo Nosso Senhor, amam e desejam ardentemente tudo o que é contrário ao espírito do mundo ... de modo que se puderem, sem qualquer ofensa a Deus e sem escandalizar o próximo, desejam sofrer insultos, falsos testemunhos e afrontas, e ser considerados e reconhecidos como loucos, sem contudo dar motivos para isso, porque desejam parecer-se e imitar, de algum modo, nosso Criador e Senhor Jesus Cristo ... para que, com a ajuda de sua graça, tanto quanto possível possam imitá-lo e segui-lo em todas as coisas, pois Ele é o verdadeiro caminho que leva os homens à vida.*” Nada, senão o amor de Deus e ao divino Crucificado, pode fazer-nos amar desse modo as cruzes e humilhações.

1092. Deve-se ir mais longe e oferecer-se a Deus como vítima, pedindo-lhe positivamente sofrimentos excepcionais, seja em reparação da glória de Deus, ou para alcançar alguma graça insigne? Certamente houve santos que fizeram isso e, ainda hoje, há almas generosas que se sentem inclinadas a fazê-lo. Mas, em geral, não se pode prudentemente aconselhar que se façam pedidos desse tipo, porque facilmente conduzem a ilusões e muitas vezes são inspirados por uma generosidade irrefletida que procede da presunção. Como disse o Pe. Smedt:^[613]* “*na verdade, tais pedidos são feitos em momentos de fervor sensível e, quando cessa o tempo desse fervor ... a alma sente-se demasiadamente fraca para levar a termo os atos heroicos de submissão e aceitação do sofrimento que tão energicamente havia feito com a imaginação. Disso nascem fortes tentações de desânimo e até mesmo de*

murmurações contra a Divina Providência ... o que se torna fonte de muitas dificuldades e embaraços para os diretores dessas almas.” Portanto, não se deve pedir para si mesmo tribulações ou provas especiais. Quem se sentir inclinado a isso deve consultar um prudente diretor espiritual e não fazer coisa alguma sem a sua aprovação.

III.II.IV – A Constância

1093. A constância no esforço *consiste em lutar e sofrer até o fim, sem render-se ao cansaço, ao desencorajamento e à indolência.*

a) Com efeito, a experiência mostra que, após repetidos esforços, cansamo-nos de fazer o bem e causa enfado conservar sempre a vontade sob esforço. É a observação de Santo Tomás:^[614] “*o simples fato de alguém se obstinar, durante muito tempo, numa tarefa difícil, tem em si mesmo uma dificuldade especial.*” Portanto, a virtude não é sólida enquanto não for sancionada pelo tempo e confirmada por hábitos profundamente arraigados.

A sensação de cansaço produz muitas vezes o *desencorajamento* e a *indolência*. O fastio, causado pela renovação contínua do esforço, relaxa as energias da vontade e produz um abatimento moral ou desalento. Então, ressurge o amor dos prazeres e uma sensação de arrependimento por tê-los abandonado, e a alma deixa-se levar por suas más inclinações.

1094. b) Para *reagir* contra essa fraqueza: **1.** Primeiramente deveremos lembrar que a perseverança é um dom de Deus (nº 127) que se alcança com a oração. Portanto, devemos pedi-la com insistência, em união com Aquele que foi constante até a morte e por intercessão daquela que com razão chamamos de *Virgem fiel*.

2. Depois disso, devemos renovar o convencimento sobre a brevidade da vida e a duração interminável do prêmio que coroará nossos esforços. Se temos toda a eternidade para descansar, valem a pena alguns esforços e dificuldades que passamos aqui na terra. Mas se, apesar de tudo, sentimo-nos fracos e vacilantes, devemos pedir com afincos a graça da constância, cuja carência experimentamos tão fortemente, e repetir a oração de Santo Agostinho:^[615] “*Dá-me Senhor o que ordenaste e ordena-me o que queres.*”

3. Por fim, retomar corajosamente o trabalho com renovado ardor, apoiando-nos na graça onipotente de Deus, apesar do pouco resultado aparente das nossas tentativas, lembrando-nos que Deus nos pede o esforço, não o sucesso. Contudo, não devemos esquecer que às vezes precisamos de algum relaxamento, de descanso e distração: o homem não pode viver por muito tempo sem alguma consolação. A constância não exclui o legítimo descanso: *descansar para melhor trabalhar*. O que importa é descansar em conformidade com a vontade de Deus, de acordo com as prescrições da regra ou de um prudente diretor espiritual.

III.III – COMO OBTER OU APERFEIÇOAR A FORTALEZA

Primeiramente remetemos o leitor para o que ficou dito sobre a educação da vontade (nº 811). Além disso, acrescentamos alguns comentários que mais de perto se referem ao tema agora tratado.

1095. 1º- O segredo de nossa fortaleza está na *desconfiança de nós mesmos* e na *confiança absoluta em Deus*. Sem o auxílio da graça, somos incapazes de fazer algo de bom na ordem sobrenatural. Todavia, se tivermos o cuidado de apoiar-nos em Jesus Cristo, participaremos da força do próprio Deus e seremos invencíveis: “*Quem permanecer em mim e eu nele, esse dá muito fruto*” (Jo 15, 5) ... “*Tudo posso naquele que me conforta.*” (Fl 4, 13). Por essa razão, quando a consciência da fraqueza é acompanhada da confiança em Deus, os *humildes* se tornam fortes. Essas duas disposições devem ser cultivadas na alma. Quando se tratar de orgulhoso ou presunçoso, deve-se insistir na *desconfiança de si mesmo*; se tímido ou pessimista, na *confiança em Deus*, falando-lhes das consoladoras palavras de São Paulo: “*e o que é fraco no mundo, Deus o escolheu para confundir os fortes; ... aquelas coisas que nada são, para destruir as que são.*” (I Cor 1, 27 – 28).

1096. 2º - Juntamente com essas duas disposições é preciso agregar *convicções profundas* e o hábito de *agir em conformidade com elas*.

A) Essas convicções são as baseadas nas grandes verdades da fé, especialmente: o fim do homem e do cristão; a necessidade de tudo sacrificar para alcançar esse fim; o horror que nos deve inspirar o pecado, único obstáculo ao nosso fim; a necessidade de submeter a nossa vontade à de Deus para evitar o pecado e atingir nosso fim, etc. Essas convicções devem ser os princípios orientadores de nossa conduta e os motores que impulsionam a superar os obstáculos.

B) Por essa razão é muito importante habituar-se a agir segundo essas crenças, sem deixar-se levar pela inspiração momentânea, pelo súbito impulso da paixão, pela rotina ou interesse pessoal. Antes de agir devemos perguntar: *Qual a relação disso com a eternidade?* Esta obra servirá para aproximar-me mais de Deus e da bem-aventurança eterna? Se assim for, empreendo-a; se não, abstenho-me. Dessa forma, referindo todas as coisas ao nosso último fim, viveremos conforme as nossas convicções e seremos fortes.

1097. 3º- Para ajudar a superar as dificuldades é bom *prevê-las*, encará-las de frente e armar-se de coragem para enfrentá-las. Porém, não as exagerar e sempre contar com a ajuda de Deus, que não nos faltará a seu tempo. Dificuldade prevista é dificuldade parcialmente vencida.

1098. 4º - Por fim, não esqueçamos que não há nada que nos torne mais intrépidos que o amor de Deus: *“O amor é forte como a morte”* (Ct 8, 6). Se o amor de mãe torna-se corajoso e valente quando precisa defender seus filhos, o que não será capaz de fazer o amor de Deus quando está enraizado profundamente na alma? Não foi ele que fez mártires, missionários virgens e santos? Quando São Paulo relata as provações e perseguições que passou, as tribulações que padeceu, pergunta-se qual teria sido a força que sustentava sua coragem em meio a tantas adversidades. Ele próprio responde: *“O amor de Cristo nos constrange”* (II Cor 5, 14). Por esse motivo é que o Apóstolo não se inquieta com o futuro: *“Quem nos separará do amor de Cristo?”* (Rm 8, 35). Então, enumera diferentes tribulações previsíveis e acrescenta que: *“Pois estou persuadido de que nem a morte, nem a vida, nem os anjos, ..., nem o presente, nem o futuro, nem as potestades, ..., nem outra qualquer criatura nos poderá apartar do amor que Deus nos testemunha em Cristo Jesus, nosso Senhor.”* (Rm 8, 38 – 39).

O que São Paulo disse, todo cristão pode dizer, desde que ame com lealdade a Deus. Então participará da força do próprio Deus: “*pois vós, ó meu Deus, sois a minha fortaleza*” (Sl 42, 2).

Art. IV – A VIRTUDE DA TEMPERANÇA^[616]

Se a fortaleza é necessária para reprimir o medo, não menos importante é a temperança para moderar a inclinação ao prazer, que tão facilmente nos afasta de Deus.

1099. A temperança é uma virtude moral sobrenatural *que modera a inclinação para o prazer sensível, principalmente os prazeres do gosto e do tato, contendo-a dentro dos limites da honestidade.*

Seu objeto é moderar toda sorte de prazer sensível, mas sobretudo os relacionados com as duas principais funções da vida orgânica, quais sejam, o comer e o beber, que conservam a vida do indivíduo e os atos que visam a preservação da espécie. A temperança faz-nos usufruir do prazer para fins honestos e sobrenaturais e, por esse mesmo motivo, modera-lhe o uso segundo os ditames da razão e da fé. Precisamente porque o prazer é sedutor e facilmente nos arrasta para além dos justos limites, a temperança nos conduz à mortificação, mesmo de coisas lícitas, para que seja assegurado o império da razão sobre a paixão.

Com base nesses princípios resolveremos as questões específicas.

Como já falamos o suficiente sobre as condutas a serem observadas para moderar os prazeres conexos com a nutrição (nº 864), falaremos aqui da *castidade*, que modera o prazer vinculado à propagação da espécie e, a seguir, das virtudes conexas com a temperança: a *humildade* e a *mansidão*.

IV.I – A CASTIDADE^[617]

1100. 1º - **Noção.** A castidade tem por objetivo *reprimir tudo o que é desordenado em relação aos prazeres voluptuosos*. Esses prazeres têm um único fim que é perpetuar a espécie humana, transmitindo a vida pelo meio legítimo do matrimônio. Fora disso, toda luxúria é estritamente proibida.

Com razão diz-se que a castidade é uma virtude *angélica*, pois nos assemelha aos anjos, que são puros por natureza. É uma virtude *austera*,

porque não se consegue praticá-la sem disciplinar e dominar o próprio corpo e seus sentidos por meio da mortificação. É uma virtude *delicada*, porque as menores faltas voluntárias já a mancham; por isso mesmo é também *difícil*, porque não se consegue guardá-la senão lutando com generosidade e constância contra aquela que é a mais tirânica das paixões.

1101. 2º - Graus. 1. Ela tem graus. O primeiro consiste no cuidadoso zelo para *não consentir* com qualquer pensamento, imaginação, sensação, ou ação contrária a essa virtude.

2. O segundo é *repelir imediata e vigorosamente* todo pensamento, imagem ou impressão que possa ofuscar o seu brilho.

3. O terceiro, que normalmente só se adquire após longo esforço na prática do amor de Deus, consiste em dominar de tal maneira os sentidos e o pensamento que, quando, por dever, há necessidade de tratar de questões relativas à castidade, faz-se isso com tal sossego e tranquilidade, como se estivesse falando de outro assunto qualquer.

4. Por fim, por privilégio especial, há pessoas que alcançam a graça de não experimentar qualquer movimento desordenado, como se diz de Santo Tomás, depois que ele obteve vitória em uma ocasião muito crítica.

1102. 3º - Espécies. Há duas espécies de castidade: a *conjugal*, a que estão obrigados os casados legitimamente, e a *continência*, que diz respeito aos não casados. Depois de falarmos brevemente da primeira, daremos maior atenção à segunda, especialmente em relação aos que estão sujeitos ao celibato religioso ou eclesiástico.

IV.I.I – A Castidade Conjugal

1103. 1º Princípio. Os esposos cristãos devem ter sempre presente que, conforme a doutrina de São Paulo, o matrimônio cristão é símbolo da união existente entre Cristo e a sua Igreja: “*Maridos, amai as vossas mulheres, como Cristo amou a Igreja e se entregou por ela, para santificá-la*” (Ef 5, 25). Portanto, devem amar-se, respeitar-se e santificar-se mutuamente (nº

591). O primeiro efeito desse amor é a união indissolúvel dos corações e, por conseguinte, a mútua fidelidade inviolável.

1104. 2º Fidelidade mútua. a) Empregaremos as palavras de São Francisco de Sales, que resumem o seu pensamento sobre a matéria.^[618]

“Conservai pois, ó maridos, um terno, constante e cordial amor a vossas mulheres” ... “Se quereis, maridos, que as vossas mulheres vos sejam fiéis, ensinai-lhes a lição com o vosso exemplo: Com que cara, diz São Gregório Nazianzeno, quereis exigir honestidade de vossas mulheres, se vós próprios viveis na desonestidade?” ... Mas vós, ó mulheres, cuja honra está inseparavelmente aliada com a pureza e honestidade, conservai zelosamente a vossa glória e não permitais que nenhuma espécie de dissolução empane a brancura da vossa reputação. Temei toda a sorte de ataques, por pequenos que sejam: nunca permitais que andem em volta de vós os galanteios. Todo aquele que vem elogiar a vossa formosura e a vossa graça deve ser-vos suspeito. ... Mas se ao vosso encômio alguém adicionar o desprezo de vosso marido, ofende-vos sobremaneira, porque a coisa é clara, que não somente quer perder-vos, mas já vos tem na conta de meio perdida, pois que metade do contrato é feito com o segundo comprador, quando se está desgostoso do primeiro.”

b) Nada assegura melhor a mútua fidelidade que o exercício da verdadeira devoção, em especial o da oração em comum.

“Assim as mulheres hão de desejar que os seus maridos estejam de conserva no açúcar da devoção. Porque o homem sem devoção é um animal severo, áspero e duro; e os maridos devem desejar que as suas mulheres sejam devotas; porque sem a devoção a mulher é em extremo frágil e sujeita a cair e embaçar sua virtude.”

c) *“Além disso, hão de ter tanta condescendência um com o outro, que nunca se aborreçam e irritem ambos ao mesmo tempo e de repente, para que entre eles não se note dissensão nem disputa.”* Se um dos dois se encolerizar, o outro permaneça sereno para que a paz retorne o mais breve possível.

1105. 3º Dever conjugal. Os cônjuges devem respeitar a santidade do leito conjugal pela *pureza de intenção* e *honestidade* das suas relações.

A) A *intenção* será aquela do jovem Tobias quando desposou Sara: “*Ora, vós sabeis, ó Senhor, que não é para satisfazer a minha paixão que recebo a minha prima como esposa, mas unicamente com o desejo de suscitar uma posteridade, pela qual o vosso nome seja eternamente bendito*” (Tb 8, 9). Com efeito, este é o fim primordial do casamento cristão: ter filhos para educá-los no temor e no amor de Deus e formá-los na piedade e nas virtudes cristãs, para um dia tornarem-se cidadãos do céu. O fim secundário é ajudarem-se mutuamente a suportar as dificuldades da vida e a vencer as paixões, submetendo o prazer ao dever.

1106. B) Assim, devem cumprir *fiel e sinceramente* o dever conjugal.^[619] Tudo o que favoreça a transmissão da vida não é somente lícito, mas louvável. Por outro lado, qualquer ato que voluntariamente se opuser a este fim é pecado grave, porque vai contra o fim primordial do matrimônio. Deve-se considerar esta recomendação de São Paulo: “*Não vos recuseis um ao outro, a não ser de comum acordo, por algum tempo, para vos aplicardes à oração; e depois retornai novamente um para o outro, para que não vos tente Satanás por vossa incontinência*” (I Cor 7, 5).

C) Impõe-se a *moderação* no cumprimento desse dever, do mesmo modo que na alimentação. Há casos em que a higiene e as circunstâncias exigem a observância de um certo tempo de continência, mas só se consegue isso quando já existe o hábito de subordinar o prazer ao dever e de buscar, na recepção frequente dos sacramentos, um remédio contra os desejos violentos da concupiscência. Todavia, devem lembrar-se de que nada é impossível e que, por meio da oração sempre se consegue a graça necessária para praticar as mais austeras virtudes.

IV.I.II – A Continência e o Celibato

1107. A continência absoluta é um dever de todas as pessoas que não estão legitimamente casadas. Todos devem guardá-la antes do matrimônio e, depois dele, os que se acharem no santo estado de viuvez.^[620]* Mas, além disso, há almas escolhidas que sentem a vocação de guardar continência durante toda a vida, quer no *estado religioso*, quer no *sacerdócio*, ou até

mesmo no *mundo*. A essas pessoas convém traçar regras especiais para que conservem a pureza perfeita.

A castidade é uma virtude frágil e delicada que não pode ser mantida se não for protegida por outras virtudes. Precisa de uma cidadela com fortes avançados para a sua defesa. Estes fortes são quatro: 1) a *humildade*, que faz desconfiar de si mesmo e fugir das ocasiões perigosas; 2) a *mortificação*, que, combatendo o amor do prazer, ataca o mal pela raiz; 3) a *aplicação aos deveres de estado*, que previne os perigos da ociosidade; 4) o *amor a Deus*, que, plenificando o coração, evita que ele se entregue a afeições perigosas. No centro dessas *quatro defesas* a alma pode, não somente rechaçar os ataques do inimigo, mas até aperfeiçoar-se na pureza.

IV.I.II.I – A humildade, guardiã da castidade

1108. Essa virtude produz *três* disposições principais que nos colocam a salvo de muitos perigos: a desconfiança de nós mesmos e a confiança em Deus; a fuga das ocasiões perigosas e; a sinceridade na confissão.

A) A desconfiança de nós mesmos acompanhada da *confiança em Deus*. De fato, muitas almas caem na impureza por orgulho ou presunção. São Paulo observa esse fato nos filósofos pagãos que, gloriando-se da sua sabedoria, deixaram-se levar por toda espécie de torpezas: “*Por isso, Deus os entregou a paixões vergonhosas*” (I Rm 1, 26).

Mons. Olier explica isso do seguinte modo: “*Deus não suporta o orgulho numa alma, humilha-a profundamente, para que ela entenda quão fraca é, e que, por si mesma, nada pode para resistir ao mal e manter-se no bem Permite ainda que seja atormentada por horríveis tentações e mais, que às vezes até mesmo caia, porque essas tentações são as mais vergonhosas de todas e causam depois uma confusão maior.*” Quando, pelo contrário, está convencida de que não pode ser casta por si mesma, repete continuamente ao Senhor aquela humilde oração de São Felipe Neri: “*Meu Deus, ficai atento com Felipe, pois senão ele vos atraíria.*”

1109. a) Essa desconfiança deve ser *universal*: 1) É necessária para aqueles que já *cometeram pecados graves*, porque a crise retorna e, sem a graça, ficarão expostos a sucumbir novamente. Não é menos necessária

para os que *conservaram a inocência*, porque, mais cedo ou mais tarde a crise virá e será tão mais temível quanto maior for a inexperience na luta; 2) Deve perseverar até o *fim da vida*. Salomão já não era muito jovem quando se deixou arrastar pelo amor das mulheres. Já eram velhos os que tentaram a casta Suzana. O demônio, quando ataca na idade madura, é ainda mais perigoso, porque a pessoa acredita tê-lo vencido. Além disso, a experiência mostra que, enquanto ainda temos um pouco de calor vital, o fogo da concupiscência, ainda por baixo das cinzas, às vezes acende-se com novo ardor; 3) Até mesmo *as almas mais santas* precisam dela, porque o demônio tem maior desejo fazê-las cair do que as almas comuns e arma para elas os ardis mais traiçoeiros. É o que observa São Jerônimo,^[621] que conclui dizendo que ninguém deve considerar-se seguro pelo fato ter passado longos anos em castidade, pela santidade ou sabedoria.^{[622]*}

1110. b) No entanto, essa vigilância deve ser acompanhada de uma *confiança absoluta em Deus*. Porque Deus não permite que sejamos tentados acima de nossas forças, nem pede coisa alguma impossível: por vezes ele imediatamente nos dá a graça de resistir às tentações; em outras, a de orar para alcançar graças mais eficazes.^{[623]*}

Disse Mons. Olier:^[624] “*Portanto, é preciso retirar-se interiormente em Jesus Cristo para nele encontrar a força de resistir à tentação ... Ele quer que sejamos tentados para que, reconhecendo desse modo a nossa fraqueza e a necessidade que temos de seu auxílio, recolhamo-nos nele para obter as forças que nos faltam.*” Se a tentação se tornar violenta, convém colocar-se de joelhos e levantar as mãos para o céu para suplicar o auxílio divino. Acrescenta Mons. Olier: “*Digo que devemos levantar as mãos para o céu, não somente porque essa postura, por si mesma, já é oração aos olhos de Deus, mas também porque é expressão de penitência não tocar o corpo com as mãos durante todo o tempo da oração, estar disposto a sofrer todos os martírios interiores e todos os incômodos da carne, até mesmo do demônio, do que se tocar.*”

Depois de tomar todas essas preocupações, podemos estar seguros do auxílio de Deus: “*Deus é fiel: não permitirá que sejais tentados além das vossas forças, mas com a tentação ele vos dará os meios de suportá-la e sairdes dela*” (I Cor 10, 13). Não se deve temer muito a tentação antes que

venha, porque isso poderia atraí-la; também não quando ela ataca, porque, apoiados em Deus, somos invencíveis.

1111. B) A fuga das ocasiões perigosas. a) A mútua simpatia existente entre pessoas de sexos opostos cria ocasiões perigosas para os celibatários. Assim, é preciso suprimir os encontros não necessários e afastar o perigo quando o são.^[625]* Por essa razão, a direção das mulheres deve ser feita somente no confessionário, como já dissemos (nº 546). Duas coisas devem ser preservadas, a *virtude* e a *reputação*, e as duas exigem extrema reserva.

b) As crianças de aparência graciosa e de caráter alegre e afetuoso, podem converter-se em ocasião perigosa. Gosta-se de contemplá-las e acariciá-las e, se não houver vigilância, corre-se o risco de deixar-se levar por familiaridades que perturbam os sentidos. Essa é uma advertência que não deve ser desprezada, um aviso que Deus envia para fazer-nos compreender que é hora de deter-nos, se já não tivermos ido longe demais. – Lembremo-nos que cada uma dessas crianças tem seu anjo da guarda que contempla a face de Deus; que elas são templos vivos da SS. Trindade e membros de Cristo. Com isso, será mais fácil tratá-las com santo respeito, mesmo sem deixar de demonstrar-lhes muito afeto.

1112. Em geral, a humildade nos move a evitar aquele *desejo de agradar* que infelizmente prepara o caminho para muitas quedas. Esse desejo, que procede da vaidade e da necessidade de afeto, manifesta-se pela excessiva preocupação consigo mesmo, pelo cuidado meticuloso com a aparência, pelo vestuário e posturas afetadas, linguagem adocicada, olhares afetuosos, e pelo hábito de elogiar as pessoas por suas qualidades externas.^[626]* Essas maneiras de agir são rapidamente percebidas, sobretudo em clérigos jovens, sacerdote ou religioso.

1113. C) Por fim, a humildade nos dá, no trato com o diretor espiritual, uma *abertura de coração* muito necessária para evitar os laços do inimigo.

Santo Inácio, na regra treze do discernimento dos espíritos, diz-nos com razão que: “quando o inimigo da natureza humana quer enganar uma alma justa com suas astúcias e artifícios, deseja, quer realmente, que elas sejam recebidas e mantidas em segredo. Mas se essa alma revela tudo a um

confessor esclarecido, ou a outra pessoa espiritual que reconheça os ardis e enganos do inimigo, este fica contrariado, porque sabe que suas armadilhas serão desarmadas no momento em que forem detectadas e postas às claras.”^[627] É especialmente à castidade que se aplica esse sábio conselho: quando revelamos com franqueza e humildade essas tentações ao diretor espiritual, somos advertidos a tempo dos perigos a que estamos expostos e seguimos os conselhos recebidos. Ademais, tentação descoberta é tentação vencida. Mas se, confiando nas próprias luzes, nada revelamos sobre o que se passa, sob pretexto de que não é pecado, facilmente caímos nos laços do sedutor.

IV.I.II.II – A mortificação, guardiã da castidade

Já falamos sobre a necessidade e os principais exercícios da mortificação (n^{os} 755 a 790). Recordaremos aqui o que se relaciona mais diretamente ao tema de agora. Como o veneno da impureza penetra em todas as fissuras, é preciso mortificar os *sentidos exteriores, interiores, e as afeições do coração*.

1114. A) O corpo, como já explicamos (n^o 771 e segs.), precisa ser disciplinado e castigado para manter-se submetido à alma: “*castigo o meu corpo e o mantenho em servidão, de medo de vir eu mesmo a ser excluído depois de eu ter pregado aos outros*” (I Cor 9, 27).

Desse princípio é que deriva a necessidade da sobriedade e, às vezes, do jejum e de algumas práticas exteriores de penitência. Também, em certas ocasiões, sobretudo na primavera, um regime emoliente para acalmar a ebulição do sangue e o calor da concupiscência. Nada se deve desprezar para assegurar o domínio da alma sobre o corpo. Não se deve prolongar o sono. Normalmente não se aconselha ficar na cama depois de acordado, quando estamos despertos e não conseguimos mais dormir.

Cada um dos sentidos do corpo precisa ser mortificado.

1115. a) O santo Jó havia feito um pacto com seus olhos para não permitir fixá-los em qualquer pessoa que pudesse ser causa de tentação: “*Eu*

havia feito um pacto com meus olhos: não desejaria olhar nunca para uma virgem” (Jo 33, 1). O Eclesiástico (Eclo 9, 5 e 8) recomenda cuidado para não fixar os olhos em donzelas e desviá-los da mulher elegante: “*Muitos pereceram por causa da beleza feminina, e por causa dela inflama-se o fogo do desejo*” (Eclo 9, 9). Por certo todos esses conselhos são de natureza psicológica: porque a visão excita a imaginação e acende o desejo, este inclina a vontade e, se esta consente, o pecado entra na alma.

1116. b) Mortifica-se a *língua* e os *ouvidos* pela *reserva nas conversas*. Este recato nem sempre existe, mesmo entre os cristãos. O hábito de ler romances e de ir ao teatro é causa de que se fale livremente de muitas coisas, das quais se deve guardar silêncio. Também muitos gostam de estar bem informados dos pequenos escândalos mundanos. Outra vez faz-se piada de coisas mais ou menos escabrosas. Uma certa curiosidade doentia faz muitos se deleitarem com essas histórias ou piadas. A imaginação alimenta-se de tudo isso, representa-nos em detalhes as cenas descritas, estimula os sentidos, e muitas vezes a vontade acaba cedendo, deixando-se vencer pelo prazer pecaminoso. Por isso, é com razão que São Paulo adverte sobre as más companhias: “*Más companhias corrompem bons costumes*” (I Cor 15, 33). Ainda acrescenta: “*Nada de obscenidades, de conversas tolas ou levianas, porque tais coisas não convêm*” (Ef 5, 4). A experiência ensina que muitas almas puras foram pervertidas pela curiosidade doentia estimulada por conversas imprudentes.

1117. c) O tato é um sentido especialmente perigoso (nº 879). O abade Perreye havia compreendido isso muito bem, pois diz: “*Mais que nunca, Senhor, consagro a vós as minhas mãos; consagro-as fazendo escrúpulo até das menores coisas. Estas mãos que, dentro de três dias, receberão a consagração sacerdotal e que, em quatro, tocarão, erguerão, e levarão o vosso corpo e o vosso sangue. Quero respeitá-las, venerá-las como instrumentos sagrados a vosso serviço e ao serviço do altar.*”^[628] Com efeito, aquele que se lembra que pela manhã teve em suas mãos o Deus de toda santidade, sente-se mais inclinado a guardar-se de tudo quanto possa manchar sua pureza. Assim, é preciso muito recato para consigo mesmo. Para com os outros, as cortesias de praxe, cuidando para que com isso não se insinue qualquer sentimento apaixonado que revele alguma afeição

desordenada. – A um sacerdote que perguntou se era conveniente tomar o pulso de uma moribunda, São Vicente de Paulo respondeu: *“Essa prática deve ser cuidadosamente evitada, pois o espírito maligno pode valer-se dessa ocasião para tentar o vivo e até mesmo a moribunda. O maligno nesses últimos momentos se aproveita de todos os meios para arrebanhar uma alma ... Nunca ouse tocar qualquer mulher, casada ou solteira, sob qualquer pretexto.”*^[629]

1118. B) Os sentidos *internos* não são menos perigosos que os externos, pois, ainda que andemos de olhos baixos, as lembranças importunas e as imagens obsessivas não deixam de nos perseguir. São Jerônimo lamentava-se disso em sua solidão, pois, não obstante o ardor do sol e a pobreza de sua cela, via-se transportado pela imaginação para o meio das delícias de Roma.^[630]* Por isso, recomenda fortemente que se espantem *imediatamente* essas imagens: *“Nunca permita que se avulsem as sugestões do inimigo... Destrua o inimigo enquanto pequeno. Para que não tenha uma colheita de joio, corte o mal pela raiz.”* Temos que sufocar o inimigo antes que ele cresça e arrancar a cizânia antes de desenvolver-se, sob pena da alma ver-se invadida, assediada pela tentação, e o templo do Espírito Santo tornar-se um antro de demônios: *“Não deixe que o templo da SS. Trindade torne-se lugar onde os demônios dancem e as tentações façam ninhos.”*^[631]

1119. Para evitar essas imagens perigosas é muito conveniente não ler romances e peças onde se descrevam vivamente e com muita realidade as paixões humanas, sobretudo as de amor. Tais descrições sempre causam perturbação à imaginação e aos sentidos; retornam com persistência em momentos de devaneio, tornam a tentação mais viva e sedutora e, por vezes, conduzem ao consentimento. Como observa São Jerônimo, perde-se a virgindade não somente através de atos exteriores, mas também por interiores: *“Assim, a virgindade é perdida até mesmo pelo pensamento.”*^[632]

Além disso, os santos nos exortam a mortificar as imaginações e os devaneios *inúteis*. A experiência efetivamente mostra que eles são logo seguidos por imagens perigosas e sensuais. Portanto, se queremos evitar estas, não devemos nos deter voluntariamente naqueles. Dessa forma, gradualmente, conseguimos colocar a imaginação à serviço da vontade.

Tudo isso é particularmente necessário ao sacerdote que, em razão de seu próprio ofício, recebe confidências em matéria delicada. É certo que ele tem a graça de estado para não se comprazer nessas coisas, mas com a condição de que, uma vez fora do confessional, não volte a pensar voluntariamente no que ouviu. Caso contrário, colocará sua virtude em grande perigo e Deus não se obrigou a socorrer os imprudentes que se lançam no perigo: *“quem ama o perigo, nele perecerá”* (Eclo 3, 27).

1120. C) Tanto quanto a imaginação, o coração também precisa ser mortificado. Ele representa uma das mais nobres faculdades que também está exposta a perigos. Pelos votos, ou pelo sacerdócio, consagra-se o coração a Deus e renuncia-se às alegrias do lar doméstico. Todavia, o coração permanece aberto às afeições e, ainda que se receba graças especiais para mortificá-lo, estas são graças de *combate*, que exigem muita vigilância e esforço.

Além dos perigos comuns, o sacerdote encontra, no exercício de seu ministério, alguns especiais. Inconscientemente o coração se apega àquelas pessoas que eles fizeram o bem, e estas, por seu turno, sentem-se movidas a demonstrar agradecimento. Disso resultam afeições mútuas, no início sobrenaturais, mas que, se não houver vigilância, convertem-se facilmente em naturais, sensíveis e absorventes. Iludir-se é muito fácil. Diz São Francisco de Sales: *“Muitas vezes pensamos que amamos uma pessoa por Deus e amamo-la por nós mesmos. Dizemos que a amamos por Deus, mas, na realidade, amamo-la pelo consolo que encontramos em seu convívio.”* Um famoso texto, atribuído a Santo Agostinho, fala dos graus sucessivos pelos quais o amor converte-se de espiritual em carnal: *“O amor espiritual gera o amor afetuosos; o amor afetuosos, o amor dedicado; o amor dedicado, o amor terno; o amor terno, o amor carnal.”*

1121. Para evitar tal infortúnio é importante autoexaminar-se de tempos em tempos, para eventualmente identificar alguma das características de uma amizade demasiadamente natural e sensível. O Pe. Valuy resume-as assim:^[633] *“O aspecto exterior da pessoa começa a cativar os olhos e seu jeito simpático altera e faz palpitar o coração – saudações, palavras e olhares ternos, presentinhos repetidos, troca de sorrisos que revelam mais que palavras, liberalidades que pouco a pouco levam à familiaridade,*

condescendências e atenções planejadas, oferecimento de préstimos, etc. Buscar encontros reservados em locais onde olhos e ouvidos estranhos não perturbem, prolongá-los indefinidamente e renová-los sem justa causa. Falar pouco das coisas de Deus e muito de si mesmo e da mútua amizade. – Louvar-se, adular-se, desculpar-se reciprocamente. - Queixar-se amargamente dos alertas dos superiores, dos obstáculos que põem para esses encontros, das suspeitas que parecem ter ... – Quando a pessoa amiga se ausenta, sentir inquietação e tristeza. – Distrair-se na oração em razão da sua lembrança. Recomendar a pessoa algumas vezes a Deus com um fervor extraordinário, ter a sua imagem profundamente gravada na alma, estar preocupado com ela dia e noite, e até em sonho. – Perguntar com muito interesse onde ela está, o que está fazendo, quando virá, se tem amizade com outra pessoa. – Quando ela retorna, ter acessos de inusitada alegria. – Sofrer uma espécie de martírio quando devem novamente se separar. Recorrer a mil desculpas para ter ocasião de aproximar-se dela.”

A piedade das pessoas com quem tratamos não deve nos tranquilizar, porque quanto mais santas, mais nos atraem. Destarte, essas pessoas imaginam que não há nada de perigoso no afeto demonstrado ao sacerdote, e deixam-se levar sem medo. É preciso que o sacerdote saiba manter uma distância respeitosa.

IV.I.II.III – A dedicação aos estudos e deveres de estado.

1122. Uma das mortificações mais proveitosas é fugir da ociosidade, aplicando-se com ardor aos estudos eclesiásticos e ao fiel cumprimento das obrigações do próprio estado. Com isso evitam-se os perigos da ociosidade: “*a ociosidade ensina muita malícia*” (Eclo 33, 29). Para cada demônio que tenta uma pessoa ocupada, há uma centena que tenta um desocupado. Afinal, o que faz alguém quando não se ocupa em algo útil? Divaga, lê coisas fúteis, faz longas visitas, mantém conversas mais ou menos perigosas, a imaginação é preenchida com vãs fantasias, o coração se entrega a afeições sensíveis e a alma, aberta a todas as tentações, por fim sucumbe. Pelo contrário, quando absorvido com os estudos e com as obras do seu ministério, o espírito enche-se de bons e saudáveis pensamentos,^[634]* o coração inclina-se para nobres e castas afeições, não se pensa senão nas almas e a própria multiplicidade de ocupações obriga, felizmente, a não ter

qualquer intimidade com esta ou aquela pessoa. Se em algum momento surge a tentação, o domínio sobre nós mesmos, adquirido pelo trabalho assíduo, permite desviar o pensamento com muito maior rapidez: o estudo e as obras nos chamam e depressa arrancam-nos dos sonhos para voltar às realidades que ocupam o melhor de nossas vidas.

1123. Presta-se um grande favor aos seminaristas e sacerdotes quando são ensinados a amar o estudo e fugir da ociosidade e, mesmo nas férias, a saber utilizar cada momento da vida. O mesmo se diga quando se puder ajudá-los a fazer um plano de estudo para o ministério, a preparar um curso de práticas doutrinárias, a ocupar-se com alguma questão especial. Quando não há planejamento, fica-se exposto à perda de tempo. Com um programa planejado trabalha-se com maior ardor e método.

IV.I.II.IV – O amor ardente para com Jesus e sua santa Mãe

1124. Assim como o trabalho preserva nossa mente dos pensamentos perigosos, o amor de Deus guarda nosso coração das afeições sensíveis e, com isso, evitamos inúmeras tentações.

O coração do homem foi feito para amar. O sacerdócio ou o estado religioso não retiram essa característica afetiva de nossa natureza, mas ajudam a subnaturalizá-la. Se amamos a Jesus sobre todas as coisas, sentiremos muito menos desejo de direcionar nossos afetos às criaturas. Isso é o que observa São João Clímaco: *“Virtuoso é aquele que traz as belezas celestiais tão profundamente gravadas em sua alma, que não se digna fixar os olhos sobre as belezas da terra e, assim, não sente o ardor do fogo que inflama os corações dos outros.”*^[635]

1125. Mas, para produzir esse resultado, o amor de Jesus precisa ser ardente, desinteressado e absorvente. Se assim for, produz um triplo benefício: 1) Preenche de tal maneira o espírito e o coração que quase não se pensa em afetos humanos. Se em algum momento erguem-se em nós, afastamo-los dizendo com Santa Inês: *“Estou desposada Daquele a quem os anjos servem, cuja beleza até mesmo o sol e a lua contemplam.”* Claro

está que diante Daquele que possui a plenitude da beleza, da bondade e do poder, todas as criaturas ficam eclipsadas e não atraem; 2) Todavia, além disso, Jesus, que não pode suportar ídolos em nosso coração, reprovará fortemente nossos afetos naturais. Se tivermos a infelicidade de cair em razão deles, movidos pelas suas censuras teremos mais força para combatê-los; 3) Por fim, ele mesmo protege com zeloso cuidado o coração dos que a ele se entregam. Por isso, virá em nosso auxílio no momento da tentação, e nos dará forças contra as seduições das criaturas.

Esse amor generoso por Jesus é fruto da oração, de comunhões frequentes e visitas ao SS. Sacramento, e torna-se habitual e permanente através da vida de íntima união com o Senhor, como explicamos no nº 153.

1126. A esse amor por Jesus deve-se acrescentar uma profunda devoção à Virgem Imaculada. Seu nome exala pureza e parece que o simples fato de invocá-la com confiança já põe em fuga a tentação. Mas, se além disso, consagramo-nos totalmente a tão boa Mãe (nº 170 a 176), ela velará por nós como coisa de propriedade sua e nos ajudará a repelir com êxito as tentações mais perturbadoras. Assim, rezemos com devoção a oração “Ó Senhora Minha”, tão eficaz contra as sugestões impuras, e a Ave, Estrela do Mar (*Ave Maris Stella*), principalmente a estrofe:

Virgem singular,
Humilde entre todas,
Livrai-nos do pecado.
Fazei-nos mansos e puros.

E se algum dia formos derrotados na luta, devemos lembrar que o Coração Imaculado de Maria é também refúgio seguro dos pecadores; que ao invocá-la obteremos a graça do arrependimento, seguida da absolvição, e que ninguém melhor que ela pode assegurar a perseverança.

IV.II – A HUMILDADE^[636]

Essa virtude poderia, em certos aspectos, referir-se à justiça, pois inclina-nos a tratar-nos como merecemos. Não obstante, normalmente está ligada à virtude da temperança, porque *modera* o sentimento que temos de

nossa própria excelência. Assim, exporemos: 1º - Sua *natureza*; 2º - Seus *graus*; 3º - Sua *excelência*; 4º - Os *meios* de praticá-la.

IV.II.I – Natureza da Humildade

1127. 1º - A humildade é uma virtude que os pagãos não conheceram. Para eles, a humildade significava algo vil, abjeto, servil, ignóbil. Não era assim entre os judeus: iluminados pela fé, os melhores entre eles, os justos, conscientes do seu nada e da sua miséria, aceitavam com paciência a provação como meio de expiação. Então, Deus inclinava-se até eles para socorrê-los; apreciava ouvir as orações dos humildes e perdoava o pecador contrito e humilhado. Assim, quando Nosso Senhor veio para pregar a humildade e a mansidão, os judeus puderam compreender sua linguagem. Nós, depois de haver meditado nos exemplos de humildade que Jesus nos deixou em sua vida oculta, pública e sofridora, que não cessa de nos dar pela sua vida eucarística, compreendemo-la ainda melhor.

Podemos definir a humildade como: *a virtude sobrenatural que, pelo conhecimento que nos dá de nós mesmos, inclina-nos a reconhecer nosso justo valor e a buscar o aniquilamento e o desprezo.* São Bernardo define de forma mais breve:^[637] “*uma virtude pela qual o homem, através do verdadeiro conhecimento de si mesmo, torna-se desprezível aos próprios olhos.*” Esta definição será melhor compreendida ao expormos o fundamento da humildade.

1128. 2º **Fundamento.** A humildade tem um duplo fundamento: a *verdade* e a *justiça*. Pela *verdade* conhecemo-nos como realmente somos; pela *justiça*, somos inclinados a dar-nos o tratamento em conformidade com esse conhecimento.

A) Para conhecer a nós mesmos, diz Santo Tomás, é preciso ver o que em nós pertence a Deus e o que é nosso: todo o bem que há em nós procede de Deus e pertence a Deus; tudo o que é mau, ou defeituoso, vem de nós. “*Dois coisas podem ser consideradas no homem: o que é de Deus e o que é do homem. É do homem, certamente, tudo o que é falho, e é de Deus tudo o que é de salvação e perfeição.*” ^[638]

Assim, a *justiça exige*, imperiosamente, que se dê a Deus e a ninguém mais, toda a honra e toda glória: “*Ao Rei dos séculos, Deus único, invisível e imortal, honra e glória pelos séculos dos séculos!*” (I Tm 1, 17). “*Louvor, glória, sabedoria, ação de graças, honra, poder e força ao nosso Deus pelos séculos dos séculos! Amém.*” (Ap 7, 12).

Sem dúvida há algo de bom em nós: o nosso ser natural e, sobretudo, nossos privilégios sobrenaturais. A humildade não nos impede de vê-los e admirá-los. Todavia, assim como quando se admira um quadro, não é para a tela a homenagem, mas sim para o pintor que a produziu, também quando admiramos os dons e graças de Deus em nós, é para ele e não para nós mesmos que devemos dirigir o louvor.

1129. B) Além disso, nossa condição de *pecadores* condena-nos a *humilhação*. De certo modo não somos mais que *pecado*, porque nascemos no pecado e conservamos a concupiscência que nos inclina ao pecado.

a) Ao entrar no mundo já estamos contaminados com a *mancha original*, da qual somente a misericórdia de Deus pode purificar-nos.

b) E quantos pecados *atuais* já não cometemos desde o despertar da razão? Por um único pecado mortal que tenhamos cometido merecemos ser eternamente humilhados. Porém, ainda que tenhamos cometido apenas faltas *veniais*, devemos lembrar que a menor delas já é uma ofensa a Deus, uma desobediência voluntária à sua lei, um ato de revolta pelo qual preferimos o nosso querer ao de Deus. Por isso, não seria suficiente uma vida inteira de penitências e humilhações para expiá-la.

c) Destarte, mesmo depois de regenerados, conservamos dentro de nós profundas inclinações para o pecado, para todos os tipos de pecado, tanto que, de acordo com o testemunho de Santo Agostinho, se não cometemos todos os pecados do mundo, devemos isso à graça de Deus.^[639]*

Assim, por justiça devemos amar as humilhações, aceitar todas as injúrias. Se nos disserem que somos avarentos, desonestos, soberbos, devemos concordar, porque dentro de nós levamos as tendências a todos esses pecados. Por essa razão, conclui Mons. Olier que:^[640] “*nas enfermidades, perseguições, menosprezos e tribulações, sejam quais forem, devemos-nos colocar ao lado de Deus e contra nós mesmos e dizer-lhe que, por justiça, merecemos tudo isso e muito mais, que Ele tem total direito de valer-se das criaturas para castigar-nos, e que louvamos a grande*

misericórdia que nesse momento exerce sobre nós, pois sabemos bem que no tempo de sua justiça nos tratará com mais rigor.”

Esse é o duplo fundamento da humildade. Sendo nós mesmos um *nada*, devemos amar o esquecimento e o aniquilamento: *sermos desconhecidos e reconhecidos como nada*. Sendo pecadores como somos, merecemos todo o tipo de desprezo e humilhação.

IV.II.II – Diversos Graus de Humildade

Há diversas classificações, que variam de acordo com o ponto de vista adotado. Indicaremos apenas as principais, que podem ser reduzidas a três: as de *São Bento*, de *Santo Inácio* e de *Mons. Olier*.

1130. 1º - Os doze graus de São Bento. Cassiano havia distinguido dez graus na prática da humildade. São Bento completou essa divisão acrescentando mais dois. Para compreender essa ordenação deve-se ter em mente que São Bento considerava a humildade como “*uma disposição habitual da alma, que regula o conjunto das relações do monge com Deus em sua real dupla condição, de criatura pecadora e de filho adotivo.*”^[641] Baseia-se na reverência que se deve a Deus e compreende, além da humildade propriamente dita, a obediência, a paciência e a modéstia. Desses doze graus, sete referem-se a atos *interiores* e cinco a *exteriores*.

1131. Como atos interiores menciona:

1. O *temor de Deus* sempre presente aos olhos de nossa alma e que nos move a *praticar os mandamentos*: primeiramente temor do castigo, depois reverencial, que acaba, por fim, na adoração: “*O temor do Senhor é puro, subsiste eternamente*” (Sl 18, 10).

2. A *obediência* ou submissão da nossa vontade à de Deus. Se de fato temos reverência e temor de Deus, faremos a sua vontade em tudo. Essa obediência é, sem dúvida, um ato de humildade, porque manifesta a nossa dependência de Deus.

3. A *obediência aos superiores por amor a Deus*. É mais difícil submeter-se aos superiores que ao próprio Deus, pois é preciso maior

espírito de fé para ver neles a Deus e uma abnegação mais perfeita, posto que essa obediência se aplica a um número muito maior de coisas.

4. *A obediência paciente*, mesmo nas coisas mais difíceis como suportar as injúrias sem murmuração, ainda que, e sobretudo, a humilhação proceda dos superiores. Para obter sucesso deve-se pensar na recompensa celeste e nos sofrimentos e humilhações de Jesus.

5. *A confissão das faltas secretas* ao superior, inclusive pensamentos, fora da confissão sacramental.^{[642]*} ^{[643]NT} Esse ato de humildade é um poderoso freio, posto que a consciência de que deveremos revelar as faltas mais secretas muitas vezes evita a queda para o abismo.

6. *A aceitação de boa-vontade* de todas as *privações e ocupações vis*, considerando-se indigno de tais tarefas.

7. Considerar-se, com sinceridade e de coração, o último de todos os homens. Esse grau é raro, mas os santos o atingem com a convicção de que os outros, se tivessem recebido tantas graças como eles, seriam melhores.

1132. Esses atos interiores evidentemente se manifestam em atos *exteiores*, dos quais os principais são:

8. *A fuga da singularidade*: não fazer nada de extraordinário, mas contentar-se com o que é permitido pela regra comum, pelos exemplos dos antigos e pelos costumes legítimos. Querer singularizar-se é, efetivamente, um sinal de orgulho e vaidade.

9. *O silêncio*: calar quando não for perguntado ou quando não tiver alguma boa razão para dar opinião e dar oportunidade para que os outros falem. De fato, a ânsia de ter a palavra revela muita vaidade.

10. *Moderação no rir*: Não se condena o riso enquanto manifestação exterior de gozo espiritual, mas somente a riso vulgar, a gargalhada grosseira e de zombaria ou a disposição habitual de rir ruidosamente, que revela pouco respeito pela presença de Deus e pouca humildade.

11. *A descrição no falar*: ao falar, fazê-lo suave e humildemente, sem gritar, com a gravidade e sobriedade dos sábios.

12. *Modéstia na postura*: ao caminhar, sentar, ou ao manter-se de pé; olhar modestamente, sem afetação, com a cabeça levemente inclinada, pensando em Deus e julgando-se indigno de erguer os olhos ao céu: *Senhor, como pecador, não sou digno de erguer meus olhos ao céu.*

Depois de explicar os diferentes graus de humildade São Bento acrescenta que eles levam ao amor de Deus, ao amor perfeito, que exclui todo temor: *“Assim, depois de ter subido todos esses graus de humildade, o monge logo chega ao amor de Deus, aquele perfeito amor que lança fora todo temor.”* O amor de Deus é o termo para o qual a humildade conduz. O caminho é duro, mas os cumes a que ela nos leva são as mais excelsas alturas do amor divino.

1133. 2º - Os três graus de Santo Inácio. No fim da segunda semana dos Exercícios Espirituais (parágrafos 165 a 167), antes das regras para eleição, Santo Inácio propõe ao exercitante três graus de humildade, que no fundo são três graus de abnegação.

1. O primeiro *“consiste em me abater e humilhar o mais possível para obedecer em tudo à lei de Deus nosso Senhor. Ainda que me fizessem senhor de todas as coisas criadas neste mundo ou tivesse que perder a vida temporal, eu não pensaria em transgredir um mandamento divino ou humano que me obrigasse sob pena de pecado mortal.”* Esse degrau é essencial para todo cristão que quer conservar-se em estado de graça.

2. O segundo grau de humildade é mais perfeito que o primeiro: *“consiste num grau de indiferença tal da minha vontade, que não quero nem me inclino mais às riquezas que à pobreza, às honras do que a desonra, a desejar uma vida longa do que uma vida breve, supondo que tudo isso seja de igual glória para Deus nosso Senhor e de igual vantagem para a salvação de minha alma. E que assim, nem para ganhar todo o mundo, nem para salvar a própria vida eu venha a deliberar se cometerei ou não um pecado venial.”* Essa disposição que já é muito perfeita somente poucas almas chegam.

3. *“O terceiro grau de humildade é o mais perfeito, inclui os dois primeiros e consiste no seguinte: sendo igual o louvor e glória da divina Majestade, para imitar e parecer mais atualmente com Cristo nosso Senhor, eu quero e escolho mais pobreza com Cristo pobre que riquezas; injúrias com Cristo cheio delas que honras; e desejo mais ser estimado por ignorante e louco por Cristo, que primeiro foi tratado assim, do que por sábio ou prudente neste mundo.”* Esse é o grau dos perfeitos, é o amor da cruz e da humilhação em união com Jesus e por causa dele. Quem chega aqui está no caminho da santidade.

1134. 3º- Os três graus de humildade, segundo Mons. Olier. Depois de haver exposto, no catecismo cristão, a necessidade da humildade e a maneira de combater a soberba, Mons. Olier explica na “*Introducción*” os três graus de humildade interior próprios das *almas já fervorosas*.

a) O primeiro é *comprazer-se* no conhecimento de si mesmo, de sua vileza e baixeza, dos seus defeitos e pecados. O simples conhecimento das próprias misérias não é humildade. Há quem perceba os próprios defeitos, mas se entristeça com isso e busque em si mesmo alguma perfeição que acoberte a vergonha que experimenta: isso é efeito do orgulho. Quando, porém, a alma se compraz com o conhecimento das próprias misérias e ama a própria vileza e abjeção, então é verdadeiramente humilde.

Quando temos a infelicidade de cometer um pecado, certamente devemos detestá-lo, mas ao mesmo tempo amar a vileza que se revela pelo pecado. Para comprazer-se da própria miséria é preciso ter presente que esse sentimento honra a Deus. Tal efeito acontece precisamente porque nossa pequenez realça a sua grandeza e, nossos pecados, a sua santidade. Desse modo, a alma proclama que nada vale, que por si mesma é incapaz de fazer o bem, que tudo procede de Deus, tudo dele depende, e que em nós tudo deve ser operado por ele.

b) O segundo degrau é *desejar ser tido como vil*, abjeto, como nada e pecado, e ser considerado como tal aos olhos de todos. Se, de fato, após conhecer e amar nossa miséria ainda quiséssemos ser estimados pelos homens, seríamos *hipócritas*, desejando parecer melhor do que somos.

Ai de nós! Essa é a nossa tendência. Disso resulta: a tristeza que sentimos quando nossas imperfeições são descobertas; a preocupação que temos em ter sucesso em nosso trabalho e por ganhar a estima dos homens. Desejar ter essa estima é ser ladrão e salteador, é querer apropriar-se daquilo que pertence somente ao Ser Supremo. A alma humilde, pelo contrário, não se importa com o que as pessoas pensam dela, sofre quando a louvam, e preferem sofrer mil afrontas do que um único louvor, pois as primeiras estão baseadas na verdade e a última na mentira.

c) O terceiro degrau é *desejar não somente ser conhecido*, mas também *tratado como vil*, abjeto e desprezível; é receber com alegria todos os desprezos e humilhações possíveis; em uma palavra, é *desejar ser tratado como merecemos*. Afinal de contas, não se deve desprezar o nada ou quem não tem nada de louvável e, principalmente, o pecado que nos afasta do verdadeiro bem que é Deus?

Assim, quando Deus nos envia securas, desalentos interiores e sentimentos de repulsa, devemos ficar ao lado de Deus e contra nós e admitir que Ele tem razão de rejeitar as nossas obras e a nós mesmos. Do mesmo modo, quando somos maltratados pelos nossos superiores, pelos iguais e até mesmo pelos inferiores, devemo-nos alegrar como se fosse coisa muito justa, a mais benéfica para nós e a mais condizente com os desejos de Jesus Cristo. Nem sequer, *por soberba*, devemos aspirar a um posto elevado no céu. Certamente devemos querer amar a Deus tanto quanto ele deseja e ser fieis para alcançar o grau de glória e felicidade que nos preparou, mas quanto ao lugar que ocuparemos no céu, devemo-nos abandonar nas mãos de Deus.

“Então teremos alcançado o verdadeiro aniquilamento e somente restará em nós o próprio Deus vivendo e reinando.”

1135. Conclusão. Cada um dos pontos de vista expostos, seja o de São Bento, Santo Inácio ou de Mons. Olier, tem sua razão de ser. Ao diretor caberá aconselhar o mais conveniente com o estado da alma do penitente.

IV.II.III – Excelência da Humildade

Para compreender a linguagem dos santos sobre essa matéria, deve-se distinguir entre a humildade *em si mesma* e a *humildade como fundamento* das demais virtudes.

1136. 1º - Considerada *em si mesma*, segundo Santo Tomás, a humildade *é inferior às virtudes teologais*, que têm Deus diretamente por objeto, e também a algumas virtudes morais, como a prudência, a religião e a justiça legal, que visa o bem comum. Todavia é superior às demais virtudes morais (exceto talvez à obediência), pelo seu caráter universal e porque nos submete à ordem divina em todas as coisas.

1137. 2º - Se, porém, considerarmos a humildade como *chave que abre os tesouros da graça* e o *fundamento* das virtudes, então, de acordo com os

santos, é uma das mais excelentes virtudes.

A) É a chave que abre os tesouros da graça: “*porque Deus resiste aos soberbos, mas dá a sua graça aos humildes*” (I Pe 5, 5).

a) De fato, Deus sabe que a alma humilde não se enaltece com as graças que recebe, nem se envaidece com elas, mas atribui-lhe toda a glória. Assim, Deus pode derramar sobre ela a abundância dos seus dons, porque isso conduzirá a um aumento da sua própria glória. Por outro lado, vê-se obrigado a retirar a graça dos soberbos: “*Deus resiste aos soberbos*” (I Pe 5, 5), porque estes apropriam-se dela para o seu próprio proveito e transformam-na em um título de glória, o que Deus não pode suportar: “*a ninguém cederei minha glória*” (Is 42, 8).

b) Além disso, a humildade esvazia a alma do amor-próprio e da vanglória, criando assim um amplo espaço para a graça, que Deus anseia preencher. Como diz São Bernardo, há uma estreita afinidade entre graça e humildade: “*A virtude da humildade está sempre intimamente associada com a divina graça.*”^[644]

1138. B) Ela também é o *fundamento* de todas as virtudes. Se não é a mãe delas, pelo menos é quem as *nutre*. Isso por duas razões: *sem ela* não há virtude sólida; *com ela* todas as virtudes se tornam mais profundas e perfeitas.

1. Assim como o orgulho é o maior obstáculo para a fé, é certo que a humildade torna nossa na fé mais vívida, mais fácil, mais firme e até mesmo mais esclarecida: “*Eu te bendigo, Pai, Senhor do céu e da terra, porque escondeste estas coisas aos sábios e entendidos e as revelaste aos pequenos*” (Mt 11, 25). Quão mais fácil é submeter o intelecto à autoridade da fé, quando há consciência da dependência de Deus! “*Nós aniquilamos todo raciocínio e todo orgulho que se levanta contra o conhecimento de Deus*” (II Cor 10, 5). Reciprocamente, a fé nos mostra a perfeição infinita de Deus e o nosso nada, confirmando-nos na humildade.

2. O mesmo acontece com a *esperança*. O soberbo confia em si mesmo, presume demasiado de suas próprias capacidades e raramente pensa em implorar o auxílio divino. O humilde, pelo contrário, coloca toda a sua esperança em Deus, porque desconfia de si mesmo. A esperança, por sua vez, torna-nos mais humildes porque nos mostra que os bens celestiais estão

tão acima de nossas forças que, sem a ajuda onipotente da graça, não poderíamos alcançá-los.

3. A *caridade* tem por inimigo o egoísmo. Assim, o esvaziar-se de si mesmo é que aumenta o amor de Deus. Este, por sua vez, torna mais profunda a humildade, porque aprecia-se ficar eclipsados diante d'Aquele a que se ama. Com razão disse Santo Agostinho: “*Não há estrada mais sublime que a caridade, mas somente os humildes a percorrem.*”^[645] Da mesma forma, não há meio mais seguro que a humildade para praticar a caridade com o próximo, pois ela lança um véu sobre os seus defeitos e faz-nos ter compaixão das suas misérias em vez de indignar-nos com ele.

1139. 4. Quanto mais claramente compreendemos que tudo deve ser oferecido em holocausto e sacrificado por Deus, mais aperfeiçoa-se a prática da *religião*.

5. A *prudência* exige humildade: os humildes gostam de refletir e consultar antes de agir.

6. Não se pode praticar a *justiça* sem humildade, porque o orgulhoso exagera os próprios direitos em detrimentos dos do próximo.

7. Como a *fortaleza* cristã não vem de si mesmo, mas de Deus, só verdadeiramente a possuem aqueles que, tendo consciência da própria fraqueza, confiam no Único que os pode fortalecer.

8. Já vimos que a *temperança* e a *castidade* pressupõem a humildade. A *mansidão* e a *paciência* somente são bem praticadas quando sabemos aceitar as humilhações.

Assim, podemos dizer que sem humildade não há virtude sólida e duradoura e, por outro lado, através dela todas as virtudes se desenvolvem e criam raízes mais profundas na alma. Portanto, podemos concluir com Santo Agostinho: “*Queres elevar-te? Começa abaixando-te? Sonhas construir um edifício que se erga até o céu? Construa antes o fundamento sobre a humildade.*”^[646] E quanto mais elevada for a construção, mais profundos devem ser os alicerces.

IV.II.IV – Prática da Virtude da Humildade

1140. Os *principiantes* combatem de modo especial o orgulho, como dissemos nos n^{os} 838 - 844. Os *proficientes* esforçam-se por *imitar a humildade* de Nosso Senhor Jesus Cristo.

1141. 1º - Procuram *incorporar os sentimentos de Jesus humilde*. É exatamente o que nos diz São Paulo: “*Seja a atitude de vocês a mesma de Cristo Jesus, que, embora sendo Deus, não considerou que o ser igual a Deus era algo a que devia apegar-se mas esvaziou-se a si mesmo*” (Fl 2, 5-7). Assim, deve-se meditar muitas vezes, admirar e esforçar-se para reproduzir os exemplos de humildade que Jesus nos deu na sua vida *oculta*, em sua vida *pública* e em sua vida *padecente*, e que nos dá continuamente em sua vida *eucarística*.

A) Na vida oculta praticou sobretudo a *humildade do escondimento*.

a) Praticou-a antes de nascer: encerrando-se por nove meses no seio de Maria, onde oculta seus divinos atributos do modo mais completo (*esvaziou-se a si mesmo* (Fl 2, 7)); submetendo-se a um edito de César: “*Naqueles tempos apareceu um decreto de César Augusto*” (Lc 2, 1); sofrendo sem queixas os desprezos que a Mãe sofria: “*porque não havia lugar para eles na hospedaria*” (Lc 2, 7); sobretudo, sofrendo a ingratidão dos homens, que não cogitavam preparar-lhe um lugar nos corações: “*Veio para o que era seu, mas os seus não o receberam*” (Jo 1, 11).

b) Também em seu *nascimento*, onde aparece como um menino pobre, enfaixado, posto em uma manjedoura com um pouco de palha: “*achareis um recém-nascido envolto em faixas e posto numa manjedoura*” (Lc 2, 12). E esse menino era o Filho de Deus, igual ao Pai, a Sabedoria incriada.

c) Praticou-a em todas as *circunstâncias* após o seu nascimento: como uma criança comum foi circuncidado e resgatado pelo preço de duas rolas; foi obrigado a fugir para o Egito para escapar da perseguição de Herodes, quando, com uma só palavra, poderia reduzir a pó esse cruel tirano.

d) E quanto escondimento na sua vida em Nazaré! Oculto na pequena aldeia da Galileia, ajudando sua mãe nos cuidados da casa, e como aprendiz e operário. Ele, o Senhor do mundo, passou trinta anos em obediência: “*lhes era submisso*” (Lc 2, 51). Compreende-se, então, a exclamação de Bossuet: ^[647] “*Ó meu Deus, estou estupefato, pasmo! Vinde ó orgulhosos, estarrecer diante desse espetáculo! Jesus, filho de carpinteiro, ele próprio carpinteiro, conhecido por esse ofício e nada mais.*”

1142. B) Em sua vida *pública* Jesus continua a praticar o *esquecimento de si mesmo* na medida compatível com sua missão. Certamente estava obrigado a proclamar, com suas palavras e obras, que era o Filho de Deus. Todavia, fazia-o de modo discreto, moderado, claro o suficiente para que as pessoas de boa-vontade pudessem compreendê-lo, mas sem aquele brilho reluzente que força o assentimento. A humildade revela-se em toda a sua conduta.

a) Rodeia-se de apóstolos ignorantes, de baixa cultura e, por isso, pouco considerados: pescadores e um publicano. Mostra especial preferência pelos que o mundo despreza: pobres, pecadores, aflitos, os deserdados deste mundo. Vive de esmolas e não tem casa própria.

b) Seus ensinamentos são simples, acessíveis a todos, e suas comparações, assim como as parábolas, são tomadas da vida comum. Não visa ser admirado, mas apenas instruir e mover os corações.

c) Fazia *milagres* apenas *raramente*^{[648]NT} e, mesmo assim, muitas vezes recomendava aos que curava que não dissessem nada a ninguém. Nenhuma austeridade era feita para impressionar: comia como todo mundo, assistiu as bodas de Caná e a alguns banquetes que foi convidado. Fugia da popularidade e não temeu desagradar seus discípulos: “*disseram: Isto é muito duro!*” (Jo 6, 60). Quando queriam fazê-lo rei, fugia.

d) Se penetrarmos nos *seus sentimentos mais íntimos*, veremos como ele desejava viver *na dependência de seu Pai e dos homens*. A ninguém julgava por si mesmo, mas tomava o parecer do Pai: “*eu não julgo ninguém*” (Jo 8, 15). Falava somente para expressar a doutrina daquele que o enviou: “*As palavras que vos digo não as digo de mim mesmo*” (Jo 14, 10); “*A minha doutrina não é minha, mas daquele que me enviou*” (Jo 7, 16). Não fazia nada por si mesmo, mas somente em obediência ao Pai: “*De mim mesmo não posso fazer coisa alguma*” (Jo 5, 30); “*o Pai, que permanece em mim, é que realiza as suas próprias obras*” (Jo 14, 10). Também não buscava a glória pessoal, mas a do Pai, e viveu na terra somente para glorificá-lo: “*Não busco a minha glória*” (Jo 8, 50); “*Eu te glorifiquei na terra*” (Jo 14, 4). Ainda mais, sendo Senhor do mundo, fez-se servo dos homens: “*o Filho do Homem veio, não para ser servido, mas para servir*” (Mt 20, 28). Em suma, esquecido de si mesmo, sacrificou-se continuamente por Deus e pelos homens.

1143. C) Isso é ainda mais claramente evidenciado na vida *padecente*, em que praticou a humildade de *abjeção*. Ele, a santidade em pessoa, quis suportar o peso de nossas iniquidades e, por elas, sofrer a pena devida, como se fosse o culpado: *“Aquele que não conheceu o pecado, Deus o fez pecado por nós”* (II Cor 5, 21).

a) Assim, por estar coberto por nossos pecados, experimentou no horto das Oliveiras sentimentos de tristeza, desânimo e tédio: *“começou a ter pavor e a angustiar-se ... Disse-lhes: A minha alma está numa tristeza mortal.”* (Mc 14, 33 – 34).

b) Também por isso foi carregado de opróbrios. Traído por Judas, teve para com ele apenas palavras de amizade: *“Amigo, o que o traz?”* (Mt 26, 50). Abandonado por seus apóstolos, não deixou de amá-los. Amarrado e preso como um malfeitor, cura Malco, que havia sido ferido por Pedro. Entregue aos subalternos, suporta sem queixa as suas afrontas. Caluniado injustamente, não se justifica e somente fala para responder à indagação do Sumo Sacerdote, em quem respeita a autoridade divina. Sabe que sua resposta acarretará a pena de morte, mas não deixa de dizer a verdade. Tratado como louco por Herodes, não lhe diz palavra alguma e não opera qualquer milagre para reivindicar sua honra. O povo, a quem tinha feito tanto bem, escolhe Barrabás em vez dele, mas Jesus nem por isso deixa de sofrer por sua conversão. Injustamente condenado por Pilatos, permanece em silêncio, deixa-se flagelar, ser coroado de espinhos e vilipendiado como um rei teatral. Aceita sem murmurar a pesada cruz que colocam sobre os ombros e deixa-se crucificar sem palavra de protesto. Insultado com sarcasmo por seus inimigos, roga por eles e os desculpa perante o Pai. Privado das consolações celestes, abandonado pelos discípulos, ferido em sua dignidade humana, em sua reputação e honra, padeceu, como se pode constatar, todo tipo de humilhação imaginável. Por isso, com muita razão o Salmista diz: *“Eu, porém, sou um verme, não sou homem, o opróbrio de todos e a abjeção da plebe”* (Sl 21, 7). Foi por nós pecadores e em nosso lugar que padeceu, tão heroicamente, todos esses insultos sem queixa: *“Ele, ultrajado, não retribuía com idêntico ultraje; ele, maltratado, não proferia ameaças, mas entregava-se àquele que julga com justiça”* (I Pe 2, 23). Portanto, nós, tão culpados, jamais poderíamos proferir qualquer palavra de queixa, mesmo que fôssemos injustamente acusados.

1144. D) Sua vida *eucarística* reproduz estes diferentes exemplos de humildade:

a) Ainda mais que no presépio e no calvário, Jesus está ali *escondido*: “Na cruz ficou velada Tua esplêndida divindade; também jaz escondida tua humanidade.”^[649] Contudo, mesmo no fundo do tabernáculo, Ele é a causa primeira e principal de todo o bem que se faz no mundo; inspira, fortalece e consola todos os missionários, mártires e virgens. Ainda assim, escolhe permanecer escondido, *desconhecido*, *ser considerado nada*.^{[650]NT}

b) Quantas afrontas e insultos não recebe em seu sacramento de amor, não só por parte dos incrédulos que recusam acreditar em sua presença, dos ímpios que profanam seu corpo sacrossanto, mas também dos próprios cristãos que, por fraqueza ou covardia, fazem comunhões sacrílegas, e até mesmo das almas consagradas, que por vezes o esquecem, deixando-o sozinho do sacrário? “Então não pudeste vigiar uma hora comigo” (Mt 26, 40). Todavia, em vez de reclamar, continua a dizer-nos: “Vinde a mim, vós todos que estais aflitos sob o fardo, e eu vos aliviarei” (Mt 11, 28).

Sim, verdadeiramente temos em Jesus os exemplos que precisamos para sustentar-nos e para fortalecer-nos na prática de todos os gêneros de humildade. E, quando refletimos que ao mesmo tempo Cristo nos mereceu a graça de imitá-lo, quem poderá hesitar em segui-lo?

1145. 2º - Vejamos como podemos, seguindo o seu exemplo, *praticar a humildade* em relação a *Deus*, ao *próximo* e a *nós mesmos*.

A) Para com Deus, a humildade se manifesta de três maneiras:

a) Pelo espírito de *religião*, que honra em Deus a plenitude do ser e da perfeição. Fazemos isso quando reconhecemos alegre e afetuosamente que somos nada e pecado, felizes por desse modo proclamar a plenitude e a santidade do divino ser. Daí surgem sentimentos de adoração, louvor, temor filial e amor, e também aquele grito do coração: *só tu és o Santo, só tu o Senhor, só tu o Altíssimo*. Tais sentimentos brotam do coração não só quando rezamos, mas também quando contemplamos as obras de Deus: as *naturais*, em que são retratadas as perfeições do criador; as *sobrenaturais*, em que os olhos da fé desvelam-nos uma verdadeira semelhança, uma participação da vida divina.

1146. b) Pelo espírito de *gratidão*, que reconhece em Deus a *origem* de todos os dons naturais e sobrenaturais que admiramos em nós mesmos e nos outros. Então, com e como a humilde Virgem Maria, glorificamos a Deus por todo o bem que ele nos confiou: “*Minha alma glorifica ao Senhor ... porque realizou em mim maravilhas aquele que é poderoso e cujo nome é Santo*” (Lc 1, 46 e 49). Assim, em vez de nos orgulhar desses dons, atribuímos a Deus toda honra que lhe é devida e confessamos que muitas vezes os utilizamos indignamente.

1147. c) Pelo espírito *dependência*, que nos leva a confessar nossa incapacidade de fazer qualquer coisa boa por nós mesmos. Com essa convicção, nunca iniciaremos uma obra sem nos colocar sob o influxo e a direção do Espírito Santo e sem lhe pedir a graça, o único remédio para a nossa incapacidade. De modo especial, assim o fazem os diretores de almas que, no exercício de suas delicadas funções, longe de se envaidecerem com a confiança depositada pelos seus dirigidos, ingenuamente confessam sua incapacidade e tomam o conselho de Deus antes de dá-lo aos demais.

1148. B) Para com o próximo, o princípio que nos deve guiar é este: ver nele os dons naturais e sobrenaturais que Deus lhe outorgou; admirá-lo sem inveja ou ciúme. Por outro lado, lançar um véu sobre os seus defeitos e desculpá-lo na medida do possível, sempre que não houver, por obrigação de estado, o encargo de corrigi-lo. E em razão desse princípio:

a) Devemo-nos alegrar com suas virtudes e triunfos, pois tudo isso glorifica a Deus, “*Contanto que de todas as maneiras, ... Cristo seja anunciado*” (Fl 1, 18). É certo que podemos desejar possuir também essas virtudes, o que faremos pedindo ao Espírito Santo que se digne tornar-nos partícipes delas. Estabelece-se, assim, uma nobre emulação: “*Olhem os uns pelos outros para estímulo à caridade e às boas obras*” (Hb 10, 24).

b) Quando vemos o próximo cair em algum pecado, em vez de indignar-nos, devemos rogar pela sua conversão. Por outro lado, é preciso reconhecer com sinceridade que, sem a graça de Deus, teríamos caído em pecados muito mais graves (nº 1129).

1149. c) Isso é que nos permite considerar-nos inferiores aos demais: “*que a humildade vos ensine a considerar os outros superiores a vós mesmos*” (Fl 2, 3). De fato, podemos considerar principalmente, senão exclusivamente, o bem que há nos outros e o mau que há em nós.

São Francisco de Paula dava este conselho aos seus discípulos:^[651] “*Se houver empenho em conhecer-nos, descobriremos que em tudo o que pensamos, dizemos e fazemos, seja na substância ou nas circunstâncias, estamos repletos e cercados de motivos de vergonha e desprezo. E, se não nos quisermos vangloriar, reconheceremos que somos não só mais perversos que os outros homens, mas de algum modo piores que os próprios demônios do inferno. Porque se esses espíritos infelizes tivessem à sua disposição as graças e os meios que nos foram dados para ser melhores, fariam destas mil vezes melhor uso do que nós.*”

Questiona-se como é possível chegar a tal persuasão, haja vista que, objetivamente, nem sempre é verdadeira. Primeiramente, é preciso dizer que ela ocorre com todos os santos e, portanto, deve ter um fundamento sólido, que assim se explica: Diante de si mesmo o homem é seu juiz e, quando se conhece profundamente, claramente vê que é muito culpado e possui muitas más inclinações, donde conclui que deve desprezar-se. Mas, em relação aos outros, não é juiz, nem o pode ser, porque não conhece suas intenções, que são elemento essencial para julgar a conduta. Tampouco conhece o volume de graças que Deus lhes outorgou, o que também é preciso considerar na avaliação das ações. Assim, julgando severamente a si mesmo e aos outros com benignidade, chega à persuasão prática de que, no fim das contas, deve colocar-se abaixo de todos os outros.

1150. C) Para conosco, o princípio a seguir é este: apesar de vermos o bem que há em nós, para agradecer a Deus por isso, devemos, acima de tudo, considerar o que há em nós de defeituoso, o nosso nada, a nossa incapacidade, o nosso pecado, para assim conservarmos continuamente sentimentos de humilhação e vergonha.

Com ajuda desse princípio praticaremos mais facilmente a humildade, que deve abranger todo o homem: *espírito, coração e exterior*.

a) *A humildade de espírito* compreende principalmente quatro coisas:

1. Uma justa *desconfiança de si mesmo*, que nos move a não exagerar nossos talentos e a humilhar-nos por ter utilizado tão mal aqueles que Deus

nos deu. Tal é o conselho do sábio: “*Não procures o que é elevado demais para ti; não procures penetrar o que está acima de ti*” (Eclo 3, 22). O mesmo aconselhava São Paulo aos romanos: “*Em virtude da graça que me foi dada, recomendo a todos e a cada um: não façam de si próprios uma opinião maior do que convém, mas um conceito razoavelmente modesto, de acordo com o grau de fé que Deus lhes distribuiu*” (Rm 12, 3).

2. No uso que fazemos de nossos talentos, *não busquemos reluzir* ou ser estimado, mas ser útil e fazer o bem.

É o que recomendava São Vicente de Paulo aos seus missionários e, além disso, acrescentava:^[652] “*Proceder de outra maneira é pregar-se a si mesmo e não a Jesus Cristo. Aquele que prega para buscar o aplauso, o louvor, a boa estima, e para que seja uma pessoa comentada, o que faz de fato? ... Um sacrilégio, sim, um sacrilégio! Por que? Porque valer-se da palavra de Deus e das coisas divinas para alcançar honra e fama é na verdade um sacrilégio.*”

1151. 3. Praticar a *docilidade intelectual*, não somente se submetendo às decisões oficiais da Igreja, mas também aceitando cordialmente as orientações pontifícias, ainda que não infalíveis, persuadindo-nos de que essas direções são mais sábias que os nossos próprios juízos.

4. Essa docilidade ajudará a evitar a *obstinação* pelas próprias ideias em pontos controvertidos. Certamente temos o direito de adotar, nos temas livremente discutidos, a doutrina que nos pareça mais fundamentada. Todavia, não é justo que os outros tenham a mesma liberdade?

1152. b) A *humildade de coração* exige que em vez de desejar e buscar glória ou honra, fiquemos satisfeitos na posição em que nos encontramos, preferindo sempre a vida oculta do que as funções brilhantes: *amar ser desconhecido e considerado um nada*. Vai ainda mais longe: esconde tudo quanto possa suscitar a estima dos outros e deseja o último lugar, não somente nas fileiras do mundo, mas também na estima que lhe dedicam: “*vai tomar o último lugar*” (Lc 14, 10). Deseja até mesmo que na terra a nossa memória pereça totalmente.

Ouçamos São Vicente de Paulo:^[653] “*Nunca devemos pôr os olhos nem os fixar no que há de bom em nós, mas aplicar-nos em conhecer o que há de mau e defeituoso. Esta é uma maneira muito eficaz de conservar a*

humildade. Nem o dom de converter almas, nem qualquer outro talento exterior que em nós houver, é para nós. Somos somente portadores deles e, mesmo com eles, podemos certamente nos condenar. Por esta razão ninguém deve lisonjear-se ou comprazer-se em si mesmo, nem conceber qualquer autoestima, ao verificar que Deus realiza grandes coisas por seu intermédio. Antes, deve humilhar-se ainda mais e reconhecer que Deus se digna servir-se de um instrumento insignificante.”

1153. c) *A humildade exterior* deve ser unicamente a manifestação de sentimentos interiores. Mas também podemos dizer que os atos exteriores de humildade reagem sobre nossas disposições interiores, fortalecendo-as e intensificando-as. Portanto, não devemos desprezá-los, mas buscar que sejam acompanhados de verdadeiros sentimentos de humildade e, por conseguinte, humilhar ao mesmo tempo a alma e o corpo.

1. Uma moradia pobre, vestes modestas, mesmo desgastadas e até remendadas, desde que estejam limpas, favorecem a humildade. Moradia suntuosa e trajes finos facilmente sugerem sentimentos contrários a essa virtude.

2. A postura, a maneira de abordar, a expressão facial, o modo modesto e humilde de agir sem artificialidade, ajudam a praticar a humildade.^[654]* As ocupações humildes, como o trabalho manual, os consertos das roupas, produzem o mesmo resultado.

3. O mesmo se diga da condescendência demonstrada aos outros e das atitudes de deferência e cortesia.

4. Nas *conversações*, a humildade nos inclina a deixar que os outros falem das coisas que lhes interessam e a falar pouco. Sobretudo, faz com que evitemos falar de nós mesmos e de tudo quanto se refere a nós. É preciso ser santo para falar mal de si mesmo com pureza de intenção.^[655]* Falar bem de si mesmo é jactância. Também não se deve fazer extravagâncias sob pretexto de humildade. Como diz São Francisco de Sales:^[656] “*Se alguns servos de Deus se fingiram loucos para serem desprezados, é preciso admirá-los e não os imitar, porque os motivos que os levaram a esses excessos foram neles tão extraordinários e adaptados às suas disposições particulares, que ninguém pode tirar daí uma consequência para a sua vida.*”

Portanto, a humildade é uma virtude muito prática e santificante, que engloba o homem como um todo e ajuda-nos a praticar as demais virtudes, especialmente a mansidão.

IV.III – A MANSIDÃO^[657]

1154. Nosso Senhor corretamente associa a mansidão com a humildade, porque sem esta, aquela dificilmente pode ser praticada. Exporemos: 1º - Sua *natureza*; 2º - Sua *excelência*; 3º - Sua *prática*.

IV.III.I – Natureza da Mansidão

1155. 1º - Seus elementos. A mansidão é uma virtude complexa que envolve três elementos principais: **a)** certo *domínio sobre si mesmo*, que previne e modera os movimentos de ira. Neste aspecto está relacionada com a temperança; **b)** *suportar os defeitos do próximo*, que exige paciência e, portanto, a virtude da fortaleza; **c)** o *perdão* das injúrias e a *benevolência* com todos, mesmo com os inimigos. Neste aspecto supõe a caridade. Como se observa, é mais um complexo de virtudes do que uma virtude isolada.

1156. 2º - Assim, podemos definir a mansidão como *uma virtude moral sobrenatural que previne e modera a ira, suporta com paciência as fraquezas do próximo e o trata com bondade*.

A mansidão não é uma fraqueza de caráter que dissimula profundos ressentimentos sob um comportamento cortês e calmo. É uma virtude interior que reside tanto na vontade como na sensibilidade, cujo fim é fazer prevalecer a serenidade e a paz, mas também se manifesta externamente em palavras e gestos e em modos afáveis.^[658]* Ela é praticada em relação ao próximo, mas também consigo mesmo, bem como com todas as criaturas animadas e inanimadas.

IV.III.II – Excelência da Mansidão

A mansidão é uma virtude excelente *em si* e nos seus efeitos.

1157. 1º - Diz Mons. Olier^[659] que, *em si*, a mansidão é: “a consumação do cristão, porque pressupõe o aniquilamento de tudo que é próprio e a morte de todo interesse.” Por isso acrescenta: “a verdadeira mansidão dificilmente é encontrada fora daquelas almas inocentes, nas quais Jesus Cristo fez morada contínua desde que foram santamente regeneradas.” Almas penitentes raramente a possuem na sua perfeição, porque muito poucas trabalham com suficiente energia e constância para destruir os defeitos que adquiriram. Em razão disso diz Bossuet: “o verdadeiro sinal da inocência, conservada ou recuperada, é a mansidão.”^[660]

1158. 2º - O grande benefício da mansidão é fazer com que reine a paz na alma: paz com *Deus*, com o *próximo* e com *nós mesmos*.

a) Com *Deus*, porque faz com que aceitemos todos os acontecimentos, mesmo os mais desagradáveis, com calma e serenidade, como meios de progredir na virtude e, sobretudo, no amor de Deus. Diz São Paulo que: “todas as coisas concorrem para o bem dos que amam a Deus” (Rm 8, 28).

b) Com o *próximo*: porque, prevenindo e contendo os movimentos de ira, faz-nos suportar os defeitos do próximo, permitindo-nos manter com ele um bom relacionamento ou, pelo menos, não nos perturbar interiormente quando outros se irritam contra nós.

c) Com *nós mesmos*: quando cometemos alguma falta ou equívoco, não nos impacientamos ou irritamos, mas repreendemo-nos tranquila e compassivamente, sem nos espantar com nossas faltas, e aproveitamos a experiência para ser mais vigilantes. Assim, evitamos os erros daqueles que ao se verem irados “*impacientam-se com a própria impaciência e aborrecem-se com o próprio aborrecimento*”,^[661] e conservamos a paz, que é um dos bens mais preciosos.

IV.III.III – Prática da Virtude da Mansidão

1159. 1º - Os **principiantes** a praticam combatendo a ira e o desejo de vingança, bem como os movimentos passionais da alma (nº 861 a 863).

1160. 2º - As almas **avançadas** esforçam-se em imitar a mansidão que Jesus nos ensinou tão admiravelmente com suas palavras e exemplos. ^[662]

A) O Senhor atribui tanta importância a essa virtude que quis que fosse anunciada pelos profetas como uma das características do Messias, e que o cumprimento dessa profecia fosse registrado pelos evangelistas. ^[663]

1161. B) Revela-se a nós como *modelo* de mansidão e convida-nos a ser seus discípulos, porque é manso e humilde de coração (Mt 11, 20).

a) Realiza com perfeição o ideal de mansidão descrito pelos profetas. Quando prega o Evangelho, não o faz com agressividade, animosidade ou azedume, mas com paz e serenidade. Não há berros, gritos inúteis, nem palavras encolerizadas: o ruído cessa e não faz bem. Seus modos são tão amáveis que não quebra o caniço rachado, nem apaga a mecha que ainda fuma, isto é, a pequena centelha de fé e de amor que ainda resta na alma do pecador. Para atrair os homens, não é triste nem turbulento: tudo nele transpira amabilidade e convida aqueles que estão sobrecarregados de trabalhos a buscar nele repouso.

1162. b) Em relação aos *apóstolos*: 1) sua conduta é cheia de mansidão; suporta-lhes as falhas, a ignorância, a rudeza. Proceda com eles com tato, revelando-lhes apenas gradualmente a verdade, na medida que podem suportá-la, e deixa que o Espírito Santo complete sua obra. Defende-os contra as injustas acusações dos fariseus que os acusam de não jejuar, mas repreende-os quando não tratam com carinho as crianças que se comprimem à sua volta ou quando querem fazer descer fogo do céu sobre um povoado da Samaria. Quando Pedro golpeou Malco com a espada, Jesus o repreendeu, mas também o perdoou da tríplice negação e fez com que as expiasse com uma tríplice profissão de fé.

2. Além disso *aconselha* mansidão aos obreiros apostólicos. Deverão ter não somente a astúcia da serpente, mas a simplicidade das pombas. Serão como cordeiros no meio de lobos; não resistirão ao mal, mas apresentarão a face esquerda a quem lhes ferir a direita. Para não entrar em conflito, darão também a túnica a quem lhes pedir o manto e orarão por aqueles que os perseguirem.

1163. c) Os *pecadores*, mesmo os mais culpados, prontamente perdoa tão logo vê qualquer sinal de arrependimento. Com grande delicadeza obtém a confissão e a conversão da mulher samaritana. Perdoa a mulher pecadora e o bom ladrão, porque não veio para chamar ao arrependimento os justos, mas os pecadores. Como bom pastor, vai em busca da ovelha perdida e a traz em seus ombros para o redil; dá até mesmo a vida por suas ovelhas. Se às vezes fala duramente com os fariseus e escribas, é porque estes impõem aos outros um jugo insuportável, impedindo-os de entrar no Reino de Deus.

d) Trata até mesmo os próprios *inimigos* com mansidão. A Judas, que o traiu, chama-o gentilmente de amigo, e na cruz ora por seus carrascos, pedindo ao Pai que os perdoe porque não sabem o que fazem.

1164. C) Para imitar o Senhor deve-se: **a)** evitar disputas, gritos, palavras ou ações ofensivas ou grosseiras, para não afugentar os tímidos. Fazer o possível para nunca pagar o mal com o mal, evitando toda a brutalidade nos modos e nunca falar enquanto estiver irado.

b) Por outro lado, deve-se procurar tratar com boas maneiras todos os que se aproximam de nós; conservar sempre o semblante alegre e afável, mesmo quando nos cansam e entediam. Em especial, acolher com particular bondade os pobres, aflitos, doentes, pecadores, os tímidos e as crianças; suavizar com palavras ternas as repreensões que somos obrigados a fazer; servir com santa solicitude, fazendo algumas vezes até mais do que nos é pedido e, sobretudo, com boa vontade. Se necessário, estar pronto a receber bofetadas sem retribuí-las e a apresentar a face esquerda a quem bater na direita.

1165. 3º - Os perfeitos esforçam-se por imitar a mansidão do próprio Deus, conforme observa Mons. Olier:^[664] *“Ele é a mansidão por essência e, quando quer que uma alma seja partícipe dessa virtude, faz nela morada de tal modo que nada reste de carnal, nem de si mesma. A alma fica toda absorvida em Deus, em seu ser, na sua vida, em sua substância, nas suas perfeições, de modo que tudo o que faz, faz com mansidão. Mesmo que opere com zelo, agirá sempre com mansidão, pois, assim como em Deus não há amargor ou aspereza, tais coisas também já não fazem parte dela.”*

1166. Para não nos estender demasiadamente, encerramos aqui a exposição das virtudes cardeais.

a) Elas *disciplinam*, *abrandam* e aperfeiçoam todas as nossas faculdades, submetendo-as ao império da razão e da vontade. Desse modo, pouco a pouco restaura-se em nossa alma a ordem primitiva, a submissão do corpo à alma, das faculdades inferiores à vontade.

b) Fazem ainda mais: não somente removem os obstáculos que se opõem à união divina, mas *dão início* a essa união. Observe-se que a *prudência*, que adquirimos, já é uma participação da sabedoria de Deus; nossa *justiça*, uma participação de sua justiça; nossa *fortaleza* provém de Deus e une-nos a ele; nossa *temperança* faz-nos partícipes do belo equilíbrio e da harmonia que nele há. Quando *obedecemos* aos nossos superiores, é a Ele que obedecemos; a *castidade* não é senão um meio de aproximar-nos de sua infinita pureza; e nossa *mansidão* é somente uma participação da mansidão do próprio Deus.

Essa união com Deus, assim preparada pelas virtudes morais, vai aperfeiçoar-se pelas virtudes teologais, que têm o próprio Deus por objeto.

CAPÍTULO III – AS VIRTUDES TEOLOGAIS

1167. 1º - São Paulo menciona as três virtudes teologais. Considera-as um conjunto de três elementos essenciais da vida cristã e destaca sua superioridade sobre as virtudes morais.^[665] Assim, exorta os tessalonicenses a revestirem-se com a *couraça da fé e da caridade*, com o *capacete da esperança* (I Ts 5, 8), e louva-os pelas *obras de fé*, os *sacrifícios da caridade* e pela *firmeza da esperança* (I Ts 1, 3). Ao contrário dos carismas que passam, a fé, a esperança e a caridade permanecem (I Cor 13, 13).

1168. 2º - A função delas é *unir-nos* a Deus por Jesus Cristo, para fazer-nos participar da vida divina. Assim, são ao mesmo tempo *unificadoras* e *transformadoras*.

a) A fé nos *une* a Deus, *verdade infinita*, e põe-nos em *comunhão com o pensamento divino*, porque através dela conhecemos a Deus como ele se revelou. Com isso, prepara-nos para a *visão beatífica*.

b) A *esperança* nos *une* a Deus, *beatitude suprema*, e faz-nos amá-lo como *bom para nós*. Por meio dela esperamos firme e seguramente a felicidade do céu e também os meios necessários para alcançá-la; por meio dela preparamo-nos desde já para a plena posse da bem-aventurança eterna.

c) A *caridade* nos *une* a Deus, *bondade infinita*, faz-nos amá-lo como *infinitamente bom e amável em si mesmo* e estabelece entre Ele e nós uma santa amizade, que nos faz viver, desde já, da própria vida divina, porque começamos a amá-lo como ele mesmo se ama.

Esta última virtude teologal, na terra, sempre encerra as duas outras. De algum modo podemos dizer que ela é a *alma*, a *forma* ou a *vida* da fé e da esperança, sendo que estas, sem a caridade, são imperfeitas, informes e mortas. Conforme São Paulo, a fé não é completa se não for manifestada pelo amor e pelas boas obras: “*a fé que opera pela caridade*” (Gl 5, 6). A esperança é perfeita somente quando nos dá um antegozo da bem-aventurança celeste pela posse da graça santificante e da caridade.

Art. I – A VIRTUDE DA FÉ^[666]

Vamos expor: 1º - Sua *natureza*; 2º - Sua *função santificadora*; 3º - Seu *exercício progressivo*.

I.I – NATUREZA DA FÉ

Recordaremos resumidamente aqui o que expusemos em nossa Teologia Dogmática e Moral.

1169. 1º - Seu significado na Sagrada Escritura. A palavra *fé* significa quase sempre uma *adesão do intelecto à verdade*, fundamentada na *confiança*. Para crer em alguém é necessário ter confiança nele.

A) No *Antigo Testamento* apresenta-se a fé como uma virtude essencial, da qual depende a salvação ou a ruína do povo: “*Ponde vossa confiança no Senhor e estareis seguros*” (II Cr 20, 20) e “*Se não o crerdes, não subsistireis*” (Is 7, 9). Essa fé é um assentimento à palavra de Deus, acompanhada de confiança, abandono e amor.

B) No *Novo Testamento* a fé é tão essencial que crer é professar o cristianismo e, não crer, é não ser cristão: “*Quem crer e for batizado será salvo, mas quem não crer será condenado*” (Mc 16, 16). A fé é a aceitação do Evangelho pregado por Jesus Cristo e seus Apóstolos, que pressupõe a pregação: “*a fé provém da pregação*” (Rm 10, 17). Portanto, a fé não é uma intuição do coração, nem uma visão direta: “*vemos como por um espelho, confusamente*” (I Cor 13, 12); é uma adesão, livre e esclarecida, a um testemunho divino, posto que, por um lado, o homem pode negar-se a crer e, por outro, não crê sem motivos, sem a convicção interior da revelação de Deus (Fl 3, 8 – 10; I Pe 3, 15). Essa fé é acompanhada pela esperança e aperfeiçoada pela caridade: “*fé que opera pela caridade*” (Gl 5, 6).

1170. 2º - Definição. A fé é uma *virtude teologal que inclina o nosso intelecto, sob o influxo da vontade e da graça, a dar firme assentimento às*

verdades reveladas, por causa da autoridade de Deus.

A) Antes de tudo é um ato do *intelecto*, pois trata-se de conhecer uma verdade. Todavia, como esta verdade não é intrinsecamente evidente, a adesão não pode ser feita sem o influxo da *vontade*, que requer que o intelecto estude as razões de crer e, quando estas são convincentes, manda-o dar assentimento. Como se trata de um ato sobrenatural, é preciso que a *graça* intervenha, tanto para iluminar o intelecto como para ajudar a vontade. Por essas razões, a fé é um ato *livre, sobrenatural e meritório*.

B) O *objeto material* de nossa fé é o conjunto das verdades reveladas, tanto aquelas que a razão jamais poderá desvendar, com as que pode alcançar, mas que compreende melhor pela fé.

Todas essas verdades se agrupam em torno de Deus e de Jesus Cristo; de *Deus* na Unidade de sua natureza e na Trindade de suas pessoas, nosso primeiro princípio e último fim; de *Jesus Cristo*, nosso redentor e mediador, Filho do Deus eterno, feito homem para nos salvar e que, por conseguinte, levou a termo a obra redentora e tudo o que a ela se refere. Em outras palavras, cremos no que um dia veremos no céu: “*a vida eterna consiste em que conheçam a ti, um só Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo que enviaste*” (Jo 17, 3).

1171. C) O *objeto formal*, ou o que normalmente se chama *motivo* de nossa fé, é a *autoridade divina*, manifestada pela revelação que nos comunica alguns segredos de Deus. Portanto, a fé é uma virtude inteiramente sobrenatural, tanto em seu objeto como em seu motivo, que nos faz entrar em comunhão com o pensamento divino.

D) Muitas vezes a verdade revelada nos é proposta autenticamente pela *Igreja*, instituída por Jesus Cristo como intérprete oficial de sua doutrina. Assim proposta, a verdade é dita de *fé católica*. Quando não há decisão autêntica sobre uma verdade revelada, chama-se simplesmente *fé divina*.

E) Não há adesão tão *firme* quanto a da fé: tendo plena confiança na autoridade divina, muito mais que em nossas próprias luzes, com toda a nossa alma cremos na verdade revelada. E a segurança com que o fazemos aumenta na proporção com que a graça fortalece e facilita nosso assentimento. Por essa razão o assentimento à fé é mais vivo e firme que a adesão às verdades racionais.

I.II – FUNÇÃO SATIFICADORA DA FÉ

1172. A fé, assim compreendida, evidentemente exerce um papel muito importante na nossa santificação, pois, ao fazer-nos participantes do pensamento divino, torna-se a *base* da vida sobrenatural, *unindo-nos* muito intimamente a Deus.

1173. 1º - Ela é a **base** de nossa vida sobrenatural. Já dissemos que a humildade é tida como o fundamento das demais virtudes e também como essa afirmação deve ser entendida (nº 1138). Todavia, a fé é o *fundamento da humildade*, que, conforme dissemos, os pagãos não conheceram. Assim, de modo ainda mais profundo, a fé é o fundamento de todas as virtudes.

Para melhor compreensão, devemos somente comentar as palavras do Concílio de Trento que afirma que “*a fé é o princípio, o fundamento e a raiz da justificação*”^[667] e, por conseguinte, da santificação.

A) É o *princípio* da salvação porque é o meio misterioso utilizado por Deus para nos iniciar em sua vida, fazendo-nos conhecê-lo do modo como Ele se conhece a Si mesmo. De nossa parte, é a primeira disposição sobrenatural, sem a qual não podemos, nem esperar, nem amar. É, por assim dizer, a tomada de posse de Deus e das coisas divinas. Para alcançar o sobrenatural e vivê-lo, primeiramente é necessário conhecê-lo: “*ninguém deseja o que não conhece*”. Esse conhecimento nos vem pela fé, luz sobrenatural que se junta à razão e que nos permite penetrar num mundo novo, o mundo sobrenatural. É como um *telescópio* que permite enxergar coisas distantes que não podemos ver a olho nu. Todavia, essa comparação é imperfeita porque o telescópio é um instrumento de uso externo, enquanto a fé penetra no mais profundo de nossa inteligência, aumentando-lhe a acuidade e o campo de ação.

1174. B) Ela também é o *fundamento* da vida espiritual. A santidade é comparável a um edifício, muito grande e alto, do qual a fé é o fundamento. Destarte, quanto mais amplos e profundos forem os alicerces, mais alto poderá ser o edifício, sem perder sua solidez. Portanto, é muito importante fortalecer a fé das pessoas piedosas, especialmente dos seminaristas e dos

sacerdotes, para que sobre esse fundamento inabalável possa elevar-se o templo da perfeição cristã.

C) Por fim, ela é a *raiz* da santidade. As raízes buscam no solo os nutrientes necessários para o sustento e crescimento da árvore. Da mesma forma a fé, infiltrando suas raízes no mais profundo da alma e nutrindo-se ali das verdades divinas, fornece um rico alimento para a perfeição. Quando as raízes são profundas, dão também firmeza à árvore que sustentam. Assim, a alma confirmada na fé resiste às tempestades espirituais. Portanto, nada mais importante para alcançar uma perfeição elevada que possuir uma fé profunda.

1175. 2º - A fé *une-nos a Deus* e faz-nos participar do seu conhecimento e do seu viver. Trata-se do conhecimento com que Deus se conhece, comunicado ao homem de forma parcial. Diz Mons. Gay:^[668] “*Por meio da fé a luz de Deus faz-se nossa luz; sua sabedoria, nossa sabedoria; seu espírito; nosso espírito; sua vida, nossa vida.*” Ela une diretamente nosso intelecto com a sabedoria divina. Todavia, como não podemos realizar nenhum ato de fé sem intervenção da vontade, esta tem sua parcela nos felizes efeitos que a fé produz em nossa alma. Assim, podemos dizer que a fé é fonte de *luz* para o entendimento, *força* e *consolação* para a vontade, e princípio de *méritos* para toda a alma.

1176. A) É uma luz que ilumina nosso entendimento e distingue o cristão do filósofo, assim como a razão distingue o homem do animal. Há em nós três ordens de conhecimento: o *sensível*, que ocorre pelos sentidos; o *racional*, que adquirimos por meio do entendimento; o *espiritual*, ou *sobrenatural*, que adquirimos por meio da fé. Este último é muito superior aos outros dois.

a) A fé *amplia o alcance de nossos conhecimentos* sobre Deus e as coisas divinas: através da razão conhecemos muito pouco da natureza de Deus e de sua vida íntima; pela fé conhecemos que nosso Deus é um Deus vivo, que desde toda eternidade gera um Filho e que do amor mútuo do Pai e do Filho procede uma terceira pessoa, o Espírito Santo; que o Filho se fez homem para salvar-nos e que os que nele creem tornam-se filhos adotivos de Deus; que o Espírito Santo vem habitar em nossas almas, santificá-las e dotá-las de um organismo sobrenatural, com o qual podemos praticar atos

deiformes e meritórios. Tudo isso é apenas uma parte das revelações que nos foram feitas.

b) A fé nos ajuda a *aprofundar* as verdades já conhecidas pela razão. Por isso, há muito maior precisão e perfeição na moral evangélica em comparação com a moral natural.

Quando relemos o *Sermão da Montanha* verificamos: desde o princípio Nosso Senhor ousa proclamar bem-aventurados os pobres, os mansos e os perseguidos; manda que seus discípulos amem os seus inimigos, orem por eles e façam-lhes o bem. A santidade que prega não é uma santidade legal ou exterior, mas *interior*, baseada no amor de Deus e do próximo por Deus. Para estimular nosso ardor, propõe-nos o ideal mais perfeito: Deus e suas perfeições. Mas como Deus parece estar longe de nós, seu Filho desce do céu, faz-se homem e, vivendo entre nós, oferece-nos um exemplo concreto da vida perfeita que devemos levar na terra. Para dar-nos a força e a constância necessárias para tal empreendimento, não se contenta em caminhar à nossa frente, mas ele mesmo vem viver dentro de nós com sua graça e suas virtudes. Portanto, a nossa fraqueza não serve como desculpa; Ele mesmo é a nossa força e nossa luz.

1177. B) A *Epístola aos Hebreus*, no capítulo XI, mostra excelentemente que a fé é um princípio de *força*. De fato, a fé nos dá convicções profundas que fortalecem significativamente a vontade:

a) Mostra-nos o que Deus fez e continua a fazer por nós, como vive e opera em nossa alma para santificá-la; como Jesus nos incorpora a ele e faz-nos participantes de sua própria vida (nº 188 - 189). Então, com os olhos fixos no autor de nossa fé, que preferiu a cruz e as humilhações em vez do gozo e da fama (Hb 12, 2), sentimo-nos corajosos para levar a nossa cruz depois de Jesus.

b) Põe continuamente diante de nossos olhos a *eterna recompensa* que será o fruto dos sofrimentos temporais: “A nossa presente tribulação, momentânea e ligeira, nos proporciona um peso eterno de glória incomensurável” (II Cor 4, 17). Podemos dizer como São Paulo: “Tenho para mim que os sofrimentos da presente vida não têm proporção alguma com a glória futura que nos deve ser manifestada” (Rm 8, 18). Como ele, até nos regozijamos com nossas próprias tribulações (Rm 5, 3 – 5), porque

cada uma delas, pacientemente suportada, proporcionará um grau a mais de contemplação e de amor de Deus.

c) Se algumas vezes sentimos a nossa fraqueza, a fé nos lembra que Deus é a nossa força e nosso apoio, que nada temos a temer, mesmo que o mundo e o demônio unam-se contra nós: “*E esta é a vitória que vence o mundo: a nossa fé*” (I Jo 5, 4).

Isso fica evidente na transformação maravilhosa que o Espírito Santo operou na alma dos Apóstolos. A partir daquele instante, eles, antes tímidos e medrosos, armados com a força de Deus, corajosamente vão ao encontro de provações de todos os tipos, açoites, prisões, a própria morte, felizes por padecer em nome de Jesus: “*cheios de alegria, por terem sido achados dignos de sofrer afrontas pelo nome de Jesus*” (At 5, 41).

1178. C) A fé também é uma *fonte de consolação*, não somente no meio das tribulações e humilhações, mas também na dor da perda de pais e amigos. Não somos daqueles que se entristecem sem esperança; sabemos que a morte é apenas um sono, logo seguida pela ressurreição, e que trocamos uma residência temporária por uma morada eterna.

O que mais nos consola é o dogma da *comunhão dos santos*. Enquanto não nos reunirmos com aqueles que nos deixaram, permaneceremos intimamente unidos a eles em Cristo Jesus. Rogamos para que o tempo deles no purgatório seja abreviado e apressada a entrada no céu. Eles, por sua vez, tendo já certeza da própria salvação, oram fervorosamente para que, um dia, nos juntemos a eles.

1179. Por fim, é uma *fonte de muitos méritos*: **a)** O ato de fé é em si mesmo *muito meritório*, porque submete à autoridade divina o que de melhor possuímos, nosso entendimento e nossa vontade. Essa fé é ainda mais meritória na medida em que hoje em dia está sujeita a numerosos ataques e, em alguns países, os que a professam ficam expostos a ridicularizações e perseguições ainda maiores.

b) Além disso, é a fé que faz nossas *outras obras serem meritórias*, porque elas não o podem ser sem uma intenção sobrenatural e sem ajuda da graça (nº 126, 239). A fé, orientando nossa alma para Deus e para Nosso Senhor Jesus Cristo, permite-nos fazer tudo com intenções sobrenaturais.

Também é ela que, revelando a nossa incapacidade e a onipotência divina, move-nos a rezar com fervor para obter a graça.

I.III – PRÁTICA DA VIRTUDE DA FÉ

1180. Sendo a fé um *dom de Deus* e, ao mesmo tempo, uma *livre adesão* de nossa alma, é evidente que para nela progredir é necessário *oração e esforço pessoal*. Essa dupla influência tornará a fé mais esclarecida e simples, mais firme e ativa. Aplicaremos esse princípio aos diferentes graus da vida espiritual.

1181. 1º - Os **principiantes** vão procurar fortalecer sua fé.

A) Agradecerão a Deus por dom tão excelso, que é o fundamento de todos os outros, e de toda a alma repetirão com São Paulo: “*Graças sejam dadas a Deus pelo seu dom inefável!*” (II Cor 9, 15). Graças ainda maiores darão à medida que perceberem a quantidade de incrédulos que os rodeiam. Pedirão a graça de conservar tão precioso dom, apesar dos perigos que os cercam, e também pela conversão dos infiéis, hereges e apóstatas.

1182. B) Recitarão com humilde submissão e firme convicção os *atos de fé*, dizendo com os Apóstolos: “*Aumenta-nos a fé!*” (Lc 19, 5). Mas à oração deverão agregar o *estudo* ou a leitura de livros próprios para esclarecer e reforçar a fé. Em nossos tempos lê-se muito, mas quão poucos, mesmo entre cristãos esclarecidos, leem livros sérios de religião e piedade! Não é isto uma aberração? Quer-se saber tudo, exceto o único necessário.

1183. C) Evitarão tudo que possa perturbar desnecessariamente a fé: **a)** As *leituras imprudentes* onde são atacadas, ridicularizadas ou postas em dúvida, as verdades da fé.

A maior parte dos livros hoje publicados, não apenas os doutrinários, mas também os romances e as peças teatrais, contém ataques, às vezes disfarçados, às vezes abertos, contra a fé. Se não houver cuidado, pouco a pouco absorve-se o veneno da incredulidade e perde-se no mínimo

a pureza da fé, podendo-se chegar ao ponto em que, abalados por dúvidas e hesitações, não se sabe como defender-se. Sobre essa matéria deve-se observar as sábias disposições da Igreja, que compila um catálogo de livros maus ou perigosos;^{[669]NT} não se deve desprezá-lo sob pretexto de considerar-se suficientemente imune a esse perigo. De fato, nunca somos: Balmes, de espírito tão profundo e equilibrado, que tão habilmente defendeu a Igreja, forçado a ler livros heréticos para refutá-los, dizia a seus amigos: “*Sabeis quão arraigados estão em mim os sentimentos e doutrinas ortodoxas. Pois bem, apesar disso, toda vez que leio um livro proibido sempre sinto a necessidade de reavivar-me com a leitura da Bíblia, da Imitação de Cristo, ou de Luis de Granada. O que acontecerá com essa juventude insensata que se atreve a ler tudo sem qualquer precaução ou experiência? Só esse pensamento já me aterroriza.*” Obviamente o mesmo motivo deve levar-nos a fugir das conversas com os descrentes ou das suas conferências.

b) Deve-se também evitar aquele *orgulho intelectual* que quer rebaixar tudo ao nível do próprio entendimento, aceitando apenas o que entende. Recordemos que acima de nós há um Espírito infinitamente inteligente, que vê o que a nossa débil razão não pode alcançar, e que nos faz grande honra ao manifestar o seu pensamento. A partir do momento em que constatamos que Ele falou, a única atitude razoável é acolher com gratidão essa luz adicional. Se nos curvamos diante de um gênio humano que se digna dar-nos um pouco do seu conhecimento, com muito maior confiança devemos nos curvar diante da Sabedoria infinita.

1184. D) No que se refere às *tentações* contra a fé, deve-se distinguir aquelas que são *vagas* das que têm um objeto específico.

a) Quando são *vagas*, tais como esta: *Quem sabe se tudo isso é verdade?* Devem ser repelidas como moscas indesejáveis.

1. Estamos na posse da verdade, temos títulos fidedignos sobre ela: isso é suficiente.

2. Ademais, em outras ocasiões já vimos claramente que nossa fé se apoiava em fundamentos sólidos, o que também é suficiente. Não podemos ficar a cada dia suscitando dúvidas sobre coisas já comprovadas. Nas coisas da vida comum não nos detemos nas dúvidas, nas ideias malucas que atravessam a nossa mente; seguimos adiante e a certeza volta mais tarde.

3. Por fim, outros, mais inteligentes que nós, creem nessas verdades e estão convencidos de que estão bem comprovadas. Assim, submetemo-nos aos seus juízos, muito mais sábios do que o daqueles extravagantes que sentem um prazer maligno de se destacar por minar a base dos fundamentos da certeza. A essas razões de bom senso, acrescenta-se esta oração: “*Creio! Vem em socorro à minha falta de fé!*” (Mc 9, 24).

1185. b) Se forem *precisas* e concentrarem-se em determinado ponto, continuaremos a crer firmemente, pois estamos na posse da verdade. Porém, assim que possível procuraremos esclarecer a dificuldade, seja através do estudo pessoal, se tivermos o material necessário e a capacidade de compreendê-lo, seja consultando alguém instruído, apto a nos ajudar a resolver mais facilmente o caso. Destarte, se juntamos a oração ao estudo, a docilidade com a pesquisa leal, geralmente não tarda a solução.

Contudo, advirta-se que nem sempre essas ações removerão toda a dificuldade. Às vezes há objeções históricas, críticas ou exegéticas, que somente podem ser resolvidas por longos anos de estudo. Ademais, quando uma verdade já está provada com bons e sólidos argumentos, a prudência exige dar-lhe adesão até que a luz dissipe as nuvens: a dificuldade não destrói as evidências, somente revela a debilidade de nosso entendimento.

1186. 2º - As almas **adiantadas** praticam não somente a fé, mas também o *espírito de fé*, ou a vida de fé: “*O justo viverá pela fé*” (Rm 1, 17).

A) Leem o Santo Evangelho com amor, felizes em seguir Nosso Senhor a cada passo, saborear seus ensinamentos, admirar seus exemplos para imitá-los. Jesus começa a ser o centro dos pensamentos: buscam-no nas leituras e trabalhos, desejam conhecê-lo cada vez mais, para mais amá-lo.

1187. B) Habitua-se a considerar e a julgar tudo sob o ponto de vista da fé: coisas, pessoas e acontecimentos. 1) Veem a mão do Criador em todas as *obras divinas* e “ouvem-nas” dizer: “*Ele nos fez, e a Ele pertencemos*” (Sl 99, 3). Assim, em toda parte contemplam-no. 2) As *pessoas* que as rodeiam consideram como imagens de Deus, filhas do mesmo Pai celestial e suas irmãs em Jesus Cristo. 3) Os *acontecimentos*, que para os incrédulos são às vezes desconcertantes, são interpretados por eles à luz deste grande

princípio de que tudo é ordenado para os eleitos, que o bem e o mal são distribuídos para a nossa salvação e perfeição.

1188. C) Sobretudo, procuram *agir* em tudo conforme os princípios da fé: 1) Seus *juízos* baseiam-se nas máximas do Evangelho e não nas do mundo. 2) Suas *palavras* são inspiradas pelo espírito cristão e não pelo do mundo, pois suas palavras são coerentes com seus juízos e, assim, triunfam sobre o respeito humano. 3) Suas *ações* tornam-se o mais possível próximas das de Nosso Senhor, que é o seu modelo, não se deixando arrastar pelos maus exemplos do mundo. Em suma, vivem a vida de fé.

1189. D) Por fim, buscam *propagar a fé*, que os penetrou, para outros: 1) Por suas *orações*, pedindo a Deus que envie obreiros apostólicos para trabalhar na evangelização dos infiéis e dos hereges: “*Pedi, pois, ao Senhor da messe que envie operários para sua messe*” (Mt 9, 38); 2) Pelos seus *exemplos*, cumprindo as obrigações do próprio estado, de tal maneira que quem os conhecem sintam-se movidos a imitá-los; 3) Por suas *palavras*, confessando com simplicidade, sem respeito humano, que encontram na fé as *energias* para fazer o bem e o consolo no meio das tribulações; 4) Pelas suas *obras*, contribuindo com donativos e sacrifícios, e ação pessoal, para educar moral e religiosamente o próximo.

3º - Os perfeitos, cultivando os dons da *ciência* e do *entendimento*, aperfeiçoam-se ainda mais na fé, como exporemos ao tratar da *via unitiva*.

Art. II – A VIRTUDE DA ESPERANÇA

Sobre a esperança falaremos: 1º - Da sua *natureza*; 2º - Da sua *função santificadora*; 3º - Da *maneira de praticá-la*.

II.I – NATUREZA DA ESPERANÇA^[670]

1190. 1º - Diferentes significados. A) Na ordem *natural*, a esperança designa duas coisas: uma *paixão* e um *sentimento*.

a) De fato, a esperança é uma das onze paixões (nº 787). É um *movimento da sensibilidade* que tende para um *bem sensível ausente*, que pode ser alcançado, mas não sem dificuldade. b) É também um dos mais nobres *sentimentos* do coração humano, que tende para o *bem honesto ausente*, apesar das dificuldades de obtê-lo. Esse sentimento desempenha um grande papel na vida humana. É ele que sustenta o homem nos empreendimentos difíceis: o lavrador quando semeia, o marinheiro quando parte para uma longa viagem, o comerciante ou industrial quando se lançam em um negócio.

B) Mas há também uma esperança *sobrenatural* que sustenta o cristão em meio às dificuldades que se opõem à sua salvação e perfeição. Tem por objeto todas as verdades reveladas que dizem respeito à vida eterna e aos meios de conquistá-la e, como se baseia no poder e na bondade de Deus, tem uma firmeza inabalável.

1191. 2º - Elementos essenciais. Ao analisar essa virtude vemos que ela compreende três elementos principais:

a) O *amor* e o *desejo* do *bem sobrenatural*, ou seja, de Deus, nossa suprema bem-aventurança.

Aqui reside a gênese desse sentimento, pois o desejo de felicidade é universal e a fé nos ensina que só Deus pode fazer-nos felizes. Assim, amamos a Deus como fonte de nossa felicidade. É um amor *interessado*, mas *sobrenatural*, pois é dirigido a Deus conforme conhecido pela fé.

Como esse bem é difícil, instintivamente sentimos o medo de não o obter. Para superar esse temor, um segundo elemento intervém, que é a *esperança fundada* de obtê-lo.

b) Obviamente essa esperança não é baseada nas próprias forças, que são radicalmente insuficientes para alcançar esse bem, mas em Deus, no auxílio da *onipotência divina*. Dele esperamos todas as graças necessárias para nesta vida alcançar a perfeição e a salvação na outra.

c) Mas a graça exige nossa *cooperação*, do que resulta um terceiro elemento: um certo *impulso* e um *esforço sério* para mover-nos em direção a Deus e utilizar os meios de salvação que dispomos. Quanto mais elevado for o objeto de nossa esperança, mais esse esforço deve ser enérgico e constante.

1192. 3º - Definição. Pelo exposto, podemos definir a esperança como: *uma virtude teologal que nos faz desejar a Deus como nosso bem supremo, e aguardar com firme confiança, em razão da bondade e onipotência divinas, a eterna bem-aventurança, objeto da nossa esperança.*

A) O primeiro e essencial **objeto** de nossa esperança é o próprio Deus, posto que ele é a nossa bem-aventurança; Deus eternamente possuído pela clara visão e pelo amor não dividido. Porque, como diz Nosso Senhor, a vida eterna é o conhecimento, é a visão de Deus e daquele que ele enviou: *“a vida eterna consiste em que conheçam a ti, um só Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo que enviaste”* (Jo 17, 3). Mas como esse objeto não pode ser alcançado sem a ajuda da graça, a esperança também tem por objeto os auxílios sobrenaturais necessários para evitar o pecado, vencer as tentações e adquirir as virtudes cristãs, e até mesmo bens temporais, na medida em que forem úteis e necessários para nossa perfeição e salvação.

1193. B) O *motivo* sobre o qual se fundamenta a nossa esperança depende do ponto de vista com que a consideramos: **a)** se pensarmos como Escoto, que o seu ato principal é o *desejo* e o *amor de Deus*, sendo ele nossa felicidade, o motivo será a *sua bondade para conosco*; **b)** se, como Santo Tomás, pensarmos que a esperança consiste essencialmente na *expectativa* do bem difícil de obter, que é a posse de Deus, o motivo será a *onipotência auxiliadora* de Deus, que eleva as almas, desapega-as dos bens

terrenos e nutre-as com os do céu. As *promessas divinas* apenas confirmam a certeza de tal ajuda.

Assim, podemos dizer que o motivo adequado é simultaneamente a *bondade e a onipotência* de Deus.

II.II – O PAPEL DA ESPERANÇA EM NOSSA SANTIFICAÇÃO

A esperança contribui com nossa santificação de três maneiras principais: 1º - *Une-nos a Deus*; 2º - *Dá eficácia às nossas orações*; 3º - É um princípio de *atividade fecunda*.

1194. *Une-nos a Deus, desapegando-nos dos bens terrenos.* Somos atraídos pelos *prazeres sensíveis*, pelas *satisfações do orgulho*, pela *fascinação das riquezas*, e ainda pelas *alegrias naturais*, embora mais puras, da mente e do coração. A esperança, baseada numa fé viva, faz-nos ver que todos esses gozos da terra carecem de dois elementos essenciais para a felicidade: a *perfeição* e a *durabilidade*.

A) Nenhum desses bens é perfeito o bastante para satisfazer-nos. Depois de proporcionar alguns momentos de alegria, rapidamente produzem a saciedade e o enfado. Nosso coração é muito grande e tem aspirações muito amplas e elevadas para contentar-se com bens materiais que somente são meios para alcançar um fim mais excelso. Também não nos bastam os bens naturais da mente e do coração: somente o conhecimento da causa primeira é que satisfaz nosso intelecto e, o nosso coração, sempre em busca de um amigo perfeito, encontra-o só em Deus. Somente Deus é a plenitude do ser, da beleza, da bondade e do poder. Ele, que se basta plenamente a si mesmo, obviamente basta para a nossa felicidade. Tudo se resume em alcançá-lo e é precisamente a esperança que nos faz vê-lo inclinando-se para nós, para dar-se a nós. Quando compreendemos isso, nosso coração desapega-se dos bens terrenos e lança-se na Sua direção, como o ferro em direção ao imã.

1195. B) Mesmo que os bens terrenos bastassem, durariam por pouco tempo e logo a satisfação acabaria. Bem sabemos disso e esse pensamento costuma perturbar nossa alegria, mesmo enquanto a gozamos. Pelo

contrário, Deus permanece eternamente e, mesmo a morte, que nos separa de tudo, apenas une-nos mais perfeitamente a Ele. Assim, em que pese o horror natural que a morte inspira, encaramo-la com confiança, graças a esperança que temos de nos unir para sempre com o Único que nos pode fazer felizes.

1196. 2º - Combinada com a humildade, a esperança dá *eficácia às nossas orações* e, por isso, alcança-nos todas as graças que precisamos.

A) Nada mais comovente do que as prementes exortações da Sagrada Escritura para que depositemos em Deus a nossa confiança. O livro do Eclesiástico resume nestes termos a doutrina do Antigo Testamento: *“Sabei que nenhum daqueles que confiavam no Senhor foi confundido. Pois quem foi abandonado após ter perseverado em seus mandamentos? Quem é aquele cuja oração foi desprezada? Pois Deus é cheio de bondade e de misericórdia.”* (Eccl 2, 11 – 13).

B) Porém, é sobretudo no Novo Testamento que se manifesta a eficácia da confiança.

Nosso Senhor faz milagres em favor daqueles que nele confiam. Lembremo-nos de sua conduta para com o centurião (Mt 8, 10 -13); com o parálítico que, não podendo aproximar-se do Senhor, faz com que o desçam pelo teto (Mt 9, 2); com os cegos de Jericó (Mt 9, 29); com a cananéia (Mt 15, 28), que mesmo três vezes repelida, não cansa de reiterar seu pedido; com a mulher pecadora (Lc 7, 50); com o leproso que volta para agradecer-lo pela cura (Lc 17, 19). Ademais, como podemos deixar de ter confiança se o próprio Senhor, com sua autoridade, assegura-nos que nos concederá tudo quanto pedirmos ao Pai em seu nome? *“Em verdade, em verdade vos digo: o que pedirdes ao Pai em meu nome, ele vo-lo dará”* (Jo 16, 23). Este é o segredo de nossa força: quando oramos em nome de Jesus, confiando em seus méritos e satisfações, o seu sangue interpela por nós com mais eloquência que as nossas pobres orações.

C) Destarte, nada há que *honre tanto a Deus* como a confiança que nele depositamos. Com ela proclamamos o seu poder e sua bondade, e Ele, que não se deixa vencer em generosidade, corresponde à essa confiança com uma abundante efusão de graças. Concluamos, então, com o Concílio de Trento, que devemos pôr em Deus uma confiança inabalável.^[671]

1197. 3º - Por fim, a esperança também é um *princípio de atividade fecunda*. **a)** De fato, ela produz em nós *santos desejos*, especialmente o desejo do céu e o de possuir a Deus. Com efeito, o desejo imprime na alma o impulso, o movimento, o ardor necessário para alcançar o bem desejado, e sustenta nossos esforços até que o consigamos.

b) A perspectiva de uma *recompensa* que supera muito os nossos esforços *aumenta nossas energias*. Se as pessoas do mundo trabalham com tanto ardor para adquirir riquezas perecíveis, se os atletas se obrigam a árduos exercícios de treinamento, fazem esforços desesperados para ganhar uma coroa corruptível, quanto mais não deveremos nós trabalhar e padecer por uma coroa imortal? “*Todos os atletas se impõem a si muitas privações; e o fazem para alcançar uma coroa corruptível. Nós o fazemos por uma coroa incorruptível.*” (I Cor 9, 25).

1198. **c)** Dá-nos a coragem, a resistência que assegura o triunfo. Assim como não há nada mais desanimador do que lutar sem esperança de vitória, também, de modo contrário, não há nada que nos dê mais ânimo do que a *segurança do triunfo*. Esta certeza é que dá a esperança. A julgar por nós mesmos somos fracos, mas temos aliados poderosos: Deus, Jesus Cristo, a Virgem Santíssima e os santos (nº 188 e 189).

“*Se Deus é por nós, quem será contra nós?*” (Rm 8, 31). Se Jesus Cristo, que venceu o mundo e o demônio, vive em nós e comunica-nos sua força divina, não estamos seguros de triunfar com ele? Se a Virgem Imaculada, que esmagou a serpente infernal, sustenta-nos com sua poderosa intercessão, não alcançaremos toda a ajuda que desejamos? Se os amigos de Deus oram por nós, estas inúmeras orações não nos asseguram o triunfo completo? E se temos certeza da vitória, recuaremos diante dos poucos esforços necessários para conquistar a posse eterna de Deus?

II.III – PRÁTICA PROGRESSIVA DA ESPERANÇA

1199. 1º - **Princípio geral.** Para progredir nessa virtude, devemos torná-la mais *sólida* em seus fundamentos e *fecunda* em seus resultados.

A) Para torná-la mais sólida, é importante meditar muitas vezes sobre *as razões* que a embasam: o *poder de Deus* unido à sua *bondade* e às

magníficas promessas que nos fez (nº 1193). Se precisarmos algo a mais para fortalecer nossa confiança, bastará recordar as palavras de São Paulo: “*Aquele que não poupou seu próprio Filho, mas que por todos nós o entregou, como não nos dará também com ele todas as coisas? Quem poderia acusar os escolhidos de Deus? É Deus quem os justifica. Quem os condenará? Cristo Jesus, que morreu, ou melhor, que ressuscitou, que está à mão direita de Deus, é quem intercede por nós!*” (Rm 8, 32 – 34). Assim, por parte de Deus, nossa esperança é absolutamente certa. Porém, a julgar por nós temos razão para temer, porque muito longe estamos de sempre corresponder perfeitamente à graça de Deus. Portanto, o nosso esforço deve ter como objetivo fortalecer a esperança, tornando-a mais *fecunda*.

1200. B) Para atingir esse objetivo, devemos cooperar com Deus na obra da nossa santificação: “*Nós somos operários com Deus*” (I Cor 3, 9). **Deus não nos dá sua graça para substituir nossas ações pela dele; somente quer suprir nossa insuficiência. Sem dúvida, Ele é a causa primeira e principal, mas, longe de suprimir nossa atividade, quer movê-la, estimulá-la e torná-la mais eficaz.**

São Paulo compreendeu bem isso, pois disse: “*Pela graça de Deus, sou o que sou, e a graça que ele me deu não tem sido inútil. Ao contrário, tenho trabalhado mais do que todos eles; não eu, mas a graça de Deus que está comigo.*” (I Cor 15, 10). O que ele fazia, recomendava que os outros fizessem: “*Na qualidade de colaboradores seus, exortamos-vos a que não recebais a graça de Deus em vão*” (II Cor 6, 1). Sobretudo, insistia nesse ponto com seu querido discípulo Timóteo: “*Suporta comigo os trabalhos, como bom soldado de Jesus Cristo*” (II Tim 2, 3), porque ele tinha que trabalhar não só pela própria santificação, mas também pela dos outros. São Pedro não se manifesta de outro modo. Lembra aos seus discípulos que, ainda que sem dúvida tenham sido chamados à salvação, devem assegurar a vocação pela prática de boas obras: “*Portanto, irmãos, cuidai cada vez mais em assegurar a vossa vocação e eleição*” (II Pe 1, 10).

Portanto, devemos estar persuadidos de que, na obra da nossa santificação, tudo depende de Deus, mas é preciso agir como se tudo dependesse somente de nós. Com efeito, Deus jamais nos negará a sua graça e, portanto, na prática, devemos nos preocupar somente com o nosso esforço pessoal.

1201. 2º - Aplicação aos diversos graus da vida espiritual. Facilmente pode-se ver como aplicar o princípio enunciado (nº 1199) às diversas fases da vida espiritual.

A) Os *principiantes* procurarão primeiramente evitar os dois excessos contrários à esperança: a *presunção* e o *desespero*.

a) A *presunção* consiste em esperar de Deus as graças necessárias para chegar ao céu, sem colocar em prática o que ele prescreveu. Algumas vezes presume-se a bondade de Deus pensando: Deus é bom demais para condenar-me e, com isso, negligencia-se os mandamentos. Esquece-se de que, se Deus é bom, também é justo e santo e odeia a iniquidade: “*Odeio o mal, eu o detesto*” (Sl 118, 163). Outra vezes, por soberba, presume-se em excesso as próprias forças, colocando-se em meio a perigos e ocasiões de pecado, esquecendo-se de que quem se expõe ao perigo, nele sucumbe. Nosso Senhor nos prometeu a vitória, mas com a condição de vigiar e orar: “*Vigiai e orai, para que não entreis em tentação*” (Mc 14, 38). São Paulo, ainda que muito confiante na graça de Deus, adverte-nos que devemos trabalhar pela nossa salvação com temor e tremor (Fl 2, 12).

b) Outros, pelo contrário, expõem-se ao *desânimo* e até ao *desespero*. Muitas vezes tentados, às vezes vencidos na luta ou atormentados pelos escrúpulos, desanimam, pensam que jamais poderão emendar-se, e começam a perder a esperança da própria salvação. Essa é uma disposição perigosa, contra a qual devemos nos prevenir. Para isso, deve-se lembrar que São Paulo, também tentado e sabendo que, por si mesmo, não poderia resistir, abandonou-se confiantemente à graça de Deus: “*Homem infeliz que sou! Quem me livrará deste corpo que me acarreta a morte? Graças sejam dadas a Deus por Jesus Cristo, nosso Senhor!*” (Rm 7, 24 – 25). A exemplo do Apóstolo, vamos orar e seremos livres.

1202. B) Depois de evitar essas armadilhas, resta praticar o *desapego dos bens terrenos* para que os pensamentos mais vezes se voltem para o céu e para o desejo do céu. É o que nos pede São Paulo: “*Se, portanto, ressuscitastes com Cristo, buscai as coisas lá do alto, onde Cristo está sentado à direita de Deus. Afeiçoai-vos às coisas lá de cima, e não às da terra.*” (Cl 3, 1 – 2). Ressuscitados por Cristo Jesus, já não devemos buscar e apreciar as coisas da terra, mas as do céu, onde Jesus nos espera.^{[622]INT} O

céu é a pátria, a terra apenas um exílio; o céu é o nosso fim, a felicidade verdadeira, enquanto a terra somente proporciona alegrias efêmeras.

1203. 3º - Os proficientes praticam não somente a esperança, mas também a *confiança filial* em Deus, apoiando-se em Jesus Cristo, que é o centro de sua vida.

A) Incorporados a Jesus Cristo, a divina cabeça, esperam o céu com *invencível confiança*, onde Jesus lhes está preparando um lugar (*vou preparar-vos um lugar*) (Jo 14, 2), e onde em esperança já estão, na pessoa do seu Salvador: *“Porque pela esperança é que fomos salvos”* (Rm 8, 24).

a) Esperam até mesmo em meio às *adversidades* e *provações* desta vida, e repetem com o salmista: *“nada temereis, pois estais comigo”* (Sl 22, 4). De fato, Nosso Senhor, vivendo neles, conforta-os dizendo como disse aos Apóstolos: *“Tranquilizai-vos, sou eu. Não tendes medo!”* (Mt 14, 27).

Se *intrigas e perseguições* os perturbam, lembram do que dizia São Vicente de Paulo aos seus: *“Mesmo que toda a terra se levante contra nós, para destruir-nos, somente acontecerá o que for do agrado de Deus, em quem colocamos nossa esperança.”*^[673] Se forem *perdas temporais*, dizem eles com o mesmo santo: *“Tudo o que Deus faz, faz do melhor modo. Assim, devemos esperar que essa perda seja para o nosso proveito, porque procede de Deus.”*^[674] Se forem *sofrimentos físicos e morais*, consideram que eles são *bênçãos divinas*, meios providenciais para conquistar o céu à custa de algum sofrimento passageiro.

1204. b) Por essa mesma confiança eles sabem *livrar-se dos laços do prazer e do sucesso*, ainda mais perigosos que os do sofrimento. *“Quando a vida parece sorrir para as nossas esperanças terrenas, é duro desprezar essas promessas lisonjeiras que nos atraem pelo nosso lado sensível; é difícil desvencilhar-se dos laços do prazer e dizer para a felicidade que se oferece a nós: tu não me podes satisfazer.”*^[675] Todavia, o cristão lembra que as alegrias do mundo são enganosas e impedem o voo para Deus. Para escapar de seus laços, pratica mortificações positivas e, sobretudo, busca em alegrias mais puras e santificantes uma amizade mais íntima com Nosso Senhor: *“Estar com Jesus é suave paraíso.”*^[676]

c) Se é o sentimento de suas misérias e imperfeições que os inquietam, meditam nas palavras de São Vicente de Paulo: *“Vocês salientam as vossas*

misérias. Ai de nós! Quem delas não está cheio? O segredo está em conhecê-las e em amar a abjeção que as acompanha, como fazeis, sem deter-se nelas senão para estabelecer o fundamento bem firme de uma confiança em Deus. Desse modo edificareis sobre a rocha, de modo que a construção não se abale quando chegar a tempestade.”^[67] De fato, nossas misérias atraem a misericórdia divina quando a invocamos com humildade, e somente melhoram a nossa disposição para receber as graças divinas. São Vicente acrescentava que, quando Deus começa a fazer o bem a uma criatura, continua a fazê-lo até o fim, salvo se ela se tornar muito indigna. Assim, as misericórdias passadas são garantia das futuras.

1205. B) A esperança faz com que vivamos habitualmente com o espírito *no céu e para o céu*. Conforme a bela oração que a Igreja nos manda recitar no dia da Ascensão, desde já devemos morar no céu em espírito: *“vivais em espírito em meio as coisas celestiais.”* Isso significa que é pelo céu que devemos agir e sofrer; é a ele que devemos dirigir nossos desejos e corações: *“que no meio das coisas transitórias do mundo, possa o nosso coração fixar-se onde se encontra a verdadeira alegria”*. Como as alegrias da comunhão são uma antecipação da felicidade celeste, enquanto esta aguardamos, naquela buscaremos as verdadeiras consolações que nosso coração necessita.

1206. C) Esse pensamento muitas vezes nos fará pedir com confiança o dom da *perseverança final*, o mais precioso de todos os dons. Certamente não o podemos merecer, mas podemos recebê-lo da divina misericórdia. Para isso basta unir as nossas orações àquelas em que a Santa Igreja nos manda pedir a graça de uma boa morte. Por exemplo, a Ave-Maria, que tantas vezes rezamos pedindo a proteção especial de Maria no momento da morte: *“rogai por nós pecadores, agora e na hora de nossa morte.”*

4º - Os perfeitos praticam a confiança em Deus por meio do *santo abandono*, do qual falaremos ao tratar da *via unitiva*.

Art. III – A VIRTUDE DA CARIDADE^[678]

1207. A virtude da caridade sobrenaturaliza e santifica o sentimento do amor a *Deus* e ao *próximo*. Após algumas *observações preliminares* sobre o amor, falaremos: 1º - Da caridade *para com Deus*; 2º - Da caridade *para com o próximo*; 3º - Do *Sagrado Coração de Jesus*, modelo de uma e de outra.

OBSERVAÇÕES PRELIMINARES

1208. 1º - O *amor, em geral*, é um movimento, uma tendência da alma para o bem. Se é um bem *sensível*, percebido pela imaginação como agradável, o amor será sensível; se é *honesto* e conhecido pela razão como digno de estima, o amor será racional; se é *sobrenatural* e conhecido pela fé, o amor será cristão. Como se vê, o amor pressupõe o conhecimento, mas nem sempre tem proporção com ele, o que explicaremos noutra parte.

Seja qual for o tipo de amor, podemos distinguir quatro elementos principais: 1) Uma certa *simpatia* pela pessoa amada, decorrente de uma certa harmonia entre ela e nós. Esta harmonia não implica uma similaridade total entre ambos, mas uma complementariedade; 2) Um *movimento* ou *impulso* da alma para a pessoa amada, para aproximar-se dela e desfrutar da sua presença; 3) Uma certa *união ou comunhão* dos espíritos e dos corações para fazerem-se mutuamente partícipes dos bens que possuem; 4) Uma *sensação de alegria*, prazer ou bem-estar, que se experimenta com a posse do objeto amado.

1209. 2º - O *amor cristão* é aquele que é sobrenatural em seu *princípio*, em seu *motivo* e em seu *objeto*.

a) Sobrenatural em seu *princípio* pela virtude da caridade, que reside na vontade. Essa virtude, posta em ação por uma graça atual, transforma o amor honesto e o eleva a um grau superior.

b) Então, a fé fornece o *motivo sobrenatural* para santificar os afetos. Primeiramente ela os direciona para *Deus*, mostrando-o como bem supremo, infinito, o único que preenche nossas legítimas aspirações. Em seguida, direciona para as *criaturas*, apresentando-as como reflexos das perfeições divinas, de modo que, ao amá-las, amamos o próprio Deus.

c) O *objeto* de nosso amor torna-se sobrenatural desta maneira: o Deus que amamos não é o Deus abstrato da razão, mas o Deus vivo da fé; o Pai, que desde toda a eternidade gera um Filho, adota-nos como filhos; o Filho, igual ao Pai, encarna-se e faz-se nosso irmão; o Espírito Santo, amor mútuo do Pai e do Filho, derrama em nossas almas a caridade divina. As próprias criaturas não são consideradas em seu ser natural, mas tais como nos mostra a revelação: assim, os homens são para nós filhos de Deus, que é nosso Pai comum, irmãos em Jesus Cristo e templos vivos do Espírito Santo. Assim, no amor cristão tudo se sobrenaturaliza.

Conforme Santo Tomás,^[679] a caridade acrescenta ao amor a ideia de uma certa perfeição que procede da grande estima pelo objeto amado. **Portanto, toda caridade é amor, mas nem todo amor é caridade.**

1210. 3º - Podemos **definir** a caridade como a *virtude teologal que nos faz amar a Deus como Ele se ama, sobre todas as coisas, por Si mesmo, e ao próximo por amor a Deus.*

Portanto, essa virtude tem um duplo objeto: *Deus e o próximo*. Todavia, esses dois objetos são de fato um só, porque amamos as criaturas enquanto expressão e reflexo das perfeições divinas. Assim, é Deus que nelas amamos e, por isso, acrescenta Santo Tomás,^[680] que amamos o próximo porque *Deus está nele* ou ao menos para que *Deus esteja nele*.

III.I – O AMOR DE DEUS

Exporemos: 1º - Sua *natureza*; 2º - Sua *função santificadora*; 3º - O *modo progressivo de praticá-lo*.

III.I.I – Natureza do Amor de Deus

1211. O primeiro objeto da caridade é Deus, porque sendo ele a plenitude do ser, da beleza e da bondade, é infinitamente amável. É Deus, considerado, não em relação a algum atributo divino em particular, mas em toda a infinita realidade de suas perfeições. Destarte, a consideração de um único atributo, como a misericórdia, leva-nos facilmente à consideração de todas as demais perfeições. Além disso, não é necessário conhecê-lo em detalhes; as almas simples amam a *Deus* do modo que a fé lhes concedeu conhecer, sem analisar seus atributos.

Para esclarecer a noção de amor de Deus, explicaremos o *preceito* que ele impõe sobre nós, o *motivo* em que se baseia e os diferentes *graus* que percorremos para chegar ao amor puro.

1212. 1º - O preceito. A) Formulado no Antigo Testamento, renovado por Nosso Senhor e proclamado como o resumo da Lei e dos Profetas: “*Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma, de todas as tuas forças e de todo o teu pensamento*” (Lc 10, 27), o que significa que devemos amar a Deus sobre todas as coisas e com todas as potências de nossa alma.

São Francisco de Sales explica bem isso:^[681] “*É esse amor que deve prevalecer sobre todos os nossos amores e reinar sobre todas as nossas paixões; o que Deus exige de nós é que entre todos os nossos amores seja o seu o mais cordial, isto é, o que domina todo o coração; o mais afetuoso, ocupando-nos toda a alma; o mais geral, pondo em jogo todas as nossas potências; o mais alevantado, dominando todo o nosso espírito; e o mais forte, aplicando toda a nossa força e vigor*”. E conclui com um magnífico rompante de amor: “*Eu sou vosso, Senhor, nem devo pertencer senão a Vós; a minha alma é vossa, e não deve viver senão para Vós; a minha vontade é vossa, e não deve amar ninguém senão por vosso amor; o meu amor é vosso, e não deve visar senão a Vós. Devo amar-vos como meu primeiro princípio, porque vim de Vós; devo amar-vos como meu fim supremo e meu repouso, porque fui criado para Vós; devo amar-vos mais do que ao meu ser, porque este ser subsiste por Vós; devo amar-vos mais do que a mim próprio, porque vos pertenço e resido em Vós.*”

1213. B) Portanto, o preceito da caridade é muito amplo. Por si só não tem limites, porque *a medida de amar a Deus é amá-lo sem medida*. Por

isso, obriga-nos a *buscar sem cessar a perfeição* (nº 353 a 361) e deve sempre crescer, até a morte. Segundo a doutrina de Santo Tomás,^[682] a perfeição da caridade *é exigida* como um fim; devemos *querer* atingi-la. Todavia Caetano acrescenta: “*precisamente porque é fim, basta, para não faltar ao preceito, estar no estado adequado para atingir algum dia essa perfeição, mesmo que seja na eternidade. Quem quer que possua a caridade, ainda que em pequeno grau, avança para o céu, está no caminho da caridade perfeita e, portanto, evita a transgressão do preceito, que é necessário para a salvação.*”

No entanto, as almas que *aspiram à perfeição* não se contentam com esse primeiro grau. Procuram ir mais longe, esforçando-se em amar a Deus não somente com toda a sua alma, mas também com todas as suas forças. Nisto repousa o motivo da caridade.

1214. 2º - O **motivo** da caridade não é o bem que recebemos ou que esperamos receber de Deus, mas sua *infinita perfeição* ou, pelo menos, esse é o motivo *final predominante*. Outros motivos podem juntar-se a esse, como o temor saudável, a esperança, a gratidão, desde que o motivo citado seja realmente predominante. Assim, o amor-próprio, sempre que estiver *subordinado ao amor de Deus*, é conciliável com a caridade. Quando, pois, os santos condenam tão fortemente o amor-próprio, ou a autoestima, trata-se do amor *desordenado* de si mesmo.

1215. A) Todavia, não se pode admitir a opinião de Bolgeni, que sustenta que a única caridade possível e obrigatória é aquela que tem por motivo a *bondade de Deus para conosco*. Diz ele que somente podemos amar o que percebemos que está de acordo com as nossas necessidades e aspirações. O autor confundiu aquilo que somente é *condição prévia* com o real motivo da caridade. É verdade que o amor em si mesmo supõe que o objeto amado esteja em harmonia com a nossa natureza e aspirações. Todavia, o *motivo* pelo qual o amamos não é essa conveniência, mas a infinita perfeição de Deus, amada por si mesma.

Também aqui São Francisco de Sales bem expõe essa doutrina:^[683] “*E se, por uma suposição impossível, houvesse uma infinita bondade com a qual não tivéssemos ligação alguma, nem pudéssemos ter contato nem união de nenhuma espécie, ainda a apreciaríamos mais do que a nós, ...*

mas a falar com propriedade, não a amariamos, porque o amor supõe união; muito menos poderíamos exercer com ela a caridade, porque a caridade é uma forma de amizade e a amizade só pode ser recíproca: há de ter por alicerce a comunicação, e a união por fim supremo.”

1216. B) Questiona-se se não é suficiente o motivo da *gratidão* para a caridade perfeita. Convém então distinguir: se a *gratidão* não suplanta o benefício recebido para chegar ao Benfeitor, não é suficiente como motivo de caridade, posto que continua sendo interesseira. Mas, se do amor do benefício passamos para o amor do Benfeitor e o amamos por causa de sua infinita bondade, esse motivo confunde-se com o da caridade.

De fato, a *gratidão* conduz facilmente ao puro amor, porque é um sentimento muito nobre. Por esta razão a Sagrada Escritura e os santos nos falam com frequência dos benefícios de Deus, para estimular-nos ao amor da caridade. Assim, São João, depois de dizer que o perfeito amor lança fora o temor, exorta-nos a amar a Deus: “*amamos, porque Deus nos amou primeiro*” (I Jo 4, 19). De fato, quantas almas aprenderam a amar a Deus com o mais puro amor meditando no amor que Ele nos tem manifestado desde toda a eternidade, bem como no amor de Jesus para conosco em sua Paixão e na Eucaristia?

Se quisermos um critério para distinguir o amor *puro* do amor *interessado*, poderíamos dizer que o primeiro consiste em amar a Deus porque ele é *bom e o queremos bem*, e o segundo em amar a Deus porque ele é *bom para nós e nos quer bem*.

1217. 3º - Quanto aos *graus de amor*, São Bernardo os distingue em quatro:^[684] 1) Primeiramente o homem ama a si mesmo, porque é carnal e incapaz de gostar de outra coisa que não a si próprio; 2) A seguir, sentindo a sua insuficiência, começa a buscar a Deus pela fé e a amá-lo como um auxílio necessário. Nesse segundo grau, ama a Deus, mas não por Deus, e sim por si mesmo; 3) Todavia, pouco a pouco, por força desse cultivo e aproximação com Deus, considerando-o um auxílio necessário, percebe como Ele é suave e começa a amá-lo por Ele mesmo; 4) Por fim, o último grau, que poucos atingem na terra, é amar-se a si mesmo unicamente por Deus e, portanto, amar a Deus exclusivamente por Ele mesmo.

Excluindo o primeiro grau, que é somente amor de si mesmo, restam três graus de amor de Deus, que correspondem aos três graus de perfeição que já explicamos (n^{os} 340, 624 - 626).

III.I.II – Função Santificadora do Amor de Deus

1218. 1º - A caridade em si é a mais *excelente* e, por conseguinte, a mais *santificante* das virtudes. Já provamos, demonstrando que ela é a essência da perfeição, que encerra em si todas as virtudes e comunica-lhes uma perfeição especial, fazendo com que todas as suas ações se ordenem para Deus, amado sobre todas as coisas (n^{os} 310 a 319).

São Paulo afirma isso em linguagem lírica: *“Ainda que eu falasse as línguas dos homens e dos anjos, se não tiver caridade, sou como o bronze que soa, ou como o címbalo que retine. Mesmo que eu tivesse o dom da profecia, e conhecesse todos os mistérios e toda a ciência; mesmo que tivesse toda a fé, a ponto de transportar montanhas, se não tiver caridade, não sou nada. Ainda que distribuísse todos os meus bens em sustento dos pobres, e ainda que entregasse o meu corpo para ser queimado, se não tiver caridade, de nada valeria!*

A caridade é paciente, a caridade é bondosa. Não tem inveja. A caridade não é orgulhosa. Não é arrogante. Nem escandalosa. Não busca os seus próprios interesses, não se irrita, não guarda rancor. Não se alegra com a injustiça, mas se rejubila com a verdade. Tudo desculpa, tudo crê, tudo espera, tudo suporta.

A caridade jamais acabará. ... Por ora subsistem a fé, a esperança e a caridade - as três. Porém, a maior delas é a caridade.” (I Cor 13, 1 – 13).

1219. De fato, mais do que as outras virtudes, a caridade é *unificante* e *transformadora*:

a) Une a Deus a alma inteira, com todas as suas faculdades: o *espírito*, pela estima e pelo frequente pensamento em Deus; a *vontade*, por submetê-la inteiramente à vontade divina; o *coração*, subordinando todos os nossos afetos ao amor divino; nossas *energias*, colocando-as todas ao serviço de Deus e das almas.

b) Ao uni-la inteiramente a Deus, a alma se *transforma*: o amor faz-nos sair de nós mesmos, eleva-nos para Deus, move-nos a imitá-lo, a reproduzir em nós suas perfeições divinas. Com efeito, queremos ser semelhantes àquele que amamos, porque o consideramos como um modelo, e desejamos que, ao ficarmos mais parecidos com Ele, penetremos mais profundamente em sua intimidade.

1220. 2º - Pelos seus *efeitos*, a caridade contribui de forma muito eficaz para a *nossa santificação*.

a) Estabelece entre nossa alma e Deus uma certa *simpatia* ou *conaturalidade* que nos faz *compreender* e *saborear* melhor a Deus e as coisas divinas. Em razão dessa mútua simpatia, os amigos compreendem-se, estimam-se e unem-se mais intimamente. Muitas almas ignorantes, mas cheias do amor de Deus, apreciam e praticam melhor que muitos sábios as grandes verdades cristãs: este é um dos efeitos da caridade.

1221. b) *Centuplica* nossas *energias* para o bem, outorgando-nos uma força indomável para superar os obstáculos e levar-nos aos mais excelentes atos de virtude, pois “o amor é forte como a morte” (Ct 8, 6). Que força intrépida o amor não dá a uma mãe por seu filho?

Talvez ninguém tenha descrito melhor os admiráveis efeitos do amor divino como o autor da Imitação de Cristo:^[685] Alivia as nossas dores e cargas (*Porquanto, leva a carga sem lhe sentir o peso, torna doce e saboroso o que é amargo.*) Eleva-nos para Deus, porque nasceu de Deus (*porque nasceu de Deus, ... sente que somente nele pode descansar.*) Dá-nos asas para voar com alegria e realizar os atos mais perfeitos, para fazer uma total entrega de nós mesmos (*Aquele que ama, voa, vive alegre, é livre, nada o detém. Dá tudo por todos e tem tudo de todos*); por esta razão, impulsiona-nos a fazer grandes coisas e a desejar o mais perfeito (*É generoso o amor de Jesus; impele para grandes ações e excita a desejar, cada vez mais, a perfeição*); vigia sem cessar e nunca se queixa do cansaço, nem se deixa perturbar pelo temor, mas como viva chama, eleva-se sempre mais alto e atravessa com segurança por entre as dificuldades (*O amor está sempre vigilante e, mesmo no sono, não dorme. As fadigas não o cansam, nem as angústias o afligem, nem o perturba o temor; ao contrário, qual viva chama e ardente labareda, rompe as alturas e passa adiante.*)

1222. c) Produz também *grande alegria e dilata a alma*, pois trata-se de um início de posse do Soberano Bem (*o início da vida eterna em nós*), e essa posse enche a alma de alegria: “*Dá verdadeira alegria ao coração.*”^[686]

Prossegue a Imitação de Cristo: “*Não há, no céu, nem na terra, coisa mais doce, mais forte, mais sublime, mais agradável, mais ampla, mais completa e melhor* ^[687] (que o amor). A causa principal dessa alegria é que começamos a ter mais vivamente a consciência da presença de Jesus e de Deus em nós: “*Estar com Jesus é suave paraíso*”^[688]; “*Estando Vós presente, tudo se torna aprazível; mas, se Vós vos ausentais, tudo causa tédio.*”^[689]

1223. d) Essa alegria é acompanhada de uma *profunda paz*. Quando temos convicção de que Deus habita e age em nós, e exerce uma solicitude paternal, abandonamo-nos a ele com doce confiança e depositamos em suas mãos com toda segurança o cuidado de todos os nossos interesses. Dessa maneira desfrutamos de perfeita paz e serenidade: “*Vós tranquilizais o coração, dais grande paz e festiva alegria.*”^[690] Não há disposição mais favorável ao progresso espiritual que a paz interior: “*No silêncio e quietação aperfeiçoa-se a alma devota.*”^[691]

Assim, sob qualquer forma com que se considere a caridade, em si ou em seus efeitos, é a mais unificante e santificante das virtudes; é, verdadeiramente, o vínculo da perfeição. Vejamos agora como praticá-la.

II.I.III – Prática Progressiva do Amor de Deus

1224. Princípio geral. Sendo o amor o dom de si mesmo, o amor que dedicamos a Deus será tão mais perfeito quanto mais inteiramente nos dermos a ele, *sem reserva e sem retorno: com toda nossa alma, todo o coração e todas as forças*. E como na terra não podemos nos dar sem nos sacrificar, quanto mais generosamente praticarmos o *espírito de sacrifício* por amor a Deus (nº 321), mais perfeito será o nosso amor.

1225. 1º - Os principiantes praticam o amor de Deus *tentando evitar o pecado*, especialmente o mortal, e suas causas.

a) Portanto, praticam o *amor penitente*, arrependendo-se amargamente por ter ofendido a Deus e roubado com isso a sua glória (nº 743 - 745).

Esse tipo de amor produz dois efeitos: 1) afasta-nos cada vez mais do pecado e do objeto do prazer que nos havia escravizado; 2) reconcilia-nos e une-nos a Deus, não só pela renúncia ao pecado, o maior obstáculo à união divina, mas também inserindo em nossos corações sentimentos de contrição e humilhação. Esses sentimentos já são um começo de amor e, com a ação da graça, por vezes transformam-se em perfeito amor. Porque, como diz São Francisco de Sales: “O *amor imperfeito deseja e reclama Deus, a penitência busca-o e encontra-o, e o amor perfeito abraça-o e estreita-o.*” De qualquer modo, nossos pecados são tão mais perfeitamente perdoados quanto maior for a intensidade do nosso amor.

1226. b) Também praticam o primeiro grau do *amor de conformidade com a vontade divina* ao obedecer aos mandamentos de Deus e da Igreja e ao suportar com coragem as provações que a Providência lhes envia para ajudá-los na purificação de suas almas.

c) Logo o amor torna-se *grato*. Percebendo que, apesar dos pecados, Deus não cessa de cumulá-los de benefícios e que lhes concede, assim que se arrependem, um perdão tão liberal, passam a expressar uma gratidão sincera e profunda, a louvar a bondade divina e a esforçar-se para melhor aproveitar as graças recebidas. Esse sentimento já é nobre, um excelente preparo para o amor puro. Facilmente nos elevamos do benefício recebido ao amor do benfeitor e desejamos que sua bondade seja reconhecida e louvada por todo o mundo, o que já é amor de caridade.

1227. 2º - As almas em progresso praticam o amor de *complacência*, de *benevolência*, de *conformidade com a vontade de Deus* e, desse modo, chegam ao amor de *amizade*.

A) O *amor de complacência*^[692] nasce da fé e da reflexão. **a)** Pela fé sabemos e pela meditação convencemo-nos de que Deus é a plenitude do ser e da perfeição, da sabedoria, do poder, da bondade. Basta um pouco de boa-vontade para comprazer-se inevitavelmente com essa infinita perfeição. Regozijamos ao ver como Deus é tão rico de todos os bens. A felicidade divina causa-nos mais alegria que a nossa e externamos nossa alegria com atos de admiração, aprovação e congratulação.

b) Desse modo atraímos a nós as perfeições divinas. Deus torna-se o nosso Deus; dá-nos por alimento as suas perfeições, sua bondade, sua doçura, sua vida divina, e nosso coração alimenta-se das coisas que lhe agradam. Assim, somos enriquecidos com as divinas perfeições, que passamos a possuir pelo amor de complacência.

1228. c) Todavia, ao atrairmos as perfeições divinas, atraímos o próprio Deus e *entregamo-nos inteiramente a Ele*, como explica muito bem São Francisco de Sales:^[693]

“Por este santo amor de complacência gozamos dos bens que há em Deus como se fossem nossos. E porque as perfeições divinas são mais fortes que o nosso espírito, entrando n’Ele o possuem reciprocamente, não dizemos somente que Deus é nosso por complacência, mas também que somos Dele. ... Em suma, Teótimo, a alma que vive no exercício do amor de complacência, exclama perpetuamente em seu sagrado silêncio: Basta-me que Deus seja Deus, que sua bondade seja infinita, e a sua perfeição imensa; que eu morra ou viva, pouco me importa, pois o meu Amado vive eternamente numa vida triunfante. ... À alma que ama, basta-lhe que Aquele a quem ama mais que a si mesma, seja cumulado de bens eternos, pois vive mais naquele que ama do que naquele que a anima.”

1229. d) Ao contemplar o sofrimento de Jesus esse amor transforma-se em *compaixão* e *condolência*. A alma devota, ao ver o abismo de tribulações e angústias em que este amante divino está imerso, não pode deixar de compartilhar com ele a sua dor santamente amorosa. Foi isso que atraiu os estigmas sobre São Francisco de Assis e as chagas do Salvador sobre Santa Catarina de Sena. A complacência produziu a compaixão e, a compaixão, uma chaga semelhante à do amado.

1230. B) Do amor de complacência nasce o amor de *benevolência*, que é um desejo ardente de glorificar e de fazer glorificar aquele que amamos, o que se pode fazer de duas maneiras em relação a Deus.

a) No que diz respeito à Sua *perfeição intrínseca*, somente podemos praticá-la de um modo *hipotético*, dizendo, por exemplo: “Se, por absurdo, houvesse possibilidade de obter-te algum bem, desejaria isso sem cessar,

ainda que custasse minha vida. Se, sendo o que és, pudesses receber algum aumento de bem, desejaria de todo coração que o obtivesse.”

1231. b) No que se refere à sua *glória extrínseca*, desejamos de forma absoluta que ela cresça em nós e nos outros. Para isso, queremos conhecê-lo e amá-lo melhor para fazê-lo cada vez mais conhecido e amado. E, para que esse amor não seja puramente especulativo, esforçamo-nos por estudar em detalhes as belezas e perfeições divinas, para louvá-las e glorificá-las, sacrificando estudos e ocupações eventualmente mais agradáveis.

Então, cheios de estima e admiração por Deus, desejamos que o seu santo nome seja bendito, exaltado, louvado, honrado e adorado no mundo inteiro. Como por nós mesmo não somos capazes de fazê-lo perfeitamente, convidamos todas as criaturas a louvar e bendizer o seu Criador: “*Obras do Senhor, bendizei todas o Senhor*” (Dn 3, 57). Elevamo-nos ao céu em espírito para unir-nos ao coro dos anjos e dos santos, para cantar com eles: “*Santo, santo, santo é o Senhor*” (Ap 4, 8). Também nos unimos à SS. Virgem que, elevada acima dos anjos, rende a Deus mais louvor que todas as criaturas, e com ela repetimos: “*Minha alma glorifica ao Senhor*” (Lc 1, 46). Sobretudo, unimo-nos ao Verbo Encarnado, o grande religioso do Pai que, por ser Deus e homem, rende à SS. Trindade louvores infinitos.

Por fim, unimo-nos ao próprio Deus, ou seja, às três pessoas divinas que mutuamente se louvam e congratulam: “*Então exclamamos: ‘Glória ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo’; e para que se saiba que não é a glória dos louvores criados que desejamos a Deus por esta aspiração, mas sim a glória essencial que Ele possui em si mesmo, por si mesmo, de si mesmo, e que é Ele mesmo, acrescentamos: “Assim como era no princípio agora e sempre, por todos os séculos dos séculos. Amém!”; como se por esta aspiração disséssemos: Que para sempre Deus seja glorificado pela glória que possuía antes de todas as criaturas, na sua infinita eternidade e eterna infinidade.*”^[694]

São sobretudo os *sacerdotes e religiosos* que se sentem compelidos, pelos seus votos ou sacerdócio, a promover a glória de Deus. Devorados pelo desejo de glorificá-lo, não cessam, mesmo no meio de suas ocupações, de bendizê-lo e louvá-lo, e não tem outra ambição no seu ministério: propagar o Reino de Deus e trabalhar para que seja eternamente louvado Aquele que amam como sua única herança.

1232. C) O amor de benevolência manifesta-se pelo *amor de conformidade*: nada é mais eficaz para aprofundar o reino de Deus na alma que cumprir a vontade de Deus: “*Seja feita a vossa vontade assim na terra como no céu.*” O amor, acima de tudo, é a união, a fusão de duas vontades em uma única. Como somente a vontade de Deus é boa e sábia, evidentemente devemos conformar a nossa vontade à Dele: “*Não se faça, todavia, a minha vontade, mas sim a tua*” (Lc 22, 42).

Essa conformidade inclui, como explicamos nos n^{os} 480 a 492, a obediência aos mandamentos, aos conselhos, às inspirações da graça e uma humilde e afetuosa submissão aos acontecimentos providenciais, felizes ou infelizes: fracassos, humilhações, toda sorte de provações que somente são enviadas para a nossa santificação e para glória de Deus. Por outro lado, a conformidade produz *santa indiferença* a tudo que não tenha relação com o serviço de Deus. Persuadidos de que Deus é tudo e a criatura nada, desejamos somente Deus, seu amor e sua glória, e a nossa vontade fica indiferente a tudo o mais. Não se trata de uma insensibilidade estoica, pois continuamos a sentir as inclinações para as coisas que nos agradam; trata-se de uma indiferença de estima e de vontade. Também não é o “*deixar-se levar*” dos quietistas. Não nos tornamos indiferentes em relação à nossa salvação. Pelo contrário, desejamo-la ardentemente, mas somente quando esteja em conformidade com a vontade divina.

Esse santo abandono produz uma *paz profunda*. Sabemos que nada nos pode acontecer que não seja útil para a nossa santificação: “*sabemos que todas as coisas concorrem para o bem daqueles que amam a Deus*” (Rm 8, 28). Por isso, abraçamos com alegria as provações e as cruzes por amor ao divino Crucificado e para mais nos assemelhar a ele.

Assim, a perfeita conformidade com a vontade de Deus, diz Bossuet:^[695] “*faz-nos repousar tanto na dor como na alegria, conforme seja do agrado Daquele que sabe o que nos convém. Faz-nos repousar, não em nossa própria satisfação, mas na de Deus, rogando-lhe que lhe sejamos agradáveis e que faça sempre de nós o que lhe agradar.*”

1233. D) Essa conformidade nos conduz à *amizade com Deus*. Destarte, a amizade abarca, além da benevolência, a *reciprocidade* ou o *dom mútuo* de dois amigos; é exatamente o que ocorre na caridade.

Diz São Francisco de Sales^[696]: “Sim, esta amizade é uma verdadeira amizade porque é recíproca, pois Deus amou eternamente todo aquele que o amou, o ama ou amará temporalmente; é declarada e reconhecida mutuamente, porque Deus não pode ignorar o amor que lhe temos, visto ser ele mesmo que no-lo dá; nem também podemos ignorar o que ele tem por nós, pois que ele bem o publicou ...; enfim, estamos em perpétua comunicação com ele, pois não cessa de falar aos nossos corações pelas inspirações, atrativos e movimentos sagrados”. E acrescenta: “esta amizade não é simples amizade, mas amizade de dileção, pela qual fazemos eleição de Deus para amá-lo com um amor particular.”

1234. Essa amizade consiste na entrega que Deus faz de si mesmo e da que nós lhe fazemos por nós mesmos. Vejamos, pois, como é o amor de Deus para conosco para entender como deve ser nosso amor para com Ele.

a) O amor que Ele tem por nós é: 1) *eterno*: “amo-te com eterno amor” (Jr 31, 3); 2) *desinteressado*, porque, bastando-se plenamente a si mesmo, somente nos ama para fazer-nos bem; 3) *generoso*, porque Ele se dá inteiramente e vem habitar como amigo em nossa alma (nº 92 - 97); 4) *anterior ao nosso*, não somente porque nos amou primeiro, mas também porque solicita nosso amor e implora por ele, como se precisasse de nós: “achando as minhas delícias junto aos filhos dos homens” (Pr 8, 31). Alguma vez poderíamos sonhar com tal delicadeza de sentimentos?

1235. b) Portanto, devemos corresponder a esse amor com um amor mais perfeito possível: “Quem não amaria Aquele que tanto nos amou!”^[697]

1. Esse amor deverá ser *sempre progressivo*. Como não foi possível amá-lo desde toda a eternidade e sem jamais poder amá-lo tanto quanto Ele merece, devemos ao menos amá-lo cada dia mais, sem pôr limites à nossa afeição, nem negar qualquer sacrifício que nos peça, e procurar agradá-lo em tudo: “porque faço sempre o que é do seu agrado” (Jo 8, 29).

2. Deverá ser *generoso*, revelando-se não somente em piedosos afetos, frequentes jaculatórias e simples atos de amor, tais como “Eu vos amo com todo o meu coração”, mas também em ações, sobretudo a entrega total de nós mesmos. É necessário que Deus seja o centro de todo o nosso ser: do *intelecto*, pelo frequente pensar Nele; da *vontade*, pela humilde submissão aos Seus mínimos desejos; da *sensibilidade*, não permitindo que o coração

se prenda em qualquer afeto que possa ser obstáculo ao amor de Deus; de *todas as nossas ações*, esforçando-nos em fazê-las para agradá-lo.

3. Será *desinteressado*, amando muito mais a Deus que os seus dons. Por isso, o amaremos tanto na desolação quanto na consolação, repetindo muitas vezes que queremos amá-lo, e amá-lo por si mesmo. Desse modo é que, não obstante nossa fraqueza, tentaremos corresponder à Sua amizade.

III.II – A CARIDADE PARA COM O PRÓXIMO

Depois de expormos a *natureza* dessa virtude e sua função *santificadora*, indicaremos a *maneira* de praticá-la.

III.II.I – Natureza da Caridade Fraterna

1236. A caridade fraterna, como já dissemos, também é virtude *teologal*, porque é a Deus mesmo que amamos no próximo ou, dito de outra maneira, amamos o próximo por Deus. Se amássemos o próximo *unicamente por ele mesmo*, ou pelos serviços que pode nos prestar, não seria caridade.

A) O que se deve ver no próximo é *Deus*, que nele se manifesta pelos dons *naturais*, que são uma participação do seu ser e atributos, e pelos dons *sobrenaturais*, que são uma participação de sua natureza e da sua vida (nº 445). Como a caridade é uma virtude sobrenatural, o motivo da nossa caridade deve ter em vista as qualidades *sobrenaturais*. Porém, se forem consideradas também as qualidades naturais do próximo, deve-se vê-las com os olhos da fé, ou seja, enquanto sobrenaturalizadas pela graça.

1237. B) Para entender melhor o verdadeiro motivo da caridade fraterna, pode-se *analisá-la* considerando os homens em suas relações com Deus. Então, veremos que eles são *filhos de Deus, membros de Jesus Cristo, coerdeiros do mesmo reino celeste* (nºs 93, 142 - 149).

Mesmo que não estejam em estado de graça ou não tenham fé, são chamados a possuir esses dons sobrenaturais e o nosso dever é contribuir, pelo menos com a oração e o exemplo, para a sua conversão. Essa é uma

fortíssima razão para amá-los como irmãos. As divergências de opinião que deles nos separam são muito pequenas diante de tudo o que nos une.

III.II.II – Função Santificadora da Caridade Fraterna

1238. 1º - Uma vez que o amor sobrenatural ao próximo é apenas uma maneira de amar a Deus, reiteramos aqui tudo o que foi exposto sobre os maravilhosos efeitos do amor de Deus.

É suficiente citar alguns textos de São João: *“Quem ama seu irmão permanece na luz e não se expõe a tropeçar. Mas quem odeia seu irmão está nas trevas e anda nas trevas.”* (I Jo 2, 10 – 11). Permanecer na luz, segundo ele, é permanecer em Deus, fonte de toda luz, e estar nas trevas é estar em pecado. E continua: *“Nós sabemos que fomos trasladados da morte para a vida, porque amamos nossos irmãos. ... Quem odeia seu irmão é assassino.”* (I Jo 3, 14 – 15). E conclui dizendo: *“Caríssimos, amemo-nos uns aos outros, porque o amor vem de Deus, e todo o que ama é nascido de Deus e conhece a Deus. Aquele que não ama não conhece a Deus, porque Deus é amor. ... Se nos amarmos mutuamente, Deus permanece em nós e o seu amor em nós é perfeito. ... Deus é amor, e quem permanece no amor permanece em Deus e Deus nele. ... Se alguém disser: Amo a Deus, mas odeia seu irmão, é mentiroso. Porque aquele que não ama seu irmão, a quem vê, é incapaz de amar a Deus, a quem não vê. Temos de Deus este mandamento: o que amar a Deus, ame também a seu irmão.”* (I Jo 4, 7 - 8, 12, 16, 20 - 21). Não se pode afirmar mais claramente que amar o próximo é amar a Deus e, assim, desfrutar de todos os privilégios do amor divino.

1239. 2º - Além disso, Jesus nos diz que considera como feito a ele mesmo qualquer serviço prestado ao menor dos seus: *“todas as vezes que fizestes isto a um destes meus irmãos mais pequeninos, foi a mim mesmo que o fizestes”* (Mt 25, 40). Ora, é evidente que Jesus não se deixa vencer em generosidade e que recompensa a menor ajuda que prestamos por ele na pessoa de seus irmãos, em cem vezes mais graças de todo tipo.

Esse pensamento é consolador para aqueles que praticam a caridade fraterna e dão esmolas corporais ou espirituais ao próximo e, ainda mais,

para aqueles que consagram a vida inteira às obras de caridade e de apostolado. A cada momento estão prestando serviço a Jesus na pessoa de seus irmãos e, desse modo, também a cada momento Jesus trabalha na alma desses obreiros, para embelezá-las e santificá-las.

III.II.III – Prática da Caridade Fraterna

1240. O **princípio** que deve constantemente nos orientar é ver Deus ou Jesus no próximo^[698]* (*Cristo em todos*) e, desse modo, tornar a nossa caridade *sobrenatural* em seus motivos e meios de ação, *universal* em sua extensão e *generosa e ativa* em seu exercício.

1241. 1º - Os **principiantes** almejam principalmente evitar as *faltas* contrárias à caridade e *praticar* os atos que são de *preceito*.

A) Assim, evitam cuidadosamente contristar a Jesus e ao próximo: **a)** *julgamentos temerários*, difamações e calúnias contrárias à justiça e a caridade (nº 1043); **b)** *antipatias naturais* que, quando *consentidas*, muitas vezes são causa de falta de caridade; **c)** *palavras ríspidas*, zombarias ou depreciações, que sempre geram ou alimentam inimizades, e também os gracejos à custa do próximo, que muitas vezes causam agudas feridas; **d)** as *rixas e discussões agressivas* e arrogantes, nas quais cada um quer ser o vencedor e humilhar o próximo; **e)** *rivalidades, discórdias e fofocas*, que somente semeiam dissensões entre os membros da grande família cristã.

1242. Para manter-se resolutamente afastado de todos esses pecados tão contrários à caridade, nada mais eficaz que meditar naquelas palavras tão comovedoras, sobre esse mesmo tema, que São Paulo dirige aos primeiros cristãos: “*Exorto-vos, pois, - prisioneiro que sou pela causa do Senhor -, que leveis uma vida digna da vocação à qual fostes chamados, com toda a humildade e amabilidade, com grandeza de alma, suportando-vos mutuamente com caridade. Sede solícitos em conservar a unidade do Espírito no vínculo da paz. Sede um só corpo e um só espírito, assim como fostes chamados pela vossa vocação a uma só esperança. Há um só Senhor, uma só fé, um só batismo. Há um só Deus e Pai de todos, que atua acima*

de todos, por todos e em todos. ... Mas, pela prática sincera da caridade, crescamos em todos os sentidos, naquele que é a cabeça, Cristo.” (Ef 4, 1 – 15). E acrescenta: “Se me é possível, pois, alguma consolação em Cristo, algum caridoso estímulo ... completai a minha alegria, permanecendo unidos. Tende um mesmo amor, uma só alma e os mesmos pensamentos. Nada façais por espírito de partido ou vanglória, mas que a humildade vos ensine a considerar os outros superiores a vós mesmos. Cada qual tenha em vista não os seus próprios interesses, e sim os dos outros.” (Fl 2, 1 – 4).

Quem não se comove ao ouvir essas instantes súplicas do Apóstolo? Relegando as cadeias que o prendem, pensa somente em aplacar as discórdias que perturbam a comunidade cristã, lembrando-a que em atenção aos vínculos que os unem, é preciso pôr de lado aquilo que os divide. Não é verdade que, depois de vinte séculos de cristianismo, esse veemente apelo é ainda muito apropriado a todos nós?

1243. Há sobretudo um mal que se deve evitar a todo custo: o *escândalo*, isto é, qualquer coisa que possa, com alguma probabilidade, levar os outros ao pecado. Isso é tão verdadeiro que se deve evitar cuidadosamente tudo aquilo que, mesmo indiferente ou até permitido em si, possa tornar-se, em razão das circunstâncias, ocasião de queda para outros. Esse princípio é inculcado por São Paulo na questão das carnes oferecidas aos ídolos. Posto que os ídolos nada são, em si essas carnes não são proibidas, mas como muitos cristãos estavam convencidos de que são, o Apóstolo pede aos mais esclarecidos que respeitem os escrúpulos de seus irmãos: *“E assim por tua ciência vai se perder quem é fraco, um irmão, pelo qual Cristo morreu! Assim, pecando vós contra os irmãos e ferindo sua débil consciência, pecais contra Cristo. Pelo que, se a comida serve de ocasião de queda a meu irmão, jamais comerei carne, a fim de que eu não me torne ocasião de queda para o meu irmão.”* (I Cor 8, 11 – 13).

É preciso ainda hoje meditar nessas palavras. Há cristãos, homens e mulheres, que são indulgentes com leituras, espetáculos e danças, que no mínimo são impróprias, argumentando que não lhes causam qualquer dano. Essa afirmação poderia ser contestada, pois, afinal de contas, muitos dos que falam desse modo, estão iludidos. Todavia, seja como for, por acaso elas pensam no escândalo que disso resulta para os serviçais e para o

público, que fazem do fato um pretexto para se envolver, com muito maior risco, em prazeres ainda mais perigosos?

1244. B) Os principiantes não evitam somente essas faltas: *praticam* também o que está preceituado, especialmente a *paciência para com o próximo e o perdão das injúrias*.

a) *Suportam o próximo com paciência, apesar dos seus defeitos*. Por acaso não temos nossos próprios defeitos que o próximo tem que aturar? Além disso, facilmente exageramos os defeitos alheios, principalmente das pessoas que consideramos antipáticas. Não deveríamos, de modo contrário, procurar atenuá-los e questionar-nos se é correto apontar o cisco no olho do irmão, quando talvez haja uma trave no nosso? Então, ao invés de condenar os defeitos dos outros, verifiquemos se não possuímos algum semelhante ou ainda mais grave e, antes de tudo, tratemos de nos corrigir: “*médico, cura a ti mesmo*” (Lc 4, 23).

1245. b) Há também obrigação de perdoar as ofensas e reconciliar-se com os inimigos, tanto os que nos ofenderam quanto aos que ofendemos. Esse dever é tão imperativo que Nosso Senhor não hesita em dizer: “*Se estás, portanto, para fazer a tua oferta diante do altar e te lembrares de que teu irmão tem alguma coisa contra ti, deixa lá a tua oferta diante do altar e vai primeiro reconciliar-te com teu irmão; só então vem fazer a tua oferta*” (Mt 5, 23 – 24).

Porque, como observa Bossuet:^[699] “*A primeira oferenda que se deve dar a Deus é um coração limpo de todo rancor e inimizade com o irmão.*” Acrescenta que sequer deve-se aguardar o dia da comunhão, mas pôr em prática o que diz São Paulo: “*Não se ponha o sol sobre o vosso ressentimento*” (Ef 4, 26), pois “*a escuridão aumenta nosso ressentimento; a ira voltaria ao despertar e se tornaria ainda mais forte.*”^[700] Então, não questionemos se nosso adversário tem mais culpa que nós e se cabe a ele pedir perdão primeiro. Na primeira oportunidade dissipemos qualquer mal-entendido com uma explicação franca. Se for o nosso inimigo o primeiro a pedir desculpas, apressemo-nos em perdoá-lo, “*porque, se perdoardes aos homens as suas ofensas, vosso Pai celeste também vos perdoará. Mas se não perdoardes aos homens, tampouco vosso Pai vos perdoará.*” (Mt 6, 14

– 15). Isso é justiça, pois pedimos a Deus que perdoe nossas ofensas *assim como nós perdoamos a quem nos tem ofendido*.

1246. 2º - Os **proficientes** esforçam-se para atrair a si as disposições caridosas do Coração de Jesus.

A) Não esquecem que o preceito da caridade é preceito de Jesus: “*Dou-vos um novo mandamento: Amai-vos uns aos outros. Como eu vos tenho amado, assim também vós deveis amar-vos uns aos outros.*” (Jo 13, 35).

Esse mandamento é novo, diz Bossuet:^[201] “*porque Jesus Cristo acrescenta a importante circunstância de que nos amemos uns aos outros como ele nos amou. Ele antecipou-se em amar-nos quando nem sequer pensávamos nele: vem a nós em primeiro lugar; não nos repele em razão de nossas infidelidades e ingratidões; ama-nos para fazer-nos santos, felizes, sem interesse, porque não precisa de nós, nem de nossos serviços.*” A caridade é o distintivo dos cristãos: “*Nisto todos conhecerão que sois meus discípulos, se vos amardes uns aos outros*” (Jo 13, 35).

1247. B) Assim, os proficientes esforçam-se em procurar imitar os exemplos do Salvador.

a) A caridade de Jesus é *prévia*: amou-nos primeiro, quando ainda éramos seus inimigos: “*quando éramos ainda pecadores, Cristo morreu por nós*” (Rm 5, 8). Veio a nós, pecadores, convicto de que são os enfermos que precisam de médico. É sua graça preveniente que o faz buscar, para convertê-los, a samaritana, a mulher pecadora e o bom ladrão. Para curar e prevenir nossas dores, dirige-nos aquele terno convite: “*Vinde a mim, vós todos que estais aflitos sob o fardo, e eu vos aliviarei*” (Mt 11, 28).

Devemos imitar essas delicadezas divinas, indo ao encontro dos irmãos para conhecer e aliviar suas misérias, como fazem aqueles que visitam os pobres, para socorrê-los em suas necessidades, e os pecadores, para levá-los pouco a pouco à prática da virtude, sem se desanimarem com os primeiros obstáculos.

1248. b) A caridade de Jesus foi *compassiva*. Quando vê exposta à fome a multidão que o seguia no deserto, multiplica os pães e os peixes para alimentá-la. Mas, sobretudo, quando vê as almas privadas de alimento

espiritual, tem compaixão de sua sorte e deseja que se peça a Deus obreiros apostólicos para trabalhar na messe: “*Pedi, pois, ao Senhor da messe que envie operários para sua messe*” (Mt 9, 38). Deixa por um momento as noventa e nove ovelhas fiéis, vai atrás da desgarrada e volta com ela em seus ombros para o redil. Tão logo um pecador dê sinal de arrependimento, apressa-se em perdoá-lo. Cheio de compaixão pelos doentes e enfermos, cura-os em grande número e muitas vezes concede-lhes ao mesmo tempo a saúde da alma, perdoadando-lhes os pecados.

Seguindo o exemplo de Nosso Senhor, devemos ter muita compaixão dos desafortunados e ajudá-los conforme as possibilidades. Quando não houver recursos, pelo menos lhes daremos a esmola do nosso tempo, uma boa palavra, um bom tratamento. Não nos deixemos aborrecer pelos defeitos dos pobres; juntamente com a esmola corporal adicionemos algum bom conselho, que em algum momento produzirá seus frutos.

1249. c) A caridade de Jesus foi *generosa*: por amor a nós consentiu ser sobrecarregado, sofrer e morrer: “*Cristo, que nos amou e por nós se entregou*” (Ef 5, 2).

Portanto, devemos estar dispostos a ajudar nossos irmãos à custa de sacrifícios dolorosos, prontos a tratar das suas enfermidades, ainda que repugnantes, e a fazer por eles sacrifícios pecuniários. Essa caridade deverá ser: *cordial e simpática*, pois a forma com que se dá vale mais do que se dá; *inteligente*, dando aos pobres não apenas um pedaço de pão, mas, se possível, os meios de ganhar a vida honestamente; *apostólica*, fazendo o bem às almas com a oração e o exemplo e, às vezes, de modo discreto, através de sábios conselhos. Essa obrigação apostólica impõe-se sobretudo aos sacerdotes, religiosos e cristãos escolhidos. Eles não devem esquecer: “*aquele que fizer um pecador retroceder do seu erro, salvará sua alma da morte e fará desaparecer uma multidão de pecados.*” (Tg 5, 20).

1250. 3º - Os perfeitos amam o próximo até a *imolação de si mesmos*: “*Nisto temos conhecido o amor: (Jesus) deu sua vida por nós. Também nós outros devemos dar a nossa vida pelos nossos irmãos.*” (I Jo 3, 16).

a) É o que fazem os obreiros apostólicos: sem literalmente derramar o sangue pelos irmãos, dão sua vida gota a gota, trabalhando sem cessar pelas almas, imolando-se em suas orações, estudos, e até em suas recreações, ou

como diz o Pe. Chevrier, *deixando-se devorar*, o que, basicamente, é o que se infere das palavras de São Paulo: “*De mui boa vontade darei o que é meu, e me darei a mim mesmo pelas vossas almas, ainda que, amando-vos mais, seja menos amado por vós*” (II Cor 12, 15).

1251. b) Essa é a razão que leva sacerdotes santos a fazer *voto de servidão* para com as almas, pelo qual se comprometem a considerar o próximo como um superior, que tem o direito de exigir serviços, e obrigam-se a cumprir todos os seus legítimos desejos.

c) Essa caridade também se manifesta pela prontidão em antecipar-se aos menores desejos do próximo e a servi-lo em tudo o que puder. Às vezes ainda, pelo cordial oferecimento de algum serviço, pois, de fato, essa é uma maneira de fazer feliz a pessoa que oferece.

d) Por fim, manifesta-se por um *amor muito especial pelos inimigos*, aos quais passamos a considerar executores da vingança divina sobre nós e os reverenciamos como tais, rogando especialmente por eles e fazendo-lhes o bem sempre que pudermos, conforme o conselho de Nosso Senhor: “*Eu, porém, vos digo: amai vossos inimigos, fazei bem aos que vos odeiam, orai pelos que vos [maltratam e] perseguem*” (Mt 5, 44). Desse modo a alma se aproxima Daquele que faz brilhar o sol tanto sobre os bons como sobre os maus.

III.III – SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS – MODELO E FONTE DE CARIDADE^[702]

1252. 1º - Observações preliminares. Para concluir o que dissemos sobre a caridade, nada melhor que convidar os leitores a buscar no Sagrado Coração de Jesus a *fonte* e o *modelo* da caridade *perfeita*. Com efeito, nas ladainhas aprovadas oficialmente pela Igreja invocamo-lo como *fornalha ardente de caridade e plenitude da bondade e do amor*.

Na devoção ao Sagrado Coração há dois *elementos essenciais*: um *sensível*, que é o coração de carne hipostaticamente unido à pessoa do Verbo; e um *espiritual*, simbolizado pelo coração físico, que é o amor do Verbo encarnado a Deus e aos homens. Esses dois elementos formam um único, assim como um só é o símbolo e a coisa simbolizada. O amor

simbolizado pelo Coração de Jesus é certamente o *humano*, mas também é o *divino*, pois em Jesus as operações divinas e humanas estão unidas indissolivelmente. É o seu amor pelos *homens*: “*Eis aqui o Coração que tanto amou os homens*”; mas também é o seu amor por Deus, pois, como demonstramos, a caridade para com os homens provém da caridade para com Deus e dela extrai o seu real motivo.

Portanto, podemos considerar o Coração de Jesus como o modelo mais perfeito de *amor a Deus e ao próximo* e, até mesmo, como *modelo de todas as virtudes*, pois a caridade engloba e aperfeiçoa todas. Durante sua vida mortal Jesus nos mereceu a graça de imitar suas virtudes. Portanto, ele também é a *causa meritória*, a *fonte* das graças que nos permitem amar a Deus e aos irmãos e praticar todas as demais virtudes. ^[703]*

1253. 2º - Coração de Jesus, fonte e modelo de amor a Deus. O amor é o dom total de si mesmo. Sendo assim, quão perfeito é o amor de Jesus pelo Pai! Desde o primeiro momento de sua encarnação, oferece-se e dá-se como vítima para reparar a glória de Deus, ultrajada por nossos pecados.

No seu nascimento e no dia de sua apresentação no templo, renova essa oferta. Durante a sua vida *oculta*, demonstra seu amor a Deus obedecendo a Maria e a José, que considerava representantes da autoridade divina. Quem poderia contar os atos de puro amor que continuamente se elevavam da humilde casa de Nazaré para a SS. Trindade? Em sua vida *pública* busca somente agradar e glorificar o Pai: “*faço sempre o que é do seu agrado*” (Jo 8, 29), ... “*honro a meu Pai*” (Jo 8, 49). Na última ceia pôde testemunhar que glorificou o Pai durante toda a sua vida: “*Eu te glorifiquei na terra*” (Jo 17, 4). No dia seguinte consumava a entrega de si, imolando-se no sacrifício do calvário: “*humilhou-se ainda mais, tornando-se obediente até a morte, e morte de cruz*” (Fl 2, 8). Quem algum dia poderá contar os atos interiores de amor que brotavam sem cessar de seu coração, e que fizeram de sua vida inteira um ato contínuo de caridade perfeita?

1254. Sobretudo, quem poderá expressar a perfeição desse amor?

Disse São João Eudes:^[704] “*É um amor digno de tal Pai e de tal Filho; um amor que corresponde perfeitamente às inefáveis perfeições do objeto amado; é um Filho infinitamente amante que ama um Pai*

infinitamente amável; é um Deus que ama a um Deus ... Em suma, o divino Coração de Jesus, considerado em sua divindade ou em sua humanidade, é infinitamente mais inflamado de amor ao Pai e, a cada instante, ama-o infinitamente mais do que podem amá-lo por toda a eternidade todos os corações dos anjos e dos santos unidos.”

Todavia, esse amor pode tornar-se nosso e, em união com o Sagrado Coração de Jesus, ser oferecido ao Pai, dizendo com São João Eudes: *“Oh! Meu Salvador, entrego-me a vós para unir-me ao amor eterno, imenso e infinito que Tu tens ao Pai. Oh! Pai adorável, ofereço-te todo o amor eterno, imenso e infinito de teu Filho Jesus como um amor que é meu... Amo-vos como vosso Filho vos ama.”*

1255. Coração de Jesus, fonte de amor para com os homens. Já vimos (nº 1247) o quanto Jesus amou os homens na terra. Resta explicar como continua a amá-los sem cessar agora que está no céu.

a) Porque nos ama, santifica-nos com os sacramentos. Como disse São João Eudes:^[205] *“Eles são, como muitas outras, fontes inexauríveis de graça e de santidade, que têm seu manancial no oceano imenso do Sagrado Coração de Nosso Salvador; e todas as graças que deles procedem são outras tantas chamas da divina fornalha.”*

1256. b) Todavia, é sobretudo na Eucaristia que Ele nos dá a maior prova de seu amor.

1. Há vinte séculos que está conosco noite e dia, como um pai que não quer deixar seus filhos; um amigo cujo prazer é estar com seus amigos; um médico que está constantemente à cabeceira de seus enfermos.

2. Está sempre ativo, adorando, louvando e glorificando ao Pai por nós; dando-lhe continuamente graças por todos os bens que sem cessar nos prodigaliza; amando-o por nós, oferecendo-lhe seus méritos e satisfações para reparar os nossos pecados e pedindo-lhe continuamente novas graças para nós: *“porque vive sempre para interceder em seu favor”* (Hb 7, 25).

3. Por amor a nós, para aplicar a cada um de nós os frutos do seu sacrifício (nº 271 - 273), não cessa de renovar, milhares de vezes ao dia, onde quer que haja um sacerdote que consagre, o sacrifício do calvário sobre o altar. Não satisfeito em imolar-se, dá-se por inteiro a cada um que

comunga, para fazê-lo participante de suas graças, disposições e virtudes (nº 277 - 281).

Esse divino Coração deseja vivamente comunicar-nos os seus efeitos de caridade. Disse Ele a Santa Margarida Maria: *“Meu divino Coração está tão abrasado de amor pelos homens e por ti em particular, que não podendo mais conter dentro de si as chamas de sua ardente caridade, precisa que através de ti propague-se e manifeste-se a eles, para enriquecê-los com seus preciosos tesouros.”*^[706] Foi então que Jesus pediu-lhe o coração para uni-lo ao dele e colocar nele uma centelha do seu amor. E, assim como fez isso de maneira milagrosa com a santa, faz conosco de modo ordinário na Sagrada Comunhão e a cada vez que unimos o nosso coração ao dele. Jesus veio à terra trazer o fogo sagrado da caridade e deseja muito fazê-lo arder em nossos corações: *“Fogo eu vim lançar sobre a terra, e como gostaria que já estivesse aceso!”* (Lc 12, 49).

1257. 4º - Coração de Jesus, fonte e modelo de todas as virtudes. Muitas vezes nas Escrituras o coração é símbolo dos sentimentos interiores do homem, em oposição aos seus atos exteriores: *“o homem vê a face, mas o Senhor olha o coração”* (I Sm 16, 7). Portanto, o Coração de Jesus simboliza não só o amor, mas também todos os sentimentos interiores da sua alma. Assim é que a devoção ao Sagrado Coração foi entendida pelos grandes místicos da Idade Média e, depois deles, por São João Eudes. O mesmo se diga de Santa Margarida Maria que, sem dúvida e com razão, insiste especialmente no amor que transborda no divino Coração. Porém, em seus diversos escritos, apresenta-nos também o Sagrado Coração como modelo de todas as virtudes, e o Pe. de La Colombière, seu confessor e intérprete, resume o pensamento dela em um ato de consagração que é encontrado no final do seu livro *Retraites spirituelles*.^[707]

*“Esta oferenda é feita para honrar o divino Coração, **sede de todas as virtudes**, fonte de todas as bênçãos e refúgio de todas as almas santas. As principais virtudes com que se pretende honrá-lo são: **primeiramente** o amor ardentíssimo a Deus seu Pai, juntamente com o profundíssimo respeito e a mais profunda humildade que já existiu; **em segundo lugar**, a paciência infinita nos sofrimentos, a dor extrema pelos pecados que levou sobre si, a confiança de um filho terníssimo juntamente com a confusão de um grande pecador; **em terceiro lugar**, a compaixão muito sentida de*

nossas misérias e, apesar dessas emoções, a serenidade inalterável, causada por uma conformidade tão perfeita com a vontade de Deus, que não podia ser perturbada por qualquer acontecimento.”

Além disso, posto que todas as virtudes derivam da caridade e nela encontram sua última perfeição (nº 318 e 319), o Coração de Jesus, por ser manancial e modelo da divina caridade, também o é de todas as virtudes.

1258. A devoção ao Sagrado Coração de Jesus coincide com a devoção à *Vida Interior de Jesus*, exposta por Mons. Olier e praticada no seminário de São Sulpício. Essa vida interior de Jesus, diz ele, consiste “*nas suas disposições e sentimentos em relação a todas as coisas: por exemplo, em sua religião para com Deus, no amor para com o próximo, na abnegação, no horror ao pecado, na condenação do mundo e das suas máximas.*”^[708]

Destarte, encontram-se todas essas disposições no Sagrado Coração de Jesus e é nele que devemos buscá-las. Por essa razão, escreve Mons. Olier a uma alma piedosa que gostava de recolher-se no interior do Sagrado Coração: “*Perdei-vos mil vezes por dia nesse amável Coração, ao qual vos sentis tão fortemente atraída ... Ele é o lugar mais sublime, a joia preciosa do Filho de Deus; é o tesouro do próprio Deus, onde ele derramou todos os seus dons e de onde comunica todas as graças. ...No Sagrado Coração e em seu adorável interior foi que primeiramente se operaram todos os mistérios. ... Vede, então, a que Nosso Senhor vos chama ao abrir o Seu Coração, e como deveis aproveitar dessa graça, que é uma das maiores que haveis recebido em vossa vida. Que criatura alguma jamais vos façam sair desse lugar de delícias e que possais estar nele imersos pelo tempo e pela eternidade com todas as santas esposas de Jesus.*”^[709] Em outro lugar ele acrescenta:^[710] “*Que coração é o Coração de Jesus! Que oceano de amor encerra, que transborda sobre toda a terra! Ó manancial fecundo e inesgotável de amor! Ó abismo profundo e inesgotável de toda a religião! Ó centro divino de todos os corações! ...Ó Jesus, permita que eu vos adore em vosso interior, que adore vossa alma bendita, que adore vosso Coração que ainda nesta manhã vi. Gostaria que pudesse descrevê-lo, mas de tão encantador que é, não o posso. Vi-o como um céu pleno de luz, de amor, gratidão e louvor. Exaltava a Deus e manifestava sua grandeza e magnificência.*” Para Mons. Olier o interior de Jesus e o seu Sagrado Coração são apenas uma e mesma coisa: é o centro de todas as disposições

e virtudes, o santuário do amor e da religião, em que Deus é glorificado e onde as almas fervorosas gostam de recolher-se.

1259. Conclusão. Para que a devoção ao Sagrado Coração produza esses efeitos benéficos deve consistir em dois atos essenciais: *amor e reparação*.

1º - O amor deve ser o primeiro e principal desses deveres, conforme ensinam Santa Margarida Maria e São João Eudes:

Reportando ao Pe. Croiset a segunda grande aparição, ela escreve:^[711] *“Fez-me ver o grande desejo que tinha de ser amado pelos homens e de afastá-los dos caminhos da perdição. Esse desejo moveu-o a conceber esse plano de manifestar o seu Coração aos homens, com todos os seus tesouros de amor, misericórdia, graça, santificação e salvação, para que todos os que quisessem dar-lhe glória, honra e todo amor que puderem, fossem enriquecidos abundante e profusamente com os tesouros do Coração de Deus, que é a sua fonte.”* E, numa carta a sóror de la Barge, conclui desse modo: *“Amemos, pois, esse único amor de nossas almas, porque Ele nos amou primeiro e ainda ama tão ardentemente que está continuamente abrasado de amor por nós no SS. Sacramento. Para tornar-se santo basta amar o Santo dos Santos. Quem então nos impedirá de sê-lo, posto que temos corações para amar e corpos para padecer?... Somente o Seu puro amor pode levar-nos a fazer tudo o que Lhe agrada. Somente esse perfeito amor pode levar-nos a fazer do modo que Lhe agrada, e somente esse amor pode levar-nos a fazer todas as coisas quando Lhe agrada.”*^[712]

1260. O segundo ato essencial é a *reparação*. Conforme o próprio Cristo Nosso Senhor declara na terceira grande aparição, o amor é ultrajado pelas ingratidões dos homens:

“Veja este coração que tanto tem amado os homens que nada poupa, nem mesmo exaurir-se e consumir-se para testemunhar o seu amor. Em troca recebe da maior parte deles somente ingratidão, demonstrada pelas irreverências e sacrilégios, pela frieza e desprezo com que tratam esse sacramento de amor.” Então, pede-lhe para reparar essas ingratidões com o fervor do seu amor: *“Minha filha, venho ao coração que te dei, para que com o teu fervor repares as injúrias que tenho recebido dos corações tíbios e indolentes que me ofendem no Santíssimo Sacramento.”*

1261. Esses dois atos nos santificarão extremamente: o *amor*, unindo-nos intimamente ao Sagrado Coração de Jesus, nos fará participantes de suas virtudes e dará ânimo de praticá-las, apesar de todos os obstáculos; a *reparação*, fazendo-nos compadecer dos sofrimentos de Jesus, estimulará cada vez mais nosso fervor e nos levará, por amor, a padecer com coragem todas as provações a que Ele se dignar fazer-nos partícipes.

Assim entendida a devoção ao Sagrado Coração de Jesus, não terá nada de sentimentalismo ou afetação. Trará em si o próprio espírito do cristianismo: uma feliz combinação de amor e sacrifício, juntamente com o exercício progressivo das virtudes morais e teologais. Será uma espécie de *síntese* da via *iluminativa* e um bom *início* da via unitiva.

CAPÍTULO IV – NOVOS ATAQUES DO INIMIGO

1262. Enquanto trabalhamos para adquirir as virtudes, nossos inimigos espirituais não estão parados. Sorrateiramente voltam ao ataque, seja fazendo renascer em nós, ainda que de modo *mais atenuado*, os *sete pecados capitais*, seja induzindo-nos à *tibieza*.

Art. I – RETORNO DOS SETE PECADOS CAPITAIS

1263. São João da Cruz descreve muito bem os pecados capitais, na forma como se apresentam naqueles que chama *principiantes*, isto é, naqueles que estão prestes a entrar na contemplação pela *noite dos sentidos*.
^[713] Iremos somente resumir sua análise psicológica.

I.I – A INCLINAÇÃO PARA O ORGULHO

1264. Essa inclinação manifesta-se de seis maneiras principais:

1. Objetivando o fervor e fiéis aos exercícios espirituais, esses principiantes *comprazem-se em suas obras* e concebem alta estima de si próprios. Presunçosos, fazem muitos projetos, mas não executam quase nenhum.

2. *Falam de espiritualidade*, mas mais para dar lições aos outros que para pô-las em prática, e também condenam com veemência os que não aprovam o seu gênero de espiritualidade.

3. Alguns não suportam rivais ao seu lado; quando algum se apresenta, condenam-no e humilham.

4. Buscam ser estimados e ter intimidade com o diretor espiritual; quando este não aprova a sua espiritualidade, procuram outro que lhes seja mais favorável. Para ser mais bem-sucedidos, diminuem a gravidade dos próprios pecados e, quando caem em algum mais grave, confessam-se com outro e não com o diretor ordinário.

5. Quando acontece de cair em algum pecado grave, voltam-se contra si mesmos e desanimam, irritados porque ainda não são santos.

6. Gostam de se destacar pelas manifestações externas de piedade e, de bom grado, contam aos outros as suas boas obras e sucessos.

Do orgulho nasce a inveja, que se manifesta por movimentos de desgosto ao ver o bem espiritual dos outros; sofrem ao ouvir que eles estão sendo elogiados, entristecem-se com a virtude alheia e não perdem ocasião de denegri-los.

I.II – OS PECADOS DA SENSUALIDADE

1265. A) A gula espiritual se manifesta de duas maneiras:

a) Pelo gosto excessivo das *consolações*. Buscam-nas até mesmo nas austeridades, como a *disciplina*, por exemplo, e importunam o diretor espiritual para que este lhes permita infligir mortificações, na esperança de obter consolações.

b) Em razão do mesmo princípio, alguns fazem grandes esforços na meditação, na oração e na comunhão, para conseguir devoção sensível, ou desejam confessar-se com muita frequência para ver se encontram alguma consolação nesse exercício. Muitas vezes esses esforços e desejos são em vão. Então, o desânimo apodera-se dessas almas, que estão mais apegadas às consolações que ao próprio Deus.

1266. B) A luxúria espiritual apresenta-se de dois modos principais: **a)** buscam amizades sensíveis ou sensuais, sob pretexto de devoção, e não querem renunciá-las porque pensam que tais relacionamentos somente ajudam a piedade; **b)** Às vezes os consolos sensíveis, desfrutados na oração ou na comunhão, produzem ao mesmo tempo, naqueles que possuem uma natureza mais terna e amorosa, deleites de outro gênero, que podem tornar-se uma fonte de tentação ou inquietação. ^[714]*

1267. C) A preguiça conduz a alma a: **a)** entediar-se com os exercícios espirituais quando não encontra neles consolo sensível e, por isso, eliminá-los ou reduzi-los; **b)** deixar-se abater quando os superiores ou o diretor espiritual ordenam ou aconselham coisas que lhes parecem muito penosas. Desejam uma espiritualidade mais conveniente, que não interfira nas suas comodidades ou pequenos projetos.

I.III – A AVAREZA ESPIRITUAL

1268. São João da Cruz descreve essa avareza do seguinte modo:

a) “Há principiantes que nunca se fartam de ouvir conselhos e de aprender regras de vida espiritual; querem ter grande cópia de livros sobre esse assunto. Vai-se-lhes o tempo na leitura, mais que em se exercitarem na mortificação e perfeição da pobreza interior do espírito, como deveriam. **b)** Além disso, carregam-se de imagens e rosários bem curiosos; ora deixam uns, ora tomam outros; vivem a trocá-los e destrucá-los; querem-nos já desta maneira, já daquela outra, afeiçoando-se mais a esta cruz do que àquela, por lhes parecer mais interessante.”^[715] Tudo isso é claramente contrário ao espírito de pobreza e ao mesmo tempo demonstra excessiva importância ao que é acessório, enquanto se negligencia o que há de principal na devoção.

1269. Conclusão. Obviamente essas imperfeições são muito prejudiciais ao progresso espiritual. Por isso São João da Cruz diz que Deus, para corrigi-las, introduz a alma na *noite escura*, da qual falaremos em breve. Quanto às almas que não entram nessa fase espiritual, buscarão libertar-se desses estorvos, pondo em prática o que dissemos sobre como aproveitar-se das consolações e securas (nº 921 - 933), e sobre obediência, fortaleza, temperança, humildade e mansidão (nºs 1057, 1076, 1127 e 1154).

Art. II – A TIBIEZA^[716]

Se não houver reação contra os defeitos que acabamos de mencionar, não tardará muito cair numa enfermidade espiritual perigosíssima: a tibieza. Exporemos: 1º - A sua *natureza*; 2º - Os seus *perigos*; 3º - Os seus *remédios*.

II.I – NATUREZA DA TIBIEZA

1270. 1º - Noção. A tibieza é uma enfermidade espiritual que pode acometer tanto os principiantes quanto os perfeitos, mas que se manifesta sobretudo na *via iluminativa*. Ela pressupõe que a alma tenha adquirido um certo grau de fervor, que gradualmente dá lugar ao relaxamento.

A tibieza consiste numa espécie de *relaxamento espiritual*, que vai paralisando as energias da vontade, inspirando horror ao esforço e, dessa forma, conduzindo a uma desaceleração da vida cristã. É uma espécie de languidez ou torpor, que ainda não é a morte espiritual, mas que a ela conduz sem que se perceba, pois enfraquece pouco a pouco as forças morais. Pode-se compará-la com essas doenças debilitantes, como a tuberculose pulmonar, que pouco a pouco consomem os órgãos vitais.

1271. 2º - Suas causas. Duas causas principais contribuem para o seu desenvolvimento: uma *alimentação espiritual defeituosa* e; a *invasão da alma por algum gérmen mórbido*.

A) Para viver e progredir, nossa alma precisa de uma boa alimentação espiritual. Como já visto, o que alimenta a alma são os diversos exercícios espirituais, como meditações, leituras, orações, exames de consciência, o cumprimento das obrigações do próprio estado, o exercício das virtudes. Tudo isso põe a alma em comunhão com Deus, fonte da vida sobrenatural. Por outro lado, se houver negligência nesses exercícios e deixar-nos levar por distrações voluntárias, sem reagir contra a rotina e o torpor, seremos privados de muitas graças, ficaremos mal alimentados e enfraquecidos, incapazes de praticar as virtudes cristãs, ainda que pouco dificultosas.

Perceba-se de passagem que esse estado é bem diferente da secura ou das provações divinas. Nestas, a alma, em vez de deixar-se levar pelas distrações, sofre e humilha-se por tê-las consentido, esforçando-se seriamente para diminuir a sua quantidade. Na tibieza, pelo contrário, aceita-se facilmente os pensamentos inúteis, gosta-se deles e pouquíssimo esforço é feito para repeli-los; em curto período as distrações tomam conta de praticamente todo o tempo da oração.

Então, vendo o pouco proveito que extrai dos exercícios, a alma começa a abreviá-los e até suprimi-los. Por exemplo, o exame de consciência torna-se enfadonho, incômodo, uma simples rotina, e acaba sendo omitido. Com isso, ela não mais percebe suas faltas e imperfeições, permitindo que estas passem a predominar. Já não se esforça para adquirir as virtudes e, em breve, os vícios e as más inclinações tendem a ressurgir.

1272. B) O resultado dessa apatia espiritual é o gradual enfraquecimento da alma, uma espécie de *anemia espiritual*, que prepara o caminho para que algum gérmen mórbido a invada, isto é, uma das três concupiscências, ou, às vezes, as três juntas.

a) Como as portas da alma estão mal vigiadas, os sentidos interiores e exteriores facilmente abrem-se às sugestões perigosas da curiosidade e da sensualidade, e frequentemente surgem tentações que não *são repelidas com a devida energia*. Às vezes o coração deixa-se prender por afeições perturbadoras: começa-se a cometer imprudências; brinca-se com o perigo; multiplicam-se os pecados veniais, dos quais há pouco arrependimento; desliza-se por uma ladeira escorregadia até chegar à beira do abismo. Feliz da alma que percebe tudo isso e evita a queda!

b) Destarte, o *orgulho*, que nunca havia sido devidamente dominado, renova seus ataques. Continuamente a alma compraz-se em si mesma, em suas boas qualidades e triunfos exteriores. Para mais exaltar-se, compara-se a outros ainda mais relaxados e menospreza, como mentes tacanhas e meticulosas, aqueles que percebe que são mais fiéis aos seus deveres. Esse orgulho traz consigo a inveja, o ciúme, movimentos de impaciência e de cólera, e aspereza no trato com o próximo.

c) A *cobiça* ressurge: é preciso dinheiro para assegurar mais prazeres, para luzir mais intensamente. Para adquirir mais, vale-se de procedimentos questionáveis, pouco honestos, que beiram a injustiça.

1273. Surgem então *muitos pecados veniais deliberados*, dificilmente censurados pela consciência, porque pouco a pouco a luz do entendimento e a delicadeza de consciência vão esmorecendo. De fato, vive-se na dissipação habitual e o exame de consciência é mal feito. Então, o horror ao pecado mortal vai diminuindo, as graças divinas passam a ser cada vez mais raras e com menos benefícios. Em suma, todo o organismo espiritual enfraquece e esta anemia é prelúdio de vergonhosas quedas.

1274. Seus graus. Pelo que dissemos fica claro que há muitos graus de tibieza, mas, na prática, basta distinguir a tibieza *incipiente* da *consumada*.

a) No primeiro caso, conserva-se ainda o horror ao pecado mortal, mesmo que se cometam imprudências que podem levar a ele, mas comete-se com muita facilidade o *pecado venial deliberado*, especialmente os relativos ao defeito predominante. Por outro lado, pouco esforço é aplicado nos exercícios espirituais; muitas vezes são feitos como mera rotina.

b) De tanto reincidir nessas negligências culpáveis, perde-se gradualmente o horror instintivo ao pecado mortal. Além disso, o amor aos prazeres cresce a tal ponto que se lamenta que um ou outro seja proibido sob pena de pecado mortal. As tentações são reprimidas apenas com brandura e chega o momento em que a alma se pergunta, não sem razão, se ainda está em estado de graça: a tibieza está *consumada*.

II.II – PERIGOS DA TIBIEZA

1275. O principal perigo do estado de tibieza é o *enfraquecimento progressivo* das forças da alma, o que é mais nocivo que um pecado mortal isolado. Nesse sentido, disse Nosso Senhor: “*Conheço as tuas obras: não és nem frio nem quente. Oxalá fosses frio ou quente! Mas, como és morno, nem frio nem quente, vou vomitar-te. Pois dizes: Sou rico, faço bons negócios, de nada necessito - e não sabes que és infeliz, miserável, pobre, cego e nu.*” (Ap 3, 15 – 17). A diferença é a mesma existente entre uma doença crônica e uma aguda. Esta, uma vez curada, muitas vezes não deixa qualquer rastro do mal; aquela, tendo lentamente enfraquecido o corpo, deixa-o por longo tempo em estado de debilidade. Falaremos disso um pouco mais detalhadamente.

1276. 1º - O primeiro efeito da tibieza é uma *cegueira de consciência*: de tanto querer desculpar-se e disfarçar as faltas, a alma começa a formar falsos juízos, considerando, como leves, faltas que, em si, são graves. Assim, vai se formando uma *consciência relaxada*, que não mais reconhece a gravidade das imprudências e dos pecados cometidos, que já não tem energia suficiente para detestá-los e que, em pouco tempo, a faz cair em ilusões culpáveis: “*Há caminho que parece reto ao homem; seu fim, porém, é o caminho da morte*” (Pr 14, 12). A alma julga-se rica, porque é orgulhosa. Contudo, aos olhos de Deus é pobre e miserável.

1277. 2º - Segue-se então um *enfraquecimento progressivo* da vontade.

a) Depois muitas concessões à sensualidade e ao orgulho em pequenas coisas, acaba-se cedendo ao prazer em outras mais importantes. De fato, na vida espiritual tudo está interligado. A Sagrada Escritura nos ensina que: “*aquele que se descuida das pequenas coisas, cairá pouco a pouco*” (Eclo 19, 1), e que: “*Aquele que é fiel nas coisas pequenas será também fiel nas coisas grandes. E quem é injusto nas coisas pequenas, sê-lo-á também nas grandes*”^[727] (Lc 16, 12). Isso significa que o empenho ou a negligência em certas ações reproduzem-se em ações semelhantes.

b) Em pouco tempo chega-se ao ponto de *fastio a todo esforço*. Com as energias da vontade em baixa, a alma deixa-se levar pelas inclinações da natureza, pela indiferença, pelo amor do prazer. Nisso há grande perigo, e, a menos que haja reação, as faltas graves serão inevitáveis.

c) Na realidade, agindo desse modo, abusa-se das graças e resiste-se às inspirações do Espírito Santo. Assim, passa-se a dar mais ouvidos à voz do prazer, a ceder às más inclinações, e acaba-se pecando gravemente.

1278. Essa queda é de *difícil reparação* porque é quase *imperceptível*. A alma, por assim dizer, vai *escorregando* para o fundo do abismo sem sobressaltos. Então tenta iludir-se: empenha-se em convencer-se de que o pecado é somente venial, de que, embora a matéria tenha sido grave, não houve pleno consentimento, e que, como foi de surpresa, não pode ser pecado mortal.

Dessa maneira, falseia-se a consciência e confessa-se apenas coisas de pouca relevância, como antes se fazia. Com isso o confessor é enganado, o que pode dar ensejo a uma longa série de sacrilégios. Quando uma bola

cai do alto tem força para ricochetear, mas quando vai deslizando até o fundo do abismo, ali estabiliza. O mesmo ocorre com as almas túbias. Portanto, é importante saber os remédios.

II.III – REMÉDIOS CONTRA A TIBIEZA

1279. Nosso Senhor mesmo indica os remédios contra a tibieza: *“Aconselho-te que compres de mim ouro provado ao fogo, para ficares rico; roupas alvas para te vestires, a fim de que não apareça a vergonha de tua nudez; e um colírio para ungir os olhos, de modo que possas ver claro. Eu repreendo e castigo aqueles que amo. Reanima, pois, o teu zelo e arrepende-te. Eis que estou à porta e bato: se alguém ouvir a minha voz e me abrir a porta, entrarei em sua casa e cearemos, eu com ele e ele comigo.”* (Ap 3, 18 – 20). Portanto, não se deve desesperar: Jesus está sempre pronto a reatar a amizade e a intimidade conosco se nos convertermos. Mas, para isso:

1280. 1. - Devemos *recorrer com frequência a um prudente confessor*, abrindo-lhe nossa alma com franqueza e pedindo-lhe com sinceridade que sacuda nosso torpor. Devemos acolher e seguir os seus conselhos com energia e constância.

2. Sob sua direção voltaremos à *prática fervorosa dos exercícios espirituais*, principalmente daqueles que asseguram fidelidade aos outros: a oração, o exame de consciência e o repetido oferecimento de nossas obras (n^{os} 523 a 528). O fervor em questão não é o fervor sensível, mas a generosidade da vontade que se esforça para não recusar nada a Deus.

3. Também voltaremos à *prática assídua das virtudes e dos deveres de estado*, fazendo ordenadamente o exame de consciência sobre os principais pontos e acusando-nos de tudo na confissão (n^{os} 265, 468 a 476).

Com isso recuperaremos o *fervor*. Não deveremos esquecer que os pecados passados exigem reparação por meio do espírito de penitência com suas obras.

APÊNDICE: REGRAS RELATIVAS AO DISCERNIMENTO DOS ESPÍRITOS NA VIA ILUMINATIVA.

1281. Já traçamos as regras de discernimento dos espíritos, conforme Santo Inácio, para os principiantes (n^{os} 953 a 957). É útil apresentar agora as que ele apresenta para a via iluminativa (segunda semana dos Exercícios Espirituais). Essas regras dizem respeito a dois pontos principais: 1º - As *consolações espirituais*; 2º - Aos *desejos e planos* para o futuro.

1282. 1º - Regras sobre as consolações. a) Quando se aproxima de uma alma de boa-vontade, é característico do *bom espírito* dar-lhe *verdadeira alegria espiritual*, que é acompanhada de *paz*. Próprio do *mau espírito* é combater essa alegria com razões capciosas, sutilezas e ilusões, à maneira de um advogado desonesto que defende uma causa má. Essa regra baseia-se no fato de que Deus é o autor da paz, enquanto o demônio causa perturbação na alma, para desencorajá-la.

b) Somente Deus pode dar a *verdadeira consolação sem qualquer causa natural antecedente* capaz de produzi-la. Na realidade, só Ele pode penetrar nas profundezas da alma para atraí-la de volta para Si. Dizemos que a consolação não teve causa antecedente quando nenhum fato pode ter-lhe dado origem. Por exemplo, se uma estiver mergulhada em desolação e, em um instante, recobra a tranquilidade, enche-se de alegria, de força e de boa-vontade. Esse foi o caso de São Francisco de Sales depois de ter sido violentamente acometido por escrúpulos.

c) Quando houver alguma causa precedente, a consolação pode então originar-se do bom ou do mau espírito. Procederá do bom espírito se tornar a alma mais esclarecida e fortalecida no bem; virá do demônio se produzir relaxamento, moleza, amor aos prazeres ou a honras e presunção. Em outras palavras, julga-se a árvore por seus frutos.

d) É próprio do anjo mau transfigurar-se em anjo de luz, dando à alma, inicialmente sentimentos piedosos, para depois sugerir-lhe os que de fato quer. Assim, quando percebe que uma alma deu-se à prática da virtude, inicialmente sugere-lhe sentimentos compatíveis com essas disposições virtuosas. Depois, apoiando-se no amor-próprio da alma, sugere-lhe

sentimentos de vã complacência ou presunção, excessos de penitência, para que isso tudo a leve ao desânimo, ou, de modo contrário, a sugestão é no sentido de relaxar um pouco o seu modo de vida, sob pretexto de saúde ou de estudos. Dessa maneira, pouco a pouco faz a alma esmorecer.

1283. 2º - Regras sobre desejos e projetos. a) Em nossos desejos e projetos precisamos examinar cuidadosamente se o *princípio*, o *meio* e o *fim* tendem para o bem. Se em qualquer dessas fases houver algo de *mau*, de *dissipação*, ou de *menos bom* do que aquilo que se havia proposto, ou se tais desejos inquietam, perturbam ou enfraquecem a alma, é prova de que procedem do mau espírito, inimigo do nosso progresso e da salvação eterna. A razão disso é que, para que uma ação seja boa, nela não deve haver nada contrário à vontade de Deus ou ao bem espiritual da alma. Assim, se em qualquer dos seus elementos algum defeito for observado, temos aí um sinal do espírito maligno.

b) Uma vez descoberta a intervenção do espírito maligno, é conveniente percorrer o caminho completo dos bons pensamentos, para descobrir como, pouco a pouco, o maligno interferiu na alma para perturbá-la e levá-la ao mal. Essa experiência dará meios para, em outra oportunidade, estar mais atenta aos artifícios do inimigo.

c) Há uma outra regra, deduzida da *maneira de agir* do bom e do mau espírito. O primeiro age suavemente sobre a alma que vai progredindo, como o orvalho que penetra numa esponja; o segundo age ruidosamente como uma chuva tempestuosa que cai sobre uma pedra.

d) Mesmo quando a consolação vem de Deus, devemos saber distinguir entre o tempo da própria consolação e o que a segue. No primeiro, a alma age por inspiração da graça; no segundo, forma resoluções e projetos que não são imediatamente inspirados por Deus e que, portanto, devem ser cuidadosamente examinados segundo às regras precedentes.

1284. 3º - A essas regras traçadas por Santo Inácio, pode-se acrescentar algumas outras, que resultam do que já dissemos neste Segundo Livro.

a) Aspirar a uma perfeição *incompatível* com o estado atual, praticar *virtudes reluzentes*, desejando destaque, são marcas do *espírito do mal*. Sem dúvida, o *bom* espírito nos inclina a uma elevada perfeição, mas consistente com os deveres de estado e com uma vida humilde e oculta.

b) O *desprezo das pequenas* coisas e o desejo de santificar-se com as grandes não são características do bom espírito, que nos inclina à perfeita fidelidade aos deveres de estado e às pequenas virtudes: “*passará o céu e a terra, antes que desapareça um jota, um traço da lei*” (Mt 5, 18).

c) Comprazer-se no conceito de si mesmo quando parece que fizemos algo de bom e desejar ser estimado pela piedade ou pela virtude, contradizem o espírito cristão que busca somente agradar a Deus: “*Se quisesse ainda agradar aos homens, não seria servo de Cristo*” (Gl 1, 10). Portanto, a *falsa humildade*, que se culpa para que possa receber louvores, e a *falsa doçura*, que na realidade é apenas o desejo de agradar aos homens, são contrárias ao espírito de Deus.

d) Reclamar, impacientar-se, desanimar nos tempos de provações ou securas, são sinais do espírito humano. O Espírito de Deus, pelo contrário, leva-nos a amar a cruz, à resignação, ao santo abandono, e faz-nos perseverar na oração mesmo no meio das securas e das distrações.

SÍNTESE DO LIVRO SEGUNDO

1285. 1º - A finalidade da *via iluminativa* é fazer-nos seguir Jesus, imitando suas virtudes dentro das possibilidades da fraqueza humana: “*Aquele que me segue não andarás em trevas, mas terá a luz da vida*” (Jo 8, 12). Fazer de Jesus o *centro dos nossos pensamentos, afetos, de toda a nossa vida*, é o ideal para o qual caminhamos dia a dia.

É com este propósito que a nossa oração torna-se *afetiva*: para que tenhamos sempre Jesus diante dos *olhos*; para adorá-lo *com o coração*, amando-o e atraindo-o a nós; para adorá-lo *com as mãos*, praticando as virtudes em união com ele. São as virtudes *teológicas* e *morais* que exercitamos, e fazemo-lo *simultaneamente*, pois elas mutuamente se ajudam. Porém, no desenvolvimento da vida espiritual há duas fases: na primeira nos atemos mais às virtudes morais e, na segunda, às teológicas.

1286. 2º - Com efeito, primeiramente é necessário *disciplinar* nossas faculdades para uni-las a Deus; é o que fazem as virtudes morais.

1. A *prudência* treina o *intelecto*, acostumando-o a refletir antes de agir, a consultar a Deus e aconselhar-se com seus representantes. Desse

modo, faz com que *participemos da sabedoria divina*.

2. A *justiça* disciplina a *vontade*, habituando-a a respeitar os direitos de Deus e do próximo pela prática da perfeita honradez, da religião e da obediência aos superiores. Assim, aproxima-nos da *justiça divina*.

3. A fortaleza *abrand*a as *paixões violentas*, moderando e contendo seus ímpetos, e direciona suas vivas energias para os bens sobrenaturais difíceis de alcançar. Leva-nos a praticar a *magnanimidade* e a *magnificência*, a *paciência* e a *constância*, aproximando-nos, desse modo, da *fortaleza do próprio Deus*.

4. Para amortecer e disciplinar o *amor do prazer*, a *temperança* nos ajuda a mortificar a gula por meio da *sobriedade*, a vencer a luxúria pela *castidade*, a subjugar o orgulho com a *humildade* e a ira pela *mansidão*. Com isso, a alma poderá praticar melhor as virtudes unificantes.

1287. 3º - Então segue-se a *segunda fase* da via iluminativa, que nos une diretamente a Deus.

1. A *fé*, com suas luzes temperadas por certa obscuridade, submete nosso *intelecto* a Deus e faz-nos *compartilhar do pensamento divino*.

2. A *esperança*, como uma poderosa alavanca, ergue nossa vontade, desapegando-a das coisas terrenas, e direciona seus desejos e aspirações para o céu. A esperança também nos *une a Deus, fonte de nossa felicidade*, infinitamente poderoso e bom, de quem confiantemente esperamos toda a ajuda necessária para alcançar nosso fim sobrenatural.

3. A caridade eleva-nos ainda mais, faz-nos amar a Deus por si mesmo, porque em si mesmo é infinitamente bom, e faz-nos amar o próximo por Deus, como um reflexo de suas perfeições divinas. Portanto, ela *une toda a nossa alma a Deus*.

Do *Sagrado Coração de Jesus* é que vamos extrair esse duplo amor. Intimamente unidos a Ele, triunfaremos de nosso egoísmo e, tornando nossos o amor e todos os sentimentos de Jesus, viveremos por Deus como Ele mesmo viveu: “*Eu vivo pelo Pai*” (Jo 6, 57).

1288. 4º - Sem dúvida, no decorrer de nosso progresso espiritual, certamente ocorrem *contra-ataques* do inimigo. Os *sete pecados capitais* sutilmente tentam infiltrar-se no íntimo de nossa alma e, se não houver cuidado, fazem-nos cair na tibieza. Contudo, as almas vigilantes, apoiadas

em Jesus Cristo, repelirão esses ataques e até mesmo deles tirarão proveito para confirmarem-se na virtude. Desse modo, preparam-se para as *alegrias* e *provações* da *via unitiva*.

LIVRO III – A VIA UNITIVA

1289. Uma vez purificada a alma e adornada pelo exercício positivo das virtudes, está preparada para a união habitual e íntima com Deus, ou seja, para a *via unitiva*.

CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES^[718]

Antes de entrar nos detalhes das questões atinentes à via unitiva, exporemos brevemente: 1º - O *fim* a ser atingido nessa via; 2º - Suas *características distintivas*; 3º - A noção geral de *contemplação*, que é uma das características gerais dessa via; 4º - A *divisão* adotada.

I – A FINALIDADE DA VIA UNITIVA

1290. Esta finalidade não é outra senão a união íntima e habitual com Deus, por Jesus Cristo. Isso está claramente expresso nas palavras que o Pe. Olier colocou na fachada de entrada do Pietas Seminarii: “*O primeiro e último objetivo desta Instituição é viver supremamente em Deus, por Cristo Jesus Nosso Senhor, de tal forma que o íntimo do nosso coração possa ser penetrado pelas disposições interiores do Filho de Deus, e que cada um possa dizer o que São Paulo falou verdadeiramente de si mesmo: “Eu vivo, mas já não sou eu; é Cristo que vive em mim” (Gl 2, 20).’*”

Viver somente para Deus, o Deus vivo, a SS. Trindade que habita em nós, para louvá-lo, servi-lo, reverenciá-lo e amá-lo: esse é o fim do cristão perfeito. Assim, não é viver de modo medíocre, mas *intensamente*, com todo o *fervor* que o amor comunica. Portanto, buscar esquecer-se de si mesmo para pensar somente em Deus, que se digna viver em nós, para amá-lo com toda a nossa alma, convergindo para ele todos os pensamentos, desejos e ações. Desse modo poderemos concretizar aquela oração da hora *Prima*, na qual pedimos: “*Conceda-nos neste dia, Senhor Deus do céu e da terra, dirigir, santificar, reger e governar a nossa alma e o nosso corpo, nossos sentimentos, palavras e ações, para guardarmos tua lei e observarmos os teus mandamentos.*” Assim, tudo submeter inteiramente à sua santa vontade.

1291. Mas como pelas nossas forças somos disso incapazes, precisamos nos unir intimamente a Jesus Cristo. Incorporados a ele pelo batismo,

desejamos tornar essa união mais íntima pela recepção fervorosa dos sacramentos, sobretudo a Sagrada Comunhão. Ao recebê-la, procuramos prolongar a união por meio do recolhimento habitual, para que se tornem *nossas as disposições interiores* de Nosso Senhor e estas inspirem todas as nossas ações, colocando-nos em condições de repetir e praticar as palavras de São Paulo: “*Eu vivo, mas já não sou eu; é Cristo que vive em mim*” (Gl 2, 20). Para alcançarmos esse feliz resultado, Jesus, por seus méritos e orações, envia-nos o seu Espírito Santo, o mesmo Espírito que produzia nele as disposições perfeitas que o animavam. Assim, deixando-nos guiar por esse Espírito divino, obedecendo pronta e generosamente às suas inspirações, pensamos, falamos e agimos como Jesus faria se estivesse em nosso lugar. Portanto, já é Ele que vive em nós; é Ele que, conosco e através de nós, glorifica a Deus, santifica-nos e ajuda-nos a santificar os irmãos. Portanto, ainda que nesta via predomine a devoção à SS. Trindade, nem por isso deixamos de estar unidos ao Verbo Encarnado, pelo qual nos elevamos ao Pai: “*ninguém vem ao Pai senão por mim*” (Jo 14, 6).

II – CARACTERÍSTICAS DISTINTIVAS DA VIA UNITIVA

Essas características podem ser resumidas em uma só: a necessidade de *simplificar* tudo, de reduzir tudo à *unidade*, ou seja, à *união íntima com Deus por meio da caridade divina*.

1292. 1º - A alma vive quase continuamente na presença de Deus; deleita-se em contemplá-lo e em viver em seu coração: “*caminhar na intimidade de Deus*”. Para isso procura cuidadosamente desapegar-se das criaturas, “*não se deixa prender por nenhuma afeição externa*”. Por essa razão, busca a solidão e o silêncio; paulatinamente constrói em seu coração uma pequenina *cela*, onde sempre encontra Deus e fala-lhe de coração a coração. Estabelece-se, assim, entre Deus e a alma, uma doce intimidade.

Diz Mons. Gay^[719]: “*A intimidade é a consciência que aqueles que amam têm da harmonia entre eles: consciência plena de luz, de união, de alegria e fecundidade. É a sensação e a experiência da mútua atração, da afinidade, inteira concordância, se acaso não for perfeita semelhança. ... É a união até a unidade e, por conseguinte, uma unidade sem solidão. É uma*

segurança recíproca, uma confiança sem limites, uma simplicidade espontânea, que torna as almas totalmente transparentes. Enfim, como resultado, é a plena liberdade que se dão de sempre se contemplarem mutuamente e de se deixarem ver até o mais profundo do ser.” É aquela intimidade que Deus permite e se digna ofertar às almas interiores, como muito bem expõe o autor da Imitação:^[720] “Amiúde visita o homem interior, com doce colóquio, suave consolação, abundante paz e admirável familiaridade.”

1293. 2º - Desse modo o amor de Deus torna-se, não somente a principal virtude da alma, mas, pode-se dizer, sua *única virtude*, no sentido de que todas as outras virtudes que pratica são para ela somente atos de amor.

Assim, a prudência é para ela somente um olhar afetuoso para as coisas divinas, para nelas encontrar a regra dos seus juízos; a justiça, uma imitação tão perfeita quanto possível da retidão divina; a fortaleza, um domínio total das paixões; a temperança, um completo esquecimento dos prazeres terrenos para pensar somente nas alegrias do céu.^[721]* Com maior razão as virtudes teológicas são para a alma um exercício do amor perfeito: a fé não é somente um ato que se renova de tempos em tempos, mas o espírito de fé, a vida de fé informada pela caridade, “a fé que opera pela caridade”; a esperança é a confiança filial, o santo abandono. Nessas alturas, todas as virtudes tornam-se somente uma. São, por assim dizer, diversas formas de caridade: “A caridade é paciente, é benigna, ...”

1294. 3º - Uma *simplificação* semelhante ocorre na oração: pouco a pouco desaparecem os raciocínios para darem lugar aos piedosos afetos. Estes, por sua vez, vão se simplificando, como em breve explicaremos, convertendo-se num olhar afetuoso e prolongado dirigido a Deus.

1295. 4º - Ocorre, pois, uma *simplificação da vida inteira*: antes a alma dedicava horas à meditação e à oração, agora sua vida é uma *perpétua oração*; quer trabalhe ou recreie-se, esteja sozinho ou acompanhado, eleva-se incessantemente para Deus, conformando sua vontade à Dele: “faço sempre o que é do seu agrado” (Jo 8, 29). Essa conformidade é para ela um ato de amor e de abandono nas mãos de Deus: suas orações, ações comuns,

sofrimentos e humilhações, tudo está impregnado do amor de Deus (*Meu Deus e meu tudo*).

1296. Conclusão. Pelo exposto, podemos ver quais almas estão dispostas à via unitiva. São as que preenchem as três condições a seguir:

a) Uma grande *pureza de coração*, ou seja, não somente reparação e expiação das faltas passadas, mas, além disso, desprendimento de tudo que possa levar ao pecado, horror a todo pecado venial deliberado e também a qualquer resistência voluntária à graça, o que não exclui algumas faltas veniais de fragilidade que, contudo, são causa imediata de vivo arrependimento. Essa purificação da alma, iniciada na via purgativa, aperfeiçoada na iluminativa pelo exercício positivo das virtudes e pela aceitação generosa das cruzes providenciais, é completada na via unitiva pelas *provações passivas* que descreveremos logo mais.

b) Um *grande domínio sobre si mesmo*, obtido pela mortificação das paixões e pela prática das virtudes morais e teologais que, disciplinando as faculdades, gradualmente as submete à vontade e esta, à vontade divina. Desse modo, em certa medida se restabelece a ordem original: senhora de si, a alma pode dar-se inteiramente a Deus.

c) Uma *necessidade constante de pensar em Deus*, de entreter-se com Ele, de fazer todas as ações para agradá-lo. A alma sofre por não poder ocupar-se continuamente com Ele. Quando, por dever de estado, precisa envolver-se com coisas profanas, esforça-se para não perder a presença divina; instintivamente volta-se para Ele como a agulha de uma bússola para o norte: “*Meus olhos estão sempre fixos no Senhor*” (Sl 24, 15).

III – NOÇÃO GERAL DE CONTEMPLAÇÃO^[722]

Pelo muito pensar em Deus, a alma fixa amorosamente seu olhar sobre ele: é a contemplação, que é uma das marcas características da via unitiva.

1297. 1º - Contemplação natural. Genericamente falando, contemplar é olhar um objeto com admiração. Há uma *contemplação natural*, que pode ser *sensível*, *imaginativa* ou *intelectual*.

1. É *sensível* quando olhamos por muito tempo e com admiração, por exemplo, um bom espetáculo, a imensidão do mar ou uma cordilheira.

2. Chama-se *imaginária* quando com a imaginação representamos por muito tempo, com afeto e admiração, algo ou alguém que amamos.

3. Denomina-se *intelectual ou filosófica*, cada vez que se retém a mente por um simples olhar sobre alguma grande síntese filosófica como, por exemplo, o conceito de Ser absolutamente simples e imutável, princípio e fim de todos os outros seres.

1298. 2º - Contemplação sobrenatural. Há também uma contemplação *sobrenatural* e sobre esta é que iremos tratar. Vamos expor sua *noção* e suas *espécies*.

A) Noção. O termo *contemplação* designa, em *sentido próprio*, um ato de *simples visão intelectual*, abstraído dos vários elementos emocionais ou imaginativos que o acompanham. Todavia, quando o objeto contemplado é belo e amável, é acompanhado de admiração e amor. Por *extensão*, chama-se contemplação a oração caracterizada pelo *predomínio* desse simples olhar. Não é necessário que esse ato dure todo o tempo da oração, basta que seja *frequente* e acompanhado de *afetos*. Portanto, a oração contemplativa distingue-se da *discursiva* (nº 667) por excluir longos raciocínios e, da oração *afetiva* (nº 976), porque exclui a multiplicidade de atos que a caracterizam. Podemos então defini-la como *uma visão simples e afetuosa de Deus e das coisas divinas*, ou, mais brevemente, como disse Santo Tomás:^[723] “*uma simples intuição da verdade*”.

1299. B) Espécies. Podemos distinguir três espécies de contemplação: a *adquirida*, a *infusa*, e a *mista*.^[724]

a) A contemplação *adquirida* é basicamente uma *oração afetiva simplificada*, podendo ser definida como: *a contemplação em que a simplificação dos atos intelectuais e afetivos é resultado de nossa atividade auxiliada pela graça*. Muitas vezes os dons do Espírito Santo, de um modo *latente*, nela intervêm, especialmente os dons de *ciência*, *entendimento* e *sabedoria*, para ajudar-nos a fixar amorosamente nosso olhar em Deus, como mais adiante explicaremos.

1300. b) A contemplação *infusa* ou *passiva* é essencialmente gratuita e não podemos alcançá-la com nossos próprios esforços auxiliados pela graça ordinária. Podemos defini-la como sendo *uma contemplação na qual a simplificação dos atos intelectuais e afetivos é resultado de uma graça especial, graça operante, que se apodera de nós e faz-nos receber luzes e afetos que Deus opera em nós, com o nosso consentimento*.

Assim, é chamada *infusa*, não pelo fato de proceder das virtudes infusas, pois a contemplação adquirida também procede delas, mas porque não está em nosso poder produzir esses atos, mesmo com as graças ordinárias. No entanto, não é obra exclusiva de Deus, posto que somente é realizada com o nosso consentimento, no sentido de que recebemos *livremente* o que Ele nos concede. Dizemos que nossa alma, sob o influxo da graça operante, é *passiva* porque *recebe* os dons divinos. Todavia, ainda que os receba, dá seu consentimento,^[725]* como adiante explicaremos. Santa Teresa a chama de *sobrenatural* porque o é duplamente, ou seja, não só porque é sobrenatural como os demais atos sobrenaturais, mas porque Deus opera em nós de modo muito especial.

1301. c) Distingue-se também uma contemplação *mista*. De fato, veremos adiante que a contemplação *infusa* é algumas vezes *muito breve*. Pode acontecer que, na mesma oração, alternem-se atos produzidos por nossa iniciativa com os originados pela ação especial da graça operante. Isso acontece principalmente com aqueles que estão começando a entrar na contemplação infusa. Assim, a contemplação é *mista*, ou seja, alterna-se entre passiva e ativa. Todavia, essa contemplação é geralmente designada por *infusa*, pois é, de certo modo, o seu primeiro grau.

IV – DIVISÃO DO TERCEIRO LIVRO

1302. Na via unitiva pode-se distinguir duas formas ou fases distintas.
^[726]*

1. A via unitiva *simples ou ativa*, que se caracteriza pelo *cultivo dos dons do Espírito Santo*, principalmente dos dons ativos e pela simplificação da oração, que se transforma em uma espécie de contemplação ativa, impropriamente assim denominada.

2. A via unitiva *passiva ou mística* em sentido próprio, que se caracteriza pela contemplação *infusa propriamente dita*.

3. Além disso, por vezes a contemplação é acompanhada de *fenômenos extraordinários*, como visões e revelações, às quais se opõe o demônio com suas falsificações: as obsessões e possessões.

4. Em matérias tão difíceis não é surpreendente que haja *opiniões divergentes e controvertidas*, as quais serão examinadas em um capítulo especial.

À maneira de uma *conclusão*, indicaremos como deve proceder o diretor espiritual com os contemplativos.

Cap. I – Da via unitiva simples ou ativa;

Cap. II – Da via unitiva mística ou passiva;

Cap. III – Dos fenômenos místicos extraordinários;

Cap. IV – Questões controvertidas;

Conclusão – Da direção dos contemplativos.

CAPÍTULO I – A VIA UNITIVA SIMPLES

1303. Essa via é o estado das almas fervorosas que vivem habitualmente em união íntima com Deus, sem terem ainda recebido o dom da contemplação infusa. Já habituadas a praticar as virtudes morais e teologais, esforçam-se por aperfeiçoá-las pelo cultivo dos *dons do Espírito Santo*. A sua oração torna-se cada vez mais simplificada, até atingir a *oração da simplicidade*, ou de *simples recolhimento*, que se denomina contemplação *impropriamente dita, adquirida* ou *ativa*. A experiência mostra a existência desse estado, bem como a distinção entre os dois gêneros de contemplação e entre os dons *ativos e contemplativos*.

1304. 1º - Primeiramente, a experiência mostra que há, tanto no claustro como no mundo, almas verdadeiramente fervorosas, habitualmente unidas a Deus, que praticam as virtudes cristãs com generosidade e constância, às vezes até em grau heroico e, não obstante, não gozam da contemplação infusa. Essas almas são dóceis ao Espírito Santo, correspondem habitualmente às suas inspirações e, ocasionalmente, recebem até mesmo luzes e inspirações especiais. Contudo, nada revela, a elas mesmas e ao diretor espiritual, que estejam no estado passivo propriamente dito.^[727]*

1305. 2º - A mesma conclusão emerge da distinção entre contemplação *adquirida* e *infusa*, da qual encontram-se vestígios desde Clemente de Alexandria^[728] e Ricardo de São Vitor, e que se tornou *clássica* desde o fim do século XVII. As almas que permanecem na contemplação adquirida por um período significativo de sua vida, estão na via unitiva simples.

Para evitar qualquer mal-entendido, não queremos dizer que existem duas vias *divergentes*. Pelo contrário, admitimos que a contemplação adquirida é uma excelente disposição para a infusa quando Deus se digna concedê-la. Todavia, há muitas almas que jamais a recebem, embora habitualmente estejam intimamente unidas a Deus. Permanecem, portanto, na via unitiva simples, sem necessariamente haver alguma culpa pessoal.

^[729]*

1306. 3º - Esse argumento é confirmado pelos dons do Espírito Santo, pois uns são destinados principalmente para a *ação* e outros para a *contemplação*. Ocorre que algumas almas, dotadas de um temperamento mais ativo e também absorvidas por inúmeras ocupações, cultivam de modo especial os dons ativos e por isso são menos propensas para a contemplação propriamente dita.

O Pe. Noble^[730]* não deixou de observar isso: “*Em meio ao cansaço do trabalho ou na agitação de tarefas complicadas e que absorvem a atenção, de modo algum o pensamento pode concentrar-se dentro de si mesmo e fixar um olhar imóvel sobre as realidades espirituais e eternas. Para contemplar é necessário não estar assediado por trabalhos difíceis e fatigantes, ou, pelo menos, ser capaz de suspendê-los por tempo suficiente para que o coração e a mente elevem-se serenamente para Deus.*”

Portanto, essas almas não fruirão, pelo menos habitualmente, da contemplação infusa, mas estarão estreitamente unidas a Deus em suas obras e serão dóceis às inspirações do Espírito Santo. É esse estado que chamamos de *via unitiva simples*.

Trataremos sucessivamente dos dois elementos que a caracterizam:
1º - *O cultivo dos dons do Espírito Santo*; 2º - *A oração da simplicidade*.

Art. I – OS DONS DO ESPÍRITO SANTO^[731]

Falaremos sobre: 1º - Os dons do Espírito Santo *em geral*; 2º - De cada um *em particular*; 3º - Do *papel que desempenham na contemplação*; 4º - Dos *frutos* e das *bem-aventuranças* correspondentes aos dons.

I.I – OS DONS DO ESPÍRITO SANTO EM GERAL

Exporemos: 1º - Sua *natureza*; 2º - Sua *excelência*; 3º - A maneira de *cultivá-los*; 4º - Como podem ser *classificados*.

I.I.I – Natureza dos Dons do Espírito Santo

1307. Já explicamos como o Espírito Santo, ao habitar nossa alma (nº 119), produz nela, além da graça habitual, hábitos sobrenaturais que aperfeiçoam nossas faculdades, capacitando-as a produzir, sob a moção da graça atual, atos sobrenaturais. Esses hábitos são as *virtudes* e os *dons*. Estabelecendo com mais precisão a diferença entre esses dois tipos de hábitos, perceberemos melhor em que consistem os dons.

1308. 1º - Diferença entre virtudes e dons. A) A *diferença fundamental* não procede do *objeto material* ou do campo de aplicação, que na realidade é o mesmo, mas do modo *diferente de operar em nossa alma*.

Diz Santo Tomás:^[732]* Deus pode operar em nós de duas maneiras:

a) Acomodando-se ao modo humano de operar em nossas faculdades. É o que ocorre com as virtudes quando nos ajudam a refletir e buscar os melhores meios para alcançar o nosso fim. Para sobrenaturalizar essas operações, concede-nos graças atuais, mas deixa que *nós tomemos a iniciativa*, de acordo com as regras da *prudência* ou da razão iluminada pela fé: somos nós que agimos sob o impulso da graça.

b) Mas, por meio dos *dons*, Deus opera de um modo *sobre-humano*. Ele mesmo toma a iniciativa: antes mesmo de termos tempo de refletir e de consultar as regras de prudência, envia-nos *instintos divinos*, luzes e inspirações que operam em nós *sem deliberação* de nossa parte, mas não sem o nosso consentimento. Essa graça, que nos convida suavemente e obtém eficazmente o nosso consentimento, pode ser chamada de *graça operante*. Sob sua influência somos mais passivos que ativos e a nossa atividade consiste sobretudo em livremente consentir a operação de Deus, em deixar-se conduzir pelo Espírito Santo, em seguir pronta e generosamente as suas inspirações.

1309. B) Com base nesse princípio fundamental compreenderemos melhor as diferenças entre *dons* e *virtudes*:

a) As virtudes nos inclinam a agir *conforme a natureza de nossas faculdades*. Assim, com a ajuda da graça que recebemos, investigamos, raciocinamos, trabalhamos do mesmo modo que fazemos na ordem puramente natural. São, pois, energias primárias e diretamente *ativas*. Os dons, por sua vez, nos dão uma *flexibilidade*, uma *receptividade* que nos dispõe a receber e seguir as moções da graça operante. Esta graça põe em movimento as nossas faculdades, sem, contudo, retirar sua liberdade, de tal modo que, como diz Santo Tomás, ^[733] a alma é mais passiva que ativa: “*a alma não tem função de se mover, mas ao contrário, de ser movida*”.

b) Através das *virtudes* nos governamos por princípios e regras da *prudência sobrenatural*. Assim, temos que refletir, deliberar, consultar, escolher (nº 1020). Sob moção dos dons, deixamo-nos conduzir por uma *inspiração divina* que, repentinamente, sem reflexões pessoais, impele-nos fortemente a fazer isto ou aquilo.

c) Como a operação da graça é muito maior nos dons que nas virtudes, os atos que praticamos em razão dos dons são normalmente, em igualdade de condições, *mais perfeitos* que os praticados por influência das virtudes. Por efeito dos dons é que praticamos o grau mais elevado das virtudes e realizamos atos heroicos.

1310. C) Para melhor compreensão dessa doutrina emprega-se diversas comparações: **a)** Praticar as virtudes é navegar a remo; utilizar os dons é navegar à vela. Com esta avançamos mais rapidamente e com menos

esforço; **b)** A criança que, sustentada por sua mãe, dá alguns passos para a frente, é símbolo dos cristãos que praticam as virtudes com a ajuda da graça. Por sua vez, aquela que a mãe toma nos braços para andar mais depressa, é imagem do cristão que utiliza os dons em conformidade com a graça operante que lhe foi concedida; **c)** O músico, que dedilha as cordas da harpa para produzir sons harmoniosos, é imagem do cristão que pratica as virtudes. Mas quando o próprio Espírito Santo vem a nós com os seus toques divinos, fazendo vibrar as cordas da nossa alma, nela estão operando os dons. Essa comparação foi utilizada pelos Padres da Igreja para explicar a ação de Jesus na alma de Maria: “*A harpa mais melodiosa utilizada por Jesus para agradar ao Pai Eterno.*”

1311. 2º Definição. Pelo exposto, podemos concluir que os dons do Espírito Santo são *hábitos sobrenaturais que dão às nossas faculdades uma docilidade tal que faz com que prontamente obedeçamos às inspirações da graça*. Contudo, como em breve explicaremos, essa docilidade é somente uma mera *receptividade* que precisa ser *cultivada* para que alcance o seu pleno desenvolvimento. Destarte, somente começamos a praticá-la quando Deus concede aquela graça atual que se chama *graça operante*. Nessas ocasiões, a alma, enquanto passiva sob a ação de Deus, é muito ativa para cumprir sua vontade. Pode-se dizer que os dons são simultaneamente “*docilidades e energias ... que tornam a alma mais passiva sob a mão de Deus e, ao mesmo tempo, mais ativa no Seu serviço e na prática das Suas obras.*”^[734]

I.I.II – Excelência dos Dons

Pode-se considerar essa excelência *em si* ou em relação às *virtudes*.

1312. 1º - Em si mesmo, é evidente que esses dons são excelentes. Quanto mais formos unidos e dóceis ao Espírito Santo, fonte de toda santidade, mais perfeito seremos. Os dons nos colocam sob ação direta do Espírito Santo. Vivendo em nossa alma, ele ilumina o entendimento com suas luzes, mostrando claramente o que devemos fazer, inflama o coração e

fortalece a nossa vontade para que realize o bem inspirado. Portanto, é a união mais íntima que pode existir na terra.

Assim, são admiráveis os seus efeitos. São os dons que nos fazem praticar o grau mais perfeito, que chamamos de terceiro grau, das virtudes teologais e morais e também inspiram os atos heroicos. Graças a eles a alma é elevada, quando Deus assim dispuser, à contemplação infusa, pois a flexibilidade e docilidade que os dons produzem é a *disposição próxima* requerida para o estado místico. Assim, os dons são o atalho para alcançar a mais alta perfeição.

1313. 2º - *Comparando* com as virtudes, diz Santo Tomás,^[735]* os dons são mais perfeitos que as virtudes morais ou intelectuais. Estas não têm a Deus por objeto imediato, enquanto os dons elevam tais virtudes a um grau superior, onde, confundindo-se com a caridade, unem-nos a Deus.

Assim, a *prudência*, aperfeiçoada pelo dom de *conselho*, faz-nos partícipes da luz do próprio Deus, e o dom de *fortaleza* põe a força do próprio Deus à nossa disposição. Porém, os dons não são superiores às virtudes teologais, sobretudo a da caridade, pois esta é o primeiro e mais perfeito dos bens sobrenaturais, a fonte de onde dimanam os dons. Não obstante, pode-se dizer que os dons aperfeiçoam as virtudes teologais quanto ao seu *exercício*. Assim, o dom de *entendimento* faz com que nossa fé seja mais viva e penetrante ao revelar a íntima harmonia existente entre os dogmas; o dom de *sabedoria* aperfeiçoam o exercício da caridade, porque nos faz *saborear* a Deus e as coisas divinas. Portanto, em relação às virtudes teologais, os dons são meios para atingir o fim e conferem-lhes uma maior perfeição.

I.I.III – Cultivo dos Dons Espírito Santo

1314. 1º - **Desenvolvimento progressivo.** Os dons do Espírito Santo são recebidos juntamente com o estado de graça: nesse momento são simples *faculdades sobrenaturais*. Ao chegar à idade da razão, em que o coração se orienta para Deus, começamos, movidos pela graça atual, a pôr em movimento o nosso organismo sobrenatural, inclusive os dons do Espírito

Santo. De fato, não é crível que esses dons permaneçam inertes, sem serem utilizados durante um longo período de nossa vida. ^[736]*

Todavia, para atingir seu desenvolvimento normal e completo, é preciso antes praticar as virtudes morais por um tempo considerável, que varia conforme os planos de Deus sobre nós e com a nossa cooperação com a graça. Como já dissemos, são essas virtudes que quebrantam pouco a pouco a alma e preparam-na para aquela docilidade perfeita, necessária para o pleno exercício dos dons. Nesse ínterim, com a graça habitual os dons vão crescendo como hábitos e, com frequência, sem disso termos consciência, somam suas energias às das virtudes, para que realizemos atos sobrenaturais.

Há ocasiões em que, pela graça *operante*, o Espírito Santo, de modo *transitório*, produz um fervor incomum, como um estado de contemplação passageiro. De fato, qual a alma fervorosa que ainda não sentiu, em certos momentos, essas repentinas inspirações da graça, em que teve somente que receber e seguir a moção divina? Ao ler o Santo Evangelho ou algum livro piedoso, numa comunhão ou visita ao SS. Sacramento, em um retiro, no momento da decisão por um estado de vida, na ordenação ou tomada de hábito, etc., parece-nos que a graça de Deus toca suave e fortemente.

1315. 2º - Meios de fomentar os dons. A) A prática das virtudes morais é a primeira *condição necessária* para fomentar os dons. Santo Tomás^[737] assim o ensina: “*As virtudes morais e intelectuais são anteriores aos dons, pois, estando o homem bem-disposto no que diz respeito à sua própria razão, ele se dispõe igualmente no que concerne às suas relações com Deus.*” Para alcançar aquela divina docilidade que os dons conferem, é necessário antes dominar as paixões e os vícios por meio de hábitos de prudência, humildade, obediência, mansidão e castidade. De fato, como poderíamos perceber, acolher e seguir com docilidade as inspirações da graça, quando a alma está agitada pela prudência da carne, pelo orgulho, dureza de coração, ira e luxúria? Antes de ser dirigidos pelas inspirações divinas, precisamos observar as regras da prudência cristã; antes de obedecer aos impulsos da graça, é preciso guardar os mandamentos e vencer a soberba.

Por essa razão é que Caetano,^[738] fiel comentador de Santo Tomás, diz com razão: “*Os diretores espirituais devem estar atentos a isso e cuidar*

para que seus discípulos primeiramente se exercitem na vida ativa, antes de expô-los às alturas da contemplação. É preciso antes ter dominado as paixões pelos hábitos de mansidão, paciência, liberalidade, humildade, etc., para que, já pacificada, a alma possa elevar-se à vida contemplativa. Por falta dessa ascese prévia, muitos que, em vez de seguir ordenadamente no caminho de Deus, queimam etapas, depois de terem gasto muitos anos da vida na contemplação, encontram-se vazios de todas as virtudes. Por menor que seja a prova, mostram-se impacientes, coléricos e orgulhosos. Tais pessoas não tiveram vida ativa, nem contemplativa ou mista; edificaram sobre a areia. Quisera Deus que esse defeito fosse raro!”

1316. B) Os dons são também cultivados pelo *combate ao espírito do mundo*, que é diametralmente oposto ao Espírito de Deus. É o que São Paulo nos pede: *“Ora, nós não recebemos o espírito do mundo, mas sim o Espírito que vem de Deus, que nos dá a conhecer as graças que Deus nos prodigalizou ... Mas o homem natural não aceita as coisas do Espírito de Deus, pois para ele são loucuras. Nem as pode compreender, porque é pelo Espírito que se devem ponderar.”* (I Cor 2, 12 – 14). Para combater melhor o espírito do mundo é preciso ler e meditar as máximas evangélicas e, o mais perfeitamente possível, conformar a elas nossa vida. Dessa forma obteremos a aptidão necessária para sermos guiados pelo Espírito Santo.

1317. C) Seguem-se os meios *positivos* e diretos que nos colocam *sob ação do Espírito Santo*:

a) Em primeiro lugar o *recolhimento interior*, ou o hábito de pensar continuamente em Deus, que vive, não somente perto de nós, mas em nós (nº 92). Gradualmente alcança-se não perder de vista a presença de Deus, mesmo em meio as mais absorventes ocupações. Muitas vezes ao dia a alma recolhe-se à cela do seu coração, para lá encontrar o Espírito Santo e ouvir a sua voz: *“Escutarei o que diz o Senhor Deus”* (Sl 84, 9). Desse modo realiza-se o que diz o autor da Imitação de Cristo:^[739] *“Bem-aventurada a alma que houve, em si mesma, a voz do Senhor, e recebe de seus lábios palavras de consolação.”* O Espírito Santo fala ao coração e suas palavras trazem luz, força e consolação.

1318. b) E, como o Espírito Santo nos pede sacrifícios, é preciso que a alma se habitue a seguir *pronta e generosamente* às menores inspirações, sempre que lhe fale com clareza e certeza: “*porque faço sempre o que é do seu agrado*” (Jo 8, 29). Caso contrário, deixaria de manifestar-se ou, pelo menos, falaria muito menos vezes: “*Hoje, se ouvirdes a sua voz, não endureçais os vossos corações, como por ocasião da revolta, como no dia da tentação no deserto, quando vossos pais me puseram à prova e viram o meu poder por quarenta anos.*” (Hb 3, 7 – 9; Sl 94, 8 – 9). Se os sacrifícios que ele nos pede parecem difíceis, não desanimemos. Simplesmente peçamos, como Santo Agostinho, a graça de cumpri-los: “*Concede-me, Senhor, o que ordenas, e ordena o que desejares.*”^[1740] O importante é não resistir deliberadamente às suas inspirações: quanto mais dóceis formos, mais apreciará mover a nossa alma.

1319. c) Convém até mesmo antecipar-se, invocando-o com confiança em união com o Verbo Encarnado, que nos prometeu enviar o seu Espírito. Também em união com Aquela que é o templo perfeitíssimo e Esposa do Espírito Santo, como fizeram os apóstolos que, no cenáculo, oravam em união com Maria: “*entre elas Maria, mãe de Jesus*” (At 1, 14)

A Igreja em sua liturgia nos fornece magníficas orações para atrair a nós o Espírito de Deus: a sequência *Veni Sancte Spiritus*, o hino *Veni Creatur Spiritus*, e outras invocações encontradas no Pontifical para a ordenação de subdiáconos, diáconos e presbíteros, têm especial eficácia e conteúdos tão belos que não se consegue rezá-las sem piedosa emoção.

Também é um excelente hábito rezar antes de cada uma de nossas ações, o *Veni Sancte Spiritus*, como é feito nos seminários, onde se pede a caridade divina, princípio de todos os dons, e o dom da sabedoria que, por ser o mais perfeito, encerra todos os demais. Essa oração não pode deixar de ser eficaz se for rezada com atenção e fervor.

I.I.IV – Classificação dos Dons do Espírito Santo

1320. O profeta Isaías ao anunciar a vinda do Messias, disse que o Espírito Santo do Senhor repousaria sobre ele: “*Espírito de sabedoria e de entendimento, Espírito de prudência e de coragem, Espírito de ciência e de*

temor ao Senhor” (Is 11, 2).^[74]* Como pelo batismo fomos incorporados a Cristo, participamos desses mesmos dons. Segundo a Tradição são sete, que podem ser classificados de diversas maneiras:

A) Sob o aspecto da perfeição o menos perfeito é dom de temor de Deus e o mais perfeito o de sabedoria.

B) Ao considerar as faculdades sobre as quais atuam, distinguimos os dons *intelectuais* e os *afetivos*. Os primeiros iluminam o intelecto e são: ciência, entendimento, sabedoria e conselho. Os demais fortalecem a vontade e são: piedade, fortaleza e temor de Deus. Entre os intelectuais, há sobretudo três dons que produzem a contemplação infusa: o de *ciência*, de *entendimento* e o de *sabedoria*. Os demais chamam-se ativos.

C) Considerando os dons em sua relação com as virtudes que aperfeiçoam, temos:

1. O dom de *conselho* aperfeiçoa a virtude *prudência*;
2. O de *piedade* aperfeiçoa a virtude da *religião* que deriva da *justiça*;
3. O dom de *fortaleza* aperfeiçoa a virtude com o mesmo nome;
4. O dom de *temor* aperfeiçoa a virtude da *temperança*;
5. Os dons de *ciência* e de *entendimento* aperfeiçoam a virtude da *fé*;
6. O de *sabedoria* aperfeiçoa a virtude da *caridade*.

Seguiremos essa divisão porque nos mostra melhor a natureza de cada um dos dons, lado a lado com a virtude correspondente.

I.II – CADA UM DOS DONS EM PARTICULAR

I.II.I – O Dom de Conselho

1321. 1º - Natureza. **A)** O dom de conselho *aperfeiçoa a virtude da prudência, fazendo-nos julgar pronta e seguramente, por uma espécie de intuição sobrenatural o que convém fazer, principalmente nos casos difíceis*. Pela virtude da prudência refletimos e analisamos com cuidado os meios mais adequados para alcançar o fim, valendo-nos das lições do passado e baseando-nos no nosso conhecimento atual, para tomar uma decisão correta. Com o dom do conselho ocorre muito diferente. O Espírito Santo nos fala ao coração e faz-nos compreender em um instante o que devemos fazer, cumprindo-se dessa forma a promessa do Senhor aos

apóstolos: “Quando fordes presos, não vos preocupeis nem pela maneira com que haveis de falar, nem pelo que haveis de dizer: naquele momento ser-vos-á inspirado o que haveis de dizer” (Mt 10, 19). Assim aconteceu com São Pedro depois do dia de Pentecostes. Preso pelo Sinédrio, ordenaram-lhe não anunciar mais a Jesus Cristo, ao que prontamente replicou: “*Importa obedecer antes a Deus do que aos homens*” (At 5, 20).

Muitos santos tiveram o dom do conselho. Santo Antônio o possuiu em tão alto grau que a posteridade deu-lhe o título de bom conselheiro (*Antoninus consiliorum*). De fato, era consultado não apenas pelo simples fieis, mas também por homens de estado, em particular por Cosme de Médicis, que várias vezes o escolheu como embaixador. Santa Catarina de Sena também o possuía admiravelmente. Mesmo muito jovem e sem jamais ter estudado, dava sábios conselhos a príncipes, cardeais e até ao próprio Sumo Pontífice. Santa Joana d’Arc, apesar de ignorar a arte da guerra, traçou planos de campanha que foram admirados pelos melhores oficiais do exército. Ela mesmo dizia a origem da sua sabedoria: “*Vós tendes o vosso conselho, e eu tenho o meu.*”

1322. B) O *objeto próprio* do dom do conselho é a orientação correta das ações particulares. Os dons de ciência e entendimento nos dão os princípios gerais, mas o dom do conselho sugere a aplicação destes aos milhares de casos particulares que nos surgem. A luz do Espírito Santo mostra o que devemos fazer no tempo, lugar e circunstâncias em que nos encontramos e, se temos por encargo orientar os outros, que conselhos lhes dar.

1323. 2º - Necessidade. A) Em certos casos mais importantes e difíceis, quando está em causa a salvação ou santificação, a *todos* é necessário o dom do conselho. Por exemplo, nas questões de vocação ou em algumas ocasiões de pecado que enfrentamos no próprio exercício das obrigações. A razão humana é falível e incerta em seus caminhos e somente apta a agir depois de longos raciocínios. Por isso, é importante que nos momentos decisivos da vida recebamos luzes do divino Conselheiro, que num único olhar vê tudo, e que, no devido tempo, faz-nos ver com segurança o que se deve fazer nessas circunstâncias difíceis.^[742]* Diz o Bispo Landrieux: “*Com o dom do conselho a alma tem discernimento seguro dos meios, vê o seu*

caminho e nele segue com segurança, ainda que seja difícil, árduo e penoso ..., e sabe aguardar o tempo propício.”^[743]*

B) Esse dom é especialmente necessário aos *superiores* e *sacerdotes*, seja para a própria santificação, seja para a dos outros. **a)** Às vezes é muito difícil saber conciliar a vida interior com o apostolado, o afeto que devemos ter para com as almas com a castidade perfeita, a simplicidade da pomba com a prudência da serpente. Assim, as luzes especiais do Espírito Santo nunca serão em excesso para mostrar-nos como nos conduzir em cada um desses momentos. **b)** Da mesma forma os *superiores*, que devem cuidar para que as regras sejam observadas fielmente e, não obstante, manter a confiança e o afeto dos seus subordinados, precisam de muito tato para combinar a justa severidade com a bondade, para não multiplicar ordens e repreensões e conseguir que os súditos cumpram a regra movidos mais pelo amor do que pelo temor. **c)** No que toca aos *diretores de almas*, de quanta luz não precisam para discernir o que convém a cada um dos seus dirigidos, para conhecer os seus defeitos e escolher os meios mais adequados para a emenda, para decidir sobre assuntos de vocação e para conduzir, cada uma das almas, ao grau de perfeição ou ao gênero de vida para o qual é chamada?

1324. 3º - Meios de cultivá-lo. A) Para cultivar esse dom, primeiramente é necessário ter um profundo sentimento de impotência e recorrer muitas vezes ao Espírito Santo, para que nos mostre os seus caminhos: “*Senhor, mostrai-me os vossos caminhos, e ensinaí-me as vossas veredas*” (Sl 24, 4). Com certeza, de uma maneira ou de outra, Ele virá e nos iluminará, porque se deixa abater pelos humildes. Assim será, sobretudo, se tivermos o cuidado de invocá-lo de manhã para todo o dia, no início de nossas principais ações e, principalmente, em todos os casos difíceis.

B) Destarte, é preciso acostumar-se a *prestar atenção* à voz do Espírito Santo, julgar tudo na sua luz, sem se deixar influenciar por considerações humanas, e obedecer às suas menores inspirações. Ao encontrar nossa alma dócil e maleável, falará ao coração com maior frequência.^[744]*

I.II.II – O Dom de Piedade

1325. 1º - Natureza. Esse dom aperfeiçoa a virtude da *religião*, derivada da *justiça*, e opera em nossos corações uma *afeição filial para com Deus e uma terna devoção às pessoas e às coisas divinas, de maneira que cumpramos com santo fervor os nossos deveres religiosos*.

A *virtude da religião* só se adquire pelo esforço, enquanto o *dom da piedade* é-nos comunicado pelo Espírito Santo.

A) Esse dom faz-nos ver a Deus como Pai boníssimo e amoroso e não apenas como um Senhor soberano: “*recebestes o espírito de adoção pelo qual clamamos: Aba! Pai!*” (Rm 8, 15). Faz a alma dilatar-se em amor e confiança, sem excluir a reverência que lhe é devida. Por isso, produz em nós um triplo sentimento:

1. De *respeito filial* para com Deus, que nos faz adorá-lo com santo ardor, como um Pai amoroso. Os exercícios espirituais, em vez de tarefa difícil, tornam-se, por assim dizer, uma necessidade da alma, um impulso do coração para Deus;

2. De *amor terno e generoso*, que nos move a sacrificar-nos por Deus e sua glória, para agradá-lo: “*faço sempre o que é do seu agrado*” (Jo 8, 29). Portanto, não é uma piedade egoísta, que somente busca consolações; nem uma piedade inerte, que permanece ociosa quando deveria trabalhar; nem sentimental, que visa apenas emoções e que se perde em devaneios; é uma piedade viril, que demonstra o seu amor fazendo a vontade divina;

3. De *obediência afetuosa*, que vê nos mandamentos e conselhos a manifestação sapientíssima e paternalíssima da vontade de Deus sobre nós. Disso nasce um santo abandono nas mãos amorosíssimas do Pai, que sabe melhor que nós o que nos convém, e que nos prova para purificar-nos e unir-nos a si: “*sabemos que todas as coisas concorrem para o bem daqueles que amam a Deus*” (Rm 8, 28).

1326. B) Esses mesmos sentimentos nos fazem amar as *pessoas e coisas* que participam do ser divino e das suas perfeições.

1. Por isso amamos e veneramos a Santíssima Virgem, por ser Mãe de Deus e nossa Mãe (n^{os} 155 - 156), e dedicamos-lhe uma parcela da nossa veneração e amor para com Deus, por ser Ela, entre todas as criaturas, a que melhor reflete as perfeições divinas.

2. Do mesmo modo amamos e reverenciamos nos anjos e santos os reflexos dos atributos divinos.

3. As *Sagradas Escrituras* tornam-se para nós Palavra de Deus, uma carta escrita pelo nosso Pai do céu, na qual comunica os seus pensamentos e o que quer de nós.

4. A *Santa Igreja* passa a ser: *Esposa de Cristo*, nascida do seu sagrado lado aberto, revestida da sua infalível autoridade, que perpetua sua missão na terra; *nossa Mãe*, que nos regenerou para a vida da graça e nutre-nos pelos sacramentos. Interessamo-nos por tudo o que de perto lhe diz respeito, seus triunfos e humilhações. Abraçamos todos os seus interesses e ficamos felizes em promovê-los. Solidarizamos-nos com suas dores. Em resumo, temos para com ela um *amor filial*, ao qual acrescentamos uma *obediência cordial*, sabendo que cumprir as suas exigências é obedecer ao próprio Deus: “*Quem vos ouve, a mim ouve*” (Lc 10, 16).

5. O chefe da Igreja, o *Sumo Pontífice*, torna-se o vice-rei, o representante visível de Jesus Cristo na terra. Portanto, transferimos para ele a veneração e o amor que temos para com o chefe invisível da Igreja, e sentimos prazer em obedecê-lo como ao próprio Cristo.

6. Temos esses mesmos sentimentos para com os nossos *superiores*, nos quais nos comprazemos em ver o próprio Jesus Cristo: “*Meu superior é a imagem que Cristo me oferece.*” Se Deus nos confiar súditos, serão tratados com a mesma ternura paternal com que Deus nos trata.

1327. Necessidade. A) Todos os cristãos precisam desse dom para cumprir com alegria e fervor os seus deveres religiosos para com Deus, para devotar respeitosa obediência aos superiores e ter condescendência com os inferiores. Sem ele, o trato com Deus será a maneira de um chefe; a oração será mais um fardo que um consolo; as provações que Deus envia parecerão punições severas e até mesmo injustas. Por outro lado, movidos por esse dom veremos a Deus como um Pai. Com filial alegria lhe daremos culto, com doce submissão beijaremos a mão que, quando nos prova, é somente para purificar-nos e unir-nos mais intimamente a si mesmo.

1328. B) Esse dom é ainda mais necessário para os sacerdotes, religiosos, e para todos aqueles que, vivendo no mundo, consagram-se a Deus.

a) Sem ele, os muitos exercícios de piedade que tomam grande parte de suas vidas, rapidamente se transformam em um jugo insuportável. Sem

amá-lo, ninguém consegue sustentar por muito tempo o pensamento em Deus. É exatamente o dom da piedade, unido com a caridade, que põe na alma os afetos de filial ternura para com Deus, que transforma os exercícios em um doce colóquio com o nosso Pai celestial. Sem dúvida, as securas por vezes perturbam essa intimidade, mas são aceitas com paciência e até com alegria, porque procedem de um Pai que somente se esconde para ser procurado. Como a única coisa que a alma deseja é agradá-lo, alegra-se em sofrer por Ele: *“Para quem ama, nada é custoso.”*

b) Esse dom não é menos necessário para tratar com bondade e doçura as almas que por natureza não nos são simpáticas; para ter ternura paternal com aqueles que Deus teve por bem confiar-nos; e para ter os mesmos sentimentos de São Paulo, que queria formar Jesus Cristo em seus discípulos: *“Filhinhos meus, por quem de novo sinto dores de parto, até que Cristo seja formado em vós”* (Gl 4, 19).

1329. 3º - Meios de cultivar esse dom. A) O primeiro é meditar com frequência nas belíssimas passagens da Sagrada Escritura que falam da bondade e da misericórdia paternal de Deus com os homens, especialmente com os justos (nºs 93 a 96). Agrada a Deus ser conhecido e amado com o título de Pai, sobretudo na nova Lei. Assim, devemos recorrer a ele em todas as dificuldades, com o fervor e a confiança de um filho. Desse modo cumprimos nossos exercícios de piedade *com amor*, buscando sobretudo agradar a Deus e não a nossa consolação.

B) O segundo é *transformar as nossas ações ordinárias em atos de religião*, fazendo-as para agradar ao Pai celestial (nº 527). Assim, nossa vida inteira será transformada em oração e, portanto, em ato de piedade filial para com Deus e fraternal com o próximo, com o que cumprimos perfeitamente as palavras de São Paulo: *“Exercita-te na piedade. Se ... , a piedade, esta sim, é útil para tudo, porque tem a promessa da vida presente e da futura.”* (I Tm 4, 8).

I.II.III – O Dom de Fortaleza

1330. 1º - Natureza. É um dom *que aperfeiçoa a virtude da fortaleza, dando à alma impulso e energia para poder fazer ou padecer alegre e*

intrepidamente grandes coisas, apesar de todas as dificuldades.

Difere da virtude da fortaleza porque não procede dos esforços auxiliados pela graça, mas da ação do Espírito Santo, que se apodera da alma e comunica-lhe um domínio especial sobre as faculdades interiores e as dificuldades exteriores. A virtude não nos livra de certa dúvida e temor das dificuldades e fracassos; o dom traz determinação, segurança, alegria, esperança certa do triunfo, e assim produz melhores resultados. Por isso é que a Escritura diz que Santo Estevão estava cheio de fortaleza, porque estava cheio do Espírito Santo: “*Estêvão, cheio de graça e fortaleza* (At 6, 8), ... *Mas, cheio do Espírito Santo, Estêvão fitou o céu e viu a glória de Deus.*” (At 7, 55).

1331. *Agir e suportar*, mesmo no meio dos desafios mais árduos e à custa de esforços por vezes heroicos, são os dois atos a que nos leva o dom da fortaleza.

a) *Agir*, ou seja, realizar, sem hesitar nem temer, as coisas mais árduas. Por exemplo, praticar, como S. Vicente de Paulo e Sta. Teresa, o perfeito recolhimento interior no meio de uma vida muito agitada; guardar incólume a castidade diante de situações escabrosas, como Sto. Tomás de Aquino e S. Carlos Borromeu; conservar-se humilde no meio das honras, como S. Luis; desafiar perigos, apuros, fadigas e até mesmo a morte, como S. Francisco Xavier; mandar as favas o respeito humano, desprezar honrarias, como S. João Crisóstomo, que temia uma única coisa: o pecado.

b) O dom da fortaleza não é menos necessário para *suportar* longas e dolorosas enfermidades, como Santa Lidovina, ou provações morais, como as que sofrem algumas almas nas provações passivas; ou simplesmente para guardar durante toda a vida, sem falhas, todas as normas da regra. Considera-se, com razão, o martírio como o ato por excelência do dom de fortaleza, posto que o mártir, por Deus, dá o seu bem mais precioso, a vida. Todavia, derramar o sangue gota a gota, consumindo-se inteiramente no serviço das almas, como fizeram, a exemplo de São Paulo, tantos humildes sacerdotes e tantos leigos piedosos, é um martírio que está ao alcance de todos e, nem por isso, é menos meritório.

1332. 2º - **Necessidade.** Não há porque insistir muito sobre a necessidade desse dom. Já falamos (nº 360) que em muitas circunstâncias

precisamos dele para conservar o estado de graça e praticar o heroísmo. É precisamente ele que nos capacita a realizar com generosidade essas ações difíceis.

Quanto mais necessário é o dom de fortaleza em algumas profissões em que há necessidade de expor-se a enfermidades e à morte, como por exemplo, o médico, o soldado e o sacerdote!

1333. 3º - Meios de cultivá-lo. Como a nossa fortaleza não vem de nós, mas de Deus, obviamente é nele que precisamos buscá-la. Ao mesmo tempo devemos reconhecer humildemente a nossa impotência. Na realidade, a Providência serve-se dos instrumentos mais fracos, desde que tenham consciência da sua fraqueza e apoiem-se no Único que pode dar-lhes força. Esse é o significado destas palavras de São Paulo: *“O que é estulto no mundo, Deus o escolheu para confundir os sábios; e o que é fraco no mundo, Deus o escolheu para confundir os fortes; e o que é vil e desprezível no mundo, Deus o escolheu, como também aquelas coisas que nada são, para destruir as que são. Assim, nenhuma criatura se vangloriará diante de Deus.”* (I Cor 1, 27 – 29). Sobretudo na Sagrada Comunhão podemos buscar em Jesus a fortaleza que precisamos para vencer todas as dificuldades. São João Crisóstomo representava os cristãos, ao se levantarem da mesa sagrada, fortes como leões, porque participavam da fortaleza de Cristo. ^[745]*

1334. Devemos também aproveitar ciosamente a infinidade de pequenas ocasiões em que, pela continuidade do esforço, podemos exercitar a fortaleza e a paciência.

Assim o fazem aqueles que: alegremente se submetem a uma regra desde a manhã até a noite; esforçam-se para estar atentos às suas orações e recolhidos ao longo do dia; guardam silêncio quando têm vontade de conversar; evitam fixar o olhar em coisas que estimulam a curiosidade; sofrem sem reclamar das intempéries das estações; mostram-se amáveis com os naturalmente antipáticos; acolhem com paciência e humildade as repreensões recebidas; acomodam-se aos gostos, desejos e temperamentos dos outros; suportam contradições sem irritar-se; em suma, aplicam-se em superar as paixões mesquinhas, vencendo a si mesmos. Fazer tudo isso, não esporadicamente, mas habitualmente, não só com paciência, mas com

alegria, já é heroísmo. Desse modo não será tão difícil ser herói quando as grandes ocasiões surgirem,^[746]* pois teremos conosco a fortaleza do próprio Espírito Santo: “*Mas descera sobre vós o Espírito Santo e vos dará força; e sereis minhas testemunhas*” (At 1, 8).

I.II.IV – O Dom de Temor

1335. 1º - Natureza. Não tratamos aqui do medo de Deus em razão da lembrança dos pecados, que nos inquieta, entristece e perturba; nem do medo do inferno, que é suficiente para iniciar uma conversão, mas não para consumir a santificação. Trata-se do temor *reverencial* e *filial*, que nos leva a fugir de tudo o que possa ofender a Deus.

O dom do temor aperfeiçoa conjuntamente as virtudes da *esperança* e da *temperança*: a primeira, porque nos faz temer desagradar a Deus e apartar-se dele; a segunda, porque nos desapega dos falsos prazeres que podem nos separar de Deus.

Assim, pode-se definir o dom do temor como *aquele que inclina a nossa vontade ao respeito filial para com Deus, afasta-nos do pecado, porque o desagrada, e dá-nos esperança no seu poderoso auxílio.*

1336. Abrange três atos principais: **a)** Um sentimento vivo da grandeza de Deus e, conseqüentemente, um extremo horror ao menor dos pecados que ofendem a infinita Majestade. Disse Nosso Senhor a Santa Catarina de Sena:^[747] “*Não sabes que todas as penas que a alma padece, ou pode padecer, nesta vida, não são punição suficiente para a menor das faltas. A ofensa feita a mim, o Bem infinito, exige satisfação infinita. Por isso quero que saibas que todas as penas desta vida não são um castigo, mas uma correção ...*” Essa era a compreensão dos santos, que se recriminavam amargamente diante das menores faltas e sempre pensavam que não haviam feito o suficiente para repará-las; **b)** Uma viva *contrição* dos menores pecados cometidos, porque por eles ofendeu-se a um Deus infinito e infinitamente bom, donde nasce um desejo ardente e sincero de repará-los pela multiplicação de atos de sacrifício e amor;^[748]* **c)** Um cuidado atento para fugir das ocasiões de pecado, como se fuge de uma víbora: “*Foge do pecado com se fuge de uma serpente*” (Eccl 21, 2). Por conseguinte, uma

grande aplicação em conhecer em tudo o querer de Deus a nosso respeito, para conformar a ele a nossa conduta.

Obviamente que, ao conduzir-se dessa maneira, aperfeiçoa-se a virtude da temperança, porque os prazeres proibidos são evitados, e a da esperança, porque se ergue o olhar para Deus com filial confiança.

1337. 2º - Necessidade. A) Esse dom é necessário para evitar o excesso de familiaridade com Deus. Há aqueles que são tentados a esquecer a grandeza de Deus e a infinita distância que nos separa dele e comportam-se, diante dele e das coisas sagradas, com liberdades inconvenientes, falando com excessiva ousadia, tratando-o de igual para igual. Sem dúvida, Deus mesmo convida algumas almas a uma doce intimidade e a uma surpreendente familiaridade. Porém, compete a Ele tomar a iniciativa e não a nós. Destarte, o temor filial não impede, de modo algum, aquela terna familiaridade que verificamos em alguns santos. ^[749]*

B) O temor também é muito útil para preservar-nos, nas relações com o próximo, principalmente com subordinados, de certos comportamentos altivos e orgulhosos que muito mais se aproximam do espírito pagão que do cristão. O temor reverencial de Deus que, tanto quanto nosso, é também Pai deles, nos fará usar a autoridade com modéstia, como convém a quem não a possui por si mesmo, posto que vem de Deus.

1338. 3º - Meios de cultivar o dom. A) Deve-se meditar com frequência na infinita grandeza de Deus, em seus atributos, em sua autoridade sobre nós. Além disso, deve-se considerar, à luz da fé, o que é o pecado, que, por mais leve que seja, sempre é uma ofensa à infinita majestade de Deus. Desse modo, a alma não pode deixar de sentir um temor reverencial a tão soberano Senhor, que ela continuamente ofende: *“O respeito que tenho por vós me faz estremecer e vossos decretos inspiram-me temor”* (Sl 128, 120). Destarte, ao pôr-se em sua presença, fará de coração contrito e humilhado.

B) Para conservar esse sentimento, convém realizar cuidadosamente os *exames de consciência*, estimulando mais a compunção do que o exame minucioso das próprias faltas: *“Um coração arrependido e humilhado, ó Deus, não haveis de desprezar”* (Sl 50, 19). E, para alcançar uma pureza de coração mais perfeita, é muito proveitoso unir-se, incorporar-se cada vez

mais a Jesus penitente: quanto mais participamos do seu horror ao pecado e das suas humilhações, mais completo é o perdão de nossas faltas.

I.II.V – O Dom de Ciência

1339. Observações sobre os três dons intelectuais. Com o dom de ciência damos início aos três dons *intelectuais* que mais diretamente contribuem para a contemplação: o dom de *ciência*, que nos faz julgar retamente as coisas criadas nas suas relações com Deus; o dom do *entendimento*, que nos revela a íntima harmonia das verdades reveladas; o dom de *sabedoria*, que nos faz julgar essas verdades, apreciá-las e saboreá-las. Os três têm em comum o fato de nos dar um conhecimento *experimental*, ou quase experimental, porque com eles conhecemos as coisas divinas, não pelo raciocínio, mas por uma luz superior que nos faz apreendê-las como se delas tivéssemos experiência. Essa luz, comunicada pelo Espírito Santo, certamente é a luz da fé; porém mais ativa, mais iluminadora do que habitualmente, e dá-nos uma espécie de intuição dessas verdades, semelhante àquela que temos dos primeiros princípios. ^[750]

1340. 1º - Natureza. A ciência a que nos referimos aqui não é a ciência *filosófica*, que se adquire pela razão. Tampouco é a ciência *teológica* que adquirimos pelo exercício da razão sobre as verdades da fé, mas a *ciência dos santos*, que nos faz julgar corretamente sobre as coisas criadas em suas relações com Deus.

Assim, pode-se definir o dom de ciência como *um dom que, através da ação iluminadora do Espírito Santo, aperfeiçoa a virtude da fé, fazendo-nos conhecer as coisas criadas nas suas relações com Deus.*

Disse Mons. Olier:^[751] “Deus é um ser que preenche e ocupa tudo. Manifesta-se exteriormente em todas as coisas. Mostra-nos algo do que é em si mesmo por meio dos céus e da terra. ... Por isso, em cada criatura, que é como um sacramento das perfeições divinas, devemos adorar o que ela representa. ... Faríamos isso com facilidade se a graça que Adão recebeu não nos tivesse sido tirada. ... Todavia, o pecado no-la roubou. Por Jesus Cristo ela é restituída, mas somente àquelas almas muito puras, nas quais a fé lhes mostra a majestade de Deus onde quer que se encontrem. ...

Essa luz da fé é a que propriamente se chama ciência dos santos. Sem a ajuda dos sentidos, sem a experiência da razão, ela revela a dependência que todas as criaturas têm de Deus. ... Esse conhecimento é adquirido em um instante e sem fadiga. Com um só olhar a alma penetra na causa de todas as coisas, e em cada uma delas encontra motivo de oração e de perpétua contemplação.”

1341. Assim, as coisas criadas enquanto nos conduzem a Deus são o objeto do dom de ciência.

a) Se as consideramos em sua origem, dizem-nos que procedem de Deus, que as criou e conserva: *“Ele é que nos fez e não nós mesmos.”* Se as estudamos em sua natureza, vemos nelas uma imagem ou reflexo de Deus. O fim delas é conduzir-nos a Deus; são como degraus para subir ao Criador.

Dessa maneira é que os santos viam as coisas, especialmente São Francisco de Assis. Ele considerava todos os seres como tendo uma relação comum com o único e mesmo Pai e via, em cada um deles, um irmão na grande família do Pai celeste: o sol, a água cristalina, as flores e as aves. *“Tão logo percebia a solidez inquebrantável e a firmeza dos rochedos, imediatamente sentia e reconhecia quão forte é Deus e como podemos nos apoiar nele. Uma flor no frescor da manhã, os biquinhos dos filhotinhos em um ninho de pássaros, abertos com ingênua confiança, tudo isso revelava-lhe a pureza e natural formosura de Deus e também a ternura infinita do coração divino, do qual tudo isso brotava. Esse sentimento preenchia Francisco de uma espécie de contínua alegria em Deus, e também de um incessante desejo de dar-lhe graças.”*^[752]

b) Outrossim, o dom de ciência faz-nos ver com prontidão e certeza o que se relaciona com a nossa santificação e a dos outros.

Esse dom derrama luzes sobre o estado de nossa alma, seus movimentos secretos e os princípios destes, as razões e as possíveis consequências resultantes. Ensina-nos também a maneira de tratar com o próximo em vista de sua salvação. Destarte, através dele o pregador sabe o que deve dizer aos seus ouvintes para o bem deles; o diretor espiritual sabe como deve guiar as almas, cada qual segundo as suas necessidades espirituais e os impulsos da graça, e isso em razão de uma luz que lhe permite penetrar no fundo dos corações: esse é o dom infuso do discernimento dos espíritos. Desse modo é que muitos santos, iluminados

por Aquele que sonda os rins e os corações, tomavam conhecimento dos mais secretos pensamentos dos penitentes, antes que estes os revelassem.

1342. 2º - Utilidade. Claramente se percebe o quanto esse dom é útil aos fiéis e especialmente aos sacerdotes e religiosos.

a) *Desapega-nos das criaturas*, mostrando-nos quão vãs elas são em si mesmas, incapazes de fazer-nos felizes e até mesmo perigosas, porque tendem a perverter-nos, atraindo-nos a si, cativando-nos para afastar-nos de Deus. Com esse desapego, mais facilmente nos elevamos para o Único que pode saciar os desejos do coração e exclamamos com o Salmista: “*Digo-me, então: tivesse eu asas como a pomba, voaria para um lugar de repouso; ir-me-ia bem longe morar no deserto*” (Sl 54, 7 – 8).

b) *Ajuda-nos a relacionar-nos bem com as criaturas*, servindo-nos delas como meios para elevar-nos a Deus. Por instinto natural desejamos desfrutar das criaturas e somos tentados a fazer delas o nosso fim. Mas, por efeito desse dom, somente vemos nelas o que Deus nelas pôs, um pálido reflexo das perfeições divinas que nos transporta para a beleza infinita. Assim, repetimos com Santo Agostinho: “*Tarde te amei, ó beleza tão antiga e tão nova! Tarde demais eu te amei!*”^[753].

1343. 3º - Meios de cultivá-lo. **a)** O meio mais importante é sempre olhar as criaturas com os *olhos da fé*. Em vez de nos deter-nos nas sombras que passam, veremos nelas a Causa Primeira, que se dignou comunicar-lhes uma imagem de suas perfeições, e nos fixaremos nessa Causa, desprezando todo o restante. Justamente isso era o que fazia São Paulo quando, arrebatado pelo amor de Cristo, escreveu: “*Por ele tudo desprezei e tenho em conta de esterco, a fim de ganhar Cristo*” (Fl 3, 8).

b) Animados por esse espírito alcançaremos privar-nos de tudo que é inútil e até mesmo de algumas coisas úteis, como por exemplo, olhar para coisas bonitas, alguma leitura interessante, alimentos saborosos, para oferecer tudo isso como sacrifício a Deus. Desse modo, pouco a pouco, desprenderemos nossa alma das criaturas e veremos nelas somente o que nos pode conduzir ao seu Autor.

I.II.VI – O Dom de Entendimento

1344. 1º - Natureza. O dom de entendimento distingue-se do de ciência na medida em que seu objeto é muito mais amplo; em vez de limitar-se a coisas criadas, estende-se a todas *as verdades reveladas*. Destarte, vai mais a fundo, penetrando no sentido íntimo das verdades reveladas (*intus legere* – ler o interior). É fato que não nos faz compreender os mistérios; não obstante, faz-nos ver que, apesar de serem obscuros, são *críveis*, harmonizam-se mutuamente e com o que há de mais nobre na razão humana, o que confirma os motivos de credibilidade.

Assim, podemos defini-lo: *um dom que, pela ação iluminadora do Espírito Santo, dá-nos uma penetrante intuição das verdades reveladas, sem, contudo, dar-nos compreensão dos mistérios*. Com isso entenderemos melhor como ele opera em nossa alma.

1345. 2º - Efeitos. Esse dom produz em nós três efeitos principais:

A) Conforme Santo Tomás,^[754] por seis modos diferentes ele nos faz penetrar no âmago das verdades reveladas:

1. Revela-nos a *substância oculta sob os acidentes*. Por exemplo, a Jesus sob as espécies eucarísticas; era o que fazia aquele camponês dizer, conforme nos conta o Cura d’Ars: “*Eu o vejo e Ele me vê*”.

2. Explica-nos o *significado oculto por trás das palavras*. Assim fez Nosso Senhor ao revelar aos discípulos de Emaús o sentido das profecias. Muitas vezes o Espírito Santo revela às almas de vida interior o sentido profundo desta ou daquela passagem dos Livros Sagrados!

3. Manifesta o misterioso significado dos *sinais sensíveis*. Exemplo disso encontramos em São Paulo, que nos mostrou que o batismo de imersão é símbolo da nossa morte ao pecado, do nosso sepultamento e da ressurreição espiritual em Cristo.

4. Faz-nos *captar as realidades espirituais ocultas sob aparências exteriores*, revelando-nos, por exemplo, no carpinteiro de Nazaré, o Criador do mundo.

5. Através dele enxergamos os *efeitos contidos na causa*. Por exemplo, no sangue que Jesus derramou no calvário vemos a purificação de nossa alma e a nossa reconciliação com Deus; no lado aberto de Jesus, o nascimento da Igreja e a origem dos sacramentos.

6. Por fim, por ação dele vemos a *causa em seus efeitos*. Por exemplo, a ação da Providência nos acontecimentos exteriores.

1346. B) Esse dom nos mostra as verdades da fé com tal clareza que, sem nos fazê-las compreender em sua essência, *confirma a nossa crença*. Diz-nos Santo Tomás:^[755] “*conhece-se que as coisas que exteriormente aparecem não se opõem à verdade*”. Em um grau mais elevado, leva-nos a *contemplar* a Deus, mas não por meio de uma intuição positiva e imediata da essência divina, mas mostrando-nos *o que Deus não é*, conforme mais adiante explicaremos.^{[756]*}

C) Enfim, dá-nos a conhecer um *maior número* de verdades, ajudando-nos a deduzir dos princípios revelados as conclusões teológicas neles contidas. Assim, pois, das palavras: “*E o Verbo se fez carne e habitou entre nós*”, extrai-se quase toda a doutrina sobre a Encarnação, e do texto: “*De quem nasceu Jesus, que é chamado Cristo*”, deduz-se toda a doutrina relativa à Santíssima Virgem.

Esse dom, tão útil a todos os fiéis, muito mais particularmente o é para os sacerdotes e teólogos, porque lhes dá o entendimento das verdades reveladas que devem explicar aos seus discípulos.

1347. 3º - Cultivo do dom de entendimento. A) A principal disposição requerida para obter esse dom é uma *fé viva e simples*, que peça com humildade a Deus as suas luzes para melhor compreender as verdades reveladas: “*dai-me a sabedoria para aprender os vossos mandamentos*” (Sl 118, 73). Dessa maneira agia Santo Anselmo; primeiramente fazia um ato de fé viva antes de aplicar-se ao entendimento dos mistérios, conforme a máxima: “*A fé em busca da razão*”. Pela fé é que chegamos ao entendimento das verdades sobrenaturais.

B) Depois desse ato de fé, precisamos acostumar-nos a penetrar o quanto pudermos no âmago do mistério, não para compreendê-lo em si mesmo, o que é impossível, mas para captar-lhe o significado, o alcance, a analogia com a razão. Após haver estudado um determinado número de mistérios, faremos comparações de uns com os outros, pois esse exercício muitas vezes derrama vivas luzes sobre cada um deles. Assim, através das relações do Verbo com as outras pessoas da SS. Trindade alcançamos um entendimento mais profundo do mistério de sua união com a natureza humana e da sua ação redentora. Reciprocamente, a Encarnação e a Redenção infundem novas luzes sobre os atributos divinos e as relações existentes entre Pai, Filho e Espírito Santo. Porém, para uma compreensão

mais profunda dessas verdades, é preciso amá-las e estudá-las mais com o coração do que com a mente e, sobretudo, com humildade. Assim nos diz Nosso Senhor naquela belíssima oração que dirige ao Pai: “*Eu te bendigo, Pai, Senhor do céu e da terra, porque escondeste estas coisas aos sábios e entendidos e as revelaste aos pequenos*” (Mt 11, 25).

I.II.VII – O Dom de Sabedoria^[257]

Exporemos sua *natureza*, seus *efeitos* e os *meios* de cultivá-lo.

1348. 1º - Natureza. É um dom que aperfeiçoa a virtude da caridade e que reside ao mesmo tempo no *intelecto* e na *vontade*, porque infunde na alma *luz* e *amor*. Com razão é considerado o mais perfeito dos dons, aquele que engloba todos os outros, do mesmo modo que a caridade encerra em si todas as demais virtudes.

A) São Bernardo o chama de *conhecimento saboroso* das coisas divinas. No dom de sabedoria há, pois, dois elementos: 1) uma *luz* que ilumina nosso entendimento, fazendo-o julgar retamente sobre Deus e as coisas criadas, referindo-as ao seu primeiro princípio e último fim. Desse modo, capacita-nos a julgar as coisas por suas causas mais elevadas, reduzindo-as à unidade, numa ampla síntese; 2) um *gosto sobrenatural*, que age sobre a vontade, fazendo-a saborear as coisas divinas por uma espécie de secreta conaturalidade ou empatia.

Uma comparação nos ajudará a compreender melhor essa dupla função: é como o raio de sol, que é raio de *luz*, que ilumina e alegra os olhos da alma, e também é raio de *calor*, que aquece e inflama o coração, enchendo-o de alegria.

1349. B) Assim, pode-se definir o dom de sabedoria como *um dom que aperfeiçoa a virtude da caridade, fazendo-nos discernir e compreender Deus e as coisas divinas por seus princípios mais elevados, e levando-nos a saboreá-las*.

Distingue-se do dom de entendimento, pois este habilita-nos a conhecer as verdades divinas em si mesmas e nas suas mútuas relações, mas

não em suas causas mais elevadas, e também não nos faz saboreá-las diretamente, enquanto o dom de sabedoria faz-nos amá-las e saboreá-las: “*Provai e vede como o Senhor é bom*” (Sl 33, 9).

Foi esse dom que fez São Paulo ver, num único relance, o plano divino da redenção, com a glória de Deus como causa final primária, o Verbo Encarnado como causa meritória e exemplar, a bem-aventurança dos eleitos como causa final secundária, e a graça divina como causa formal. O mesmo dom fez jorrar de sua alma este cântico de ação de graças: “*Bendito seja Deus, Pai de nosso Senhor Jesus Cristo ...*” (Ef 1, 3).

Por ação desse dom São João reduz toda a teologia ao mistério da vida divina, do qual o amor é, a um só tempo, o princípio e o termo: “*Deus é amor*”. Também Santo Tomás resume toda a Suma Teológica nesse único pensamento: Deus é ao mesmo tempo o primeiro princípio, de onde procedem todas as criaturas, o último fim, a que todas regressam, e o caminho que devem seguir para a Ele retornarem.^[758]*

1350. 2º - Efeitos do dom de sabedoria. Além de produzir um aumento de caridade na alma, esse dom aperfeiçoa todas as outras virtudes:

a) Torna a fé *inabalável* através do conhecimento quase experimental que proporciona sobre as verdades reveladas. Por exemplo, depois de muito saborear as alegrias da comunhão já não se duvida da presença real.

b) Confirma a nossa *esperança*. Depois de compreender e saborear o dogma da nossa incorporação em Cristo, como deixar de ter esperança, se Aquele que é nossa cabeça já está no céu e os santos, que com Ele reinam na mansão da bem-aventurança, são nossos irmãos?

c) Faz-nos praticar as virtudes *morais* em sua perfeição, pois quando desfrutamos das alegrias do amor divino, os gozos da terra já não têm sabor para nós. Então, passamos a amar a cruz, a mortificação, o esforço, a temperança, a humildade, a mansidão, porque tudo isso são meios de tornar-nos mais parecidos com o Amado e de demonstrar-lhe nosso amor.

Há, pois, esta *diferença* entre o dom de *sabedoria* e de *entendimento*: este é um olhar do espírito, aquele uma *experiência do coração*; este é luz, aquele é amor. Assim, harmonizam-se e completam-se. Todavia, o mais perfeito é o de sabedoria, porque o coração vai mais longe que a mente, tem mais penetração e compreende ou intui o que a razão não

alcança. Nos santos, sobretudo, muitas vezes há mais amor que conhecimento.

1351. 3º - Meios de cultivá-lo. A) Por ser a sabedoria um dos dons mais preciosos, deve-se *desejá-la* ardentemente, *pedi-la* instantemente e *procurá-la* com ardor incansável.

É o que nos aconselha o livro da Sabedoria. Deseja que a tomemos como esposa e companheira da vida inteira, e ensina-nos uma belíssima oração para alcançá-la: “*Deus de nossos pais, e Senhor de misericórdia, ... que, por vossa sabedoria, formastes o homem para ser o senhor de todas as vossas criaturas, governar o mundo na santidade e na justiça, ..., dai-me a Sabedoria que partilha do vosso trono, e não me rejeiteis como indigno de ser um de vossos filhos. Sou, com efeito, vosso servo e filho de vossa serva, um homem fraco, cuja existência é breve, incapaz de compreender vosso julgamento e vossas leis; ... Mas, ao lado de vós está a Sabedoria que conhece vossas obras; ela estava presente quando fizestes o mundo, ela sabe o que vos é agradável, e o que se conforma às vossas ordens. Fazei-a, pois, descer de vosso santo céu, e enviai-a do trono de vossa glória, para que, junto de mim, tome parte em meus trabalhos, e para que eu saiba o que vos agrada. Com efeito, ela sabe e conhece todas as coisas; prudentemente guiará meus passos, e me protegerá no brilho de sua glória. Assim, minhas obras vos serão agradáveis; governarei vosso povo com justiça, e serei digno do trono de meu pai.*” (Sb 9, 1 – 12).

B) Posto que a sabedoria *refere tudo a Deus*, devemos-nos esforçar para ver como todas as verdades que estudamos procedem de Deus como *primeiro princípio* e a Ele tendem como *último fim*. Portanto, é importante acostumar-se a não se perder no estudo de pormenores, mas referir tudo aos princípios e reduzi-los à unidade. Primeiramente se farão sínteses específicas do que se estuda, preparando assim uma síntese geral de todos os conhecimentos adquiridos.

1352. C) Como esse dom faz-nos *saborear* as coisas divinas, devemos também habituar-nos a amar e desfrutar dessas coisas, lembrando sempre que todo conhecimento que não conduz ao amor é vão. Destarte, como não amar esse Deus que é infinita bondade e beleza? “*Provai e vede como o Senhor é bom*” (Sl 33, 9). Como também não amar as coisas divinas, nas

quais vemos uma participação da beleza e da bondade de Deus? Não podemos amar e apreciar a Deus sem que esse amor se estenda a tudo que participa das suas perfeições.

I.III – FUNÇÃO DOS DONS NA ORAÇÃO E NA CONTEMPLAÇÃO

Do que ficou dito resta evidente que é grande a ajuda que o exercício dos dons presta à oração.

1353. 1º - A partir do momento em que começamos a cultivar os dons, mesmo antes que eles alcancem o completo desenvolvimento, já agregam sua luz e sua ação à das virtudes infusas, facilitando ainda mais a oração. Mesmo sem nos introduzir no estado passivo ou místico, abrandam a nossa alma, tornando-a mais dócil à ação do Espírito Santo.

Essa é a doutrina comum dos teólogos, que o Pe. Meynard^[759]* resume assim: depois de citar a opinião de alguns autores, que acreditavam que os dons do Espírito Santo eram reservados exclusivamente para os atos heroicos e que permaneciam inativos na prática das virtudes ordinárias, acrescenta: *“Sua ação estende-se também a uma infinidade de ocasiões em que a vontade de Deus exige uma certa prontidão e docilidade maior do que a do exercício comum das virtudes cristãs. Por exemplo, quando a alma precisa libertar-se de seus vícios, dominar as paixões, resistir às tentações da carne, do mundo e do demônio, principalmente quando a fraqueza e a debilidade da pessoa em questão reclamam um auxílio mais completo e eficaz e, por conseguinte, um princípio de ação mais elevado. Esse modo de entender, que parece-nos ser a expressão da verdade, está baseada no fato de que os dons não produzem ações de gênero particular e distinto das virtudes, mas simplesmente nos ajudam a praticar todas as virtudes com maior prontidão e facilidade.”* Portanto, se os dons do Espírito Santo intervêm no exercício das virtudes ordinárias, então também facilitam a oração, que é ato da virtude da religião e um dos meios mais eficazes para praticar as virtudes.

Então, esses dons atuam em *estado latente*, sem que seja possível distinguir a sua operação da ação das virtudes. Não obstante, em certos

momentos atuam de modo manifesto, dando-nos intuições transitórias que movem a alma com mais força que os raciocínios, impulsionando-a a atos de amor mais fortes que ordinariamente experimentamos.

1354. 2º - Com maior razão os dons ajudam na *contemplação ativa*, que consiste em uma espécie de intuição afetiva da verdade. Certamente é próprio dos dons de entendimento e sabedoria, mesmo antes de seu completo desenvolvimento, facilitar essa simples visão da fé, deixando nosso intelecto mais penetrante e nosso amor mais ardente.^[760] Essa ação, sem ainda introduzir-nos no estado místico, já é mais frequente e eficaz que na oração ordinária. Isso explica como a alma pode deter-se, mais longamente e com maior afeto, em uma única e mesma verdade.

1355. 3º - Todavia, é sobretudo na *contemplação infusa* que os dons exercem função importante. Tendo atingido o completo desenvolvimento, proporcionam à alma uma maravilhosa docilidade, que a habilitam para o estado místico ou contemplativo.

A) Três deles, os dons de ciência, entendimento e sabedoria, concorrem de maneira especial para a contemplação. Explicaremos esse pensamento:

a) Na realidade, são as próprias faculdades superiores, o intelecto e a vontade, que uma vez aperfeiçoadas e transformadas pelas virtudes teologais e pelos dons, e postas em exercício pela graça atual operante, são os *princípios elicitivos* da contemplação. Os dons são como que enxertados nas nossas faculdades e, por conseguinte, estas e os dons concorrem indivisivelmente para o mesmo ato. As faculdades, assim transformadas, são os princípios *elicitivos* da contemplação, ou seja, a *origem próxima* de onde brotam, sob ação de uma graça *operante*, os atos de contemplação, do mesmo modo que, o intelecto, aperfeiçoado pela virtude da fé, é o princípio elicitivo dos atos de fé.

b) Todos os teólogos concordam que os *dons de entendimento e sabedoria* são os *princípios elicitivos* da contemplação, mas alguns não atribuem essa função ao dom de *ciência*. Como a maioria dos autores, entendemos que não se deva excluí-lo, porque a contemplação algumas vezes inicia pelas criaturas e, então, o dom de ciência age para que vejamos nelas a imagem de Deus.

Diz São João da Cruz:^[761] “*Deus criou todas as coisas com grande facilidade e rapidez, deixando nelas um rastro do que ele é. Não somente lhes tirou o ser do nada, mas dotou-as de inúmeras graças e virtudes, aformoseando-as com admirável ordem e indefectível dependência entre si. ... As criaturas são, na verdade, como um rastro da passagem de Deus, em que se vislumbram sua magnificência, poder, sabedoria e outras virtudes divinas.*” Destarte, é próprio do dom de ciência elevar-nos das criaturas ao Criador e mostrar-nos a beleza de Deus oculta nos símbolos visíveis.

1356. B) Esses três dons ajudam-se mutuamente e atuam, ou todos conjuntamente, ou um após o outro, na mesma contemplação.

a) Como dissemos, o dom de *ciência* eleva-nos das criaturas ao Criador, para unir-nos a Ele: 1) É acompanhado de uma *luz infusa* pela qual vemos claramente: como é nada tudo aquilo que o mundo busca, honras, riquezas e prazeres; o valor do sofrimento e das humilhações como meios de elevar-nos para Deus e glorificá-lo; o reflexo das perfeições divinas oculto nas criaturas, etc.; 2) Essa luz, por sua vez, também é acompanhada de uma graça que age sobre a vontade, para desapegá-la das criaturas e ajudá-la a servir-se delas somente como degraus para subir a Deus.

b) O dom de *entendimento* nos faz ir além: mostra-nos as secretas harmonias existentes entre a alma e Deus, entre as verdades reveladas e os nossos anseios mais profundos e também as relações dessas verdades entre si. Com isso, fixa a mente e o coração na vida íntima de Deus, nas suas operações imanentes, nos mistérios da SS. Trindade, da Encarnação ou da graça, e faz-nos contemplá-los em si mesmos e nas suas mútuas relações, de tal modo que nos custa afastar deles a mente e o coração. Ruysbroeck compara esse dom à luz do sol.^[762] O sol com seus raios preenche o ar com uma claridade simples, ilumina todas as formas e figuras e produz a distinção de todas as cores. Da mesma forma o dom de entendimento penetra na alma e produz simplicidade. Esta, por sua vez, é atravessada por raios de uma claridade singular. Assim, somos capazes de receber o conhecimento dos sublimes atributos que há em Deus, que são a origem de todas as suas obras.

c) O dom de *sabedoria*, que faz-nos apreciar todas as coisas em suas relações com Deus e saborear as coisas divinas, fixa, ainda mais amorosamente, a mente e o coração sobre o objeto contemplado, fazendo-

nos aderir a ele com mais ardor e constância. Ruysbroeck descreve o *sabor* produzido por esse dom da seguinte maneira: ^[763] “*Esse sabor é tão forte e insondável que para a alma parece que o céu e a terra e tudo o que neles há se dissolvem e são absorvidos por ele. Essas delícias atingem em cima e em baixo (ou seja, as faculdades superiores e inferiores), dentro e fora, abrangem e penetram o domínio inteiro da alma. Assim, o intelecto contempla a simplicidade de onde se originam todas essas delícias. Em decorrência, a razão iluminada põe-se a refletir; sabe perfeitamente que essas inenarráveis delícias sempre estarão fora do alcance do seu conhecimento, pois nos seus raciocínios ela somente pode utilizar-se da claridade de uma luz criada, e essas delícias não têm medidas. Por isso, a razão esmorece nessa reflexão, mas o intelecto, transformado graças àquela claridade sem limites, contempla e detém-se sem cessar na alegria incompreensível da bem-aventurança.*”

1357. C) Os outros quatro dons, ainda que não tenham um papel tão importante, de certo modo contribuem na contemplação de duas maneiras:

a) Dispõe-nos para ela na medida em que contribuem para tornar a nossa alma mais flexível e dócil à ação do Espírito Santo;

b) Cooperam com ela inspirando em nossos corações piedosos afetos, que sustentam a contemplação: o dom de *temor* dá-nos sentimentos de compunção e desprendimento das criaturas; o de *piedade*, afetos de amor filial; o de *fortaleza*, sentimentos de generosidade e constância; o de *conselho* torna-nos capazes de aplicar a nós mesmos e aos outros as luzes recebidas do Espírito Santo.

Como se observa, cada um dos dons exerce alguma função na contemplação.

NOTA: OS CINCO SENTIDOS ESPIRITUAIS E OS DONS

1358. Alguns Santos Padres e teólogos, bem como muitos autores místicos, falam de *cinco sentidos espirituais*, análogos aos cinco sentidos *imaginativos*, já mencionados (nº 991). A seguir inserimos a bela passagem em que Santo Agostinho os descreve: ^[764] “*Mas, que amo eu quando te amo? ... E, contudo, amo a luz, a voz, o perfume, o alimento e o abraço, quando*

amo o meu Deus: a luz, a voz, o odor, o alimento, o abraço do homem interior que habita em mim, onde para minha alma brilha uma luz que nenhum espaço contém, onde ressoa uma voz que o tempo não destrói, de onde exala um perfume que o tempo não dissipa, onde se saboreia uma comida que o apetite não diminui, onde se estabelece um contato que a sociedade não desfaz. Eis o que amo quando amo o meu Deus.”

Qual o significado desses sentidos espirituais? Parece-nos apenas que se tratam de funções ou operações dos dons do Espírito Santo, especialmente dos dons de *entendimento* e *sabedoria*. Desse modo, os sentidos espirituais da *visão* e da *audição* referem-se ao dom de *entendimento*, pelo qual vemos a Deus e as coisas divinas (nº 1341), e ouvimos a Deus que nos fala ao coração. Os outros três sentidos referem-se ao dom de *sabedoria* que nos faz *saborear* Deus, *aspirar* ou *cheirar* o perfume de suas perfeições e *tocá-lo* por uma espécie de união ou abraço espiritual, que outra coisa não é que um amor *experimental* de Deus.

Dessa forma conciliam-se nesse aspecto as doutrinas de Santo Agostinho, de Santo Tomás, do Pe. Poulain e do Pe. Garrigou-Lagrange.

I.IV – FRUTOS DO ESPÍRITO SANTO E BEATITUDES

Aos dons Espírito Santo correspondem *frutos* e *bem-aventuranças*, que os completam, e também graças *gratuitamente dadas*, que mantém com eles certa analogia (nº 1514).

I.IV.I – Frutos do Espírito Santo

1359. Quando uma alma corresponde fielmente às graças atuais, que põem em exercício as virtudes e os dons, passa a produzir *atos* de virtudes, que em princípio são imperfeitos e trabalhosos, depois melhores e mais prazerosos e enchem o coração de santa alegria. São os frutos do Espírito Santo, que podem ser assim definidos: *atos de virtudes que atingiram um certo grau de perfeição e que enchem a alma de santa alegria*.

São Paulo enumera nove: caridade, alegria, paz, paciência, afabilidade, bondade, fidelidade, brandura, temperança (Gl 5, 22 – 23).^[765]*

Todavia, não teve intensão dar uma lista completa e Santo Tomás observa, com razão, que esse número é simbólico, e que, na realidade designa todos os atos de virtude em que a alma encontra consolação espiritual: “*São frutos todas as obras virtuosas com que nos deleitamos.*”^[766]

1360. Esses frutos são distintos das virtudes e dos dons do mesmo modo que o ato difere da potência que o produz. Não obstante, nem todos os atos virtuosos merecem o nome de *frutos*, mas apenas aqueles acompanhados de certa suavidade espiritual. No princípio, os atos virtuosos muitas vezes requerem grande esforço e são um tanto “azedos”, como uma fruta ainda não amadurecida. Mas depois de ter-se exercitado por muito tempo na prática das virtudes, a alma adquire facilidade de produzir seus atos sem muito esforço e até com prazer, do mesmo modo que ocorre com os atos dos hábitos adquiridos. Só então passam a chamar-se frutos.

Assim, ao cultivar as virtudes e os dons, obtemos os frutos e, através deles, as bem-aventuranças, que são prelúdio da felicidade eterna.

I.IV.II – As Bem-Aventuranças

1361. As bem-aventuranças são o coroamento, o termo final da obra divina em nós. Assim como os frutos, são *atos*, mas tão perfeitos que parecem proceder dos dons ao invés das virtudes;^[767]* são frutos, mas de uma tal maturidade que nos fazem saborear previamente a bem-aventurança celestial. Eis porque são chamados bem-aventuranças.

Nosso Senhor, no Sermão da Montanha, resume-as em oito: pobreza de espírito, mansidão, pranto, fome e sede de justiça, misericórdia, pureza de coração, paz, paciência nas perseguições. Mas aqui podemos dizer que esse número é simbólico, ou seja, a lista não é exaustiva.

Essas bem-aventuranças não significam a felicidade absoluta e perfeita. São antes meios para alcançar a bem-aventurança eterna. Mas meios muito eficazes, porque aquele que abraça alegremente a pobreza, a mansidão, a pureza e a humildade, que domina a si mesmo a ponto de orar pelos inimigos e de amar a cruz, imita perfeitamente Nosso Senhor e faz rápidos progressos no caminho da perfeição.

1362. Conclusão. Quando bem cultivados, os dons do Espírito Santo conduzem-nos à via unitiva. 1) Levam-nos a *praticar todas as virtudes*, morais e teologais, *em seu grau mais perfeito*. Assim, pouco a pouco vão nos unindo a Deus e transformando-nos nele pela imitação das suas perfeições. 2) Produzem em nossa alma aquela *flexibilidade*, aquela *docilidade* que permite ao Espírito Santo apoderar-se de nossa alma e nela operar livremente. Então, sob o influxo latente desses dons e, por vezes, com seu concurso manifesto, chega-se à *oração da simplicidade*, da qual trataremos a seguir.

Art. II – A ORAÇÃO DE SIMPLICIDADE^[768]

1363. A oração de *simplicidade*, assim chamada por Bossuet, bem antes dele já era conhecida por muitos outros nomes que vale a pena recordar.

1. Santa Teresa denomina-a *oração de recolhimento*, devendo-se entender este como recolhimento *ativo*, diferenciando-o do *passivo*, do qual falaremos no capítulo segundo. Aqui, a alma recolhe em si as suas diversas faculdades para concentrá-las em Deus, para escutá-lo e amá-lo.

2. Muitos chamam-na oração de *simples olhar*, de *simples presença de Deus*, de *simples entrega a Deus*, ou de *simples visão de fé*, porque a alma fixa afetuosamente o olhar em Deus, mantém-se em sua presença, entrega-se em suas mãos e, por uma simples visão de fé, fixa nele o olhar e ama-o.

3. Bossuet nomeia-a oração de *simplicidade* porque por meio dela simplificamos tudo: raciocínios, afetos da oração, até mesmo a vida inteira.

4. Os *Carmelitas* e, com eles, muitos autores a partir do século XVII, chamam-na *contemplação adquirida*, para diferenciá-la da *contemplação infusa*.

Exporemos: 1º- a *natureza* dessa oração; 2º- os seus *benefícios*; 3º- o *modo* de fazê-la; 4º- sua *relação com a contemplação propriamente dita*.

II.I – NATUREZA DA ORAÇÃO DE SIMPLICIDADE

1364. Bossuet descreveu muito bem esse tipo de oração: “*É necessário que nossa alma se habitue a nutrir-se com um simples e amoroso olhar a Deus e a N. S. Jesus Cristo. Para isso é preciso afastá-la suavemente dos raciocínios, dos discursos e da multidão de afetos, conservando-a em simplicidade, respeito e atenção, e assim, pouco a pouco, aproximando-a cada vez mais de Deus, seu primeiro princípio e último fim. ... A meditação é muito boa a seu tempo, muito proveitosa no começo da vida espiritual. Todavia, não nos devemos deter nela, porque é comum que a alma, perseverante na mortificação e no recolhimento, receba a graça de uma oração mais pura e íntima, que se pode chamar oração de simplicidade, e que consiste numa simples visão, olhar ou atenção amorosa, para qualquer*

objeto divino, seja Deus em si mesmo, algum de seus mistérios, ou qualquer outra verdade cristã. Assim, a alma deixa o raciocínio e serve-se de uma doce contemplação que a conserva em paz, atenta e dócil às operações e moções que o Espírito Santo lhe comunica. Faz pouco e recebe muito. Seu trabalho é leve e, contudo, muito frutuoso. Como se aproxima cada vez mais da fonte de toda luz, de toda graça e de toda virtude, recebe tudo isso com maior abundância.”

Portanto, essa oração compreende dois atos essenciais: *olhar e amar*. Olhar para Deus ou algum objeto divino com intenção de amá-lo, e amá-lo para melhor fixar o olhar. Quando comparamos essa oração com a meditação *discursiva ou afetiva*, observamos uma *tríplice simplificação*, que justifica muito bem a denominação empregada por Bossuet.

1365. 1º - A primeira simplificação é a *redução* e, a seguir, a *supressão dos raciocínios*, que tomavam muito tempo na meditação dos iniciantes. Tendo necessidade de adquirir convicções profundas e pouco habituados aos piedosos afetos, precisavam refletir longamente sobre as verdades fundamentais da religião, suas relações com a vida espiritual, sobre a natureza e necessidade das principais virtudes cristãs e os meios de exercitá-las. Tudo isso para que do coração possam brotar sentimentos de gratidão e amor, de contrição, humilhação e firme propósito, e súplicas fervorosas e prolongadas. **a)** Mas, chega o momento em que essas convicções enraízam-se de tal modo na alma que se tornam, por assim dizer, parte do seu pensamento habitual, e poucos minutos bastam para reavivá-las na mente. Então, pronta e facilmente brotam os piedosos afetos de que falamos, e a oração torna-se *afetiva*.

1366. b) Mais adiante, outra simplificação acontece. Os poucos minutos de reflexão, antes necessários, são substituídos por uma *visão intuitiva da inteligência*. Os primeiros princípios são compreendidos sem dificuldades por uma espécie de intuição. Depois de meditar muito tempo nas verdades fundamentais da vida espiritual, elas se tornam para nós tão certas e luminosas como os primeiros princípios e passamos a apreendê-las com um simples olhar sintético, com facilidade e deleite, sem necessidade de análises minuciosas. Assim, por exemplo, a ideia de *pai* atribuída a Deus, que no princípio, para compreendê-la, precisávamos de longas reflexões,

agora apresenta-se-nos como de relance, tão rica e fecunda que nela nos detemos muito tempo com afeto, desfrutando dos múltiplos elementos que ela encerra.

c) Acontece por vezes que a alma se satisfaz com um *olhar confuso* sobre Deus e as coisas divinas, mas isso a mantém doce e afetuosamente na presença de Deus e a faz mais dócil à ação do Espírito Santo. Então, sem multiplicar os atos de inteligência e de vontade, abandona-se em Deus para fazer a divina vontade.

1367. 2º - Uma simplificação análoga opera-se nos *afetos*. No princípio eram numerosos, variados e sucediam-se uns aos outros com rapidez: amor, gratidão, alegria, compaixão, contrição pelos pecados, desejo de melhorar, pedidos de auxílios, etc. a) Porém, em pouco tempo um único e mesmo afeto prolonga-se por cinco ou dez minutos. Por exemplo, a ideia um Deus Pai, produz no coração um amor intenso que, sem ser manifestado em muitas palavras, alimenta e absorve inteiramente a alma durante alguns minutos, produzindo nela disposições generosas. Não resta dúvida de que isso não preencherá todo o tempo da oração; será necessário passar a outros afetos para não se deixar levar pelas distrações ou por uma espécie de ociosidade. No entanto, cada afeto que se sucede tomará maior tempo de modo que não haverá necessidade de grande número deles, como antes.

1368. b) Entre os afetos, algum deles acaba predominando, apresenta-se sem cessar ao espírito e ao coração. O seu objeto torna-se uma espécie de *ideia fixa*, em torno da qual certamente gravitam outras ideias, mas em pequeno número e subordinadas àquela. Para uns será a paixão de Nosso Senhor, com os afetos de amor e sacrifício que ela suscita: “*o Filho de Deus, que me amou e se entregou por mim*” (Gl 2, 20). Para outros o centro dos pensamentos e afetos será Jesus vivo na Eucaristia, e sem cessar repetirão: “*Devotamente te adoro, ó meu Deus escondido.*” Outros ainda são a tal ponto tomados pelo pensamento de Deus presente na alma que só pensam em glorificá-lo o dia inteiro: “*Viremos a ele e nele faremos nossa morada* (Jo 14, 23); *Porque o templo de Deus é sagrado - e isto sois vós* (I Cor 3, 17); *Glorificai, pois, a Deus no vosso corpo*” (I Cor 6, 20).

O Pe. Massoulié^[769] explica isso muito bem: “*Quando a alma considera que não apenas tem a honra de estar na presença de Deus, mas*

também a felicidade de possuí-lo dentro de si mesma, este pensamento a penetra tão vivamente que a faz entrar em um recolhimento profundo. Vê esse Deus de amor e majestade e toda a SS. Trindade, dignar-se vir-lhe ao encontro e habitá-la como um templo seu. Olha-o com complacência extrema, desfruta do prazer dessa posse e encontra nisso um repouso inefável, pois vê, tanto quanto possível neste mundo, todos os seus anseios satisfeitos. Afinal, o que poderia ainda desejar a alma que possui a Deus?”

1369. 3º - Esse processo de simplificação logo se estende a todo o viver. Diz Bossuet: “O exercício desse tipo de oração deve começar desde o despertar, fazendo-se um ato de fé em Deus, que está em todas as partes, e em Jesus Cristo, cujo olhar sempre está sobre nós, ainda que estejamos escondidos nas profundezas da terra.” Prossegue no decorrer do dia. Mesmo ocupada nos afazeres ordinários, a alma une-se a Deus, fixa nele o olhar e ama-o. Tanto nas orações litúrgicas como nas vocais, enfatiza mais a presença de Deus que vive em nós do que o significado particular das palavras, e procura manifestar-lhe o seu amor. O exame de consciência é simplificado. Com um rápido relance a alma visualiza suas faltas logo que as comete e prontamente se arrepende. Os estudos e as obras exteriores de apostolado são feitos em espírito de oração, sob o olhar de Deus e com ardente desejo de glorificá-lo: “*Para maior glória de Deus.*” Até mesmo as ações mais comuns são permeadas pelo espírito de fé e de amor e, assim, convertem-se em frequentes hóstias oferecidas a Deus: “*para oferecer vítimas espirituais, agradáveis a Deus*” (I Pe 2, 5).

II.II – VANTAGENS DA ORAÇÃO DE SIMPLICIDADE

1370. O maior proveito desse gênero de oração é que ele reduz a vida inteira a uma unidade de propósito, tornando-a cada vez mais semelhante à vida divina, *para maior glória de Deus e bem espiritual da alma.*

1. *Deus é glorificado durante o dia inteiro.* Esse olhar habitual e afetuoso a Deus faz-nos conhecê-lo e amá-lo melhor que com todos os raciocínios. Esquece-se de si mesmo e, com maior razão, das criaturas, ou pelo menos, considera-as apenas em suas relações com Deus sob a moção do dom de ciência (nº 1341). Desse modo, a vida se transforma num

prolongado ato da virtude da religião; ato de gratidão e amor que nos leva a repetir com a Virgem Maria: “*Minha alma glorifica ao Senhor.*”

1371. 2. Dessa maneira a alma se santifica. **a)** Ao concentrar sua atenção em uma verdade por um bom tempo, aprende a conhecer melhor a Deus e, como esse olhar é acompanhado de amor, mais intensamente o ama e mais intimamente se une a ele. Com isso, atrai para si as perfeições divinas e as virtudes de Nosso Senhor Jesus Cristo.

b) Assim, o *desprendimento* se torna mais fácil: quando habitualmente trazemos o pensamento em Deus, as criaturas tornam-se apenas meios para alcançar o Criador. Cheias de imperfeições e misérias, possuem valor somente na medida em que refletem as perfeições divinas e clamam para que nos elevemos à fonte de todo bem.

c) A *humildade* também se torna mais fácil: sob a luz divina vemos claramente que somos nada e pecado, e alegramo-nos em poder, através da humilde confissão de nossas faltas, glorificar o Único que merece toda honra e toda glória: “*Somente a Deus honra e glória, a mim humilhação e vergonha.*” Ao invés de preferir-nos aos outros, vemo-nos como o pior dos pecadores, prontos a sofrer com amor toda a sorte de provas e humilhações.

Portanto, pode-se afirmar com toda a verdade que a oração de simplicidade contribui muito para glorificar a Deus e santificar a alma.

1372. Solução das dificuldades. **a)** Argumenta-se às vezes que esse gênero de oração favorece a *ociosidade*. Santa Teresa responde a essa objeção da seguinte maneira:^[270] “*Voltando as que raciocinam, digo que, embora muito meritória, essa atividade não deve ocupar todo o tempo. Como obtêm prazer na oração, essas pessoas não querem saber de domingos nem de pausas (que consideram tempo perdido). Para mim, essa aparente perda produz muitos lucros. Em vez disso, repito, imaginem que estão diante de Cristo e, sem cansar o intelecto, falem e alegrem-se com o Senhor, sem o trabalho de formular raciocínios. Digam-Lhe as suas necessidades, lembrando-se também dos motivos que Ele teria para não os admitir em Sua presença. Façam ora uma coisa, ora outra, evitando que a alma se canse de comer sempre o mesmo alimento. E esses alimentos de que falo são muito saborosos e proveitosos; se o paladar se acostuma ao seu gosto, eles trazem grande substância para dar vida à alma e muitos*

outros ganhos.” Assim, pois, a alma não permanece ociosa: não raciocina, mas fixa em Deus o olhar, ama-o, louva-o, entrega-se a ele e, se guarda silêncio por algum momento, é para escutá-lo; se Deus deixa de lhe falar, retoma seus piedosos afetos. Dessa maneira nunca está ociosa.

1373. b) Outros alegam que concentrar dessa maneira a atenção numa ideia fixa, é *fatigar a mente e exercer uma contenção*. Sobre isso pode-se dizer que seria um perigo real se alguém quisesse entrar nesse gênero de oração antes de estar preparado para tanto e, além disso, querer manter-se nele por meio de esforços mentais. Diz Bossuet que é precisamente isso que se deve evitar: “*Deve-se tomar o cuidado de não atormentar a cabeça, e nem excitar demasiadamente o coração; deve-se de preferência acatar o que se apresenta diante dos olhos da alma com humildade e simplicidade, sem aqueles esforços violentos que afetam mais a imaginação, não sendo verdadeiros e fundamentados, ou seja, deixar-se atrair suavemente para Deus, entregando-se ao seu Espírito*”. Portanto, não se trata de esforços violentos, mas de seguir suavemente as inspirações da graça e, depois de ter exaurido um pensamento, passar a outro, sem obstinar-se em seguir o primeiro. Desse modo, a oração de simplicidade, em vez de ser cansativa, é um suave repouso da alma que se entrega à ação do Espírito Santo. Isso será melhor compreendido ao vermos como praticar essa oração.

II.III – MODO DE PRATICAR A ORAÇÃO DE SIMPLICIDADE

1374. 1º - Do chamamento a esse gênero de oração. Para que se possa praticar a oração de simplicidade de modo *habitual*, é preciso reunir as condições que assinalamos para a via *unitiva* (nº 1296). Contudo, se for o caso de fazê-la *esporadicamente*, basta sentir-se atraído a esse gênero de oração pela graça de Deus. Não obstante, podem ser reduzidos a dois os *sinais distintivos* do chamamento divino a essa oração:

a) Um certo *tédio* para com a oração discursiva ou a multiplicidade de afetos, combinado com o *pouco proveito* que se extrai. Fique claro que estamos tratando de uma alma *fervorosa* que se esforça para meditar bem, e não de uma *tíbia* que não quer sair da mediocridade.

b) Uma certa *inclinação para simplificar* a oração, para deter o olhar em Deus e permanecer em sua presença, combinado com o bom proveito que se extrai desse santo exercício.

Na *prática*, quando o diretor espiritual observa que uma alma fervorosa encontra grandes dificuldades na meditação discursiva ou na multiplicidade de afetos, é conveniente expor-lhe o essencial desse gênero de oração, exortando-a a testá-lo, pedindo-lhe retorno do resultado. Se forem bons, incentive-se a continuar.

1375. 2º - Da oração em si mesma. Não existe propriamente um *método* para esse gênero de oração, pois ele praticamente se reduz em *fixar o olhar* e *amar*. Entretanto, algumas orientações podem ser dadas às almas chamadas a adotá-lo, que ajudarão a manterem-se na presença de Deus. Esses conselhos devem ser ajustados ao caráter, disposições e atrações sobrenaturais dos diferentes penitentes.

a) Aos que têm necessidade de *fixar os sentidos* em algum objeto piedoso, aconselha-se que olhem para a cruz, para o sacrário, ou para alguma imagem piedosa própria para concentrar o pensamento em Deus. Como disse o santo Cura d'Ars, “*para orar bem não há necessidade de falar muito. Sabemos que Deus está ali no sacrário; então abrimos-lhe o coração e fruímos de sua santa presença. Esta é a melhor oração.*”^[771]

b) Os que possuem uma *imaginação viva*, poderão representar uma *cena evangélica*, mas não como antes, em muitos detalhes. Somente o principal, como, por exemplo, Nosso Senhor no Jardim das Oliveiras ou no Calvário. A seguir, contemplá-lo amorosamente a sofrer por nós, e dizer-lhe: “*me amou e se entregou por mim*” (Gl 2, 20).^[772]*

1376. c) Há pessoas que gostam de percorrer lentamente um texto da Sagrada Escritura ou de alguma oração piedosa, saboreando-o e alimentando-se dele. Santo Inácio aconselha isso no *segundo modo de orar*, nº 993. A experiência mostra que muitas almas começam a ter oração de simplicidade por esse método. Deve-se então aconselhá-las a selecionar, dentre os que tiverem lido e saboreado,^[773] os textos mais belos, utilizando-os conforme as inspirações do Espírito Santo.

1377. d) Pessoas de *natureza afetuosa* devem ser aconselhadas a fazer *atos motivados de amor a Deus*. Por exemplo: “Amo-te de todo o meu coração, meu Deus, porque tu és a própria bondade, Deus amor, a beleza infinita ...”; então saboreia-se longamente esse pensamento. Pode-se ainda dirigir-se a Jesus pensando nos muitos títulos pelos quais merece o nosso amor: “Te amo Jesus, porque és todo amável, és meu Senhor e quero obedecer-te, meu Pastor e quero seguir-te e ser apascentado por ti, meu Mestre em quem creio, meu Redentor a quem bendigo e uno-me, minha Cabeça a quem me incorporo, meu Amigo mais fiel, amo-te sobre todas as coisas e quero sempre te amar.” Outra opção é empregar o método primitivo que Mons. Olier deixou aos seus discípulos: *Jesus diante dos olhos*: “Conservemo-nos com reverência e respeito diante de Pessoa tão divina e santa, e tão logo o coração haja se derramado em atos de amor, de louvor, etc., permaneçamos algum tempo em silêncio diante dele ...”; *Jesus dentro do coração*: pediremos ao Espírito de Jesus que invada nossa alma para conformar-nos ao divino Modelo: “Para sermos dele, nos daremos a Ele para que nos possua e anime com suas virtudes, e então faremos um tempo de silêncio junto dele para que sua unção nos penetre ...”; *Jesus nas mãos*, desejando: “que sua divina vontade se cumpra em nós. Os seus membros devem estar submetidos ao Chefe e não ter outro movimento senão aqueles comandados por Jesus Cristo, nossa vida e nosso tudo; que, plenificando nossa alma com seu Espírito, sua virtude e força, opere em nós e por nós, tudo o que Ele deseja.”^[724]

1378. e) Há almas em que predomina a vontade, que já não conseguem discorrer e, além disso, acham-se em aridez, invadidas por distrações e com dificuldades para extrair piedosos afetos do coração. A oração simplificada que lhes convém é a que descreve o Pe. Piny:^[725] “*Essa oração consiste em querer passar todo o tempo da oração amando a Deus, e amando-o mais que a nós mesmos; em querer estar ali para dirigir-lhe súplicas em espírito de caridade; em querer permanecer ali totalmente entregue à sua divina vontade. ... Cumpre observar que o amor, em relação aos atos da maioria das virtudes e sobre os outros tipos de união, tem estas vantagens: ao desejar amar, já amamos; se com verdadeira vontade queremos-nos unir à vontade Daquela que amamos ou desejamos amar, imediatamente, por esse*

mesmo ato da vontade, possuiremos essa união. Na realidade, o amor não é senão um ato afetivo de nossa vontade.”

1379. f) Nessa oração, assim como na oração afetiva, a alma está exposta a *distrações e securas*. Nesse caso, resta apenas humilhar-se e oferecer a Deus a provação que se experimenta, procurando, apesar de tudo, conservar-se em sua presença, conformando-se inteiramente à sua vontade. As distrações podem impedir que o *pensamento* se fixe em Deus, mas nada podem contra a *vontade*, cujo ato persevera virtualmente, apesar das imaginações que vagueiam.

1380. 3º - Da preparação e da conclusão. A) Alguns perguntam se é necessário *preparar previamente a matéria* quando se faz oração de simplicidade. Em geral a resposta é *afirmativa*. Sabe-se que São Francisco de Sales aconselhava Santa Joana de Chantal a preparar-se para a oração:^[726] “*Não quero dizer que, quando alguém se prepara para a oração e, durante ela, sente-se atraído por esse gênero de oração (de simples olhar), não deva seguir essa inspiração. Mas, adotar a prática de não se preparar, parece-me inadequado, assim como sair repentinamente da presença de Deus sem ação de graças, sem oferecimento e sem qualquer petição. Tudo isso esporadicamente pode ser feito com proveito, mas quanto a servir de regra, confesso que me faz certa repugnância.*” Esse conselho é muito sábio, pois, preparar um tema não impede que o Espírito Santo nos inspire outro no momento da oração, se for do seu agrado. Se essa moção não ocorrer, a alma se dedicará ao tema preparado.

1381. B) Essa preparação inclui o *propósito* que se toma no final da oração. Certamente é melhor tê-lo determinado na noite anterior. Pode acontecer que o Espírito Santo sugira outro, ou simplesmente incline a alma a dar-se a Deus durante todo o dia. Mesmo assim não deixará de ser útil o propósito preparado. Porém, como tudo se simplifica, acrescentamos que o melhor propósito será muitas vezes o mesmo, como por exemplo, o de viver habitualmente na presença de Deus, ou de não lhe negar coisa alguma, ou ainda de fazer tudo por amor. Embora tais propósitos pareçam muito vagos aos que não atingiram esse gênero de oração, aos que a ele Deus conduziu

são, pelo contrário, muito concretos, pois Ele cuidará para torná-los práticos pelas inspirações que enviará muitas vezes durante o dia.

II.IV – RELAÇÃO ENTRE ORAÇÃO DE SIMPLICIDADE E CONTEMPLAÇÃO INFUSA

Para expor com precisão a doutrina comum sobre essa matéria, mostraremos: 1º - Que no início a oração de simplicidade, em si mesma, é na realidade somente uma contemplação *adquirida*; 2º - Que é uma excelente *disposição* para contemplação infusa e às vezes chega nela.

1382. 1º - É uma forma de *contemplação*. **a)** Essa era a opinião de Bossuet, que, depois de descrever esse gênero de oração, acrescenta: “*Depois que a alma deixa a meditação discursiva, serve-se de uma doce contemplação que a mantém sossegada, atenta e apta a receber as operações e impressões divinas, que o Espírito Santo lhe comunica*”. Também é esta a conclusão que se deduz da própria natureza da oração, quando comparada com a de contemplação, que é definida como uma *simples intuição da verdade* (nº 1298). Ora, diz Bossuet que a oração de simplicidade “consiste num simples olhar ou atenção amorosa a algum objeto divino”. Assim, com razão pode ser chamada contemplação. ^{[222]NT}

b) É uma contemplação *adquirida*, não infusa, ao menos no princípio, enquanto permanece fraca e intermitente. Nesse período não costuma durar mais que poucos minutos e logo dá lugar a outros pensamentos e afetos. Só pouco a pouco a alma habitua-se a olhar e amar a Deus com uma simples visão de fé, por um tempo mais longo e de modo *sintético*, à maneira dos artistas que contemplam uma obra-prima, cujos elementos e pormenores estudaram previamente. De fato, parece haver um processo psicológico ordinário, que evidentemente supõe uma fé viva e até mesmo a ação *oculta* dos dons do Espírito Santo, mas não uma intervenção especial de Deus, uma graça *operante*.

1383. 2º - A oração de simplicidade é uma *disposição favorável* à contemplação infusa. De fato, ela põe a alma num estado que a torna muito

atenta às moções da graça, dócil ao Espírito Santo. Assim, quando à divina Bondade aprouver apoderar-se dela para produzir um recolhimento mais profundo, uma visão mais simples, um amor mais intenso, terá início então a segunda fase da oração de simplicidade, conforme descrita por Bossuet no nº V do opúsculo já mencionado:

*“Então não devemos distribuir esforços para produzir muitos atos ou disposições diferentes, mas simplesmente permanecer atentos à presença de Deus, expostos ao seu divino olhar. Manteremos essa devota atenção ou exposição enquanto Nosso Senhor nos conceder essa graça, sem nos apressar a fazer outra coisa além do que se passa em nós, pois essa oração é uma oração só com Deus, e uma união que contém eminentemente todas as outras disposições particulares. Além disso, **dispõe a alma à passividade, isto é, a que Deus se torne o único Senhor do seu interior, que opera nela de modo mais intenso que o comum. Nesse estado, quanto menos trabalha a alma, tanto mais poderosamente Deus nela opera. Como a operação de Deus é um repouso, a alma torna-se, nesse tipo de oração, de certo modo semelhante a Ele, recebendo com isso maravilhosos efeitos ...**”*

Pelas expressões que acima negritamos, percebe-se claramente a ação poderosa e especial de Deus e a passividade da alma. Certamente aqui já se trata de contemplação *infusa*. A oração, que começou com uma certa atividade, através de um olhar afetuoso a Deus, acaba em repouso ou quietude, onde Deus opera muito mais poderosamente que a alma.

1384. Portanto, há uma certa *continuidade* entre a oração afetiva simplificada, que se pode alcançar pelo espírito de fé, e a *quietude*, oração infusa produzida com a colaboração da alma pelos dons do Espírito Santo. Contudo, há uma diferença essencial entre as duas, porque a primeira é *adquirida* e a outra *infusa*. Mas também há um ponto de união: a oração de simplicidade começa por um simples olhar de fé e termina *quando Deus assim o desejar*, com uma intervenção direta do Espírito Santo na alma. Sem dúvida, o Espírito Santo não está obrigado, quando a alma tiver alcançado a oração da simplicidade, a transformá-la em oração infusa. Esta sempre será um dom gratuito de Deus que não podemos alcançar sozinhos. Porém, o Espírito Santo muitas vezes produz essa transformação quando

encontra a alma bem-disposta, porque nada Deus tanto deseja que unir-se de modo mais perfeito às almas generosas que nada querem lhe negar.

CONCLUSÃO DO CAPÍTULO PRIMEIRO

1385. Essa primeira forma da via unitiva já é muito perfeita. 1) Estando a alma unida afetuosa e habitualmente a Deus, esforça-se em praticar as virtudes da maneira mais elevada, com a ajuda do Espírito Santo, que opera, às vezes de modo *oculto*, às vezes *manifesto*. Os dons que nela *predominam* são, em razão do seu temperamento, das suas ocupações e das inspirações divinas, os que inclinam à ação. Mas, ao agir, permanece em comunhão com Deus: movida pela graça, trabalha e padece por Deus e com Deus. 2) No momento da *oração*, esta é muito *simples*: a alma fixa os olhos da fé em Deus que é seu Pai, que nela habita e com ela colabora e, contemplando-o, ama-o. Por vezes esse amor se manifesta por anseios generosos; outras, por puros atos da vontade, porque padece securas e provações e somente consegue dizer: amo-te meu Deus, ou ao menos quero amar-te; por amor quero fazer tua vontade, custe o que custar. 3) Há momentos em que os dons de ciência, entendimento e sabedoria, que habitualmente operam nela somente de modo latente, manifestam-se subitamente e a colocam por um momento em um doce repouso.

É, pois, uma espécie de *iniciação à contemplação infusa*.

CAPÍTULO II – DA CONTEMPLAÇÃO INFUSA^[228]

Primeiramente exporemos as *noções gerais* sobre contemplação infusa e, a seguir, explicaremos os seus *diferentes graus*.

Art. I – NOÇÕES GERAIS SOBRE A COTEMPLAÇÃO INFUSA

Para dar a conhecer a contemplação infusa, explicaremos: 1º- sua *natureza*; 2º- suas *vantagens*; 3º- os *sinais de chamado próximo* à contemplação.

I.I – NATUREZA DA CONTEMPLAÇÃO INFUSA

Depois de dar a definição, explicaremos a função de Deus e da alma na contemplação.

I.I.I - Definição

1386. A) Os autores antigos não faziam distinção explícita entre contemplação adquirida e infusa e, por isso, geralmente não fornecem uma diferença específica entre as duas. Dos diversos artigos de Santo Tomás sobre esse assunto, pode-se deduzir que a contemplação é uma *visão simples e intuitiva de Deus e das coisas divinas, que procede do amor e tende ao amor*.^[729]* São Francisco de Sales a define como: “*uma amorosa, simples e permanente atenção do espírito às coisas divinas*.”^[780]

B) Em geral os autores modernos distinguem os dois tipos de contemplação e definem, ou descrevem, com Bento XIV, a infusa como: “*uma simples visão intelectual das coisas divinas, acompanhada de um amor deleitoso, que procede de Deus, que por sua vez move de um modo especial, a inteligência ao conhecimento e, a vontade, a amar as coisas divinas, e contribui para esses atos com os dons do Espírito Santo, de entendimento e sabedoria, iluminando o intelecto com viva luz e abrasando a vontade em amor*.” Esta definição é muito completa porque assinala claramente a atuação de Deus e dons do Espírito Santo e também a função das nossas faculdades que, embora sendo *aplicadas* por Deus ao conhecimento e ao amor, cooperam livremente com essa moção divina. Deve-se observar, no entanto, que essa definição abrange somente a

contemplação *deleitosa* e não a *árida*. Assim, se desejarmos uma definição que englobe ambas, podemos dizer que a contemplação infusa é *uma visão simples, afetuosa e prolongada, de Deus e das coisas divinas, sob o influxo dos dons do Espírito Santo e de uma graça atual especial que se apodera da alma, fazendo-a operar mais passiva que ativamente*.

Para compreendermos melhor essa definição, explicaremos a atuação de Deus e da alma na contemplação.

I.I.II – Função de Deus na Contemplação

Deus, obviamente, exerce o papel principal, pois somente Ele pode apoderar-se de nós e colocar-nos no estado passivo.

1387. 1º - *Deus é quem chama a alma a contemplação*, pois todos os místicos unanimemente afirmam que ela é um dom essencialmente *gratuito*. Assim o ensina Santa Teresa que muitas vezes denomina esta oração de *sobrenatural*. Na sua segunda relação ao Pe. Rodrigo Alvarez, explica deste modo esse termo: “*Chamo sobrenatural o que não se pode alcançar nem por indústria nem por esforço, mesmo que muito se trabalhe para isso. Quanto a dispor-se para tal, de fato pode ser feito e, sem dúvida, é uma grande coisa.*”^[781] Faz compreender ainda melhor por meio dessa graciosa comparação: “*de degrau em degrau o Senhor vai levando essa avezinha e pondo-a no ninho para que descanse.*”^[782]

Essa também é a doutrina de São João da Cruz que distingue dois modos, um ativo e outro passivo. Este, não é outro senão a contemplação: “*Na passiva, a alma nada faz e limita-se a consentir livremente no trabalho de Deus, sob o qual se comporta como paciente.*”^[783] Ele retorna várias vezes a essa mesma distinção: “*A diferença entre o que eles querem e o que a alma tem é tão grande como a de obra humana a obra divina, e do natural ao sobrenatural. ... Advirtam tais guias espirituais de almas, e considerem que o principal artífice, guia e inspirador das almas em semelhante obra é o Espírito Santo, e não eles. Este Espírito divino jamais perde o cuidado delas; os diretores são apenas instrumentos para dirigir as almas na perfeição, mediante a fé e a lei de Deus, e segundo o espírito que vai dando a cada uma.*”^[784]NT Logo, se toda a iniciativa vem de Deus, se é Ele que move

as almas e é o principal agente, e que a alma é um mero instrumento, resta evidente que a alma por si mesma não pode colocar-se nesse estado, nem o merecer de *condigno*. De fato, ninguém pode merecer essa graça. Merecemos apenas aquilo que Deus se dignou conceder-nos pelo mérito, isto é, a graça santificante e a glória eterna.

A gratuidade desse dom é admitida até mesmo pela escola de espiritualidade que sustenta que todas as almas são chamadas à contemplação. Depois de haver dito que a meditação não está acima dos nossos esforços, Pe. Sandreau acrescenta: “*Não se pode dizer o mesmo da oração mística; se não formos elevados pelo favor divino a esse estado tão meritório, por muito que fizermos, não chegaremos a ele.*”^[785]* É verdade que alguns opinam que se pode merecer essa graça *de congruo*, mas este mérito de simples conveniência não retira sua essência gratuita.

1388. 2º - Também é Deus que *escolhe* o momento, o modo e a duração da contemplação. Com efeito, somente Ele pode colocar a alma no estado passivo ou místico, apoderando-se das suas faculdades para operar nelas e por elas, com o livre consentimento da vontade. É uma espécie de *possessão divina* e, como Deus é dono absoluto dos seus dons, intervém na alma como quer e quando quer.

1389. 3º - Na contemplação Deus age principalmente naquilo que os místicos chamam *finis* *punta da alma*, o *pico da alma*, o *cimo da vontade*, ou *íntimo mais profundo da alma*. Por estas expressões deve-se entender tudo o que há de mais elevado na inteligência e na vontade; a inteligência, não enquanto raciocina, mas enquanto percebe a verdade por um simples olhar, sob o influxo dos dons superiores de entendimento e sabedoria; a vontade em seu ato mais simples, que é amar e saborear as coisas divinas.

O Ven. L. de Blois^[786] acredita que esse centro da alma onde se opera a contemplação é “*muito mais íntimo e elevado que as três faculdades principais da alma... Acrescenta que nesse centro as faculdades superiores são uma só coisa; nele reina um absoluto sossego e um perfeito silêncio, porque ali jamais pode chegar uma imagem. Nesse centro da alma, onde se encontra oculta a imagem divina, revestimo-nos da forma divina. ... Ó nobre centro, templo divino donde o Senhor jamais se ausenta! Admirável*

recesso, habitação da SS. Trindade, aqui nesse mundo fonte das delícias eternas!”

1390. 4º - Nesse centro da alma é que Deus produz ao mesmo tempo *conhecimento e amor*.

a) Um conhecimento que, sem deixar de ser *obsuro*, fere vivamente a alma porque é *experimental* ou *quase experimental*. Deus pode produzi-lo em nós de quatro modos principais:

1. *Atraindo a nossa atenção*, por meio da *luz dos dons*, sobre alguma ideia que já possuíamos antes, mas que até então não nos havia causado impressão. Por exemplo, sempre soubemos que Deus é amor, mas agora a luz divina nos faz compreender e saborear esse pensamento, de tal maneira que ficamos por ele inteiramente penetrados e absorvidos.

2. *Fazendo-nos extrair de duas ideias*, que já conhecíamos, uma conclusão que essa mesma luz torna surpreendente. Por exemplo, das ideias de que Deus é tudo e de que nós somos nada, o Espírito Santo faz-nos compreender que a humildade é um dever imperioso: Eu sou aquele que é, e tu és aquele que não é!

3. Produzindo em nós o que se chama de *espécies infusas*, que, por procederem de Deus, representam com maior perfeição e mais vivamente as coisas divinas. É o que acontece com algumas *visões e revelações*.

4. Concedendo à algumas almas, de modo *transitório*, a visão beatífica. Santo Tomás pensa que isso aconteceu com Moisés e São Paulo,^[787] e alguns Santos Padres afirmam isso da SS. Virgem.^[788]* Contudo, esse é um favor absolutamente excepcional, que é questionado por teólogos renomados, que dão outra explicação aos textos da Escritura citados por Santo Tomás.

1391. **b)** Deus também produz na alma um *amor inefável*. Faz-lhe compreender, através de uma espécie de intuição, que Ele, e somente Ele, é o Bem supremo, atraindo-a forte e irresistivelmente, à maneira do ferro pelo imã. Porém, sem violar sua liberdade. Então a alma pressurosamente rumo para Deus com todo ardor com que corre para felicidade, mas livremente, porque essa visão, sendo obscura, não lhe retira a liberdade.

Conforme o Ven. Louis de Blois, a alma então sai de si mesma para mergulhar inteiramente em Deus e perder-se no abismo do eterno amor. “*E lá, morta para si mesma, vive em Deus, sem conhecer nem sentir coisa*

alguma fora do amor que a inebria. Perde-se na vastidão da solidão e das trevas divinas. Contudo, lá perder-se é antes encontrar-se, porque a alma despe-se de tudo o que é humano para revestir-se de Deus. Muda-se e transforma-se em Deus, assim como o ferro, que submetido ao fogo passa a ter o aspecto de fogo, mudando-se em fogo. Todavia, a essência da alma, assim deificada, permanece o que era, assim como o ferro incandescente não deixa de ser ferro. Antes havia somente frieza na alma, agora está toda abrasada; das trevas passou à luz resplandecente; antes insensível, agora transborda ternura. ... Inteiramente derretida e consumida pelo fogo do amor divino, adentra em Deus e, unindo-se a Ele sem intermediação, faz-se um só espírito com Ele, como o ouro e o bronze fundem-se em um só metal. Os que são assim arrebatados e abismados em Deus alcançam alturas diversas, pois a penetração de cada um nas profundezas divinas é proporcional à sinceridade, ao ardor e ao amor com que se volta para Deus e à quanto mais perfeita for a renúncia a todo interesse pessoal nessa questão.”

I.I.III – Papel da Alma

Movida pela graça de Deus, a alma responde livremente a essa moção:

1392. 1º - Deixa livremente que seja tomada e movida por Deus, como uma criancinha se deixa levar nos braços da mãe com consentimento livre e alegre. Assim, ao mesmo tempo é *passiva* e *ativa*.

a) É *passiva* na medida em que é incapaz de agir por iniciativa própria, como antes fazia. Enquanto contempla, não pode, como antes, empregar suas faculdades de modo discursivo. Fica sujeita a um princípio superior que a governa, que lhe fixa o olhar, o espírito e o coração no objeto contemplado, que a faz amar e saborear, sugere o que deve fazer e a impele fortemente a agir. Contudo, essa impotência não é total nos primeiros graus; o fenómeno da *ligadura das faculdades* é produzido gradualmente e só é completo em certos estados mais elevados de contemplação, em particular no êxtase. Assim, pois, na oração de quietude, orar vocalmente e meditar causam fadiga na alma, mas não é geralmente impossível.^[789] Na união plena Deus suspende o entendimento, mas não a ponto de impedi-lo de operar,

mas somente de discorrer; detém os pensamentos, fixando-os em algum objeto; extingue a voz, de tal maneira que não se consegue pronunciar qualquer palavra senão à custa de grandes esforços.^[790]

1393. b) Contudo, embora não possa discorrer como antes, *nem por isso a alma fica ociosa*. Sob o influxo da moção divina, *opera* fixando o olhar e amando a Deus, ainda que por meio de atos que, muitas vezes, são somente implícitos. Opera até com uma atividade maior que nunca, porque recebe um influxo de energia espiritual que multiplica suas próprias energias. Sente-se como que transformada por um ser superior, que é, por assim dizer, a alma de sua alma, que a ergue e arrebatada para Deus; isto é efeito da *graça operante*, que ela consente com alegria.

1394. 2º - Nesse estado Deus se apresenta de um modo novo, como uma *realidade vivente* que se apreende por uma espécie de conhecimento *experimental*, que a linguagem humana não consegue exprimir. Já não é mais por um processo de indução ou dedução que se conhece a Deus, mas por simples intuição que, contudo, ainda não é a clara visão de Deus. Esta permanece obscura e é efetivada por uma espécie de contato com Deus, que nos faz sentir sua presença e saborear seus favores.

Talvez ninguém tenha descrito melhor esse conhecimento experimental que São Bernardo:^[791] “O Verbo veio a mim (sou um nécio dizendo estas coisas), e veio muitas vezes. Embora tenha me visitado com frequência, nunca senti o momento preciso de sua chegada. Porém, sentia sua presença, disso me recordo. Algumas vezes pressentia sua chegada, mas nunca sentia sua chegada ou partida. ... Não obstante, compreendi ser verdade aquilo que havia lido, que nele vivemos, nos movemos e somos (At 17, 28). Feliz aquele em quem Ele habita, que vive para Ele, e por Ele é movido! Então me perguntam, como reconheço sua presença posto que seus caminhos são impenetráveis? Sendo pleno de vida e energia, tão logo se apresenta, desperta minha alma adormecida; move, abrandando e fere meu coração, tão enfermo e duro como pedra; põe-se a arrancar e a destruir, e edificar e a plantar, a regar o que está seco, a iluminar o que está escuro, a abrir o que está fechado, a aquecer o que está frio, a endireitar o que está torto, a aplainar o que é escarpado, de tal modo que minha alma bendiz ao Senhor e todas as minhas potências louvam o seu santo nome. Assim,

quando em mim entra o divino Esposo, não anuncia sua chegada com sinais exteriores, como som de sua voz ou o ruído de seus passos. Não é pelos seus movimentos nem pelos meus sentidos que conheço sua presença, mas, como já disse, é pelo **movimento do meu coração**. Ao sentir horror ao pecado e às afeições carnavais reconheço o poder de sua graça; ao descobrir e detestar meus pecados ocultos, admiro a profundidade de sua sabedoria; ao emendar minha vida, reconheço sua bondade e doçura. O fruto disso tudo, a renovação interior, faz-me perceber a sua formosura incomparável.” Portanto, a alma que contempla o Verbo sente a um só tempo sua presença e sua ação santificadora.

Assim, é um conhecimento intermediário entre a fé ordinária e a visão beatífica, mas que, em última análise, reduz-se à fé e participa de sua obscuridade.

1395. 3º - Muitas vezes, a alma *ama muito mais do que conhece*: é a contemplação *seráfica*, que se contrapõe à contemplação *querúbica* em que predomina o conhecimento. Na realidade, a vontade alcança seu objeto de maneira diferente do intelecto. Este conhece o objeto apenas pela sua *representação*, pela imagem, pela espécie inteligível que dele recebe. Já a vontade e o coração tendem para a *realidade* tal como é *em si mesma*. Por essa razão é que podemos amar a Deus tal como ele é em si mesmo, não obstante que jamais a nossa inteligência, enquanto neste mundo, seja capaz de conhecer a sua natureza íntima. Essa mesma obscuridade que o envolve somente faz avivar ainda mais nosso amor para com Ele e desejar ardentemente sua presença. Por um impulso do coração, o místico, que não pode ver a Deus, transpõe o mistério que oculta a divina face, e ama a Deus em si mesmo, em sua essência infinita.^[792] – Contudo, sempre precede algum conhecimento ao amor. Certos místicos parecem negar esse fato, mas isso deve-se à circunstância de que eles enfatizam aquilo que mais particularmente os impressionou. Sempre será verdade, mesmo nos estados místicos, que não se pode amar o que se desconhece totalmente.

1396. 4º - Na contemplação há uma mistura de *gozo* e *ansiedade*; um gozo inefável por saborear a presença do hóspede divino; uma ansiedade por ainda não o possuir inteiramente. Ora um, ora outro sentimento predomina, conforme os desígnios de Deus, as fases da vida mística e os

temperamentos. Há fases particularmente dolorosas que se chamam *noites*, e fases *doces* e *agradáveis*. Em razão do temperamento, há pessoas que vivenciam e descrevem em profundidade as provações da vida mística, como São João da Cruz e Santa Joana de Chantal; outros, dão maior ênfase às alegrias e inebriamentos da contemplação, como Santa Teresa d'Ávila e São Francisco de Sales.

1397. 5º - Essa contemplação permanece inefável, inexprimível, como admitem todos os místicos.

Diz São João da Cruz que:^[793] *“Quanto mais claramente lhe é comunicada esta sabedoria, é tão secreta, que se torna impossível à alma expressá-la, ou encontrar palavra para defini-la. Além de não sentir vontade de o dizer, não acha modo, maneira ou semelhança que quadre para poder significar conhecimento tão subido, e tão delicado sentimento espiritual. Mesmo se tivesse desejo de descrevê-lo, por mais comparações que fizesse, sempre permaneceria secreto e por dizer. ... Quem vê uma coisa pela primeira vez, e que nunca viu outra semelhante, embora a compreenda e goze, não pode, entretanto, dar-lhe um nome, ou dizer o que ela é, por mais que o queira, e embora seja esse objeto percebido pelos sentidos.”*

Duas razões principais explicam essa impossibilidade de descrever o que se experimenta: uma é que o espírito se encontra abismado na *treva divina* e não percebe a Deus senão de maneira confusa e obscura, ainda que muito impressionante; a outra é que o fenômeno mais marcante é o de um *intenso amor por Deus*, que mais se prova do que se consegue descrever.

1398. A) Vejamos primeiro o que se entende por “*treva divina*”, expressão que derivou de Pseudo-Dionísio:^[794]

“Libertada do mundo sensível e do mundo intelectual, a alma entra na misteriosa obscuridade de uma santa ignorância e, renunciando a qualquer saber científico, perde-se naquele que não pode ser visto nem compreendido. Dá-se inteiramente a esse objeto soberano, não mais pertencendo a si mesma ou a outros, mas unida ao desconhecido pela parte mais nobre de si mesma e em razão de sua renúncia à ciência. Por fim, extrai dessa ignorância absoluta um conhecimento que o entendimento não poderia alcançar.” Portanto, para chegar a essa contemplação é preciso elevar-se acima do conhecimento *sensível*, que evidentemente não pode

perceber Deus; e também acima do conhecimento racional, que não pode conhecer Deus senão por indução e abstração. Apenas pela fina ponta da inteligência é que podemos percebê-lo. Porém, na terra não podemos vê-lo diretamente e, portanto, só nos resta alcançá-lo pela via da *negação*.

Santo Tomás explica isso de modo mais claro: “*De negação em negação a alma eleva-se mais alto que as mais excelentes criaturas, e une-se a Deus na medida do possível neste mundo. Porque, durante a vida presente, o entendimento nunca chega a ver a essência divina, mas apenas pode conhecer o que ela não é. A união do nosso espírito com Deus, na medida do possível na terra, realiza-se quando conhecemos que Deus transcende as mais excelentes criaturas.*”^[795] O próprio conceito de ser, como o conhecemos, é muito imperfeito para aplicar a Deus. Só depois de eliminar todo o ser conhecido pela razão é que a inteligência chega a Deus; é então que se encontra na *treva divina*, onde habita Deus.^[796]

Se alguém perguntar como é que essa *intuição negativa* pode esclarecer-nos sobre Deus, podemos responder que ao conhecer, não o que Ele é, mas o que Ele não é, forma-se dele uma ideia muito elevada, que produz na parte superior da alma uma impressão muito profunda da transcendência divina. Ao mesmo tempo produz um intenso amor a esse Deus, cuja grandeza e bondade nada pode exprimir, e que é o único que pode preencher a alma. Essa contemplação confusa e afetuosa basta para que brote na alma, sob ação da graça, atos implícitos de fé, confiança, amor e religião, que preenchem inteiramente a alma e geralmente produzem nela uma grande alegria.

1399. B) O segundo elemento que torna difícil descrever a contemplação, é o amor ardente que a alma experimenta e não sabe como expressar.

Diz São Bernardo^[797]: “*É o cântico do amor. Ninguém compreende se a própria união não lhe explicou, se a experiência não lhe ensinou. Os que o provaram, conhecem-no; aos que o não experimentaram resta apenas desejar, mas não desejar conhecê-lo, e sim saboreá-lo. Não é um tremular da boca, mas um hino do coração; não é um som dos lábios, mas um movimento de alegria; as vontades é que se harmonizam e não as vozes. Não se ouve exteriormente, nem ressoa em público; ninguém o ouve a não ser aquele que canta e aquele a quem se canta, o esposo e a esposa. É um*

cântico nupcial que expressa as castas e deliciosas ternuras das almas, a reciprocidade de sentimentos, a mútua correspondência de afetos. A alma noviça, recém-convertida, não pode cantar esse cântico. Ele é reservado às almas adiantadas e formadas, que, pelos progressos conquistados através ação de Deus, alcançaram a idade perfeita, e que, pelos méritos adquiridos e por suas virtudes, tornaram-se dignas do Esposo, atingiram a idade núbil.”

1400. 6º - Quando a contemplação é *árida e fraca*, como a descrita por São João da Cruz com o nome de *primeira noite*, *não se tem consciência* dela. Apenas mais tarde, ao estudar os *efeitos* que produziu na alma é que se pode reconhecer a sua existência. Quando é *saborosa*, é quase certo que no seu início, quando ainda é fraca, também não seja percebida, porque é difícil diferenciá-la da oração de simplicidade, e porque às vezes passa-se de uma a outra sem se dar conta disso. Contudo, quando se torna intensa, tem-se consciência dela. O que se pode afirmar é que todos os vários tipos de orações *sobrenaturais* descritos por Santa Teresa são desse gênero, conforme veremos ao explicarmos as diferentes fases da contemplação.

1401. Conclusão. Pelo exposto pode-se deduzir que o *elemento essencial* da contemplação infusa é a *passividade*. Esta, conforme descrevemos, consiste em que a alma seja conduzida, governada, movida e dirigida pelo Espírito Santo, em vez de conduzir-se, mover-se e dirigir-se a si mesma. Contudo, nem por isso se perde a liberdade ou a atividade própria.

Portanto, não se deve afirmar que a consciência da presença de Deus, ou a *presença de Deus sentida*, seja condição *essencial* da contemplação,^[798]* pois algumas vezes não ocorrem, principalmente na contemplação árida, descrita por São João da Cruz no decurso da *primeira noite*. Contudo, não deixa de ser um dos principais elementos, pois encontra-se em todos os graus de contemplação descritos por Santa Teresa, desde a oração de quietude até a união transformante.

I.II – VANTAGENS DA CONTEMPLAÇÃO

As vantagens da oração contemplativa ultrapassam as da oração de simplicidade, porque a alma une-se ainda mais a Deus, sob o influxo de graças mais eficazes.

1402. 1º - *Deus é mais glorificado.*^[799] **a)** A contemplação infusa faz com que: experimentemos a infinita transcendência de Deus; prostremo-nos inteiramente diante da Majestade divina; o louvemos e bendigamos não somente no momento da contemplação, mas também durante todo o dia. Quando vislumbramos a imensidade divina, diante dela somos tomados por admiração e adoração, a tal ponto que não conseguimos conter esses sentimentos e somos compelidos a convidar todas as criaturas a bendizer e agradecer a Deus, conforme adiante falaremos (nº 1444).

b) Como essas homenagens são mais diretamente inspiradas pela ação do Espírito Santo, mais agradam e honram a Deus. De fato, é Ele que adora em nós, ou melhor, que nos faz adorá-lo com grande fervor e humildade. Leva-nos a adorá-lo tal como é em si mesmo, dando-nos a conhecer que essa é uma obrigação da nossa condição, que fomos criados unicamente para cantar os seus louvores. Assim, para fazer-nos cantar com mais fervor, enriquece a alma com novas graças e com uma grande suavidade.

1403. 2º - *Santifica mais a alma.* Efetivamente, a contemplação traz tanta luz, amor e virtudes que, com razão, a chamam de *atalho* para chegar à perfeição.

A) Faz com que conheçamos a Deus de um modo inefável e muito santificante: *“Deus, ..., pois é ele que em segredo e quietação anda a infundir na alma sabedoria e conhecimento amoroso, sem especificação de atos, embora por vezes mova a alma a fazê-los distintamente, durante algum tempo.”*^[800] Esse conhecimento é sobremaneira santificador, porque nos faz conhecer por *experiência* o que antes havíamos aprendido por leituras ou reflexões pessoais, e nos faz ver em um *relance de olhar sintético* o que antes analisávamos por atos sucessivos.

São João da Cruz explica isso muito bem:^[801] *“Deus, em seu ser único e simples, encerra todas as virtudes e grandezas de seus atributos. É onipotente, sábio, bom, misericordioso; é justo, forte, amoroso, e o mesmo podemos dizer de outros infinitos atributos e virtudes que nos são desconhecidos. Ora, sendo Deus todas estas coisas na simplicidade de seu*

ser divino, quando há por bem abrir o entendimento da alma que lhe está unida, vê ela então distintamente nele todas essas virtudes e grandezas, isto é, onipotência, sabedoria, bondade, misericórdia e tudo o mais. Cada um desses atributos é o mesmo ser de Deus numa pessoa, seja no Pai, ou no Filho, ou no Espírito Santo, sendo cada atributo o próprio Deus. E por ser Deus luz infinita e fogo divino infinito, como já dissemos, conseqüentemente, cada um desses inumeráveis atributos resplandece e produz calor como o mesmo Deus.” Com isso compreende-se o que disse Sta. Teresa:^[802] “Quando o Senhor suspende e o faz parar (o entendimento), Ele mesmo lhe dá com que se ocupar e se impressionar, de maneira tal que, no espaço de um credo, podemos compreender, sem raciocinar, mais do que, em muitos anos, com os nossos próprios esforços terrenos.”

Contudo, há casos em que a luz não é muito distinta, ou é um tanto obscura e confusa, mas ainda assim impressiona fortemente a alma, como dissemos no nº 1398.

1404. B) Sobretudo, a contemplação produz um *amor ardentíssimo*, que, conforme São João da Cruz, é caracterizado por três qualidades especiais:

a) Em primeiro lugar, a alma ama a Deus não de si, mas *através dele* mesmo, o que é uma excelência admirável, porque ama pelo Espírito Santo, como o Pai e o Filho se amam, como o próprio Filho disse no Evangelho de São João: “*para que o amor com que me amaste esteja neles, e eu neles*” (Jo 17, 26).

b) A segunda excelência é *amar a Deus em Deus*; porque nessa união ardente a alma absorve-se em amor a Deus, e Deus entrega-se à alma com grande veemência.

c) A terceira excelência do amor supremo é porque nesse estado a alma ama a Deus *pelo que Ele é*, isto é, ama-o não somente porque ele se mostra generoso, bondoso, glorioso, etc., mas muito mais ardentemente, porque em sua essência Ele é tudo isso.

Podemos acrescentar com São Francisco de Sales,^[803] que este amor a Deus é muito mais ardente porque se baseia em um conhecimento experimental. Assim como aquele que “*com uma vista bem clara, contempla e admira o esplendor do belo nascer do sol*”, aprecia melhor essa luz que um cego de nascença que conhece apenas o que ouviu, do mesmo modo quem desfrutou de Deus na contemplação, ama-o muito

melhor do que aquele que o conhece apenas através dos estudos. “*A experiência dum bem torna-o infinitamente mais amável que toda a soma de conhecimentos que dele se possa ter.*” Por isso, acrescenta, Santa Catarina de Gênova amou mais a Deus que o arguto teólogo Ochan; este conheceu-o mais por ciência, aquela por experiência, e esta experiência fê-la avançar muito mais no amor seráfico.

O que faz com que esse amor cresça ainda mais é que ele facilita a contemplação, e esta, por sua vez, aumenta o amor: “*Tendo o amor excitado em nós a atenção contemplativa, esta atenção produz um amor mais intenso e ardente, que é finalmente cumulado de perfeições. ... O amor instiga os olhos a considerar sempre mais atentamente a beleza amada, e a vista força o coração a amá-la sempre mais ardentemente.*”^[804] Isso é o que explica como os santos amaram tanto.

1405. C) Esse amor, em seu grau superior, é acompanhado da prática de todas as *virtudes morais*, especialmente da humildade, da conformidade com a vontade divina e do santo abandono a Deus, e, por essa razão, de alegria e paz espiritual, mesmo no meio das provações, às vezes terríveis, que experimentam os místicos. Veremos isso com mais detalhes ao analisarmos os diversos graus de contemplação (nº 1440, etc.).

I.III – PROXIMIDADE DO CHAMADO À CONTEMPLAÇÃO

1406. Neste momento deixaremos de lado a questão controversa relativa ao chamamento *geral e remoto* de todos os batizados à contemplação. Tanto quanto possível nos deteremos no *plano dos fatos* e examinaremos estas duas questões: 1º - A quem Deus geralmente concede a graça da contemplação?; 2º - Quais são os sinais do *chamamento próximo e individual* à contemplação?

I.III.I – A Quem Deus Concede a Contemplação?

1407. 1º - Como a contemplação é um dom essencialmente gratuito (nº 1387), Deus a concede a quem quer, quando quer e como quer. Contudo, geralmente e normalmente concede somente às almas bem preparadas. Por exceção e de modo extraordinário, concede às vezes a almas desprovidas de virtudes, para arrancá-las das garras do demônio.

É o que diz Santa Teresa:^[805] *“Deus sabe atrair certas almas para si por meio de consolos. De seu lado nada omite vendo-as totalmente perdidas. Embora em triste estado e sem virtudes, dá-lhes gostos, consolos e ternuras, para nelas despertar bons desejos. Chega mesmo a elevá-las à contemplação, mas raramente e por pouco tempo. Assim faz para experimentar se, com aqueles favores, quererão dispor-se a gozá-los com frequência.”*

1408. 2º - Há *almas privilegiadas* que Deus chama à contemplação desde a infância. Assim aconteceu com Santa Rosa de Lima e, no final século XIX, com Santa Teresa do Menino Jesus. Há outras que são conduzidas à contemplação e nela progredem de maneira tão rápida que não parece haver proporção com as suas virtudes.

É o que nos conta Santa Teresa:^[806] *“Lembro-me agora de uma pessoa a quem o Senhor deu em três dias bens que, se a minha experiência de alguns anos, nos quais fui sempre melhorando, não me fizesse crer, eu teria julgado impossível, e de outra que os recebeu em três meses; e eram de pouca idade. Vi outras a quem concedeu essa graça depois de muitos anos ... Não se podem impor limites a um Senhor tão grande e tão desejoso de fazer favores.”*

1409. 3º - Todavia, o mais comum, e que normalmente ocorre, é que Deus preferencialmente eleva à contemplação as almas que para ela se preparam pelo desprendimento, pela prática das virtudes e pelo exercício da oração, principalmente da oração efetiva.

Essa é a doutrina de Santo Tomás,^[807] que afirma que não se pode alcançar a contemplação senão depois de haver mortificado as paixões com o exercício das virtudes morais (nº 1315).

São João da Cruz não é menos enfático: desenvolve essa doutrina ao longo de toda a *Subida ao Monte Carmelo* e da *Noite Escura*. Procura demonstrar que, para chegar-se à contemplação é necessário praticar o mais

completo e universal despojamento. Acrescenta que se há tão poucos contemplativos, é porque são muito poucos os inteiramente desapegados de si mesmos e das criaturas. Diz ele: *“Tirados inteiramente esses obstáculos e véus, ..., logo a alma, ficando em total desnudez e pobreza de espírito, já simples e pura, transformar-se-ia na simples e pura sabedoria que é o Filho de Deus.”*^[808] Santa Teresa volta a esse ponto muitas vezes e recomenda especialmente a humildade: *“Exercitemo-nos como os habitantes das moradas precedentes. E ademais: humildade, humildade! Por meio dessa virtude o Senhor se deixa render a tudo quanto dele queremos.”*^[809] *“Tenho para mim que Sua Majestade a concede a certas pessoas que já vão abrindo mão às vaidades do mundo. Não digo por obras – pois alguns, em virtude do seu estado, não podem fazer – mas o desejam. Desta maneira, Sua Majestade convida as pessoas, de modo particular, a estarem atentas ao seu interior. Havendo então correspondência, Sua Majestade não se limitará a dar-lhes somente esta graça. Começa apenas a chamá-las a coisas mais altas.”*^[810]

1410. 4º - As principais virtudes que é preciso praticar são: **a) grande pureza de coração** e completo desapego de tudo quanto pode levar ao pecado e perturbar a alma.

São João da Cruz cita exemplos de imperfeições habituais que impedem a união perfeita com Deus: *“costume de falar muito, apegozinho a alguma coisa que jamais se acaba de querer vencer, seja a pessoa, vestido, livro ou cela; tal espécie de alimento, algumas coisinhas de gostos, conversas, querendo saber e ouvir notícias e outros pontos semelhantes.”* E dá a razão: *“Pouco importa estar o pássaro amarrado por um fio grosso ou fino; desde que não se liberte, tão preso estará por um como por outro. ... Assim sucede à alma cativa por afeição a qualquer coisa: jamais chegará a liberdade da união divina, por mais virtudes que possua.”*^[811]

1411. b) Grande pureza de espírito, ou seja, mortificação da curiosidade, que perturba e inquieta, dispersa e espraia a alma para todos os lados. Por isso, aqueles que têm por dever de estado ler e estudar muitas coisas, devem mortificar muitas vezes a curiosidade, fazendo de vez em quando interrupções para purificar a intenção, e referir todo o seu estudo ao amor de Deus. Essa mesma pureza também exige que se vá diminuindo e, a seu

tempo, suprimindo o raciocínio na oração, simplificando os afetos, para pouco a pouco chegar a um simples olhar afetoso a Deus. Sobre esse assunto São João da Cruz reprova com veemência os diretores espirituais inexperientes que, por conhecerem apenas a meditação discursiva, querem obrigar todos os seus penitentes a esse caminho, fazendo-os exercitar continuamente suas faculdades. ^[812]*

1412. c) Grande *pureza de vontade* por meio da mortificação da vontade própria e do santo abandono (n^{os} 480 a 497).

d) *Fé viva*, pela qual vivamos em tudo segundo as máximas do Santo Evangelho (n^o 1188).

e) *Silêncio religioso*, que nos habilite a transformar em orações todas as nossas ações (n^{os} 522 a 529).

f) Por fim, e principalmente, *amor ardente e generoso*, que chegue até a autoimolação e à aceitação, com alegria, de todas as provações (n^{os} 1227 a 1235).

I.III.II – Sinais da Proximidade do Chamado à Contemplação

1413. Quando alma está desse modo disposta à contemplação, consciente disso ou não, chega o momento em que Deus a faz compreender que deve deixar a meditação discursiva.

São João da Cruz descreve três sinais que indicam estar próximo esse momento: 1^o - “*O primeiro sinal é não poder meditar nem discorrer com a imaginação, nem gostar disso como antes; ao contrário, só acha segura no que até então o alimentava e lhe ocupava o sentido. Enquanto, porém, tiver facilidade em discorrer e achar sabor na meditação, não a deve deixar, salvo quando a alma estiver na paz e quietação indicadas no terceiro sinal.*

^[813] A causa desse enfado, acrescenta o Santo, é que a alma já extraiu da meditação discursiva das coisas divinas quase todo o bem espiritual que poderia haurir. Já não consegue meditar nem discorrer como antes e tampouco encontra nisso proveito ou gosto. Por isso, precisa de um novo método. ^[814]*

1414. 2º - “O segundo é não ter vontade alguma de pôr a imaginação nem o sentido em outras coisas particulares, sejam exteriores ou interiores. Não me refiro às distrações da imaginação, pois esta, mesmo no maior recolhimento, costuma andar vagueando; digo somente que não há de gostar a alma de fixá-la voluntariamente em outros objetos.” ^[815]

Da seguinte maneira o santo explica isso: Ocorre que nesse novo estado a alma “logo que entra em oração, como quem já está com a boca na fonte, bebe à vontade e com suavidade, sem o trabalho de conduzir a água pelos aquedutos das considerações, formas e figuras. E, assim, logo em se pondo na presença de Deus, acha-se naquela notícia confusa, amorosa, pacífica e sossegada em que vai bebendo sabedoria, amor e sabor. Por esta causa a alma sente extrema repugnância e muito sofrimento quando querem arrancá-la dessa quietação e constrangê-la ao trabalho da meditação de assuntos particulares. Acontece-lhe como ao menino que, estando a receber, sem trabalho seu, o leite encontrado no peito materno e junto à boca, tiram-lhe o peito e querem que o torne a procurá-lo com seus próprios esforços.” ^[816]

1415. 3º - “O terceiro sinal, e o mais certo, é gostar a alma de estar a sós com atenção amorosa em Deus, sem particular consideração, em paz interior, quietação e descanso, sem atos e exercícios das potências, memória, entendimento e vontade, ao menos discursivos, que consistem em passar de um a outro; mas só com a notícia e advertência geral e amorosa já mencionada, sem particular inteligência de qualquer coisa determinada.” ^[817]

“Entretanto, convém saber que essa notícia geral é às vezes tão sutil e delicada, mormente quando é mais pura, simples, perfeita, espiritual e interior, que a alma, embora esteja empregada nela, não a vê nem a sente. Isto sucede, sobretudo, como dissemos, quando essa notícia é em si mais clara, perfeita e simples; e assim o é quando na alma penetra mais limpa e segregada de outras intelecções e notícias particulares em que o entendimento ou o sentido poderiam fazer presa. A alma, então, carecendo destas últimas, nas quais o entendimento e sentido têm costume e habilidade de se exercitar, não as sente, porquanto lhes faltam suas costumadas formas sensíveis. É esta a causa porque, quanto mais pura, perfeita e simples for a notícia, menos a percebe o entendimento, e mais

obscura lhe parece. E, assim, pelo contrário, quanto menos é pura e simples, mais clara e importante aparece ao entendimento, por estar revestida ou mesclada de algumas formas inteligíveis em que pode mais apoiar-se o entendimento ou o sentido.”^[818]

O santo explica esse fato por uma comparação: quando um raio de sol entra num aposento, a vista o percebe tanto melhor quanto mais o ar estiver carregado de partículas de poeira. Sem essas impurezas é menos perceptível. O mesmo ocorre com a luz espiritual; quanto mais pura e límpida, menos é percebida, de tal modo que a alma crê estar em trevas. De modo contrário, quanto está cheia de espécies inteligíveis, o entendimento a percebe mais facilmente e a alma julga-se mais iluminada.

1416. Deve-se atentar que, conforme São João da Cruz, *esses três sinais devem coexistir conjuntamente* para que a alma possa com toda a segurança deixar a meditação e entrar na contemplação. Acrescentamos, com o mesmo santo, que é proveitoso, nos primeiros tempos em que se desfruta da contemplação, voltar algumas vezes à meditação discursiva. Isso é até mesmo necessário se a alma percebe que está desocupada no repouso da contemplação. Na realidade, essa necessidade decorre do fato de que a alma ainda não adquiriu o hábito de contemplar.^[819]

CONCLUSÃO: DO DESEJO DA CONTEMPLAÇÃO

1417. Por ser a contemplação infusa um meio excelente de perfeição, é permitido desejá-la, mas com *humildade* e *condicionalmente*, isto é, no *santo abandono* à vontade de Deus.

a) Que se possa desejar a contemplação deduz-se das suas muitas vantagens (nº 1402): “*a contemplação é como o orvalho que faz crescer e fortalecer as virtudes e de onde estas obtêm a máxima perfeição.*”^[820]

b) Mas esse desejo deve ser *humilde* e acompanhado da convicção de que somos muito indignos dessa graça, e também do desejo de fazer uso dela somente para a glória de Deus e o bem das almas.

c) Deve ainda ser *condicional*, ou seja, submetido inteiramente à vontade de Deus. Assim, não será nem ansioso nem fantasioso. Não se deve esquecer que a contemplação normalmente pressupõe o exercício das

virtudes morais e teologais, e que seria muita presunção desejá-la antes de tê-las praticado por longo tempo. Além disso, é mister estar persuadido de que, se a contemplação proporciona alegrias inefáveis, é também ordinariamente acompanhada de terríveis provações, que somente as almas fortalecidas podem, com a graça de Deus, suportar.

Veremos isso melhor quando descrevermos as diversas fases da contemplação.

Art. II – AS DIVERSAS FASES DA CONTEMPLAÇÃO

1418. A contemplação infusa não é a mesma para todos. Deus, que se compraz em diversificar seus dons, adaptando-os aos diversos temperamentos e caracteres, não enquadra suas ações a moldes rígidos e sistemáticos. Assim, quando lemos sobre os místicos encontramos formas muito variadas de contemplação.^[821] Não obstante, parece que, no meio dessa diversidade, há uma certa unidade que permitiu aos autores espirituais classificar as principais fases percorridas pelos místicos.

Não trataremos aqui das diferentes classificações adotadas por diversos autores.^[822]* Conforme o ponto de vista adotado, distinguem-se um maior ou menor número de graus e, por vezes, consideram como graus diferentes o que na realidade são formas variadas de um mesmo estágio.

1419. Como todos concordam que Santa Teresa d'Ávila e São João da Cruz são os dois grandes doutores da união mística, vamos nos ater às divisões que eles nos oferecem, tentando combiná-las harmonicamente. Os vários graus se distinguem de acordo com a maior ou menor ação de Deus sobre a alma. 1º - Quando Deus se apodera da *finá ponta da alma*, deixando as faculdades inferiores e os sentidos livres para se ocuparem com suas atividades naturais, é a oração da *quietude*; 2º - Quando se apodera de *todas as faculdades interiores*, deixando livre somente os sentidos externos, é a *união plena*; 3º - Se toma posse simultaneamente das faculdades interiores e dos sentidos externos, é a *união extática* (desposórios espirituais); 4º - Por fim, quando se apodera das faculdades interiores e exteriores, já não de modo transitório, mas de *modo estável e permanente*, é o *matrimônio espiritual*. Estes são os graus expostos por Santa Teresa. São João da Cruz acrescenta as duas *noites*, ou *provações passivas*, mas a primeira é apenas uma espécie de quietude *árida e crucificante* e a segunda compreende o *conjunto das provações* que antecedem ao matrimônio espiritual e se situam nos graus de união plena e união extática.

Assim, falaremos:

1. Da *quietude*

1. Árida

2. Suave

2. Da *união plena*

3. Da *união extática*

1. Suave

2. Crucificante

4. Da *união transformante ou matrimônio espiritual*

II.I – A ORAÇÃO DE QUIETUDE

Essa oração normalmente começa sob a forma *árida* e termina na forma *suave*.

II.I.I – A Quietude Árida ou Noite dos Sentidos

1420. Já afirmamos que para a contemplação requer-se grande pureza de coração. Contudo, até mesmo as almas avançadas estão sujeitas a inúmeras imperfeições e sentem renascer em si, ainda que de forma tênue, os sete pecados capitais (nº 1264). Para purificá-las ainda mais e prepará-las para um grau mais elevado de contemplação, Deus envia-lhes diversas provações, chamadas *passivas* porque é o próprio Deus que as produz e a alma somente deve *aceitá-las pacientemente*.

Ninguém descreveu melhor essas provações que São João da Cruz na *Noite Escura*. Chama-as *noite* porque, quando a ação divina entra em contato, por assim dizer, com as faculdades sensíveis para submetê-las ao espírito, impedindo que este raciocine, ele entra em uma espécie de noite. Já não se consegue *discorrer* como antes e a luz da contemplação é tão fraca e crucificante que se pensa estar submergido por uma noite escura. O santo distingue duas noites: o fim da primeira é desapegar-nos de todo o *sensível* e, por isso, chama-se *noite dos sentidos*; a segunda destina-se a desapegar-nos das consolações *espirituais* e de todo amor-próprio.

1421. Trataremos aqui somente da primeira noite, da qual diz São João da Cruz: “Deus põe a alma nesta noite sensitiva a fim de purificá-la no sentido, isto é, na sua parte inferior; e assim o acomoda, submete e une ao espírito, obscurecendo o mesmo sentido em todo trabalho do discurso que lhe é então impedido.”^[823]

É um estado de alma muito complexo, uma mescla desconcertante de escuridão e luz, de aridez e de intenso amor a Deus em estado latente, de impotência real e de oculta energia, que é difícil analisar sem cair em

aparentes contradições. É necessário que leiamos São João da Cruz com a ajuda da linha orientativa que tentaremos oferecer. Nesse sentido exporemos: 1º - Os *elementos constitutivos* dessa noite espiritual; 2º - As *provações adjacentes* que a acompanham; 3º - O *proveito* que se obtém.

II.I.I.I – Elementos Constitutivos Dessa Provação

1422. A) O primeiro e mais essencial é a *contemplação infusa*, que Deus começa a comunicar à alma. Contudo, de um modo secreto e obscuro, imperceptível para a alma, e que é causa de uma impressão dolorosa e angustiosa. Diz o santo que: *“Este alimento substancioso é princípio de contemplação obscura e árida para o sentido; porque esta contemplação é oculta e secreta àquele mesmo que a recebe. Junto com a secura e vazio na parte sensitiva, a alma geralmente experimenta desejo e inclinação para ficar sozinha e quieta, sem poder, nem mesmo querer, pensar em coisa distinta.”*^[824]

Para melhor se fazer compreender, o santo emprega mais adiante uma comparação que convém desde já ter presente: *“É preciso observar aqui como esta purificadora e amorosa notícia ou luz divina, quando vai preparando e dispondo a alma para a união perfeita de amor, age à maneira de fogo material sobre a madeira para transformá-la em si mesmo. Vemos que este fogo material, ateando-se na madeira, começa por secá-la; tira-lhe a umidade, e lhe faz expelir toda a seiva. Logo continua a sua ação, enegrecendo a madeira, tornando-a escura e feia, e até com mau odor; assim vai secando-a pouco a pouco, e pondo à vista, a fim de consumi-los, todos os elementos grosseiros e escondidos que a madeira encerra, contrários ao mesmo fogo. Finalmente, põe-se a inflamá-la e aquecê-la por fora, até penetrá-la toda e transformá-la em fogo, tão formosa como ele próprio. Em chegando a este fim, já não existe na madeira nenhuma propriedade nem atividade própria, salvo o peso e a quantidade, maiores que as do fogo; pois adquiriu as propriedades e ações do próprio fogo. Assim, agora está seca, e seca; está quente e aquece; está luminosa e ilumina; está muito mais leve do que era antes; e tudo isso é obra do fogo na madeira, produzindo nela essas propriedades e efeitos.*

Do mesmo modo havemos de raciocinar acerca deste divino fogo de amor de contemplação: antes de unir e transformar a alma nele, primeiro a

purifica de todas as propriedades contrárias. Faz sair fora todas as suas deformidades e, por isto, a põe negra e obscura, dando-lhe aparência muito pior do que anteriormente, mais feia e abominável do que costumava ser. Esta divina purificação anda removendo todos os humores maus e viciosos; de tão profundamente arraigados e assentados, a alma não os podia ver, nem entendia que fossem tamanhos; mas agora, que é necessário expulsá-los e aniquilá-los, são postos bem à sua vista. A alma os vê muito claramente, iluminada por esta obscura luz de divina contemplação; e, embora não seja por isso pior do que antes, nem em si mesma, nem para Deus, contudo, ao ver dentro de si o que antes não via, parece-lhe evidente que assim o é. E ainda mais, julga-se não somente indigna do olhar de Deus, mas merecedora de que ele a aborreça, e na verdade pensa estar em seu desagrado.” ^[825] *

1423. Essa contemplação oculta causa na alma uma *grande aridez*, não somente em razão das faculdades sensíveis, que são privadas de consolação, mas também das faculdades superiores, que já não conseguem meditar de maneira discursiva como antes. É uma situação dolorosa: a alma, que estava acostumada com a luz, agora sente-se mergulhada na escuridão; ela, que sabia discorrer e fazer brotar do coração numerosos afetos, perdeu essa facilidade e a oração tornou-se muito penosa.

O mesmo acontece com o exercício das virtudes: os esforços que fazia com alegria para crescer na virtude agora são árduos e desanimadores.

1424. Porém, é importante distinguir essa aridez purificadora da secura causada pela negligência e tibieza. São João da Cruz apresenta três sinais de distinção:

1. Já não se encontra gosto algum em Deus, porém menos ainda nas coisas criadas. Os tíbios também não têm gosto para as coisas divinas, mas têm-no para os prazeres terrenos. Porém, acrescenta o santo, esse desgosto generalizado pode provir de alguma indisposição ou melancolia natural. Assim, é preciso analisar esse primeiro sinal em conjunto com o segundo.

2. A alma conserva habitual lembrança de Deus, com solicitude e cuidado pesaroso, porque pensa que não está servindo bem a Deus e até mesmo que está andando para trás, em razão da falta de gosto pelas coisas divinas. Na tibieza, pelo contrário, não existe essa solicitude interior pelas

coisas divinas. Do mesmo modo, se a aridez provier de fraqueza física, tudo se resume em tédio natural e não se percebe sinal algum do desejo de servir a Deus, que caracteriza a aridez purgativa e que a contemplação escura infunde na alma.

3. Por fim, a alma *sente-se incapaz de meditar de modo discursivo*, de tal maneira que, ao tentar orar dessa forma, o esforço é estéril. “*Deus aqui começa a comunicar-se não mais por meio do sentido, como o fazia até então, quando a alma o encontrava pelo trabalho do raciocínio, ligando ou dividindo os conhecimentos; agora ele o faz puramente no espírito, onde não é mais possível haver discursos sucessivos. A comunicação é feita com um ato de simples contemplação, a que não chegam os sentidos interiores e exteriores da parte inferior. Por isso, a imaginação e fantasia não podem apoiar-se em consideração alguma, nem doravante achar aí arrimo.*”^[826] Porém, o santo adverte que essa incapacidade não é constante; às vezes pode-se voltar à meditação como antes. Vale ainda observar que tal incapacidade limita-se geralmente às coisas espirituais, sem se estender aos estudos e negócios, com os quais a alma pode ocupar-se normalmente.

1425. C) Acompanha essa aridez uma *ansiedade persistente e dolorosa de unir-se mais intimamente a Deus*. “*Esta inflamação de amor de modo ordinário não é sentida logo no princípio da noite ... Entretanto, às vezes, ..., logo começa a alma a sentir-se com desejo de Deus: e quanto mais vai adiante, mais se vai aumentando nela esta afeição e inflamação de amor divino, sem que a própria alma entenda e saiba como ou donde lhe nasce o amor e afeto. Chega por vezes a crescer tanto, no seu íntimo, essa chama e inflamação, que o espírito com ânsias de amor deseja a Deus. ... Esta solicitude e cuidado provém daquela secreta contemplação, que, depois de ter por algum tempo purificado a parte sensitiva, nas suas forças e apegos naturais, por meio das securas, vem enfim a inflamar no espírito o amor divino. Enquanto não chega a este ponto, está a alma como doente, submetida a tratamento; tudo se resume em padecer nesta obscura e árida purificação do apetite, em que se vai curando de numerosas imperfeições, e ao mesmo tempo se exercitando em grandes virtudes, para tornar-se capaz do amor de Deus.*”^[827]

Assim, a alma está orientada para Deus e não tem mais desejo das criaturas. Contudo, essa orientação é ainda vaga e confusa, como uma

nostalgia de Deus ausente. Ela quer unir-se a Ele e possuí-lo. Se ainda não teve a experiência da quietude suave, é uma atração confusa, uma ansiedade indefinida, um mal-estar inexplicável. Se já saboreou da união mística, é um desejo determinado de reviver essa união.^[828]

II.I.I.II – Provações Que Acompanham Essa Primeira Noite

1426. Os escritores espirituais geralmente descrevem essas provas como terríveis, porque se baseiam no que se passou na alma dos santos que, tendo sido chamados à elevadíssima contemplação, tiveram que suportar cruces muito pesadas. No entanto, outros, que não foram chamados a grau tão elevado, são menos provados. Convém saber disso para tranquilizar as almas tímidas que, por medo da cruz, poderiam ser impedidas de entrar nessa via. Não se deve esquecer que Deus dá suas graças, normalmente em proporção com a severidade das provas.

A) Além da aridez persistente que comentamos, a alma também sofre *horribéis tentações*: 1) contra a *fé*: porque, como não sente, pensa que não crê; 2) contra a *esperança*, pois, privada das consolações, acredita ter sido abandonada e é tentada pelo tédio e desalento; 3) contra a castidade: “*Com efeito, a certas pessoas se lhes manda o espírito de Satanás, isto é, o espírito de fornicção, para que lhes açoite os sentidos com abomináveis e fortes tentações, e lhes atribule o espírito com feias advertências e torpes pensamentos, visíveis à imaginação, e isto por vezes lhes causa maior pena do que a morte.*”^[829]; 4) contra a *paciência*: com tantos dissabores, a alma sente-se inclinada a murmurar contra os outros e contra si mesma. Passam pela mente pensamentos de blasfêmia tão agudos, que parece que os lábios pronunciam as palavras; 5) contra a *paz da alma*, pois, assediadas por inúmeros escrúpulos e perplexidades, emaranham-se de tal modo em suas próprias ideias que não podem seguir um conselho nem ceder a algum raciocínio; essa situação é um dos mais vivos sofrimentos.

1427. B) A alma também é provada por outras pessoas: 1) Às vezes pelos incrédulos que a atormentam com toda espécie de perseguições: “*Pois todos os que quiserem viver piedosamente, em Jesus Cristo, terão de sofrer a perseguição.*” (II Tm 3, 12); 2) Outras vezes por parte dos superiores e

amigos que, não compreendendo esse estado, formam uma má impressão dos aparentes insucessos e da persistência das *securas*; 3) Outras vezes até mesmo por parte do **diretor espiritual**, que pode confundir o estado com *tibieza* ou é incapaz de consolar tamanha aflição.

C) Há casos em que *males externos* juntam-se a esses sofrimentos interiores: 1) a pessoa é afetada por *estranhas doenças* que desconcertam os médicos; 2) Em razão da falta de energias que padece, ou por estar sendo consumida pelas penas interiores, já não tem o mesmo *desempenho* nos negócios; sente-se *entorpecida* a tal ponto que os outros percebem; 3) Sofre algumas vezes *perdas temporais* que a colocam em situação precária. Em resumo, parece-lhe que o céu e a terra juntaram-se contra ela.

II.I.I.III – Proveitos Dessa Purificação

Ser introduzida na contemplação passiva, mesmo que seja escura e dolorosa, já é de enorme proveito para a alma. Contudo, há ainda outros benefícios que São João da Cruz chama de acessórios.

1428. 1º - O *conhecimento experimental de si mesmo* e da própria miséria: “*Vê a alma a realidade de sua miséria, antes desconhecida; ... Quando se vê com esta outra veste de trabalho, na secura e no desamparo, com todas as anteriores luzes obscurecidas, então verdadeiramente é esclarecida sobre esta virtude tão excelente e necessária do conhecimento próprio. Já não se tem em nenhuma conta, e não acha satisfação em si; vê agora como, de si, nada faz e nada pode. Esta falta de gosto consigo mesma, e o desconsolo que sente por não servir a Deus, agradam mais a ele que todas as obras e gostos que a alma tinha antes.*” Deste conhecimento próprio nasce “*na alma uma atitude mais comedida e respeitosa em suas relações com Deus, como sempre se requer no trato com o Altíssimo. Quando a alma nadava na abundância de seus gostos e deleites não procedia assim; pois aquela graça tão saborosa, que a consolava, aumentava-lhe os desejos de Deus, tornando-os algo mais ousado do que era conveniente, e até chegavam a ser pouco delicados e não muito respeitosos.*”^[930] Com isso, a virtude da religião é beneficiada.

1429. 2º - O *conhecimento de Deus* torna-se mais puro e verdadeiro, e o amor a Ele mais *desapegado* dos gostos sensíveis. A alma já não busca consolações; quer somente agradar a Deus: *“Não mais se torna presumida ou satisfeita como lhe acontecia no tempo da prosperidade, mas sim receosa e temerosa de si, sem ter satisfação alguma consigo mesma; e nisto está o santo temor que conserva e aumenta as virtudes.”*^[831]

1430. 3º - Por esse meio a alma é purificada dos pecados capitais, mesmo das formas mais refinadas (conf. nº 1263).

a) A alma agora pratica a humildade não somente em relação a Deus, mas também em relação ao próximo: *“Vendo-se agora tão árida e miserável, nem mesmo por primeiro movimento lhe ocorre a ideia, como outrora acontecia, de estar mais adiantada do que os outros, ou de lhes levar vantagem. Muito ao contrário, conhece que os outros vão melhor. Daqui nasce o amor do próximo, pois a todos estima, e não os julga como antes, quando se achava com muito fervor e não via os outros assim. Agora conhece somente a sua miséria e a tem diante dos olhos, tão presente que esta não a deixa, nem lhe permite olhar pessoa alguma.”*^[832]

b) Pratica também a *sobriedade espiritual*. Como a alma já não se nutre das consolações sensíveis, desapega-se delas pouco a pouco, bem como de todos os bens criados, para ocupar-se somente com os bens eternos. Principia assim a paz espiritual, porque as consolações e apegos às criaturas perturbam o coração. E, em meio a essa paz, a alma exercita-se na fortaleza, na paciência, na longanimidade, perseverando nos exercícios que não oferecem nem consolo nem qualquer atrativo.

c) Em relação aos pecados capitais, tais como inveja, ira e preguiça, a alma purifica-se ainda mais e adquire as virtudes opostas. Tendo-se tornado dócil e humilde por obra das aridezes e tentações, irrita-se menos facilmente contra o próximo e contra si mesma. A caridade substitui a inveja, porque é próprio da humildade admirar-se das qualidades dos outros e, quanto mais a alma vê seus defeitos, mais sente necessidade de trabalhar e esforçar-se para corrigi-los.

1431. 4º - Por fim, juntamente com essas securas, Deus mistura algumas *consolações espirituais*. Subitamente, quando a alma menos espera, Deus lhe comunica vivas luzes intelectuais e um amor puríssimo. Esses favores

são muito superiores e mais santificantes que qualquer coisa que antes tivesse provado, embora no princípio a alma assim não julgue porque para ela essa influência ainda lhe é secreta.

Em suma, essas aridezes fazem com que a alma caminhe com maior pureza no amor de Deus. Já não age movida pelas consolações, mas apenas para agradar a Deus; já não há mais presunção e vã complacência como nos tempos do fervor sensível; já não há mais ações açodadas, movidas por ímpetos naturais. Enfim, a paz espiritual começou a reinar no coração.^[833]

CONCLUSÃO: MODO DE PROCEDER DURANTE ESSA PROVAÇÃO

1432. Os diretores espirituais das almas que passam por essa prova devem demonstrar-lhes *muita bondade* e dedicação; *esclarecê-las* e consolá-las, explicando-lhes com clareza que se trata de uma provação purificadora e que dela sairão mais aperfeiçoadas, mais puras e humildes, mais confirmadas na virtude e mais agradáveis a Deus.

a) A principal disposição a recomendar é a do *santo abandono* nas mãos de Deus: é necessário beijar a mão que nos fere, reconhecer que bem merecemos essas tribulações; unir-se a Jesus em agonia e humildemente repetir a sua oração: “*Meu Pai, se é possível, afasta de mim este cálice! Todavia não se faça o que eu quero, mas sim o que tu queres.*” (Mt 26, 39).

b) Além disso, apesar da aridez, é necessário *perseverar na oração*, em união com Nosso Senhor que, na sua agonia, continuou orando: “*entrou em agonia e orava ainda com mais instância*” (Lc 22, 44). As palavras de Santa Teresa devem ser sempre lembradas: “*Quem começou a ter oração (mental) não deve deixá-la por mais pecados que cometa. Com ela, terá como se recuperar e, sem ela, terá muito mais dificuldades. E que o demônio nunca tente ninguém como tentou a mim, levando-me a abandonar a oração por humildade.*”^[834] Poderíamos ainda acrescentar: sob pretexto de inutilidade.

1433. c) Contudo, quem já estiver certo da incapacidade de fazê-la, não deve voltar à *meditação discursiva*. É necessário manter a alma em repouso, ainda que pareça que nada faz, e contentar-se com um olhar afetuoso e tranquilo sobre Deus.

Quando um artista está pintando o retrato de uma pessoa, esta deve evitar mexer-se muito, caso contrário dificultará o trabalho do artista e até mesmo poderá impedi-lo de terminar sua arte. Da mesma forma, quando Deus quer pintar o seu retrato em nossa alma e para isso suspende a atividade de nossas faculdades, devemos unicamente conservar-nos em paz e, assim, nossa alma poderá chegar a arder e inflamar-se no espírito de amor que essa obscura e secreta contemplação traz consigo e ateia.^[835] Esse estado de repouso não é inação; é um tipo diferente de ocupação, que não se confunde com preguiça ou torpor. Portanto, é preciso afastar as distrações. Se, para consegui-lo, for necessário voltar às considerações, não deve haver receio de fazê-lo quando for possível e sem violentar-se a si mesmo.

1434. d) Em relação às *virtudes*, é evidente que precisamos continuar a cultivá-las, particularmente aquelas que são mais próprias deste estado: humildade, renúncia, paciência, caridade com o próximo, amor a Deus pela dócil conformidade com a sua santa vontade, oração confiante. Tudo isso por uma espécie de santo abandono nas mãos de Deus. Se houver esforço continuado, esse estado de alma se tornará uma verdadeira *mina de ouro* que trará grandes riquezas para a alma.

e) A *duração* dessa prova varia conforme os desígnios de Deus, o grau de união que Ele destina para a alma e o maior ou menor número de imperfeições que resta purificar. Segundo os autores espirituais, podem durar de dois a quinze anos.^[836]* Contudo, há intervalos de descanso, durante os quais a alma respira, goza de Deus e recobra forças para novos combates. Portanto, *paciência*, *confiança* e *abandono* total nas mãos de Deus são, em suma, o que deve recomendar o diretor espiritual às almas que passam por essas provações.

II.I.II – A Quietude Suave

1435. Para explanação deste estado e dos seguintes, lançaremos mão sobretudo das obras de Santa Teresa, que descreveu essas orações com lucidez e precisão que nunca foram superadas. A Santa a identifica com diversos nomes: é a *quarta morada* do Castelo Interior,^[837]* ou a oração dos *gostos divinos*, porque nela é que pela primeira vez a presença de Deus é

sentida por certo gosto espiritual. Na sua Vida (cap. XIV), denomina-a de oração de *quietude*, explicando-a e considerando-a como a *segunda maneira de regar o jardim*. Outros dão-lhe o nome de oração do *silêncio*, porque é exatamente nela que a alma cessa o discurso.

Essa oração passa por três fases distintas: 1º- O *recolhimento passivo* que a prepara; 2º- A *quietude propriamente dita*; 3º- O *sono das faculdades* que a completa e prepara a união plena das faculdades.

II.I.II.I – O Recolhimento Passivo

1436. A) Natureza. Este recolhimento é assim chamado para distingui-lo do ativo que é adquirido pelos próprios esforços com auxílio da graça (nº 1317). De fato, o recolhimento *passivo* não se adquire “*por meio do intelecto ou da imaginação, esforçando-se por pensar que Deus está dentro de nós, ou imaginando-o presente em nosso interior*”,^[838] mas pela ação direta da graça divina sobre as nossas faculdades. Por essa razão é que Santa Teresa identifica-a como a primeira oração *sobrenatural* que experimentou: “*É um recolhimento interior que se sente na alma, parecendo-lhe que possui outros sentidos, análogos aos exteriores, e que quer apartar-se do bulício destes últimos. Por isso algumas vezes os coloca em retaguarda, dando-lhe vontade de fechar os olhos, não ouvir, não ver nem entender senão aquilo que a alma está ocupada, que é tratar com Deus a sós. Nesse estado, os sentidos e as faculdades não são suspensos; a alma os possui inteiramente, mas apenas para empregá-los em Deus.*”^[839]

Em outro local a Santa explica isso com uma graciosa comparação: “*Façamos de conta que as faculdades e os sentidos, ... deserdaram e andam, há dias e anos, metidas com gente estranha e inimiga. Afinal, reconhecendo sua perdição, já se aproximam, embora não se resolvam a entrar definitivamente no Castelo. ... O grande Rei, vendo-os animados e de boa vontade, por sua grande misericórdia resolve chamá-los a si, como bom pastor, com um assovio tão suave, que eles próprios quase não percebem. Dessa forma, faz com que não andem perdidos e voltem à antiga morada ao reconhecerem sua voz. Esse assovio de pastor tem tanta força, que abandonam as coisas exteriores em que andavam distraídos, e entram no castelo.*”^[840] São Francisco de Sales faz outra comparação não menos expressiva: “*Tal como alguém pusesse um pedaço de imã entre muitas*

agulhas veria todos os seus bicos voltarem-se subitamente para o lado do imã, e virem-se unir a ele, assim também, quando Nosso Senhor faz sentir no meio da nossa alma a sua deliciosíssima presença, todas as nossas faculdades se voltam para esse lado, para virem unir-se a esta incomparável doçura.”^[841]

Assim, pode-se definir esse recolhimento passivo: *uma doce e afetuosa absorção do intelecto e da vontade em Deus, produzida por uma graça especial do Espírito Santo.*

1437. B) Conduta a ser seguida. Normalmente esse favor é prelúdio da oração de quietude. Contudo, pode ser somente transitório, como acontece em certas ocasiões em que a alma fica mais fervorosa. Por exemplo: na tomada de hábito, no momento dos votos, da ordenação. Desse fato podemos tirar duas conclusões práticas:

a) Se Deus nos coloca nesse estado de recolhimento, com delicadeza devemos tentar fazer parar o intelecto de discorrer, mas sem forçar essa suspensão.

“Sem força e sem ruído, procure atalhar o intelecto com seus discursos, sem suspendê-lo nem a imaginação. Pelo contrário, é bom recordar-se que está na presença de Deus e compenetrar-se de quem é esse Deus. Se, com o que sente em si, a alma ficar embebida, fique-o em boa hora. Não procure entender o que é, porque esse dom se destina à vontade. Deixe-a saborear sem nenhuma indústria; apenas com algumas palavras amorosas.”^[842]

b) Todavia, se Deus não nos fala ao coração, *“se este Rei não der sinal de nos ver e ouvir, não fiquemos ali como bobos,”*^[843] diz Santa Teresa. Porque, quando se faz esforço para que alma paralise o pensamento, cai-se em maior secura do que antes. A própria violência imposta para não pensar em nada torna a imaginação mais inquieta. Destarte, devemos pensar mais na glória de Deus que nas consolações ou gostos pessoais. *“Quando Sua Majestade quer que o intelecto se detenha, ocupa-o de outra maneira. Dá-lhe conhecimentos e luzes tão acima do que podemos alcançar que o deixa absorto.”*^[844] Porém, fora desse caso, as nossas faculdades são feitas para operar.

II.I.II.II – A Quietude Propriamente Dita

Explicaremos a sua *natureza*, a sua *origem* e *progressos*, as suas *diversas formas*, e a *maneira de conduzir-se* diante dela.

1438. A) Natureza. Nessa oração, a parte superior da alma, intelecto e vontade, é capturada por Deus, que a faz desfrutar de suavíssimo repouso, com uma vivíssima alegria pela sua presença. Porém, o entendimento, ou faculdade de raciocínio, a memória e a imaginação permanecem livres, e são às vezes origem de distrações.

a) Vejamos como Santa Teresa explica o caráter *sobrenatural* dessa oração e a maneira como a *vontade é capturada por Deus*:^[845]*

“Esta oração é já coisa sobrenatural. Por mais que façamos não a podemos adquirir com todas as nossas diligências. É um pôr-se a alma em paz, ou melhor, com sua presença o Senhor a põe em paz, como fez com o justo Simeão.

A vontade, o intelecto e a memória, isto é, as faculdades sossegam. A alma sabe que está junto de seu Deus, e o conhece de um modo muito mais claro do que pelo conhecimento que lhe vem pelos sentidos exteriores. Um pouquinho mais, e, por união, será uma só coisa com ele.

Não é que o veja com os olhos do corpo, ou com os da alma. Também o justo Simeão numa criança pobrezinha só via o glorioso infante. ... Mas o próprio Menino se lhe deu a conhecer.

Igualmente conhece aqui a alma, embora não com a mesma clareza. Entende, e não sabe como entende. Apenas tem certeza de estar no reino, ou, pelo menos, junto do Rei que lho há de dar.

Sente-se penetrada de tal reverência, que nada lhe ousa pedir. ...

Só a vontade é escrava. Se sente alguma pena de estar assim atada é porque sabe que há de recuperar a liberdade. ...

Em suma, enquanto dura esse estado de satisfação e deleite, ficam de tal modo inebriados e absortos que nem pensam em desejar outra coisa. De boa-vontade diriam com São Pedro: ‘Senhor, façamos aqui três moradas.’ (Mt 17, 4).”

Como só a vontade é cativa, as outras faculdades podem dissipar-se. A santa acrescenta:^[846] *“As outras duas faculdades ajudam a vontade, para que esta se vá tornando capaz de fruir de tanto bem, embora algumas vezes, mesmo estando a vontade unida, muito atrapalhem. Se isso acontecer, não se deve fazer caso delas, mas conservar a alegria e a*

quietude; porque, se a vontade quiser recolhê-la, acaba por se perder junto com elas.” Principalmente a imaginação se dissipa muitas vezes e fatiga-nos com seu bulício ensurdecedor; é uma verdadeira taramela de moinho: “Deixemos andar a taramela de moinho e continuemos a moer nossa farinha – não deixando de usar o intelecto e a vontade.”^[847]

1439. b) A *alegria espiritual* que a quietude produz é muito diferente da que se desfruta na oração ativa. Santa Teresa explica isso comparando os gostos divinos produzidos pela contemplação, com os *contentamentos* da oração ativa. Com efeito, diferenciam-se por duas coisas: pela *origem* e pelos *efeitos*.

1. Os *gostos divinos* provêm diretamente da ação de Deus, enquanto os *contentamentos* são fruto de nossa atividade auxiliada pela graça. Para fazer-se compreender Santa Teresa utiliza a comparação de dois tanques de água. O primeiro é alimentado por um aqueduto que traz a água de longe. A água entra nele com ruído, que é figura das consolações que se desfrutam na oração ativa. O outro é suprido por um manancial que brota do próprio fundo do tanque e enche-se sem ruído algum: figura da contemplação, da qual brota a água da consolação, “*grandíssima paz, quietação e suavidade no mais íntimo da alma*”.^[848]NT

2. Portanto, as alegrias da contemplação são muito superiores às da oração ativa: “... aquela dilatação produzida pela água celeste, do manancial que há no mais profundo de nós mesmos. Essa água vai dilatando e alargando todo o nosso interior e produzindo bens indizíveis. Nem a própria alma favorecida é capaz de entender o que ali se passa! Delicia-se com fragrâncias, como se naquele abismo íntimo – imaginemos assim – houvesse um braseiro, onde se lançassem finíssimos perfumes.”^[849] Contudo, a santa acrescenta que toda essa comparação é muito imperfeita. Em sua Vida,^[850] afirma que essas alegrias assemelham-se às do céu e que a alma perde o desejo das coisas da terra: “Logo se começa, tendo chegado aqui, a perder a cobiça das coisas da terra, o que não causa espanto; porque a alma vê com clareza que aquele prazer não pode ser obtido aqui, nem há riquezas, prestígio, honras ou encantos suficientes para criar um átimo desse contentamento, por ser ele um júbilo verdadeiro que nos contenta por inteiro.”

A principal causa dessa alegria é a presença de Deus sentida: *“Deus quer, pela sua grandeza, que a alma entenda que Sua Majestade está tão perto dela que não há porque enviar-Lhe mensageiros, se ela pode falar diretamente com Ele, e falar baixo, visto que, dada a Sua proximidade, Ele já entende o simples mover dos lábios.”*^[851] A Santa acrescenta que não há dúvida de que Deus está sempre conosco, mas trata-se aqui de uma presença especial: *“Esse Imperador e Senhor nosso quer que saibamos aqui que Ele nos entende e o que produz em nós a sua presença. Ele também faz entender que deseja particularmente começar a agir na alma, através de grande satisfação interior e exterior que lhe dá ...”*^[852]

1440. c) Essa dilatação da alma produz excelentes disposições virtuosas, especialmente: o temor de ofender a Deus, que substitui o temor do inferno; o amor à penitência e às cruzes, a humildade, o desprezo das alegrias do mundo:

“1) Com essa dilatação e suavidade interior, ela não fica atada, como antes, nas coisas do serviço de Deus. Caminha com muito mais liberdade! Não vive coagida, com medo do inferno. Perde o temor servil e, embora mais temerosa de ofender a Deus, sente grande confiança de que experimentará a suprema felicidade de sua presença. 2) Já não tem, como antes, receio de fazer penitência e vir a perder a saúde. Parece-lhe que em Deus tudo poderá fazer. Sente mais desejos de penitência do que até então. A repugnância dos sofrimentos, que costumava sentir, vai-se moderando. Tendo fé mais viva, entende que, se os suportar por amor de Deus, Sua Majestade lhe dará graça para sofrê-los com paciência. Chega mesmo a desejá-los, de quando em quando, pela grande vontade que lhe fica de fazer alguma coisa por Deus. 3) Como vai conhecendo as grandezas divinas, tem-se em conta de mais miserável. 4) Tendo provado os gostos de Deus, vê que os do mundo são apenas cisco. Pouco a pouco, vai se apartando deles, sentindo-se mais senhora de si para calcá-lo aos pés. Fica, em suma, melhorada em todas as virtudes. Não deixa de ir crescendo se não tornar atrás. Ainda que esteja muito elevada e tenha chegado ao cume, tudo perderá se voltar a ofender a Deus.”^[853]

1441. Definição. Da descrição acima pode-se concluir que a quietude é uma oração sobrenatural, incompletamente passiva, que se produz na parte

superior da alma e lhe faz sentir e gostar a Deus presente junto a si.

É uma oração *sobrenatural*, isto é, *infusa*, e nisto divergimos de alguns escritores Carmelitas que, por considerá-la como uma oração de transição, pensam que pode ser alcançada como a oração de simplicidade. Todavia, juntamente com eles dizemos que é *incompletamente passiva*, haja vista que apenas a vontade (com o intelecto) é cativa. O entendimento e a imaginação permanecem livres para divagar. No que se refere aos *gostos divinos* e às *virtudes*, já explicamos o suficiente (nº 1439).

1442. B) Origem e Progresso da Quietude. a) Geralmente a quietude é concedida às almas que se exercitaram por tempo considerável na meditação e passaram pela *noite dos sentidos*. Todavia, algumas vezes precede a esta última, principalmente nas crianças ou almas inocentes que não tem necessidade de purificação especial.

b) No início ela é dada apenas de tempos em tempos, com fraca intensidade e inconscientemente. Dura muito pouco; Santa Teresa diz, o tempo de uma Ave-Maria.^[854]* Vai então se tornando mais frequente e se prolongando até cerca de meia hora. Contudo, como nem sempre vem ou desaparece repentinamente, pode, considerando esses intervalos de início e final, atingir uma hora ou até mais. Destarte, quando é *operante* (nº 1445) e acompanhada de embriaguez espiritual, pode prolongar-se por um ou dois dias, o que não impede a ocupação com os afazeres ordinários.

c) A quietude *saborosa* pode alternar-se com a quietude *árida*, no período em que a purificação da alma não estiver terminada.

d) Chega o tempo em que a quietude torna-se *habitual*: então entra-se geralmente nela logo no início da oração. Às vezes acontece de ser tomada de improviso, mesmo estando no meio de ocupações corriqueiras. Tende também a se tornar mais forte e consciente e, se a alma corresponde à graça, conduz à união plena e ao êxtase. Mas, se ela é infiel, pode cair e voltar à oração discursiva e até mesmo perder a graça.

1443. C) Formas ou variedades da quietude. Distinguem-se três principais: a quietude *silenciosa*, a *suplicante* e a *operante*.^[855]

a) Na quietude *silenciosa* a alma contempla a Deus em um silêncio cheio de amor, onde a admiração, por assim dizer, sufoca qualquer palavra. A

vontade, imersa em Deus e ardendo de amor por Ele, repousa nele deliciosamente, em uma união serena, tranquila e saborosa.

Como uma mãe se deleita em olhar ternamente o seu filhinho, a alma contempla e ama o seu Deus. Diz Santa Teresa: “*A alma é semelhante a uma criança bem pequenina, aos peitos de sua mãe. Por ternura, esta lhe vai deitando o leite na boca, sem mesmo lhe deixar o esforço de sugar.*”^[856] Do mesmo modo ocorre aqui; a vontade permanece amando, sem haver esforço do entendimento.

1444. b) Algumas vezes a alma, incapaz de conter seu amor, derrama-se em ardente súplica: é a quietude *orante*. Umas vezes dá vazão a doces colóquios, noutras deixa-se levar por efusões de sua ternura e convida todas as criaturas a louvar a Deus: “*Diz mil disparates santos, procurando sempre contentar Quem a deixou assim.*”^[857]

Santa Teresa então compunha versos para descrever seu amor e seu tormento. Algumas vezes o Senhor também corresponde a essas explosões de amor com afetuosas carícias, que produzem uma espécie de *embriaguez espiritual* que, conforme São Francisco de Sales, “*não nos priva das faculdades espirituais, mas dos sentidos corporais, que não nos perturba nem embrutece, mas nos torna semelhantes aos anjos e como que nos diviniza, fazendo-nos sair de nós mesmos ... para nos elevar acima de nós mesmos.*”^[858]

1445. c) Há casos em que a quietude se torna *operante*. Diz Santa Teresa^[859] que quando a quietude é intensa e prolongada, como só a vontade está cativa, permanecem livres as outras faculdades para se ocuparem no serviço de Deus, e o fazem com muito mais atividade. Então, ainda que ocupada em obras exteriores, não deixa a alma de amar ardentemente a Deus: unem-se Marta e Maria, a ação e a contemplação.

II.I.II.III – O Sono das Potências

1446. Esta terceira fase é uma forma mais elevada da quietude, uma preparação para a união plena das faculdades interiores. Santa Teresa a

descreve no capítulo XVII (n^{os} 5 e 6) de sua *Vida Escrita por Ela Própria*: “Ora, muitas vezes, neste modo de união que vou explicar, acontece ... de Deus tomar posse da vontade e do intelecto, - a meu ver, porque este não raciocina, estando ocupado em fruir do Senhor, como quem está olhando e vê tanta coisa que não sabe o que olhar; ... A memória fica livre, talvez ao lado da imaginação; e, vendo-se sozinha, move uma guerra e procura espalhar por toda parte um desassossego, somente para louvar a Deus. Ela me cansa e me aborrece, e, com frequência, suplico ao Senhor que, se é para me incomodar tanto, tire-a de mim nessas ocasiões. ... Como o intelecto em nada ajuda a memória, esta não pára em nada, andando de um lado para outro, assemelhando-se a essas mariposinhas noturnas, importunas e irrequietas. Essa comparação me parece extremamente adequada, porque, ainda que não possam fazer mal, essas mariposinhas incomodam.” Um único meio é indicado pela Santa para vencer essas importunações: “não se faça mais caso delas do que de um louco, deixemo-la com sua teima, pois só Deus a pode tirar”. Como se observa, trata-se de uma oração de quietude em que o entendimento é também capturado por Deus, mas na qual a imaginação continua a divagar. É uma preparação para a união plena.

COMO CONDUZIR-SE NA ORAÇÃO DE QUIETUDE

1447. A disposição geral a ser buscada nesse estado é de um *humilde abandono* nas mãos de Deus em todas as fases dessa oração, desde o seu começo até o fim.

a) A alma não deve fazer esforço para colocar-se nesse estado, tentando suspender as faculdades e até mesmo a respiração. Seria esforço inútil, porque só Deus pode nos dar a contemplação.

b) Tão logo sintamos a ação divina, devemos nos moldar a ela o quanto nos for possível, cessando de discorrer e deixando-nos levar docilmente pelos movimentos da graça.

1. Se formos chamados a um *silêncio afetuoso*, olhemos e amemos sem nada dizer, ou, quando muito, digamos de tempos em tempos algumas palavras de ternura para avivar a chama de amor, sem fazer esforços violentos que a poderiam apagar.

2. Se nos sentirmos inclinados a *fazer atos*, se os afetos afloram como uma nascente, oremos suavemente, sem ruído de palavras, mas com ardente desejo de sermos ouvidos. “*Mais valem aqui umas palhinhas colocadas com humildade ... que servem para avivar mais esse fogo, do que um monte de lenha de razões muito eruditas que, a meu ver, o apagarão no espaço de um Credo.*”^[860] Sobretudo, acrescenta São Francisco de Sales,^[861] é preciso evitar ímpetos violentos, indiscretos, que cansam o coração e os nervos, bem como aquelas reflexões pessoais em que a alma se inquieta em saber se a tranquilidade que desfruta é de fato bem tranquila.

3. Se o intelecto e a imaginação divagam, não nos inquietemos com isso, nem nos coloquemos a persegui-los, “*mantendo-se (a vontade) na alegria da graça, recolhida como uma sábia abelha; porque, se nenhuma abelha entrasse na colmeia, mas se fossem todas, umas em busca das outras, como seria possível fabricar o mel.*”^[862]

II.II – ORAÇÃO DE UNIÃO PLENA

1448. Essa oração, que corresponde à quinta morada, chama-se *simples união*, ou *união plena das faculdades interiores*, porque a alma une-se a Deus não somente pela vontade, mas por todas as faculdades interiores. Por conseguinte, é mais perfeita que a oração de quietude. Sobre ela falaremos: 1º - Da sua *natureza*; 2º - Dos seus *efeitos*.

II.II.I – Natureza da Oração de União

1449. 1º - **Suas características essenciais** são duas: a *suspensão de todas as faculdades* e a *certeza absoluta de que Deus está presente na alma*. Diz Santa Teresa:^[863]

“*Voltemos agora ao sinal que digo ser garantido. Olhai esta alma, à qual Deus suspendeu totalmente o intelecto e os sentidos, deixando-a abobada, a fim de lhe imprimir melhor a verdadeira sabedoria. Durante o tempo em que dura esse estado, não vê, não houve, nada entende. Esse tempo é sempre breve e parece-lhe ainda mais breve do que realmente é.*” Em outros termos, não somente a vontade, mas também o entendimento, a

imaginação e a memória são suspensos de suas funções. Prossegue a Santa: “*De tal forma Deus se imprime a si mesmo no interior dessa alma que, ao sair daquele estado, voltando a si, de nenhum modo dúvida de que esteve em Deus e Deus nela.*”^[864]* Essa verdade se lhe imprime com tanta firmeza que, embora se passem anos sem tornar a receber do Senhor aquela mercê, não pode esquecê-la nem duvidar da presença divina.”

1450. 2º - Dessas duas características derivam outras três:

a) A *ausência de distrações*, porque a alma está totalmente absorta em Deus.

b) A *ausência de cansaço*: o esforço pessoal é muito reduzido. De fato, basta abandonar-se ao beneplácito de Deus; o maná do céu cai sobre a alma e cabe-lhe apenas saboreá-lo. Assim, essa oração, por longa que seja, não prejudica a saúde.^[865]*

c) Uma extraordinária *abundância de alegria*. Diz Santa Teresa: “*Aqui, não há sentir, mas um regozijar-se sem compreensão da sua causa. Sabe-se que se frui um bem que traz em si todos os bens, mas não se compreende esse bem. Todos os sentidos se ocupam desse prazer, não ficando nenhum desocupado para ser empregado em outra coisa, interior ou exterior.*”^[866] Acrescenta que um só momento destas puras delícias basta para compensar todos os sofrimentos aqui da terra.

Assim, essa oração *distingue-se da de quietude*, que somente se apodera da vontade e, depois que passou, ainda surgem dúvidas se alma esteve de fato unida a Deus.

Portanto, podemos defini-la: *uma união muito íntima da alma com Deus, acompanhada da suspensão de todas as faculdades interiores e da certeza da presença de Deus na alma.*

II.II.II – Efeitos da Oração de União

1451. 1º - O efeito principal é uma maravilhosa transformação da alma, que, segundo Santa Teresa, compara-se à metamorfose do *bicho-da-seda*.

Esses bichinhos se criam e crescem com folhas da amoreira, fiam a seda, tecem um pequeno casulo onde se fecham e morrem. Mais tarde, de cada casulo surge uma graciosa borboletinha branca. O mesmo acontece

com nossa alma, que depois de nutrir-se de leituras, orações e sacramentos, constrói uma pequena casa, tece o seu casulo com a renúncia, morre a si mesma e converte-se numa graciosa borboleta branca.^[867] Essa é uma metáfora da maravilhosa metamorfose que se opera em nossa alma pela oração de união. Essa alma, que antes tinha medo da cruz, sente-se cheia de generosidade e pronta a padecer por Deus os mais penosos sacrifícios.

Santa Teresa acrescenta ainda alguns detalhes. Diz: o *zelo ardente* que impulsiona a alma a glorificar a Deus e a fazê-lo conhecido e amado por todas as criaturas; o *desapego das criaturas*, chegando ao ponto de desejar sair deste mundo onde Deus é tão ofendido; a *perfeita submissão à vontade* de Deus, pois a resistência que a alma oferece à graça já não é maior que a da cera mole na qual se imprime o sinete; uma *grande caridade para com o próximo*, que se traduz em obras e faz com que nos alegremos com os louvores conferidos aos outros.^[868]

1452. 2º - Essa união é prelúdio de outra muito mais perfeita. É como o primeiro encontro com o noivo, logo seguido, se houver correspondência à graça, do desposório espiritual e, por fim, do matrimônio místico. Todavia, diz a Santa, não se deve parar de *progredir* no caminho do desprendimento e do amor. Qualquer paralisação redundaria em relaxamento e retrocesso.^[869]

II.III – A UNIÃO EXTÁTICA (DESPOSÓRIOS ESPIRITUAIS)

Essa união apresenta-se de duas formas: a *suave* e a *dolorosa*.

II.III.I – A União Extática Suave

1453. A palavra êxtase não necessariamente implica o fenômeno da levitação, do qual falaremos no capítulo seguinte, mas apenas a *suspensão dos sentidos exteriores*, que é o que caracteriza essa união. Assim, é mais completa do que as duas uniões precedentes, pois, aos elementos próprios destas, acrescenta a suspensão dos sentidos exteriores. Descreveremos então: 1º - Sua *natureza*; 3º - Suas *fases* ou graus; 3º - Os seus *efeitos*.

II.III.I.I – Natureza da União Extática

1454. Dois elementos constituem essa união: a *absorção da alma em Deus* e a *suspensão dos sentidos*. Pelo fato de a alma estar inteiramente absorta em Deus, parece que os sentidos exteriores estão cravados Nele ou no objeto que Ele manifesta.

A) A absorção em Deus provém de duas causas principais: a admiração e o amor, como muito bem explica São Francisco de Sales:

a) “A *admiração dá-se em nós quando encontramos uma verdade nova, que não conhecíamos nem esperávamos conhecer; e se, à nova verdade que se nos depara, está junta a beleza e a bondade, a admiração que resulta do conjunto é altamente deliciosa. ... Quando, pois, apraz à divina Bondade dar ao nosso entendimento alguma luz especial, por meio da qual venha contemplar os mistérios divinos por uma contemplação extraordinária e muito elevada, então, vendo neles mais beleza do que lhe fora dado imaginar, enche-se de admiração. ... Ora, a admiração das coisas agradáveis prende fortemente o espírito ao objeto admirado, tanto pela excelência da beleza que nele descobre, como pela novidade dessa excelência. O entendimento não se pode saciar de ver o que nunca tinha visto, e cuja visão é tão agradável.*”^[870]

b) Junta-se o amor à admiração. “Ora, este arrebatamento de amor opera-se na vontade da seguinte maneira: Pelos atrativos da suavidade, Deus impressiona-a e logo, como agulha atraída pelo imã se move e volta para o polo, esquecendo sua condição de insensível, assim a vontade, tocada pelo amor celeste, dirige-se e eleva-se para Deus e, deixando todas as suas inclinações terrenas, entra num arrebatamento que não é de conhecimento mas de gozo, não de admiração mas de afeto, não de ciência mas de experiência, não de vista mas de sublimado gosto.”^[871]

1455. Destarte, a admiração aumenta com o amor e o amor com a admiração: “A *inteligência muitas vezes entra em admiração, ao ver o sagrado deleite que a vontade experimenta no êxtase, como a vontade muitas vezes partilha do deleite, ao sentir-se a admiração na inteligência; de modo que essas duas faculdades comunicam entre si os próprios arrebatamentos. O olhar para a beleza, obriga-nos a amá-la, e o amá-la força-nos a olhar para ela.*”^[872]

Não é de estranhar que uma alma tão entregue à admiração e ao amor de Deus, sinta-se, pode-se dizer, fora de si mesma, arrebatada, transportada para Ele. Se alguém, que se deixa levar pela paixão de um amor humano, chega a largar tudo para se entregar ao amado, seria surpreendente que o amor divino, impresso em nossa alma pelo próprio Deus, absorva-nos totalmente, a ponto de esquecermos tudo para somente olhá-lo e amá-lo?

1456. B) A suspensão dos sentidos é o resultado dessa absorção em Deus. Ocorre *progressivamente* e não alcança o mesmo grau em todos.

a) Com relação aos *sentidos exteriores*:

1. Ocorre inicialmente uma *insensibilidade*, mais ou menos marcante, e um esmorecimento da vida física, da respiração e, com isto, uma diminuição do calor vital. Diz Santa Teresa: “*Nesses arrebatos, parece que a alma não anima o corpo, que sente faltar-lhe o calor natural; ele vai se esfriando, embora com uma enorme suavidade e deleite.*”^[873]

2. A seguir, uma *certa imobilidade*, que faz com que o corpo conserve a postura em que foi surpreendido; o olhar fixa-se sobre algum objeto invisível.

3. Esse estado, em vez de enfraquecer o corpo, como aparentemente deveria, dá-lhe novas forças.^[874] Na realidade, ao despertar sente-se certa fadiga, mas depois segue-se um revigoramento.

4. Algumas vezes a suspensão dos sentidos é *completa*; em outras é *incompleta*, permitindo ditar as revelações recebidas, como acontecia com Santa Catarina de Sena.

b) Os *sentidos interiores* são suspensos de modo ainda mais perfeito que na união mística, da qual já falamos.

1457. c) Há questionamento se não se suspende também a *liberdade*. A resposta baseia-se nas autoridades de Santo Tomás, Suárez, Santa Teresa e Álvarez da Paz. Dizem eles que a liberdade permanece e que, portanto, a alma pode merecer durante o êxtase. De fato, a alma *recebe* livremente os favores espirituais que lhe são concedidos.

d) A *duração* do êxtase varia muito. O êxtase *completo* normalmente dura apenas alguns instantes, às vezes meia hora. Todavia, como é

precedido e seguido por momentos em que ele é *incompleto*, o tempo total pode alcançar até vários dias, considerando todas as suas variações.

e) O fim do êxtase chega pelo despertar *espontâneo* ou *provocado*: 1) no primeiro caso, sente-se certa angústia, como se se voltasse do outro mundo. Somente pouco a pouco a alma recobra sua ação sobre o corpo; 2) No segundo caso é provocado por *ordem* ou *chamamento de um superior*; se é *oral*, é sempre obedecido; se é apenas *mental*, nem sempre o é.

II.III.I.II – As Três Fases da União Extática

1458. Há três fases principais no êxtase: o *êxtase simples*, o *arroubamento* e o *voo do espírito*.

a) O *êxtase simples* é uma espécie de *desfalecimento* que se produz suavemente e que causa na alma uma ferida, dolorosa e deliciosa ao mesmo tempo. O Esposo faz a alma sentir sua presença, mas por pouco tempo. Por sua vez, a alma, que queria gozar continuamente dessa presença, sofre com essa privação. Não obstante, esse gozo é mais deleitoso que na quietude.

Ouçamos Santa Teresa:^[825] “*Embora esse toque divino não produza dor, sente-se ferida savorosissimamente, sem atinar como, nem quem a feriu. Bem conhece ser preciosa dádiva. Jamais quisera sarar daquela chaga. Queixa-se a seu Esposo com palavras de amor, ainda mesmo exteriormente. Não está em suas mãos agir de outra maneira. Entende que Ele está presente, contudo não se quer manifestar a ponto de comunicar-lhe a intensa felicidade que produz. É dor aguda, ao mesmo tempo que savorosa e suave. Ainda que a alma quisesse, não poderia deixar de senti-la. Está longe de querer desfazer-se dela! Esta a satisfaz muito mais que o enlevo delicioso, destituído de padecer, sentido na oração de quietude.*”

1459. No *arroubamento* Deus se apodera da alma com *impetuosidade e violência*, de tal modo que não é possível resistir. É como se uma poderosa águia nos arrebatasse com suas asas; não se sabe para onde se vai. Em que pese o gozo que se experimenta, a fraqueza natural faz com que se sinta, no início, pavor. “*Esse temor vem envolto num enorme amor por Aquele que ama tanto um verme tão podre.*”^[826] No *arroubamento* é que se concluem os desposórios espirituais; é uma delicada atenção por parte de Deus. Porque,

se a alma conservasse o uso dos sentidos, possivelmente perderia a vida ao ver-se tão próxima da suprema Majestade.^[877] Terminado o arroubamento, a vontade fica como que *inebriada* e não consegue se ocupar de outra coisa senão de Deus. Desgostosa das coisas da terrenas, tem um desejo insaciável de fazer penitência, tão intenso que se queixa quando não sofre.^[878]

1460. Ao arroubamento segue-se o voo do espírito, que é tão impetuoso que parece separar o espírito do corpo e que não se pode resistir.

Diz Santa Teresa: *“Parece-lhe que (à alma), toda inteira, foi transportada a outra região muito diferente desta em que vivemos. Aí se lhe mostra uma luz diferente da luz da terra, juntamente com muitas outras coisas das quais jamais poderia fazer uma ideia, ainda que ocupasse sua vida em imaginá-las. E acontece que, num instante, lhe ensinam tantas coisas juntas, como não poderia conceber nem a milésima parte, ainda que trabalhasse em ordená-las com a imaginação e o pensamento durante muitos anos.”*^[879]

II.III.I.III – Principais Efeitos da União Extática

1461. O efeito que resume todos os outros é uma grande *santidade de vida*, que chega ao heroísmo, tanto que, se assim não for, o êxtase é suspeito.

Assim o diz São Francisco de Sales:^[880] *“Quando, pois, se vir uma pessoa com arrebatamentos durante a oração, saindo de si mesma e ascendendo até Deus, mas sem êxtases na sua vida, isto é, sem vida alevantada e unida a Deus pela abnegação das ambições mundanas e mortificação dos desejos e inclinações naturais, sem uma profunda doçura, simplicidade e humildade, e sobretudo sem uma contínua caridade, crê, Teótimo, que todos esses arrebatamentos são altamente duvidosos e arriscados. São arrebatamentos que servem para deslumbrar os homens, mas não para os santificar.”*

1462. Com relação às principais virtudes que a união extática produz, são elas: 1) *Perfeito desapego das criaturas*. Deus eleva a alma, por assim

dizer, até o alto de uma fortaleza, de onde ela vê claramente o nada das coisas deste mundo. Por isso, daí em diante não quer mais voltar a ter vontade própria e até mesmo quer renunciar ao seu livre-arbítrio, se fosse possível; 2) *Imensa dor dos pecados* cometidos. O que aflige a alma não é o medo do inferno, mas o de ofender a Deus; 3) *Visão frequente e amorosa da santa humanidade de Nosso Senhor* e da SS. Virgem. Quão excelente não é esta companhia de Jesus e de Maria! As visões imaginativas e intelectuais, que então se tornam mais frequentes, completam o desapego e a submersão alma na humildade. 4) Por fim, uma *paciência admirável*, para suportar bravamente as novas provações passivas que Deus lhe envia, o que se chama *purificação do amor*.

Abrasada pelo desejo de ver a Deus, a alma sente-se como que trespassada por uma *seta de fogo*, e grita fortemente ao ver-se separada Daquele único que ama. Começa um verdadeiro *martírio*, da alma e do corpo, acompanhado de um ardente desejo de morrer para não se separar mais do amado. Esse martírio é às vezes interrompido por delícias inebriantes, o que compreenderemos melhor depois de haver estudado a segunda noite de São João da Cruz, a *noite do espírito*.

II.III.II – A Noite do Espírito

1463. A *primeira noite* purificou a alma para prepará-la para os gozos da quietude, da união e do êxtase. Contudo, antes das alegrias mais puras e duradouras do matrimônio espiritual, faz-se necessário uma purificação mais profunda e radical, que normalmente ocorre no período da união extática. Assim, sobre essa nova purificação exporemos: 1º - Sua *razão* de ser; 2º - As *duras provações*; 3º - Os *felizes resultados* dela decorrente.

II.III.II.I – Razão de Ser da Noite do Espírito

1464. Para unir-se a Deus de modo tão íntimo e duradouro como ocorre na união transformante ou matrimônio espiritual, a alma precisa purificar-se das últimas imperfeições remanescentes. São João da Cruz^[881] diz que elas são de dois tipos: *habituais* e *atuais*.

A) As primeiras consistem em duas coisas: **a)** em *afeições e hábitos imperfeitos*. São algo como raízes que ainda permaneceram no espírito, que a purificação dos sentidos não pode atingir. Por exemplo: amizades exageradamente fortes que é preciso desenraizar. **b)** em certa fraqueza de espírito, um embotamento mental, que torna a alma propensa a distrações e ao espraçamento do espírito para o exterior. Essas fraquezas são incompatíveis com a união perfeita.

B) As imperfeições *atuais* também são de dois tipos: **a)** um certo orgulho e vã autocomplacência causada pela abundância de consolações espirituais recebidas. Essa imperfeição às vezes leva ao engano de tomar por verdadeiras certas visões e profecias falsas. **b)** uma excessiva ousadia com Deus, que nos faz perder o temor respeitoso, salvaguarda de todas as virtudes.

Assim, é necessário *purificar e corrigir* essas tendências e, para ajudar nisso, Deus nos envia as provas da segunda noite.

II.III.II.II – Provações da Noite do Espírito

1465. Para purificar e corrigir a alma Deus deixa: o *entendimento em trevas, a vontade na aridez, a memória sem lembranças e os afetos perdidos na dor e na angústia*. Diz São João da Cruz^[882] que é através da luz da contemplação infusa que Deus produz essa purificação; luz que é *brilhante* em si mesma, mas *escura e dolorosa* para a alma em razão de suas ignorâncias e impurezas.

A) O sofrimento do entendimento. **a)** O *brilho* e a *pureza* da luz da contemplação cega os olhos do entendimento, que é muito fraco e impuro para poder suportá-la. Assim como nossos olhos enfraquecidos são ofuscados por uma luz brilhante e clara, também nossa alma, ainda enferma, é torturada e paralisada pela luz divina, de tal modo que a morte lhe parece uma libertação.

b) Essa dor é intensificada pelo encontro do *divino* e do *humano* na mesma alma. O *divino*, isto é, a *contemplação purificadora*, invade-a para renová-la, aperfeiçoá-la, divinizá-la. O *humano*, ou seja, a própria alma, com seus defeitos, experimenta a sensação de aniquilamento, de morte espiritual, pela qual é necessário passar para chegar-se à ressurreição.

c) Soma-se a essa dor a intensa percepção da própria pobreza e miséria. Como a parte sensitiva encontra-se imersa em aridez e a intelectiva em trevas, a alma experimenta angustiosa impressão de alguém sem apoio, suspenso no ar. Às vezes chega a ver abrir-se o inferno para tragá-la para sempre. Certamente essas expressões são figuradas, mas traduzem o vivo efeito dessa luz que mostra, de um lado, a majestade e santidade de Deus e, de outro, o nada e a miséria do homem.

1466. B) Os **sofrimentos da vontade** são também indescritíveis: **a)** A alma se vê privada de toda a felicidade e convencida que isso perdurará para sempre. Nem o confessor consegue consolá-la.

b) Para fazê-la resistir a essa provação, esporadicamente Deus lhe envia algum alívio, pela qual a alma goza de uma paz suave no amor e na familiaridade divina. Porém, esses momentos são seguidos de contraofensivas em que a alma imagina que Deus não a ama, e que *com justiça a abandonou*: é o tormento do abandono espiritual.

c) Nesse estado, a oração é quase impossível. Quando ora, é com tanta aridez que lhe parece que Deus não a escuta. Há casos em que nem sequer consegue ocupar-se dos interesses temporais, porque tem contínuos lapsos de memória. É um *bloqueio das faculdades* que alcança até as ações naturais.

Em resumo, é uma espécie de *inferno*, pelo sofrimento que se experimenta, e de *purgatório*, em razão da purificação que proporciona.

II.III.II.III – Felizes Resultados da Purificação do Espírito

1467. A) Esses resultados são assim resumidos por São João da Cruz:^[883]
“Esta ditosa noite, embora produza trevas no espírito, só o faz para dar-lhe luz em todas as coisas. Se ela o humilha e torna miserável, é apenas com o fim de exaltá-lo e levantá-lo; e quando o empobrece e despoja de toda a posse e apego natural, visa dilatá-lo no gozo e gosto de todas as coisas do céu e da terra.” Para explicar esses efeitos o Santo utiliza a comparação de um pedaço de madeira húmida colocado numa fogueira, conforme acima já apresentamos (nº 1422).

1468. B) A seguir o Santo reduz esses efeitos a quatro principais: **a)** Um *amor ardente a Deus*. Desde o início dessa noite a alma o possuía em sua parte superior, mas sem consciência disso. Contudo, chega o momento em que Deus a conscientiza e, então, ela torna-se disposta a ousar tudo, a fazer tudo para agradá-lo.

b) Uma *vivíssima luz*. Essa luz no início somente revelava suas próprias misérias e era muito dolorosa. Mas, depois de eliminadas as imperfeições pela compunção, mostra-lhe as riquezas que vai conquistando e, assim, torna-se muitíssimo consoladora.

c) Um *grande sentimento de segurança*, porque essa luz a preserva do orgulho, que é o maior obstáculo para a salvação; mostra-lhe que é Deus que a governa e que os sofrimentos que Ele envia são mais proveitosos que os gozos. Enfim, imprime na vontade um firme propósito de nada fazer que possa ofendê-lo e de não negligenciar nada que contribua para sua glória.

d) Uma *força maravilhosa* para subir os dez degraus do amor divino que São João da Cruz^[884] descreve com complacência e que se deve meditar cuidadosamente para se ter uma ideia das maravilhosas ascensões que conduzem a alma à *união transformante*.

II.IV – UNIÃO TRANSFORMANTE OU MATRIMÔNIO ESPIRITUAL

1469. Depois de tantas purificações a alma alcança uma serena e permanente união, que se denomina *união transformante*, e que parece ser o termo final da união mística e a preparação imediata para a visão beatífica. Assim, vamos expor: 1º - Sua *natureza*; 2º - Seus *efeitos*.

II.IV.I – Natureza da União Transformante

Abordaremos: 1º - Suas *principais características*; 2º - Como Santa Teresa a *descreve*.

1470. 1º - **Suas principais características** são a *intimidade*, a *serenidade* e a *indissolubilidade*.

A) A intimidade. Com efeito, essa união chama-se matrimônio espiritual por ser mais íntima que as outras. Entre esposos não há segredos: as vidas confundem-se numa só. É exatamente essa a união que então existe entre Deus e a alma. Para explicar melhor isso, Santa Teresa serve-se de uma comparação:^[885] “*Aqui, porém, é como água do céu caindo sobre um rio ou uma fonte. Confundem-se totalmente, a ponto de não se distinguir a água do rio e a caída do céu.*”

B) A serenidade. Nesse estado não há mais êxtases ou arrebatos, ou, pelo menos muito poucos. De fato, eles eram fraquezas, desfalecimentos, que agora desaparecem quase totalmente para dar lugar àquela paz e serenidade que desfrutaram o esposo e a esposa, que estão agora seguros do seu mútuo amor.

C) A indissolubilidade. As outras uniões eram apenas transitórias. Esta, por sua natureza, é permanente, como é o matrimônio cristão.

1471. Essa indissolubilidade implica impecabilidade? Sobre isso São João da Cruz e Santa Teresa têm opiniões diferentes. O primeiro acredita que a alma nesse estado está confirmada na graça. Diz ele:^[886] “*Penso, jamais a alma chega a esse estado sem que esteja confirmada em graça.*” Santa Teresa está longe de ser enfática a esse respeito:^[887] “*Não quero dizer – como pode parecer – que a alma está segura de sua salvação e não tornará a cair, se receber de Deus esta graça. Não digo tal. Sempre que me referir – em qualquer lugar – a esse gênero de segurança que a alma parece ter, fique bem entendido: é enquanto a divina Majestade a mantém em sua mão e ela não o ofende. Pelo menos sei disso com certeza, através daquela pessoa a quem me tenho referido. Ela não se considera segura, embora se veja neste estado e permaneça nele há vários anos. Pelo contrário, anda com muito maior temor que antes, preocupada em guardar-se de qualquer pequena ofensa a Deus.*” Parece-nos que a linguagem de Santa Teresa se harmoniza melhor com a teologia, que nos ensina que não se pode merecer a graça da perseverança final. Para estarmos seguros da própria salvação seria preciso uma revelação especial, não apenas em relação ao atual estado de graça, mas também da perseverança até a morte nesse estado.^[888]*

1472. 2º - A descrição que faz Santa Teresa compreende duas aparições, uma de Nosso Senhor e outra da *Santíssima Trindade*:

A) É **Jesus** que introduz a alma nessa última morada por meio de duas visões: uma *imaginária* e outra *intelectual*.

a) Na visão *imaginária*, que ocorreu depois da comunhão, “mostrou-se cercado de grande resplendor, beleza e majestade, como depois de sua ressurreição. Disse-lhe que já era tempo de tomar como seus os interesses divinos. Por sua vez, ele cuidaria dos interesses dela.”^[889] “Doravante zelarás a minha honra, não somente porque sou teu Criador, teu Rei e teu Deus, mas ainda porque tu és minha verdadeira esposa. A minha honra é a tua, e a tua honra é a minha.”^[890]

b) A seguir vem a visão *intelectual*: “É um mistério tão grande, uma graça tão sublime que, num instante, Deus comunica à alma! Não sei a que compará-la. É intensa a felicidade de que se sente inundada! Parece querer o Senhor, naquele momento, manifestar à alma a glória do céu, de um modo mais elevado que em nenhuma outra visão ou gosto espiritual. Tanto quanto se entende, só se pode dizer que a alma – isto é, o espírito desta alma – faz uma só coisa com Deus.”^[891]

1473. B) Visão da Santíssima Trindade. “Introduzida nessa morada por visão intelectual, se lhe descobre a *Santíssima Trindade* – Deus em três Pessoas - mediante uma certa representação da verdade. Primeiro lhe vem uma inflamação do espírito, como uma nuvem de grandíssima claridade. Vê então nitidamente a distinção das divinas Pessoas. Por uma notícia admirável que lhe é infundida, entende com certeza absoluta que as três são uma substância, um poder, um saber, um só Deus.”^[892]

“Dessa maneira, podemos dizer que a alma entende ali – por ter visto – o que cremos pela fé; embora não o tenha contemplado com os olhos do corpo, nem com os da alma, porque não é visão imaginária. Aqui as três Pessoas se lhe comunicam e falam. Fazem-na compreender aquelas palavras do Senhor no Evangelho, dizendo que viria ele, com o Pai e o Espírito Santo, para morar na alma que o ama e guarda seus mandamentos. Valha-me Deus! Como são verdadeiras essas palavras! E como é diferente ouvi-las e crer, entendendo-lhes a verdade por via sobrenatural.”^[893]* Cada dia esta alma se admira mais, porque lhe parece que as três divinas Pessoas nunca mais se apartaram dela. Percebe

nitidamente, do modo sobredito, que elas estão em seu interior – no mais íntimo. Num abismo profundo – que ela não sabe definir, por lhe faltar ciência – sente em si esta divina companhia.”^[894]

II.IV.II – Efeitos da União Transformante

1474. Uma união tão íntima e profunda não pode deixar de produzir maravilhosos efeitos de santificação, que podem ser resumidos em uma única afirmação: *a alma está de tal modo transformada, que se esquece de si mesma, e somente pensa em Deus e na sua glória.* Disso advém:

1. Um *santo abandono* nas mãos de Deus, que chega ao ponto de a alma ser absolutamente indiferente a tudo o que não é Deus. Na união extática a alma desejava a morte para se unir ao Amado; agora é indiferente à vida ou à morte, desde que Deus seja glorificado: *“Só pensa em como há de contentá-lo mais – em que circunstâncias e em que meio mostrará o amor que tem. A oração serve para chegar aqui, filhas minhas. Eis a finalidade deste matrimônio espiritual: que dele nasçam obras, sempre obras!”*^[895]

1475. 2. *Imenso desejo de padecer*, mas sem inquietação, em perfeita conformidade com a vontade de Deus. *“Se lhe quiser enviar (à alma) padecimentos – sejam bem-vindos! Se não quiser, não fica desconsolada como antes. Quando perseguidas, estas almas sentem uma intensa felicidade íntima. Experimentam uma paz mais profunda do que nos estados precedentes. Não têm o menor ressentimento contra os que lhes fazem ou desejam fazer mal. Pelo contrário, passam a ter um amor todo particular para com eles.”*^[896]

1476. 3. *Ausência de desejos e de sofrimentos interiores.* *“Enfim, estas almas já não desejam nem alegrias nem gostos espirituais. ... Sua vontade constante é de estar sempre a sós ou ocupadas no proveito espiritual de alguma alma. Não há securas nem sofrimentos interiores. Há, pelo contrário, uma contínua lembrança de Nosso Senhor e é tal o afeto por Ele, que desejariam ocupar todo o tempo em seus louvores.”*^[897]

1477. 4. *Ausência de arrebatamentos: “Também eu estou atônita ao ver que, chegando a este ponto, a alma não está mais sujeita a arrebatamentos – quero dizer – no que se refere à perda dos sentidos. A não ser vez por outra, sem aqueles transportes e voos de espírito, que lhe sobrevêm muito raramente. Quase sempre não se dá em público, como frequentemente acontecia.”*^[898] *Tudo é paz e perfeita serenidade. “Assim, neste templo de Deus, nesta sua morada, só ele e a alma se rejubilam em altíssimo silêncio.”*^[899]

1478. 5. *Zelo ardente, mas comedido, pela santificação das almas. Não basta permanecer nesse doce repouso. É preciso trabalhar, praticar as obras, padecer, fazer-se escravo de Deus e do próximo; esforçar-se em progredir nas virtudes, sobretudo na humildade, porque quem não progride, regride. Exercer ao mesmo tempo as funções da Marta e Maria, esta é a perfeição. Pode-se fazer um bem muito grande às almas sem sair do claustro e, sem almejar o mundo inteiro, pode-se fazer o bem às pessoas que convivem conosco.*

“A vossa obrigação para com eles é maior. Desse modo, a vossa obra será tanto mais meritória. Julgais pequeno lucro abrasá-los todos com o fogo de vossa grande humildade, mortificação, diligência em servir as irmãs, caridade sincera para com elas e amor de Deus? Ou se, com as demais virtudes, os encheis de estímulo? Não é pequeno, mas grandíssimo proveito – e muito agradável serviço prestado ao Senhor.”^[900]

Todavia, o mais necessário é praticar essas obras por amor: “O Senhor não olha tanto a magnificência das obras. Olha mais o amor com que são feitas.”^[901]

1479. *Ao terminar a Santa convida as suas irmãs a entrar nessas moradas, se for do agrado do Senhor do Castelo fazê-las entrar, porque à força não será possível.*

“Se achardes de Sua parte alguma resistência, segui o meu conselho: não insistais. Senão o desgostareis de tal maneira que vos fechará para sempre a entrada. Ele é muito amigo da humildade. Se vos considerardes indignas de merecer o ingresso mesmo nas terceiras moradas, mais depressa lhe movereis a vontade para vos admitir na quinta. Então, continuando a frequentar essas quintas moradas, entrando nelas

muitas vezes, podeis servi-lo de tal modo que vos acabe introduzindo no aposento que reservou para si.”^[902]

SÍNTESE DO CAPÍTULO SEGUNDO

1480. Depois de percorrer as quatro principais fases da contemplação, com suas alternâncias entre provas dolorosas e gozos inebriantes, parece-nos confirmada a noção apresentada de contemplação infusa, a saber, *a progressiva e livremente consentida possessão da alma por Deus*.

1. Gradualmente Deus se apodera da alma contemplativa. Primeiro da *vontade*, na quietude; depois, das *faculdades interiores*, na união plena; a seguir tanto das *faculdades interiores* como dos *sentidos exteriores*, no êxtase; por fim, de *toda a alma*, já não de modo transitório, mas *permanente*, no matrimônio espiritual.

Por certo que, se Deus se apodera da alma, é para inundá-la de *luz e amor*, é para fazê-la comungar de suas perfeições. **a)** Essa *luz* é *fraca* no início e, enquanto a alma não estiver suficientemente purificada, *dolorosa*. Porém, vai se tornando mais forte e consoladora, embora sempre misturada de obscuridade, em razão da fraqueza do nosso espírito. Produz viva impressão, porque *vem de Deus*, e proporciona à alma um conhecimento *experimental* da grandeza, bondade e beleza infinitas de Deus, e da pequenez, do nada e das misérias das criaturas. **b)** O *amor*, que é dado à alma contemplativa, é ardente, generoso, ávido de sacrifícios. A alma esquece-se de si mesma e quer imolar-se por Aquele que ama.

1481. 2º - A alma *consente livremente* nessa possessão divina. Entrega-se livre e alegremente a Deus por meio da mais profunda *humildade*, do *amor à cruz* por Deus e Jesus Cristo, e do *santo abandono* à divina vontade. Com isso *vai se purificando* cada vez mais de suas *imperfeições*, *unindo-se a Deus e transformando-se nele*, de tal maneira que se cumpre, na medida do possível, o ardente desejo de Nosso Senhor: “*que todos sejam um, assim como tu, Pai, estás em mim e eu em ti*” (Jo 17, 21).

Essa é a verdadeira mística. Importa agora distingui-la do *falso misticismo* ou do *quietismo*.

APÊNDICE: O FALSO MISTICISMO OU QUIETISMO

1482. Paralelamente aos verdadeiros místicos, cuja doutrina acabamos de expor, às vezes encontramos *falsos*, que, sob denominações diversas, perversaram a noção de *estado passivo* e caíram em erros doutrinários perigosos sob o aspecto moral. Entre eles encontramos os *Montanistas* e os *Begardos*.^[903] Mas o erro mais conhecido foi o do *Quietismo*, que se apresentou sob três formas: 1º - O quietismo *grosseiro de Molinos*; 2º - O *atenuado e espiritualizado* de Fénelon; 3º - As tendências *semiquietistas*.

I – O Quietismo de Molinos^[904]

1483. Nascido na Espanha, em 1640, Michel de Molinos viveu a maior parte da sua vida em Roma, onde espalhou seus erros em duas obras que tiveram grande aceitação: *A Guia espiritual* e *A Oração de quietude*.

O erro fundamental foi afirmar que a perfeição consiste na completa passividade da alma, em um ato contínuo de contemplação e de amor, que, uma vez feito, dispensa todos os demais, inclusive a resistência à tentação: “*Deixemos Deus operar*” era o seu lema.

1484. Para melhor compreensão dos detalhes esses erros, apresentamos abaixo uma tabela comparativa entre a *doutrina Católica* e as *distorções de Molinos*.

Doutrina Católica	Erro de Molinos
1. Existe um estado passivo em que Deus age em nós com sua graça operante. Porém, esse estado <i>normalmente</i> só é	Não há mais que um caminho: o interior, ou via da contemplação passiva, que podemos alcançar por nós mesmo com a graça comum. É necessário entrar imediatamente na via passiva, e assim aniquilar as paixões.

atingido depois de um longo tempo no exercício das virtudes e na meditação.	
2. O ato de contemplação dura pouco tempo, ainda que o estado de alma que dele resulta possa durar alguns dias.	O ato de contemplação pode durar anos inteiros e até mesmo por toda a vida e até durante o sono, sem que precise ser reiterado.
3. A contemplação encerra, de modo eminente, atos de todas as virtudes cristãs, mas não dispensa que se pratique, fora do tempo da contemplação, atos explícitos dessas virtudes.	Sendo perpétua a contemplação, dispensa-nos de todos os atos explícitos das virtudes, que são somente para os principiantes, como por exemplo, os atos de fé, de esperança, de religião, de mortificação, e a confissão, etc.
4. É o próprio Deus o objeto principal da contemplação, mas Jesus é o seu objeto secundário e ninguém está dispensado de pensar em Jesus Cristo, Mediador necessário, nem de ir a Deus por Ele, fora do ato contemplativo.	É imperfeição pensar em Jesus Cristo e nos seus mistérios. O necessário e suficiente é perder-se na essência divina: quem se vale de imagens ou representações não adora a Deus em espírito e verdade.
5. O santo abandono é uma	No estado contemplativo é necessário ser indiferente a tudo, até mesmo à

virtude perfeitíssima, mas não pode chegar à indiferença em relação à salvação eterna. Pelo contrário, é preciso desejá-la, esperá-la e pedi-la.	própria santificação e salvação, e perder a esperança, para que o amor seja desinteressado.
6. Pode ocorrer que, durante as provações interiores, a imaginação e a sensibilidade sejam muito perturbadas, enquanto a fina ponta da alma goza de profunda paz. Contudo, a vontade é sempre obrigada a resistir às tentações.	Não é necessário esforçar-se para resistir às tentações; as mais obscenas imaginações e os atos delas resultantes não são repreensíveis, porque são obra do demônio. São provações passivas que os próprios santos provaram e que é absolutamente necessário deixar de confessá-las. Por esse caminho a alma chega à pureza perfeita e à união com Deus.^{[905]*}

A exposição que fizemos da verdadeira doutrina católica dispensa-nos de refutar os erros molinistas. Contudo, da história do quietismo extrai-se a conclusão de que, quando alguém quer chegar *antes do tempo* à contemplação e *através de seus próprios esforços*, sem ter mortificado as paixões e praticado as virtudes cristãs, cai tão mais baixo quanto pretendia subir: *querem fazer-se anjos e fazem-se bestas*.

II – O Quietismo Mitigado de Fénelon^[906]

1485. O quietismo de Molinos reviveu, de forma atenuada e sem as consequências imorais que seu autor havia deduzido, por M^{me} Guyon, que, tendo ficado viúva muito jovem, entregou-se com ardor a uma piedade emotiva e imaginativa, que chamava *via do puro amor*. Primeiramente suas ideias ganharam apoio do Pe. Lacombe, barbanita. Depois, em certa medida, o próprio Fénelon, que, na obra *Explicação das Máximas dos*

Santos Sobre a Vida Interior, 1697, formulou um *quietismo mitigado*, com o qual pretendia esclarecer a doutrina do *puro amor*: “caridade pura e sem mistura do motivo do interesse próprio.”

Segundo Bossuet, todos os erros contidos nesse livro podem ser resumidos nas quatro proposições seguintes: 1) Existe nesta vida um estado habitual de puro amor, no qual já não tem lugar o desejo de salvação eterna; 2) Durante as últimas provas da vida interior a alma pode convencer-se, com persuasão invencível e refletida, que com justiça foi reprovada por Deus e, com isso, oferecer a Deus o sacrifício absoluto de sua felicidade eterna. 3) No estado do puro amor a alma é indiferente em relação à sua própria perfeição e à prática das virtudes. 4) As almas contemplativas, em alguns estados, perdem a visão distinta, sensível e refletida de Jesus Cristo.

[907]

1486. Não há dúvidas que essa forma de quietismo é muito menos perigosa que a de Molinos. Contudo, as quatro proposições são falsas e podem conduzir a consequências desastrosas.

1) É falso que na terra possa existir um *estado habitual* de puro amor que *exclua a esperança*, porque, como acertadamente diz no 5º artigo de Issy,^[908]* “*todo o cristão, em qualquer estado, está obrigado a querer, desejar e pedir explicitamente sua salvação eterna, como algo que Deus quer que queiramos para a sua glória.*” O que é verdade é que, nos perfeitos, o desejo da bem-aventurança é muitas vezes imperado pela caridade e que há *momentos* em que eles não pensam explicitamente em sua salvação.

2) Não menos falsa é a segunda proposição. Sem dúvida houve santos que tiveram *vivamente a impressão*, na parte inferior de sua alma, de que por justiça foram reprovados. Contudo, não era uma *convicção refletida* da parte superior. Se alguns fizeram um sacrifício *condicional* da própria salvação, não era um sacrifício absoluto.

3) Também não é verdade que a alma, no estado de puro amor torna-se indiferente à sua perfeição e ao exercício das virtudes. Pelo contrário, vimos como

Santa Teresa não deixa de recomendar, nos graus mais altos de perfeição, o zelo do progresso e das virtudes fundamentais.

4) Por fim, é falso que nos estados perfeitos se perca a visão distinta de Jesus Cristo. Já vimos (nº 1472) que na união transformante Santa Teresa teve visões da sagrada humanidade de Jesus Cristo. Todavia, o que é verdade, é que durante certos *momentos passageiros*, nele não se pensa explicitamente.

III – Tendências Semiquietistas^[909]

1487. Às vezes encontramos em algumas obras de piedade, por sinal excelentes, tendências mais ou menos quietistas, que se fossem utilizadas como regras de direção espiritual para o *comum* das almas, conduziriam a abusos.

O *principal erro*, que sutilmente se revela nesses livros, é que parecem indicar para todas as almas, até mesmo às *pouco adiantadas*, disposições de *passividade* que somente convém à via unitiva. Quer-se chegar muito rapidamente à *simplificação* da vida espiritual, sem ter presente que, para a maioria das almas, esta simplificação não pode ocorrer com proveito sem que antes se passe pela *meditação discursiva*, por *exames de consciência minuciosos* e pelo exercício das *virtudes morais*. É um erro de boa intenção, mas por excesso: deseja-se que as almas se tornem perfeitas o mais rapidamente possível e, para isso, suprimem os estágios intermediários, propondo desde o princípio meios que somente dão bom resultado às almas mais adiantadas.

1488. a) Dessa maneira, sob pretexto de favorecer o amor desinteressado, não se coloca a *esperança cristã* no lugar que lhe cabe. Supõe-se que o desejo de felicidade eterna é somente acessório e que a glória de Deus é tudo. Contudo, a glória de Deus e a bem-aventurança eterna estão ligadas intimamente. A glória de Deus é obtida pelo conhecimento e amor de Deus e, ao mesmo tempo, constituem a nossa felicidade. Em vez de separar esses dois elementos, é preciso uni-los e

mostrar que se completam e se harmonizam, sem esquecer, todavia, que ao considerar isoladamente um e outro, o principal evidentemente é a glória de Deus.

b) Do mesmo modo insistem demasiadamente no aspecto *passivo* da piedade, ou seja, *deixar que Deus opere em nós, colocar-nos em suas mãos*, sem acrescentar que normalmente Deus não opera desse modo enquanto não nos exercitar na piedade ativa durante longo tempo.

c) Quando se abordam os *meios de santificação*, quase exclusivamente são propostos aqueles que convém à via unitiva. Critica-se, por exemplo, a meditação *metódica e compartimentalizada*, como as denominam. Resoluções particulares, dizem, destroem a unidade da vida espiritual, e exames de consciência detalhados devem ser substituídos por simples olhares. Não levam em consideração que os principiantes normalmente não atingem a oração de simplicidade senão pela oração metódica e que, para estes, os propósitos gerais de amar a Deus de todo o coração devem ser muito concretos e determinados, e ainda, que para conhecerem as faltas e remediá-las é necessário que as investiguem em detalhes. Assim, ficam por demais expostos a contentarem-se com um olhar superficial sobre si mesmos, que não revelará nem remediará suas paixões e fraquezas.

Em resumo, relegam excessivamente que há várias etapas a serem percorridas antes de chegar à união com Deus e ao estado passivo.

CAPÍTULO III – FENÔMENOS MÍSTICOS EXTRAORDINÁRIOS

1489. Ao falarmos da contemplação, deixamos de lado os *fenômenos extraordinários*, tais como visões, revelações, etc., que normalmente acompanham, principalmente a partir da união extática. Como o demônio *macaqueia* as obras divinas, ocorrem também, tanto nos verdadeiros como nos falsos místicos, fenômenos *diabólicos*. Falaremos, pois, em sequência, dos fenômenos divinos e dos fenômenos diabólicos.

Art. I – FENÔMENOS DIVINOS EXTRAORDINÁRIOS^[910]

Referidos fenômenos reduzem-se a dois: as **revelações privadas** e as **graças gratuitamente dadas**.

I.I – REVELAÇÕES PRIVADAS

Exporemos: 1º - Sua *natureza*; 2º - *Regras* de discernimento entre as *verdadeiras* e *falsas* revelações.

I.I.I – Natureza das Revelações Privadas

1490. A) Diferença entre as revelações privadas e públicas. Em geral, revelação divina é uma manifestação sobrenatural, realizada por Deus, de alguma verdade oculta. Quando essa manifestação *tem por finalidade o bem de toda a Igreja*, a revelação é *pública*; quando for para *utilidade particular* dos que por ela são favorecidos, chama-se revelação *privada*. Falaremos aqui somente desta última.

Em todas as épocas houve revelações privadas. As Escrituras e os processos de canonização mencionam muitos casos. Essas revelações não fazem parte do objeto da fé católica, que se baseia somente no depósito da verdade contido na Escritura e na Tradição, cuja interpretação foi confiada à Santa Igreja. Consequentemente, não há obrigação de que os fiéis creiam nelas. Quando a Igreja as aprova, não obriga sua crença, mas, como diz Bento XIV, apenas *permite* que sejam publicadas para instrução e edificação dos fiéis. Portanto, o assentimento que se lhes dá não é um ato de fé católica, mas de fé humana, baseado no fato de que tais revelações são *prováveis* e *piedosamente críveis*.^[911]* Revelações privadas não podem ser publicadas sem aprovação da autoridade eclesiástica.^[912]*

Não obstante, muitos teólogos são da opinião de que as pessoas a quem Deus faz essas revelações e aquelas a quem as revelações são

destinadas, podem crer nelas com verdadeira fé, desde que tenham provas certas de sua autenticidade.

1491. B) Como acontecem as revelações. De três maneiras: por meio de *visões*, *locuções* sobrenaturais e *toques divinos*.

a) As **visões** são percepções sobrenaturais de algum objeto naturalmente invisível para o homem. Não são revelações, exceto quando manifestam alguma verdade oculta. As visões são de três tipos: *sensíveis*, *imaginativas* ou puramente *intelectuais*.

1. Visões *sensíveis* ou *corporais*, também chamadas de *aparições*, são as que os sentidos percebem uma realidade objetiva naturalmente invisível para o homem. Não é necessário que o objeto percebido seja um corpo humano em carne e osso, basta que seja uma forma sensível ou luminosa.

A opinião de Santo Tomás, largamente admitida, é de que Nosso Senhor Jesus Cristo, depois de sua Ascensão, somente raras vezes apareceu *pessoalmente*. O comum é que apareça sob uma forma sensível que não é seu verdadeiro corpo. Quando aparece na Eucaristia, diz Santo Tomás, o fato se explica de duas maneiras: ou por uma impressão milagrosa nos órgãos da visão (quando visto por apenas uma pessoa), ou pela composição no ambiente de uma forma sensível real, mas distinta do próprio corpo de Nosso Senhor, pois, acrescenta o Santo, o corpo do Salvador não pode ser visto em sua forma própria senão em um só lugar.^[913]*

O que se disse de Nosso Senhor, também se aplica à SS. Virgem. Quando apareceu em Lourdes, por exemplo, seu corpo permaneceu no céu. No lugar da aparição havia somente uma forma sensível que a representava. Isso explica porque ora aparece de uma forma, ora de outra.

1492. 2. As visões *imaginárias* ou *imaginativas* são aquelas produzidas na imaginação, por Deus ou pelos anjos, no estado de vigília ou durante o sono. Desse modo um anjo apareceu várias vezes a São José em sonhos, e Santa Teresa relata muitas visões imaginárias de Nosso Senhor enquanto acordada.^[914] Essas visões são frequentemente acompanhadas de uma visão intelectual que explica o significado da primeira.^[915] Às vezes, em visão a alma percorre regiões longínquas: tais visões na grande maioria das vezes são imaginárias.

1493. 3. Visões *intelectuais* são aquelas em que o espírito percebe uma verdade espiritual sem formas sensíveis: foi o caso da visão que Santa Teresa teve da SS. Trindade, já mencionada no nº 1473. Elas ocorrem a partir de ideias *já adquiridas*, mas que Deus modifica ou coordena, ou a partir de *espécies infusas* que representam as coisas divinas melhor que as ideias adquiridas. Às vezes são obscuras e manifestam somente a presença do objeto.^[916] Outras vezes são claras, mas duram poucos instantes: são como intuições que deixam profunda impressão.^[917]

Há visões que reúnem duas ou três características ao mesmo tempo, como a de São Paulo no caminho de Damasco. Ela foi simultaneamente *sensível*, quando viu a luz fulgurante, *imaginativa*, quando foram representados na imaginação de São Paulo os traços pessoais de Ananias, e *intelectual*, quando compreendeu a vontade de Deus a seu respeito.

1494. b) As **locuções sobrenaturais** são manifestações do pensamento divino, percebidas pelos sentidos externos, pelos internos ou diretamente pelo *intelecto*. Denominam-se *auriculares*, quando se trata de vibrações miraculosamente formadas, que ressoam nos ouvidos, *imaginárias*, quando direcionadas à imaginação, ou *intelectuais*, quando se dirigem diretamente ao intelecto.^[918]*

1495. c) Os **toques divinos** são sentimentos espirituais deliciosos, impressos na vontade por uma espécie de contato divino e acompanhados de uma viva luz para o intelecto.

Há dois tipos de toques: os *ordinários* e os *substanciais*. Estes últimos, embora afetem a vontade, são tão profundos que parece que se produzem na própria *substância* da alma. Dessa experiência surgem aquelas expressões dos místicos, que declaram haver experimentado um contato de substância a substância. Na realidade esses toques se realizam sobre a *finíssima* da vontade e do intelecto, no local em que essas faculdades tocam a substância da própria alma. Porém, conforme a doutrina de Santo Tomás, são as *faculdades* e não a substância que recebem essas impressões.^[919] Essa *finíssima* da vontade é chamada pelos místicos de vértice do espírito, ou vértice da vontade, ou ainda fundo da alma.

1496. C) Atitude a ser tomada diante dessas graças extraordinárias.

Os grandes místicos são unânimes em ensinar que não se deve desejar nem pedir esses favores *extraordinários*. Na realidade, não são meios necessários para alcançar a união divina e, às vezes, em razão das nossas más inclinações, são até mesmo obstáculos. Em particular, São João da Cruz afirma que o desejo de revelações tira a pureza da fé, desenvolve uma perigosa curiosidade que é fonte de ilusões, embaraça o espírito com vãs fantasias, revela muitas vezes falta de humildade e submissão à vontade de Deus Nosso Senhor que, por suas revelações públicas, deu-nos tudo o que precisamos para chegarmos ao céu.

Por tudo isso, critica fortemente os diretores espirituais imprudentes que favorecem o desejo de visões. *“Alguns desses diretores agem de tal modo em relação às pessoas favorecidas pelas ditas visões, que as fazem errar, ou as embaraçam e perturbam, desviando-as do caminho da humildade; consentem que as almas ponham os olhos de algum modo nesses favores extraordinários e não caminhem no verdadeiro espírito de fé, impedindo-as de se firmarem na mesma fé. Isso acontece especialmente quando os diretores gostam de entreter-se muito com as almas sobre essas visões, mostrando assim que fazem muito caso de tais coisas, e consequentemente inclinando seus discípulos a proceder do mesmo modo. Ficam, pois, as almas ocupadas com aquelas apreensões, e não se edificam em fé; não permanecem desapegadas, vazias e despidas de tudo para voarem às alturas dessa fé obscura. ... Resulta daí, no mínimo, uma série de imperfeições; a alma já não fica tão humilde, crendo possuir um bem de certo valor e imaginando que Deus faz caso dela; anda contente e satisfeita de si mesma, - o que é contra a humildade. ... Outras vezes esses diretores, vendo as almas cheias de favores divinos, insistem em obter por seu intermédio a revelação de tal ou tal coisa que interessa a si ou a outros; e essas almas bobas obedecem, pensando ser permitido fazê-lo por esta via. ... Na verdade, porém, Deus não quer, nem gosta.”*^[920]

Destarte, essas visões podem provocar muitas ilusões e, por isso, há necessidade de regras para discernir as verdadeiras das falsas.

I.I.II – Regras para Discernimento das Revelações

1497. Para discernir as verdadeiras revelações e saber como reconhecer o elemento humano que nelas podem misturar-se, é importante, tanto quando possível, ter regras precisas. Estas regras aplicam-se à *pessoa* que recebe a revelação, ao *objeto* a que dizem respeito, aos *efeitos* que produzem e aos *sinais* que a acompanham.

I.I.II.I – Regras Relativas à Pessoa Favorecida por Revelações

1498. Certamente Deus pode fazer revelações a quem lhe aprouver, até mesmo a pecadores. Porém, *ordinariamente* as concede somente a almas, não apenas fervorosas, mas elevadas ao *estado místico*. Ademais, até mesmo para interpretar as verdadeiras revelações é necessário conhecer as boas qualidades e os defeitos dos que se consideram favorecidos por elas. Assim, é preciso examinar suas qualidades *naturais* e *sobrenaturais*.

a) Qualidades Naturais: 1) Quanto ao temperamento, são pessoas bem equilibradas ou sofrem de *psiconeurose* ou *histeria*? É evidente que neste último caso, há razões para suspeitar das supostas revelações, porque tais temperamentos são propensos a alucinações.

2) Em relação ao estado *mental*, é pessoa de bom senso, reto juízo, ou de imaginação exaltada e de excessiva sensibilidade? É instruída ou ignorante? De onde lhe veio a instrução? Não está o seu espírito enfraquecido por alguma enfermidade ou longos jejuns?

3) Quanto à *moral*, é pessoa realmente sincera ou dada a exagerar a verdade e, às vezes, inventar coisas? Seu caráter é calmo ou apaixonado?

A resposta a essas questões certamente não provará a autenticidade ou existência de uma revelação, mas será muito útil para avaliar a credibilidade do testemunho feito pelos videntes.

1499. b) Em relação às **qualidades sobrenaturais** deverá ser observado se a pessoa: **1)** é de *sólida virtude*, longamente provada, ou somente de um fervor mais ou menos sensível; **2)** tem *humildade profunda e sincera* ou, pelo contrário, gosta de exibir-se, de contar a todos os seus favores espirituais. A verdadeira humildade é a *pedra de toque* da santidade. Quando falta, é péssimo sinal; **3)** relata suas revelações ao diretor espiritual em vez de comunicá-las a outras pessoas e segue os seus conselhos com

docilidade; 4) já passou pelas *provações passivas* e pelos primeiros graus da contemplação. Sobretudo, se já teve *êxtase alguma vez na sua vida*, ou seja, se pratica as virtudes em grau heroico. Normalmente Deus reserva essas visões para as almas perfeitas.

1500. Fique bem claro que a presença dessas qualidades não prova a existência de uma revelação, mas torna mais fidedigno o testemunho do vidente. Inversamente, a ausência delas também não prova a inexistência, mas torna-a pouco provável.

Outrossim, as informações obtidas facilitarão a descoberta de *mentiras* ou *ilusões* dos pretensos videntes. De fato, há certamente aqueles que por orgulho, ou para mostrarem-se importantes, voluntariamente simulam êxtases e visões.^{[921]*} Outros, em número bem maior, caem em ilusão por terem imaginação muito aguçada e tomam seus próprios pensamentos por visões ou locuções interiores.^{[922]*}

I.I.II.II – Regras Relativas à Matéria das Revelações

1501. Em particular, é para esse aspecto que a atenção deve ser dirigida, pois toda revelação contrária à fé ou aos bons costumes deve ser rejeitada radicalmente, com base na unânime doutrina dos doutores e naquelas palavras de São Paulo: “*Mas, ainda que alguém - nós ou um anjo baixado do céu - vos anunciasse um evangelho diferente do que vos temos anunciado, que ele seja anátema*” (Gl 1, 8). Com efeito, Deus não pode se contradizer e tampouco revelar coisas contrárias ao que nos ensina pela sua Igreja. Disso extraem-se algumas regras que vamos lembrar:

a) Deve-se ter por falsa qualquer revelação privada que *esteja em contradição com uma verdade de fé*. Enquadram-se nisso, por exemplo, as pretensas revelações espíritas, que negam vários dos nossos dogmas, em particular os da eternidade e das penas do inferno. Rejeitam-se também as que se opõem ao sentir unânime dos Santos Padres e Teólogos, que constituem uma das formas do magistério ordinário da Igreja.

Quando se trata de questão *controvertida* entre teólogos, deve-se considerar suspeita qualquer revelação que vise dar-lhe solução; por

exemplo, que decidisse a controvérsia entre tomistas e molinistas. Deus não costuma intervir em questões desse gênero.

1502. b) Também deve-se rejeitar qualquer visão *contrária às normas da moral e da decência*. Por exemplo, aparições de formas humanas nuas, com linguajar vulgar ou sem modéstia, descrições minuciosas de vícios vergonhosos, que não podem deixar de ofender o pudor.^{[923]*} Com efeito, Deus, que somente faz revelações para o bem das almas, jamais poderá ser o autor daquelas que por sua natureza inclinam ao vício.

Em virtude do mesmo princípio são suspeitas as aparições em que se percebe falta de dignidade, de recato e, com ainda maior razão, todas as que se mostram evidentemente ridículas. Estas últimas são a marca das falsificações humanas ou diabólicas, como o foram as manifestações do cemitério de S. Menardo.

c) Tampouco podem ser admitidas como vindas de Deus as exigências *impossíveis de realizar*, considerando as leis da Providência e os milagres que Deus costuma realizar. Deus não pede o impossível.^{[924]*}

I.I.II.III – Regras Relativas aos Efeitos das Revelações

1503. Pelos frutos se conhece a árvore. Assim, pode-se julgar as revelações pelos efeitos que produzem na alma.

a) Segundo Santo Inácio e Santa Teresa, a visão divina produz, no princípio, um sentimento de assombro e temor, que logo em seguida converte-se num sentimento profundo e duradouro de *paz, alegria e segurança*. Nas visões diabólicas acontece o contrário. Ainda que de início causem alegria, logo a seguir produzem *perturbação, tristeza e desalento*. Com efeito, é por esse caminho que o demônio faz as almas caírem.

1504. b) As *verdadeiras* revelações confirmam a alma nas virtudes da humildade, obediência, paciência e conformidade com a vontade de Deus; as *falsas* geram orgulho, presunção e desobediência.

Ouçamos o que diz Santa Teresa: “*Esta graça do Senhor infunde grandíssima confusão e humildade. Se fosse embuste diabólico seria o*

contrário. É favor que claramente se entende vir de Deus. Nenhuma indústria humana seria capaz de provocar tal sentimento. Quem se regozija com este bem jamais poderá imaginar que é propriedade sua, senão dádiva da mão do Senhor.”^[925] *“Se fosse efeito de melancolia, não traria consigo os grandes lucros interiores com que a alma se sente enriquecida. Tampouco o demônio causaria tanto bem, a ponto de andar ela com tanta paz e tão contínuos desejos de contentar a Deus. Nem lhe infundiria o inimigo tanto desprezo de tudo que não a aproxime do Senhor.”*^[926]

1505. c) Surge então a questão se é correto *pedir sinais* que confirmem as revelações privadas. a) Se for algo *importante*, pode-se pedir, mas com *humildade* e *condicionalmente*, porque obviamente Deus não está obrigado a fazer milagres para provar as verdades dessas visões. b) Quando for pedido sinal, convém deixar que Deus o escolha. O bom pároco de Lourdes mandou pedir à aparição que fizesse florescer uma roseira silvestre em pleno inverno. Esse sinal não foi concedido, mas a Virgem imaculada fez brotar uma fonte milagrosa que curaria corpos e almas. c) A cuidadosa averiguação do milagre pedido, bem como a sua relação com a aparição, produz uma prova robusta que induz à convicção.

I.I.II.IV – Regras de Discernimento das Revelações Privadas.

1506. Uma revelação pode ser verdadeira na essência e, contudo, estar misturada com erros acidentais. Deus não multiplica os milagres sem necessidade e não corrige as imperfeições ou erros que podem haver na mente dos videntes. Deus visa o *bem espiritual* e não a formação intelectual deles. Entenderemos isso melhor quando analisarmos as principais causas de erros que encontramos em algumas revelações privadas.

a) A primeira causa é a *mistura da atividade humana com a ação sobrenatural de Deus*, principalmente quando a imaginação e o espírito são muito ativos.

1) Encontramos, por exemplo, nas revelações privadas, os erros da época sobre as *ciências físicas* ou *históricas*. Santa Francisca Romana afirma que viu um céu de cristal entre o céu empíreo e o das estrelas, e atribuiu a cor azul do firmamento ao céu das estrelas. A Venerável Maria de Ágreda

acreditou saber, por revelação, que esse céu de cristal foi dividido em onze partes no momento da Encarnação.^[927]

2) Em outros casos encontramos ideias e até preconceitos e sistemas dos diretores espirituais das videntes. Confiando nos diretores, Santa Coleta creu ter visto que Santa Ana foi casada três vezes, e que vinha visitá-la com sua numerosa família.^[928] As santas dominicanas e franciscanas falam, por vezes, em suas visões, conforme o sistema particular de sua ordem.

3) Por vezes *erros históricos* também ocorrem nas revelações. Deus não costuma revelar detalhes específicos sobre a vida de Jesus Cristo ou da SS. Virgem quando estes são de pouco interesse para a piedade. Todavia, há muitos videntes que, confundindo piedosas meditações com revelações, fornecem pormenores, dados quantitativos e datas que contradizem documentos históricos ou outras revelações. Nesse sentido, em diversos relatos sobre a Paixão, há uma infinidade de detalhes relatados nas visões que são contraditórios (por exemplo, o número de golpes que Jesus recebeu na flagelação), ou estão em oposição aos melhores historiadores.^[929]

1507. b) As revelações podem ser *mal interpretadas*. Por exemplo: Santa Joana d’Arc perguntou às vozes que ouvia se seria queimada. Elas lhes responderam que se entregasse a Nosso Senhor, que Ele a ajudaria e ela seria libertada por uma grande vitória. Ela acreditou que essa vitória seria a sua libertação do cárcere, mas, de fato, foi o seu martírio e entrada no céu. São Norberto afirmou saber, por revelação muito certa, que o Anticristo viria no tempo da sua geração (séc. XII). Pressionado por São Bernardo, disse que ao menos não morreria sem ter visto uma perseguição geral na Igreja.^[930] São Vicente Ferrer anunciava como próximo o juízo final e parecia confirmar essa previsão por meio de milagres.^{[931]*}

1508. c) Uma revelação pode ser inconscientemente *alterada* pelo próprio vidente quando tenta explicá-la, ou, com maior frequência, pelos seus secretários.

A própria Santa Brígida reconheceu que às vezes retocava suas revelações para melhor explicá-las. Essas explicações nem sempre estão isentas de erros. Hoje se sabe que os secretários que escreveram as revelações de Maria de Ágreda, Catarina Emmerich e Maria Lataste, retocaram-nas em tal extensão que é difícil determinar.^{[932]*}

Por todas essas razões, nunca será excessiva a prudência no exame de revelações privadas.

CONCLUSÃO: NOSSA ATITUDE EM RELAÇÃO ÀS REVELAÇÕES PRIVADAS

1509. Nada melhor do que *imitar a prudente reserva da Igreja e dos Santos*. A Igreja admite uma revelação somente depois de muito comprovada e devidamente investigada. Ainda assim, não obriga os fiéis a crer nela. Destarte, quando se trata da instituição de uma festividade ou de alguma de alguma fundação exterior, aguarda muitos anos antes de se pronunciar e não decide antes de ter examinado o fato em si mesmo e nas suas relações com o Dogma e a Liturgia.

Assim, a Beata Juliana de Liège, escolhida por Deus para que se fizesse instituir a festa do SS. Sacramento, apenas vinte anos depois de suas primeiras visões é que submeteu seus projetos aos teólogos. Mais dezesseis anos transcorreram para que o bispo de Liège instituísse a festa em sua diocese, e somente seis anos após a morte da bem-aventurada é que a festa foi instituída em toda a Igreja pelo Papa Urbano IV, em 1264. Do mesmo modo, a festa do Sagrado Coração de Jesus foi aprovada somente muito tempo depois das revelações feitas a Santa Margarida Maria e por motivos independentes delas, consideradas em si mesmas.

Em tudo isso há para nós uma lição digna de proveito.

1510. **b)** Portanto, não devemos nos pronunciar com *certeza* sobre a existência de alguma revelação privada senão depois de *convincentes* provas: aquelas tão acertadamente indicadas pelo Papa Bento XIV em seu livro sobre a canonização. De modo geral, não se satisfazer com uma única prova. Deve-se exigir várias e analisá-las para ver se são *cumulativas* e *convergentes*, confirmando-se mutuamente. Quando mais numerosas forem, mais segurança haverá.

1511. **c)** Quando um diretor receber confidências sobre revelações, fará muita reserva em manifestar *admiração*, pois isso poderia animar o vidente a imediatamente tê-las por verdadeiras e talvez até envaidecer-se com elas.

Pelo contrário, deve enfatizar que tais revelações são menos importantes que a prática das virtudes, que é muito fácil iludir-se, que deve desconfiar delas e, *no início*, antes rejeitá-las do que acolhê-las.

Essa é a orientação dada pelos santos. Eis o que Santa Teresa escreve: *“Em todo caso, quer se trate de enfermas, quer de sãs, nessa matéria sempre se deve temer, até reconhecer o espírito do qual provém. Sou de opinião que nos princípios sempre é melhor opor-se. Se os favores procedem de Deus, as provações ajudam para ir adiante e fazem crescer. Esta é a verdade. No entanto, não convém inquietá-las ou angustiar suas almas, porque verdadeiramente não podem agir de outro modo.”*^[933] São João da Cruz é ainda mais duro. Depois de explicar os seis inconvenientes que há em admitir visões, acrescenta: *“O demônio se regozija muito ao ver uma alma admitir voluntariamente as revelações e inclinar-se a elas; porque encontra nessa disposição muita oportunidade e entrada para insinuar erros e assim prejudicar, tanto quanto possível, a fé. Torno a dizer, a alma presa a graças sensíveis permanece ignorante e grosseira na vida da fé, e fica sujeita muitas vezes a tentações graves e pensamentos importunos.”*^[934]

1512. **d)** Contudo, o diretor espiritual deve tratar com *doçura* as pessoas que parecem ter revelações, pois assim ganhará a confiança delas e poderá conhecer melhor os detalhes que permitirão, depois de madura reflexão, emitir um juízo. Se estiverem na ilusão, terá maior autoridade para fazê-las reconhecer e para reconduzi-las à verdade.

Mesmo sendo tão severo com relação às visões, este é o conselho de São João da Cruz: *“Devemos advertir aqui: se insistimos tanto sobre a necessidade de rejeitar essas visões e revelações, e recomendamos encarecidamente aos confessores que não deixem as almas ocupadas nessas graças extraordinárias, não é para os mestres espirituais lhes mostrarem asperezas; nem de tal modo testemunharem o seu desprezo que deem ocasião às almas de se retraírem, sem coragem de manifestar o que recebem. Muitos inconvenientes há em impedir-lhes a expansão nesse ponto.”*^[935]

1513. **e)** Quando a revelação tratar da implantação de alguma *instituição* ou *fundação externa*, o diretor terá muita cautela em não a promover sem

antes haver examinado com cuidado as razões favoráveis e desfavoráveis, à luz da prudência sobrenatural.

Assim agiram os santos: Santa Teresa, que teve tantas revelações, nunca quis que seus diretores tomassem suas decisões unicamente com base nas revelações que ela recebia. Quando Nosso Senhor lhe revelou o desejo de fundar o mosteiro reformado de Ávila, humildemente submeteu essa intenção ao diretor e, diante de sua hesitação, pediu o parecer de São Pedro de Alcântara, de São Francisco de Borja e de São Luis Beltrão.^[936]

Os videntes, por sua vez, devem observar uma única regra: dar a conhecer suas revelações a um prudente diretor espiritual e seguir tudo o que ele disser. Este é o meio mais seguro de não se enganar.

I.II - AS GRAÇAS GRATUITAMENTE DADAS^[937]

1514. As revelações, sobre as quais acabamos de falar, são concedidas principalmente para o proveito pessoal de quem as recebe. Já as *graças gratuitamente dadas* têm por finalidade principal o proveito dos outros. São dons gratuitos, *extraordinários* e *transitórios*, conferidos diretamente para o *bem dos outros*, não obstante indiretamente servirem também para santificação pessoal de quem os recebe. São Paulo os menciona com o nome de *carismas*. Em sua Epístola aos Coríntios distingue *nove*, sendo que todos procedem do mesmo Espírito:

1515. 1) A *palavra de sabedoria* (*sermo sapientiæ*), que nos ajuda a extrair das verdades da fé, consideradas como princípios, conclusões preciosas sobre os dogmas.

2) A *palavra de ciência* (*sermo scientiæ*), pela qual nos servimos das ciências humanas para explicar as verdades da fé.

3) O *dom da fé*, não a virtude, mas uma certeza especial capaz de produzir prodígios.

4) O *dom de cura* (*gratia sanitarum*), que não é outra coisa que o poder de curar os doentes.

5) O *dom de operar milagres*, para confirmar a revelação divina.

6) O *dom de profecia*, que é o dom de ensinar em nome do Senhor e, se necessário, confirmar o ensinamento com profecias.

7) O *discernimento dos espíritos*, que é o dom infuso de ler os segredos dos corações e de discernir entre o bom e o mau espírito.

8) O *dom de línguas*, que, para São Paulo significa orar em língua estranha com certa exaltação, e que, para os teólogos, é o dom de falar em várias línguas.

9) O *dom de interpretação*, que é a capacidade de interpretar as palavras estranhas do dom de línguas, que acabamos de mencionar.^[938]*

São Paulo e Santo Tomás com muito acerto observam que todos esses carismas são muito inferiores à caridade e à graça santificante.

Art. II – FENÔMENOS PSICO-FISIOLOGICOS

1516. São identificados com esse nome os fenômenos que agem tanto sobre o corpo como sobre a alma e que têm relação, mais ou menos próxima, com o êxtase, do qual falamos no nº 1454. Os principais são: 1º - *A levitação*; 2º - *Os eflúvios luminosos*; 3º - *Os eflúvios odoríferos*; 4º - *A abstinência ou inédia*; 5º - *A estigmatização*.

II.I – A LEVITAÇÃO

1517. A levitação é um fenômeno em virtude do qual o corpo eleva-se acima do solo e assim se mantém, sem qualquer apoio natural. Chama-se êxtase *ascensional*. Algumas vezes o corpo voa a grandes alturas: *é o voo extático*. Noutras parece deslizar velozmente sobre o solo, sem tocar nele: *é o que se chama marcha extática*.

Numerosos casos de levitação são lidos na vida de vários santos, tanto nos Bolandistas,^{[939]NT} como no Breviário. Por exemplo: S. Paulo da Cruz, 28 de abril, S. Felipe Néri, 26 de maio, Sto. Estêvão da Hungria, 2 de setembro, S. José Cupertino, 18 de setembro, S. Pedro de Alcântara, 19 de outubro, S. Francisco Xavier, 3 de dezembro, etc. Um dos mais célebres é o de São José Cupertino. Um dia, ao ver alguns operários em dificuldades para erguer uma pesada cruz de missão, voou pelos ares, ergueu a cruz e a colocou sem esforço no buraco que haviam preparado para recebê-la.

Esse fenômeno também se relaciona com o de *peso extraordinário*, que faz com que uma pessoa não possa ser erguida nem sequer por uma enorme força.

1518. Os racionalistas têm tentado explicar esse fenômeno de um modo natural, seja pela aspiração profunda de ar nos pulmões, por uma força psíquica desconhecida, intervenção de espíritos ou almas separadas. Tudo isso significa que não possuem uma explicação convincente sobre o fato. Quão mais prudente é Bento XIV! Exige que primeiramente o fato seja bem

comprovado para evitar-se qualquer possibilidade de fraude. A seguir afirma: 1) que a levitação, bem comprovada, não pode ser explicada por causas naturais; 2) porém, não está acima da capacidade dos anjos e dos demônios, que podem elevar corpos; 3) que nos santos esse fenômeno é uma posse antecipada do *dom de agilidade*, própria dos corpos gloriosos.^[940]

II.II – EFLÚVIOS LUMINOSOS^[941]

1519. O êxtase algumas vezes é acompanhado de fenômenos luminosos; uma auréola de luz que circunda a fronte ou todo o corpo é envolto em luz. Também aqui resumiremos a doutrina de Bento XIV.^[942] A primeira providência é investigar o caso com todas as suas circunstâncias para ver se a luz não pode ser explicada por razões naturais. De modo particular se examinará: 1) se o fenômeno ocorre durante o dia ou à noite e, neste último caso, se a luz é mais brilhante que qualquer outra; 2) se é uma simples centelha, como uma faísca elétrica, ou permanece por tempo considerável, e repete-se muitas vezes; 3) se ocorre durante um ato religioso, num êxtase, sermão ou oração; 4) se do fato resultam efeitos da graça, duradouras conversões, etc.; 5) se a pessoa que emana o eflúvio é virtuosa e santa.

Somente após o exame cuidadoso de todos esses detalhes pode-se concluir sobre o caráter sobrenatural dos fatos. Esse fenômeno também é uma espécie de antecipação da *claridade* dos corpos gloriosos.

II.III – EFLÚVIOS ODORÍFEROS

1520. Algumas vezes Deus permite que o corpo dos santos, enquanto vivem ou depois de mortos, exale perfumes que simbolizam o *aroma* das virtudes que eles praticaram.

Foi o que aconteceu com as chagas de São Francisco de Assis, que às vezes exalavam suaves odores. Quando Santa Teresa morreu, a água usada para lavar seu corpo ficou perfumada e por nove meses seu sepulcro exalou uma misteriosa fragrância. Quando exumada, fluía dos membros do seu corpo um óleo perfumado.^[943]* Muitos fatos análogos são citados.

Bento XIV indica como deve-se proceder para comprovar o milagre. Examinar-se-á: 1) se o odor é suave e persistente; 2) se junto ao corpo, ou no terreno, não há algo que o possa explicar; 3) se ocorreram milagres provindos do uso da água ou do óleo proveniente do corpo santo.^[944]

II.IV – ABSTINÊNCIA PROLONGADA

1521. Houve santos, especialmente os estigmatizados, que viveram sem qualquer outro alimento exceto a sagrada comunhão, durante muitos anos.

O doutor Imbert-Goubeyre cita, em particular, alguns casos assombrosos:^[945] “*Santa Ângela de Foligno passou doze anos sem qualquer alimento; Santa Catarina de Sena, em torno de oito anos; a Beata Isabel de Rente, mais de quinze anos; Santa Ludovina, vinte e oito anos; a Beata Catarina de Racconigi, dez anos ... Em nossos dias, Rosa Andriani, vinte e oito anos ... e Luísa Lateau, catorze anos*”.

A Igreja mostra-se muito severa na investigação de fatos desse gênero, e exige minuciosa e ininterrupta vigilância durante muito tempo, realizadas por testemunhas numerosas e hábeis em descobrir fraudes.^[946] Examina-se se a abstinência é *total*, ou seja, tanto comida sólida como bebida, se é duradoura e se a pessoa continua executando seus afazeres.

Aproxima-se desse fenômeno a *abstinência do sono*. São Pedro de Alcântara, durante quarenta anos, não dormiu mais que uma hora e meia por dia; Santa Catarina de Ricci dormia somente uma hora por semana.

II.IV – A ESTIGMATIZAÇÃO

1522. 1) **Natureza e origem.** Este fenômeno consiste em uma espécie de impressão das santas chagas do Senhor, nos pés, mãos, lado e fronte. Aparecem espontaneamente, não são provocadas por qualquer ferimento exterior e periodicamente vertem sangue limpo.

O primeiro estigmatizado de que se tem notícia foi São Francisco de Assis. Em um êxtase sublime, no alto do Monte Alverne, em 17 de setembro de 1222, o Santo viu um serafim que lhe mostrou uma imagem de Jesus crucificado e imprimiu-lhe os sagrados estigmas. Até sua morte

conservou essas chagas, de onde corria sangue humano. Buscou ocultar o milagre, mas não o conseguiu totalmente. Ao morrer, em 11 de outubro de 1226, o prodígio tornou-se público. – Desde então multiplicaram-se os casos. O Dr. Imbert contou trezentos e vinte e um casos, dentre os quais quarenta e dois homens, e sessenta e dois deles foram canonizados.

1523. Parece comprovado que a estigmatização somente ocorre com os *extáticos*, e que é acompanhada por *fortíssimos tormentos* físicos e morais, que conformam o estigmatizado a Jesus padecente. A ausência de tais sofrimentos seria mau sinal, porque os estigmas são apenas um símbolo da união com Jesus Crucificado e da participação nos seus tormentos. A existência dos estigmas é provada por tantos testemunhos que até mesmo os incrédulos geralmente admitem sua existência, mas tentam explicá-la por razões naturais. Afirmam que em certas pessoas de excepcional sensibilidade, pode ocorrer, por uma superestimulação da imaginação, suores de sangue parecidos com os estigmas. Porém, os poucos resultados obtidos são muito diferentes do que se observa com os estigmatizados.

1524. **2) Sinais para discernir os estigmas.** Pela razão acima, para diferenciar claramente a estigmatização dos fenômenos artificiais provocados em alguns indivíduos, é necessário dar muita atenção às circunstâncias que caracterizam os verdadeiros estigmas.

1) Os estigmas estão localizados nas mesmas partes do corpo em que Nosso Senhor recebeu as cinco chagas, ao passo que a exsudação sanguínea dos hipnotizados não ocorre nos mesmos locais.

2) Em geral, a renovação das chagas e das dores dos estigmatizados ocorre em dias e períodos em que relembram a Paixão do Salvador, como nas sextas-feiras ou em alguma festa de Nosso Senhor.

3) As chagas *jamaís supuram*. O sangue exsudado é puro e limpo, enquanto a menor da lesão natural, em qualquer outra parte do corpo, mesmo nos estigmatizados, supura. Os estigmas também nunca se curam, apesar dos medicamentos ordinários aplicados, e às vezes permanecem abertos durante trinta ou quarenta anos.

4) Produzem *abundantes hemorragias*. Isso poderia parecer natural no primeiro dia, mas inexplicável nos dias seguintes. A abundância das hemorragias também não tem explicação. Os estigmas são normalmente de

pouca profundidade, ficam longe dos maiores vasos sanguíneos. Contudo, deles escorrem rios de sangue.

5) Por fim e, sobretudo, esse fenômeno só ocorre com pessoas que *praticam heroicamente as virtudes* e que têm um particular amor à cruz.

O estudo de todas essas circunstâncias determina claramente que não se está diante de uma patologia ordinária, mas que há intervenção de uma causa inteligente e livre, que opera sobre o estigmatizado, conformando-o ao divino Crucificado.

CONCLUSÃO: DIFERENÇAS ENTRE A ESTIGMATIZAÇÃO E OS FENÔMENOS MÓRBIDOS

1525. Os fenômenos que têm conexão com os êxtases, encontram-se tão bem provados que os positivistas não conseguem negá-los. O que tentam é assemelhá-los a certos *fenômenos mórbidos* de origem *psiconeurótica*, especialmente de *histeria*. É certo que, como qualquer outro ser humano, os santos estão sujeitos a enfermidades, mas a questão não é esta. Importa saber se, apesar de todas as suas doenças, são mentalmente sadios e equilibrados. Mas é precisamente nesse ponto que se constata diferenças essenciais entre os *fenômenos místicos* e as *psiconeuroses*, que nenhum homem de boa-fé pode deixar de reconhecer e também de concluir que não existe semelhança entre eles.^[947]* As diferenças resumem-se especialmente: 1º - No *sujeito*; 2º - Na *diversidade dos fenômenos*; 3º - Nos *resultados*.

1526. 1º - **Diferenças da parte do sujeito.** Se compararmos os enfermos acometidos de psiconeuroses com os extáticos, de pronto constatamos que os primeiros possuem *desequilíbrios físicos* e *morais*, enquanto os outros são perfeitamente equilibrados, pelo menos sob o aspecto moral.

A) Os primeiros apresentam **desequilíbrios**, tanto mentais quanto físicos. Constata-se uma redução da atividade intelectual e do poder da vontade: a consciência altera-se ou suspende-se, a atenção arrefece, a inteligência deteriora-se, a memória desagrega-se em tal medida que parece haver uma dupla personalidade. Em pouco tempo resta no espírito somente algumas ideias fixas, uma espécie de monoideísmo que beira a insanidade. A vontade também enfraquece: as emoções predominam, a pessoa torna-se

uma marionete de seus caprichos ou das sugestões de uma vontade superior. Enfim, parece que deixa de pertencer-se. Assim, é uma debilitação, uma diminuição da personalidade, das forças intelectuais e morais. ^[948]

1527. **B)** Completamente diferente é o que acontece com os *místicos*. A inteligência fica mais aguçada, a vontade é fortalecida e tornam-se capazes de conceber e levar a termo grandes projetos. De fato, já vimos como adquirem novos conhecimentos sobre Deus, seus atributos, sobre os dogmas da fé e sobre si mesmos. É verdade que não conseguem exprimir tudo o que veem. Porém, afirmam com toda a sinceridade que aprenderam muito mais em poucos instantes de contemplação do que em longas leituras, e essa convicção traduz-se em efetivo progresso na prática das mais heroicas virtudes. Com efeito, tornam-se mais humildes, caridosos, submissos à vontade divina, ainda que em meio a atrozes sofrimentos. Ademais, desfrutam de inalterável sossego, paz e serenidade. Como estão longe das agitações e movimentos apaixonados dos histéricos!

1528. **2º - Diferenças da parte dos fenômenos.** Quando consideramos a maneira como se manifestam os fenômenos as diferenças não são menores.

A) Não há coisa mais triste e repugnante que as crises histéricas. 1) A primeira fase assemelha-se a um ataque epilético leve, mas distingue-se dele pela sensação de uma bola que sobe à garganta que, na realidade, é somente um intumescimento da garganta com impressão de asfixia, e por uma espécie de sibilação percebida pelos ouvidos. 2) A segunda consiste em gestos desordenados, em contorções de todo o corpo. 3) Na terceira ocorrem atitudes passionais de terror, inveja, luxúria, associadas com imagens ou ideias obsessivas. 4) Tudo acaba num acesso de pranto ou de risos: é a expansão, o sossego que volta. Ao sair dessas crises, os pacientes se sentem fatigados, sem forças, padecendo de diversas indisposições.

B) Também nisso, quanta diferença em relação ao êxtase! Nada de convulsões ou agitações violentas, mas o sereno arrebatamento da alma intimamente unida a Deus. Testemunhas de êxtases, como as que viram Sta. Bernadete no momento das visões na gruta de Massabielle (Lourdes), não puderam conter o assombro. E, como afirma Santa Teresa (nº 1456), o corpo, em vez de se sentir esgotado com o êxtase, recobra novas forças.

1529. **3º - Diferenças em relação aos efeitos.** Muito diferentes são eles nos dois casos.

A) Nos *históricos*, quanto mais se repetem as cenas descritas, mais aumenta o *desequilíbrio* das faculdades. Dissimulação, mentira, luxúria e brutalidade, são os efeitos dessas experiências nessas infelizes vítimas.

B) Pelo contrário, nos místicos ocorre um constante fortalecimento da mente, do amor a Deus, da dedicação ao próximo. Quando surgem ocasiões de empreender obras ou fundações, mostram bom-senso, mente aberta e firme, vontade enérgica, que acabam coroando seus esforços com sucessos.

Santa Teresa, antes de morrer, já havia fundado, apesar das muitas oposições, dezesseis conventos femininos e catorze masculinos. Santa Coleta fundou treze mosteiros e restaurou a disciplina em muitos outros. M.^{me} Acarie, extática desde a idade de dezesseis anos, permaneceu casada durante trinta anos, criou e educou seis filhos, salvou as finanças da família, comprometidas pelas imprudências do marido; quando enviuvou, contribuiu para a fundação do Carmelo na França. Santa Catarina de Sena, que morreu aos trinta e dois anos e por muito tempo não sabia ler nem escrever, desempenhou um papel tão importante nos negócios da época, particularmente na questão do retorno dos Papas a Roma, que um historiador moderno a chamou de estadista e de grande estadista.^[949]

Portanto, claramente se percebe que entre os históricos e os estigmatizados há tantas diferenças que querer assemelhá-los é contrariar todas as normas de observação científica.

1530. **4º - Objeção.** Resta ainda uma dificuldade a ser resolvida. Há os que, como Ribot, afirmam que o êxtase é um estreitamento progressivo do campo de consciência que conduz a um *monoideísmo afetivo*, haja visto que os místicos já não pensam senão na união íntima com Deus. Para responder a essa dificuldade enganosa, devemos distinguir dois tipos de monoideísmo. O primeiro é *desorganizador*, desagrega pouco a pouco a personalidade, falseando o juízo. Essa é, por exemplo, a ideia fixa do suicida, que busca o nada como bem supremo. Mas há outro tipo de monoideísmo que, pelo contrário, é *coordenador*. Sem dúvida, ele faz com que predomine na alma *uma ideia* principal, à qual ela refere todas as demais, mas sem as falsear. Este último, longe de desagregar a personalidade, fortalece-a. A ideia fixa

dos grandes políticos, para a qual direcionam todos os seus projetos, é que permite levar a termo grandes realizações, contanto que tal ideia seja justa.

Exatamente esse é o caso dos místicos. Eles possuem uma ideia predominante, uma ideia fixa, de buscar acima de tudo o fim último, ou seja, a união íntima com Deus, fonte de toda a felicidade e perfeição. Para isso direcionam todos os seus pensamentos, afetos e energias. Essa ideia é perfeitamente justa, nada desagrega. Pelo contrário, coordena todos os pensamentos e ações, orientando tudo para esse fim único que nos pode dar a perfeição e a felicidade. Portanto, mesmo considerando as coisas pelo lado humano, os santos são mais ativos, cheios de bom-senso, constância e energia; projetam e levam a bom termo grandes empreendimentos. Até os incrédulos percebem isso, como observamos no nº 43.

Portanto, sejamos justos em admitir que os místicos, ao mesmo tempo que santos, são também homens superiores.

Art. II – FENÔMENOS DIABÓLICOS^[950]

1531. Querendo, por ciúmes, imitar a ação divina na alma dos santos, o demônio se esforça para exercer também o seu domínio, ou melhor, a sua tirania sobre os homens. Pode-se dizer que às vezes *assedia* exteriormente a alma, afligindo-a com horribéis tentações. Outras vezes, *instala-se no corpo* e move-o como quer, como se fosse senhor dele, com o intuito de afligir a alma. No primeiro caso há a *obsessão*, no segundo, a *possessão*.

Nessa questão da ação do demônio dois extremos devem ser evitados: há aqueles que lhe atribuem todos os males que nos acontecem, esquecendo que existem patologias mórbidas, que não pressupõem qualquer ação diabólica, e também más inclinações oriundas da tríplice concupiscência. Essas causas são suficientes para explicar naturalmente muitas tentações. Outros, pelo contrário, sem considerar o que a Sagrada Escritura e a Tradição ensinam sobre a ação do demônio, de nenhum modo admitem a sua intervenção. Para manter a justa medida, devemos seguir a regra de considerar como fenômenos diabólicos somente aqueles que, pelo seu caráter extraordinário ou pelo conjunto das circunstâncias, denotem a ação do espírito maligno.

Falaremos primeiramente da *obsessão* e a seguir da *possessão*.

II.I – A OBSESSÃO

II.I.I – Natureza da Obsessão

1532. Fundamentalmente, a obsessão consiste numa série de tentações mais violentas e duradouras que as comuns. É *externa*, quando age sobre os sentidos exteriores, por meio de aparições, e *interna*, quando provoca impressões íntimas (sensações ou emoções). Raras vezes é só externa, pois o demônio não age sobre os sentidos exteriores senão para perturbar mais facilmente a alma. Não obstante, houve santos que mesmo obsidiados

exteriormente por toda sorte de fantasmas, conservaram na alma uma paz inalterável.

1533. 1º - O demônio pode agir sobre todos os sentidos exteriores:

a) Sobre a *visão*, aparecendo algumas vezes sob formas *repugnantes*, para aterrorizar as pessoas e afastá-las da prática das virtudes, como fez com a Bem-aventurada Inês da Langeac e muitas outras.^{[951]NT} Noutras vezes aparece sob formas *sedutoras*, como ocorreu muitas vezes com Santo Afonso Rodriguez.^[952]

b) Sobre a *audição*, fazendo escutar palavras ou cantos blasfemos ou obscenos, como se lê na vida de Santa Margarida de Cortona,^[953] ou criando barulhos para assustar, como aconteceu algumas vezes com Santa Madalena de Pazzi e com o Santo Cura d'Ars.^[954]

c) Sobre o *tato*, de duas maneiras: golpeando e ferindo o corpo, como se lê nas bulas de canonização de Sta. Catarina de Sena e de S. Francisco Xavier e na vida de Sta. Teresa;^[955] ou então com abraços com o fim de incitar ao mal, como Sto. Afonso Rodriguez relata de si mesmo.^[956]

Conforme observa o Pe. Schram,^[957] há casos em que essas aparições são meras alucinações produzidas por uma superexcitação nervosa. Não obstante, ainda assim são tentações temerosas.

1534. 2º - O demônio também age sobre os *sentidos internos*, a imaginação e a memória, e sobre as paixões, para excitá-las. Mesmo contra a vontade, o ser humano é invadido por imagens desagradáveis, obsessoras, que persistem apesar dos enérgicos esforços para evitá-las. Sente-se as vezes acossado por ímpetos de ira, desesperos angustiantes, movimentos instintivos de antipatia, ou, pelo contrário, por ternuras perigosas sem razão que as justifiquem. Às vezes, sem dúvida, é muito difícil determinar se, de fato, há uma verdadeira obsessão. Contudo, quando essas tentações são a um só tempo repentinas, violentas, persistentes e difíceis de explicar por uma causa natural, pode-se ver nelas uma ação especial do demônio. Em caso de dúvida será bom consultar um médico cristão, capaz de examinar se os fenômenos não são decorrentes de algum estado mórbido, que um tratamento adequado pode corrigir.

II.I.II – Conduta do Diretor Espiritual

1535. Ela deve reunir uma criteriosa *prudência* e uma *bondade* paternal.

a) Certamente não deve crer, sem provas robustas, que se trata de uma verdadeira obsessão. Todavia, exista ou não obsessão, o diretor deve ter muita compaixão dos penitentes assolados por tentações violentas e persistentes e animá-los com sábios conselhos. Sobretudo, irá lembrá-los do que dissemos sobre as tentações e o modo de rechaçá-las (n^{os} 902 - 918), e dos remédios específicos contra as tentações diabólicas (n^{os} 223 - 224).

b) Se, nos momentos mais fortes da tentação, produzirem-se desordens sem qualquer anuência da vontade, irá lembrá-los que não há pecado sem consentimento. Em caso de dúvida, tratando-se de pessoa habitualmente bem-disposta, concluirá que não houve falta, ou ao menos falta grave.

c) Quando forem pessoas fervorosas, o diretor deverá questionar-se se essas tentações persistentes não fazem parte das *provações passivas* que descrevemos acima (n^o 1426). Se concluir que sim, deverá dar-lhes os conselhos condizentes com o estado de suas almas.

1536. d) Quando a obsessão diabólica for moralmente certa ou muito provável, podem ser empregados, *privadamente*, os *exorcismos* prescritos pelo *Ritual Romano*, ou fórmulas resumidas. Neste caso, havendo receio de que o exorcismo possa perturbar ou exaltar a imaginação da pessoa, convém não a alertar previamente. Basta dizer-lhe que se vai rezar sobre ela uma oração aprovada pela Igreja. Quanto ao exorcismo *solene*, não se permite empregá-lo sem permissão do *Ordinário* e com as cautelas que indicaremos quando falarmos da possessão.

II.II – A POSSESSÃO^[958]

Vamos expor: 1^o - Sua *natureza*; 2^o - Os *remédios* prescritos pelo *Ritual*.

II.II.I – Natureza da Possessão

1537. 1º - Seus elementos constitutivos. Dois elementos constituem a possessão: a *presença do demônio* no corpo do possessor e o *domínio* que ele exerce sobre esse corpo e, por meio dele, sobre a alma. Este último ponto é preciso esclarecer. O demônio não está unido ao corpo do mesmo modo que a alma. Ele age sobre a alma por *força externa* e, se influi sobre ela, é por intermédio do corpo que habita. Pode agir diretamente sobre os membros do corpo, fazendo-os executar toda espécie de movimento. Indiretamente influi sobre as faculdades, posto que estas dependem do corpo para suas operações.

Distinguem-se dois estados nos possessos: o de *crise* e o de *sossego*. A crise é uma espécie de acesso violento, no qual o demônio manifesta seu domínio tirânico, produzindo no corpo uma agitação febril, que se manifesta por contorções, gritos de raiva, palavras ímpias e blasfemas. Os possessos, ao que parece, perdem toda a sensação do que neles se passa e, voltando a si, nada lembram do que disseram ou fizeram, ou melhor, do que o demônio fez por meio deles. Somente no início é que sentem a irrupção do demônio; a seguir, parecem perder a consciência de tudo.

1538. No entanto, essa regra geral comporta exceções. O Pe. Surin, quando exorcizou as Ursulinas de Loudun ficou possuído, mas tinha consciência do que se passava com ele.^[959] Ele descreve como sua alma estava dividida; por um lado aberta às influências diabólicas e, por outro, totalmente abandonado à ação de Deus. Também descreve como orava enquanto seu corpo rolava sobre a terra. Dizia ele: “*Tal é meu estado que poucas ações me restam em que eu seja livre. Se quero falar, a língua não me obedece; na missa sinto-me constrangido a parar de repente; à mesa, não consigo colocar a comida em minha boca; ao confessar-me, esqueço os pecados; e sinto que o demônio está dentro de mim como em sua casa, entrando e saindo como lhe agrada.*”

1539. Nos momentos de sossego nada demonstra a presença do espírito maligno; parece que se foi. Contudo, às vezes manifesta sua presença sob forma de uma doença crônica que desconcerta os recursos da medicina.

Muitas vezes acontece serem vários os demônios que possuem uma só pessoa, o que bem demonstra a fraqueza deles.

Normalmente a possessão somente ocorre com pecadores, mas há exceções, como as do Pe. Surin.

1540. 2º - Os sinais da possessão. Como há enfermidades psíquicas, monomanias e alienações mentais, com manifestações semelhantes às da possessão diabólica, é importante conhecer os sinais que as distinguem dos fenômenos mórbidos.

De acordo com o Ritual Romano^[960] são três os principais sinais para identificar uma possessão: *“falar uma língua desconhecida, empregando muitas palavras desse idioma, ou entender quem a fala; descobrir coisas remotas e ocultas; manifestar forças superiores às naturais da idade ou da condição. – Estes sinais e outros semelhantes, quando se apresentam reunidos na mesma pessoa em grande número, são fortes indícios de possessão.”* Diremos algumas palavras para explicá-los.

a) *O falar em línguas desconhecidas.* Para comprovar bem o fato é preciso examinar a fundo o sujeito; verificar se no passado ele não teve ocasião de aprender algumas palavras do idioma; se somente sabe articular algumas frases soltas do idioma ou, de fato, fala ou entende uma língua que lhe era inteiramente desconhecida.^[961]*

b) *A revelação de coisas ocultas,* que nenhum meio natural possa explicar. Também para isso é preciso uma profunda investigação. Quando se tratar, por exemplo, de coisas longínquas, é preciso estar seguro de que a pessoa não as poderia saber por carta, telegrama, ou outro meio natural. Se for coisa futura, aguardar que se cumpram e ver se ocorrem exatamente como se havia anunciado e se são bastante determinadas para não darem ensejo a equívocos. Não se deve, pois, fazer caso de predições vagas que anunciam grandes desgraças seguidas de tempos felizes. Seria fácil, assim, obter fama de profeta. Uma vez bem comprovado o fato, resta perquirir se esse conhecimento preternatural procede de um bom ou mau espírito, de acordo com as regras de discernimento de espíritos. Confirmado o espírito mau, resta verificar se, de fato, ele está no momento possuindo a pessoa.

c) *A demonstração de forças notavelmente superiores às naturais do sujeito,* considerando a idade, a complexão física, o seu estado mórbido, etc., haja visto que há casos de superexcitação em que as energias se duplicam. O fenômeno da *levitação*, quando bem comprovado, já dissemos, é preternatural. Porém, há casos em que, consideradas as circunstâncias,

não se pode atribuí-lo a Deus ou aos seus anjos; então, será necessário reconhecê-lo como um sinal de intervenção diabólica.

1541. A esses sinais pode-se acrescentar os *efeitos* produzidos pelos exorcismos ou pelo uso de coisas sagradas, principalmente, neste último caso, quando são utilizadas *às escondidas*, isto é, sem o conhecimento dos supostos possessos. Há possessos, por exemplo, que ao entrar em contato com algum objeto sagrado, ou quando sobre eles são recitadas as orações litúrgicas, são tomados por um furor indizível e blasfemam horivelmente. Contudo, esse sinal não é definitivo exceto quando tudo isso é feito *sem que o paciente o saiba*, porque quando tem conhecimento, o furor pode ser causado pela aversão a tudo o que é religioso ou por simulação. Portanto, não é fácil reconhecer uma verdadeira possessão e a discrição nunca será excessiva antes de chegar-se a um veredito.

1542. 3º - Diferenças entre a possessão e os distúrbios nervosos. As experiências feitas com pessoas acometidas de enfermidades nervosas têm demonstrado haver certa semelhança entre as manifestações exteriores dos possessos e os estados mórbidos.^[962] Contudo, tal fato não causa estranheza posto que o demônio pode produzir tanto desordens nervosas como fenômenos exteriores similares às neuropatias. Eis mais uma razão para sermos muito reservados nos juízos sobre os casos que se dizem possessão.

Todavia, essas similaridades são *unicamente* a dos *gestos exteriores*, que, em si, não bastam para comprovar a possessão. Ainda não foram encontrados doentes nervosos que falem línguas desconhecidas, revelem segredos do coração ou prevejam o futuro com precisão e certeza. Esses são, como já dissemos, os sinais mais certos da possessão. Quando todos estão ausentes, pode-se concluir que há somente uma neuropatia. Se por vezes os exorcistas equivocam-se, é porque se afastam das regras traçadas pelo *Ritual*. Para evitar enganos, convém que os casos sejam examinados não somente por sacerdotes, mas também por médicos católicos.^{[963]NT}

1543. Nesse sentido, Pe. Debreyne, que exercia a medicina antes de entrar na Trapa, conta que teve que tratar uma comunidade de mulheres cujo estado era semelhante aos das Ursulinas de Loudun. Curou-as em

pouco tempo com métodos terapêuticos, principalmente fazendo com que se dedicassem ao trabalho manual assíduo e variado.^[964]

Deve-se desconfiar sobretudo das *possessões epidêmicas*. Pode acontecer que um caso real de possessão produza, nos que o assistem, um estado nervoso *exteriormente* similar à da possessão. A melhor maneira de evitar essa espécie de contágio é dispersar as pessoas assim influenciadas, retirando-as do ambiente que as afeta.

II.II.II – Remédios Contra a Possessão

Os remédios são, *em geral*, aqueles eficazes para enfraquecer a ação do demônio sobre o homem, purificar a alma e fortalecer a vontade contra os assaltos diabólicos e, *em particular*, os exorcismos.

1544. 1º - Remédios gerais. Deverão ser empregados todos os que recomendamos quando falamos das tentações diabólicas (n^{os} 223 - 224).

A) Um dos mais eficazes é a *purificação* da alma por meio de uma boa *confissão*, principalmente de uma *confissão geral*, pois, humilhando-se e santificando-se, colocamos em fuga o espírito soberbo e impuro. O Ritual aconselha acrescentar à confissão, jejum, oração e a sagrada comunhão.^{[965]*} Quanto mais puros e mortificados estivermos, menos poder terá sobre nós o demônio, e a Eucaristia coloca dentro de nós aquele que venceu Satanás. Entretanto, somente deve ser recebida nos momentos de sossego.

B) Os *sacramentais* e os *objetos bentos* também têm grande eficácia, em razão das orações que a Igreja faz ao benzê-los. Santa Teresa depositava especial confiança na *água benta* e com fundamento, posto que a Igreja lhe atribui eficácia para afugentar o demônio.^{[966]*} Contudo, deve ser utilizada com grande espírito de fé, humildade e confiança.

C) O crucifixo, o sinal da cruz e, sobretudo, as relíquias autênticas da verdadeira cruz são temidas pelo demônio, que por ela foi vencido: “*aquele que venceu na árvore do paraíso, foi vencido pela árvore da cruz.*”^[967] Pela mesma razão o espírito maligno teme muito a invocação do santo nome de Jesus que, conforme a promessa do próprio Senhor, tem um maravilhoso poder para afugentar o demônio (Mc 16, 17).^{[968]*}

1545. 2º - Os exorcismos. Jesus Cristo deixou à sua Igreja o poder de expulsar os demônios. Por isso, com esse fim, muito cedo a Igreja instituiu a ordem dos *Exorcistas*, a quem conferiu o poder de impor as mãos sobre os possessos, catecúmenos ou batizados. Mais tarde compôs fórmulas de orações que deveriam ser empregadas. Porém, como a função de exorcista é muito difícil, pressupõe muita ciência, virtude e prudência, esse *solene* exercício foi restrito apenas a sacerdotes escolhidos para este fim pelo Ordinário. Contudo, os demais sacerdotes podem realizar *exorcismos privados*, utilizando as orações da Igreja e outras fórmulas. Até mesmo os leigos podem recitar essas orações, mas não em nome da Igreja. ^[969]

1546. O Ritual indica o modo de proceder e dá conselhos muito sábios aos exorcistas. Trazemos aqui apenas os principais. Após *comprovada* a possessão e recebida a *incumbência* de aplicar o exorcismo:

1. Convém preparar-se por uma *humilde e sincera confissão* para essa temível função, para que o demônio não possa expor publicamente os pecados dos exorcistas. Além disso, recomenda-se o jejum e a oração, haja vista que há demônios que somente cedem por esse meio (Mt 17, 20).

2. O exorcismo normalmente deve ser feito em alguma igreja ou *capela*, salvo se por razões graves for mais conveniente em uma *casa particular*. Seja onde for, jamais deverá ficar sozinho com o posseso; deve ser acompanhado por testemunhas sérias e devotas e fortes o bastante para dominar o posseso durante as crises. Quando for mulher, para contê-la deverá haver outras mulheres de prudência e virtude comprovadas e o sacerdote deverá portar-se com muito recato e modéstia.

1547. 3. Depois de recitadas as orações prescritas, o exorcista interrogará o posseso. As perguntas serão feitas com autoridade e se limitarão àquelas úteis e recomendadas pelo Ritual: o número e o nome dos espíritos possesores; quanto tempo estão e as razões de terem entrado naquele corpo; quando sairão e por quais sinais se reconhecerá a saída, ameaçando-os, se obstinarem-se em resistir, de aumentar-lhes os tormentos na proporção da resistência. Nesse intuito, serão repetidas as adjurações que mais pareçam irritá-los, a invocação dos santos nomes de Jesus e de Maria, os sinais da cruz e as aspersões de água benta; serão forçados a prostrarem-se diante do SS. Sacramento, do crucifixo ou de relíquias. Deve-se evitar

cuidadosamente a loquacidade, os gracejos e perguntas inúteis. Se o espírito maligno der respostas sarcásticas ou irônicas, ou divagar em digressões, com autoridade e dignidade será ordenado que se cale.

1548. 4. Não se deve permitir que as testemunhas, que devem ser poucas, ^[970]* façam perguntas. Devem manter-se em silêncio e recolhimento, orando em união com aquele que expulsa os demônios;

5. O exorcista, apesar da autoridade que se encontra investido, não deve querer confinar o demônio em algum lugar determinado. Limite-se a expulsar o espírito maligno, deixando que a Divina Justiça defina sua sorte. Os exorcismos normalmente requerem muitas horas e até mesmo dias, com intervalos de descanso, até que o demônio saia ou declare-se pronto a sair.

6. Quando a libertação estiver bem comprovada, o exorcista rogará a Deus que se digne proibir o demônio de retornar a qualquer tempo para o corpo do qual foi expulso. Também agradecerá a Deus e exortará o libertado a bendizê-lo e a evitar cuidadosamente o pecado, para não cair novamente sob o domínio de espíritos malignos.

CONCLUSÃO

1549. Esses fenômenos extraordinários, divinos ou diabólicos, mostram, por um lado, a misericordiosa bondade de Deus a seus amigos prediletos. Concede-lhes, junto com sofrimentos indescritíveis, como no caso da estigmatização, favores insignes que são como que um prelúdio da glória que lhes dará no céu. Por outro lado, o demônio, por inveja e ódio, também quer exercer seu tirânico poder sobre os homens. Para instigá-los ao mal, vale-se de meios extraordinários, persegue-os quando resistem e propagam o reino de Deus, e atormenta algumas vítimas por meio da possessão.

Portanto, há na terra duas cidades, bem descritas por Santo Agostinho; ou dois campos e dois estandartes, conforme Santo Inácio. Os verdadeiros cristãos não podem vacilar; quando mais se dão a Deus mais se libertam do poder do demônio. Se por vezes Deus permite que sejam provados, é somente para o seu bem e, mesmo no meio das tribulações, podem dizer com toda a confiança: *“Se Deus é por nós, quem será contra nós?”* (Rm 8, 31). Quem como Deus?

CAPÍTULO IV – QUESTÕES CONTROVERTIDAS^[921]

1550. Até o momento expusemos apenas a *doutrina comumente admitida* pelas diversas escolas de espiritualidade, e pode-se observar que elas são plenamente suficientes para guiar e elevar as almas até os mais altos graus de perfeição. Deus não quis condicionar o progresso na santidade à solução de questões livremente controvertidas. Não obstante, é chegado o momento de expor brevemente as principais questões ainda discutidas. Faremos isso procurando manter imparcialidade, não com o intuito de conciliar opiniões divergentes (o que é impossível), mas de buscar *aproximação* entre os escritores moderados das diversas escolas.

1551. Causas dessas divergências. Antes de iniciar, cabe fazer algumas considerações sobre as principais causas dessas divergências.

1) A primeira certamente decorre da *dificuldade e obscuridade* das questões debatidas. Com efeito, não é fácil penetrar nos segredos desígnios de Deus sobre o *chamamento universal* dos batizados à contemplação infusa, ou até mesmo *determinar* com precisão a própria natureza desse ato misterioso em que Deus exerce o papel principal, no qual a alma é mais passiva que ativa e *recebe* luz e amor sem perder a liberdade. Portanto, não é surpreendente que os autores que tentam desvendar essas maravilhas nem sempre chegam às mesmas conclusões.

2) Outra causa origina-se da *diversidade dos métodos*. Como ficou dito (nº 28), todas as escolas buscam reunir os dois métodos, *experimental* e *dedutivo*. Contudo, enquanto umas dão maior ênfase ao *experimental*, outras enfatizam o *dedutivo*, e disso resulta a diversidade de conclusões. Os primeiros, diante da constatação do *escasso número de contemplativos*, explicam que nem todos são chamados à contemplação. Os últimos, ao verificar que todos possuem um *organismo sobrenatural suficiente* para chegar à contemplação, concluem que há poucos contemplativos porque há poucas almas suficientemente generosas para fazer os sacrifícios necessários para alcançar a contemplação.

1552. 3) Essa divergência de pontos de vista acentua-se com a educação, o temperamento e o gênero de vida de cada um. Há fatores naturais que

tornam alguns mais aptos que outros à contemplação, e quando esses fatores são ajudados pela educação e pelo gênero de vida, gera-se uma inclinação natural para pensar que a contemplação é algo normal no desenvolvimento espiritual. Outros, mais ativos, cujo temperamento e ocupações diárias geram maior número de obstáculos à contemplação, deduzem facilmente ser ela um estado extraordinário.

4) Por fim, não se deve esquecer que os sistemas filosóficos e teológicos adotados, sobre conhecimento e amor, graça eficaz e suficiente, repercutem na teologia mística. Assim, quem admitir, como os tomistas, que a *graça é eficaz por si mesma*, ficará mais inclinado a considerar que o estado passivo é um prolongamento do ativo, porque até mesmo neste último a alma já opera sob a moção eficaz da graça.

Portanto, não há que se estranhar essa disparidade de opiniões sobre pontos tão difíceis e cada um deve ter a liberdade de optar pelo sistema que lhe parecer mais bem fundamentado.

No momento atual, podem resumir-se a três as principais questões disputadas: 1º - A *natureza* da contemplação infusa; 2º - O *chamamento universal* à contemplação; 3º - O momento *normal* em que se inicia.

I – A NATUREZA DA CONTEMPLAÇÃO

1553. Todos concordam que a contemplação *infusa*, ou *mística*, é um dom gratuito de Deus, que nos põe no estado passivo e dá-nos amor divino e conhecimento, que a nós incumbe apenas receber. Mas em que consiste esse conhecimento? Certamente é diferente daquele que alcançamos com a luz da fé e, todos concordam, é *experimental* ou *quase experimental* (nº 1394). Mas é *imediato*, sem mediação de coisa alguma, ou *mediato*, por meio de espécies, quer adquiridas ou infusas? Há duas respostas a esse questionamento.

1554. 1º - **Teoria do conhecimento imediato.** Esta teoria que postula a autoridade de Pseudo-Dionísio, da escola de São Vítor e da escola mística flamenga, sustenta que a contemplação infusa é uma *percepção*, ou *intuição*, ou *visão imediata*, ainda que *obscura* e *confusa*, de Deus. Por ser

imediate, distingue-se do conhecimento ordinário da fé; por ser *obscura*, diferencia-se da visão beatífica. Há variações no modo de expô-la.

O Pe. Poulain,^[972] apoiando-se na teoria dos *sentidos espirituais*, opina que a alma contemplativa sente diretamente a presença de Deus: *“Durante essa união, quando não é muito elevada, é comparável a alguém colocado ao lado de um amigo, mas em um local completamente escuro e silencioso. Não o vê nem o ouve, apenas sente que ele está ali por meio do tato, porque tem sua mão posta na dele. E assim mantém-se pensando nele e amando-o.”*

1555. O Pe. Maréchal, depois de ter verificado que os místicos afirmam a existência, nos estados de alta contemplação, de uma intuição intelectual de Deus e da indivisível Trindade, é de opinião *“que a alta contemplação envolve um elemento novo, qualitativamente distinto das atividades normais e da graça ordinária ... a apresentação ativa, não simbólica, de Deus na alma, com o seu correspondente psicológico: a intuição imediata de Deus pela alma.”*^[973] Acrescenta que isso não parece tão estranho, se admitirmos (como antes exposto) que a intuição do ser é, por assim dizer, o centro da perspectiva da psicologia humana.

Essa teoria foi aperfeiçoada pelo Pe. Picard.^[974] Depois de expor, sob o ponto de vista *natural*, que não é impossível uma *apreensão* ou *intuição imediata* de Deus, ainda que *confusa* e *obscura*, e tendo sido demonstrada, pelas provas clássicas, a existência de Deus, o Pe. Picard aplica essa teoria à contemplação mística. Deus, cuja presença viva faz-se sentir no fundo da alma *“às vezes dela se apodera, concentrando suas faculdades cognitivas sobre ele próprio, no silêncio, na admiração e na paz. Outras vezes apodera-se da sua vontade e das suas faculdades afetivas, como Senhor. ... Quando a alma sente que Deus dela se apodera pelas faculdades cognitivas, temos a oração de recolhimento; quando se sente presa pelas faculdades volitivas e afetivas, temos a oração de quietude.”* A seguir o autor mostra que, à medida que Deus torna mais forte essa união e apodera-se da alma de modo mais absoluto, exclusivo e dominante, a alma progride para os graus superiores de contemplação.

Por fim, acrescenta que essa teoria é muito *diferente do ontologismo*, porque nela afirma-se que a noção de ser procede da percepção do ser finito, que é análoga e necessita, para ser aplicada a Deus,

que a existência dele seja previamente demonstrada. Rejeita a *visão em Deus*: é o nosso intelecto, finito e imperfeito, que somente com a ajuda de suas ideias e atos finitos e imperfeitos, alcança todas as verdades das quais adquire conhecimento. Ademais, essa intuição é essencialmente confusa e obscura.

1556. 2º - Teoria do conhecimento mediato. Contudo, a *opinião dominante* é que o conhecimento do contemplativo, por mais perfeito que seja, permanece sempre *mediato* e ao mesmo tempo *confuso* e *obscuro*, embora *quase-experimental*. Nos primeiros graus Deus limita-se em projetar a sua luz, *a luz dos dons*, sobre nossos conceitos já existentes, seja atraindo, de um modo marcante, a nossa atenção para alguma ideia, seja fazendo-nos deduzir de duas premissas uma conclusão que nos comova vivamente (nº 1390). Já nos graus superiores, como na união extática, infunde em nós novas *espécies inteligíveis*, que representam as verdades divinas de uma forma muito mais penetrante que os nossos próprios conceitos. A alma então entra em *êxtase* ao perceber as verdades que até então lhe eram desconhecidas. E, como gosta e saboreia essas verdades, tem delas um conhecimento *quase-experimental*. Este conhecimento não deixa de ser um conhecimento de fé, porém muito mais vivo e, sobretudo, mais afetuoso que o conhecimento ordinário. Diferencia-se deste último porque é *recebido* de Deus e também porque a alma *recebe* a um só tempo conhecimento e amor, tendo somente que *consentir* na ação divina que nela produz esses dons tão preciosos.

1557. De nossa parte aderimos a essa doutrina, que já foi exposta no Capítulo II desta terceira parte do livro. Parece-nos que ela preserva melhor a diferença essencial entre a contemplação, que permanece *mediata* e *obscura*, e a visão beatífica, que é imediata e clara. Contudo, de forma alguma acusamos de ontologismo os que sustentam como provável a opinião de uma intuição imediata, haja vista que insistem sobre o caráter confuso e obscuro, e rejeitam o princípio fundamental do ontologismo ao afirmar que o espírito somente se eleva a Deus através das criaturas. ^[975]*

Sem dúvida muitos místicos empregam expressões ousadas que parecem supor, à primeira vista, que eles estão em contato imediato com a substância divina, que veem a Deus. Porém, quando se examina o contexto,

percebe-se que essas expressões devem ser entendidas como os *efeitos* produzidos na alma pela ação divina.^[976]* Pelo dom da sabedoria saboreamos o *amor*, a *alegria*, a *paz espiritual*, que Deus nos infunde na alma. Daí é que surge a expressão “*gostos divinos*”, nome que Santa Teresa dá à oração de quietude. Em razão dos *toques divinos*, tão profunda é a impressão produzida pelo amor divino, que parece aos místicos que a própria substância da alma é tocada. Todavia, quando chegam a detalhar suas impressões, tudo o que descrevem acabam por remeter aos diferentes efeitos de um amor ardente e generoso. Portanto, pode-se pensar que o emprego de expressões tão fortes deve-se à pobreza da linguagem humana, que não permite descrever as impressões da graça produzidas na alma.

II – O CHAMAMENTO UNIVERSAL À CONTEMPLAÇÃO

1558. Não se trata aqui do *chamamento individual e próximo* de que falamos (nº 1406). Nesse ponto, todos estão de acordo com a doutrina de Tauler e de São João da Cruz. Trata-se do *chamamento remoto, suficiente e geral*, ou seja, questiona-se *se todas as almas em estado de graça são chamadas de modo geral, remoto e suficiente à contemplação infusa*. Nesse aspecto encontramos duas respostas antagônicas, originadas, em grande parte, nos diferentes pontos de vista que se têm da contemplação.

1559. 1º - **A vocação universal**, remota e suficiente é hoje admitida, salvo por algumas variantes, por grande número de escritores de diversas ordens religiosas, como os dominicanos,^[977] beneditinos,^[978] e também alguns franciscanos,^[979] carmelitas,^[980] jesuítas,^[981] eudistas,^[982] e ainda alguns do clero secular.^[983] Várias revistas, em especial *Vie spirituelle*, foram publicadas para sustentar e divulgar essa opinião. O Pe. Garrigou-Lagrange defende com ardor essa tese, tenta demonstrar que a vida mística é o *desenvolvimento normal* da vida interior e, *portanto*, todas as almas em estado de graça são chamadas a ela. Em resumo, seus argumentos são:

a) O *princípio “raiz” da vida mística* é o mesmo que o da vida interior comum, qual seja, a graça santificante ou a graça das virtudes e dos dons. Os dons crescem com a caridade e, quando atingem o desenvolvimento pleno, agem em nós *segundo um modo sobre-humano* e põem-nos no estado

passivo ou místico. Portanto, o princípio da vida interior contém o gérmen da vida mística que, na terra, é como a flor da vida sobrenatural.

1560. b) A purificação da alma que progride na vida interior não chega ao fim senão através das *purificações passivas*. Estas purificações são de ordem mística. Assim, a vida interior não alcança seu desenvolvimento pleno senão pela vida mística.

b) O fim da vida interior é o mesmo que o da vida mística, ou seja, uma disposição muito perfeita para receber a luz da glória imediatamente depois da morte, sem passar pelo purgatório. *“Mas a disposição perfeita para receber a visão beatífica logo depois do último suspiro não pode ser outra que a caridade intensa de uma alma completamente purificada, com ardente desejo de ver a Deus, tal como encontramos na união mística, e mais precisamente na união transformante. Na terra, sem dúvida, este é o ponto mais elevado da vida da graça.”*^[984]

1561. 2º - Teoria da vocação especial e limitada. Os argumentos acima expostos não parecem convincentes a todos. Grande número de autores espirituais pertencentes aos jesuítas, como o Cardeal Billot, os Padres de Maumigny, Poulain, Bainvel, J. de Guibert, e aos carmelitas descalços, como o Pe. Marie-Joseph du Sacré-Couer, ou não vinculados a nenhuma escola, como o Mons. Lejeune e Mons. Farges, opinam que a contemplação infusa é *dom gratuito que não é dado a todos* e que, além disso, *não é necessária para alcançar a santidade*. Em resumo, seus argumentos são:^[985]

a) A teoria precedente é certamente uma magnífica construção teológica, mas nem todas as pedras desse edifício parecem ser igualmente sólidas. Assim, por exemplo, *“não resta comprovado que os sete dons correspondam a sete hábitos infusos distintos e não somente a sete ordens de graças diferentes, e que, para recebê-las, a inteligência e a vontade são preparadas cada uma por um único hábito. Destarte, mesmo que isso estivesse demonstrado, seria ainda necessário provar que os dons de sabedoria e de entendimento somente podem exercer plenamente sua função através da contemplação, e nunca por graças iluminativas que não pertencem necessariamente a esse gênero especial de oração, e esse argumento não parece fora de contexto.”*^[986]

Também não está comprovado que os dons operem sempre segundo um modo *supra-humano*. O Pe. Billot^[987] tem a opinião de que os dons operam de dois modos: às vezes de um *modo ordinário*, acomodando-se ao nosso modo humano de obrar e, outras vezes de *modo extraordinário*, produzindo em nós a contemplação infusa.

1562. b) Não resta dúvida que as provações passivas parecem ser *o meio mais poderoso de purificar uma alma*, fazendo-a passar por um verdadeiro purgatório. Contudo, neste vale de lágrimas, em que há tantas ocasiões de sofrer e mortificar-se, seria impossível, por uma doce conformidade com a vontade de Deus e de mortificações positivas, feitas sob inspiração do Espírito Santo e com os conselhos de um prudente diretor espiritual, passar pelo Purgatório na terra? Acaso está demonstrado que as graças da contemplação são a única forma de graças de predileção? Todos concordam que há almas que, embora não tenham chegado à contemplação infusa, são mais perfeitas que outras que Deus, por sua livre eleição e vontade, elevou à contemplação precisamente para torná-las melhores (nº 1407). Se são mais perfeitas, estão por isso mesmo mais purificadas. Então, poderá ocorrer que, no momento da morte, a purificação esteja completa.

c) Também é certo que o fim da vida interior e da vida mística é preparar-nos para a visão beatífica e que a *união transformante* é, para algumas almas, a melhor preparação. Mas seria a única? Há almas que não saem da oração discursiva e afetiva e, no entanto, são modelo de heroicas virtudes, e que, exteriormente e aos olhos de quem profundamente as conhecem, parecem ser tão virtuosas, até mesmo mais que outras contemplativas. Acaso está provado que os dons do Espírito Santo não intervêm de modo eminente nessas milhares de orações jaculatórias, que certas pessoas fazem enquanto se ocupam nos seus afazeres cotidianos, no exercício constante e sobrenatural de suas obrigações profissionais que, por serem tão contínuas, exigem uma virtude heroica? Todavia, quando essas pessoas são interrogadas, não se encontra nelas vestígio algum de contemplação propriamente dita, ou pelo menos habitual. Não seria, pois, necessário admitir que Deus sabe adaptar as suas graças ao caráter, à educação e ao estado providencial de cada um, e que não conduz todas as almas pelo mesmo caminho? Que, mesmo exigindo de todas uma perfeita

docilidade às inspirações do Espírito Santo, reserva-se no direito de santificá-las por meios diversos?

1563. 3º - **Tentativa de aproximação.** Refletindo sobre as razões expostas pelas duas vertentes teológicas, pareceu-nos possível haver uma aproximação.

A) Primeiramente registremos os pontos comuns que os escritores moderados das duas vertentes estão de acordo.

a) Houve, e pode haver, contemplativos *dos mais diversos temperamentos e condições*. Contudo, de fato há temperamentos e condições de vida mais propícios à contemplação infusa. A razão disso é que a contemplação é um dom gratuito que Deus concede a quem quer e quando quer (nº 1387) mas, por outro lado, costuma adaptar suas graças ao temperamento e aos deveres profissionais de cada um.

b) A contemplação não é santidade, mas somente um dos *meios mais eficazes* para alcançá-la. Com efeito, a santidade consiste na caridade, na união íntima e habitual com Deus. Assim, a contemplação é em si um caminho mais curto para chegar à união, mas não o único, e há almas não contemplativas que *“podem estar mais adiantadas na virtude, na verdadeira caridade, que outras que já receberam a contemplação infusa.”*^[988]

c) Todos, pelo batismo, recebemos um *organismo sobrenatural* (a graça habitual, as virtudes e os dons) que, chegando ao seu *pleno desenvolvimento*, leva *normalmente* à contemplação, no sentido de que nos dá aquela *docilidade* que possibilita a Deus colocar-nos no estado *passivo*, *quando e do modo que lhe aprouver*. Porém, de fato há almas que, não por sua falta, jamais chegam à contemplação.^{[989]*}

1564. B) Malgrado a concordância sobre esses pontos importantes, há divergências que se originam, em nossa opinião, de tendências mais ou menos favoráveis ao estado místico e de considerá-lo mais ou menos ordinário ou extraordinário. Como toda modéstia propomos uma solução que encerra duas assertivas: **a)** *a contemplação infusa é em si mesma um prolongamento normal da vida cristã*; **b)** Não obstante, nem todas as almas em estado de graça parecem ser chamadas à contemplação, nesta incluída a união *transformante*.

a) A contemplação infusa, quando considerada independentemente dos fenômenos místicos extraordinários que às vezes a acompanham, não tem nada de milagrosa, de anormal, mas é o resultado de duas causas: do *desenvolvimento* de nosso organismo sobrenatural, especialmente dos dons do Espírito Santo (nº 1355); de uma *graça operante*, que não tem nada de milagrosa. Com efeito, já dissemos que a infusão de espécies intelectuais novas não é necessária nos primeiros graus de contemplação (nº 1390). Pode-se até acrescentar, juntamente com o Congresso Carmelita de Madri, que a contemplação, *em si*, é o estado mais perfeito de união entre Deus e a alma que se pode alcançar nesta vida; o ideal mais elevado, a última etapa da vida cristã na terra *para as almas chamadas à união mística com Deus*; o caminho normal da santidade e da virtude habitualmente heroica.^[990]* Esta parece ser a doutrina tradicional, tal como encontrada nos autores místicos, desde Clemente de Alexandria até São Francisco de Sales.

1565. b) Contudo, *dessas premissas não se conclui necessariamente que todas as almas em estado de graça sejam verdadeiramente chamadas, nem mesmo remotamente, à união transformante*. Assim como no céu há muitos graus diferentes de glória, “*uma estrela difere da outra na claridade*” (I Cor 15, 41), assim na terra há diversos graus de santidade aos quais as almas são chamadas nesta vida. Por conseguinte, Deus, sempre livre na distribuição de seus dons e, sabendo acomodar sua ação ao temperamento, à educação e as condições de vida de cada um, pode elevar as almas ao grau de santidade para o qual as destinou, por *diversas vias*.

Aquelas que, por seu caráter mais ativo e em razão de suas ocupações mais absorventes, parecem haver nascido mais para a vida ativa que para a contemplativa, concede-lhes graças condizentes com o exercício dos dons *ativos*. Essas almas viverão em união íntima e habitual com Deus, às vezes farão tantas orações jaculatórias, que seu número parecerá estar acima das forças humanas. Sobretudo, realizarão, sob olhar de Deus e por amor ao Senhor, com heroica constância e contínua docilidade às inspirações da graça, as inúmeras obrigações de cada dia. Dessa forma chegarão ao grau de santidade para o qual Deus as destina, sem o auxílio, pelo menos habitual, da contemplação infusa. Percorrerão a *via unitiva simples*, tal como a descrevemos (nº 1303).

Certamente poderá argumentar-se que esses casos são *exceções*, e que o caminho normal de santidade é a contemplação.^[991] Todavia, quando tais exceções são *numerosas*, não seria correto considerá-las na questão do chamamento remoto, posto que o temperamento e os deveres de estado são elementos que ajudam a resolver a questão da vocação?

Na realidade, a concordância entre os autores é mais real do que parece indicar a diferença de linguagem. Alguns, considerando a questão sob o aspecto *abstrato* e *formal*, não obstante conservarem o princípio da universalidade, admitem numerosas exceções ao chamamento universal. Outros, colocando-se no *terreno prático dos fatos*, preferem simplesmente declarar que o chamamento não é universal, ainda que a contemplação seja um prolongamento normal da vida cristã.

1566. c) A solução que propomos está, em nosso parecer, fundamentada na *doutrina tradicional*. 1) Por um lado, quase todos os autores espirituais, de Clemente de Alexandria a São Francisco de Sales, tratam a contemplação como o coroamento normal da vida espiritual.^{[992]*} 2) Por outro lado, muito poucos dentre eles detiveram-se explicitamente sobre a questão do chamamento universal à contemplação, e os que o fizeram, quase sempre se dirigem às almas escolhidas que vivem em comunidades contemplativas ou, pelo menos, muito fervorosas. Assim, quando afirmam que todos, ou quase todos, podem chegar à fonte das águas vivas (a contemplação), falam para os membros de sua comunidade e não para todas as almas em estado de graça. Além disso, a partir do século XVII, época em que se começa a falar com precisão, muitos dos autores exigem para a contemplação infusa uma *vocação especial*, e muitos são favoráveis à opinião de que se pode chegar à santidade sem a contemplação.^{[993]*}

Convém, pois, não confundir as duas questões. Pode-se admitir que a contemplação é um prolongamento normal da vida espiritual sem afirmar que todas as almas em estado de graça são chamadas à união transformante.

1567. Acrescente-se a isso que, o atingimento da santidade e a direção espiritual das almas que a buscam, independe da solução desse difícil problema. Quando se insiste no cultivo os dons do Espírito Santo e no perfeito desapego de si mesmo e das criaturas; quando se conduz as almas gradualmente à oração da simplicidade e ensina-se que escutem a voz de

Deus e que sigam as inspirações divinas, está-se justamente colocando-as no caminho que conduz à contemplação. O que está além disso pertence a Deus, que é o único que pode apoderar-se das almas e, conforme a graciosa comparação de Santa Teresa, *colocá-las no ninho*, ou seja, no repouso contemplativo.

III – O MOMENTO EM QUE COMEÇA A CONTEMPLAÇÃO

1568. Como a maioria dos autores, opinamos que a contemplação infusa pertence à via unitiva. Porém, certamente há *casos excepcionais*, em que Deus eleva à contemplação almas menos perfeitas, precisamente para aperfeiçoá-las com maior eficácia (nº 1407). Mas isso não é comum.

Não obstante, há autores de renome, como o Pe. Garrigou-Lagrange, que situam a *purificação dos sentidos* e a oração de *quietude* na via iluminativa. Apoiam-se em São João da Cruz, que diz na Noite Escura:^[994] “A noite sensitiva é comum, e acontece a muitos dos que são principiantes.” ... “a via do espírito, que é dos proficientes e adiantados, via a que por outro nome também chamam via iluminativa ou de contemplação infusa. Neste caminho, Deus vai por si mesmo apascentando e nutrindo a alma, sem que ela coopere ativamente com qualquer indústria ou raciocínio.” Há muito tempo já conhecíamos esse texto, mas com o H. Hoornaert,^[995] que traduziu os trabalhos do grande místico, encontramos um significado diferente. São João da Cruz, em suas diversas obras, fala apenas da contemplação infusa e, nesta contemplação, há os *principiantes*, *proficientes* e *perfeitos*. Os *principiantes*, segundo ele, são os que estão para entrar na *purgação passiva dos sentidos*. Por isso, dirige-se a eles desde o primeiro capítulo da Noite Escura. Os *proficientes* são os que entraram na contemplação infusa, a *quietude* e a *união plena*. Os perfeitos são os que atravessaram a noite do espírito e estão na união extática ou *união transformante*. Portanto, esse ponto de vista é o mais comum.

1569. Destarte, do ponto de vista didático, que deve preponderar em um *compêndio*, é importante tratar tudo que se refere aos diferentes gêneros de contemplação em um único tópico, para que se compreenda melhor a sua natureza e os seus diversos graus. Por essa razão cremos ser dever nosso

manter o plano comumente seguido. Contudo, apresso-me a acrescentar que Deus, cujos caminhos são tanto *múltiplos* como *maravilhosos*, nem sempre segue *esquemas lógicos* que buscamos traçar. O importante para o diretor espiritual é não se antecipar, mas seguir os movimentos da graça.

1570. Por isso, concluímos com estas palavras de *L'Ami du Clergé*:^[996] “*o que se discute tão vivamente em teoria não impede a certeza sobre um certo número de regras práticas essenciais. ... Para tirar proveito das propriedades medicinais de uma planta, não é estritamente necessário dela conhecer a família ou o nome científico. O mesmo ocorre com a contemplação: os autores não chegam a um acordo sobre sua definição ou o lugar que ocupa nas classificações teológicas. ... Sem esperar pelos resultados técnicos e teóricos, os diretores espirituais sabem o que importa para distinguir o fim para o qual encaminham as almas generosas e predestinadas, e a forma de ajudá-las a atingi-lo.*” Veremos isso mais claramente nas conclusões que abaixo assinalamos.

CONCLUSÃO DO LIVRO III: DIREÇÃO ESPIRITUAL DOS CONTEMPLATIVOS

Ao longo deste livro indicamos muitas vezes as regras a serem seguidas na direção espiritual. Convém agora fazer uma síntese, indicando qual deve ser o procedimento do diretor espiritual para preparar as almas para o estado contemplativo, para guiá-las no meio dos obstáculos que encontram no caminho e para reerguê-las, se tiverem a infelicidade de cair.

1571. 1º - O diretor espiritual que dirige almas *generosas*, tem o dever de prepará-las pouco a pouco para a via unitiva e para a contemplação. Nessa matéria, dois excessos precisam ser evitados: o de querer levar *rápida e indistintamente* todas as almas piedosas pelos caminhos da contemplação, e o de crer que é inútil ocupar-se com isso.

1572. A) Em relação ao primeiro caso: a) O diretor deve estar consciente de que, regra geral, ninguém deve pensar em contemplação sem antes

haver-se exercitado por longo tempo na oração e na prática das virtudes cristãs, na pureza de coração, no desapego de si mesmo e das criaturas, na humildade, na obediência, na conformidade com a vontade de Deus, no espírito de fé, de confiança e amor. Não deverá esquecer as recomendações de São Bernardo^[997]: “*Se existem contemplativos entre os monges, nunca são os novatos na virtude, que mortos recentemente ao pecado, com gemidos e temor do juízo, ocupam-se em curar as feridas ainda abertas. São aqueles que, depois de terem cooperado com a graça por muito tempo, progrediram muito na virtude e não mais precisam ficar revolvendo o espírito com a triste recordação de seus pecados, mas colocam suas delícias em meditar dia e noite na lei de Deus e em guardá-la.*”

b) Se perceber nas almas *desejos excessivos* e até mesmo *presunçosos* pela contemplação, tratará de sossegá-las, alertando que ninguém pode, por si mesmo, alcançar a contemplação se Deus não a alçar a esse estado e que as delícias da oração geralmente são precedidas por amargas provações.

c) Tomará muito cuidado em não confundir as consolações *sensíveis* dos principiantes e também as *espirituais* dos proficientes, como os *gostos divinos* (nº 1439), e aguardará, antes de julgar sobre a entrada no estado passivo, que se apresentem os três sinais característicos (nºs 1413 - 1416).

1573. B) Para fugir do segundo excesso, recordará que Deus, sempre pródigo em seus dons, generosamente se dá às almas fervorosas e dóceis.

a) Sem falar explicitamente sobre contemplação, conduzirá as almas boas, não somente às virtudes, mas também à devoção ao Espírito Santo. Frequentemente as recordará sobre a habitação do Espírito Santo na alma e sobre o dever de pensar nele muitas vezes, de adorá-lo, seguir suas inspirações e de cultivar os seus dons.

b) Pouco a pouco, procurará ajudá-las a mudar a forma de oração, **tornando-a mais afetiva**, a prolongar seus atos de religião, de amor, de entrega de si mesmo, de conformidade com a vontade de Deus. Ensinará que tais atos deverão ser renovados muitas vezes durante o dia através de uma simples elevação do coração, sem descuidar dos deveres de estado e da prática das virtudes. Quando perceber que elas estão inclinadas a permanecer em silêncio na presença de Deus, para escutar sua voz e fazer sua vontade, procurará incentivá-las, dizendo-lhes que esse tipo de oração é excelente e muito proveitoso.

1574. 2º - Depois que a alma *entrou nas vias místicas*, o diretor espiritual precisa de extrema prudência para poder guiar a alma por entre as *securas* e *doçuras* divinas.

A) Durante as provações passivas, é preciso dar forças à alma contra o desalento e as demais tentações, conforme dissemos (n^{os} 1432 - 1434).

B) Na contemplação suave a alma expõe-se à *gula espiritual* e à *vã complacência*.

a) Para evitar a primeira dessas faltas, é muito importante ter continuamente presente que se deve amar *somente a Deus* e não as consolações divinas; que as consolações são apenas um meio para unir-nos a Deus e que devemos estar dispostos a renunciá-las completamente no momento em que Deus quiser retirá-las de nós. *Só Deus basta!*

b) Por vezes o próprio Deus se encarrega de conter os movimentos de orgulho, imprimindo na alma um profundo sentimento do próprio nada e de suas misérias, fazendo-a ver claramente que os favores que lhe concedeu são *puro dom*, do qual ninguém se pode gloriar. Enquanto as almas não estiverem inteiramente purificadas pela noite do espírito, é necessário, como diz Santa Teresa, exercitar-se sem cessar na humildade e na conformidade com a vontade de Deus (n^{os} 1447 e 1474). Sobretudo, é preciso preveni-las contra o desejo de visões, revelações e demais fenômenos extraordinários. Nunca será permitido desejá-los e os santos procuravam ciosamente resistir-lhes, por humildade (nº 1496).

1575. C) Não se deve esquecer, conforme expressão de S. Francisco de Sales, que o êxtase, quando não acompanhado de um *êxtase da vida*, isto é, da prática das virtudes heroicas, é pura ilusão (nº 1461). Seria grave ilusão descuidar das obrigações de estado para dar-se mais tempo à contemplação. O Pe. Baltazar Álvarez, que foi confessor de Santa Teresa, dizia claramente que a contemplação deve ser deixada para cumprir os próprios deveres ou socorrer as necessidades do próximo. Acrescentava ainda que, para aquele que assim se mortifica, Deus concede mais luz e amor em uma hora de oração, que para outros em muitas horas. ^[998]

1576. D) Ilusão ainda mais grave seria imaginar que a *contemplação confere o privilégio da impecabilidade*. A história nos mostra que os falsos místicos, como os begardos e os quietistas, que se acreditavam impecáveis,

acabaram caindo em faltas grotescas. Santa Teresa insiste constantemente na necessidade de vigilância para evitar o pecado, mesmo que a alma tenha alcançado os mais altos graus de contemplação. São Felipe Neri dizia muitas vezes: “*Senhor, desconfiai de Felipe, porque ele vos atraíçoaia.*” De fato, não conseguimos perseverar por muito tempo sem uma graça especial, e essa graça é concedida aos humildes que desconfiam de si mesmos e põem toda a confiança em Deus.

1577. 3º - Portanto, deve-se prever casos em que almas contemplativas caíam em pecado. Essas quedas podem advir de várias causas:

a) A alma foi elevada à contemplação antes de dominar suas paixões suficientemente e, em vez de continuar lutando com vigor, deixou-se levar pelo repouso. Surgiram então violentas tentações e, por estar demasiadamente confiante em si mesma, sucumbiu. O remédio é a *compunção*, o retorno a Deus com o coração contrito e humilhado, e uma longa e árdua penitência. Quanto maior for a altura da queda, mais humildes e constantes deverão ser os esforços para subir novamente a ladeira e chegar ao cume. Cabe ao diretor lembrar constantemente essa necessidade, com bondade, mas também com firmeza.

b) Há contemplativos que depois de haver lutado vigorosamente para vencer suas más inclinações, e de ter conseguido, imaginam que a luta terminou e relaxam os esforços. Começam a mostrar pouca generosidade no cumprimento de certas obrigações que consideram menos importantes. É uma espécie de relaxamento progressivo que pode desaguar na tibieza. É muito importante deter esse movimento de retrocesso, lembrando-os que, quando mais generoso Deus se revela para com eles, mais fervorosos devem ser, e que as menores negligências dos amigos de Deus, ferem-no vivamente, pois que ele os preenche de favores. Na autobiografia de Santa Margarida Maria lê-se as duras queixas que Nosso Senhor lhe dirigiu para que corrigisse suas menores infidelidades: faltas de respeito e desatenção no momento do ofício e da oração, defeitos de retidão e pureza em suas intenções, vã curiosidade, as menores faltas de obediência, ainda que estas fossem para impor-se maiores austeridades. O diretor pode inspirar-se nessas leituras para reconduzir as almas ao fervor.

1578. c) Outras almas esperavam encontrar na contemplação, depois de passadas as primeiras provas passivas, somente suavidade e gostos divinos. Todavia, Deus continua a enviar-lhes alternâncias de consolações e desolações para santificá-las cada vez mais. Então desanimam-se e correm o risco de cair no relaxamento e em suas consequências. O melhor remédio é inculcar-lhes sem cessar o *amor à cruz*, não porque a cruz seja amável em si mesma, mas porque nos torna mais semelhantes a Jesus crucificado.

Destarte, dizia o Santo Cura d'Ars:^[999] “*A cruz é um dom que Deus faz a seus amigos. O amor à cruz deve ser pedido, e então ela se torna suave. Fiz essa experiência ... Oh! Eu tinha muitas cruzes, quase mais do que podia suportar. Pus-me então a pedir o amor das cruzes e então fui feliz ... Verdadeiramente não há felicidade senão na cruz.*”

Para resumir tudo em poucas palavras: o que o diretor deve fazer com relação às almas contemplativas é estudar as obras e biografias dos místicos e pedir o *dom do conselho*, não lhes dizendo coisa alguma antes de haver consultado o Espírito Santo.

EPÍLOGO: AS TRÊS VIAS E O CICLO LITÚRGICO^[1000]

1579. Depois de termos percorrido as três vias, ou três estágios, que conduzem à perfeição, não será sem proveito ver como em todos os anos a Santa Igreja nos convida, pela *liturgia*, a recomeçar e a aperfeiçoar a obra da nossa santificação em seus três degraus: a *purificação*, a *iluminação* e a *união com Deus*. De fato, a vida espiritual é um *contínuo recomeçar* e o *ciclo litúrgico* nos convida todos os anos a renovar os esforços.

Tudo na liturgia refere-se ao Verbo Encarnado, nosso Mediador e Redentor, que nos é apresentado, não somente como modelo a imitar, mas também como cabeça de um corpo místico a cujos membros ele dá vida para que pratiquem as virtudes, das quais foi exemplo. Cada festa e cada período litúrgico nos recorda algumas das virtudes de Jesus; traz-nos as graças que ele nos mereceu, para que as reproduzamos em nós, com a sua cooperação.

1580. O ano litúrgico, que corresponde às quatro estações do ano, adapta-se muito bem às quatro principais fases da vida espiritual.^[1001]* O

Advento corresponde à *via purgativa*; o tempo do *Natal* e da *Epifania*, à *via iluminativa*, em que seguimos Jesus imitando suas virtudes; o tempo da *Septuagésima* e da *Quaresma* traz consigo a *segunda purificação* da alma, mais profunda que a primeira; o tempo da *Páscoa*, à *via unitiva*, pela união com Cristo ressuscitado, que atinge sua perfeição na Ascensão e com o Pentecostes. Explicaremos brevemente esse ciclo litúrgico.

1581. 1º - O **Advento**, que significa vinda, é uma preparação para a *vinda* do Salvador e, por conseguinte, um período de *purificação* e *penitência*.

A Igreja nos convida a meditar sobre as três vindas de Jesus: a sua vinda na terra pela encarnação, a do interior das almas pela graça e a do fim dos tempos para julgar todos os homens. Contudo, a Igreja deseja que nossa atenção esteja voltada principalmente para a primeira vinda: lembra-nos dos suspiros dos patriarcas e profetas, para que com eles desejemos a vinda do Libertador prometido e o estabelecimento, ou confirmação, do seu reino em nossas almas. Assim, é um tempo de *santos desejos* e súplicas fervorosas, em que pedimos a Deus que faça descer sobre nós o orvalho da graça e, especialmente, o próprio Redentor: “*Gotejai, ó céus, lá do alto, derramem as nuvens a justiça*” (Is 45, 8). Esta oração torna-se mais premente com as grandes antífonas, *O Emmanuel*, *Rex gloriæ*, *Oriens*, etc., que, recordando-nos dos títulos gloriosos dados ao Messias pelos profetas e das principais características de sua missão, faz-nos desejar a vinda daquele Único que pode aliviar as nossas misérias.

1582. Todavia, também é tempo de *penitência*. Nele a Igreja recorda-nos o juízo final, para o qual é preciso preparar-se pela expiação de nossos pecados. A pregação de São João Batista convida-nos à penitência para essa preparação: “*Preparai o caminho do Senhor, endireitai as suas veredas*” (Lc 3, 4). Antigamente jejuava-se três vezes por semana; algumas ordens religiosas ainda o fazem. Embora a Igreja já não prescreva o jejum aos seus filhos, exorta-os a supri-lo com outras mortificações. Além disso, para manter sempre presente o espírito de penitência, celebra as missas desse tempo com a cor roxa, símbolo do luto.

Esses santos desejos e as práticas de penitência, obviamente tendem a purificar a alma, preparando-a para o reinado de Jesus.

1583. 2º - A seguir vem o **tempo do Natal**. O Verbo reveste-se com a fraqueza da nossa carne, com todos os encantos da infância, mas também com o seu desamparo. Convida-nos a abrir os corações para que possa reinar como Senhor, fazendo-nos participantes de suas graças e virtudes. Começa aqui a *via iluminativa*: purificados de nossas faltas, apartados do pecado e das causas que nos podem fazer recair, incorporamo-nos mais e mais a Jesus Cristo, compartilhando do seu aniquilamento pelas virtudes da *humildade, obediência e pobreza*, que tão bem praticou no seu nascimento e através das circunstâncias que se seguiram. Para dar-lhe boas-vindas ao mundo que iria redimir, compareceram somente alguns pastores e magos do oriente para prestar-lhe homenagem. O povo judeu, seu povo escolhido, não se dignou recebê-lo: “*Veio para o que era seu, mas os seus não o receberam*” (Jo 1, 11). Teve que fugir para o Egito e, no retorno, ocultou-se num pequeno vilarejo da Galileia, no qual viveu por cerca de trinta anos, crescendo, juntamente com a idade, em sabedoria e ciência. Trabalhou como simples operário e obedecia em tudo a Maria e a José. Esse é o espetáculo que nos apresenta a liturgia durante o tempo do Natal e da Epifania, para pôr diante de nossos olhos os exemplos que devemos *imitar*. Ao mesmo tempo, convida-nos a adorar o Menino-Deus na medida do seu *aniquilamento* por nós, a dar-lhe *graças* e a *amar* “*aquele que tanto nos amou.*”

1584. 3º - Porém, antes de podermos saborear as alegrias da união divina, uma *nova purificação* se faz necessária, mais dura e mais profunda que a primeira: essa purificação corresponde aos tempos da **Septuagésima** e da **Quaresma**, que nos dão ocasião para isso.^{[1002]NT}

A Septuagésima é como um prelúdio da Quaresma. A Igreja, colocando diante de nós, no Ofício Divino, as lições bíblicas que relatam a queda do homem, os pecados que se seguiram, o dilúvio que castigou a humanidade, a santidade de vida dos patriarcas que expiavam os pecados, convida-nos a recordar nossos pecados de coração amargurado, a detestá-los com sinceridade e a repará-los com generosa penitência. Os meios que nos propõe são: 1) o *trabalho*, ou seja, o cumprimento fiel dos deveres de estado por amor a Deus: “*Ide também vós para minha vinha*” (Mt 20, 4); 2) a *luta contra as paixões*. Na Epístola da missa a Igreja nos compara a atletas que correm ou combatem para obter uma coroa, e convida-nos a

castigar nosso corpo, reduzindo-o a servidão; 3) a *aceitação voluntária dos sofrimentos e provações*, que por justiça suportamos, juntamente com a *humilde súplica* de que sejam para o nosso proveito: “*Os laços da morte me cercaram ... e nas minhas angústias clamei ao Senhor.*”^[1003]

1585. A quaresma acrescenta ainda as recomendações para lutarmos contra as tentações e vencê-las, quais sejam, o *jejum*, a *abstinência* e a *esmola*. O exercício dessas obras deverá ser feito *em união com Jesus*, que por quarenta dias retirou-se ao deserto para fazer penitência por nós e permitiu ser tentado para ensinar-nos a resistir ao demônio. O Prefácio da missa nos dirá que o jejum reprime os vícios, eleva o coração para Deus e faz aumentar nossas virtudes e méritos.

A cena do Monte Tabor, apresentada na leitura do Evangelho do 2º domingo, mostra-nos que a penitência proporciona alegrias quando a ela juntamos a oração e elevamos os olhos para Deus em busca de apoio: “*Os meus olhos estão sempre voltados para o Senhor, porque Ele desembaraçará dos laços os meus pés.*”^[1004] O Introito do 4º domingo dará sustento ao nosso ânimo, fazendo-nos vislumbrar as alegrias do céu: “*Rejubila Jerusalém*”, alegrias que a Sagrada Comunhão, simbolizada pela multiplicação dos pães, faz-nos desfrutar antecipadamente.

1586. O Domingo da Paixão destaca o estandarte da cruz: “*A bandeira real tremula.*” Somente a cruz vazia aparece, porque a imagem do Deus Crucificado fica oculta em sinal de luto e tristeza, ensinando-nos que há momentos que vemos somente provações, sem sentir qualquer consolo. Porém, a Epístola do dia nos consola ao fazer-nos ver como nosso Pontífice, pelo derramamento do seu sangue, entrou no Santo dos Santos, e ao falar-nos novamente que a cruz, antes símbolo da morte, tornou-se fonte de vida: “*para que a vida ressurgisse de onde a morte viera.*”^[1005]

O Domingo de Ramos, logo seguido dos mistérios dolorosos, mostra-nos quão efêmeros são os triunfos deste mundo, mesmo os merecidos por justiça, e como muitas vezes são seguidos por profundas humilhações. Então a alma angustiada ergue um grito de dor: “*Meu Deus, meu Deus, olhai para mim. Porque me abandonastes?*”^[1006] Este foi o grito de Jesus no Jardim das Oliveiras e no Calvário; é também o grito da alma cristã quando visitada por provas interiores ou perseguida por calúnias.

Porém, a Epístola traz conforto ao nos incentivar a unir nossos sentimentos interiores aos de Jesus. Ele, que foi obediente até a morte, e morte de cruz, foi também prontamente recompensado com uma exaltação tão sublime, de tal modo que todo joelho se dobra diante dele. Se, pois, tivermos parte em suas dores, teremos parte em seus triunfos, como diz São Paulo: “*contanto que soframos com ele, para que também com ele sejamos glorificados*” (Rm 8, 17).

1587. 4º - A **ressurreição** e o **tempo pascal** recordam-nos a vida gloriosa de Jesus e simbolizam a *via unitiva*. Trata-se de uma vida mais celeste do que terrestre. Jesus, durante sua vida pública, viveu continuamente na terra, trabalhou, conviveu com os homens e exerceu o apostolado. Depois da ressurreição viveu mais que nunca afastado das coisas exteriores, raras vezes aparecendo aos Apóstolos para dar-lhes as últimas instruções, e então voltou para seu Pai: “*aparecendo-lhes durante quarenta dias e falando das coisas do Reino de Deus*” (At 1, 3).

Essa é a imagem das almas que, encontrando-se na *via unitiva*, buscam continuamente a solidão para conversar intimamente com Deus. Se os deveres de estado obrigam-nas ao contato com as pessoas, fazem-no somente com a finalidade de santificar-se. Esforçam-se para se aproximar do ideal descrito por São Paulo: “*Se, portanto, ressuscitastes com Cristo, buscai as coisas lá do alto, onde Cristo está sentado à direita de Deus. Afeiçoai-vos às coisas lá de cima, e não às da terra. Porque estais mortos e a vossa vida está escondida com Cristo em Deus.*” (Cl 3, 1 – 3).

A *ascensão* significa um grau ainda mais elevado de união. A partir de então Jesus vive para sempre no céu, à direita do Pai, incessantemente orando por nós. Seu apostolado torna-se ainda mais fecundo, porque nos envia o Espírito Santo, o Espírito santificador, que transforma os Apóstolos e, por meio deles, milhões de almas. Por isso os contemplativos, que em espírito e coração já habitam o céu, não cessam de orar e sacrificar-se pela salvação de seus irmãos, e o apostolado deles torna-se também muito mais fecundo.

1588. *Pentecostes* é a vinda do Espírito Santo sobre nossas almas, para operar nelas, de modo mais lento e oculto, a maravilhosa transformação que operou nos Apóstolos. O mistério da SS. Trindade põe diante de nossos

olhos o principal objeto de nossa fé e da nossa religião, a causa eficiente e exemplar da nossa santificação. As festas do SS. Sacramento e do Sagrado Coração de Jesus dizem-nos mais uma vez que Nosso Senhor, que na Santa Eucaristia manifesta as riquezas de seu Sagrado Coração, por estrita justiça merece nossa adoração e amor. Ao mesmo tempo mostram-nos que Ele é o grande Religioso de Deus, por quem e em quem podemos render à adorável Trindade as homenagens que lhes são devidas.

Os numerosos domingos que seguem o de Pentecostes simbolizam o desenvolvimento completo da obra do Espírito Santo, não somente na Igreja, mas dentro de cada uma das almas cristãs. Consequentemente, convidam-nos a produzir, sob a ação do Espírito Santo, abundantes frutos de salvação até o dia em que no céu nos uniremos com Aquele que nos precedeu para preparar-nos um lugar.

1589. Dentro do ciclo litúrgico ocorrem as *festas dos santos*. O exemplo dessas pessoas, membros de Cristo como nós, que reproduziram as suas virtudes a despeito de todas as tentações e obstáculos, serve-nos como poderoso estímulo. Como São Paulo, podemos ouvi-los dizer: “*conjuro-vos a que sejais meus imitadores*” (I Cor 4, 16). Ao ler no Breviário a história das suas virtudes heroicas, dizemos com Santo Agostinho: “*Não podes tu também fazer o que estes homens e mulheres fizeram?*”

Não esqueçamos que a Rainha dos Anjos e dos Santos, a Mãe do Salvador, está constantemente unida a seu Filho na liturgia, e que não podemos honrar o Filho sem honrar, amar e imitar a Mãe.

Dessa maneira, com o apoio e a ajuda da SS. Virgem, dos anjos e dos Santos, incorporados ao Verbo Encarnado, nos aproximaremos cada vez mais de Deus enquanto percorremos, ano a ano, o ciclo litúrgico.

1590. Contudo, para extrair maior proveito dos abundantes meios de santificação que a Santa Igreja oferece, é necessário ter em nossas almas as *disposições interiores de Jesus*. Há uma oração, de nome “Ó Jesus que Viveis em Maria”, muito bela e eficaz para ajudar-nos a reproduzir em nós esses sentimentos. Pensamos não haver melhor forma de terminar este compêndio, que a explicar resumidamente.

ORAÇÃO: Ó JESUS VIVEIS EM MARIA ^[1007]*

<i>O Jesu vivens in Mariá, veni et vive in famulis tuis, in spiritu sanctitatis tuæ, in plenitudine virtutis tuæ, in perfectione viarum tuarum, in veritate virtutum tuarum, in communione mysteriorum tuorum, dominare omni adversæ potestati, in Spiritu tuo ad gloriam Patris.</i>	Ó Jesus que viveis em Maria, vinde e vivei em vossos servos, no espírito de vossa santidade, na plenitude de vossa força, na perfeição de vossos caminhos, na verdade de vossas virtudes, na comunhão de vossos mistérios, dominai sobre toda potestade inimiga, com teu Espírito, para a glória do Pai.
--	---

Nessa oração podemos distinguir *três* partes de extensão desigual: na primeira indica-se *a quem a oração é dirigida*; na segunda, o *objeto* da oração e; na terceira, o seu *termo final*.

1591. 1º - A quem essa oração é dirigida? *A Jesus que vive em Maria*, isto é, ao *Verbo Encarnado*, ao Homem-Deus que, na unidade de sua pessoa possui ao mesmo tempo duas naturezas, a divina e a humana. Ele é para nós a causa *meritória*, *exemplar* e *vital* de nossa santificação (nº 132). Dirigimo-nos a Ele, enquanto *vive em Maria*. Outrora viveu nela *fisicamente*, dentro de seu seio virginal, durante nove meses. Porém, não falamos aqui desse período de vida que terminou com o nascimento do Menino-Deus. Também viveu *sacramentalmente* em Maria pela Sagrada Comunhão, mas essa presença também terminou com a última Comunhão que Maria recebeu na terra. Viveu nela e ainda vive *misticamente* como cabeça de um corpo místico, do qual os cristãos são membros, mas em um grau muito superior, porque Maria ocupa nesse corpo o lugar mais honroso (nºs 155 - 162). Vive nela por meio de seu *divino Espírito*, ou seja, pelo Espírito Santo que comunica à sua santa Mãe, para que produza nela disposições similares às que produziu em sua própria alma. Em virtude dos méritos e súplicas do Salvador, o Espírito Santo desce sobre a alma de

Maria para santificá-la e glorificá-la e, com isso, fazê-la o mais semelhante possível a Jesus, a ponto de torná-la a mais perfeita imagem viva de Cristo.

Mons. Olier explica isso com perfeição:^[1008] *“O que Nosso Senhor é para a Igreja, por excelência é também para sua santa Mãe. De Maria Ele é a plenitude interior e divina e, como por ela particularmente sacrificou-se mais que por toda a Igreja, dá-lhe com maior abundância a vida de Deus que à própria Igreja. E a dá por gratidão e reconhecimento pela vida que dela recebeu, pois, como prometeu a todos os seus membros retribuir o cêntuplo de tudo que lhe derem na terra por caridade, também quer dar à sua Mãe o cêntuplo da vida humana que dela recebeu com amor e piedade. Esse cêntuplo é a vida divina, infinitamente preciosa e valiosa. ... Portanto, deve-se considerar Jesus Cristo, nosso Tudo, vivendo na SS. Virgem com a plenitude da vida de Deus, tanto da que recebeu do Pai como a que adquiriu e mereceu para os homens pela mediação de sua Mãe. É nela que Ele revela todos os tesouros das suas riquezas, o esplendor da sua beleza, e as delícias da vida divina. ... Nela Ele habita em plenitude; nela opera com todo poder do seu divino Espírito; com ela tem um só coração, uma só alma e uma só vida.”* – Continuamente derrama nela esta vida divina, *“amando, louvando e adorando nela o próprio Deus Pai, como um digno suplemento do seu coração, no qual se dilata e multiplica com deleite.”*^[1009]

1592. Jesus vive em Maria *em plenitude*, não somente para santificá-la, mas para por Ela santificar os outros membros do seu corpo místico. Efetivamente, como disse São Bernardo, Maria é o aqueduto pelo qual nos chegam todas as graças merecidas por seu Filho: *“Ele quis que tivéssemos todas as coisas por meio de Maria”* (nº 161).

Portanto, tanto é muito agradável a Jesus como muito proveitoso para a nossa alma dirigir-nos a Jesus vivendo em Maria: *“Que haverá de mais suave e agradável a Jesus Cristo que ir buscá-lo no lugar de suas delícias, naquele trono de graça, no centro daquela fornalha de santo amor para o bem de todos os homens? Onde haverá fonte mais abundante de graça e de vida senão no lugar onde Jesus habita como fonte de vida dos homens e mãe nutriz de sua Igreja?”*

Assim, com razão podemos estar cheios de confiança quando recorremos a Jesus vivendo em Maria.

1593. 2º - O **objeto dessa oração** é a vida interior, com todos os elementos que a constituem. Vida que é uma participação da própria vida que Jesus comunica à sua Mãe e que pedimos se digne comunicá-la a nós.

A) Posto que Jesus vivendo em Maria é a fonte dessa vida, pedimos-lhe humildemente que *venha a nós e viva em nós*, prometendo submeter-nos docilmente à sua ação: ***vinde e vivei em vossos servos.***

a) E Jesus vem a nós como vem a Maria, *através de seu divino Espírito*, pela *graça habitual*. Sempre que esta aumenta em nós, também cresce o Espírito de Jesus e, portanto, sempre que fizermos um ato sobrenatural e meritório, o divino Espírito vem a nós e faz a nossa alma mais semelhante à de Jesus, bem como à de Maria. Que poderoso motivo para multiplicar e intensificar atos meritórios animados pela divina caridade! (n^{os} 236 - 248).

b) Opera em nós por meio da *graça atual*, que nos mereceu e nos dá pelo seu divino Espírito: “*realiza em vós o querer e o executar*” (Fl 2, 13). Ele é o princípio de todos os nossos movimentos, de nossas disposições interiores, até chegar ao ponto em que nossos atos procedem somente de Jesus, que nos comunica sua própria vida, seus sentimentos, seus afetos, seus desejos. Dessa maneira é que podemos dizer como São Paulo: “*Eu vivo, mas já não sou eu; é Cristo que vive em mim*” (Gl 2, 20).

c) Para que seja assim, é preciso que, como *servos fiéis*, nos deixemos conduzir por Ele e cooperemos com a ação que Ele exerce em nós. Juntamente com a humilde Virgem devemos dizer de todo o coração: “*Eis aqui a serva do Senhor, faça-se em mim conforme Tua palavra.*” Cientes de nossa miséria e de nossa incapacidade, não nos resta senão obedecer prontamente às menores inspirações da graça. É uma servidão honrosa, pois servir ao Senhor é reinar. É uma escravidão de amor que nos submete Àquele que certamente é para nós um Senhor, mas também Pai e amigo, que nada nos manda que não seja para o bem de nossas almas. Abramos, pois, os nossos corações a Jesus Cristo e ao seu divino Espírito, para que Ele reine sobre nós como reinou no coração de nossa Mãe.

1594. B) Posto que Jesus é *a fonte da santidade*, pedimos-lhe que viva e opere em nós “***no espírito de sua santidade***”, para que nos comunique sua própria santidade.

Em Jesus há dois tipos de santidade: uma *substancial*, que decorre da união hipostática, e outra *participada*, que não é senão a graça criada (nº

105). Esta última é a que pedimos que nos comunique. Antes de qualquer coisa, essa santidade consiste no *horror ao pecado* e em afastar-se de tudo que ao pecado possa conduzir, um completo desapego das criaturas e de todo egoísmo. É também uma participação da vida divina, uma união *íntima* com as três divinas Pessoas, um amor a Deus que domine qualquer outra afeição, ou seja, a santidade no seu aspecto positivo.

1595. Contudo, como não podemos alcançá-la com nossas próprias forças, suplicamos-lhe que venha a nós “***na plenitude da sua força***” ou *da sua graça*. Além disso, como temos razões para temer que possamos nos rebelar, rogamos com a Igreja que Ele se digne submeter as nossas faculdades rebeldes ao seu império.

Assim, pedimos uma graça *eficaz* que, respeitando nossa liberdade, atue sobre os impulsos secretos da nossa vontade, para obter dela o consentimento; uma graça que não nos detenha diante de nossas repugnâncias instintivas ou de nossas irracionais oposições, mas que suave e fortemente opere em nós o querer e o executar.

1596. C) Como a santidade não pode ser atingida *sem a imitação do nosso divino Modelo*, pedimos-lhe que nos faça caminhar “***na perfeição dos seus caminhos***”, ou seja, que nos mova a imitá-lo em seu proceder, na sua maneira de operar, nas suas obras interiores e exteriores, em toda a sua perfeição. Em outras palavras, pedimos que sejamos imagens vivas de Jesus, outros cristos, e assim possamos dizer aos nossos discípulos, como São Paulo: “*Sejam meus imitadores, como eu sou de Cristo*”. Ideal perfeitíssimos que com nossas forças não podemos alcançar! Porém, Jesus faz-se nosso caminho: “*Eu sou o caminho*”. Caminho pleno de luz e de vida, caminho que se *move*, por assim dizer, e leva-nos consigo: “*E quando eu for levantado da terra, atrairei todos os homens a mim*” (Jo 12, 32). Deixaremos que nos conduza, ó divino Modelo, e nos esforçaremos para reproduzir em nós as vossas virtudes.

1597. D) Destarte, também rogaremos “***na verdade de vossas virtudes***”. As verdades que pedimos são virtudes *reais* e não *aparentes*. Há pessoas que ocultam um espírito pagão, sensual e orgulhoso, sob o verniz de

virtudes puramente exteriores. A santidade passa longe disso. O que Jesus vem nos trazer são virtudes *interiores*, *crucificantes*: humildade, pobreza, mortificação, castidade perfeita do espírito, do coração e do corpo; virtudes *unificantes*: espírito de fé, confiança e amor. Estas são as que fazem de um cristão um santo e o transformam em outro Cristo.

1598. E) Jesus praticou essas virtudes sobretudo em seus *mistérios* e, por isso, pedimos-lhe que nos faça participar da graça dos seus mistérios: “***na comunhão dos vossos mistérios***”. Esses mistérios são constituídos por todas as principais ações de Nosso Senhor, mas são sobretudo seis os maiores, conforme descritos por Mons. Olier no seu *Catéchisme Chrétien*: a *Encarnação*, que nos convida ao despojamento total do amor próprio para consagrar-nos totalmente ao Pai em união com Jesus: “*Eis que venho para fazer a tua vontade, ó Pai.*”; a *Crucificação*, a *Morte*, e o *Sepultamento*, que significam os graus da imolação total, pela qual crucificamos a natureza decaída, procurando eliminá-la e sepultá-la para sempre; a *Ressurreição* e a *Ascensão*, que representam o desapego perfeito das criaturas e a vida totalmente celestial que queremos levar para ir ao céu.

1599. F) Certamente nunca conseguiremos atingir essa perfeição se Jesus não vier dominar em nós *sobre toda potência inimiga*, ou seja, o demônio, o mundo e a carne (***dominai sobre toda potestade inimiga***). Esses três inimigos nunca nos deixam de atormentar e jamais serão totalmente aniquilados enquanto vivermos sobre a terra. Todavia, Jesus, que os venceu, pode acorrentá-los e subjugá-los ao dar-nos graças eficazes para que possamos resistir; é o que lhe pedimos humildemente.

3º - Para mais facilmente obter essa graça, declararemos que não temos outra **finalidade** senão a glória do Pai, que buscaremos sob a ação do Espírito Santo (***com teu Espírito para a glória do Pai***). Posto que Ele veio à terra para glorificar o Pai (*Eu te glorifico ó Pai*), pedimos-lhe que se digne completar sua obra em nós e comunicar-nos sua santidade interior, para que com Ele e, por Ele, possamos também glorificar o Pai e fazê-lo glorificado por aqueles que nos rodeiam. Então seremos verdadeiros membros do seu corpo místico, religiosos de Deus. Ele viverá e reinará em nossos corações para maior honra e glória da Santíssima Trindade.

Portanto, essa oração é uma síntese da vida espiritual, um resumo do nosso Compêndio.

Ao finalizar, não podemos deixar de bendizer e de convidar nossos leitores a bendizer conosco o Deus de amor, o Pai amantíssimo que, ao fazer-nos partícipes da sua vida, cumulou-nos com todas as bênçãos em seu Filho, Nosso Senhor Jesus Cristo.

BENDITO SEJA DEUS, PAI DE NOSSO SENHOR JESUS CRISTO, QUE DO ALTO DO CÉU NOS ABENÇOOU COM TODA A BÊNÇÃO ESPIRITUAL EM CRISTO. AMÉM!

FIM

APÊNDICES

I – A ESPIRITUALIDADE DO NOVO TESTAMENTO^[1010]

Para que os leitores possam compreender e ordenar melhor os tesouros espirituais contidos no Novo Testamento, faremos aqui uma breve síntese da espiritualidade dos *Sinóticos*, de *São Paulo* e de *São João*.

I.I – A Espiritualidade dos Sinóticos

A ideia central da doutrina de Jesus nos Evangelhos Sinóticos é a do *reino de Deus*. Para que possamos compreender a espiritualidade que deriva dessa ideia, exporemos a *natureza* do reino de Deus, sua *constituição* e as *condições* para nele entrar.

A) Sua natureza. O reino de Deus pregado por Jesus Cristo, contrariando os antigos conceitos judaicos, nada tem de terreno; é inteiramente espiritual, oposto a Satanás, príncipe dos anjos rebeldes. **a)** Apresenta-se sob três formas diferentes: 1) algumas vezes o céu é o reino reservado aos eleitos: “*Vinde, benditos de meu Pai, tomai posse do Reino que vos está preparado desde a criação do mundo*” (Mt 25, 34); 2) Em outras, o reino é *interior*, como já estabelecido sobre a terra, ou seja, a graça, a amizade, a paternidade divina oferecida por Deus e aceita pelos homens de boa-vontade; 3) Por fim, é um reino *exterior*, que Deus estabelece para perpetuar sua obra no mundo.^[1011] **b)** Essas três formas constituem um único e mesmo reino, posto que a Igreja visível somente foi fundada para possibilitar que o reino interior expanda-se pacificamente, e este, por assim dizer, é o conjunto das condições que abrem as portas do reino celeste.

B) Sua constituição. Esse reino interior tem um *rei*, que é o próprio Deus (Mt 6, 9 – 10; 26, 29). Contudo, o Deus do reino é ao mesmo tempo o

Pai de seus súditos, não apenas da coletividade, como na Antiga Lei, mas de cada um em particular. A sua *bondade* é tão grande, que abarca até mesmo os maus (Mt 5, 16 e 45) enquanto vivem na terra. Porém, sua *justiça* manifesta-se sobre os pecadores endurecidos, que serão condenados ao fogo do inferno (Mt 25, 41).

Esse reino foi *fundado* na terra por *Jesus Cristo*, filho de homem e Filho de Deus, que também é nosso rei: por direito *de nascimento*, haja vista que é filho, herdeiro natural, o único que conhece o Pai como o Pai o conhece; e por direito de *conquista*, pois veio salvar o que estava perdido e derramou seu sangue pela remissão dos nossos pecados (Mt 11, 27). É um rei cheio de dedicação, que ama os pequenos, pobres e desamparados; que vai atrás da ovelha perdida para reconduzi-la ao redil e na cruz perdoa os carrascos (Mt 9, 13 e 36; 10, 6; 18, 12-24; 19, 14; Mc 2, 16; Lc 11, 12; etc.). Mas também é juiz dos vivos e dos mortos. No último dia separará os bons dos maus, acolherá com amor os justos em seu reino definitivo, e condenará os culpados ao tormento eterno (Mt 24, 31-46).

Assim, nada na terra é mais valioso que esse reino. Ele é a pérola preciosa, o tesouro escondido que é preciso adquirir por qualquer preço.

C) Condições para entrar no reino. Para *entrar* no reino deve-se fazer penitência (Mt 4, 17; Mc 1, 15; Lc 5, 32), receber o batismo, crer no evangelho e guardar os mandamentos (Mc 16, 16; Mt 28, 19-20).

Porém, estando nele, para aperfeiçoar-se, o ideal proposto aos discípulos é aproximar-se o mais possível da perfeição do próprio Deus. A dignidade de filhos nos obriga a isso. Assim, devemos imitar o quanto pudermos as perfeições divinas: “*sede perfeitos, assim como vosso Pai celeste é perfeito*” (Mt 5, 48).

Para atingir esse ideal tão elevado, requer-se duas condições essenciais: a *renúncia* a si mesmo e às criaturas, pela qual o homem se desapega de tudo o que é obstáculo à união com Deus; e o *amor*, pelo qual nos damos inteiramente a Deus, imitando Jesus Cristo: “*Se alguém quer vir após mim, renegue-se a si mesmo, tome cada dia a sua cruz e siga-me*” (Lc 9, 23).

a) A *renúncia* tem graus e, em todos eles, implica a exclusão do amor desordenado de si mesmo e das criaturas, que constitui o pecado, especialmente o pecado grave, obstáculo absoluto ao nosso fim. De tal modo isso é verdadeiro que se nosso olho direito for causa de escândalo, não devemos vacilar em arrancá-lo (Mt 5, 29). Porém, para os que querem

ser *perfeitos*, a renúncia será muito mais completa. Compreenderá o exercício dos conselhos evangélicos, a pobreza *efetiva*, o desapego da família e a castidade perfeita ou continência (Mt 19, 16-22; Lc 14, 25-27; Mt 19, 11-12). Os que não puderem ou não quiserem chegar a esse grau, limitar-se-ão à renúncia *interior* da família e aos bens deste mundo, praticarão o espírito de pobreza e o desapego interior de tudo que se opõe ao reino de Deus na alma, e assim poderão alcançar um alto grau de santidade (Mt 5, 1-12).

Esses diversos graus revelam-se na distinção entre preceitos e conselhos: para entrar na vida basta guardar os mandamentos, mas, para ser perfeito é preciso vender seus bens e dá-los aos pobres: “*Se queres entrar na vida, observa os mandamentos. ... Se queres ser perfeito, vai, vende teus bens, dá-os aos pobres.*” (Mt 19, 17 e 21).

A renúncia chega ao *amor à cruz*: “*toma tua cruz*”. De fato, acaba-se por amar a cruz, não por ela mesmo, mas pelo divino Crucificado que queremos seguir até o fim: “*e segue-me*”. Chega-se até mesmo ao ponto de encontrar a felicidade na Cruz: “*Bem-aventurados os pobres de espírito ... Bem-aventurados os mansos ... Bem-aventurados os que são perseguidos ... Bem-aventurados sereis quando vos caluniarem*” (Mt 5, 3-12).

b) Todavia, a renúncia é somente um meio para se chegar ao *amor a Deus e ao próximo* por Deus. De fato, no amor se encerra toda lei: “*Nesses dois mandamentos se resumem toda a lei e os profetas*” (Mt 22, 40). O amor é razão pela qual nos damos inteiramente a Deus, de todo o coração, de toda alma e com todo o entendimento: “*Amarás o Senhor teu Deus de todo teu coração, de toda tua alma e de todo teu espírito. Este é o maior e o primeiro mandamento. E o segundo, semelhante a este, é: Amarás teu próximo como a ti mesmo.*” (Mt 22, 37 – 39). Assim, o amor é o maior de todos os mandamentos, que resume toda a perfeição.

1) Este amor deve ser *filial*. Primeiramente nos leva a glorificar nosso Pai celestial: “*Pai nosso, ... , santificado seja o vosso nome, venha a nós o vosso reino*” (Mt 6, 9-10). E para melhor glorificá-lo, inclina-nos a guardar os mandamentos: “*seja feita tua vontade, assim na terra como no céu ...*” “*Nem todo aquele que me diz: Senhor, Senhor, entrará no Reino dos céus, mas sim aquele que faz a vontade de meu Pai que está nos céus*” (Mt 7, 21).

2) Deve ser *cheio de confiança*, pois o Pai celeste cuida de seus filhos mais que das aves do céu e dos lírios do campo: “*Não valeis vós muito mais que elas?... Ora, vosso Pai celeste sabe que necessitais de tudo isso.*” (Mt

6, 26-32). Essa confiança manifesta-se por meio da oração que, segundo as promessas do divino Mediador, alcança tudo o que pede: “*Pedi e se vos dará. Buscai e achareis. Batei e vos será aberto. Porque todo aquele que pede, recebe. Quem busca, acha. A quem bate, abrir-se-á.*” (Mt 7, 7-8).

3) Gera o amor ao próximo. Como somos todos filhos do mesmo Pai celeste, também somos irmãos: “*um só é o vosso preceptor, e vós sois todos irmãos*” (Mt 23, 8). Para conferir a essa virtude um estímulo mais eficaz, Nosso Senhor diz que no dia do juízo considerará como feito a si mesmo tudo o que for feito ao menor dos seus irmãos (Mt 25, 40). Identifica-se assim com seus membros e, portanto, amamos Jesus quando amamos o próximo. Esse amor estende-se até aos *inimigos*, que devemos suportar com paciência, fazer-lhes o bem e orar por eles (Mt 5, 44), e deve ser acompanhado de mansidão e humildade, como o do divino Modelo: “*porque eu sou manso e humilde de coração*” (Mt 11, 29).

Portanto, *renúncia e amor* são as duas condições essenciais requeridas para conquistar o reino de Deus e a perfeição. Com efeito, já vimos como nelas estão compreendidas todas as virtudes (nº 309 e ss.).

I.II – A Espiritualidade de São Paulo^[1012]

São Paulo chega às mesmas conclusões, mas por caminho diverso. Sua ideia central não é a do reino, mas o *plano santificador* de Deus, que quer salvar e santificar todos os homens, judeus e gentios, através de seu Filho Jesus Cristo, constituído cabeça da linhagem humana, ao qual todos devem ser incorporados: “*Bendito seja Deus, Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, que do alto do céu nos abençoou com toda a bênção espiritual em Cristo. ... Nesse Filho, pelo seu sangue, temos a Redenção. ... E sujeitou a seus pés todas as coisas, e o constituiu chefe supremo da Igreja, que é o seu corpo, o receptáculo daquele que enche todas as coisas sob todos os aspectos.*” (Ef 1, 3, 7, 22-23. Recomenda-se ler todo o capítulo.).

Assim, pois, desde a eternidade Deus quer nos santificar e adotar por filhos. Porém, há um obstáculo no caminho: o pecado. O *pecado de origem*, cometido por Adão, o primeiro cabeça da raça humana, e transmitido à sua descendência juntamente com a concupiscência, que é a lei da carne que nos mantém cativos sob a lei do pecado. Porém, Deus teve compaixão do homem. Enviou-lhe um Redentor, um Salvador, o seu

próprio Filho Jesus Cristo, o novo cabeça da humanidade, que nos resgatará pela obediência até a morte, e morte de cruz. Então, Jesus deverá ser o centro de nossas vidas: “*para mim o viver é Cristo*” (Fl 1, 21).

Os méritos e satisfações de Jesus nos são aplicados principalmente pelo *Batismo* e pela *Eucaristia*. O *Batismo* regenera-nos, incorpora-nos a Cristo, faz-nos homens novos, governados pelo Espírito Santo, que devem lutar sem descanso contra a carne, o homem velho (Rm 6, 4). A *Eucaristia* nos faz compartilhar mais vivamente da morte e da vida de Cristo, dos seus sentimentos interiores e das suas virtudes (I Cor 10, 14-22; 11, 17-22).

Porém, para receber com proveito esses sacramentos, para fomentar a vida divina que eles nos comunicam, é preciso viver a vida da fé, “*o justo vive pela fé*” (Rm 1, 17), colocar nossa confiança em Deus e em Jesus Cristo e, sobretudo, praticar a *caridade*, a mais excelente de todas as virtudes, que nos acompanhará até o céu (I Cor 13, 1-13), mas que, na terra, exige a crucificação da natureza corrompida (Gl 5, 24).

Toda essa *ascese* é resumida numa fórmula recorrente nos escritos do Apóstolo: é preciso incorporar-se cada vez mais a Jesus Cristo e, por conseguinte, *despojar-se do homem velho*, com suas más inclinações, e *revestir-se do homem novo*, com suas virtudes: “*Vós vos despistes do homem velho com os seus vícios, e vos revestistes do novo, que se vai restaurando constantemente à imagem daquele que o criou, até atingir o perfeito conhecimento.*” (Cl 3, 10).

A) Primeiramente devemos nos despojar do homem velho.

a) O homem velho, que também se chama carne, é nossa natureza, não em si mesma, mas enquanto viciada pela tríplice concupiscência. Portanto, as obras da carne são todos os pecados, não somente os de sensualidade e luxúria, mas também o orgulho em suas diferentes formas (Rm 8, 1-16).

b) Assim, temos *estrita obrigação* de mortificar ou crucificar a carne por duas razões principais: 1) pelo perigo de consentir no pecado e ser condenado, porque a carne, ou a concupiscência, que não foi destruída pelo batismo, inclina-nos violentamente para o mal. Se não for combatida sem descanso, com apoio na graça de Jesus Cristo, ela nos escraviza sob a lei do pecado: “*Quem me livrará deste corpo que me acarreta a morte?... Graças sejam dadas a Deus por Jesus Cristo, nosso Senhor!*” (Rm 7, 24-25); 2) pelas *promessas do Batismo*. Mortos e sepultados em Jesus Cristo pelo batismo, para viver com ele a vida nova, prometemos evitar o pecado e, conseqüentemente, a lutar sem descanso contra a lei da *carne* e contra o

demônio (Rm 6, 1-23). Assim, a vida é um combate cujo prêmio é a coroa de glória, que nos está reservada pelo Deus de toda justiça e de todo amor (I Cor 2, 12; 9, 25; Ef 6, 11-17; II Tm 6, 7-8; I Tm 6, 12).

c) O que nos sustenta nessa luta e torna a vitória relativamente fácil, apesar de nossa fraqueza e incapacidade, é a graça de Deus merecida por Jesus Cristo. Se cooperarmos com ela, estaremos seguros da vitória: *“Deus é fiel: não permitirá que sejais tentados além das vossas forças, mas com a tentação ele vos dará os meios de suportá-la e sairdes dela”* (I Cor 10, 13) ... *Tudo posso naquele que me conforta*” (Fl 4, 13).

d) Essa mortificação compreende dois graus: 1) o primeiro é essencial para evitar o pecado mortal e a condenação: *“castigo o meu corpo e o mantenho em servidão, de medo de vir eu mesmo a ser excluído depois de eu ter pregado aos outros”* (I Cor 9, 27); 2) Porém, há ainda mortificações úteis para a perfeição: a virgindade, a perfeita humildade e o desapego absoluto (I Cor 7, 25-34; Fl 2, 5-11; I Tm 6, 8). – Sob outro ponto de vista, São Paulo diferencia três graus de mortificação: a *crucificação* da carne ainda recalcitrante; a seguir, uma espécie de *morte espiritual* e; por fim, o *sepultamento*. ^[1013]*

B) Despojando-nos do homem velho, *incorporamo-nos a Jesus Cristo, e revestimo-nos do homem novo*. Este homem novo é o cristão *regenerado* pelo batismo, unido ao Espírito Santo e *incorporado* a Jesus Cristo, e que busca, movido pela graça, transformar-se Nele. Para que se compreenda bem essa doutrina, é necessário explicar a função do Espírito Santo na alma regenerada, a de Jesus Cristo e a da própria alma.

a) O Espírito Santo, ou seja, toda a SS. Trindade, habita na alma do justo e transforma-a em um templo santo: *“Porque o templo de Deus é sagrado - e isto sois vós”* (I Cor 3, 17). Opera nessa alma, move-a por meio da graça atual, dá-lhe confiança filial no Pai e faz com que ore com uma eficácia muito particular: *“Porque é Deus que, segundo o seu beneplácito, realiza em vós o querer e o executar”* (Fl 2, 13). ... *“mas recebestes o espírito de adoção pelo qual clamamos: Aba! Pai! ... o Espírito mesmo intercede por nós com gemidos inefáveis.”* (Rm 8, 15 e 26).

b) Cristo é a cabeça do corpo místico, do qual nós somos os membros, e dá-nos o movimento, a direção e a vida. Pelo *batismo* somos nele incorporados e, pela *comunhão*, associados à sua paixão, que celebramos, ao seu sacrifício, à sua vida ressurrecta, da qual nos torna participantes enquanto aguardamos subir com ele ao céu, onde de certo modo já estamos

pela esperança: *“Porque pela esperança é que fomos salvos”* (Rm 8, 24). Destarte, essa comunhão se prolonga por uma espécie de comunhão espiritual, em virtude da qual durante o transcurso do dia fazemos nossos os pensamentos, afetos e volições de Jesus: *“Dedicaí-vos mutuamente a estima que se deve em Cristo Jesus”* (Fl 2, 5); *“Eu vivo, mas já não sou eu; é Cristo que vive em mim”* (Gl 2, 20). Então já não haverá nada que possa nos separar daquele que é o nosso tudo: *“Quem nos separará do amor de Cristo?”* (Rm 8, 35).

c) Pelo exposto, decorre a obrigação de manter-nos estreitamente unidos a Jesus, nossa cabeça, o princípio de nossa vida, o modelo perfeito que devemos imitar sem cessar, até que estejamos transformados nele. 1) Antes de tudo devemos imitar suas disposições interiores: sua *humildade e obediência*: *“Dedicaí-vos mutuamente a estima que se deve em Cristo Jesus. ... Sendo ele de condição divina ... aniquilou-se a si mesmo, ... tornando-se obediente até a morte”* (Fl 2, 5-8); sua *caridade*, que o moveu a sacrificar-se por nós: *“nos amou e por nós se entregou”* (Ef 5, 2). 2) A seguir, a sua atitude exterior, praticando a modéstia, a mortificação corporal dos vícios e paixões, para com mais perfeição submeter-nos a Jesus e ao seu Espírito Santo: *“Seja conhecida de todos os homens a vossa bondade”* (Fl 4, 5).

Nessa imitação de Nosso Senhor há muitos graus: inicialmente somos crianças, pois pensamos, falamos e obramos como elas; então progredimos, *“até atingirmos o estado de homem feito, a estatura da maturidade de Cristo”* (Ef 4, 13). Por fim, transformamo-nos inteiramente em Cristo: *“Porque para mim o viver é Cristo”* (Fl 1, 21). ... *“é Cristo que vive em mim”* (Gl 2, 20). Então, poderemos dizer aos fiéis: *“vos conjuro a que sejais meus imitadores”* (I Cor 4, 16).

Portanto, a espiritualidade de São Paulo não difere substancialmente da dos Sinóticos. Despojar-se do homem velho é praticar a renúncia. Revestir-se do novo é unir-se a Cristo Jesus, e por Ele a Deus, ou seja, amar a Deus e ao próximo.

I.III – A Espiritualidade de São João

Nos escritos de São João não predomina a ideia do reino e tampouco a do desígnio santificador de Deus sobre o homem, mas a da *vida espiritual*.

São João nos leva a conhecer a *vida interior de Deus*, do *Verbo Encarnado* e, por fim, do *cristão*.

A) Deus é *vida*, isto é, luz e amor. É Pai, e desde toda a eternidade gera um Filho, que é seu Verbo (Jo 1, 15). Juntamente com Ele, é o princípio de onde provém o Espírito Santo, Espírito de verdade e amor, que completa a missão do Verbo Encarnado, permanecendo com os homens até o final dos tempos, para ensiná-los e fortalecê-los (Jo 14, 26; 15, 62; 16, 7-15).

B) Deus quer comunicar essa vida aos homens. Por isso, envia à terra o seu Filho, que se faz homem pela Encarnação e comunica-nos sua vida, tornando-nos filhos adotivos de Deus (Jo 1, 9; 8, 12). Igual ao Pai por sua natureza divina, proclama abertamente, como homem, sua inferioridade, sua absoluta dependência do Pai. Não julga, não fala, nada faz por si mesmo, mas conforma seus juízos, palavras e ações, ao beneplácito de Deus, e desta maneira demonstra-lhe seu amor (Jo 5, 19 e 30). Será tão obediente a ponto de dar a vida pela glória de Deus e pela salvação dos homens (Jo 10, 18).

Em relação a nós, Jesus é: 1) a *luz* que nos ilumina e conduz à vida (Jo 1, 9; 8, 12); 2) o *Bom Pastor*, que apascenta suas ovelhas, defende-as do lobo voraz e por elas dá a vida (Jo 10, 11); 3) o *Mediador* necessário, sem o qual não podemos ir ao Pai (Jo 14, 6); 4) a *videira* cujos ramos somos nós e da qual recebemos a seiva ou a vida sobrenatural (Jo 15, 1-5).

C) Portanto, de Jesus é que emana nossa vida interior, que consiste em uma união íntima e afetiva com ele e, por ele, com Deus (Jo 15, 5 -10), porque ele é o caminho que leva ao Pai (Jo 14, 6).

a) Essa união começa com o *batismo*, que é um *segundo nascimento*, inteiramente espiritual (Jo 3, 3), que nos incorpora a Jesus como os ramos à vinha, capacitando-nos a produzir frutos de salvação (Jo 15, 1-10).

b) Fortalece-se por meio da *Eucaristia*, que nutre nossa alma com o corpo e o sangue de Jesus Cristo e, por conseguinte, com sua própria divindade, com toda a sua Pessoa, de tal modo que vivemos da sua própria vida; vivemos para Ele como Ele viveu para o Pai (Jo 6, 55-59).

c) E permanece por uma espécie de *comunhão espiritual*, que faz com que Jesus habite em nós e nós Nele (Jo 6, 57). Essa união é tão estreita que o Senhor a compara com a que existe entre Ele e o Pai: “*eu neles e tu em mim*” (Jo 17, 23).

D) Essa união nos faz partícipes das virtudes do divino Mestre e, principalmente, do *seu amor a Deus e ao próximo*, levado até o *sacrifício*

de si mesmo.

a) Deus nos ama como seus filhos. Nós o amamos como um Pai e, porque o amamos, guardamos os seus mandamentos (Jo 14, 21). Dessa maneira, as três Pessoas divinas vêm habitar permanentemente em nossa alma: “*viremos a ele e nele faremos nossa morada*” (Jo 14, 23). Devemos amar a Deus, porque *Deus é amor*, e porque ele nos amou primeiro, sacrificando por nós o seu Filho (Jo 4, 19).

b) Do amor a Deus brota o amor *fraternal*. Devemos amar nossos irmãos não somente como a nós mesmos, mas como Jesus os amou e, assim, estar dispostos a sacrificar-nos por eles: “*Dou-vos um novo mandamento: Amai-vos uns aos outros. Como eu vos tenho amado, assim também vós deveis amar-vos uns aos outros.*” (Jo 13, 34). “*Nisto temos conhecido o amor: (Jesus) deu sua vida por nós. Também nós outros devemos dar a nossa vida pelos nossos irmãos.*” (I Jo 3, 16). Na realidade, formamos uma só família espiritual, da qual Deus é Pai e Jesus o Salvador. Essa união é tão estreita que se compara com a que existe entre as três Pessoas divinas: “*para que sejam um, como nós somos um*” (Jo 17, 22). Essa virtude é tão necessária que, dizer que se ama a Deus, sem amar o próximo, é uma mentira (I Jo 4, 20-21). Por outro lado, a caridade fraterna é o penhor mais seguro da vida eterna (I Jo 4, 12-17).

Assim, São João é o apóstolo da *caridade*, que ele próprio praticou com tanta perfeição. Contudo, essa caridade baseia-se na fé, especialmente na fé em Cristo, em sua divindade e em sua humanidade. Supõe também a luta contra a *tríplice concupiscência* e, portanto, a mortificação. Nisto São João harmoniza-se com os Sinóticos e com São Paulo, embora enfatize mais que os outros a *divina caridade*.

Portanto, segundo os Sinóticos, a perfeição consiste na *renúncia* e no *amor*; conforme São Paulo, na *incorporação* em Cristo, que pressupõe despojar-se do homem velho e revestir-se do novo; segundo São João, no *amor* levado até ao *sacrifício*. Assim, substancialmente é a mesma doutrina, embora com variações, com aspectos diversos que se adaptam aos diversos caracteres e à educação das diversas almas.

II – O ESTUDO DOS CARACTERES^[1014]

Quando falamos do autoconhecimento (nº 452) dissemos ser muito conveniente, para melhor nos conhecer, estudar os temperamentos e os caracteres.

Muitas vezes esses dois termos são tomados no mesmo sentido. No entanto, pode-se dizer que o *temperamento* é o conjunto das tendências fundamentais que derivam da constituição *fisiológica* dos indivíduos; e o *caráter* é o conjunto das disposições *psicológicas* que resultam do temperamento, enquanto modificado pela educação, pelos esforços da vontade, e consolidado pelo hábito.

Portanto, é mais proveitoso estudar os caracteres que os temperamentos, pois o que importa, sob o aspecto espiritual, é mais o caráter da alma que o temperamento do corpo. Os antigos compreenderam bem isso, pois ao descrever os temperamentos, detinham-se mais nas diferenças psicológicas que nas fisiológicas.

Assim, nos limitaremos à questão dos caracteres e, para isso, utilizaremos principalmente a obra do PE. MALAPERT, *Les Eléments du Caractère*, simplificando e às vezes corrigindo suas classificações. Muito resumidamente, exporemos: 1º - As bases da nossa divisão; 2º - Os diversos caracteres que podemos diferenciar em relação às três principais faculdades do homem.

II.I – Bases da Divisão dos Caráteres

A) Para especificar as principais tendências que distinguem os caracteres, o fundamento mais sólido é seguir a ordem das faculdades humanas. Todavia, descartamos as faculdades da vida *vegetativa* que são de menor importância para o fim proposto. Veremos quais são os principais caracteres em relação à *sensibilidade*, às faculdades *espirituais* e aos *relacionamentos*. O esquema abaixo faz compreender melhor o nosso pensamento.



B) Antes de explicar essa divisão são necessárias algumas observações preliminares.

a) Nenhum dos caracteres que vamos descrever existem de fato em sua total pureza. Geralmente se acham mesclados e, além disso, apresentam graus muito diferentes. Assim, os apáticos nunca são puramente apáticos, mas têm algum grau de afetividade. Todavia, são classificados pela característica predominante. Além disso, mesmo considerando-se a apatia isoladamente, ou a afetividade, há muitos graus, que somente a observação individual pode mensurar.

b) Destarte, cada indivíduo em particular deve ser examinado nos três aspectos indicados. Assim, um apático pode ser cerebral ou voluntário, e um cerebral pode ser ativo ou indolente. Portanto, é necessário avaliar sob esses diferentes pontos de vista, para depois fazer uma síntese.

c) A classificação que apresentamos não é *rígida*; apenas pontos de referência que permitem ao diretor espiritual fazer uma melhor observação dos seus dirigidos, estudando suas particularidades. Não é prudente formar,

a partir de algumas poucas conversas, um juízo definitivo, que mais tarde acabaria tendo que ser revisto. Somente paulatinamente, por meio de uma série de observações não açodadas, é que chegamos a conhecer o caráter de uma pessoa.

d) Por fim, tenhamos presente a necessidade das luzes do Espírito Santo, que se devem pedir com instância e frequência, para conhecermos a nós mesmos e aos demais.

II.II – Diversos Caráteres em Relação à Sensibilidade

Todos somos dotados de sensibilidade. Contudo, alguns a possuem em menor grau e, por isso, chamam-se *apáticos*, e outros a têm em abundância: são os *afetivos*.

A) Os *apáticos* caracterizam-se por uma depressão anormal da sensibilidade e do sentimento. Têm poucas aspirações, pouco ardor ou paixão. Entre eles distinguem-se os indolentes e os enérgicos.

a) Os *indolentes* têm o andar lento e desengonçado. Sem serem maus, são egoístas, descuidados, sentem pouca necessidade de amar ou de serem amados. Justamente por não serem apaixonados, em geral o seu juízo é reto. Não lhes atrai a atividade, mas quando decidem trabalhar mostram melhor aptidão para os trabalhos que exigem mais paciência que imaginação e sentimento. No colégio são os que mais contestam.

No que diz respeito à *espiritualidade*, não aspiram virtudes elevadas, mas também não são vitimados por paixões violentas. São virtuosos quando não precisam lutar contra graves tentações, mas dificilmente conseguem resistir quando ocasiões perigosas se apresentam, nem se corrigir, se tiverem a infelicidade de contrair algum mal hábito. Aceitam a direção espiritual que for determinada, contanto que não exija grande perfeição, ou que lhes pressione fortemente a progredir.

Não é entre eles que se pode encontrar vocações sacerdotais ou religiosas. Tais pessoas são mais adaptáveis a profissões tranquilas, pouco cansativas, compatíveis com os prazeres honestos e moderados.

b) Os *apáticos-enérgicos*, ainda que lentos e resistentes para agir, são aplicados ao trabalho, constantes e metódicos em seus esforços e, à custa de trabalho paciente, alcançam grandes resultados.

Sob o aspecto *intelectual*, têm pouca imaginação e perspicácia, mas alcançam excelentes resultados em trabalhos sérios, que exigem reflexão, paciência, e longas e metódicas pesquisas.

Sob o aspecto *moral*, não possuem grandes aspirações, mas trabalham por convicção, com invencível constância e, por isso, são capazes de atingir um alto grau de virtude. Por isso, podem tornar-se excelentes sacerdotes ou religiosos, com ótimos resultados a partir do momento em que adquirem convicções profundas e amor ao dever para com Deus, e que lhes forem exigidos esforços constantes e metódicos para a perfeição. Embora lentamente, avançarão com segurança: “*O trabalho persistente vence todos os obstáculos.*”

B) Os *afetivos*, de modo contrário, caracterizam-se por um *predomínio da sensibilidade*. Sentem forte necessidade de amar e serem amados. Neles o coração é a mola mestra. Dentre eles distinguem-se dois tipos principais: os *emotivos* e os *apaixonados*.

a) Os *emotivos* ou sanguíneos diferenciam-se *exteriormente* por movimentos imediatos e graciosos, por um sorriso amável, uma fisionomia alegre. Gostam de artes, música e dança. *Interiormente* caracterizam-se pela rapidez com que alternam emoções, deixando-se facilmente levar pelos sentimentos, agindo conforme a impressão do momento. Portanto, são inconstantes.

Dotados de viva imaginação e coração ardente, sobressaem-se nos trabalhos literários, expressam-se bem e com facilidade, e exercem uma espécie de sedução sobre os que os rodeiam.

Sob o aspecto *moral*, deixam-se facilmente levar pelos prazeres sensuais, pela gula e pela luxúria. Contudo, arrependem-se pronta e sinceramente de suas faltas, mas também recaem na primeira ocasião. Bons e afetuosos, costumam apegar-se àqueles que os amam, são francos e abertos durante as confissões e direções espirituais. Facilmente deixam-se convencer e formam bons propósitos, que rapidamente esquecem.

Assim, para levá-los a Deus, devem ser conquistados pelo coração. Quando se consegue que amem ardentemente Nosso Senhor, excelentes resultados podem ser colhidos: farão por amor muitos sacrifícios que em princípio pareciam repugnar a sua natureza; por amor se dedicarão à oração, à comunhão frequente, às visitas ao Santíssimo Sacramento, às obras de apostolado. Todavia, é preciso ensiná-los a amar a Deus tanto na consolação como na aridez e no sofrimento. Pouco a pouco suas emoções, sob ação da

graça e da reflexão, transformam-se em convicções e, embora conservando seus ímpetos naturais, tornam-se mais constantes e perseverantes em seus esforços.

Quando não se consegue fazer com que alcancem essa energia e constância, não se deve incentivá-los a escolher um estado de vida como o sacerdócio, que supõe virtude sólida.

b) Os *apaixonados*, dominados por paixões ardentes e profundas, podem ser classificados em três tipos: *melancólicos*, *irritáveis*, e os *grandes apaixonados*.

1. Os *melancólicos* têm uma tendência natural ao pessimismo. Consideram sobretudo o lado dificultoso das coisas e exageram as dificuldades. Assim, são inclinados à tristeza, à desconfiança, a uma espécie de misantropia. Sofrem muito e, embora sem querer, fazem sofrer os outros.

Quando não colocam sua consolação em Deus, o único que pode confortá-los e atenuar seus pensamentos tristes, facilmente caem no desânimo, no tédio, ou acabam nos escrúpulos.

Por isso, Santa Teresa^[1015] opina que aqueles afetados por uma melancolia muito acentuada não são adequados para a vida religiosa. Como esta supõe um predomínio notável da imaginação e da sensibilidade sobre a razão, podem eles degenerar, depois de algum tempo, em uma espécie de loucura. De qualquer modo, para atenuar essa disposição doentia, é preciso tratar os melancólicos com muita compaixão, mas também com autoridade e firmeza, não os deixando seguir seus caprichos, nem se deixando guiar por suas suspeitas. Posto que seus juízos não são suficientemente retos, é necessário que sejam submetidos a um diretor ou a um amigo prudente.

2. Os *emotivos-irritáveis* ou *impulsivos* deixam-se facilmente arrastar pelas primeiras fortes impressões que se apoderam da alma. Expansíveis e inconstantes, passam rapidamente da alegria à tristeza, da esperança à inquietação, do entusiasmo ao desalento. Se forem contraditados ou humilhados, deixam-se levar por rompantes, prorrompendo em gestos e palavras descontroladas. Em suma, perdem muitas vezes o autodomínio e tratam asperamente os que os cercam.

Para combater esse defeito é preciso usar de energia e constância, do poder de *inibição*, deter imediatamente os primeiros movimentos desordenados, refletir antes de fazer qualquer coisa, ou seja, recuperar pouco a pouco o autodomínio.

Se não conseguem dominar suficientemente os nervos e as emoções, jamais poderão pensar no sacerdócio, pois, como diz São Paulo, a ira violenta é um vício impeditivo: “*Porquanto é mister que o bispo seja irrepreensível, ... , nem colérico, nem intemperante, ...*” (Tit 1, 7).

3. Os *grandes apaixonados* são aqueles que têm simultaneamente paixões violentas e duradouras. Por isto diferenciam-se dos emotivos: são enérgicos, constantes, tenazes, em geral ambiciosos, e buscam a liderança e a glória. São propensos a fazer muito mal ou muito bem, conforme suas paixões sejam colocadas a serviço da ambição pessoal ou de Deus e das almas. Dentre eles é que são encontrados os conquistadores e os apóstolos. O meio de tirar proveito de naturezas tão ricas é orientando-as fortemente para glória de Deus e a conquista das almas, como fez Santo Inácio em relação a São Francisco Xavier.

II.III – Caráteres Diversos Relativos às Faculdades Espirituais

Entre as pessoas em que predominam as faculdades superiores, a inteligência e a vontade, encontramos dois grupos: os *cerebrais* e os *voluntários*, segundo predominem o entendimento ou a vontade.

A) Os cerebrais, ou intelectuais, são aqueles cuja atividade concentra-se nas operações da mente. Algumas vezes são *especulativos puros* e noutras *intelectuais ativos*.

a) Os *especulativos puros*, tais como Kant, Cuvier, Ampère, passam a vida construindo sistemas intelectuais. Alguns ficam a pensar pelo puro prazer de discorrer com a mente e acabam caindo em uma espécie de diletantismo perigoso, que acaba desaguando em ceticismo, como ocorreu com Montaigne e Bayle.

b) Outros agregam ao trabalho intelectual alguma *paixão ardorosa*. De fato, há intelectuais apaixonados que, ao agitarem suas ideias querem também agitar as outras pessoas. Apaixonam-se pelo triunfo de uma ideia ou de um sistema.

Em ambos os casos são pessoas de grandes capacidades. Contudo, os primeiros são propensos a tornar-se demasiadamente sistemáticos e abstratos e a descuidar-se das suas obrigações ordinárias da vida. Os segundos precisam, assim como os emotivos-apassionados, direcionar sua

ciência e sua atividade para o serviço de Deus e da verdade. Caso contrário, cairão, e farão outros caírem, em lamentáveis excessos.

B) Os *voluntários* possuem uma firme vontade, tenaz e indomável, à qual tudo subordinam. Dividem-se em duas categorias: os *donos de si mesmo* e os *homens de ação*.

a) Os primeiros aplicam a maior parte de sua energia em dominar-se e, conseqüentemente, em vencer suas paixões. Lutam com constante energia para manter sob controle os sentimentos e é fácil observar neles o esforço que dedicam em conter-se. Disso resulta uma certa reserva e até mesmo uma certa rigidez, acompanhada de desconfiança sobre aquilo que lhes parece fazê-los perder o autodomínio. Contudo, uma vez conquistado esse domínio pelos esforços constantes, tornam-se admiravelmente constantes no ânimo e conseguem aliar a força com a doçura.

No que diz respeito ao aspecto espiritual, o ponto principal está em submeter essa vontade forte e disciplinada à vontade de Deus. Desse modo, em certo aspecto aproximam-se do equilíbrio das faculdades que existia no estado de justiça original.

b) Há outros que buscam tanto o domínio sobre si mesmo como *sobre os demais*: querem impor sua vontade e governar seus semelhantes. Com o olhar fixo na meta a que se propõem, não desistem diante das dificuldades e não descansam enquanto não alcançam seus objetivos.

A constância e energia dessas pessoas podem ser muito proveitosas. Todavia, é necessário primeiramente autodominar-se antes de querer governar os outros. Devem pôr suas energias no serviço de Deus e das almas e, ao exercer a autoridade, saberem juntar *suavidade e firmeza*.

II.IV – Caráteres Diversos Relativos aos Relacionamentos

Aqui encontramos dois tipos bem definidos: os *tímidos* e os *ativos*.

A) Os *tímidos* desconfiam excessivamente de si mesmos, têm poucas iniciativas e sentem-se tolhidos pelo medo de fracassar em seus projetos. Pessoas assim têm sucesso somente quando outros lhes dão um direcionamento apropriado, quando apoiados e incentivados por superiores ou amigos que lhes inspirem confiança e os ajudem a adquirir segurança.

No que diz respeito à vida espiritual é preciso incutir-lhes muita confiança em Deus, repetindo-lhes continuamente que Deus se serve de

instrumentos mais fracos, desde que reconheçam a sua impotência e busquem a força no Único que pode fortalecê-los: “*o que é fraco no mundo, Deus o escolheu para confundir os fortes*” (I Cor 1, 27) ... “*Tudo posso naquele que me conforta*” (Fl 4, 13).

B) Os *ativos* têm uma tendência natural para a ação. Empreendedores, audaciosos, fortes e enérgicos, sentem necessidade de aplicar de algum modo o excesso de energia que neles há. São de dois tipos: os *agitados* e os *homens de ação*.

a) Os *agitados* são de tal modos atraídos pela atividade que não conseguem ficar parados. Querem agir de qualquer maneira, mesmo antes de formar e amadurecer algum plano de ação. Sempre concebendo novos projetos, não têm tempo de levar a termo qualquer deles. Agitam-se de um lado para outro, não ficam quietos, fazem muito barulho e pouco bem. Prontificam-se a servir os outros, mas esquecem rapidamente o que prometeram e colocam-se a disposição de outros.

Portanto, para corrigi-los é necessário ensiná-los a refletir antes de se entregarem à ação, a amadurecerem os projetos antes de levá-los à prática, a consultar os que têm maior conhecimento e experiência. Depois de tudo isso, deverão aplicar-se à execução e, a partir desse momento, de nenhum modo empreender novos planos. A reflexão e a constância são condições necessárias para o êxito.

b) Os *homens de ação* concebem por muito tempo seus projetos antes de colocá-los em prática. Avaliam cuidadosamente os prós e os contras, pensam não apenas nos meios a serem empregados, mas também nos obstáculos que encontrarão. Organizam tudo com a finalidade de alcançar o fim almejado, não obstante as dificuldades.

Essa qualidade é muito preciosa para aqueles que se dedicam às obras de apostolado e para os sacerdotes, e deve ser continuamente cultivada. Porém, para que as obras, ainda que bem projetadas, possam produzir bons resultados, deve-se ter sempre presente que é preciso, através da oração e do exercício da vida interior, contar com auxílio divino: **para ser cristão de ação é preciso ser pessoa de oração**. Dessa maneira, a vontade e a graça unem-se harmoniosamente e, então, excelentes resultados são obtidos: “*Nós somos operários com Deus*” (I Cor 3, 9).

Ao terminar, repisamos que a maioria dos caracteres são na realidade o resultado de uma combinação dos diversos tipos apresentados. Somente buscando adquirir aquelas qualidades que não recebemos por herança

alcançaremos uma maior perfeição de caráter, um equilíbrio que nos permite extrair o maior rendimento possível. Assim, os apáticos farão esforços para conquistar um pouco de sensibilidade; os cerebrais cultivarão a vontade e a ação; os voluntários refletirão antes de agir e colocarão um pouco de suavidade no exercício da força. Com a graça de Deus e com esforços pessoais consegue-se aperfeiçoar muito o temperamento, como vimos no estudo das *vias espirituais*.

ÍNDICE ALFABÉTICO

Abnegação, meio de perfeição, 321-327, 485.

Absorção da alma em Deus, 1454.

Abstinência prolongada, 1521.

Ação de graças depois da Comunhão, 284-288; um dos atos da oração, 505.

Atos: todo ato bom é meritório, satisfatório e impetratório, 228; atos meritórios, 228, v. méritos. – Necessidade de santificar todos os nossos atos, 246-249; 561; como transformá-los em oração, 522-529.

Adão: seus dons preternaturais, 61-65; sobrenaturais, 65-66; sua queda 67-68; seu castigo 69-76.

Adoção divina, superior à adoção humana, 93.

Adoração, o primeiro ato da oração, 503-504; dever para com a SS. Trindade que vive em nós, 99; ato de religião, 1047; primeiro ponto da oração, 697.

Advento, tempo de Advento, tempo de penitência, 1581.

Afetiva (oração), 975-996.

Alcoólicas, (bebidas), regras que se devem observar no seu uso, 872.

Ambição, filha do orgulho, 828.

Amizade com Deus, 95-1233.

Amizades verdadeiras e sobrenaturais, 595-599; falsas ou sensuais, 600-604; ao mesmo tempo sobrenaturais e sensíveis, 605-606.

Amor em geral, 1208; amor cristão, 1209.

Amor de Deus constitui a essência da perfeição, 309-320; é a plenitude da lei, 312; encerra todas as virtudes, 313-318; une-nos a Deus mais completamente que as outras virtudes, 316-317; dá-lhes um valor especial, 319; pode-se praticar em todas as ações, 320; o seu lugar na espiritualidade de São Francisco de Sales, 331; nas outras escolas, 332; - Amor desinteressado, 348; amor à SS. Trindade, 100.

Amor e sacrifício, 350.

Amor de esperança, 1191; amor de caridade, 1210-1211; preceito de amar a Deus, 1212; motivo do amor puro, 1214; papel santificador do amor de Deus, 1218-1223; prática progressiva desse amor 1224-1235.

Amor do próximo por Deus: elemento essencial secundário da perfeição, 309, 311-313; sua natureza, 1236; seu papel santificador, 1238; sua prática, 1238-1251.

Amor dos inimigos, 1251.

Anjos: seu papel na vida cristã, 183-188; suas relações com Deus, 183; com Jesus Cristo, 184; conosco, 185. Anjos da guarda, 186; nossos deveres para com eles, 187.

Aparições sobrenaturais, 1491.

Apostolado: dever de ofício do sacerdote, 398-401; dever de caridade dos fiéis, 366; como santificá-lo, 611-615; *ver zelo*.

Aridezes, 925, *ver securas*.

Arroubamento, *ver rapto*.

Ascese, 3.

Ascética (teologia): diferentes nomes, 3; lugar na Teologia, 4; relações com o Dogma e a Moral, 6; diferença entre ela e a mística, 10-11; fontes, 12-24; método, 25-33; excelência, 34; necessidade para o sacerdote, 35-37; utilidade para os leigos, 38; maneira de estudá-la, 39-41; críticas que lhe fazem, 42-43; divisões diversas, 44-47; divisão adotada, 48.

Astúcia, oposta à prudência, 1031.

Atenção requerida na oração, 654-656.

Atributos divinos: estimulam nosso amor para com Deus, 436.

Autores espirituais, sua leitura, 576.

Avareza: natureza, 891-893; malícia, 895-896; remédios, 897-898.

Batismo: incorpora-nos a Cristo, 146; regenera-nos, 232 e 251.

Bem-aventuranças, 1361.

Benevolência (amor de), 1230-1231.

Benignidade, 1156, nota.

Capitais (pecados), 818 e ss.; ver *pecado*.

Caráter: bom e mau caráter, 456.

Caráteres: estudo dos diversos caracteres e sua divisão, Apêndice II.

Caridade: constitui a essência da perfeição, 309; em que consiste, 310-311; encerra todas as virtudes, 313; para com Deus, 1210, ver *amor a Deus*; para com o próximo, 1236-1251, ver *amor ao próximo*.

Carismas ou graças gratuitamente dadas, 1514-1515.

Carne ou homem velho, oposta ao espírito, 226; ver também *concupiscência*.

Castidade: voto de, 370; noção e graus, 1100-1101; conjugal, 1103 -1106; perfeita ou continência, 1107; meios de guardá-la: desconfiança de si mesmo e confiança em Deus, 1108-1110; fuga das ocasiões, 1111-1112; mortificação, 1114-1121; aplicação aos deveres de estado, 1122; devoção a Jesus e a Maria, 1124-1126.

Chamamento à contemplação: *próximo*, 1407-1416; *remoto*, 1558-1568.

Ciência dos santos, ou espiritual, ou da perfeição, 3; dom de ciência, 24.

Ciência (dom de): 1339; natureza, 1340; objeto, 1341; utilidade, 1342; meios de cultivá-lo, 1343; seu papel na contemplação, 1356.

Circunspeção, 1024.

Complacência (amor de), 1227.

Comunhão, meio de santificação, 277; união física e espiritual que ela produz entre nós e Jesus Cristo, 278-280; disposições para dela tirar muito fruto, 283-288. Segundo ponto da oração, 697-699, 995.

Concupiscência: 192; da carne: os perigos: 193-195; seu remédio pela mortificação, 196-198; dos olhos: os perigos, 199-200; o remédio, 201-203; do espírito: os perigos, 204-206; o remédio, 207-209; ver também 324-326.

Conferências espirituais, meio de perfeição, 578.

Confirmação: faz de nós soldados de Cristo, 252.

Confissão das faltas graves, 262; das faltas veniais, 263-264; como assegurar sua eficácia, 265.

Conformidade com a vontade de Deus, meio de perfeição, 478. Com a vontade significada, 480, com os mandamentos, 481; com os conselhos, 482; com as inspirações da graça, 483-484; com as regras, 485. Com a vontade de beneplácito, 486-488; como torna-se mais fácil, 489-490. Graus de conformidade, 492, seu papel santificador, 493-498.

Conhecimento de Deus, meio de perfeição, 432-433. Filosófico, 434-436; teológico, 437-442; meios de alcançá-lo, 443-445.

Conhecimento de nós mesmos, meio de perfeição, 448-449; objeto desse conhecimento, 450-452; como conhecer nossos dons naturais, 452-457; o seu caráter, Apêndice II; as inspirações sobrenaturais, 458; como examinar-se, 462-466; exame geral, 467; exame particular, 468-476.

Consagração total a Maria, 170-176.

Consciência, exame de, 462-476.

Conselho, (dom de), 1321-1324.

Conselhos, diferentes dos preceitos, 335; necessidade de observar para a perfeição, 336-339.

Consentimento na tentação, 907-910.

Consolações: natureza e origem, 921; utilidades, 922; perigos, 923; modo de proceder, 924.

Constância, 1093-1094.

Contemplação infusa objeto da Mística, 10-11; adquirida e infusa, 26 e 31; passiva, 26-32; oposta à vida ativa? 43; natural e sobrenatural, 1297-1298; adquirida, infusa, ou passiva mista, 1299-1301. **Contemplação adquirida** e oração da simplicidade, 1363-1384. **Contemplação infusa**: noção, 1386; a parte de Deus, 1387-1391; a parte da alma, 1392-1401; utilidades, 1402-1405; 1428, 1440, 1451, 1462, 1467, 1474. *Chamamento próximo*, 1407-1416. *Chamamento remoto*, 1558-1566. **Contemplação árida**: noite dos sentidos, 1420-1434; noite do espírito, 1463-1468; *suave*, 1435 e segs.

Continência, 1107, meios de guardá-la, 1108-1126.

Contrição: motivos da parte de Deus, 267; da parte da alma, 268; como assegurar a eficácia, 269; elementos essenciais da penitência, 706 e 743.

Coração de Jesus, modelo e fonte de caridade, 1252-1258; deveres para com Ele, 1259-1261.

Corpo místico, 142 e ss; 292; ver *Jesus*.

Crescimento das virtudes, 1003.

Cristo, 76-85; ver *Jesus Cristo*.

Cruz (amor da), 1091-1475.

Culto, objeto da virtude da religião, 1046.

Curiosidade: perigos e remédio, 199 e 201; dos olhos, 775; do espírito, 808.

Dedicação do diretor, 544-546.

Defeitos dos principiantes, 636, 920-950; dos proficientes, 1263 -1280; e contemplativos, 1464.

Demônio, tenta os primeiros pais, 67; tenta os homens, 219; sua tática, 221; meios de triunfar, 223-225. Fenômenos que produz: possessão e obsessão, 1531-1543.

Desapego dos bens terrenos, 897, 1202.

Desconfiança de si mesmo, 1150.

Desejo da contemplação, 1417.

Desejo da perfeição, 409; natureza e origem, 410-413; necessidade, 414-417, 581; eficácia, 418-420; qualidades, 421-424; meios de estimulá-lo, 425-430.

Desespero oposto à esperança, 1201.

Desposório espiritual ou união extática, 1454-1462; contraído num arroubamento, 1459.

Deus. Objeto e centro da teologia, 4; eleva-nos ao estado sobrenatural, 59-66; vive em nós pela graça, dá-nos um organismo sobrenatural, 102-123; ajuda-nos com a graça atual, 124-128; envia-nos o Filho, 76-85, 132-149; dá-nos Maria por mãe, 154-162, socorre-nos por meio dos santos e anjos, 177-189; necessidade de conhecê-lo para a perfeição, 432 e ss.

Devoção: falsas ideias sobre, 296 -305; verdadeira noção: o amor a Deus e do próximo por Deus, 309. Devoção à SS. Trindade, 98-100; ao Verbo Encarnado, 150-153; à SS. Virgem, 163-169; aos santos, 177-182; aos anjos, 185-187.

Devoção sensível, utilidades e perigos, 921-924.

Devotos, falsa noção de perfeição, 295, 301-305.

Direção dos contemplativos, 1571-1578.

Direção espiritual, necessidade provada pela autoridade, 531-534; pela natureza do progresso espiritual, 535-539; seu objeto, 541-543.

Diretor, qualidades e deveres, 544-550; empecilhos a serem evitados, 545-546.

Dirigidos, deveres para com o diretor, 551-556;

Discernimento dos espíritos, 951; regras de Santo Inácio para os principiantes, 953; para a via iluminativa, 1281-1284. Nas revelações privadas, 1498-1508.

Disposições necessárias: para receber bem os sacramentos em geral, 259-261; para o da Penitência, 262-269; da Eucaristia, 270-276; para tirar muito fruto da Comunhão, 283-288.

Disposições para a contemplação infusa, 1409-1412.

Distrações, meios de combatê-la, 655, 1477.

Domínio das paixões em Adão, 63.

Dons: naturais, 452-458; sobrenaturais dados a cada um de nós, 458-460; preternaturais, dados a Adão, 61-64.

Dons do Espírito Santo: como diferem das virtudes, 119-120, 1308-1311; como aperfeiçoam o exercício delas, 123. Excelência, 1312-1313; cultivo progressivo, 1314-1319; classificação, 1320. Dom de conselho, 1321-1324; piedade, 1325-1329; fortaleza, 1330-1334; temor, 1335-1338; ciência, 1339-1343; entendimento, 1344-1347; sabedoria, 1348-1352. Papel dos dons na oração, 1353-1354; na contemplação, 1355-1358; relações com os sentidos espirituais, 1358.

Eflúvios: luminosos, 1519; odoríferos, 1520.

Egoísmo: ascética não favorece, 43.

Enfraquecimento das virtudes, 1004.

Entendimento, (dom de), 1344-1347, 1356, *ver inteligência*.

Entrega total, 492, 757, 1232, 1432, 1447, 1474.

Escol: a direção forma um escol de cristãos fervorosos, 540; os retiros fechados, 427; o desejo do progresso, 366.

Escritura Sagrada: fonte de teologia ascética e mística, 13-17; dados recolhidos, interpretados e coordenados pela razão, 22; a sua leitura sob o aspecto espiritual, 574-576; palavra de Deus, 1326.

Escrúpulos: noção, 935; causas, 936-937; graus, 938; sinais, 939; objeto, 940-941; inconvenientes, 942; utilidades, 943; remédios, 944-950.

Espécies infusas em certos graus de contemplação, 1390.

Esperança, virtude teologal: natureza, 1190-1193; papel santificador, 1194-1198; prática progressiva, 1199-1206;

Espírito Santo, os dons, 24, 31, 123, 1307-1357; comunica as virtudes infusas, 119; habita na alma, 91-98, cf. vida cristã; é a alma do corpo místico, 144-145; move-nos à perfeição, 429; frutos do, 1359-1360.

Esponsais espirituais, *ver desposório*.

Esposos cristãos: como santificar as suas relações, 590-592.

Estado passivo ou místico, ou contemplação infusa, 1386 e ss.

Estudo sobrenatural, remédio contra a curiosidade, 808.

Eucaristia, sacramento e sacrifício 270, *ver Comunhão e Missa*.

Exame de consciência, 462-466; geral, 467; particular, 468-476.

Exemplarismo divino, meio de elevar-nos a Deus, 445.

Exemplos, arrastam à virtude, 16; Nosso Senhor, exemplo de toda virtude, 136-141; exemplo de santidade sacerdotal, 379; exemplo dado pelo sacerdote, 400.

Exercícios espirituais, necessários ou úteis para perfeição, 523-526.

Exorcismos, 1545-1548.

Êxtase: natureza, 1454-1457; fases, 1458-1460; efeitos, 1461-1462.

Extraordinários, *ver fenômenos*.

Extrema-Unção, sua graça especial, 255.

Familiaridade com Deus, 1292; contida pelo dom do temor, 1237.

Fé, virtude teologal: natureza, 1169 -1171; papel santificador, 1172-1179; prática progressiva, 1180-1189.

Felicidade, encontra-se na perfeição, 364.

Fenômenos místicos extraordinários, 1489; *divinos* de ordem intelectual: revelações, 1491; visões, 1491-1493; palavras sobrenaturais, 1494, toques divinos, 1495.

Fenômenos divinos psico-fisiológicos, 1516-1524; diferenças com os fenômenos mórbidos, 1525-1530.

Fenômenos diabólicos: obsessão, possessão, 1531-1543; remédios, em particular, exorcismo, 1544-1548.

Fervor, aumenta o mérito, 234; aumenta a graça sacramental, 260.

Fervor excessivo, causas, 932; remédios, 933.

Filhos: deveres para com os pais, 593.

Fim, do homem é Deus, 307-308.

Fortaleza, virtude *cardeal*: natureza, 1076-1077; graus, 1078-1081; virtudes conexas com a fortaleza: magnanimidade, munificência, paciência, constância, 1082-1094. - Dom de fortaleza: natureza, 1330-1331; meios de cultivá-lo, 1333-1334.

Frutos do Espírito Santo, 1359-1360.

Glória de Deus procurada pela Redenção, 78; todas as nossas ações devem tender a buscá-la, 207, 248, 290, 307, 365; sobretudo a Santa Missa, 270-271; fim principal da oração, 700, 703; da virtude da religião, 1046, 1054, da vida espiritual, 1599.

Glória do homem no céu, 108, 118.

Gostos divinos, 1439.

Graça dada aos primeiros pais, 65, ao homem regenerado, 105; natureza, 106-114; união da nossa alma a Deus que dela resulta, 115-118.

Graça atual: natureza, 125; modo de ação, 125; necessidade, 126-128; obtida sobretudo pela oração, 645-647; graça atual comum e especial operante, 1299-1300, 1308.

Graça habitual, 105, *v. vida cristã*

Graça sacramental, própria de cada um dos sacramentos, 251-258.

Gratuidade da contemplação, 1387.

Graus de perfeição, 340, 619-626; principiantes, 341; almas em progresso, 342; perfeitos, 343. - De oração, 632; de contemplação, 1418-1419; na prática das virtudes, 631; *ver os nomes das diferentes virtudes*.

Habitação do Espírito Santo na alma, 90; e toda a SS. Trindade, 92. Deus habita na alma como Pai, 93-94; como amigo, 95; como colaborador, 96; como santificador, 97. Deveres derivados dessa habitação: adoração, amor, imitação, 98-101.

Hábitos naturais e sobrenaturais, 998-999.

Heroicas, (virtudes) praticadas sob a moção dos dons, 1309.

Homem, elevação ao estado sobrenatural, 59-67; queda, 67-68; castigo, 69-75; redenção, 76-86; sua parte na vida cristã, 190-246.

Homem novo ou regenerado, 226-227; despojar-se do homem velho, 323.

Humildade para combater o orgulho, 207-209; natureza, 1127; fundamento, 1128; graus segundo S. Bento, 1130; S. Inácio, 1133; M. Olier, 1134; excelência, 1136-1139; práticas, 1140-1153; guarda da castidade, 1108-1113; um dos efeitos da contemplação, 1371, 1430, 1440.

Ignorância, combate da, 807.

Igreja, amor filial, 1326.

Iluminativa, via, 961.

Imagem de Deus impressa em nossa alma, 112.

Imaginação, dever e maneira de mortificar, 780-781, 1118-1119.

Imitação da SS. Trindade, 101, de Nosso Senhor em geral, 136-141, 968; em particular, *ver Jesus Cristo*; da SS. Virgem, 159, 168; dos santos, 180.

Imortalidade dada a Adão, 64.

Impaciência, 856.

Inconstância, perigos, 930; remédios, 931.

Incorporação em Cristo, 142-146.

Incrédulos, falsa noção da perfeição cristã entre eles, 296-297.

Inimigos (amor aos): suportá-los com paciência, 1245-1251.

Inimigos espirituais: concupiscência, mundo e demônio, 192 e ss.

Instintos divinos, 1308.

Integridade de Adão, 61-63.

Inteligência: como foi atingida pelo pecado original, 75; unida a Deus pela fé, 121, e pelos dons de ciência e entendimento, 123, mortificação e disciplina, 806.

Intenção, requerida para o mérito, 239; como aumenta-o, 240-242.

Intensidade ou fervor nos atos meritórios, 243.

Invocação de Maria, 165; dos santos, 179, dos anjos, 185; do anjo da guarda, 187.

Jejum, meio de penitência, 749.

Jesus Cristo nosso Redentor, 76-85; sua parte na vida cristã, 132; causa meritória, 133-135; causa exemplar ou modelo perfeito, 136-141; nossa cabeça e vida, 142-146; mediador de religião, 151. Devemos tê-lo diante dos olhos, no coração, nas mãos, 153; Filho de Maria, 155; unem-se a ele os anjos para adorar a Deus, 184; centro de nossos pensamentos, 966; de nossos afetos, 967; de nossa vida, 968; modelo de prudência, 1033; religião, 1054; obediência, 1063; fortaleza, 1080; paciência, 1090-1091; humildade, 1141-1144; mansidão, 1160-1164; amor a Deus, 1253-1254; caridade, 1246-1249, 1255. Seu Coração divino, modelo e fonte de caridade, 1252-1257. Sua vida interior, 1258. Jesus que vive em Maria, 1590-1592.

Justiça: natureza, 1037; excelência, 1038; espécies, 1039-1040; regras para praticá-la, 1041-1044.

Justiça original, 71.

Justo meio das virtudes morais, 1014.

Leituras espirituais, 573; Sagrada Escritura, 574; autores espirituais, 576-577; disposições para ter proveito, 579-582.

Levitação, 1517-1518.

Liberdade na contemplação, 1392; no êxtase, 1457.
Língua (mortificação da): 777-778; 1116. Seus pecados: maledicências e calúnias, 1043-1044.
Liturgia e as três vias, 1578-1590.
Louvor a Deus, ato da virtude de religião, 1049-1056;
Luminosos (eflúvios), 1519.
Luta contra: a concupiscência da carne, 193-198; dos olhos, 199-203; soberba da vida; 204-209; o mundo; 210-218; o demônio, 219-225.
Luxúria, o que é, 873; sua malícia, 874; seus remédios, 876-882;
Luz contemplativa, 1390.

Magnanimidade, 1083.

Magnificência ou munificência, 1085-1086.

Malícia do pecado: mortal, 715-717; venial, 726-728.

Maria, Mãe de Deus e dos homens, 155-156; como age na santificação, 157-158; modelo perfeito, 159-160; medianeira de graça, 161. – Devoção que lhe é devida: veneração, 164; confiança, 165; amor filial, 166; imitação, 168. – Consagração, 170-176. – Devoção a Maria, meio de guardar a castidade, 1126.

Matrimônio, graça do sacramento, 257.

Matrimônio espiritual ou união transformante, 1469-1479.

Meditação, noção, 664; origem, 665-666; utilidade e necessidade, 669-678.

Meditação discursiva, 668; dificuldades, 684-687; métodos em geral, 688-691; método de S. Inácio (das três potências), 692-696; de S. Sulpício, 697-702.

Meditação afetiva, 975; noção, 976; conveniência, 977-978; meios de progredir, 979-980; utilidades, 981-984; inconvenientes e meios corretivos, 985-988; métodos: de S. Inácio, 989-993; de S. Sulpício, 994-997.

Meios de perfeição internos: desejo da perfeição, 409-431; conhecimento de Deus e de si mesmo, 432-477; conformidade com a vontade divina, 478-498; oração, 499-528.

Meios de perfeição externos, direção espiritual, 531-556; regulamento de vida, 558-572; leituras e conferências, 573-582; santificação das relações sociais, 584-615.

Mérito, meio de crescer na vida espiritual, 228-248; natureza, 229-230; mérito das ações, 231; atos meritórios aumentam a graça e a glória, 235; proporcionalidade do mérito com o grau: da graça santificante, 237; da união com Nosso Senhor, 238; da pureza e intenção, 239-242; do fervor, 243; proporcionalidade com a excelência do objeto, 244; com a dificuldade do ato, 245.

Mesquinhez, oposta a munificência, 1087.

Método a ser seguido na teologia ascética: *experimental e doutrinal*, 25-27; como uni-los, 28-31; com espírito conciliador, 32-33.

Métodos de oração, 688-702, 989-997; *ver meditação*.

Misericórdia divina, remédio para as nossas misérias, 652, 1204.

Missa, glorifica a Deus e santifica a alma, 271-273; disposições para bem assisti-la, 274-276; para bem celebrá-la, 395.

Mistérios de Jesus, de cujas graças devemos participar, 1598.

Mística (teologia): diferença com a ascética, 3, 10-11; fontes, 12-24; métodos de estudo, 25-34, 39; necessidade de estudá-la, 37; pensamento dos incrédulos, 296-297; - (estado, oração), 1386 e ss; *ver contemplação infusa*.

Moderação das paixões, 804-805.

Modéstia dos olhos, 775; da postura, 773.

Moradas, descritas por Santa Teresa: primeiras e segundas, 638-639; terceiras, 962; quartas, 1435; quintas, 1448; sextas, 1453; sétimas, 1469.

Mortificação: necessidade, 321-327; do prazer sensual, 196-198; das amizades sensíveis, 600-604, 606; da curiosidade, 201; do amor desordenado das riquezas, 202; do orgulho e da vaidade, 207-209. Diversos nomes, 752-753; definição, 754; necessidade para salvação, 755-757; para perfeição, 758-766; prática: princípios gerais, 767-770; mortificação do corpo, 771-774; dos sentidos externos, 775-783; dos internos, 780-783; 1118-1119; das paixões, 774-805; do entendimento, 806-810; da vontade, 811-817.

Mundanos, têm falsas ideias sobre devoção, 298.

Mundo, inimigo da perfeição, 210; seduz pelas máximas, pelas vaidades, pelos prazeres, pelos maus exemplos, 212; aterroriza pela zombaria, pelas ameaças, 213; como combatê-lo, 214-218; como nele praticar o apostolado, 216.

Natureza ou vida natural do homem, 52-58.

Noite da alma: *primeira* noite ou *noite dos sentidos*, 1420-1425; provações relativas, 1426-1427; utilidades, 1428-1434. *Segunda* noite ou *noite do espírito*, 1464; provações relativas, 1465-1466; ditosos efeitos, 1467-1468.

Obediência: natureza e fundamento, 1057-1060; limites, 1061; graus, 1062-1064; qualidades, 1065-1067; excelência, 1068-1073. – Aos mandamentos, 481; aos conselhos, 482; às inspirações da graça, 482-484; às regras, 374, 485. Voto de obediência, 371.

Obsessão: natureza, 1532-1534; modo de proceder, 1535.

Ofício divino: e santidade sacerdotal, 396; e oração pública, 514.

Oração, meio de perfeição, 499; natureza, 501-502; formas diversas: adoração, 503-504; ação de graças, 505; expiação e reparação, 506; petição, 507-509. Oração *mental*, 510; *vocal*, 511; oração *privada* ou *pública*, 511-514. Eficácia, 517-521. Como transformar ações em oração, 522-528; orações das Escrituras, 15; oração do sacerdote, 401. Necessidade, 644-647, 672-678; condições essenciais, 648; humildade, confiança, atenção, 651-656; eficácia para purificar a alma, 703. Noção, 664-666; oração discursiva, 668-702; afetiva, 975-988. Utilidades da oração, 669-671.

Ordem sacramento, sua graça especial, 256.

Orgulho, mal do, 204-205; Pecado capital: natureza, 820; principais formas, 821-826; defeitos derivados: ambição, presunção, vaidade, 827-831; malícia, 832-837; remédios, 207-209 e 838-844.

Paciência: natureza, 1088; graus, 1089-1092;

Pai-Nosso explicado, 515-516.

Pais: deveres para com os filhos, 592.

Paixões, submissas nos primeiros pais, 63; natureza e número, 785-787; efeitos das desordenadas, 789-793; utilidades das bem reguladas, 794-795; bom uso delas, 796-805.

Palavras sobrenaturais, 1494.

Papa: veneração, amor, obediência, 1326.

Páscoa (tempo de) e via unitiva, 1587.

Paz de alma, fruto do amor de Deus, 1223; atinge a perfeição na união transformante, 1470, 1474.

Pecado: noção e espécies, 707-709. Pecado *mortal:* diante de Deus, 711-714; o que é, 715-718; efeitos, 719-723. Pecado *venial:* de surpresa, 724-725; de propósito deliberado: malícia, 726-728; efeitos, 729-735.

Pecado atual: confissão dos pecados graves, 262; dos venais de propósito deliberado, 263; das faltas por fragilidade, 264; contrição, 266-269.

Pecado original e suas consequências, 67-75.

Pecados capitais: noção e número, 818-819; luta contra: o orgulho, 820-844; a inveja, 845-852; a ira, 853-863; a gula, 864-872; a luxúria, 873-882; a preguiça, 883-890; a avareza, 891-898.

Penitência: definição e necessidade, 705-706; 736-742; atos internos: ódio e fuga do pecado, 707-735; obras de, 746-750; - (sacramento da), meio de santificação, 268-269; graça própria, 254.

Pentecostes (tempo de) e a via punitiva, 1588.

Perfeição absoluta e relativa, 1, 3; perfeição do homem, 307; do cristão, 308. Falsas ideias sobre a perfeição, 296-305. Consiste essencialmente no amor a Deus e ao próximo por Deus, 309-320; na terra supõe o sacrifício, 321; exige o cumprimento dos preceitos, 337; e de alguns conselhos, 338-339. Graus, 340; limites, 344-349. Obrigatória para os *fiéis*, 353 -361; para os *religiosos*, 367-376; para os *sacerdotes*, 377-406; adquire-se pelos meios internos e externos, 408.

Perfeitos, via unitiva dos, 1290-1296; praticam o terceiro grau das virtudes.

Piedade (dom): natureza, 1325-1326; necessidade, 1327; meios de cultivá-lo, 1329.

Piedade (a) faz saborear a felicidade, 364.

Pobreza, voto de, 369; oposta à avareza, 897-898.

Pontualidade na observância da regra, 571.

Possessão diabólica: natureza, 1537-1541; diferenças entre ela e as perturbações nervosas, 1543; remédios, 1544-1548.

Preceito do amor de Deus, sua extensão, 1213.

Preceitos distintos dos conselhos, 42, 335; cumprimento necessário para a perfeição, 337.

Preguiça, pecado capital: natureza, 884; malícia, 885-888; remédios, 889-890.

Presença de Deus (exercício da): fundamento, prática, utilidades, 446-447.

Presunção, filha do orgulho, 827; oposta à esperança, 1201.

Preternaturais (dons), conferidos à Adão, 61-65.

Principiantes na perfeição, 636; categorias, 637; classes, 638-639; exercícios espirituais dos, 657-663; meditação conveniente aos, 668; assunto meditados pelos, 679-683; dificuldades que encontram na oração, 684-687; métodos convenientes aos, 692-702; virtudes que devem praticar: penitência, 705-750; mortificação, 751-817. Como praticam a virtude da religião, 1053; a obediência, 1062; a fortaleza, 1078-1079; a paciência, 1089; a humildade, 838-844; a mansidão, 861-863; a fé, 1180; a esperança, 1201; o amor de Deus, 1225-1226; a caridade fraterna, 1241-1245.

Prodigalidade, 1087.

Proficientes ou adiantados: estão na via iluminativa, 962-965; Jesus é o centro de suas vidas, 966-968; praticam o segundo grau das virtudes, 971. Categorias: *piadosos* e *fervorosos*, 972-973.

Profissionais (relações): como santificá-las, 607-610.

Progresso espiritual: necessidade, 358; desejo de, 409-430.

Provações providencias, 428.

Próximo, edificação do, 366-563; santificação do apostolado, 611-616;

Prudência, virtude cardeal: natureza, 1016-1019; elementos constitutivos, 1020-1024; espécies, 1025; necessidade, 1026-1028; meios de aperfeiçoá-la; 1029-1036; do diretor espiritual, 548-550.

Psicologia, necessidade de estudo, 23-24; método psicológico 25-26.

Pureza de coração, virtude da via unitiva, 1296; disposição para a contemplação, 1410.

Purgativa, (via) ou via dos principiantes, 636-640; fim visado: purificação da alma, 641; meios para consegui-lo, 642 e ss; síntese dessa via, 958-960.

Purificação ativa da alma pela penitência, 705 e ss. – *passiva* pelas duas noites espirituais, 1420 e ss, 1464 e ss.; *ver noite*.

Pusilanimidade, oposta a magnanimidade, 1084.

Quaresma, tempo de penitência, 1584.

Quietismo, de Molinos, 1483-1484; Fénelon, 1485-1486; semiquietismo, 1487-1488.

Quietude (oração de); três fases, 1435; recolhimento passivo, 1436 -1437; propriamente dita: natureza, 1438-1441; progresso e variações, 1442-1445; sono das potências, 1446; modo de proceder, 1447.

Rapto, segunda fase da união extática, 1459.

Razão iluminada pela fé e pela experiência, seu papel na teologia ascética e mística, 21-24.

Recolhimento (oração de) ou oração ativa de simplicidade, 1363.

Recolhimento passivo, anuncia a oração de quietude, 1436-1437.

Redenção, obra de justiça e amor, 78-81; efeitos, 82-85.

Regras religiosas, preceptivas, 373-375.

Regulamento de vida, 558; utilidade, 559-564; qualidades, 565-568; modo de cumpri-lo 569.

Relações sociais, 584, como santificá-las, 585-588; de família, 589-594; de amizade, 575-606; profissionais, 607-610; de apostolado, 611-615;

Religião (virtude): natureza e atos, 1046-1048; necessidade de praticá-la, 1049-1051; prática progressiva, 1052-1056.

Religiosos obrigados a tender à perfeição, 367; pelos votos, 368-372; pelas constituições e regras, 373; limite da obediência aos superiores, 371; às regras, 374-376.

Renúncia, 752.

Resoluções que devem ser tomadas na oração, 690, 694, 701.

Respeito do dirigido para com o diretor, 552.

Retiros espirituais para fomentar o desejo de perfeição, 427.

Revelações privadas, 1490; como ocorrem, 1491-1494; não as desejar, 1496. Regras de discernimento, 1497; da parte do sujeito, 1498 -1500; da parte do objeto, 1501.

Sabedoria (dom): natureza, 1348; efeitos, 1350; meios de cultivá-lo, 1351-1352; função na contemplação, 1356.

Sacerdotes, são obrigados à santidade, 377; doutrina do Código sobre esse ponto, 378; e de Nosso Senhor, 379-383; de S. Paulo, 384; do Pontifical, 385-391; - Santidade requerida para a Santa Missa, 394-395; para o Ofício divino, 296; para santificar as almas, 398-401; para preparar-se para o sacerdócio, 402, para exercer suas funções, 403.

Sacramentos, meios de santificação, 249-250; graça sacramental, 251-258; disposições necessárias para recebê-la com abundância, 259-261; para cada um dos sacramentos, *ver batismo, ordem*, etc.

Sacrifício: da Missa, 270-293; sacrifícios pessoais como meio de perfeição, 287, 322-334.

Salvação de nossa alma, 372.

Santidade necessária aos fiéis, 353 -366; aos religiosos, 367-376; aos sacerdotes, 377-406.

Santos: utilidade de ler as biografias, 23, 30, 40; função na vida cristã, 177-183; veneração, 178; louvor, 179; imitação, 180-183.

Securas: noção, 925; fim providencial, 926; modo de proceder, 927-928; especiais, da noite dos sentidos, 1423-1424.

Sensualidade, obstáculo à perfeição, 193-195; mortificação da, 196-198. – Sensualidade nas afeições, 600-604.

Sentidos espirituais e dons do Espírito Santo na contemplação, 1358.

Sentidos externos (mortificação), 775-779, 879, 1115-1117.

Sentidos imaginativos: aplicação dos cinco sentidos na oração, 991.

Simplicidade (oração de): diversos nomes, 1363; natureza, 1364-1369; utilidades, 1370-1373; modo de agir nela, 1374-1381; é contemplação adquirida ou infusa? 1382-1384.

Soberba ou orgulho da vida: perigos, 204-206; remédio, 207-209.

Sobrenatural relativo e absoluto, 59-60; dons sobrenaturais em Adão, 65-66; vida sobrenatural e cristã, 88; *ver vida*.

Sobrenatural (oração): sentido dado por Santa Teresa, 1387.

Submissão à vontade de Deus, 478 -499;

Temor (dom), 1335-1338.

Temperamento e caráter, Apêndice II; influência sobre a contemplação, 1563.

Temperança, 864, 1099.

Tentação, remédios contra a tentação diabólica: oração, 223; sacramentos e sacramentais, 224; desprezo do demônio, 225; - fins providenciais, 902-904; frequência, 905; três fases, 906; sinais de consentimento, 907-910; meios de triunfar, 911-918.

Tentações especiais; de *principiantes*, 920-950; de *proficientes*, 1262-1280; dos *perfeitos* na noite dos sentidos, 1426.

Teologia: divisões, 4-5; - dogmática e moral: relações com a ascética, 6-8; - ascética e mística: método a ser seguido, 25-43; divisão, 44-48.

Tibieza: natureza, 1270; causas, 1271; graus, 1274; perigos, 1275; remédios, 1279.

Toques divinos, 1495.

Tradição: fonte da teologia ascética e mística, 12-20; dados recolhidos, interpretados e coordenados pela razão, 22.

Transformante (união): natureza, 1470-1471; descrição de Sta. Teresa, 1472-1473; efeitos, 1474-1478.

Treva divina, segundo Ps.-Dionísio e Sto. Tomás, 1398.

Trindade (SS.): habita em nós, 91-102; deveres para com ela, 98; adoração, 99; amor, 100; imitação, 101; união pela comunhão, 282; - visão dela na união transformante, 1473.

União de Cristo com o fiel pela Eucaristia: é física, 278; espiritual e transformante, 279-280; prolongada se quisermos, 281; implica uma união especial com as três divinas Pessoas, 282.

União com Deus pela graça, 115-118; oração aperfeiçoa, 519.

União íntima com Deus, característica da via unitiva, 1290; união simples ou plena, 1448-1452; extática, 1453-1462; transformante, 1469-1479.

Unitiva (via): finalidade, 1290; caracteres distintivos, 1292-1295; a quem convém, 1296.

Verbo Encarnado, devoção ao, 150-153; *ver Jesus Cristo*.

Verdades filosóficas sobre Deus, 434-437; reveladas, 438-443.

Vias espirituais, as três vias, 46-48; dificuldades de cada uma, 536 -540; fundamento da distinção delas, 619-626; maneira de utilizar essa distinção, 627-632; utilidade do estudo da

distinção, 633-634. – As três vias e a liturgia, 1579-1589;

Via iluminativa, a quem convém, 962-964; fim visado, 966-968; meios para alcançá-lo, 969-971; síntese dessa via, 1285-1288;

Via purgativa: caracteres essenciais, 636; a quem convém, 637-640; fim visado, 641; meios para alcançá-lo, 642; síntese dessa via, 958-960.

Via unitiva: fim visado, 1290; caracteres distintivos, 1292-1295; a quem convém, 1296. Via unitiva *simples*, 1303-1306; via unitiva acompanhada de contemplação infusa, 1386 e ss.

Vícios capitais, 818 e ss.; *ver pecados capitais*.

Vida: sobrenatural, princípios e origens, 49, 51-66; natural, 52-59.

Vida cristã: natureza, 88 e ss.; é uma participação da vida divina, 88 e ss.; a SS. Trindade habita em nossa alma, 91-97; produz nela um organismo sobrenatural, 102-123; uma participação da vida de Jesus Cristo, 291; de Maria, 292; dos santos, 293. O *organismo* da vida cristã, 102; *graça habitual*, 105-118; *virtudes infusas*, 119-122; *dons do Espírito Santo*, 123; *graça atual*, 124-128. Função de Jesus na vida cristã, 132-154; função de Maria, dos santos e anjos, 154-188. Função do homem na vida cristã, 190-246; inimigos dessa vida, 192 e ss.; uma luta penosa, incessante, 226-227, 357. Aumenta pelo mérito, 228-248; pelos sacramentos, 249-289.

Virgindade ou continência: meios de conservar, 1108-1126.

Virtudes: prática das, 41; infusas, 121-122; caridade resume e aperfeiçoa todas, 309, 318; necessárias para a tonsura, para as ordens menores e para as ordens sacras, 386-391.

Virtudes infusas, superiores às naturais, 1000-1001; crescimento, 1003; diminuição, 1004; perda, 1005; nexos entre elas, 1006-1008.

Virtudes morais: natureza, 1009; número, 1011-1013; justo meio que as caracterizam, 1014. Principais virtudes: prudência, 1016-1036; justiça, 1037-1044; religião, 1045-1054; obediência, 1057-1074; fortaleza, 1075-1098; temperança, 1099; castidade, 1100-1106; continência, 1107-1126; humildade, 1127-1153; mansidão, 1154-1166.

Virtudes naturais e sobrenaturais, 998-999.

Virtudes produzidas pela contemplação, 1402-1405, 1428, 1440, 1451, 1462, 1467, 1474.

Virtudes requeridas para contemplação, 1410-1461.

Virtude teologais: número e função, 1167-1168; a fé, 1169-1189; a esperança, 1190-1206; a caridade, 1207-1261.

Visões sobrenaturais: sensíveis, 1491; imaginárias, 1492; intelectuais, 1493; regras para discernir as verdadeiras das falsas, 1498-1508.

Vocação à contemplação: *próxima*, 1406-1416; *remota*, 1558-1567.

Vontade: educação da, 811-816.

Vontade de Deus: conformidade com, 478; significada, 480-485; de beneplácito, 486-492.

Votos dos religiosos, 368-372.

Zelo para propagar a fé, 1189; para glorificar a Deus, 1231, 1451; para santificar as almas, 1478.

Zelo pelas almas: dever de ofício do sacerdote, 398-401; dever de caridade dos fiéis, 366; como santificar as obras de apostolado, 611 -615; como os contemplativos praticam o apostolado, 1478.

^[1] Conforme reportagem publicada em: <http://pt.radiovaticana.va/news/2016/06/04> .

^[2] Por essa razão colocamos em linguagem comum os textos da Sagrada Escritura e dos Santos Padres.

^[3] “Que em todas as coisas Deus seja glorificado por Jesus Cristo” (I Pedro 4, 11).

^[4] Quem desejar uma lista mais completa de indicações, consultar a excelente obra de Pe. POURRAT, *La Spiritualité Chrétienne*, 2 in-12, Paris Gabalda, 1918 – 1921.

^[5] CAVALLERA, Rev. D’As. *Et de Myst.*, outubro de 1920, p. 351 - 360. Hemmer-Lejay, com tradução francesa de A. Lolong, com introdução e notas.

^[6] Pe. GUILLOUX, Rev. D’As. *Et de Myst.*, julho de 1922, p. 282 - 300; DOM MÉNAGER, *Vie spirituelle*, janeiro 1923, p. 407-430.

^[7] A. D’ALÈS, Rev. D’As. *Et de Myst*, julho de 1921, p. 407 - 430.

^[8] P. POURRAT, *op. cit.*, t. I, p. 269 - 344, traz uma síntese de sua espiritualidade.

^[9] Este livro, uma verdadeira teologia pastoral, ainda hoje muito útil, foi adaptado às necessidades do nosso tempo por Mgr. Hedley com o título *Lex Levitarum*, a formação sacerdotal segundo S. Gregório. Trad. do francês por D. Bède Lebbe, Paris, Desclée, 1922.

^[10] M. SALVAYRE, S. Bernard, *maître de vie spirituelle*, Avignon, 1909.

^[11] *Revelationes Gerturdianæ ac Mechtildianæ*, publicadas pelos Beneditinos de Solesmes, 1857 – 1877.

^[12] DOM I. HUYBEN, *Vie spirit.* nov. 1922, jan. 1923, p. 22, 80 ss.

^[13] Ver *Vie spirit.*, agosto de 1921, dedicado a espiritualidade dominicana; Pe. MANDONNET, S. Dominique, *L’idée, l’homme et l’œuvre*, 1921.

^[14] O *Paradisus animæ*, traduzido pelo Pe Vanhamme com o título: *Le Paradis de l’âme* (Saint Maximin, 1921), e o *De adhærendo Deo*, traduzido pelo Pe BERTHIER com o título *Union avec Dieu*, não são dele, mas são opúsculos muito edificantes do século XIV ou XV.

^[15] N. T. – Utilizamos a tradução da Suma Teológica da Edições Loyola, 3ª Ed., 2009.

^[16] Conforme *Vie spirituelle*, abril de 1923.

^[17] Conforme MONS. WAFFELAERT, Bispo de Brugues, que explica sua doutrina em *L’Union de l’âme avec Dieu*, tradução francesa de R. HOORNAERT. DOM J. HUYBEN, JEAN RUYSBROECK em *Vie spirit.*, maio de 1922, p. 100 - 114.

^[18] Uma edição completa e crítica de todas as suas obras acaba de ser publicada por M. J. POHL: *Thomæ Hemerken a Kempis ... Opera omnia*, 7 vol., Herer, Friburgo, 1922.

^[19] Conforme H. WATRIGANT, *La Meditation methodique et Jean Mauburnus*.

^[20] Traduções Inglesas: *A Book of Spiritual Instruction*, London, 1900; *Confort for the faint-hearted*, 1902; *Mirror for monks*, 1872.

^[21] Atualmente os beneditinos publicam na coleção Pax uma série de obras de espiritualidade que será muito proveitosa para almas que desejam a perfeição.

^[22] Librairie Saint-Maximin (Var), onde os dominicanos também publicam uma coleção de *Chefs d’œuvre ascétiques et mystiques*, que certamente alimenta e fortalece a vida cristã.

^[23] A melhor edição é a de Madrid, 1919; *Exercitia spiritualia S. Ignatti de Loyola et eorum Directoria*, que contém quatro textos paralelos: o autógrafo espanhol, a versão latina chamada Vulgata, a primeira versão, e a tradução do Padre ROTHAAAN.

^[24] *Etudes Religieuses*, t. CIX, p. 134. – Publicada na Bélgica sob a direção do Padre WATRIGANT, a *Bibliothèque des Exercices de S. Ignace* (também ap. Lethielleux, Paris), na qual encontramos tudo o que, com respeito à história e a doutrina, é útil para compreender melhor os Exercícios.

^[25] *Lettres de S. Ignace de Loyola*, traduzido pelo Padre M. BOUX, Paris, 1870.

^[26] *Récit du Pèlerin*, publicação por E. THIBAUT, Louvain, 1922.

^[27] Acaba de ser publicada uma nova edição, pelo Pe. WATRIGANT, Lethielleux, 1922.

^[28] Conforme H. BREMOND, *Histoire littéraire ...*, t. V. *L’Ecole du Padre Lallemant et la tradition mystique dans la C.ie de Jésus*, Paris, 1920.

[29] Pe. BAINVEL, *Les écrits spirituels du P. V. Huby, Rev. D'Ascét. Et Mystique*, Avril, 1920, p. 161–170; Jul., 1920, p. 241–263; o autor prepara uma edição crítica desses escritos.

[30] N. T. – Nesta edição utilizamos: Obras Completas de Teresa de Jesus, texto estabelecido pelo Fr. Tomas Alvarez, O.C.D, Edições Loyola, 7ª ed. 2015.

[31] N. T. – Nesta edição utilizamos: Obras Completas de São João da Cruz, Editora Vozes, 2ª ed., 1988.

[32] N. T. - Nesta edição utilizamos: História de uma Alma, Edições Paulinas, 2ª ed., 1986.

[33] Para compreender bem sua espiritualidade, ver F. VINCENT, *S. François de Sales directeur d'âmes*, Beauchesne, 1923, Cf. H. BREMOND, *Histoire littéraire du sentiment religieux*, t. I e II.

[34] N. T. - Nesta edição utilizamos: Introdução à Vida Devota, Editora Vozes, 8ª ed., 1958; Tratado do Amor de Deus, Livraria Apostolado da Imprensa, 3ª ed., 1958.

[35] Este livro, escrito principalmente para as almas que aspiram à via unitiva não pode ser posto nas mãos dos principiantes, sem os precaver de certas formas de piedade que não convém senão às almas mais adiantadas.

[36] H. BREMOND, *Histoire litteraire du sentiment religieux*, t. III, 1921, faz uma síntese magnífica da doutrina dessa Escola. Porém, quando aborda a ascese, não trata da abnegação e da prática das virtudes crucificantes (mortificação, humildade, pobreza) que a Escola considera como meios necessários para chegar à união com o Verbo Encarnado: não podemos unir-nos a Jesus senão desprendendo-nos de nós mesmos e das criaturas, e crucificando a carne e o homem velho.

[37] Conforme MAYNARD, *Vértus et doctrine spirituelle de S. Vicent de Paul*, Paris, 1882.

[38] H. BREMOND, t. III, p. 460.

[39] Para as diversas edições de M. OLIER e dos seus discípulos, cfme L. BERTRAND, *Bibliothèque sulpicienne*, Paris, Picard, 1900, 3 volumes em 8º.

[40] O autor, antes de morrer, permitiu-nos usar o seu trabalho, e alegamo-nos de fazê-lo.

[41] TH. DE VOLLGORNERA, O. P. *Mystica Theologia D. Thomæ*, t. I, q. 1; E. DUBLANCHY, *Ascétique in Dict. de Théol.*, t. I, col. 2038 - 2046; GYROUX, *Enseignement de la théologie ascétique, Rapport lu au Congrès de l'Alliance des Séminaires*, t. V (1911), p. 154 – 171.

[42] Esse tratado encontra-se em nossa *Synopsis Theologiae Dogmaticae*, t. III.

[43] No *Pedagogo*, L. I, c. 8, P. G., VIII, 318. CLEMENTE dá o nome de *asceta* a Jacob, depois da luta que manteve com um anjo, em uma visão misteriosa.

[44] ORÍGENES (*In Jerem.*, homil., 19, n. 7, P. G., XIII, 518) chama de *ascetas* uma classe de fervorosos cristãos que praticavam a mortificação e outros exercícios de perfeição.

[45] Reverendo GARRIGOU-LAGRANGE, O. P., *La vie spirituelle*, 10/10/1919, p. 11.

[46] Com muita razão, nas duas revistas de tendências diferentes, *La vie Spirituelle* e *Revue d'Ascétique et de Mystique*, buscou-se dar precisão aos conceitos, distinguindo com cuidado os relativos ao chamamento à contemplação, denominados: *geral e individual, próximo e remoto, eficaz e suficiente*. Com a precisão dada ao sentido desses termos e o estudo dos fatos, poderá haver maior compreensão, e até mesmo aproximação entre as diversas escolas.

[47] Assim, TH. DE VALLGORNERA adota preferencialmente o método dedutivo, enquanto o Padre POULAIN, no seu livro *Grâces d'oraison*, dá mais importância ao método descritivo.

[48] GIROUX, *Papoort cité, VIº Cong. De l'Alliance*, 1911, p. 156.

[49] Livro da Vida, TERESA DE JESUS, Obras Completas, cap. 13, nºs 16-18, Ed. Loyola, 7ª ed., 2015. Essa passagem deve ser lida em conjunto com outras dispersas em suas obras.

[50] Obras Completas de SÃO JOÃO DA CRUZ, *Chama Viva de Amor*, Canção III, p. 902 – 904, par. 53 – 56. Editora Vozes, 2ª edição 1988.

[51] N. T. – Nos dias atuais, a citada dificuldade de encontrar-se um guia é muito maior.

[52] Motu próprio, 9 de setembro 1910, A. A. S., t. II, p. 668 – O Papa Bento XV desejou criar uma cadeira de Teologia Ascética nas duas grandes escolas teológicas de Roma.

[53] N. T - Esta última frase consta apenas na versão em Inglês. Consideramo-la útil e por isso acrescentamos.

[54] *Revue Philosophique* (Ribot), dez 1904, p. 606; M. DE MONTMORAND, *Psychologie des Mystiques*, 1923, p. 20 – 21.

[55] C. LETOURNEAU, *L'Ecole française du XVII^e siècle*, 1913; H. BREMOND, *Hist. Litt. du sentiment religieux*, t. III, *L'Ecole française*, 1921; este último põe demasiada relevância nas divergências e chama as escolas de rivais.

[56] Assim o fizeram muito bem, entre outros, SÃO JOÃO EUDES, nas suas missões e nas suas obras; e L. TRONSON, *Examens particuliers*, onde, aproveitando-se dos trabalhos anteriores de J. J. OLIER, soube sintetizar todas as práticas da ascese oleriana.

[57] Podemos citar, no tempo atual, Mgr. GAY, *De la vie et des vertus chrétiennes*; C.H. DE SMEDT, S. J., *Notre vie surnaturelle*.

[58] Além dos tratados de filosofia, conforme C.H. DE SMEDT, *Notre vie surnaturelle*, 1912, *Introduction*, p. 1 – 37; J. Schryvers, *Les principes de la vie spirituelle*, 1912, p. 31.

[59] A. EYMIEU, *La Gouvernement de soi-même*, t. III, *La Loi de la Vie*, Livro III, p. 128.

[60] Sobre este artigo, ver a nossa *Synopsis Theologiae dogmaticae*, t. II, nº 859-894, e os autores indicados, em particular: SANTO TOMÁS, *Suma Teológica* I, q. 93 – 102; P. BAINVEL, S. J., *Nature et surnaturel*, ch. I-IV; L'ABBÉ DE BROGLIE, *Conférences sur la vie surnaturelle*, t. II, p. 3-80; L. LABAUCHE, *Leçons de théol. dogmatique*, t. II, *L'Homme*, p. I, ch. I-II.

[61] SANTO TOMÁS, *Suma Teológica*, I - II, q. 163 – 165; *De Malo*, q. 4; BAINVEL, *Nature et surnaturel*, cap. VI – VII; A. DE BROGLIE, *op. cit.*, p. 133 – 346; L. LABAUCHE, *op. cit.*, part. II, cap. 1 – 5; AD. TANQUEREY, *Syn. Theol. Dogm.*, t. II, n. 895 – 950.

[62] SANTO TOMÁS, *Suma Teológica* I – II, q. 82, a. 4, sol. 1

[63] SANTO TOMÁS, *Suma Teológica* III, q. 46–49; HUGON, O. P., *Les mystère de la Rédemption*; BAINVEL, *op. cit.*, cap. VIII; J. RIVIERE, *Le Dogme de la Rédemption, étude théologique*, 1914; AD. TANQUEREY, *Synopsis theol. dogm.*, t. II, nº 1119–1202; L. LABAUCHE, *Leç. De Théol.*, t. I, III^o P.

[64] Trata-se do mérito de conveniência, chamado *de congruo*, que explicaremos adiante.

[65] Prefácio da Missa

[66] Essa grandeza e essa baixeza do homem foi muitas vezes descrita pelos pensadores cristãos, sobretudo por Pascal; *Pensées*, nºs 397 – 424, ed. Brunschvigg.

[67] SANTO TOMÁS, *Suma Teológica* I, q. 43, a. 3; FROGET, O. P., *De l'habitation du Saint Esprit dans les âmes justes*; R. PLUS, *Dieu em nous*, 1922; MANNING, *Int. Mission*, I; A. DEVINE, *Ascet. Theology*, p. 80 ss., AD. TANQUEREY, *Sin. Theol.*, t. III, nº 180 -185.

[68] É sobre essa verdade que J. J. Olier, *Catéchisme Chrétien pour la vie intérieure*, p. 35, 37, 43 das edições de 1906 e 1922, baseia sua espiritualidade: “Quem é que merece ser chamado de cristão? Aquele que tem em si o Espírito de Jesus Cristo”. – “Ele (o Espírito Santo) está ali (na alma do justo) com o Pai e o Filho, e ali derrama, como dissemos, os mesmos sentimentos, os mesmos costumes e as mesmas virtudes de Jesus Cristo.”

[69] *Suma Teológica* I, q. 8, a. 3: “Assim, pois, Deus está em tudo por seu poder, porque tudo está submetido a seu domínio. Ele está em tudo por sua presença, porque tudo está descoberto e à mostra de seus olhos. Ele está em tudo por sua essência, porque está presente em todas as coisas como causa do ser de todas elas.”

[70] *La vie intérieure*, ed. 1909, p. 405.

[71] *Imitação de Cristo*, Livro Segundo, cap. 1, nº 1.

[72] Todos esses afetos estão magnificamente expostos na bela oração da manhã composta por J. J. Olier, *La journée chrétienne* p. 18 – 24 da edição de 1907, e reproduzida no *Manuel du Séminariste de St. Sulpice*, e em *Méditations du P. Chaignon*, S. J.

[73] Sede solícitos em conservar a unidade do Espírito no vínculo da paz. Sede um só corpo e um só espírito, assim como fostes chamados pela vossa vocação a uma só esperança. ... Há um só Deus e

Pai de todos, que atua acima de todos, por todos e em todos (Ef 4, 3 – 6).

[74] SANTO TOMÁS, Suma Teológica I – II, q. 110; Álvarez da Paz, S. J., *De vita spiritual ejusque perfectione*, 1602, t. I, Livro II, cap. I; Terrien, S. J., *La Grace et la Gloire*, t. I, p. 75 e ss.; Bellamy, *La vie surnaturale*, 1895.

[75] SANTO TOMÁS, Suma Teológica I – II, q. 110, a. 3, sol. 3: a graça é “disposição anterior às virtudes infusas, das quais é o princípio e a raiz.”

[76] SANTO TOMÁS, Suma Teológica I – II, q. 110, a. 4, sol. 1: “da essência da alma decorrem suas potências que são o princípio de suas ações. Igualmente, da graça decorrem sobre as potências da alma as virtudes que movimentam essas potências para os seus atos.”

[77] EYMIEU, *op. cit.*, p. 150 – 151.

[78] SANTO TOMÁS, Suma Teológica I – II, q. 110; *Synopsis Theol. dogm.*, t. III, n. 186 - 191; FROGET, *op. cit.*, IV^e; P. TERRIEN, S. J., *La Grâce et la Gloire*, p. 75, ss.; BELLAMY, *La Vie surnaturelle*, 1895; NIEREMBERG, *Del aprecio y estima de la divina gracia*; V. Many, *La vraie vie*, 1922, p. 1 – 79.

[79] Esse termo não é inteiramente preciso, porque a graça em nós não é uma *substância*, mas um *acidente* ou modificação acidental de nossa alma. Mas, como é algo de finito e somente pode vir de Deus, sem ser por nós merecida, dá-se-lhe esse nome. Outras chamam-na *concriada*, para enfatizar que é tirada da potência obediencial da nossa alma.

[80] PSEUDO DIONÍSIO, *De eccl. hierarchia*, c. I, n° 3, P. G. III, 373.

[81] *La Vie intérieure*, p. 401.

[82] I Cor 13, 12: “Hoje vemos como por um espelho, confusamente; mas então veremos face a face. Hoje conheço em parte; mas então conhecerei totalmente, como eu sou conhecido.”

[83] SANTO TOMÁS, Suma Teológica I – II, q. 110, a. 2, sol 2.

[84] “*Divinam figurationem in nobis imprimens quodammodo per seipsum.*” (*Homil. Paschales*), X, 2, P. G., LXXVII, 617.

[85] SANTO AMBRÓSIO, *In Hexaem*, L., VI, c. 8, P. L., XIV, 260.

[86] SÃO BASÍLIO, *De Spiritu S.*, IX, 23, P. G., XXXII, 109.

[87] EYMIEU, *La loi de la vie*, p. 148 – 149.

[88] Em teologia, união física não quer dizer união material, mas união real.

[89] *Enarrat. In Psalm 70, sermo 2*, n° 3, P. L., 36, 893.

[90] BELLAMY, *La vie intérieure*, p. 184 - 191.

[91] Cardeal MERCIER, *La vie intérieure*, ed. 1919, p. 392.

[92] Esse é, em suma, o pensamento do Cardeal Mercier, que acrescenta (l. c.): “Todavia, de certo modo essa união é *substancial*, posto que, por um lado, realiza-se de substância a substância, sem a interposição de algum acidente natural e, por outro, põe a alma em comunicação direta com a substância divina, ao seu imediato alcance, como um bem do qual pode fruir e dispor.” Isso explica as expressões dos místicos que, como São João da Cruz, falam desses toques divinos “dados na substância da alma, pela amorosa substância de Deus”. (Noite Escura, Livro II, cap. 23, n° 12). O Pe. Poulain, em *Grâces d’Oraison*, cap. VI (Citações), reuniu muitos textos dos contemplativos sobre esse assunto.

[93] *Notre Vie Surnaturale*, p. 51.

[94] *Op. cit.*, p. 49.

[95] SANTO TOMÁS, Suma Teológica, Supl., q. 92, a. 1, sol. 8.

[96] SANTO TOMÁS, Suma Teológica I – II, q. 28, a. 1, sol. 3.

[97] SANTO TOMÁS, Suma Teológica II – II, q. 24, a. 3, sol. 2. Assim também pensava Leão XIII ao escrever sua Encíclica *Divinum Illud munus*: “*Hæc autem mira conjunctio, quæ suo nomine inhabitatio dicitur, conditione tantum seu statu ab eâ discrepat quâ cælites Deus beando complectitur.*” Cavallera, *Thesaurus doctrinæ cathol.* n° 546.

[98] SANTO TOMÁS, Suma Teológica I, q. 43, a. 3, sol. 1.

[99] PSEUDO BOAVENTURA, *Comp. Theol. Veritatis*, L. I, c. 9.

[100] LEÃO XIII, Encíclica *Divinum illud munus*, 9 de maio de 1897.

[101] “*In ipsâ justificatione... hæc omnia simul infusa accipit homo fidem, spem et caritatem*”. (Trident., sess. VI, cap. 7).

[102] *Catech. Trident.*, p. 11, *De Baptismo*, n. 42.

[103] Essas virtudes serão detalhadamente tratadas na segunda parte deste compêndio, ao falarmos da *via iluminativa*. Os dons do Espírito Santo serão abordados na *via unitiva*.

[104] SANTO TOMÁS, *Suma Teológica* I–II, q. 109–113; AD. TANQUEREY, *Syn. theol. dogm.*, nº 22–123. Além das obras latinas, veja-se WAFFELAERT, *Méditations théologiques*, t. J, p. 606–650; A. DE BROGLIE, *Confér. sur la vie surnaturelle*, t. I, p. 249; L. LABAUCHE, *L’homme*, IIIª P., cap. I; VAN DER MEERSCH, em *Dict. de Théol.*, na palavra *Grâce*.

[105] Atos 16, 14: “O Senhor abriu-lhe o coração, para atender às coisas que Paulo dizia.”

[106] Esta é, pelo menos, a doutrina tomista que o PADRE HUGON resume dessa maneira em *Tract. Dogmatici*, t. II, p. 297: “*Gratia acutalis ... est tiam realitas supernaturalis nobis intrínseca, non quidem per modum qualitatis, sed per modum motionis transeuntis*.”

[107] Conforme nossa *Syn. theol. dogm.*, t. III, n. 34–91, onde também examinamos até que ponto é necessária a graça para os atos naturais.

[108] *Trident.*, sess. VI, can. 16, 22, 23.

[109] SANTO AGOSTINHO, *De dono persever.*, VI, 10, P. L., XLV, 999.

[110] Sess. VI, can. 23.

[111] *Sermones*, XXI, 3, P. L. L IV, 195.

[112] STO TOMÁS, *Suma Teológica* III, q. 8, 21, 22, 25, 26, 40, 46–49, 57 *et alibi passim*; P. BÉRULLE, *Œuvres*, éd. 1657, p. 522–530, 665–669; 689; J. J. OLIER, *Pensées choisies*, textos inéditos publicados por G. LETOURNEAU, p. 1–31; F. PRAT, S. J., *La Théologie de S. Paul*, t. I, p. 342–378; t. II, p. 165–325; D. COLUMBA MARMION, *Le Christ, vie de l’âme*, 1920; J. DUPERRAY, *Le Christ dans la vie chrétienne*, 1922; R. PLUS, *Dans le Christ Jésus*, 1923.

[113] Concílio de Trento, Sess. VI, cap. 7.

[114] J. J. OLIER explica muito bem isso, *Catéch. Chrétien*, 1ª Parte, leç. 1

[115] Nesse sentido é a oração de Santo André Apóstolo, crucificado por amor de Jesus, ao saudar a cruz com amor: “*O bona Crux*.”

[116] J. J. OLIER, *Catéch. chrét.* 1ª Parte, leç. XX - XXV.

[117] SANTO TOMÁS, *Suma Teológica* III, q. 8; F. PRAT, *op. cit.*, t. I, ed. 1920, p. 358–369; J. DUPERRAY, *op. cit.*, cap. I–II; D. COLUMBA MARMION, *Le Christ, vie de l’âme*, 10ª ed., p. 123–146; R. PLUS, *op. cit.*, p. 1–57.

[118] Sess., VI, cap. VIII.

[119] *Sermo 187 de tempore*.

[120] “*Atque hoc affirmare sufficiat quod cum Christus caput sit Ecclesiæ, Spiritus Sanctus sit ejus anima*.” (Encicl. 9 de maio de 1897).

[121] DENZINGER-BANN., n. 696: “*per ipsum (baptismum) enim membra Christi ac de corpore efficimur Ecclesiæ*.”

[122] *Pensées*, p. 15 – 16.

[123] P. BÉRULLE (chamado o apóstolo do Verbo Encarnado), *Discours de l’Esiat et des Grandeurs de Jésus*.

[124] “Por Cristo, com Cristo, em Cristo, a vós Deus Pai todo poderoso, toda honra e toda glória, na unidade do Espírito Santo, agora e para sempre, amém.”

[125] *Introd. a la vie et aux vertus chrétiennes*, cap. IV, p. 47, ed. 1906.

[126] SANTO TOMÁS, *Suma Teológica*, *In Salut. Angel. expositio*; SUAREZ, *De mysteriis Christi*, disp. I–XXIII; BOSSUET, *Sermons sur la Ste. Vierge*; TERRIEN, S. J. *La Mère de Dieu et la Mère des hommes*, t. III; L. GARRIGUET, *La Vierge Marie*; *Dict. d’Apolog.* (d’Alès), no artigo *Marie*; HUGON, O. P., *Marie, pleine de grâce*; R. - M. DE LA BROISE E J. - B. BAINVEL, *Marie, mère de grâce*, 1921; *Synop. Theol. dogm.*, t. II, nº 1226–1263.

^[127] BAINVEL, op. cit. P. 73 – 75. Essa tese pode-se apoiar nas palavras do anjo: “Eis que conceberás e darás à luz um filho, e lhe porás o nome de Jesus. Ele será grande e chamar-se-á Filho do Altíssimo, e o Senhor Deus lhe dará o trono de seu pai Davi; e reinará eternamente na casa de Jacó.” (Lucas, 1, 31-32.)

^[128] Essa expressão foi ratificada por São Pio X na Encíclica de 1904, em que declara que Maria mereceu de *congruo* toda as graças que Jesus mereceu de *condigno*.

^[129] *In Assumpt, sermo II, 2.*

^[130] J. V. BAINVEL, *Le Saint Cœur de Marie*, pp. 313 - 314.

^[131] *Sermo de aqueductu, n. .*

^[132] Provas dessa afirmação podem ser obtidas na obra citada do Pe. Terrien, t. III (todo).

^[133] *Marie, mère de grâce*, p. 23 – 24.

^[134] Sua Eminência o Cardeal Mercier, em carta de 27 de janeiro de 1921, o anunciou o fato aos seus diocesanos nestes termos: “Há vários anos que o Episcopado belga, a faculdade de teologia da Universidade de Lovaina e todas as ordens religiosas, pleiteavam ao Papa para que a SS. Virgem Maria, Mãe de Jesus e nossa Mãe, fosse reconhecida como *Mediadora universal* da obtenção e distribuição das graças divinas. Sua Santidade, Bento XV, concedeu, às igrejas da Bélgica e a todas da Cristandade que lhe pediram, um Ofício e Missa próprios, na data de 31 de maio, em honra a Maria Medianeira.”

^[135] *Homil. II, De Laudibus Virg. Matris*, 17.

^[136] Essa era a prática piedosa de M. Olier que São Grignon de Montfort aperfeiçoou e tornou popular no Tratado de Verdadeira Devoção à Santíssima Virgem.

^[137] N. T - Os mistérios luminosos foram introduzidos por sugestão do Santo Papa João Paulo II, na carta apostólica *Rosarium Virginis Mariæ*, de 16 de outubro de 2002.

^[138] GRIGNION DE MONTFORT, op. cit.; A. LHOUMEAU, *La vie spirituelle à l'école de S. Grignon de Montfort*, 1920, p. 240 – 247.

^[139] SANTO TOMÁS, *Supplement.*, q. 13, a. 2.

^[140] *Tuus totus sunt, omnia mea tua sunt, et omnes mei tui sunt.*

^[141] *Pensées choisies*, textos inéditos publicados por G. Letourneau.

^[142] J.J. OLIER, op. cit., p. 176.

^[143] Confissões, Livro VIII, cap. XI.

^[144] J.J. OLIER, *Pensées choisies*, p. 158.

^[145] J.J. OLIER, op. cit., p. 164.

^[146] Missal Romano – Prefácio.

^[147] J.J. OLIER, op. cit., p. 169.

^[148] De fato, é doutrina tradicional que os anjos conduzem as nossas almas ao céu, como relata Dom Leclercq, *Dict. d'Archéologie, Les anges psychagogues, t. I, col. 2121, sg.*

^[149] J.J. OLIER, op. cit., p. 171 – 172.

^[150] Ver o admirável tratado de Bossuet sobre a concupiscência.

^[151] Tratado da Concupiscência, cap. 5.

^[152] Tratado da Concupiscência, cap. 5.

^[153] Este parágrafo somente resume o capítulo V de Bossuet.

^[154] *Cat. Chrétien I Part. leç. V.*

^[155] *Cat. Chrétien I Part. leç. IX.*

^[156] “Não se altera o pensamento do Apóstolo ao traduzi-lo em estilo teológico moderno. Os sacramentos são sinais eficazes que produzem *ex opere operato* o que significam. O batismo representa sacramentalmente a morte e a vida de Cristo. Portanto, é necessário que ele produza em nós uma morte, mística em sua essência, mas real em seus efeitos, morte ao pecado, à carne, ao homem velho, e uma vida semelhante à vida de Jesus Cristo ressuscitado.” (*Prat. Théol. de S. Paul, L. I, 7, p. 266 - 267*).

- [157] BOSSUET, I. c., VIII.
- [158] BOSSUET, L. c.
- [159] J. J. OLIER, *Introduct.*, cap. XI; A. Chevrier, *Le veritable disciple*, p. 248 – 267.
- [160] *Op. cit.*, cap. X, XII.
- [161] *De la Concupiscence*, cap. XVII.
- [162] J. J. OLIER, *Cat. Chrét.*, I. P. leç. XV.
- [163] CONFISSÕES, Livro II, cap. 7.
- [164] *Cat. Chrét.*, leç. XVII.
- [165] A teologia ensina (*Syn. theol. dogm.*, t. III, nº 72 – 91) que o homem, depois da queda original, pode fazer algum bem de ordem natural somente com o concurso natural de Deus. Mas é necessário um auxílio preternatural, para observar toda a lei natural e repelir todas as tentações graves.
- [166] *Op. cit.*, cap. XXXI.
- [167] N. T - Hoje certamente deve-se incluir, o rádio, o telefone, a televisão e a internet.
- [168] Conforme Tronson, Exames particulares, 94 – 96.
- [169] *Sermo III de Nativitate Domini*, n. I.
- [170] No século XVII, São Vicente de Paulo e M. Olier chegaram a resultados maravilhosos, fundando associações ou ligas.
- [171] Introdução à Vida Devota, Parte IV, cap. 1.
- [172] SANTO TOMÁS, *Suma Teológica I*, q. 114; SANTA TERESA, *Vida Escrita por Ela Própria*, caps. 30 – 31; RIBET, *L'Ascétique chrétienne*, cap. XVI.
- [173] N. T - Embora São Paulo diga “não é contra a carne e o sangue”, deve-se interpretar, como o autor o fez, que não é “apenas” contra a carne e o sangue que devemos lutar. Esta interpretação harmoniza-se com diversas outras passagens bíblicas (exemplo: Rm 8, 13).
- [174] SANTO TOMÁS, *Suma Teológica I*, q. 111, a. 2.
- [175] SANTO TOMÁS, *Suma Teológica I*, q. 114, a. 3
- [176] SANTO TOMÁS, *Suma Teológica I*, q. 114, a. 1.
- [177] Ver as regras sobre discernimento dos espíritos da primeira e da segunda semana, dos Exercícios Espirituais de Santo Inácio.
- [178] *Vida Escrita por Ela Própria*, caps. 30 – 31.
- [179] *Livro da Vida*, cap. 31.
- [180] *Livro da Vida*, cap. 31, nºs 9 – 11.
- [181] Em Efésios 6, 10 – 18, São Paulo descreve a armadura do cristão.
- [182] SANTO TOMÁS, *Suma Teológica I-II*, q. 114; TERRIEN, *La grâce et la gloire*, t. II, p. 15; L. LABAUCHE, *L'Homme*, P. III, cap. 3; HUGON, *La vie spirituelle*, t. II (1920), pp. 28, 273, 353; AD. TANQUEREY, *op. cit.*, t. III, n. 210 – 235.
- [183] Sess. XIV, *De sacram. pœnitent.*, cap. 9 : “*Docet præterea tantam esse divinæ munificentiae largitatem, ut non solum pœnis sponte a nobis pro vindicando peccato susceptis... sed etiam (quod maximum amoris argumentum est) temporalibus flagellis a Deo inflictis et a nobis patienter toleratis apud Deum Patrem per Christum Jesura satisfacere valeamus*”.
- [184] *In Roman.*, cap. I, 9-10: “*Tamdiu homo orat quamdiu agit corde, ore vel opere ut in Deum tendat, et sic semper orat qui totam suam vitam in Deum ordinat.*”
- [185] N. T - Embora seja questionada por alguns não católicos, a doutrina do mérito está muito bem fundamenta no Evangelho. Basta consultar Mt 6, 4; 6, 18; 25, 34-40, bem como a parábola dos talentos (Mt 25, 14-29), para constatar a existência de recompensa pelas obras. Mesmo São Paulo, em quem se baseiam os que questionam essa doutrina, refere-se várias vezes à recompensa pelas obras, conforme se lê em I Cor 3, 11- 15; II Cor 5, 10.
- [186] Sess. VI, Cap. 16. N. T. - Como se vê, a **primeira condição** é que o homem seja justificado, pois se não o for, as obras não terão valor.

^[187] N. T. - Sem fé é impossível agradar a Deus (Hb 11, 1). Portanto, o mérito requer fé. No céu a fé já não existe porque veremos a Deus como ele é. Logo, não há mérito.

^[188] Sess. VI, c. 16.

^[189] *Quæst. Disput., De malo, q. 2, a. 5, ad 7.*

^[190] Conforme EYMIEU, *Le Gouvernement de soi-même, T. I. Introd. P. 79.*

^[191] Todos autores espirituais, de um ou outro modo, recomendam esse oferecimento, como RODRIGUEZ, Exercícios de perfeição, P. I, Tr. 2º e 3º; J. J. OLLIER, *Introduction*, ch. XV; TRONSON, *Examens*, XXVI – XXIX.

^[192] SANTO TOMÁS, Suma Teológica III, q. 60 – 62; SUAREZ, disp. VII, sq.; ABBÉ DE BROGLIE, *Conf. sur la vie surnat.* t. III; BELLEVUE, *De la grâce sacramentelle*; TANQUEREY, *Syn. Theol. dogm.*, t. III, nº 298 – 323.

^[193] Concílio de Trento, sess. VII, can. 6.

^[194] É o que ensina o Concílio de Trento, sess. VI, cap. 7: “*Espiritus Sanctus partitur singulis prout vult, et secundum propriam cujusque dispositionem et cooperationem.*”

^[195] Além dos tratados de teologia, ver particularmente BEAUDENOM, *Pratique progressive de la confession.*

^[196] *Syn. Theol. Moral., De Pœnitentia*, nº 242 e ss.

^[197] Recomenda-se meditar esse Salmo de vez em quando.

^[198] BEAUDENOM, *op. cit.*

^[199] SANTO TOMÁS, Suma Teológica III, q. 79; SUAREZ, disp. LXIII; DALGARINS, *Holy Communion*; HUGON, O. P. *La Sainte Eucharistie*; HEDLEY, *The holy Eucharist*, trad. Por A. ROUDIÈRE com este título: *La Sainte Eucharistie.*

^[200] Além das obras citadas, também BENEDICTUS, XIV, *De ss. Missæ sacrificio*; BONA, *De sacrificio Missæ*; LE GAUDIER, *op. cit.* P. I, sect.. 10ª; GHIR, *Das heilige Messoffer*, trad. francesa de MOCCAND; J. J. OLLIER, *La Journée chrétienne, Occupations intérieures pendant le saint sacrifice*, p. 49–65; CHAIGNON, S. J., *Lê prête à l'autel*; BACUEZ, S. S., *Du divin sacrifice*; E. VANDEUR, O. S. B., *La sainte Messe*, notas sobre sua liturgia

^[201] Em outros termos, esse efeito produz-se *ex opere operato*, em virtude do próprio sacrifício.

^[202] Sess. XXII, cap. I – II.

^[203] É a doutrina do Concílio de Trento, sess. XXII, c. II.

^[204] Local citado.

^[205] Conforme E. VANDEUR, O. S. B., *La Sainte Messe.*

^[206] N. T. - O ritual da missa, descrito acima, era o seguido antes do Concílio Vaticano II.

^[207] SANTO TOMÁS, Suma Teológica III, q. 79; TANQUEREY, *Syn. Theol. Dogm.*, t. III, nº 619 – 628; DALGARINS, *Holy Communion*, p. 154 e ss.; H. MOREAU, *Dict. de Theol. (Mangenot)* na palavra *Communions*; P. HUGON, *La Sainte Eucharistie*, p. 240 e ss.

^[208] *Les origines du dogme de la Trinité*, 1910, p. 403.

^[209] Sess. XIII, cap. I.

^[210] Observação feita por Santo Agostinho (Cofissões, L, VII, c. 10, nº 16, P. L. XXXII, 742) que atribui a Nosso Senhor estas palavras: “Eu sou o alimento das grandes almas, cresce e poderás comer-me; porém, não me transformarás em ti mesmo, como o alimento corporal, tu é que serás transformado em mim.”

^[211] *Instit. Theol. mysticæ*, § 153

^[212] Conforme BERNARDT, *De l’Eucharistie à la Trinité.*

^[213] IMITAÇÃO DE CRISTO, Livro II, cap. VIII, nº 2.

^[214] Quem estiver consciente de estar em pecado mortal, deve, antes de tudo, confessar-se de coração contrito e humilhado, e não se contentar somente com a contrição, mesmo que pareça perfeita. Ver a nossa *Syn. theol. dogm.* t. III, nº 652 – 654.

[215] Muitos se esquecem desse primeiro dever, e põem-se logo a pedir graças, sem ocorrer-lhes que os pedidos são mais favoravelmente acolhidos na medida em que primeiramente cumprirem seus deveres para com Aquele que lhes fez a honra de visitá-los.

[216] Hino de Santo Tomás.

[217] IMITAÇÃO DE CRISTO, Livro III, cap. II.

[218] Oração do Padre Condren, completada por M. Olier.

[219] Oração de Santo Inácio na Contemplação sobre o amor de Deus.

[220] Sobre o espírito de vítima, V. L. CAPELES, S. J., *Les ânes généreuses*.

[221] MAX NORDAU, *Dégénérescence*, t. I, p. 115; J. H. LEUBA, *La psychologie des phénomènes religieux*; E. MURISIER, *Les maladies du sentiment religieux*.

[222] W. JAMES, *L'Expérience religieuse*, trad. Abauzit, 1906, p. 9 – 12.

[223] W. JAMES, M. DE MONTMORAND, *Psychologie des Mystiques*, 1920.

[224] S. FRANCISCO DE SALES, Introdução à Vida Devota, 1ª P. Cap. 1. Recomenda-se a leitura de todo o capítulo.

[225] Introdução à vida devota, 1ª P. Cap. 1.

[226] SANTO TOMÁS, Suma Teológica II – II, q. 184, a. 1 -3; *Opuscul. de perfectione vitae spiritualis*; ÁLVAREZ DE PAZ, op. cit., L. III; LE GAUDIER; op. cit., P. I; SCHRAM, *Instit. Mysticae*, § IX-XX; RIBET, *L'Ascétique chrétienne*, ch. IV – XI; IGHINA, *Cours de Théol. ascétique*, Introduction; GARRIGOU-LAGRANGE, dans *Vie spirit.*, oct. et nov. 1920.

[227] SANTO TOMÁS Suma Teológica II – II, q. 184, a. 1.

[228] SANTO TOMÁS, Suma Teológica I – II, q. 111, a. 1. Cf. TANQUEREY, *Synopsis Theol. Mor.*, Tr. de ultimo fine, n. 2 - 18.

[229] J. J. OLIER, *Pietas Seminarii*, n. I.

[230] SANTO TOMÁS, Suma Teológica II – II, q. 184, a. 3; cf. *De perfectione vitae spiritualis*, c. I, n. 56, 7.

[231] I João 4, 7 – 16. Deve-se ler toda essa Epístola.

[232] Tratado do Amor de Deus, L. XI, cap. 8.

[233] Suma Teológica II – II, q. 23, a. 8.

[234] Tratado do Amor de Deus, Livro XI, cap. IX.

[235] Mateus 16, 24; Lucas 9, 23 – Ver o comentário de São Grignon de Montfort na “Carta aos Amigos da Cruz”.

[236] CIDADE DE DEUS, XIV, 28.

[237] Não se pode dar notícia completa da espiritualidade beruliana fazendo silêncio da sua doutrina sobre a abnegação.

[238] N.T – Essa questão, no nosso modo de ver, é muito importante nos dias atuais. Nos movimentos pentecostais, por exemplo, dá-se muita ênfase às consolações e pouca à mortificação, o que, como o autor afirma, gera apenas uma aparência de fortaleza na virtude, dando origem a quedas lamentáveis. Longe de fazer crítica ao pentecostalismo, pensamos que o fervor existente é um dom precioso, pois é comum que Deus conceda muitas consolações aos recém-convertidos. Destarte, parece-nos que, percentualmente, há mais cristãos fervorosos nos movimentos pentecostais que em outros setores da Igreja. Portanto, a conduta correta é procurar mostrar a necessidade da mortificação e da abnegação e não criticar o movimento, como o autor bem coloca no nº 334.

[239] SANTO TOMÁS, Suma Teológica II – II, q. 184, a. 3.

[240] SANTO TOMÁS, Suma Teológica II – II, q. 24, a. 9.

[241] SANTO TOMÁS, Suma Teológica II – II, q. 24, a. 9.

[242] *Ibid.*

[243] DENZ.-BANN, nº 471. – Cfme Pe. PURRAT, *La Spiritualité chrétienne*, t. II, p. 327–328.

[244] DENZ.-BANN., nº 1.221 e ss.

[245] *Hist. de Sainte Thérèse d'après les Bollandistes*, t. II, ch. 31.

- [246] IMITAÇÃO DE CRISTO, Livro II, cap. 12, nº 2.
- [247] SANTO AGOTINHO, *De bono viduitatis*, c. 21, P. L. XL, 448.
- [248] ALVAREZ DA PAZ, *op. cit.*, L. IV-V; LE GAUDIER, P. III, sect. I, c. VII-X; SCARAMELLI, *Guide ascétique*, Traité I, art. II; RIBET, *Ascétique*, ch. VII-IX; IGHINA, *op. cit.*, *Introd.*, XX-XXX.
- [249] Sermão CLXIX, nº 18.
- [250] Epist. CCLIV *ad abbatem Suarinum*, nº 4.
- [251] Epist. XCI *ad abates Suessione congregatos*, nº 3.
- [252] *Acta Apostolicæ Sedis*, XV, 50.
- [253] Essa é a doutrina comum dos teólogos, que SUÁREZ resume na obra: *De Religione*, L. IV, 1. I, c.4, nº 12.
- [254] Codex, can. 487 – 672; SUMA TEOLÓGICA, II – II, q. 24, a. 9; q. 183, a. 1 – 4; q. 184 – 186; SUAREZ, *De Religione* tr. VII; S. ALPHONSUS, L. IV, nº I, sq. S. FRANCISCO DE SALES, *Les Vrays Entretiens spirituels*, éd. Annecy; VERMEERSCH, *De religiosis*; VALUY, *Les vertus religieuses*, 1914; GAUTRELET, *Traité de l'état religieux*; MGR. GAY, *De la vie et des verius chrét.*, Tr. II; J. P. MOTHON, *Traité sur l'état religieux*, 1923.
- [255] N. T. - Cânon 573 do Código de Direito Canônico de 1983 (antigo Canon 487).
- [256] N. T. – Cânon 598, § 2º do CDC de 1983.
- [257] *Theol. moralis*, L. IV, nº 18.
- [258] SANTO TOMÁS, *Suma Teológica*, II – II, q. 186, a. 1, sol. 3.
- [259] VALUY, *Les Vertus religieuses*, 19ª ed., ed. revisada por Vulliez-Serm, p. 106. Para ser válido no foro externo, o preceito deve ser dado por escrito ou diante de duas testemunhas. (Cod., c. 24)
- [260] SANTO TOMÁS, *Suma Teológica* II – II, q. 186, sol. 1 e 3.
- [261] SCHRAM, *Instit. Theol mysticæ*, §655, Scholion.
- [262] Além dos autores citados, cf. ARVISENET, *Memoriale vitæ sacerdotalis*; MOLINA DE CHARTREUX, *L'instruction des prêtres*, 2º *Traité*; J. J. OLIER, *Traité des SS. Ordres*; TRONSON, *Exam. Particuliers*; DUBOIS, *Le saint Prêtre*; CAUSSETT, *Manrese du Prêtre*; GIBBONS, *L'ambassadeur du Christ*; GIRAUD, *Prêtre et Hostie*; MANNING, *Le Sacerdoce éternel*; MGR. LELONG, *Le Prêtre*; CARD. MERCIER, *Le vie intérieure*, 1919, p. 149-226.
- [263] SANTO TOMÁS, *Suma Teológica*, II – II, q. 184, a. 8.
- [264] Sess. XXIII, de Reform. c. I.
- [265] Enc. *Quod multum*, 22/08/1886; *Lettre encycl. Depuis le jour*, 8/9/1899.
- [266] *Exhortatio ad clerum catholicum*, 4/8/1908. Deve-se ler toda essa Exortação.
- [267] N. T. - Cânon 276 – Código de Direito Canônico de 1983.
- [268] N. T. – Pontifical Romano reformado pelo Concílio Vaticano II, 3ª Ed., Sobre a Ordenação dos Bispos, Presbíteros e Diáconos, nº 199.
- [269] DELBREL, S. J., *Jésus éducateur des Apôtres*, ch. IV – VI.
- [270] Tito I, 7 – 9: “Porquanto é mister que o bispo seja irrepreensível, como administrador que é posto por Deus. Não arrogante, nem colérico, nem intemperante, nem violento, nem cobiçoso. Ao contrário, seja hospitaleiro, amigo do bem, prudente, justo, piedoso, continente, firmemente apegado à doutrina da fé tal como foi ensinada, para poder exortar segundo a sã doutrina e rebater os que a contradizem.”
- [271] I Timóteo 6, 11: “Mas tu, ó homem de Deus, fuge desses vícios e procura com todo empenho a piedade, a fé, a caridade, a paciência, a mansidão.”
- [272] Quase todos esses Tratados foram reunidos numa obra intitulada: *Le Prêtre d'après les Pères*, par RAYNAUD, 12 in 8º, Paris, 1843. Há também muitos textos no livro de L. TRONSON, *Forma cleri*.
- [273] Para a explicação do Pontifical, cf. J. J. OLIER, *op. cit.*; BACUEZ, *Instruct. et Médit. à l'usage des Ordinands*; GIRAUD, *op. cit.*, t. II; GONTIER, *Explication du Pontifical*.
- [274] N. T. - Na Igreja Católica, a Igreja Latina tradicionalmente faz distinção entre as grandes ordens sagradas do sacerdote (o padre, inclusive o bispo e o presbítero), diácono e subdiácono, e as quatro menores, **acólito, exorcista, leitor e porteiro** (em ordem decrescente). Após as reformas

litúrgicas do Concílio Vaticano II, o papa Paulo VI extinguiu as quatro Ordens Menores e o subdiaconato.

[275] N. T. – Ver nota anterior.

[276] *Pontifical*, ordenação dos subdiáconos. N. T. – Ver nota do tópico nº 387.

[277] N. T. – Pontifical Romano reformado pelo Concílio Vaticano II, 3ª Ed., nº 123.

[278] N. T. - *Ibid*, nº 131.

[279] N. T. - *Ibid*, nº 210.

[280] SANTO TOMÁS, *Suppl.*, q. 35, a.1, sol. 3: “Para o digno exercício da Ordem, as virtudes ordinárias não são suficientes, mas um alto grau de santidade é requerido.”

[281] Não é religioso no sentido daqueles que entram numa Ordem religiosa e fazem os três votos, mas por que são encarregados oficialmente de prestar a Deus os deveres de religião.

[282] SANTO TOMÁS diz: “Aqueles que lidam com os mistérios divinos obtêm uma dignidade real e devem ser perfeitos na virtude” (*IV Sent.* dist. 24, q. 2).

[283] Oração do Ofertório.

[284] Missal Romano – Oração antes da comunhão.

[285] Sobre esse assunto, ler o excelente livro de DOM CHAUTARD, “*L’ame de tout apostolat*”, traduzido para o português com o nome: *A Alma de Todo Apostolado*.

[286] *De ordinibus conferendis*. N.T. – Pontifical antes da reforma do Concílio Vaticano II.

[287] Pontifical, local citado.

[288] *Supplem.*, q. 35, a.1, sol. 3.

[289] IMITAÇÃO DE CRISTO, Livro IV, cap. V.

[290] N. T. – Fonte não citada, mas a ideia certamente está contida no cap. X, das *Confissões*, de SANTO AGOSTINHO.

[291] SÃO FRANCISCO DE SALES, Tratado do Amor de Deus, L. XII, cap. 2 – 3; ALVAREZ DA PAZ, *De vitæ spirit.*, t. I, L.V; RODRIGUEZ, *Ejercicio de perfección, P. I, Tr. I*; LE GAUDIER, *De perfect. Vitæ spiritualis, P. II, sept. 1ª*; ARINTERO, *Del deseo de la perfection, Vida Espiritual, Febr. 1920, p. 296*.

[292] É o que diz SANTO TOMÁS, *Suma Teológica I – II*, q. 30, a. 1, sol. 1: “O apetite da sabedoria, ou dos outros bens espirituais, chama-se às vezes concupiscência, seja por causa de uma certa semelhança, seja por causa da intensidade do apetite superior que redunde sobre o inferior, enquanto também este tende, a seu modo, para o bem espiritual, seguindo o apetite superior, e o corpo se põe a serviço dos bens espirituais, como está escrito no Salmo 84: ‘Meu coração e minha carne exultaram no Deus vivo.’”

[293] *CONFISSÕES* de Santo Agostinho, Livro 1, nº 1.

[294] *Vida*, Escrita por ela Própria, cap. 13, nº 2.

[295] Diz Santo Tomás (I, q. 12, a. 6), que o desejo torna a alma mais disposta, mais apta a receber o objeto desejado.

[296] SANTO AGOSTINHO, Sermão 169, nº 18.

[297] Assim entendeu E. PSICHARI, *Les Voix qui crient dans le désert*, quando, antes da sua conversão definitiva no deserto da Maurîtânia, dizia como concebia o Santo: “Até a morte conserva a ânsia da perfeição, esse descontentamento de si mesmo, que não é senão o sentimento da sua real impotência. À medida que se acrisola na sua vida moral, vê ampliar-se o abismo que o separa de Deus. Quanto mais se aproxima da perfeição, mais ela lhe parece fugir. E assim, a sua vida é um borbulhar perpétuo, um movimento incessante, uma gloriosa ascensão e um escalar sem trégua ao céu.”

[298] BOSSUET, *De la connaissance de Dieu et de soi-même; Elévations sur les mystères; Méditations sur l’Evangile*; L. BAIL, *Théologie affective*; LESSIUS, *De perfectionibus moribusque divinis*. P. D’A GENTAN, *Les Grandeurs de Dieu*; CONTENSON, *Theologia mentis et cordis*; FABER, *Creator and Creature; Bethlehem; The Precious Blood*, obras traduzidas em francês por M. DE VALLETE, etc.; BAUDENOM, *Les Sources de la Piété*; SAUVÉ, *Dieu intime, Jésus intime, L’homme intime*, etc; P. SANDREAU, O. P.; *Les*

divines paroles; M. D'HERBIGNY, *La Theologie du révéle*, ch. VIII – XI; P. R. GARRIGOU-LAGRANGE, *Dieu, son existence, sa nature*, 1920.

[299] Conforme comentário do IV Concílio de Latrão. (*Denzinger*, 432).

[300] Diálogo, I, pag. 40, trad. Hurtaud.

[301] *Vie*, por RAIMONDE DE CAPOUE, trad. Cartier, t. I, p. 71.

[302] SANTO TOMÁS, *Suma Teológica* I, q.1, a. 4.

[303] É precisamente isso que faz a Escola Francesa do século XVII, com Bérulle, Coudren, São João Eudes e os demais, como se vê em H. BRÉMOND, t. III.

[304] Imitação de Cristo, L. III, cap. I, n. 1.

[305] Ver, em particular, *La Journée chrétienne* de M. Olier, onde essa doutrina é maravilhosamente aplicada.

[306] SANTO TOMÁS, *Suma Teológica* I, q. 8, a. 3; LESSIUS, *De perfectionibus moribusque divinis*, L. II; RODRIGUES, *Exercícios de Perfeição*, 1ª Parte, tr. 6º; P. PINY, O. P., *La présence de Dieu*; P. PLUS, S. J., *Dieu em nous*.

[307] No Apêndice há um pequeno estudo sobre os caracteres, que facilitará esse exame. – Conforme DOSDA, *L'Union avec Dieu*, t. I, IIª P., ch. XXI.

[308] *Exercícios Espirituais*, nº 43 – Modo de Fazer o Exame Geral.

[309] O método de São Sulpício acrescenta aqui a adoração, ou seja, todos aqueles atos em que adoramos, louvamos, bendizemos, amamos e agradecemos a Deus; colocamo-nos na presença de Jesus, nosso modelo e juiz, como explicamos no nº 462.

[310] M. TRONSON, *Examnes particuliers*. O livro sugere que, para cada virtude ou defeito, façam-se observações minuciosas para delimitar melhor o objeto do exame particular.

[311] P. CASSAUDE, *De l'abandon à la divine Providence*, I Part., L. I; LE GAUDIER, *op. cit.*, p. III, sect. II; S. FRANCISCO DE SALES, *Tratado do Amor de Deus*, L. VIII–IX; STO. AFONSO DE LIGUORI, *De la conformité à la voluntad de Dieu*; DESURMONT, *Œuvres*, t. II, *sur La Providence*; MGR. GAY, *Vie et vertus chrét.*, *Traité*s XI, XIV; DOM. V. LEHODEY, *Le Saint Abandon*, 1ª Partie.

[312] *Tratado do Amor de Deus*, Livro VIII, c. 3.

[313] *Entretien* XV.

[314] Segunda Conferência, c. 5-8.

[315] *Tratado do Amor de Deus*, L. IX, cap. 2.

[316] *I Serm. S. Andreae*, 5.

[317] São Francisco de Sales, *Tratado do Amor de Deus*, L. IX, c. 15.

[318] *Entretien*, XI.

[319] Castelo Interior ou Moradas, Segunda Morada, nº 8.

[320] SANTO TOMÁS, *Suma Teológica* II, II, q. 83 – 84; SUAREZ, *De Religione*, Tr. IV, L. I, *De oratione*; ÁLVAREZ DA PAZ, t. III, L. I; SANTO AFONSO DE LIGUORI, *Du grand moyen de la prière*; P. MONSAMBRÉ, *La Prière, Philosophie et Théologie de la prière*; P. RAMIÈRE, *L'Apostolat de la prière*; P. SERTILLANGES, *La Prière*, 1917.

[321] *De Fide orthodox.*, L. III, c. 24, P. G. XCIV, 1090.

[322] Sermão 9, nº 3.

[323] SÃO JOÃO DAMASCENO, *ibid.*

[324] SÃO GREGÓRIO DE NYSSA, *Orat. I, de Orat. Domini*, P. G., XLIV, 1124.

[325] BOSSUET, *Sermon sur le culte de Dieu*, éd. Lebarq, t. V, p. 106.

[326] BOSSUET, *Op. cit.*, p. 105.

[327] BOSSUET, *Op. cit.*, p. 108.

[328] OLIER, *Journée chrét.*, IIª P., *Actes quando on va aux champs*.

[329] Glória a Deus nas alturas.

[330] *Suma Teológica* II, II, q. 83, a. 3.

- [331] Suma Teológica II-II, q. 83, a. 2, sol 3. Cfme MONSABRÉ, *La Prière*, 1906, p. 54–55.
- [332] Na Segunda Parte, voltaremos a tratar da oração mental, indicando que gênero convém a cada uma das três vias.
- [333] SÃO TOMÁS, *In libr. Sentent.*, 17, *distinct. XV*, 2.4, a. 4.
- [334] *Commentar. in Matth. XVIII*.
- [335] Encontram-se vários desses comentários em HURTER, *Opuscula Patrum selecta*, t. II; cf. SUMA TEOLÓGICA II – II, q. 83, a. 9; SANTA TERESA, *Caminho da Perfeição*; P. MONSABRÉ, *La prière divine, le Pater*.
- [336] N.T. – Frase atribuída a Santo Inácio de Loyola.
- [337] SANTO AGOSTINHO, *Enchirid. VI*.
- [338] Tratado do Amor de Deus, L. VI, cap. 1.
- [339] Explicaremos isso mais adiante, ao falarmos dos métodos de oração.
- [340] *In Psalm. CXLVI*, nº 2.
- [341] *Comment. in Rom.*, C. I, lect. 5.
- [342] *Catéch. Chrét.*, P. II, lec. V. – Cfr. P. CHARLES, S. J., *La prière de toutes les heures*, Brugues, 1922.
- [343] *Catéch.*, lec. VI.
- [344] CASSIANUS, *Collationes*, coll. II, c. 1–13; S. JEAN CLIMAQUE, *L'Echelle du Paradis*, 4º Degré, nº 5–12; GODIZEZ, *Praxis Theol. Mysticæ*, L. VIII, c. 1; SCHRAM, *Inst. Theol. Mystic*, P. II, c. I, § 327–353; SÃO FRANCISCO DE SALES, *Introdução à Vida Devota*, Parte I, cap. 4; TRONSON, *Traité de l'obeissance*, IIª Partie; P. FABER, *Progrès spirituel (Growth in holiness)*, ch. XVIII; F. VICENT, *S. Fr. de Sales directeur d'âmes*, 1923, p. 397–562; H. NOBLE, O. P. *Lacordaire apôtre et directeur des jeunes gens*; 1910; DESUMONT, *Charité sacerdotale*, § 183–225; ABBÉ D'AGNEL ET DR. D'ESPINEY, *Direction de conscience*, 1922.
- [345] *Epist. Testem benevolentiae*, 22 jan. 1899.
- [346] CASSIANUS, *De Cænobiorum institut.*, L. IV, c. 9; P. L. XLIX, 161.
- [347] *Collationes* II, 2, 5, 7, 10 – 11; P. L. XLIX, 526, 529, 534, 537 – 542.
- [348] *Scala Paradisi*, Grad. I, IV; P. G. LXXXVIII, 636, 680 – 681.
- [349] *De Diversis*, *sermo VIII*, 7.
- [350] *Epist. LXXXVII*, 7.
- [351] *De vita spirituali*, P. II, c. I.
- [352] Ver os exemplos citados pelo PADRE FABER, *Progrès spirituel*, ch. XVIII.
- [353] *Praxis confessarii*, ed. Gaude, nº 121 – 171.
- [354] *Introdução à Vida Devota*, Parte III, cap. 28.
- [355] *Sentences et avis spirituels*, nº 229, éd. Hoornaert, p. 372.
- [356] *Introdução à Vida Devota*, Parte I, cap. IV.
- [357] *L' Esprit d'un directeur des âmes*, p. 60 – 61; nesse pequenino opúsculo, repisa o autor muitas vezes o mesmo pensamento.
- [358] É exatamente o que fazia São Francisco de Sales, como muito bem mostra F. VINCENT, *op. cit.*, p. 439 – 481.
- [359] *La direction spirituelle, d'après les écrits et les exemples du Vén. Libermann*, 2ª ed., p. 10 – 22.
- [360] SÃO FRANCISCO DE SALES, *Introdução à Vida Devota*, Parte I, cap. IV.
- [361] *Ibid.*
- [362] P. LIBERMANN, *op. cit.*, p. 131: “Estou muito seguro de que não há razão para a repulsa que vos causa esse bom senhor N. ... Mas isso não importa, para mudar de diretor não se deve ter em conta se as repulsas são verdadeiras ou falsas, basta que isso nos faça mal.”
- [363] SÃO FRANCISCO DE SALES, *Introdução à Vida Devota*, Iª Parte, c. III, IIIª Parte, c. XI; TRONSON, *Manuel du Séminariste*, Iª Part., Ent. II; Id, *Traité de l'obeissance*, IIIª Parte; RIBET, *L'ascétique*, ch. XLI.

[364] *Le Royanme de Jésus*, Paris, 1905, p. 452.

[365] SÃO FRANCISCO DE SALES tinha o dom especial de traçar e fazer cumprir uma regra de vida em conformidade com as obrigações de cada estado: “Sob sua direção, disse a madre Chaugy (Mém sur Ste Chantal, p. 62) a baronesa de Chantal começou uma vida inteiramente nova, mas sua piedade não incomodava ninguém. Instruía e chamava a atenção dos filhos, jamais estava triste, nem carrancuda, interrompia sem escrúpulo seus exercícios de piedade e os deixava para uma ocasião melhor quando a caridade o exigia”.

[366] SÃO BOAVENTURA, *De modo studendi in S. Scriptura*; MABILLON, *Des études monastiques*, IIª Part., ch. II, III, XVI; LE GAUDIER, *op. cit.*, P. V, sect. I; TRONSON, *Manuel*, IIª Part., Ent. I, XV, XVI; RIBET, *Ascétique*, ch. XLIV; D. COLUMBA MARMION, *Le Christ idéal du moine*, p. 519 – 524.

[367] *Lettres à un jeune homme sur la vie chrétienne*, carta 2ª, p. 191.

[368] Há muitos comentários que facilitam a compreensão dos Salmos. Indicamos entre os mais recentes, os de C. FILLION, e de HUGUENY, O. P., que se empenham em dar tanto o sentido literal como o espiritual, para melhor rezar o Ofício divino.

[369] J. GAUDERON, *La lecture spirituelle d’après les principes du B. J. Eudes*, em *Vie spirit.*, junio 1921, p. 185 – 202.

[370] *Royaume de Jésus*, p. II, § XV, p. 196.

[371] ENNODIUS, *in ejus vitâ*.

[372] Sobre a santificação das visitas, conversações, jogos e viagens, veja-se TRONSON, *Ex. part.*, LXXVIII – XC.

[373] SÃO FRANCISCO DE SALES, Introdução à Vida Devota, P.III, c. XXXVIII e XXXIX.

[374] A. CHEVRIER, *Le véritable disciple*, 1922, p. 101 – 112.

[375] RODRIGUES, Exercícios de perfeição, P. II, Tr. V. Da afeição desordenada aos parentes.

[376] SÃO FRANCISCO DE SALES, Introdução à Vida Devota, Part. III, cap. 17 – 22; RIBET, *Ascétique*, ch. XLIII, p. 437 – 441, 448 - 451; AD. A. DENDERWINDEKE, *Comp. Theol. Asceticæ*, 1921, n. 437 – 439; ROUZIC, *De l’amitié*.

[377] Introdução à Vida Devota, Parte III, Cap. 19.

[378] P. CHOCARNE, *Vie de Lacordaire*, t. II, ch. XV.

[379] SÃO FRANCISCO DE SALES, loc. cit., cap. 19, faz referência a vários outros.

[380] SÃO FRANCISCO DE SALES, *op. cit.*, cap. XVII.

[381] SÃO FRANCISCO DE SALES, *op. cit.*, cap. XVIII.

[382] É o que alerta Ovidio, em *De remediis amoris*: “*Principiis obsta, sero medicina paratur, Cum mala per longas invaluere moras*”.

[383] SÃO FRANCISCO DE SALES, Introdução à Vida Devota, cap. XX.

[384] *Unus est dilectus meus, unus est sponsus in æternum*.

[385] Introdução à Vida Devota, cap. XX.

[386] Pode-se socorrer, para isso, do segundo sermão de BOURDALOUE na festa de Todos os Santos, onde demonstra como os Santos santificaram o próprio estado por meio da religião, e valeram-se dele para tornar mais perfeita a sua religião.

[387] Assim, o valor dos salários, dentro da mesma profissão e localidade, é determinado por usos e costumes que um patrão não poderá variar sem sofrer perdas que não tardarão forçá-lo a encerrar seu negócio.

[388] A Alma de Todo Apostolado, Parte III.

[389] SÃO BERNARDO, *In Cantica*, Sermo XVIII, 3.

[390] SANTO TOMÁS, Suma Teológica II-II, q. 24, a. 9; q. 183, a. 4; THOMAS DE VALLGORNARA, *Mystica theol.*, q. II, a. 2; LE GAUDIER, *De perf. vitæ spiritualis*, IIª Pars sect. I, cap. I; SCARAMELLI, *Direttorio ascetico*, Trat. II, Introd.; SCHRAM, *Inst. Theol. mysticæ*; § XXVI; A. SAUDREAU, *Les degrés de la vie spirituelle*, Préface; A. DESURMONT, *Charité sacerdotale*, § 138-140.

[391] Por exemplo, na via *unitiva* duas formas distintas são geralmente identificadas, como adiante falaremos: a via unitiva *simples* e a que é acompanhada da contemplação *infusa*.

[392] Stromata VI, 12.

[393] *De naturâ et gratia*, cap. LXX, nº 84.

[394] São João da Cruz, seguido por alguns autores, utiliza uma terminologia diferente sobre as três vias, que merece ser conhecida: denomina *principiantes* aqueles que já se aproximaram da *contemplação obscura* ou noite dos sentidos; *adiantados*, os que já estão na contemplação *passiva*; *perfeitos*, os que atravessaram a noite do sentido e do espírito. Conforme Hoornaert, nota sobre a Noite Escura, t. III das *Œuvres spirituelles*, p. 5 – 6.

[395] *Articles d’Issy*, nº XXXIV.

[396] *Manuel des Ames intérieures*, Paris, 1901, p. 71.

[397] N.T. – Nos dias de hoje (2016), em face da grande escassez e dificuldade de se encontrar bons diretores espirituais, a leitura de tais livros torna-se sumamente importante.

[398] A. SANDREAU, *Les degrés, Vie purgative*, L. I-II; SCHRYVERS, *Les principes, II Parte, cap. II*.

[399] É certo que há alguns autores, entre eles o Pe. MARCHETTI, *Ver. Ascét. Et Mystique*, jan. 1920, que opinam que se deve ampliar a via purgativa para abarcar também os pecadores, para convertê-los. Todavia, concordam que isso se afasta da doutrina comum. A conversão dos pecadores e os meios que devem ser indicados para conservar-se em estado de graça pertencem mais ao domínio da *Moral* que da *Ascese*. Todavia, acrescentamos que os motivos para evitar o pecado mortal, que indicaremos a seguir, confirmam aqueles mesmos que a *Moral* ensina.

[400] Castelo Interior – Primeira Morada.

[401] Castelo Interior – Segunda Morada.

[402] SANTO TOMÁS, *Suma Teológica* II – II, q. 83 e seus comentadores; SUÁREZ, *De Religione*, tr. IV, L. I, *De Oratione*; ALVAREZ DE PAZ, t. III, L. I; TH DE VALLGORNERA, *quæst. II, disp. V; Summa Theol. Mysticæ*, 1ª Pars, Tract. I, discursos III; L. DE GRANADE, *Traité de l’Oraison et de la Méditation*; SANTO AFONSO DE LIGÓRIO, *A Oração*; P. MONSABRÉ, *La Prière*; P. RAMIÈRE, *L’Apotolat de la prière*.

[403] João 15, 5; II Coríntios 3, 5; Filipenses 2, 13.

[404] *Suma Teológica*, II – II, q. 83, a. 1, sol. 3.

[405] *Catech. Trident.*, P. VI, c. I, n. 3.

[406] *Tratado do Amor de Deus*, Livro VIII, cap. IV.

[407] A razão pela qual nossos pedidos não são atendidos, diz BOURDALOUE (*Cuaresma, para el jueves de la 1ª semana*), é porque fazemos uso da oração “para pedir graças quiméricas, graças supérfluas, graças segundo os nossos caprichos e falsas ideias... Oramos e pedimos graças de penitência e de santificação, mas graças para o futuro e não para o presente, graças que removam todas as dificuldades de forma que não tenhamos que fazer qualquer esforço nem vencer qualquer obstáculo; graças miraculosas, que nos arrastem como fizeram a São Paulo, e não aquelas graças que nos disponham pouco a pouco a caminhar ... graças que alterem toda a ordem da Providência, e revolucionem toda a economia da salvação.”

[408] No livro “Santo Abandono”, P. III, de DOM V. LEHODEY, se encontram pormenores muito condizentes com essa matéria.

[409] Os que rezam o Ofício Divino sabem que o afeto dominante nos Salmos é a confiança em Deus (N.T. - ver no mesmo Salmo o versículo 2).

[410] JOAN. MAUBURNUS, *Rosetum exercitiorum spiritualiu et sacrarum meditationum*; GARCIA DE CISNEROS, *Exercitatorio de la vida espiritual*; SANTO INÁCIO DE LOYOLA, *Exercícios Espirituais*, com seus diversos comentaristas, a *Bibliothèque des Exercices de S. Ignace*, publicada sob a direção do PADRE WATRIGANT; RODRIGUEZ, *Ejercicio de perfección, Trat. V, De la oración*; L. DE GRANADA, *Tratado de la oración y meditación*; A. MASSOULIÉ, *Traité de la véritable oraison*; S. PEDRO DE ALCÂNTARA, *La oración y meditación*; SÃO FRANCISCO DE SALES, *Introdução à Vida Devota*, P. I, cap. I – IX; BRANCATI DE LAUREA, *De oratione christianâ*; CRASSET, *Instructions familières sur l’oraison mentale*; SCARAMELLI, *op. cit.*, trat. I, art. 5;

COURBON, *Instr. Familières sur l'oraison mentale*; V. LIBERMANN, *Ecrits spirit.*, p. 89 – 147; FABER, *Progreso del alma*, cap. XV; R. DE MAUMIGNY, *Pratique de l'oraison mentale*, t. I; DOM VITAL LEHODEY, *Les Voies de l'oraison mentale*, I^a e II^a parte; G. LETOURNEAU, *La méthode d'oraison mentale de San Sulpice*.

[411] Conforme HUGH DE S. VICTOR, *De modo dicendi et meditandi; De Meditando seu meditandi artificio*, P. L. CLXXVI, 877 – 880; 993 – 998.

[412] SANTO TOMÁS, *Suma Teológica*, II – II, q. 82, a. 3.

[413] H. WATRIGANT, *La Méditation méthodique*, *Rev. D'Ascétique et de Myst.*, Jan. 1923, p. 13 – 29.

[414] V. P. JEAN DE JÉSUS MARIE, *Instruction des novices*, P. III, c. II, § 2.

[415] *Instructions sur l'oraison, Méthode d'oraison*, cap. I., p. 253-254.

[416] *Praxis confessorii*, n. 122.

[417] N. T. - O novo Código de Direito Canônico, de 1983, traz a seguinte redação no Cânon 663:

Cân. 663 § 1. A contemplação das coisas divinas e a união com Deus pela oração assídua **seja o primeiro e principal dever de todos os religiosos**.

§ 2. Os membros, quanto possível, participem todos os dias do sacrifício eucarístico, recebam o santíssimo Corpo de Cristo e adorem o próprio Senhor presente no Sacramento.

§ 3. Dediquem-se à leitura da sagrada Escritura **e à oração mental**, celebrem dignamente a liturgia das horas de acordo com as prescrições do direito próprio, mantendo-se para os clérigos a obrigação mencionada no cân. 276 § 2, n. 3, e façam outros exercícios de piedade.

[418] N. T. – Na versão em Inglês, que adotamos por ser uma sequência lógica do raciocínio, essa última frase encontra-se no número 674. Em versões de outras línguas, inclusive a francesa, encontra-se no início do n° 675.

[419] Meditemos nestas palavras de um sacerdote, expostas no livro de Dom Chautard, *A Alma de Todo Apostolado*, Parte III, 1, b: “Foi a dedicação que me perdeu! Sentia grande alegria quando prestava algum serviço. Auxiliado pelo êxito aparente dos meus trabalhos, Satanás envidou todos os esforços, durante anos, para criar-me ilusões, excitar-me pelo delírio da ação, tornar enfadonha a vida interior e, finalmente, atrair-me para o precipício.” Tudo o que esse excelente autor diz a respeito da necessidade da vida interior aplicasse à meditação, que é um dos meios mais eficazes para o seu cultivo.

[420] *A Alma de Todo Apostolado*, Parte V, 2, a.

[421] *Ibid.* Parte III, 2.

[422] N.T. - São Pio X governou a Igreja de 4 agosto de 1903 a 20 agosto de 1914, e foi canonizado em 3 de setembro de 1954.

[423] *Exortação ao Clero*, 4 de agosto de 1908.

[424] Cânon 125, § 2º

[425] N. T – No atual Código Canônico, de 1983, consta o seguinte texto no Cânon 276:

Cân. 276 § 1. Em seu modo de viver, os clérigos são obrigados por especial razão a procurar a santidade, já que, consagrados a Deus por novo título na recepção da ordem, são dispensadores dos mistérios de Deus a serviço de seu povo. ...

5º - **são solicitados a se dedicarem regularmente à oração mental**, a se aproximarem com frequência do sacramento da penitência, a cultuarem com especial veneração a Virgem Mãe de Deus e a usarem de outros meios de santificação, comuns e particulares.

[426] Cânon 1367, Iº. N. T. - No atual Código Canônico, de 1983, encontramos o seguinte texto no Cânon 276:

§ 3. Sejam incentivados (os seminaristas) o culto à Bem-aventurada Virgem Maria, também pelo rosário mariano, **a oração mental** e outros exercícios de piedade, com os quais os alunos adquiram o espírito de oração e consigam a firmeza de sua vocação.

[427] As distrações são voluntárias: *em si* quando as queremos de propósito deliberado, ou quando, ao perceber que a imaginação divaga, nada fazemos para combatê-la; *na sua causa*, quando

prevemos que alguma leitura ou ocupação absorvente, ademais inútil, será fonte de distrações e, não obstante, a elas nos dedicamos.

[428] Exercícios Espirituais, 1ª Semana, 1º Exercício (n^{os} 46 a 54), tradução de Vital Cordeiro Dias Pereira, Livraria do Apostolado da Imprensa, 3ª ed. 1999.

[429] Explicaremos esse método quando tratarmos da via *iluminativa*.

[430] G. LETOURNEAU, *La Méthode d'oraison mentale du Sém. de S. Sulpice*, Paris, 1903, especialmente as páginas 321 a 332; FABER, *Growth in Holiness*, C. XV.

[431] Fazemos especial menção aos métodos: de São Francisco de Sales, *Introdução à Vida Devota*, II P., cap. II–VI; das Carmelitas Descalças, *Instructions des Novices*, do V. P. J. de Jésus-Marie, II P., ch. II; dos Cistercienses Reformados, *Directoire Spirituel* de Dom Lehodey, 1910, sect. V, ch. IV; dos Dominicanos, *Instructios des Novices*, do Fr. Cormier.

[432] *Etudes*, 20 março de 1898, p. 782, nota 2.

[433] SANTO TOMÁS, *Suma Teológica* III, q. 85; SUÁREZ, *De pœnitentia*, disp. I, et VII; BILLUART, *De pœnit.*, disp. II; AD. TANQUEREY, *Synopsis Theol. Mor.*, t. I, n 3 – 14; BOSSUET, *Sermon sur la nécessité de la penitence*, edição Lebareq, 1897, t. IV, 595, t. V, 419; BOURDALOUE, *Carême, pour le Lundi de la deuxième Semaine*; NEWMAN, *Disc. to Mixed Congregations, Neglect of Divine Calls*; FABER, *Grow in Holiness*, cap. XIX.

[434] N. T. As versões mais modernas da Bíblia, nesse texto citado e nos dois seguintes, utilizam o termo “arrependimento” e não “penitência”. Não obstante, cumpre lembrar que há estreita conexão entre os dois termos. Destarte, a doutrina da penitência está amparada em muitos outros textos bíblicos, tais como Mt 6, 16 – 18; Mc 2, 18 a 20; At 13, 2 – 3; Tg 4, 8 – 10; Ap 11, 3. Além disso, o próprio Jesus jejuou por 40 dias e 40 noites no deserto (Mt 4, 2) e também disse que certos tipos de demônio não se expulsam senão com jejum e oração (Mt 17, 21). Ademais, desde os primórdios, os Padres da Igreja (entre eles, Santo Inácio de Antioquia, São Cipriano de Cartago, São Jerônimo, Santo Agostinho) incentivaram a penitência e pregaram a sua necessidade. Por volta do ano 70, a Didaqué já orientava a observância do jejum (Ver Didaqué 7, 4; e 8, 1). Assim, as conclusões expostas pelo autor estão absolutamente corretas.

[435] SANTO TOMÁS, *Suma Teológica* I – II, q. 71 – 73, q. 85 – 89; SUÁREZ, *De peccatis*, disp. I – III, disp. VII – VIII; PHILIP. A S. TRINITATE, *Sum. Theol. Mystiæ*, P. I, tr. II, discursos I; ANTON. A SPIRITUS SANCTUS, *Directorium mysticum*, disp. I, sect. II; TH. DE VALGORNERA, *Mystica theol.*, q. II, disp. I, art. III – IV; ALVAREZ DE PAZ, T. II, P. I, *De abjectione peccatorum*; BOURDALOUE, *Carême, mercredi de la 5^a sem., sur l'état du péché et l'état de grâce*; TRONSON, *Ex. particuliers*, CLXX – CLXXX; Manning, *Sin and its consequences*, trad. Maillet; *Le péché et ses conséquences*; MGR. D'HULST, *Carême 1892; Retraite; P. JANVIER, Carême 1907, 1^a Conf., Carême 1908 toda*.

[436] Desenvolveremos um pouco mais longamente esses motivos, para que os leitores possam meditá-los. Somente quando se concebe um vivo horror ao pecado é que se garante o progresso na vida espiritual.

[437] N. T. – Evidentemente essa não é a situação atual de nossa sociedade, onde a educação cristã foi muito relaxada pela grande maioria dos pais e, portanto, é muito precária.

[438] Esse é o pensamento desenvolvido por Santo Inácio em sua meditação fundamental, exposto no início dos Exercícios Espirituais com estas palavras (nº 23 – Princípio e Fundamento): “O homem é criado para louvar, prestar reverência e servir a Deus nosso Senhor e, mediante isto, salvar a sua alma”.

[439] *Catéch. chrétien*, P. I, lec. II.

[440] *Introdução à Vida Devota*, Livro I, cap. XXII.

[441] SÃO FRANCISCO DE SALES, *Introdução à Vida Devota*, Parte III, Cap. IX.

[442] *Caminho de Perfeição*, Cap. 41, 3.

[443] *La doctrine spirituelle*, III^o Principe, ch. II, a.1, § 3.

[444] Não tratamos aqui dos castigos temporais que Deus envia por causa do pecado. Desses a Sagrada Escritura fala muitas vezes, especialmente no Antigo Testamento. Todavia, quando se trata de saber se esta ou aquela tribulação é um castigo por causa do pecado venial, deparamo-nos apenas com conjecturas. Não é necessário insistir sobre esse ponto, como fazem alguns escritores espirituais, que atribuem castigos terríveis em consequência de faltas veniais. Assim, a mulher de Lot converteu-se em estátua de sal por um só pecado de curiosidade; Oza foi ferido de morte por ter tocado na arca.

[445] “Se a alma pudesse encontrar um outro purgatório mais terrível que aquele em que se encontra, prontamente se precipitaria nele, levada pelo ímpeto de amor que existe entre Deus e ela, e para ver-se o quanto antes livre do que a separa do Sumo Bem.” (SANTA CATARINA DE GÊNOVA, *Purgatório*, Cap. IX.).

[446] *Op. cit.*, cap. XIII.

[447] *Premier panégyrique de S. Fr. de Paule, éd. Lebarq*, t. II, p. 24 – 52.

[448] BOSSUET, *I^{er} Sermon pour la Purification, éd. Lebarcq*, t. IV, p. 52.

[449] *Introduction*, cap. VII.

[450] Esse é o ensinamento do Concílio de Trento (Sess. XIV, cap. 8): “Sem dúvida, essas penas satisfatórias fazem lembrar do pecado e servem como freio que retém, fazendo os penitentes mais espertos e vigilantes para o futuro. Servem também de remédio para curar os vícios dos pecados e apagar, com atos de virtudes contrárias, os hábitos viciosos que foram contraídos com a vida má.”

[451] PE. PLUS, *L’Idée réparatrice*, L. III; L. CAPELLE, *Les Ames généreuses*.

[452] Demonstra isso com profundidade no livro *Grow in Holiness*, C. XIX, e ele acrescenta: “Assim como o culto perde o valor quando não é baseado em sentimentos da criatura para com o Criador ... também a nada conduzem as penitências se não forem feitas em união com Jesus Cristo ... e também a santidade perde seu princípio de crescimento quando se separa da dor constante pelo pecado cometido. De fato, o princípio do crescimento espiritual não é somente o amor, mas o amor nascido do perdão.”

[453] Sessão XIV, cap. 9: “Ensina também o Sagrado Concílio que é tão grande a liberalidade da divina benevolência que apenas podemos satisfazer a Deus Pai, mediante a graça de Jesus Cristo, com as penitências que voluntariamente empreendemos para reparar o pecado, ou com as que nos impõe ao seu arbítrio o sacerdote, proporcionalmente ao delito, mas também, o que é grande prova de seu amor, com os castigos temporais que Deus nos envia e que padecemos com resignação.” (N. T.).

[454] N. T. – Nos dias atuais a Igreja não prescreve mais o jejum das Vigílias e das Têmporas.

[455] N. T. – Santo Agostinho e Santo Tomás de Aquino destacam a importância do jejum para outras sublimes finalidades além da apontada pelo autor. Segundo Santo Agostinho: “o jejum purifica a alma, eleva a mente, submete a carne ao espírito, torna o coração contrito e humilhado, dissipa a névoa da concupiscência, amortece o ardor da luxúria e acende a luz da castidade” (*De Orat. et jeun.*, Serm. 73). Santo Tomás, por outro lado diz que o jejum é praticado principalmente por três motivos: primeiro, para suprimir a concupiscência ou paixões desordenadas, que estão arraigadas. Em segundo lugar, para dispor a alma a contemplar as realidades mais sublimes, já que temos mais necessidade delas que das coisas materiais. Tal é o significado das três semanas de jejum de Daniel, depois das quais ele recebeu a revelação (Daniel 10, 3). Terceiro, em reparação dos pecados. A conversão não é simplesmente um gesto interior, mas envolve toda a pessoa, incluindo a corporeidade. Lemos em Joel 2, 12: “Convertei-vos a mim de todo o vosso coração, com jejuns, com choro e lamento” (cf. *Suma Teológica*, II-II, 147, 1).

[456] SANTO TOMÁS, cujas principais passagens são citadas por TH. DE VALLGÖRNERA, *op. cit.*, q. II, disp. II – IV; PHILIP. A. S. TRINITATE, *op. cit.*, P. I, Tr. II, *disc.*, I – IV; ÁLVAREZ DA PAZ, t. II, lib. II, *De mortificatione*; SCARAMELLI, *Directorio ascético*, Tr. II, a. 1 – 6; RODRIGUEZ, *Exercícios de Perfeição*, P. II, Tr. I e II, *Da Mortificação*, *Da Modéstia*; TRONSON, *Exam. Particuliers*, CXXXIX – CLXIV; MGR GAY, Tr. VII, *De la mortification*; MEYNARD, *Tr. de la vie intérieure*, L. I, ch. II – IV; A. CHEVRIER, *Le Vritable disciple*, P. II, p. 119 – 323.

^[457] Das ocasiões de pecado tratamos mais extensamente em nossa *Synopsis Theologiæ Moralis, De Pœnitentiâ*, nº 524 -536.

^[458] N. T. – Atualmente a Igreja Católica no Brasil prescreve jejum e abstinência somente na quarta-feira de cinzas e na sexta-feira santa. Nos Estados Unidos, a Conferência dos Bispos determina também a abstinência em todas as sextas-feiras da quaresma. De acordo com o Código de Direito Canônico, Cânon 1253 - A Conferência dos Bispos pode determinar mais exatamente a observância do jejum e da abstinência, como também substituí-la, totalmente ou em parte, por outras formas de penitência, principalmente por obras de caridade e exercícios de piedade. Todavia, é bom lembrar a existência do Cânon 1251, que diz: “Observe-se a abstinência de carne ou de outro alimento, segundo as prescrições da Conferência dos Bispos, **em todas as sextas-feiras do ano**, a não ser que coincidam com algum dia enumerado entre as solenidades; observem-se a abstinência e o jejum na quarta-feira de Cinzas e na sexta-feira da paixão e Morte de Nosso Senhor Jesus Cristo.” Com base no Cânon 1253, a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil – CNBB - afirma que o fiel católico brasileiro **pode** substituir a abstinência de carne por uma obra de caridade, um ato de piedade ou comutar a carne por outro alimento. Assim, a obrigação legal da mortificação foi praticamente abolida no Brasil. Considerando toda a exposição teológica e doutrinal da presente obra, há, sem dúvida, uma notória incongruência, mas devemos lembrar que a CNBB visa orientar todos os cristãos católicos e não somente os que estão buscando a perfeição. Sobre o jejum, ver **importante** nota do tópico nº 749.

^[459] Imitação de Cristo, Livro I, cap. 25.

^[460] Os motivos de penitência, que foram expostos nos nº 736 e ss., são análogos aos que aqui expomos, porque a penitência, em si, é a própria mortificação quando direcionada para satisfazer as faltas passadas.

^[461] N. T – Obras Completas de São João da Cruz, Subida do Monte Carmelo, Livro I, cap. IV, nº 3. O livro original não cita essa referência bibliográfica.

^[462] *Cat. chrétien P. I, Lec. IV.*

^[463] OLIER, *Cat. chrétien P. I, Lec. VII.*

^[464] Imitação de Cristo, Livro II, cap. XII, nº 7.

^[465] Ler o belo comentário dessa passagem Bíblica na Carta Circular aos Amigos da Cruz, de SÃO LUIZ MARIA GRIGNION DE MONTFORT.

^[466] *Sermo V in festo omnium Sanctorum*, nº 9.

^[467] *Examens particuliers, I^{er} Ex. de la Mortification.*

^[468] Em Marcos 10, 29 – 30, diz: “já neste século, cem vezes mais casas, irmãos, irmãs, mães, filhos e terras, com perseguições, e no século vindouro a vida eterna.”

^[469] Imitação de Cristo, Livro I, cap. 12, nº 2.

^[470] Introdução à Vida Devota, Parte III, cap. XXIII.

^[471] Introdução à Vida Devota, IIIª Parte, cap. XXV, 8ª ed., Ed. Vozes, 1958.

^[472] N. T. - O texto: “*les femmes vaines font douter de leur chasteté; au moins si elles en ont, elle n’est pas visible parmi tant de fatras et de bagatelles*” não consta na edição consultada da Introdução à Vida Devota, acima mencionada, ou, pelo menos, não no local indicado pelo autor, embora o pensamento seja consistente com as ideias de São Francisco de Sales.

^[473] Voltar aos exercícios de mortificação corporal é um dos meios mais eficazes para recobrar a alegria do espírito e o fervor da alma: “Voltemos às nossas mortificações corporais, maceremos a nossa carne, extraíamos dela algumas gotas de sangue e ficaremos felizes como nunca. Se a alma dos santos transpira alegria, se os monges e os religiosos são pessoas sempre alegres, com aquela alegria sincera que o mundo jamais pode compreender, é porque, como São Paulo, castigam o corpo e o reduzem à servidão com inflexível severidade.” (FABER, Santo Sacramento, t. I, p. 228 – 229).

^[474] SANTO TOMÁS, Suma Teológica I – II, q. 22 – 48; SUAREZ, disp. III; SÉNAULT, *De l’usage des passions*; DESCURET, *La médecine des passions*; BELOUINO, *Des passions*; TH. RIBOT, *La psychologie des*

sentiments; La logique des sentiments; P. AYOT, *L'éducation de la volonté*; P. JANVIER, *Carême* 1905; H. D. NOBLE, *L'éducation des passions*; os autores já citados acerca da mortificação.

[475] *De la Connaissance de Dieu et de soi-même*, cap. I, n. VI.

[476] Subida do Monte Carmelo, Livro I, cap. VI, nº 6.

[477] Subida do Monte Carmelo, Livro I, cap. IX.

[478] Subida do Monte Carmelo, Livro I, cap. XI, nº 4.

[479] A. EYMIEU, *Le gouvernement de soi-même*, t. I, 3^e Principe.

[480] N. T. - Muito importante, nessa matéria, é o ensinamento de São João da Cruz: “ao sentirmos o primeiro movimento ou a investidura de algum vício, como a luxúria, ira, impaciência, ..., etc., não procuremos resistir opondo um ato da virtude contrária, como ficou dito, mas desde o primeiro assalto façamos logo um movimento de amor anagógico contra o vício em questão, elevando nosso afeto a Deus, porque com essa diligência já a alma foge da ocasião e se apresenta a seu Deus e se une com Ele. Ora, deste modo vence a tentação e o inimigo não pode executar o seu plano.” Mais a adiante o santo adverte que em geral nos principiantes esses atos anagógicos não são ainda tão rápidos e instantâneos, nem tão fervorosos, para que consigam de um salto, ausentar-se completamente dali e unir-se a Deus. Então não devem deixar de opor resistência, lançando mão de todas as armas e considerações que puderem, até que cheguem a vencer completamente a tentação. São João da Cruz - Obras Completas – Ditames do Espírito – Ditame nº 5. Recomendamos a leitura completa desse texto.

[481] N. T. – Obstáculo – o termo original em francês é “contention”, cuja tradução literal é “contenção”. Pareceu-nos que a tradução mais adequada seja obstáculo, posto que se a alma fica apegada a querer sempre ter fervor na oração, o que evidentemente nem sempre ocorre, essa paixão, ou desejo, pode perturbá-la e tornar-se um obstáculo.

[482] Notemos em particular as reuniões de estudantes das escolas superiores, nas quais estuda-se teologia, o movimento *Revue des Jeunes*, e os círculos de estudos fundados pela revista *Evangile dans la Vie* para estudar a espiritualidade.

[483] N. T. – Parece não ser difícil constatar que desde então não houve ampliação desses movimentos. A ignorância religiosa atual é gravíssima. A sociedade vive um ateísmo prático, não somente, mas muito em razão do desconhecimento de Deus.

[484] N. T. – Certamente nos dias atuais não podemos deixar de citar a televisão e a internet.

[485] SÃO BERNARDO, *In Cant.*, *sermon XXXVI*, nº 3.

[486] *Epist.*, LV, C. 22, nº 39, P. L. XXXIII, 223.

[487] SCUPOLI, *Combate Espiritual*, cap. IX, nº 8.

[488] *Op. Cit.*, *Loc. cit.*, nº 10.

[489] *Sermo III Paschæ*, nº 4.

[490] Denzing., nº 1796. N. T. – Trata-se do Concílio Vaticano I.

[491] CASSIANO, *De cænobiorum institutis*, L. V. c. I, P. L. XLIX, 202 ss.; *Collationes*, coll. V, c. X, *ibid.*, 621 ss.; SÃO JOÃO CLÍMACO, *A Escada do Paraíso*, grad. XXII, P. G., LXXXVIII, 948 ss.; SÃO GREGÓRIO MAGNO, *Moral.*, L. XXXI, c. XLV, P. L., LXXVI, 620 ss.; SÃO TOMÁS DE AQUINO, *Suma Teológica*, I – II, q. 84, a. 3 – 4; *De malo*, q. 8, a. I; São Boaventura, *In II Sentent. Dist. XLII, dub. III*; MELCHIOR CANO, *La victoire sur soi-même*, traduzido por M. LEGENDRE, Paris, 1923; NOEL ALEXANDRE, *De peccatis*, (*Theol. Cursus Migne*, XI, 707 – 1168); ÁLVAREZ DE PAZ, t. II, Lib. I, P. 2^a, *De extinctione vitiorum*; Felipe da Santíssima Trindade, P. I, Tr. II, disc. II e III, *De vitiorum eradicatione et passionum mortificatione*; CARDEAL BONA, *Manuductio ad cælum*, cap. III – IX; ALIBERT, *Physiologie des Passions*, 1827; DESCURET, *La Médecine des Passions*, Paris, 1860; PAULHAN, *Les caracteres*, Paris, 1902; J. LAUMONIER, *La Thérapeutique des peches capitaux*, Paris, Alcan, 1922.

[492] *De cænobiorum institutis*, L. V. c. I, P. L. XLIX; *Collationes*, coll. V, c. X

[493] *Moral.*, L. XXX, c. 45, P. L., LXXVI, 620 – 622.

[494] SANTO TOMÁS, *Suma Teológica* II – II, q. 162 e 132; *De Malo*, q. 8 – 9; BOSSUET, *Tr. De la Concupiscence*, c. 10 – 23; *Sermon sur l'Ambition*; BOURDALQUE, *Carême, Sermon pour le mercredi de la 2^e sem.*; ALIBERT, *op. cit.*, t. I, p. 23 – 57; DESCURET, *op. cit.*, t. II, p. 191 – 240; PAULHAN, *Les Caracteres*, p. 167; BEAUDENOM, *Formation à l'Humilité*, Paris, 1902, p. 33 – 35; THOMAS, *l'Education des sentiments*, Paris, Alcan, 1904, p. 113 – 124 e 133 – 148; LAUMONIER, *op. cit.* c. VII.

[495] *Tr. De la Concupiscence*, ch. XI.

[496] *Ibid*, ch. XXIII; J. J. Olier, *Introd.*, ch. VII.

[497] *Suma Teológica* II – II, q. 131, a. 1.

[498] Não somente entre sábios e ricos encontramos esse defeito. Bossuet fala (*Tr. de la Concupiscence*, c. XVI) das pessoas do campo que, na Igreja, disputam escancaradamente entre si os bancos preferidos, até o ponto de dizerem que não irão mais à Igreja se não lhes cederem o lugar.

[499] *Tr. de la Concupiscence*, c. XVI.

[500] *Pastoral.*, p. I, c. I, P. L., LXXVII, 14.

[501] Santo Tomás expõe muito bem isso: II – II, q. 132, a. 1: “Que alguém conheça e aprove o seu próprio bem não é pecado. ... De modo semelhante, não é pecado desejar que suas boas obras sejam aprovadas pelos outros, porque se lê em Mateus: “Que vossa luz brilhe diante dos homens”. Por esta razão, o desejo da glória, de si mesmo, não designa nada de vicioso. ... Ora, a glória pode ser qualificada de vã por três razões: 1º - No que se refere à realidade da qual se quer tirar glória, quando por exemplo se procura a glória por algo que não existe, ou por uma coisa que não é digna dela, por ser frágil e caduca; 2º - Por parte daquele junto a quem se procura a glória, por exemplo, um homem cujo julgamento não seja seguro; 3º - Por parte da própria pessoa que deseja a glória quando, por exemplo, esta pessoa não orienta seu desejo de glória para o fim devido, qual seja, a honra de Deus ou a salvação do próximo.”

[502] N. T – Esse texto está ligeiramente diferente do constante no livro original em francês. Porém, é o que consta no livro *Introdução à Vida Devota*, de São Francisco de Sales, Parte III, cap. IV, traduzido pelo Frei João José P. de Castro, O. F. M., Ed. Vozes, 7ª ed., 1958.

[503] *Suma Teológica* II – II, q. 162, a. 5 e 6.

[504] S. CHRYSOSTOMUS, *in ep. II ad Thess.*, C. I, homil. I, nº 2, P. G., 471.

[505] S. GREGORIUS, *Moral.*, l. XXXIV, c. 33, nº 48, P. L. LXXXVI, 744.

[506] *Introduction*, c. VI, Sec. I.

[507] N. T. - Ver nº 119, que trata das virtudes naturais (ou adquiridas), frutos da graça habitual, e das virtudes infusas, de ordem sobrenatural, frutos da graça atual.

[508] Prefácio da festa de todos os santos.

[509] S. CIPRIANO, *De zelo et livore*, P. L., IV, 637–652; S. GREGÓRIO, *Moral.*, L. V, c. 46, P. L., LXXV, 727–730; S. TOMÁS, *Suma Teológica*, II–II, q. 36; *De Malo*, q. 10; ALIBERT, *op. cit.*, t. I, p. 331 – 340; DESCURET, *op. cit.*, t. II, P. 241–274; LAUMONIER, *op. cit.*, c. V.

[510] *Suma Teológica* II – II, q. 36, a. 4, sol. 2

[511] J. J. OLIER, *Catéch. chrét.*, P. II, lec. XIII.

[512] SÃO GREGÓRIO, *Moral.*, L. V, c. 45, P. L., LXXV, 727 – 730; SANTO TOMÁS, *Suma Teológica*, II – II, q. 158; *De Malo*, q. 12; DESCURET, *op.cit.*, t. II, 1 - 57; THOMAS, *op. cit.*, c. IX, p. 94 -103; LAUMONIER, *op. cit.*, c. VI

[513] *De irâ*, L. I. n. 2

[514] *Moral.*, l. c., P. L. LXXV, p. 724.

[515] Cfme DESCURET, *La medicine des passions*; J. LAUMONIER, *La thérapeutique* ... p. 167 – 174.

[516] SÃO FRANCISCO DE SALES, *Introdução à Vida Devota*, P. III, c. VIII.

[517] SÃO FRANCISCO DE SALES, *ibid*.

[518] SANTO TOMÁS, *Suma Teológica* II – II, q. 148; *De Malo*, q. 14; JAUGEY, *De quatuor virtut. cardin.*, 1876, p. 569 – 574; LAUMONIER, *op. cit.*, c. II.

[519] N. T. – Na versão em inglês da presente obra, excluiu-se a frase: “este é o pecado dos gastrônomos e gulosos”. Resolvemos alterar a redação, incluindo a palavra “muitos” para não cometer injustiças com os gastrônomos, pois a gastronomia em si não é pecado, mas evidentemente muitas vezes estimula o vício da gula.

[520] Carême, 1921, *Retraite pascalle, Excès de table*.

[521] E. CAUSTIER, *La vie et la santé*, p. 115.

[522] SANTO TOMÁS, *Suma Teológica II – II*, q. 153 – 154; SANTO AFONSO, L. III, nº 412 – 485; CAPELMAN, *Medicina pastoralis*; ANTONELLI, *Medicina pastoralis, Romæ*, 1905, SURBLED, *Vie de jeune homme*, Paris, 1900; *Vie de jeune fille*, Paris, 1903; FONSSANGRIVES, *Conseils aux parentes et aux maîtres sur l'éducation de la pureté*; J. GUIBERT, *La pureté*, Paris, 1910; M. DUBOURG, *Sixième et neuvième Commandements*.

[523] N. T. - Atualmente a doutrina Católica sobre esse tema não é mais tão rigorosa. Diz o Catecismo: §2361 - A sexualidade, mediante a qual o homem e a mulher se doam um ao outro com os atos próprios e exclusivos dos esposos, não é em absoluto algo puramente biológico, mas diz respeito ao núcleo íntimo da pessoa humana como tal. Ela só se realiza de maneira verdadeiramente humana se for parte integral do amor com o qual homem e mulher se empenham totalmente um para com o outro até a morte. §2362 - “Os atos com os quais os cônjuges se unem íntima e castamente são honestos e dignos. Quando realizados de maneira verdadeiramente humana, testemunham e desenvolvem a mútua doação, pela qual os esposos se enriquecem com o coração alegre e agradecido” (GS 49,2). A sexualidade é fonte de alegria e de prazer.

[524] N. T. - Os efeitos descritos nas letras “b”, “c” e “d” deste tópico aproximam-se mais de uma patologia sexual do que dos efeitos mais comuns do vício capital de luxúria.

[525] LAUMONIER, *op. cit.*, p. III.

[526] IIº Congresso da Conf. Internacional, 1902. Muitos outros testemunhos podem ser vistos em F. ESCLANDE, *Le problème de la chasteté au point de vue scientifique*, 1919, p. 122 – 136.

[527] Introdução à Vida Devota, Parte III, cap. XXXIII

[528] N. T. – Que dizer então de nossos dias, com televisão e internet?

[529] Sess. VI. De justificatione, c. XI.

[530] SANTO TOMÁS, *Suma Teológica II – II*, q. 35; *De Malo*, q. 2; NOÉ ALEXANDRE, *op. cit.*, p. 1148 – 1170; MELCHIOR CANO, *Victoire sur soi-même, ch. X*; W. FABER, *Le progrès, ch. XIV*; LAUMONIER, *op. cit.*, ch. III; VUILLERMET, *Soyez des hommes*. Paris 1908, XI, p. 185.

[531] MELCHOR CANO, *La victoire sur soi-même, ch. X*.

[532] OLLÉ-LAPRUNE, *Le prix de la vie*.

[533] N. T. – Ver nºs 228 e ss. – Crescimento da Vida Espiritual pelo Mérito.

[534] SANTO TOMÁS, *Suma Teológica II – II*, q. 118; *De Malo*, q. 113; MELCHOR CANO, *op. cit.*, c. XII – XIII; MASSILON, *Discours synodaux, De l'avarice des prêtres*; MONSABRÉ, *Retraites pascalles*, 1892 – 1894: *Les idoles, la richesse*; LAUMONIER, *op. cit.*, c. VIII

[535] J. J. OLIER, *Introd. Aux vertus*, c. II, Sec. I.

[536] RODRIGUEZ, *Ejercicio de perfección*, P. II, Tr. 3º; SÃO FRANCISCO DE SALES, *Introdução à Vida Devota*, P. IV, c. III – X; SCARAMELLI, *Directorio ascético*, T. II, art. X; SCHRAM, *Instit. theol. myst.*, § CXXXVII – CXLIX; W. FABER, *Progreso*, c. XVI; P. DE SMEDT, *Notre vie surnat.*, P. III, c. III; RIBET, *L'Ascétique*, c. X; MGR GAY, *Vie et vertus chrét.*, t. I, tr. XIII; LEHEN, *La voie de la paix intér.*, P. III, c. IV; DOM LEHODEY, *Le saint abandon*, p. 332 – 343; BRUNETEAU, *Les Tentations du jeune homme*, 1912.

[537] N. T. – Observa-se o quanto é importante a educação recebida na família. Os pais têm o dever de ir formando nos filhos as chamadas virtudes adquiridas, que serão extremamente úteis no progresso espiritual da alma.

[538] Introdução à Vida Devota, Parte IV, cap. III.

[539] São Francisco de Sales relata (Introdução à Vida Devota, Parte IV, cap. IV) que Santa Catarina de Sena, tendo sido fortemente tentada contra o pudor, perguntou-lhe o Senhor se essas tentações

tenham produzido em sua alma algum sentimento de prazer ou de tristeza, de amargura ou desgosto. E a santa respondeu: “de tristeza e amargura”. Então Nosso Senhor lhe disse: “Quem produzia essa tristeza e amargura em tua alma senão eu, que aí estava escondido no fundo do teu coração? ... Desse modo, esses sofrimentos têm sido para ti uma fonte de aumento de virtudes, força e merecimentos.”

[540] *Ibid*, Parte IV, cap. VI: “Surpreendem-nos às vezes certas impressões de deleites que seguem imediatamente à tentação, quase antes que se note. Claro está que isso não passaria no máximo de um pecado venial; só no caso em que por negligência, uma vez conhecido distintamente o mal, ainda se estivesse aí demorando com uma decisão de consentimento ou recusa ou, pior ainda, se não se sentisse vontade alguma de rejeitá-lo, é que o pecado poderia se tornar mais grave.”

[541] Essa indolência foi muito bem descrita por M^{GR}. GAY, *Vie et vertus chrét.*, tr. VIII, p. 525 – 526: “A alma que dorme fica exposta aos ataques do inimigo. A alma preguiçosa, mole, covarde, pusilânime, que qualquer sacrifício amedronta, que se rende a qualquer trabalho sério, e que, talvez até rica de desejos, é pobre de resoluções e ainda mais de obras, que em tudo se poupa, segue quase sempre os seus caprichos e deixa-se levar pela direção dos ventos.”

[542] Introdução à Vida Devota, Parte IV, cap. IX.

[543] Introdução à Vida Devota, Parte IV, cap. VII.

[544] TISSOT, *L’art d’utiliser ses fautes d’après S. Fr. de Sales*.

[545] *De corrept. et gratia*, cap. I.

[546] SÃO FRANCISCO DE SALES, Introdução à Vida Devota, Parte IV, caps. XIII – XV; F. GUILLORÉ, *Les secrets de la vie spirituelle*, tr. VI; W. FABER, *Progrès*, ch. XXIII; DOM LEHODEY, *Le Saint Abandon*, p. 344 e ss.; P. DE SMEDT, *Notre vie surnat*, III^a P., ch. V.

[547] SÃO FRANCISCO DE SALES, Introdução à Vida Devota, Parte IV, cap. XIII.

[548] N. T. - Após o “Glória” o sacerdote convida os fiéis à oração, dizendo de mãos juntas: Oremos. E todos juntamente com o sacerdote oram em silêncio durante alguns momentos. Depois, o sacerdote de braços abertos, diz a oração, a que se chama “*colecta*”, pela qual se exprime o carácter da celebração.

[549] Introdução à Vida Devota, Parte IV, cap. XIII.

[550] Introdução à Vida Devota, Parte IV, cap. XIV.

[551] SANTO INÁCIO DE LOYOLA, Exercícios Espirituais, *Regulæ de scrupulis*; ÁLVAREZ DA PAZ, t. II, lib. I, P. III, c. XII, §V; SCARAMELLI, *Directorio ascético*, tr. II, art. XI; SCHRAM, *Inst. theol. mysticæ*, t. I, §73 – 83; SANTO AFONSO DE LIGÓRIO, *Theol. Moralis*, tr. I, *De conscientia*, nº 10 – 19; LOMBEZ, *Paix interieure*, II^a Parte, ch. VII; W. FABER, *Progrès*, ch. XVII; DUBOIS, *L’Ange conducteur des âmes scrupuleuses*; P. DE LEHEN, *La voie de la paix intérieure*, IV^a Parte; A. EYMIEU, *Le gouv. de soi-même*, t. II, *L’obsession et le scrupule*; DOM LEHODEY, *Le saint Abandon*, p. 407 – 414.

[552] N. T. – Na época da publicação do original desta obra, não era permitido aos leigos comungar pegando a hóstia com as mãos. Embora esse costume ainda hoje não esteja totalmente liberado, foi permitido que as Conferências Episcopais deliberassem sobre o assunto (há controvérsias). No caso do Brasil, a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil permitiu essa prática. Contudo, o autor parece estar se referindo ao manuseio indevido feito pelo sacerdote.

[553] N. T. – Estas últimas, obviamente referem-se somente aos sacerdotes e religiosos. No caso das palavras da consagração, apenas aos sacerdotes.

[554] N. T. - Estado psicológico em que prevalece uma única ideia ou uma só ordem de associação mental.

[555] SANTO TOMÁS, Suma Teológica I – II, q. 80, a. 4; Imitação de Cristo, Livro III, c. 54. – Dos Diversos Movimentos da Natureza e da Graça; SANTO INÁCIO, Exercícios Espirituais, *Regulæ alíquota*, etc.; SCARAMELLI, *Du discernement des esprits*, trad. Brassevin, Paris, 1910; CARD. BONA, *De discretione spirituum*; RIBET, *L’Ascétique*, ch. XL; M^{GR}. A. CHOLLET, *Discernement des esprits*, *Dict. de Théol.*, t. IV, 1375 – 1415, com abundante bibliografia.

[556] N. T – Embora o livro original diga “seis”, somente descreve cinco fontes.

[557] PHIL. A SS. TRINITATE, *Sum. Theol. Myst.*, P. II; LE GAUDIER, *De perfect. vitæ spir.*, P.II, sect. II; SCHRAM, *Instit. myst.*, §CIII; A. SANDREAU, *Les degrés*, t. I, *Vie illuminative*.

[558] Castelo Interior, Terceira Morada, Cap. I, nº 5.

[559] CHOCARNE, *Vie du P. Lacordaire*, t. II, 119.

[560] Hino das Laudes do SS. Sacramento. N. T - “Nascido homem, fez-se nosso próximo; deu seu corpo em alimento; morreu pelo preço do pecado; reina e é nossa recompensa.”

[561] Não trataremos, pois, na via iluminativa, da *purificação passiva dos sentidos*, nem da *oração da quietude*. Consideramos que estas já são um princípio da *contemplação infusa* e pertencem à *via unitiva*. Todavia, alertamos os leitores que há autores dignos de nota que entendem que as primeiras purificações passivas e a quietude pertencem à via iluminativa. Conforme Pe. Garrigou-Lagrange, *Perfect Chrét. et contemplation*, t. I, p. VIII.

[562] THOM. DE VALLGORNERA, q. II, *disp. VI*, com numerosas citações de Santo Tomás; RODRIGUEZ, P. I, *Tr. da oração*; CRASSET, *Instr. familières sur l'oraison*; COURBON, *Inst. famil. sur l'oraison*, 2ª *partie*; VEN. LIBERMANN, *Ecrit spirituels, Instruct. sur l'oraison, De l'oraison d'affection*; R. DE MAUMIGNY, *Oraison mentale*, t. I, 3ª P., *Oraison affective*; D. V. LHEODEY, *Les Voies de l'oraison mentale*, 2ª P., ch. VIII.

[563] Sent. I – III, dist. 35, a. I, q. 2.

[564] Sem dúvida houve santos que algumas vezes experimentaram ímpetos violentos de amor, que se traduziram em manifestações exteriores sensíveis. Todavia, não foram provocados por eles e sim pela graça de Deus. Seria presunção querer estimular em si mesmo emoções violentas, a pretexto de imitar os santos.

[565] SANTO INÁCIO, Exercícios Espirituais, 2ª Semana; R. DE MAUMIGNY, *Pratique de l'oraison mentale*, t. I, parte V.

[566] Exercícios Espirituais, 4ª adição (nº 76), e 2ª Anotação (nº 2); DURAND, *Médit. et. Lectures pour une retraite de 8 ou 10 jours*, p. 256 – 259.

[567] Santo Inácio não ousa ir tão longe. Outros santos atreveram-se a isso. Podemos imitá-los se a graça de Deus nos inspirar a fazê-lo.

[568] Ver a última contemplação de Santo Inácio, Exercícios Espirituais, 4ª Semana.

[569] A. DURAND, *op. cit.*, p. 458 – 459; R. DE MAUMIGNY, *l. c. ch. VI*.

[570] SANTO TOMÁS, *Suma Teológica I – II*, q. 55 – 67; II – II, q. 48 – 170; SUÁREZ, *Disput. Metaphys.*, XLIV; *De Passionibus et habitibus*; *De fide, etc*; JOANNES A S. THOMAZ, *Cursus theol.*, *Tr. de Passionibus, habitibus et virtutibus, etc.*; ALVAREZ DA PAZ, t. II, lib. III, *de adeptione virtutum*; FELIPE DA SS. TRINDADE, P. II, tr. 2, dis. I, II; RODRIGUEZ, Exercícios de Perfeição, diversos tratados; SÃO FRANCISCO DE SALES, *Introdução à Vida Devota, passim*; J. J. OLIER, *Introd. à la vie et aux vertus chrét.*; MGR. GAY, *De la vie et des vertus chrétiennes*, tr. VI, VII, IX, X, XI; RIBET, *Les vertus et les dons*; P. DE SMEDT, *Notre vie surnaturelle*, t. II.

[571] SANTO TOMÁS, *Suma Teológica I–II*, q. 62 – 63; SUÁREZ, *De Passionibus et habitibus, diss. III*; JOANNES A S. THOMAZ, *op. cit., disp. XVI*; L. BILLOT, *De virt. Infusis*; P. JANVIER, *Carême*, 1905; P. GARRIGOU-LAGRANGE, *Perfect. Chrét. et contemplation*, p. 62 – 75.

[572] *Op. cit.*, p. 64.

[573] *Suma Teológica II – II*, q. 63, a. 4; H. NOBLE, *Vie spirituelle*, nov. 1921, p. 103 – 104.

[574] Conforme SANTO AGOSTINHO, *Epist. 167 ad Hieron.*, P. L. XXXIII, 735.

[575] SÃO GREGÓRIO, *Moral.*, L. XXII, c. I.

[576] CASSIANO, *Collationes*, II; S. J. CLÍMACO, *Scala*, XXVI; SANTO TOMÁS, *Suma Teológica II – II*, q. 47 – 56; CH. DE SMEDT, *Notre vie surnaturelle*, t. II, p. 1 – 33; P. JANVIER, *Carême*, 1917.

[577] *Suma Teológica II – II*, q. 47, a. 13: “Prudência, verdadeira e perfeita ao mesmo tempo, é aquela que delibera, julga e comanda retamente em vista do fim bom da vida toda.”

[578] *Suma Teológica II – II*, q. 47, a. 3: “É necessário que o prudente conheça tanto os princípios universais da razão como os singulares, que são o objeto das ações.”

[579] N. T. – Obviamente trata-se de doenças espirituais.

[580] Para não tratar várias vezes das mesmas virtudes, indicaremos, o quanto possível, o grau de cada virtude correspondente aos diversos graus de perfeição.

[581] SANTO TOMÁS, *Suma Teológica II – II*, q. 56 – 122; DOM. SOTO, *De justitia et jure*; LESSIUS, *De justitia*; AD. TANQUEREY, *Synopsis theol. moralis*, t. III, *De virtute justitiæ*, com citação de muitos autores; P. JANVIER, *Carême*, 1918.

[582] É o que afirma BOSSUET, *Sermon sur la justice*, ed. Lebarq, t. V, p. 161: “Quando falo de justiça, falo dos laços sagrados da sociedade humana, do freio necessário da licença ... Quando reina a justiça, a boa-fé prevalece nos tratados, a lisura nos negócios, a ordem nas cidades, a tranquilidade na terra, e até mesmo o céu parece que brilha agradavelmente, enviando-nos boas influências.

[583] *Synopsis theologiæ moralis*, t. III, *De virtute justitiæ*.

[584] SANTO TOMÁS, *Suma Teológica II – II*, q. 81; SUAREZ, *De virtute et statu religionis*, t. I, L. II; BOUQUILLON, *De Virtute religionis*. J. J. OLIER, *Introd. à la vie et aux vertus*, ch. I; MGR D’HULST, *Carême*, 1893. Conf. I; CH. DE SMEDT, *op. cit.*, p. 35 – 104; RIBET, *Les vertus*, ch. XXI.

[585] *Introd. à la vie et aux vertus*, cap. I.

[586] S. JOÃO CLÍMACO, *Scala*, IV; STO TOMÁS, *Suma Teológica II – II*, q. 104 – 105; STA CATARINA DE SENA, *Diálogo*, t. II; S. FRANCISCO DE SALES, *Introd. à Vida Devota*, 3ª P., c. XI; *Entretiens*, X – XI; RODRIGUEZ, P. III, Tr. V, *Da Obediência*; J. J. OLIER, *Introd. ch. VII*; TRONSON, *De l’obéissance*; STO AFONSO DE LIGUORI, *La véritable épouse*, ch. VII; MGR GAY, *Vie et vertus*, tr. XI, *De l’obéissance*; CH. DE SMEDT, *Notre vie surnaturelle*, t. II, p. 124 – 151; RIBET, *Vertus*, ch. XXIX; D. C. MARMION, *Le Christ idéal du moine*, Conf. XII, p. 334 – 389.

[587] Ver a Encíclica de LEÃO XIII, *Rerum novarum*, e nosso *Tr. de Justitia*, onde a comentamos. N. T. – Nos dias atuais, em sua maioria, os direitos e deveres de empregados e patrões estão regulados em lei.

[588] Esta é a doutrina de SÃO FRANCISCO DE SALES, *Entretiens spirituels*, ch. XI, p. 170 – 171: “Muitos se enganaram redondamente ... e são aqueles que julgaram que ela (a obediência) consistia em fazer qualquer coisa que se mandasse, mesmo algo contrário aos mandamentos de Deus e da Igreja, e nisso erraram totalmente ... porque, no que diz respeito aos mandamentos de Deus, nem os superiores podem determinar algo em contrário e tampouco os inferiores têm qualquer obrigação de obedecer, e pecariam se o fizessem.”

[589] *Serm. de diversis*, XXXV, 4.

[590] Carta CXX, trad. Brouix, 1870, p. 464.

[591] SANTO INÁCIO, *Constitut.*, VI, § I, rég. 36.

[592] Carta de Santo Inácio sobre a virtude da obediência, n. 3, 4.

[593] *Entretiens spirit.*, ch. XI, p. 170.

[594] *Suma Teológica II – II*, q. 104, a. 5, sol. 3.

[595] *Pláticas espirít.*, cap. XI.

[596] *Ibid.*, p. 186.

[597] SÃO FRANCISCO DE SALES, *Entret. Spirit.*, ch. XI, 182.

[598] *Suma Teológica II – II*, q. 104, a. 3.

[599] SÃO GREGÓRIO, *Moral.*, L. XXV, c. 10.

[600] *Cidade de Deus*, L. XIV, c. 12.

[601] *Suma Teológica II-II*, q. 104, a. 3, sol. 2.

[602] SANTO TOMÁS, *Suma Teológica II – II*, q. 104, a. 3, sol. 2.

[603] Carta citada acima.

[604] Citado por SÃO FRANCISCO DE SALES, *Entret. spirit.*, 183.

[605] SÃO BERNARDO, *Sermo III in tempore paschali*, 3.

[606] *Dialogue*, trad. Hurtaud, t. II, p. 259 – 260.

[607] SANTO TOMÁS, *Suma Teológica II – II*, q. 123 – 140; seus comentaristas, especialmente Caetano e João de São Tomás; P. JANVIER, *Carême*, 1920; RIBET, *Vertus*, ch. XXXVII – XLII; CH. DE SMEDT, *Notre vie*

urnat., t. II, p. 210 – 267.

[608] Suma Teológica, II – II, q. 123, a.3.

[609] Suma Teológica II – II, q. 123, a. 6, sol. 1.

[610] N. T – Evidentemente esses exemplos não se aplicam aos dias atuais.

[611] SÃO FRANCISCO DE SALES, *Introdução à Vida Devota*, P. III, cap. III; J. J. OLIER, *Introd.*, cap IX; W. FABER, *Progrès*, ch. IX; D. V. LEHODEY, *Le saint abandon*, III^e Part., ch. III.

[612] *Constitut. Soc. Jesu, Examen generale*, c. IV, n. 44.

[613] *Notre vie surnaturelle*, t. II, p. 260. – O Pe. Capelle que estudou especialmente essa questão (*Les Ames généreuses*, 1920, 3^e P, ch. IV – VII) resume sua doutrina em três proposições: 1) Nosso Senhor é quem escolhe suas vítimas; 2) Avisa-as com antecedência o que irão sofrer; 3) Pede-lhes o livre consentimento.

[614] Suma Teológica II – II, q. 137, a. 1.

[615] N. T. – *Da, Domine, quod jubes, et jube quod vis*.

[616] SANTO TOMÁS, Suma Teológica II – II, q. 141 – 170; SCARAMELLI, *Directorio ascético*, Tr. III, art. 4; RIBET, *Vertus*, ch. XLIII – XLVIII; CH. DE SMEDT, t. II, p. 268 – 342; P. JANVIER, *Carême*, 1924 et 1922.

[617] CASSIANO, *Collat.*, XII; SÃO JOÃO CLÍMACO, *Scala*, Gradus XV; SANTO TOMÁS, Suma Teológica II – II, q. 151 – 156; RODRIGUEZ, *Perfeição Cristã*, P. III, tr. IV, Da Castidade; SÃO FRANCISCO DE SALES, *Introdução à Vida Devota*, P. III, cap. XII – XIII; J. J. OLIER, *Introduction*, ch. XII; SANTO AFONSO DE LIGÓRIO, *Selva*, P. II, *Intr.* III, *Chasteté du prêtre*; MGR. GAY, *Vie et vertus*, tr. X; VALUY, *Vertus religieuses*, *Chasteté*; P. DESURMONT, *Charité sacerdotale*, § 77 – 78; MGR. LELONG, *Le Saint Prêtre*, 12^e Conf.

[618] *Introdução à Vida Devota*, P. III, cap. XXXVIII.

[619] SÃO FRANCISCO DE SALES, *Introdução à Vida Devota*, P. III, cap. XXXIX.

[620] Ver os excelentes conselhos de São Francisco de Sales para os viúvos em: *Introdução à Vida Devota*, P. III, cap. XI.

[621] *Epístola XXII ad Eustochium*, P. L. XXII, 396.

[622] *Epístola LII, ad Nepotian*. P. L. XII, 531 – 532: “Não confie na castidade passada: não és mais casto que Davi, nem podes ser mais santo que Salomão. Todos lembrem que uma mulher expulsa o inquilino do paraíso de sua possessão.”

[623] “Pois Deus não nos manda o impossível; quando manda, ordena que façamos o que está ao nosso alcance e a rezar por aquilo que estiver além, enquanto nos confere o poder de realizar o seu comando.” (Concílio de Trento, sess. VI, cap. II, Denz., 804).

[624] *Introduction*, cap. XII.

[625] Este foi o conselho de São Jerônimo para Nepociano: “Os pés de uma mulher raramente, ou nunca, devem cruzar a entrada de sua casa. ... Se em razão do dever clerical é necessário visitar uma viúva ou uma virgem, nunca se deve entrar na casa sozinho. Que seus associados sejam pessoas cuja companhia não traga desgraça ... Nunca visite ou sente-se sozinho com uma mulher sem que haja testemunhas. Cuidado com tudo que dá margem a suspeitas; evite o escândalo e tudo que lhe possa dar aparência.”

[626] São Jerônimo descreve muito bem esse perigo: “Tais homens pensam somente em sua vestimenta, usam perfumes livremente e reparam que não há vincos em seus sapatos de couro. Seus cabelos ondulados mostram balanço, seus dedos brilham com anéis, andam na ponta dos pés para não respingar no chão molhado. Quando os virem agirem dessa forma, pensem neles mais como noivos do que como clérigos.” (Epist. XXII, P. L. 414).

[627] *Exercices spirituels*, trad. Jennesseaux, p. 313 – 314.

[628] *Meditations sur les SS. Ordres*, p. 105, ed. 1874.

[629] MEINARD, *Vertus de S. Vicent de Paul*, ch. XIX, p. 306.

[630] “Com que frequência, enquanto eu vivia no deserto, na vasta solidão que dá aos eremitas um habitat selvagem, ressecados pelo sol ardente, fui levado pela imaginação para as delícias de Roma!”

[631] S. JERÔNIMO., *Epist. XXII*, n. 6, P. L. XXII, 398.

[632] *Epist. cit.*, n. 5.

[633] *Vertus religieuses*, p. 72 – 74.

[634] “Ame conhecer a Escritura, e já não amarás mais os pecados da carne... Tenha sempre algum trabalho em andamento, para que o demônio o encontre ocupado.” (S. JERÔNIMO, *Epist. CXXV, P. L.*, XXII, 1078).

[635] *Scala, Gradus XV*, 7.

[636] CASSIANO, *Collat.* XVIII, c. XI; SÃO JOÃO CLÍMACO, *Scala*, XXV; SÃO BERNARDO, *De gradibus humilitatis et superbiæ*; SANTO TOMÁS, *Suma Teológica II – II*, q. 161; RODRIGUEZ, P. II; Tr. III, *Da humildade*; SÃO FRANCISCO DE SALES, *Introdução à Vida Devota*, P. III, cap. IV – VII, J.J. OLIER, *Introduction*, ch. V.; L. TRONSON, *Tr. de l’humilité*; SCARAMELLI, *Guide ascétique*, tr. III, art. XI; V. LIBERMANN, *Ecrits spirit.*, *De l’umilité*; BEAUDENOM, *Formation à humilité*; CH. DE SMEDT, *Notre vie surnat.*, t. II, p. 305 – 342; D. COLUMBA MARMION, *Le Christ idéal du moine*, XI, p. 277 – 333.

[637] *De gradibus humilitatis*, c. I, n. 2.

[638] *Suma Teológica II – II*, q. 161, a. 3.

[639] Confissões, Livro II, cap. 7: “Sei que, pela Tua graça e misericórdia, meus pecados se desfizeram como gelo ao sol; devo à Tua graça também todo mal que não pratiquei. A que ponto não poderia ter chegado, eu que amei o pecado por si mesmo, sem motivo? Senhor, proclamo que me perdoaste todas as culpas, quer cometidas voluntariamente, quer as que, por tua graça, não cometi.”

[640] *Catéch., chrétien, I^{re} Part., leç. XVIII*.

[641] D. COLUMBA MARMION, *Le Christ, idéal du moine*, 1922, p. 299.

[642] Conforme o Código de Direito Canônico, can. 530, hoje em dia os superiores religiosos não podem forçar, de nenhum modo, os seus inferiores a manifestar-lhes a consciência. Todavia o Código acrescenta que “é proveitoso para os súditos ir ter com seus superiores com filial confiança e expor-lhes também, se os superiores são sacerdotes, as dúvidas e ansiedades de sua consciência.”

[643] N. T. – O novo Código de Direito Canônico diz no Cânon 630, § 5º: Os membros procurem com confiança os Superiores, podendo abrir-lhes livre e espontaneamente o próprio ânimo. Os Superiores, porém, são proibidos de induzi-los, de qualquer modo que seja, a manifestar-lhes a própria consciência.

[644] *Super Missus est*, hom. IV, 9.

[645] *Enarrat. in Ps. 141*, c. 7.

[646] *Sermo 10 de Verbis Domini*.

[647] *Elévations, XX^e Séminaine, 8^e Elév.*

[648] N. T. – Considerando a quantidade de milagres relatados nos Evangelhos e que a vida pública de Jesus foi de apenas três anos, não podemos concordar com essa afirmação.

[649] Santo Tomás, hino *Adoro Te*.

[650] N. T. – Evidentemente esse desejo de ocultar-se nas espécies sagradas, de “ser considerado nada” refere-se à humildade do Homem-Deus de se fazer presente num simples pedaço de pão (um nada), algo desprezível para os incrédulos e infiéis.

[651] MAYNARD, *Vertus et doct. spirit. de S. Vicent*, p. 207.

[652] MAYNARD, *Vertus et Doctrine*, p. 214.

[653] MAYNARD, *Vértus et doctrine*, p. 218.

[654] Mons. GAY explica isso muito bem em *Vie et Vertus*, t. 1, *de la humilité*, p. 357 – 358: “Há um porte exterior de humildade que a alma verdadeiramente humilde demonstra em todo o corpo. É algo de recatado, reservado, sereno, que dá a expressão facial e a todo corpo uma formosura inefável, uma harmonia e um encanto que designamos com o nome de modéstia. Modéstia no olhar, na voz, no sorriso, modéstia em todos os movimentos ... Não há nada mais distante da artificialidade que a modéstia. Dizia São Paulo: “*Seja conhecida de todos a vossa modéstia, porque o Senhor está próximo*” (Fl 4, 5). Aqui está o segredo dessa arrebatadora e santa modéstia. Deus está próximo dessa

alma e ela jamais o esquece. Vive na sua presença e Deus, na companhia dos santos anjos, a vê em tudo o que faz.”

[655] Muitas vezes dizemos que nada somos, que somos a própria miséria e, como diz São Paulo, o lixo do mundo; mas muito nos melindraríamos se compreendessem-nos verbalmente e tratassem-nos quais dizemos ser. Pelo contrário, outras vezes fugimos para que nos venham atrás, escondemo-nos para que nos procurem, damos mostras de querer o último lugar, para que nos levem com muita manifestação de honra ao primeiro. O verdadeiro humilde não quer parecer que o é, e nunca fala de si mesmo.” (SÃO FRANCISCO DE SALES, *Introdução à Vida Devota*, P. III, cap. 5.)

[656] *Ibid.*

[657] SÃO JOÃO CLÍMACO, *Scala*, XXV; SÃO FRANCISCO DE SALES, *Introdução à Vida Devota*, P. III, cap. VIII – IX; J. J. OLLIER, *Introduction*, ch. X; CARDEAL BONA, *Manductio*, c. XXXII; RIBET, *Ascétique*, ch. I; VÉN. A. CHEVRIER, *Le véritable disciple*, p. 345 – 354.

[658] São Jerônimo descreve muito bem a mansidão em seu Comentário Sobre os Gálatas, v. 22: “A benignidade é uma virtude suave, amável, tranquila, doce no falar, de costumes afáveis, uma grata combinação de todas as boas qualidades. Muito próxima dela é a bondade, porque também procura agradar, mas dela distingue-se porque a bondade é menos cortês e um pouco mais séria, porque está sempre pronta a fazer o bem e a prestar serviço, mas sem aquela amabilidade e suavidade que cativa os corações.”

[659] *Introduction*, ch. X.

[660] *Médit. sur l’Evangile, Sermon, III^e Jour.*

[661] SÃO FRANCISCO DE SALES, *Introdução à Vida Devota*, P. III, cap. IX.

[662] P. CHEVRIER, *Le disciple*, p. 345 – 354.

[663] Is 42, 1 – 4; Mt 12, 17 – 21.

[664] *Introduction*, ch. X.

[665] P. PRAT, *La Théologie de S. Paul*, t. II, 401 – 402.

[666] STO AGOSTINHO, *Enchiridion de Fide, Spe et Caritate*; STO TOMÁS, *Suma Teológica* II – II, q. 1 – 16; JOANNES A. S. THOMA, *De fide*; SUAREZ, *De fide*; J. DE LUGO, *De virtute fidei divinæ*; SALMANTICENSES, *De fides*; SCARAMELLI, *Guide ascétique*, t. IV, art. I; BILLOT, *De virtutibus infusis, thesis* IX – XXIV; BAINVEL, *La foi et l’acte de foi*; HUGON, *La lumière et la foi*; MONS. GAY, *Vie et vertus*, t. I, tr. III; CH. DE SMEDT, *Notre vie surnat.*, t. I, p. 170 – 271; MGR. D’HULST, *Carême* 1892; P. JANVIER, *Carêmes* 1911 et 1912; P. GARRIGOU-LAGRANGE, *De Revelatione*, t. I, c. XIV – XV; S. HARENT, *Dict. de Théol., au mot Foi*.

[667] Sess. VI, Cap. 8.

[668] *De la vie et des vertus ...*, t. I, p. 150.

[669] N. T. - O ***Index Librorum Prohibitorum***, ou *Índice dos Livros Proibidos*, era uma lista de publicações literárias proibidas pela Igreja Católica. A última edição foi publicada em 1948, mas o ***Index*** só foi abolido oficialmente pela Igreja em 1966, pelo Papa Paulo VI.

[670] SANTO TOMÁS, *Suma Teológica* II – II, q. 17 – 22, Comentadores, sobretudo CAETANO et JOÃO DE S. TOMÁS; SUÁREZ, *de Spe*; SÃO FRANCISCO DE SALES, *Tratado do Amor de Deus*, L. II, cap. XV – XVII; SCARAMELLI, *op. cit.*, art. II; CARD. BILLOT, *op. cit.*, th. XXV – XXX; MGR. GAY, t. I, tr. V; CH. DE SMEDT, *op. cit.*, t. I, p. 272 – 364; MGR. D’HULST, *Carême*, 1892; P. JANVIER, *Carême*, 1913.

[671] *Trid.*, sess. VI, cap. 13.

[672] N. T. – Importa frisar que o fato de deixar de apreciar as coisas da terra e desapegar-se delas é muito mais um fruto da graça do que um esforço pessoal. A graça dá forte impulso para o desapego. O que fazemos é meramente colaborar um pouco com esse impulso. Com o crescimento na graça, as coisas da terra tornam-se até mesmo repulsivas, a ponto de causar-nos mais enfado que alegria. Portanto, não é algo tão árduo como em princípio parece ser.

[673] MAYNARD, *Vértus et doctrine ...* p. 10.

[674] *Ibid.*

[675] MGR. D’HULST, *Carême* 1892, p. 201.

[676] Imitação de Cristo, L. II, cap. 8, nº 2.

[677] MAYNARD, *Vie et doctrine*, p. II.

[678] SÃO BERNARDO, *De diligendo Deo*; SANTO TOMÁS, *Suma Teológica* II – II, q. 23 – 44; SALMATICENSES, *tr. XIX, De caritate theologica*; SÃO FRANCISCO DE SALES, *Tratado do Amor de Deus*; MASSOULIÉ, *Tr. de l’amour de Dieu*; SCARAMELLI, *op. cit.*, art. III, CARD. BILLOT, *op. cit.*, *th. XXXI – XXXV*; MGR GAY, *op. cit.*, t. II, *traité XII*; CH. DE SMEDT, *op. cit.*, t. I, p. 365 – 493; MGR. D’HULST, *Carême* 1892; P. JANVIER, *Carême* 1915 et 1916; P. GARRIGOU-LAGRANGE, *Perfect. chrét.*, t. I, ch. III.

[679] *Suma Teológica* II – II, q. 31, a. 3.

[680] *Qq. disp., de Caritate*, a. 4.

[681] *Tratado do Amor de Deus*, L. X, cap. VI, X.

[682] *Suma Teológica* II – II, q. 184, a. 3.

[683] *Tratado de Amor de Deus*, L. X, cap. X.

[684] *De diligendo Deo*, cap. XV; *Epist.* XI, n. 8.

[685] *Livro III*, cap. V. (N. T – Texto conforme Edições Paulinas, 18ª ed. 1987).

[686] Hino para a festa do Santo Nome de Jesus.

[687] Imitação de Cristo, L. III, cap V., nº 3.

[688] *Ibid.* L. II, cap. VIII, nº 2.

[689] *Ibid.* L. III, cap XXXIV, nº 1.

[690] *Ibid.* L. III, cap XXXIV, nº 1.

[691] *Ibid.* L. II, cap. XX, nº 6.

[692] SÃO FRANCISCO DE SALES, *Tratado do Amor de Deus*, L. V, cap. I – V.

[693] *Tratado do Amor de Deus*, L. V, cap. III.

[694] SÃO FRANCISCO DE SALES, *Tratado do Amor de Deus*, L. V, cap. XII.

[695] *Elévations, XII^e Sem. 7^e Elév.*

[696] *Tratado do Amor de Deus*, L. II, cap. XXII.

[697] *Adeste fideles*

[698] São João Eudes explica muito bem isso em *Le Royaume de Jésus*, 2^e P., § 35, p. 259: “Contemple o teu próximo em Deus e Deus nele, ou seja, veja-o como algo que saiu do coração e da bondade de Deus, uma participação de Deus, que foi criado para voltar a Deus, para ser um dia colocado dentro do seio de Deus, para dar-lhe glória eternamente, e que, de fato, Deus será eternamente glorificado, por misericórdia ou por justiça.”

[699] *Méditat., XIV^e Jour*

[700] *Ibid.*

[701] *Méditations, La Cene, I^e Part., 75^e jour.*

[702] SÃO JOÃO EUDES, *Le Cœur admirable de la T. S. Mère de Dieu*, L. IV et L. XIII; J. CROISSET, *La dévotion au S. Cœur*; SANTA MARGARIDA MARIA, *Œuvres*, ed. Gauthey; P. DE GALLIFET, *Excellence de la dévotion au S. Cœur*; DALGAIRNS, *Devotions to the Sacred Heart*; MANNING, *The Glories of the Sacred Heart*; J. B. TERRIEN, *La dévotion au S. Cœur*; P. DE DORÉ, *Les Sacrés Cœurs et le V. J. Eudes*; *Le Sacré Cœur*; J. BAINVEL, *La dévotion au S. Cœur, doctrine, histoire*; LE GARRIGUET, *Le Sacré Cœur, exposé historique et dogmatique*.

[703] Nessa breve exposição, sem enfatizar as diferenças acessórias existentes entre a devoção ensinada por São João Eudes e a de Paray-le-Monial, tentamos conciliar o que há de comum nessas duas formas da mesma devoção.

[704] *Le Cœur admirable*, L. XII, ch. II.

[705] *Ibid.*, ch. VIII. Aqui somente resumimos o seu pensamento.

[706] Primeira das grandes revelações, 1673.

[707] *Œuvres complètes*, Grenoble, 1901, t. VI, p. 124.

[708] *Catech. Chrétien, I^e p. leç. I.*

[709] *Lettres*, t. II, n. 426.

[710] *Esprit de M. Olier*, t. I, 186, 187, 193.

[711] *Lettres inédites*, IV, p. 142.

[712] *Lettres* CVIII, t. II, p. 227.

[713] Noite Escura, L. I, cap. II - VII

[714] SANTA TERESA, em uma carta ao seu irmão Lorenzo de Cepeda, que havia se queixado de perturbações desse tipo, deu-lhe este sábio conselho: “Quanto às perturbações de que vos queixais, não faça delas caso algum. Embora não possa falar por experiência própria, posto que Deus me preservou de semelhantes paixões, entendo o que ocorre. É a própria intensidade das delícias da alma que produz esses movimentos da natureza. Com a graça de Deus isso passará se não se perturbar.” (Carta 138, ed. Vicente de la Fuente). N. T. – SÃO JOÃO DA CRUZ trata desse assunto em Noite Escura, L. I, cap. IV.

[715] N. T. - Noite Escura, L. I, cap. III, nº 1.

[716] BELLECIUS, *Solidæ virtutis impedita*, P. I, cap. II; BOURDALOUE, *Retraite*, 3^e jour, 1^{re} médit.; em geral todos os autores de exercícios espirituais; W. FABER, *Le progrès*, c. XXV.

[717] Em sentido literal, *coisas pequenas* significam os bens temporais, e as *grandes* os bens celestes.

[718] FELIPE DA SANTÍSSIMA TRINDADE, *op. cit.*, III^e P. Tr. I, dis. I; TH. DE VALGORNARA, *op. cit.*, q. IV, disp. I; A. SANDREAU, *Les degrés*, t. II, *Vie unitive*; *Prologue*; P. GARRIGOU-LAGRANGE, *op. cit.*, I, t. I, *Introduction*.

[719] *Elévations sur l'avie ... de N. S. J. C.*, 52, *élev.*, t. I, p. 429.

[720] Imitação de Cristo, Livro II, cap. I, nº 1.

[721] Santo Tomás expõe muito bem isso na Suma Teológica I – II, q. 61, a. 5: “Por outro lado, existem as virtudes dos que já conseguiram a semelhança divina e estas chamam-se virtudes da alma já purificada. Nessas circunstâncias, a prudência só tem em mira as coisas divinas; a temperança desconsidera os desejos terrenos; a fortaleza ignora as paixões; e a justiça associa-se para sempre ao pensamento divino, buscando imitá-lo. Essas virtudes nós as atribuímos aos santos ou aos que nesta vida atingiram o máximo da perfeição.”

[722] P. DE GUIBERT, R. A. M., *avril 1922, Trois définitions de théologie mystique*, p. 162 – 172; P. GARRIGOU-LAGRANGE, *Perf. et contemplation*, t. I, ch. IV, a. II, p. 272 – 294; GABR. DE STE MARIE-MADEL., *La contemplation acquise*, em *Vie spirit.*, sept. 1923, p. 277.

[723] Suma Teológica II – II, q. 180, a. 1 e 2.

[724] P. G. DE STE M. MADELEINE, *La contemplation acquise chez les Carmes*, *Vie spirit.*, sept. 1923, p. 277.

[725] Pode-se dizer da contemplação o que Santo Tomás diz da justificação: “Deus não nos justifica sem nós. Pois, quando somos justificados, consentimos por um movimento do livre arbítrio à justiça de Deus”. (Suma Teológica I – II, q.111, a.2, sol. 2).

[726] Essa divisão é, com denominações distintas, comumente aceita atualmente. Em um notável artigo da *Vie Spirituelle*, mar/1923, p. 645, J. MARITAIN, enquanto proclama o mesmo fim para todos, a saber, a união com Deus pela caridade perfeita e pelos dons do Espírito Santo, reconhece que, de fato, há duas vias: a daqueles que estão sob o regime dos *dons ativos* e que somente possuem a contemplação impropriamente assim chamada; e a dos *contemplativos*, em que predominam os dons do entendimento e da sabedoria. Voltaremos a falar sobre essa doutrina.

[727] Quando lemos, por exemplo, as biografias de homens como os Pe. Olivaint e Gin hac, de Mons. Mollevant ou Mons. de Courson, e de tantos outros cujas biografias foram publicadas, não podemos deixar de admirar-lhes as virtudes, a união com Deus, a docilidade ao Espírito Santo. Contudo, não se observa que tenham recebido a contemplação infusa.

[728] DOM MÉNAGER, *La doct. spirituelle de Clem. d'Alex.*, *Vie spirit.*, Janv. 1923, p. 424; *cfr. Etudes carmélitaines*, 1920 – 1922, onde há uma série de artigos sobre a contemplação adquirida; nosso artigo sobre *oração da simplicidade*, *Vie spirit.*, déc. 1920, p. 167 – 174.

[729] Essa conclusão é sustentada pelo Pe. GARRIGOU-LAGRANGE em resposta a uma carta de J. Maritain (*Perfection chrét. et contempl.*, t. II, p. 75): “Assim, não tivemos a menor dificuldade em reconhecer diversas vezes: pode acontecer que almas, até mesmo muito generosas, por falta de certas condições que não dependem da sua vontade, não alcancem a via mística senão depois de um tempo mais longo que o comum dos que vivem aqui na terra. Isso pode provir não somente de um ambiente desfavorável, ou de falta de direção espiritual, mas também do temperamento físico.”

[730] *Rev. des Jeunes*, 25 sept. 1923, p. 613. – É também o que demonstra J. Maritain no artigo citado. Acrescenta, é verdade, que as almas em que predominam os dons ativos se encontram no estado místico, embora não gozem da contemplação infusa.

[731] SANTO TOMÁS, In III Sent., dist. XXXIV – XXXV; I – II, q. 68; II – II, q. 8, 9, 19, 45, 52, 121, 139; seus comentaristas, especialmente JOÃO DE SÃO TOMÁS, In I – II, q. 68; SUAREZ, *De gratia*, P. III, cap. VIII; DENYS LE CHARTREUX, *excellent traité de donis Spiritus S.*; J. B. DE ST. IURE, *L’homme spirituelle, Ie Part., ch. IV, Des sept dons*; L. LALLEMANT, *La doctrine spirituelle, IV^e Principe, La docilité à la conduit du S. Esprit*; MGR. PERRIOT, *L’Ami du Clergé*, 1892, p. 389 – 393; FROGET, *De l’habitation du S. Esprit*, p. 378 – 424; CARD. BILLOT, *De virtutibus infuses* (1901), p. 162 – 190; GARDEIL, *Dons du S. Esprit, Vie spirituelle*, t. I, pp. 229, 289, 383; P. GARRIGOU-LAGRANGE, *Perfect. et contemplation*, t. I, ch. IV, a. 5 – 6, p. 384 – 417; MGR LANDRIEUX, *Le divin méconnu*.

[732] No Livro das Sentenças (III Sent., d. 34, q. 1, a. 1) ele emprega esta expressão: “Os dons são distintos das virtudes pelo fato de que as virtudes contribuem de um modo humano para a realização de um ato, e os dons, de um modo sobre-humano.” Na Suma Teológica ele se expressa de um modo diferente: “graças a eles (dons), o homem se dispõe a se deixar mover prontamente pela inspiração divina” (I – II, q. 68, a. 1). Conforme J. DE GUIBERT, *Dons du S. Esprit et mode d’agir ultra-humain em Rev. d’As. et de Mystique*, oct. 1922, p. 394. Não há dúvida que diferem um pouco. Não obstante, é verdade que, sob a influência dos dons, quando estes estão desenvolvidos, somos mais passivos que ativos.

[733] Suma Teológica II – II, q. 52, a. 2, sol 1.

[734] MONS. GAY, *De la vie et des vertus chrét.*, t. I, p. 45.

[735] Suma Teológica II – II, q. 9, a. 1, sol. 3: “Os dons são mais perfeitos que as virtudes morais e intelectuais. Contudo, não são mais do que as virtudes teologais; mas, todos os dons se ordenam, como a um fim, à perfeição das virtudes teologais.” Cf I – II, q. 68, a. 8.

[736] Alguns teólogos, como o abade Perriot (*Ami du Clergé*, 1892, p. 391) opinam que os dons intervêm em toda obra meritória; sem chegar a esse extremo, é comum admitir-se que eles influem com frequência de *modo latente*, isto é, sem que tenhamos consciência disso.

[737] Suma Teológica I – II, q. 68, a.8, sol. 2.

[738] Em II – II, q. 182, a.1, § VII; cfr. JORET, *Vie spir.*, 10 de abril de 1920, p. 45 – 49, e *La Contemplation mystique*, 1923, p. 71.

[739] Imitação de Cristo, Livro III, cap. I, nº 1.

[740] N. T. - Confissões, Livro X, cap. 29.

[741] O texto hebraico não menciona o dom de *piedade*, mas a versão dos *Sententa* e a *Vulgata* mencionam, e desde o século III a Tradição afirma que são sete.

[742] “Como, porém, a razão humana não pode abarcar todos os casos singulares e contingentes passíveis de ocorrer, resulta que “os pensamentos dos mortais são tímidos, e nossas previsões incertas”, como está no livro da Sabedoria (9, 14). Por isso o homem tem necessidade, na busca do conselho, de ser dirigido por Deus que compreende todas as coisas. Isso faz o dom de conselho, pelo qual o homem é dirigido, por assim dizer, pelo conselho que recebe de Deus.” (Suma Teológica II – II, q. 52, a. 1, sol. I)

[743] MONS. LANDRIEUX, *op. cit.*, p. 163. – “A privação desse dom acarreta-nos males muito graves, disso P. ST. JURE, I^{re} P., ch. VI, § 7, porque ... sem ele há confusão em nossos pensamentos, cegueira nas intenções, precipitação nas resoluções, inconsiderações nas palavras, temeridade nas ações. ...”

[744] Por isso dizia DONOSO CORTÊS que os melhores conselheiros são os contemplativos: “Entre as pessoas que conheço, e conheço muitas, as únicas em que reconheci um bom senso imperturbável, uma verdadeira sagacidade e uma maravilhosa aptidão para dar soluções práticas e sábias aos mais escabrosos problemas ..., são aquelas que têm vivido uma vida contemplativa e retirada.” (*Essai sur le catholicisme*, p. 200).

[745] “Deixemos essa mesa como leões expirando fogo, terríveis para o diabo.” (*In Joan.*, homil. LXI, 3, P. L., LIX, 260.)

[746] Essa doutrina é a mesma que um dia a Sabedoria divina manifestou ao Beato Henrique Suzo: “Digo-lhe que primeiramente é necessário que meu servo se abraça com a abnegação, e morra inteiramente a si mesmo e a todas as criaturas. Este grau de perfeição é raro, mas quem o alcança eleva-se rapidamente a Deus. ... Será então de admirar que as provações e cruces não lhe impressionem como o fazem aos que formalmente não desejam sofrer? Os santos são tão sensíveis à dor como os outros ... Mas suas almas estão abrigadas das impressões dessas dores, porque somente desejam e amam a cruz. ... O corpo sofre, mas a alma inebria-se de Deus e saboreia no êxtase uma felicidade inefável. ... O amor que os sustenta faz com que não considerem a dor como dor, a aflição como aflição: em Deus, sentem somente uma paz profunda e inalterável.”

[747] Diálogo, Livro I, cap. 2, p. 9.

[748] Deus disse a Santa Catarina de Sena: “O que eu quero são as múltiplas obras de um padecer esforçado, efeito da paciência e das demais virtudes interiores da alma. ... Por ser infinito, ando em busca de obras infinitas, ou seja, de um infinito sentimento de amor. Quero, pois, que as obras de penitência e os demais exercícios corporais somente sejam empregados como meios, e que não ocupem no afeto o primeiro lugar ... É a alma que concebe e gera a virtude na verdade, e é essa virtude interior que faz com que a obra finita se una ao afeto da caridade. A partir de então ela será do meu agrado e desfrutará das minhas complacências.”

[749] É o que com muita propriedade observa o Pe. de Smedt (*Notre vie surnat.* t. I, p. 501 – 502): “Quando formamos um elevado conceito da superioridade de alguém em relação a nós ... não nos aproximamos dele logo de início, sem uma certa timidez e desconforto. Todavia, quando essa pessoa, que consideramos muito acima de nós, mostra-se cheia de bondade, manifesta grande prazer em ver-nos, em conversar conosco, em saber-se amada por nós ..., se dá demonstrações de que aprecia viver conosco em íntima familiaridade, então o respeito que nos inspira a sua superioridade não nos impede de ter por ela grande afeto. ... Antes ao contrário, quanto mais elevado for o nosso conceito de sua superioridade, maior será o amor, mais profunda a gratidão, mais veemente o desejo de manifestar-lhe esse amor e gratidão através da nossa ternura e dedicação. Destarte, quando o contemplamos mais de perto, quando somos admitidos em sua intimidade, mais apreciamos a excelência de suas qualidades, cresce a veneração que lhe dedicamos, sentimo-nos invadidos de agradecimento e de constrangimento ao ver a estima, a ternura, a delicadeza que nos mostra.”

[750] D. JORET, *Les dons du S. Esprit*, em *Vie spirit.*, Mars 1920, p. 383 – 393.

[751] *Esprit de M. Olier*, t. II, p. 346.

[752] J. JOERGENSEN, *S. François d’Assise*, p. 463 – 466. – Os mesmos sentimentos são descritos no *Journé chrétienne*, de M. Olier.

[753] Confissões, Livro X, cap. 27.

[754] Suma Teológica II – II, q. 8, a. 1.

[755] Suma Teológica II – II, q. 8, a. 2.

[756] Suma Teológica I – II, q. 69, a. 2, sol. 3; II – II, q. 8, a. 7: “Já na vida presente, com a visão purificada pela divina presença, Deus pode, de certo modo, ser visto. ... Há uma dupla visão de Deus. Uma perfeita, pela qual se vê a essência de Deus. Outra, imperfeita, pela qual, ainda que não vejamos o que Deus é, vemos, porém, o que ele não é. ... A segunda pertence ao dom da inteligência iniciada, tal como o temos no estado de via.”

[757] São Tomás de Aquino, Suma Teológica II – II, q. 45.

[758] Os simples praticam o dom de sabedoria a seu modo, saboreando longamente alguma das verdades divinas, como fazia aquela pobre pastora que não conseguia acabar o *Pai-Nosso*. Dizia ela: “há quase cinco anos que, quando pronuncio a palavra *Pai* e considero que Aquele que está lá em cima é meu Pai, começo a chorar e permaneço o dia inteiro nesse estado enquanto cuido de minhas vacas.” (H. BRÉMOND, *Hist. littéraire*, t. II, p. 66).

[759] *Traité de la vie intérieure*, t. I, nº 246. Para embasar sua opinião, cita Santo Antônio, João de Santo Tomás e Suárez. O mesmo ensina o Pe. GARRIGOU-LAGRANGE, op. cit., t. I, p. 404: “Sempre dissemos que, antes de alcançar o estado místico, os dons intervêm de modo às vezes *latente* e com bastante frequência, e às vezes *manifesto*, mas raramente”. Conforme P. J. DE GUIBERT, R.A.M., oct. 1923, p. 338.

[760] Essa é a doutrina no Pe. MAYNARD, t. I, nº 126 e 128, apoiada em João de Santo Tomás.

[761] Cântico Espiritual, Canção V, nºs 1 e 3.

[762] *L'ornement des nocces spirituelles*, II Livre, c. 66 – 68.

[763] *Royaume des amants*, c. XXXIII.

[764] Confissões, Livro X, cap. 6.

[765] A Vulgata enumera doze: “Os frutos do Espírito Santo são: caridade, alegria, paz, paciência, afabilidade, bondade, longanimidade, brandura, fidelidade, modéstia, continência e castidade”. Assim, *acrescentou longanimidade, a modéstia e a continência*, e colocou a *castidade* no lugar da temperança.

[766] Suma Teológica I – II, q. 70, a. 2.

[767] “Mas são bem-aventuranças apenas as obras perfeitas que, em razão mesmo da sua perfeição, são atribuídas mais aos dons que às virtudes.” (Suma Teológica I–II, q. 70, a. 2).

[768] BOSSUET, *Manière courte et facile pour faire l'oraison en foi, et de simple présence de Dieu*; THOMAS DE JESUS, *De contemplatione divina*; VEN. LIBERMANN, *Ecrits spirit.*, *De l'oraison d'affection*; *Instruct. aux missionnaires*, c. V, art. II; P. POULAIN, *Grâces d'oraison*, c. II; D. V. LEHODEY, *Le voies de l'oraison*, P. II, c. VIII; A. TANQUEREY, *L'oraison de simplicité*, *Vie spirit.*, déc. 1920, p. 161 – 174.

[769] *Traité de veritable oraison*, 3^e Part., ch. X.

[770] Vida, Escrita por ela Própria, cap. XIII, par. 11.

[771] *Vie par* MONNIN, L. V, ch. IV.

[772] Santa Teresa, em sua Vida, cap. XIII, par. 22, propõe um exemplo dessa oração. Depois de convidar as suas irmãs a meditar em Jesus atado à coluna, acrescenta: “Mas ninguém se canse em procurar sempre isso, mas, aquietado o intelecto, fique ali com Ele. Se puder, que se ocupe em ver que Ele o olha, fazendo-Lhe companhia, falando com Ele, pedindo, humilhando-se e deliciando-se com Ele, tendo sempre em mente que não merece estar ali. Se puder fazer isso, mesmo que seja no princípio da oração, terá grande proveito, pois esse modo de oração é muito benéfico, ou ao menos o foi para a minha alma.”

[773] O Pe. S. JURE, fez uma pequena coletânea desses textos em “*Le Maître Jésus Christ enseignant les hommes*”. Podemos também utilizar como inspiração “*Le disciple*”, do V. Pe. CHEVRIER.

[774] *Introduction*, ch. IV.

[775] *L'oraison du coeur*, ch. 1.

[776] *Lettre du 11 mars 1610*, t. XIV, p. 206.

[777] N. T. – O Pe. ROYO MARIN, O. P., em sua obra *Teologia de la Perfección Cristiana*, critica a denominação “contemplação adquirida”. Diz ele: “Cremos que a inovação da nomenclatura constituiu um verdadeiro desacerto que deu origem a uma multidão de confusões e erros. São João da Cruz e Santa Teresa jamais empregaram essa expressão e é estranho que a mantenham aqueles que mais empenho deveriam mostrar em conservar a terminologia dos sublimes reformadores do Carmelo. Nós, que não vemos inconveniente em admitir a realidade do fenômeno designado por essa palavra – é simplesmente a oração de *recolhimento adquirido* de Santa Teresa, que coincide inteiramente com a de *simplicidade* de Bossuet -, renunciamos a empregar essa desafortunada

expressão, que não trouxe nenhuma vantagem e sim grandes confusões e transtornos.” (Parte III, Livro II, cap. 3, nº 508).

[778] SANTO TOMÁS, *Suma Teológica II – II*, q. 180 – 182; SÃO BOAVENTURA, *De triplici viâ; Itinerarium mentis ad Deum*; H. SUZO, *Le livre de la Sagesse; Le livre de la vérité*; B. J. RUYSBROECK, *L’ornement des nocces spirituelles*; GERSON, *La montagne de la contemplation; La théologie mystique spéculative et pratique*; DIONÍSIO CARTUXO, *De fonte lucis et semitis vitæ; De contemplatione*; L. DE BLOIS, *Institutio spiritualis*; D. A. BAKER, *Sancta Sophia*; SANTA TERESA D’ÁVILA, *Vida Escrita por Ela Mesma; Caminho de Perfeição; Castelo Interior ou Sete Moradas*; SÃO JOÃO DA CRUZ, *Subida do Monte Carmelo, Noite Escura; Chama Viva de Amor*; SÃO FRANCISCO DE SALES, *Tratado do Amor de Deus*, L. VI – VII, ALVAREZ DA PAZ, *De vitâ spirituali*, t. III, lib. V; M. GODINEZ, *Praxis theologiae mysticæ*; PE. LALLEMENT, *Doctrine spirituelle*, VII^e Principe; SCARAMELLI, *Directorio místico*; RIBET, *La Mystique divine*; PE. DE MAUMIGNY, *Pratique de l’oraison mentale*, t. II; PE. POULAIN, *Les grâces d’oraison*; D. V. LEHODEY, *Les Voies de l’oraison*, P. III; A. SANDREAU, *Les degrés*, t. II; *L’état mystique*; A. MEYNARD, *Tr. de la vie intérieure*, t. II; PE. LAMBALLE, *La contemplation*; MONS. FARGES, *Les Phénomènes mystiques*; F. DE JORET, *La contemplation mystique d’après Saint Thomas*; PE. GARRIGOU-LAGRANGE, *Perfect. chrét. et contemplation*.

[779] *Suma Teológica II – II*, q. 180, a.3, sol. 1; a. 7, sol 1: “Contemplação diz respeito à simples intuição da verdade ... tem, contudo, o seu princípio na vontade, enquanto a caridade impulsiona à contemplação de Deus. E, como o fim corresponde ao princípio, daí vem que a vida contemplativa termina e se consuma na vontade. Pois, enquanto alguém se deleita na visão da coisa amada, o mesmo prazer causado pela coisa vista provoca ainda mais amor.”

[780] *Tratado do Amor de Deus*, L. VI, c. 3.

[781] *Œuvres*, t. II, *Relation* LIV, p. 295.

[782] *Vida de Santa Teresa de Jesus*, Escrita por Ela Própria, cap. XVIII, nº 9.

[783] *Subida do Monte Carmelo*, Livro I, cap. XIII.

[784] *Chama Viva de Amor*, *Canção III*, v. 3, nºs 8 – 9. N.T. – O texto inserido foi extraído da *Canção III*, v. 3, nºs 45 e 46, e é o mesmo utilizado pela versão espanhola desta obra. Com efeito, na versão original em francês, na referência ao livro de São João da Cruz feita pelo autor, e também na versão portuguesa, não logramos encontrar o texto. A versão espanhola, embora adotando o texto que adotamos, traz a referência da versão original em francês. Além disso, cumpre observar que, embora não haja dúvidas de que o autor retirou o texto da passagem que inserimos, o contexto é diferente e, como se observa, não se harmoniza totalmente com as ideias expostas, pois trata de direção espiritual e não da diferenciação entre contemplação ativa e passiva. Por isso, reproduzimos a seguir o texto da versão original em francês: “*Et entre les deux états il y a toute la différence qui existe entre l’oeuvre humaine et l’oeuvre divine, entre le mode d’action naturel et surnaturel. ... De telles âmes n’agissent pas par elles-mêmes, mais sont sous l’action du Saint Esprit; il est le principal agent, le guide, le moteur en cet état, et ne cesse de veiller sur elles, simples instruments qu’il mène vers la perfection selon la Foi et la loi divine, selon l’esprit que Dieu départit à chacune.*”

[785] *L’état mystique*, 2^a ed. 1921, p. 19 – 20. O PE. JANVIER declara desse modo (*Carême 1923, Retraite*, 2^e Instr.): “A contemplação infusa é uma graça eminente e especial que ninguém pode alcançar pelos próprios esforços, e que Deus concede a quem lhe agradecer, quando lhe agradecer e na medida que lhe agradecer.”

[786] *L’institution spirit., ch. XII, t. II de Œuvres*, p. 101 – 103, ed. 1913.

[787] *Suma Teológica II – II*, q. 175, a. 3, sol. 1.

[788] Suárez, in I^{am}, c. 30, n. 18: “Não devemos nos apressar em afirmar ou estender esse privilégio. Pode-se crer piamente que tal favor seja compatível com a Santíssima Virgem, pois, se foi concedido a outros, com maior razão deve ter sido concedido a ela.”

[789] SANTA TERESA, 2^e *Relat. au P. Rodríguez*; *Caminho de Perfeição*, cap. XXXI.

[790] Santa Teresa, 2^e *Relat. au P. Rodríguez*, l. c. p. 296 - 297.

[791] *Serm. in Cant.*, LXXIV, 5 – 6.

[792] JOÃO DE SANTO TOMÁS, em I – II, q. 68 – 70, disp. 18, nº 11 – 12; JORET, *Vie spirituelle*, sept. 1920, p. 455 – 456.

[793] Noite Escura, Livro 2, c. 17

[794] *Théologie mystique*, ch. I, § III, trad. Darboy.

[795] *Comment. de div. domin.*, c. XIII, lect. 3.

[796] SANTO TOMÁS, I *Sent. dist.* 8, q. I, a. I, ad. 4.

[797] *Serm. in Cant.*, I, nº 11 – 12.

[798] Por isso é que o PE. POULAIN (*grâces d'oraison*, ch. V), ao afirmar que a presença de Deus sentida é elemento fundamental da contemplação, acrescenta que em seus graus inferiores (quietude), Deus não se faz sentir senão de um modo muito obscuro.

[799] SÃO JOÃO DA CRUZ, Chama Viva de Amor, Canção III, v. 5 – 6.

[800] SÃO JOÃO DA CRUZ, Chama Viva de Amor, Canção III, v. 3, nº 33.

[801] SÃO JOÃO DA CRUZ, Chama Viva de Amor, Canção III, v. 1, nº 2.

[802] Vida, Escrita por Ela Própria, cap. XII, § 5.

[803] Tratado do Amor de Deus, Livro VI, cap. 4.

[804] *Ibid*, cap. III.

[805] Caminho de Perfeição, cap. XVI, nº 8.

[806] Obras Completas de Santa Teresa, Conceitos do Amor de Deus, c. VI, nº 12.

[807] Suma Teológica II – II, q. 80, a. 2.

[808] Subida do Monte Carmelo, Livro II, cap. XV, nº 4.

[809] Castelo Interior ou Moradas, Quarta Morada, cap. II, nº 9.

[810] *Ibid*, cap. III.

[811] Subida do Monte Carmelo, Livro I, cap. XI, nº 4.

[812] “Vem o diretor espiritual, que não sabe senão martelar e bater com as potências qual ferreiro, e pelo fato de não ensinar mais do que aquilo, nem saber mais do que meditar, dirá: vamos, deixai-vos destes repousos, pois isto é ociosidade e perda de tempo; ocupai-vos em meditar e fazer atos interiores, porque é necessário agir de vossa parte quanto vos for possível; essas coisas são iluminismos e enganos de néscios. E, assim, por não entenderem os graus de oração e as vias do espírito, não percebem como aqueles atos aos quais obrigam a alma a exercitar-se e também o querer levá-la pelo caminho do raciocínio é trabalho já feito, pois essa alma já chegou à negação e ao silêncio do sentido e do raciocínio; alcançou a via do espírito, que é a contemplação.” (Chama Viva de Amor, Canção III, v.3, n. 8). Santa Teresa também se queixa dos diretores espirituais que fazem que as faculdades se exercitem até mesmo no domingo. (Vida, Escrita por Ela Própria, cap. XIII). N. T – No parágrafo 14 desse mesmo capítulo do livro de Santa Teresa consta: “O mestre, se experiente, é muito necessário aqui; se não o for, pode errar muito e dirigir uma alma sem entende-la nem deixar que ela se entenda. – porque, como sabe que é grande o mérito de estar sujeita a um mestre, ela não se atreve a sair do que ele manda. Já encontrei almas encurraladas e aflitas devido à falta de experiência do seu mestre.”

[813] Subida do Monte Carmelo, Livro II, cap. XIII, nº 2.

[814] As explicações de cada um desses três sinais estão expostas no capítulo XIV da Subida do Monte Carmelo.

[815] Subida do Monte Carmelo, Livro II, cap. XIII, nº 3.

[816] *Ibid.*, cap. XIV, nº 2.

[817] *Ibid.*, cap. XIII, nº 4.

[818] *Ibid.*, cap. XIV, nº 8.

[819] *Ibid.*, cap. XII.

[820] Congresso carmelita de Madrid, tema VI.

[821] Cf. *La Mère Suzanne-Marie de Riants de Millerey*; *Ami du Clergé*, ago 1923, p. 488.

[822] M. J. RIBET, *Mystique divine*, t. I, ch. X, enumera as principais classificações. Alvarez da Paz conta 15: a intuição da verdade, a concentração interior das forças da alma, o silêncio, o repouso, a união, a escuta da palavra de Deus, o sono espiritual, o êxtase, o raptó, a aparição corporal, a aparição imaginária, a visão intelectual, a obscuridade divina, a manifestação de Deus, a visão intuitiva de Deus. – SHRAM traz uma nomenclatura mais completa e confusa. – O Pe. SCARAMELLI distingue doze graus: o recolhimento, o silêncio espiritual, a quietude, a embriaguez do amor, o sono espiritual, a ansiedade e a sede de amor, os toques divinos, a união mística simples, o êxtase, o raptó, a união estável e perfeita. – O Pe. FELIPE DA SANTÍSSIMA TRINDADE enumera seis: o recolhimento, a quietude, a união ordinária, o impulso divino, o raptó, o matrimônio espiritual.

[823] Noite Escura, Livro I, cap. XI, nº 3.

[824] Noite Escura, Livro I, cap. IX, nº 6.

[825] Noite Escura, Livro II, cap. X, nºs 1 e 2. Outro exemplo fará com que se compreenda melhor: quando olhamos com a luz natural um copo de água, não vemos nela coisas que nos possam inquietar. Porém, se examinarmos a água com o auxílio de um bom microscópio, ficamos horrorizados com a quantidade de organismos repugnantes que ela contém. De maneira semelhante, a contemplação é um microscópio que nos ajuda a ver melhor os nossos defeitos.

[826] Noite Escura, Livro I, cap. IX, nº 8.

[827] *Ibid*, cap. XI, nºs 1 e 2.

[828] DOM LEHODEY, *Les Voies de l'Oraison*, p. 260.

[829] Noite Escura, Livro I, cap. XIV, nº 1.

[830] Noite Escura, Livro I, cap. XII, nºs 2 e 3.

[831] *Ibid*, cap. XIII, nº 12.

[832] *Ibid*, cap. XII, nos 7 e 8.

[833] *Ibid*, cap. XIII, nºs 11 e 12.

[834] Vida, Escrita Por Ela Própria, cap. VIII, nº 5.

[835] SÃO JOÃO DA CRUZ, Noite Escura, Livro I, cap. 10, nºs 5 e 6.

[836] O CARDEAL BONA (*Via compendii ad Deum*, c. 10, nº 6) diz que São Francisco de Assis passou dois anos nessas provações purificadoras; Santa Teresa dezoito; a Beata Clara de Montefalco, quinze; Santa Catarina de Bolonha, cinco; Santa Madalena de Pazzi, primeiro cinco e depois dezesseis; o Venerável Baltazar Alvarez, dezesseis. Esses períodos compreendem certamente a duração das duas noites, que normalmente são separadas por um notável intervalo de doces consolações.

[837] O Castelo Interior ou Moradas, escrito em 1577 no mosteiro de Toledo, cinco anos antes de sua morte, a pedido do Pe. Gracián e do Pe. Velázquez, é o ápice e a síntese de todas as suas obras, e nele a santa descreve com clareza e precisão os sete principais graus de oração, que correspondem aos sete estágios da vida espiritual. Na vigília da festa da Santíssima Trindade a Santa estava a refletir qual deveria ser a ideia fundamental desse tratado, quando o próprio Deus teve por bem sugerir. Mostrou-lhe a alma em estado de graça, como um belíssimo globo de cristal em forma de castelo, com sete moradas. Na sétima, o centro, está o próprio Deus, brilhando com um resplendor tão maravilhoso que ilumina todas as demais moradas, tanto mais quanto mais perto se encontra do centro. Fora do castelo não há senão trevas, imundícies e animais venenosos que atacam os que enveredam por aqueles lugares. A porta de entrada é a oração, que nos faz mergulhar em nós mesmos e encontrar Deus. Deixa-se o castelo pelo pecado mortal, do qual a santa faz uma terrível descrição (Primeira Morada, cap. II). Há sete moradas: as duas primeiras correspondem à via purgativa; à terceira à via iluminativa; na quarta começa a contemplação infusa.

[838] SANTA TERESA, Castelo Interior ou Moradas, Quarta morada, cap. III, nº 3.

[839] SANTA TERESA, *Relaciones espirituales al* Pe. Rodrigo Alvarez, Madri, 1921, p. 466.

[840] SANTA TERESA, Castelo Interior ou Moradas, Quarta morada, cap. III, nº 2.

[841] Tratado do Amor de Deus, Livro VI, cap. VII.

[842] SANTA TERESA, Castelo Interior ou Moradas, Quarta morada, cap. III, nº 7.

[843] *Ibid.*, nº 5.

[844] *Ibid.*, nº 6.

[845] Caminho de Perfeição, cap. 31, nºs 2 e 3. – A Santa somente se refere à vontade, porque, sendo ela a rainha das faculdades, é capturada principalmente e em primeiro lugar, haja vista que a contemplação é mais um ato de amor do que de conhecimento. Porém, como a vontade não opera senão iluminada pelo intelecto, também este é de certo modo capturado pela ação divina.

[846] Vida de Santa Teresa, Escrita Por Ela Própria, cap. XIV, nº 3.

[847] SANTA TERESA, Castelo Interior ou Moradas, Quarta morada, cap. I, nº 13.

[848] *Ibid.*, cap. II, nº 4. N. T. – toda a descrição da comparação dos parágrafos anteriores encontra-se nesse capítulo (nºs 2 a 4).

[849] *Ibid.*, cap. II, nº 6.

[850] Vida de Santa Teresa, Escrita Por Ela Própria, cap. XIV, nº 5.

[851] *Ibid.*

[852] *Ibid.*, nº 6.

[853] SANTA TERESA, Castelo Interior ou Moradas, Quarta morada, cap. III, nº 9.

[854] São João da Cruz observa (Subida do Monte Carmelo, Livro II, cap. XIV), que o tempo passa tão rapidamente quando se goza da contemplação, que muitas vezes a alma se engana a esse respeito; aquilo que lhe parece não ter durado mais que dois ou três minutos, pode ter se prolongado muito mais.

[855] CASSIANO (séc. IV) já havia mencionado estas variações, Coll., X, c. 24.

[856] Caminho de Perfeição, cap. XXXI, nº 9.

[857] Vida, Escrita Por Ela Própria, cap. XVI, nº 4.

[858] Tratado do Amor de Deus, Livro VI, cap. VI.

[859] Caminho de Perfeição, cap. XXXI, nºs 4 e 5.

[860] Vida, Escrita Por Ela Própria, cap. XV, nº 7.

[861] Tratado do Amor de Deus, Livro VI, cap. X.

[862] Vida, Escrita Por Ela Própria, cap. XV, nº 6.

[863] Castelo Interior ou Moradas, Quinta morada, cap. I, nº 9; cfr. Vida, cap. XVIII.

[864] A Santa explica a razão disso: “Sua Majestade está tão unida à essência da alma, que o inimigo não se atreverá a aproximar-se.” (Castelo Interior, Quinta morada, cap. I, nº 5)

[865] “Por mais que dure esta oração não prejudica; ao menos a mim nunca prejudicou, nem me lembro de que o Senhor alguma vez me tenha concedido esse favor, por pior que eu estivesse, de uma maneira que me fizesse mal, havendo antes uma grande melhora.” (SANTA TERESA, Vida Escrita por Ela Própria, cap. XVIII, nº 11).

[866] Vida Escrita por Ela Própria, cap. XVIII, nº 1.

[867] Castelo Interior ou Moradas, Quinta morada, cap. II.

[868] *Ibid.*

[869] *Ibid.*

[870] Tratado do Amor de Deus, t. II, L. VII, cap. IV.

[871] *Ibid.*, cap. V.

[872] *Ibid.*

[873] Vida, Escrita por Ela Própria, cap. XX, nº 3.

[874] *Ibid.*, cap. XVIII e XX.

[875] Castelo Interior ou Moradas, Sexta Morada, cap. II, nº 2.

[876] Vida, Escrita por Ela Própria, cap. XX, nº 7.

[877] Castelo Interior ou Moradas, Sexta Morada, cap. IV, nº 2

[878] *Ibid.*, cap. IV, nº 15.

[879] *Ibid.*, cap. V, nº 7.

- [880] Tratado do Amor de Deus, Livro VII, cap. VII.
- [881] Noite Escura, Livro II, cap. II.
- [882] Noite Escura, Livro II, cap. V.
- [883] Noite Escura, Livro II, cap. IX.
- [884] Noite Escura, Livro II, cap. XXII.
- [885] Castelo Interior ou Moradas, Sétima Morada, cap. II, nº 4.
- [886] Cântico Espiritual, Canção XXII, verso 1º.
- [887] Castelo Interior ou Moradas, Sétima Morada, cap. II, nº 9.
- [888] As vezes celebra-se o matrimônio espiritual com *cerimônias especiais*, com troca de anéis, cânticos angélicos, etc. Seguindo o exemplo de Santa Teresa, abstivemo-nos da descrição de qualquer desses detalhes acessórios.
- [889] Castelo Interior ou Moradas, Sétima Morada, cap. II, nº 1.
- [890] *Relation XXV*, t. II de *Œuvres*, p. 264.
- [891] Castelo Interior ou Moradas, Sétima Morada, cap. II, nº 3.
- [892] N. T. - *Ibid.*, cap. I, nº 6.
- [893] Percebe-se claramente nessas frases a enorme diferença existente entre o simples ato de fé e o conhecimento ou persuasão que a contemplação proporciona.
- [894] Castelo Interior ou Moradas, Sétima Morada, cap. I, nºs 6 e 7.
- [895] *Ibid.*, cap. IV, nº 6.
- [896] *Ibid.*, cap. III, nºs 4 e 5.
- [897] *Ibid.*, cap. III, nº 8.
- [898] *Ibid.*, cap. III, nº 12.
- [899] *Ibid.*, cap. III, nº 11.
- [900] *Ibid.*, cap. IV, nº 14.
- [901] *Ibid.*, cap. IV, nº 15.
- [902] *Ibid.*, Epílogo, nº 2.
- [903] P.E. POURRAT, *La spiritualité chrétienne*, t.I, p. 97 – 107; t.II, p. 320 - 328.
- [904] P.E. DUDON, *Le Quietiste espagnol Michel Molinos*, Paris, 1921.
- [905] Para se conhecer até onde iam as ideias de Molinos, leia-se as proposições extraídas de seus livros e declarações, que foram condenadas por Inocêncio XI (Decreto de 28/08 e Constit. *Cælestis Pastor*, de 19-11-1687), em DENZINGER, *Enchiridion*, nº 1221 – 1228.
- [906] FÉNELON, *Maximes des Saints*, nouv. éd. par A. Chérel, 1911; GOSSELIN, *Œuvres de Fénelon*, t. IV; L. CROUSLÉ; *Bossuet et Fénelon*, 1894; HUVELIN, *Bossuet, Fénelon, le quiétisme*; A. LYRGENT, *Fénelon (Dict. de Théol., t. V, col. 2138 – 2169)*.
- [907] Encontram-se no *Enchiridion de Denzinger*, 1327 – 1349, as proposições de Fénelon condenadas por Inocêncio XII.
- [908] Esses artigos foram escritos no Seminário de Issy. São o resultado das conferências realizadas entre Bossuet, Noailles, Bispo de Châlons, Fénelon e M. Tronson, 1694 – 1695.
- [909] P.E. JOSÉ, *Etudes relig.*, déc. 1897, p. 804; MGR. A. FARGES, *Phén. Mystiques*, p. 174 – 184.
- [910] SANTA TERESA, Vida de Santa Teresa Escrita por Ela Própria, caps. XXV – XXX; Castelo Interior ou Moradas, Sexta Morada, e outros. SÃO JOÃO DA CRUZ, livro II, caps. XXI a XXX, e outros; ALVAREZ DE PAZ, *op. cit.*, t. III, lib. V, p. IV, *de discretionem spirituum*; M. GODINEZ, *Praxis theol. myst.*, lib. X; BENEDICTUS XIV, *De beatificat.*, lib. IV, P. I; RIBET, *La Mystique divine*, t. II; A. POULAIN, *Grâces d’oraison*, cap. XX – XXIII; A. SAUDREAU, *L’état mystique*, ed. 1921, cap. XVII – XXI; P.E. GARRIGOU-LAGRANGE, *Perfect. et contemplation*, t. II, p. 536 – 562; MONS. A. FARGES, *Phén. mystiques*, P. II.
- [911] *De serv. Dei. beatif.*, L. II, c. XXXII, nº 11: “O assentimento dado a essas revelações, não pode e não deve ser um parecer de fé Católica, mas de fé humana, de acordo com as regras de prudência, haja vista que tais revelações são prováveis e piedosamente críveis.”

^[912] Decreto de Urbano VIII, 13 de março de 1625; de Clemente XI, 23 de maio de 1625.

^[913] Suma Teológica III, q. 79, a. 8. Também é isso que se conclui do testemunho de Santa Teresa, *Relat. XIII, Œuvres*, t. II, p. 234: “Por certas coisas que Ele me disse, compreendi que, depois que subiu aos céus, Nosso Senhor jamais desceu à terra para comunicar-se com os homens, a não ser no Santíssimo Sacramento.”

^[914] Vida de Santa Teresa Escrita por Ela Própria, cap. XXVIII.

^[915] *Ibid.*, cap. XXIX.

^[916] *Ibid.*, cap. XXVII.

^[917] Castelo Interior ou Moradas, Sexta morada, cap. X.

^[918] São João da Cruz descreve longamente as três espécies de palavras sobrenaturais: *sucessivas, formais e substanciais* (Subida do Monte Carmelo, L. II, cap. XXVI – XXIX).

^[919] Suma Teológica I – II, q. 113, a. 8; *De veritate*, q. 28, a. 3; cfr. GARRIGOU-LAGRANGE, *op. cit.*, t. II, p. 560.

^[920] SÃO JOÃO DA CRUZ, Subida do Monte Carmelo, Livro II, cap. XVIII, n^{os} 2 a 8.

^[921] Muito conhecido foi o caso de Madalena da Cruz, franciscana de Córdoba, no séc. XVI. Depois de ter feito pacto com o demônio em sua infância, entrou no convento com a idade de 17 anos, e por três vezes foi abadessa do mosteiro. Com a ajuda do demônio, fingiu todos os fenômenos místicos: êxtases, levitação, estigmas, revelações e profecias, das quais várias se cumpriram. Acreditando estar perto da morte, confessou tudo, mas depois se retratou. Foi exorcizada e encerrada em outro convento de sua Ordem. Ver POULAIN, *Grâces d’oraison*, cap. XXI, n^o 36.

^[922] Santa Teresa fala disso muitas vezes: “Assim acontece a algumas pessoas. Sei que é verdade, porque não são três ou quatro as que trataram deste assunto comigo, mas muitas. Possuindo uma imaginação muito fraca ou um intelecto muito arguto – ou não sei a que atribuí-lo – embebedem-se de tal maneira na imaginação, que julgam ver claramente tudo quanto pensam.” (Castelo Interior ou Moradas, Sexta morada, cap. IX, n^o 9).

^[923] Em meados do século XIX, uma vidente chamada Cancianila ganhou a confiança de um piedoso Bispo, que publicou uma suposta revelação contendo uma pintura horrível dos costumes dos sacerdotes de sua diocese, o que logo a seguir o obrigou a apresentar sua renúncia. (POULAIN, *op. cit.*, c. XVII). Talvez por essa mesma razão tenham proibido a publicação do *Segredo de Melânia*.

^[924] Por exemplo, conta-se que na vida de Santa Catarina de Bologna, às vezes o demônio aparecia-lhe sob a figura de Cristo crucificado, e mandava-lhe, sob pretexto de perfeição, coisas impossíveis, para induzi-la ao desespero.

^[925] Castelo Interior ou Moradas, Sexta Morada, cap. VIII, n^o 4.

^[926] *Ibid.*, cap. VIII, n^o 3.

^[927] Mística Cidade de Deus, p. II, n^o 128. Essa passagem foi omitida na edição francesa.

^[928] Bollnades, 25 mai, p. 247.

^[929] *Ibid.*, 13 de janeiro, prefácio à vida de B. Verônica de Binasco; Sto Afonso de Ligório, Relógio da Paixão.

^[930] São Bernardo, *Lettres*, LVI.

^[931] O Pe. Fages, O. P., em *Histoire de S. V. Ferrer*, explica que era uma profecia condicional, como a de Jonas sobre Nínive, e que o mundo foi salvo precisamente pelas conversões numerosas que o santo fez.

^[932] Nas *Œuvres de Marie Lataste* encontram-se, entre as suas revelações, passagens literalmente traduzidas da Suma Teológica de Santo Tomás.

^[933] Castelo Interior ou Moradas, Sexta Morada, cap. III, n^o 3.

^[934] Subida do Monte Carmelo, Livro II, cap. XI, n^o 12. Convém ler todo o capítulo.

^[935] *Ibid.*, cap. XXII, n^o 19.

^[936] *Histoire de Ste. Térèse par une Carmélite*, ch. XII.

[937] F. PRAT, *La Théologie de S. Paul*, t. I, p. 150 – 157, 498 – 503; PE. GARRIGOU-LAGRANGE, *op. cit.*, t. II, p. 536 – 538.

[938] Interessante ler o artigo em que SANTO TOMÁS resume essas diversas graças (*Suma Teológica*, I – II, q. 111, a. 4), demonstrando o quanto são úteis para o pregador da fé: 1) para comunicar-lhe pleno conhecimento das coisas divinas; 2) confirmar o que prega com milagres; 3) pregar a palavra de Deus com mais eficácia.

[939] N. T. - Os bolandistas (em latim: Bollandistæ) são um grupo de jesuítas cujo nome é uma homenagem ao seu fundador, o padre belga Jean Bolland (1596-1665). Esta sociedade de padres foi constituída com a finalidade científica de recolher e submeter a exame crítico toda a literatura hagiográfica existente, completando o que haviam omitido os antigos compiladores, valorizando as fontes relativas aos santos a que se referem os martirólogos, distinguindo os dados historicamente verdadeiros dos falsos e lendários, reconstruindo assim a história e a espiritualidade dos que a Igreja reconhece como santos e beatos.

[940] *De beatificat.* L. III, c. XLIX

[941] RIBET, *La Mystique*, II P., ch. XXIX; MGR. FARGES, *op. cit.* II Part., ch. III, a. 3.

[942] *De beatificat.* L. IV, P. I, cap. XXVI, nº 8 – 30.

[943] Esse milagre foi cuidadosamente examinado no processo de canonização. Os examinadores concluíram que nada podia explicá-lo naturalmente. BOLLANDISTES, 15 oct. t. LV, p. 378, n. 1132.

[944] *De beatificat.* L. IV, P. I, cap. XXXI, n. 19 - 28.

[945] *La stigmatisation*, t. II, p. 183.

[946] BENTO XIV, *op. cit.*, L. IV, P. I, cap. XXVII.

[947] Essas diferenças foram evidenciadas por incrédulos, como M. DE MONTMORAND, *Psychologie des Mystiques*, 1920, ainda que atribuisse esses fenômenos à alucinação. – Para refutação dessas teorias, leia-se A. HUC, *Névrose et mystique*, *Rev. De Philosophie (P. Peillaube)*, jul a out, 1912, p. 5, 128; MGR A. FARGES, *op. cit.*, p. 322 – 585.

[948] Esses são, em resumo, as características observadas pelo PE. JANET, em *L'automatisme psychologique*, II^e P., ch. III – IV.

[949] EM. GEBHART, *Rev. Hebdomadaire*, 16 mars 1907.

[950] DEL RIO, *Disquisitiones magicæ*, 1600; THYRAEUS, *De locis infestis; De spiritum apparitionibus; De dæmoniacis*, 1699; RIBET, *Mystique divine*, t. III; A. POULAIN, *op. cit.*, cap. XXIV, § 6 – 8; A. SAUDREAU, *L'Etat mystique*, ch. XXII-XXIII.

[951] M. DE LANTAGES, *Vie de la Vén. M. Agnès*, ed. Lucot, 1863, P.I. - N. T. - A Madre Inês de Jesus de Langeac, O. P., foi beatificada por João Paulo II, em 20/11/1994.

[952] PE. POULAIN, *op. cit.*, cap. XXIV, nº 94.

[953] Bolandistas, 22 de fevereiro, t. VI, p. 340, nº 178.

[954] A. MONNIN, *Le Curé d'Ars*, L III, ch. II.

[955] *Vie par une Carmelite*, t. II, ch. XXVII.

[956] PE. POULAIN, *op. cit.*

[957] *Instit. theol. mysticæ*, § 219.

[958] Além dos autores citados, cfr. MGR. WAFFELAERT, na palavra *Possession* em *Dict. d'Apologétique*.

[959] Carta de 3 de maio de 1635 ao Pe d'Attichy.

[960] De exorcizandis obsessis a dæmonio.

[961] Citam-se, efetivamente, casos de exaltação mórbida que despertavam recordações de línguas já esquecidas, ou, pelo menos, de excertos que alguma vez se ouviu. Esse foi o caso da criada de um pastor que recitava passagens em grego e hebraico, as quais tinha escutado quando seu patrão costumava ler. – Assim, o Ritual é muito prudente quando diz: “Falar uma língua desconhecida ou entendê-la quando falada por outro.”

[962] M. CHARCOT ET RICHER, *Les démonique dans l'art*; BOURNEVILLE ET REGNARD, *L'Iconographie de la Salpêtrière*; RICHER, *Etudes cliniques sur la grande hystérie*.

^[963] N. T. – O tema é bastante complexo. Aos que se interessarem, sugerimos as obras do Pe. Gabriele Amorth, em especial “Exorcistas e Psiquiatras”.

^[964] *Essai de théol. morale*, ch. IV, ed. revisada pelo Dr. Ferrand, 1884, p. IV, c. III, § 2.

^[965] “O possesso deve ser instado, se estiver mental e psicologicamente apto, a jejuar e a receber com maior frequência, de acordo com a orientação do confessor, os sacramentos da Penitência e da Sagrada Eucaristia.” (*Rituale, De exorciz. obsessis*).

^[966] “Que a água seja exorcizada para colocar em fuga todo o poder do inimigo e para que sejas capaz de expulsar e vencer o próprio inimigo, juntamente com seus anjos apostadas...” (*Rituale, Ordo ad fac. aquam benedictam*).

^[967] Prefácio da festa da Exaltação da Santa Cruz.

^[968] Santo Afonso Rodriguez tinha costume de fazer um grande sinal da cruz no momento da obsessão e de ordenar que o tentador se prostrasse e adorasse Jesus, em virtude do texto de São Paulo: “para que ao nome de Jesus se dobre todo joelho no céu, na terra e nos infernos” (Fl 2, 10). Com isso, dizia o santo, ele fugia.

^[969] Lehmkuhl, *Theol. moralis*, t. II, nº 574, ed. 1910.

^[970] “Os assistentes, que devem ser poucos em número, devem ser alertados a não fazer qualquer pergunta ao possesso, mantendo-se com humildade e sinceridade em oração por ele.” (*Rituale, l. c.*). Talvez por infringir essa regra é que houve necessidade de prologar os exorcismos de Loudun por tanto tempo, e não sem alguns incidentes desagradáveis.

^[971] A. SANDREAU, *L’Etat mystique*, ch. IX, XI, XIV et *Appêndices*; A. POULAIN, *Grâces d’oraison*, 10^e éd. avec *Introd. du* PE. BAINVEL; MGR. LEJEUNE, *art. Contemplation du Dict. de Théologie*; MGR. FARGES, *Phénom. mystiques et contro. de la presse*; PE. JORET, *La contemplation mystique*; PE. GARRIGOU-LAGRANGE, *Perfect. et contemplation*.

^[972] *Grâces d’oraison*, ch. VI, nº 16.

^[973] *La mystique chrétienne na Rev. de Philosophie*, 1912, t. XXX, p. 478.

^[974] *La saisie immédiate de Dieu dans les états mystiques*, 1923.

^[975] Essa acusação é particularmente injusta em relação aos que, como o MONS. FARGES, (*Phén. myst.*, p. 95 ss., e *Réponses aux Controverses*, ch. V – XII), admitem que a contemplação desde os seus primeiros estágios se realiza por meio de espécies impressas infusas, e a chamam de imediata porque a espécie impressa não é aquela que é vista (*id quod videtur*), e tampouco aquela em que se vê (*id in quo videtur*), mas sim aquela por meio da qual se vê (*id quo res ipsa videtur*). Pode-se criticar essa maneira de pensar, mas não a acusar de ontologismo.

^[976] Para compreender-se melhor essa maneira de expressar-se, deve-se ler os trechos reunidos pelo PE. POULAIN, *Grâces d’oraison*, ch. V – VI, com as interpretações dadas por ele, e às contrárias, feitas por M. A. SAUDREAU, *L’Etat mystique*, *Apêndice II*.

^[977] Os Padres Arinterro, Garrigou-Lagrange, Joret, Janvier, etc.

^[978] Dom Louismet, Dom Huyben, etc.

^[979] Pe. Ludovic de Besse.

^[980] Pe. Théodore de S. Joseph, *Essai sur l’oraison selon l’école carmélitaine*, 1923. Não obstante, ver suas restrições na pag. 128.

^[981] L. Peeters, *Vers l’union divine par les Exercices de S. Ignace*, 1924.

^[982] Pe. Lambelle, *La contemplation*.

^[983] M. A. Saudreau, *L’Ami du Clergé*, etc.

^[984] Pe. Garrigou-Lagrange, *op. cit.*, p. 450.

^[985] Esses argumentos podem ser encontrados: P. R. DE MAUMIGNY, *Pratique de l’oraison mentale*, t. II, p. V; MONS. FARGES, *Phénomènes mystiques*, P. I, cap. IV; *Controv. de la Presse*, cap. IV; J. DE GUIBERT, *Rev. d’Asc. et Mystique*, jan. 1924, p. 25 – 32.

^[986] J. de Guibert, *op. cit.*, p. 26.

^[987] *De virtutibus infusis*, th. VIII.

[988] Pe. GARRIGOU-LAGRANGE, *op. cit.*, t. II, p. [78].

[989] Diz o Pe. GARRIGOU-LAGRANGE, *op. cit.*, t. II, p. [75], “que isso pode provir não somente do meio desfavorável, da falta de direção espiritual, mas também do temperamento natural. Sobre isso é bom recordar, com M. J. Maritan, que, segundo muitos tomistas como Bañez, João de Santo Tomás e os carmelitas de Salamanca, até os dotes do temperamento são, em certo sentido, um efeito da predestinação no predestinado.”

[990] *Congrès Carmelitin*, 1923, *thème* V. – O congresso evitou pronunciar-se sobre o chamamento universal à contemplação, sem dúvida porque consideravam esse ponto duvidoso.

[991] Pe. Garrigou-Lagrange, *op. cit.*, t. II, p. (71 – 79).

[992] Muitos documentos a esse respeito poderão ser encontrados nas seguintes obras: HONORÉ DE STE MARIE, *Tradition des Pères et des auteurs ecclésiastiques sur la Contemplation*; A. SAUDREAU, *La Vie d’union à Dieu*, 3^e ed. 1921; Pe. GARRIGOU-LAGRANGE, *op. cit.*, t. II, p. 662 – 740; Pe. POURRAT, *La Spiritualité chrétienne*. Contudo, o estudo crítico-histórico destes documentos sob o aspecto específico do chamamento universal à contemplação ainda não foi realizado.

[993] Essa nos parece ser a solução de: DOM LEHODEY, *Vois de l’oraison*, III^e P., ch. XIII; *Le saint Abandon*, III^e P., ch. XIV; MGR. WAFFELAERT, R. A. M., *Janv.* 1923, p. 31, e nas suas diversas obras; da *Escola Carmelitana* e daqueles que admitem um estado de contemplação *adquirida*, por pouco que dure. Aproxima-se da do Pe. M. de LA TAILLE, *L’oraison contemplative*, bem como da solução proposta por M. J. MARITAIN, *Vie Spirituelle*, mars 1923, que se encontra na obra do Pe. GARRIGOU, t. II, p. (58 – 71).

[994] Noite Escura, Livro I, cap. VIII, cap. XIV.

[995] Nota sobre a *Nuit obscure*, p. 5 – 6.

[996] *Ami du Clergé*, 8 dec. 1921, p. 697.

[997] *In Cantica sermo* LVII, n^o 11; resumimos o pensamento do Santo.

[998] *Vie par le* Pe. DUPONT, ch. XIII, XLI, 5^e difficulté.

[999] MONNIN, *Le Curé d’Ars*, L. III, ch. III.

[1000] DOM GUÉRANGER, *L’Anné liturgique*; DOM LEDUC e DOM BAUDET, *Catéchisme liturgique*; DOM FESTUGIÈRE, *La liturgie catholique*; F. CAVALLERA, *Ascétisme et Liturgie*.

[1001] Embora distingam-se somente *três vias* na vida espiritual, há uma grande diferença entre as *purgações passivas* e a *contemplação suave*, que podem ser consideradas como duas fases da via unitiva.

[1002] N. T. – Embora o referido período seja de penitência e purificação, devemos entendê-lo apenas como um símbolo litúrgico das purificações passivas que foram estudadas, pois estas estendem-se, geralmente, por vários anos e, por serem “passivas”, não dependem tanto da nossa vontade, mas de uma ação de Deus sobre a alma.

[1003] Introito do Domingo da Septuagésima.

[1004] Introito da missa do 3^o domingo da Quaresma.

[1005] Prefácio da Missa da Exaltação da Santa Cruz.

[1006] Introito da missa do Domingo de Ramos.

[1007] Essa oração, composta pelo Pe. DE CONDREN, e complementada por OLIER, é rezada diariamente nos seminários de São Sulpício, ao final da meditação. O VEN. LIBERMANN piedosamente a comentou em *Lettres*, t. II, p. 506 – 522.

[1008] J. J. OLIER, *lettre* CCCLXXIII, t. II, p. 468 ed. 1885.

[1009] J. J. OLIER, *Journée chret.*, p. 395 – 396.

[1010] Pe. Pourrat, S. S., *La spiritualité chrétienne*, t. I, p. 1 – 15.

[1011] AD. TANQUEREY, *Synopsis Theol. fund.*, n^o 608 – 611, onde encontram-se muitos textos que dão suporte a essa afirmação.

[1012] F. PRAT, S. J., L., *La Théologie de S. Paul*, t. I, 1920, p. 342 – 370 e t. II, 1921, p. 123 sq. *et passim*; Pe. POURRAT, S. S., *La spiritualité chrétienne*, t. I, p. 25; J. DUPERAY, *Le Christ dans la vie*

chrétienne d'après S. Paul, Lyon, 1922.

^[1013] “Pois os que são de Jesus Cristo crucificaram a carne, com as paixões e concupiscências” (Gl 5, 24). ... “Porque estais mortos e a vossa vida está escondida com Cristo em Deus” (Cl 3, 3). ... “Fomos, pois, sepultados com ele na sua morte pelo batismo” (Rm 6, 4). O sentido espiritual desses textos é muito bem explicado por MONS. OLIER em seu *Catéchisme chrétien*, I Part., leç. XXI-XXXII.

^[1014] DEBREYNE-FERRAND, *La Théologie Morale et les sciences médicales*, Paris, 1884, p. 9-46; FOUILLÉE, *Tempérament et caractères*, 1895; PAULHAN, *Les caractères*, Paris, 1902; MALAPERT, *Les éléments du caractère et leurs lois de combinaison*, 1897.

^[1015] Fundações, Cap. 7; Obras Completas, pág. 627 a 631, ed. Loyola, 7ª ed., 2015.

Table of Contents

APRESENTAÇÃO DO TRADUTOR

PREFÁCIO

BIBLIOGRAFIA CRONOLÓGICA E METODOLÓGICA

I – A IDADE PATRÍSTICA

1º - DURANTE OS TRÊS PRIMEIROS SÉCULOS

2º - DO QUARTO AO SÉTIMO SÉCULO

II – A IDADE MÉDIA

1º - A ESCOLA BENEDITINA

2º - A ESCOLA DE SÃO VITOR

3º - A ESCOLA DOMINICANA

4º - A ESCOLA FRANCISCANA

5º - A ESCOLA MÍSTICA FLAMENGA

6º - A ESCOLA CARTUSIANA

7º - FORA DESSAS ESCOLAS

III – A IDADE MODERNA

III.I – AS QUE CONTINUARAM A DESENVOLVER-SE

3º - A ESCOLA FRANCISCANA

III.II – AS QUE SURGIRAM NA IDADE MÉDIA

INTRODUÇÃO

I - O OBJETO PRÓPRIO DA TEOLOGIA ASCÉTICA E MÍSTICA É A PERFEIÇÃO DA VIDA CRISTÃ

II. NATUREZA DA TEOLOGIA ASCÉTICA

II.I - SEUS DIFERENTES NOMES

II.II – SEU LUGAR NA TEOLOGIA

II.III – SUAS RELAÇÕES COM O DOGMA E A MORAL

II.IV – DIFERENÇA ENTRE ASCÉTICA E MÍSTICA

III – FONTES DA TEOLOGIA ASCÉTICA E MÍSTICA

III.I – A SAGRADA ESCRITURA

III.II - A TRADIÇÃO

III.III – A RAZÃO ILUMINADA PELA FÉ
E PELA EXPERIÊNCIA

IV – O MÉTODO A SER SEGUIDO

V – EXCELÊNCIA E NECESSIDADE DA TEOLOGIA
ASCÉTICA

V.I - EXCELÊNCIA DA TEOLOGIA
ASCÉTICA

V.II – NECESSIDADE DA TEOLOGIA
ASCÉTICA

VI - DIVISÃO DA TEOLOGIA ASCÉTICA E MÍSTICA

VI.I – DIVERSOS PLANOS ADOTADOS
PELOS AUTORES

VI.II - O NOSSO PLANO

PRIMEIRA PARTE – OS PRINCÍPIOS

CAPÍTULO I - ORIGENS DA VIDA SOBRENATURAL

Art. I – A VIDA NATURAL DO HOMEM

Art. II – ELEVÇÃO DO HOMEM AO ESTADO
SOBRENATURAL

II.I – NOÇÃO DO SOBRENATURAL.

II.II – DONS PRETERNATURAIS
CONFERIDOS A ADÃO

II.III – PRIVILÉGIOS SOBRENATURAIS

Art. III – A QUEDA E O CASTIGO

III. I – A QUEDA

III.II – O CASTIGO

Art. IV – A REDENÇÃO E SEUS EFEITOS

IV.I – SUA NATUREZA

IV.II – EFEITOS DA REDENÇÃO

CAPÍTULO II – NATUREZA DA VIDA CRISTÃ

Art. I – FUNÇÃO DE DEUS NA VIDA CRISTÃ

I.I – FUNÇÃO DA SANTÍSSIMA
TRINDADE

I.II – O ORGANISMO DA VIDA CRISTÃ

I.III – FUNÇÃO DE JESUS NA VIDA
CRISTÃ

I.IV - FUNÇÃO DA SS. VIRGEM, DOS
SANTOS E ANJOS NA VIDA CRISTÃ

Art. II – FUNÇÃO DO HOMEM NA VIDA CRISTÃ

II.I – LUTA CONTRA OS INIMIGOS ESPIRITUAIS

II.II – CRESCIMENTO DA VIDA ESPIRITUAL PELO MÉRITO

II.III – CRESCIMENTO ESPIRITUAL PELOS SACRAMENTOS

CAPÍTULO III – PERFEIÇÃO DA VIDA CRISTÃ

Art. I – FALSAS NOÇÕES DE PERFEIÇÃO

Art. II – A VERDADEIRA NOÇÃO DE PERFEIÇÃO

II.I - A CARIDADE É A ESSÊNCIA DA PERFEIÇÃO

II.II - A CARIDADE NA TERRA SUPÕE O SACRIFÍCIO

II.III - AMOR E SACRIFÍCIO: FUNÇÕES NA VIDA CRISTÃ

II.IV - A PERFEIÇÃO CONSISTE NOS PRECEITOS OU NOS CONSELHOS?

II.V – OS DIVERSOS GRAUS DE PERFEIÇÃO

CAPÍTULO IV – OBRIGAÇÃO DE TENDER À PERFEIÇÃO

Art. I – OBRIGAÇÃO DOS CRISTÃOS EM GERAL

I.I - A OBRIGAÇÃO PROPRIAMENTE DITA

I.II – RAZÕES QUE TORNAM ESSE DEVER MAIS FÁCIL

Art. II – OBRIGAÇÃO DOS RELIGIOSOS

II.I – DEVER DERIVADO DOS VOTOS

II.II – DEVER DERIVADO DAS CONSTITUIÇÕES E REGRAS

Art. III – OBRIGAÇÃO DOS SACERDOTES

III.I – A DOCTRINA DE JESUS CRISTO E DE SÃO PAULO

III.II – AUTORIDADE DO PONTIFICAL

III.III - AS FUNÇÕES SACERDOTAIS EXIGEM A SANTIDADE

CAPÍTULO V – MEIOS GERAIS DE PERFEIÇÃO

Art. I – MEIOS INTERIORES DE PERFEIÇÃO

I.I – O DESEJO DE PERFEIÇÃO

I.II – O CONHECIMENTO DE DEUS E DE NÓS MESMOS

I.III – CONFORMIDADE COM A VONTADE DE DEUS

I.IV – A ORAÇÃO

Art. II – MEIOS EXTERIORES DE PERFEIÇÃO

II.I – A DIREÇÃO ESPIRITUAL

II.II – O REGRAMENTO DE VIDA

II.III – AS LEITURAS E CONFERÊNCIAS ESPIRITUAIS

II.IV – SANTIFICAÇÃO DAS RELAÇÕES SOCIAIS

SÍNTESE GERAL DA PRIMEIRA PARTE

SEGUNDA PARTE – AS TRÊS VIAS

I. OBSERVAÇÕES PRELIMINARES

I.I – FUNDAMENTO DA DISTINÇÃO DAS TRÊS VIAS

I.II – MODO PRÁTICO DE EMPREGAR SABIAMENTE ESSA DISTINÇÃO

I.III – IMPORTÂNCIA DO ESTUDO DAS TRÊS VIAS

LIVRO I – A VIA PURGATIVA

INTRODUÇÃO

I – O QUE SE DEVE ENTENDER POR PRINCIPIANTE.

II – O FIM QUE SE PRETENDE

Divisão do Primeiro Livro

CAPÍTULO I – A ORAÇÃO DOS PRINCIPIANTES

Art. I – NECESSIDADE E CONDIÇÕES DA ORAÇÃO

I.I – NECESSIDADE DA ORAÇÃO

I.II – CONDIÇÕES ESSENCIAIS DA ORAÇÃO

Art. II – OS EXERCÍCIOS DE PIEDADE DOS PRINCIPIANTES

Art. III – A ORAÇÃO MENTAL DOS PRINCIPIANTES

III.I – NOÇÕES GERAIS

III.II – CONVENIÊNCIA E NECESSIDADE DA ORAÇÃO MENTAL

III.III – CARACTERÍSTICAS GERAIS DA MEDITAÇÃO NOS PRINCIPIANTES

III.IV – PRINCIPAIS MÉTODOS DE ORAÇÃO MENTAL

CAPÍTULO II – PENITÊNCIA

Art. I – MOTIVOS PARA DESTESTAR E EVITAR O PECADO

I.I – PECADO MORTAL

I.II – O PECADO VENIAL DELIBERADO

Art. II – MOTIVOS E MEIOS PARA EXPIAR O PECADO

II.I – MOTIVOS DE PENITÊNCIA

II.II – A PRÁTICA DA PENITÊNCIA

II.III – AS OBRAS DE PENITÊNCIA

CAPÍTULO III – A MORTIFICAÇÃO

Art. I – NATUREZA DA MORTIFICAÇÃO

I.I – DIVERSOS NOMES ATRIBUÍDOS À MORTIFICAÇÃO

I.II – DEFINIÇÃO DE MORTIFICAÇÃO

Art. II – NECESSIDADE DA MORTIFICAÇÃO

II.I – NECESSIDADE PARA A SALVAÇÃO

II.II – NECESSIDADE PARA A PERFEIÇÃO

Art. III – A PRÁTICA DA MORTIFICAÇÃO

III.I – MORTIFICAÇÃO DO CORPO E DOS SENTIDOS EXTERIORES

III.II – MORTIFICAÇÃO DOS SENTIDOS INTERIORES

III.III – MORTIFICAÇÃO DAS PAIXÕES

III.IV – Mortificação das Faculdades Superiores

CAPÍTULO IV – LUTA CONTRA OS PECADOS CAPITAIS

Art. I - O ORGULHO E OS VÍCIOS RELACIONADOS

I.I – O ORGULHO EM SI MESMO

I.II – A INVEJA

I.III – A IRA

Art. II – OS PECADOS QUE PROCEDEM DA SENSUALIDADE

II.I – A GULA

II.II – A LUXÚRIA

II.III – A PREGUIÇA

Art. III – A AVAREZA

III.I – NATUREZA DA AVAREZA

III.II – MALÍCIA DA AVAREZA

III.III – REMÉDIOS CONTRA A AVAREZA

CAPÍTULO V – LUTA CONTRA AS TENTAÇÕES

Art. I – DA TENTAÇÃO EM GERAL

I.I – OS FINS PROVIDENCIAIS DA TENTAÇÃO

I.II – A PSICOLOGIA DA TENTAÇÃO

I.III – NOSSA ATITUDE EM RELAÇÃO À TENTAÇÃO

Art. II – AS PRINCIPAIS TENTAÇÕES DOS PRINCIPIANTES

II.I – ILUSÕES ACERCA DAS CONSOLAÇÕES

II.II – INCONSTÂNCIA DOS PRINCIPIANTES

II.III – ARDOR EXCESSIVO DOS PRINCIPIANTES

II.IV – OS ESCRÚPULOS

LIVRO II – A VIA ILUMINATIVA

INTRODUÇÃO

I – A QUEM CONVÉM A VIA ILUMINATIVA

II – PROGRAMA A SER SEGUIDO NA VIA ILUMINATIVA

III – DUAS CATEGORIAS DE ALMAS EM PROGRESSO

CAPÍTULO I – A ORAÇÃO AFETIVA

Art. I – NATUREZA DA ORAÇÃO AFETIVA

Art. II – VANTAGENS ORAÇÃO AFETIVA

Art. III – OBSTÁCULOS E PERIGOS DA ORAÇÃO AFETIVA

Art. IV – MÉTODOS DE ORAÇÃO AFETIVA

IV.I – MÉTODOS DE SANTO INÁCIO

IV.II – MÉTODO DE SÃO SULPÍCIO

CAPITULO II – AS VIRTUDES MORAIS

NOÇÕES PRELIMINARES SOBRE AS VIRTUDES INFUSAS

I – AS VIRTUDES INFUSAS EM GERAL

II – AS VIRTUDES MORAIS

Art. I – A VIRTUDE DA PRUDÊNCIA

I.I – NATUREZA DA PRUDÊNCIA

I.II – NECESSIDADE DA PRUDÊNCIA

I.III – MEIOS DE APERFEIÇOAR A PRUDÊNCIA

Art. II – A VIRTUDE DA JUSTIÇA

II.I – A JUSTIÇA PROPRIAMENTE DITA

II.II – A VIRTUDE DA RELIGIÃO

II.III – A VIRTUDE DA OBEDIÊNCIA

Art. III – A VIRTUDE DA FORTALEZA

III.I – NATUREZA DA FORTALEZA

III.II – VIRTUDES CONEXAS COM A FORTALEZA

III.III – COMO OBTER OU APERFEIÇOAR A FORTALEZA

Art. IV – A VIRTUDE DA TEMPERANÇA

IV.I – A CASTIDADE

IV.II – A HUMILDADE

IV.III – A MANSIDÃO

CAPÍTULO III – AS VIRTUDES TEOLOGAIS

Art. I – A VIRTUDE DA FÉ

I.I – NATUREZA DA FÉ

I.II – FUNÇÃO SATIFICADORA DA FÉ

I.III – PRÁTICA DA VIRTUDE DA FÉ

Art. II – A VIRTUDE DA ESPERANÇA

II.I – NATUREZA DA ESPERANÇA

II.II – O PAPEL DA ESPERANÇA EM NOSSA SANTIFICAÇÃO

II.III – PRÁTICA PROGRESSIVA DA ESPERANÇA

Art. III – A VIRTUDE DA CARIDADE

III.I – O AMOR DE DEUS

III.II – A CARIDADE PARA COM O PRÓXIMO

III.III – SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS – MODELO E FONTE DE CARIDADE

CAPÍTULO IV – NOVOS ATAQUES DO INIMIGO

Art. I – RETORNO DOS SETE PECADOS CAPITAIS

I.I – A INCLINAÇÃO PARA O ORGULHO

I.II – OS PECADOS DA SENSUALIDADE

I.III – A AVAREZA ESPIRITUAL

Art. II – A TIBIEZA

II.I – NATUREZA DA TIBIEZA

II.II – PERIGOS DA TIBIEZA

II.III – REMÉDIOS CONTRA A TIBIEZA

APÊNDICE: REGRAS RELATIVAS AO DISCERNIMENTO DOS ESPÍRITOS NA VIA ILUMINATIVA.

LIVRO III – A VIA UNITIVA

CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES

I – O FINALIDADE DA VIA UNITIVA

II – CARACTERÍSTICAS DISTINTIVAS DA VIA UNITIVA

III – NOÇÃO GERAL DE CONTEMPLAÇÃO

IV – DIVISÃO DO TERCEIRO LIVRO

CAPÍTULO I – A VIA UNITIVA SIMPLES

Art. I – OS DONS DO ESPÍRITO SANTO

I.I – OS DONS DO ESPÍRITO SANTO EM GERAL

I.II – CADA UM DOS DONS EM PARTICULAR

I.III – FUNÇÃO DOS DONS NA ORAÇÃO E NA CONTEMPLAÇÃO

I.IV – FRUTOS DO ESPÍRITO SANTO E BEATITUDES

Art. II – A ORAÇÃO DE SIMPLICIDADE

II.I – NATUREZA DA ORAÇÃO DE SIMPLICIDADE

II.II – VANTAGENS DA ORAÇÃO DE SIMPLICIDADE

II.III – MODO DE PRATICAR A ORAÇÃO DE SIMPLICIDADE

II.IV – RELAÇÃO ENTRE ORAÇÃO DE SIMPLICIDADE E CONTEMPLAÇÃO INFUSA

CAPÍTULO II – DA CONTEMPLAÇÃO INFUSA

Art. I – NOÇÕES GERAIS SOBRE A CONTEMPLAÇÃO INFUSA

I.I – NATUREZA DA CONTEMPLAÇÃO INFUSA

I.II – VANTAGENS DA CONTEMPLAÇÃO

I.III – PROXIMIDADE DO CHAMADO À CONTEMPLAÇÃO

Art. II – AS DIVERSAS FASES DA CONTEMPLAÇÃO

II.I – A ORAÇÃO DE QUIETUDE

II.I.I – A Quietude Árida ou Noite dos Sentidos

II.I.II – A Quietude Suave

II.II – ORAÇÃO DE UNIÃO PLENA

II.III – A UNIÃO EXTÁTICA (DESPOSÓRIOS ESPIRITUAIS)

II.IV – UNIÃO TRANSFORMANTE OU MATRIMÔNIO ESPIRITUAL

APÊNDICE: O FALSO MISTICISMO OU QUIETISMO

CAPÍTULO III – FENÔMENOS MÍSTICOS EXTRAORDINÁRIOS

Art. I – FENÔMENOS DIVINOS EXTRAORDINÁRIOS

I.I – REVELAÇÕES PRIVADAS

I.II – AS GRAÇAS GRATUITAMENTE DADAS

Art. II – FENÔMENOS PSICO-FISIOLOGICOS

II.I – A LEVITAÇÃO

II.II – EFLÚVIOS LUMINOSOS

II.III – EFLÚVIOS ODORÍFEROS

II.IV – ABSTINÊNCIA PROLONGADA

II.IV – A ESTIGMATIZAÇÃO

Art. II – FENÔMENOS DIABÓLICOS

II.I – A OBSESSÃO

II.II – A POSSESSÃO

CAPÍTULO IV – QUESTÕES CONTROVERTIDAS

I – A NATUREZA DA CONTEMPLAÇÃO

II – O CHAMAMENTO UNIVERSAL À
CONTEMPLAÇÃO

III – O MOMENTO EM QUE COMEÇA A
CONTEMPLAÇÃO

APÊNDICES

I – A ESPIRITUALIDADE DO NOVO TESTAMENTO

I.I – A Espiritualidade dos Sinóticos

I.II – A Espiritualidade de São Paulo

I.III – A Espiritualidade de São João

II – O ESTUDO DOS CARACTERES

II.I – Bases da Divisão dos Caráteres

II.II – Diversos Caráteres em Relação à
Sensibilidade

II.III – Caráteres Diversos Relativos às
Faculdades Espirituais

II.IV – Caráteres Diversos Relativos aos
Relacionamentos

ÍNDICE ALFABÉTICO